Colleen
McCullough
O AMOR E O PODER
O PRIMEIRO HOMEM DE ROMA
I
DIFEL

COLLEEN MCCULLOUGH

Colecção: O primeiro homem de Roma.

Volume 1: "o Poder do Amor".

Tradução

de Maria Augusta Júdice

Revisão literária

de

José Colaço Barreiros

4ª edição

DIFEL

Difusão Editorial, S.ATítulo original The *First Man m Rome*

© 1990, by Colleen McCullough

Todos os direitos de publicação desta obra em Portugal reservados por:

DIFEL

Difusão Editor S.A.

DIFEL 82 Editorial, S.A.

Avenida das Túlipas, nº 40-C

Miraflores

1495-159 Algés- Portugal

Telef. 21 41235 10

Fax-21 41235 19

E-mail- difel@difel-sa.pt

Capa - Clementina Cabral

Revisão: *Frederico Sequeira*

Fotocomposição: *Textype - Artes Gráficas, Lda*

Impressão e acabamento. *Tipografia Guerra - Viseu*

Depósito Legal nº 163 705/20001

ISBN 972-29-0251-2

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização do Editor

Digitalização e arranjos de Vítor Chaves

Esta obra destina-se ao uso exclusivo de portadores de Deficiência Visual

Para Frederick Mason,

amigo querido, colega esplêndido, homem honesto,

*com amor e gratidão*Nota ao leitor: com o intuito de dar maiores esclarecimentos sobre o mundo da Roma antiga, ao longo do livro foram incluídos vários mapas e ilustrações, cujo índice se publica na página 13, seguido da lista das principais personagens, a partir da pág 15. A edição é completada com uma nota da autora, na página 867. Para mais informações relativas ao ambiente histórico de O *Primeiro Homem de Roma,* consultar o glossário de termos latinos e outros menos comuns (págs. 869-897).

LISTA DE MAPAS E

MAPAS

Roma Urbs interiores da frente”

Mundus Romanus

África

Gália Comata e Província Romana

África e o Mundo Mediterrânico na Era de Caio Mário

Itália, Gália Cisalpina

O Percurso dos Germanos

Os Germanos - Invasão da Itália

Pars Mediana Romae ”páginas interiores finais”

ILUSTRAÇÕES

Caio Mário

Lúcio Cornélio Sila

Caio Júlio César

Quinto Cecílio Metelo Numídico

Quinto Sertório

Públio Rutílio Rufo

Aurélia

Ínsula de Aurélia

Casa de Marco Lívio Druso

Quinto Lutácio Catulo César

Marco Emílio Escauro

Magistrados Romanos

Corte de Toga

Sala de jantar de CésarPERSONAGENS PRINCIPAIS

Cepião

Quinto Servílio Cepião, cônsul em 106 a.C.

Quinto Servílio Cepião Júnior, seu filho

Servília de Cepião, sua filha

César

Caio Júlio César, senador

Márcia dos Reis Márcios, sua mulher, mãe de: Sexto Júlio César, filho mais velho

Júlia Maior (Júlia), filha mais velha

Júlia Menor (Julilla), filha mais nova

Cota

Marco Aurélio Cota, pretor (data desconhecida)

Rutília, sua mulher; primeiro marido: o irmão de Marco, Lúcio Aurélio

Cota, cônsul em 118 a.C. (falecido pouco depois) Aurélia, sua enteada e sobrinha

Lúcio Aurélio Cota, seu enteado e sobrinho

Caio, Marco e Lúcio Aurélio Cota, seus filhos e de Rutília

Decúmio

Lúcio Decúmio, guarda de uma associação de vigilância dos altares dos deuses das encruzilhadas16

Druso

Marco Lívio Druso Censor, cônsul em 112 a.C., censor em 109 a.C. (falecido em funções)

Cornélia Cipião, sua mulher, separada, mãe de: Marco Lívio Druso, o primogénito

Mamerco Emílio Lépido Liviano, o mais novo, adoptado em criança

Lívia Drusa

Gláucia

Caio Servílio Gláucia, tribuno da plebe em 102 a.C., pretor em

100 a.C.

Jugurta, rei da Numídia, filho bastardo de Mastanábal Bomílcar, seu meio-irmão e aristocrata

Mário

Caio Mário

Grania de Putéolos, sua primeira mulher

Marta da Síria, uma profetisa

Metelo

Lúcio Cecílio Metelo Dalmático Pontifex Maximus, cônsul em 119 a.C.,

irmão mais velho de: Quinto Cecílio Metelo Numídico, cônsul em 109 a.C., censor em

102 a.C.

Quinto Cecílio Metelo Pio, filho de Numídico Cecília Metela Dalmática, sobrinha e protegida de Numídico, filha de

Dalmático

Rutílio Rufo

Públio Rutílio Rufo, cônsul em 105 a.C.

Lívia Drusa, sua falecida mulher, irmã de Marco Lívio Druso Censor Rutília Rufa, sua irmã, viúva de Lúcio Aurélio Cota, mulher de Marco Aurélio Cota

Saturnino

Lúcio Apuleio Saturnino, tribuno da plebe em 103 e 100 a.C.LISTA DE MAPAS E ILUSTRAÇÕES 17

Escauro

Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, cônsul em 115 a.C., censor em

109 a.C. Marco Emílio Escauro Júnior, seu filho e de sua primeira mulher

Sertório

Quinto Sertório, oficial e tribuno militar

Ria Mário, sua mãe, prima de Caio Mário

Sila

Lúcio Cornélio Sila, questor em 107 a.C., legado

Clitumna da Umbria, sua madrasta, tia de Lúcio Gávio Stichus

Nicópole, escrava liberta, sua amante

Metróbio, um adolescente, vedeta do teatro de comédiaDURANTE O CONSULADO DE MARCO MINÚCIO RUFO

E ESPÚRIO POSTÚMIO ALBINONão tendo obrigações pessoais a cumprir em relação a nenhum dos novos cônsules, Caio Júlio César e seus filhos integraram-se no cortejo que começara perto da sua casa, em honra do cônsul sénior Marco Minúcio Rufo. Ambos os cônsules viviam no Palatino, mas a casa do cônsul júnior Espúrio Postúmio Albino situava-se numa zona mais elegante. Constava que as dívidas de Postúmio Albino haviam subido vertiginosamente, o que também não era de admirar: era o preço de ser cônsul.

Não se pode dizer que Caio Júlio César se preocupasse muito com o pesado fardo das dívidas contraídas durante a ascensão política; e, segundo parecia, nunca os seus filhos viriam a ter preocupações dessa ordem. Eram decorridos quatrocentos anos desde que um Júlio se sentara na cadeira curul de marfim dos cônsules, quatrocentos anos desde que um Júlio conseguira juntar esse dinheiro. A linhagem dos Júlios era tão brilhante, tão augusta, que as gerações sucessivas foram deixando passar as oportunidades de encher os cofres familiares, e, com o correr dos séculos, a família de Júlio ia empobrecendo. Cônsul? Impossível! Pretor, imediatamente inferior a cônsul? Impossível! Não, só um lugarzinho humilde mas seguro de membro da segunda linha do Senado era a herança de um Júlio naqueles tempos, incluindo o ramo da família que tinha por nome César, devido ao cabelo espesso e abundante.

Por isso,' a toga que o servo particular de Júlio César drapeou sobre o seu ombro esquerdo, envolvendo-lhe o corpo até lhe pender do braço, era a simples toga branca do homem que nunca poderia aspirar à cadeira curul de marfim dos altos cargos públicos. Apenas os sapatos vermelho-escuros, o anel de ferro de senador e a faixa púrpura de cinco polegadas de largura no ombro direito da túnica distinguiam o seu trajo do dos filhos Sexto e Caio, que usavam sapatos vulgares, e só os anéis de sinete e a estreita faixa púrpura de cavaleiros por cima das túnicas.*22*

Embora a aurora ainda não tivesse rompido, já se realizavam pequenas cerimónias a anunciar o dia. Uma breve oração e a oferenda aos deuses do lar de um bolo salgado colocado no *átrium, e* a seguir, quando o servo encarregado de atender à porta avisasse que tinha avistado os archotes descendo a colina, uma vénia a Jano Patúlcio, o deus que permitia abrir as portas com segurança.

Pai e filhos saíram para a estreita álea de seixos, onde se separaram. Os dois jovens integraram-se nas fileiras dos cavaleiros que antecediam o novo cônsul sénior, enquanto Caio Júlio César esperou

que Marco Minúcio Rufo passasse com os seus lictores, para então se juntar aos senadores que o seguiam.

Foi Márcia que murmurou uma saudação a Jano Clúsio, o deus que presidia ao fechar das portas, e ainda Márcia que despachou os criados bocejantes para outras tarefas. Depois de saírem os homens, podia ocupar-se da sua pequena expedição. Onde estariam as raparigas? Respondeu-lhe uma gargalhada vinda da salinha acanhada que as raparigas consideravam sua; e lá estavam sentadas as filhas, as duas Júlias, tomando o pequeno-almoço de pão fino barrado com mel. Como eram adoráveis!

Desde sempre se dissera que todas as Júlias eram uns tesouros, dado que tinham o dom raro e afortunado de tornarem felizes os seus homens. E estas duas Júlias prometiam manter a tradição familiar.

Júlia Maior - a quem chamavam Júlia - tinha quase dezoito anos. Alta e senhora de uma dignidade séria, tinha os cabelos claros de um tom amarelo-acastanhado com reflexos de bronze presos num rolo na nuca, e os seus grandes olhos cinzentos observavam o mundo com ar sério mas pacato. Era uma Júlia serena e intelectual.

Júlia Menor - a quem chamavam julilla - tinha dezasseis anos e meio. Fora o último rebento nascido daquele matrimónio, mas só passara a ser bem-vinda depois de ter crescido o suficiente para encantar os sensíveis pais, bem como os três irmãos mais velhos. Era da cor do mel. A pele, o cabelo, os olhos, possuíam suaves gradações de âmbar. Fora de certeza Julilla a rir: Julilla ria-se por tudo e por nada. Era uma Júlia irrequieta e pouco intelectual.

- Estão prontas, meninas? - perguntou a mãe.

Enfiaram o resto do pão pegajoso pela boca abaixo, passaram delicadamente os dedos numa taça de água e por um pano, e saíram da sala atrás de Márcia.23

- Está frio - disse a mãe, tirando dos braços de um servo as capas quentes de lã, pesadas e deselegantes.

As raparigas ficaram desiludidas mas sabiam que não valia a pena protestar; resignaram-se a ficar enroladas como lagartas dentro de casulos, só de cara à vista, por entre as dobras fulvas do tecido caseiro. Enfaixada de modo idêntico às filhas, Márcia formou com estas e com os servos o seu pequeno séquito, e conduziu-o para a rua.

Habitavam nesta modesta casa do baixo Gérmalo do Palatino desde que o pai Sexto a cedera ao filho mais novo, Caio, para além de quinhentas *iugera* de boa terra entre Bovilas e Arícia - um legado suficiente para garantir que Caio e a família teriam com que manter um lugar no Senado. Mas não, infelizmente, o bastante para subir os degraus do *cursus honorum,* a Via da Honra que conduzia ao pretorado e ao consulado.

O pai Sexto teve dois filhos e não conseguiu separar-se de nenhum deles; uma decisão bastante egoista, visto que significava que o seu património - já de si diminuto, pois também tivera um pai sentimental e um irmão mais novo a cujas necessidades era preciso prover - fora dividido entre Sexto, o filho mais velho, e Caio, o mais novo. Por isso, nenhum dos filhos pôde alcançar o *cursus honorum,* ser pretor e cônsul.

O irmão Sexto não fora tão sentimental como o pai Sexto; mas com o mesmo resultado! Com a esposa Popília, criou três filhos, fardo intolerável para uma família senatorial. Por isso, ganhou a coragem necessária para se separar do filho mais velho e deu-o a adoptar a Quinto Lutácio Catulo, que não tinha filhos, passando a gozar assim de um conspícuo património para si próprio, ao mesmo tempo que assegurava uma boa herança para o primogénito, O velho Catulo, o adoptante, era extremamente rico, e tinha o maior prazer em pagar uma fortuna enorme pela hipótese de adoptar um rapaz de

ascendência patrícia, óptimo aspecto e inteligência razoável. O dinheiro que o rapaz fez ganhar ao irmão Sexto

- o seu verdadeiro pai - foi cuidadosamente investido em terrenos urbanos e rurais, e esperava-se que desse o lucro suficiente para permitir aos dois filhos mais novos uma hipótese nas magistraturas séniores.

Exceptuando o inteligente irmão Sexto, a maior dificuldade dos Césares era a tendência para terem mais de um filho, e não se deixarem sensibilizar pela situação difícil em que isso os colocava. Nunca conseguiam dominar os afectos, deixar que alguns dos seus demasiado abundantes elementos masculinos fossem adoptados, nem fazer com que os filhos que criavam casassem nadando em dinheiro. Por este motivo, as24

vastas propriedades que possuíam outrora foram diminuindo com o *decorrer* dos séculos, divididas em parcelas cada vez mais pequenas, para prover às necessidades de dois ou três filhos, enquanto boa parte delas era vendida e transformada em dotes para as filhas.

O marido de Márcia era de facto um desses Júlios Césares - um pai excessivamente sentimental, demasiado orgulhoso dos filhos e escravizado pelas filhas para ser sensato como deve ser um romano. O filho mais velho deveria ter sido adoptado e já há alguns anos que as duas raparigas também deveriam ter sido prometidas em casamento a homens ricos; o filho mais novo também deveria ter ficado comprometido com uma noiva rica. Só o dinheiro possibilitava altas carreiras políticas. já há muito tempo que o sangue patrício passara a ser considerado um inconveniente.

Não era um dia de Ano Novo muito auspicioso. Frio, ventoso, caía uma chuva miudinha que molhava o saibro tornando-o perigosamente escorregadio e aumentava o cheiro pestilento das fogueiras já extintas. A aurora tinha despontado tarde devido a estar encoberto o sol, e este era um dia feriado romano que toda a gente

preferia passar no espaço apertado das suas casas, estendida nas enxergas de palha, a jogar o jogo sem idade a que dão o nome de ”entalar o chouriço” .

Se o tempo estivesse bom, as ruas apinhar-se-iam de gente de todas as camadas sociais à procura de um lugar donde pudessem ver bem o cerimonial no Fórum Romano e no Capitólio; assim, Márcia e as filhas não tiveram dificuldade em seguir a pé sem que a escolta de servos tivesse de recorrer à força para abrir caminho às senhoras.

A álea estreita onde ficava a casa de Caio Júlio César dava para o Clivus Victoriae, um pouco acima da Porta de Rómulo, a antiga passagem para as muralhas da velha cidade do Palatino, grandes blocos de pedra colocados pelo próprio Rómulo, e actualmente cobertos de vegetação, enterrados sob as construções ou marcados com as gravações das iniciais de seiscentos anos de turistas. Virando à direita para subir o Clivus Vietoriae em direcção à esquina onde o Gérmalo do Palatino ia dar ao Fórum Romano, as senhoras chegaram cinco minutos depois ao seu destino, que era uma zona vazia no lugar que tinha a melhor vista.

Doze anos antes, existira ali uma das melhores casas de Roma. Agora, o local apresentava poucos vestígios da sua existência, Apenas se via aqui e ali uma pedra meio enterrada por entre as ervas. O panorama era magnífico;25

do lugar onde os servos montaram os tamboretes portáteis para’ Márcia e as duas Júlias, as mulheres tinham à frente uma visão desimpedida do Fórum Romano e do Capitólio, com o declive acidentado da Subura a fazer sobressair no horizonte os contornos das colinas a norte da cidade.

-já sabes? - perguntou Cecília, que era mulher do banqueiro Tiro Pompónio. Encontrava-se em avançado estado de gravidez e estava

sentada junto da sua tia Pília. Moravam perto, numa rua abaixo da dos Césares.

- Não. O quê? - perguntou Márcia, inclinando-se para a frente.

- Os cônsules, padres e augures começaram as orações e os ritos logo à meia-noite, para poderem acabá-los a tempo...

- Eles fazem-no sempre! - disse Márcia, interrompendo-a. - Se se enganarem, têm de voltar ao princípio.

- Bem sei. Não sou assim tão ignorante! - disse Cecília com azedume, irritada por estar a ser posta no seu lugar por uma filha de pretor.

- Acontece que eles não se enganaram! Os auspícios foram maus. Quatro relâmpagos do lado direito e uma coruja no altar augurial, guinchando como se a matassem. E agora, o mau tempo... Não vamos ter um bom ano, *nem* bons cônsules.

- Também podia ter-te dito o mesmo, sem precisar de corujas nem de relâmpagos - disse Márcia, cujo pai morrera antes de chegar a cônsul, mas como *pretor urbanus* construíra o grande aqueduto que trazia água potável até Roma, e cuja memória se mantinha viva como de um dos maiores que desde sempre passaram pelo governo. - Para começar, um conjunto miserável de candidatos, e mesmo assim os eleitores não conseguiram escolher os melhores no meio desse grupo tão desprezível. Creio bem que Marco Minúcio Rufo fará um esforço, mas Espúrio Postúmio Albino!... Eles nunca prestaram.

- Quem? - perguntou Cecília, que não era muito esperta.

- O clã dos Postúmios Albinos - respondeu Márcia de olhos fixos nas filhas, para ver se estavam bem; tinham encontrado quatro raparigas pertencentes a dois dos Cláudios Pulcros: eram tantas, que nunca se conseguia mantê-las todas na ordem! E não era costume elas portarem-se bem. Mas as raparigas que se encontravam no

local da antiga casa de Flaco tinham andado juntas na escola em crianças, e era impossível erguer barreiras sociais contra uma casta quase tão aristocrática como a dos Júlios Césares. Especialmente porque os Cláudios Pulcros também tinham de26

combater eternamente os inimigos da antiga nobreza, que eram o excessivo número de filhos, aliado à diminuição das terras e do dinheiro. Agora, as filhas tinham levado os tamboretes para o sítio onde estavam as outras raparigas, sem qualquer vigilância... *Onde estariam* as mães delas? Ah! Estavam a falar com Sila. Suspeito! Isso arrumava de vez a questão.

- Meninas! - gritou Márcia com rispidez.

Duas cabeças cobertas viraram-se na direcção dela.

- Voltem já para aqui, imediatamente.

Elas obedeceram.

- Mamã, por favor, não podemos ficar com as nossas amigas? - perguntou a jovem Julilla de olhos implorantes.

- Não - disse Márcia no tom definitivo de que Era Assim Mesmo. Lá em baixo no Fórum Romano, ia-se formando a procissão, à medida que o longo cortejo serpenteando como um crocodilo vindo da casa de Marco Minúcio Rufo se juntava ao outro igualmente comprido que se formara a partir da casa de Espúrio Postúmio Albino. Os cavaleiros abriam o desfile, não tantos como seriam se fizesse sol naquele dia de Ano Novo, mas era um ajuntamento bastante respeitável de cerca de setecentos homens. À medida que o dia clareava, mas com a chuva a cair um pouco mais forte, foram subindo o Clivus Capitolinus em direcção *ao lugar* onde, na primeira curva do caminho curto e acidentado, os sacerdotes e os carniceiros aguardavam, com dois touros de um branco imaculado presos por cordas brilhantes, de cornos dourados e papadas agrinaldadas. Na retaguarda dos cavaleiros caminhavam os vinte e quatro lictores dos

novos cônsules. A seguir aos lictores vinham os próprios cônsules, e a seguir a estes os senadores, os Pais Conscritos': os que ocupavam magistraturas séniores, de togas debruadas a púrpura, enquanto o resto da Assembleia vestia simples togas brancas. E por fim, vinham todos os que não tinham direito a fazer parte do cortejo, espectadores e a hoste de clientes dos cônsules.

"Que lindo!", pensou Márcia. Uns mil homens subiam devagar a rampa em direcção ao templo de Júpiter Optimus Maximus, o Grande Deus de Roma, que se erguia imponente no alto da mais meridional das colinas que constituíam o Capitólio. Os Gregos construíam os templos assentes no chão, mas os Romanos edificavam-nos sobre plataformas grandiosas com imensos degraus, e eram de facto muitos os que iam dar ao Júpiter Optimus Maximus. "Que lindo!", pensou Márcia de novo, quando

Nota: Tradução do termo *Patresconscripti* - patrícios do Senado, denominados *"patres"* pelos reis de Roma no período anterior à República, passando depois a ser conscritos pelos censores. (N. da T.)

os animais sacrificiais e a sua escolta se juntaram ao cortejo e seguiram todos até que finalmente se agruparam o melhor possível no espaço reduzido em frente ao grandioso templo que ficava mais acima. Algures no meio deles estavam o marido e os dois filhos, que pertenciam à classe dominante da mais poderosa cidade do mundo.

No meio do cortejo também se encontrava Caio Mário, Como ex-pretor, usava a *toga praetexta* debruada a púrpura, e nos sapatos senatoriais vermelho-escuros tinha a fivela em forma de crescente que o pretorado lhe consentia. No entanto, isso não lhe bastava. Fora nomeado pretor há cinco anos; devia já ter passado a cônsul há três anos. Mas sabia agora que nunca o deixariam candidatar-se ao consulado. Nunca. Porquê? Porque não era suficientemente bom. Era essa a única razão. Quem já ouvira falar de uma família de nome Mário? Ninguém.

Caio Mário era um novo-rico vindo do meio rural, um militar, com a reputação de não saber falar grego, e a quem a excitação ou a ira podiam levar a falar o latim vernáculo com inflexões do Norte do país. Não interessava que tivesse meios para comprar e vender metade do Senado; não interessava que num campo de batalha pudesse ultrapassar tacticamente ambas as metades do Senado. O que interessava era o sangue. E o seu não era suficientemente bom.

Caio Mário vinha do Arpino - que não distava assim tantas milhas de Roma, mas que como se encontrava perigosamente próximo da fronteira entre o Lácio e o Sâninio se tornava um pouco suspeito nas suas lealdades e inclinações; entre os Italianos, os Samnitas ainda eram os inimigos mais obstinados de Roma, A total cidadania romana chegara tarde ao Arpíno - apenas setenta e oito anos antes - e o distrito ainda não gozava de estatuto municipal próprio.

Ah! Mas era tão belo! Acocorado nas faldas dos altos Apeninos, um vale fértil acolhia os rios Liris e Melfa, onde a vinha se dava com maravilhosos resultados tanto para a mesa como para a produção vinícola, onde as sementes rendiam cento e cinquenta e as ovelhas eram gordas e a lã tinha uma qualidade surpreendente. Pacífico. Verde. Pachorrento. Mais fresco do que se esperava no Verão; mais quente do que era normal no Inverno. A água dos dois rios estava cheia de peixe; além disso, as densas florestas nas montanhas na orla da bacia do Arpino ainda forneciam madeira esplêndida para a construção de navios e edifícios. E havia pinheiros28

destinados a fazer pez e outros que serviam para archotes, carvalhos para preparar a cama de bolotas dos porcos no Outono, ricos presuntos e enchidos e carne de salmoura que fariam as honras da mesa de qualquer nobre em Roma - o que não era raro acontecer.

A família de Mário vivia no Arpino há séculos e orgulhava-se da sua latinidade. Mário seria um nome volsco ou samnita? Soaria a oscano só por haver Samnitas e Volscos com o nome de Mário? Não! Mário era *latino.* Ele, Caio Mário, era tão bom como qualquer um desses

nobres altivos e arrogantes que tanto se deleitavam com a sua exclusão. De facto

- e era mesmo isso que o magoava - era muito melhor do que qualquer deles. Tinha essa *sensação.*

Como podia um homem explicar uma sensação? Uma sensação que ele abrigava como um hóspede que se recusasse a partir, por menos hospitaleiro que fosse o seu comportamento. Passara muito, muito tempo desde que ela se instalara na sua mente, tempo mais do que suficiente para que os acontecimentos dos anos seguintes já lhe tivessem mostrado a sua inutilidade, incitando-a a desalojar-se em desespero de causa. No entanto, isso nunca acontecera. Vivia hoje no seu espírito de uma forma tão viva e indómita como no início, ao todo o tempo de meia vida.

”Como o mundo era estranho!”, pensou Caio Mário, olhando as caras vítreas dos homens de togas debruadas a púrpura que o rodeavam àquela hora desolada do meio da tarde, no meio da chuva miudinha. Não, não havia nenhum Tibério nem um só Caio Semprónio Graco entre eles! Não contando com Marco Emílio Escauro e Públio Rutílio Rufo, restava um bando de homens bem insignificantes. Porém, todos o consideravam a ele - Caio Mário - como se fosse uma pessoa insignificante e pretensiosa com mais defeitos do que virtudes. Apenas porque lhes corria nas veias o sangue certo. Qualquer deles sabia que se as circunstâncias o proporcionassem, ele poderia vir a ter o direito de se intitular o Primeiro Homem de Roma. Tal como Cipião Africano, Emílio Paulo, Cipião Emiliano e talvez meia dúzia de outros que assim se haviam denominado ao *longo* dos séculos.

O Primeiro Homem de Roma não era forçosamente o melhor; era o primeiro entre os homens que eram seus iguais em posição social e oportunidades. E ser o Primeiro Homem de Roma era muito melhor do que a realeza, a autocracia, o despotismo, o que quer que fosse. O Primeiro Homem de Roma possuía esse título unicamente por ser proeminente,29

e tinha a consciência de que havia à sua volta muitos outros ansiosos por suplantá-lo - outros que *podiam* suplantá-lo legalmente e sem derramamento de sangue, mostrando um tipo de proeminência superior. Ser o Primeiro Homem de Roma era mais importante que ser cônsul; os cônsules sucediam-se ao ritmo de dois por ano, ao passo que com o decorrer dos séculos da República Romana, apenas um pequeno número de homens viria a ser aclamado Primeiro Homem de Roma.

De momento, Roma não tinha Primeiro Homem - efectivamente, não havia Primeiro Homem desde a morte de Cipião Emiliano, dezanove anos antes. Não havia dúvida de que Marco Emílio Escauro se tinha aproximado disso, mas não possuía o poder suficiente - *a auctoritas,* como lhe chamavam, uma mistura de poder, autoridade e fama características de Roma - para merecer esse **título,** nem este lhe era aplicado. Excepto por si próprio!

De repente, houve grande agitação e burburinho entre a multidão de senadores; o senador sénior, Marco Minúcio Rufo, ia oferecer ao Grande Deus o seu touro branco, mas este não estava a portar-se à altura - deve ter tido um pressentimento, para evitar a última ração de forragem envenenada. Não iria ser um bom ano, dizia-se já por todo o lado. Maus presságios durante a vigília nocturna dos cônsules, um dia com um tempo péssimo, e agora a primeira das duas vítimas resfolegava e saltava, com meia dúzia de acólitos sacerdotais agarrados aos seus cornos e às orelhas

- imbecis, deviam ter-lhe posto uma argola no nariz, por precaução. Nu até à cintura, como os outros subordinados, o acólito que levava o martelo colossal não esperou que a cabeça do touro se erguesse ao céu, ao que se seguiria a inclinação da mesma para o chão; mais tarde, sempre se podia argumentar com êxito que o animal tinha levantado e baixado a cabeça dúzias de vezes durante a sua luta pela sobrevivência. Ele avançou e brandiu a arma de ferro para cima e para baixo com tanta rapidez que os contornos desta se esbateram. O ruído seco do vento foi logo seguido por outro, o som

do embate dos joelhos do touro ao cair no pavimento de pedra, com as suas mil e seiscentas libras de peso. Então, o homem meio-despido que empunhava o cutelo enterrou-lhe o instrumento de lâmina dupla no cachaço e o sangue jorrou por todos os lados; uma parte foi recolhida nas taças dos sacrifícios, a maior quantidade formou um rio fumegante e pegajoso correndo sem rumo, dissolvendo-se e diluindo-se no terreno alagado pela chuva.30

cinicamente distante, com meio sorriso a revirar-lhe os cantos dos lábios grossos, enquanto via um desviar-se rapidamente, outro ficar indiferente ao facto de ter o sapato a ensopar-se e outro ainda tentando fingir que não estava quase a vomitar.

Ah! Ali estava o homem que ele devia observar! O sujeito jovem, mas já amadurecido, nas imediações dos cavaleiros sem no entanto ter a faixa de cavaleiro no ombro direito da túnica; não estava ali há muito tempo e agora voltava a afastar-se, descendo o Clivus Capitolinus em direcção ao Fórum. Mas não antes que Caio Mário visse os seus extraordinários olhos cinzento-esbranquiçados faiscar, dilatar-se, absorver o espectáculo do sangue com avidez. Certo de que nunca o tinha visto antes, Caio Mário interrogava-se sobre quem seria; não era certamente uma pessoa *qualquer. Tinha um ar epiceno, uma beleza tão feminina como masculina.* E que coloração surpreendente! A pele branca como leite, os cabelos da cor do sol nascente. Era a encarnação de Apolo. Teria sido *assim?* Não. O deus nunca tivera uns olhos como os do mortal que acabara de partir; eram os olhos de alguém que sofria, e não valia a pena ser-se deus para sofrer, não é?

Embora o segundo touro tivesse sido mais drogado, também lutou, até com mais força. Desta vez, o homem do martelo não conseguiu acertar à primeira, e a pobre criatura enlouquecida virou-se numa fúria cega para atacar. Então, um sujeito inteligente agarrou-lhe o saco oscilante do escroto e, nesse momento único, a sua acção fez estremecer em conjunto os carniceiros, o homem do martelo e o do cutelo. Lá tombou o touro, borrifando de sangue toda a gente na

área de duas dúzias de passos, o que incluía os cônsules: Espúrio Postúmio Albino estava encharcado, tal como o seu irmão mais novo, Aulo, que se encontrava mesmo atrás dele, um pouco ao lado. Caio Mário olhou-os de soslaio, imaginando se o presságio iria ser o que já havia previsto. De qualquer modo, era mau sinal para Roma.

E o seu hóspede indesejável, a sensação, teimava em não o abandonar; ultimamente tinha até aumentado muito de intensidade. Como se estivesse a chegar o momento. O momento em que ele, Caio Mário, passaria a *ser* o Primeiro Homem de Roma. Cada parcela de senso comum dentro de si - e havia muitas - gritava que a sua sensação era uma traidora, uma armadilha que o atraiçoaria e levaria à ignomínia e à morte.

Não obstante, continuava a experimentá-la, essa sensação indestrutível de que viria a ser o Primeiro Homem de Roma. ”Ridículo!”, argu-31

o homem de eminente bom senso: tinha quarenta anos, alcançara com dificuldade o sexto e último lugar entre os seis eleitos para pretores cinco anos antes; agora era demasiado tarde para tentar alcançar o consulado sem o benefício de um nome e uma grande hoste de clientes. A sua altura já se fora. Era passado, só passado.

Os cônsules estavam finalmente a tomar posse; aquele asno pomposo do Lúcio Cecílio Metelo Dalmático, rejubilante no seu título de Pontifex Maximus, despachava à pressa as orações finais, e em breve o cônsul sénior Minúcio Rufo mandaria o mensageiro convocar o Senado para reunião no templo de Júpiter Optimus Maximus. Aí, fixariam a data do Festival Latino nos montes Albanos; discutiriam quais as províncias que deviam mudar de governadores, e que governadores veriam o seu mandato prorrogado; traçariam os lotes dividindo as províncias entre os pretores e os cônsules; qualquer tribuno da plebe por conta própria começaria a falar do Povo com grande entusiasmo; Escauro esmagaria o tonto presunçoso com o pé como se fosse um escaravelho; e um dos muitos Cecílios Metelos

falaria longa e interminavelmente do declínio dos padrões morais e éticos da geração mais nova de Roma até que dúzias de vozes à sua volta o mandassem calar e acalmar-se. O mesmo Senado de sempre o mesmo Povo - a mesma Roma o mesmo Caio Mário. Agora com quarenta e sete anos. Daí a uma década teria cinquenta e sete, e na seguinte, sessenta e sete, e então atirá-lo-iam para uma pira de toros a arder, e lá desapareceria ele no meio do fumo. Adeus, Caio Mário, novo-rico vindo das pocilgas de Arpino, seu não-romano...

Com efeito, o mensageiro deu o toque de chamada. Suspirando, Caio Mário começou a mover-se, erguendo a cabeça para ver se tinha alguém ao alcance dos pés a quem pudesse pisar com força para se sentir bem. Não havia ninguém. Era óbvio. Nesse preciso momento, os seus olhos encontraram-se com os de Caio Júlio César, que sorria como se soubesse exactamente o que Caio Mário estava a pensar.

Apanhado, Caio Mário devolveu o olhar. Não passava de um simples membro das últimas bancadas do Senado, mas era muito mais que um mero intriguista de corredor, o mais idoso dos Júlios Césares a entrar para o Senado, agora que lhe morrera o irmão mais velho, Sexto. Alto, direito como um militar, de ombros largos, a sua bela nuca de cabelos prateados com tons de ouro era uma coroa à medida do rosto sulcado e perfeito. Não era novo, não podia ter menos de cinquenta e cinco anos, mas parecia vir a transformar-se num daqueles anciãos secos que32

a nobreza patrícia produzia com monótona regularidade, que iam cambaleando a todas as reuniões do Senado ou do Povo aos noventa anos e até mais, e mantinham um louvável bom senso. O tipo de pessoas que não se matavam com um cutelo de sacrifícios. O tipo de pessoas que quando tudo começara - haviam feito de Roma o que ela era hoje, apesar da pletora de Cecílios Metelos. Melhores do que todos os outros juntos.

- Qual dos Metelos discursará hoje? - perguntou César quando ficaram lado a lado e começaram a subir os muitos degraus do templo.

- Um que ainda não tem nome - respondeu Caio Mário, com as pestanas subindo e descendo como pernas de centopeias. - Quinto Cecílio, dos antigos Metelos, irmão do nosso venerado Pontifex Maximus.

- E ele porquê?

- Porque vai candidatar-se a cônsul no próximo ano, ao que parece. Por isso, tem de começar já a fazer campanha - explicou-lhe Caio Mário, afastando-se para deixar o homem mais velho antecedê-lo ao entrarem na morada do Grande Deus, Júpiter Optimus Maximus.

- Acho que tens razão - comentou César.

A ampla sala central do templo estava reduzida à semi-escuridão, tão fraca era a luz exterior. Porém, o rosto cor-de-tijolo do Grande Deus resplandecia como se o iluminasse uma luz interior. Era muito velho, fora modelado em terracota há séculos pelo famoso escultor etrusco Vulca, embora tivesse vindo posteriormente a receber vestes de marfim, cabelos de ouro, sandálias de ouro, um raio de ouro e até pele de prata nos braços e pernas, e unhas de marfim nos dedos das mãos e dos pés. Apenas a sua face mantivera a cor daquele barro ricamente colorado de vermelho, de cara rapada à etrusca, que Roma havia herdado; o sorriso apalermado dos seus lábios cerrados que os elevava quase até às orelhas conferia-lhe o aspecto de pai imbecil, decidido a ignorar os disparates do filho.

De cada lado da sala do **Grande Deus abria-se outra sala;** a da esquerda alojava a sua filha Minerva; a da direita pertencia a sua mulher, Juno. Cada uma das damas tinha uma linda estátua na *cella,* e aceitava com resignação a presença de um hóspede não-convidado, pois quando o templo fora construído dois dos antigos

deuses haviam-se recusado a mudar-se; à boa maneira dos romanos, os antigos deuses acabaram por ficar ao lado dos novos.

- Caio Mário - disse César -, não queres vir amanhã jantar comigo?
33

Que surpresa! Caio Mário pestanejou, aproveitando essa fracção de tempo para se decidir. Quereria alguma coisa? Sem dúvida. Mas não devia ser nenhuma ninharia. E uma coisa que ninguém podia dizer dos Júlios Césares era que fossem snobes. Um Júlio César não precisava de ser snobe. Quem podia traçar a sua linhagem pelo lado masculino até Iulo, Eneias, Anquises e à deusa Vénus tinha segurança suficiente para se dar com quem lhe apetecesse, desde um trabalhador das docas a um Cecílio Metelo.

- Agradeço-te, Caio Júlio - disse **Mário.** - **Terei muito** gosto em jantar contigo.

Lúcio Cornélio Sila acordou quase sóbrio antes da aurora, no dia de Ano Novo. Descobriu que estava deitado no sítio certo, com a madrasta do lado direito e a amante do esquerdo, mas cada uma das damas - se é que se podia ser eufemístico ao ponto de lhes chamar tal coisa - estava de costas para ele, e completamente vestida. Isto indicou-lhe que não tinha sido chamado a executar as suas funções, uma dedução reforçada pelo facto de ter sido acordado por uma erecção enorme e estranhamente dolorosa. Por uns momentos ficou deitado, tentando ver o seu terceiro olho a observá-lo acima da barriga com uma continência indecorosa, mas como de costume foi ele que perdeu a competição desigual. Só havia uma coisa a fazer: recompensar o ingrato. Foi com esta ideia em mente que pôs a mão direita de fora e levantou a bainha da túnica da madrasta, enquanto com a esquerda fazia o mesmo à amante. Após o que as duas mulheres, que fingiam dormir, se ergueram na cama e começaram a desancá-lo, batendo-lhe impiedosamente.

O que fiz eu? - gritou ele, enrolando-se numa posição defensiva e protegendo as virilhas, onde a enorme erecção sucumbira como um odre de vinho vazio.

Elas estavam ansiosas por contar-lho - as duas ao mesmo tempo. No entanto, ele recordava agora a razão para si mesmo; era conveniente, pois as duas a gritar ao mesmo tempo tornavam a explicação incompreensível. Metróbio, que um raio lhe coma os olhos! Oh! Mas que olhos! De um tom escuro líquido como azeviche polido, orlados de pestanas negras tão compridas que podiam enrolar-se à volta de um dedo. Uma pele que mais parecia de nata, caracóis pretos soltos sobre os ombros magros e o traseiro mais encantador do mundo. Tinha catorze anos de idade e era Milenar no vício, o aprendiz do velho Cílax, o actor - e um safado, um tormento, um prostituto, um tigrezinho.34

De um modo geral, ultimamente Sila preferia as mulheres, mas Metróbio era um caso à parte. O rapaz viera à festa com Cílax, vestido de Cupido da Vénus vermelha de Cílax, com um ridículo par de asas preso às costas e uma saia minúscula de cardaço de Quios em torno da cintura, tingida com uma imitação barata de açafrão que desbotara um pouco, porque a sala estava totalmente fechada e havia um Calor abafado, deixando-lhe marcas de amarelo-alaranjado entre as coxas, o que servia apenas para chamar a atenção para o que se encontrava ali escondido, mas de rabo de fora.

Desde o primeiro olhar fascinara Sila, e Sila havia-o fascinado. Quantos mais homens no mundo tinham a pele tão alva como a neve e os cabelos da cor do sol nascente e olhos tão claros que eram quase brancos Para não falar de um rosto que lançara o pânico em Atenas há uns anos, quando *um Emílio que* ficara incógnito passara clandestinamente o jovem Sila, pobre e de dezasseis anos, num barco para Patras, e gozara dos seus favores durante todo o trajecto até Atenas pela estrada mais comprida ao longo da costa do Peloponeso.

Em Atenas, Sila foi posto logo na rua; aquele Emílio era demasiado importante para ter qualquer mancha ligada à sua masculinidade Os Romanos desprezavam a homossexualidade; os Gregos consideravam-na a forma mais elevada de amor. Por isso, o que uns ocultavam por medo e pavor, os outros pavoneavam à vista dos seus deslumbrados semelhantes. Para Sila, no entanto, cedo se provou que uns não eram melhores que os outros, pois não havia dúvida nenhuma de que o medo e *o* pavor implicavam um certo picante - e muito mais licenciosidade. Os Gregos, como aprendeu bem depressa, tinham relutância em pagar por aquilo de que podiam facilmente desfrutar sem despesas, mesmo quando o prémio era tão raro como um Sila. Por isso, fez chantagem com Emílio para obter uma passagem de primeira classe para Roma, e deixou Atenas para sempre.

É claro que o estado adulto mudara tudo. Desde que a barba lhe crescera o suficiente para ter de se barbear todos os dias e lhe nascera no peito um tufo de pêlos ruivos, a sua atracção pelos homens desaparecera - e *com* ela, a licenciosidade. As mulheres, como veio a descobrir, *eram* mais tolas e tinham uma ânsia de estabilidade que as tornava presa fácil de explorar. Em criança, nunca conhecera muitas mulheres, pois a mãe morrera antes de ele ter idade suficiente para formar uma recordação que pudesse guardar no seu íntimo, e o pai, um bêbedo arruinado, pouco35

ligava à prole. Sila tinha uma irmã dois anos mais velha, Cornélia Sila; de aspecto igualmente espectacular, não deixara fugir a hipótese de casamento com um camponês rico do Piceno, chamado Lúcio Nónio, e partiu para o Norte na companhia dele, para gozar o possível luxo que a vida no Piceno lhe poderia oferecer. Isso fez com que Sila, de dezasseis anos, tivesse de tomar conta do pai sem qualquer auxílio, o que afectara a qualidade das suas vidas, principalmente ao nível da limpeza.

Quando Sila fez vinte e quatro anos, o pai tornou a casar. Não foi o acontecimento social do ano mas trouxe algum alívio ao jovem, que

durante anos se habituara a ter de arranjar dinheiro para saciar a inesgotável sede do pai. Com efeito, a nova esposa deste (chamada Clitumna, camponesa da Umbria por nascimento) era viúva de um comerciante riquíssimo e conseguira herdar todos os bens do falecido destruindo o testamento e mandando a sua filha única para a Calábria, casando-a com um vendedor de azeite.

O que viu Clitumna no decadente Sila sénior nunca o filho conseguiu compreender; até que Clitumna o convidou para compartilhar a sua espaçosa cama no Gérmalo do Palatino, e rapidamente saltou da cama do novo marido para entrar na do jovem Sila. Nesse momento ele descobriu que ainda ardia em si uma pequena faísca de lealdade e afecto pelo importuno pai, dado que se desenvencilhou de Clitumna com o maior tacto possível e se foi embora rapidamente.

Conseguira poupar algum dinheiro e descobriu dois quartos numa enorme ínsula no Esquilino, perto do Agger, por uma renda que o seu pecúlio dava à justa para pagar: seis mil sestércios por ano. Isto proporcionava-lhe um quarto para ele e outro onde o seu servo dormia e cozinhava, para além do trabalho de lavandaria de uma rapariga que vivia dois andares acima no edifício a desfazer-se, e fazia todos os tipos de serviços a vários inquilinos. Uma vez por semana, ela levava a roupa suja pela álea até ao lugar onde uma encruzilhada fazia alargar o labirinto de ruas numa praça pequena e irregular; aí havia um sacrário de encruzilhada, uma sala onde se reunia a associação de vigilância do altar do deus das encruzilhadas e uma fonte que vertia um fio de água pela boca de um velho e feio Sileno para dentro de um tanque com fundo de pedra, doado à cidade um dos muitos por esse grande velho historiador, Catão, o Censor, um homem tão prático como humilde fora o seu nascimento. Lutando para ganhar espaço, ela batia as túnicas de Sila nas pedras, pedia o auxílio de outra lavadeira para espremer as roupas até ficarem secas36

fazendo o mesmo serviço à companheira), e a seguir levava-lhe a roupa cuidadosamente dobrada. O preço era modesto: uma rápida

entrada-por-saída e sem que ninguém soubesse, especialmente o velho passarão irascível que vivia com ela.

Foi então que conheceu a bela Nicópole. Cidade da Vitória, era o que significava o nome no seu grego materno. E certamente para Sila era isso mesmo, visto que era viúva, vivia bem e estava doida por ele. O único problema era que, embora de bom grado o sustentasse com prodigalidade, era demasiado esperta para lhe dar uma mesada. Como reconheceu Sila com tristeza, era gémea da sua madrasta Clitumna. As mulheres eram loucas, mas umas loucas inteligentes. Ou então ele é que era demasiado transparente.

Dois dias depois de se ter mudado da esplêndida casa de Clitumna, o pai morreu, tendo-se empanturrado de felicidade perfeita até acabar com uma doença de fígado; e se tivesse sido ele o preço que Clitumna estava disposta a pagar para lhe apanhar o filho, este ardil acabara por resultar, especialmente depois de Sila ter descoberto que Clitumna não se opunha de modo nenhum a partilhar os seus favores e a sua cama com Nicópole, a devassa grega. Os três iniciaram uma relação agradável na casa do Palatino, mas que tinha um elemento perturbador: o fraco de Sila por rapazinhos. Não era grave, segundo garantiu às duas mulheres; não gostava dos inocentes, não desejava seduzir os filhos dos senadores que iam fazer exercícios ao Campo de Marte, esgrimindo com espadas de madeira e saltando em cima de almofadas albardadas como se fossem cavalos verdadeiros. Não. Sila gostava de prostitutos, bonitos rapazes profissionais, prontos para o que desse e viesse; a verdade é que eles o faziam recordar-se de si próprio quando tinha a mesma idade.

Mas como as duas mulheres detestavam os prostitutos e por, apesar dos seus apetites sexuais, continuar a ser muito homem, resistia aos seus ímpetos nesse sentido para manter a harmonia doméstica, ou então procurava saciar-se muito longe do alcance dos olhos de Clitumna e Nicópole. Isto até à véspera de Ano Novo, as últimas horas do consulado de Públio Cornélio Cipião Nasica e Lúcio

Calpúrnio Béstia, as horas derradeiras antes do início do consulado de Marco Minúcio Rufo e Espúrio Postúmio Albino. A véspera de Metróbio, assim se podia chamar, no que dizia respeito a Clitumna e Nicópole.

Os três adoravam teatro, mas não as coisas intelectuais de Sófocles, Esquilo e Eurípedes, com todas aquelas máscaras e gemidos vibrantes e37

a poesia empolgada. Não. Eles gostavam da comédia - das chalaças e risinhos abafados em latim de Plauto, Névio e Terêncio, e, acima de tudo, da imbecilidade simples e sem máscaras da pantomima, com as suas prostitutas nuas, tolos desajeitados, peidos bem sonoros, piadas encadeadas, enredos **inverosímeis** feitos no momento a partir de repertórios tradicionais. Margaridas altas espetadas em traseiros que se saracoteavam; o movimento de um dedo valia mais que mil palavras; sogros vendados que tomavam tetas por melões maduros; todos os adultérios eram desvairados e os deuses bêbedos - nada era sagrado no reino de Mimo.

Eram amigos de todos os actores e directores de comédias em Roma. Festa que dessem não prestava se não estivesse presente uma multidão de ”nomes”. Para eles, o teatro trágico não existia - e nisso eram verdadeiros Romanos, que os Romanos adoravam acima de tudo uma boa gargalhada.

Assim, para a festa da véspera de Ano Novo foram convidados Cílax, Astera, Milão, Pédocles, Dafne e Mársias. É claro que foi um baile de máscaras; Clitumna delirou com a fantasia, tal como Nicópole, e Sila gostava de personificações femininas de um certo tipo: em que o espectador se pode rir das palhaçadas de um homem desinibido a fazer troça das mulheres.

Sila vestira-se da Górgona Medusa, com uma peruca de cobras vivas que fazia a sala inteira gritar de medo cada vez que ele baixava a cabeça ameaçando avançar, e um grande volume flutuante de

pregas de cardaço de Quios que evidenciavam demasiado a sua cobra maior. A madrasta apareceu fantasiada de macaco, o que implicava ter de fazer cabriolas e coçar-se, metida num casaco felpudo e com as nádegas pintadas de azul. Bastante mais ortodoxa por ser mais bonita do que Clitumna, Nicópole viera vestida de Diana dos Bosques, expondo as pernas compridas e esguias e os seios perfeitos enquanto saltava, fazendo as flechas da aljava bater ao ritmo da música de gaitas, sinos, liras e tambores.

A festa começou num ritmo alegre. Sila, no seu trajo de cobras, teve um êxito inegável, mas Clitumna, o Macaco, era a mais cómica. O vinho corria; os risos e gritos ecoavam pelo jardim do peristilo nas traseiras da casa e punham doidos os vizinhos conservadores, muito antes que a véspera de Ano Novo desse lugar ao próprio dia. O último convidado a chegar foi Cílax, que entrou portas adentro a baloiçar no alto de umas sandálias altas com solas de cortiça, com uma peruca loura, enormes tetas avolumando a esplendorosa toga, e **maquilhado** como uma prostituta velha. Pobre Vénus! A seu reboque, como Cupido, vinha Metróbio.38

A cobra maior de Sila lançou uma olhada e ergueu-se em menos de um segundo, o que não agradou nem ao Macaco nem à Diana dos Bosques Nem a Cílax E então, seguiram-se cenas delirantes como as que animam uma farsa ou uma pantomina um rabo azul a tremelicar, uns seios nus a tremelicar, uma peruca loura a tremelicar, uma cobra maior a tremelicar e um rapaz coberto de penas a tremelicar A culminar no maior tremelique de todos, que era Metróbio e Sila gozando uma pequena sodomia a um canto que tinham imaginado ser mais escondido do que era de *facto*

Sila sabia de antemão que estava a cometer um erro terrível, mas não lhe serviu de nada Mal viu a tinta a escorrer daquelas pernas sedosas e o comprimento das pestanas que encobriam aqueles olhos brilhantes, negros como a noite, Sila ficou derrotado, envolvido, irremediavelmente conquistado E quando passou a mão através da saia pregueada que o rapaz usava e a levantou apenas o suficiente

para ver como eram belos e pelados e morenos os dotes por baixo dela, nada no mundo poderia impedi-lo de fazer o que fez puxar o rapaz para um canto por detrás dum grande pufe e possuí-lo

A farsa quase se transformou em tragédia Clitumna pegou numa taça rara de vidro de Alexandria, partiu-a e atirou-se com unhas e dentes à cara de Sila Após o que Nicópole foi direita a Clitumna com um jarro de vinho e Cílax se dirigiu a Metróbio com uma das suas sandálias altas de solas de cortiça Todos os outros pararam, divertindo-se a observar, encantados. Felizmente, Sila não estava suficientemente bêbedo para ter perdido as suas excelentes capacidades físicas, e por isso tratou-os com brusquidão e dureza deu a Cílax um soco num olho demasiado pintado, que o deixou negro durante um mês, atirou as pontas aguçadas de uma aljava de flechas às longas pernas descobertas de Diana e deitou Clitumna sobre os joelhos, tornando-lhe as nádegas tão escuras como a tinta azul que as cobria. Depois, deu ao rapaz um prolongado beijo na boca em sinal de agradecimento e retirou-se para a cama em estado de grande enjoo

Só na madrugada do dia de Ano Novo é que Sila percebeu o que o preocupava. Não era a farsa Nem sequer a comédia. Era uma tragédia tão estranha e terrivelmente imbricada como as que Sófocles alguma vez imaginara acerca do grotesco dos deuses e dos homens, no seu pior estado de desespero. Hoje, dia de **Ano Novo, era** o aniversário de **Sila. Fazia exactamente** trinta anos39

E então, já sem sinais da sua Medusa da noite anterior, voltou-se para olhar as duas mulheres que berravam e regateavam em cima da cama e fitou-as com tanta frieza e dor e ódio que elas ficaram logo mudas como pedras e se sentaram, incapazes de se mexer enquanto ele vestia uma túnica branca lavada e o escravo lhe colocava a toga, peça de vestuário que não usava há anos, excepto para ir ao teatro. Só quando ele saiu é que as duas mulheres conseguiram mover-se, e então olharam uma para a outra e

choraram lágrimas ruidosas; não pela sua dor mas Pela de Sila, que ainda nem tinham começado a compreender.

A verdade é que Lúcio Cornélio Sila, hoje com trinta anos, estava a **viver uma mentira.** Sempre vivera uma **mentira. O** mundo em que vivera durante trinta anos - um mundo habitado por bêbedos e mendigos, actores e prostitutas, charlatães e homens libertos - não era de modo nenhum o seu mundo.

Roma estava cheia de homens com o apelido Cornélio. Mas haviam recebido esse apelido porque um pai ou um avô ou qualquer ascendente tinha pertencido - como escravo ou camponês - a um patrício da alta aristocracia chamado Cornélio. Quando esse patrício Cornélio os emancipava do vínculo em honra de qualquer casamento, nascimento ou funeral, ou então porque havia sido poupado nos soldos o preço da liberdade, recebiam o nome dele e, por conseguinte, também se tornavam Cornélios. Todos esses Cornélios eram clientes de algum Cornélio patrício, visto que estavam em dívida para com ele devido à cidadania que tinham adquirido com o nome.

Exceptuando Clitumna e Nícópole, as pessoas que Lúcio Cornélio Sila conhecia deduziam que ele era um desses Cornélios, o filho ou neto da algum Cornélio escravo ou camponês, com a sua tez de bárbaro, muito mais plausível num escravo do que num camponês. Afinal, havia nobres patrícios chamados Cornélio Cipião e Cornélio Lêntulo e Comélio Mérula, mas quem alguma vez ouvira falar de um patrício chamado Cornélio Sila? Ninguém sabia o que significava a palavra ”Sila”!

Mas a verdade é que Lúcio Cornélio Sila, inscrito pelos censores de acordo com as suas posses entre os *capite censi,* a grande massa de Roma, que não possuía bens absolutamente nenhuns, era afinal um nobre patrício, filho de um nobre patrício, neto de um nobre patrício e por aí fora, passando por todas as gerações que remontavam aos

tempos que antecediam a própria fundação de Roma. As suas origens tornavam Sila eminentemente[40]

elegível para a glória total da ascensão política, o *cursus honorum.* Por nascimento, estava ao seu alcance o consulado.

A sua tragédia residia na penúria, na incapacidade por parte do pai de prover tanto os meios como os bens necessários para integrar o filho nem que fosse na mais baixa das cinco classes económicas; tudo o que o pai lhe legara fora a pura e simples cidadania. Não estava destinada a Sila a faixa púrpura no ombro direito da túnica - nem a estreita dos cavaleiros nem a larga dos senadores. Havia pessoas que o conheciam, e ao ouvi-lo dizer que pertencia à tribo Cornélia troçavam dele. Imaginando que as suas origens remontavam à escravatura, sabiam muito bem que nesse caso a sua tribo teria de ser a Esquilina urbana ou a Suburana urbana. Porque a Cornélia rural era das quatro mais antigas das trinta e cinco tribos romanas, e não contava com membros dos *capite censi.*

No seu trigésimo aniversário, Síla deveria estar prestes a entrar para o Senado - quer como questor eleito aprovado pelos censores, quer por direito próprio adquirido pelo nascimento, nomeado pelos censores sem que fosse necessário ser eleito.

Mas em vez disso, não passava de um joguete sustentado por duas mulheres ordinárias, e não havia no mundo qualquer esperança de vir a ter poder sobre o tipo de sorte que lhe permitisse exercer o direito de primogenitura. O ano seguinte era ano de nomeações - Oh! Poder apresentar-se *no tribunal dos censores no Fórum Romano e mostrar-lhes a* prova de que possuía bens que lhe davam um rendimento de um milhão de sestércios por ano! Era o mínimo para um senador. Ou mesmo bens que lhe rendessem quatrocentos mil sestércios por ano! Era o mínimo para ser cavaleiro. Mas na realidade, não possuía nada e os seus rendimentos nunca haviam excedido os dez mil sestércios ao ano, nem mesmo agora que era sustentado por mulheres. A definição de pobreza abjecta em Roma era a impossibilidade de possuir um escravo, e isso significava que tinha havido alturas na vida de Sila em que fora pobre de maneira abjecta. Ele, um Cornélio patrício.

Durante os dois anos de corajosa provocação em que vivera na ínsula do Esquilino, perto do Agger, fora obrigado a arranjar trabalho no cais do porto de Roma, abaixo da Ponte de Madeira; carregara ânforas de vinho e esvaziara arcas de trigo para manter o escravo que mostrava ao mundo que Lúcio Cornélio Sila não era abjectamente pobre. Porque à medida

que envelhecia, aumentava também o seu orgulho - ou antes, a consciência da sua **profunda humilhação. Nunca havia** sucumbido ao41

anseio de ter um emprego fixo, aprender um ofício numa fundição ou numa oficina de carpinteiro, ou tornar-se escriba, ser secretário de um comerciante ou copiar manuscritos para uma casa editora ou biblioteca. Quando um homem trabalhava no cais ou nos jardins do mercado ou em qualquer projecto de construção, ninguém perguntava nada; quando ia para o mesmo local de trabalho todos os dias, todos faziam perguntas. Sila nem podia alistar-se no exército para isso também era necessário possuir bens. Autorizado a chefiar um exército devido ao seu nascimento, Sila nunca havia manejado uma espada, nunca montara a cavalo ou atirara uma lança, nem mesmo nos campos de treino e recintos de exercícios que rodeavam a Villa Pública, no Campo de Marte. Ele, um Cornélio patrício. Se tivesse recorrido a algum Cornélio patrício, seu parente mais afastado, talvez a concessão de um empréstimo avultado lhe tivesse resolvido a situação. Mas o orgulho que afinal tinha estômago para ser sustentado por mulheres ordinárias impedia-o de fazê-lo. Porque já não existiam Cornélios patrícios do ramo Sila, havia apenas Cornélios afastados, e indiferentes à sua lamentável situação. Preferia não ser ninguém e não ser dono de ninguém a ser alguém e ter de resmungar sob o peso das obrigações de clientela que implicava um empréstimo pesado. Ele, um Cornélio patrício.

Quando saiu, precipitando-se pela porta da casa da madrasta, não fazia a menor ideia do local para onde se dirigiria. Queria apenas respirar um pouco de ar puro, desanuviar a angústia a caminhar. Clitumna escolhera um local estranho para viver, dadas as suas origens: uma rua de advogados de sucesso, senadores de segunda ordem e cavaleiros de rendimentos médios, demasiado abaixo no Gérmalo do Palatino para poderem desfrutar da vista, mas apesar de tudo convenientemente perto do centro político e comercial da cidade, o Fórum Romano, e das suas capelas, mercados e colunatas circundantes. Era evidente que Clitumna gostava da segurança do lugar, longe da ansiedade e do crime da Subura, mas as suas festas

ruidosas e amigos duvidosos tinham sido o motivo de muitas delegações iradas dos vizinhos, que preferiam a paz e o sossego. De um lado, tinha Tito Pompónio, prosperíssimo banqueiro mercador e director de uma companhia, e do outro vivia Caio Júlio César, um senador.

Na verdade, não se viam com muita frequência. Essa era uma das vantagens (ou inconvenientes, vendo a questão de outro ponto de vista) das casas que davam para dentro, com as paredes exteriores desprovidas42

de janelas e um pátio central: o jardim do peristilo - protegido dos vizinhos pelos quartos, que o rodeavam completamente. Mas não havia dúvida de que quando as festas de Clitumna se expandiam da sala de jantar para o jardim do peristilo, a cacofonia penetrava muito para além dos limites da sua propriedade, transformando-a na pior praga do bairro.

A aurora despontara. À sua frente, Sila podia ver as mulheres de Caio Júlio César num passo vivo em cima das altas solas de cortiça e dos saltos ainda mais altos dos seus sapatos de Inverno, com os pezinhos elevados acima da água das estrumeiras. ”Vam ver a cerimónia de tomada de posse”, pensou ele, afrouxando o passo e observando as formas delas sob a roupa justa, com a apreciação inconsciente de homem de impulsos sexuais poderosos e penetrantes. A mulher era uma Márcia, filha do construtor do Aqueduto Márcio, e não passava muito dos quarenta. Ainda elegante e bem cuidada, alta, era uma senhora morena com uma beleza acima da média. No entanto, não podia rivalizar com as filhas. Estas eram verdadeiras Júlias, umas beldades loiras, embora na opinião de Sila os louros coubessem à mais nova. Porque de tempos a tempos as via sair para o mercado, onde iam fazer compras com os olhos; as bolsas, tanto quanto ele sabia, eram tão magras como os corpos. Era uma família que só por um triz se mantinha senatorial. O cavaleiro Tiro Pompónio, o outro vizinho de Clitumna, era muitíssimo mais abastado.

O dinheiro: governava o mundo. Sem ele, um homem não era nada. Por isso, quando um homem se elevava a uma posição onde pudesse deitar mão a qualquer hipótese de enriquecer, não admirava que o fizesse sempre. Para se enriquecer através da política, tinha de se assegurar a eleição como pretor; a fortuna fazia-se nesse momento, os anos de grandes despesas acabavam por auferir dividendos. Porque o pretor iria governar uma província, e aí era um deus, podia servir-se à vontade do erário. Se possível, travava uma pequena guerra contra qualquer tribo bárbara confinante, levava o ouro e os tesouros sagrados, vendia os cativos como escravos e amealhava os lucros. Mas se as perspectivas de guerra fossem sombrias, existiam sempre outras vias: podia negociar cereais e outras mercadorias principais, podia emprestar dinheiro a taxas de juro exorbitantes (e usar o exército para cobrar os juros, se necessário), falsificar os livros de contas depois de recebidas as taxas, racionar a atribuição das cidadanias **romanas subindo-lhes** o preço, receber honorários ilícitos pelo que quer que fosse, desde a promulgação de **contratos governamentais até à isenção do tributo de uma cidade** em relação a Roma.43

Dinheiro. Mas como arranjá-lo? Como era possível obter o *necessário* para entrar para o Senado? Sonhos, Lúcio Cornélio Sila! Sonhos!

Quando as duas mulheres de César viraram à direita entrando no Clivus Victoriae, Sila ficou a saber para onde se dirigiam. Para a *área Flacciana,* o local da casa de Flaco. Na altura em que Sila parou na rua acima da rampa íngreme, coberta da erva fraca de Inverno, as senhoras Julianas estavam a sentar-se em tamboretes desarmáveis, e um sujeito com ar trácio que conduzira a escolta de escravos afanava-se a montar uma tenda aberta à frente para abrigar a sua ama da chuva, que caía com força considerável. As duas Júlias, reparou Sila, passaram pouquíssimo tempo sentadas ao pé da mãe: quando ela começou a falar com a mulher de Tiro Pompónio, grávida em fim de tempo, pegaram nos tamboretes e abalaram para o lugar onde as raparigas de Cláudio Pulcro estavam sentadas a uma distância razoável das mães. As mães? Ah! Licínia e Domícia. Ele

conhecia muito bem as duas mulheres, pois tinha conseguido dormir com ambas. Sem olhar para a direita nem para a esquerda, desceu a encosta até ao local onde se encontravam.

- Minhas senhoras - disse, inclinando a cabeça -, que dia horrível! Todas as mulheres da colina sabiam quem era ele - um aspecto dolorosamente interessante da situação de Sila. Os seus amigos da canalha pensavam que era um deles, mas a nobreza romana não cometia o mesmo *erro. Eles* sabiam que Sila era genuíno! *Eles* conheciam a sua história e a sua ascendência. Uns eram levados a lamentá-lo, enquanto outros, poucos, como Licínia e Domícia, se divertiam sexualmente com ele, mas ninguém o *ajudava.*

O vento soprava de Nordeste e trazia consigo um cheiro ácido de fogo apagado, uma mistura de odores de carvão molhado, tília queimada, e corpos apodrecidos enterrados aos milhares. No Verão anterior, todo o Viminal e a parte alta do Esquilino haviam sido destruídos pelas chamas, fora o pior incêndio de que alguém em Roma tinha memória. Cerca de um quinto da cidade ardera antes que a populaça reunida tivesse conseguido demolir uma área bastante vasta de edifícios para cortar o caminho às chamas através das ínsulas divididas em habitações apinhadas da Subura e do baixo Esquilino; o vento e a extensão da Via Longa tinham evitado a sua passagem para o pouco povoado Quirmal exterior, a colina mais setentrional dentro das Muralhas Sérvias.

Embora já tivesse passado meio ano desde o fogo, a partir do local onde Sila se encontrava, no espaço vazio da casa de Flaco, a horrível cicatriz[44]

cobria os montes até à distância de *mil* pés a seguir ao Mercado, uma milha quadrada de solo enegrecido, de prédios meio destruidos, de desolação. Ninguém sabia ao certo quantas pessoas tinham morrido. De qualquer modo, foram as suficientes para que deixasse de haver falta de habitação nos tempos que se seguiram. Por isso a reconstrução era lenta; apenas aqui e ali se erguiam andaimes de madeira de cem pés e mais, sinal de que uma nova ínsula de vários apartamentos ia engordar a bolsa de algum senhorio citadino.

Imensamente divertido, Sila pressentiu a tensão de Licínia e Domícia no momento em que repararam em quem estava a cumprimentá-las; por nada deste mundo iria mostrar-se reconhecido e deixá-las em paz. Que sofressem, porcas tolas! - Cada uma delas saberá que dormi com a outra?

- interrogou-se, e achou que não. O que deu um delicioso toque picante ao encontro. Sem deter os olhos, observou os olhares disfarçados que dirigiam uma à outra e às poucas mulheres como Márcia que partilhavam o lugar com elas. Oh! Márcia, não! Pilar de rectidão! Monumento de virtude!

- Foi uma semana terrível - disse Licínia numa voz muito aguda, fixando as colinas queimadas.

- Sim - disse Domícia aclarando a garganta.

- Fiquei aterrorizada - balbuciou Licínia. - Vivíamos nas Carinas na altura, Lúcio Cornélio, e o fogo cada vez se aproximava mais. Naturalmente, logo que se extinguiu, convenci Ápio Cláudio a mudar-se para este lado da cidade. Em parte nenhuma se está livre de um incêndio, mas não há dúvida de que é melhor ter o Fórum e o pântano entre nós e a Subura!

- Foi lindo - disse Sila, recordando com passara todas as noites daquela semana no topo da Escadaria de Vesta, imaginando que aquilo que via em toda a sua monstruosa glória era uma cidade inimiga após um saque, e ele o general romano que o ordenara. - Lindo! - repetiu.

O modo maldoso como pronunciou a palavra fez Licínia olhar contra vontade para a cara dele, e o que viu fê-la afastar os olhos muito depressa, e arrepender-se amargamente de alguma vez se ter posto sob o domínio deste homem. Além de ser demasiado perigoso, Sila não era muito bom da cabeça.

- No entanto, há males que vêm por bem - prosseguiu ela de modo brilhante. - Os meus primos Públio e Lúcio Licínio compraram muitos dos terrenos desocupados depois do incêndio. Dizem que o seu valor deve aumentar muito nos próximos anos.45

Ela era dos Licínios Crassos, dos milionários de longa data. Porque não conseguia ele *arranjar* uma noiva rica, como Ápio Cláudio Pulcro

fizera? É simples, Sila! Porque nenhum pai ou irmão ou tutor de uma rapariga nobre alguma vez consentiria em tal casamento.

O seu prazer em falar com as mulheres desvaneceu-se; sem uma palavra, deu meia volta e subiu a colina a passos largos em direcção ao Clivus Victoriae. As duas Júlias, como reparou ao passar, tinham sido chamadas à ordem e estavam sentadas ao lado da mãe, protegidas pela tenda. Deixou os seus olhos estranhos percorrê-las como flechas, pondo de parte ajúlia Mais Velha, mas demorando-se de forma apreciativa najúlia Mais Nova. Deuses, era linda! Um bolo de mel embebido em néctar, um prato digno do Olimpo. Sentiu uma dor no peito e esfregou por debaixo da toga para fazê-la passar. Mas não deixou de reparar que ajúlia Mais Nova tinha virado o tamborete para poder observá-lo até o perder de vista.

Desceu a Escadaria de Vesta indo dar ao Fórum Romano e subiu o Clivus Capitolinus até chegar às últimas filas da multidão agrupada em frente do templo de Júpiter Optimus Maximus. Um dos seus talentos peculiares era a capacidade de fazer arrepiar de inquietação as pessoas que o rodeavam, de modo que se afastassem da sua vizinhança; usava-a acima de tudo para apanhar um bom lugar no teatro, mas agora o seu talento servia-lhe para abrir caminho até ao início da multidão de cavaleiros, onde ficou a desfrutar de uma vista perfeita do lugar do sacrifício. Apesar de não ter direito a estar ali, sabia que ninguém iria expulsá-lo. Poucos cavaleiros sabiam quem era ele, e mesmo entre os senadores havia caras que não lhe eram familiares, mas conheciam-no bastantes homens presentes, e isso assegurava que a sua presença seria tolerada.

Havia coisas que o isolamento da corrente principal da vida pública dos nobres não podia erradicar; talvez, ao fim de tantas gerações - mil anos de gerações - estivessem de facto no sangue, pequenos sinos dobrando a finados de ruína ou desgraça. Por sua livre vontade, nunca se preocupara em seguir os acontecimentos políticos no Fórum Romano, tendo concluído que era melhor ser ignorante do que desgastar-se para levar uma vida que não podia ter. E, no

entanto, parado à frente das fileiras de cavaleiros, sabia que ia ser um mau ano. O sangue dizia-lhe que ia ser outro dos que se haviam revelado um grande número de anos maus, desde que Tibério Semprónio Graco fora assassinado, e, dez anos depois, o seu irmão Caio Graco obrigado a **pôr termo** à própria vida. Os cavaleiros haviam aparecido subitamente no Fórum, e a sorte de Roma fora destruída.46

Era quase como se Roma estivesse a degenerar, a necessitar de uma lufada de ar puro na política. ”Um ajuntamento”, pensou ele, varrendo com o olhar as fileiras de homens medíocres e insignificantes. Estavam ali homens, meio adormecidos e de pé apesar da fria chuva miudinha, que haviam sido responsáveis pela morte de mais de trinta mil valiosos soldados romanos e italianos em menos de dez anos, a maioria deles em nome da avidez pessoal. De novo o dinheiro. Dinheiro, dinheiro, dinheiro. Embora o poder também estivesse em causa. Nunca se devia esquecer ou subestimar o poder. Qual comandava o outro? Qual era o meio e qual era o fim? Devia depender dos indivíduos. Mas em que parte deste triste grupo estavam os grandes, aqueles que iriam engrandecer Roma em vez de empobrecê-la?

O touro branco estava a portar-se mal. Não era caso para grande admiração, vendo os cônsules do ano. ”Eu”, pensou, ”é que não colocava de bom grado o *meu* pescoço branco debaixo do cutelo em honra do Espúrio Postúmio Albino, por mais patrício que seja. E onde obtiveram eles o dinheiro?” Então, lembrou-se: Os Postúmios Albinos casaram-se *sempre* com o dinheiro. Malditos.

O sangue começou a jorrar. Havia muito sangue dentro de um touro adulto. Que desperdício. Energia, poder, uma força de Hércules. Mas com uma cor lindíssima, de um carmesim bem rico, liso e no entanto espesso, correndo monte abaixo por entre os pés. Fascinava-o; não conseguia deixar de olhar. Tudo o que transbordava de energia teria de ter sempre uma coloração avermelhada? O fogo, o sangue, os

cabelos - os seus cabelos. O pénis. Os sapatos senatoriais. Os músculos. O metal fundido. A lava...

Era altura de se ir embora. Mas ir para onde? Ainda **cheios da visão** de tanto sangue, os seus olhos ao erguerem-se foram deparar-se com o olhar desafiador de um senador alto, vestido com a *toga praetexta* dos senadores magistrados. Era incrível! Ali estava um homem! Mas *quem seria?* Não era parecido com nenhuma das **Famílias Importantes; embora** isolado daquela espécie, Sila conhecia infalivelmente os seus traços físicos.

Quem quer que fosse o sujeito, certamente não pertencia a uma Família Importante. Por uma razão: o nariz indicava que tinha uma costela celta; era demasiado curto e direito para ser de um **Romano puro.** Seria então Piceno? E que sobrancelhas gigantescas! Outro traço celta. A sua cara tinha duas cicatrizes de combate, mas nenhuma o desfigurava. Sim, um cliente formidável, violento, altivo e inteligente. Uma47

águia real.

Quem seria? Não era ex-cônsul; esses, Sila conhecia todos os vivos, por mais velhos que fossem. Então, pretor. Não dos deste ano, no entanto, porque esses estavam reunidos atrás dos cônsules, com um ar imensamente importante e quase tão prometedor como uma rainha velha com um ataque de hemorróidas.

Aaaah! Sila voltou-se abruptamente e afastou-se a passos largos de tudo aquilo, incluindo o ex-pretor com semblante de águia. Era a altura de se ir embora. Mas para onde ir? Que outro destino tinha ele que não fosse o seu único refúgio, entre os corpos húmidos e envelhecidos da madrasta e da amante? Encolheu os ombros, fez um sorriso de desprezo. Havia destinos piores, lugares piores. ”Mas não,” disse uma voz no fundo da sua mente, ”para um **homem que devia estar hoje a entrar** para o Senado.”

O problema de ser um soberano ungido em visita à cidade de Roma era que não se podia atravessar o seu *pomerium,* o limite sagrado. Por isso Jugurta, Rei da Numídia, era obrigado a passar o dia de Ano Novo perdendo tempo a esperar em vão na *villa* alugada por um preço escandalosamente caro, nas encostas mais elevadas do monte Píncio, que dava para a enorme curva do Tibre envolvendo o **Campo de Marte. O agente** que lhe reservara a *villa* ficara encantado com o seu aspecto, a vista panorâmica do Janículo e do monte Vaticano, o relvado verde das duas pequenas planícies separadas pelo Tibre dos Campos de Marte e do Vaticano, a larga faixa azul do grande rio. De certeza que não havia na Numídia rios do tamanho do velho Pai Tibre, gaguejara o agentezeco presunçoso, dissimulando ao mesmo tempo o facto de estar ao serviço de um senador que professara lealdade eterna à causa da Numídia, e no entanto ansioso por fechar um negócio para a sua *villa* que lhe permitisse comprar um bom abastecimento das mais caras enguias de água doce para os meses seguintes. Porque pensariam eles que qualquer homem - para já não falar de um rei! - que não fosse romano era automaticamente parvo e ingénuo? Jugurta bem sabia a quem pertencia a *villa,* e também sabia muito bem que estava a ser roubado na renda; mas havia alturas e lugares para a franqueza, e Roma no momento em que ele fez o negócio da *villa* não era o lugar nem a altura certa para a tal franqueza.

Do sítio onde estava sentado na *loggía* em frente do vasto jardim do Peristilo, a vista era desimpedida. Mas para Jugurta, era um panorama48

estreito, e quando o vento soprava do lado certo, o fedor dos fertilizantes postos de noite nos jardins do mercado para lá do Campo de Marte e à volta da Via Recta era suficientemente forte para o fazer desejar ter escolhido outro local, algures perto de Bovilas ou Túsculo. Habituado às enormes distâncias da Numídia, considerava a viagem de quinze milhas de Bovilas a Roma uma insignificância. E - como de qualquer modo não podia entrar na

cidade - de que lhe servia ficar alojado à distância bastante para poder cuspir sobre os seus limites sagrados?

Se se virasse a um ângulo de noventa graus, é claro que poderia ver as escarpas das traseiras do Capitólio e o outro lado do sólido templo de Júpiter Optimus Maximus - onde, nesse preciso momento, conforme os seus agentes lhe tinham explicado, os novos cônsules presidiam à primeira reunião senatorial do seu ano em funções.

Como se lidaria com os Romanos? Se o soubesse, já não seria o homem preocupado que só para consigo mesmo admitia ser.

No início, as coisas haviam parecido bastante simples. O seu avô fora o grande Masinissa, que criara o Reino da Numídia a partir dos escombros dispersos ao longo de duas mil milhas da costa africana devido à derrota romana em Cartago. Primeiro, a aquisição de poder de Masinissa em seu proveito tivera a clara conivência de Roma; embora mais tarde, quando ele se havia tornado incomodamente poderoso e o sabor púnico da sua organização fizera Roma especular sobre o aparecimento de uma nova Cartago, Roma se tivesse de certo modo virado contra ele. Felizmente para a Numídia, Masinissa morrera na altura certa, e, sabendo bem que um rei forte é sempre sucedido por um fraco, deixou que a Numídia fosse dividida por Cipião Emiliano entre os seus três filhos. Cipião Emiliano era tão esperto! Não dividiu o território da Numídia em três; em vez disso, dividiu as obrigações reais. O mais velho ficou com a custódia do tesouro e dos palácios; o do meio foi nomeado chefe militar da Numídia; e o mais novo herdou todas as funções ligadas à lei e à justiça. O que significava que o filho que tinha o exército não tinha dinheiro para fomentar a insurreição, o que tinha o dinheiro não tinha o exército para a insurreição, e o que tinha a lei do seu lado, não tinha nem dinheiro nem exército para se insurgir contra quem quer que fosse.

Antes de tempo e acumulando ressentimentos que mesmo assim podiam ter fomentado a insurreição, os filhos mais novos morreram,

deixando o mais velho, Micipsa, a **governar sozinho. No** entanto, ambos os49

irmãos mortos haviam deixado filhos a complicar o futuro: dois legítimos e um bastardo chamado Jugurta. Um desses jovens ascenderia ao trono quando Micipsa morresse - mas qual? Então, já de idade avançada, Micipsa, até aí sem descendência, teve dois filhos, Adérbal e Hiêmpsal. Na corte fervilharam as rivalidades, pois a escala de idades de todos esses potenciais herdeiros estava exactamente ao contrário. Jugurta, o bastardo, era o mais velho de todos, e os filhos do rei em funções eram simples bebés.

O avô Masinissa desprezara Jugurta, não tanto por ser bastardo mas porque a mãe pertencia à raça mais humilde do reino: era uma rapariga nómada berbere. Micipsa herdara a aversão de Masinissa em relação a Jugurta, e quando reparou que este se transformara num indivíduo bem parecido e inteligente, arranjou maneira de eliminar o seu potencial contendor mais velho na ascensão ao trono. Cipião Emiliano pedira à Numídia o envio de tropas para o auxiliar no cerco à Numância, e por isso, Micipsa fez sair o seu exército sob o comando de Jugurta, pensando que este morreria em Espanha.

Mas tal não aconteceu. Jugurta partiu para a guerra demonstrando-se um guerreiro nato; para além de ter feito logo amigos entre os romanos, dois dos quais viria a prezar como os melhores e mais queridos que tinha. Eram os tribunos militares juniores ligados às hostes de Cipião Emiliano, e chamavam-se Caio Mário e Públio Rutílio Rufo. Tinham os três a mesma idade, vinte e três anos.

No final da campanha, quando Cipião Emiliano convocou Jugurta à tenda de comando com o intuito de proferir uma homilia aconselhando-o a tratar honradamente com Roma e não com quaisquer romanos em especial, Jugurta conseguiu manter um ar sério. Porque se o seu contacto com os romanos durante o cerco da Numância lhe ensinara alguma coisa acerca deles, uma era que quase todos os romanos que aspiravam a cargos públicos elevados

tinham uma falta crónica de dinheiro. Ou por outras palavras, podiam ser facilmente comprados.

No seu regresso à Numídia, Jugurta levou uma carta de Cipião Emiliano para o Rei Micipsa. Elogiava tanto a coragem, o bom senso e a superior inteligência de Jugurta que o velho Micipsa afastou de si a aversão que herdara do pai. E pela mesma altura em que Caio Semprónio Graco morria no Bosque de Furrina, abaixo do monte Janículo, o rei Micipsa adoptou formalmente Jugurta e elevou-o ao estatuto de sénior entre os herdeiros ao trono da Numídia. Apesar disso, teve o cuidado de50

indicar que Jugurta nunca deveria ser rei, as suas funções eram simplesmente as de assumir a guarda dos filhos do próprio Micipsa, que agora entravam na adolescência

Pouco tempo depois de ter firmado estas disposições, o Rei Micipsa morreu, deixando dois herdeiros menores ao trono e Jugurta como regente. Mas no espaço de um ano, o filho mais novo de Micipsa, Hiêmpsal, foi assassinado por instigação de Jugurta, o mais velho, Adérbal, conseguiu escapar à trama de Jugurta e fugiu para Roma, onde se apresentou ao Senado exigindo que Roma resolvesse as questões da Numídia e retirasse a Jugurta toda a autoridade

- Por que teremos tanto medo deles? - perguntou Jugurta, saltando dos seus pensamentos e recordações para o momento presente, em que o véu de chuva miudinha varria os campos de exercícios e os jardins do mercado, obscurecendo completamente a distante margem do Tibre

Havia cerca de vinte homens na *loggia,* mas à excepção de um deles, eram todos guarda-costas Não eram gladiadores profissionais, mas sim os próprios homens de Jugurta da Numídia - na realidade, os mesmos que haviam trazido a Jugurta a cabeça do jovem Príncipe Hiêmpsal sete anos antes, e repetido a oferta cinco anos mais tarde com a cabeça do Príncipe Adérbal

A única excepção - o homem a quem Jugurta dirigira esta pergunta

- era um indivíduo corpulento com aspecto de semita, só um pouco mais baixo que Jugurta, sentado numa cadeira confortável ao lado do rei Uma pessoa de fora podia ter imaginado que seriam parentes consanguíneos próximos, e eram-no, embora fosse um facto que o rei preferia esquecer A desprezada mãe de Jugurta era uma simples rapariga nómada de uma *tribo atrasada dos* berberes *Getulos, uma rapariga* insignificante, que por um golpe do destino recebera uma cara e um corpo dignos de Helena de Tróia E a companhia do rei nesse triste dia de Ano Novo era o seu meio-irmão, filho da sua humilde mãe e do cortesão com quem o pai de Jugurta a havia casado por conveniência. Esse meio-irmão chamava-se Bomílcar, e era muito leal

- Por que teremos **tanto medo** deles? - **voltou a perguntar Jugurta** com maior insistência, **mais desesperadamente.**

Bomílcar suspirou

- Penso que a **resposta é simples Tem um elmo de** aço parecido com uma bacia voltada ao **contrário e uma** túnica vermelho-acastanhada coberta51

por uma longa cota de malha. Tem uma pequena espada ridícula, um punhal quase do mesmo tamanho e uma ou duas lanças de gume pequeno. Não é um mercenário. Nem sequer é pobre. É um militar romano. Jugurta resmungou, acabando por assentir.

- Essa é só uma parte da resposta, Bomílcar. Os soldados romanos não são imortais; também morrem.

- Custam muito a morrer - disse Bomílcar.

- Não. É mais que isso. Não entendo! Podes comprá-los como se compra pão na padaria, e por isso deveriam ser por dentro tão moles como o pão. Mas não são.

- Referes-te aos chefes?

- Os chefes. Os distintos Pais Conscritos do Senado. São totalmente corruptos! Por isso, deviam estar a apodrecer de decadência. Moles a ponto de se derreterem, imateriais. Mas não. São duros como pedras, frios como o gelo, subtis como um sátrapa dos Partos. Nunca desistem. Pegas num deles, amansa-lo até ficar totalmente servil, mas a seguir desaparece logo. Lidas sempre com uma cara diferente consoante as circunstâncias.

- Para não dizer que quando precisas de repente de um, não podes comprá-lo, não porque não tenha preço, mas porque não tens a quantia, seja ela qual for, e não estou a falar de dinheiro - disse Bomílcar.

- Odeio-os a todos - disse Jugurta entredentes.

- Também eu. Mas isso não nos livra deles, pois não?

- A Numídia é minha! - gritou o rei. - Eles nem a querem, como sabes! O que querem é *interferir. Intrometer-se!*

Bomílcar abriu os braços.

- Não mo perguntes, Jugurta, porque não sei. Tudo o que sei é que estás aqui em Roma, e que o resultado está nas mãos dos deuses.

”E está mesmo”, pensou o rei da Numídia, retomando os seus pensamentos.

Quando o jovem Adérbal fugira para Roma seis anos antes, Jugurta não teve dúvidas sobre o que havia de fazer, e fê-lo depressa. A caminho de Roma partiu um grupo de embaixadores seus carregados de ouro, prata, jóias, obras de arte, tudo o que pudesse corresponder às fantasias de um nobre romano. Era interessante que nunca se pudesse subornálos com mulheres ou rapazes.

Apenas com bens negociáveis. O resultado da empresa foi bastante satisfatório, dadas as circunstâncias.[52]

Eram obcecados por comités e comissões, os Romanos, e nada lhes agradava mais do que enviar um pequeno grupo de oficiais aos confins mais remotos da Terra, para investigar, pontificar, adjudicar, melhorar. Quaisquer outros limitar-se-iam a marchar à frente de um exército, mas os romanos apareciam de toga, escoltados apenas por lictores, convocavam de emergência os soldados; começavam a transmitir ordens e esperavam que lhes obedecessem como se tivessem chegado ao comando de exércitos. E a maior parte das vezes obedeciam-lhes.

O que o levou de novo à primeira pergunta: por que *teremos* tanto medo deles? Porque temos. Lá isso temos. *Mas porquê?* Talvez por haver sempre um Marco Emílio Escauro entre eles?

Fora Escauro que havia impedido o Senado de decidir a favor de Jugurta, quando o jovem Adérbal foi queixar-se a Roma. Uma voz solitária num organismo de trezentos homens! No entanto, a voz solitária prevalecera, continuara a atormentá-los até que Jugurta conseguiu conquistar a simpatia deles para a sua posição. Fora Escauro que havia forçado um compromisso inaceitável tanto para Jugurta como para Adérbal: um comité de dez senadores romanos chefiados pelo cônsul Lúcio Opímio viajaria até à Numídia, e aí após investigações feitas no local decidiria o que fazer. E o que fez o comité? Dividiu o reino. Adérbal ficou com a parte Oriental tendo Cirta por capital. A Ocidental coube a Jugurta, que se viu entalado entre Adérbal e o Reino da Mauritânia. Contentes com a solução, os romanos regressaram a casa. Jugurta começou imediatamente a observar o seu rato Adérbal, à espera do momento para atacar. E para ficar protegido a oeste, casou com a filha do rei da Mauritânia.

Esperou pacientemente durante quatro anos, e depois atacou Adérbal e o seu exército entre Cirta e o porto marítimo. Derrotado, Adérbal voltou a Cirta e organizou a defesa, com o auxílio do grande

e influente contingente de mercadores romanos e italianos que constituíam a espinha dorsal do sector de negócios da Numídia. Nada havia a estranhar na sua presença no país; onde quer que se fosse no mundo, encontrava-se um contingente de homens de negócios romanos e italianos dominando o sector comercial local, mesmo em lugares com poucas ligações com Roma e sem protecção.

Obviamente, as notícias da guerra entre Jugurta e Adérbal haviam chegado aos ouvidos do Senado em pouco tempo; o Senado respondeu enviando um comité de três encantadores jovens filhos de senadores (o que proporcionaria à geração mais nova uma experiência útil, dado que não havia nada53

realmente importante nesta questiúncula) para dar uma palmada de advertência na Numídia. Jugurta entrou primeiro em contacto com eles, manobrou-os para que não se encontrassem com Adérbal ou com os habitantes de Cirta, e mandou-os para casa carregados de presentes riquíssimos.

A seguir, Adérbal conseguiu fazer chegar uma carta a Roma, uma carta implorando auxílio; sempre do lado de Adérbal, Marco Emílio Escauro partiu logo para a Numídia, à frente de mais um comité de investigação. Mas tão perigosa era a situação que encontraram em África que se viram forçados a permanecer dentro dos limites da Província da África Romana, e por fim foram obrigados a voltar a Roma sem entrevistar qualquer dos rivais pretendentes ao trono nem influenciar o curso da guerra. Jugurta prosseguiu então, e conquistou Cirta. Compreensivelmente, Adérbal foi logo executado. Menos Compreensivelmente, Jugurta deu largas ao seu rancor em relação a Roma mandando executar sem excepção todos os homens de negócios romanos e italianos de Cirta: ao fazê-lo ultrajava Roma sem qualquer esperança de conciliação.

A notícia do massacre dos romanos e italianos residentes em Cirta chegara a Roma quinze meses antes, no Outono. E um dos tribunos

eleitos da plebe, Caio Mémio, fez um alarido tão grande no Fórum que nenhum suborno de Jugurta chegaria para esconjurar a catástrofe. O cônsul eleito júnior Lúcio Calpúrnio Béstia foi convocado para ir à Numídia no início das suas funções, para mostrar a Jugurta que não podia exterminar romanos e italianos como muito bem lhe apetecesse.

Mas Béstia era um homem que podia ser subornado, e Jugurta subornou-o, pelo que seis meses antes conseguira negociar uma paz com Roma, e dera trinta elefantes de guerra a Béstia, bem como uma pequena oferta em dinheiro para o Tesouro de Roma e uma quantia muito maior, que não foi revelada, destinada aos cofres particulares de Béstia. Roma parecia ter ficado satisfeita; Jugurta era finalmente o rei incontestado de toda a Numídia.

Mas Caio Mémio, esquecido do facto de terem cessado as suas funções como tribuno da plebe, nunca mais se calara. Dia após dia, prosseguia a campanha para colocar toda a questão da Numídia sob a luz mais cruenta; dia após dia acusava Béstia de extorquir dinheiro a Jugurta em troca da ocupação do trono; e finalmente Caio Mémio alcançou o seu objectivo, que era forçar o Senado a agir. O Senado enviou para a Numídia o pretor Lúcio Cássio Longino, com instruções precisas para trazer o rei Jugurta em pessoa a Roma, onde seria

obrigado a fornecer

a Caio Mémio os nomes de todos os que tinha vindo a subornar ao longo dos anos. Se lhe tivessem pedido que respondesse perante o Senado, a situação não seria tão perigosa; mas Jugurta iria responder perante o Povo.

Quando Cássio, o pretor, chegou a Cirta e notificou o rei, Jugurta não pôde recusar-se a acompanhá-lo no regresso a Roma. Mas porquê? Por que teriam todos tanto medo? O que poderia Roma

efectivamente fazer? Invadir a Numídia? Havia sempre mais Béstias em funções do que Caios Mémios! Então, por que teriam todos tanto medo? Seria pela humilhação por parte dos romanos ao mandarem calmamente um só homem deitar a mão ao soberano dum país grande e rico, e fazê-lo obedecer?

Jugurta submeteu-se, fez as malas resignado, adulou alguns nobres para que o acompanhassem, seleccionou os cinquenta melhores homens da Guarda Real da Numídia e embarcou com o pretor Cássio. Isto passara-se há dois meses. Dois meses durante os quais quase nada acontecera.

Oh! Caio Mémio cumprira o prometido! Reuniu uma Assembleia da Plebe no Circo Flamínio, que ficava fora *dopomerium,* os limites sagrados da cidade, e por conseguinte constituía um local de reunião onde Jugurta, o soberano ungido, podia ir em pessoa. A finalidade do encontro era possibilitar a qualquer romano interessado, de todas as camadas, ouvir pessoalmente o rei da Numídia responder às perguntas de Caio Mémio: quem havia subornado, quanto dinheiro tinha pago? Toda a gente em Roma sabia exactamente que tipo de perguntas iria fazer Caio Mémio. Por isso, a Assembleia no Circo Flamínio tinha uma frequência extremamente elevada, a arena estava apinhada de retardatários acomodados em bancos de madeira, esperando ouvir alguma coisa, apesar da distância.

No entanto, Jugurta ainda sabia como tratar da sua defesa; a Espanha e os anos que se lhe haviam seguido tinham-no ensinado demasiado bem para que pudesse esquecer-se. Comprou um tribuno da plebe.

Oficialmente, os tribunos da plebe eram inferiores na hierarquia magisterial e em categoria senatorial. Os tribunos da plebe não tinham *imperium eis* mais uma palavra para a qual a linguagem númida não tinha equivalente! *Imperium! Imperium* significava o tipo de autoridade que um deus na Terra pode possuir. Era por isso

que um mero pretor podia notificar um grande rei para que este o acompanhasse. Os governadores de províncias tinham *imperium.* Os cônsules tinham *imperium.* Os pretores tinham *imperium.* Os edis curuis tinham *imperium.* Mas cada um deles possuía uma força ou um tipo diferente de *imperium.* A única55

prova palpável de *imperium* era o lictor. Os lictores eram auxiliares profissionais que iam à frente do detentor do *imperium* abrindo-lhe caminho, carregando aos ombros *osfasces,* os feixes de varas atados por cordões de cor carmesim.

Os censores não tinham *imperium.* Nem os edis plebeus. Nem os questores. Nem o mais importante para os propósitos de Jugurta os tribunos da plebe. Estes últimos eram os representantes eleitos da plebe, esse grande volume do corpo de cidadãos romanos impossibilitados de reclamar a alta distinção de serem patrícios. O patrício era o aristocrata antigo, cuja família vinha das fileiras dos Pais de Roma. Quatrocentos anos antes, quando a República era nova, só os patrícios contavam. Mas à medida que alguns plebeus iam ganhando dinheiro e poder e forçando o acesso à cadeira curul, também queriam ser aristocratas. O resultado foi o *nobilis,* o nobre. Assim, ao patrício veio juntar-se o nobre, numa aristocracia dual. Para se ser nobre, apenas bastava ter um cônsul na família, e não havia nada que impedisse um plebeu de vir a ser cônsul. A honra plebeia e a sua ambição ficavam satisfeitas.

A plebe tinha a sua própria assembleia do governo, em que nenhum patrício podia participar ou votar. Não obstante, a plebe tornara-se tão poderosa e eclipsara tanto os patrícios que este jovem organismo, a Assembleia da Plebe, votava quase todas as leis. Elegiam-se dez tribunos para se encarregarem dos interesses da plebe. E eram renovados todos os anos. Era o pior aspecto do governo romano: os seus magistrados exerciam o cargo apenas por um ano, pelo que nunca era possível comprar um homem que durasse o suficiente para ser realmente útil. Todos os anos era preciso comprar vários.

Não, um tribuno da plebe não tinha *imperium,* nem era um magistrado sénior; aparentemente, não tinha qualquer importância. E, no entanto, conseguira tornar-se o magistrado mais importante de todos. Nas suas mãos estava o verdadeiro poder, pois só ele tinha o poder do veto, que afectava todos; à excepção de um ditador, ninguém era imune ao veto, e não existia nenhum ditador em funções há aproximadamente cem anos. Um tribuno da plebe podia vetar um censor, um cônsul, um pretor, o Senado, os seus nove parceiros tribunos da plebe, reuniões, assembleias, eleições o que quer que fosse, podia vetá-lo e provavelmente fazia-o. Além disso, a sua pessoa era sacrossanta, o que significava que não podia ser fisicamente impedido de executar as suas obrigações. Para além destas, era ele que criava as leis. O Senado não podia criar uma lei;56

tudo o que o Senado podia fazer era recomendar que fosse criada uma determinada lei.

Era óbvio que tudo isto se destinava a impor um sistema de verificações e equilíbrios com vista a restringir o potencial poder político de qualquer organismo ou indivíduo. Se os Romanos pertencessem a uma estirpe superior de animais políticos, o sistema também funcionaria; mas como não o eram, a maior parte das vezes não funcionava. Porque de todos os povos na história do mundo, os Romanos eram os mais versados em descobrir meios legais de contornar a lei.

Por isso, o rei Jugurta comprou um tribuno da plebe - uma pessoa insignificante e não um membro das Famílias Importantes nem um homem rico. No entanto, Caio Bébio, era um tribuno da plebe eleito na altura conveniente, e quando o fluxo de denários de prata foi despejado à sua frente, em silêncio, vazou o seu achado para dentro de uma dúzia de sacas grandes e passou a ser propriedade do rei da Numídia.

Quando o Ano Velho estava a terminar, Caio Mémio convocou a grande sessão no Circo Flamínio e arrastou Jugurta à força perante ela. Então, com o rei parado de modo submisso de pé nos Rostros Flamínios e a multidão em completo silêncio, Caio Mémio fez-lhe a primeira pergunta.

- Subornaste Lúcio Opímio? - perguntou ao rei.

E antes que o rei pudesse responder, Caio Bébio disse o que tinha a dizer:

- Proíbo-te que respondas a Caio Mémio, Rei Jugurta! - foi tudo o que Caio Bébio disse. Não precisou de dizer nem mais uma palavra. Era um veto. Impedido de responder por um tribuno da plebe, Jugurta

legalmente não podia ser forçado a responder. Por isso, a Assembleia da Plebe dispersou; os milhares de desiludidos tornaram a casa resmungando; Caio Mémio estava tão zangado que os seus amigos tiveram de levá-lo sob controlo; e Caio Bébio afastou-se a passos largos mostrando um ar de grande virtude que não enganava ninguém.

Mas o Senado não concedera a Jugurta autorização para regressar a casa, e por isso no dia de Ano Novo ali estava ele, sentado na sua *loggia* alugada, terrivelmente cara, amaldiçoando Roma e maldizendo os Romanos. Nenhum dos novos cônsules havia ainda dado qualquer indicação de que pudesse estar interessado em aceitar uma doação privada; nenhum dos novos pretores valia o esforço de suborno e os novos tribunos da plebe também não eram encorajadores.[57]

O problema do suborno era que não podia ser simplesmente lançado às águas; o peixe tinha de vir à superfície e fazer movimentos vorazes, mostrando desse modo que estava interessado em engolir um isco de ouro. Se ninguém nadasse evidenciando o seu interesse

através de trejeitos, era preciso deitar a linha à água e esperar com toda a paciência possível.

No entanto como *podia* ele ficar sentado e esperar pacientemente, quando o seu reino era o alvo de numerosos pretendentes ambiciosos? Gauda, filho legítimo de Mastanábal, e Massiva, filho de Gulusa, tinham muitos direitos, embora não fossem de modo nenhum os únicos a reivindicá-los. Era-lhe vital regressar ao seu país. Apesar disso, ali estava sentado, impotente. Se se fosse embora sem a autorização do Senado, a sua partida podia ser vista como um acto de guerra. Tanto quanto sabia, ninguém em Roma queria a guerra, mas não tinha provas suficientes que lhe indicassem para que lado o Senado se inclinaria caso abandonasse a cidade. E embora não pudesse votar leis, o Senado dominava todas as decisões dos negócios estrangeiros, desde o declarar guerra ao governar as províncias romanas. Os seus agentes haviam-no informado de que Marco Emílio Escauro ficara furioso com o veto de Caio Bébio. E Escauro tinha um enorme poder de decisão no Senado, até já uma vez o fizera dar uma reviravolta apenas com uma mão. Escauro era da opinião que Jugurta não augurava nada de bom a Roma.

Bomílcar, o meio-irmão, estava sentado, quieto, esperando que Jugurta saísse da sua meditação. Não tinha nada a comunicar, mas conhecia demasiado bem o seu rei para virar o barco de través quando ainda se mostravam sinais de tempestade. Um homem maravilhoso, Jugurta. Tantas capacidades inatas! E que difícil tinha sido a sua sorte devido ao nascimento humilde. Por que seria tão importante a hereditariedade? O sangue cartaginês de toda a nobreza númida estava muito marcado em Jugurta, mas então, também o estava o sangue berbere que recebera da mãe. Ambos eram povos semitas, mas os Berberes viviam no Norte de África há muito mais tempo que os cartagineses.

Em Jugurta, as duas correntes semitas conjugavam-se na perfeição. Da beleza berbere da mãe herdara os olhos cinzento-claros, o nariz

direito e o rosto longo e magro e também dela havia herdado a altura. Mas do sangue cartaginês do pai Mastanábal tinham vindo os caracóis negros em espiral, os pêlos negros e densos do corpo, a pele escura e o esqueleto de58

ossos enormes. Talvez por isso fosse tão impressionante: era chocante ver aqueles olhos em alguém tão escuro, e assustador. Helenizadas por séculos de contacto com os Gregos, as classes superiores da Numídia usavam roupas gregas, que não se ajustavam bem ajugurta, cujo melhor aspecto era de elmo, couraça e grevas, a espada de lado, montado num impaciente cavalo de guerra. ”Que pena”, pensou Bomílcar, ”os romanos em Roma nunca terem visto o rei vestido para o combate”, e a seguir estremeceu, horrorizado com a ideia. Era tentação do destino pensar isso! Era melhor ir oferecer à deusa Fortuna um sacrifício no dia seguinte, para que os romanos nunca chegassem a ver Jugurta com as suas vestes bélicas.

O rei estava a descontrair-se; o rosto amenizara-se-lhe. Era terrível ter de banir a sua paz meio-ganha; sobrecarregá-lo com uma nova preocupação. Mas era preferível que a ouvisse do seu mais leal barão, o *próprio* irmão, em vez de lhe chegarem as notícias através de qualquer agente idiota, ávido de causar o máximo de consternação.

- Meu senhor e rei? - interrogou Bomílcar perscrutando.

Os olhos cinzentos voltaram-se imediatamente na sua direcção.

- Sim?

- Ouvi um boato ontem, em casa de Quinto Cecílio Metelo. Atingiu Jugurta no seu ponto fraco, claro; Bomílcar podia ir aonde quisesse em Roma, porque não era um rei ungido. Era Bomílcar que era convidado para jantar e não Jugurta.

- O quê? - perguntou bruscamente o rei.

- Massiva apareceu aqui em Roma. E ainda por cima, conseguiu interessar o cônsul Espúrio Postúmio Albino pelo seu caso e tenciona pedir a Albino que faça uma petição no Senado.

O rei sentou-se rapidamente, voltando a cadeira de forma a poder ver a cara de Bomílcar.

- Interrogava-me onde se tinha metido esse minúsculo verme miserável - disse. - Agora já sei, não é? Mas porquê ele e não eu? Albino deve saber que lhe pagarei mais do que Massiva alguma vez poderá pagar.

- Não foi isso que soube pelas minhas fontes - disse Bomílcar pouco à vontade. - Suspeito que fizeram um acordo que depende de Albino receber a Província Africana *para* seu governo. Estás encravado aqui em Roma; Albino apressa-se a partir para a Província Africana com um pequeno exército, e basta uma marcha rápida para atravessar a fronteira até Cirta, e... ”Saúdem todos o rei Massiva da Numídia!” Imagino que59

o rei Massiva da Numídia terá a maior vontade de pagar a Albino o que ele lhe pedir.

- Tenho de voltar! - gritou o rei.

- Eu sei! Mas como? Diz-me, como?

- Pensas que ainda terei alguma hipótese de influenciar Albino? Ainda tenho dinheiro disponível, posso arranjar mais!

Bomílcar abanou a cabeça enfaticamente.

- O novo cônsul não gosta de ti - disse. - Esqueceste-te de enviar-lhe uma prenda pelo seu aniversário, que foi no mês passado. Massiva não se esqueceu de lhas enviar quando ele foi eleito cônsul e pelo aniversário.

- Foram os meus agentes, excomungados! -Jugurta mostrou os dentes. - Começam a pensar que vou perder, e por isso nem tentam. Mordiscou o lábio e humedeceu-o com a língua. - Vou perder? Bomílcar sorriu.

- Tu? Nunca!

- Não sei... Massiva! Sabes que me tinha esquecido totalmente dele? Pensei que estava na Cirenaica, com Ptolomeu Apião - Jugurta encolheu os ombros, viu-se que recobrava o ânimo. - Pode ser falso. Quem to contou?

- O próprio Metelo. Ele sabe. Ultimamente está muito atento à opinião pública; tenciona concorrer a cônsul no próximo ano. Não quer dizer que aprove o **acordo que Albino** está a fazer. Se aprovasse, não me teria dito uma palavra sobre o assunto. Mas conheces Metelo; é dos romanos sérios e virtuosos, nem lhe passa pela cabeça o suborno. E não lhe agrada ver reis acampados às portas de Roma.

- Metelo pode dar-se ao luxo de ser recto e virtuoso! - disse **Jugurta causticamente.** - Há algum Metelo que não seja tão rico como Creso? Eles repartem a Espanha e a Ásia entre si. Pois não hão-de repartir a Numídia! Nem o fará Espúrio Postúmio Albino, se eu puder impedi-lo! - O rei sentou-se muito direito na cadeira. - Massiva está mesmo cá?

- Segundo Metelo, sim.

- Temos que esperar até que se saiba qual o cônsul que irá governar a África e qual irá para a Macedónia.

Bomílcar bufou ironicamente.

- Não me digas que acreditas nas sortes!

- Não sei no que acredito acerca dos Romanos - disse o rei melancolicamente. - Talvez ache que já está decidido, talvez me interrogue se60

as sortes não dirão que embora eles estejam a rir-se de nós, deixaram tudo à mercê da sorte. Por isso, vou esperar, Bomílcar. Quando souber o resultado das sortes, decidirei o que fazer.

Dito isto, tornou a virar a cadeira e continuou a contemplar a chuva.

Tinham nascido três filhos na antiga casa de estuque perto do Arpino: Caio Mário era o mais velho; a seguir veio a irmã, Maria, e por fim um segundo filho, Marco Mário. Esperava-se que quando crescessem viessem a atingir um lugar proeminente na vida do distrito e da cidade, mas ninguém sonhara que qualquer dos três se aventuraria a ir mais longe. Pertenciam à nobreza rural, eram proprietários rurais fanfarrões antiquados e vigorosos os Mários, aparentemente destinados a serem pessoas importantes apenas dentro dos limites do seu pequeno domínio do Arpino. A ideia de que um deles viesse a entrar para o Senado de Roma era impensável; Catão, o Censor, já dera bastante que falar devido às suas origens rústicas, e proviera de um local não muito longe de Túsculo, a umas simples quinze milhas das Muralhas Sérvias de Roma. Por isso, nenhum proprietário rural imaginava que o seu filho pudesse vir a ser senador romano.

Não era uma questão de dinheiro, porque havia bastante; os Mários tinham a melhor das situações económicas. O Arpino era uma localidade rica de muitas milhas quadradas, e a maior parte da terra dividia-se *entre três* famílias - os Mários, os Gratídios e os Túlios Cíceros. Quando era necessária uma pessoa de fora para desposar um Mário, um Gratídio ou um Túlio Cícero, os batedores dirigiam-se não a Roma mas sim a Putéolos, onde vivia a família Grânio. Os Grânios eram um clã próspero de comerciantes marítimos proveniente do Arpino.

A noiva de Caio Mário tinha sido escolhida quando ele ainda era um rapaz pequeno, e esperou pacientemente na casa dos Grânios em Putéolos até crescer, porque era ainda mais nova do que o noivo. Mas quando Caio Mário se apaixonou, não foi por uma mulher. Ou por um homem. Apaixonou-se pelo exército - um reconhecimento natural, alegre e espontâneo do cônjuge. Alistado como cadete no seu décimo sétimo aniversário e lamentando o facto de não haver guerras importantes a decorrer, conseguiu no entanto permanecer ao serviço nas fileiras dos oficiais mais novos das legiões de cônsules, até que com a idade de vinte e três anos foi enviado para as tropas particulares de Cipião Emiliano contra a Numância, em Espanha.61

Não tardou muito que se tornasse amigo de Públio Rutílio Rufo e do príncipe Jugurta da Numídia, visto que eram todos da mesma idade, e Cipião Emiliano, que lhes chamava o Trio Terrível, demonstrava grande estima por eles. Nenhum dos três provinha das altas esferas de Roma. Jugurta era um perfeito desconhecido, a família de Públio Rufo não estava no Senado há mais de cem anos e até agora ainda não conseguira chegar ao consulado, e Caio Mário provinha de uma família de proprietários rurais. Naquela altura, era claro que nenhum deles tinha qualquer interesse pela política romana; tudo o que lhes interessava era a carreira das armas.

Mas Caio Mário era um caso muito especial. Nascera para ser soldado, mas mais que isso, nascera para chefiar soldados.

- Sabe o que deve fazer e como fazê-lo - disse Cipião Emiliano, soltando um suspiro que podia ser de inveja. Não era que Cipião Emiliano não soubesse o que devia fazer e como fazê-lo, mas ouvia falar os generais na sala de jantar e conhecia bem o grau de espontaneidade inata contida na sua própria carreira militar. Pouquíssima, para dizer a verdade. O grande talento de Cipião Emiliano consistia na organização, e não na sua carreira militar. Acreditava que se uma campanha fosse exaustivamente delineada

na sala de projectos, mesmo antes do alistamento do primeiro soldado, pouco importava o valor militar para o resultado final.

Era aí que Caio Mário estava à vontade. Aos dezassete, ainda era pequeno e magro. Sempre fora uma criança que comia mal e a mãe estragava-o com mimos, enquanto o pai secretamente o desprezava. Depois, atou firmemente o primeiro par de botas militares e afivelou as placas de uma boa couraça de bronze sobre as suas sólidas vestes interiores de couro. E cresceu em mente e espírito até suplantar todos, não só física e intelectualmente, mas também em força, coragem e independência. Até ao ponto em que a mãe começou a rejeitá-lo e foi a vez de ser o pai a inchar de orgulho por ele.

Na opinião de Mário, não havia vida como aquela, ser parte integrante da maior máquina militar que o mundo alguma vez tivera - a legião romana. Nenhuma marcha de treino era demasiado árdua, nenhuma lição de esgrima era longa ou imoral, nenhuma tarefa demasiado humilhante para conter a maré enchente do seu enorme entusiasmo. Não lhe importava muito o que lhe mandavam fazer, desde que continuasse no exército.

Foi também na Numância **que encontrou o cadete de dezassete anos** que viera de Roma para se **juntar às tropas especiais de Cipião Emiliano**62

a pedido expresso deste. Esse rapaz era Quinto Cecílio Metelo, o irmão mais novo do Cecílio Metelo que, após uma campanha contra as tribos dos montes Dalmáticos do llírico, viria a adoptar o cognome de Dalmático e fazer-se nomear Pontifex Maximus, a maior honra na religião do Estado.

O jovem Metelo era um Cecílio Metelo típico: trabalhador dedicado, sem qualquer jeito para trabalhos de mãos, mas determinado a fazê-los e convencido de que os fazia na perfeição. Embora a lealdade à sua classe impedisse Cipião Emiliano de dizê-lo, talvez o irritasse o

rapaz de dezassete anos versado em todos os assuntos, porque Cipião o entregou aos cuidados do Trio Terrível, Jugurta, Rutílio Rufo e Mário, pouco depois de oJovem Metelo ter chegado à Numância espanhola. Não tendo idade para se compadecerem, ficaram tão ressentidos como desagradados por lhes ter sido entregue essa mó obstinada. E vingaram-se no jovem Metelo; não cruelmente, apenas com dureza.

Enquanto a Numância resistia e Cipião Emiliano estava ocupado, o rapaz aguentou a sua sorte. Depois, a Numância caiu. Foi virada ao contrário, estripada. E todos, desde o mais alto oficial até ao mais baixo soldado, receberam autorização para se *embriagarem.* O Trio Terrível também se embebedou. Tal como Quinto Cecílio Metelo, pois calhara ser o seu aniversário: fazia dezoito anos. E o Trio Terrível achou que tinha muita piada atirar o aniversariante para dentro de um chiqueiro.

Saiu do meio da porcaria já sóbrio, praguejando de raiva e de rancor.

- Seus... Seus míseros novos-ricos! Quem pensam que são? Deixem-me dizer-lhes! Tu não passas de um estrangeiro seboso, Jugurta! Não serves nem para lamber as botas a um romano! E tu és um adulador arrogante, Rutílio! Quanto a ti, Caio Mário, não passas de um italiano provinciano que não sabe uma palavra de grego! Como se atrevem? Como *se atrevem?* Não vêem quem sou *eu?* Não entendem de que família provenho? Sou um Cecílio Metelo, e nós éramos reis da Etrúria antes que se pensasse sequer na existência de Roma! Durante meses sofri os vossos insultos, mas agora basta! Tratarem-me como um subordinado, como fosse *eu* o inferior! Como se atrevem? Como se *atrevem?*

Jugurta, Rutílio Rufo e Caio Mário ficaram a abanar-se suavemente no alto da vedação do chiqueiro, com olhos de mocho, de expressão parada no rosto. Então, Públio Rutífio Rufo, que era um desses indivíduos raros, de erudição tão profunda quanto eram práticos os seus conhecimentos militares, passou uma perna por cima da

vedação e conseguiu equilibrar-se escarranchado nela, com um sorriso rasgado.63

- Não me entendas mal, aprecio de facto tudo o que disseste, Quinto CecílIO - disse. - Mas o problema é que tens na cabeça esterco de porco, no lugar da coroa, ó Rei da Etrúria! - Ouviu-se uma risada. - Vai tomar um banho, e a seguir, volta a contar-nos. Talvez consigamos ouvir-te sem nos rirmos.

Metelo levantou a mão e esfregou a cabeça com fúria, demasiado enraivecido para aceitar conselhos sensatos, especialmente quando transmitidos com um sorriso daqueles.

- Rutílio! - proferiu. - Que nome é esse, a adornar as listas do Senado? Umas nulidades de Osca, é o que vocês são! *Campónios!*

- Vá lá! - disse Rutílio gentilmente. - O meu etrusco chega para traduzir o significado de ”Metelo” para latim, bem sabes. - Saltou do sítio onde estava sentado na vedação e olhou para Jugurta e Mário. Significa ”livre do serviço como mercenário” - disse-lhes em tom grave.

Era demasiado. O jovem Metelo atirou-se a Rutílio Rufo e fê-lo aterrar no cheiroso lamaçal, onde os dois rolaram, brigaram e se esmurraram sem força suficiente para se magoarem até Jugurta e Mário decidirem que se estava *bem ali,* e mergulharam para junto deles. Fazendo alarido com as suas gargalhadas, meteram-se na lama no meio dos porcos mais insolentes, que, como porcos insolentes que eram, não resistiam a investigá-los completamente. Quando o Trio Terrível parou de se sentar em cima de Metelo e de esfregar nele os excrementos, o rapaz levantou-se com esforço e desapareceu.

- Hão-de pagar-mas por isto! - disse entredentes

- Vê lá se tens juízo! - disse Jugurta, dando largas a uma alegria ruidosa.

Mas a roda, pensou Caio Mário enquanto saía do banho e pegava na toalha para se enxugar, dá a volta completa, faça-se o que se fizer. Os impropérios vindos da boca do fedelho de uma casa nobre não deixavam de ser impropérios. Afinal quem eram eles, o Trio Terrível da Numância. Eram, um estrangeiro sebento, um arrogante curtidor de favores e um campónio italiano que não sabia grego. Era só isso que eram. Roma havia-lhes ensinado bem a verdade das coisas.

Jugurta deveria ter sido reconhecido rei da Numídia já há vários anos, trazido com firmeza e amabilidade para o curral dos reis-clientes de Roma, e mantido aí com bons conselhos e jogo limpo. Em vez disso,64

sofrera a inimizade implacável de toda a facção de Cecílio Metelo, e estava agora em Roma metido entre a espada e a parede, enfrentando o último combate contra um grupo de pretendentes ao trono da Numídia, obrigado a comprar o que o seu valor e capacidade deviam ter-lhe proporcionado de graça e às claras.

E o pequeno cabeça de vento do Públio Rutílio Rufo, o pupilo favorito de Panécio, o filósofo, admirado por todo o Círculo Cipiónico - escritor, soldado, Pessoa de espírito, político de excelência extraordinária - perdera o consulado no mesmo ano em que Mário muito a custo alcançara o pretorado. Não só as origens de Rutílio não eram suficientemente boas, como também incorrera na inimizade dos Cecílios Metelos, e isso significava que, tal como jugurta, passava a ser inimigo de Marco Emílio Escauro, estreitamente aliado aos Cecílios Metelos, e glória principal da sua facção.

Quanto a Caio Mário, como diria Quinto Cecílio Metelo Suíno, tinha-se saído melhor do que faria qualquer provinciano italiano sem conhecimentos de grego. Porque decidira vir para Roma tentar a ascensão política? Era simples. Porque Cipião Emiliano (tal como a maioria dos patrícios mais importantes, Cipião Emiliano não era snobe) pensava que ele deveria vir. Era um homem demasiado bom

para se desperdiçar assim, sucedendo a um proprietário rural, dissera Cipião Emiliano. Ainda por cima, se não se tornasse pretor nunca poderia vir a comandar um exército em Roma.

Portanto, Caio Mário candidatou-se a tribuno da plebe dos soldados, entrou com facilidade, a seguir apresentou-se como candidato a questor, foi aprovado pelos censores - e viu-se, um provinciano italiano que não sabia grego, membro do Senado de Roma. Fora surpreendente! A sua família no Arpino ficara espantada! Tivera o seu tempo de serviço e conseguira disputar uma pequena promoção. Estranho era ter o apoio de Cecílio Metelo a garantir-lhe a eleição para tribuno da plebe na época duramente reaccionária que se seguira à morte de Caio Graco. Quando Caio Mário tentara pela primeira vez a eleição para o Colégio de Tribunos da Plebe, não conseguira entrar; no ano em que entrara, a facção de Cecílio Metelo estava convencida de que o havia conquistado. Até ele mostrar o contrário, agindo vigorosamente para preservar a liberdade da Assembleia da Plebe, não mais ameaçada pelo domínio do Senado do que após a morte de Caio Graco. Lúcio Cecílio Metelo Dalmático tentou forçar a promulgação de uma lei que reduzia os poderes legislativos da Assembleia da Plebe e Caio Mário vetou-a. E Caio Mário não podia ser persuadido, aliciado ou forçado a retirar o seu veto.

65

Mas aquele veto saiu-lhe caro. Após um ano como tribuno da plebe, tentou concorrer a uma das duas magistraturas edis, apenas para ser derrotado pelo *lobby* de Cecílio Metelo. Então, lutou tenazmente pela pretura, e mais uma vez esbarrou com a oposição de Cecílio Metelo. Sob as indicações de Metelo Dalmático, ambos haviam usado o tipo de difamação habitual - era impotente, maltratava rapazinhos, comia excrementos, pertencia a sociedades secretas ligadas aos vícios báquicos e órficos, aceitava todos os tipo de subornos, dormia com a irmã e a mãe. Mas também tinham utilizado uma forma mais insidiosa de difamação e de modo mais eficaz:

disseram muito simplesmente que Caio Mário não era romano, que Caio Mário era um provinciano italiano qualquer, e que Roma podia criar filhos verdadeiros suficientes para que não fosse necessário eleger um Caio Mário para o cargo de pretor. Era um argumento eficaz.

Os menos críticos pensaram que, em comparação com as outras, a calúnia mais arrasadora de todas era a inferência perpétua de que Caio Mário não podia ser aceite por não saber grego. A afronta não era verdadeira; ele falava muito bem grego. No entanto, os seus tutores eram gregos asiáticos o pedagogo provinha de Lâmpsaco, no Helesponto, e o *grammaticus* era de Amiso, na costa do Ponto e falavam grego com um sotaque cerradíssimo. Por isso, Caio Mário aprendera grego com um tom fanhoso que o estigmatizava como impropriamente educado como um tipo de pessoa comum, mal-educada. Foi obrigado a considerar-se derrotado; não falar grego ou falar imenso grego asiático, dava o mesmo efeito. Consequentemente, ignorava a calúnia recusando-se a falar a língua que indicava que um homem era suficientemente educado e conhecedor.

Não fazia mal. Ficara à tangente em último lugar entre os pretores, mas apesar de tudo ficara. *E* sobrevivera a um assalto de subornos forjado contra ele logo a seguir à eleição. Suborno! Como se ele tivesse tido possibilidades para isso! Não, naquela altura não tinha o dinheiro necessário para comprar uma magistratura. Mas felizmente havia entre os eleitores bastantes homens que já conheciam o seu valor como soldado ou então tinham ouvido falar dele a alguém que o conhecia. O eleitorado romano demonstrava sempre um fraco por um soldado excelente, e foi esse fraco que ganhou por ele.

O Senado enviou-o para a Espanha Ulterior como governador, pensando que assim ficaria longe da vista, longe do coração, e talvez até fosse útil. Mas como era um militar primoroso, prosperou.66

Os Iberos - especialmente as tribos meio-submetidas do oeste lusitano e do noroeste cantábrico - eram exímios num tipo de guerra que não se adaptava à maioria dos comandantes romanos, tal como não era adequada às legiões romanas: nunca iniciavam a batalha da maneira tradicional, não davam nenhuma importância ao princípio universalmente aceite de que era preferível jogar tudo na hipótese remota de uma batalha decisiva a incorrer nos terríveis custos da guerra prolongada. Os Iberos já haviam percebido que estavam a lutar uma guerra prolongada, uma guerra que tinham de continuar, se quisessem preservar a sua identidade celtibérica; estavam empenhados numa luta contínua pela independência social e cultural.

Mas certamente por não terem dinheiro para manter uma guerra prolongada, fizeram uma guerra civil. Nunca davam combate. Em vez disso, lutavam fazendo emboscadas, assaltos, assassínios e devastando os bens do inimigo. Ou seja, os bens dos Romanos. Nunca apareciam onde eram esperados, nunca marchavam em coluna, nunca se reuniam fosse em que quantidade fosse, nunca eram identificáveis pelos uniformes ou pelas armas. Limitavam-se a atacar de surpresa. Pareciam surgir do nada. E depois, desapareciam sem deixar rasto nos magníficos desfiladeiros das suas montanhas, como se nunca tivessem existido. Quem fosse inspeccionar uma pequena cidade acusada pelos serviços secretos romanos de participar num massacre bem orquestrado encontrava-a tão pacífica, inocente e irrepreensível como um burro dócil e paciente.

Era uma terra fabulosamente rica, a Espanha. Por isso, todos haviam querido possuí-la. Os indígenas ibéricos originais cruzavam-se há séculos com elementos célticos invasores que entravam pelos Pirenéus, e as incursões de Berberes e Mouros através dos estreitos que separam a Espanha da África tinham enriquecido ainda mais o cadinho local de raças.

Depois, há mil anos, vieram os Fenícios de Tiro, de Sídon e de Bérito na costa síria, e depois deles os Gregos. Duzentos anos antes,

tinham vindo os Cartagineses, eles próprios descendentes dos Fenícios sirios que haviam fundado um império com base na Cartago africana; e terminara assim o isolamento relativo da Espanha. Porque os Cartagineses vinham para Espanha com o intuito de extrair os seus metais: ouro, prata, chumbo, zinco, cobre e ferro. As montanhas espanholas eram ricas de todos esses metais, e em toda a parte no mundo a procura de bens criados à custa de uns e a riqueza criada à custa de outros aumentavam rapidamente. O poder67

cartaginês baseava-se no minério espanhol. Até o estanho vinha de Espanha, embora não se encontrasse aí; era extraído nas Cassitérides da fábula, as ilhas de Estanho algures nos confins do globo habitado, chegava a Espanha pelos pequenos portos cantábricos e percorria as rotas de comércio espanholas até às praias do mar Central.

Os Cartagineses, povo marítimo, haviam possuído a Sicília, a Sardenha e também a Córsega, o que significava que mais cedo ou mais tarde deveriam ter dificuldades com Roma, destino que os acometera cento e cinquenta anos antes. E três guerras depois três guerras que lhes levaram mais de cem anos a combater Cartago estava morta, e Roma tinha adquirido a primeira das suas colónias ultramarinas. Incluindo as minas de Espanha.

O sentido prático de Roma vira de imediato que a Espanha era melhor governada a partir de duas localidades diferentes; a península dividia-se nas duas províncias da Espanha Citerior Hispania Citerior e Espanha Ulterior Hispania Ulterior. O governador da Espanha Ulterior controlava todo o Sul e Oeste do país a partir de uma base nas terras do interior imensamente férteis do rio Bétis, que tinha a antiga cidade fenícia de Gades perto da sua foz. O governador da Espanha Citerior dominava todo o Norte e Leste da península, a partir de uma base na planície costeira oposta às ilhas Baleares, e mudava de capital de acordo com as necessidades. As

terras do longínquo Oeste a Lusitânia e as terras do Noroeste a Cantábria permaneceram intactas durante muito tempo.

Apesar do exemplo dado por Cipião Emiliano à Numância, as tribos de Espanha continuaram a resistir à ocupação romana com emboscadas, assaltos, assassínios e devastação da propriedade. ”Bem”, pensou Caio Mário deparando com este interessante cenário ao chegar à Espanha Ulterior com as funções de governador, ”também posso lutar através de emboscadas, assaltos, assassínios e devastação da propriedade!” E começou a fazê-lo com grande êxito. As fronteiras da Espanha romana foram forçadas até à Lusitânia e à poderosa cadeia de montanhas ricas de minérios onde nasciam os rios Bétis, Anãs e Tejo.

Não era exagero nenhum dizer que a fronteira romana avançou, e os conquistadores romanos continuaram a encontrar depósitos de minérios cada vez mais ricos, especialmente prata, cobre e ferro. E, naturalmente, o governador da província que obtivera as novas fronteiras em nome de Roma estava na linha da frente dos que adquiriram concessões de terras ricas de minérios. O Tesouro de Roma ficou com a sua parte, mas preferiu deixar a posse das minas e a extracção dos minérios nas mãos de68

particulares, que o faziam com muito mais eficácia e com um tipo de crueldade exploradora muito mais consistente.

Caio Mário enriqueceu. Depois, enriqueceu mais. Todas as novas minas lhe pertenciam total ou parcialmente; isto tornou-o sócio comanditário das grandes companhias que se libertavam das suas obrigações para se dedicarem a todo o tipo de operações comerciais - desde a compra, venda e embarcação de cereais até ao comércio bancário e às obras públicas - por todo o mundo romano, e também na própria cidade de Roma.

Regressou de Espanha tendo sido votado *imperator* pelas suas tropas, o que significava que tinha o direito de se candidatar ao

Senado para alcançar o triunfo; considerando a quantidade de pilhagens, impostos e tributos que adicionara aos rendimentos gerais, o Senado não podia fazer mais que corresponder aos desejos dos soldados. E por isso, Mário conduziu a antiga quadriga triunfal ao longo da via tradicional na parada da vitória, antecedido pela prova amontoada das suas vitórias e depredações, com os carros alegóricos representando quadros e geografia e estranhas vestes tribais; e sonhava ser cônsul dentro de dois anos. Ele, Caio Mário, do Arpino, o provinciano italiano desprezado que não sabia grego, havia de ser cônsul da cidade mais importante do mundo. E voltaria a Espanha para terminar a sua conquista e transformá-la num próspero par de províncias incontestavelmente romanas. Mas haviam passado cinco anos desde que regressara a Roma. *Cinco anos!* A facção de Cecílio Metelo tinha finalmente triunfado: agora, já nunca viria a ser cônsul.

- Penso que vou vestir o fato de linho de Quios - disse Mário ao servo particular, que aguardava ordens. Muitos homens no lugar de Mário teriam permanecido na água do banho e pedido que fossem esfregados, coçados e massajados pelos escravos, mas Caio Mário preferia fazer ele mesmo as tarefas sujas, mesmo agora. Aos quarenta e sete anos ainda era um homem de óptima figura. O físico não o envergonhava em aspecto nenhum! Por mais ociosos que fossem os seus dias, fazia sempre bastante exercício, praticava com os halteres e os pesos, nadava se pudesse várias vezes ao longo do Tibre até ao limite a que chamavam o Trigarium, e a seguir corria desde o distante Campo de Marte até à sua casa nos flancos do Arx do Capitólio. O seu cabelo começava a rarear um pouco no alto da cabeça, mas ainda tinha suficientes caracóis castanho-escuros para os pentear para a frente num penteado respeitável. Isso. Tinha de ser. Se nunca69

fora uma beldade, nunca o viria a ser. Tinha um belo rosto (aliás, tinha mesmo um rosto muito expressivo), mas não podia rivalizar com o de Caio Júlio César!

Era interessante. Porque se daria ele a tanto trabalho com o cabelo e as roupas para o que prometia ser uma pequena refeição familiar na sala de jantar de um modesto senador de segunda ordem? Um homem que nem tinha sido edil, para já não falar em pretor. Escolhera vestir nada **menos que o fato de linho grego de Quios!** Comprara-o alguns anos antes, sonhando com os banquetes que iria oferecer durante o seu consulado e nos anos seguintes, quando fosse um dos estimados ex-cônsules, os consulares, como eram conhecidos.

Era aceitável uma pessoa vestir-se para um banquete particular com roupas menos austeras que a toga branca e a túnica, que tinham por único enfeite uma faixa púrpura; e a túnica tecida de linho de Quios adornada com colgaduras era um espectáculo sumptuoso de ouro e púrpura. Felizmente, não havia leis limitativas dos gastos privados do Estado que impedissem um homem de se vestir com tantos enfeites e luxo quanto lhe apetecesse. Havia apenas uma *Lex Licinia,* que regulamentava a quantidade de raridades culinárias que um homem podia ter à mesa - e ninguém ligava a isso. Além de que Caio Mário tinha muitas dúvidas de que a mesa de César estivesse cheia de peixes deliciosos e de ostras.

Nem por um momento ocorreu a Caio Mário procurar a mulher antes de partir. já há alguns anos que a esquecera - se é que de facto alguma vez se lembrara dela. O casamento efectuara-se durante o limbo assexuado da infância e prolongou-se pelo limbo assexuado da falta de amor ou mesmo de afinidades em adultos durante vinte e cinco anos sem filhos. Um homem com tantas inclinações marciais e fisicamente tão activo como era Caio Mário só procurava consolo sexual quando a sua ausência era lembrada por algum encontro ocasional com uma mulher atraente, e a sua vida não se tinha notabilizado pela existência de muitas. Apenas de tempos a tempos gozava uma ligeira estroinice com qualquer bela mulher que o atraísse (se ela estivesse disponível e disposta), ou com uma rapariga da casa, ou (em campanha) com alguma cativa.

Mas Grânia, a sua mulher? Esquecera-a, mesmo quando estava a menos de dois pés de distância, recordando-lhe que gostaria que dormissem juntos as vezes que bastassem para conceber uma criança. Coabitar com Grânia era como conduzir uma marcha de treino através de um nevoeiro

impenetrável. O que se sentia era tão amorfo que se ia comprimindo, transformando-se numa coisa bem diferente, mas do mesmo modo não identificada. Ocasionalmente, notava-se uma mudança na temperatura ambiente, restos de humidade num

substracto habitualmente pegajoso. Quando o clímax chegava, se ele abria a boca, era para bocejar.

Não sentia a mínima pena de Grânia. Nem tentou alguma vez entendê-la. Simplesmente era a mulher dele, a sua velha ave de capoeira que nunca tivera plumagem vigorosa, nem na juventude. O que ela fazia durante os dias - ou noites - desconhecia-o Mário, e também não o preocupava. Grânia a levar uma vida dupla de depravação licenciosa? Se alguém o tivesse sugerido, ter-se-ia rido até às lágrimas. E teria boas razões para isso. Grânia era tão casta quanto era porca. Não havia comparação entre Cecília Metela (a impúdica, que era irmã de Dalmático e Metelo Suíno e mulher de Lúcio Licínio Lúculo) e Grânia de Putéolos!

As suas minas de prata pagaram a casa no Arx do Capitólio, do lado do Campo de Marte que dava para as Muralhas Sérvias, os terrenos mais caros de Roma; as suas minas de cobre pagaram os mármores coloridos que revestiam as colunas de tijolo e cimento e as divisões e pavimentos; as suas minas de ferro pagaram os serviços do melhor pintor de murais de Roma para preencher os espaços rebocados entre as pilastras e as divisões com cenas de caçadas ao veado e jardins de flores e paisagens em *trompe Poeil;* as suas parceiras de cama de várias grandes companhias pagaram as estátuas e os Hermes, as fabulosas mesas de madeira de cidreira sobre os seus pedestais de marfim embutido a ouro, os canapés e cadeiras de ouro e com incrustações, os cortinados gloriosamente bordados, as portas de bronze fundido; o próprio Himeto arranjara o enorme jardim do peristilo, dando tanta atenção à subtil combinação de perfumes como às cores dos botões; e o grande Dólico criara o grande tanque central com as suas fontes e peixes e lírios e lódãos e soberbas esculturas de tamanho maior do que o natural de tritões, nereides, ninfas, golfinhos e serpentes marinhas de movimentos ondulantes.

A tudo isto, diga-se de passagem, Caio Mário não ligava a menor importância. Não passava de espectáculo obrigatório. Dormia numa

cama de campanha no quarto mais pequeno e simples da casa, apenas com a bainha e a espada penduradas numa parede e a velha capa militar noutra, tendo por único relampejo de cor a bandeira do *vexillum,* bastante suja e esfrangalhada que a sua legião preferida lhe dera quando a campanha em Espanha chegou ao fim. Ah! Isso é que era vida para um homem!71

O único valor que o consulado e o cargo de pretor tinham para Caio Mário era o facto de ambos darem acesso ao comando militar mais elevado. Mas cônsul muito mais do que pretor! E a partir de agora já sabia que nunca viria a ser cônsul. Não iriam votar num homem insignificante, por mais dinheiro que tivesse.

Caminhava com um clima do mesmo tipo do do dia anterior, uma horrível chuva miudinha e uma humidade penetrante, esquecendo - o que era bastante habitual - que trazia uma fortuna às costas. No entanto, pusera o seu *sagum* de campanha sobre os enfeites - uma capa espessa, engordurada e malcheirosa que protegia dos frios dolorosos dos desfiladeiros alpinos ou das chuvadas de dias em Epiro. Era o tipo de vestimenta de que precisava um soldado. Chegava-lhe um cheiro forte e nauseabundo às narinas como a exalação de vapor de uma padaria, de abrir o apetite, voluptuoso, vivamente acalentador.

- Entra, entra! - disse Caio Júlio César, recebendo ele mesmo o seu convidado à porta e estendendo as mãos bem feitas para receber o horrível *sagum.* Mas depois de lhe ter pegado, não o passou de imediato ao escravo de serviço com receio de que o cheiro se lhe colasse à pele; em vez disso, acariciou-o com respeito antes de o entregar cuidadosamente.

- Eu diria que este já viu bastantes campanhas - comentou então, não pestanejando à visão de Caio Mário em toda a ostentação grosseira de um fato de linho grego de Quios em ouro e púrpura.

- Foi o único *sagum* que possuí em toda a vida - disse Caio Mário, não dando pelo facto de o seu drapeado de tecido de Quios ter tombado do avesso.

- Lígure?

- Claro. O meu pai deu-mo novinho a estrear quando fiz dezassete anos e fui em serviço como cadete. Mas digo-te - continuou Caio Mário sem reparar no tamanho reduzido e na simplicidade da casa de Caio Júlio César, enquanto passava para a sala de jantar -, quando chegou a minha vez de equipar e vestir as legiões, verifiquei se todos os homens recebiam capas destas; não se podia esperar que continuassem de boa saúde se ficassem todos molhados ou gelados até aos ossos - pensou em qualquer coisa decerto importante e acrescentou rapidamente: - É evidente que não lhes cobrei mais do que o preço médio para artigos militares! Qualquer comandante que valha o pão que come devia poder ficar com os custos extra das pilhagens suplementares.

- E tu vales o pão que comes, bem sei - disse César ao sentar-se no canto esquerdo do leito do meio, indicando ao convidado o lugar da direita, que era o lugar de honra.

Os servos retiraram-lhes os sapatos, e, quando Caio Mário recusou os vapores de um braseiro, ofereceram meias; ambos os homens aceitaram, e ajustaram a seguir o ângulo de inclinação adaptando os coxins que tinham debaixo dos ombros a uma posição confortável. O criado que servia o vinho avançou, auxiliado por outro que transportava as taças.

- Os meus filhos devem estar a chegar, e as senhoras virão antes de começarmos a comer - disse César, levantando a mão para indicar que não queria mais vinho. - Espero, Caio Mário, que não julgues avareza da minha parte se te pedir respeitosamente que o tomes como eu, com bastante água. Tenho um motivo muito válido, mas não creio que possa explicar-to tão cedo. Simplesmente, a única razão que posso dar-te desde já é que nos ajuda a manter-nos na posse total das nossas capacidades. Além do mais, as senhoras sentem-se pouco à vontade quando vêem os homens beber vinho sem água.

- Beber vinho não faz parte das minhas fraquezas - respondeu Caio Mário, descontraindo-se e fazendo sinal de parar ao criado mal ele começara a servir e mandando encher o copo de água quase até ao cimo. - Se um homem se preocupa o bastante com a sua companhia para aceitar um convite para jantar, deve usar a língua para falar, e não para a enrolar.

- Bem dito! - gritou César, sorridente.

- No entanto, estou imensamente intrigado!

- A seu tempo ficarás ao corrente de tudo.

Tombou o silêncio. Os dois homens beberam pouco à vontade um gole daquela água com sabor a vinho. Como se conheciam apenas de se cumprimentarem ao passar, um senador a outro, esta oferta inicial de amizade não podia deixar de ser difícil. Especialmente por o anfitrião ter embargado a única coisa que podia pô-los mais rapidamente à vontade: o vinho.

César aclarou a garganta e pousou a taça sobre a mesa estreita que chegava mesmo abaixo do canto interior do leito.

- Suponho, Caio Mário, que não estás entusiasmado com o lote de magistrados deste ano - disse.

- Deuses, não! Não mais do que tu, penso.

- São fracos, é certo. Por vezes penso se **teremos razão em insistir que as magistraturas durem** apenas um ano. Talvez quando **tivermos a sorte**73

de pôr no cargo um homem verdadeiramente bom devamos deixá-lo ficar já mais tempo, para fazer mais coisas.

- É uma tentação, e se os homens não fossem homens, poderia resultar - disse Mário.

- Mas existe um impedimento.

- Um impedimento?

- Quem irá dizer-nos que um bom homem éde facto um bom homem? Ele mesmo? O Senado? As Assembleias do Povo? Os cavaleiros? Os votantes, sujeitos incorruptíveis como são, insensíveis a subornos?

César riu-se.

- Bem, sempre pensei que Caio Graco era um bom homem. Quando concorreu pela segunda vez ao lugar de tribuno da plebe, apoiei-o Caiorosamente, tal como também apoiei a sua terceira tentativa. Não é que o meu apoio conte muito, só pelo facto de ser patrício...

- E aí tens, Caio Júlio - disse Mário com tristeza. - Sempre que Roma consegue fazer com que apareça um bom homem, ele é derrubado. E é derrubado porquê? Porque se preocupa mais com Roma do que com a família, a facção, ou as finanças.

- Não penso que isso se aplique apenas aos Romanos - disse César, levantando as delicadas sobrancelhas até franzir o sobrolho. - As pessoas são o que são. Vejo poucas diferenças entre Romanos, Gregos, Cartagineses, Sírios e muitos outros que queiras referir, pelo menos no que diz respeito à inveja ou à ambição. A única forma que o melhor homem para o cargo tem de mantê-lo para cumprir as suas potenciais sugestões é tornar-se rei. De facto, e não só por título.

- E Roma nunca aceitaria um rei - disse Mário.

- Não aceitou, nos últimos quinhentos anos. Cansámo-nos de reis. É estranho, não é? A maior parte do mundo prefere o regime absoluto. Mas nós, Romanos, não. Nem os Gregos.

Mário sorriu ironicamente.

- Isso acontece porque Roma e a Grécia estão cheias de homens que se consideram todos reis. E afinal Roma não se transformou numa democracia verdadeira lá por termos corrido com os nossos reis.

- Claro que não! A democracia verdadeira é um dos inatingíveis filosóficos gregos. Repara na barafunda que os Gregos fizeram dela; por isso, que hipótese temos nós, sensatos romanos? Roma é o domínio de muitos por alguns: as Famílias Importantes - César pronunciou a frase com indiferença.

- E um Homem Novo, ocasionalmente - disse Caio Mário, Homem Novo.74

- E um Homem Novo, ocasionalmente - concordou César com serenidade.

Os dois filhos da casa de César entraram na sala de jantar exactamente como devem comportar-se os rapazes novos: de um modo másculo, e no entanto com deferência, mais comedidos do que tímidos, não se pondo em evidência mas também não tentando passar despercebidos.

Sexto Júlio César era o mais velho, ia fazer vinte e cinco anos, era alto e com o cabelo de um bronze aloirado, de olhos acinzentados. Habituado a avaliar os jovens, Caio Mário detectou uma estranha sombra nele: havia uma leve marca de exaustão na pele por baixo dos olhos, e tinha os lábios apertados, mas não da forma correcta.

Caio Júlio César Júnior, que ia fazer vinte e dois anos, mais robusto do que o irmão e até mais alto, era um rapaz de cabelos de um louro dourado e olhos azuis brilhantes. Devia ser inteligentíssimo, pensou Mário, mas não muito convincente ou opinioso.

juntos, formavam um bonito par de irmãos, de feições romanas, elegantes, que qualquer senador romano ambicionaria procriar. Senadores do futuro.

- Tiveste sorte com os teus filhos, Caio Júlio - disse Mário, enquanto os rapazes se sentavam no leito, dispostos no ângulo recto à direita do pai; a menos que estivessem à espera de outros convidados (ou então, era uma dessas casas escandalosamente progressistas onde as mulheres se deitavam para jantar), o terceiro leito, no ângulo recto à esquerda de Mário, deveria ficar vago.

- Sim, penso que tive sorte - disse César, sorrindo para os filhos com uma expressão tanto de amor como de respeito. Depois, apoiando-

se no cotovelo, voltou-se para poder olhar para Mário, e a expressão mudou para uma curiosidade cortês. - Não tens filhos, pois não?

- Não - disse Mário sem qualquer mágoa.

- Mas és casado?

- Suponho que sim! - disse Mário, e riu. - Nós, os militares, somos todos iguais. A nossa verdadeira vida é o exército.

- Acontece - disse César, e mudou de assunto.

A conversa de antes do jantar era cultivada, bem-disposta e muito delicada, reparou Mário; ninguém daquela casa tinha necessidade de deitar abaixo outra pessoa que lá vivesse, todos mantinham excelentes relações uns com os outros, não se fazia sentir nenhuma discordância latente. Ficou **curioso de saber como seriam as mulheres,** pois o pai, afinal de contas,75

era apenas em parte a causa daquele resultado feliz; embora fosse casado com um pudim de Putéolos, Mário não era parvo, e não sabia de nenhuma mulher da nobreza romana que não tivesse grande influência no que dizia respeito à educação dos filhos. Quer fosse devassa ou recatada, idiota ou intelectual, era sempre uma pessoa a considerar.

Então entraram as mulheres, Márcia e as duas Júlias. Arrebatadoras! Absolutamente arrebatadoras, incluindo a mãe. Os servos puseram cadeiras para elas no centro vazio do ”U” formado pelos três leitos e pelas mesas de jantar, e Márcia ficou sentada em frente ao marido, Júlia em frente de Caio Mário e Julilla sentada diante dos seus dois irmãos. Quando sabia que os pais não estavam a olhar para ela mas somente o convidado, deitava a língua de fora aos irmãos, como Mário reparou, divertido.

Apesar da ausência de peixe-zorro, e de ostras, e da presença do vinho fortemente aguado, foi um jantar encantador, servido por

escravos discretos e de ar satisfeito, que nunca abriam caminho indelicadamente entre as mulheres e as mesas, nem negligenciavam as suas obrigações. A comida era simples, mas excelentemente cozinhada, os sabores naturais das carnes, frutos e legumes não estavam disfarçados com essências duvidosas *de garum* e misturas esquisitas de especiarias exóticas do Oriente; era de facto o tipo de comida que o soldado Mário preferia.

Aves assadas com misturas simples de pão, cebolas e ervas do jardim, os mais leves pães acabados de cozer, duas variedades de azeitonas, pudins feitos de leve farinha de espelta com ovos e queijo, enchidos campestres grelhados na brasa e cobertos com uma fina camada de alho e mel diluído, duas excelentes saladas de alface, pepino, chalota e aipo (cada uma com um molho diferente à base de óleo e vinagre), e uma maravilhosa mistura ligeiramente estufada de bróculos, abóbora-menina e couve-flor coberta batida com óleo e avelã ralada. O azeite era doce e de primeira pressão, o sal era seco, e a pimenta - da melhor qualidade - mantida intacta até um dos comensais fazer sinal pedindo ao rapaz que tinha essa tarefa que moesse um pouco no almofariz com o pilão. A refeição terminou com pequenas tartes de frutos, uns cubos pegajosos de sementes de sésamo unidas com mel de tomilho, formas de massa cheias de picado de passas e embebidas em **xarope de figos, e dois queijos** esplêndidos.

- Arpino! - exclamou Mário, segurando uma fatia do segundo queijo, com a sua face de sobrancelhas salientes, momentaneamente parecendo anos mais novo. - Conheço bem este queijo! O meu pai fá-lo. O leite vem de **ovelhas de dois anos de idade, que apenas são ordenhadas depois**76

de terem pastado durante uma semana no prado do rio, onde cresce a erva-do-leite.

- Que bom! - disse Márcia, sorrindo-lhe sem qualquer sinal de afectação ou constrangimento. - Sempre gostei deste queijo, mas a

partir de agora passarei especialmente a procurá-lo. O queijo do Arpino feito por Caio Mário... O teu pai também é Caio Mário?

No momento em que foi levado o último prato, as mulheres levantaram-se para sair, sem tomarem uma gota de vinho, mas tendo jantado com apetite e bebido muita água.

Ao levantar-se, Júlia sorriu-lhe com o que pareceu estima sincera, reparou Mário; conversara delicadamente sempre que ele iniciara alguma conversa, mas não quis transformar o diálogo entre Mário e o pai numa conversa a três. No entanto, não parecera aborrecida; seguira o que os dois homens haviam dito com evidente interesse e compreensão. Era uma rapariga realmente amorosa, uma rapariga serena que, apesar disso, não parecia destinada a transformar-se num pudim.

A irmã mais nova, Julilla, era uma marota: encantadora, sim, mas também incontrolável, pensou Caio Mário. Mimada e teimosa e sabendo bem como manipular a família para levar a melhor. Mas havia nela uma coisa mais inquietante; ele sabia avaliar as raparigas com a mesma perspicácia com que analisava os rapazes. E Julilla provocou-lhe uma ligeira crispação; algures nela havia um defeito, Mário estava certo disso. Não era exactamente falta de inteligência, embora fosse menos culta do que a irmã mais velha e os irmãos e não se importasse nada com a sua ignorância. Não era bem vaidade, embora fosse óbvio que tinha consciência e grande estima pela sua beleza. Então, Caio Mário encolheu mentalmente os ombros e pôs de parte o problema e Julilla; não iria preocupar-se com o assunto.

Os jovens demoraram-se mais cerca de dez minutos, e a seguir pediram licença e saíram. Caíra a noite; o relógio de água começou a gotejar as horas das trevas, duas vezes mais longas que as de claridade. Estava-se no meio do Inverno, e finalmente o calendário estava de acordo com as estações, graças à exigência do Pontífice Máximo, Lúcio Cecílio Metelo Dalmático, que achava que as datas e as estações deviam coincidir - muito grego, de facto. O que

interessava, desde que os olhos e os órgãos que eram sensíveis à temperatura indicassem qual era a estação, e o calendário oficial exposto no Fórum Romano mostrasse que dia e mês eram?77

Quando os servos vieram acender as lamparinas, Mário notou que o óleo era da melhor qualidade, e os pavios não eram feitos de estopa grosseira mas sim de linho convenientemente tecido.

- Leio muito - disse César, seguindo o olhar de Mário e interpretando as suas observações com a mesma exactidão misteriosa que mostrara no encontro de olhos do dia anterior no Capitólio. - E infelizmente não durmo muito bem. Há anos, quando as crianças chegaram à idade de participar em conselhos de família, tivemos uma reunião especial em que decidimos que a cada um de nós devia **ser permitido um pequeno luxo.** Márcia escolheu uma cozinheira de primeira classe, recordo-me bem, mas como nos beneficiava directamente a todos, votámos que ela deveria ter um tear novo, o último modelo de Patávio, e sempre o tipo de fio de que gosta, apesar de ser muito mais caro. Sexto escolheu a possibilidade de visitar os Campos de Fogo atrás de Putéolos, várias vezes por ano.

Um olhar de ansiedade aflorou por momentos o rosto de César; e deu um suspiro profundo.

- Há certas características hereditárias nos júlios Césares - explicou -, a mais famosa das quais, além de sermos louros, e o mito de que todas as júlias nascem com o dom de fazerem felizes os seus homens. Uma dádiva da fundadora da nossa família, a deusa Vénus, embora nunca tenha ouvido dizer que Vénus tenha feito felizes muitos mortais. Nem Vulcano, nesse aspecto. Ou mesmo Marte! No entanto, é o que diz o mito das nossas mulheres. Mas há outros dotes menos salutares em alguns de nós, incluindo o que foi herdado por Sexto. já deves ter ouvido falar da doença: padece de arquejos. Quando tem um dos seus acessos, ouvimo-lo arquejar sem sabermos onde está, e nos piores ataques fica com a cara negra. já por várias vezes chegámos a **pensar que o perderíamos.**

Então era isso que estava escrito no sobrolho do jovem Sexto! Arquejava, o desgraçado. Isso iria atrasar-lhe a carreira, sem dúvida.

- Sim - disse Caio Mário. - Conheço a doença. Meu pai diz que é sempre pior quando o ar está cheio de folhelhos, durante as colheitas, ou de pólen, no Verão, e que os que sofrem desse mal devem afastar-se dos animais, especialmente dos cavalos e dos cães. Durante o serviço militar, mantém-no em movimento.

- Ele descobriu por si próprio - disse César, suspirando de novo.

- Termina a tua história acerca do conselho de família, Caio Júlio disse Mário, fascinado; assim tanta democracia não tinham eles na mais pequena *isonomia* da Grécia! Que estranhos eram estes júlios Césares!78

Para o olhar apressado de alguém de fora, eram perfeitamente correctos, os pilares patrícios da comunidade. Mas para uma pessoa de dentro, eram chocantemente pouco ortodoxos!

- Bem, o jovem Sexto escolheu ir regularmente aos Campos de Fogo, porque parece que os vapores sulfúricos lhe fazem bem - disse o pai. Continuam a fazer, e ainda lá vai.

- E o mais novo? - perguntou Caio Mário.

- Caio disse que só havia uma coisa no mundo que pretendia como privilégio, embora não se pudesse considerar um luxo. Pediu que o autorizassem a escolher a mulher.

As sobrancelhas de Mário, peludamente vivas, dançavam para cima e para baixo.

- Deuses! E concedeste-lhe esse privilégio?

- Sim!

- E se o rapaz faz o truque habitual e se apaixona por uma devassa, ou por uma prostituta velha?

- Casa com ela, se for esse o seu desejo. No entanto, não creio que o jovem Caio seja assim tão tolo. Tem a cabeça bem assente nos ombros disse o pai baboso com tranquilidade.

- Então vocês casam-se à antiga maneira dos patrícios, *confarreatio,,* para o resto da vida? - acentuou Mário, mal acreditando no que ouvira.

- Sim!

- Deuses!

- A mais velha, júlia, também é muito ajuizada - continuou César. Optou por tornar-se membro da biblioteca de Fânio. Eu tinha pensado pedir exactamente a mesma coisa, mas não fazia sentido pertencermos os dois, e por isso associei-a a ela. A nossa bebé, a Julilla, não é nada sensata. Mas suponho que as borboletas não precisam da sabedoria para nada. Limitam-se - encolheu os ombros e sorriu de modo estranho - a alegrar o mundo. Eu odiaria um mundo sem borboletas. E já que fomos imprevidentes ao ponto de termos quatro filhos, é bom que a nossa borboleta só tenha vindo em último lugar. E tenha tido a graça de ser fêmea quando veio.

- O que pediu ela? - sorriu Caio Mário.

- Oh! Aquilo que esperávamos. Carnes doces e roupas.

- E tu, privaste-te de ser membro da biblioteca?

- Escolhi a melhor lamparina de óleo e os melhores pavios, e fiz negócio com a Júlia. Se eu pudesse requisitar os seus livros, ela poderia usar as minhas lamparinas para ler.79

Mário abandonou-se a um sorriso ocioso, apreciando enormemente o autor daquela pequena história moral. Como gozava uma vida simples, alegre e livre de invejas! Rodeado por uma mulher e pelos filhos a quem se esforçava por agradar, por quem se interessava como indivíduos. Assim, não era de admirar que fosse tão certeiro nas análises do carácter dos seus rebentos, e que tivesse a certeza de que o jovem Caio não iria buscar uma mulher aos esgotos da Subura.

Aclarou a garganta.

- Caio Júlio, esta noite tem sido absolutamente encantadora. Mas creio que chegou a altura de me dizeres por que tinha de ficar sóbrio.

- Se não te importas, primeiro mandarei embora os servos - disse César. - O vinho está aqui ao nosso alcance, e agora que chegou o momento da verdade, não precisamos de ser tão abstêmios.

A sua meticulosidade surpreendeu Mário, já habituado à completa indiferença com que as classes altas de Roma encaravam os seus escravos domésticos. Não era pelo modo como os tratavam, pois costumavam ser bons para o seu pessoal, mas sim porque pareciam pensar que eles eram seres inanimados e empalhados quando se tratava de poderem ouvir o que deveria ser privado. Era um hábito com o qual Mário nunca se conciliara; tal como César, o seu pai sempre acreditara firmemente na necessidade de mandar embora os servos.

- Eles fazem imensas intrigas - disse César quando se encontraram sozinhos atrás de uma porta fechada. - E nós temos vizinhos intrometidos dos dois lados. Roma pode ser muito grande, mas quando se trata de espalhar boatos no Palatino, não passa de uma aldeia! Márcia contou-me que várias amigas suas se rebaixam ao ponto de pagarem aos servos alguns boatos - *e* dão bónus quando

os boatos acertam! Além disso, os servos também pensam e sentem, por isso é melhor não os envolver.

- Tu, Caio Júlio, devias ter sido cônsul, e depois o nosso mais eminente consular, e a seguir deverias ter sido eleito censor - disse Mário com sinceridade.

- Estou de acordo contigo, Caio Mário. De facto devia! Mas não tenho dinheiro para ambicionar cargos tão elevados.

- Eu tenho dinheiro. É por isso que estou aqui? E **que me mantiveste** sóbrio?

César pareceu chocado.

- Meu caro Caio Mário, é **claro que não! Estou mais perto dos sessenta** do que dos cinquenta! **Neste estádio, a minha carreira pública já**80

está petrificada. Não, simplesmente estou preocupado com os meus filhos, e com os filhos deles, quando chegar a altura.

Mário sentou-se direito e virou-se no leito para encarar o convidado, que fez o mesmo. Como a sua taça estava vazia, Mário pegou no jarro e despejou um resto de vinho sem água, bebeu-o e fez uma expressão de espanto.

- É isto o que temos estado a aguar a noite inteira até perder o sabor?

- perguntou.

César sorriu.

- Não! Não sou assim tão rico, garanto-te. O vinho que aguamos era de uma colheita vulgar. Este, guardo-o para ocasiões especiais.

- Então, sinto-me lisonjeado - Mário olhou para César por baixo das sobrancelhas. - O que queres de mim, Caio Júlio?

- Auxílio. Em troca, auxiliar-te-ei - disse César, enchendo a sua taça do excelente vinho.

- E como se irá processar este auxílio mútuo?

- É simples. Tornando-te membro da família.

- O quê?

- Estou a dar-te a escolher das minhas duas filhas a que mais te agradar - disse César paciente.

- *Um casamento?*

- Com certeza que é um casamento!

- Oh! Isso é que é uma ideia! - Mário viu de imediato as possibilidades. Verteu mais um pouco do aromático Falerno na taça, e não disse nada.

- Todos serão obrigados a reparar em ti se a tua mulher for uma Júlia

- disse César. - Felizmente não tens filhos nem filhas. Por isso, qualquer mulher que tomes neste estádio da tua vida deve ser nova, e provir de uma estirpe fértil. É bastante compreensível que estejas à procura de outra mulher, ninguém ficará surpreendido. Mas se essa mulher for uma Júlia, pertence à melhor família patrícia, e os teus filhos terão nas veias o sangue dos Júlios. Indirectamente, o casamento com uma júlia enobrece-te, Caio Mário. Todos serão obrigados a ver-te de modo diferente do que te têm visto até agora. Porque o teu nome será elevado pela grande *dignitas,* o prestígio e o valor públicos, da família mais augusta de Roma. Dinheiro, não temos. Mas *dignitas,* isso temos. Os Júlios Césares são descendentes

directos da deusa Vénus através de lulo, filho do seu filho Eneias. E assim um pouco do nosso esplendor também passará para ti,81

César pousou a taça e suspirou, embora com um sorriso.

- Garanto-te, Caio Mário: de verdade! Não sou o filho mais velho da minha geração da família dos Júlios, mas temos as imagens de cera nos armários, remontamos a mais de mil anos atrás. O outro nome da mãe de Rómulo e Remo, aquela a quem chamam Rea Sílvia, era Júlia! Quando coabitou com Marte e concebeu os seus filhos gémeos, fomos *nós* que demos a forma mortal a Rómulo e Remo, e por isso, a Roma.

- Alargou-se-lhe o sorriso; não um sorriso de quem se mete a si mesmo a ridículo, mas de puro prazer pelos seus ilustres ascendentes. - Éramos os Reis de Alba Longa, a maior de todas as cidades latinas, pois foi o nosso ascendente lulo que a fundou, e quando foi saqueada por Roma fomos trazidos para Roma e elevados na hierarquia da cidade para acrescentar peso à pretensão romana de conduzir a raça latina. E embora Alba Longa nunca tenha sido reconstruída, até hoje, o sacerdote dos montes Albanos é um Júlio.

Não podia fazer nada; Mário inspirou profundamente, com receio. Mas não disse nada, limitou-se a ouvir.

- A um nível mais humilde - continuou César - eu próprio não tenho poucas aspirações, apesar de nunca ter tido dinheiro para me candidatar aos altos cargos públicos. O meu nome torna-me famoso entre os eleitores. Sou galanteado por pessoas que subiram socialmente; e as Centúrias que votam nas eleições consulares estão cheias deles, como sabes. E sou muito respeitado pela nobreza. A minha *dignitas pessoal* é irrepreensível, tal como era a de meu pai - terminou César muito sério.

Novas perspectivas se abriam diante de Caio Mário, que não conseguia afastar os olhos do belo rosto de César: ”Sim! Eram

descendentes de Vénus! Qualquer deles era belo. O aspecto tem importância (ao longo de toda a história do mundo, sempre foi preferível ser louro). Os filhos que eu tiver de uma Júlia podem ser louros e no entanto também ter narizes longos e irregulares como os romanos! Teriam tão bom aspecto como seriam pouco comuns. Que é a diferença entre os louros Júlios Césares, de Alba Longa, e os Pompeus louros, de Piceno. Os Júlios Césares têm inegavelmente ar de romanos, ao passo que os Pompeus parecem celtas."

- Tu queres ser cônsul - continuou César, - isso é claro para toda a gente. As tuas actividades na Espanha Ulterior quando eras pretor produziram clientes. Mas infelizmente correm boatos de que és também cliente, e isso transforma os teus clientes em clientes do teu patrão.82

O convidado sorriu mostrando os dentes, que eram grandes e brancos e de aspecto forte.

- Não passa de uma calúnia! - disse zangado. - Não sou cliente de ninguém!

- Acredito em ti, mas não é isso que as pessoas em geral acreditam

- sustentou César - e o que se acredita de um modo geral é mais importante do que a verdade. Qualquer pessoa de bom senso esquecerá a pretensão do clã dos Herénios em declarar-te cliente deles, pois o clã de Herénio, é muitíssimo menos latino do que o clã Mário, do Arpino. Mas os Cecílios Metelos também têm a pretensão de que dependes deles como cliente. E nos Cecílios Metelos *acredita-se.* Porquê? Por uma razão. Porque a família da tua mãe Fulcínia é etrusca, e o clã dos Mários possui terras na Etrúria. A Etrúria é um feudo tradicional dos Cecílios Metelos.

- Nenhum Mário ou Fuicínio foi alguma vez cliente de qualquer Cecílio Metelo! - disse Mário, interrompendo-o, cada vez mais furioso.

- São demasiado manhosos para dizerem que sou cliente deles numa situação em que tivessem de prová-lo!

- É evidente - disse César. - No entanto, têm-te uma aversão pessoal, o que dá um peso considerável à pretensão. As pessoas comentam-no constantemente. Dizem que é uma aversão demasiado pessoal para derivar unicamente da forma como lhes torceste os narizes quando eras tribuno da plebe.

- É pessoal! - disse Mário, rindo contrafeito.

- Conta-me.

- Uma vez atirei o irmão mais novo do Dalmático, o que vai indubitavelmente ser cônsul no ano que vem, para dentro de um chiqueiro na Numância. De facto, fomos três a atirá-lo, e desde então nenhum de nós três foi muito longe com os romanos que detêm influência.

- Quem eram os outros dois?

- Públio Rutílio Rufo e o rei da Numídia.

- Ah! Resolveu-se o mistério - César juntou as pontas dos dedos e comprimiu-as contra os lábios franzidos. - Apesar disso, a acusação de seres um cliente desonroso não é a única mancha ligada ao teu nome. Existe outra, com a qual é mais difícil lidar.

- Então, antes de passarmos a essa mancha, Caio Júlio, como sugeres que eu desfaça o boato acerca de ser cliente? - perguntou Mário.

- Casando com uma das minhas filhas. Ao seres aceite como marido de uma filha minha, isso fará o mundo entender que não reconheço qualquer

sombra de verdade nessa história de seres cliente. E espalha a história do chiqueiro em Espanha! Se possível, pede a Públio Rutílio Rufo para confirmá-la. Todos terão então uma explicação mais que aceitável para o gênero de aversão de Cecílio Metelo - disse César sorrindo. - Deve ter tido graça; um Cecílio Metelo rebaixado ao nível de... nem dos porcos *romanos!*

- Teve graça - limitou-se a dizer Mário, ansioso por prosseguir. - E qual é a outra mancha?

- Deves com certeza estar a par dela, Caio Mário.

- Não consigo descobrir nenhuma, Caio Júlio.

- Diz-se que fazes negócio. Mário sobressaltou-se, espantado.

- Mas como posso fazer qualquer negócio diferente de três quartos do resto do Senado? Não possuo mercadorias em nenhuma companhia que me autorizem a votar ou a influenciar os negócios das companhias! Sou apenas sócio comanditário, forneço o capital! *É isso* o que dizem de mim, que tenho um papel activo no comércio?

- Com certeza que não. Meu caro Caio Mário, ninguém pensa! Rejeitam-te com uma zombaria, a simples frase: "Ele faz negócio." As implicações são imensas, embora nunca se *diga* nada de concreto! Por isso, os que não têm a sensatez de se informarem são levados a pensar que a tua família faz negócio há várias gerações, que tu próprio controlas companhias, impostos rurais, engordas à custa dos abastecimentos de cereais - disse César.

- Estou a entender - disse Mário de lábios apertados.

- É bom que entendas - disse César delicadamente.

- Não faço nada que qualquer Cecílio Metelo não faça! Até devo estar menos activamente metido no negócio.

- Concordo. Mas se eu tivesse vindo a aconselhar-te, Caio Mário disse César -, teria tentado convencer-te de que deverias evitar qualquer negócio que não estivesse ligado à posse de terras ou de bens. As tuas minas são irrepreensíveis; são bens sólidos. Mas para um Homem Novo as transacções comerciais com companhias não são muito acertadas. Deverias ter-te limitado a negócios que sejam absolutamente irrepreensíveis para um senador: terrenos ou bens.

- Queres dizer que as minhas actividades com as companhias são mais uma indicação de que não sou nem nunca poderei ser um nobre romano - disse Caio Mário com amargura.84

- Precisamente!

Mário endireitou os ombros; seria uma perda de tempo e de energia insistir no sofrimento de tão manifesta injustiça. Em vez disso, dirigiu os seus pensamentos para o projecto aliciante de casar com uma rapariga da família de Júlio.

- Acreditas mesmo que casar com uma filha tua vai melhorar assim tanto a minha imagem pública, Caio Júlio?

- Não pode deixar de fazê-lo.

- Uma Júlia... Então, por que não me proponho casar com uma Sulpícia, ou com uma Cláudia, ou uma Emília ou uma Cornélia? Uma rapariga de qualquer das antigas famílias patrícias também serviria, até melhor! Ficaria com o nome antigo e com muito mais possibilidades políticas - disse Mário.

Sorrindo, César abanou a cabeça.

- Não ligo a provocações, Caio Mário, por isso, não percas tempo a tentá-lo. Sim, poderias casar com uma Cornélia ou uma Emília. Mas todos saberiam que a tinhas comprado. A vantagem de casar com uma Júlia consiste no facto de os Júlios Césares *nunca* terem vendido as filhas a nulidades endinheiradas desejosas de talhar carreiras públicas para si e uma herança nobre para a sua progenitura. O próprio facto de te terem *permitido* casar com uma Júlia mostrará ao mundo que és merecedor de todas as honras políticas, e que as manchas ligadas ao teu nome são calúnias. Os Júlios Césares sempre foram superiores, para venderem as filhas. É um facto universalmente conhecido. - César fez uma pausa por um momento para pensar, e a seguir acrescentou: - Vou aconselhar veementemente os meus filhos a converterem em capital a nossa subtileza e casarem as *suas* filhas com nulidades endinheiradas

assim que puderem! Mário reclinou-se para trás com uma segunda taça cheia.

- Caio Júlio, por que motivo me ofereces esta hipótese? - perguntou.

César franziu o sobrolho.

- Há duas razões - disse. - A primeira é talvez pouco razoável, mas foi dela que proveio a minha decisão de alterar a nossa tradição familiar de obter capital financeiro através dos filhos. Bem vês, quando reparei em ti ontem, na cerimónia da tomada de posse, fui visitado por uma premonição. Não sou homem dado a premonições, convém que o saibas. Mas juro-te por todos os deuses, Caio Mário, que de repente *soube que* estava a olhar para um homem que, se lhe fosse dada essa hipótese, iriaO PRIMEIRO

levar Roma a fugir de um perigo terrível. E também soube que se não te dessem a hipótese, Roma deixaria de existir - encolheu os ombros e estremeceu. - Há uma marca muito grande de superstição em todos os romanos e nas famílias realmente antigas, e que está muito desenvolvida. Eu acreditei no que senti. E depois de ter passado um dia inteiro, ainda acredito no que senti. E não seria adorável, pensei para comigo mesmo, que eu, um humilde senador de segunda ordem, desse a Roma o homem de que Roma irá necessitar tanto?

- Eu senti o mesmo - disse Mário bruscamente. - Sinto-o desde que fui para a Numância.

- Aí tens! já somos dois.

- E a tua segunda razão, Caio Júlio? César suspirou.

- Cheguei a uma idade em que tenho de encarar o facto de não ter conseguido até agora dar aos meus filhos tanto quanto devia como

pai. Amor, isso tiveram. Conforto material, tiveram, sem o fardo do demasiado conforto material. Educação, também tiveram. Mas esta casa, mais quinhentas *iugera* de terra nos montes Albanos constituem todos os meus bens. - Sentou-se, cruzou as pernas e voltou a inclinar-se para a frente.

- *Tenho quatro* filhos. São demasiados, como sabes. Dois filhos e duas filhas. Aquilo que possuo não possibilitará as carreiras públicas dos meus filhos, nem sequer carreiras de segunda ordem, como o pai deles. Se eu dividir o que possuo pelos meus dois filhos, nenhum deles se habilitará ao censo senatorial. Se deixar o que tenho ao **mais velho, Sexto,** ele terá o mesmo destino que eu. Mas o mais novo, Caio, ficará numa penúria tal que nunca poderá habilitar-se ao censo dos cavaleiros. Com efeito, farei dele um Lúcio Cornélio Sila... Conheces Lúcio Cornélio Sila? - perguntou César.

- Não - respondeu Mário.

- A sua madrasta é minha vizinha do lado, uma mulher pavorosa de classe **humilde, sem juízo mas muito rica.** No entanto, tem um parente de sangue que herdará o dinheiro, um sobrinho, suponho. Como sei tanto acerca da situação dela? É o castigo de se ter um vizinho que por acaso também é senador. Ela importunou-me pedindo que lhe fizesse o testamento, e nunca mais se Caiou. O afilhado, Lúcio Cornélio Sila, vive com ela, segundo diz, porque literalmente não tem mais nenhum sítio para onde ir. Imagina: um Cornélio patrício com idade para ser senador neste momento, mas sem qualquer esperança de entrar no Senado. É um indigente!86

O seu ramo da família decaiu há muito e o pai não tinha absolutamente nada; para ajudar ao infortúnio de Lúcio Cornélio, começou a beber, e o pouco que restava foi bebido já há muitos anos. Foi o pai que casou com a minha vizinha do lado, que alojou o filho debaixo do seu tecto desde que o marido morreu, mas não sabe fazer mais nada por ele. Tu, Caio Mário, foste imensamente mais feliz que Lúcio Cornélio Sila, pois ao menos a tua família era

suficientemente abastada para te dar os bens e os lucros de senador quando chegou a oportunidade de entrares para o Senado. O teu estatuto de Homem Novo não podia afastar-te do Senado quando surgisse a oportunidade, ao passo que o falhanço no teste das posses certamente o teria feito. Lúcio Cornélio Sila é de nascimento impecável, de ambos os lados. Mas a penúria excluiu-o da sua posição legítima na ordem das coisas. E penso que me preocupo demasiado com o bem-estar do meu filho mais novo para o reduzir a ele, ou aos seus filhos ou aos filhos dos seus filhos, à situação de um Lúcio Cornélio Sila - disse César com alguma paixão.

- O nascimento é um acidente! - disse Mário com igual paixão. Por que há-de ter o poder de ditar o rumo de toda uma vida?

- Por que há-de tê-lo o dinheiro? - opôs César. - Vá, Caio Mário, admite lá que todos os homens de todos os países valorizam o nascimento e o dinheiro. Com efeito, acho a sociedade romana mais flexível do que muitas outras. Comparada com o Reino dos Partos, por exemplo, Roma é tão ideal como a hipotética República de Platão! Em Roma têm de facto existido casos de homens que cresceram do nada. Não é que eu pessoalmente tenha alguma vez admirado qualquer deles - disse César, meditativo. - O combate parece destruí-los como homens.

- Então, talvez seja melhor Lúcio Cornélio Sila ficar onde está - disse Mário.

- De modo nenhum! - disse César com firmeza. - Admito que o facto de seres um Homem Novo te infligiu um destino cruel e injusto, Caio Mário. Mas pertenço à minha classe o suficiente para lamentar o destino de Lúcio Cornélio Sila! - Assumiu a expressão decidida de um homem de negócios. - No entanto, o que me preocupa neste momento é o destino dos meus filhos. As minhas filhas, Caio Mário, *não têm dote!* Nem consigo juntar uma insignificância para elas, porque iria empobrecer os meus filhos. Isso significa que as minhas filhas não têm qualquer hipótese de casar com homens da sua

classe. Peço desculpa, Caio Mário, se ao dizer isto julgares que te insultei. Mas não me refiro a homens87

como tu, quero dizer... - fez um movimento vago com as mãos. - Deixa-me repetir-to. Quero dizer que terei de casar as minhas filhas com homens de que não gosto, que não admiro, com quem não tenho nada em comum. Também não as casaria com homens da sua classe de quem não gostasse! O que quero é um homem decente, honrado, simpático. Mas não terei possibilidades de descobri-lo. Os que se me apresentarem pedindo as mãos das minhas filhas serão uns ingratos presunçosos a quem eu preferia mostrar o dedo do pé em vez da palma da mão. É como o destino de uma viúva rica; os homens decentes não a quererão, receando ser tomados por caçadores de fortunas, e por isso os que lhe restam em escolha são os caçadores de fortunas.

César mudou de posição, sentando-se na parte de trás do leito, com os pés a balouçar.

- Importavas-te, Caio Mário, se déssemos um passeio pelo jardim? Está frio lá fora, bem sei, mas posso dar-te um agasalho quente. Tem sido uma noite longa, e não muito fácil para mim. Começo a sentir os ossos presos.

Sem dizer palavra, Mário levantou-se do leito, pegou nos sapatos de César, calçou-lhos e atou-os com a eficiência de um espírito organizado. Depois, fez o mesmo aos seus e levantou-se, segurando César por baixo do cotovelo.

- É por isso que gosto tanto de ti - disse César. - Nada a despropósito, nenhumas pretensões.

Era um peristilo pequeno, mas tinha um certo charme que poucos pátios-jardins possuíam. Apesar da estação, ainda despontavam ervas aromáticas de odores deliciosos, e os plantios compunham-se na sua maioria de plantas de folhas perenes. Os pequenos hábitos do campo custavam a desaparecer nos Júlios Césares, reparou

Mário, com um frémito de animação e contentamento. Ao longo dos beirais, onde podiam apanhar sol sem ficarem molhadas, havia centenas de pequenos molhos de pulcárias a secar, tal como na casa do seu pai, no Arpino. No fim de janeiro, seriam colocadas em todas as gavetas de roupas e cantinhos de uma ponta à outra do *domus,* para afastar pulgas, peixinhos de prata e parasitas de todos os tipos. A pulcária era cortada no solstício de Inverno para secar; Mário não imaginara que existisse alguma casa em Roma que soubesse da sua existência.

Como tinha havido um convidado para o jantar, os candelabros que pendiam do tecto da colunata à volta do peristilo ardiam com uma chama88

fraca, e as pequenas lamparinas de bronze que iluminavam os caminhos do jardim conferiam um delicado tom de âmbar ao mármore finíssimo dos seus bordos redondos. A chuva cessara, mas pesadas gotas de água cobriam todos os arbustos e o ar estava nevoento e gélido.

Nenhum dos dois homens reparou nisso. De cabeças encostadas (eram ambos altos, por isso era confortável encostar as cabeças uma à outra), caminharam pelos passeios, e finalmente pararam perto do pequeno tanque de repuxo ao meio do jardim, com o seu quarteto de dríades de pedra servindo de apoio a archotes. No Inverno, o tanque ficava vazio e o repuxo desligado.

”Isto”, pensou Caio Mário (cujo tanque e repuxo estavam cheios de água o ano inteiro graças a um sistema de aquecimento), *”é genuíno. Nenhum* dos meus tritões e golfinhos e jorros de água me emocionam tanto como esta velha relíquia.”

- Estás interessado em casar com alguma das minhas filhas? - perguntou César sem ansiedade, embora parecesse comunicá-la.

- Estou, sim, Caio Júlio - disse Caio Mário num tom decidido.

- Causa-te pena divorciares-te da tua mulher?

- De modo nenhum - Mário aclarou a garganta. - E o que exiges tu de mim, Caio Júlio, em troca da oferta de uma noiva e do teu nome?

- Muito, de facto - disse César. - Dado que serás admitido na família mais como um segundo pai do que como cunhado, o que eéum privilégio da idade!, espero que dês um dote à minha outra filha e contribuas para o bem-estar de *ambos* os meus filhos. No caso da filha desditosa e do mais novo, estão necessariamente em causa bens e dinheiro. Mas deves prontificar-te a amparar os dois rapazes quando entrarem para o Senado e iniciarem a sua viagem em direcção ao consulado. Quero que ambos sejam cônsules, bem vês. O meu filho Sexto é um ano mais velho do que o mais velho dos dois rapazes do meu irmão Sexto, e por isso o meu filho Sexto será o primeiro desta geração de júlios Césares a chegar à idade de concorrer ao consulado. Quero que seja cônsul no ano certo, doze anos depois de entrar para o Senado, quarenta e dois anos após o seu nascimento. Será o primeiro cônsul Juliano em quatrocentos anos. *Quero* essa distinção! Senão, Lúcio, filho do meu irmão Sexto será o primeiro cônsul Juliano no ano seguinte.

Fazendo uma pausa para observar a face mal iluminada de Mário, César levantou uma mão tranquilizadora.89

- Nunca houve ressentimentos entre o meu irmão e eu enquanto ele era vivo, nem existe agora entre mim e os meus e os seus dois filhos. Mas *um homem* deve ser cônsul no ano certo. Dá melhor aspecto.

- O teu irmão Sexto deu o filho mais velho a adoptar, não foi? perguntou Mário, tentando lembrar-se de uma coisa que qualquer romano saberia sem sequer pensar.

- Sim, há muito tempo. O seu nome também era Sexto; é o nome que habitualmente damos aos nossos filhos mais velhos.

- Claro! Quinto Lutácio Catulo! Ter-me-ia lembrado se usasse César no nome, mas não usa, pois não? Vai certamente ser o primeiro César a alcançar o consulado, é muito mais velho do que qualquer dos outros.

- Não - disse César, abanando a cabeça enfaticamente. -já não é um César, é um Lutácio Catulo.

- Deduzo que o velho Catulo pagou bem pelo seu filho adoptivo disse Mário. - Parece haver imenso dinheiro na família do teu falecido irmão.

- Sim, pagou muito dinheiro. Tal como tu pagarás pela tua nova mulher, Caio Mário.

- Júlia. Casarei com Júlia - disse Mário.

- Não casas com a mais nova? - perguntou César parecendo surpreendido. - Bem, admito que fico feliz, apenas por achar que nenhuma rapariga deve casar antes dos dezoito anos, e a julilla ainda falta um ano e meio. De facto, penso que fizeste a escolha certa. No entanto, sempre considerei julilla a mais atraente e interessante das duas.

- Não admira; és pai dela - disse Mário mostrando os dentes. - Não, Caio Júlio. A tua filha mais nova não me tenta de modo nenhum. Se ela não adorar o sujeito com quem casar, vai dar-lhe muito que fazer. Sou demasiado velho para caprichos de raparigas. Ao passo que me parece que júlia tem tanto juízo como beleza. Nela agradou-me tudo.

- Será uma excelente mulher de cônsul.

- Pensas deveras que conseguirei ser cônsul? César acenou com a cabeça.

- Certamente! Mas não para já. Casa primeiro com Júlia, e depois deixa assentar as coisas e as pessoas. Tenta arranjar uma guerra decente que dê para uns anos. Ajuda imenso se tiveres na folha de serviços um êxito militar recente a teu **favor.** Oferece os teus serviços a alguém como delegado sénior. Depois, concorre ao consulado ao fim de dois ou três anos,90

- Mas então terei já cinquenta e cinco - retorquiu Mário desanimado. - Eles não gostam de eleger homens tão acima da idade normal.

- Tu já és demasiado velho agora, e assim o que interessam mais dois ou três anos? Ser-te-ão muito úteis se os usares bem. E não pareces ter a idade que tens, Caio Mário, isso é um factor importante. Se já estivesses a espigar, seria muito diferente. Mas pelo contrário, és a imagem da saúde e do vigor; e és um homem grande, o que impressiona sempre os eleitores centuriais. Com efeito, quer sejas o Homem Novo ou não, se não tivesses incorrido na inimizade dos Cecílios Metelos não terias sido um forte contendor ao consulado há três anos atrás, na tua altura certa para isso? Se fosses um indivíduo insignificante e sem qualquer préstimo, nem uma Júlia ajudava. Como as coisas estão, serás cônsul, não tenhas receio.

- O que queres exactamente que faça pelos teus filhos?

- Em termos de bens?

- Sim - disse Mário, esquecendo as vestes finas de linho de Quios e sentando-se num banco de mármore branco não polido. Como ficou aí sentado durante algum tempo e o banco estava húmido, quando se levantou tinha por todos os lados uma mancha pintalgada de um rosa-púrpura de ar estranhamente natural. A tinta púrpura da sua roupa passou para a pedra porosa e fixou-se, pelo que o banco se tornou com o tempo (ao fim de uma geração ou duas) uma das peças de mobiliário mais admiradas e apreciadas que outro Júlio César levaria para o Domus Publicus do Pontífice Máximo. Entretanto, para o Caio Júlio César que concluíra um negócio de casamento com Caio Mário, o banco era um presságio; um presságio lindo, lindo. Quando chegou o escravo, de manhã, a contar-lhe o milagre e ele próprio o viu (o escravo estava mais receoso do que horrorizado: toda a gente conhecia o significado régio da cor púrpura), soltou um suspiro de perfeita satisfação. Porque o banco púrpura lhe dizia que ao fechar este negócio de casamento estava a conduzir a família para

o púrpura dos mais altos cargos. E isso uniu-se na sua mente a um estranho pressentimento; sim, Caio Mário tinha um lugar no destino de Roma que Roma ainda não sonhara. César tirou o banco do jardim e pô-lo no *átrium,* mas nunca contou a ninguém como ele se transformara, assim da noite para o dia, ricamente salpicado com veios púrpura e rosa. Um presságio!

- Para o meu filho Caio, preciso de boas terras suficientes para lhe garantir um lugar no Senado - dizia agora César ao seu convidado. -91

Acontece que neste preciso momento há seiscentas *iugera* de terra excelente à venda, mesmo ao lado das minhas quinhentas, nos montes Albanos.

- O preço?

- Espantoso, dada a sua qualidade e a proximidade de Roma. É um vendedor, infelizmente - César respirou fundo. - Quatro milhões de sestércios: um milhão de denários - disse heroicamente.

- De acordo - disse Mário, como se César tivesse dito quatro mil sestércios em vez **de quatro milhões.** - No entanto, parece-me que será mais prudente de momento mantermos secretos os nossos acordos.

- Oh! Absolutamente! - disse César com fervor.

- Então, eu próprio te trarei amanhã essa quantia, em dinheiro disse Mário, sorrindo. - E o que mais desejas?

- Espero que antes que o meu filho mais velho entre para o Senado, tenhas passado a consular. Terás influência e poder, tanto por esse facto como pelo casamento com a minha Júlia. Espero que uses a tua influência e poder para propor os meus filhos quando eles concorrerem para os vários cargos. De facto, se entrares para um cargo militar para te ajudar a vencer as dificuldades durante os próximos dois ou três anos, espero que os leves contigo para a guerra. Não são inexperientes, foram ambos cadetes e oficiais

juniores, mas precisam de fazer mais serviço militar para lhes ajudar às carreiras, e sob o teu comando estarão o melhor possível.

Em privado, Mário não achava que nenhum dos jovens fosse feito da massa de que se fazem os grandes comandantes, mas julgava que dariam oficiais mais que competentes, e por isso limitou-se a dizer:

- Terei muito prazer em acolhê-los, Caio Júlio. César continuou a trabalhá-lo.

- No que diz respeito às carreiras políticas, têm a grande desvantagem de serem patrícios. Como sabes, daí resulta que não podem concorrer a tribunos da plebe, e causar sensação como tribuno da plebe é de longe o método mais eficaz de firmar uma reputação política. Os meus filhos terão de tentar a edilidade curul, que é proibitivamente cara! Por isso, espero que garantas que tanto Sexto como Caio sejam eleitos edis curuis, com dinheiro suficiente para poderem realizar o tipo de jogos e espectáculos de que o povo se lembrará com afecto quando for votar para a eleição dos pretores. E se for necessário que os meus filhos comprem votos em qualquer fase da carreira, conto contigo para lhes fornecer o dinheiro.92

- De acordo - disse Caio Mário, e estendeu a mão direita com uma vivacidade comedida, considerando a extensão dos pedidos de César; estava a comprometer-se numa união que lhe iria custar no mínimo dez milhões de sestércios.

Caio Júlio César pegou-lhe na mão e apertou-a com força, Caiorosamente.

- Excelente! - disse, rindo.

Voltaram-se para regressar a casa, onde César ordenou a um servo sonolento que trouxesse o velho *sagum* ao seu dono.

- Quando posso ver Júlia e falar com ela? - perguntou Mário quando a sua cabeça emergiu da abertura no centro do círculo do *sagum,* do tamanho de uma roda.

- Amanhã à tarde - disse César, abrindo ele mesmo a porta principal.
- Boa noite, Caio Mário.

- Boa noite, Caio Júlio - disse Mário, e saiu para o frio cortante do vento norte, que começava a soprar.

Caminhou para casa sem dar por ele, quente como já não se sentia há muito tempo. Seria possível que o seu hóspede indesejável, aquela sensação, tivera razão em continuar a viver dentro dele? Ser cônsul! Pôr os pés da sua família bem assentes no chão consagrado da nobreza romana! Se pudesse fazê-lo, tinha de gerar um filho. Outro Caio Mário.

As Júlias partilhavam uma salinha, onde se encontraram na manhã seguinte para tomar o pequeno-almoço. Julilla estava especialmente irrequieta, saltitando, incapaz de sossegar.

- O que se passa? - perguntou a irmã, exasperada.

- Não sentes? Há qualquer coisa no ar, e quero encontrar-me com Clodilla no mercado das flores esta manhã; prometi-lhe que ia! Mas imagino que vamos ter de ficar todos em casa para mais uma daquelas conferências familiares tão aborrecidas - disse Julilla, melancólica.

- Sabes? - disse Júlia. - Tu não aprecias nada! Quantas raparigas conheces que tenham o privilégio de dizer o que pensam de uma conferência familiar?

- Que absurdo! São aborrecidas, nunca falamos de nada de interessante; só de servos, tutores e coisas impossíveis. Quero deixar a escola, estou farta do Homero e daquele maçador do velho Tucídides! Que utilidade têm para uma rapariga?93

- Distinguem-na como culta e bem-educada - disse Júlia em tom repreensivo. - Não queres um bom marido?

Julilla deu uma risada.

- A minha ideia de bom marido *não* inclui Homero e Tucídides, respondeu. - Oh! Quero sair esta manhã! - e pôs-se aos saltos.

- Conhecendo-te como te conheço, se quiseres sair hás-de arranjar maneira de fazê-lo - disse Júlia. - Agora importas-te de te sentar e comer? Uma sombra escureceu a porta; as raparigas olharam para cima, de boca escancarada. O pai, ali!

- Júlia, quero falar contigo - disse ele ao entrar, e desta vez ignorando Julilla, a sua favorita.

- *Oh! Tata! Nem* um beijo de bons-dias? - perguntou a filha preferida, fazendo beicinho.

Ele olhou-a com ar ausente, deu-lhe um beijo rápido na bochecha, e depois conseguiu a presença de espírito suficiente para lhe sorrir.

- Se arranjares alguma coisa para fazer, minha borboleta, não achas melhor saíres?

O rosto dela transformou-se, numa expressão de alegria.

- Obrigada, *tata,* obrigada! Posso ir ao mercado das flores? E ao Porticus Margaritaria?

- Quantas pérolas vais comprar hoje? - perguntou-lhe o *tata,* sorrindo.

- Milhares! - gritou ela, preparando-se para sair.

Quando passou por ele, César pôs-lhe um denário de prata na mão esquerda.

- Não chega nem para a pérola mais pequenina, mas talvez dê para um lenço - disse ele.

- *Tata!* Oh! obrigada! - gritou Julilla com os braços à volta do pescoço do pai, beijando-o. A seguir, desapareceu.

César olhou então com muita meiguice para a filha mais velha.

- Senta-te, Júlia - disse.

A rapariga sentou-se, na expectativa, mas o pai não disse mais nada até Márcia entrar e instalar-se ao lado da filha.

- Que é, Caio Júlio? - perguntou Márcia, curiosa, embora não apreensiva.

O homem ficou de pé, apoiando o seu peso ora num pé ora no outro, e depois assestou sobre Júlia toda a beleza dos seus olhos azuis.

- Minha querida, gostaste de Caio Mário? - perguntou. -Sim, *tata,* gostei.94

- Por quê?

Ela avaliou cuidadosamente a questão.

- Pelo seu modo de falar simples mas honesto, suponho. E pela sua falta de afectação. Veio confirmar o que sempre suspeitei.

- Ah, sim?

- Sim. Acerca dos boatos que estamos sempre a ouvir; que não sabe grego, que é um simplório execrável do campo, que fez a sua reputação militar à custa dos outros e graças aos caprichos de Cipião Emiliano. Sempre me pareceu que as pessoas falavam *demasiado,* com muito despeito e a todo o momento, para que pudesse ser verdade. Depois de conhecê-lo, tenho a certeza. Não é nenhum simplório, nem me parece que tenha atitudes de rústico. É inteligentíssimo! E muito culto. Oh, o grego dele não soa bem ao ouvido, mas a única falha é o sotaque. A construção e o vocabulário são excelentes. Tal como o seu latim. Achei que tem umas sobrancelhas extremamente distintas, não achou? O seu gosto a vestir é um pouco ostensivo, mas espero que seja por culpa da mulher.

- Neste ponto, Júlia parou, parecendo subitamente agitada.

- Júlia! Gostaste *mesmo* dele! - disse César, com uma **curiosa nota de** receio na voz.

- Sim, *tata,* claro que gostei - disse ela, confusa.

- Fico muito contente por ouvi-lo, porque vais casar com ele - proferiu César abruptamente, faltando-lhe **naquela situação pouco habitual** o seu famoso tacto e diplomacia.

Júlia pestanejou.

- Vou?

E Márcia sublinhou:

- Vai?

- Sim - disse o *tata,* e sentiu uma necessidade imperiosa de sentar-se.

- E quando foi exactamente que chegaste a essa conclusão? - perguntou Márcia, dando à voz um maligno tom de despeito. - Onde a viu ele, para a pedir?

- Não foi ele que a pediu - replicou César na defensiva. - Eu ofereci-lhe Júlia. Ou Julilla. Foi por isso que o convidei para jantar connosco. Márcia fitou-o agora com uma expressão que punha claramente em dúvida a sua sanidade.

- Tu ofereceste a um Homem Novo que quase podia ser pai delas, a possibilidade de escolher uma das tuas filhas para mulher? - perguntou, agora furiosa.95

- Sim, ofereci.

- Porquê?

- É óbvio que sabes quem é ele.

- Claro que sei quem é ele.

- Também deves saber que é o homem mais rico de Roma.

- Sim!

- Minhas meninas - disse César num tom sério, tratando do mesmo modo mulher e filha -, sabem muito bem o que temos de enfrentar. Quatro filhos e sem os bens nem o dinheiro necessários para lhes dar o melhor. Dois rapazes que têm a linhagem e a inteligência necessárias para chegarem ao topo, e duas raparigas que têm a linhagem e a beleza necessárias para só casarem com os melhores. Contudo... sem dinheiro! Eles sem dinheiro para o *cursus honorum,* e elas sem dinheiro para os dotes.

- Sim - disse Márcia em tom inexpressivo. Como o seu pai tinha morrido antes de ela ter idade para casar, os filhos da sua primeira mulher combinaram com os executores do testamento fazer com que não ficasse com nada de valioso. Caio Júlio César desposara-a por amor, e como Márcia tinha apenas um dote reduzido, a sua família ficou feliz com a união. Sim, haviam casado por amor - e tinham sido recompensados com a felicidade, a tranquilidade, e três crianças extremamente bem adaptadas e uma linda borboleta. Mas nunca deixara de sentir-se humilhada pelo facto de César não obter através do casamento nenhuma melhoria financeira.

- Caio Mário precisa de uma mulher Patrícia, proveniente de uma família cuja integridade e *dignitas* sejam tão impecáveis como a sua estirpe

- explicou César. - Devia ter sido eleito cônsul há três anos, mas os Cecílios Metelos impediram-no, e na sua condição de Homem Novo casado com uma mulher da Campânia, não possui ligações familiares capazes de se lhes oporem. A nossa Júlia obrigará **Roma a tomar Caio Mário** a sério. A nossa júlia dar-lhe-á posição social, elevará a sua *dignitas,* e o seu valor e prestígio públicos subirão mil vezes. Em contrapartida, Caio Mário tomou a seu cargo a solução das nossas dificuldades financeiras.

- Oh, Caio! - disse Márcia, com os olhos a encher-se de lágrimas.

- Oh, Pai! - disse Júlia, com uma expressão comovida.

Agora que via a fúria da mulher dissipar-se e a filha entusiasmada, César ficou descansado.

- Reparei nele na cerimónia de posse dos novos cônsules, anteontem. O que é estranho é que nunca tinha dado bem por ele antes; nem mesmo96

quando foi mal sucedido na candidatura a cônsul. Mas no dia de Ano Novo, talvez não seja exagero dizer que se me abriram os olhos... *Compreendi* que era um grande homem! Compreendi que Roma irá necessitar dele. Não sei ao certo quando tive a ideia de me ajudar auxiliando-o. Mas quando entrámos no templo e ficámos juntos, ela já estava lá em espírito, completamente formada. Por isso, corri o risco, e convidei-o para jantar.

- E foste mesmo tu que lhe fizeste a proposta, e não o contrário? perguntou Márcia.

- Fui.

- As nossas preocupações acabaram?

- Sim - disse César. - Caio Mário pode não ser romano de Roma, mas na minha opinião é homem de palavra. Acredito que cumprirá a sua parte do acordo.

- Qual é a sua parte do acordo? - perguntou a mãe, com o seu sentido prático, sacando mentalmente do ábaco.

- Hoje, vai dar-me quatro milhões de sestércios em dinheiro, para a compra daquele terreno ao lado do nosso em Bovilas. O que significa que o jovem Caio terá bens suficientes para assegurar um lugar no Senado, sem ser preciso mexer na herança de Sexto. Irá

ajudar os nossos dois rapazes a serem edis curuis. Irá ajudá-los a fazer o que for necessário para serem eleitos cônsules na devida altura. E apesar de não termos discutido pormenores, há-de dar um bom dote à Julilla.

- E o que fará pela Júlia? - perguntou Márcia com secura. César ficou com uma expressão vazia.

O que fará pelajúlia? - repetiu. - O que mais pode fazer pelajúlia, senão casar com ela? Afinal de contas, ela não tem dote, e vai certamente custar-lhe uma fortuna torná-la sua mulher.

- Geralmente uma rapariga recebe o dote, para poder dispor de independência financeira após o casamento, especialmente no caso de se divorciarem. Embora algumas mulheres sejam suficientemente tolas para darem o dote aos maridos, nem todas as mulheres o fazem, e o dote tem de aparecer quando o casamento acaba, mesmo que o marido tenha feito uso dele. Insisto para que Caio Mário dê um dote a Júlia que lhe possibilite viver, se em qualquer altura se divorciar dela - disse Márcia num tom que não admitia qualquer argumento.

- *Márcia, não posso* pedir mais dinheiro ao homem! - retorquiu César.

- Lamento, mas vais ter de fazê-lo. Com efeito, surpreende-me **que não** tenhas pensado nisso tu mesmo, Caio Júlio - Márcia suspirou exasperada.97

- Nunca entendi por que razão o mundo funciona na crença falaciosa de que os homens são melhores nos negócios do que as mulheres! É que não são. E tu, querido marido, tens menos jeito para os negócios do que a maior parte dos homens! A Júlia é a única causadora da nossa mudança de sorte, e por isso temos o dever de lhe garantir um bom futuro, também a ela.

- Admito que tens razão, querida - disse melancolicamente César mas não posso pedir-lhe mais dinheiro!

Júlia olhava ora um, ora o outro; não era a primeira vez que assistia a uma divergência de opiniões, claro, especialmente quanto a assuntos de dinheiro, mas era a primeira vez que era ela o assunto central, o que a afligia. Por isso, interveio a fim de contentar os dois, dizendo:

- Não faz mal, a sério! Eu mesma pedirei um dote a Caio Mário. Não tenho receio de fazê-lo. Ele entenderá.

- *Júlia! Queres* mesmo casar com ele! - sobressaltou-se Márcia.

- Claro que quero, Mamã. Acho-o encantador!

- Minha filha, é trinta anos mais velho do que tu! Vais ficar viúva muito depressa.

- Os rapazes novos são aborrecidos, fazem-me lembrar os meus irmãos. Prefiro mil vezes casar com alguém como Caio Mário - disse a filha intelectual. - Serei boa para ele, juro. Amar-me-á e nunca se há-de arrepender dos gastos.

- Quem iria imaginar uma coisa destas? - perguntou César a ninguém em especial.

- Não fiques tão espantado, *tata,* Vou fazer dezoito anos em breve; sabia que farias o meu casamento este ano, e devo confessar que estava receosa. Não exactamente pelo casamento em si, mas apenas pela pessoa que viria a ser o meu marido. Ontem à noite, quando conheci Caio Mário... pensei logo para comigo mesma que seria um encanto arranjares-me alguém como ele - Júlia corou. - Não é nada parecido contigo, *tata, e,* no entanto, é parecido: achei-o muito justo, meigo e honesto.

Caio Júlio César olhou para a mulher.

- Não é um prazer único descobrir que gostamos realmente dos nossos filhos? Amarmos os nossos filhos é natural. Mas o afecto? O afecto tem de ser merecido - disse.

Dois encontros **com mulheres no mesmo** dia enervavam mais Caio Mário do que a **perspectiva de combater um** exército inimigo dez vezes98

maior do que o seu. Um era o primeiro encontro com a sua futura noiva e a mãe desta; o outro era o último encontro com a sua mulher actual.

A prudência e o cuidado ditavam que visse Júlia antes de Grânia, para evitar que surgissem dificuldades inesperadas. Por isso, à oitava hora do dia - ou seja, a meio da tarde - chegou à casa de Caio Júlio César, desta vez vestido com a toga debruada a púrpura, sozinho e aliviado da carga de um milhão de denários de prata; a quantia atingia o peso de dez mil libras, o que equivalia a 160 talentos, ou 160 homens carregados. Felizmente, ”em dinheiro” era uma expressão relativa; Caio Mário trouxe uma ordem de pagamento do banco.

No gabinete de Caio Júlio, entregou ao dono da casa um rolo de pele de Pérgamo.

- Fiz tudo com a maior discrição possível - disse ele, enquanto César desenrolava o pergaminho e passava os olhos pelas poucas linhas nele escritas. - Como podes ver, tratei com os teus banqueiros de fazer o depósito de duzentos talentos de prata em teu nome. Não há maneira de descobrirem a origem do depósito sem que se perca muito mais tempo do que uma firma de banqueiros se daria ao luxo de perder, só para satisfazer a curiosidade de qualquer um.

- O que vem dar ao mesmo. Pareceria que recebi um suborno! Se eu não fosse um senador tão insignificante, alguém no meu banco iria alertar o pretor urbano - disse César, deixando o pergaminho enrolar-se e pondo-o de lado.

- Duvido que alguém tenha sido alguma vez subornado com uma quantia tão grande, até mesmo um cônsul cheio de influência - disse Caio Mário sorridente.

César estendeu a mão direita.

- Não tinha imaginado isto em talentos - disse ele. - Deuses! Pedi-te um mundo! Tens a *certeza* de que não ficaste em apuros?

- De modo nenhum - Mário teve dificuldade em separar os seus dedos do aperto de mão convulsivo de César. - Se o terreno que pretendes for ao preço que me referiste, estou a dar-te quarenta talentos a mais. Representam o dote da tua filha mais nova.

- Não sei como agradecer-te, Caio Mário - César largou por fim a mão de Mário, aparentando cada vez menos à-vontade. - Tenho tentado convencer-me de que não estou a vender a minha filha, mas neste momento já duvido. Sinceramente, Caio Mário, eu não venderia a minha filha! Acredito que o futuro dela contigo e o estatuto dos vossos filhos será ilustre.99

Acredito que cuidarás bem dela, e que a estimarás como quero que a minha filha seja estimada - a sua voz denotava impaciência; com uma quantia tão grande não poderia fazer a vontade a Márcia e pedir mais, em seguida, como dote para Júlia. Por isso, levantou-se da sua mesa de trabalho com pouca firmeza, pegando no pergaminho de um modo mais casual do que o seu coração ou a mente alguma vez o levariam a pegarlhe. Depois, enfiou-o no *sinus* da toga, onde as suas pregas faziam uma curva abaixo do braço direito, que estava livre, formando um bolso espaçoso. - Não descanso enquanto isto não estiver no meu banco - hesitou e depois disse: - Júlia só faz dezoito anos no início de Maio, mas não desejo protelar o vosso casamento até meados de junho, e por isso, se estiveres de acordo, poderemos marcar a cerimónia para qualquer altura em Abril.

- É aceitável - disse Mário.

-já tinha decidido fazê-lo - continuou César, preenchendo o vazio desconfortável criado pelo seu mal-estar. - É aborrecido uma rapariga nascer exactamente no início da única época do ano que se diz trazer infortúnio ao casamento. Embora eu não entenda por que razão hão-

de ser vistos como portadores de infortúnio o pino da Primavera e o início do Verão - libertou-se da sua disposição anterior. - Espera aqui, Caio Mário. Vou chamar Júlia.

Agora era a vez de Caio Mário ficar enervado, apreensivo; esperou na sala pequena mas arrumada com uma ansiedade terrível. Oh! Que ao menos ela não estivesse muito relutante! Nada no comportamento de César sugeria que o estivesse, mas ele sabia muito bem que havia coisas que nunca lhe diriam, e ansiava por uma Júlia realmente disposta. **Contudo**

- como podia ela acolher de bom grado uma união tão pouco de acordo com o seu sangue, a sua beleza, a sua juventude? Quantas lágrimas teria vertido quando lhe deram a notícia? Suspiraria ela por algum belo jovem aristocrata que o senso comum e a necessidade tornavam inaceitável? Um provinciano italiano já de certa idade que não sabia grego - que marido para uma Júlia!

A porta que dava para a colunata do fundo do **jardim do peristilo** abriu-se para dentro, e o sol entrou no gabinete de César como uma fanfarra de trompetes, dourada, com o brilho do latão que cegava, e Júlia no meio, de mão direita estendida, a sorrir.

- Caio Mário - disse ela com prazer; o sorriso começava nos seus olhos.100

- Júlia - disse Mário, aproximando-se o bastante para lhe apertar a mão, mas sem saber o que fazer com ela, ou o que fazer a seguir. Aclarou a garganta. - O teu pai contou-te?

- Oh, sim! - O sorriso não se desvaneceu; até cresceu, e no seu comportamento não havia nenhuma imaturidade ou timidez de menina. Pelo contrário, parecia ter perfeito controlo sobre si mesma e sobre a situação, com uma ponderação régia, com o poder de uma princesa, e no entanto subtilmente submissa.

- Não te importas? - perguntou Mário abruptamente.

- Estou encantada - disse Júlia com os seus lindos olhos grandes, ternos e cinzentos ainda sorridentes; como que para encorajá-lo, com os dedos contornou-lhe a palma da mão, e apertou-a com

suavidade. - Caio Mário, não fiques tão preocupado! Na verdade, *estou* sincera e honestamente encantada!

Ele ergueu a mão esquerda, embaraçada nas pregas **da toga, e pôs as** mãos da rapariga entre as suas, observando-lhe as **perfeitas unhas ovais,** os dedos macios e esguios.

-já sou um velho! - disse.

- Então, devo gostar de velhos, porque gosto de ti.

- Gostas de mim?

Ela pestanejou.

- Claro! Senão não teria concordado em casar contigo. O meu pai é o mais gentil dos homens, não é um tirano. Por mais que esperasse que eu estivesse disposta a casar contigo, nunca, nunca me teria forçado a isso.

- Mas tens a certeza de que não te forçaste a ti mesma? - perguntou ele.

- Não era preciso - disse pacientemente Júlia.

- Há com certeza algum jovem de quem gostas mais!

- De modo nenhum. Os jovens parecem-se demasiado com os meus irmãos.

- Mas... Mas... - ele procurou com esforço qualquer objecção, e disse por fim: - As minhas sobrancelhas!

- Acho-as maravilhosas - respondeu a rapariga.

Mário sentiu o sangue subir-lhe ao rosto, sem saber como controlá-lo e ficou ainda com menos equilíbrio; depois, apercebeu-se de que, embora ela estivesse calma e senhora de si, era apesar de tudo

completamente ingénua e não entendia nada do transe por que ele estava a passar.101

- O teu pai disse que casávamos em Abril, antes do teu aniversário. Concordas? - perguntou.

Ela franziu o sobrolho.

- Penso que sim, se é o que o pai diz. Mas eu preferia antecipá-lo para Março, se tu e ele concordarem. Queria casar na festa de Anna Perenna.

Era um dia apropriado, mas também um dia de infortúnio. A festa de Anna Perenna, comemorada no primeiro dia de lua cheia de Março, estava associada à Lua e ao velho Ano Novo. Em si, o dia era propício, mas o dia seguinte não o era.

- Não receias que o teu primeiro dia de casada se inicie com maus presságios? - perguntou.

- Não - disse Júlia. - Casando-me contigo, todos os presságios serão bons.

Colocou a sua mão esquerda sob a direita dele, de modo a ficarem de mãos dadas, e fitou-o com ar sério.

- A minha mãe deu-me pouco tempo para estar contigo a sós - disse e há uma questão que devemos esclarecer antes que ela entre. O meu dote... - Aí o sorriso da rapariga desapareceu, substituído Por um olhar sério e reservado. - Não prevejo uma relação infeliz contigo, Caio Mário, pois não há nada em ti que me faça duvidar do teu carácter ou integridade, e sei que o mesmo acharás de mim. Se nos respeitarmos um ao outro, seremos felizes. No entanto, a minha mãe é inflexível quanto a um dote, e o meu pai está muito desolado com a atitude dela. Ela diz que devo receber um dote, para o caso de resolveres divorciar-te de mim. Mas o meu pai já considera excessiva a tua generosidade, e odeia ter de te pedir mais ainda. Por

isso, disse-lhes que seria eu a pedir-to, e tenho de fazê-lo antes de entrar a mamã. Porque ela vai falar nisso.

Não havia cupidez no olhar dela, apenas preocupação.

- Seria possível pôr uma quantia de parte, ficando acordado que será tanto tua como minha se, como espero, não encontrarmos motivos para divórcio? Porém, no caso de nos divorciarmos, seria minha.

Que boa advogada era ela! Uma verdadeira Romana. Tudo tão cuidadosamente dito, graciosamente inofensivo, e no entanto claro como a água.

- Penso que é possível - respondeu Mário, num tom sério.

- Tens de ter a certeza de que não posso gastá-lo enquanto estivermos casados - disse Júlia. - Desse modo, poderás confiar em mim.102

- Se é essa a tua vontade, é o que farei - disse ele. - Mas não é necessário fazer um acordo. Terei muito gosto em dar-te agora uma quantia que ficará em teu nome, com a qual farás o que entenderes.

Escapou-lhe uma gargalhada.

- Ainda bem que me escolheste a mim e não à Julilla! Não, muito obrigada, Caio Mário. Prefiro o modo honrado - disse gentilmente a rapariga. - Agora beijas-me, antes que a minha mãe chegue?

O pedido do dote não o transtornou nada, ao passo que este pedido sim. De repente, percebeu como era vital não fazer nada que a desiludisse - ou pior ainda, que lhe provocasse aversão por ele. Contudo, o que percebia ele de beijos, de fazer amor? A sua estima pessoal nunca exigira o encorajamento das suas raras amantes quanto as suas capacidades como amante, porque nunca lhe interessara o que elas achavam da sua forma de fazer amor ou dos

seus beijos; nem fazia a mais pequena ideia do que as raparigas novas esperavam dos seus primeiros amantes. Devia apertá-la e beijá-la apaixonadamente, devia deixar este contacto inicial castamente ligeiro? Prazer ou respeito, já que o amor era no máximo uma esperança para o futuro? Júlia era imponderável - não tinha pistas quanto ao que ela esperava - ou ao que ela queria. Tudo o que sabia Mário, era que agradar-lhe se tornava muito importante para ele.

Acabou por se aproximar dela sem lhe libertar as mãos e baixou a cabeça, não muito, pois era invulgarmente alta. Os lábios dela estavam fechados e frios, eram suaves e sedosos; o instinto resolveu-lhe o dilema, quando fechou os olhos e se limitou simplesmente a receber o que ela quisesse dar. Era uma experiência completamente nova para ela, que Júlia desejava sem saber o que lhe traria, pois César e Márcia haviam mantido as suas filhas protegidas, castas, ignorantes, mas não totalmente inibidas. Esta rapariga, a intelectual, não se desenvolvera segundo as mesmas linhas que a irmã mais nova, mas não era incapaz de sentimentos fortes. A diferença entre Júlia e Julilla era em qualidade, não em capacidade.

Por isso, quando as suas mãos tentaram libertar-se, ele soltou-as de imediato, e ter-se-ia afastado se ela não lhe tivesse posto logo os braços à volta do pescoço. O beijo animava-se. Júlia abriu ligeiramente os lábios e Mário usou as mãos livres para abraçá-la. Larga e pregueada, a toga impedia um contacto demasiado íntimo, o que convinha aos dois; e foi com naturalidade que esta estranha forma de descoberta chegou ao fim.

Márcia, entrando ruidosamente, não apanhou nenhum deles em falta, pois embora estivessem abraçados, a boca dele estava encostada à bochecha103

de Júlia, e ela, de pálpebras cerradas, tinha um ar tão satisfeito e inatacável como um gato a quem tivessem feito festas como devia

ser.

Sem que nenhum deles estivesse confuso, separaram-se e viraram-se para encarar a mãe - que parecia, pensou Caio Mário, ostensivamente carrancuda. Nela, uma aristocrata menos recente que os Júlios Césares, Mário pressentiu uma certa mágoa, e compreendeu que Márcia teria preferido que Júlia casasse com alguém da sua classe, mesmo que isso significasse que não entraria nenhum dinheiro para a família. Contudo, a sua felicidade nesse momento era completa; podia dar-se ao luxo de perdoar o despeito da sua futura sogra, talvez dois anos mais nova do que ele. Porque de facto a mulher tinha razão; Júlia merecia alguém da idade dela e melhor do que um provinciano italiano avançado nos anos, e que não sabia grego. O que não significava que ele tencionasse mudar de ideias acerca do casamento! Pelo contrário, cabia-lhe demonstrar a Márcia que Júlia ia para o melhor dos homens.

- Eu pedi um dote, Mamã - disse Júlia de imediato -, e está tudo combinado.

Márcia teve a elegância de se mostrar pouco à vontade.

- Essa era a minha função - disse ela. - Não era a da minha filha, nem a do meu marido.

- Compreendo - disse ele dum modo agradável.

- Foste muito generoso. Agradecemos-te, Caio Mário.

- Discordo, Márcia. Tu é que foste muito generosa. **Júlia é uma pérola inestimável** - disse Mário.

A frase ficou a ecoar-lhe na mente, e por isso, quando Mário deixou a casa pouco depois e a décima hora do dia ainda estava no futuro, virou à direita em vez de virar à esquerda, ao fim das Escadas de Vesta e contornou o belo templo circular dedicado a Vesta, subindo o estreito desfiladeiro *entre* a Regia e o Domus Publicus. Foi então

dar à **Via Sacra,** no sopé da pequena rampa denominada Clivus Sacer.

Transpôs em grandes passadas o Clivus Sacer, ansioso por chegar ao Porticus Margaritaria antes de terem partido os mercadores todos. Nesta grande e aberta arcada comercial construída à volta de um quadrângulo central encontravam-se os melhores joalheiros de Roma. Ganhara o nome pelos vendedores de pérolas que aí tinham assentado praça quando fora erigido; nessa época, a derrota de Aníbal vira todas as rigorosas leis que limitavam as despesas, que proibiam as mulheres de usar jóias rescindidas,104

e como resultado disso as mulheres de Roma fizeram gastos descontrolados em todo o tipo de bagatelas.

Mário queria comprar uma pérola para Júlia, e sabia exactamente aonde se dirigir, tal como todos os que viviam em Roma: ia à casa comercial de Fabrícius Margarita. O primeiro Marcus Fabrícius fora o primeiro de todos os vendedores de pérolas, e montara a sua loja quando todas as pérolas existentes vinham de mexilhões de água doce, de ostras de falésia, rocha e lama, e de abrigos, e na sua maioria eram pequenas e escuras. Mas Marcus Fabrícius dava tanta importância às pérolas que seguiu, como um cão de caça, as rotas lendárias, viajou até ao Egipto e até à Arábia Nabateia em busca de pérolas de oceano - e encontrou-as. No início, eram ainda desanimadoramente pequenas e de forma irregular, mas tinham a verdadeira cor das pérolas, de um branco cremoso, e provinham das águas do Sinus Arabicus, perto da distante Etiópia. Depois, quando o seu nome se tornou conhecido, descobriu um fosso de pérolas nos mares à volta da índia e da ilha de Taprobana, em forma de pêra, mesmo abaixo da índia. Foi nessa altura que se atribuiu o cognome de Margarita e estabeleceu um monopólio de comércio de pérolas de oceano. Agora, na época do consulado de Marco Minúcio Rufo e Espúrio Postúmio Albino, o seu neto - outro Marcus Fabrícius Margarita - estava tão bem fornecido, que um homem rico poderia ter a certeza de encontrar na loja, no momento, a pérola adequada.

Fabrícius Margarita, com efeito, tinha uma pérola adequada na mão, mas Mário foi para casa sem a levar, preferindo vê-la, da cor do luar e do tamanho de um berlinde, enfiada num pesado colar de ouro, rodeada de outras pérolas mais pequenas, processo esse que demorava alguns dias. A novidade de querer presentear uma mulher com artigos preciosos dominou os seus pensamentos, aos encontrões Por entre as recordações do beijo da rapariga e do seu desejo de ser noiva dele. Não era grande galanteador, mas sabia o suficiente acerca das mulheres para reconhecer que Júlia não correspondia à imagem de uma rapariga capaz de fazer uma aliança em que não desse o seu coração; e a simples ideia de possuir um coração tão puro, tão jovem, e de sangue tão azul como o de Júlia, enchia-o do tipo de gratidão que se afirmava enchendo-a de bens preciosos. Via a vontade dela como uma vingança; um presságio para o futuro; era a sua **pérola de valor inestimável, e por** isso devia receber pérolas, as lágrimas de uma distante lua tropical, caídas no oceano mais profundo, que haviam solidificado ao atingir o fundo. E ia dar-lhe uma pedra de *adamas indiana,*105

mais dura do que qualquer substância conhecida e do tamanho de uma avelã, e uma bonita pedra verde de *smaragdus* com veios azuis no centro, vinda da longínqua Cítia... e uma pedra de *carbúnculus,* tão brilhante e reluzente como uma bolha cheia de sangue novo...

Era evidente que Grânia estava em casa. Quando saía ela? Esperava o dia inteiro a partir da nona hora, para ver se o seu marido vinha jantar, adiando a refeição alguns minutos de cada vez, punha furioso o seu cozinheiro extremamente caro, e com frequência acabava por ficar a fungar enquanto comia o seu repasto solitário destinado a reavivar o apetite inexistente de um glutão saído de qualquer cura de jejum.

A obra-prima culinária feita pelo artista na cozinha era sempre, mas sempre desperdiçada, quer Mário jantasse fora ou em casa; Grânia gastara uma fortuna num cozinheiro capaz de pôr em êxtase o Epicuro mais exigente. Quando Mário ficava em casa para o jantar,

eram-lhe apresentados pratos como arganazes recheados com pasta de fígado, os mais pequenos papa-figos que se podem imaginar, vegetais exóticos e quantidades de molhos picantes demasiado ricos para o seu gosto e para a sua barriga, embora não para a sua bolsa. Tal como a maioria dos militares, sentia-se o homem mais feliz do mundo com um naco de pão e uma taça de sopa de ervilhas com toucinho fumado, e não se importava nada de falhar uma refeição ou duas. A comida era combustível necessário ao corpo e não ao prazer. Que após tantos anos de casamento Grânia ainda não tivesse conseguido entendê-lo, era um sintoma da enorme distância que os separava.

O que Mário estava prestes a fazer a Grânia não era próprio dele, por menor que fosse o afecto que tinha pela mulher. A sua relação fora sempre impregnada de culpa por parte dele, pois sabia que Grânia se casara na perspectiva de uma vida de felicidade conjugal, acolhedora, com crianças e jantares em família, uma vida **centrada no Arpino,** mas com muitas viagens a Putéolos, e talvez duas semanas de férias em Roma durante os *ludi Romani* em Setembro.

Mas desde a primeira vez que a vira até à primeira noite com ela, Grânia deixara-o tão indiferente que Mário nem conseguira começar a fingir gostar e sentir desejo. Não por ser feia, visto que não o era; o seu rosto redondo era bastante agradável, até lhe fora descrito como sendo bonito, com grandes olhos rasgados e uma boca pequena de lábios carnudos. Não por ser conflituosa, visto que não o era; com efeito, o seu106

comportamento havia-se adaptado de forma a agradar-lhe do melhor modo que sabia. O problema era que ela não podia agradar-lhe, nem que lhe enchesse a taça de cantáridas e tirasse um desses cursos de dança lasciva tão em voga.

A maior parte da sua culpa vinha-lhe de saber que ela não fazia a mais pequena ideia da razão porque não podia agradar-lhe, mesmo após muitos interrogatórios dolorosos acerca do assunto; Mário

nunca era capaz de dar respostas satisfatórias, porque sinceramente ele próprio desconhecia a razão, e era esse o problema principal.

Durante os primeiros quinze anos, Grânia fizera um esforço digno de apreço para manter a linha, que não era má de todo - peito farto, cintura fina, elegante de ancas - e secava os cabelos negros penteando-os ao sol depois da lavagem, para ficarem com matizes ruivos e lustrosos; e contornava os doces olhos castanhos com uma linha negra de *stibium; e* tinha o cuidado de nunca cheirar a suor ou a menstruação.

Se havia alguma diferença nele nesta noite do início de janeiro, quando o servo encarregado da porta o fez entrar na sua casa, era o facto de ter finalmente encontrado uma mulher que lhe agradava mesmo, com quem ansiava por casar-se, por compartilhar uma vida. Talvez ao comparar as duas, Grânia e Júlia, conseguisse por fim encontrar a resposta esquiva. E realmente compreendeu logo. Grânia era prosaica, inculta, robusta, doméstica, a mulher ideal para um proprietário rural romano. Júlia era aristocrata, culta, imponente, política, a mulher ideal para um cônsul romano. Ao casá-lo com Grânia, a sua família supusera naturalmente que ele iria ser um proprietário rural latino, sendo essa a sua herança familiar, e aquela mulher adequava-se-lhe. Mas Caio Mário era uma águia, fugiu da gaiola do Arpino. Aventureiro e ambicioso, formidavelmente inteligente, tinha chegado longe e tencionava ir mais longe ainda, especialmente agora, que lhe fora prometida uma Júlia dos Júlios Césares. Ela era o tipo de mulher que Mário queria! O tipo de mulher de que *eleprecisava.*

- Grânia! - chamou, deixando tombar o enorme volume da sua toga no magnífico chão de mosaicos do átrio e saindo de dentro dela antes que o servo que se apressou a vir buscá-la tivesse tempo de salvar a sua brancura do contacto com as botas lamacentas de Caio Mário.

- Sim, querido? - veio Grânia a correr da sua salinha deixando um rasto de alfinetes e pregadeiras e migalhas, demasiado gorda hoje em dia, visto que aprendera a consolar a sua amarga solidão com demasiadas carnes doces e figos cobertos de xarope.

- No *tablinum,* por favor Caio Mário fez um movimento brusco com o ombro ao dirigir-se energicamente para a sala.

Num passo precipitado, ela entrou logo a seguir ao marido.

- Fecha a porta disse Caio Mário, dirigindo-se à sua cadeira preferida, por detrás da grande mesa de trabalho, sentando-se, e obrigando-a deste modo a ficar sentada como um cliente, do lado oposto a uma grande extensão de malaquite polida de cantos de ouro trabalhado.

- Sim, querido? perguntou Grânia sem receio, pois o marido nunca era grosseiro com ela de propósito, nem a tratava mal a não ser por negligência.

Caio Mário franziu as sobrancelhas, revirando um ábaco de marfim nas mãos; mãos que sempre amara por serem tão graciosas como fortes, de palma quadrada mas de dedos longos, e ele usava-as como um especialista, com uma decisão firme. Com a cabeça de lado, olhou para ele, para o estranho com quem estava casada há vinte e cinco anos. Um homem atraente, era o seu veredicto agora, igual a mil outros veredictos. Ainda o amaria? Como o podia saber? Ao fim de vinte e cinco anos, o que sentia era como um tecido complicado sem qualquer padrão, tão arejado em alguns pontos que a luz da sua mente brilhava através dele, contudo tão denso noutros que ficava pendurado como uma cortina entre os seus pensamentos e a sua vaga ideia de quem e o que era Grânia como pessoa. Raiva, dor, desorientação, ressentimento, mágoa, autocompaixão tantas, tantas emoções! Algumas sentidas há tanto tempo que quase tinham sido esquecidas, outras ainda frescas e recentes, pois tinha agora quarenta e cinco anos, a menstruação começava a diminuir, o seu pobre ventre improdutivo encolhia. Se havia uma emoção que predominasse era a desilusão comum, deprimente, sem inspiração.

Esses dias, até os oferecera a Vediovius, deus padroeiro das desilusões.

Os lábios de Mário abriram-se para falar; por natureza, eram cheios e sensuais, mas ele disciplinara-os, dando-lhes contornos vigorosos antes de a mulher se aproximar. Grânia inclinou-se um pouco para a frente, para captar tudo o que ele fosse dizer, com todas as fibras do seu ser levadas à tensão máxima com o esforço de concentração.

- Vou divorciar-me de ti disse o marido, entregando-lhe o pregaminho onde cedo, nessa manhã, tinha escrito a carta de divórcio.

O que ele disse penetrou a custo; Grânia estendeu o rectângulo espesso e levemente malcheiroso de pele macia sobre a mesa de trabalho e estudou-o como um presbíope até as palavras lhe fornecerem uma resposta. A seguir, passou os olhos do pergaminho para o marido.108

- Não fiz nada para merecer isto - disse num tom inexpressivo.

- Discordo - replicou ele.

- O quê? O que fiz eu?

- Não tens sido uma mulher adequada.

- E precisaste de vinte e cinco anos para chegar a essa **conclusão?**

- Não. Soube-o desde o início.

- Por que não te divorciaste nessa altura?

- Não me pareceu na altura que isso fosse importante.

Oh! Ofensa atrás de ofensa, insulto atrás de insulto! O pergaminho vibrou-lhe nas mãos, atirou-o fora e fechou os punhos apertando-os com força.

- Sim, é o resultado final de tudo isto! - disse por fim suficientemente viva para se enfurecer. - Nunca fui importante para ti. Nem sequer suficientemente importante para te divorciares de mim. Então, por que o fazes agora?

- Quero voltar a casar - respondeu Mário.

A incredulidade afastou a fúria; os olhos de Grânia esbugalharam-se.

- TU?

- Sim. Propuseram-me uma aliança de casamento com uma rapariga de uma família patrícia muito antiga.

- Então, Mário! O que dantes era tão indiferente agora passou a ser snobe?

- Não. Não acredito nisso - retorquiu ele desapaixonadamente, escondendo o mal-estar tão bem como a culpa. - Simplesmente, este casamento significa que serei cônsul.

O fogo da indignação morreu nela, apagado pelo vento frio da lógica. Como podia alguém argumentar contra isto? Como podia alguém lançar culpas? Como se podia lutar contra uma coisa tão inevitável? Embora Mário nunca tivesse discutido com ela a sua rejeição política, Grânia conhecia-a. E chorara por ele, desejara poder rectificar o pecado da omissão desses nobres romanos que controlavam a política romana. Contudo, o que podia fazer uma Grânia de Putéolos? Era rica, respeitável, impecável como as noivas eram. Mas completamente falha de influência, sem parentes capazes de rectificar a quota-parte de injustiças dele; se Caio Mário era um proprietário rural latino, ela era filha de um comerciante da Campânia, o mais baixo que havia aos olhos de qualquer nobre romano. Até há pouco tempo, a família dela não tinha direito de cidadania.

- **Entendo - disse inexpressivamente.**

E o marido teve a bondade de deixar as coisas assim, para não a deixar entrever o seu entusiasmo, o pequeno rebento Caioroso do amor que germinava no seu coração adormecido. Deixá-la pensar que era um mero golpe de oportunismo político.

- Lamento, Grânia - disse Mário com delicadeza.

- *Também* eu, também eu - respondeu ela, começando de novo a tremer, mas desta vez à perspectiva gélida da viuvez por ausência, uma solidão ainda mais intolerável do que o tipo de solidão a que estava habituada. A vida sem Caio Mário? Impensável.

- Se servir de consolação, a aliança foi-me oferecida; não fui eu que a procurei.

- Quem é ela?

- A filha mais velha de Caio Júlio César.

- Uma Júlia! Isso é um voo alto! Certamente serás cônsul, Caio Mário.

- Também julgo que sim - e pôs-se a brincar com a sua pena favorita de junco, com o pequeno frasco de pórfiro para a areia, de tampa perfurada de ouro, com o tinteiro feito de um único bloco de ametista polida.

- Tu ficas com o teu dote, claro, e é mais do que adequado às tuas necessidades. Investi-o em empreendimentos mais lucrativos do que fez o teu pai, e como não lhe tocaste, agora é muito grande - aclarou a garganta.

- Suponho que quererás viver perto da tua família, mas estou a pensar se na tua idade não será mais aconselhável teres a tua própria casa, especialmente estando o teu pai morto e sendo o teu irmão o *pater familias.*

- Nunca dormiste comigo as vezes suficientes para me dares um filho

- disse ela, magoada no mais profundo âmago da sua gélida solidão. Oh! Quem me dera ter um filho!

- Alegra-me muito que não tenhas! O nosso filho seria meu herdeiro, e o casamento com Júlia não teria o mesmo significado - Mário percebeu que a frase não estava no tom certo, e acrescentou: - Sê sensata, Grânia! Os nossos filhos estariam agora crescidos e a viver a sua vida. Não iriam dar-te nenhum consolo.

- Pelo menos, haveria netos - contrapôs ela, de lágrimas nos olhos.

- Eu não estaria tão terrivelmente só!

- Há anos que te digo para arranjares um cãozinho! - Não foi dito com dureza, era apenas um conselho importante; ele pensou num conselho melhor, e acrescentou: - De facto o que devias fazer era voltar a casar.110

- Nunca! - gritou a mulher. Mário encolheu os ombros.

- Como queiras. Voltando à conversa sobre onde devias viver, estou disposto a comprar uma *villa* perto do mar, em Cumas, e instalar-te lá. Cumas fica a uma distância muito cómoda de liteira de Putéolos: bastante perto para poderes ir visitar a tua família um dia ou outro, e suficientemente longe para te garantir o sossego.

já não havia esperança.

- Obrigada, Caio Mário.

- Não me agradeças! - Levantou-se e deu a volta à secretária para ajudá-la a erguer-se, pondo uma mão impessoal sob o cotovelo dela. - É melhor contares ao meu mordomo o que se passa, e pensa que escravos queres levar contigo. Mandarei um dos meus agentes ir

amanhã procurar uma casa adequada em Cumas. Pô-la-ei em meu nome, claro está, mas ficarás com um arrendamento vitalício, ou então, até casares. Está bem, está *bem!* já sei que disseste que não o farias, mas os pretendentes hão-de pegar-se a ti como moscas num pote de mel. Tu és rica. - Tinham chegado à porta da salinha dela, e aí ele parou, retirando a mão. - Gostaria que não estivesses cá depois de amanhã. De manhã, de preferência. Suponho que Júlia quererá fazer alterações na casa antes de se mudar, e casamos dentro de oito semanas, o que não me dá muito tempo para fazer as alterações que ela quiser. Por isso, depois de amanhã de manhã. Só Posso trazê-la cá para ver a casa depois de tu saíres; não seria próprio.

Grânia começou a fazer uma pergunta - uma coisa qualquer - mas ele já se afastava.

- Não esperes por mim para o jantar - ainda gritou ao atravessar a larga extensão do *átrium.* - Vou visitar Públio Rutílio Rufo e duvido que regresse antes de te deitares.

Pronto. Não seria para ela uma grande mágoa deixar de ocupar aquela casa enorme como um celeiro; sempre a detestara e odiava o caos urbano de Roma, Confundia-a pensar por que razão ele escolhera viver na húmida e triste vertente Norte do Arx do Capitólio, embora soubesse que a exclusividade extrema do lugar tinha tido grande influência nele. Mas havia tão poucas casas na vizinhança que ir visitar os amigos implicava longos trajectos por muitas escadarias, e politicamente era uma estagnação; os vizinhos eram todos grandes comerciantes com pouco interesse pela política.

Acenou ao servo que se encontrava à **porta do lado** de fora da salinha.111

- Vai já chamar o mordomo, por favor - disse-lhe.

O mordomo entrou, um grego imponente de Corinto que conseguira obter a sua própria educação e depois se vendera como escravo

para fazer fortuna e acabar por adquirir a cidadania romana.

- Strophantes, o amo vai divorciar-se de mim - disse a mulher sem vergonha, pois não havia vergonha na questão. - Tenho de estar fora daqui depois de amanhã, de manhã. Por favor, prepara a minha bagagem.

Ele fez uma vénia, escondendo a surpresa; era um casamento que não esperava ver acabar antes da morte, pois o que o rodeava era um torpor mumificado e não os amargos combates que habitualmente levavam ao divórcio.

- Tenciona levar pessoal, *domina?* - perguntou, certo da sua permanência na casa, dado que pertencia a Caio Mário e não a Grânia.

- O cozinheiro, com certeza. E todos os criados da cozinha, para ele não ficar muito infeliz, não achas? As minhas servas, a minha costureira, a minha cabeleireira, os escravos encarregados do meu banho e ambos os pagens - disse ela, incapaz de pensar em mais alguém de quem dependesse e gostasse.

- Com certeza, *domina* - e afastou-se de imediato, morto por comunicar este mexerico ao resto do pessoal, e especialmente ansioso por dar a notícia da partida ao cozinheiro: esse convencido mestre das caçarolas não ia acolher bem a mudança de Roma para Putéolos!

Grânia vagueou pela sua salinha espaçosa reparando naquele ar confortável de desarrumação, fitando as suas tintas e a caixa de trabalhos, e o baú cravejado de pregos onde repousava o enxoval de roupa para bebé, reunido com esperança, dilacerantemente inútil.

Como não eram as mulheres que escolhiam ou compravam a mobília, Caio Mário não iria oferecê-la; os olhos dela ficaram um pouco mais brilhantes, as lágrimas caíram para dentro, em vez de rolarem pelas bochechas, e não foram substituídas. Com efeito, ela

apenas tinha o dia de amanhã antes de deixar Roma, e Cumas não era um dos maiores empórios do mundo. Amanhã iria comprar mobília para a nova *villa!* Que bom poder escolher o que quisesse! Amanhã, afinal, iria ser um dia atarefadíssimo, sem tempo **sequer para pensar, nem horas** vazias para sofrer. Muita da dor e do choque iniciais começaram logo a evaporar-se; poderia sobreviver à próxima noite, agora que tinha a diversão das compras para antecipar com prazer.

- Berenice! - chamou, e quando a rapariga apareceu ordenou-lhe: Quero jantar já, avisa na cozinha.112

Arranjou papel para fazer a lista de compras, por entre a desordem da sua mesa de trabalho, e deixou-a aí, Pronta a usar mal acabasse de comer. E havia mais uma coisa que ele lhe tinha dito - sim, era isso, o cãozinho. Amanhã compraria um cãozinho, o primeiro artigo da lista.

A euforia durou até terminar o solitário jantar de Grânia, altura em que despertou do choque e mergulhou imediatamente na dor. Levou as mãos aos cabelos, puxando-os e arrancando-os em frenesi; a boca abria-se-lhe num grito cortante, as lágrimas corriam como rios. Todos os servos se afastaram, deixando-a abandonada na sala de jantar, a uivar sobre o tecido dourado e púrpura que cobria o seu leito.

- Ouçam-na! - disse o cozinheiro com amargura, fazendo uma pausa na arrumação das panelas, caçarolas, instrumentos; o som da agonia da ama chegava nítido até aos seus domínios no extremo mais distante do jardim do peristilo. - Que razões *tem ela para* chorar? Eu é que vou para o degredo... enquanto ela já lá viveu um ror de anos, o velho estafermo!

O sorteio que concedeu a província da África Romana a Espúrio PostúniÃo Albino realizou-se no dia de Ano Novo; menos de vinte e

quatro horas depois, o novo cônsul hasteou a bandeira que defendia, que era a do Príncipe Massiva, da Numídia.

Espúrio Albino tinha um irmão, Aulo, dez anos mais novo do que ele, admitido recentemente no Senado, e ansioso por criar nome. Por isso, enquanto Espúrio Albino tentava a todo o custo favorecer indirectamente o seu novo cliente Massiva, coube a Aulo Albino escoltar o príncipe por todos os lugares públicos da cidade, apresentando-o aos romanos dignos de nota, e segredando aos agentes de Massiva que tipo de prendas mais conviriam aos romanos dignos de nota que o príncipe ia conhecendo. Tal como a maioria dos membros da casa real da Numídia, Massiva era um semita bem estabelecido, elegante e com miolos na cabeça, capaz de *usar* o seu *charme e* pródigo na distribuição de dádivas. A sua maior vantagem não assentava na legitimidade inegável do seu direito, mas sim no prazer de Roma em ver o campo dividido; não havia a menor excitação num Senado unido, nem havia interesse numa série de votos unânimes, nem reputações a criar numa cooperação amigável.

No final da primeira semana do Ano Novo, Aulo Albino apresentou formalmente o caso do Príncipe Massiva à Assembleia, e, em seu nome, reclamou a passagem do **trono** da Numídia para o ramo legítimo. Era o discurso feito por Aulo, e era um bom discurso. Todos os Cecílios Metelos

ficaram sentados a ouvir e depois aplaudiram no final, enquanto Marco Emílio Escauro ficava satisfeito por se associar ao apoio da petição de Massiva. Disse que esta era a resposta a pergunta tão debatida sobre o que havia a fazer quanto à Numídia - trazê-la para o bom caminho com um rei legítimo nos rins, e não um pretendente desesperado cuja linha sanguínea não chegava para harmonizar todo o país a seguir a ele, e que havia estabelecido a posse do trono através do crime e do suborno. Antes que Espúrio Albino concluísse

o encontro, já no Senado se ouviam boatos indicadores de que estaria disposto a votar a favor da demissão do rei actual, e da substituição deste por Massiva.

- Estamos afundados em água a ferver - disse Bomílcar a Jugurta.

- De repente, deixei de ser convidado para mais jantares, e os nossos agentes já não conseguem encontrar ouvidos que os escutem.

- Quando é a votação no Senado? - perguntou o rei, com voz calma e firme.

- No décimo quarto dia antes das Calendas de Fevereiro há a próxima reunião marcada para a Assembleia: isto é, sete dias a contar de amanhã.

O rei endireitou os ombros.

- Vai ser contra mim, não vai?

- Sim, Majestade - disse Bomílcar.

- Nesse caso, não vale a pena tentarmos continuar a fazer as coisas à moda dos romanos - Jugurta crescia visivelmente de tamanho, numa hedionda imponência agora inchada, que estivera escondida desde que ele viera para Itália com Lúcio Cássio. - A partir de agora, farei as coisas *à minha maneira,* à maneira da Numídia.

A chuva parou e despontou um sol frio; os ossos de Jugurta ansiavam pelos ventos mais quentes da Numídia, o corpo desejava ardentemente o conforto amigável e generoso do seu harém, tal como a sua mente suspirava pela lógica cruel do comportamento simples na Numídia. Era a boa altura de ir para casa! O momento oportuno para começar a recrutar e terminar um exército, visto que os Romanos nunca mais iam desistir.

Caminhou dum lado para o outro da colunata que ladeava o gigantesco jardim do peristilo, depois acenou para Bomílcar e dirigiu-se com ele a grandes passadas até ao ar livre, perto da fonte que ruidosamente esparrinhava a sua água.

- Nem um pássaro pode ouvir-nos - disse então.114

Bomílcar ficou tenso, preparou-se.

- Massiva tem de desaparecer - disse o rei.

- *Aqui?* Em Roma?

- Sim, e dentro dos próximos sete dias. Se Massiva não estiver morto antes da votação do Senado, a nossa tarefa tornar-se-á muito mais difícil. Com Massiva morto, não poderá haver votação, e ganhamos tempo.

- Eu próprio o matarei - disse Bomílcar.

Mas jugurta abanou a cabeça violentamente.

- Não! Não! O assassino tem de ser um romano - disse. - A tua missão será encontrar o assassino romano que vai matar Massiva por nós. Bomílcar olhou-o estarrecido.

- Meu senhor e rei, estamos num país estrangeiro! Não sabemos onde nem como, quanto mais quem!

- Pergunta a um dos nossos agentes. Tem que haver *um* em quem possamos confiar - disse jugurta.

Isto era mais concreto; Bomílcar Pensou por momentos, mordendo os curtos pêlos da barba abaixo do lábio inferior com os seus dentes fortes.

- Agelasto - disse finalmente. - Marco Servílio Agelasto, o homem que nunca se ri. O pai é romano, e ele nasceu e cresceu aqui. Mas o

seu coração está com a sua mãe númida, disso tenho eu a certeza.

- Deixo o assunto a teu cargo. Trata disso - disse o rei, e afastou-se.

Agelasto pareceu atónito.

- *Aqui?* Em Roma?

- Não só aqui, como também dentro dos **próximos** sete dias - disse Bomílcar. - Mal o Senado votar a favor de Massiva, o que fará de certeza!, teremos pela frente uma guerra civil na Numídia. jugurta não desiste, bem sabes. Mesmo que estivesse disposto a desistir, os Getulos não o deixavam.

- Mas eu não faço a mais pequena ideia de como encontrar um assassino!

- Então, faz tu mesmo o serviço.

- Não seria capaz! - lamentou-se Agelasto.

- Tem de ser feito! Certamente numa cidade destas dimensões haverá gente suficiente disposta a matar por uma boa quantia - insistiu Bomílcar.

- Claro que há! Metade do proletariado, para não exagerar. Mas não frequento esses ambientes, não conheço nenhum dos *proletários!* A única115

coisa que posso fazer é aproximar-me do primeiro sujeito andrajoso que encontrar, fazer tinir um saco de ouro e pedir-lhe que mate um príncipe da Numídia! lastimou-se Agelasto.

- Porque não? perguntou Bomílcar.

- Porque ele pode fazer queixa de mim ao pretor urbano, é só por isso!

- Mostra-lhe primeiro o ouro, e garanto-te que não o fará. Nesta cidade, toda a gente tem o seu preço.

- Talvez seja mesmo assim, Barão disse Agelasto, mas não estou preparado para pôr à prova a teoria.

E dessa posição ninguém podia demovê-lo.

Todos diziam que a Subura era o esgoto de Roma, e por isso foi à Subura que Bomílcar se dirigiu, vestido com modéstia, e sem um único escravo a escoltá-lo. Tal como qualquer visitante distinto em Roma, haviam-lhe dito que não devia aventurar-se pelo vale a noroeste do Fórum Romano, e agora entendia porquê. Não era por as ruas da Subura serem mais estreitas que as do Palatino, nem por os edifícios serem tão opressivamente altos como os do Viminal e do alto Esquilino.

Não, o que distinguia a Subura na primeira experiência eram as pessoas, mais do que Bomílcar já tinha visto alguma vez. Surgiam de milhares de janelas, berrando umas para as outras, abriam caminho por entre turbas de gente tão grandes que todo o movimento se reduzia a um passo de caracol, comportavam-se de todas as formas grosseiras e agressivas de que era capaz a raça humana, cuspiam e urinavam e faziam os seus despejos em qualquer espaço que vissem livre, e estavam sempre prontos a desencadear uma briga só por alguém os olhar de lado.

A segunda impressão era a de uma sordidez dominante, um fedor terrível. À medida que ia do civilizado Argileto até à Fauces Suburae, à medida que o trecho inicial da via pública era conhecido, Bomílcar não conseguia aperceber-se de nada para além do cheiro e da sujidade. Escamadas e em mau estado, as próprias paredes dos prédios exsudavam imundícies que formavam regatos, como se os tijolos e vigas de que eram feitos tivessem sido ligados com detritos. Por que motivo, deu consigo a pensar, não teriam simplesmente deixado todo o distrito arder o ano passado, em vez de se

esforçarem tanto por salvá-lo? Nada nem ninguém na Subura merecia ser salvo! Então, à medida que penetrava mais com o cuidado de não sair da Subura Maior, como chamavam

agora à rua principal, evitando qualquer dos espaços entre os prédios de cada um dos lados, pois se o fizesse, poderia nunca mais encontrar a saída

- a surpresa foi tomando o lugar do nojo. Porque começou a ver a vitalidade e robustez dos seus habitantes, e a sentir uma alegria que transcendia a sua compreensão.

A língua que ouvia era uma mistura de latim, grego e um pouco de aramaico, uma gíria que provavelmente não podia ser entendida por alguém que não vivesse na Subura, pois nos seus passeios pelas outras localidades de Roma nunca tinha ouvido nada parecido.

Havia lojas por todo o lado, bares onde se comiam petiscos, todos aparentemente prósperos - havia obviamente dinheiro por ali - misturados com padarias, talhos, tabernas onde se podia beber vinho, e minúsculas lojinhas que pareciam (pelo que ele podia aperceber-se espreitando para a escuridão) vender todo o tipo de coisas, desde peças de barbante a panelas, lamparinas e velas de sebo. No entanto, notava-se que a alimentação era o melhor dos negócios; pelo menos, dois terços das lojas dedicavam-se a um ou outro aspecto do negócio de alimentos. Também havia fábricas: ele ouvia o batimento das prensas ou o zunir das rodas de esmeril ou o matraquear dos teares, mas esses ruídos provinham de entradas apertadas ou de ruelas laterais, e encontravam-se irremediavelmente fundidos com o que pareciam ser prédios de inquilinos, com vários andares. Como poderia alguém sobreviver naquele sítio?

Até nas pequenas praças e cruzamentos principais havia muita gente; a forma como conseguiam lavar a roupa nos tanques das fontes, e os carregadores de água, espantaram-no. Cirta - cidade de que ele, como númida, se orgulhava imenso - não passava de uma grande aldeia comparada com Roma, como acabou por admitir. Até Alexandria, suspeitava, não teria mão-de-obra que chegasse para um formigueiro como a Subura.

Apesar de tudo, havia lugares onde os homens se juntavam para se sentarem a beber e a passar o tempo. Esses lugares pareciam limitar-se aos cruzamentos principais, mas nem disso podia ter a certeza, relutante como estava em deixar a rua principal. Tudo continuava a acontecer bruscamente, em fragmentos de cenas que se desenrolavam à sua frente e se fechavam numa nova lufada de gente, desde um homem que batia num miúdo a uma mulher que batia numa criança carregada. Mas os interiores escuros das tabernas dos

cruzamentos - não sabia que outro nome deveria dar-lhes - eram oásis de relativa paz. Homem forte no vigor da idade, Bomílcar decidiu finalmente que não encontraria nada mais brilhante117

se não entrasse numa delas. Afinal de contas, viera à Subura procurar um assassino romano, pelo que tinha de encontrar um lugar onde pudesse meter uma conversa com alguém da populaça local.

Saiu da Subura Maior e subiu o Vicus Patricii, uma rua principal que ia dar ao monte Viminal, e descobriu uma taberna de cruzamento na base de um espaço triangular onde a Subura Menor se juntava com o Vicus Patricii; o tamanho do sacrário e a fonte indicaram-lhe que este era certamente um *compitum,* uma intersecção, muito importante. Assim que baixou a cabeça para passar pelo baixo lintel da porta, todos os rostos que se encontravam lá dentro e deviam ser pelo menos uns cinquenta se levantaram e se viraram para ele, subitamente rígidos. O zumbido das conversas parou.

Peço desculpa disse Bomílcar, aguentando sem medo, de olhos ocupados em busca do rosto pertencente ao chefe. Ah! Ali, no canto do fundo, à esquerda! Com efeito, à medida que o choque inicial de verem um perfeito estranho se foi dissolvendo, os outros voltaram-se para fixarem este rosto único o rosto do chefe. Era um rosto mais romano do que grego, pertencente a um homem de estatura pequena e que andaria talvez pelos trinta e cinco anos. Bomílcar virou-se para olhar directamente para ele e dirigiu-lhe o resto dos comentários, esperando que o seu latim fosse suficientemente fluente para falar na língua nativa, mas foi obrigado a usar o grego.

- Peço desculpa repetiu. Penso ser culpado de infracção. Procurava uma taberna onde pudesse sentar-me a beber um copo de vinho. Andar é tarefa que dá sede.

Amigo, isto é uma associação privada disse o chefe num grego atroz mas compreensível.

- Não há tabernas públicas? perguntou Bomílcar.

Na Subura não, amigo. Aqui estás fora da tua zona. Volta para a Via Nova.

- Sim, conheço a Via Nova, mas sou um estranho em Roma, e penso sempre que não se pode captar o verdadeiro sabor de uma cidade se não se penetrar no seu bairro mais populoso disse Bomílcar, oscilando entre a fatuidade do turista e a ignorância do estrangeiro.

O chefe mirava-o e remirava-o de alto a baixo, avaliando-o com sagacidade.

Tens sede, amigo? perguntou. Agradecido, Bomílcar apoderou-se do gambito.118

- Tenho sede que chega para pagar um copo a todos os que aqui estão

- disse.

O chefe empurrou o homem sentado no banco a seu lado e deu umas pancadas no banco.

- Bem, se os meus honrados colegas concordarem, poderemos tornar-te membro honorário. Mexe-me esses pés, amigo - voltou a cabeça com indiferença. - Se concordarem todos em tornar este senhor membro honorário, digam sim!

- Sim! - gritaram em coro.

Bomílcar procurou em vão o balcão ou o vendedor, respirou em segredo e pousou a bolsa na mesa de tal modo que um ou dois denários saíram pela abertura; ou o assassinavam pelo seu conteúdo ou seria mesmo membro honorário.

- Posso? - perguntou ao chefe.

- Brómido, traz uma boa caneca para o senhor e para os membros disse o chefe ao criado que tinha desalojado para dar lugar a Bomílcar. O bar que usamos é na porta ao lado - explicou.

A bolsa entornou mais alguns denários.

- Basta?

- Para uma rodada chega e sobra, amigo. Outras moedas tilintaram ao sair.

- E que tal várias rodadas?

Ouviu-se um suspiro; todos ficaram visivelmente descontraídos. O criado Brómido recolheu as moedas e desapareceu porta fora seguido de três ajudantes impacientes, enquanto Bomílcar estendia ao chefe a mão direita.

- Chamo-me juba - disse.

- Lúcio Decúmio - disse o chefe, apertando-lhe vigorosamente a mão. -Juba! Que nome é esse?

- É mouro. Sou da Mauritânia.

- Mauri... o quê? Onde fica?

- Em África.

- África? - Era evidente que Bomílcar podia ter dito a Terra dos Hiperbóreos; teria significado o mesmo (isto é, nada) para Lúcio Decúmio.

- Muito longe de Roma - explicou o membro honorário -, um lugar distante a oeste de Cartago.

- *Ah! Cartago!* Por que não disseste logo? - Lúcio Decúmio virou-se *para* olhar fixamente o rosto da sua interessante visita. - Pensava

que Cipião Emiliano não tinha deixado ninguém vivo - disse.[119]

Não deixou. A Mauritânia não é Cartago, fica longe, a oeste de Cartago. Ficam as duas em África, é tudo disse Bomílcar pacientemente. O que era dantes Cartago é agora a Província Romana de África. Para onde vai o cônsul deste ano, Espúrio Postúmio Albino.

Lúcio Decúmio encolheu os ombros.

Cônsules? Vão e vêm, amigo, vão e vêm. Não faz diferença à Subura, eles não vivem por aqui, entendes? Mas desde que admitas que Roma manda no mundo, és bem-vindo à Subura, amigo. Até os cônsules.

- Acredita, eu sei que Roma manda no mundo disse Bomílcar com emoção. O meu senhor... o rei Boco da Mauritânia... enviou-me a Roma para pedir ao Senado que o fizesse Amigo e Aliado do Povo de Roma.

- O que não sabes tu? notou Lúcio Decúmio indolente. Brómido chegou, cambaleando sob o peso de uma caneca enorme,

seguido por outros igualmente carregados, e passou a distribuir as bebidas refrescantes por todos; começou por Decúmio, que lhe deu um soco doloroso na coxa.

-Aqui, idiota, não tens modos? perguntou. Serve primeiro o senhor que pagou, senão arranco-te as tripas.

Bomílcar recebeu uma taça cheia até acima em segundos, e ergueu-a para fazer uma saúde.

- Ao melhor lugar e aos melhores amigos que encontrei até agora em Roma disse, e bebeu o péssimo vinho com um prazer fingido. Deuses, eles deviam ter intestinos de aço!

Também apareceram tigelas de comida, pepinos pequenos em picles e cebolas e avelãs, pedaços de aipo e rodelas de cenoura, uma mistura fedorenta de peixe miúdo salgado que desapareceu num ápice. Bomílcar não conseguiu comer nada daquilo.

À tua, Juba, velho amigo! disse Decúmio.

Juba! gritavam os outros em coro, com um humor óptimo.

Dentro de meia hora, Bomílcar sabia mais acerca da Roma dos trabalhadores do que alguma vez sonhara, e achava-a fascinante; o facto de saber muito menos acerca da Numídia dos trabalhadores não lhe ocorreu. Todos os membros da associação trabalhavam, descobriu, sabendo que em cada dia um grupo diferente de homens usava as instalações da associação; a maior parte deles parecia ter folga de oito em oito dias. Cerca de um quarto dos homens na sala usavam pequenos barretes cónicos atrás da nuca, indicando que eram homens livres, escravos libertos; para sua120

surpresa, Bomílcar percebeu que alguns dos outros ainda eram escravos, contudo parecia que estavam ao mesmo nível dos outros membros, e que trabalhavam no mesmo tipo de profissões pelo mesmo pagamento e as mesmas horas e as mesmas folgas - o que achou muito estranho, mas obviamente era normal aos olhos de todos. E Bomílcar começou a entender a verdadeira diferença entre um escravo e um homem livre: um homem livre podia ir e vir e escolher o lugar e tipo de trabalho que quisesse, ao passo que um escravo pertencia ao patrão, era propriedade do patrão, e por isso não podia decidir a sua vida. Bastante diferente da escravatura na Numídia. Mas então, reflectiu com justeza, visto que era um homem justo, cada nação tem as suas regras e leis sobre a escravatura, não há duas iguais.

Ao contrário dos outros membros, Lúcio Decúmio tinha lugar cativo.

- Sou o guarda da associação - disse, tão sóbrio como quando bebera o primeiro trago.

- Que tipo de associação é? - perguntou Bomílcar, tentando **fazer durar** a bebida o máximo de tempo possível.

- Não imagino que saibas o que é - disse Lúcio Decúmio. - Isto, amigo, é uma associação de vigilância do altar dos deuses das encruzilhadas. Uma congregação peculiar, uma espécie de colégio, de facto. Registada pelos edis e pelo pretor urbano, abençoada pelo Pontífice Máximo. As associações de vigilância das encruzilhadas remontam à era dos reis, antes de existir a república. Há muito poder no lugar onde se cruzam grandes estradas. Refiro-me às *compita* peculiares, e não às vossas encruzilhadas pequenas e insignificantes de ruas e vielas. Sim, há muito poder nas encruzilhadas. Quero dizer: imagina que eras um deus e olhavas Roma lá do alto. Ficarias confuso se quisesses lançar um raio ou um bocado de peste, não é verdade? Se subires ao Capitólio, entenderás bem o que quero dizer: um amontoado de telhados vermelhos tão juntos como os ladrilhos de um mosaico. Mas se olhares melhor, podes sempre ver as brechas onde as grandes estradas se cruzam, as *compita como* temos aqui perto. Pois bem, se fosses um deus, era aí que lançarias o teu raio ou a tua praga de peste, exacto? Mas acontece que nós Romanos somos inteligentes, amigo. Mesmo inteligentes. Os reis pensaram que teríamos de proteger-nos nas encruzilhadas. E é por isso que as encruzilhadas foram postas sob a protecção dos Lares, e se construíram sacrários em honra dos Lares em todas as encruzilhadas, mesmo antes de haver fontes. Não reparaste no sacrário contra a parede do lado de fora da associação? Aquela coisinha em forma de torre?[121]

- Reparei disse Bomílcar começando a ficar confuso. Mas exactamente quem são os Lares? São mais do que deuses?

- Há Lares por todo o lado, centenas, milhares disse Decúmio vagamente. - Roma está cheia de Lares. A Itália também, dizem, embora eu nunca tenha ido a Itália. Não conheço nenhum soldado, por isso não sei dizer se os Lares também vão para o ultramar com as legiões. E cabe-nos a nós, às associações de vigilância das

encruzilhadas, tratar bem dos nossos Lares. Mantemos o sacrário em ordem e as oferendas recebidas, mantemos a fonte limpa, retiramos carros tombados, corpos mortos, na sua maioria de animais, e mudamos o cascalho quando cai um prédio. E por altura do Ano Novo fazemos grandes festas, as Compitais, como lhes chamamos. Aconteceu há só poucos dias, e é por isso que não temos dinheiro para o vinho. Gastámos os nossos fundos e leva tempo a poupar mais dinheiro.

- Estou a entender disse Bomílcar, que na verdade não entendia; os antigos deuses romanos eram para ele um mistério insolúvel. Vocês têm de financiar a festa totalmente entre vocês?

- Sim e não disse Lúcio Decúmio, coçando o sovaco. Recebemos algum dinheiro do pretor urbano para a festa, que chega para assar uns porcos... Depende de quem for o pretor urbano. Alguns são mesmo generosos. Outros são tão sovinas que a merda deles não tem cheiro.

A conversa desviou-se para perguntas curiosas sobre a vida em Cartago; era impossível fazê-los entender que existia mais algum lugar em África, pois os seus conhecimentos de História e Geografia pareciam provir do que haviam respingado nas suas visitas ao Fórum Romano, que não era assim tão longe da sua associação mas era mesmo assim um lugar distante. Quando visitavam o Fórum Romano, era aparentemente porque a inquietação política lhe emprestava interesse e dava um sabor a circo, ao centro de governação de Roma. Por consequência, a sua visão da vida política de Roma era de certo modo enviesada; o seu ponto alto parecia ter ocorrido durante os distúrbios que culminaram na morte de Caio Semprónio Graco.

Finalmente, chegara o momento. Os membros estavam tão habituados à sua presença que já não reparavam nele, e além disso estavam aturdidos pelo excesso de vinho. No entanto, Lúcio Decúmio ainda estava sóbrio; os seus olhos azuis inquiridores nunca

deixavam a cara de Bomílcar. Não era por acaso que aquele Juba estava aqui, no meio de pessoas que lhe eram inferiores; andava decerto em busca de qualquer coisa.122

- Lúcio Decúmio - disse Bomílcar, inclinando tanto a cabeça para perto do romano que só este poderia ouvi-lo - tenho um problema, e espero que me possas dizer o que devo fazer para resolvê-lo.

- Sim, amigo?

- O meu senhor, o rei Boco, é muito rico.

- Deve ser rico, se é rei.

- O que preocupa o rei Boco são as suas perspectivas de continuar rei - disse Bomílcar devagar. - Tem agora um grande problema.

- O mesmo problema que tu, amigo?

- Exactamente o mesmo.

- Como posso ajudar? - Decúmio tirou uma cebola da tigela de legumes em vinagre que estava na mesa e começou a mastigá-la pensativamente.

- Em África, a resposta podia ser simples. O rei daria uma ordem, e

o homem que constitui o nosso problema seria executado - Bomílcar parou, pensando quanto tempo levaria ele a ficar a par do assunto.

- Então, o problema tem um nome!

- Exacto. Massiva.

- Parece um nome mais latino do que juba - disse Decúmio.

- Massiva é um Númida, não é Mauritano. - As borras do vinho pareciam fascinar Bomílcar, que as mexeu com o dedo. - A

dificuldade é que Massiva está a viver aqui em Roma. Cria-nos problemas.

- Entendo em que ponto Roma dificulta as coisas - disse Decúmio, num tom que dava ao comentário sentidos diversos.

Bomílcar olhou para o homenzinho, espantado; ali estava um cérebro de subtileza, bem como de faculdade. Respirou fundo.

- A minha participação torna-se mais perigosa, porque sou um estranho em Roma - disse. - Bem vês, tenho de encontrar um romano que esteja disposto a matar o príncipe Massiva. Aqui, em Roma.

Lúcio Decúmio nem pestanejou.

- Não é difícil - disse.

- Não é?

- O dinheiro compra tudo em Roma, amigo.

- Então podes dizer-me aonde hei-de dirigir-me? - perguntou Bomílcar.

- Não vás mais longe, amigo, não vás mais longe - disse Decúmio, engolindo o resto da cebola. - Era capaz de cortar as goelas de meio Senado só para ter a hipótese de comer ostras em vez de cebolas. Quanto rende o trabalho?123

- Quantos denários estão nesta bolsa? Bomílcar esvaziou-a sobre a mesa.

- Não chegam para matar.

- E o que me dizes à mesma quantidade em ouro? Decúmio deu-lhe uma forte pancada na coxa.

- *Isso mesmo!* Assim é que é falar! Negócio fechado, amigo. Bomílcar sentia a cabeça a andar à roda, mas não era do vinho, que despejara sub-repticiamente para o chão durante a última hora.

- Metade amanhã e metade depois do trabalho feito disse, empurrando as moedas para dentro da bolsa.

Uma mão tingida, de unhas sujas, travou-o.

Deixa isto aqui como prova de boa fé, amigo. E volta amanhã. Espera lá fora, perto do sacrário. Iremos até minha casa conversar.

Bomílcar levantou-se.

Estarei aqui, Lúcio Decúmio. E no caminho para a porta, parou para olhar de frente o rosto mal barbeado do guarda da associação. Já mataste alguém? perguntou.

Decúmio levou o seu dedo indicador até ao lado direito do nariz.

Um sinal vale tanto como um piscar de olhos para um barbeiro cego, amigo disse. Na Subura ninguém se vangloria dos seus feitos.

Satisfeito, Bomílcar sorriu para Decúmio e saiu para a aglomeração da Subura Menor.

Marco Lívio Druso, que tinha sido cônsul dois anos antes, festejou o seu triunfo a meio da segunda semana de Janeiro. Fora escolhido para governador da província da Macedónia no ano em que era cônsul, e tendo tido a sorte de ver a atribuição prorrogada, prosseguiu uma guerra de fronteiras muito bem sucedida contra os Escordiscos, uma tribo de Celtas inteligentes e bem organizados que hostilizava continuamente a Macedónia romana. Mas em Marco Lívio Druso encontraram um homem de capacidades excepcionais e foram derrotados. Para Roma, o resultado fora mais benéfico do que de costume; Druso teve a sorte de conseguir conquistar uma das maiores fortalezas dos Escordiscos e encontrar nela, guardadas em

segredo, uma parte considerável das riquezas deste povo. A maior parte dos governadores festejavam vitórias no final do seu tempo em funções, mas toda a gente concordou que Marco Lívio Druso merecia essa honra mais do que ninguém.124

O príncipe Massiva era convidado do cônsul **Espúrio Postúmio Albino** nas festividades, e por isso foi-lhe atribuído um lugar excelente no Circo Máximo, donde assistiu à passagem da longa parada triunfal através do Circo, maravilhando-se ao descobrir em primeira mão o que sempre lhe haviam contado, que os romanos possuíam a arte de organizar espectáculos, e sabiam encená-los melhor do que qualquer outro povo. Como era de esperar, o seu grego era excelente, e por isso havia entendido o resumo do relato pré-triunfal, e encontrava-se de pé, pronto a partir antes de as legiões terem cruzado a Porta Capena ao abandonarem a vasta arena. O grupo consular saiu por uma porta privada que dava para o Fórum Boarium, apressou-se a subir as escadas de Caco até ao Palatino, e redobrou o passo, Percorrendo o caminho mais curto possível, doze lictores encaminharam-se por ruas quase desertas, com as solas cravejadas das suas botas de inverno a martelar o pavimento de pedra.

Dez minutos depois de terem abandonado os lugares no Circo Maximo, os acompanhantes de Espúrio Postúmio Albino desceram ruidosamente as Escadas de Vesta até ao Fórum Romano, dirigindo-se ao Templo de Castor e Pólux. Aqui, na plataforma do alto da escadaria deste edifício imponente, deviam sentar-se os dois cônsules com os seus convidados, para verem a parada descer a Via Sacra da Vélia em direcção ao Capitólio; para não ofenderem o vencedor, tinham de estar nos seus devidos lugares quando surgisse a parada.

- Todos os outros magistrados e Pais Conscritos desfilam à frente da parada - explicou Espúrio Postúmio Albino ao Príncipe Massiva - e os cônsules do ano são sempre convidados formalmente a desfilar, tal como são convidados para a festa que o vencedor oferece a seguir

no Templo de Júpiter Optimus Maximus. Mas não fica bem ao cônsul aceitar algum dos dois convites. Este é o *grande* dia do vencedor, e por isso deverá *ser* ele a pessoa mais distinta nos festejos, e quem tem mais lictores. Assim, os cônsules observam sempre de uma posição de importância, e o vencedor manifesta-lhes o seu apreço ao passar. Contudo, não o ofuscam.

O príncipe mostrara ter compreendido, apesar de ser um perfeito estrangeiro e de a sua falta de contacto com os romanos limitar a compreensão da descrição geral que lhe faziam. Ao contrário de Jugurta, passara a vida toda ligado à África não-romana.

Mal o grupo consular chegou à junção das Escadas de Vesta com a Via Nova, a sua progressão foi retardada pela multidão em massa, Roma em peso tinha saído à rua, com as suas centenas de milhar de pessoas,

para assistir ao triunfo de Druso; as informações que penetravam até nas ruas mais miseráveis da Subura haviam garantido a todos que o triunfo de Druso ia figurar entre os mais fantásticos.

Quando estavam de serviço, transportando *osfasces* em Roma, os lictores vestiam simples togas brancas; hoje, o seu trajo tornava-os ainda mais anónimos, pois Roma inteira se vestia de branco para assistir a um triunfo, todo e qualquer cidadão vestia a *toga alba* em vez da túnica. Por conseguinte, os lictores tinham dificuldade em abrir caminho ao grupo consular, que ia abrandando à medida que a multidão aumentava. Na altura em que chegou ao Templo de Castor e Pólux, deixara de ser uma unidade, e o príncipe Massiva, acompanhado por guarda-costas particulares, ficara tão atrasado que perdera todo o contacto com os outros.

A sua noção de exclusividade e a sua realeza não-romana instigavam-no ao ultraje, perante a atitude familiar e desrespeitosa

das centenas de pessoas que se amontoavam à sua volta; os seus guarda-costas foram afastados, e perdeu-os de vista por uns momentos.

Era o instante tão esperado por Lúcio Decúmio; investiu com precisão; rápido, certeiro e repentino. Esmagado contra o príncipe Massiva por um movimento espontâneo da multidão, enfiou o seu punhal especialmente afiado sob o lado esquerdo da real caixa toráxica, virando-o imediatamente para cima com um golpe brutal, largou o punho mal sentiu que a lâmina tinha entrado toda e já se esgueirara por entre uma dúzia de corpos antes que começasse a correr o sangue, ou que o Príncipe Massiva conseguisse gritar por socorro. Com efeito, o Príncipe não gritou por socorro; limitou-se a cair onde estava, e quando os guarda-costas recuperaram os ânimos e afastaram as pessoas à volta do seu amo assassinado, Lúcio Decúmio ia já a meio caminho da parte baixa do Fórum em direcção à baía do Argileto, uma mera gota no meio de um mar de togas brancas.

Passaram bem uns dez minutos até que alguém pensasse comunicar a notícia a Espúrio Albino e a seu irmão Aulo, já instalados no pódio do templo e despreocupados em relação ao facto de não aparecer o príncipe Massiva. Os lictores apressaram-se a fazer um cordão à volta da área, a multidão foi empurrada noutra direcção, e Espúrio e Aulo Albino ficaram parados a ver um homem morto e os seus planos destruídos.

Terá de esperar disse Espúrio por fim. Não podemos ofender Marco Lívio Druso perturbando o seu triunfo voltou-se para o chefe do grupo de guarda-costas, que no caso do Príncipe Massiva se compunha126

de gladiadores romanos contratados, e falou-lhe em grego. - Transporta o príncipe Massiva para sua casa, e espera lá até eu chegar - disse ele.

O homem fez um sinal afirmativo. Fizeram uma padiola grosseira com a toga de Aulo Albino, onde o corpo foi levado aos ombros de seis gladiadores.

Aulo aceitou a desgraça menos fleumaticamente do que o irmão mais velho; fora ele que até então beneficiara de toda a generosidade de Massiva; Espúrio sentia que podia esperar pela sua parte até ver Massiva instalado no trono da Numídia durante a campanha africana. Porém Aulo era tão impaciente como ambicioso, e estava ansioso por ultrapassar Espúrio,

- jugurta! - disse ele entredentes. - Foi jugurta!

- Nunca conseguirás prová-lo - disse Espúrio, suspirando. Subiram os degraus do Templo de Castor e Pólux: e tomaram os lugares assim que os magistrados e senadores apareceram por detrás do volume imponente do Domus Publicus, a casa estatal onde habitavam as Vestais e o Pontifex Maximus. Apenas se podia ver de relance, mas dentro de pouco tempo, ficaram mesmo à vista, e a grande procissão desceu a colina, até ao ponto em que a Via Sacra terminava ao lado do local baixo onde se reuniam os Comícios. Espúrio Albino e Aulo Albino estavam com o ar de quem não tem nada em que pensar para além do gozo do espectáculo e do respeito por Marco Lívio Druso.

O encontro de Bomílcar e Lúcio Decúmio foi ruidoso sem dar nas vistas; ficaram lado a lado ao balcão de um bar na esquina de cima do Grande Mercado até servirem a cada um deles um pastel recheado com uma rodela de chouriço com alho, e a seguir afastaram-se com naturalidade, trincando delicadamente os seus petiscos, que estavam muito quentes.

- Um dia bom para o efeito, amigo - disse Lúcio Decúmio. Envolvido por um manto de lã que lhe ocultava as feições, Bomílcar suspirou.

- Espero que o dia continue bom - disse ele.

- Este é um dia que vai acabar na perfeição. Garanto-te, amigo disse Lúcio Decúmio com satisfação.

Bomílcar remexeu por baixo do manto e encontrou a bolsa com a segunda metade do ouro de Decúmio.

- É certo?

- Tão certo como um homem cujos sapatos cheiram mal **sabe que pisou** merda - disse Decúmio.127

A saca de ouro mudou de mãos, invisivelmente. Bomílcar virou-se para partir, de coração leve.

- Agradeço-te, Lúcio Decúmio disse.

- Não, amigo, o prazer é todo meu! E Lúcio Decúmio permaneceu onde estava, mirando com alegria o seu pastel de carne até este desaparecer. - Ostras em vez de cebolas disse em voz alta, começando a subir a Fauces Suburae com um passo alegre e a saca de ouro segura, colada à pele.

Bomílcar deixou a cidade pela Porta Fontinal e desceu ao Campo de Marte, apressando-se à medida que a multidão diminuía. Entrou pela porta principal da *villa* de Jugurta sem encontrar ninguém que conhecesse, e despiu alegremente o manto. O rei fora muito amável e dera folga a todos os escravos da casa para irem ver o triunfo de Druso, e ainda um denário de presente a cada um. Por isso não havia olhos estranhos a testemunhar o regresso de Bomílcar, além dos guarda-costas fanaticamente leais e servos númidas.

Jugurta estava no seu lugar habitual, sentado na *loggia* do andar superior, por cima da entrada.

- Está feito disse Bomílcar.

O rei apertou com força o braço do irmão.

Oh! Bom homem! disse ele, sorrindo.

- Estou feliz por ter corrido tudo tão bem - disse Bomílcar.

Está mesmo morto?

O meu assassino garantiu-me que sim: que era tão certo como um homem cujos sapatos cheiram mal sabe que pisou merda os ombros de Bomílcar agitavam-se com as gargalhadas. É um tipo pitoresco, o meu rufia romano. Mas extraordinariamente eficiente e bastante calmo.

Jugurta descontraiu-se.

No momento em que ouvirmos dizer que o meu primo Massiva está morto, será melhor convocarmos uma reunião com os nossos agentes. Teremos de fazer muita pressão para que o Senado me reconheça a posse do trono e nos deixe regressar a casa. Fez um esgar. Não posso esquecer-me de que ainda tenho de lutar contra o meu lastimoso meio-irmão inválido profissional, o querido e adorado Gauda.

Mas houve um que não apareceu, quando os agentes de Jugurta receberam ordens para se reunirem na sua *villa.* No momento em que soube do assassínio do príncipe Massiva, Marco Servílio Agelasto pediu uma128

audiência com o cônsul Espúrio Albino. O cônsul mandou um secretário dizer que estava muito ocupado, mas Agelasto manteve-se firme na sua intenção, até o secretário esgotado e em estado de desespero o levar *à presença* do irmão mais novo, Aulo, que ficou agitadíssimo ao ouvir o que Agelasto tinha a dizer. Espúrio Albino foi chamado e ouviu impassível, enquanto Agelasto repetia a história, depois agradeceu-lhe, anotou a sua morada e um depoimento e despediu-se dele com uma delicadeza que bastaria para fazer sorrir a maioria dos homens; mas não alguém como Agelasto.

- Tomaremos providências através do *praetor urbanus,* com a legalidade possível nestas circunstâncias - disse Espúrio mal se viu a sós com o irmão mais novo. - É um assunto demasiado importante para deixarmos Agelasto intentar a acção. Eu mesmo o farei, mas ele é vital para o nosso caso, porque é o único cidadão romano entre eles, excepto o assassino misterioso. Caberá *aopraetor urbanus* decidir exactamente como será processado Bomílcar. Irá sem dúvida consultar o Senado, pedir uma orientação para proteger o traseiro. Mas se eu falar com ele pessoalmente, e lhe disser que a minha opinião legal é que o facto de o crime ter sido cometido num dia de triunfo para um cidadão romano prevalece sobre o seu estatuto de não-cidadão... Bem, penso que posso aliviá-lo dos seus receios. Especialmente se valorizar o facto de o príncipe Massiva ter sido cliente do cônsul e estar sob a protecção deste. É vital que Bomílcar seja julgado e condenado em Roma por um tribunal romano. A simples audácia do crime obrigará a facção de Jugurta no Senado a calar-se. Tu, Aulo, podes preparar-te para mover a acção em qualquer dos tribunais. Eu tratarei de assegurar que será consultado o *praetor Peregrinus,* dado que em geral é o homem que trata dos processos relacionados com não-cidadãos. Ele pode querer defender, apenas para manter a legalidade das coisas. Mas seja como for, Aulo, vamos destruir as hipóteses de Jugurta obter o apoio do senado para a sua causa, e a seguir veremos se encontramos outro pretendente ao trono.

- Tal como o príncipe Gauda?

- Tal como o príncipe Gauda, por menos que preste. Afinal de contas, ele é o meio-irmão legítimo de Jugurta. Basta-nos conseguir que Gauda nunca venha a Roma suplicar em pessoa - Espúrio sorriu para Aulo. - Vamos fazer fortuna este ano na Numídia, juro!

Mas Jugurta abandonara qualquer ideia de lutar de acordo com as leis romanas. Quando o pretor urbano e os seus lictores chegaram *à vila*

no monte Píncio para prenderem Bomílcar sob acusação de conspiração e assassínio, por momentos o rei sentiu-se tentado a recusar-se terminantemente a entregar Bomílcar, e ver o que acontecia. Acabou por contemporizar, afirmando que como nem a vítima nem o réu eram cidadãos de Roma, não conseguia entender o que tinha Roma a ver com a questão. O pretor urbano respondeu afirmando que o Senado decidira que o réu tinha de responder a acusações num tribunal romano por haver provas de que o assassino era com toda a certeza um cidadão romano. Um tal Marco Servílio Agelasto, um cavaleiro romano, fornecera provas disso, e dissera em juramento que ele próprio fora contactado para efectuar o assassínio.

- Nesse caso disse Jugurta, lutando ainda -, o único magistrado que pode prender o meu barão é o pretor dos estrangeiros. O meu barão não é um cidadão romano, e o meu domicílio, que é também o dele, fica fora da jurisdição do pretor urbano!

- Foste mal informado disse o pretor urbano melifluamente. Será o *praetor peregrinus* a tomar conta do caso, é evidente. Mas o *imperium* do *praetor urbanas* estende-se até ao quinto marco miliário a partir de Roma, e por conseguinte a tua *villa* situa-se dentro da *minha* jurisdição e não na do pretor dos estrangeiros. Agora, por favor, manda chamar o barão Bomílcar.

O barão Bomílcar foi chamado e levado rapidamente para as celas das Lautumias, onde ficaria a aguardar julgamento num tribunal especialmente reunido. Quando Jugurta enviou os seus agentes pedindo que Bomílcar fosse libertado sob caução ou pelo menos que fosse aprisionado em casa de um cidadão de prestígio, em vez do caos tumultuoso das Lautumias o pedido foi recusado. Bomílcar teve de permanecer na única prisão de Roma.

As Lautumias tinham iniciado a sua existência várias centenas de anos antes como pedreira, num lado do Arx do Capitólio; eram agora um aglomerado de blocos soltos de pedra, acumulados na encosta

do lado do baixo Fórum Romano. Podiam alojar cerca de cinquenta prisioneiros em celas vergonhosamente talhadas, sem qualquer tipo de segurança; os presos podiam deambular por onde muito bem lhes apetecesse dentro das suas paredes, e eram impedidos de vaguear até ao exterior por lictores de sentinela, ou, nas raras ocasiões em que prendiam alguém realmente perigoso, por grilhetas. Como o lugar estava geralmente vazio, a visão dos lictores de sentinela era uma grande novidade; pelo que a reclusão de Bomílcar em breve se tornou uma das notícias mais divulgadas em Roma130

graças aos lictores, que de modo nenhum se opunham a gratificar a curiosidade dos transeuntes.

A mediocridade de Lúcio Decúmio era meramente social; não se estendia seguramente ao seu aparelho cerebral, que funcionava extremamente bem. Conseguir o lugar de custódio duma associação de vigilância das encruzilhadas era um feito notável. Por isso, quando uma ponta dos boatos penetrou no coração da Subura, Lúcio Decúmio somou dois e dois, e deparou-se com uma resposta de quatro dedos. O nome era Bomílcar e não juba, e a nacionalidade era númida e não mauritana. No entanto, teve logo a certeza de que era o seu homem.

Aplaudindo em vez de condenar a fraude de Bomílcar, lá foi Lúcio Decúmio parar às celas das Lautumias, onde ganhou entrada pelo simples expediente de fazer um sorriso largo, mostrando os dentes aos dois lictores de sentinela antes de abrir caminho violentamente por entre eles.

- Merda de ignorante! - disse um deles, esfregando o lado atingido.

- Engole! - disse Decúmio, fugindo agilmente para trás de um pilar quase desfeito e esperando que os queixosos à porta se calassem.

Por falta de funcionários militares ou civis para fazerem cumprir a lei, Roma geralmente obrigava o seu Colégio de Lictores a fornecer

membros para todos os tipos de tarefas. Havia talvez trezentos lictores no total, mal pagos pelo Estado, e por isso muito dependentes da generosidade daqueles a quem serviam; viviam num edifício com um terreno sem vedações por detrás do Templo dos Lares tutelares na Via Sacra, e apenas achavam satisfatória a localização porque também ficava por detrás do *longo* prédio da melhor estalagem de Roma, onde sempre podiam cravar uma bebida. Os lictores escoltavam todos os magistrados que possuíam imperium, e lutavam pela hipótese de servir um governador que fosse para fora, pois assim partilhavam a sua quota-parte de saques e gratificações. Os lictores representavam as trinta divisões de Roma denominadas as *curiae.* E os lictores podiam ser postos de sentinela quer nas Latumias, quer no Tuliano, mesmo ao lado, onde os condenados à morte esperavam escassas horas pelo estrangulador. Estar de sentinela era das tarefas menos desejáveis que um lictor podia receber do chefe do seu grupo de dez lictores. Não havia gorjetas, nem subornos, nem nada. Por conseguinte, nenhum dos lictores estava interessado em perseguir Lúcio Decúmio dentro do edifício; o seu trabalho era guardar a porta e era tudo o que fariam, por Júpiter.131

Eh! Amigo, onde estás? gritou Decúmio numa voz suficientemente alta para ser ouvida pelos banqueiros da Basílica Porcia.

Os pêlos dos braços e pescoço de Bomílcar eriçaram-se; pôs-se de pé. E agora, acabou-se, pensou ele, e esperou paralisado que Decúmio chegasse, escoltado por um grupo de magistrados e outros funcionários.

Decúmio apareceu. Mas sozinho. Quando viu Bomílcar, hirto, encostado à parede do lado de fora da cela (que tinha uma abertura sem grades nem portas com a largura suficiente para um homem atravessar de rastos - o que Bomílcar não possuía era a prova da sua completa mistificação da forma como os Romanos pensavam e agiam, pois não podia acreditar na verdade que a prisão era um

conceito estranho aos Romanos), Decúmio sorriu para ele, com ar satisfeito, e entrou na sala sem porta.

- Quem te denunciou, amigo? perguntou, estendendo o seu corpo magro sobre um bloco tombado de alvenaria.

Dominando a sua tendência para tremer, Bomílcar humedeceu os lábios.

- Bem, se não foste tu antes, tonto, vais fazê-lo agora! disse com brusquidão.

Decúmio olhou para ele de olhos cada vez mais abertos; uma luz ia começando a surgir pouco a pouco.

Vá lá, amigo, não te preocupes com coisas dessas disse ele com suavidade. Aqui ninguém nos ouve; só há um par de lictores à porta, e estão a uns vinte passos daqui. Ouvi dizer que tinhas sido preso, e por isso achei por bem vir cá saber o que foi que correu mal.

- Agelasto disse Bomílcar. Marco Servílio Agelasto!

Queres que lhe faça o mesmo que fiz ao príncipe Massiva?

Ouve: por que não desapareces daqui? gritou Bomílcar, desesperado. Não entendes que vão começar a pensar por que razão vieste até aqui? Se alguém te viu perto do príncipe Massiva, és um homem morto!

Pronto, amigo, pronto! Não te preocupes mais: ninguém me conhece, e ninguém se rala por eu estar aqui. Isto não são as masmorras dos Partos, amigo, a sério! Só te põem aqui para pregar um susto ao teu patrão, é só isso. Não se importam nada se fugires de noite; isso só indica que és culpado e apontou para o buraco na parede exterior.

Não posso fugir disse Bomílcar.

Como queiras Decúmio encolheu os ombros. E essa ave do Agelasto? Queres que o afaste do caminho? Faço-o pelo mesmo preço... Pago na entrega, desta vez; confio em ti.132

Fascinado, Bomílcar chegou por progressão lógica à conclusão de que Lúcio Decúmio não só acreditava no que estava a dizer, como tinha indubitavelmente razão. Se não fosse por Jugurta, teria aproveitado aquela fuga; mas se cedesse à tentação, só os deuses sabiam o que aconteceria a Jugurta.

- Receberás mais uma saca de ouro - disse.

- Onde vive esse sujeito que, a avaliar pelo nome, nunca se ri?

- No monte Célio, no Vicus Capiti Africae.

- É um belo bairro novo! - disse Decúmio num tom apreciativo. Esse tal Agelasto deve estar a sair-se bem! No entanto, isso torna-o fácil de encontrar, morando num sítio onde os pássaros cantam mais alto do que os vizinhos. Não te preocupes, faço-te isso imediatamente. Depois logo me pagas, quando o teu patrão te tirar daqui. Manda-me o ouro para a associação. Eu estarei lá para o receber.

- Como sabes que o meu patrão me vai tirar daqui?

- Claro que vai, amigo! Só te fecharam aqui para lhe pregarem um susto. Mais uns dias e deixam-no tirar-te daqui. Mas depois, aceita o meu conselho e vai para casa logo que possas. Não fiques **por Roma,** está bem?

- Deixar cá o rei à mercê deles? Não sou capaz!

- Claro que és! O que pensas que lhe farão aqui em Roma? Dar-lhe uma pancada na cabeça e atirá-lo ao Tibre? Não! Nunca! Não é assim que eles fazem, amigo - disse Lúcio Decúmio, o conselheiro entendedor.

- Só há uma razão para eles matarem, e é a sua preciosa República. Sabes, as leis e a Constituição, e coisas do género. Podem matar um ou dois tribunos da plebe discordantes, como fizeram a Tibério e a Caio Graco, mas nunca matariam um estrangeiro em Roma. Não te preocupes com o teu patrão, amigo. Aposto que também o mandam para casa, se fugires. Bomílcar olhou fixamente Decúmio, admirado.

- E contudo, nem sabes onde fica a Numídia! - disse ele devagar. Nunca foste a Itália! Então, como conheces o funcionamento dos nobres romanos?

- Bem, é diferente - disse Decúmio, levantando-se da sua pedra e preparando-se para partir. - Vem com o leite! Bebemo-lo com o leite que mamamos. Quero dizer, para além de um ou outro golpe de sorte como tu, que apareçam, quando não há jogos, em que outro lugar pode um homem vibrar a não ser no Fórum Romano? E nem precisas de ir lá *em* pessoa para teres emoções fortes. Elas vêm ter contigo, amigo. Tal como o leite que mamaste.133

Bomílcar estendeu a mão.

- Agradeço-te, Lúcio Decúmio. Afinal és o único homem completamente honesto que conheci em Roma. Hei-de enviar-te o dinheiro.

- Não te esqueças: para a associação! Ah! E o seu dedo direito elevou-se, indo tocar o lado direito do nariz. Se alguns amigos teus necessitarem de ajuda prática para resolverem os seus pequenos problemas, diz-lhes que aceito alguns contratos por fora! Gosto desta actividade.

Agelasto morreu, mas como Bomílcar estava nas Lautumias e nenhum dos lictores sonhou relacionar Decúmio com o motivo da prisão de Bomílcar, a acção que Espúrio e Aulo Albino estavam a preparar contra o barão númida enfraqueceu. Ainda tinham o depoimento extraído a Agelasto, mas não havia dúvida de que a sua ausência como testemunha principal no processo era um desastre.

Aproveitando a oportunidade proporcionada pela morte de Agelasto, Jugurta pediu ao Senado uma caução para Bomílcar. Embora Caio Mémio e Escauro tivessem discutido aCaioradamente acerca da sua atribuição, o barão Bomílcar acabou por ser libertado, mas Jugurta teve de pôr cinquenta dos seus auxiliares númidas à custódia de Roma; foram distribuídos pelas casas de cinquenta senadores, e Jugurta foi obrigado a dar ao Estado uma grande quantia em dinheiro, ostensivamente para pagar a manutenção dos seus reféns.

A sua causa, como é evidente, estava irremediavelmente arruinada. No entanto, deixara de se preocupar, pois sabia que já não havia esperança de vir a obter a aprovação de Roma para a sua permanência no trono. Não devido à morte de Massiva, mas porque os Romanos nunca haviam tido a menor intenção de aprová-la. Atormentavam-no há anos, fazendo-o dançar conforme a sua música, e rindo-se dele às escondidas. Por isso, com o consentimento do Senado ou sem ele, iria para casa. Para organizar um exército e começar a treiná-lo no combate às legiões que estavam para chegar.

Bomílcar partiu para Putéolos no momento em que foi libertado, embarcou de lá para África e conseguiu escapar imune. Após o que o Senado lavou as mãos do caso de Jugurta. Vai para casa, disseram, devolvendo-lhe os cinquenta reféns (mas não o dinheiro). Vai-te embora de Roma, vai-te embora da Itália, sai das nossas vidas.

A última visão que o rei da Numídia teve de Roma foi do topo do Janículo, que ele obrigou o seu cavalo a subir, para poder ver a forma do seu destino: Roma. Ali estava ela, rolando e ondulando entre as paredes134

dos seus penhascos repentinos, entre sete colinas e sete vales, um mar de telhas vermelho-alaranjadas e paredes de estuque com pinturas brilhantes, os ornamentos a adornar os frontões dos templos lançando raios de luz em brilho para o céu, pequenas vias

para os deuses usarem. Uma cidade vívida e colorida de terracota, verde com árvores e relvados onde o espaço o permitia.

Mas jugurta não viu nada para admirar. Olhou durante muito tempo, certo de que nunca mais veria Roma.

- Uma cidade à venda - disse então - e quando encontrar um comprador, desaparecerá num abrir e fechar de olhos.

E partiu em direcção à Via Ostiense.

Clitumna tinha um sobrinho. Como era filho da sua irmã, não tinha o nome de família, Clitumno; o seu nome era Lúcio Gávio Stichus, o que indicava a Sila que algum antepassado do pai dele havia sido escravo. Por que outra razão teria a alcunha de Stichus? Era nome de escravo, mas mais do que isso. Stichus era o nome do escravo arquétipo, o nome a brincar, o nome com que se metiam com eles. Contudo, Lúcio Grávio Stichus insistia que a sua família herdara o nome por estar há muito associada à escravatura; tal como o pai e o avô, pelo menos, Lúcio Gávio Stichus negociava com escravos, dirigia uma pequena agência bem instalada de servos domésticos, situada no Porticus Metelii, no Campo de Marte. Não era uma empresa ambiciosa ao serviço da elite, mas antes um negócio próspero ao serviço daqueles cujas bolsas não chegavam para pagar mais de dois ou três escravos.

Que estranho, pensou Sila quando o mordomo o informou que o sobrinho da sua ama estava no gabinete, como lhe apareciam tantos Gávios à frente. Tinha havido o alegre companheiro de bebida do seu pai, Marco Gávio Broco, e o caro *grammaticus* **Quinto** Gávio Mirro. Gávio. Não era um apelido muito comum nem um nome distinto. No entanto, conhecia três Gávios.

Bem, o Gávio que havia bebido com o seu pai e o Gávio que lhe dera uma formação fora do comum provocavam nele sentimentos que não o incomodava possuir; mas StIchus era diferente. Se suspeitasse que Clitumna havia tido a honra de uma visita do seu

horrível sobrinho, não teria vindo a casa, e permaneceu um momento no *átrium* considerando o que fazer a seguir - sair de casa, ou desaparecer para uma parte da casa onde Stichus não metesse o bico.

O jardim. Com um aceno e um sorriso face ao cuidado do mordomo em avisá-lo, passou o gabinete e entrou no peristilo, encontrou um lugar um pouco aquecido pelo sol fraco, e sentou-se a olhar de olhos semicerrados para a pavorosa estátua de Apolo perseguindo uma Dafne que era já mais uma árvore do que uma dríade. Clitumna adorava-a, razão pela qual a tinha comprado. Mas alguma vez o Senhor da Luz tivera cabelos de um amarelo tão agressivo, ou olhos de um azul tão pútrido, ou uma pele tão macilenta? E como se podia admirar um escultor tão distante dos critérios do ascetismo, que transformava todos os dedos das mãos de Dafne em ramos idênticos de um verde vivo, e todos os dedos dos pés de Dafne em semelhantes raízes de um castanho sombrio? O idiota chegara até - devia achar que era esse o seu toque de mestre - a borrar o pobre seio humanóide que restava a Daffie com um *fio de* seiva púrpura saindo do mamilo nodoso! Olhar de olhos semicerrados foi o único modo que Sila encontrara de preservar a peça, quando tudo o que sobrava dos seus sentidos ofendidos ansiavam por rachá-la com um machado.

- O que faço eu aqui? - perguntou à pobre Dafne, que devia ter ficado horrorizada, mas que se limitou a *fazer um* sorriso afectado. Ela não respondeu.

- O que faço eu aqui? - perguntou a Apolo. Apolo não respondeu.

Ergueu a mão para comprimir os dedos contra os olhos, e fechou-os, e iniciou o processo tão habitual de se disciplinar para a... não *era* exactamente aceitação, era mais um tipo de resistência carrancuda. Gávio. Pensar num Gávio sem ser o tal Stichus. Pensar em Quinto Gávio Mirro, o homem que lhe dera uma formação fora do comum.

Tinham-se conhecido pouco depois do sétimo aniversário de Sila, quando o rapazito magro mas forte tentava ajudar o bêbedo do pai a ir para casa, para o quarto de solteiro no Vicus Sandalarius, onde

viviam na altura. Sila Sénior tinha caído na rua, e Quinto Gávio Mirro viera em auxílio do rapaz. Os dois juntos levaram o homem para casa, com Mirro fascinado pelo aspecto de Sila e com o latim que ele falava, disparando-lhe perguntas durante todo o percurso.

Mal Sila Sénior se sentou na beira da sua enxerga de palha, o velho *grammaticus* sentou-se na única cadeira existente e começou a extrair do rapaz tudo o que ele sabia da história da sua família. E acabou explicando que era professor, e oferecendo-se para ensinar o rapaz a ler e escrever de136

graça. A situação miserável de Sila surpreendeu-o: um Cornélio patrício de potencial evidente, enfiado por penúria até ao fim da vida no meio dos prostíbulos das zonas mais pobres de Roma? Era coisa em que nem se devia pensar. O rapaz deveria, no mínimo, ser preparado para ganhar a vida como funcionário ou escriba! E se por qualquer motivo a sorte de Sila mudasse e ele tivesse a oportunidade de abraçar o modo de vida a que tinha direito, sendo apenas impedido de fazê-lo por ignorância?

Sila aceitara a oferta de ser ensinado, mas desdenhara o elemento grátis. Sempre que podia, roubava o suficiente para meter na mão do velho Quinto Gávio Mirto um denário de prata ou uma galinha anafada, e, quando era mais crescido, vendia-se para obter esse denário de prata. Se Mirto desconfiava que esses pagamentos eram feitos à custa da honra, nunca o disse; porque tinha a sensatez de entender que, ao pagá-los, o rapaz mostrava o valor que dava à *sua* inesperada oportunidade *de aprender.* Por isso aceitava as moedas mostrando prazer e gratidão, e nunca deu a Sila o menor motivo para pensar que se preocupava muito com a sua proveniência.

Aprender retórica e seguir o percurso de um grande defensor dos tribunais era um sonho que Sila sabia que nunca poderia vir a alcançar, o que tornava ainda mais ilustres os modestos esforços de Quinto Gávio Mirro. Porque era graças a Mirro que ele falava o mais puro grego ático, e adquirira pelo menos os rudimentos básicos de

retórica. A biblioteca de Mirro era extensa, e por isso Sila lera Homero e Píndaro e Hesíodo, Platão e Menandro e Eratóstenes, Euclides e Arquimedes. E também lera em latim: Énio, Átio, Cássio Hemina, Catão, o Censor. Ao esmiuçar todo e qualquer rolo de pergaminho que apanhava, descobria um mundo onde a sua situação podia ser esquecida por algumas horas preciosas, um mundo de heróis nobres e grandes feitos, factos científicos e fantasia filosófica, o estilo da literatura e o estilo da matemática. Felizmente, a única qualidade que o seu pai não perdera muito antes de Sila nascer era o seu belo latim; assim, Sila não tinha razão para se envergonhar do seu latim, mas também falava na perfeição o calão da Subura, e um latim razoavelmente correcto, embora das classes baixas, o que implicava que não podia mexer-se nas esferas de Roma sem comentários.

A pequena escola de Quinto Gávio Mirro sempre fora numa esquina sossegada do Macellum Cuppedenis, o mercado de flores e especiarias que ficava atrás do Fórum Romano, no seu lado oriental. Como não tinha dinheiro para as instalações mas tinha de ensinar no domínio público,137

como Mirro diria, que melhor lugar havia para transmitir conhecimentos aos espessos cérebros dos jovens romanos do que entre os estonteantes cheiros das rosas e violetas, pimenta preta e canela?

Não era para Mirro um lugar como tutor residente de qualquer presumido rapaz mimado plebeu, nem a exclusividade de meia dúzia de cavalheirescos jovens da nobreza ensinados numa sala de aula bem isolada do ruído das ruas. Não, Mirro mandava apenas o seu único escravo instalar a sua cadeira alta e os bancos dos alunos num lugar onde os compradores não passassem por cima deles, e ensinava-lhes a ler, escrever e aritmética ao ar livre, por entre os gritos e rugidos e locais de venda dos comerciantes de flores e especiarias. Se não fosse estimado e não tivesse feito um pequeno desconto a rapazes e raparigas cujos pais tinham tendas no

Cuppedenis, em breve teria sido intimidado a mudar-se; mas como era muito estimado e fazia descontos, autorizavam-no a ter a escola na mesma esquina até morrer, quando Sila tinha uns quinze anos.

Mirro levava dez sestércios por semana a cada aluno, e geralmente tinha entre dez e quinze crianças (sempre mais rapazes do que raparigas, apesar de nunca deixar de ter algumas). Os seus rendimentos eram de cerca de cinco mil sestércios por ano; daí, tirava mil sestércios para pagar um quarto de solteiro bonito e espaçoso na casa de um dos seus antigos alunos; gastava cerca de mil sestércios por ano a alimentar-se bastante bem a si e ao seu escravo idoso mas dedicado, e gastava o resto do dinheiro em livros. Se não estivesse a ensinar por ser dia de mercado ou feriado, podia ser encontrado a consultar livros nas bibliotecas e livrarias e casas editoras do Argileto, uma rua larga que partia do Fórum Romano e passava **pela Basílica Emília e pelo Senado.**

- **Oh, Lúcio Cornélio** - costumava dizer, quando tinha o rapaz consigo depois de ter terminado as lições, desesperado (embora nunca mostrasse esse desespero) por manter o rapaz a salvo, para afastá-lo das ruas -, algures neste enorme mundo, alguém escondeu as obras de Aristóteles! Se soubesses quanto anseio por lê-lo! Uma obra tão extensa, uma mente tal... Imagina, foi o tutor de Alexandre, o Grande! Dizem que escreveu acerca de tudo: o mal e o bem, gatos e cães, folhas e músculos, os deuses e os homens, sistemas de pensamento e o caos da imbecilidade. Que bom seria ler as obras perdidas de Aristóteles!... - Então, encolhia os ombros, chupava os dentes do modo irritante que todos os seus alunos ridicularizavam pelas costas há décadas, batia com as mãos num pequeno laivo de frustração, e brincava, deixando sair o agradável aroma do cabedal e138

o cheiro acre do papel da melhor qualidade. - Não faz mal, não faz mal

- ia dizendo entretanto - eu não devia queixar-me, pois tenho sempre o meu Homero e o meu Platão.

Quando morreu, o que aconteceu num período de frio após o seu velho escravo ter escorregado na escadaria gelada e partido o pescoço (é incrível como quando a linha que une duas pessoas se estreita tanto - pensou Sila na altura - ambos os desígnios se juntam), era fácil ver como ele fora amado. Não era para Quinto Gávio Mirto a indignidade odiosa de um lugar de pobre nas caieiras para além do Agger; não, teve uma procissão decente, carpideiras profissionais, um elogio, uma pira perfumada com mirra e incenso e bálsamo de Jericó, e uma bela campa para alojar as suas cinzas. Houve um pagamento aos guardas dos registos de óbitos no Templo de Vénus Libitina, amabilidade do excelente cangalheiro contratado para tratar do funeral de Mirro. Este tinha sido organizado e pago por duas gerações de alunos, que o choraram com verdadeira mágoa.

Sila foi de olhos secos e cabeça erguida no meio da multidão que acompanhou Quinto Gávio Mirro para fora da cidade, até ao local da incineração, deitou o seu ramo de rosas para o fogo intenso, e pagou um denário de prata ao cangalheiro, pela sua parte. Mas mais tarde, após o seu pai ter ficado enrodilhado num monte encharcado de vinho e a sua infeliz irmã ter arrumado as coisas o melhor que podia, Sila sentou-se no canto da sala onde os três estavam todo o tempo, e meditou sobre o seu tesouro achado numa descrença dolorosa. Porque Quinto Gávio Mirro preparara a sua morte tão bem como a vida; o testamento fora registado e ficara a cargo das Vestais; era um simples documento, pois não tinha dinheiro para deixar a ninguém. Tudo o que deixara - os livros e a sua preciosa maqueta do Sol e da Lua e dos planetas girando à volta da Terra

- foi para Sila.

Sila chorou então, numa agonia triste e vazia; o melhor, o mais querido e único amigo verdadeiro que tivera morreu, mas todos os

dias da sua vida iria ver a pequena biblioteca de Mirro, e recordá-lo.

- Um dia, Quinto Gávio - disse, na sua dor espasmódica -, encontrarei as obras perdidas de Aristóteles.

Era evidente que não conseguiu manter os livros e a maqueta durante muito tempo. Um dia, chegou a casa e encontrou o canto onde estava a sua enxerga de palha sem nada mais além da enxerga, O pai levara-lhe os tesouros acumulados com tanto amor por Quinto Gávio Mirro e vendera-os para comprar vinho. Seguiu-se então a única ocasião da vida de139

Sila com o pai em que tentou cometer parricídio; felizmente, a irmã estava presente e interpôs-se no meio deles até o bom senso voltar. Foi pouquíssimo tempo depois que ela se casou com o seu Nónio e foi com ele para Piceno. Quanto ao jovem Sila, nunca esqueceu, e nunca perdoou. No fim da sua vida, quando possuía milhares de livros e meia centena de maquetas do Universo, ainda insistia na biblioteca perdida de Quinto Gávio Mirro, e na sua dor.

O truque mental resultou; Sila regressou ao momento presente e ao grupo de Apolo e Dafne, de cores berrantes e mal executado. Quando os seus olhos o percorreram e encontraram a estátua ainda mais horrível de Perseu segurando a cabeça de Medusa, quase se pôs de pé num salto, pronto a falar com Stichus. Entrou pelo jardim e dirigiu-se ao gabinete de trabalho, que era a sala geralmente reservada para o uso do chefe da casa; por falta deste, fora dado a Sila, que funcionava mais ou menos como o homem da casa.

O pequeno peido borbulhento enchia a boca de figos em xarope quando Sula entrou no *tablinium,* limpando os dedos sujos e pegajosos nos montes de livros acumulados pelas paredes cheias de divisórias.

- ooOh! - relinchou Stichuis ao ver Sila, e retirou as mãos subitamente.

- Felizmente sei que és demasiado estúpido para ler - disse Sila fazendo um estalido com os dedos para chamar o servo que estava à **porta.**

- Vem cá - disse para o servo, um bonito grego dispendioso que não valia um décimo do que Clitumna pagara por ele. - Traz uma bacia de água e um pano limpo, e limpa a porcaria que o senhor Stichuis fez.

Os seus olhos misteriosos fixaram Stichuis, com a malícia de um bode, e disse àquele infeliz, que tentava limpar o xarope das mãos esfregando-as na caríssima túnica:

- Gostava que deixasses de pensar que eu tenho um armazém de livros ilustrados indecentes! Não tenho. Por que havia de tê-los? Não preciso deles. Os livros ilustrados indecentes são para as pessoas que não têm coragem parafazer nada. Pessoas como tu, Stichuis.

- Um dia - disse Stichuis, - esta casa e tudo o que está dentro dela será meu. Nessa altura, não serás tão arrogante!

- Espero que ofereças muitos sacrifícios Para adiar esse dia, Lúcio Gávio, porque é provável que seja o teu último dia. Se não fosse Clitumna, cortava-te em pedacinhos e dava-te a comer aos cães.140

Stichus olhou para a toga que cobria o possante corpo de Sila, levantando as sobrancelhas; não era que tivesse medo de Sila, conhecia-o há muito tempo, mas pressentia o perigo escondido na fogosa cabeça de Sila, e por isso geralmente avançava com prudência. Um modo de conduta reforçado pelo facto de saber que a sua velha tiazinha Clita não podia ser demovida da vil devoção pelo sujeito. No entanto, à sua chegada uma hora antes, encontrara a tia e a sua liberal companheira em bom estado por o seu querido Lúcio Cornélio ter saído enfurecido de toga. Quando Stichus sacou toda a história de Clitumna, desde Metróbio até à rixa subsequente, ficou chocado. Enjoado.

Por isso, sentara-se na cadeira de Sila e disse:

- Estamos mesmo muito romanos hoje! Fomos à tomada de posse dos cônsules, não fomos? Que vontade de rir! A tua ascendência nem de longe é tão boa como a minha.

Sila tirou-o da cadeira agarrando-lhe o maxilar com os dedos da mão direita dum lado e o polegar do outro, uma prisão tão estranhamente dolorosa que a vítima nem conseguiu gritar; mal recuperou o fôlego para o fazer, viu a cara de Sila e não gritou, ficou tão mudo e quedo como a tia e a sua liberal companheira haviam ficado na madrugada desse dia.

- A minha ascendência - disse Sila com prazer - não te diz respeito. Agora, sai do meu gabinete.

- Não há-de ser o teu gabinete para sempre! - disse Stichus ofegando, fugindo para a porta e quase esbarrando com o escravo que voltava com uma bacia de água e um pano.

- Não contes com isso - foi o remoque de despedida de Sila.

O escravo caro entrou de esguelha no gabinete, tentando ter um ar sério. Sila mirou-o de alto a baixo com irritação.

- Limpa isso, minha flor pretensiosa - disse, e foi procurar as mulheres. Stichuis havia vencido Sila na opinião de Clitumna, que se encontrava fechada com o sobrinho precioso e não devia ser incomodada, disse o mordomo, em tom de desculpa. Por isso, Sila percorreu a colunata que rodeava o jardim do peristilo até aos aposentos onde vivia a sua amante Nicópole. Havia cheiros deliciosos saindo da cozinha no canto extremo do jardim, lugar também partilhado pela sala de banho e pela latrina; tal como a maioria das casas do Palatino, a de Clitumna estava ligada à rede de abastecimento de água e aos esgotos, aliviando assim o pessoal da tarefa de carregar água da fonte pública e juntar o conteúdo dos

penicos à latrina pública mais próxima ou aos esgotos que iam dar à valeta.141

- Sabes, Lúcio Cornélio - disse Nicópole pondo de lado os bordados -, se deixasses as tuas ambições aristocráticas de vez em quando, terias muito mais êxito.

Ele sentou-se num leito confortável com um suspiro, aconchegando-se um pouco melhor na sua toga por o quarto estar frio, e deixou a serva particular chamada Bithy tirar-lhe as botas de Inverno. Era uma rapariga alegre com um nome impossível de pronunciar, vinda dos remotos bosques da Bitínia; Clitumna pagara-a barata ao sobrinho, e inadvertidamente adquirira um tesouro. Quando a rapariga acabou de desapertar as botas, apressou-se a sair do quarto; pouco depois, voltou com um par de meias espessas e quentes que alisou com cuidado nos pés de Sila, perfeitos e brancos como a neve.

- Obrigado, Bithy - disse ele, sorrindo para ela e esticando uma mão descuidada para lhe emaranhar o cabelo.

Ela ficou absolutamente radiante. Que engraçada, pensou ele com uma ternura que o surpreendeu, até descobrir que Bithy lhe fazia lembrar a rapariga da casa do lado. Julilla...

- Como dizes? - perguntou a Nicópole, que parecia, como de costume, impermeável ao frio.

- Por que há-de esse ambicioso rastejante do Stichus herdar tudo, quando Clitumna for juntar-se aos seus dúbios ascendentes? Se conseguisses mudar a tua táctica uma fracção, Lúcio Cornélio, meu caríssimo amigo, deixava-te tudo a *ti.* E ela tem muito, acredita!

- O que estará ele a fazer? Estara a queixar-se de que o ofendi? - perguntou Sila, tirando uma taça de frutos das mãos de Bithy com outro sorriso especial.

- É evidente que está! E estou certa de que está a fazer muitos bordados. Não te culpo de modo nenhum, ele é detestável, mas é o único familiar dela... E Clitumna ama-o, por isso é cega aos erros dele. Mas ama-te ainda mais a ti, maroto orgulhoso como és! Por isso, quando voltares a vê-la, não sejas frio e altivo e não te recuses a dar explicações: conta-lhe uma história sobre o Stichus Pegajoso ainda melhor do que a que ele está a contar acerca de ti.

Ele olhou-a meio-intrigado, meio-céptico.

- Continua. Ela nunca seria tão estúpida que caísse nessa - disse.

- Oh, querido Lúcio! Quando queres, consegues fazer qualquer mulher cair em qualquer anzol que lhe atires. Tenta! Só esta vez? Por mim? disse Nicópole com meiguice.142

- Não. Acabava por ser eu enrolado, Nica.

- Sabes bem que não - insistiu Nicópole.

- Nem todo o dinheiro do mundo me faria rastejar por causa de Clitumna!

- Ela não tem todo o dinheiro do mundo, mas tem mais do que o suficiente para te introduzir no Senado - sussurrou a tentadora, suplicando.

- Não! Estás enganada, de facto estás. Há esta casa, admitamo-lo,

mas ela gasta todos os denários que ganha... E o que ela não gasta, gasta o Stichus Pegajoso.

- Não é assim. Porque pensas que os banqueiros dela seguem com tanta atenção as suas palavras como se fosse Cornélia, a Mãe dos Gracos? Porque tem uma grande fortuna investida na posse deles, e não gasta metade dos seus rendimentos. Para além do mais, demos ao Stichus Pegajoso o que lhe é devido, não lhe faltam sestércios. Enquanto o contabilista e o gerente do seu falecido pai puderem trabalhar, o negócio do Stichus há-de continuar a correr muito bem.

Sila sentou-se estremecendo, soltando as pregas da toga.

- Nica, não ias contar-me uma história, pois não?

- Contava-ta, mas não acerca disto - respondeu ela, enfiando a agulha com lã Púrpura entrelaçada com fios de ouro.

- Vai viver até aos cem anos - disse ele então, deixando-se cair no leito e devolvendo a taça de bagos a Bithy, saciado.

- Concordo que pode viver até aos cem anos - disse Nicópole, enfiando a agulha no tecido e puxando o fio brilhante com muito, muito cuidado. Os seus grandes olhos escuros vigiavam Sila tranquilamente. - Mas também pode não viver. A família dela não viveu até muito tarde, como sabes.

Ouviram-se ruídos no exterior; Lúcio Gávio Stichus estava a despedir-se da Tia Clitumna.

Sila levantou-se, deixou a serva calçar-lhe umas pantufas gregas abertas atrás. O enorme volume da toga tombou no chão, mas não pareceu reparar nisso.

- Muito bem, Nica, vou tentar apenas desta vez - disse, e fez um sorriso amarelo. - Deseja-me sorte!

Mas antes que ela pudesse fazê-lo, já Sila tinha saído.

A entrevista com Clitumna não correu bem; Stichus fizera o seu trabalho com astúcia, e Sila não conseguiu ser humilde como Nicópole pretendera.143

- Foi tudo por tua culpa, Lúcio Cornélio - disse Clitumna com irritação, revirando a dispendiosa franja do xaile entre os dedos. - Não fazes o mínimo esforço para seres simpático para o meu pobre rapaz, ao passo que ele tenta sempre estar a mais de meia distância!

- É um porco com-pretensões-como-se-pudesse-tê-las - disse Sila entredentes.

Nesse momento, Nicópole, que estivera a ouvir à porta, passou graciosamente através dela e foi-se enrolar no leito ao lado de Clitumna; olhou para Sila com resignação.

- O que se passa? - perguntou, com um ar de inocência.

- São os meus dois Lúcios - disse Clitumna. - Não se dão bem um com o outro, e eu gostava tanto que se dessem!

Nicópole desembaraçou a franja dos dedos, a seguir retirou alguns fios que haviam ficado presos nos suportes das jóias, e pôs a palma da mão de Clitumna a repousar sobre a sua bochecha.

- Oh, pobre rapariga! - cantarolou. - Vocês, Lúcios, são um bando de galos de capoeira, é esse o problema.

- Bem, vão ter de aprender a entender-se - disse Clitumna -, porque o meu **querido Lúcio Gávio** vai deixar o seu apartamento e vem viver connosco na próxima semana.

- Então, mudo-me eu - disse Sila.

As mulheres começaram a guinchar, Clitumna num tom estridente, Nicópole como uma gatinha que tivesse sido apanhada.

- Portem-se como pessoas da vossa idade! - sussurrou Sila, baixando a cara até esta ficar a poucas polegadas da de Clitumna. - Ele sabe mais ou menos o que se passa cá em casa, mas como supões que **irá aguentar-se a viver na mesma** casa com um homem que dorme entre duas mulheres, sendo uma delas a sua própria tia?

Clitumna começou a chorar.

- Mas ele *quer* vir! Como posso dizer que não ao meu sobrinho?

- Não te preocupes! Eu acabarei com todas as razões de queixa, mudando-me - disse Sila.

Quando ele ia começar a afastar-se, Nicópole esticou a mão e agarrou-lhe o braço.

- Sila, querido Sila, não vás! - gritou. - Poderás dormir comigo, e sempre que Stichus não estiver, Clitumna virá juntar-se a nós.

- Ah! Muito astucioso! - disse Clitumna endurecendo. - Quere-lo todo para ti, sua porca cobiçosa!144

Nicópole ficou branca.

- Então o que mais sugeres? Foi a tua estupidez que nos fez ficar nesta trapalhada!

- Calem-se as duas! - rosnou Sila no tom que todos os que o conheciam bem haviam aprendido a recear mais do que qualquer outro grito de outro homem. - Têm ido tanto a espectáculos de pantomina que começam a viver neles. Cresçam, não sejam tão grosseiras e tão estúpidas! Detesto esta maldita situação, estou farto de ser meio homem!

- Tu *não* és meio homem! Tens duas metades: uma minha, e outra da Nica! - disse Clitumna com maldade.

Não era possível dizer o que magoava mais, se a fúria ou a mágoa; perfeitamente sério, no limiar da loucura, Sila olhou para as suas torturadoras, incapaz de pensar, incapaz de ver.

- Não posso continuar! - disse, com o espanto na voz.

- Que disparate! Claro que podes - disse Nicópole com a presunção de quem sabia indubitavelmente que tinha o seu homem onde o queria: debaixo do pé. - Agora vai fazer qualquer coisa construtiva. Sentir-te-ás melhor amanhã. É sempre assim.

Sair de casa, ir fazer qualquer coisa - qualquer coisa construtiva... Os pés de Sila tropeçaram rua acima, em vez de a descerem,

levaram-no sem dar por isso do Gérmalo ao Palatino, até essa parte do Palatino que ia dar à saída do Circo Máximo e à Porta Capena.

As casas eram mais estreitas aqui, e havia muitos espaços parecidos com parques; o Palatino não era muito elegante, ficava demasiado longe do Fórum Romano. Sem ligar ao facto de estar muito frio e de ter apenas vestida a sua túnica de usar por casa, sentou-se numa pedra e ficou a olhar para a vista; não para os brancos lugares vazios do Circo Máximo nem os belos templos do Aventino, mas para a visão de si mesmo infindavelmente reclinado num futuro terrível, uma via torcida de pele e ossos sem qualquer propósito. A dor era como uma cólica sem a libertação da purga; tremeu de dor até ouvir os dentes bater, e não sabia que estava a gemer em voz alta.

- Estás doente? - perguntou a vozinha tímida.

De início, quando olhou para cima não viu nada, a sua agonia ensornbrou-lhe os olhos, mas depois clarearam, e ela foi ficando mais focada a pouco e pouco, desde o queixo aguçado até à linha dourada dos cabelos, uma cara em forma de coração que era só olhos, enormes e cor-de-mel, com muito receio dele.145

Ajoelhou-se à frente dele, enrolada no seu casulo feito em casa, tal como ele a vira no local da casa de Flaco.

- Júlia - disse com um arrepio.

- Não, Júlia é a minha irmã. A mim, chamam-me Julilla - disse, sorrindo para ele. - Estás doente, Lúcio Cornélio?

- Não tenho nada que um médico seja capaz de curar. - A sanidade e a memória estavam a regressar; compreendeu a verdade humilhante do comentário de Nicópole, sentir-se-ia melhor no dia seguinte. E odiava, mais do que qualquer outra coisa na vida. - Gostava tanto, mas tanto, tanto!, de enlouquecer! - disse. - Mas parece que não posso.

Julilla ficou onde estava.

- Se não podes, é porque as Fúrias ainda não te querem.

- Estás aqui sozinha? - perguntou ele num tom reprovador. - O que estão os teus pais a fazer, para te deixarem sair a esta hora?

- A minha serva está comigo - disse ela tranquilamente, pondo-se de cócoras. A travessura fez-lhe faiscar os olhos, virar os cantos da boca.

- É boa rapariga. É uma pessoa muito leal e discreta.

- Queres dizer que te deixa ir aonde quiseres e não faz queixa de ti. Mas um dia - disse o homem que era sempre apanhado -, serás apanhada.

- Até o ser, de que me vale preocupar-me?

Ficando em silêncio, ela estudou-lhe o rosto com uma curiosidade natural, gostando do que via.

- Vai para casa, Julilla - disse ele, suspirando. - Se fores apanhada, que não seja comigo.

- Por seres má pessoa? - perguntou ela. Isso provocou nele um sorriso.

- Se quiseres.

- *Eu* não penso que o sejas!

Oh! Que deus a teria enviado? Obrigado, deus desconhecido! Os seus músculos aliviavam-se; sentiu-se subitamente leve, como se o tivesse tocado algum deus, benigno e bom. Uma sensação estranha para alguém que não conhecia nada de bom.

- Eu sou má pessoa, Julilla - disse ele.

- Que disparate! - a voz dela era firme e afirmativa.

Não era uma principiante, ele reconhecia os sintomas de uma paixoneta de rapariga, e sabia afastá-la com um acto grosseiro ou assustador. Mas não podia. Com ela não, que não o merecia. Por ela, iria buscar146

à sua saca de truques o melhor dos truques de Lúcio Cornélio Sila, livre de artifícios, sem obscenidade nem vileza nem bajulação.

- Agradeço-te pela tua fé, jovem Julilla - disse ele um pouco a medo, sem saber o que ela queria ouvir, na ânsia de mostrar o melhor de si mesmo.

- Eu tenho algum tempo - disse a rapariga com ar sério -, podemos falar?

Ele mudou de lugar na sua rocha.

- Está bem. Mas senta-te aqui; o chão está demasiado húmido.

- Dizem que desonras o teu nome. Mas não vejo como isso é possível, pois ainda nunca tiveste hipótese de provar que és diferente.

- Eu diria que o teu pai é o autor desse comentário.

- Que comentário?

- Que eu desonro o meu nome. Ela ficou chocada.

- Oh, não! *O tata não!* É o homem mais sensato do mundo.

- Ao passo que o meu era o mais tolo. Estamos nos extremos opostos no espectro de Roma, jovem Julilla.

Ela arrancou as ervas altas à volta da base da rocha, puxando-a em longos rizomas, e teceu-as depois com os dedos ágeis até formar

uma coroa.

- Toma - disse, estendendo-lha.

Ficou com a respiração suspensa; o futuro convulsionava-se, abria-se para lhe mostrar qualquer coisa, voltava a fechar-se após uma vista de olhos dolorosamente breve.

- Uma coroa de ervas? - perguntou. - Não! Não pode ser para mim!

- Claro que é para ti - insistiu a rapariga, e como Sila não fazia qualquer gesto para a receber, inclinou-se e pôs-lha na cabeça.

- Devia ser de flores, mas ainda não as há nesta altura do ano. Ela não entendia! Bem, não ia ser ele a dizer-lho.

- Só se dá uma coroa de flores ao nosso amor - disse por fim.

- Tu *és* o meu amor - disse ela, com suavidade.

- E só por algum tempo, rapariga. Há-de passar.

- Nunca!

Ele levantou-se, riu-se dela.

- Ora! Não podes ter mais de quinze anos - disse.

- Dezasseis! - respondeu ela depressa.

- Quinze, dezasseis, que diferença faz? És um bebé.147

Corada de indignação, a sua expressão tornou-se firme, dura.

- *Não* sou nenhum bebé! - gritou.

- Claro que és - ele voltou a rir-se. - Olha para ti, toda enfaixada, uma pequena boneca rechonchuda. - Isso! já estava melhor! Havia

de pô-la no seu lugar.

Com efeito pôs, mas fez mais do que isso. Ficou abatida, murcha, neutra. A luz morreu nela.

- Não me achas bonita? - perguntou. - Sempre pensei que era.

- Crescer é uma tarefa cruel - disse Sila com aspereza. - Suponho que todas as famílias dizem às filhas que são bonitas. Mas o mundo Julga segundo padrões diferentes. Serás aceitável quando cresceres, não hás-de ficar sem marido.

- Só te quero a ti - murmurou ela.

- Isso é agora. De qualquer modo, desilude-te, minha boneca gorducha. Foge antes que te puxe pela cauda. Vai!

julilla fugiu, deixando a serva muito para trás, chamando por ela em vão. Sila ficou a olhar até ambas desaparecerem na crista da encosta atrás dele.

Ainda tinha a coroa de ervas na mão, a cor aloirada fazia um contraste subtil com os seus caracóis cor de fogo; tirou-a, mas não a deitou fora, ficou a segurá-la entre as mãos e a olhar para ela. A seguir, enfiou-a na túnica e virou-se para partir.

Coitada. Afinal de contas, tinha-a ofendido. No entanto, tinha de ser desencorajada; a última complicação de que precisava na vida era ter a filha da vizinha de Clitumna a sonhar do outro lado do muro, e ainda por cima filha de senador.

A cada passo que avançava ao afastar-se, a coroa de erva fazia-lhe cócegas na pele, lembrando-lhe. *Corona Graminea.* Coroa de ervas. Que lhe fora oferecida aqui no Palatino, onde centenas de anos antes fora a cidade original de Rómulo, um grupo de cabanas ovais cobertas de colmo, tal como a cabana tratada com tanto carinho perto das Escadas de Caco. Uma coroa de ervas que lhe fora dada

por uma personificação de Vénus - uma das verdadeiras raparigas de Vénus, uma júlia. Um presságio.

- Se acontecer, construir-te-ei um templo, Vénus Vitoriosa - disse em voz alta.

Porque finalmente vi, o seu caminho. Perigos, desesperado. Mas para quem não tinha nada a perder e tudo a ganhar, é possível, apesar detudo.148

A luz difusa do Inverno tombava pesadamente quando Sila tornou a casa de Clitumna e perguntou onde estavam as senhoras. Na sala de jantar, de cabeças encostadas, à espera dele antes de darem início à refeição. Era óbvio que tinha sido o pobre Sila o assunto da conversa; afastaram-se no leito, e tentaram fazer um ar tolamente inocente.

- Preciso de dinheiro - disse ele secamente.

- Lúcio Cornélio... - começou Clitumna com um ar desconfiado.

- Cala-te, mísera prostituta velha! Preciso de dinheiro.

- Lúcio Cornélio, mas...

- Vou de férias - disse ele, sem intenções de lhes fazer companhia.

- É contigo. Se me quiseres de volta, se quiseres mais daquilo que te dou... dá-me mil denários. Senão, deixarei Roma para sempre.

- Dar-te-emos metade cada uma - disse Nicópole inesperadamente, com os olhos escuros fixos no rosto de Sila.

- Agora - disse ele.

- Talvez não haja tanto dinheiro em casa - objectou Nicópole.

- É bom que haja, porque não vou esperar.

Quando Nicópole foi ao quarto dele, um quarto de hora mais tarde, encontrou-o a fazer as malas. Debruçando-se sobre a cama de Sila, observou-o em silêncio até que o homem se dignou a reparar nela.

Mas foi a mulher que cedeu primeiro.

- Vais ter o teu dinheiro. Clitumna já mandou o mordomo a casa do banqueiro - disse. - Aonde vais?

- Não sei nem me interessa. Basta que seja para bem longe daqui

- replicou, enquanto dobrava as meias em conjunto, e depois enfiou-as nas botas fechadas; cada movimento seu era tão económico como eficiente.

- Arrumas as coisas como um soldado.

- Como sabes?

- Fui amante de um tribuno militar em tempos. Fiz vida de soldado, não acreditas? As coisas que se fazem quando se é novo! Adorava-o. Por isso, fui com ele para Espanha e para a Ásia - suspirou.

- O que aconteceu? - Perguntou ele, enrolando a sua segunda melhor túnica à volta de um par de calções de cabedal pelos joelhos.

- Ele foi morto na Macedónia e eu voltei para casa. - Sentia pena, mas não era pelo amante morto. Pena de Lúcio Cornélio, apanhado numa armadilha, um belo leão destinado a qualquer arena imunda. Por que havia de amar-se? Magoava tanto. Então ela sorriu; mas não era um sorriso149

bonito. - Deixou-me tudo o que tinha em testamento e fiquei bastante rica. Havia imensas pilhagens nessa altura.

- Dói-me o coração - troçou ele, envolvendo as lâminas no invólucro de linho e pondo-o num dos lados do alforge.

O rosto dela retorceu-se.

- Esta casa é desagradável - disse. - Como odeio isto! Todos somos amargos e infelizes. Quantas coisas agradáveis dizemos uns aos outros? Pouquíssimas e preciosas. Insultos e afrontas, rancor e malícia. Por que estou aqui?

- Porque, minha querida, estás a ficar um bocado gasta - disse ele, reforçando a observação da mulher. - Não és a rapariga que eras quando percorreste a Espanha e a Ásia.

- E tu odeias-nos - disse ela. - Será daí que vem o mau ambiente? De ti? juro-te que está cada vez pior.

- Concordo que está. É por isso que me vou embora por uns tempos

- firmou as duas sacas com uma correia, e tomou-lhes o peso. - Quero ser livre. Quero passar uns tempos numa cidade de província onde ninguém conheça a minha maldita cara, comer e beber até vomitar, engravidar no mínimo meia dúzia de raparigas, entrar em cinquenta combates com homens que julgam poder vencer-me com um braço atrás das costas, encontrar todos os rapazes bonitos que houver no caminho até lá e pôr-lhes os traseiros a arder - sorriu com maldade. - E a seguir, minha querida, virei mansamente para casa, para ti e para o Stichus Pegajoso e para a Tia Clita, e viveremos todos felizes para sempre.

O que não lhe contou era que ia levar Metróbio consigo; e também não o contou ao velho Cílax.

Nem contou a ninguém, nem mesmo a Metróbio, o que ia fazer. Porque não eram férias. Era uma missão de investigação. Sila ia fazer inquéritos sobre assuntos como a Farmacologia, a Química e a Botânica.

Não regressou a Roma senão nos fins de Abril. Deixou Metróbio no apartamento elegante do rés-do-chão no monte Célio fora das

Muralhas Sérvias, e foi a seguir ao Vallis Camenarum devolver o carro e as mulas que aí alugara num estábulo. Depois de pagar a conta, atravessou os alforges sobre o ombro direito e começou a dirigir-se para Roma. Nenhum servo viajara com ele; juntamente com Metróbio haviam-se remediado com o pessoal das várias estalagens e casas de posta onde haviam ficado por toda a parte na península.150

Ao percorrer com dificuldade a Via Ápia até onde a Porta Capena interrompia as pedras de vinte pés de altura das muralhas de Roma, a cidade parecia-lhe muito bem. Dizia a lenda que as Muralhas Sérvias tinham sido erigidas pelo rei Sérvio Tulo antes de ser estabelecida a República, mas tal como a maioria dos nobres, Sila sabia que essas fortificações só existiam há trezentos anos, desde que os Gauleses haviam saqueado a cidade. Os Gauleses tinham surgido em hordas numerosas vindos dos Alpes ocidentais, espalhando-se pelo enorme vale do rio Pó, no distante Norte, avançando pouco a pouco até à península da Itália, tanto do lado Leste como Oeste. Muitos estabeleceram-se onde paravam, especialmente na úmbria e no Piceno, mas os que desceram a Via Cássia através da Etrúria dirigiram-se a Roma - e tendo chegado a Roma, por pouco não tiraram a cidade de uma vez por todas aos seus donos. Foi só depois disso que construíram as Muralhas Sérvias, enquanto os povos italianos do Vale do Pó, toda a úmbria e o Norte do Piceno misturavam o seu sangue com os Gauleses, assim se tornando mestiços que viriam a ser desprezados. Nunca mais as muralhas de Roma caíram na ruína; fora uma lição dura, e o medo dos invasores bárbaros ainda provocava arrepios de horror nos Romanos.

Embora existissem algumas ínsulas de apartamentos caros no monte Célio, o cenário na sua maior parte era pastoril até Sila chegar à Porta Capena: o Vallis Camenarum, para fora dela, fora oferecido para estábulos, cercas de gado, matadouros e pastagens destinados aos animais que vinham a este mercado, o maior de Itália. Para dentro da Porta Capena ficava a verdadeira cidade. Não era a selva

congestionada da Subura e do Esquilino, e no entanto era urbana. Ele caminhou a passos largos ao lado do Circo Máximo e subiu os Degraus de Caco até ao Gérmalo do Palatino, a seguir ao qual só uma pequena distância o separava da casa de Clitumna.

À porta, tomou fôlego e bateu a aldraba. E entrou num mundo de mulheres aos berros. Que Nicópole e Clitumna estavam felizes por vê-lo era nítido. Choraram e relincharam, enroscaram-se à volta do seu pescoço até Sila as afastar, e depois continuaram a rodeá-lo de muito perto, sem o deixarem em paz.

- Onde vou dormir? - perguntou, recusando-se a entregar os alforges ao servo que ansiava por poder levá-los.

- Comigo - disse Nicópole, resplandecendo triunfante para Clitumna, que ficou de repente cabisbaixa.151

A porta do gabinete estava completamente fechada, reparou Sila ao seguir Nicópole até à colunata, deixando a madrasta no *átrium,* torcendo as mãos.

- O Stichus Pegajoso deve estar bem escondido, não? - perguntou a Nicópole quando chegaram aos aposentos dela.

- É aqui - disse a mulher, ignorando a pergunta, tão ansiosa estava por mostrar-lhe as suas novas instalações.

O que fizera fora ceder-lhe a sua salinha espaçosa, ficando ela com um quarto e uma sala muito mais pequena. Sila ficou cheio de gratidão; olhou-a com uma certa tristeza, gostando mais dela naquele momento do que já alguma vez tinha gostado.

- É todo meu? - perguntou.

- Todo teu - disse Nicópole, sorrindo. Atirou os alforges para cima da cama.

- O Stichus? - perguntou, impaciente por saber o pior.

Era evidente que a mulher queria que Sila a beijasse, que fizesse amor com ela, mas conhecia-o demasiado bem para saber que ele não precisava de consolo sexual unicamente por ter estado longe dela e de Clitumna. O amor teria de esperar; suspirando, Nicópole reconciliou-se com o papel de informadora.

- Stichus está realmente muito bem entrincheirado - respondeu, enquanto se dirigia aos alforges para os desfazer em vez de Sila.

Ele afastou-a com firmeza, despejou os alforges atrás de uma das arcas de roupa e mudou-se para a sua cadeira preferida, que se encontrava atrás de uma mesa de trabalho novinha em folha. Nicópole sentou-se na cama.

- Quero todas as notícias - disse o homem.

- Bem, o nosso Stichus está cá, dorme no cubículo do amo e usa o gabinete, claro. Tem sido melhor do que se esperava por um lado, porque o Stichus por perto todos os dias é difícil de aguentar, mesmo para Clitumna. Mais alguns meses, e prevejo que ela o ponha na rua. Foi inteligente da tua parte afastares-te - a mão de Nicópole alisava o monte de almofadas a seu lado, distraída. - Não o compreendi na altura, admito-o, mas tinhas razão e eu enganei-me. O Stichus entrou aqui como um general triunfante, e tu não estavas cá para lhe ensombrar a glória. As coisas mudaram, digo-te! Os teus livros foram para o caixote do lixo. Está tudo bem, os servos recuperaram-nos... E todas as roupas e objectos pessoais que deixaste foram para o lixo a seguir aos livros. Como o pessoal gosta de ti e o odeia, nada do que é teu se perdeu: está tudo neste quarto.152

Os seus olhos pálidos percorreram as paredes, o belo chão de mosaicos.

- Isto é bonito - disse ele. E a seguir: - Continua.

- Clitumna ficou destroçada. Não contara que Stichus deitasse fora as tuas coisas. De facto, acho que nem queria que o sobrinho se mudasse para cá, mas quando ele disse que queria, não conseguiu arranjar forma de recusar. O parentesco, o último familiar e tudo o resto... Clitumna não é muito esperta, mas sabia perfeitamente que ele só queria mudar-se para cá para correr contigo daqui para fora. O Stichus não é insensível. Mas quando não estavas ca para ver as tuas coisas a serem deitadas fora, atingiu o máximo do prazer. Não houve discussões, nem oposição, nem sequer... *presença.* Apenas um pessoal passivo e mal-humorado, uma Tiazinha Clita muito lacrimejante, e eu--- Bem, quanto a mim, limito-me a olhar para ele como se não existisse.

A pequena serva Bithy entrou de lado pela porta, com um prato de bolos de leite, pastéis, empadas e bolos, pousou-o no canto da secretária com um sorriso tímido para Sila, e espiou a faixa de cabedal que unia os dois alforges, e que espreitava por detrás da arca da roupa. Atravessou o quarto para arrumar as coisas.

Sila moveu-se tão depressa que Nicópole não o viu interceptar a rapariga; num momento ele estava reclinado confortavelmente na sua cadeira, e no momento seguinte a rapariga estava a ser gentilmente afastada da arca da roupa. Sorrindo-lhe, Sila beliscou Bithy suavemente na bochecha e empurrou-a porta fora. Nicópole ficou a olhar.

- Como estás preocupado com essas sacas! - disse. - O que tens dentro delas? Pareces um cão a guardar um osso.

- Deita-me vinho - disse ele voltando a sentar-se e escolhendo um pastel *de carne* do prato.

Nicópole atendeu o pedido, mas não estava disposta a deixar esquecer o assunto.

- Vamos lá, Lúcio Cornélio, o que tens dentro dessas sacas que não queres que ninguém veja? - E pôs-lhe à frente um copo de vinho

puro. Desceram-lhe os dois cantos da boca; fez um gesto com as mãos que indicava uma exasperação crescente.

- O que pensas? Estive longe das minhas raparigas durante quase quatro meses! Admito que não penso em vocês a *toda* a hora, mas pensei em vocês! Especialmente ao ver uma coisinha que achei que podia agradar a **uma ou outra.**153

O rosto dela atenuou-se, resplandeceu. Sila não costumava dar prendas. Com efeito, Nicópole não se lembrava de ela ou Clitumna alguma vez terem recebido qualquer presente, nem dos mais baratos, e era uma estudiosa da natureza humana com a sabedoria suficiente para perceber que era uma prova de parcimónia e não de pobreza; os generosos dão sempre, até mesmo quando não têm nada para dar.

- Oh! Lúcio Cornélio! - exclamou radiante. - A sério? Quando posso ver

-Quando eu estiver pronto - disse o homem, virando a cadeira para poder ver através da grande janela que ficava atrás dele. - Que horas são?

- Não sei. Deve estar perto da oitava hora, suponho. Ainda não está na hora do jantar - disse a mulher.

Ele levantou-se, dirigiu-se à arca da roupa e tirou os alforges de lá de trás, atravessando-os sobre o ombro.

- Voltarei a tempo para o jantar.

De queixo caído, Nicópole viu-o dirigir-se para a porta.

- *Sila!* És a criatura mais aborrecida do mundo inteiro. Juro! Acabaste de chegar a casa, e já partes para outro lado qualquer! Bem, duvido que precises de visitar Metróbio, pois levaste-o contigo!

Foi o grão de areia que fez travar o processo. Fitou-a mostrando os dentes.

-já entendi! Cílax veio fazer queixas, não foi?

- Podes dizê-lo. Chegou como um actor trágico no papel de Antígona e partiu como um actor de comédia fazendo de eunuco. Clitumna pô-lo aos guinchos! - E riu-se da recordação.

- Está bem para aquela velha prostituta. Sabes que nunca deixou que o rapaz aprendesse a ler e a escrever, de propósito?

Mas os alforges voltavam à tortura.

- Não confias em nós o bastante para os deixares cá enquanto sais?

- perguntou.

- Não sou tonto - respondeu, e partiu.

Curiosidade feminina. Silafoi idiota por tê-la ignorado. Por isso, lá foi para o Grande Mercado com os seus alforges, e durante a hora seguinte dedicou-se a uma paródia concentrada de compras com o que **restara** dos mil denários, esse resto que pensara poupar para o futuro. Mulheres! Porcas curiosas e intrometidas! Por que não havia pensado nisso?

Os alforges estavam pejados de lenços e braceletes, chinelas orientais e futilidades para o cabelo, e foi acolhido em casa de Clitumna por154

um servo, visto que as senhoras e o Senhor Stichus estavam na sala de jantar, mas haviam optado por esperar um pouco antes de comer.

- Diz-lhes que estarei lá daqui a pouco tempo - disse, e dirigiu-se para os aposentos de Nicópole.

Não parecia haver ninguém por perto, mas para ficar em segurança fechou as persianas da janela, e depois trancou a porta. Amontoou as prendas compradas à pressa em cima da *mesa* de trabalho, ao lado de alguns rolos de livros. Ignorou a saca da esquerda; despejou sobre a cama a camada de roupa à superfície da saca da direita. A seguir, do fundo desta retirou dois pares de meias enroladas, e virou-as e revirou-as até saírem dois pequenos frascos cujas tampas estavam fortemente seladas com cera,

i Depois, tirou uma caixa lisa de madeira, suficientemente pequena para caber na mão; como se não fosse capaz de usá-la, levantou a tampa, que se ajustava na perfeição. O conteúdo não era inspirador: apenas umas onças de um pó quase branco. Voltou a pousar a tampa; os seus dedos colocaram-na no lugar com firmeza. Então, olhou à volta do quarto, franzindo as sobrancelhas. Onde pô-la? Onde?...

Uma fila de pequenos armários decrépitos de madeira parecidos com maquetas de templos ocupava o topo de um aparador longo e estreito: as relíquias da casa de Cornélio Sila. Tudo o que herdara do pai, tudo o que o pai não conseguira vender para *comprar* vinho, provavelmente mais por falta de comprador do que por vontade de vender. Cinco armários, todos cubos com dois pés de aresta; cada um deles tinha portas de madeira pintadas na fachada, no meio de um palanque saliente de colunas; cada uma tinha um frontão decorado com figuras do templo no topo e nas bases; e em cada um dos entablamentos simples por baixo do frontão, estava inscrito o nome de um homem. Um era o antepassado comum a todos os sete ramos da Família patrícia dos Cornélios; outro era Públio Cornélio Rufino, cônsul e ditador há mais de duzentos anos; outro era o seu filho, duas vezes cônsul e uma vez ditador durante as guerras saninitas, e posteriormente expulso do Senado por açambarcar a prata; outro ainda era o primeiro Rufino a chamar-se Sila, sacerdote devotado a Júpiter durante toda a sua vida; e o último era o seu filho pretor, Públio Cornélio Sila Rufino, famoso por ter criado os *ludi Apollinares,* os jogos de Apolo.

Foi o armário do primeiro Sila que ele abriu, com muito cuidado, pois a madeira nunca fora tratada durante muitos anos, e ficara frágil. Outrora, a tinta havia sido brilhante, as pequenas figuras em relevo bem155

nítidas; agora estavam desmaiadas, lascadas. Tencionava arranjar um dia o dinheiro necessário para restaurar os armários antigos, e ter uma casa com um *átrium* imponente onde pudesse dispor os seus armários com orgulho. Contudo, de momento parecia apropriado esconder os dois pequenos frascos e a caixa do pó no armário de Sila, o *flamen Dialis, o* homem mais sagrado em Roma na sua época, ao serviço dejúpiter Optimus Maximus.

O interior do armário estava ocupado com uma máscara de cera de tamanho natural e com peruca, estranhamente real, tão bem lhe tinham sido aplicadas as cores. Os olhos fitavam Sila, azuis em vez do seu tom cinzento pálido; a pele de Rufino era clara, mas não tão clara como a de Sila; e o cabelo, espesso e encaracolado, era mais ruivo-avermelhado do que dourado. Havia bastante espaço à volta da máscara para esta poder ser retirada, pois estava presa a um bloco de que se podia separar. A última vez que saíra tinha sido no funeral do pai, que Sila pagara com uma série de encontros com um homem que detestava.

Sila fechou as portas com carinho, depois puxou com um sacão as escadas do pódio, que pareciam polidas e sem emendas. Mas, tal como num templo verdadeiro - o pódio do armário do seu antepassado era oco

- Sila encontrou o lugar certo, e das escadas da frente abriu-se uma gaveta. Não era um esconderijo intencional mas sim um receptáculo seguro para arquivar os relatos escritos dos feitos do antepassado, bem como uma descrição pormenorizada da sua estatura, maneira de **andar, postura, hábitos** físicos e marcas distintivas do corpo. Porque quando um Sila morria, contratavam um actor para pôr a máscara e imitar o antepassado morto com tanta precisão que se

pudesse **pensar que regressara para ver o último** descendente da sua nobre família ser despedido do mundo que ele próprio havia em tempos adornado.

Os documentos relativos a Públio Cornélio Sila Rufino, o sacerdote, estavam dentro da gaveta, mas havia espaço de sobra para os frascos e a caixa; Sila colocou-os lá dentro, a seguir fechou a gaveta e assegurou-se de que a abertura era indetectável. O seu segredo estaria a salvo com Rufino.

Sentindo-se mais à vontade, Sila abriu as persianas e destrancou a porta. E juntou o monte de inutilidades espalhadas na mesa de trabalho, com um sorriso malicioso ao ver o rolo de pergaminho que tirou de entre os outros ali amontoados.

Era evidente que **Lúcio Gávio Stichus** ocupava o lugar do anfitrião, do lado esquerdo do leito do meio; era uma das poucas salas de jantar156

onde as mulheres ficavam reclinadas em vez de se sentarem em cadeiras de espaldar direito, pois nem Clitumna nem Nicópole se pautavam por padrões antiquados.

- Tomem, raparigas - disse Sila lançando a sua braçada de prendas aos dois rostos femininos adoradores que seguiam a sua entrada na sala como as flores seguem o sol. Ele havia escolhido bem, coisas que podiam ter vindo de qualquer outro lugar que não um mercado de Roma, e coisas que nenhuma delas se envergonharia de usar.

Mas antes de se esgueirar habilmente para o espaço entre Clitumna, e Nicópole no primeiro leito, pousou com violência em frente de Stichus o livro enrolado que trazia.

- Uma pequena lembrança para ti, Stichus - disse.

Enquanto Sila se acomodava entre as duas mulheres, que responderam com risinhos e ronronadelas, Stichus, espantado por

receber uma prenda, desatou as fitas que atavam o livro, e desenrolou-o. Apareceram-lhe duas manchas vermelhas nas bochechas marcadas pelo acne, e os seus olhos esbugalhados absorveram as figuras masculinas magnificamente desenhadas e pintadas, de pênis erectos ao desempenharem todo o tipo de feitos atléticos uns com os outros, no papiro que não levantava qualquer suspeita. De mãos a tremer, enrolou a coisa e atou-a, e seguidamente teve de arranjar coragem para olhar o seu benfeitor. Os medonhos olhos de Sila observavam-no por cima da cabeça de Clitumna, emitindo silenciosos sinais de desprezo.

- Obrigado, Lúcio Cornélio - exclamou Stichus num tom agudo.

- De nada, Lúcio Gávio - disse Sila, com a voz saindo-lhe do fundo da garganta.

Nesse preciso momento, o *gustatio* - o primeiro prato - chegou, aumentado à pressa, suspeitou Sila, em honra da sua chegada, pois além da quantidade habitual de azeitonas, salada de alface e ovos cozidos, continha pequenos enchidos campestres e pedaços de atum em óleo. Imensamente divertido, lançando olhares de viés a Stichus, sozinho no seu leito, Sila comeu com gosto, enquanto Clitumna se encostava a ele o mais que podia, e Nicópole lhe acariciava despudoradamente a virilha.

- Que novidades há aqui por casa? - perguntou, quando foi levantado o primeiro prato.

- Nada de especial - disse Nicópole, mais interessada com o que se passava debaixo da sua mão.

Sila virou-se para Clitumna.157

- Não acredito nela - disse, enquanto pegava na mão de Clitumna e lhe mordiscava os dedos. Depois, quando viu o olhar de repugnância no rosto de Stichus, começou a lamber os dedos com volúpia. - Diz-

me, amor - uma lambidela -, porque me recuso a acreditar - outra lambidela - que nada tenha acontecido - várias lambidelas.

Felizmente, chegaram nesse momento *os fercula* - os pratos principais; a gulosa Clitumna retirou a mão e estendeu-a para agarrar o carneiro assado com molho de tomilho.

- Os nossos vizinhos têm estado ocupados - disse ela entre duas garfadas. - Para compensar o sossego que temos tido com a tua estadia fora - um suspiro. - A mulher de Tiro Pompónio teve um rapaz em Fevereiro.

- Deuses! Mais um banqueiro mercador sedento por dinheiro! - foi o comentário de Sila. - Cecília Pília está bem, creio?

- Muito! Não tem qualquer problema.

- E do lado de César? - pensava na agradável julilla e na coroa de erva que esta lhe dera.

- Grandes novidades por esses lados! - Clitumna lambeu os dedos.

- Tiveram um casamento: um negócio de sociedade.

Deu uma coisa ao coração de Sila: pareceu tombar como uma pedra até ao fundo das suas entranhas e ficar lá a bater, por entre a comida. A mais estranha das sensações.

- A sério? - manteve um tom desinteressado.

- Com efeito! A filha mais velha de César casou, nada menos que *com Caio Mário! Não* é repelente?

- Caio Mário...

- Não o conheces? - perguntou Clitumna.

- Acho que não. *Mário* ... Deve ser um Homem Novo.

- Exacto. Foi pretor há cinco anos, nunca chegou ao consulado, claro. Mas foi governador da Espanha Ulterior, e fez por lá uma fortuna enorme. Minas e coisas afins - explicou Clitumna.

Por uma razão qualquer, Sila lembrou-se do homem com semblante de águia, na cerimónia de posse dos novos cônsules; usava uma toga debruada a púrpura.

- Como é ele?

- Grotesco, meu querido! Tem umas sobrancelhas monstruosas! Parecem centopeias peludas - Clitumna serviu-se de bróculos estufados.

- E é no mínimo trinta anos mais velho do que júlia, coitadinha.

di158

- O que tem isso de tão estranho? - perguntou Stichus, sentindo que era tempo de dizer qualquer coisa. - Pelo menos metade das raparigas de Roma casam com homens com idade para serem pais delas.

Nicópole encolheu os ombros.

- Eu não diria *metade, Stichus* - disse ela. - Um quarto é mais correcto.

- Repugnante! - disse Stichus.

- Repugnante, nada! - disse Nicópole vigorosamente, sentando-se de forma a poder olhar melhor para ele. - Deixa-me dizer-te, cara-de-peido, que os homens mais velhos têm muitas vantagens para uma rapariga! Ao menos os homens mais velhos aprenderam a ter consideração e sensatez! Os meus piores amantes tinham todos menos de vinte e cinco anos. Pensam que sabem tudo, mas não

sabem nada. Principiantes! E como ser-se atingida por um touro. Acaba tudo antes de ter começado.

Como Stichus tinha vinte e três anos, levantou a cabeça com ar importante.

- Pensas que sabes tudo, não? - troçou. O olhar que recebeu foi à altura.

- Sei mais do que tu, cara-de-peido - disse ela.

- Vamos estar alegres esta noite! - exclamou Clitumna. - O nosso querido Lúcio Cornélio está de volta.

O querido Lúcio Cornélio agarrou-se logo à madrasta e fê-la rebolar no leito, fazendo-lhe cócegas até ela guinchar e espernear. Nicópole vingou-se fazendo cócegas a Sila, e o primeiro leito transformou-se numa *melde.*

Era demais para Stichus; amachucando o seu livro novo, saiu do leito e abandonou a sala a passos largos, sem saber se haviam reparado na sua partida. Como iria desalojar aquele homem? A Tia Clita estava embrutecida! Nem enquanto Sila estivera fora conseguira convencê-la a *mandá-lo* embora. Ela apenas chorara, dizendo que era pena os seus dois queridos não se darem *bem.*

Apesar de não ter comido quase nada, Stichus não se preocupava com issso, pois tinha uma quantidade considerável de produtos comestíveis no gabinete de trabalho - um pote com os seus figos preferidos em xarope, uma pequena travessa de pastéis de mel que o cozinheiro tinha ordens de manter cheia, algumas geleias aromáticas vindas da Pártia, uma caixa de passas redondas e sumarentas, bolos de mel e vinho com mel. Sem carneiro e bróculos passava ele bem; toda a sua gulodice ia para os doces. 159

De queixo apoiado na mão, com uma lamparina quíntupla a afugentar o início da noite, Lúcio Gávio Stichus mastigava figos em

xarope, enquanto examinava longamente as ilustrações do livro que Sila lhe dera, e lia o pequeno texto em grego que as acompanhava. Era óbvio que o presente era um modo de Sila dizer que *ele* não precisava daqueles livros, pois tinha feito tudo aquilo, mas isso não lhe diminuíra o interesse; Stichus não tinha assim tanto orgulho. Ah! Ah! Ah! Ah! Estava a acontecer qualquer coisa por debaixo da sua túnica bordada! E levou a mão do queixo ao colo com uma inocência furtiva que *era um* desperdício para o seu público: um pote de figos em xarope.

Cedendo a um impulso - desprezou-se a si mesmo por senti-lo. Lúcio Cornélio Sila foi na manhã seguinte ao Palatino, até ao local onde encontrara Julilla. Estava-se agora no auge da Primavera, e as extensões verdes exibiam flores por toda a parte, narcisos e anémonas, jacintos, violetas, até mesmo uma rosa ocasional; as macieiras silvestres e os pessegueiros estavam totalmente floridos em branco e rosa, e a pedra sobre a qual se sentara em janeiro estava agora quase escondida pela erva, dum verde luxuriante.

Escoltada pela sua serva, lá estava Julilla; parecia mais magra, com um tom de mel mais desmaiado. E quando o viu, uma alegria viva e triunfante percorreu-o dos olhos à pele e aos cabelos - *tão linda!* Nunca na história do mundo houvera outra mulher mortal tão bonita! Todo encrespado, Sila deteve-se cheio dum receio parecido com o horror. Vénus: ela era Vénus, reguladora da vida e da morte. Pois o que era a vida para além do princípio procriativo, e o que era a morte senão a sua extinção? Tudo o mais era cenário, os ornamentos que os homens inventavam para se convencerem de que a vida e a morte *tinham* de fazer mais sentido. Ela era Vénus. Mas isso transformá-lo-ia em Marte, o seu semelhante em divindade - ou seria apenas Anquises, um homem mortal sobre quem ela se precipitara pelo lapso de tempo de uma pulsação do Olimpo?

Não, ele não era Marte. A vida preparara-o para ser um mero ornamento, e mesmo assim do tipo mais inferior e de pior gosto; quem poderia ser senão Anquises, o homem unicamente famoso por

Vénus se ter abatido sobre ele, desejando-o por um momento? Tremeu de ira, dirigiu a sua frustração odiosa contra ela, e deste modo bombeou veneno nas suas veias, criando um desejo irreprimível de lhe bater, de a reduzir de Vénus a Julilla.160

- Ouvi dizer que tinhas regressado ontem - disse ela, sem se mexer,

- Tens espiões por aí? - respondeu Sila, recusando aproximar-se mais dela.

- Não é preciso na nossa rua, Lúcio Cornélio. Os servos sabem tudo

- replicou a rapariga.

- Espero que não julgues que vim aqui hoje à tua procura, porque não é verdade. Vim em busca de paz.

A beleza dela aumentava, de facto, embora ele pensasse que tal não seria possível. A minha rapariga-de-mel, pensou. Parecia mel na língua. Tal como Vénus.

- Significa que perturbo a tua paz? - perguntou ela, demasiado segura de si para a sua pouca idade.

Ele riu, obrigando-se a fazê-lo num tom leve, divertido, frívolo.

- Deuses, rapariguinha, tens muito que crescer! - exclamou, rindo de novo. - Eu disse que tinha vindo aqui em busca de paz. Significa que pensei encontrá-la aqui, não é? E logicamente, a resposta deve ser que tu não perturbas o mínimo a minha paz.

Ela ripostou.

- De modo nenhum! Pode indicar apenas que não esperavas encontrar-me aqui.

- O que vai dar de novo à indiferença - disse ele.

Era uma competição desigual, era evidente; aos olhos de Sila, ela encolhia, perdia o seu brilho, uma imortal que passara a ser mortal. O rosto contraíu-se-lhe, mas ela não conseguiu chorar, ficou a observá-lo maravilhada, incapaz de reconciliar o aspecto do homem e o que ele dizia com o verdadeiro instinto do seu coração, dizendo-lhe a cada batida que o apanhara nas suas malhas.

- Eu amo-te! - disse, como se isso explicasse tudo. Outra risada.

- Quinze anos! Que sabes tu do amor? -já tenho dezasseis anos! - disse ela.

- Olha, rapariguinha - disse Sila, num tom áspero -, deixa-me em paz! Não só és uma praga como te estás rapidamente a transformar num embaraço - virou-se, e desapareceu sem olhar para trás.

Julilla não se desmanchou em lágrimas; teria sido melhor para o seu bem-estar futuro se o tivesse feito. Porque um acesso de lágrimas apaixonado e doloroso tê-la-ia convencido de que se enganara, de que não tinha qualquer hipótese de apanhá-lo. No ponto em que as coisas estavam,161

dirigiu-se a Criseide, a serva, que fingia estar absorvida na perspectiva do Circo Máximo vazio. Tinha o queixo erguido, tal era o seu orgulho.

- Vai ser difícil - disse ela - mas não faz mal. Mais cedo ou mais tarde, hei-de tê-lo, Criseide.

- Não me parece que te queira - disse Criseide.

- Claro que quer! - disse Julilla com ironia. - Ele quer-me *desesperadamente!*

O convívio de há muito tempo com Julilla fez com que Criseide se calasse; em vez de tentar argumentar com a ama, suspirou, encolheu os ombros.

- Faz como achares melhor - disse.

- É o que costumo fazer - respondeu Julilla.

Começaram a dirigir-se para casa. O silêncio entre elas era pouco habitual, pois tinham a mesma idade e haviam crescido juntas. Mas quando chegaram ao templo da Magna Mater, Julilla falou com determinação.

- Recusar-me-ei a comer - disse. Criseide parou.

- E o que achas que vai adiantar? - perguntou.

- Em janeiro, ele disse-me que estava gorda. E estou. -Julilla, não estás!

- Estou, sim. É por isso que não como carnes doces desde janeiro. Estou um pouco mais magra, mas ainda não é o suficiente. Ele gosta de mulheres magras. Repara na Nicópole. Tem uns braços que parecem espetos.

- Mas é *uma velha!* - disse Criseide. - O que fica bem em ti não lhe ficaria bem a ela. Além disso, vais preocupar os teus pais se deixares de comer, pensarão que estás doente!

- Ainda bem - disse Julilla. - Se pensarem que estou doente, Lúcio Cornélio pensará o mesmo. E preocupar-se-á imenso comigo. Argumentos melhores e mais convincentes Criseide não podia arranjar, pois não era muito esperta nem sensata. Por isso, desfez-se em lágrimas, o que agradou enormemente a Julilla.

Quatro dias depois de Sila ter regressado a casa de Clitumna, Lúcio Gávio Stichus teve uma perturbação digestiva que o prostrou; alarmada, Clitumna chamou meia dúzia dos físicos mais famosos do Palatino, tendo todos eles diagnosticado um acesso de envenenamento alimentar.162

- Vómitos, cólicas, diarreia- um quadro clássico - disse o porta-voz, o físico romano Públio Popílio.

- Mas ele não comeu nada que nós não tenhamos comido também!

- protestou Clitumna, sem consolo para os seus medos.

- Com efeito, até não tem comido tanto como nós, e é isso que me preocupa.

- *Ah, domina,* penso que estás muito enganada. - insistiu o mais barulhento deles, Atenodoro Sículo, um clínico que possuía a famosa persistência investigadora dos Gregos; tinha entrado em todas as salas que davam para o *átrium* e depois em todos os compartimentos à volta do jardim do peristilo.

- Deves saber que Lúcio Gávio tem meia loja de carne doce no seu gabinete

- Pff! - exclamou Clitumna. - Meia loja de carne doce! Alguns figos e pastéis, e é tudo. Na verdade, mal lhes toca.

Os seis médicos olharam uns para os outros

- *Domina,* ele passa dia e noite a comê-los, segundo me contou o pessoal - disse Atenodoro, o Grego da Sicília. - Sugiro que o convenças a pôr de parte as doçarias Se comer alimentos melhores, não só os problemas digestivos se resolverão como a sua saúde geral melhorará.

Lúcio Gávio Stichus ia tendo conhecimento de tudo isto, deitado na cama, demasiado fraco para se defender devido à violência do purgante, com os olhos ligeiramente protuberantes saltando de uma cara para outra à medida que a conversa prosseguia.

- Tem borbulhas e a pele *tem má* cor - disse um *grego de* Atenas,

- Faz exercício?

- Não tem necessidade disso - disse Clitumna, com o primeiro sinal de dúvida na voz - A sua profissão obriga-o a correr dum lado para o outro, anda sempre a mexer, juro!

- Qual é a tua profissão, Lúcio Gávio? - perguntou o Espanhol.

- Sou traficante de escravos - disse Stichus.

Como todos os Públios Popílios tinham começado a sua vida em Roma como escravos, os seus olhos ficaram subitamente com um ar mais doentio do que os de Lúcio Gávio e afastaram-se deste sob o pretexto de que era hora de partir

- Se quiser alguma coisa doce, deve limitar-se ao vinho com mel disse Públio Popílio. - Não deve ingerir alimentos sólidos por mais um ou dois dias, e quando voltar a sentir fome, pode fazer uma dieta normal. Mas atenção. eu disse normal, *domina!* Feijões em vez de carnes doces. Saladas em vez de carnes doces. Colações frias em vez de carnes doces.163

O estado de Stichus melhorou durante a semana seguinte, mas já nunca se restabeleceu completamente. Embora ingerisse comida alimentícia e integral, sofria de acessos periódicos de náuseas, vómitos, dores e disenteria, nunca tão graves como o ataque inicial, mas que o debilitavam. Começou a perder peso, um pouco de cada vez, e por isso as pessoas da casa não se aperceberam.

No fim do Verão, já não conseguia arrastar-se até ao seu escritório no Porticus Metelli, e os dias em que desejava ficar deitado ao sol eram cada vez mais raros. O fabuloso livro ilustrado que Sila lhe dera deixou de interessá-lo, e consumir qualquer tipo de comida passou a ser uma tortura para ele. Apenas tolerava o vinho com mel, e mesmo esse, nem sempre.

Em Setembro, já todos os médicos de Roma tinham sido chamados para observá-lo, e muitos e variados eram os diagnósticos, para não falar dos tratamentos, especialmente após Clitumna ter começado a recorrer a curandeiros.

- Dá-lhe o que ele quiser - disse um dos médicos.

- Não lhe dês nada até ficar bom - disse outro.

- Não lhe dês senão feijões - disse um médico de crença pitagórica.

- Consola-te - disse o médico grego intrometido, Atenodoro Síclo.

- Seja o que for, obviamente não é contagioso. Eu creio que é uma doença do intestino delgado. No entanto, os que entrarem em contacto com ele ou tiverem de despejar o seu vaso de noite devem lavar muito bem as mãos em seguida, e não devem aproximar-se da cozinha nem da comida.

Dois dias depois, Lúcio **Gávio Stichus morreu.** Apesar da sua mágoa, Clitumna deixou Roma logo a seguir ao funeral, pedindo a Sila e a Nicópole que fossem com ela para Circeios, onde tinha uma *villa. Mas* embora Sila a acompanhasse até ao **litoral da Campânia,** ele e Nicópole recusaram-se a sair de Roma.

Quando voltou de Circeios, Sila beijou Nicópole e saiu dos seus aposentos.

- Vou voltar a ocupar o gabinete de trabalho e o meu quarto de dormir - disse. - Afinal, agora que o Stichus Pegajoso está morto, sou eu quem mais se aproxima de ser filho dela - ia pondo os rolos profusamente ilustrados num braseiro; com a repugnância estampada no rosto, acenou para Nicópole, que observava da porta do gabinete. - Olha para isto! Não há nada aqui que não meta nojo!164

A garrafa de vinho com mel estava metida num anel sobre a dispendiosa consola de madeira de cedro, encostada a uma das paredes. Levantando-a, Sila olhou para a marca impregnada por entre as espirais sofisticadas da madeira, e assobiou.

- Que barata! Adeus, Stichus Pegajoso!

E atirou a garrafa pela janela aberta até à colunata do peristilo. Mas foi cair mais longe, e estilhaçou-se em mil cacos no soco da estátua preferida de Sila, Apolo perseguindo a dríade Dafne. Uma enorme estrela de vinho xaroposo desfigurou a pedra suave e começou a pingar em longos veios que se infiltraram no solo. Precipitando-se até à janela para ver, Nicópole deu uma risada.

- Tens razão - disse ela. - Que barata! - e mandou a sua serva particular, Bithy, limpar o pedestal com um trapo e água.

Ninguém reparou nas marcas de pó branco coladas ao mármore, pois este também era branco. A água cumpriu a sua função: o pó desapareceu.

- Alegra-me que tenhas falhado a estátua - disse Nicópole, sentando-se no joelho de Sila enquanto observavam Bithy a limpar.

- Lamento - disse Sila, com um ar muito divertido.

- Lamentas? Lúcio Cornélio, terias estragado aquela magnífica pintura! Ao menos o soco é apenas de mármore.

O lábio superior dele revirou-se, pondo os dentes a descoberto.

- Bah! Porque parece que estou sempre rodeado de pessoas tolas e sem gosto? - perguntou, expulsando Nicópole do colo com uma palmada.

A nódoa desapareceu completamente; Bithy espremeu o trapo e despejou a bacia no canteiro dos amores-perfeitos.

- Bithy! - chamou Sila. - Lava as mãos, **rapariga, e lava-as bem!** Não se sabe de que morreu Stichus, e ele **gostava muito de vinho com** mel. Vai lá!

Radiante por ele ter reparado nela, Bithy foi.

- Descobri hoje um jovem interessantíssimo - disse Caio Mário a Públio Rutílio Rufo.

Estavam sentados no precinto do templo de Tellus, nas Carinas, que ficava ao lado da casa de Rutílio Rufo.

- Estamos melhor aqui do que no meu peristilo - explicava RutiliO Rufo ao conduzir a sua visita até ao banco de madeira na área do templo espaçoso mas lúgubre. - Os nossos antigos deuses estão abandonados,165

especialmente o meu caro vizinho Tellus prosseguiu, enquanto se sentavam. Todos estão muito ocupados a fazer salamaleques à Magna Mater da Ásia para se lembrarem que Roma é melhor servida pela sua própria deusa da Terra!

Foi para afastar a homilia vaga acerca dos mais antigos, obscuros e misteriosos deuses de Roma que Caio Mário escolheu falar do seu encontro com o jovem interessante. A sua artimanha resultou, claro; Rutílio Rufo nunca estava imunizado contra pessoas interessantes de qualquer idade ou sexo.

Quem era? perguntava ele agora, voltando o focinho para o sol, com os olhos fechados de prazer, como cão velho que era.

- O jovem Marco Lívio Druso, que deve ter... uns dezassete ou dezoito anos.

O meu sobrinho Druso? Mário virou a cabeça.

- *Teu?*

Sim, se for o filho do Marco Lívio Druso que triunfou em Janeiro último e tenciona candidatar-se a censor no próximo ano disse Rutílio Rufo.

Mário riu, abanou a cabeça.

Que vergonha! Porque será que nunca me lembro dessas coisas?

Provavelmente disse Rutílio secamente porque a minha mulher, Lívia, que, só para te refrescar a memória, era irmã do pai do nosso jovem interessante, já morreu há muitos anos, e nunca saía, e nunca jantava comigo quando eu tinha convidados. Os Lívios Drusos têm tendência para desencorajar as suas mulheres, infelizmente. Era uma joiazinha, a minha mulher. Deu-me dois belos filhos mas nunca uma discussão. Estimava-a.

Eu sei disse Mário pouco à vontade, não se sentindo bem pelo facto de ter sido apanhado: *nunca* os conheceria a todos? Mas embora Rutílio Rufo fosse um velho amigo, Mário não se lembrava de alguma vez ter conhecido a mulher dele. Devias voltar a casar disse ele, que ultimamente andava muito entusiasmado com a ideia de casamento.

O quê? Para tu não pareceres tão conspícuo? Não, obrigado. Encontro o escape necessário para as minhas paixões escrevendo cartas um olho azul escuro abriu-se, espreitando Mário. De qualquer modo, porque tens tão boa impressão do meu sobrinho Druso?166

- Na última semana fui contactado por diferentes grupos de Aliados Italianos, de diferentes povos, e todos se queixavam amargamente de que Roma está a desperdiçar as suas tropas - disse Mário devagar. - Na minha opinião, têm razão de queixa. Quase todos os cônsules, por uma década ou mais, desperdiçaram as vidas dos soldados, e com tanta despreocupação como se os homens fossem estorninhos ou pardais! E os primeiros a perecer têm sido as Tropas Aliadas dos Italianos, pois tornou-se um hábito colocá-los à frente dos romanos em situações que ponham a vida em risco. É raro um cônsul lembrar-se realmente que os soldados aliados italianos são homens de posses e são pagos pelos seus povos, e não por Roma.

Rutílio Rufo nunca menosprezava uma conversa indirecta; conhecia Mário bem demais para pensar que o que ele dizia não teria alguma coisa a ver com o sobrinho Druso. Por isso, respondeu de bom grado a esta divagação aparente.

- Os Aliados Italianos vieram sob a protecção militar de Roma unificar a defesa da península - disse. - Em troca dos seus soldados, obtiveram um estatuto especial como nossos aliados e receberam muitos benefícios, dos quais o mais pequeno não terá sido um agrupamento dos povos da península. Eles dão as suas tropas para lutarmos todos por uma causa comum. De outro modo, estariam ainda a combater uns contra os outros

- e, indubitavelmente, perdendo mais homens no processo do que qualquer cônsul romano.

- É discutível - disse Mário. - Em vez disso podiam ter combinado formar uma nação italiana!

-já que a aliança italiana é um facto, e é-o há duzentos ou trezentos anos, meu caro Caio Mário, não consigo ver aonde queres chegar opôs Rutílio.

- As delegações que me procuraram insistem que Roma está a usar as suas tropas para combater guerras estrangeiras sem qualquer benefício para a Itália como um todo - explicou Mário pacientemente. - O isco com que acenámos primeiro aos povos italianos foi a concessão da cidadania romana. Mas há perto de oitenta anos que nenhuma comunidade italiana ou latina recebe a cidadania, como sabes. Foi preciso haver a revolta de Fregelas para obrigar o Senado a fazer concessões às comunidades de Direitos Romanos!

- Isso é simplificar demasiado as coisas - disse Rutílio Rufo. - Nós não prometemos aos Aliados Italianos a manumissão geral. Demos-lhes167

a cidadania *gradual* em troca da lealdade compatível: os Direitos Latinos em primeiro lugar.

- Os Direitos Latinos têm pouquíssima importância, Públio Rutílio! Na melhor das hipóteses, concedem uma cidadania enganadora de segunda classe, e não dão direito de voto em qualquer eleição romana.

- Sim, mas durante estes quinze anos desde a revolta de Fregelas, tens de admitir que as coisas melhoraram para os possuidores dos Direitos Romanos - disse Rutílio Rufo com teimosia. - Qualquer homem com uma magistratura numa cidade de Direitos Romanos

obtém agora automaticamente a total cidadania de Roma para si e para a sua família.

- Bem sei, bem sei, e significa que existe agora uma quantidade considerável de cidadãos romanos em todas as cidades de Direitos Latinos e não param de *crescer!* Para não falarmos de a lei fornecer a Roma novos cidadãos que são exactamente do género que mais convém: são homens de posses e grande importância local, homens em quem se pode confiar para votarem do modo certo em Roma - troçou Mário.

As sobrancelhas de Rutílio Rufo levantaram-se.

- E que mal há nisso? - perguntou.

- Sabes, Públio Rutílio, por mais aberto e progressista que sejas em muitos aspectos, no fundo és um nobre romano tão caturra como Cneu Domício Aenobarbo! - disse Mário de modo incisivo, sem afastar o seu mau gênio. - Porque não conseguirás ver que Roma e a Itália estão juntas?

- Porque não estão - disse Rutílio Rufo, cujo sentido de plácido bem-estar começava a desvanecer-se. - Na verdade, Caio Mário, como podes estar aqui, dentro das muralhas de Roma, a advogar a igualdade política entre os Romanos de Roma e os Italianos? Roma *não é* a Itália! Não foi *por* acaso que Roma se tornou o primeiro lugar do mundo, nem o fez com tropas italianas! Roma é diferente.

- Queres dizer que Roma é superior - disse Mário.

- Sim! - Rutílio Rufo pareceu inchar. - Roma é Roma. Roma é superior.

- Nunca te ocorreu, Rutílio Rufo, que se Roma incluísse toda a Itália, e até mesmo a Gália italiana do Pó, sob sua hegemonia, acabaria por ficar ameaçada? - perguntou Mário.

- Absurdo! Roma deixaria de ser romana - disse Rutílio.

- E assim, deduzes tu, seria inferior.

- Claro.168

- Mas a situação actual é ridícula - insistiu Mário. - A Itália é um tabuleiro de xadrez! Regiões com a total cidadania, regiões com Direitos Latinos, regiões com o mero estatuto de aliados, todas misturadas. Lugares como Alba Longa e Esérnia, detentoras dos Direitos Latinos, completamente rodeadas pelos italianos dos Marsos e Samnitas, colónias de cidadãos implantadas no meio das Gálias ao longo do Pó... Como pode haver qualquer verdadeiro sentimento de identidade com Roma?

- Semear colónias romanas e latinas pelos povos italianos mantém-nas a trabalhar para nós - disse Rutílio Rufo. - Os que têm a total cidadania ou os Direitos Latinos não nos trairão. Não valeria a pena trair-nos, tendo em conta a alternativa.

- Penso que te referes à guerra contra Roma - sugeriu Mário.

- Bem, eu não iria tão longe - retorquiu Rutilio Rufo. - Diria antes que isso constituiria uma perda de privilégios que as comunidades romana e latina considerariam insuportável. Para já não falar na perda de valor e posição social.

- *A dignitas é* tudo - disse Mário.

- Precisamente.

- Então crês que os homens influentes dessas comunidades romana e latina levariam a melhor contra a ideia duma aliança dos povos italianos contra Roma? Rutílio Rufo ficou chocado.

- Caio Mário, porque tomas essa posição? Não és nenhum Caio Graco, e certamente não és nenhum reformador!

Mário pôs-se de pé, andou algumas vezes para cá e para lá em frente ao banco e virou-se, dirigindo os seus olhos medonhos sob as sobrancelhas ainda mais medonhas para Rutílio Rufo, que era muito mais pequeno e estava encolhido, em posição nitidamente defensiva.

- Tens razão, Públio Rutílio, não sou nenhum reformador, e associar o meu nome ao de Caio Graco dá vontade de rir. Mas sou um homem prático e, lisonjeia-me dizê-lo, tenho uma boa dose de inteligência. Além do mais, não sou um romano de Roma, como todos os que o são se esforçam por mo apontar. Bem, pode ser que as minhas origens bucólicas me dêem um certo afastamento em relação a Roma que nenhum dos romanos alguma vez terá. E vejo problemas no tabuleiro de xadrez da nossa Itália. Vejo, Públio Rutílio! Ouvi há dias o que tinham a dizer os Aliados Italianos e notei que houve uma mudança no vento. Para o bem de Roma, espero que os nossos cônsules dos próximos anos sejam mais sensatos no uso das tropas romanas do que os da década anterior.169

- Também eu, embora não exactamente pelos mesmos motivos disse Rutílio Rufo. - A má estratégia é criminosa, especialmente quando origina o desperdício das vidas dos soldados, sejam eles romanos ou italianos - olhou para o obscuro Mário com irritação. - Senta-te, peço-te! Ainda apanho um torcicolo.

- Tu é que me pões a cabeça à roda - disse Mário, mas sentou-se obedientemente, esticando as pernas.

- Tens feito clientes entre os italianos - disse Rutílio Rufo.

- Exacto - Mário observou o seu anel **senatorial, feito de ouro em** vez de ferro, pois apenas as mais antigas famílias senatoriais mantinham a tradição do anel de ferro. - No entanto, não estou só nessa actividade, Públio Rutílio. Cneu Domício Aenobarbo listou cidades inteiras de clientes seus, principalmente *por ter conseguido* reduzir-lhes os impostos.

- Ou mesmo conseguindo-lhes a anulação dos impostos, tenho de sublinhar.

- Exacto. Nem Marco Emílio Escauro se livra de fazer clientes entre os italianos do Norte - disse Mário.

- Sim, mas admito que ele é menos brutal do que Cneu Domício objectou Rutílio Rufo, que era partidário de Escauro. - Ao menos, sempre faz boas acções a favor das cidades dos seus clientes: seca um pântano, ou constrói novos edifícios públicos.

- Dou-te razão. Mas não deves esquecer-te dos Cecílios Metelos na Etrúria, que andam muito ocupados.

Rutílio Rufo deu um suspiro profundo.

- Caio Mário, quem me dera saber exactamente o que demoras tanto tempo a dizer!

- Nem eu sei bem o que é - disse Mário. - Apenas pressinto uma grande agitação entre as Famílias Importantes, uma nova consciência da importância dos Aliados Italianos. Não me parece que estejam conscientes de que essa importância poderá vir a ser perigosa para Roma, agem unicamente por um instinto que não compreendem. Pressentirão alguma coisa?

- Tu certamente pressentes qualquer coisa - disse Rutílio Rufo. És um homem extremamente perspicaz, Caio Mário. E por mais que te zangues por eu o ter feito, também tomei nota do que disseste. Aparentemente, um cliente não é grande coisa. O patrono pode ajudá-lo muito mais do que ele ao patrono. Até haver uma eleição, ou uma ameaça de calamidade. Talvez ele apenas possa auxiliar recusando-se a apoiar170

quem quer que vá contra os interesses do patrono. Os pressentimentos são importantes, concordo contigo. São como faróis: iluminam campos inteiros de factos escondidos, frequentes vezes muito antes que a lógica o faça. Por isso, talvez estejas certo no que diz respeito à agitação. E é possível que alistar todos os Aliados Italianos ao serviço de uma importante família romana seja uma forma de esconjurar este perigo que, como insistes, é obscuro. Honestamente, não sei se o será.

- Nem eu - disse Mário. - Mas estou a reunir clientes.

- E a engrossar o novelo - disse Rutílio Rufo, sorrindo. - Se bem me lembro, começámos por falar do meu sobrinho Druso...

Mário dobrou as pernas e levantou-se tão depressa, que espantou Rutílio Rufo; este retomara a sua posição de olhos fechados.

- Pois foi! Vem comigo, Rutílio Rufo, talvez ainda não seja tarde para te mostrar um exemplo do novo sentimento pelos Aliados Italianos nas Famílias Importantes!

Rutílio levantou-se.

- Eu vou contigo, vou! Mas aonde?

- Ao Fórum, claro - disse Mário, descendo a encosta do precinto do templo em direcção à rua. Enquanto caminhavam, Mário ia falando. Há um julgamento a decorrer, e se tivermos sorte, chegaremos antes de ter terminado.

- Surpreende-me que estejas ao corrente - disse Rutílio Rufo secamente; Mário não costumava ligar aos julgamentos do Fórum.

- Surpreende-me que não tenhas ido lá todos os dias - contrapôs Mário. - Afinal de contas, é a estreia do teu sobrinho como defensor.

- Não! - disse Rutílio Rufo. -já tinha feito a estreia há alguns meses,

quando dirigiu a acusação contra o tribuno principal do Tesouro para recuperar alguns fundos que haviam desaparecido misteriosamente.

- Oh! - Mário encolheu os ombros, e acelerou o passo. - Então, isso

explica o que pensei ter sido uma falha da tua parte. No entanto, Públio Rutílio, devias seguir mais de perto a carreira do jovem Druso. Se o tivesses feito, terias achado mais sentido aos meus comentários acerca dos Aliados Italianos.

- Esclarece-me - disse Rutílio Rufo, começando a arfar um pouco; Mário nunca se lembrava que as suas pernas eram mais compridas.

- Reparei, porque ouvi alguém falar no mais belo latim que ja se ouviu, e com uma voz igualmente bela. Um novo orador, pensei, e parei para ver quem era. Nem mais nem menos que o teu jovem sobrinho171

Druso! Embora não soubesse quem era até ter perguntado, e ainda me envergonho por não ter associado o nome dele com a tua família.

- Contra *quem está* ele a dirigir a acusação? - perguntou Rutílio Rufo.

- O que é interessante é que não está a dirigir a acusação - disse Mário -, está a fazer a defesa, e perante o pretor estrangeiro, se não te importas! E um caso importante; existe um júri.

- O assassínio dum cidadão romano?

- Não. Falência.

- É pouco habitual - disse Rutílio Rufo, arfando.

- Suponho que deve ser uma espécie de lição - disse Mário, sem abrandar. - O queixoso é o banqueiro Caio ópio, o defensor é um homem de negócios dos Marsos, de Marrúbio, chamado Lucius Fraucus. De acordo com o meu informador, um verdadeiro observador profissional dos tribunais, ópio está cansado das dívidas avultadas entre os italianos que têm contas no seu banco, e decidiu que era tempo de fazer um italiano servir de exemplo aqui em Roma. O seu objectivo é assustar o resto de Itália, de forma a manterem o que suspeito serem exorbitantes taxas de juro.

- Os juros - disse Rutílio Rufo com dificuldade - estão fixados nos dez por cento.

- *Se* fores romano - disse Mário - e, de preferência, um romano das classes económicas mais elevadas.

- **Continua, Caio Mário,** e acabarás como os irmãos Gracos: morto!

- Disparate!

-E preferia... mesmo... ir para casa - arfou Rutílio Rufo.

- Estás a ficar mole - disse Mário, deitando um olhar de esguelha ao companheiro de trajecto. - Uma boa campanha faria milagres à tua respiração, Públio Rutílio.

- Um bom descanso é que faria milagres à minha respiração - Rutílio Rufo abrandou. - Não entendo para que fazemos isto.

- Por uma razão: porque quando deixei o Fórum, o teu sobrinho ainda tinha umas boas duas horas e meia para fazer o sumário da acusação - disse Mário. - É um dos julgamentos experimentais, relacionados com a mudança de procedimentos jurídicos. Por isso, as testemunhas foram ouvidas primeiro; depois, a Acusação teve duas horas para fazer o sumário da acusação, e a Defesa teve três horas, após as quais o pretor estrangeiro irá pedir o veredicto ao júri.

- Não há nada de mal na forma antiga - disse Rutílio Rufo.172

- Não sei, achei que a forma actual tornou o processo mais interessante para os espectadores - disse Mário.

Desciam o Clivus Sacer, com o Fórum Romano mesmo em frente, e as figuras no tribunal do pretor estrangeiro não haviam mudado de posição enquanto Mário se afastara.

- óptimo, chegámos a tempo para a arenga - disse Mário.

Marco Lívio Druso ainda estava a discursar, e a assistência ouvia ainda em silêncio profundo. Com muito menos de vinte anos de idade, o jovem defensor era de peso médio e físico encorpado, tinha cabelos negros e compleição escura: não era um defensor que impressionasse apenas pela presença física, embora o seu rosto fosse bastante agradável.

- Não é espantoso? - perguntou Mário a Rutílio num sussurro. Tem o dom de fazer as pessoas pensarem que está a falar pessoalmente para elas e para mais ninguém.

E tinha-o. Mesmo à distância - pois Mário e Rutílio Rufo estavam no fim da multidão - os seus olhos escuros pareciam olhar profundamente os seus olhos, e apenas eles.

- Em parte nenhuma diz que o facto de um homem ser romano o faça automaticamente ficar *conforme à* lei - dizia o jovem. - Não falo em nome de Lucius Fraucus, o réu; falo em nome de Roma! Falo em nome da honra! Falo em nome da integridade! Falo em nome da justiça! Não daquela justiça que interpreta uma lei no seu sentido mais literal, mas da justiça que interpreta uma lei no seu sentido mais lógico. A lei não devia ser uma tábua enorme e pesada que tomba sobre um homem e o comprime numa figura uniforme, pois os homens não são uniformes. A lei devia ser um lençol suave que tomba sobre um homem e evidencia a forma única por debaixo da sua igualdade exterior. Devemos sempre lembrar-nos que nós, cidadãos de Roma, servimos de exemplo para o resto do mundo, especialmente nas nossas leis e tribunais. Alguma vez se viu noutro lado tal sofisticação? Tal planeamento? Tal inteligência? Tal cuidado? Tal sabedoria? Não o admitem mesmo os Gregos de Atenas? Não o admitem os Alexandrinos? Não o admitem os Pergamitas?

A sua linguagem corporal era soberba, apesar das graves desvantagens da sua estatura e físico, que não se adaptavam à toga; para usar uma toga superlativamente, um homem tinha de ser alto, largo de ombros e de anca estreita, e mover-se com uma graça

perfeita. Marco Lívio Druso não preenchia nenhum desses requisitos. E no entanto, fazia maravilhas com o corpo, do mais pequeno movimento dum dedo ao movimento mais173

amplo do braço direito. Os gestos da cabeça, as expressões do rosto, as variações do modo de andar - tudo era tão *excelente!*

- Lucius Fraucus, um italiano de Marrúbio - prosseguiu ele -, é a vítima e não o culpado. Ninguém, nem o próprio Lucius Fraucus!, discorda do facto de esta grande quantia de dinheiro avançado por Caio ópio ter desaparecido. E ninguém discorda que esta enorme quantia tem que ser devolvida a Caio ópio, bem como o juro que o empréstimo venceu. Seja de que modo for, será devolvido. Se necessário, Lucius Fraucus está disposto a vender as suas casas, as suas terras, os seus investimentos, os seus escravos, a sua mobília - tudo o que possui! E é mais do que suficiente para a restituição!

Avançou pela fila da frente do júri e olhou para os homens das fileiras centrais.

- Ouviram as testemunhas. Ouviram o meu colega experiente, que proferiu a acusação. Lucius Fraucus foi quem pediu o empréstimo. Mas não foi o ladrão. Por isso, digo-o eu, é Lúcius Fraucus a verdadeira vítima desta fraude, e não Caio ópio, o seu banqueiro. Se o condenarem, membros conscritos do júri, sujeitá-lo-ão à maior penalização da lei, visto que se aplica a um homem que não é cidadão da nossa grandiosa cidade, nem detentor dos Direitos Latinos. Todos os bens de Lúcius Fraucus serão vendidos em hasta pública, e sabem o que isso significa... Não atingirão nem de longe o seu valor real, e podem até não chegar para pagar a restituição desta quantia - a frase final foi dita com o mais expressivo dos olhares dirigido às filas laterais, onde se encontrava o banqueiro Caio ópio, sentado numa cadeira desdobrável, acompanhado por uma comitiva de funcionários e contabilistas.

- Pois bem! Nem de longe atingirão o seu valor real! Após o que, membros conscritos do júri, Lúcius Fraucus será vendido como escravo por dívida, até perfazer a diferença entre a quantia pedida e a obtida pela venda dos seus bens em hasta pública. Lúcius Fraucus poderá ser mau avaliador de carácter na escolha dos seus empregados superiores, mas nos negócios Lúcius Fraucus é um homem notavelmente perspicaz e de grande sucesso. Contudo... Como poderá ele alguma vez pagar a sua dívida se o fizerem escravo, se ficar sem bens e na miséria? Chegaria a ter qualquer utilidade para Caio ópio como funcionário?

O jovem concentrava agora todo o seu vigor e vontade no banqueiro romano, um homem de aspecto brando, de cerca de cinquenta anos, que parecia extasiado com o que o jovem dizia.174

- Para um homem que não é um cidadão romano, uma pena de crime dá logo origem a uma coisa, antes de tudo o mais. Terá de ser chicoteado. Não será açoitado com varas, como os cidadãos *romanos,* o que pode provocar uma pequena marca, mas principalmente uma ofensa à sua dignidade. Não! Será chicoteado! Fustigado com o chicote até não sobrar mais nada além da pele e dos músculos, e ficará mutilado para o resto da vida, com mais cicatrizes do que qualquer escravo das minas.

Os pêlos da parte de trás do pescoço de Mário eriçaram-se; pois se o jovem não estava a olhar de frente para ele - um dos maiores donos de minas de Roma - os seus olhos enganavam. No entanto, como podia o jovem Druso ter descoberto um espectador atrasado na última fila duma multidão tão numerosa?

- Nós somos Romanos! - gritou o jovem. - A Itália e os seus cidadãos estão sob a nossa protecção. Portar-nos-emos como donos de minas para com homens que contam com o nosso exemplo? Condenaremos um homem inocente por uma questão técnica, apenas por ser dele a assinatura presente num empréstimo? Ignoraremos o facto de ele estar disposto a proceder à restituição

completa? Atribuir-lhe-emos, afinal, menos justiça do que atribuiríamos a um cidadão de Roma? Chicotearemos um homem que preferia usar um barrete de burro pela sua tolice ao creditar num ladrão? Tornaremos viúva uma mulher? Tornaremos órfãos os filhos dum pai extremoso? Com certeza que não, conscritos membros do júri! Porque nós somos Romanos. Nós somos um tipo *melhor* de homens!

Com um rodopio de lã branca, o orador voltou-se e saiu da proximidade do banqueiro, criando assim um instante em que todos os olhos seguiram deslumbrados o banqueiro; todos os olhos, excepto os de vários jurados na primeira fila, que fitavam na mesma direcção dos outros cinquenta e um membros do júri. E os de Caio Mário e Públio Rutílio Rufo. Um jurado olhou fixamente para ópio, passando o indicador pela base do pescoço, como se tivesse comichão. A resposta não se fez esperar: um levíssimo acenar de cabeça do grande banqueiro. Caio Mário sorriu.

- *Obrigado, praetorperegrinus* - disse o jovem, ao fazer uma vénia ao pretor estrangeiro, parecendo subitamente rígido e tímido, já sem a alma que o possuía como quando perorava.

- Obrigado, Marco Lívio - disse o pretor estrangeiro, e dirigiu o olhar para o júri. - Cidadãos de Roma, peço que inscrevam o vosso veredicto nas tábuas e o concedam ao tribunal.175

Houve uma grande movimentação por todo o tribunal; todos os jurados tiraram pequenos quadrados de barro e lápis de carvão. Mas não escreveram nada; em vez disso, focaram o olhar nas nucas da frente, no meio da fila central. O homem que fizera uma pergunta-fantasma ao banqueiro Ópio pegou no lápis e desenhou uma letra na sua tábua de barro, deu a seguir um enorme bocejo, com os braços esticados atrás da cabeça, de tábua ainda na mão esquerda e com as múltiplas pregas da toga caídas sobre o ombro direito, à medida que o braço se esticava no ar. Os outros jurados

escrevinharam depois com afinco, e entregaram as tábuas aos lictores que se encontravam entre eles.

Foi o próprio pretor estrangeiro que fez a contagem; de respiração suspensa, todos aguardaram o veredicto. Olhando para cada uma das tábuas, o pretor lançava-as para dentro de um dos dois cestos sobre a mesa à sua frente, a maioria para dentro de um deles, e poucos para dentro do outro. Quando as cinquenta e uma tábuas tinham sido distribuídas, levantou a cabeça.

- *ABSOLVO* - disse. - Quarenta e três a favor, oito contra. Lúcius Fraucus, de Marrúbio, cidadão do Povo dos Marsos, nossos Aliados Italianos, foste absolvido por este tribunal, mas apenas sob a condição de procederes à restituição completa como ficou prometido. Cabe-te combinar esse assunto com Caio Ópio, teu credor, antes de terminar o dia.

E era tudo. Mário e Rutílio Rufo esperaram que a multidão acabasse de cumprimentar o jovem Marco Lívio Druso. Finalmente, apenas os amigos de Druso o rodeavam, muito excitados. Mas quando o homem alto de sobrancelhas aterradoras e o baixo que todos sabiam ser tio de Druso se aproximaram do grupo, toda a gente se afastou envergonhada.

- Felicito-te, Marco Lívio - disse Mário, estendendo a *mão.*

- Agradeço-te, Caio Mário.

- Muito bem - disse Rutílio Rufo.

Voltaram-se em direcção à saída do Fórum do lado de Vélia e começaram a andar.

Rutílio Rufo deixou a conversa a cargo de Caio Mário e Druso, alegre por ver que o seu jovem sobrinho estava a amadurecer tanto como defensor, mas bastante ciente das insuficiências por baixo daquele exterior robusto. O jovem Druso, pensou o Tio Públio, era um

rapazola desprovido de humor, brilhante mas atacado por uma doença estranha, que nunca possuiria a subtileza de detectar o ridículo, e à medida que a sua vida passasse, não conseguiria evitar muita dor. Sério, obstinado, ambicioso. 176

Incapaz de largar, quando os seus dentes ferravam um problema. Sim, mas por tudo isso, dizia de si para si o Tio Públio, o jovem Druso era um cachorro honrado.

- Teria sido muito mau para Roma se o teu cliente tivesse sido condenado - disse Mário.

- Muito mau, mesmo. Fraucus é um dos homens mais importantes de Marrúbio, e um dos anciãos do Povo dos Marsos. Claro que não será tão importante quando tiver devolvido o que devia a Caio ópio, mas há-de fazer mais dinheiro - disse Druso.

Tinham chegado à Vélia quando Druso perguntou:

- Sobem o Palatino? - E parou em frente ao templo de Júpiter Stator.

- Não - disse Públio Rutílio Rufo, emergindo dos seus pensamentos. - Caio Mário vem jantar comigo, sobrinho.

O jovem Druso fez uma vénia solene aos seus séniores e começou a subir o Clivus Palatinus; por detrás de Mário e Rutílio Rufo surgiu a forma pouco atraente de Quinto Servílio Cepião Júnior, o melhor amigo do jovem Druso, que corria para alcançá-lo. Druso devia tê-lo ouvido, mas não esperara.

- Eis uma amizade que me desagrada - disse Rutílio Rufo, observando os dois rapazes que diminuíam de tamanho.

- Sim?

- São impecavelmente nobres e terrivelmente ricos, os Servílios Cepiões, mas o tamanho dos seus miolos é inversamente

proporcional à estatura, e por isso não é uma amizade entre pares - disse Rutílio Rufo.

- O meu sobrinho parece preferir o tipo de deferência e sicofantismo do jovem Cepião Júnior a um tipo mais estimulante, para não dizer enriquecedor!, de camaradagem com outros dos seus iguais. É uma pena. Receio, Caio Mário, que a devoção de Cepião Júnior dê ao jovem Druso uma impressão falsa da sua capacidade de chefia.

- Em combate? Rutílio Rufo estacou.

- Caio Mário, existem outras actividades para além da guerra, e outras instituições para além dos exércitos! Não, referia-me à presidência do Fórum.

Mais tarde nessa semana, Mário voltou a procurar o seu amigo Rutilio Rufo, e encontrou-o furiosamente a fazer as bagagens.

- Panécio está a morrer - explicou Rutílio pestanejando, para afastar as lágrimas.177

- É terrível! - disse Mário. - Onde está ele? Conseguirás chegar a tempo?

- Assim o espero. Está em Tarso, e mandou-me chamar. Imagina, mandar-me chamar a mim, com todos os romanos que ensinou!

O olhar de Mário era afável.

- Porquê? Afinal de contas, eras o seu melhor aluno.

- Não, não - disse o homem, parecendo pensar noutra coisa.

- Vou Para casa - disse Mário.

- Nem penses - disse Rutílio Rufo, indicando o caminho para o seu gabinete, um compartimento horrivelmente desarrumado, que parecia superlotado de mesas cheias de livros, a maioria dos quais

parcialmente desenrolados, alguns equilibrados numa ponta e tombando para o chão, numa balbúrdia de valioso papel egípcio.

- O jardim - disse Mário com firmeza, não encontrando lugar onde se empoleirar naquele caos, mas consciente de que Rutílio Rufo poderia deitar a mão a qualquer livro nos tempos livres, por mais escondido que parecesse aos olhares dos estranhos.

- O que estás a escrever? - perguntou, ao vislumbrar uma longa faixa de papel tratado de Fânio sobre uma mesa, meio coberto com a caligrafia inconfundível de Rufo, limpa e fácil de ler na proporção inversa à arrumação do seu gabinete.

- Trata-se de um assunto sobre o qual terei de consultar-te - disse Rutílio, dirigindo-se para a saída. - Um **manual de informação militar.** Após a nossa conversa sobre os generais disparatados que Roma tem tido nos últimos anos, achei que era tempo de uma pessoa competente fazer uma dissertação útil. Até aqui, tem sido apenas logística e planeamento básico, mas agora estou a entrar nas tácticas e estratégia, onde tu brilhas muito mais do que eu. Por isso, vou ter de espremer-te os miolos.

- Considera-os espremidos - Mário sentou-se num banco de madeira no jardim pequeno, sem sol e bastante abandonado, no lado coberto de ervas daninhas onde estava a fonte que não funcionava. - Tiveste alguma visita do Metelo Suíno? - perguntou.

- Com efeito, tive, hoje de manhã - disse Rutílio, vindo descansar para um banco em frente ao de Mário.

- Também veio visitar-me esta manhã.

- É espantoso como mudou pouco, o nosso Quinto Cecílio Metelo Suíno. - disse Rutílio Rufo, rindo. - Se houvesse um chiqueiro aqui perto ou se a minha fonte merecesse esse nome, acho que tinha voltado a enfiá-lo lá dentro.178

- Compreendo-te, mas não acho que fosse boa ideia - disse Mário.

- O que veio ele dizer-te?

- Vai candidatar-se a cônsul.

- Quer dizer, se alguma vez houver eleições! O que deu àqueles dois malucos para se candidatarem de novo a tribunos da plebe, quando até os Gracos fracassaram?

- Isso não deve atrasar as eleições centuriais, nem as eleições do Povo

- disse Rutílio Rufo.

- É claro que atrasará! Ou então, dois pretendentes a uma segunda designação farão os seus colegas vetar todas as eleições - contrapôs Mário,

- Sabes como são os tribunos da plebe: mal abocanham um osso, ninguém os detém.

Rutílio riu-se ruidosamente.

- Penso saber como são os tribunos da plebe! Fui um dos piores. E tu também, Caio Mário.

- Bem, sim...

- Haverá eleições, não tenhas receio - disse Rutílio com à-vontade.

- Parece-me que os tribunos da plebe serão eleitos quatro dias antes dos Idos de Dezembro, e todos os outros seguir-se-ão logo após os Idos.

- E o Metelo Suíno será cônsul - disse Mário.

Rutílio inclinou-se para a frente, juntando as mãos.

- Ele sabe qualquer coisa.

- Não te enganas, velho amigo. Ele sabe mesmo algo que nós não sabemos. Fazes ideia do que será?

- Jugurta. Planeia uma guerra contra Jugurta.

- É o que penso - disse Mário. - Mas será ele a começá-la ou Espúrio Albino?

- Não creio que Espúrio Albino tenha a força interior necessária para isso. Mas o tempo o dirá - afirmou Rutílio tranquilamente.

- Ofereceu-me um lugar de legado sénior no seu exército.

- E a mim também.

Olharam um para o outro e sorriram.

- Nesse caso, é melhor encarregarmo-nos de descobrir o que se passa

- disse Mário, pondo-se de pé. - Espúrio Albino deve estar a chegar para as eleições, ninguém teve de lhe dizer que não teríamos eleições em breve.

- Deve ter partido da Província Africana antes de poderem chegar-lhe aos ouvidos essas notícias - disse Rutílio Rufo, passando pelo gabinete de trabalho.179

- Vais aceitar a oferta do Suíno?

- Só aceitarei se tu aceitares, Caio Mário.

- Excelente!

O próprio Rutílio abriu a porta principal.

- E como tem passado Júlia? Não terei hipótese de vê-la. Mário resplandeceu.

- Maravilhosa, linda, gloriosa!

- Velho tonto - disse Rutílio, e empurrou Mário para a rua. - Mantém o ouvido rente ao chão enquanto eu estiver fora, e escreve-me se ouvires ruídos marciais.

- É o que farei. Faz uma boa viagem.

- No Outono? De barco, vai ser um verdadeiro calvário, e até posso *afogar-me.*

- Tu, não - disse Mário a sorrir. - O Pai Neptuno não te levava, não seria capaz de estragar os planos do Suíno.

Júlia estava grávida, e muito contente com isso; a única tensão que sofria era o zelo excessivo que Mário lhe dirigia.

- Sinceramente, Caio Mário, estou perfeitamente bem - disse pela milésima vez; era Novembro, o bebé deveria nascer em Março do ano seguinte, e já começava a notar-se que estava grávida. Contudo, resplandecera com a frescura tradicional das futuras mães, sem qualquer perturbação de enjoo ou inchaço.

- De certeza? - perguntou o marido cheio de cuidados.

- Vai-te daqui! - disse ela, mas com doçura e a sorrir. Tranquilizado, o marido tolo deixou-a com as servas na salinha de trabalho e foi para o gabinete. Era o único lugar na casa onde podia esquecê-la. Não porque tentasse esquecê-la; mas havia muitas vezes em que precisava de pensar noutras coisas.

Tais como o que estava a acontecer em *África.* Sentado à mesa *de trabalho,* pegou em papel e começou a escrever na sua prosa seca e

simples a Públio Rutílio Rufo, desembarcado são e salvo em Tarso, após uma viagem rapidíssima.

*Tenho assistido a todas as reuniões do Senado e da Plebe, e finalmente parece que vamos ter eleições num futuro muito próximo. Tal como disseste, quatro dias antes dos Idos de Dezembro. Públio Licínio Lúculo e Lúcio Ânio começam a perder terreno; não penso que consigam obter segundos mandatos como tribunos da*180

plebe. Com efeito, a impressão geral neste momento é de que planearam convencer todos disso para chamar a atenção do eleitorado para os seus nomes. Poderão ambos vir a ser cônsules, mas nenhum causou sensação como tribuno da plebe - o que não admira, pois não são reformadores, Por isso, que melhor modo terão de causar sensação do que incomodando todos os votantes de Roma? Devo estar a tornar-me cínico. Será possível para um provinciano que não sabe grego?

Como sabes, as coisas têm estado muito sossegadas em África, embora as nossas fontes de informações secretas relatem que Jugurta está de facto a recrutar e treinar um exército muito grande - e à moda dos romanos! Não obstante, as coisas estiveram muito menos calmas quando Espúrio Albino regressou há mais de um mês, para organizar as eleições. Apresentou o seu relatório ao Senado, salientando o facto de ter mantido o seu próprio exército de três legiões, uma composta por auxiliares locais, outra de tropas romanas estacionadas em África e outra que trouxera consigo de Itália, na Primavera passada. Ainda não tiveram o baptismo de fogo. Espúrio Albino não tem inclinações marciais, ao que parece. Não posso dizer o mesmo do Suíno.

Mas o que exasperou os nossos veneráveis colegas do Senado foi a notícia de que Espúrio Albino arranjou maneira de indigitar o seu irmãozinho, Aulo Albino, para governador da Província Africana e comandante do exército africano na sua ausência! Imagina! Suponho que se Aulo Albino fosse questor dele, teria de passar no escrutínio do Senado, mas - bem sei que é do teu conhecimento mas volto a dizer-to - o lugar de questor não era suficientemente grandioso para Aulo Albino, pelo que foi colocado no pessoal do seu irmão como legado sénior Sem a aprovação do Senado! E lá está a nossa Província Romana de África a ser

governada na ausência do governador por um exaltado de trinta anos de idade, sem experiência nem inteligência superior. Marco Escauro espumou de raiva e fez ao cônsul uma diatribe que ele não esquecerá muito depressa, asseguro-te. Mas está feito. Apenas podemos esperar que o governador Aulo Albino proceda acertadamente. Escauro duvida que tal aconteça, E eu também, Públio Rutílio.

A carta seguiu para Públio Rutilio Rufo antes das eleições; Mário esperava que fosse a última, e que o Ano Novo encontrasse Públio Rutílio de novo em Roma. Então, chegou uma carta de Rutílio, informando-o que Panécio ainda estava vivo, e tão rejuvenescido ficara ao ver o seu antigo aluno que provavelmente viveria mais meses do que o estado da sua doença sugerira. "Espera-me quando me vires, algures na Primavera, antes do Suíno embarcar para África, "dizia a carta de Rutílio.181

Por isso, quando Mário voltou a sentar-se para escrever de novo para Tarso, já o Ano Velho chegava ao fim.

Obviamente não duvidavas que o Suíno seria eleito cônsul, e estavas certo. Contudo, o Povo e a Plebe acabaram as eleições antes das Centúrias, sem que surgisse surpresa alguma no resultado. Por isso, os questores ocuparam os seus cargos no quinto dia de Dezembro e os novos tribunos da plebe no décimo dia - o único tribuno da plebe que parece ter interesse é Caio Mamílio Limetano. E três dos novos questores prometem - os nossos famosos oradores e estrelas forenses Lúcio Licínio Crasso e o seu melhor amigo, Quinto Mácio Cévola, são dois deles, mas acho o terceiro ainda mais interessante: um sujeito muito impertinente e corrosivo duma família plebeia recente, Caio Servilio Giducia, de quem deverás lembrar-te dos seus tempos de tribunal - diz-se ultimamente que é o melhor legislador que Roma já teve. Não gosto dele. O Suíno ficou em primeiro lugar nas eleições centuriais, pelo que será o cônsul sénior do próximo ano. Mas Marco Júnio Silano nãoficou muito atrás. Defacto, a votação foi totalmente conservadora. Não havia nenhum Homem Novo entre os pretores. Em vez disso, os seis incluíam dois patrícios e umpatrício adoptado por uma família plebeia - Quinto Lutício

Catulo César. Para o Senado foi um excelente voto, e traz boas perspectivas para o Ano Novo.

E eis que, meu caro Públio Rutílio, caiu um meteorito. Parece que Aulo Albino foi tentado por boatos sobre a existência dum enorme tesouro na cidade númida de Suthul. Por isso, esperou o bastante para ter a certeza de que o irmão estava irrevogavelmente a caminho de Roma, para as eleições, e invadiu a Numídia! À frente de três legiões reles e inexperientes, repara bem! O cerco de Suthul foi mal sucedido, claro está - o povo da cidade fechou as portas e riu-se dele do topo das muralhas. Mas em vez de admitir que não era capaz defazer um pequeno cerco, quanto mais uma campanha inteira, o que fez Aulo Albino? Voltou para a Província Romana?, ouço-te perguntar, como homem eminentemente sensato que és. Bem, essa teria sido a tua opção se fosses o Aulo Albino, mas não foi a dele. Ele acabou o seu cerco e continuou a marchar rumo à Numídia ocidental! Sempre à frente das suas três reles e inexperientes legiões! Jugurta atacou-o a meio da noite, perto da cidade de Calama, e venceu Aulo Albino de tal modo que o irmãozinho do nosso cônsul se rendeu incondicionalmente. E Jugurta obrigou todos os romanos e auxiliares a submeterem-se ao jugo. Após o quejugurta obrigou Aulo Albino a assinar um tratado segundo o qual lhe dava tudo o que ele não conseguira obter do Senado!

*Recebemos essas notícias em Roma, não de Aulo Albino mas sim dejugurta, que enviou ao Senado uma cópia do tratado, com uma carta a acompanhá-la,*182

queixando-se duramente da traição romana ao invadir um País Pacífico que não *levantara um dedo sequer contra Roma. Quando digo quejugurta escreveu ao Senado, quero de facto dizer que teve o descaramento de escrever ao seu Maior e mais antigo inimigo, Marco Emílio Escauro, nas suas funções de* Princeps Senatus. *Foi um insulto calculado aos cônsules, claro está, escolher endereçar a sua correspondência ao Presidente da Assembleia. Como Escauro ficou furioso! Convocou logo uma reunião do Senado, e obrigou Espúrio*

Albino a divulgar muito do que fora habilmente escondido, incluindo o facto de Espúrio não *desconhecer totalmente os planos do irmãozinho, como alegara de início. A Assembleia ficou boqueaberta. Depois, ficou aborrecida, e a facção de Albino mudou de opinião imediatamente, deixando Espúrio sozinho a admitir que recebera a notícia de Aulo numa carta que recebera dias antes. Por Espúrio viemos a saber quejugurta mandou Aulo regressar à África Romana e o proibiu de pôr um dedo para além da fronteira da Numídia. E lá está o ambicioso e jovem Aulo AlbIno à espera, pedindo ao irmão directivas quanto ao que deve fazer.*

Mário suspirou, dobrou os dedos; o que era uma alegria para Rutílio Rufo era uma tarefa aborrecida para ele, que não gostava de escrever cartas. Prossegue, disse ele para si mesmo. E prosseguiu.

Naturalmente o mais humilhante foi Jugurta ter obrigado o exército romano a submeter-se ao jugo. É raro acontecer, mas nunca deixa de perturbar toda a cidade, dos mais mesquinhos aos importantes - sendo esta a minhaprimeira experiência neste campo, vi-me tão perturbado, humilhado e destroçado como o mais romano dos Romanos. Creio bem que teria sido igualmente doloroso para ti, pelo que me alegro por não *teres estado cá para presenciar as cenas, pessoas de luto- chOrando e arrancando os cabelos, muitos dos cavaleiros sem a faixa estreita nas túnicas, senadores com afaixa estreita em vez da larga, todo o Território Inimigo fora do templo de Belona apinhado de oferendas para dar uma severa lição ajugurta. A fortuna concedeu uma linda campanha ao Suíno no próximo ano, e tu e eu teremos um dia de campo - desde que aprendamos a dar-nos bem com o Suíno como nosso comandante!*

O novo tribuno da plebe Caio

Mamílio exige a todo o custo o sangue dos Postúmios Albinos - quer que o irmão Aulo Albino seja executado por traiÇão, e que o irmão Espúrio Albino também seja julgado, nem que seja por ter tido a estupidez de indigitar Aulo Albino para governador na sua ausência.

Mamílio exige mesmo a criação dum tribunal especial, e quer julgar todos os romanos que alguma vez tiveram ligações duvidosas com Jugurta desde a altura de Lúcio Opímio, 183

nem mais. É tal a disposição dos Pais Conscritos, que ele provavelmente levará a melhor. É a submissão ao jugo. Todos concordam que o exército e o seu comandante deviam ter morrido onde lutaram, em vez de submeter o seu país à humilhação abjecta. Nisso discordo, claro está, tal como penso que discordarias. Um exército vale tanto como o seu comandante, qualquer que seja o seu potenciaL

O Senado elaborou e enviou uma carta duríssima ajugurta, informando-o de que Roma não podia nem iria reconhecer um tratado obtido através de um homem que não detinha imperium, e que por isso não possuía a autoridade do Senado nem do Povo de Roma para comandar um exército, governar uma província ou assinar um tratado.

E porfim, mas não menos importante, Públio Rutílio Rufo, Caio Mamílio obteve um mandato da Assembleia da Plebe para formar um tribunal especial onde todos os que tiveram ou se suspeite de haverem tido ligações com Jugurta serão julgados por traição. Isto é um pós-escrito, redigido no último dia do Ano Velho. O Senado acabou por compilar uma lista dos homens que serão julgados. Alegremente ajudado por Caio Mémio, finalmente vingado. Para mais, neste tribunal especial mamiliano, as hipóteses de condenação por traição são muito maiores do que se fosse um tribunal tradicional, em julgamentos conduzidos pela Assembleia Centurial. Até ao momento, já surgiram os nomes de Lúcio Opímio, Lúcio Calpúrnio Béstia, Caio Pórcio Catão, Caio Sulpicio Galba, Espúrio Postúmio Albino e do seu irmão. O sangue tem importância, no entanto. Espúrio Albino reuniu um formidável número de defensores para argumentarem no Senado que seja o que for que o seu irmãozinho Aulo tenha feito, não pode legalmente ir a tribunal visto que nuncafoi legalmente detentor de imperium. Daí deduz-se que

Espúrio Albino irá assumir as culpas de Aulo, e será certamente condenado. Parece-me estranho que, se as coisas sepassarem como prevejo, o causador, Aulo AIbino, acabe por sair desta submissão ao jugo com a carreira intacta!

Ah! E Escauro será um dos três presidentes da Comissão Mamiliana, como denominam este tribunal. Aceitou o cargo com alegria.

E étudo do Ano Velho, Públio Rutílio. Um ano importante, ***vendo tudo por junto.*** *Após a esperança ter desaparecido, a minha cabeça veio à superfície das águas políticas de Roma, graças à bóia do meu casamento com Júlia. O Metelo Suíno anda a cortejar-me, e homens que nunca tinham reparado em mim agora falam-me como a um igual. Toma cuidado contigo na viagem de volta e retorna em breve.*DURANTE O CONSULADO DE QUINTO CECÍLIO METELO

E MARCO JÚNIO SILANOPanécio morreu em Tarso a meio de Fevereiro, o que deixou Públio Rutílio Rufo com pouco tempo para regressar a casa antes do início da campanha; inicialmente planeara fazer a maior parte da viagem por terra, mas a urgência obrigou-o a arriscar-se a ir por mar.

- E tive sorte - disse a Caio Mário no dia seguinte ao da chegada a Roma, antes dos Idos de Março.

- Por uma vez, os ventos sopraram na direcção certa.

Mário sorriu.

- Bem te disse, Públio Rutílio, que nem o Pai Neptuno teria a coragem de estragar os planos do Suíno! Com efeito, também tiveste sorte por outras razões: se ficasses em Roma, terias a tarefa pouco invejável de ir junto dos Aliados Italianos convencê-los a entregar as tropas.

- Que é o que tens feito, pelo que deduzo.

- Desde os princípios de janeiro, quando as sortes encarregaram Metelo da guerra africana contra Jugurta. Oh! O recrutamento não foi difícil, com a Itália inteira morta por se vingar do insulto da submissão ao jugo. Mas são cada vez mais raros homens do tipo certo - disse Mário.

- Nesse caso, é preferível esperarmos que o futuro não traga a Roma mais tragédias militares - disse Rutílio Rufo.

- De facto, é preferível.

- Como se portou o Suíno contigo?

- De um modo geral foi bastante delicado - respondeu Mário. Veio ver-me no dia a seguir à tomada de posse, e pelo menos teve a cortesia de ser franco acerca dos seus motivos. Perguntei-lhe por que razão me queria a mim e a ti, dado que tínhamos feito dele parvo naquela altura na Numância. E respondeu que não queria saber da Numância para nada. O que o preocupava era ganhar esta guerra em África, e não

conhecia melhor modo de o fazer do que usando os serviços dos dois homens no mundo melhor equipados para compreender a estratégia de Jugurta.

- É uma ideia astuciosa - disse Rutilio Rufo. - Como comandante, ficará com a glória. O que lhe interessa quem ganha a guerra no seu lugar, se é ele que irá na quadríga triunfal e receberá todas as honras? Não será a ti nem a mim que o Senado concederá o último nome de Numídico, mas sim a ele.

- Bem, ele precisa mais do que nós. Metelo Suíno é um Cecílio, Públio Rutílio! O que indica que é a cabeça que lhe rege o coração, especialmente no que diz respeito à pele.

- Oh, muito bem dito! - exclamou Rutílio Rufo apreciativamente,

- E já anda a intrigar no Senado para o seu mandato se alargar até ao próximo ano - disse Mário.

- O que demonstra que avaliou bem Jugurta todos estes anos, para entender que a submissão da Numídia não será fácil. Quantas legiões vai levar?

- Quatro. Duas romanas e duas italianas.

- Mais as tropas estacionadas em África... Digamos, mais duas legiões. Sim, deve conseguir, Caio Mário.

- Estou de acordo.

Mário levantou-se da mesa de trabalho e foi buscar vinho.

- Que notícia é essa acerca de Cneu Cornélio Cipião? - perguntou Rutílio Rufo, aceitando mesmo a tempo a taça que Mário lhe estendera, dado que Mário deu uma gargalhada estrondosa e entornou a bebida.

- Oh, Públio Rutílio Rufo, foi maravilhoso! Sinceramente, nunca deixo de me surpreender com as bizarrias dos antigos nobres romanos. Havia Cipião, respeitavelmente eleito pretor e governador da Espanha Ulterior quando foram tiradas as sortes para as províncias dos pretores. Mas o que faz ele? Levanta-se no Senado e *solenemente recusa* a honra de governar a Espanha Ulterior! ”Porquê?”, pergunta Escauro, admirado, porque foi ele que supervisionou a tiragem das sortes. ”Porque”, diz Cipião com uma honestidade que me parece comovedora, ”eu iria saqueá-la. ”Deitou a assembleia abaixo: risadas, gritos hilariantes, pateadas e palmas, E quando por fim o barulho cessou, Escauro limitou-se a dizer: ”Concordo, Cneu Cornélio, que saquearias o lugar.” Por isso agora vão enviar Quinto Servilio Cepião para governar a Espanha Ulterior, em vez de Cipião.

- Ele também vai saquear o lugar - disse Rutílio a sorrir.189

- É claro, é claro! Todos o sabiam, incluindo Escauro. Mas ao menos Cepião tem a gentileza de fingir que não o fará, para que Roma possa fechar os olhos a Espanha e a vida possa decorrer normalmente - disse Mário, de *trás* da mesa de trabalho. - Adoro *este lugar,* Públio Rutílio, adoro mesmo.

- Alegra-me que Silano fique por cá.

- Felizmente alguém tem de governar Roma! Que desculpa! O Senado fez positivamente tudo para prorrogar o cargo de governador da Macedónia a Minúcio Rufo, garanto-te. E estando esse cargo preenchido, a Silano só restava Roma, onde as coisas se vão mantendo mais ou menos por si. Silano à frente de um exército era uma perspectiva que faria empalidecer o próprio Marte.

- Absolutamente! - disse Rutílio Rufo com ardor.

- Até agora, tem sido um bom ano - prosseguiu Mário. - Não só a Espanha foi salva dos carinhos de Cipião e a Macedónia dos de Silano, como a própria Roma está consideravelmente mais desprovida de patifes, se é que mereço perdão por chamar patifes a alguns dos nossos consulares.

- Referes-te à Comissão MamiliaW

- Precisamente. Béstia, Galba, Píraio, Caio Catão e Espúrio Albino foram todos condenados, e há mais julgamentos marcados, embora não haja surpresas. Caio Mémio tem tido o maior empenho a ajudar Mamílio a procurar provas de conluio com Jugurta, e Escauro é um presidente implacável do tribunal. Embora tenha falado em defesa de Béstia, a seguir virou-se e votou a favor da sua condenação.

Rutílio Rufo sorriu.

- Um homem tem de ser flexível - disse. - Escauro tinha que desempenhar o seu dever em relação a um colega consular falando a favor dele, mas isso não o afastaria do seu dever em relação ao tribunal. Escauro nunca o faria.

- Não, Escauro não o *faria.*

- E para onde foram os condenados? - perguntou Rutílio Rufo.

- Alguns parecem escolher Massília para lugar de exílio, embora Lúcio Opímio tenha ido para a Macedónia ocidental.

- Mas Aulo Albino sobreviveu.

- Sim. Espúrio Albino ficou com todas as culpas, e a assembleia concedeu-lhe esse direito por votação - disse Mário, e respirou. - Foi uma bela questão legal.190

Júlia entrou em trabalho de parto nos Idos de Março, e quando as parteiras informaram Mário de que o parto não ia ser fácil, chamou de imediato os pais de Júlia.

- O nosso sangue é muito velho e muito fraco - disse César a Mário com irritação, enquanto se sentavam no gabinete de Mário, marido e pai unidos pelo amor mútuo e pelo receio.

- O meu não - disse Mário.

- Mas isso não pode ajudá-la! Poderá ajudar a filha dela, se tiver uma rapariga, e ficaremos gratos por isso. Eu esperava que o casamento com Márcia injectasse um pouco da robustez plebeia na minha linhagem mas Márcia ainda é demasiado nobre, pelo que parece. A mãe era patrícia, uma Sulpícia. Sei que há quem defenda que o sangue deve ser mantido puro, mas tenho reparado repetidas vezes que as raparigas de famílias antigas têm tendência para sangrar no parto. Por que outro motivo é a taxa de mortalidade muito mais alta nas raparigas das famílias antigas do que nas outras? - e César passou a mão pelo cabelo prateado-dourado.

Mário não podia ficar mais tempo sentado; levantou-se e começou a caminhar para trás e para a frente.

- Ela tem a melhor assistência que há - disse, acenando na direcção da sala de parto, de onde ainda não haviam começado a irromper ruídos alguns.

- Não conseguiram salvar o sobrinho de Clitumna no Outono passado - disse César, começando a ficar melancólico.

- Quem? A tua inconveniente vizinha do lado?

- Sim, essa Clitumna. O sobrinho morreu em Setembro último, após uma doença prolongada. Era um sujeito jovem, parecia bastante saudável. Os médicos fizeram tudo o que lhes pareceu possível, mas ele morreu. Desde então que isto me aflige.

Mário notou no sogro uma expressão vazia.

- Porque há-de afligir-te? - perguntou. - Qual é a ligação que existe?
César *mordeu* o lábio.

- As coisas acontecem sempre em grupos de três - disse, num tom desanimado. - A morte do sobrinho de Clitumna foi uma morte na minha proximidade e dos meus. Terá de haver mais duas mortes.

- Se assim foi, as mortes ocorrerão nessa família.

- Não necessariamente. Apenas têm de ocorrer três mortes, todas de *algum* modo relacionadas entre si. Mas até ocorrer a segunda morte, desafio um profeta a adivinhar qual será a relação.191

Mário elevou as mãos, em parte por irritação, em parte por desespero.

- Caiojúlio, Caio Júlio! Tenta ser optimista, peço-te! Ninguém veio dizer que Júlia se encontrava em perigo de morte, apenas me disseram que o parto não ia ser fácil. Por isso, chamei-te para me ajudares a passar esta terrível espera, e não para me fazeres ficar tão triste que não veja um raio de luz!

Envergonhado, César fez um esforço consciente.

- Com efeito, estou contente por a hora de Júlia ter chegado - disse com *uma* certa brusquidão. - Não tenho querido incomodá-la, mas quando estiver despachada do parto, espero que tenha algum tempo para falar com Julilla.

Para si mesmo, Mário achava que o que Julilla precisava era de um bom açoite no rabo, dado por mão de pai implacável, mas conseguiu mostrar-se interessado; afinal de contas, ele nunca tinha sido pai, e agora que (se tudo corresse bem) ia passar a sê-lo, tinha que admitir a hipótese de vir a ser um *tata* tão extremoso como Caio Júlio César.

- O que se passa com Julilla? César suspirou.

- Não come. Tivemos dificuldade em fazê-la comer durante algum tempo, mas nos últimos quatro meses piorou. Perde libra atrás de libra! E agora tem tendência para desmaiar, cai no chão como uma pedra. Os médicos não lhe encontram mal nenhum.

”Oh! Virei mesmo a ser assim?”, perguntou Mário para consigo mesmo; não há nada nessa rapariga mimada que não se cure com uma boa dose de indiferença! No entanto, achou que fornecia um bom assunto, pelo que tentou falar acerca dela.

- Imagino que vais querer que Júlia tente perceber o que se passa.

- Queria!

- Deve estar apaixonada por alguém inadequado - disse Mário, completamente desconhecedor, mas totalmente certo.

- Absurdo! - disse César com dureza.

- Como sabes que é absurdo?

- Porque os médicos pensaram nisso e fizeram interrogatórios completos - disse César na defensiva.

- **A quem perguntaram?** A ela?

- Evidentemente.

- Teria sido mais útil perguntarem à serva dela.192

- Caio Mário!

- Não estará grávida?

- Caio Mário!

- Escuta, sogro, de nada serve começares a ver-me como um insecto nesta altura - disse Mário sem emoção. - Eu sou da família; não sou um estranho. Se eu, com a minha experiência extremamente limitada de raparigas de dezasseis anos vejo estas possibilidades, também tu devias considerá-las, e ainda mais. Leva a serva para o teu gabinete e bate-lhe até obteres a verdade... Garanto-te que cederá, se a interrogares bem: tortura e ameaças de morte!

- Caio Mário, nunca serei capaz disso! - retorquiu César, horrorizado ao simples pensamento de tais medidas draconianas.

- Não precisarias de fazer mais do que bater-lhe com uma vara disse Mário pacientemente. - Um rabo moído e a mera referência à tortura extrairão dela tudo o que sabe.

- Não serei capaz disso! - repetiu César. Mário suspirou.

- Então faz as coisas à tua maneira. Mas não julgues que sabes a verdade só por teres perguntado à Julilla.

- Sempre houve verdade entre mim e os meus - disse César. Mário não respondeu, apenas ficou com um ar céptico. Bateram à porta do gabinete.

- Entre! - gritou Mário, contente com a interrupção. Era um pequeno físico grego da Sicília, Atenodoro.

- *Domine,* a tua mulher pede para te ver - disse a Mário -, e penso que lhe faria bem se viesses.

O que quer que existia *dentro* do peito de Mário precipitou-se para o seu ventre; respirou aos soluços, perdendo a calma. César levantara-se e olhava o médico dolorosamente.

- Ela está... Está...? - César não conseguiu acabar.

- Não, não! Mantenham a calma, *domini,* ela está bem - disse o Grego, tranquilizador.

Caio Mário nunca estivera na presença de uma mulher em trabalho de parto, e estava aterrorizado. Não era difícil ver os mortos e feridos em combate; eram companheiros de armas, estivessem do lado que estivessem, e um homem sabia sempre que apenas a Fortuna o livrara de ser um deles. No caso de Júlia, a vítima era alguém muito amado, que devia ser protegido e amparado, a quem se devia poupar toda a dor possível.193

Mas agora júlia era não menos vítima do que qualquer inimigo, posta no seu leito de dor por causa dele. Pensamentos preocupantes para Caio Mário.

Apesar disso, tudo parecia muito normal quando ele entrou na sala de parto. Júlia estava de facto deitada no leito. O banco de parto - a cadeira especial onde ela seria sentada quando entrasse na fase final do trabalho de parto - estava decentemente tapado a um canto, pelo que nem reparou nele. Para seu grande alívio, ela não parecia extenuada nem extremamente doente, e no momento em que o viu, sorriu-lhe radiante, estendendo as mãos.

Ele tomou-as e beijou-as.

- Estás bem? - perguntou um pouco tolamente.

- Claro que estou! Mas vai demorar algum tempo, segundo me disseram, e estou a sangrar um bocadinho. Mas não há razão para preocupações nesta fase. - Um espasmo de dor percorreu-lhe o rosto; as suas mãos apertaram-se nas dele com uma força que Mário lhe desconhecia, e aí ficaram Presas durante cerca de um minuto antes de ela voltar a descontrair-se. - Apenas queria ver-te - concluiu, como se não tivesse havido qualquer interrupção. - Posso ver-te de vez em quando, ou será muito incómodo para ti?

- Quero muito ver-te, meu amor pequenino - disse ele, inclinando-se para beijá-la na linha onde a testa e o cabelo se uniam, e alguns caracóis finos e fofos se agrupavam. Estavam húmidos, como o informaram os seus lábios, e também tinha a pele húmida. Pobre querida.

- Tudo correrá bem, Caio Mário - disse, largando as mãos dele. Tenta não ficar tão preocupado. *Sei* que vai tudo correr bem! *O tata* ainda está contigo?

- Está.

Ao voltar-se para sair, deparou com um olhar feroz de Márcia, a um canto, acompanhada por três velhas parteiras. Deuses! Ali estava alguém que não lhe perdoaria tão cedo o ter feito isto à sua filha!

- Caio Mário! - gritou Júlia quando ele chegou à porta. **Ele olhou** para trás.

- O astrólogo está cá? - perguntou a mulher.

- Ainda não, mas foi já chamado.

Pareceu ficar aliviada.

- Ainda bem!194

O filho de Caio Mário nasceu vinte e quatro horas mais tarde, nun charco de sangue. Por pouco custava a vida à mãe, mas a vontade que ela tinha de sobreviver era muito forte, e depois de os médicos a terem entrouxado com trapos e lhe terem elevado as pernas, a hemorragia abrandou e acabou por parar.

- Ele será um homem famoso, *dóminus, e* a sua vida será cheia de grandes acontecimentos e aventuras - disse o astrólogo, evitando sabiamente aqueles aspectos intragáveis que os pais nunca gostam de conhecer.

- Então viverá? - disse César secamente.

- Sem dúvida que viverá, *dóminus.* - Um dedo velho e bastante encardido pousou-se sobre uma oposição importante, ocultando-a. - Terá o mais alto cargo do país: está aqui nesta carta, para todo o mundo ver. E outro dedo longo e encardido apontou para um trígono.

- O meu filho será cônsul - disse Mário com grande satisfação.

- Certamente - disse o astrólogo, e acrescentou: - Mas não será um homem tão importante como o pai, como indica o quincôncio.

E isto agradou ainda mais a Mário.

César encheu duas taças do melhor vinho de Falerno, sem água, e deu uma delas ao genro, resplandecente de orgulho.

- Ao teu filho e meu neto, Caio Mário - disse. - Brindo aos dois.

Assim, quando nos fins de Março o cônsul Quinto Cecílio Metelo embarcou para a Província Africana com Caio Mário, Públio Rutílio Rufo, Sexto Júlio César, Caio Júlio César Júnior e quatro legiões prometedoras, Caio Mário pôde partir com a alegria de saber que a mulher estava livre de perigo, e que o filho estava a desenvolver-se bem. Até a sogra se tinha dignado a voltar a falar com ele!

- Tem uma conversa com a Julilla - disse ele a júlia mesmo antes de partir. - O teu pai está muito preocupado com ela.

Sentindo-se mais forte e resplandecente de alegria por o seu filho ser um bebé magnificamente grande e saudável, Júlia lamentava apenas uma coisa: não ter recuperado o suficiente para acompanhar Mário até à Campânia, para passar alguns dias com ele antes da sua partida de Itália.

- Deves referir-te àquela ridicularia de ela não comer - disse júlia acomodando-se mais confortavelmente ao abraço de Mário.

- Não sei mais que o que teu pai me contou, mas percebi que era sobre isso - disse Mário. - Terás de desculpar-me, pois nunca me interesso por raparigas jovens.195

A mulher, uma rapariga jovem, sorriu secretamente. Sabia que o marido nunca pensava nela como jovem, mas como alguém da idade dele, com a mesma maturidade e inteligência.

- Falarei com ela - disse Júlia, elevando a face para receber um beijo.

- Oh, Caio Mário, que pena eu não estar ainda bem para tentar arranjar um irmãozinho ou irmãzinha para o nosso pequeno Mário!

Mas antes que Júlia pudesse preparar-se para falar com a sua irmã doente, chegaram a Roma notícias sobre os Germanos, e Roma *entrou* em pânico. Desde que os Gauleses haviam invadido a Itália trezentos anos antes e quase tinham vencido o inexperiente exército romano, a Itália vivia no temor das incursões bárbaras; fora para os proteger delas que os Povos Aliados Italianos haviam decidido unir os seus destinos a Roma, e fora para se protegerem delas que Roma e os seus Aliados Italianos haviam lutado permanentemente ao longo das fronteiras de milhares de milhas da Macedónia, entre o mar Adriático e o Helesponto Trácio. Fora para protegê-los contra elas que Cneu Domício Aenobarbo criara um caminho decente por terra entre a Gália italiana e os Pirenéus espanhóis apenas dez anos antes, e submetera as **tribos que viviam** ao longo do rio Ródano, com vista a enfraquecê-las ao pô-las em contacto com os costumes romanos e ao colocá-las sob a protecção militar de Roma.

Até há cinco anos, os bárbaros gauleses e celtas constituíam o maior motivo de temor para os Romanos; mas depois apareceram em cena os Germanos, e subitamente, por comparação, Gauleses e Celtas passaram a parecer civilizados, mansos e tratáveis. Como todos os

espantalhos, esses temores não derivavam do que era conhecido mas do que se desconhecia. Os Germanos tinham surgido do nada (durante o consulado de Marco Emílio Escauro), e após infligirem uma terrível derrota a um exército romano enorme e excelentemente treinado (durante o consulado de Cneu Papiro Carbo) desapareceram de novo, como se nunca tivessem existido. Misteriosos. Incalculáveis. Desconhecedores dos padrões morais tais como são entendidos e respeitados por todos os povos que habitavam as margens do mar Central. Senão, por que motivo, quando essa terrível derrota lhes abrira toda a Itália como uma mulher indefesa numa cidade saqueada, teriam os Germanos virado as costas e desaparecido? Não fazia sentido! Mas eles tinham *virado as costas,* tinham mesmo *desaparecido; e* à medida que os anos passavam desde a horrível derrota de Carbo, os Germanos iam-se tornando pouco mais que uma Lamia, uma Mormolyse196

espantalho para assustar crianças. O terror tão antigo das invasões bárbaras retomou o seu lugar normal, algures entre um tremor de medo e um sorriso de descrédito.

E agora, mais uma vez surgidos do nada, os Germanos estavam de volta, caindo às centenas de milhar na Gália Transalpina, onde o rio Ródano derivava do lago Lemano; e as terras dos Éduos e dos Ambarros inundavam-se de Germanos, todos de dez pés de altura, brancos e pálidos, gigantes tirados das lendas, fantasmas vindos de qualquer mundo bárbaro subterrâneo do Norte. Os Germanos precipitaram-se até ao vale ameno e fértil do Ródano, esmagando toda e qualquer coisa animada pelo *caminho, desde homens a ratos, desde florestas a fetos,* com *a mesma indiferença* em relação às colheitas nos campos como aos pássaros nos céus.

A notícia chegou a Roma com dois dias de atraso, pelo que não foi possível avisar o cônsul Quinto Cecílio Metelo e o seu exército, já chegados à Província Africana. Assim, apesar da sua tolice, o cônsul Marco Júnio Silano, mantido em Roma para governar onde pudesse fazer menos estragos, passou a ser o melhor de que o Senado

dispunha sob os pesos gémeos dos costumes e da lei. Porque um cônsul em funções não podia ser destituído em favor de qualquer outro comandante se se mostrasse disposto a empreender uma guerra. E Sílano mostrou-se deliciado com a perspectiva de levar a cabo uma guerra contra os Germanos. Tal como Cneu Papiro Carbo cinco anos antes dele, Silano vira carruagens germanas carregadas de ouro e cobiçara esse ouro.

Depois de Carbo ter provocado o ataque dos Germanos e sofrido uma esmagadora derrota, os Germanos haviam-se esquecido de recolher as armas e armaduras que os romanos derrotados haviam deixado consigo ao morrerem, ou abandonado para acelerarem o ritmo da luta. Deste modo, a prudente Roma - e não os esquecidos Germanos - enviou equipas para recolher todos os vestígios de armas e equipamentos e trazê-los para serem armazenados em Roma. Este tesouro militar ainda se encontrava em armazéns espalhados pela cidade, à espera de uso. Os limitados recursos dos fabricantes de armas e equipamentos tinham sido esgotados por Metelo e pela sua expedição africana no início da campanha, sendo por isso *realmente uma* sorte as legiões constituídas à pressa por Silano poderem ser equipadas com este material escondido; embora os recrutas que não tinham armas nem armaduras tivessem de comprá-las ao Estado, o que fez com que o Estado tivesse um pequeno lucro com as novas legiões de Silano.197

Arranjar tropas para Silano era muito mais difícil. Os recrutas esforçavam-se imenso, e sob uma urgência opressiva. Frequentemente, as qualificações por posse eram esquecidas; homens ansiosos por servir mas sem as posses necessárias para se alistarem eram incorporados à pressa; a sua incapacidade para se armarem e protegerem era rectificada com o material recolhido por Carbo, e o seu custo era deduzido do pagamento de compensação de refractários. Os veteranos na reforma eram aliciados a sair da inércia bucólica - a maioria sem grande preocupação, pois a inércia bucólica não se adequava muito aos homens que haviam feito as

suas dez estações de tropa, e por isso não podiam voltar a ser chamados.

E por fim, estava feito. Marco Júnio Silano partiu para a Gália Transalpina à frente de um esplêndido exército de sete legiões, com uma grande arma de cavalaria composta por trácios misturados com alguns gauleses das partes mais colonizadas da província romana da Gália. Estava-se em finais de Maio, escassas oito semanas após ter chegado a Roma a notícia da invasão germana. Durante esse tempo, Roma recrutara, armara e treinara parcialmente um exército de cinquenta mil homens, incluindo a cavalaria e não-combatentes. Só um espantalho tão grande como os Germanos podia ter estimulado tal esforço heróico.

Mas apesar de tudo, é uma prova do que nós, Romanos, podemos, quando queremos disse Caio Júlio César à mulher, Márcia, no regresso; haviam viajado para ver as legiões iniciar a sua marcha subindo a Via Flamínia em direcção à Gália Italiana, um espectáculo deslumbrante e animador.

Sim, desde que Silano esteja à altura disse Márcia, uma verdadeira mulher de senador, activamente interessada pela política.

Não te parece que esteja disse César.

Nem a ti, se quiseres admiti-lo. No entanto, ao ver tantas botas a marchar ao longo da Ponte Múlvia, fiquei contente por termos Marco Emílio Escauro e Marco Lívio Druso como censores disse Márcia, com um suspiro de satisfação. Marco Escauro tem razão: a Ponte Múlvia abana, e não aguentará outra inundação. O que poderíamos fazer nós se todas as nossas tropas estivessem ao Sul do Tibre e fossem obrigadas a marchar à pressa para o Norte? Estou muito contente por ele ter sido eleito, pois jurou reconstruir a Ponte Múlvia. Um homem maravilhoso!

César sorriu com um certo azedume, mas disse, tentando ser justo:

Escauro está a tornar-se uma instituição, o maldito! É um homem de espectáculo, um impostor espantoso... e três quartos dele são

falsidade.198

No entanto, a única parte que não é falsa vale muito mais do que qualquer homem no total, e por isso, devo perdoar tudo o resto. Além de que ele está certo: precisamos de um novo programa de obras públicas, e não apenas de manter os niveis de emprego. Todos esses avaros observadores minuciosos dos dinheiros dos senadores que temos aturado como censores nos últimos anos mal valem o papel em que fazem os censos! A Escauro o que lhe é devido: ele tenciona tratar de alguns assuntos que deviam ter sido resolvidos há muito tempo. Embora eu não possa aprovar a secagem dos pântanos à volta de Ravena, ou os seus planos para construir um sistema de canais e diques entre Parma e Modena.

- Sê generoso, Caio Júlio! - disse Márcia com uma certa brusquidão. excelente que ele refreie o Pó! Com os Germanos a invadir a Gália Transalpina, não precisamos de impedir os nossos exércitos de alcançarem os desfiladeiros alpinos do Pó!

- Sempre concordei que era benéfico - disse César, acrescentando a seguir com uma desaprovação obstinada: - No entanto, parece-me incrível que, no total, ele tenha conseguido manter firmemente o seu plano de obras públicas nas áreas em que os seus clientes abundam, e é provável que o seu número seja seis vezes maior quando terminar. A Via Emília percorre o caminho desde o Arimino, no Adriático, até à Taurásia, no sopé dos Alpes ocidentais: trezentas milhas de clientes comprimidos com a mesma solidez das pedras que a pavimentam.

- E que tenha boa sorte! - disse Márcia com igual obstinação. Suponho que também encontrarás motivo de escárnio no levantamento e pavimentação da via da costa oeste!

- Esqueceste-te de falar do ramo que unirá a via da costa oeste à Via Emília! - troçou César. - *E ele* põe o seu nome em todo o lado! A Via **Emília Scauri.** Bah!

- Rezingão - disse Márcia.

- Intolerante - disse César.

- Há alturas em que desejava não gostar tanto de ti - replicou Márcia.

- Há alturas em que posso dizer o mesmo - insistiu César.

Nesse momento, apareceu Julilla. Estava extremamente magra, mas não esquelética, e mantinha-se no mesmo estado há dois meses. julílla descobrira um equilíbrio que lhe permitia paracer digna de piedade mas que a impedia de chegar ao ponto em que morrer se tornaria uma forte possibilidade, se não de fome, certamente por doença. A morte não estava no plano condutor de Julilla, nem o seu espírito estava inquieto.[199]

Tinha dois objectivos: um era obrigar Lúcio Cornélio Sila a admitir que a amava, e o outro era comover a sua família até um ponto de viragem, pois só então, e ela sabia-o, teria a mais pequena hipótese de garantir a autorização do pai para casar com Sila. Por muito jovem e mimada que fosse, não cometera o erro de subestimar o seu poder em relação ao do pai. Ele podia amá-la perdidamente, podia fazer-lhe todas as vontades até ao limite dos seus recursos monetários; no entanto, quando se tratasse da pessoa com quem ela ia casar, seguiria os seus próprios desejos sem ligar aos dela. Se fosse suficientemente maleável para aceitar o marido que ele lhe escolhesse tal como Júlia aceitara - o pai ficaria radiante, com uma alegria simples, e também sabia que César procuraria alguém que tomasse conta dela, a amasse e tratasse sempre bem e com respeito. Mas Lúcio Cornélio Sila para marido? Nunca, nunca o pai o consentiria, e nenhuma razão que ela ou Sila lhe pudesse apresentar o faria mudar de ideias. Poderia chorar, suplicar, declarar amor eterno, poderia virar-se do avesso, que o pai nunca daria o seu consentimento. Especialmente agora, que ela tinha um dote de cerca de quarenta talentos um milhão de sestércios no banco, o que

a tornava elegível, e arruinava as hipóteses de Sila conseguir convencer o pai de que queria casar com Julilla unicamente por causa dela. Isto é, quando admitisse que queria casar.

Em criança, Julilla nunca demonstrara grande paciência, mas agora que ela era necessária, tinha-a para dar e vender. Tão paciente como um pássaro a chocar um ovo estéril, Julilla embarcou no seu plano condutor, consciente de que para obter o que queria o casamento com Sila tinha de saber esperar e aguentar mais do que todos, desde a sua vítima, Sila, ao seu controlador, Caio Júlio César. Tinha mesmo a noção de algumas das armadilhas ao longo do seu caminho para o sucesso Sila, por exemplo, podia casar noutro lado ou deixar Roma, ou adoecer ou morrer. Mas ela fazia o que podia para evitar essas possibilidades, principalmente usando a sua doença fictícia como uma arma apontada ao coração do homem que ela sabia bem não consentir em vê-la. Como sabia isso? Porque tentara vê-lo muitas vezes durante os primeiros meses depois de ele ter voltado a Roma, apenas para sofrer recusa atrás de recusa, culminando na informação que lhe dera escondidos como estavam atrás de um pilar grosso no Porticus Margaritaria de que se ela não o deixasse em sossego, deixaria Roma para sempre.

O plano condutor evoluíra devagar, a partir desse primeiro contacto que fora o germe inicial, quando ele lhe chamara gorducha e a afastara.200

Cessou de devorar doces e perdeu algum peso, e não recebeu dele qualquer compensação para as suas mágoas. Depois, quando ele regressara a Roma e fora ainda mais grosseiro, a sua convicção endurecera, e começou a recusar-se a ingerir alimentos. No início foi difícil, mas mais tarde descobriu que quando mantinha este estado de meia-inanição durante o tempo suficiente sem sucumbir ao impulso de se empanturrar, a sua capacidade de comer diminuía, e as torturas da fome desapareciam completamente.

Por isso, na altura em que Lúcio Gávio Stichus havia morrido, oito meses antes, o plano condutor de Julilla estava mais ou menos delineado; permaneciam apenas alguns problemas por resolver, desde encontrar uma fórmula de se manter em primeiro plano na mente de Sila até descobrir um modo de se manter num equilíbrio de peso que lhe permitisse sobreviver.

Com Sila, comunicava por carta.

Amo-te, e nunca me cansarei de dizê-lo. Se as cartas são o único modo de me fazer ouvir, então escreverei cartas. Dezenas. Centenas. Milhares, se os anos se sucederem. Cobrir-te-ei de cartas, afogar-te-ei em cartas, esmagar-te-ei com cartas. Existe outro modo mais romano do que a escrita de cartas? Alimentamo-nos delas, tal como eu me alimento escrevendo-te. Que valor tem a comida, quando me negas o alimento de que o meu coração e o meu espírito carecem. Meu mais cruel, mais ingrato, mais impiedoso amado! Como podes permanecer longe de mim. Quebra a parede entre as nossas casas, força a entrada no meu quarto, beija-me mil vezes! Mas não o *farás. Ouço-te dizê-lo, aqui deitada, demasiado fraca para abandonar o meu leito feio e odioso. Que fiz eu para merecer a tua indiferença, a tua frieza? Certamente em qualquer ponto sob a tua pele tão branca está oculta alguma minúscula parcela da mais pequena feminilidade, a essência que te dei a guardar, e por isso a Julilla que vive na casa ao lado, no seu leito feio e odioso, não passa de um simulacro magro e seco cada vez mais sombrio, mais esbatido. Um dia, desaparecerei, e tudo o que restará de mim será essa feminilidade, sob a tua pele tão branca. Vem ver-me, vem ver o que fizeste! Beija-me mil vezes, pois eu amo-te.*

O equilíbrio alimentar fora mais difícil. Decidida a não ganhar peso, continuava a perdê-lo, apesar dos esforços que fazia para o manter. E um dia, toda a equipa de físicos que se reunia há meses na casa de Caio Júlio César, numa vã tentativa de curá-la, foi ter com Caio Júlio César e defendeu201

deu que ela devia ser alimentada à força. Mas como físicos que eram, haviam deixado a tarefa suja a cargo da família. Pelo que a casa inteira reuniu coragem e se preparou para o esforço, desde o servo mais novo até aos irmãos Caio e Sexto, Márcia e o próprio César. Foi uma prova física de que ninguém quis lembrar-se mais

tarde - Julilla gritando como se estivesse a ser morta e não ressuscitada, fazendo uma resistência enfraquecida, vomitando cada garfada, cuspindo tapando a boca e sufocando. Quando César ordenou enfim que o horror acabasse, a família reuniu-se em conselho e concordou sem qualquer voz contra que acontecesse o que acontecesse a Julilla no futuro, alimentada à força é que não seria novamente.

Mas a algazarra que Julilla fizera durante a tentativa de a alimentarem à força revelara o segredo; agora, toda a vizinhança conhecia as preocupações de César. Não que a família tivesse escondido as suas preocupações por vergonha, só que Caio Júlio César detestava mexericos, e tentava sempre não ser o seu causador.

Em sua salvação apareceu nem mais nem menos que Clitumna, a vizinha do lado, apetrechada com um alimento que, segundo garantiu, Julilla ia ingerir voluntariamente, e que permaneceria lá dentro, uma vez ingerido. César e Márcia receberam-na com Caior, e ficaram a escutá-la fervorosamente.

- Arranjem leite de vaca - disse Clitumna com ar importante, gozando a experiência nova de ser o centro das atenções dos Césares. - Sei que não é fácil de encontrar, mas creio bem que há alguns sujeitos no Vallis Camenarum que ordenham vacas. Então, por cada taça de leite, junta-se um ovo de galinha e três colheres de mel. Bate-se até fazer espuma e junta-se meia taça de vinho forte mesmo no fim. Se se deitar o vinho antes de bater, não se obtém a espuma no alto. Se tiverem uma taça de vidro, dêem-lha aí, pois a bebida é muito bonita de ver - de um rico tom rosado, com um lindo amarelo na parte de cima. Se ela o absorver, ficará certamente mais forte e saudável - disse Clitumna, que bem se lembrava do período de inanição da sua irmã, quando fora impedida de casar com um sujeito totalmente inconveniente de Alba Longa, junto ao lago Fúcino: nem mais nem menos que um encantador de serpentes!

- Experimentaremos - disse Márcia com os olhos cheios de lágrimas.

- Resultou com a minha irmã - disse Clitumna, e suspirou. - Quando recuperou do encantador de serpentes, casou com o pai do meu querido Stichus.202

César levantou-se.

- Vou já mandar alguém ao Camenarum - disse, virando costas. Depois, apareceu de novo. - E o ovo de galinha? Tem de ser o décimo ovo ou serve um ovo vulgar? - perguntou.

- Nós usámos ovos vulgares - disse Clitumna, repousando confortavelmente na cadeira.

- A qualidade de dimensões extra pode perturbar o equilíbrio da bebida.

- E o mel? - insistiu César. - Mel latino vulgar ou devíamos experimentar o do Himeto ou mel não fumado?

- O mel latino vulgar serve perfeitamente - disse Clitumna com firmeza. - Quem sabe? Talvez tenha sido o fumo do mel vulgar que a curou. Não fujamos da receita original, Caio Júlio.

- Certo - César voltou a desaparecer.

- Oh! Se ao menos ela conseguir aceitá-la! - disse Márcia, com a voz a tremer. - Vizinha, não sabemos o que fazer!

- Imagino que não saibam. Mas não façam tanto rebuliço, pelo menos que ela não ouça - aconselhou Clitumna, que conseguia ser sensata quando o seu coração não estava envolvido, e teria alegremente deixado Julilla morrer se tivesse sabido das cartas acumuladas no quarto de Sila. Franziu as sobrancelhas. - Não queremos que haja uma segunda morte nestas duas casas - disse ela, e fungou lamuriosamente.

- De modo nenhum! - gritou Márcia. E com o seu sentido de conveniência social a vir ao de cima, prosseguiu delicadamente - Espero que tenhas recuperado um pouco da perda do teu sobrinho, Clitumna. É muito difícil; sei-o bem.

- Cá me vou arranjando - disse Clitumna, que sentia pesar por Stichus a muitos níveis, mas que a um nível vital acabara por ver a sua vida facilitada, sem a fricção entre o falecido Stichus e o seu querido Sila. Deu um suspiro profundo, muito parecido com os de Julilla, embora não o soubesse.

Esse encontro foi o primeiro de muitos, pois quando a bebida fez os seus efeitos, a família de César viu-se sujeita a uma enorme obrigação para com a vizinha grosseira.

- A gratidão - disse Caio Júlio César, que se habituou a esconder-se no seu gabinete mal ouvia a voz de Clitumna *no átri'um* - pode ser *um* terrível incómodo!

- Oh, Caio Júlio, não sejas tão miserável! - disse Márcia na defensiva. - Clitumna é muito amável, e não podemos ofendê-la... O que te arriscas a fazer ao evitá-la tão persistentemente.203

- Eu sei que é amabilíssima! - exclamou o chefe da família, picado.

- É disso que me queixo!

O plano condutor de julilla complicara a vida de Sila a um ponto que não lhe daria muita satisfação se ela soubesse. Mas a rapariga não sabia, pois ele escondia o seu tormento de todos excepto de si mesmo, e fingia uma indiferença face à dor dela que enganava por completo Clitumna, sempre cheia de notícias sobre a situação na casa ao lado, agora que passara a ser vista como milagreira salva-vidas.

- Gostava que fosses falar à pobre rapariga - disse Clitumna, rabugenta, pela altura em que Marco júnio Silano comandava as

suas sete legiões para norte da Via Flamínia. - Ela pergunta muito por ti, Lúcio Cornélio.

- Tenho mais que fazer do que andar atrás de uma mulher dos Césares

- disse Sila bruscamente.

- Que absurdo! - disse Nicópole com vigor. - Não tens nada que fazer.

- E tenho culpa disso? - perguntou ele, virando-se contra a sua amante com uma violência súbita que a fez retirar-se assustada. - Eu podia estar ocupado! Podia estar a marchar com Silano para combater os Germanos.

- E porque não foste? - perguntou Nicópole. - Eles baixaram as qualificações de propriedade tão drasticamente, que, com o teu nome, estou certa de que conseguirias alistar-te.

Os lábios dele deixaram a descoberto os caninos afiados e desmesurados, que concediam ao seu sorriso uma maldade de fera,

- Eu, um Cornélio patrício, alistar-me numa legião? - perguntou.

- Preferia ser vendido como escravo aos Germanos!

- E poderás ser, se os Germanos não forem detidos. Sinceramente, Lúcio Cornélio, há alturas em que mostras bem demais como és o teu principal inimigo! Ficas aqui, quando tudo o que Clitumna te pedia era um favor pequeníssimo por uma rapariga moribunda, que se lamuria de tu não teres tempo nem interesse... Consegues exasperar-me! - Um pequeno brilho surgiu-lhe nos olhos. - Afinal de contas, Lúcio Cornélio, tens de admitir que a tua vida aqui é muito mais agradável desde que Lúcio Gávio Stichus expirou tão convenientemente... - e pronunciou de lábios fechados uma cançoneta popular que dizia que o cantor matara o seu rival no

amor, saindo-se bem. - Expirou convenientemennnte! cantou ela, aos trinados.204

O rosto dele endureceu, permanecendo no entanto estranhamente inexpressivo.

- Minha querida Nicópole, porque não vais até ao Tibre e me fazes *o enorme* favor de saltar?

A conversa sobre Julilla foi prudentemente abandonada. Mas era um assunto que parecia estar sempre a surgir e, em segredo, Sila sofria, consciente da sua vulnerabilidade, incapaz de mostrar preocupação. Um dia em que a tola serva de Julilla fosse apanhada a transportar uma carta, ou a própria Julilla fosse apanhada no acto de escrever uma delas - o que seria dele? Quem acreditaria que *ele, com* o seu passado, fosse inocente em qualquer tipo de intriga? Uma coisa era ter um passado suspeito, mas se os censores o considerassem culpado de corromper a moral da filha de um senador patrício - Sila nunca, mas mesmo nunca, seria aceite no Senado. E ele estava decidido a alcançar o Senado.

O que ansiava era por sair de Roma, mas não ousava fazê-lo - o que poderia a rapariga fazer na sua ausência? E por mais que odiasse ter de admiti-lo, não podia abandoná-la enquanto ela estava tão doente. Por mais que a doença fosse auto-infligida, não deixava de ser uma doença grave. A sua mente dava voltas como um animal desorientado, incapaz de se fixar, incapaz de se disciplinar por um caminho lógico ou sensato. Tirava a coroa de ervas do seu esconderijo num dos seus armários ancestrais e ficava sentado, segurando-a nas mãos, quase chorando num frenesi de ansiedade; pois sabia onde ia e o que queria fazer, e aquela rapariga *marota era* uma complicação inaceitável, e no entanto, aquela rapariga marota fora o início de tudo aquilo, com a sua coroa de ervas - o que havia de fazer, que havia de fazer? já era bastante difícil ter que seguir o seu caminho sem falhas através do pântano das suas intenções futuras, sem o esforço adicional causado por Julilla.

Até consideraria a hipótese de suicídio, ele, que era a última pessoa no mundo de quem se esperaria tal coisa - uma fantasia, uma saída deliciosa em relação a tudo, o sono sem fim. E depois, os seus pensamentos voltavam ajulilla - *porquê?* Não a amava, não era capaz de amar. Contudo, havia momentos em que a queria, desejava mordê-la e beijá-la e empalá-la até ela gritar numa dor estática; e havia outros, especialmente quando estava acordado, entre a amante e a sogra, em que a odiava, desejava sentir o seu pescoço magro entre as mãos, queria ver a sua cara ruborizar e os olhos esbugalhar-se mal ele esgotasse o último sopro de vida dos seus pulmões. Então, chegava outra carta - porque não se limitava a deitá-las[205]

fora, ou as levava ao pai dela com um olhar feroz e o pedido de que acabasse aquele incómodo? Nunca o fez. Lia-os, os pedidos apaixonados e desesperantes que a serva dela continuava a introduzir no *sinus* da toga dele, em lugares demasiado públicos para chamar a atenção para o seu gesto; ele lia cada uma delas uma dúzia de vezes, e depois guardava-a nos armários ancestrais, juntamente com as outras.

Mas nunca cedeu na sua decisão de não ir vê-la.

E a Primavera deu lugar ao Verão, e o Verão aos dias de canícula de Sextilis, quando Sirius, a estrela da Canícula, brilhava taciturnamente sobre uma Roma paralisada pelo Caior. Então, enquanto Silano subia com confiança o Ródano marchando em direcção as massas agitadas de Germanos, começou a chover na Itália central. E continuou a chover. Para os naturais da Roma soalheira era um destino pior do que os dias de canícula de Sextilis. Deprimente, altamente incómodo, uma preocupação em caso de inundações, uma maçada em todas as frentes. Os mercados não podiam abrir, a vida política era impossível, os julgamentos tinham de ser adiados, e a taxa de criminalidade subia em flecha. Os homens encontravam as mulheres *in flagrante delito* e assassinavam-nas, os celeiros deixavam entrar água e o trigo ficava molhado, o Tibre subia apenas o suficiente para garantir que algumas latrinas públicas transbordassem e os excrementos boiassem fora das suas portas, aumentava a falta de vegetais quando o Campo de Marte e o Campo do Vaticano ficavam cobertos por algumas polegadas de água, e as ínsulas elevadas e mal construídas começavam a esboroar-se, ou apresentavam súbitas rachas em paredes e fundações. Toda a gente se constipava; os idosos e os enfermos começavam a morrer de pneumonia, os jovens, de difteria e de amigdalite, pessoas de todas as idades, dessa doença misteriosa que paralisava o corpo e, se sobrevivessem, deixava um braço ou uma perna murcha e enfraquecida.

Clitumna e Nicópole começaram a discutir todos os dias, e todos os dias Nicópole fazia notar a Sila, num **murmúrio,** como a morte de Stichus fora conveniente para ele.

Então, ao fim de duas semanas inteiras a chover sem piedade, as nuvens baixas arrastaram os seus últimos farrapos pelo horizonte a Leste, e o sol apareceu. Roma fumegava. Gavinhas de vapor encaracolavam-se, saindo das lajes e telhas; o ar tornara-se espesso de vapor. Todas as varandas, *loggias,* jardins do peristilo e janelas da cidade se enchiam de roupas bolorentas que contribuíam para o bafio geral, e as casas onde havia206

bebés pequenos - como a do banqueiro Tiro Pompónio - viam subitamente os seus jardins do peristilo superlotados de fraldas. Os sapatos tinham que ser limpos do bolor, todos os livros nas casas dos letrados tinham que ser desenrolados e inspeccionados minuciosamente em busca de fungos insidiosos, as gavetas de roupa e armários tinham *de ser* arejados.

Mas havia um aspecto animador nessa humidade fétida; a época dos cogumelos chegava com uma abundância surpreendente. Sempre ávida das sombrinhas fragrantes após o normal Verão seco, toda a cidade se empanturrava de cogumelos, tanto ricos como pobres.

E Sila encontrava-se mais uma vez carregado de cartas de Julilla, após duas semanas de chuva que haviam impedido a serva da rapariga de encontrá-lo para lhas introduzir dentro da toga. O seu desejo de deixar Roma aumentou até saber que se não se livrasse do miasma vaporoso de Roma pelo menos por um dia, acabaria finalmente por enlouquecer. Metróbio e o seu protector, Cílax, estavam de férias em Cumas, e Sila não queria passar sozinho aquele dia de tréguas. Por isso, resolveu levar Clitumna e Nicópole a fazer um piquenique no seu lugar preferido fora da cidade.

- Venham, raparigas - disse-lhes na terceira madrugada seguida que se mostrava bonita. - Ponham os vossos trapos de sair, que vou levá-las a fazer um piquenique!

As raparigas - nenhuma das quais se sentia jovial - olharam-no com a ironia amarga dos que não têm disposição para serem libertos da

sua neurastenia, e recusaram-se a deixar a cama comunal, embora a noite húmida a tivesse deixado encharcada de suor.

- Precisam as duas de ar fresco - insistiu Sila.

- Nós vivemos no Palatino porque o ar daqui é do melhor - disse Clitumna virando as costas.

- Nesta altura, o ar do Palatino não é melhor do que o ar de qualquer região de Roma: cheira mal aos esgotos e lavagens - disse. - Venham lá! Aluguei um carro e iremos na direcção de Tiffitir. Vamos fazer um almoço nos bosques: veremos se apanhamos um peixe ou dois e um bom coelho nalguma armadilha, e regressaremos a Roma antes de anoitecer sentindo-nos muito mais felizes.

- Não - disse Clitumna lamuriosamente. Nicópole hesitou.

- Bem...207

Era o suficiente para Sila.

Apronta-te. Voltarei daqui a pouco - disse, esticando-se com luxúria. -já estou farto de ficar engaiolado aqui dentro desta casa! -Também eu - disse Nicópole, e saiu da cama.

Clitumna continuou deitada, voltada para a parede, enquanto Sila se dirigiu à cozinha para encomendar um almoço de piquenique.

- *Vem* - disse ele a Clitumna, enquanto vestia uma túnica limpa e apertava umas botas abertas.

Ela recusou-se a responder.

Assim, o grupo do piquenique consistiu apenas em Nicópole e Sila e uma enorme cesta de guloseimas que o cozinheiro misturou à última da hora, desejoso de também poder ir. Na base das Escadas de Caco

esperava-os um carro de duas rodas; Sila ajudou Nicópole a sentar-se no lugar do passageiro, e subiu para o lugar do condutor.

- Cá vamos nós! - disse alegremente, pegando nas rédeas e experimentando um extraordinário acesso de leveza, uma rara sensação de liberdade. Confessou para si mesmo que não lamentava a recusa de Clitumna. Nicópole era companhia suficiente. - Vamos, mulas! - gritou.

As mulas andaram bem, o carro desceu ruidosamente o vale de Múrcia, onde ficava o Circo Máximo, e saiu da cidade pela Porta Capena. A vista, no início, não era nem interessante nem animadora, pois a estrada de circunvalação que Sila tomara em direcção a leste atravessava os grandes cemitérios de Roma. Tumbas e mais tumbas - não os imponentes mausoléus e sepulcros dos ricos e dos nobres, que ladeavam todas as artérias fora da cidade, mas pedras tumulares de almas mais pobres. Todos os Romanos e Gregos, mesmo os mais indigentes, sonhavam ter depois de morrerem um templo principesco a testemunhar que haviam existido. Por esse motivo, tanto os pobres como os escravos pertenciam a associações fúnebres, e davam a mais pequena migalha que podiam em contribuição para os fundos da associação, cuidadosamente geridos e investidos; o desvio de fundos era corrente em Roma, tal como em qualquer lugar onde haja seres humanos, mas as associações fúnebres eram policiadas tão ciosamente pelos seus membros, que os seus gestores não tinham outra hipótese que não fosse a de serem honestos. Um bom funeral e um belo monumento *eram importantes.*

Uma encruzilhada **formava o ponto central da enorme necrópole** dispersa por todo o Campo **Esquilino, e nessa encruzilhada ficava o** grandioso208

templo de Vénus Libitina, no meio de uma mata coberta de folhas de árvores sagradas. Dentro do *pódium* do templo estavam os registos onde eram inscritos os nomes dos cidadãos romanos que morriam, e

também aí se encontravam arcas e arcas com o dinheiro pago ao longo dos séculos para registar todos os cidadãos mortos. Em consequência disso, o templo era imensamente rico; os fundos pertenciam ao Estado, mas nunca eram aplicados. A Vénus era aquela que presidia aos mortos e não aos vivos, a Vénus que presidia à extinção da força procriativa. E a mata do seu templo era o quartel-general da associação romana dos coveiros. Atrás do precinto da Vénus Libitina havia uma área aberta onde eram construídas as piras fúnebres, e para lá dessa área ficava o cemitério dos pobres, uma estrutura sempre diferente de fossos cheios de corpos, musgo e terra. Poucos cidadãos e não-cidadãos, optavam por ser sepultados, excepto os judeus, que eram enterrados numa secção da necrópole, e os aristocratas da Família Famosa dos Cornélios, que eram enterrados ao longo da Via Ápia; assim, a maioria dos monumentos transformava o Campo Esquilino numa pequena cidade de urnas apinhadas com cinzas em vez de corpos em decomposição. Ninguém podia ser enterrado dentro do limite sagrado de Roma, nem mesmo os mais importantes.

Contudo, mal a carruagem passou debaixo dos arcos dos dois aquedutos que levavam água às colinas que pululavam a nordeste da cidade, a vista mudou. Os terrenos agrícolas espraiavam-se em todas as direcções, primeiro hortas, e a seguir pastagens e campos de trigo.

Apesar do efeito que as enxurradas haviam feito na Via Tiburtina (a camada densamente comprimida de cascalho, pó de tufo calcário e *areia* a cobrir as pedras havia sido corroída), os dois que iam na carruagem divertiam-se muito. O sol estava quente, mas a brisa arrefecia-os, a sombrinha de Nicópole tinha o tamanho certo para fazer sombra à pele branca de Sila, bem como à sua pele cor de azeitona, e as mulas *mostraram ser* um par bastante aceitável. Demasiado sensato para forçar o ritmo, Sila deixava a parelha encontrar o seu passo, e as milhas sucediam-se alegremente.

Ir a Tibur e voltar no mesmo dia era impossível, mas o lugar *preferido* de Sila ficava muito perto de Tibur. A alguma distância para lá dos limites de Roma havia uma floresta que se aproximava da região que se elevava a uma altitude cada vez maior, até ao maciço da Grande Rocha, a maior montanha de Itália. Essa floresta cortava *diagonalmente a estrada*209

durante cerca de uma milha antes de se desviar em corta-mato; a estrada entrava então no vale muito fértil e arável do rio Ânio.

No entanto, a aproximadamente uma milha, a floresta tinha um solo mais duro, e foi aí que Sila abandonou a estrada, conduzindo as mulas por um caminho de carroças que mergulhava na mata e acabava por se extinguir.

- Chegámos - disse Sila, descendo e vindo ajudar Nicópole, que estava ríspida e um pouco dorida. - Sei bem que não parece muito animador, mas anda um pouco comigo e vou mostrar-te um local que vale bem a viagem.

Primeiro, ele desatrelou as mulas e prendeu-as, depois, levou o carro para fora do carreiro, pô-la à sombra e tirou a cesta de piquenique, levando-a ao ombro.

- Como sabes lidar tão bem com mulas e arreios? - perguntou Nicópole enquanto seguia Sila, escolhendo cuidadosamente o caminho.

- Qualquer pessoa que tenha trabalhado no porto de Roma, sabe disse Sila por cima do ombro carregado. - Abranda agora! Não vamos para longe e não temos pressa.

Com efeito, haviam feito um bom tempo. Como era início de Setembro, as doze horas de claridade ainda eram longas, tinham sessenta e cinco minutos cada uma; ainda faltavam duas horas para o meio-dia quando Sila e Nicópole entraram nos bosques.

- Isto não é floresta virgem - disse ele -, deve ser por isso que ninguém corta árvores. Antigamente, esta terra era para o trigo, mas depois os cereais passaram a vir da Sicília e Sardenha e da Província Africana e os agricultores deixaram as árvores voltar a crescer, pois o terreno é pobre.

- És surpreendente, Lúcio Cornélio - disse ela, tentando acompanhar as enormes passadas de Sila. - Como sabes tantas coisas acerca do mundo?

- Tenho sorte. Fixo tudo o que ouço ou leio.

Então, entraram numa clareira encantadora, cheia de ervas e flores tardias de Verão - um universo cor-de-rosa e branco, grandes emaranhados floridos de rosas brancas e rosadas com rebentos irregulares e lupinos de grandes hastes, rosados e brancos. Através da clareira corria um riacho formado pela água da chuva; o seu leito estava cheio de rochas com reentrâncias, que dividiam as águas em suaves poças profundas e cascatas espumantes; o sol brilhava e reluzia na sua superfície, por entre libelinhas e pequenos pássaros.210

- Que lindo! - exclamou Nicópole.

- Descobri este lugar no ano passado, quando saí durante aqueles meses - disse ele, pondo o cesto à sombra. - O carro perdeu uma roda no sítio onde o carreiro se desvia para dentro da floresta, e tive de mandar Metróbio numa das mulas a Tibur para pedir auxílio. Enquanto esperava, fui explorando isto.

Nicópole não teve a mais pequena satisfação ao saber que o desprezado e temido Metróbio vira indubitavelmente esse lugar primeiro, mas não disse nada, limitou-se a deitar-se na erva e ficar a ver Sila tirar o grande odre de vinho do interior do cesto. Ele colocou o odre no riacho, onde uma barreira natural de rocha o barrava, depois tirou a túnica e as botas abertas, que constituíam todo o seu vestuário.

Os sinais de boa disposição de Sila ainda permaneciam nos seus ossos, tão quentes como o sol que lhe aquecia a pele; esticou-se sorrindo e olhou *em volta, para a clareira, com um afecto que não tinha nada* a ver com Metróbio ou Nicópole. Simplesmente, o prazer dele provinha de um divórcio das situações que limitavam tanto a sua vida normal, num lugar *onde podia convencer-se de* que o *tempo não passava, a política não existia,* as pessoas não estavam sujeitas a classes, e o dinheiro era uma invenção para o futuro. Os seus momentos de felicidade pura eram tão poucos e raros ao longo da marcha de exercício da sua vida, que se lembrava de cada um deles com uma nitidez lancinante: o dia em que a trapalhada de floreios numa folha de papel subitamente se transformou em pensamentos compreensíveis, a hora em que um homem de grande meiguice e compreensão lhe mostrara como o acto de amor podia ser perfeito, a surpreendente antevisão da morte do seu pai e a percepção de que essa clareira numa floresta era o primeiro terreno a que ele alguma vez pudera chamar seu, pois não pertencia a mais ninguém que se preocupasse o suficiente para visitá-lo excepto ele. E era tudo. A soma total. Nada disso se baseava numa apreciação da beleza ou mesmo do processo de viver; *representava* a aquisição da instrução, o prazer erótico, a libertação da autoridade e a propriedade. Pois eram essas as coisas que Sila prezava, que Sila queria.

Nicópole olhava-o, fascinada, sem mesmo entender o mínimo que fosse da origem da felicidade dele, maravilhada com a brancura absoluta da pele do seu corpo ao sol - um espectáculo que ela nunca vira - e O ouro ardente da nuca e do peito e das virilhas. Era tudo demasiado para poder resistir; despiu a túnica leve e a camisa que usava por baixo, com*211*

a sua longa cauda apanhada entre as pernas e presa à frente, até ficar também nua e poder disfrutar do beijo do sol.

Caminharam até uma das poças mais fundas, arfando com o frio. Permaneceram aí o tempo suficiente para aquecerem enquanto Sila

brincava com os mamilos espetados e os belos seios dela, e depois subiram com esforço pela encosta de ervas espessas e fizeram amor até secarem. De seguida, almoçaram pãezinhos e queijos e ovos meio-cozidos e asas de galinha, regados com vinho gelado. Ela fez uma coroa de flores para o cabelo de Sila, depois fez outra para si mesma, e deu três voltas rolando, pela mera recompensa voluptuosa de estar viva.

- Oh! Isto é maravilhoso! - disse ela num suspiro. - Clitumna não sabe o que perde.

- Clitumna nunca sabe o que perde - disse Sila.

- Oh, não sei - disse Nicópole, indolente, com a vespa da discórdia zumbir-lhe na mente. - Sente a falta do Stichus Pegajoso - e começou cantarolar entre dentes a canção sobre o assassínio, até apanhar o olhar de viés dele, indicando que começava a enfurecer-se. Não acreditava que Sila tivesse planeado a morte de Stichus, mas quando pela primeira vez o sugerira, recebera interessantes ecos de alarme vindos de Sila, e continuou por simples curiosidade.

Era altura de parar. Pondo-se de pé num salto, estendeu as mãos a Sila, que ainda se encontrava deitado ao comprido.

- Vem, mandrião; quero passear debaixo das árvores e arrefecer - disse ela. Ele levantou-se obedientemente, pegou-lhe na mão e caminharam os dois sob as goteiras da floresta, onde não havia ramagens a estragar o tapete de folhas encharcadas, quentes ao fim do dia de sol. Era maravilhoso andar descalço,

E lá estavam eles! Um exército em miniatura dos cogumelos mais estranhos que Nicópole alguma vez vira, sem a mais pequena marca de insectos ou patas de animais, do branco mais puro, de copa espessa e carnuda, pé estreito e exalando um estonteante cheiro a terra.

- Que bom! - exclamou, tombando de joelhos. Sila fez uma careta.

- Vamos - disse-lhe.

- Não sejas mau só por não gostares de cogumelos! Por favor, Lúcio Cornélio, peço-te! Vai à cesta buscar um pano: vou levar alguns cogumelos destes para o meu jantar - disse Nicópole em tom decidido.

- Podem não ser comestíveis - objectou ele, sem se mexer.212

- É absurdo, claro que são comestíveis! Olha! Não têm nenhuma membrana a cobrir as lâminas, nem manchas, nem são vermelhos. E cheiram muito bem. E isto não é um carvalho, pois não? - e olhou para a árvore na base da qual os cogumelos cresciam.

Sila olhou para as folhas dentadas e sentiu a inevitabilidade do destino, o dedo apontado da sua deusa da sorte.

- Não, não é um carvalho - respondeu.

- Então, por favor! Peço-te! - disse ela num tom meigo. Sila suspirou.

- Está bem, como queiras.

Um exército inteiro de cogumelos pereceu enquanto Nicópole escolhia o seu achado, e a seguir embrulhou-o no lenço que Sila lhe trouxera e colocou-o carinhosamente no fundo do cesto, onde ficaria protegido do Calor no caminho para casa.

- Não entendo como tu e Clitumna não gostam de cogumelos - disse Nicópole quando estavam de novo acomodados no carro, e as mulas trotavam na direcção dos seus estábulos.

- Nunca gostei de cogumelos - disse Sila, desinteressado.

- Mais ficam para mim - retorquiu ela, dando uma risada.

- Que têm estes de tão especial? - perguntou Sila. - Nesta altura, podes comprar toneladas de cogumelos nos mercados ao preço da chuva.

- Estes são *meus* - tentou ela explicar -, fui *eu* que os encontrei, fui eu que vi como eram perfeitos, fui *eu* que os apanhei. Os do mercado estão velhos, cheios de bichos, buracos, aranhas, os deuses sabem que mais. Os meus são mais saborosos, garanto-te.

E eram mais saborosos. Quando Nicópole os levou para a cozinha, o cozinheiro mirou-os com um ar desconfiado, mas teve de admitir que não lhes encontrava qualquer defeito à vista ou ao cheiro.

- Frita-os em óleo - disse Nicópole.

O escravo encarregado dos vegetais trouxera dos mercados um enorme cesto de cogumelos, nessa manhã - tão baratos que todo o pessoal fora autorizado a comê-los, o que fizera o dia inteiro. Por isso, ninguém Se sentiu tentado a roubar alguns dos recém-chegados; o cozinheiro pôde fritá-los o bastante para os amaciar e aquecer, e pô-los num prato com um pouco de pimenta acabada de moer e suco de cebola, e mandou-os para a sala, para Nicópole. Que os comeu sofregamente, pois o seu apetite aumentara com o passeio - e com o amuo monumental de Clitumna. Era evidente que, quando já **era demasiado tarde** para enviar um servo213

que os chamasse, Clitumna se arrependera de ter decidido não ir ao famoso piquenique. Sujeita a um salmo sobre o assunto durante o jantar inteiro, reagiu mal, e terminou o dia anunciando que dormiria sozinha.

Dezoito horas mais tarde, Nicópole sentiu uma dor na barriga. Sentiu náuseas, mas não tinha diarreia, e admitiu que a dor era aceitável, pois já havia tido dores bem piores. Depois, urinou um fluido vermelho com sangue e entrou em pânico.

Chamaram logo os médicos; a vida familiar decorreu com normalidade; Clitumna enviou servos à procura de Sila, que saíra de manhã cedo sem avisar aonde iria.

Quando o ritmo cardíaco de Nicópole aumentou e a tensão arterial baixou, o semblante dos físicos tornou-se sério. Ela teve uma convulsão, a sua respiração tornou-se lenta e superficial, o coração começou a fibrilar, e entrou em coma profundo. Ninguém se lembrou de pensar nos cogumelos.

- Deficiência renal - disse Atenodoro da Sicília, que era agora o físico mais bem sucedido do Palatino.

Todos os outros concordaram.

E aproximadamente na altura em que Sila regressava a casa, apressado, Nicópole **morria duma hemorragia interna:** segundo os médicos, fora vítima de colapso sistémico total.

- Devíamos fazer uma autópsia - disse Atenodoro.

- Estou de acordo - disse Sila, que não falou dos cogumelos.

- É contagioso? - perguntou Clitumna pateticamente, parecendo velha e doente e desesperadamente só.

Todos disseram que não.

A autópsia confirmou o diagnóstico de deficiência renal e hepática: os rins e o fígado estavam inchados, congestionados e cheios de hemorragias. A membrana que envolvia o coração de Nicópole sangrara, tal como o interior do estômago, o intestino delgado e o cólon. *O cogumelo* de aspecto inocente chamado O Destruidor executara bem a sua tarefa subtil.

Foi Sila que preparou o funeral de Nicópole (Clitumna estava demasiado prostrada para isso) e dirigiu o cortejo fúnebre, à frente

das estrelas dos teatros de comédia e pantomina romana; a sua presença garantia uma boa comparência, o que teria agradado a Nicópole.

E quando, a seguir, Sila voltou para casa de Clitumna, encontrou Caio Júlio César à espera dele. Despindo a sua toga escura do cortejo fúnebre, Sila juntou-se a Clitumna e à sua visita na salinha dela. Em poucas214

ocasiões vira Caio Júlio César, e não conhecia o senador; Sila achou muito estranho que um senador visitasse Clitumna devido à morte súbita de uma prostituta grega, pelo que foi prudente e meticulosamente educado na altura das apresentações.

- Caio Júlio - disse, fazendo uma vénia.

- Lúcio Cornélio - disse César, também fazendo uma vénia.

Não deram um aperto de mãos, mas quando Sila se sentou, César voltou ao seu lugar com ar aparentemente tranquilo. Virou-se para a chorosa Clitumna e falou com meiguice.

- Minha cara, para quê ficar? - perguntou. - Márcia está à tua espera ali ao lado. Pede ao teu mordomo que te leve lá. As mulheres necessitam doutras mulheres em alturas de mágoa.

Sem uma palavra, Clitumna levantou-se e cambaleou até à porta, enquanto o visitante foi buscar a sua toga escura, donde tirou um pequeno rolo de papel, que colocou sobre a mesa.

- Lúcio Cornélio, a tua amiga Nicópole pediu-me para fazer o seu testamento e deixá-lo ao cuidado das Vestais há muito tempo. A senhora Clitumna está a par do seu conteúdo, razão pela qual não precisou de ficar a ouvir-me lê-lo.

- Sim? - perguntou Sila, destroçado. Não sabia o que mais dizer, e por isso ficou sentado, olhando para César com um olhar vazio.

César foi até ao cerne da questão.

- Lúcio Cornélio, a senhora Nicópole nomeou-te seu herdeiro único. A expressão de Sila permaneceu vazia.

- Nomeou?

- Nomeou.

- Penso que se tivesse pensado nisso, saberia que iria fazê-lo - disse Sila, recuperando. - Não é que me importe muito. Tudo o que ela tinha, gastava-o.

César olhou para ele intensamente.

- Não gastou tudo. A senhora Nicópole era muito rica.

- Absurdo!

- É verdade, Lúcio Cornélio, era muito rica. Não possuía bens, mas era viúva de um tribuno militar que enriqueceu à custa de muitas pilhagens. O que ele lhe deixou, foi investido. **Nesta manhã,** as suas posses ascendem a duzentos mil denários.

Não era possível confundir a **autenticidade do choque** de Sila. O que quer que César pensasse dele até esse **momento, sabia que** estava agora a215

olhar um homem que não possuía qualquer dado sobre esta informação; Sila ficOU estupefacto.

Depois, encostou-se na cadeira, pôs as mãos trementes à frente do rosto e disse com dificuldade.

- Tudo isso! *Nicópole?*

- Tudo isto. Duzentos mil denários. Ou oitocentos mil sestércios, se preferires. Uma quantia de cavaleiro.

Sila baixou as mãos.

- Oh, Nicópole! - disse.

César levantou-se, estendendo-lhe a mão. Sila apertou-a, desorientado.

- Não, Lúcio Cornélio, não te levantes - disse César amavelmente.

- Meu caro, não posso dizer-te como me alegro por ti. Sei que é difícil afastar a mágoa neste estágio, mas gostava que soubesses que muitas vezes desejei de todo o coração que um dia melhorasses a tua fortuna... e a tua sorte. Amanhã, reconhecerei oficialmente o testamento. Será melhor ires ter comigo ao Fórum à segunda hora. Perto do santuário de Vesta. Por agora, desejo-te um bom dia.

Depois de César ter saído, Sila ficou sentado, imóvel, durante muito tempo. A casa estava tão silenciosa como a urna de Nicópole; Clitumna ficara provavelmente na casa ao lado, com Márcia, e os servos arrastavam-se pela casa.

Talvez tivessem passado seis horas antes que ele se levantasse por fim, emperrado e dorido, e se espreguiçasse um pouco. O sangue começou a correr, enchendo o seu coração de fogo.

- Lúcio Cornélio, estás finalmente no teu caminho - disse ele, e comeÇou a *rir.*

Embora tivesse começado muito baixo, o seu riso ia avolumando e transformou-se num grito, num rugido, numa risada hilariante; os servos, escutando aterrorizados, discutiam entre si qual deles se aventuraria a entrar na salinha de Clitumna. Mas antes que tivessem chegado a uma decisão, Sila parou de rir.

Clitunna envelheceu quase de um dia para o outro. Apesar de os seus anos mal perfazerem a soma de cinquenta, a morte do sobrinho apressara o seu processo de envelhecimento e agora a morte da mais querida amiga - e amante - compusera a devastação. Nem Sila tinha o poder de tirá-la da depressão. Não havia pantomina ou farsa que a fizesse sair de216

casa, nem as visitas habituais como Cílax ou Márcia provocavam sequer um sorriso. O que a surpreendia era a diminuição do mundo dos seus íntimos, tal como a progressão da sua senilidade; se Sila a abandonasse

- pois o que herdara de Nicópole o libertara da dependência económica em relação a ela - ficaria completamente só. Uma perspectiva que temia acima de qualquer outra coisa.

Pouco depois da morte de Nicópole, mandou chamar Caio Júlio César,

- Não podemos deixar nada aos mortos - disse ela -, por isso, tenho de alterar o meu testamento.

O testamento foi alterado e deixado no novo ao cuidado das Vestais. No entanto, andava entristecida. As lágrimas caíam-lhe em cascata, as suas mãos, outrora laboriosas, pousavam no colo como duas folhas de massa crua, à espera que o cozinheiro lhes pusesse o recheio. Todos andavam preocupados; todos sabiam que não havia nada a fazer excepto esperar que o tempo fornecesse a cura. Se houvesse tempo.

Para Sila, o tempo chegara.

A última missiva de Julilla dizia:

Amo-te, apesar de os meses e, neste momento, os anos me terem mostrado como épouco correspondido o meu amor, como te interessa pouco o meu destino. Em Julho último fiz dezoito anos, por direito devia estar casada, mas consegui adiar esse mal necessário através da doença. Tenho de casar contigo e com ninguém mais senão contigo, meu querido Lúcio Cornélio. E o meu pai hesita, incapaz de me apresentar como noiva adequada ou mesmo desejável, e manter-me-ei assim até tu vires ter comigo e me dizeres que casas comigo. Uma vez disseste que eu era um bebé, que ultrapassaria o meu amor imaturo por ti, mas certamente ao fim de

tanto tempo - passaram quase dois anos - provei o meu valor, provei que o meu amor por ti é tão constante como o regresso do sol vindo do Sul todas as Primaveras. Desapareceu a tua esguia senhora grega que eu tanto odiava, e amaldiçoava e desejava ver morta, morta, morta. Vês como soupoderosa, Lúcio Cornélio? Então, porque não compreendes que não *me podes fugir? Nenhum coração pode conter tanto amor como o meu sem gerar reciprocidade, Tu amas-me, eu sei que me amas. Vem ver-me, ajoelha ao lado do meu leito de dor e mágoa, deixa-me encostar a tua cabeça ao meu peito e dá-me o teu beijo.* não *me condenes à morte! Escolhe deixar-me viver. Escolhe casar comigo.*

Sim, para Sila, o tempo chegara. **Era tempo de pôr fim a muitas coisas.** Tempo de se libertar de **Clitumna e julilla, e de todas as outras odiosas**217

ligações humanas que limitavam o seu espírito e lançavam névoas tão sombrias nos cantos da sua mente. Até Metróbio tinha de ser afastado.

Por isso, em meados de Outubro, Sila foi bater à porta de Caio Júlio César a uma hora em que podia esperar confiantemente que o dono estivesse em casa. E esperar confiantemente que as mulheres da casa estivessem recolhidas nos seus aposentos; Caio Júlio César não era o gênero de marido ou pai capaz de permitir que as suas mulheres se misturassem com os seus clientes ou amigos do sexo masculino. Apesar de uma das razões para ir bater à porta de Caio Júlio César fosse ver-se livre de julilla, não tinha qualquer vontade de vê-la; todo o seu *ser,* toda a *parte pensante,* todas as suas fontes de energia tinham de concentrar-se em Caio Júlio César e no que tinha a dizer a Caio Júlio César. O que tinha a dizer tinha de ser dito sem levantar qualquer suspeita ou quebra de confiança.

já se havia encontrado com César para reconhecer oficialmente o testamento de Nicópole e recebera a sua herança tão facilmente, sem qualquer censura, o que o tornava agora duplamente cauteloso.

Mesmo quando se apresentara aos censores, Escauro e Druso, tudo correra tão suavemente como uma produção teatral bem orquestrada, pois César insistira em ir com ele, e servira de garante da autenticidade de todos os documentos que apresentara ao escrutínio censorial. No fim de tudo aquilo, nada mais nada menos que Marco Lívio Druso e Marco Emílio Escauro haviam-se levantado para lhe apertar a mão e haviam-no felicitado com sinceridade. Era como um sonho - mas era possível que nunca mais tivesse de acordar?

Deste modo, sem a menor necessidade de forçar nada, entrara imperceptivelmente numa relação com Caio Júlio César que amadurecia num tipo de tolerância amigável mas distante. A casa de César, nunca tinha ido; a relação prosseguira no Fórum. Ambos os filhos de César estavam em África com o seu cunhado, Caio Mário, mas Sila conhecera um pouco Márcia durante as semanas após a morte de Nicópole, pois ela tomara a seu cargo visitar Clitumna. E não fora difícil de entender que Márcia o olhava de viés; Clitumna, suspeitou, não era tão discreta como devia quanto à relação esquisita entre Sila, ela mesma e Nicópole. Contudo, sabia muito bem que Márcia o achava perigosamente atraente, embora os modos dela lhe dessem a entender que classificara a sua atracção algures entre a beleza de uma cobra e de um escorpião.

Eram estes os **motivos** de ansiedade de Sila ao bater à porta de Caio Júlio César em meados de Outubro, consciente de que não se atrevia a218

adiar mais a *fase* seguinte dos seus planos. Tinha de agir antes que Clitumna começasse a animar-se. E isso significava que tinha de ter confiança em Caio Júlio César.

O rapaz de serviço à porta abriu-a de imediato, e não hesitou em dizer-lhe que entrasse, o que indicava que Sila fora incluído na lista dos que César estava pronto para ver a qualquer hora.

- Caio Júlio recebe? - perguntou.

- Sim, Lúcio Cornélio. Peço-te que esperes - disse o rapaz, e apressou-se na direcção do gabinete de César.

Preparado para esperar um pouco, Sila deambulou pelo *átrium* modesto, reparando que este compartimento, tão simples e sem adornos, fazia o *átrium* de Clitumna parecer a antecâmara do harém de um potentado oriental. E enquanto meditava na natureza do *átrium* de César, Julilla apareceu.

Durante quanto tempo teria tentado convencer os servos que pudessem ficar à porta para a avisarem quando Lúcio Cornélio aparecesse? E quanto tempo demoraria o servo a ir chamar César, a quem devia ter avisado primeiro?

Essas duas perguntas surgiram na mente de Sila mais depressa do que o tempo que o raio leva a extinguir-se, mais depressa do que a resposta do corpo dele ao choque de vê-la.

Os seus joelhos enfraqueceram; teve de se apoiar ao primeiro objecto que viu, que por acaso era um jarro de água em prata e ouro, pousado numa consola. Como o jarro não estava bem apoiado na mesa, o impulso dele deslocou-o, e o jarro caiu no chão com um ruído vibrante e estridente, enquanto Julilla saía do compartimento a correr, de mãos no rosto.

O barulho ecoou como o interior da gruta da Sibila de Cumas, e lançou todos em alvoroço. Consciente de que tinha perdido qualquer vestígio de cor que ainda lhe restava, Sila deixou as pernas vergarem-se *completamente* e a toga escorregar até ao chão e ficou aí sentado com a cabeça entre os joelhos e os olhos quase fechados, tentando apagar a imagem do esqueleto envolto na pele dourada de Julilla.

Quando César e Márcia o puseram de pé e o ajudaram a entrar no gabinete, ele tinha razões para estar agradecido pelo tom cinzento

da sua pele, pelo azul desmaiado dos lábios; pois dava mesmo a imagem de UM homem verdadeiramente doente.

Um **golo de vinho** puro fê-lo **retomar uma** aparência de normalidade, e foi capaz **de sentar-se no leito com um suspiro,** limpando o sobrolho219

com a mão. Algum deles teria visto? E onde se **metera julilla?** O que poderia dizer? o que poderia fazer?

César tinha um ar muito triste, tal como Márcia.

- Lamento, Caio Júlio - disse ele, voltando a sorver o vinho. - Um desmaio... não sei o que me aconteceu.

- Está à vontade, Lúcio Cornélio - disse César. - Eu sei o que te aconteceu. Viste um fantasma,

Não, este não era um homem que se pudesse enganar, ou pelo menos de um modo banal. Era demasiado inteligente, demasiado perspicaz.

- *Era* a mais nova? - perguntou ele.

- Sim - disse César, e fez à mulher um sinal para que saísse, e esta saíu logo, sem qualquer olhar ou *murmúrio.*

- Eu costumava vê-la há alguns anos, perto do Porticus Margaritaria na companhia das amigas - disse Sila -, e achava que ela era... tudo o que uma rapariga romana deve ser: sempre alegre, nunca era rude... não sei. E uma vez no Palacium... eu estava mal... tinha uma dor na alma, não sei se entendes.

- Sim, penso que entendo - disse César.

- Pensou que eu estava doente, e perguntou se podia ajudar-me. Não fui muito agradável para ela: tudo o que pensava era que não

gostarias que ela se relacionasse com alguém como eu. Mas não havia maneira de se afastar, e eu não conseguia ter a dureza suficiente. Sabes o que fez ela? - Os olhos de Sila estavam ainda mais estranhos do que de costume, pois tinha as pupilas dilatadas e enormes, e à volta delas havia dois anéis de um branco-acinzentado pálido com dois anéis pretos-acinzentados em volta; olhavam para César *um* pouco às *cegas, e* não pareciam humanos.

- O que fez? - perguntou César gentilmente.

- Fez-me uma coroa de ervas! Fez-me uma coroa de ervas e pô-la na minha cabeça. *A mim!* E eu vislumbrei... vislumbrei... *qualquer coisa!* Fez-se um silêncio. Como nenhum dos dois homens sabia como rompê-lo, prolongou-se durante muito tempo, durante o qual cada um reunia os seus pensamentos e divagava, pensando se o outro seria um aliado ou um adversário. Nenhum deles queria forçar o assunto.

- Bem - disse César, com um suspiro -, por que vieste ver-me, Lúcio Cornélio?

Era a sua forma de dizer que aceitava a inocência de Sila, independentemente do modo como interpretasse o comportamento da filha. E era220

a sua maneira de dizer que não queria ouvir falar mais sobre a filha; Sila, que pensara falar das cartas de julilla, decidiu não o fazer.

A primeira razão para visitar César parecia agora muito distante, e irreal. Mas Sila endireitou os ombros e levantou-se do leito e sentou-se na cadeira, mais viril, onde se sentavam os clientes de César, e assumiu o ar de cliente.

- É Clitumna - disse. - Queria falar contigo acerca dela. Ou talvez deva falar com a tua mulher acerca de Clitumna. Mas a pessoa certa para abordar és certamente tu. Ela não é a mesma pessoa. Deves aperceber-te disso. Deprimida, chorosa, desinteressada. O seu

comportamento não me parece de modo nenhum normal. Ou mesmo normal nesta fase do desgosto. Acontece que não sei o que fazer - encheu o peito de ar. - Tenho um dever para com ela, Caio Júlio. Sim, é uma pobre mulher ordinária e não é propriamente um ornamento para a vizinhança, mas tenho um dever para com ela. Foi boa para o meu pai, e tem sido boa para mim, E não sei o que fazer para ajudá-la, não sei mesmo.

César recostou-se na cadeira, achando que havia alguma coisa que destoava neste pedido. Não era que duvidasse o mínimo da história de Sila, pois vira Clitumna com os seus próprios olhos, e ouvira Márcia - falar bastante sobre o assunto. Não, o que perturbava César era que Sila tivesse vindo pedir conselhos; era uma atitude que não tinha a ver com Sila, pensou César, que duvidava da incerteza que Sila dizia sentir quanto ao que faria à madrasta, de quem as más línguas diziam ser também sua amante. Acerca disso, César não estava preparado para se arriscar a adivinhar; se o facto de ele ter vindo procurar auxílio fornecesse alguma indicação disso, seria provavelmente uma mentira torpe, os mexericos típicos do Palatino. Tal como o boato de que a madrasta de Sila tinha um envolvimento sexual com a mulher que morrera, Nicópole. Tal como o boato de que Sila tinha um envolvimento sexual com ambas e ao mesmo tempo! Márcia dissera que achava algo de suspeito na situação, mas, quando pressionada, não pudera fornecer provas concretas. César não se inclinava a acreditar nesses boatos por simples ingenuidade; isso devia-se antes a uma exigência pessoal que não só ditava o seu comportamento como se reflectia nas suas crenças em relação ao comportamento dos outros. Uma coisa *era ter* provas seguras, e outra, bastante diferente, era o que constava. Apesar disso, houve qualquer coisa que não lhe pareceu verdadeira nesta vinda de Sila, em busca de conselhos.221

Foi nesta altura que ocorreu a César uma resposta. Nem por um momento pensou que houvesse algo estabelecido entre Sila e a sua filha mais nova - mas um homem como Sila desmaiar ao ver uma rapariga de ar esfomeado era incrível! Depois surgiu aquela história

estranha dajulilla lhe ter oferecido uma coroa de ervas. César conhecia bem o que isso significava. Talvez se tivessem encontrado apenas algumas vezes, e quase sempre de passagem mas, decidiu César, existia alguma coisa entre eles. Nada de mal nem de mau gosto, nem sequer de astucioso. Mas alguma coisa sim. Alguma coisa que merecia ser observada com muita atenção. Naturalmente não podia aceitar qualquer relacionamento entre eles. E se tinham afinidades, isso seria muito mau. julilla devia casar com um homem que pudesse manter-se de cabeça erguida nos círculos a que pertenciam os Césares.

Enquanto César se reclinava na cadeira e meditava nestes assuntos, Sila encostou-se na sua e pensou no que estaria a passar pela mente de César. Por causa de julilla, a entrevista não decorrera de acordo com os planos, nem de longe. Como pôde ter tido tão pouco controlo? Desmaiar! Ele, Lúcio Cornélio Sila! Depois de se ter traído tão obviamente, não lhe restara senão explicar-se a este pai atento, e isso implicara contar parte da verdade; se isso ajudasse Julilla, tê-la-ia contado toda, mas não achava que César gostasse de ler aquelas cartas. Tornei-me vulnerável para Caio Júlio César, pensou Sila, e essa sensação desagradou-lhe muito.

- Tens em mente algum plano para Clitumna? - perguntou César. Sila franziu as sobrancelhas.

- Bem, ela tem uma *villa* em Circeios, e penso se não seria boa ideia convencê-la a ficar lá por algum tempo - disse.

- Por que motivo mo perguntas?

As sobrancelhas ficaram mais franzidas; Sila viu um abismo abrir-se a seus pés, e conseguiu saltá-lo.

- Tens razão, Caio Júlio. Por que motivo to pergunto? A verdade é que estou entre Cila e Caríbdis, e esperava que me estendesses um remo e me salvasses.

- De que modo posso salvar-te? O que queres dizer com isso?

- Penso que Clitumna tem instintos suicidas - respondeu Sila.

- Oh!

- O problema é: como posso contrariá-lo? Sou um homem, e com Nicópole morta, não há literalmente mulher nenhuma da casa de Clitumna ou da sua família, ou mesmo entre as suas servas, em posição de suficiente*222*

confiança e afecto para auxiliar Clitumna. - Sila inclinou-se para a frente, animado com o assunto. - Roma agora não é lugar para ela, Caio Júlio! Mas como posso enviá-la para Circeios sem uma mulher em quem confie? Não sei se serei eu que ela queira ver neste momento, e além disso, eu... eu... eu tenho que fazer em Roma! O que tinha pensado era se a tua mulher estaria disposta a ir com Clitumna para Circeios durante umas semanas. Estes instintos suicidas não durarão muito, estou certo, mas de momento estou muito preocupado. A *villa* é muito confortável, e embora esteja a arrefecer, Circeios faz bem à saúde em qualquer altura do ano. Pode fazer bem à tua mulher respirar um pouco o ar do mar.

César ficou visivelmente tranquilizado, como se lhe tivessem tirado das suas costas dobradas um peso enorme.

- Compreendo, Lúcio Cornélio, compreendo. É melhor do que julgas. A minha mulher tornou-se de facto a pessoa de quem depende mais Clitumna. Infelizmente, não posso dispensá-la. Viste Julilla, pelo que não precisas de explicações sobre a gravidade da situação. A minha mulher é necessária em casa. Nem ela consentiria em ir, por mais que goste de Clitumna.

Sila tinha um ar impaciente.

- Julilla não podia ir para Circeios com elas? A mudança pode operar maravilhas!

Mas César abanou a cabeça.

- Não, Lúcio Cornélio, lamento, mas está fora de questão. Eu próprio terei de ficar em Roma até à Primavera. Só poderia aprovar que a minha mulher e a minha filha se ausentassem de Roma se pudesse estar com elas, não por ser egoísta ao ponto de lhes recusar um prazer, mas porque me preocuparia com elas o tempo todo que estivessem fora. Se Julilla estivesse bem, era diferente. Por isso, não.

- Compreendo, Caio Júlio, e partilho os teus sentimentos - Sila levantou-se para partir.

- **Manda Clitumna para Circeios,** Lúcio Cornélio. Ela ficará bem.

César acompanhou o seu convidado à Porta, e abriu-a ele mesmo.

- Obrigado por teres suportado as minhas tolices - disse Sila.

- Não foi fardo nenhum. Com efeito, alegra-me muito que tenhas vindo. Penso que agora poderei lidar melhor com a minha filha. E confesso que gosto mais de ti devido aos acontecimentos desta manhã, Lúcio Cornélio. Mantém-me informado acerca de Clitumna - e, sorrindo, César estendeu-lhe a mão.223

Mas mal fechou a porta atrás de Sila, César foi procurar Julilla. Estava na salinha da mãe, chorando, desolada, de cabeça afundada nos braços contra a mesa de trabalho, Com um dedo nos lábios, Márcia levantou-se mal César apareceu à porta; saíram juntos e deixaram-na a chorar.

- Caio Júlio, isto é terrível - disse Márcia, de lábios apertados.

- Eles têm-se visto.

Um rubor ardente surgiu de baixo da pele castanho-pálida de Márcia; abanou a cabeça com tanta violência, que os ganchos que

lhe prendiam os cabelos num rolo se soltaram, e o rolo pendeu, meio desenrolado na nuca.

- Não, não se têm visto! - juntou as mãos, torceu-as. - Que vergonha! Que *humilhação!*

César apoderou-se das mãos que se contorciam e apertou-as suave mas firmemente.

- Acalma-te, mulher, acalma-te! As coisas não devem ser assim tão más para adoeceres. Agora conta-me.

- Que desilusão! Que inconveniência!

- Acalma-te. Começa desde o início.

- Não tem nada a ver com ele, foi tudo obra dela! A nossa filha, Caio Júlio, passou os últimos dois anos envergonhando-se a si e à família, atirando-se a um homem que não só não servia para lhe limpar os sapatos como também não a quer! E mais, Caio Júlio, mais do que isso! Tem tentado atrair a sua atenção não comendo para Sila se sentir culpado por algo que não fez nada para merecer! Cartas, Caio Júlio! A serva entregou-lhe centenas de cartas, acusando-o de indiferença e negligência, culpando-o pela sua doença, implorando o amor dele como uma cadela a rastejar! Dos olhos de Márcia saltavam lágrimas, mas eram lágrimas de desilusão, de fúria terrível.

- Acalma-te - repetiu César. - Vem, Márcia, podes chorar mais logo. Tenho que falar com Julilla, e tu tens de assistir.

Márcia acalmou-se, secou os olhos; voltaram juntos para a salinha. Julilla ainda estava a chorar, não reparara que estava sozinha. Suspirando, César sentou-se na sua cadeira preferida, procurando no *sinus* da toga até encontrar o lenço.

- Toma, Julilla, assoa o nariz e pára de chorar, sê boa rapariga - disse, pondo o lenço no braço da filha. - Acabaram-se as lágrimas.

Chegou a altura de falarmos.

A maior razão para as lágrimas de Julilla residia no terror de ter sido descoberta, e por isso o tom reconfortantemente firme e imparcial da voz224

do pai permitiram-lhe que fizesse o que ele mandara. As lágrimas pararam; sentou-se de cabeça erguida, com o corpo frágil sacudido por soluços convulsivos.

- Tens deixado de comer por causa de Lúcio Cornélio Sila? - perguntou o pai.

Ela não respondeu.

-Julilla, não podes evitar a pergunta, e não terás perdão por te teres mantido em silêncio. Lúcio Cornélio é a causa de tudo isto?

- Sim - murmurou a rapariga.

A voz de César continuou forte, firme, imparcial, mas as suas palavras queimavam ainda mais Julilla devido ao tom; assim falava ele a um escravo que tivesse cometido qualquer erro imperdoável, nunca com a filha. Até agora.

- Começarás a entender a dor, a preocupação, a fadiga que causaste a toda a família durante mais de um ano? Desde que começaste a definhar, tornaste-te o ponto à volta do qual todos temos girado. Não apenas eu, a tua mãe, os teus irmãos e a tua irmã, mas também os nossos servos leais e admiráveis, os nossos amigos, os nossos vizinhos. Levaste-nos ao auge da loucura. E para quê? Podes explicar-me para quê?

- Não - sussurrou ela.

- Absurdo! É claro que podes! Tens brincado um jogo connosco, Julilla. Um jogo cruel e egoísta, orientado com paciência e

inteligência dignas de propósitos mais nobres. Tu apaixonaste-te - *aos dezasseis anos de idade!* - por um sujeito que sabias ser inadequado, que nunca teria a minha aprovação. Um sujeito que entendeu a sua inadequação e não te encorajou de modo nenhum. Por isso começaste a agir fraudulentamente, com astúcia, com um objectivo tão manipulatório e explorador ...! Faltam-me as palavras, Julilla - disse César sem emoção.

A filha estremeceu.

A mulher estremeceu.

- Parece que tenho de refrescar-te a **memória, filha.** Sabes quem sou eu?

Julilla não respondeu, cabisbaixa.

- Olha para mim!

O rosto dela ergueu-se então, de olhos alagados fixos em César, aterrorizados e ferozes.

- Não, vejo que não sabes quem sou eu - disse César, ainda em tom de conversa. - Por isso, vejo-me obrigado a dizer-te. Sou *o paterfamilias,*225

o chefe absoluto desta casa. A minha palavra faz a lei. Os meus actos não podem ser postos em causa. O que quer que eu faça ou diga dentro dos limites desta casa, posso fazê-lo e dizê-lo. Nenhuma lei do Senado e Povo de Roma se ergue entre mim e a minha autoridade absoluta sobre a minha casa, a minha família. Roma estruturou as suas leis de modo a garantir que a família romana se encontre acima da lei de todos excepto *do pater familias.* Se a minha mulher cometer adultério, Julilla, posso matá-la, ou mandar matá-la. Se o meu filho for culpado de torpeza moral, ou cobardia, ou qualquer outro tipo de imbecilidade social, posso matá-lo, ou mandar matá-lo. Se a minha filha não for casta, Julilla, posso matá-

la, ou mandar matá-la. Se qualquer membro da minha casa, desde a minha mulher, passando pelos meus filhos e filhas até à minha mãe, *aos* meus servos, transgredir os limites do que *eu* considero uma conduta decente, posso matá-lo, ou mandar matá-lo. Entendes, Julilla?

Os olhos da filha não se haviam desviado do rosto dele.

- Sim - disse a rapariga.

- Custa-me tanto, como me envergonha informar-te que transgrediste os limites do que eu considero uma conduta decente, filha. Tornaste a tua família e os servos desta casa, e acima de tudo, tornaste o seu *pater familias,* tuas vítimas. Bonecos. Teus joguetes. E para quê? Para o teu próprio gozo, para tua satisfação pessoal, pelo mais *abominável* dos motivos: apenas por ti própria.

- Mas eu amo-o, *tata!* - gritou ela. César levantou-se, ultrajado.

- Amor? O que sabes tu dessa emoção incomparável, Julilla? Como podes manchar a palavra ”amor” com qualquer imitação grosseira que tenhas experimentado? É amor transformar a vida do amado num tormento? É amor obrigar o amado a um compromisso que ele não quer, que não pediu? Será isto amor, Julilla?

- Penso que não - murmurou ela, e acrescentou -, mas pensei que era.

Os olhos dos pais encontraram-se acima da cabeça dela; em ambos **transpareceu uma dor arrevesada e amarga ao compreenderem as limitações** de Julilla, as suas próprias ilusões.

- Acredita, Julilla, o que quer que tenhas sentido e te fez comportar de maneira tão desprezível e desonrosa não era amor. - disse César, e levantou-se. - Não haverá mais leite de vaca, nem mais ovos, nem mais mel. Comerás o mesmo que o resto da família. Ou então, não comerás.226

É um assunto que não me diz respeito. Como teu pai e como *paterfamilias,* tratei-te desde o nascimento com honra, com respeito, com carinho, com consideração, com tolerância. Tu não me tiveste suficientemente em boa conta para me retribuires. Não te rejeito. E não te vou matar, nem mandar matar-te Mas a partir de *agora,* o que quer que faças é inteiramente da tua conta. Ofendeste-me a mim e aos meus, julilla. Talvez ainda mais imperdoavelmente, ofendeste um homem que não te deve nada, pois não te conhece e não tem qualquer relação contigo. Mais tarde, quando estiveres menos aterradora de ver, exigirei que peças desculpa a Lúcio Cornélio Sila Não exijo uma desculpa tua por qualquer de nós, pois perdeste o nosso amor e respeito, e isso faz com que as desculpas percam o valor.

E abandonou a salinha

O rosto de Julilla contorceu-se; virou-se instintivamente para a mãe e tentou acolher-se nos braços desta. Mas Márcia afastou-se, como se as roupas da filha estivessem envenenadas.

- Nojenta! - disse a mãe, em tom estridente. - Tudo isto por causa de um homem que nem merecia lamber o chão que os Césares pisam!

- Oh, Mamã!

- Não me venhas com isso Querias ser adulta, Julilla, querias ser bastante mulher para casares Agora, aprende a viver com isso - e Márcia também abandonou a salinha.

Escreveu Caio Júlio César dias mais tarde ao seu genro, Caio Mário:

E assim, o infeliz assunto está finalmente a acabar, Quem me dera poder dizer quejulilla aprendeu a lição, mas duvido muito, Dentro de alguns anos, Caio Mário, também tu enfrentarás os tormentos e dilemas da paternidade, e quem me dera poder dar-te o conforto de dizer que aprenderás com os meus erros. Mas não *aprenderás. Pois*

tal como cada criança que nasce neste mundo é diferente e tem de ser tratada de modo diferente, também cada pai o é. Onde teremos errado comJulilla? Honestamente, não *o sei, Nem sei se errámos. Talvez afalha seja inata, intrínseca, Estou amargamente magoado, bem como a pobre Márcia, que disso deu mais mostras pela sua subsequente rejeição de todas as aproximações amistosas e arrependidas dejulilla. A criança sofre terrivelmente, mas questionei-me sobre se deveríamos manter as distâncias de momento, e decidi que devemos fazê-lo. Amor, sempre lhe demos, mas uma oportunidade de se disciplinar, ainda não a teve. Para que tudo isto tenha algum proveito para ela, terá de sofrer.*227

O sentido dajustiça obriga-me a procurar o meu vizinho Lúcio Cornélio Sila e fazer-lhe um pedido de desculpas colectivo, que terá de servir até ao aspecto de Julilla melhorar e poder pedir-lhe desculpa em pessoa. Embora ele não quisesse entregá-las, insisti para que devolvesse todas as cartas dejulilla - por uma vez rara ser pater familias *valeu de alguma coisa. Mandei Julilla queimá-las, mas só depois de ter lido todas aquelas parvoíces a mim e à sua mãe. Que terrível ter de ser tão duro para alguém da mesma carne e do mesmo sangue! Mas receio que apenas a mais humilhante das lições entrará no pequeno coração egoísta de Julilla.*

Bem. Chega dejulilla e das suas histórias. Coisas muito mais importantes se estão a passar. Eu poderei vir a ser o único a enviar esta notícia para a Província Africana, pois prometeram-mefirmemente que esta irá num barco rápido que deixará Putéolos amanhã. Marco Júnio Silano foi chocantemente derrotado pelos Germanos. Mais de trinta mil homens estão mortos, e o mesmo está tão desmoralizado e mal comandado que destroçou em todas as direcções. Não é que Silano pareça importar-se, ou será mais correcto dizer que parece valorizar mais a sua própria sobrevivência do que a das suas tropas. Foi ele mesmo que trouxe a notícia para Roma, mas numa versão tão atenuada que conseguiu adiantar-se à indignação pública, e quando a verdade foi conhecida, retirara à calamidade a maior parte do seu peso chocante. É evidente que a

intenção dele é livrar-se de ser acusado de traição, e penso que será bem sucedido. Se fosse a Comissão Mamiliana a julgá-lo, era possível que fosse condenado. Mas um julgamento na Assembleia Centurial, com todas aquelas regras e regulamentos antiquados e tantos jurados? Não compensa o esforço de começar os procedimentos, é assim que sente a maioria de nós.

E, ouço-te perguntar, o que aconteceu aos Germanos? Continuam a precipitar-se para a costa do mar Central? Os habitantes de Massília estão a empacotar as suas coisas em pânico? Não. Pois acreditas que tendo aniquilado o exército de Silano, de imediato viraram costas e se dirigiram para norte? Como se pode lidar com um inimigo tão enigmático, tão completamente imprevisível? Digo-te, Caio Mário, nós trememos dos pés à cabeça. Porque eles voltarão. Mais tarde, segundo parece, e não em breve, hão-de voltar. E não temos comandantes para lhes fazerem frente que sejam melhores do que Marco Júnio Silano. Como é habitual nos dias que correm, as legiões de Aliados Italianos constituíram a maioria das baixas, embora também tenham tombado muitos soldados romanos. E o Senado tem agora de lidar com uma corrente de queixas, desde os Marsos aos Samnitas, e uma quantidade de outros Povos italianos.

Mas para terminar num tom mais leve, estamos de momento a ter uma batalha hilariante com o nosso estimado censor Marco Emílio Escauro. O outro sensor, 228

Marco Livio Druso, morreu subitamente há três semanas, o que originou o fim abrupto do lustrum dos censores. Evidentemente, Escauro é forçado a retirar-se. Mas recusa-se! E é aí que reside a hilariedade, Mal terminou o funeral de Druso, o Senado convocou e ordenou a Escauro que abandonasse os seus deveres censoriais, para que o lustrum fosse oficialmente concluído na cerimónia habitual. Escauro recusou.

- "Eu fui eleito censor, estou a meio dos contratos para os meus programas de construção, e não posso de modo nenhum abandonar

o meu trabalho neste ponto", disse ele.

"Marco Emílio, Marco Emílio, não te cabe decidir!", disse Metelo Dalmático Pontifex Maximus. "A lei diz que quando um censor morre em funções, o lustrum *termina, e o outro censor tem de demitir-se de imediato."*

- "Não me interessa o que diz a lei!", retorquiu Escauro.

- "Não posso demitir-me agora, e não o farei."

Pediram e suplicaram, gritaram e discutiram, tudo em vão. Escauro estava decidido a criar um precedente, desprezando as convenções e permanecendo censor. Por isso, voltaram a pedir e suplicar, gritar e discutir. Até que Escauro perdeu a paciência e as maneiras.

- "Estou-me nas tintas para vocês todos!", gritou, e foi direito aos seus contratos e mapas.

Então, Dalmático Pontífice Máximo convocou outra reunião do Senado, e obrigou-a a promulgar um consultum *formal exigindo a demissão imediata de Escauro. Partiu uma delegação para o Campo de Marte, e conferenciou com ele, sentado no pódio do templo de júpiter Stator, edifício que escolhera para o seu gabinete, por ser mesmo ao lado do Porticus Metelii, onde a maioria dos empreiteiros da construÇão têm a sua sede.*

Como sabes não sou um dos homens de Escauro. Ele é tão astuto como Ulisses, e é um mentiroso tão grande como Paris. Mas, oh, gostava que o tivesses visto transformá-los em picado! Como um exemplar humano tão feio, magro e baixo como o Escauro consegue fazer isso, é coisa que não entendo - nem tem um único cabelo na cabeça! Márcia diz que são os seus belos olhos verdes e a sua ainda mais bela voz e o magnífico sentido de humor. Bem, admito o sentido de humor, mas o charme dos seus aparelhos ocular e ***vocal escapam-me.***

*Márcia diz que sou um homem típico, embora não saiba o que quer dizer ela com isso. As mulheres têm a tendência para procurar refúgio em comentários deste género quando apanhadas pela lógica, segundo descobri. Mas deve haver também uma lógica obscura no seu êxito, e quem sabe? Talvez Márcia tenha razão.*229

E lá estava ele sentado, o pequeno poseur, rodeado de toda a magnificência do primeiro templo de mármore de Roma, e as gloriosas estátuas dos generais de Alexandre, O Grande, todos montados a cavalo, que Metelo Macedónico pilhou de Péla, a antiga capital de Alexandre. Dominando tudo. Como é isto possível, um baixote romano sem cabelos ultrapassando os cavalos magníficos em dimensões naturais de Lisipo? Juro que sempre que vejo os generais de Alexandre, espero vê-los descer dos seus plintos e ir-se embora nos cavalos, tão diversos como Ptolomeu Parmenião.

Mas estou a divagar. Voltemos ao assunto, então. Quando Escauro viu a delegação, pôs de lado contratos e empreiteiros e sentou-se muito direito na sua cadeira curul, de toga perfeitamente drapeada, com um pé esticado na pose clássica.

- "Então?" Perguntou, dirigindo a pergunta a Dalmático Pontifex Maximus, que fora escolhido para porta-voz.

"Marco Emílio, o Senado promulgou um consultum exigindo que te demitas imediatamente", disse esse infeliz.

- "Não o farei", disse Escauro.

- "Tens de demitir-te!", baliu Dalmático.

- "Não tenho defazer nada!", disse Escauro, e virou-lhes as costas, dizendo aos empreiteiros que se aproximassem de novo. "O que estava eu a dizer antes de ter sido interrompido tão grosseiramente?", perguntou.

Dalmático, voltou a tentar. "Marco Emílio, peço-te!"

Mas tudo o que recebeu pelas suas preocupações pontificais foi um "Estou-me ralando para ti!"

Após o Senado ter disparado a sua flecha, o problema foi transferido para a Assembleia da Plebe, tornando assim a Plebe responsável por uma questão que não fora criada por ela, considerando que é a Assembleia Centurial, um organismo muito mais exclusivo do que a Assembleia da Plebe, que elege os censores. No entanto, a Plebe reuniu para discutir a situação de Escauro, e concedeu ao seu Colégio de Tribunos uma última tarefa do seu ano em funções, Receberam ordens para tirar Marco Emílio Escauro das suas funções de censor, fosse de que modo fosse.

Por isso, ontem, no nono dia de Dezembro, dez tribunos da Plebe dirigiram-se para o templo dejúpiter Stator, com Caio Limetano à frente.

- "Tenho ordens do Povo de Roma, Marco Emílio Escauro, para te depor das tuasfunções como censor", disse Mamílio.

*- "Como não foi o Povo de Roma que me elegeu, o Povo não pode depor-me", disse Escauro, com o seu scone careca brilhando ao sol como uma maçã de Inverno polida.*230

"Não obstante, Marco Emílio, o Povo é soberano, e o Povo diz que deves sair", disse Mamílio.

- "Não sairei!", disse Escauro,

"Nesse caso, Marco Emílio, tenho autorização do Povo para te prender e manter-te na prisão até te demitires formalmente", disse Mamílio.

- "Toca-me com um dedo que seja, Caio Mamílio, e voltarás a ter a voz de soprano da tua juventude!", disse Escauro.

Pelo que Mamílio se voltou para a multidão que se juntara para ver o espectáculo e gritou: "Povo de Roma, chamo-vos a testemunhar que interponho aqui o meu veto contra quaisquer actividades censoriais futuras de Marco Emílio Escauro!", declarou.

E evidentemente, isso concluiu a questão. Escauro enrolou os contratos e entregou tudo aos seus funcionários, mandou o escravo dobrar a cadeira de marfim, e ficou afazer vénias em todas as direcções para a multidão que aplaudia, pois o que esta prefere acima de tudo é uma boa confrontação entre os seus magistrados, e adorava Escauro de todo o coração por ter a coragem que os Romanos admiram nos seus magistrados. De seguida, desceu a passos largos as escadas do templo, deu uma palmada no cavalo de Perdicas ao passar, e abandonou o campo, levando os louros.

César suspirou, encostou-se na cadeira e achou que era melhor comentar as notícias que Mário - de modo nenhum um correspondente tão palavroso como o seu sogro - lhe enviara da província romana *em* África, onde Metelo, segundo parecia, conseguira afundar a guerra contrajugurta num lamaçal de acções inconsistentes e mau comando. Ou pelo menos, era essa a versão de Mário, embora não coincidisse com os relatos que Metelo estava sempre a enviar para o Senado.

Ouvirás dizer em breve - se é que ainda não tomaste conhecimento disso que o Senado prorrogou o comando de Quinto Cecílio da Província Africana e da guerra contrajugurta. Estou certo de que não ficarás surpreendido. É *que espero que, tendo saltado esta grande barreira, Quinto Cecílio Metelo aumente a actividade militar, pois uma vez que o Senado prorrogue o comando de um governador, ele pode estar certo de deter esse comando até considerar terminado o perigo para a sua província. É uma táctica perspicaz permanecer inerte até ao termo do ano consular e o imperium proconsular ser outorgado.*

Mas sim, concordo que o teu general foi chocantemente dilatório em não começar sequer a campanha senão quase no fim do Verão, especialmente tendo em *conta que chegou no início da Primavera. Mas os seus despachos dizem que o exército* precisava 231

de muito treino, e o Senado acredita nele. E também me escapa o motivo porque te terá escolhido a ti, homem de infantaria, para chefiar a sua arma de cavalaria, tal como =parece um desperdício dos talentos de Públio Rutílio usá-lo como praefectusfabrum, *quando serviria melhor em campo e não a andar a tratar de colunas de abastecimento e reparações da artilharia. Contudo, éprerrogativa de um general usar os seus homens como melhor lhe aprouver, desde os delegados séniores até aos recrutas auxiliares.*

Roma inteira ficou deliciada com a notícia da captura de Vaga, embora deva sublinhar que a tua carta dizia que a cidade se tinha rendido. E - se me permites que advogue a favor de Quinto Cecílio - não consigo ver por que motivo te indignas tanto com a escolha de Turpílio, amigo de Quinto Cecílio, para comandante da guarnição de Vaga. Será importante?

Impressionou-me muito mais a tua versão da batalha no rio Mútul do que a versão contida no despacho senatorial de Quinto Cecílio, o que devia consolar-te da minha pontinha de cepticismo, e assegurar-te de que permaneço do teu lado. E estou certo de que tens razão ao dizer a Quinto Cecílio que a melhor forma de ganhar a guerra contra a Numídia é capturar o próprio Jugurta, pois, tal como tu, acredito que é ele a origem de toda a resistência na Numídia.

Lamento que esteprimeiro ano tenha sido tão frustrante para ti, e que Quinto Cecílio tenha aparentemente decidido que pode vencer sem usar quer o teu talento, quer o de Públio Rutílio. Ser-te-á muito mais difícil ser eleito cônsul no ano depois do próximo se não tiveres uma oportunidade de brilhar nas próximas campanhas da Numídia, Mas, Caio Mário, não espero que aceites tal tratamento, e estou

certo de que encontrarás forma de brilhar, apesar de tudo o que Quinto Cecílio possa fazer de mau.

Terminarei com um assunto do Fórum. Devido à perda do exército de Sílano na Gália Transalpina, o Senado eliminou uma das últimas leis de Caio Graco que ainda subsistiam, nomeadamente a que limita o número de vezes que um homem se pode alistar. Já não têm de ser dezassete, nem os dez anos de tropa o excluem do serviço militar, nem mesmo seis campanhas. É um sinal dos tempos. Tanto Roma como a Itália estão rapidamente a ficar desprovidas de homens para as legiões.

Trata bem de ti, e escreve logo que as minhas fracas tentativas de defender Quinto Cecílio se tenham apagado o suficiente para te permitir pensar em mim com afecto. Permaneço o teu sogro, e continuo a ter muito boa opinião de ti,

E esta, Pensou Caio Júlio César, era uma carta que merecia bem ser enviada, cheia de notícias e bons conselhos e consolo. Caio Mário recebê-la-ia antes de expirar o ano velho.*232*

Afinal, foi apenas em finais de Dezembro que Sila acompanhou Clitumna até Circeios, cheio de solicitude e meiguice. Embora tivesse receado que os seus planos falhassem, pois com o tempo a disposição de Clitumna poderia melhorar, a mudança extraordinária da sua sorte continuou a favorecê-lo, pois Clitumna continuava profundamente deprimida, como Márcia com certeza não deixaria de comunicar a César.

Tal como as outras *villas* da Campânia, a de Clitumna não era muito grande, mas mesmo assim era bastante maior do que a casa do Palatino; os romanos que faziam férias e podiam pagar o luxo de possuir *villas de* campo gostavam de se sentir rodeados de espaço. Situada no alto do promontório vulcânico e com praia privativa, a *villa* ficava a alguma distância de Circeios, e não havia vizinhos por perto. Um dos muitos construtores especuladores que frequentavam

a costa da Campânia havia-a construído durante o Inverno de três anos antes, e Clitumna comprara-a mal descobrira que o construtor tinha talento para canalizações e instalara um chuveiro e uma banheira.

Por isso, a primeira coisa que Clitumna fez ao chegar foi tomar um duche, jantando a seguir. Depois, ela e Sila deitaram-se em quartos separados, e sozinhos. Ele apenas ficou em Circeios durante dois dias, dedícando todo o seu tempo a Clitumna, que continuava desconsolada, embora não quisesse que Sila partisse.

- Tenho uma surpresa para ti - disse ele, enquanto caminhava com Clitumna pelos terrenos que rodeavam a *vila,* de manhã cedo, no dia em que regressou a Roma.

Mesmo isso mal provocou uma resposta.

- Sim? - respondeu a mulher.

- Na primeira noite de lua cheia terás a tua surpresa - disse Sila, em tom sedutor.

- Noite? - perguntou ela, minimamente interessada.

- Noite, *e* de lua cheia! Isto é, desde que seja uma noite amena e se veja a lua cheia.

Estavam parados em frente da alta fachada da *villa,* a qual, como a maioria das *villas,* fora construída num terreno inclinado, com uma *loggia no* topo da secção frontal, onde o dono podia sentar-se a ver a vista. Atrás da fachada estreita havia um vasto jardim do peristilo, e atrás do jardim ficava *a villa* propriamente dita, onde se situavam os quartos. Os estábulos ficavam ao nível do chão, com os alojamentos do pessoal que lá trabalhava mesmo por cima, situando-se a *loggia* também no andar superior.233

O terreno à frente da *villa* de Clitumna formava um declive e era coberto por ervas e um emaranhado de roseiras que se estendiam até ao topo do penhasco, e fora perfeitamente delineado, com uma fila de árvores de cada lado, o que garantia a privacidade no caso de construirem outra *villa* no lote de terreno ao lado.

Sila apontou para a grande mata de pinheiros e ciprestes, à esquerda.

- É segredo, Clitumna - disse o homem, no que ela chamava a sua ”voz rosnadora”, que era sempre sinal de uma corte amorosa prolongada e particularmente deliciosa.

- O que é o segredo? - perguntou Clitumna, começando a ficar ansiosa.

- Se te dissesse, deixava de ser segredo - murmurou Sila, mordiscando-lhe a orelha.

Ela contorceu-se e animou-se um pouco.

- O segredo é o mesmo que a surpresa na noite da lua?

- Sim. Mas *tens* de manter tudo em segredo, incluindo o facto de eu te ter prometido uma surpresa. juras?

-juro - disse ela.

- Tudo o que tens de fazer é sair de casa no início da terceira hora de escuridão, oito dias após a noite de ontem. Deves descer completamente sozinha, e esconder-te naquela mata - disse Sila, acariciando-lhe a anca. A apatia dela desaparecera.

- Oh! É uma surpresa agradável? - perguntou, dizendo a última palavra com uma voz aguda.

- Será a surpresa maior de toda a tua vida - respondeu Sila -, e não se trata de uma promessa vã, querida. Mas exijo algumas condições. Ela enrugou o nariz como uma miúda e disse com um sorriso afectado:

- Sim?

- Antes de tudo, ninguém pode saber, nem mesmo a pequena Bithy. Se o confidenciares a alguém, a tua surpresa transformar-se-á em desilusão. E ficarei muito, muito zangado. Não queres que eu fique muito, muito zangado, pois não, Clitumna?

Ela tremeu.

- Não, Lúcio Cornélio.

- Então, guarda bem o segredo. A tua recompensa será surpreendente, uma experiência completamente nova e diferente - sussurrou ele.

- Com efeito, se conseguires manter um ar especialmente abatido a partir de agora, será ainda melhor, garanto-te.

- Portar-me-ei bem, Lúcio Cornélio - disse a mulher com ardor.234

Sila conseguia entender o percurso seguido pela mente dela, e sabia que Clitumna se convencera de que a surpresa era uma companheira nova e agradável - feminina, atraente, sexualmente desejável, adequada e uma boa linguareira para passar os longos dias que separariam as adoráveis noites. Mas já conhecia Sila demasiado bem para saber que tinha de seguir as suas condições, senão voltaria a afastar quem quer que fosse para sempre - instalando-a talvez num apartamento, agora que tinha o dinheiro de Nicópole. Além disso, ninguém se opunha a Sila quando ele ficava sério, razão pela qual os servos de casa de Clitumna não diziam palavra sobre o que se passara entre Clitumna, Nicópole e Sila, e se

alguma vez haviam dito qualquer coisa, fora com um medo tal que o impacto das suas palavras ficara muito atenuado.

- Há mais uma condição - disse ele. Ela aconchegou-se-lhe.

- Sim, querido Lúcio?

- Se a noite não for boa, a surpresa não pode vir. Por isso, tens de respeitar o tempo. Se a noite estiver húmida, espera pela próxima noite seca.

- Compreendo, Lúcio Cornélio.

Assim, Sila partiu para Roma num carro alugado, **deixando Clitumna** fielmente abraçada ao seu segredo, e tentando apresentar um quadro de depressão aguda. Mesmo Bithy, com quem Cliturrina se habituara a dormir, acreditava na desolação da sua senhora.

Ao chegar a Roma, Sila mandou chamar o mordomo da casa de Clitumna no Palatino; não fora transferido para Circeios porque a *villa* tinha o seu próprio mordomo, que tomava conta da casa durante a ausência da dona - e a enganava com astúcia. O mesmo fazia o mordomo da casa do Palatino.

- Quantos servos deixou a senhora aqui, Lamus? - perguntou Sila, sentando-se à mesa de trabalho do gabinete; era evidente que estava a *fazer uma* lista qualquer, pois tinha-a debaixo *da mão.*

- Apenas eu, dois rapazes de dentro, duas raparigas, um rapaz encarregado de ir ao mercado e o ajudante de cozinheiro, Lúcio Cornélio disse o mordomo.

- Vou ter de contratar pessoal extra, pois daqui a quatro dias, Lamus, darei uma festa.

Sila estendeu a lista ao mordomo estupefacto, que não sabia se havia de protestar que a senhora Clitumna não lhe falara de nenhuma235

festa na sua ausência, ou alinhar com a ideia e rezar para que não houvesse distúrbios a seguir, quando viessem as contas. Então, Sila aliviou-o.

- Isto é comigo, por isso sou eu que pago - disse Sila -, e terás um grande bónus, sob duas condições: primeiro, se colaborares em todos os preparativos para a festa, e depois, se não a mencionares à senhora Clitumna quando regressar a casa, seja quando for. Entendeste?

- Completamente, Lúcio Cornélio - disse Lamus, fazendo uma grande vénia; a generosidade era um assunto que todos os escravos que haviam chegado a mordomos percebiam quase tão bem como a manipulação dos livros de contas.

Sila foi logo contratar dançarinas, músicos, acrobatas, cantores, mágicos, bobos, e outros. Porque ia *ser* uma festa *para acabar* com as festas, uma que pretendia que se ouvisse por todo o Palatino. A sua última paragem foi no apartamento de Cílax, o actor de comédia.

- Quero pedir Metróbio emprestado - disse, entrando abruptamente no compartimento que Cílax preferira escolher para sala de estar em vez de gabinete. Era o apartamento de um sibarita, com aromas de incenso e madeira de cássia, submerso em tapeçarias, cheio de leitos e pufes estofados com a melhor lã.

Cílax sentou-se indignado, no momento em que Sila se afundava num dos leitos voluptuosamente almofadados.

- Sinceramente, Cílax, és tão suave como creme de leite e ovos, e tão decadente como um potentado sírio! - disse Sila. - Porque não

arranjas algum mobiliário vulgar de crina de cavalo? Isto faz um homem sentir-se nos braços duma enorme prostituta! Bah!

- Estou-me nas tintas para o teu gosto - ciciou Cílax.

- Desde que me entregues Metróbio, podes estar-te nas tintas para o que quiseres.

- **Por que hei-de** fazê-lo, seu... seu selvagem? - Cílax passou as mãos pelos caracóis pintados de louro, cuidadosamente penteados; abriu e fechou as longas pestanas escurecidas com *stibium,* e revirou os olhos.

- Porque o rapaz não te pertence de corpo e alma - disse Sila, experimentando o pufe com o pé para ver se era menos mole.

- *Ele pertence-me* de corpo e alma! E nunca mais foi o mesmo, desde que mo roubaste e levaste a passear por toda a Itália, Lúcio Cornélio! Não sei o que lhe fizeste, mas estragaste-mo!

Sila mostrou os dentes.236

- Fiz dele um homem, não é verdade? já não gosta de comer a tua trampa, não é? Ah! - *e com* esta expressão de repugnância, Sila levantou a cabeça e rosnou - Metróbio!

O rapaz entrou a correr pela porta adentro e atirou-se a Sila, cobrindo-lhe o rosto de beijos.

Por cima da nuca negra do rapaz, Sila abriu um olho mortiço a Cílax e agitou as sobrancelhas cor de gengibre.

- Desiste, Cílax, o teu rapaz prefere-me - disse, e demonstrou a verdade da sua afirmação, levantando a aba do rapaz para mostrar a erecção deste. Cílax desatou a chorar, manchando a cara de *stibium.*

- Vem, Metróbio - disse Sila, levantando-se com esforço. À porta, voltou-se para trás para atirar um papel dobrado ao choroso Cílax. - Há festa em casa de Clitumna dentro de quatro dias - disse-lhe. - Vai ser a melhor de todas, por isso engole o teu mau-humor e aparece. Poderás voltar a *ficar* com Metróbio, se vieres.

Todos foram convidados, incluindo Hércules Atlas, que era considerado o homem mais forte do mundo, e alugava os seus serviços em feiras e festas e festivais dum lado ao outro de Itália. Nunca sendo visto fora de portas sem estar vestido com uma pele de leão roída pelas traças e transportando um osso enorme, Hércules Atlas era um pouco uma instituição. Não obstante, era raro convidarem-no para festas, onde fazia o seu número de homem-forte, pois quando o vinho lhe escorria pela garganta como a água no Aqueduto Márcio, Hércules Atlas ficava muito agressivo e com mau génio.

- És desequilibrado do miolo, para convidares aquele touro! - disse Metróbio, brincando com os caracóis brilhantes de Sila enquanto se debruçava sobre o ombro dele para espreitar mais uma lista. A verdadeira mudança ocorrida em Metróbio durante a sua estadia com Sila fora a sua instrução; Sila ensinara o rapaz a ler e a escrever. Desejoso de ensinar-lhe todas as artes que conhecia, desde a representação à sodomia, Cílax fora demasiado astuto para lhe proporcionar uma coisa tão emancipadora como a instrução.

- Hércules Atlas é meu amigo - disse Sila, beijando os dedos do rapaz um por um com muito mais prazer do que quando beijara os de Clitumna.

- Mas fica doido quando está bêbedo! - protestou Metróbio. - Vai deitar a casa abaixo, e provavelmente um ou dois convidados! Contrata-O para actuar, mas não o aceites como convidado!237

- Não posso fazê-lo - disse Sila, com um ar preocupado. Puxou o rapaz por cima do ombro e sentou-o no colo. E Metróbio pôs-lhe os

braços à volta do pescoço e elevou o rosto. Sila beijou-lhe as pestanas muito devagar, com muita doçura.

- Lúcio Cornélio, por que não ficas comigo? - perguntou Metróbio, aconchegando-se ao braço de Sila com um suspiro de prazer.

Os beijos cessaram. Sila franziu as sobrancelhas.

- Estás muito melhor com Cílax - disse subitamente.

Metróbio abriu uns olhos enormes e escuros, totalmente inundados de *amor.*

- Não estou, a sério, não estou! As prendas e as aulas de representação e o dinheiro não me interessam, Lúcio Cornélio! Gostava muito mais de estar contigo, por mais pobres que fôssemos!

- A tua oferta é tentadora, e ficava contigo num abrir e fechar de olhos - se tencionasse continuar pobre - disse Sila, abraçando o rapaz como se quisesse guardá-lo no seu íntimo. - Mas não tenciono continuar pobre. Tenho o dinheiro de Nicópole e estou a especular com ele. Um dia, terei o bastante para me apresentar à admissão no Senado.

Metróbio endireitou-se.

- *O Senado!* - virando-se, fixou o rosto de Sila. - Mas tu não podes, Lúcio Cornélio! Os teus antepassados eram escravos como eu!

- Não eram, não - disse Sila, retribuindo o olhar. - Eu sou um Cornélio patrício. O meu lugar é no Senado.

- Não acredito!

- É verdade - disse Sila calmamente. - É por isso que não posso aceitar a tua oferta, por mais sedutora que seja. Quando eu puder candidatar-me ao Senado, terei de me tornar um modelo de decoro:

nada de actores nem de mimos... e nada de rapazes bonitos - deu uma palmada nas costas de Metróbio e abraçou-o. - Agora, toma atenção à lista, rapaz, e deixa-te de meneios! Não ajudam nada a minha concentração. Hércules Atlas vem como convidado e vem actuar, e está decidido.

De facto, Hércules Atlas foi dos primeiros convidados a chegar. A notícia da orgia que se aproximava já percorrera a rua de alto a baixo, claro, e os vizinhos haviam-se preparado para aguentar uma noite de gritos, guinchos, música alta e barulhos inímagináveis de coisas a partirem-se. Como de costume, era com mascarados. Sila vestira-se como a ausente Clitumna, com xailes de franjas, anéis e uma peruca cheia de caracóis enrolados como chouriços, e estava sempre a fazer imitações sinistras do238 seu riso abafado, das risadas, das gargalhadas estrondosas. E como os convidados a conheciam bem, a representação foi muito apreciada, Metróbio voltou a aparecer equipado com asas, mas nesta noite era mais um ícaro do que um Cupido, e derretera inteligentemente as extremidades das asas, pelo que estas pendiam e pareciam meio destruídas. Cílax veio de Minerva, e arranjara-se de forma a fazer a deusa sombria e maria-rapaz parecer uma prostituta velha e demasiado maquilhada. Quando viu Metróbio agarrado a Sila, começou a embebedar-se, e em breve esqueceu a maneira como devia usar o escudo, a roca, o mocho empalhado e a lança, e acabou por tropeçar neles a um canto, onde ficou a chorar até adormecer,

Deste modo, Cílax não pôde ver a sucessão infinita de números, os cantores que começaram com melodias gloriosas e trinados espantosos e acabaram com canções simples como

A minha irmã Rosarinho

Casou com o Gustavo do **moinho Que** lhe moeu o centeio

Debaixo da torre do meio Disse o pai - Isto acabou.

- Está visto que ele te apanhou. Casas-te já, e mais nada,

Senão dou-te uma paulada!

que eram muito populares entre os convidados, que sabiam a letra e podiam acompanhar.

Havia dançarinas que se despiam com uma arte requintada, exibindo a púbis sem o mais pequeno pêlo, e um homem cujo os cães amestrados dançavam tão bem - se não com igual lubricidade - e um famoso número com animais, de Arinóquia, em que actuavam uma rapariga e um burro

- com muita, muita popularidade entre o público, em que a metade masculina estava demasiado intimidada com os dotes do burro para se ocupar da rapariga, a seguir.

Hércules Atlas desempenhou o seu número em último lugar, *mesmo* antes de a festa se dividir entre os que estavam demasiado bêbedos para pensarem em sexo, e os que estavam suficientemente bêbedos para não pensarem em mais nada. Os libertinos reuniram-se à volta da colunata do jardim do peristilo, onde Hércules Atlas se colocara sobre um estrado239

firme. Depois de fazer o aquecimento dobrando algumas barras de ferro *e estalar alguns* toros grossos como se fossem ramos finos, o homem forte apanhou às dúzias raparigas que gritavam, carregando-as sobre os ombros, em cima da cabeça e debaixo dos braços. A seguir, elevou uma bigorna ou duas com as mãos e começou a suar vigorosamente, mais temível que qualquer leão em qualquer arena. Com efeito, estava a divertir-se imenso, pois o vinho escorria pela sua garganta como a água pelo Aqueduto Márcio, e a sua capacidade para comer e beber era tão fenomenal como a sua força. O problema era que, quanto mais bigornas levantava, mais desconfortáveis ficavam as raparigas, até que os seus gritos de alegria se transformaram em gritos de terror.

Sila correu para o meio do jardim e deu uma pancada delicada no joelho de Hércules Atlas.

- Vá, amigo, larga as raparigas - disse, do modo mais amável. - Estás a esmagá-las com esses bocados de ferro.

Hércules Atlas largou as raparigas imediatamente. Mas em vez delas, pegou em Sila, perdendo o temperamento amigável.

- Não venhas dizer-me como hei-de fazer o meu número! - bramiu, e enrolou Sila à volta da cabeça, como os sacerdotes de ísis levam as suas varas; a peruca, os xailes e vestes de Sila despenharam-se.

Alguns dos convivas entraram em pânico; outros decidiram ajudar, arriscando-se a aproximar-se e suplicando ao homem forte enlouquecido que pusesse Sila no chão. Mas Hércules Atlas resolveu o dilema de todos, enfiando Sila debaixo do braço com tanta naturalidade como um comprador o faz a um embrulho, e abandonando as festividades. Não havia forma de impedi-lo. Abrindo caminho por entre os corpos que se lançavam contra ele com violência como mosquitos, empurrou o servo encarregado da porta com um soco na cara que o fez percorrer meio *átrium, e* desapareceu na rua levando Sila.

No alto das Escadas de Vesta, parou.

- Fui bem? Fiz tudo bem, Lúcio Cornélio? - perguntou, pondo Sila no chão com delicadeza.

- Fizeste tudo na perfeição - disse Sila, cambaleando um pouco, pois estava tonto. - Vem, vou levar-te a casa.

- Não é necessário - disse Hércules Atlas puxando para cima a pele de leão e começando a descer a Escadaria de Vesta. - Moro a um passo daqui, Lúcio **Cornélio,** e a lua está quase cheia.

- Insisto - disse Sila, alcançando-o.240

- Faz o que quiseres - respondeu Hércules Atlas, encolhendo os ombros.

- É menos público pagar-te dentro de casa do que no meio do Fórum

- disse Sila pacientemente.

- Oh! Está certo! - Hércules Atlas bateu com a mão na cabeça bem musculada. - já nem me lembrava de que ainda não me tinhas pago. Vem, então.

Vivia em quatro compartimentos no terceiro andar *de uma* ínsula para lá do Clivus Orbius, no extremo da Subura, mas numa área bastante melhor. Mal entrou, Sila viu logo que os escravos tinham aproveitado para passar a noite fora, esperando sem dúvida que quando o amo chegasse não estivesse em estado de fazer contas de cabeça. Não parecia haver nenhuma mulher na casa, mas Sila resolveu confirmar.

- A mulher não está? - perguntou. Hércules Atlas cuspiu,

- Mulheres! Detesto-as - disse.

Havia um jarro de vinho e algumas taças em cima da mesa a que os dois homens se sentaram. Sila tirou uma bolsa bem recheada de onde a tinha escondido dentro de uma tira de linho à roda da cintura. Enquanto Hércules Atlas enchia duas taças de vinho, Sila desatou as tiras que atavam a bolsa e tirou com destreza um rolo farto de papel do seu interior. Depois, virou o fundo da bolsa ao contrário e fez correr sobre a mesa uma torrente de moedas de prata brilhantes. Com demasiada rapidez: três ou quatro *rolaram até* à borda e caíram no chão, tilintando.

- Eh! - gritou Hércules Atlas pondo-se de gatas para apanhar o seu pagamento.

Enquanto estava ocupado a rastejar pelo chão, Sila, não se preocupando com o tempo, desenrolou o papel que tirara e deitou o pó branco dentro deste para a taça que estava mais longe; à falta de qualquer utensílio, mexeu o vinho com os dedos até Hércules Atlas se arrastar da posição de gatas para ficar de pé, sentando-se em seguida.

- Saúde - disse Sila, pegando na taça mais próxima e batendo amavelmente com ela na do homem forte.

- Boa saúde, e obrigado por uma noite esplêndida - disse Hércules inclinando a cabeça para trás e elevando a taça, e despejando-a sem fazer uma pausa para respirar. A seguir, **voltou a encher** a taça e engoliu uma segunda dose, aparentemente ainda com o mesmo ar nos pulmões.241

Sila levantou-se, pÔs a sua taça na mão do homem forte e levou a outra taça, enfiando-a na sua túnica.

- Uma pequena lembrança - disse. - Boa noite - e esgueirou-se lentamente pela porta fora.

A ínsula estava em sossego, com o seu passeio à volta do pátio central bem resguardado para impedir que o lixo fosse despejado no vão. Muito depressa e sem ruído, Sila desceu três lanços de escadas e saiu para a rua estreita sem ninguém o ver. A taça que furtara foi parar dentro dum esgoto; Sila ficou à escuta até a ouvir estilhaçar-se muito abaixo, e depois atirou também o pedaço de papel. No Poço de Juturna, abaixo das Escadas de Vesta, fez uma pausa, mergulhou as mãos e os braços nas suas águas calmas e lavou, lavou e lavou. Isso! Deveria ser mais que suficiente para lavar o pó branco que pudesse ter ficado agarrado à sua pele branca ao abrir o papel e mexer o vinho que Hércules Atlas engolira tão bem.

Mas não voltou para a festa. Afastou-se completamente do Palatino, indo em direcção da **Via Nova,** através da Porta Capena. Fora da cidade, entrou num dos muitos estábulos da vizinhança que

alugavam cavalos ou carros aos residentes em Roma; poucos romanos possuíam mulas, cavalos, meios de transporte. Era mais barato e mais fácil alugá-los.

O estábulo que escolheu era bom e famoso, mas a sua ideia de segurança era muito vaga; o único moço de serviço estava a dormir em cima de um fardo de palha. Sila ajudou-o a entrar num sono mais profundo com um soco na nuca, e demorou-se andando para trás e para a frente, a escolher uma mula de aspecto forte e amigável. Como nunca na vida tinha posto uma sela numa montada, demorou algum tempo a entender precisamente o que devia fazer, mas ouvira dizer que os animais sustinham a respiração enquanto a cilha estava a ser apertada, e por isso esperou pacientemente até verificar que os pulmões da mula estavam normais, montou e bateu levemente com os calcanhares nos flancos do animal.

Embora fosse um principiante a montar, não tinha medo de cavalos nem de mulas, e confiava na sorte para conduzir a montada. Os quatro chifres - um de cada lado da sela - mantinham um homem seguro na garupa do animal, desde que este não fosse dado a dar pinotes, e nesse aspecto as mulas eram mais dóceis do que os cavalos. O único freio que conseguira fazer a mula aceitar fora um bridão liso, mas o seu corcel parecia estar à vontade e a mascar bem nele, e por isso, dirigiu-se à Via Ápia iluminada pela lua com toda a confiança na sua capacidade de fazer uma grande distância antes da manhã. Era cerca de meia-noite.242

A cavalgada pareceu-lhe extenuante, pois não estava habituado a montar. Acompanhar a liteira de Clitumna era uma coisa, mas esta apressada viagem era outra muito diferente. Ao fim de algumas milhas, as suas pernas doíam-lhe insuportavelmente de penderem sem apoio, e as nádegas contorciam-se com o esforço de mantê-lo direito na sela, e os testículos sentiam todo e qualquer solavanco Contudo, a mula andava bem, e chegou a Tripontium antes da madrugada.

A partir daí, deixou a Via Ápia e fez corta-mato em direcção a costa, pois havia algumas estradas grosseiras que atravessavam os Paúis Pontinos, e o caminho era muito mais curto - e igualmente muito menos público do que se seguisse a Via Ápia até Tarracina, indo depois para Norte, em direcção a Circeios.

Parou perto de um grupo de árvores num ermo, pois o terreno era seco e firme, e não parecia haver mosquitos. Amarrando a mula a um cabresto que tinha pensado roubar, colocou a sela à sombra de um pinheiro, e dormiu um sono sem sonhos.

Dez curtas horas de luz mais tarde, e após ter bebido e dado de beber à mula num riacho próximo, Sila concluiu a viagem Escondido do olhar de todos os que pudessem vê-lo por uma capa com capuz que levara do estábulo, prosseguiu com bastante mais ligeireza do que antes, apesar da terrível dor na espinha e da dor no traseiro e nos testículos. Até aí, não tinha comido nada, mas não sentia fome, a mula comera uma boa erva, e por isso estava satisfeita e muito repousada. E ao lusco-fusco, chegou ao promontório onde ficava a *villa* de Clitumna, desmontando com um verdadeiro alívio. Mais uma vez livrou a mula da sela e do *freio, mais* uma vez a amarrou para ela poder pastar Mas desta vez, deixou-a sozinha a descansar.

Tivera sorte A noite estava perfeita, calma e estrelada, nem *uma* nuvem se via na fria abóbada anil E quando a segunda hora da noite começou a esgotar-se, a lua nasceu atrás dos montes e pouco a pouco foi enchendo a paisagem com a sua luminosidade estranha, uma luz que concedia aos olhos o poder de ver, mas era em si mesma invisível.

E a sensação da sua própria inviolabilidade aumentou em Sila, afugentou o cansaço e a dor, apressou o fluxo do seu sangue gelado e *fez a* sua mente, curiosamente calma, entrar numa fase de puro divertimento. Era feliz, era afortunado Tudo corria em beleza, e continuaria a correr em beleza E isso queria dizer que podia passar o tempo *numa bruma* de bem-estar, podia mesmo *divertir-se* Quando

a hipótese de se ver livre de Nicópole se apresentara tão súbita e inesperadamente, não tinha tido243

tempo de gozá-la, apenas pudera tomar uma decisão rápida e esperar que as horas passassem. As suas investigações durante as férias com Metróbio haviam-lhe revelado O Destruidor, mas fora Nicópole que escolhera a sua própria morte; ele apenas fora envolvido como catalizador. A sorte é que a arrastara até ali, A sorte dele. Mas esta noite, fora o cérebro que o arrastara até ali; a sorte acompanhá-lo-ia. E quanto ao medo - o que havia a temer?

Clitumna estava lá, à espera à sombra dos pinheiros, ainda sem impaciência, mas preparando-se para ficar impaciente se a surpresa se atrasasse. No entanto, Sila não se revelou imediatamente; antes, inspeccionou toda a área, para ter a certeza de que ela não trouxera ninguém consigo. E de facto viera sozinha. Até os estábulos e quartos desabitados por baixo *da loggia* estavam vazios de pessoas, interessadas ou desinteressadas.

Ao aproximar-se, fez ruído para a tranquilizar. Assim, quando Clitumna o viu surgir do escuro, estava preparada para que fosse ele, e estendeu os braços.

- Oh! Mesmo como tinhas dito! - murmurou, rindo baixinho no pescoço dele. - A minha surpresa! Onde está a minha surpresa?

- Primeiro um beijo? - perguntou Sila, com os dentes brancos mais claros do que a pele desta vez, tão estranho era o luar, tão mágico era o encantamento que o arrebatava.

Desejosa dele, Clitumna ofereceu-lhe avidamente os lábios. E estava bem levantada, com a boca colada à dele, nos bicos dos pés, quando ele lhe partiu o pescoço. Fora tão fácil. Canja. Era provável que nem tivesse dado por nada, pois ele não detectou sinais disso nos seus olhos bem abertos quando a **mão lhe empurrou** a cabeça para trás, indo ter com a outra mão que lhe mantinha as costas direitas, num movimento rápido como um golpe. Fácil. Canja. O som

chegou, tão cortante, tão nítido! E quando Sila a libertou, esperando que ela tombasse, Clitumna elevou-se ainda mais em bicos de pés e começou a dançar para ele, de mãos na cinta, a cabeça pendendo obscenamente, solavancos e saltos e palpitações que culminaram num rodopiar até cair num emaranhado de cotovelos e joelhos, feia, profundamente deselegante. O cheiro acre e quente da urina expelida **veio então ao encontro das narinas dele, e logo** a seguir o fedor mais forte da descarga dos intestinos.

Não gritou. Não se afastou. Gozou tudo aquilo com um prazer imenso, e enquanto a mulher dançava para ele, observou fascinado, e quando a viu cair, observou, afastando-se.244

- Bem, Clitumna - disse -, não morreste donzela.

Era necessário levantá-la, embora isso significasse ficar sujo de terra, manchado, cheio de nódoas. Não deviam restar marcas na erva fresca coberta de orvalho, indicações de que um corpo tinha sido arrastado razão principal pela qual decidira que teria de ser uma noite sem chuva. Por isso levantou-a, com excrementos e tudo, e levou-a ao colo durante o curto percurso até ao penhasco, com as vestes dela apertadas de forma a manter presos os excrementos, pois não queria que ficasse um rasto de fezes pela erva.

já tinha escolhido o lugar ideal, e dirigiu-se para lá sem hesitar, dado que o marcara com pedras brancas no dia anterior, quando a trouxera. Os seus músculos agruparam-se, contraíram-se; desfez-se dela para sempre, um belo rendilhado de rouparias, atirou-a fora de vez, a prumo como se fosse um pássaro fantasma a cair pelos rochedos abaixo. Ali ficou estendida, uma coisa informe à deriva, que o mar apenas transportaria para longe se houvesse uma tempestade violenta. Porque era vital que estivesse ferida; Sila não queria ganhar um lugar na prisão.

Tal como de madrugada, amarrou a mula perto do riacho, mas antes de levá-la a beber, entrou no riacho completamente vestido com a

sua túnica de mulher, e lavou as últimas marcas da madrasta, Clitumna. Após o que havia mais uma coisa a fazer, e que fez ao sair da água. No seu cinto havia um pequeno punhal dentro duma bainha; com a ponta afiada, fez um pequeno corte na pele da têmpora direita, cerca duma polegada abaixo da linha dos cabelos. Começou a *sangrar* de imediato, como todos os cortes no escalpe, mas era apenas o início. Não podia ficar com um ar composto ou uniforme. Por isso, puxou cada um dos lados da *ferida* com o dedo médio e o indicador de cada mão até a carne se separar de modo desigual, aumentando consideravelmente a ferida. O fluxo de sangue aumentou dramaticamente, caindo nas vestes que usara na festa, imundas e molhadas, e empapando o tecido de um modo maravilhosamente ensanguentado. Isso! Excelente! Tirou da bolsa do cinto uma almofada de linho branco preparada para o efeito, e apertou-a com força à volta do corte, e a seguir atou-a com uma tira de linho. O sangue escorrera-lhe pelo olho esquerdo; limpou-o com uma mão, pestanejando, e foi buscar a mula.

Cavalgou a noite inteira, escoucinhando a mula com dureza sempre que ela abrandava, pois estava muito cansada. No entanto, sabia que se dirigia para o estábulo, e, como todos os seus iguais, **tinha** um coração245

melhor e músculos mais robustos do que um cavalo. Gostava de Sila; era esse o segredo da sua bela resposta. Gostava do conforto do freio numa boca mais habituada à dor das barbelas; gostava do seu silêncio e economia; gostava da sua calma. E por causa dele, trotava, galopava, ia a passo, retomava o trote alongado assim que podia, com vapor a sair-lhe do pêlo desgrenhado em pequenas pistas que se desfaziam atrás deles. Porque não sabia da mulher que ficara lá, de pescoço partido antes da queda, nos rochedos cruéis em frente da sua enorme ***villa* branca. Aceitava Sila tal** como o achara, e achara-o extremamente amável.

A uma milha dos estábulos, Sila desmontou e retirou-lhe a tacha, lançando-a para uns arbustos; depois, deu-lhe uma palmada na

garupa e mandou-a em direcção aos estábulos, certo de que ela encontraria o caminho. Mas quando o homem começou a arrastar-se para a Porta Capena, a mula seguiu-o, e viu-se forçado a atirar-lhe pedras até que o animal percebesse, abanasse a cauda e partisse.

Abafado na sua capa de mulher, Sila entrou em Roma quando o céu a oriente se enchia de pérolas; em nove horas de setenta e quatro

minutos cada uma, fizera o caminho de Circeios até Roma, um feito nada pequeno para uma mula cansada e um homem que apenas aprendera a montar durante o trajecto.

A Escadaria de Caco ia do Circo Máximo até ao Gérmalo do Palatino, e era rodeada pelo terreno mais venerado - o espírito da cidade original de Rómulo vivia algures por ali, e uma pequena gruta insignificante e uma nascente na rocha indicavam o lugar onde a loba amamentara os gêmeos Rómulo e Remo depois de estes terem sido abandonados. Para Sila, pareceu o local ideal para deixar os seus ornamentos, pelo que a capa e a tira foram cuidadosamente enfiadas num tronco de árvore atrás do monumento do génio Loci. A ferida recomeçou logo a sangrar, mas lentamente; e assim, as pessoas da rua de Clitumna que se levantavam cedo, ficaram espantadas ao ver o homem desaparecido aparecer cambaleante com uma túnica de mulher cheia de sangue, imunda e maltratada.

Em casa de Clitumna estava tudo a pé; ninguém se deitara desde que Hércules Atlas partira irritado trinta e duas horas antes. Quando o servo abriu a porta a Sila, de aspecto terrível, acorreu gente de toda a parte a socorrê-lo. Puseram-no na cama, deram-lhe banho, e foi chamado nada mais nada menos que Atenodoro da Sicília para ver a ferida, e o próprio246

Caio Júlio César veio da casa ao lado perguntar o que tinha acontecido, pois todo o Palatino andara à procura dele.

- Conta-me o que puderes - disse César, sentando-se ao pé da cama. Sila tinha um ar convincente. Havia uma sombra azul de dor e

de cansaço nos seus lábios, a pele descolorida estava ainda mais pálida que de costume, e tinha os olhos vidrados de exaustão, cheios de derrames.

- Foi tolice - disse ele, articulando mal as palavras. - Não devia ter tentado interferir com Hércules Atlas. Mas sou forte, e sei tomar conta de mim mesmo. Mas nunca contei que um homem pudesse ser tão forte como ele mostrou que era... Pensei que ia fazer o seu número, nada mais. Estava tremendamente bêbedo, e levou-me com ele! Não pude fazer nada para impedi-lo. A certa altura pôs-me no chão. Tentei fugir, e ele deve ter-me batido, não sei. Mas dei comigo numa álca na Subura. Devo ter ficado para lá estendido pelo menos um dia. Mas sabes como é a Subura

- todos me deixaram como estava. Quando me pude mexer, vim para casa. É tudo, Caio Júlio.

- És um homem com muita sorte - disse César, de lábios apertados.

- Se Hércules Atlas te tivesse levado para o seu apartamento, podias ter partilhado o destino dele.

- O destino dele?

- O teu mordomo foi a minha casa ontem, ao ver que não vinhas, e perguntou-me o que devia fazer. Depois de ouvir a história, levei alguns gladiadores aos alojamentos do homem forte, e encontrei uma carnificina absoluta. Por qualquer razão, Hércules Atlas havia destruído o lugar: estilhaçou toda a mobília, fez grandes buracos nas paredes COM OS punhos, aterrorizou tanto os outros inquilinos que ninguém se aproximou. Estava deitado no meio da sala de estar, morto. Pessoalmente, acredito que se lhe tenha rompido uma artéria no cérebro, e terá enlouquecido com a agonia. Ou então, terá sido envenenado por algum inimigo - uma expressão de desagrado surgiu no rosto de César, mas que foi logo apagada. - Fez uma balbúrdia repelente ao morrer. Penso que os servos foram os primeiros a encontrá-lo, mas haviam partido há muito, quando

cheguei. Como não encontrámos dinheiro nenhum no local, presumo que levaram com eles tudo o que puderam, e fugiram. Por exemplo, recebeu algum pagamento pela actuação na tua festa? Se recebeu, não estava no apartamento.

Sila fechou os olhos, sem necessitar de fingir cansaço.

- Tinha-lhe pago com antecedência, Caio Júlio, e por isso não posso dizer-te se teria lá o dinheiro247

César pôs-se de pé.

- Bem, fiz tudo o que podia. - Olhou com dureza para a *figura* imóvel na cama, sabendo que o seu olhar seria em vão, pois os olhos de Sila permaneceram fechados. - Lamento-te profundamente, Lúcio Cornélio

- disse -, mas as coisas não podem continuar assim. A minha filha ia morrendo de inanição devido a uma ligação emocional imatura em relação a ti, e ainda não recuperou. O que te torna num vizinho importuno para mim, embora tenha de absolver-te por não teres encorajado a minha filha, e deva ser justo e admitir que ela foi bastante insuportável para ti. Tudo me sugere que seria melhor se vivesses noutro lugar. Mandei notícias à tua madrasta em Circeios, informando-a do que se passou na sua ausência. Também a informei de que deixou de ser bem-vinda nesta rua, e ficaria mais confortável nas Carinas ou no Célio. A vizinhança é sossegada. Magoar-me-ia ter de enviar uma queixa, e um processo, ao pretor urbano, para defender o nosso direito ao repouso, à calma e ao bem-estar físico. Mas com ou sem mágoa, estou pronto a pôr em movimento esse processo se for necessário, Lúcio Cornélio. Tal como os outros vizinhos, já tive a minha conta.

Sila não se moveu, não abriu os olhos; enquanto César tentava perceber quanto da sua homilia tinha sido absorvida, os seus ouvidos ouviram ressonar. Virou imediatamente as costas, e saiu.

Mas foi Sila que recebeu em primeiro lugar uma carta de Circeios, e não Caio Júlio César. No dia seguinte, chegou um mensageiro com uma missiva do mordomo de Clitumna, informando que o corpo da senhora Clitumna fora encontrado na base do penhasco que delimitava a sua propriedade. **O pescoço partira-se durante** a queda, mas não havia circunstâncias suspeitas. Como Sila sabia, escrevia o mordomo, o estado mental da senhora Clitumna era nos últimos tempos de extrema depressão. Sila pôs as pernas para fora da cama e levantou-se.

- Prepara-me um banho e a toga - disse.

A pequena ferida na sobrancelha estava a sarar bastante bem, mas os cantos estavam ainda lívidos e inchados; para além disso, nada fazia suspeitar o seu estado do dia anterior.

- Manda chamar Caio Júlio César - disse a Lamus, o mordomo, depois de se vestir.

Da entrevista que se aproximava, percebeu Sila claramente, dependia todo o seu futuro. Graças aos deuses, Cílax levara Metróbio da festa, embora o rapaz tivesse protestado que queria ver o que tinha acontecido248

ao seu amado Sila. Isso e a chegada antecipada de César ao local eram as únicas falhas nos planos de Sila. Que fuga! A sua sorte estava mesmo numa fase ascendente! A presença de Metróbio na casa de Clitumna quando César havia sido chamado pelo preocupado Lamus poderia ter feito Sila sofrer as suas consequências para sempre. Não, César nunca maldiria Sila por coisas que ouvisse, mas ver a prova com os seus próprios olhos modificaria completamente as coisas. E Metróbio não se teria acanhado de aparecer. Estou numa situação muito delicada, disse Sila para consigo mesmo, e é tempo de parar. Pensou em Stichus, em Nicópole, em Clitumna, e sorriu. Agora, *podia* parar.

Recebeu César com todo o aspecto de patrício romano, de um branco imaculado, com a faixa estreita de cavaleiro adornando-lhe o ombro direito da túnica, e a cabeça magnífica com o cabelo cortado e penteado num estilo masculino mas composto.

- Peço desculpa por *ter de arrastar-te de* novo até aqui, Caio Júlio disse Sila, e entregou a César um pequeno rolo de papel. - Acabou de chegar esta carta de Circeios, e pensei que devias lê-la imediatamente.

Sem qualquer *mudança* de expressão, César leu o papel muito devagar, mexendo os lábios, mas emitindo apenas um som muito baixo. Estava a avaliar - e Sila sabia-o - cada uma das palavras ao separá-las do fluxo interminável de letras no papel. No final, pousou a carta.

- É a terceira morte - disse César, e pareceu alegrar-se com esse facto.

- A tua família ficou tristemente reduzida, Lúcio Cornélio. Peço-te que aceites as minhas condolências.

- Presumi que havias feito o testamento de Clitumna - disse Sila, mantendo-se muito direito, em pé. - Senão, asseguro-te que não te teria incomodado.

- Sim, fiz-lhe vários testamentos, o **último dos quais** logo após a morte de Nicópole - o seu belo rosto, os seus olhos azuis francos, tudo em César era cuidadosamente, legalmente prudente. - Gostava que me dissesses, Lúcio Cornélio, exactamente o que sentias pela tua madrasta.

Aí estava ela, a situação mais delicada. Tinha de avançar com tanto cuidado e segurança como um gato no peitoril de uma janela cheio de cacos, a doze andares do chão.

- Lembro-me de te ter dito qualquer coisa antes, Caio Júlio - disse mas fico contente por ter a oportunidade de falar um pouco mais sobre ela. Era uma mulher muito tola e ordinária, mas eu gostava dela. 249

O pai - o rosto contorceu-se-lhe - era um bêbedo incorrigível. A única vida de que me recordo com ele, e durante alguns anos, também com a minha irmã mais velha, até ela se casar e ir embora, era um pesadelo. Não éramos da pequena aristocracia empobrecida, Caio Júlio. Não vivíamos de modo nenhum de acordo com as nossas origens. Éramos tão pobres que não tínhamos nenhum escravo, nem um. Se não tivesse sido a caridade de um velho professor do mercado, eu, um patrício da *gens* Cornélia, nem sequer teria aprendido a ler e a escrever. Nunca fiz o meu treino militar básico no Campo de Marte, nem aprendi a montar a cavalo, nem fui pupilo de nenhum defensor nos tribunais. Da carreira militar, da retórica, da vida pública, nada sei. Foi isto o que o meu pai fez por mim. Por isso... eu gostava dela. Casou com o meu pai e levou-nos para sua casa, e quem sabe? Se o meu pai e eu tivéssemos ido viver para a Subura, talvez eu um dia enlouquecesse e o matasse, e ofendesse os deuses para lá de qualquer perdão. Assim, até ele morrer, Clitumna tirou-lhe um peso de cima, e eu fui libertado. Sim, gostava dela.

- Ela também gostava de ti, Lúcio Cornélio - disse César. - O seu testamento é muito simples e claro. Deixa-te tudo o que tinha.

Calma, calma! Nada de alegrias excessivas, mas também nada de grandes tristezas! O homem que tinha à sua frente era muito inteligente e devia conhecer bem os homens.

- Deixou-me o suficiente para entrar no **Senado?** - perguntou, olhando César nos olhos.

- Mais do que o suficiente. Sila ficou visivelmente abatido.

- Não... posso... acreditar! - gaguejou. - Tens a certeza? Eu sei que ela tinha esta casa e a *villa* de Circeios, mas não pensei que houvesse muito mais.

- Antes pelo contrário, era uma mulher extremamente rica: dinheiro investido, acções e quotas em todos os tipos de companhias, bem como numa dúzia de naus mercantes. Aconselho-te a despojares-te das naus e das acções nas companhias, e a comprares bens com os fundos que realizares. Irás precisar de ter os teus negócios completamente em ordem, se quiseres satisfazer os censores.

É um sonho! - disse Sila.

Compreendo que o sintas, Lúcio Cornélio. Mas fica descansado, que é um sonho bastante real - César parecia calmo, não sentira repulsa pela reacção de Sila, nem suspeita de uma dor fingida que o senso comum250

lhe indicaria que um Lúcio Cornélio Sila não poderia sentir por uma Clitumna, por mais bondosa que a mulher tivesse sido para o pai dele.

- Ela podia ter vivido Por anos e anos - disse Sila, em tom meditativo. - Afinal de contas, o meu destino é feliz, Caio Júlio. Nunca pensei poder vir a dizer isto. Vou sentir a falta dela. Mas espero que nos anos vindouros, o mundo diga que a maior contribuição dada por ela foi a sua morte. Porque tenciono vir a ser um ornamento para a minha classe e para o Senado. - Teria soado bem? Teria deixado implícito o que queria?

- Concordo, Lúcio Cornélio, que ela se alegraria ao pensar que usaste produtivamente o seu legado - disse César, entendendo da forma certa o que Sila dissera. - E, segundo creio, acabaram-se as festas loucas? Acabaram-se os amigos duvidosos?

- Quando um homem pode desposar a vida a que o seu nascimento lhe dá direito, não há necessidade de festas loucas ou de amigos

duvidosos - Sila suspirou. - Eram um modo de passar o tempo. Penso que isso deve ser para ti inexplicável. Mas a vida que vivi durante mais de trinta anos tem *pesado no* meu pescoço como uma enorme mó.

- É evidente - disse César.

Um pensamento horrível ocorreu a Sila.

- Mas não há censores! O que poderei fazer?

- Como não há necessidade de eleger outros durante os próximos quatro anos, uma das condições que Marco Escauro colocou na sua demissão voluntária, como tal, foi que os novos censores deviam ser eleitos em Abril próximo. Terás de te moderar até então - disse César com calma. Sila preparou-se, respirou fundo.

- Caio Júlio, tenho mais um pedido a fazer-te - disse.

Os olhos azuis adquiriram uma expressão que Sila foi incapaz de sondar, como se César soubesse o que se aproximava - no entanto, como era isso possível, se a ideia lhe ocorrera nesse preciso instante? A ideia mais brilhante de todas, a mais afortunada. Visto que se César desse o seu consentimento, a apresentação de Sila aos censores teria um peso muito maior do que todo o dinheiro em si, muito mais efeito do que o seu próprio direito adquirido à nascença, desfigurado como estava pelo tipo de vida que havia levado.

- O que me queres pedir, Lúcio Cornélio? - perguntou César.

- Que me aceites como marido da tua filha julilla - respondeu Sila.

- Mesmo depois de te ter importunado tanto?

-Eu... amo-a - disse Sila, e acreditou no que dissera.251

- Neste momento, Julilla não se encontra de modo nenhum em estado de pensar em casar - disse César -, mas tomarei nota do teu pedido, Lúcio Cornélio - sorriu. - Talvez vocês se mereçam um ao outro, ao fim de tantas preocupações.

- Ela deu-me uma coroa de ervas - disse Sila. - E sabes, Caio Júlio, que foi desde então que a minha sorte mudou?

- Acredito em ti - disse César, levantando-se para sair. - No entanto, de momento, não diremos nada a ninguém acerca do teu interesse em casar com Julilla. Mais particularmente, peço-te que te mantenhas afastado dela. Sintas o que sentires pela minha filha, ela continua a tentar encontrar saída para a sua situação árdua, e não quero que lhe seja apresentada qualquer solução fácil.

Sila acompanhou César à *porta, e* acenou de lá, sorrindo de lábios fechados; pois ninguém melhor do que o seu dono conhecia o efeito que teriam aqueles caninos demasiado longos e afiados. Não eram para Caio Júlio César os sorrisos gélidos e desagradáveis. Não, César devia ser acarinhado e cortejado. Desconhecendo a proposta que César fizera um dia a Caio Mário acerca de uma filha sua, Sila chegara à mesma conclusão. Que melhor modo havia de se tornar caro aos censores - e ao eleitorado

- do que tomando uma Júlia por mulher? Especialmente quando havia uma tão acessível que quase morrera por ele.

- Lamus! - gritou Sila quando fechou a porta.

- Lúcio Cornélio?

- Não te incomodes com o jantar. Põe a casa de luto pela senhora Clitumna, e ordena o regresso de todos os servos de Circeios. Vou já tratar do funeral.

E, pensou Sila, arrumando à pressa as suas coisas, levarei comigo Metróbio, e despedir-me-ei. Despedir-me-ei de todos os vestígios da

vida anterior, despedir-me-ei de Clitumna. De nada sentirei a falta, exceptuando Metróbio. E vou sentir muito a sua falta.

TERCEIRO ANO

DURANTE O CONSULADO DE SÉRVIO Sulpício Galba e Quinto Hortêncio

Com a chegada das chuvas de Inverno, a guerra contra a Numídia tal como tinha sido até então - chegou a um impasse desanimador, sem que nenhuma das partes pudesse desdobrar as suas tropas em linha. Caio Mário recebeu a carta do sogro, César, pensou no seu conteúdo e interrogou-se se o cônsul Quinto Cecílio Metelo Suíno saberia que viria a ser procônsul quando começasse o Novo Ano, com a prorrogação do seu comando - um triunfo já assegurado para o futuro. Ninguém no quartel-general de útica referiu sequer a derrota de Marco Júnio Silano pelos Germanos, ou a perda de todas as suas tropas.

O que não significava, pensou Mário, ressentido, que esses factos não fossem do conhecimento de Metelo; porém, como de costume, o seu legado sénior Caio Mário seria o último a saber. O infeliz Rutílio Rufo fora incumbido da tarefa de supervisionar as guarnições fronteiriças durante o In-verno, o que o afastava do conhecimento de quaisquer desenvolvimentos súbitos da guerra; e Caio Mário, reconvocado em funções a Útica, viu-se no lugar de subordinado do *filho* de Metelo Suíno! Esse jovem, apenas com vinte anos de idade e cadete ao serviço pessoal do pai, gozava da tarefa de comandar a guarnição de útica e as suas defesas, de modo que em qualquer assunto relacionado com as disposições militares de útica, Mário tinha de submeter-se ao insuportavelmente arrogante Bacorinho - como em breve passou a ser chamado - não podendo decidir nada sozinho. Exceptuando a fortaleza de útica, os deveres de Mário envolviam desempenhar todas as tarefas desagradáveis que o governador não queria fazer - tarefas mais próprias dos questores do que de um legado sénior.

Consequentemente, os ânimos andavam agitados e o autocontrolo de Mário ia rapidamente diminuindo, especialmente quando Metelo Bacorinho se divertia à custa de Mário, coisa que gostava muito de fazer,256

agora que o pai mostrara que ficava igualmente divertido. A derrota próxima no rio Mútul levara Rutílio Rufo e Mário a tecerem duras críticas ao general, e levara Mário a dizer-lhe que a melhor forma de ganhar a guerra contra a Numídia seria capturar o próprio Jugurta.

- Como posso fazer tal coisa? - perguntara Metelo, bastante punido no primeiro combate para ouvir.

- Com um subterfúgio - respondera Rutílio Rufo.

- Que tipo de subterfúgio?

- Isso - disse Caio Mário, em conclusão - terás de descobrir por ti mesmo, Quinto Cecílio.

Mas agora que todos estavam de novo a salvo na Província Africana, suportando o tédio dos dias húmidos e das tarefas de rotina, Metelo Suíno guardou para si os seus projectos. Isto é, até entrar em contacto com um nobre númida chamado Nabdalsa e se ver obrigado a convocar Mário à entrevista com esse homem.

- Porquê? - perguntou Mário sem cerimónia. - Não és capaz de fazer sozinho as tuas tarefas sujas, Quinto Cecílio?

- Acredita, Caio Mário, que se Rutílio Rufo estivesse aqui, não usaria os teus préstimos! - disse Metelo com brusquidão. - Mas conheces Jugurta melhor que eu, e presumo que isso significa que estás mais à vontade que eu para saber como funcionam os Númidas! Tudo o que quero é que estejas atento a este Nabdalsa e me digas depois o que pensas dele.

- Surpreende-me que confies em mim a ponto de pensares que te darei uma opinião honesta - replicou Mário.

Metelo ergueu as sobrancelhas, genuinamente estupefacto.

- Mas estás aqui para lutar contra a Numídia, Caio Mário. Por que motivo não me darias uma opinião honesta?

- Então manda entrar o sujeito, Quinto Metelo, e farei o que puder. Mário ouvira falar de Nabdaisa, embora nunca o tivesse conhecido; era um partidário do pretendente legítimo ao trono da Numídia, o *príncipe* Gauda, que vivia de momento uma vida quase digna de um rei não longe de Útica, na povoação próspera que surgira no lugar da Antiga Cartago. Nabdaisa vinha da parte do príncipe Gauda, na Antiga Cartago, e foi recebido Por Metelo com frieza.

Metelo explicou-se; a forma melhor e mais rápida de resolver a questão da Numídia e colocar o príncipe Gauda no trono era, com efeito, capturar o próprio Jugurta. O príncipe Gauda - ou Nabdalsa - fazia alguma ideia de como se poderia processar a captura de Jugurta?257

- Através de Bomílcar, *dominus* - respondeu-lhe Nabdalsa. Metelo arregalou os olhos.

- *Bomílcar? Mas* é o meio-irmão de jugurta, o seu barão mais honesto!

- Neste momento, as relações entre eles estão bastante tensas - disse Nabdalsa.

- Porquê? - perguntou Metelo.

- É uma questão de sucessão, *dóminus.* Bomílcar quer ser designado regente, para o caso de acontecer alguma coisa a jugurta, mas jugurta recusa-se a aceitá-lo.

- Regente e não herdeiro?

- Bomílcar sabe que nunca poderia ser herdeiro, *dóminus. jugurta* tem dois filhos. No entanto, são ainda muito novos.

Encolhendo os ombros, Metelo tentou penetrar nos pensamentos daquelas mentes estranhas.

- Porque se opõe jugurta? Pensava que Bomílcar representaria a escolha ideal.

- É a linha de parentesco, *dóminus* - explicou Nabdalsa. - O barão Bomílcar não é descendente do rei Masinissa, pelo que não pertence à casa real.

- Estou a entender - Metelo endireitou-se. - Muito bem, então vê o que podes fazer para convencer Bomílcar de que devia aliar-se a Roma.

- E voltou-se para Mário. - Que surpresa! Pensar-se-ia que um homem sem a nobreza que lhe permitisse ascender ao trono seria o regente ideal.

- Na nossa sociedade, será - disse Mário. - Na de jugurta, é um convite a que os seus filhos o assassinem. De que outro modo poderia Bomílcar ascender ao trono senão matando os herdeiros de jugurta e fundando uma nova dinastia?

Metelo virou-se de novo para Nabdalsa.

- Obrigado, barão Nabdalsa. Podes retirar-te.

Mas Nabdalsa não estava disposto a retirar-se tão depressa.

- *Dominus,* preciso ainda de um pequeno favor - disse-lhe.

- O que é? - disse Metelo, não muito satisfeito.

- O príncipe Gauda está ansioso por conhecer-te, e ignora por que motivo ainda não lhe foi oferecida essa oportunidade. O teu ano como governador da Província Africana está prestes a chegar ao fim, contudo, o príncipe Gauda espera um convite para te conhecer.

- Se quer conhecer-me, quem o impede? - perguntou o governador de modo terminante.258

- Ele não pode apresentar-se assim, Quinto Cecílio - disse Mário. Tens de fazer-lhe um convite formal.

- Oh! Muito bem, se isso basta, far-lhe-ei um convite - disse Metelo, escondendo um sorriso.

E como o convite foi feito para o dia seguinte, de modo que Nabdalsa pudesse levá-lo pessoalmente à Antiga Cartago, o príncipe Gauda fez uma visita ao governador.

Não foi um encontro feliz; era difícil descobrir dois homens tão diferentes como Gauda e Metelo. Fraco e enfermiço e não muito esperto, Gauda comportava-se do modo que achava decente e Metelo considerava atrozmente despótico. Dado que, tendo tido conhecimento de que devia fazer-se um convite formal antes que o convidado real da Antiga Cartago pudesse fazer a visita, Metelo deduziu que o visitante deveria mostrar-se humilde, obsequioso mesmo. Mas bem pelo contrário: Gauda iniciou os debates enfurecendo-se por Metelo não se ter levantado para o cumprimentar, e terminou a audiência pouco depois, retirando-se altivamente da presença do governador.

- Eu pertenço *à realeza!* - queixou-se depois Gauda a Nabdalsa.

- Toda a gente o sabe, Majestade - reconfortou-o Nabdalsa. - Mas os Romanos são muito estranhos no que respeita à realeza. Consideram-se superiores a ela porque depuseram os seus reis há muitas centenas de anos, e desde então optaram por governar sem os reis.

- Não me interessa que eles adorem merda! - disse Gauda, com os seus sentimentos dilacerados ainda doridos. - Eu sou o filho legítimo do meu pai, ao passo que Jugurta é apenas o seu bastardo! E quando apareço entre esses Romanos, eles deviam fazer-me vénias, deviam dar-me um trono para me sentar, e deviam escolher cem dos seus melhores soldados e pô-los ao meu serviço como guarda-costas!

- É verdade, é verdade! - exclamou Nabdalsa. - Vou falar com Caio Mário. Talvez Caio Mário consiga trazer Quinto Cecílio à razão.

Todos os Númidas haviam ouvido falar de Caio Mário e Públio **Rutílio,** porque Jugurta espalhara a fama deles quando regressara da Numância e os vira frequentemente, na sua recente visita a Roma.

- Então, vai falar com Caio Mário - disse Gauda, e *retirou-se com* uma fúria monumental para a Antiga Cartago, para matutar no mal que Metelo lhe fizera em nome de Roma, enquanto Nabdalsa tentava discretamente combinar uma entrevista com Caio Mário.

- Farei o que puder, barão - disse Mário, suspirando.259

- Ficar-te-ia agradecido, Caio Mário - disse Nabdalsa com emoção. Mário sorriu.

- O teu senhor real anda a descarregar as suas fúrias em cima de ti? A resposta de Nabdalsa foi um olhar expressivo.

- O problema, amigo, é que Quinto Cecílio Metelo se considera de origens infinitamente melhores do que qualquer príncipe númida. Desconfio muito que alguém, especialmente eu, possa convencê-lo a mudar de tom. Mas tentarei, porque quero que fiques livre para sondar Bomílcar. É muito mais importante do que quaisquer querelas entre governantes e príncipes - prosseguiu Mário.

- A profetisa síria diz que a família de Cecílio Metelo vai a caminho da queda - disse Nabdalsa pensativamente.

- A profetisa síria?

- Uma mulher chamada Marta - disse o númida. - O príncipe Gauda encontrou-a na Antiga Cartago, onde parece que foi abandonada há alguns anos por um capitão da marinha que acreditava que ela tinha conseguido amaldiçoar-lhe o barco. No início, apenas os humildes a consultavam, mas agora a sua fama é muito grande e o príncipe Gauda levou-a para a corte. Profetizou que o príncipe Gauda há-de

ser de facto rei da Numídia, depois da queda de Jugurta. Embora essa queda, segundo diz ela, não vá acontecer tão cedo.

- E sobre a família Cecílio Metelo?

- Diz que a família Cecílio Metelo já passou o zénite do seu poder, e diminuirá em número e terá menos saúde, ultrapassada... entre outros, por ti mesmo, *dóminus.*

- **Quero falar com essa profetisa síria - exclamou Mário.**

- Pode combinar-se. Mas terás de vir à Antiga Cartago, pois ela não sai da casa do príncipe Gauda - disse Nabdalsa.

Uma audiência com Marta, a profetisa síria, implicava primeiro uma audiência com o príncipe Gauda; resignado, Mário escutou a litania de queixas acerca de Metelo e fez promessas de que não tinha a menor ideia de como poderia cumprir.

- **Garanto, Majestade,** que quando estiver em posição disso, assegurarei que sejas tratado com todo o respeito e deferência a que o teu nascimento te dá direito - disse ele, fazendo uma vénia maior do que Gauda alguma vez podia desejar.

- Que chegue esse dia! - disse Gauda com ansiedade, mostrando os dentes muito estragados ao sorrir. - Marta diz que em breve serás o

Primeiro Homem de Roma. Por esse motivo, Caio Mário, desejo tornar-me um dos teus clientes e farei com que os meus partidários na província da África Romana também se tornem teus clientes. Além de que, quando eu for rei da Numídia, toda a Numídia fará parte da tua clientela.

Mário ouviu-o espantado; ele, um mero pretor, estava a receber uma oferta que até um Cecílio Metelo bem poderia desejar em vão! Oh, tinha mesmo de encontrar-se com essa tal Marta, a profetisa síria!

Pouco depois teve essa hipótese, pois ela pedira para vê-lo, e Gauda ordenara que o conduzissem até aos seus aposentos na enorme *villa* que lhe servia de palácio temporário. Um olhar rápido bastou para fazer ver a Mário, a quem haviam pedido que esperasse na salinha dela, que a profetisa era tida em grande estima, pois os seus aposentos tinham sido fabulosamente mobilados, as paredes tinham os mais belos murais que ele alguma vez vira e o chão era pavimentado com mosaicos tão bons como os murais.

Quando ela entrou vinha vestida *de púrpura,* outro sinal de honra que não era habitualmente atribuído àqueles cujo nascimento não era real. E real é que ela não era. Era uma velha senhora pequena e magra a cheirar a urina e cujos cabelos não deviam ser lavados, segundo Mário suspeitou, há muitos anos. Parecia estrangeira, com um enorme nariz afilado predominando numa face com mil rugas, e um par de olhos negros que emanavam uma luz tão viva e orgulhosa e vigilante como os de uma águia. Os seios haviam-lhe tombado como duas meias vazias com pedras no fundo, e pendiam debaixo da fina camisa púrpura de Tiro, única peça que ela usava acima da cintura. Tinha um xaile púrpura de Tiro atado nas ancas, as mãos e os pés estavam quase negros de *henna,* e, ao andar, tilintava uma miríade de guizos, pulseiras, anéis e berloques, tudo em ouro maciço. Preso por um penre de ouro maciço, um véu de gaze púrpura de Tiro cobria-lhe a parte de trás da nuca e tombava-lhe sobre a espinha como uma bandeira num dia sem vento.

- Senta-te, Caio Mário - *disse ela, apontando para uma cadeira um* dedo com uma unha comprida que brilhava em todo o seu comprimento, dos muitos anéis que o enfeitavam.

Mário fez o que ela lhe disse, incapaz de tirar os olhos do rosto envelhecido e moreno da mulher.

- O príncipe Gauda contou-me que disseste que serei o Primeiro Homem de Roma - começou, e viu-se forçado a aclarar a garganta. Gostaria de saber mais coisas.261

Ela começou a falar num cacarejar típico de velha, mostrando umas gengivas só com um incisivo amarelo no maxilar superior.

- Oh, sim! Tenho a certeza de que o serás - disse ela, e bateu as palmas para chamar um servo. - Traz-nos uma infusão de folhas secas e aqueles bolos pequenos de que eu gosto - ordenou. Depois, disse a Caio **Mário:**

- Não demora muito. Quando vier, falaremos. Até lá, ficaremos em silêncio.

Não querendo ofendê-la, ficou como lhe fora pedido - em silêncio

- e quando chegou a infusão fumegante, sorveu o chá da chávena que ela lhe deu, com o nariz desconfiado, os instintos cautelosos. Não sabia muito mal, mas como não estava habituado a bebidas quentes, queimou a língua e pôs a chávena de lado. Ela, nítidamente conhecedora, bebeu em minúsculos sorvos, concluindo cada uma com um trago sonoro de prazer.

- É delicioso, embora me pareça que preferias vinho.

- Não. De modo nenhum - murmurou Mário delicadamente.

- *Come um* bolo - pronunciou a *mulher, de* boca cheia.

- Agradeço-te, mas não.

- Está bem, está bem, posso fazer uma previsão! - disse ela, e passou a boca por mais um bocado do líquido quente. Fez surgir uma garra imperiosa. - Dá-me a tua mão direita.

Ele deu. Ela pegou-lhe.

- Será grandioso o teu destino, Caio Mário - profetizou, devorando com os olhos as múltiplas rugas na palma da mão dele. - Que mão! Dá *forma* a tudo a que se dedica. E que linha do coração! Domina o teu coração, domina a tua vida, domina tudo, excepto a marca dos anos, Caio Mário, pois essa ninguém pode entender. Mas resistirás a muito que outros homens não conseguem. Há uma doença terrível... Mas vencê-la-ás na primeira vez, segundo parece, e mesmo na segunda vez... Há inimigos, inimigos sem conta... Mas conseguirás vencê-los... Serás cônsul no ano a seguir ao que agora começa, o que quer dizer, no próximo ano... Sete vezes ao todo serás cônsul, e serás chamado o Terceiro Fundador de Roma, porque irás salvar Roma do maior perigo de todos!

Ele apercebia-se do seu rosto escaldante, tão quente como uma lança posta ao lume. Do zumbido rodopiante dentro da sua cabeça. Do coração batendo como um *hortator* martelando a um ritmo de bate-estacas. De um véu espesso e vermelho à frente dos olhos. Porque ela estava a dizer a verdade. Ele sabia-o.

- Tens o amor e respeito de uma grande mulher - continuou Marta, tocando-lhe agora as pregas mais pequenas da pele - E o sobrinho dela será o maior Romano de todos os tempos

- Não, eu é que vou ser - disse ele de imediato, com as reacções do corpo voltando à normalidade ao ouvir esta notícia menos agradável

- Não, é o sobrinho dela - disse Marta teimosamente - Um homem

muito mais importante que tu, Caio Mário Tem o mesmo primeiro nome que tu, Caio Mas a sua família é a família dela, e não a tua

O facto estava arquivado, não podia esquecê-lo

- E o meu filho? - perguntou

- O teu filho também será um homem importante Mas não tão importante como o seu pai, nem viverá tantos anos como tu No entanto, ainda estará vivo quando o teu tempo chegar

Ela afastou-lhe a mão e pôs os seus pés descalços e sujos - de dedos tilintando com guizos, tornozelos retinindo de pulseiras - sob a almofada

- Vi tudo o que há *para ver, Caio Mário - disse-lhe, depois reclinou-se* e fechou os olhos

- Agradeço-te, Marta Profetisa - proferiu Mário, pondo-se de pé e sacando da bolsa - Quanto?

Ela abriu os olhos, maldosamente negros, perversamente vivos

- Para ti não há pagamento É paga suficiente estar na companhia dos que são realmente grandiosos Os pagamentos são para o príncipe Gauda, que nunca será um homem importante, embora venha a ser rei

- voltaram os cacarejos - Mas sabes, Caio Mário, tão bem como eu, que não tens dotes para ver o futuro Tens dotes para ver no coração dos homens, e o príncipe Gauda tem um coração pequeno

- Então, agradeço-te de novo

- Ah, tenho um favor a pedir-te - **disse Marta, quando ele se dirigia** para a porta

Mário virou-se imediatamente

- Sim

- Quando fores cônsul pela segunda vez, Caio Mário, leva-me para Roma e trata-me com honra. Desejo ver Roma antes de morrer

- Verás Roma - disse ele, e deixou-a

Cônsul sete vezes I Primeiro Homem de Roma. O Terceiro Fundador de Roma' Que maior destino poderia haver? Como poderia outro Romano ultrapassá-lo? Caio Devia referir-se ao filho do seu cunhado mais novo.263

Caio Júlio César Júnior. Sim, o seu filho seria sobrinho de Júlia- o único que se chamaria Caio, certamente.

- Só por cima do meu cadáver - disse Caio Mário, e montou a cavalo, regressando a útica.

Tentou obter uma entrevista com Metelo no dia seguinte, e encontrou o cônsul mergulhado numa pilha de documentos e cartas de Roma, pois viera um barco nessa noite, com grande atraso devido ao mar tempestuoso.

- Notícias excelentes, Caio Mário! -disse Metelo, excepcionalmente afável.

- O meu mandato em África foi prorrogado, com *imperium proconsular* e é provável que haja outra prorrogação, se eu precisar de mais tempo. - Esse pedaço de papel foi abandonado, ele pegou noutro, apenas para os mostrar aos dois, pois obviamente já os lera antes de Mário chegar; ninguém passava a vista por palavras em silêncio com um olhar brilhante de entendimento, pois tinham de ser desenredadas umas das outras e lidas em voz alta para ajudar o processo de desemaranhá-las.

- Agrada-me que o meu exército esteja intacto, pois a falta de tropas em Itália tornou-se aguda, graças a Silano, na Gália. Não sabes, pois não? Sim, o meu colega proconsular foi derrotado pelos germanos. Uma chocante perda de vidas. - Pegou noutro rolo e ergueu-o. - Silano escreve que havia mais de meio milhão de gigantes germanos no campo de batalha. - Fez tombar outro pergaminho, brandiu a Mário aquele que ainda tinha na mão. - Aqui vem o Senado a notificar-me que anulou a *lex Sempronia* de Caio Graco, que limitava o número de campanhas que um homem deve executar. Bons tempos! Podemos convocar milhares de veteranos se precisarmos - concluiu Metelo em tom de grande satisfação.

- Isso é má legislação - respondeu Caio Mário. - Se um veterano quisesse reformar-se, ao fim de dez anos *ou* seis campanhas completas devia ser autorizado a fazê-lo sem recear que tornasse a ser convocado. Estamos a destruir os pequenos proprietários, Quinto Cecílio! Como pode um homem deixar a sua quinta durante o que podem ser agora vinte anos ao serviço nas legiões, e esperar vê-la prosperar durante a sua ausência? Como pode gerar filhos que tomem o seu lugar tanto na sua pequena quinta como nas nossas legiões? Passa a ser cada vez mais a sua mulher estéril a ter de tratar da terra, e as mulheres não têm força, previsão nem264

aptidão para tal. Devíamos procurar os nossos soldados noutro lado... e devíamos protegê-los dos maus generais.

Metelo irritou-se, apertou os lábios.

- Caio Mário, não estás em posição de criticar a sabedoria do organismo governante mais ilustre da nossa sociedade! - retorquiu. - Quem te julgas tu?

- Parece-me que me disseste uma vez quem eu era, Quinto Cecílio, há muitos anos. Se bem me lembro, descreveste-me como um provinciano italiano que não sabe grego. E será mesmo verdade. Mas não me impede de comentar o que me parece que é uma péssima legislação respondeu-lhe Mário, mantendo um tom de voz neutro. - Nós... e por *nós* refiro-me ao Senado, de cujo corpo ilustre faço tanto parte como tu!... estamos a autorizar uma classe inteira de cidadãos a morrer por não termos a coragem nem a presença de espírito para deter esses ditos generais que andamos a pôr em campo há anos! Não se pode desperdiçar o sangue dos soldados romanos, Quinto Cecílio, temos de mantê-lo vivo e de boa saúde!

Mário levantou-se, inclinou-se sobre a mesa de Metelo e continuou a sua diatribe.

- Quando designámos o nosso exército, era para campanhas dentro de Itália, para que os homens pudessem voltar a casa todos os Invernos, e tratar dos seus campos, gerar os seus filhos, e dirigir as suas mulheres. Mas agora, quando um homem se alista ou é convocado, é embarcado para o ultramar, e em vez de uma campanha que dura apenas um Verão, esta prolonga-se por anos, durante os quais nunca consegue ir a casa, pelo que as suas seis campanhas podem levar doze ou mesmo quinze anos a completar-se, e em qualquer outro lugar que não a sua pátria! A legislação de Caio Graco tentava impedí-lo, e evitava de facto que os pequenos proprietários de Itália se tornassem a presa de criadores de gado especuladores! - respirava com esforço, e deu uma olhadela irónica a Metelo. Ah, mas esqueci-me, não foi, Quinto Cecílio? Tu próprio és um desses criadores de gado especuladores, não és? E como gostarias de ver as pequenas propriedades cair nas tuas mãos por os homens que deviam estar a geri-las morrerem em qualquer campo estrangeiro por mera avidez e descuido aristocráticos!

- Ah! Chegámos ao ponto principal! - gritou Metelo, pondo-se de pé e aproximando a cara da de Mário. - Aí está! Avidez e descuido aristocráticos, hem! É a aristocracia que te está atravessada, não é? Bem,265

deixa-me dizer-te umas coisas, Caio Mário Novo-Rico! O facto de casares com umajúlia não te transforma em aristocrata!

- Não o quereria - rosnou Mário. - Desprezo-vos a todos... com a única excepção do teu sogro, que por milagre conseguiu permanecer um homem decente, apesar da sua ascendência!

Há muito que as vozes deles se haviam transformado em berros, e fora do compartimento todos os ouvidos se voltavam para eles.

- Força, Caio Mário! - disse um tribuno dos soldados.

- Dá-lhe onde lhe dói, Caio Mário! - exclamou outro.

- Mija *nofellator* arrogante, Caio Mário! - disse um terceiro, sorrindo. O que tornava evidente que toda a gente gostava muito mais de Caio Mário do que de Quinto Cecílio Metelo, desde os oficiais aos recrutas.

Mas os gritos tinham ido mais longe que o compartimento; quando entrou o filho do cônsul, Quinto Cecílio Metelo Júnior, o pessoal do cônsul tentou parecer o extremo da eficiência e da actividade. Sem lhes dignar olhar sequer para eles, Metelo Bacorinho abriu a porta da sala do pai.

- Pai, as vossas vozes ouvem-se a milhas de distância! - disse o jovem, lançando um olhar de ódio a Mário.

Tinha parecenças físicas com o pai, era de altura e estatura médias, de olhos castanhos, com o aspecto de romano médio, e nada o faria salientar-se no meio de uma multidão.

A interrupção acalmou Metelo, embora contribuisse pouco para atenuar a fúria de Mário. Nenhum dos antagonistas fez qualquer movimento para voltar a sentar-se. O jovem Metelo Bacorinho ficou de lado, *alarmado* e perturbado, apaixonadamente dedicado ao pai mas fora do seu elemento, especialmente ao pensar nas afrontas que acumulara na cabeça de Caio Mário desde que o pai o nomeara comandante da guarnição de útica. Pois agora, via pela primeira vez um Caio Mário diferente; fisicamente enorme, de uma bravura e coragem e inteligência para além das capacidades de qualquer Cecílio Metelo.

- Não vejo o menor interesse em continuar esta conversa, Caio Mário

- disse Metelo, escondendo as tremuras nas mãos apoiando-as na mesa.

- Por que motivo me procuraste?

- Vim dizer-te que tenciono abandonar as minhas funções nesta guerra no final do próximo Verão - disse Mário. - Regresso a Roma para me candidatar a cônsul.

Metelo parecia não acreditar no que ouvira.

- Vais fazer *o quê?*266

- Vou a Roma candidatar-me às eleições consulares.

- Não vais, não - disse Metelo. - Comprometeste-te como meu legado sénior, e *com mperium* de propretor!, durante o *meu* mandato como governador da Província Africana. O meu mandato foi agora prorrogado. E o mesmo se passa com o teu.

- Podes desobrigar-me.

- Se quiser desobrigar-te. Mas não quero - replicou Metelo. - Com efeito, se pudesse, Caio Mário, enterrava-te aqui o resto da vida!

- Não me forces a fazer nada que me seja muito desagradável, Quinto Cecílio - disse Mário, em tom bastante amistoso.

- Forçar-te a fazer nada que te seja *o quê?* Vai-te embora daqui, Caio Mário, vai fazer qualquer coisa de útil. Não me roubes mais tempo! Metelo olhou para o filho e sorriu-lhe conspirativamente.

- Insisto que desejo ser desobrigado das minhas funções nesta guerra, para poder candidatar-me a cônsul em Roma, no próximo Outono. Encorajado pelo ar da indiferença cada vez mais superior e senhoril

do pai, Metelo Bacorinho começou a dar risadas abafadas, que ajudavam a animar o espírito do pai.

- Deixa que te diga, Caio Mário - disse a sorrir. - Tens agora cinquenta anos de idade. O meu filho tem vinte. Posso sugerir que te candidates a cônsul no mesmo ano que ele? Nessa altura, já terás conseguido aprender o suficiente para poderes sentar-te na cadeira dos cônsules! Embora tenha a certeza de que o meu filho teria o maior prazer em dar-te alguns conselhos. O jovem Metelo desatou às gargalhadas.

Mário olhou para eles por debaixo das sobrancelhas hirsutas, com o seu rosto de águia muito mais orgulhoso e altivo do que os dos antagonistas. - Serei cônsul. Fica descansado, Quinto Cecílio, que serei cônsul: não uma, mas sete vezes.

E abandonou a sala, deixando os dois Metelos de olhos esbugalhados a fitá-lo, numa mistura de espanto e medo. Pensando por que motivo não conseguiam achar nada de divertido naquela afirmação taxativa.

No dia seguinte, Mário voltou à Antiga Cartago e pediu que fosse recebido pelo príncipe Gauda.

Ao ser admitido à presença do príncipe, com um joelho em terra, *comprimiu* os lábios contra *a mão* mole e pegajosa de Gauda.

- Levanta-te, Caio Mário! - exclamou Gauda deliciado, encantado com a visão deste homem de magnífico aspecto prestando-lhe homenagem com um respeito e admiração tão genuínos.267

Mário começou a levantar-se, mas caiu com ambos os joelhos no chão, de mãos estendidas.

- Alteza Real disse, não sou digno de me apresentar na tua presença, porque venho aqui na condição do mais humilde dos suplicantes.

- Levanta-te, levanta-te! protestou Gauda, ainda mais deliciado.

- Não ouvirei nada do que me queres pedir se estiveres de joelhos! Aqui, vem sentar-te ao meu lado e diz-me o que pretendes.

A cadeira que Gauda indicou ficava realmente ao lado dele, mas um degrau abaixo do trono principesco. Fazendo grandes vénias até à cadeira, Mário sentou-se na ponta, como se se sentisse desconfortável pela irradiação do único ser confortavelmente sentado, o próprio Gauda.

- Quando te inscreveste como meu cliente, príncipe Gauda, aceitei essa honra espantosa, pois achei que poderia promover a tua causa em Roma. Porque tencionava candidatar-me a cônsul no Outono. Mário deteve-se e deu um suspiro profundo. Mas isso não acontecerá! Quinto Cecílio Metelo fica na Província Africana, porque o seu mandato como governador foi prorrogado, o que indica que eu, como seu legado, não posso abandonar as minhas funções sem a sua autorização. Quando lhe disse que queria candidatar-me a

cônsul, recusou-se a deixar-me partir de África um dia que fosse antes dele.

O descendente da casa real da Numídia ficou rígido com a fúria fácil de um inválido mimado; bem se lembrava da recusa de Metelo em levantar-se para o receber, em fazer-lhe uma vénia, em conceder-lhe um trono na presença do governador, em recusar-lhe uma escolta romana.

Mas isto ultrapassa tudo o que possa ser razoável, Caio Mário! exclamou. Como poderemos obrigá-lo a mudar de ideias?

- Majestade, apelo para a tua inteligência, para a tua compreensão da situação: estou cheio de temor! gritou Caio Mário. E exactamente isso que temos de fazer, obrigá-lo a mudar de ideias fez uma pausa. Sei qual vai ser a tua sugestão, mas talvez seja melhor que venha dos meus lábios do que dos teus, visto que é um assunto sórdido. Peço-te pois que me autorizes a expô-lo!

Expõe-no disse Gauda pomposamente.

- Alteza Real, Roma e o Senado, e mesmo o Povo, através das suas duas assembleias, têm de ser inundados de cartas! Cartas escritas por ti... e por todos os cidadãos, bucólicos, cultivadores de cereais, mercadores e intermediários de toda a província da África Romana. Cartas informando Roma da incompetência crassa revelada pela conduta de Quinto Cecílio268

Metelo na guerra contra a Numídia, cartas explicando que os poucos êxitos que tivemos se devem todos a mim, e de modo *algum* a Quinto Cecílio Metelo. ”Milhares” de cartas, meu príncipe! E não escritas apenas uma vez, mas vezes sem conta, até Quinto Cecílio ceder, e me autorizar a partir para Roma, para me candidatar às eleições consulares.

Gauda relinchou ditosamente.

- Não é simplesmente espantoso, Caio Mário, como as nossas mentes estão concertadas? As cartas eram *exactamente* o que eu ia sugerir!

- Bem, como eu disse, já o sabia - disse Mário, com ar humilde, Mas é possível, Majestade?

- Possível? Claro que é possível! - respondeu Gauda. - Só requer tempo e influência e dinheiro... E penso, Caio Mário, que entre nós dois podemos reunir muito mais tempo, influência e dinheiro do que Quinto Cecílio Metelo, não achas?

- Espero bem que sim - disse Mário.

É evidente que Mário não deixou as coisas assim. Encontrou-se pessoalmente com todos os homens romanos, latinos e italianos importantes de um extremo ao outro de África, apresentando como desculpa para as viagens tão longínquas e constantes as suas obrigações *em* relação a Metelo. Levava consigo um mandado secreto do príncipe Gauda, prometendo todo o tipo de concessões na Numídia, quando fosse rei. E pedindo a todos que se inscrevessem como clientes de Caio Mário. A chuva e a lama e as enchentes dos rios não podiam deter Caio Mário; prosseguiu o seu caminho alistando clientes e recolhendo promessas de cartas, cartas e mais cartas. Milhares e milhares de cartas. Cartas suficientes para afundar o barco de Quinto Cecílio Metelo no mar da extinção política.

Em Fevereiro, começaram a chegar as cartas da província da África Romana dirigidas a qualquer homem ou organismo importante, e continuaram a chegar em todos os barcos que se seguiram. Dizia uma das primeiras, de Marco Célio Rufo, cidadão romano proprietário de centenas de *lugera* de terra no vale do rio Bágrada, e produtor de 240 braçadas de trigo *para* o mercado romano:

Quinto Cecílio fez pouquíssimo em África, que não *fosse zelar pelos seus Própros interesses, É minha opinião que a intenção que tem*

deprolongar esta guerra se destina a aumentar a sua glória pessoal e a alimentar o seu desejo de Poder, No último Outono, divulgou que era a sua estratégia para enfraquecer a posiÇão

do rei Jugurta queimar as colheitas númidas e assaltar as cidades da Numídia, especialmente aquelas onde existiam tesouros. Em consequência disso, as minhas terras e as terras de muitos outros cidadãos romanos nesta província foram postas em perigo, porque há grupos de assalto númidas que estão agora a exercer actos de retaliação na província romana. Todo o vale do Bágrada, tão vital para o abastecimento de Roma, vive todos os dias no meio do maior temor.

Além do mais, chegou aos meus ouvidos, bem como aos de muitos outros, que Quinto Cecílio Metelo nem sequer sabe orientar os seus legados, quanto mais o exército. Desperdiçou deliberadamente o potencial de homens tão bons e capazes que tinha à sua disposição, como Caio Mário e Rutílio Rufo, colocando um a comandar a sua insignificante unidade de cavalaria, e o outro ao seu serviço como praefectus fabrum. *O seu comportamento em relação ao príncipe Gauda, que é considerado pelo Senado e pelo Povo de Roma como o governante legítimo da Numídia, tem sido insuportavelmente arrogante, inconsciente, e por vezes, até mesmo cruel.*

Em conclusão, tenho de dizer que o pequeno sucesso que as campanhas do ano passado tenham tido, se deve apenas aos esforços de Caio Mário e Públio Rutílio Rufo. Sei que não tiveram o menor crédito nem agradecimento pelas suas diligências. Permitir-me-ás apresentar Caio Mário e Públio Rutílio Rufo à tua consideração e condenar com o maior vigor a conduta de Quinto Cecílio Metelo?

Esta missiva foi endereçada a um dos maiores e mais importantes mercadores de cereais de Roma, um homem cuja importância entre os senadores e cavaleiros era enorme. Naturalmente, ao tomar conhecimento da conduta vergonhosa de Metelo na guerra, ficou indignado; a sua voz repetiu a informação a todo o tipo de ouvidos interessantes, com um efeito imediato. E à medida que os dias passavam e o volume de cartas se mantinha, à sua voz vieram juntar-se muitas outras. Os Pais Conscritos começavam a tremer quando viam aproximar-se um banqueiro ou plutocrata marítimo, e a satisfação complacente do imensamente poderoso clã dos Cecílios Metelos ia rapidamente caindo no desânimo.

Lá partiram cartas do clã Cecílio Metelo para o seu estimado membro Quinto Cecílio, procônsul da Província Africana, pedindo-lhe que diminuisse a sua arrogância para com o príncipe Gauda, tratasse os seus delegados séniores com mais consideração do que tratava o filho e tentasse obter algumas vitórias estrondosas contra Jugurta.

Entretanto, rebentou o escândalo de Vaga, que, tendo-se rendido a Metelo em fins de Outono, se revoltara agora e executara a maioria dos270

seus homens de negócios italianos; a revolta fora fomentada por Jugurta

- com a conivência do próprio amigo pessoal de Metelo, o comandante de guarnição Turpílio. Metelo cometeu o erro de defender Turpílio quando Mário pediu em voz alta que fosse julgado em tribunal por alta traição, e na altura em que a história chegou a Roma através de centenas de cartas, já parecia que o próprio Metelo era tão culpado da traição como Turpílio. Lá seguiram mais cartas do clã Cecílio Metelo para o seu estimado Quinto Cecílio em útica, pedindo-lhe que escolhesse melhor os amigos, se quisesse insistir em defendê-los de acusações de alta traição.

Passaram muitas semanas até que Metelo fosse levado a acreditar que era Caio Mário o autor da campanha romana das cartas; e mesmo quando se viu obrigado a acreditar, foi lento a entender o significado da guerra epistolar - e ainda mais lento a opor-se-lhe. Ele, um Cecílio Metelo, levado ao descrédito em Roma por um Caio Mário e um fingidor hipócrita e meia dúzia de mercadores coloniais ordinários? Impossível! Roma não funcionava assim. Roma pertencia-lhe a *ele,* não a Caio Mário.

De oito em oito dias, tão regular como um calendário, Mário apresentava-se a Metelo e pedia que fosse dispensado do serviço no final de Sextilis; porém, com a mesma regularidade, Metelo recusava.

Com toda a justiça para Metelo, tinha mais *em* que pensar além de Mário e de meia dúzia de reles cartas que apareciam em Roma; a maior parte das suas energias dirigiam-se para Bomílcar. Nabdalsa levara muitos dias a preparar uma entrevista entre ele e Bomílcar, e a seguir, muitos mais dias para marcar uma entrevista secreta entre os dois. Mas o encontro verificou-se nos fins de Março, num pequeno anexo adjunto à resídência do governador em útica, onde Bomílcar entrou clandestinamente.

Eles conheciam-se bastante bem, claro está, pois fora Metelo que mantivera Jugurta informado através de Bomílcar durante aqueles últimos dias desesperantes em Roma, fora Bomílcar que tirara proveito da hospitalidade de Metelo e não o seu rei, retido como estivera no *pommerium* da cidade.

No entanto, havia poucas subtilezas sociais neste encontro; Bomílcar estava irritável, receoso de que fosse detectada a sua presença em Utica, e Metelo estava pouco seguro de si no seu papel de chefe *de espionagem.* Por isso, Metelo não esteve com meias medidas.

- Quero terminar esta guerra quanto antes e com o mínimo de baixas possível em homens e em equipamentos - disse. - Roma precisa de mim noutro lugar que não um posto avançado como África.271

- Sim, já ouvi falar dos Germanos interrompeu-o Bomílcar, com suavidade.

- Então entendes a pressa disse Metelo.

- Entendo, com efeito. Mas não consigo compreender o que posso fazer para abreviar as hostilidades.

- Sou levado a crer, e depois de pensar bastante, estou convencido disso, que a forma melhor e mais rápida de decidir o destino da Numídia de modo favorável para Roma é eliminar o rei Jugurta disse o procônsul.

Bomílcar olhou pensativamente para o procônsul. Não se comparava com um Caio Mário, sabia-o muito bem: nem mesmo com um Rutílio Rufo. Era mais orgulhoso, mais altivo, muito mais consciente do seu posto, mas não tão competente nem distinto. Como acontecia sempre com os Romanos, Roma era importante. Mas o conceito de Roma para um Cecílio Metelo era muito diferente do conceito de Roma que tinha Caio Mário. O que intrigava Bomílcar era a diferença entre o velho Metelo dos tempos que passara em Roma e o Metelo que governava a Província Africana; pois embora tivesse conhecimento das cartas, não fazia ideia da importância destas.

- É verdade que Jugurta é o ponto de origem da resistência númida a Roma disse Bomílcar. Contudo, talvez não te apercebas da impopularidade que tem Gauda na Numídia. A Numídia nunca consentirá em ser governada por Gauda, seja ele legítimo ou não.

À menção do nome de Gauda, uma expressão de desagrado perpassou o rosto de Metelo.

Bah! exclamou, acenando com uma mão. Uma nulidade! Um indivíduo de aparência insignificante, para já não falar como governante.

- Os seus olhos castanho-claros fixaram-se judiciosamente no rosto carregado de Bomílcar. Se acontecesse alguma coisa ao rei Jugurta, eu, e Roma, claro! tinha mais em mente colocar no trono da Numídia um homem cujo bom senso e experiência o ensinaram a acreditar que os interesses da Numídia ficam mais bem servidos num reinado de clientela que respeite Roma.

Estou de acordo; penso que os interesses da Numídia são mais bem servidos desse modo. E Bomílcar humedeceu os lábios. Considerar-me-ias um possível rei da Numídia, Quinto Cecílio?

Absolutamente! disse Metelo.

Óptimo! Nesse caso, contribuirei de bom grado para a eliminação de Jugurta.

- Em breve, espero - disse Metelo, sorrindo.

- O mais breve possível. Não há razão para uma tentativa de assassínio. Jugurta é demasiado cauteloso. Além de que tem toda a lealdade da sua guarda real. Nem me parece que um golpe resultasse. A maioria da nobreza está satisfeita com o modo como Jugurta tem governado a Numídia... e com o modo como tem conduzido a guerra. Se Gauda fosse uma alternativa mais atraente, talvez o caso fosse bem diferente. Eu - Bomílcar fez um esgar - não tenho nas veias o sangue de Masinissa, o que significa que precisarei de todo o apoio de Roma para conseguir subir ao trono.

- Então, o que *se fará?* - perguntou Metelo.

- Penso que a única solução é levar Jugurta a uma situação em que possa ser capturado por um exército romano - não numa batalha, mas numa emboscada. Então, poderás matá-lo no local, ou levá-lo preso e fazer o que quiseres com ele a seguir - respondeu Bomílcar.

- Muito bem, barão Bomílcar. Posso contar com notícias tuas a tempo de montar essa emboscada?

- Claro. Os ataques fronteiriços são a melhor oportunidade, e Jugurta tenciona efectuar muitos, mal o terreno esteja bastante seco. Mas aviso-te, Quinto Cecílio. Podes falhar várias vezes antes de teres êxito na captura de um homem tão astucioso como Jugurta. Afinal de contas, não posso pôr em risco a minha própria sobrevivência... Se morrer, não terei o menor préstimo para Roma nem para mim mesmo. Fica descansado, acabarei por conduzilo a uma boa armadilha. Jugurta não poderá ter sempre uma vida regalada.

No total, Jugurta estava bem satisfeito com a forma como as coisas estavam a decorrer. Embora tivesse sofrido bastante com os ataques

de Mário às zonas mais povoadas do seu reino, sabia - melhor que ninguém

- que as dimensões reduzidas da Numídia eram a sua maior vantagem e protecção. E as zonas povoadas da Numídia, ao contrário de outras nações, tinham menos importância para o rei do que o deserto. A maior parte dos soldados da Numídia, incluindo a cavalaria de armamentos ligeiros tão famosa por todo o mundo, eram recrutados entre os povos que viviam uma existência semi-nómada nas regiões mais interiores do país, mesmo no lado mais distante das poderosas montanhas onde o paciente Atlas carregava o céu aos ombros; esses povos eram conhecidos como Getulos e Garamantes; a mãe de Jugurta pertencia à tribo dos Getulos.

Depois da rendição de Vaga, o rei assegurou-se de que não deixava dinheiro ou tesouros em qualquer cidade por onde os romanos pudessem273

passar numa marcha de treino; foi tudo transferido para lugares como Zama e Capsa, distantes, de difícil infiltração, construídos como cidadelas em picos que não podiam ser escalados e rodeados pelos Getulos, fanaticamente leais. E Vaga acabou por não redundar em nenhuma vitória romana; mais uma vez, Jugurta comprara um romano, o comandante da guarnição, Turpílio. O amigo de Metelo. Ah!

Não obstante, tinha mudado alguma coisa. À medida que as chuvas de Inverno começaram a diminuir, Jugurta cada vez se convencia mais disso. O problema era que não conseguia descobrir o que mudara. A sua corte era móvel; transferia-se constantemente de uma cidadela para outra, de modo que, aonde quer que chegasse, tinha a certeza de encontrar caras afectuosas, braços amigos. E no entanto havia qualquer coisa errada. Não tinha a ver com as suas ordens, nem com os exércitos, nem com as linhas de abastecimentos, nem sequer com a lealdade das suas muitas cidades e distritos e dos homens das tribos. O que pressentia era um

pouco mais do que um sopro, um sacão, um zumbido de alerta ao perigo vindo de qualquer parte muito próximo dele. Embora nem uma vez associasse essa premonição à sua recusa de indigitar Bomílcar para regente.

- E a corte disse para Bomílcar enquanto seguiam de Capsa para Cirta nos finais de Março, à frente de uma enorme companhia de cavalaria e infantaria.

Bomílcar virou a cara e olhou de frente para os olhos claros do seu meio-irmão.

- A corte?

Há por aí velhacaria, irmão. Semeada e cultivada por aquele excremento nojento do Gauda, era capaz de apostar disse Jugurta.

Uma revolução palaciana?

Não sei bem. Só sei que há qualquer coisa errada. Sinto-a nos ossos.

Um assassino?

- Sinceramente não sei, Bomílcar! Os meus olhos viram-se para doze direcções diferentes ao mesmo tempo, e sinto os ouvidos andarem à roda, de tão ocupados. E no entanto, acontece que o meu faro descobriu qualquer coisa errada. E tu? Não sentes nada? - perguntou, completamente seguro do afecto, confiança e lealdade de Bomílcar.

Por três vezes, Bomílcar atraiu o desconhecedor Jugurta a uma cilada, e por três vezes Jugurta conseguiu livrar-se, sem a ajuda de armas. Sem nunca suspeitar do meio-irmão.274

Eles estão a ficar demasiado espertos disse Jugurta após o falhanço da terceira emboscada romana. Isto é obra de Caio Mário ou Públio

Rutílio Rufo e não de Metelo rosnou. Tenho um espião a seguir-me, Bomílcar.

Bomílcar conseguiu parecer sereno.

Admito que exista essa possibilidade. Mas quem se atreveria a tanto?

Não sei disse Jugurta, com muito má cara. Mas descansa, que mais tarde ou mais cedo, hei-de sabê-lo.

No final de Abril, Metelo invadiu a Numídia, persuadido por Rutílio Rufo a contentar-se de início com um alvo mais pequeno do que a capital, Cirta; em vez disso, os exércitos romanos marcharam para Tala. Chegou uma mensagem de Bomílcar, que havia atraído Jugurta em pessoa até Tala, e Metelo fez uma quarta tentativa para capturar o rei. Mas como não estava no temperamento de Metelo tomar Tala de assalto com a rapidez e decisão exigidas, Jugurta escapou, e o ataque tornou-se num cerco. Um mês mais tarde, Tala capitulou e, para grande surpresa de Metelo, rendeu um grande fornecimento de riquezas que Jugurta trouxera consigo para Tala e que foi obrigado a deixar para trás quando fugiu.

Quando Maio deu origem a Junho, Metelo marchou para Cirta, onde teve outra surpresa agradável. Porque a capital númida se rendeu sem combater. Um grande número de homens de negócios romanos e italianos constituía uma significativa força pró-Roma na política da cidade. Além disso, Cirta não gostava mais de Jugurta do que ele gostava de Cirta.

O clima estava quente e muito seco, normal naquela época do ano; Jugurta fugiu da desleixada rede de informações romana, dirigindo-se para Sul, para as terras dos Getulos, e a seguir para Capsa, terra de origem da tribo da sua mãe. Capsa era uma cidadela de montanha, pequena mas muito fortificada no meio do ermo dos Getulos, e tinha grande afecto por Jugurta, pois fora aí que a sua

mãe vivera depois da morte do marido, o pai de Bomílcar. E fora o lugar onde Jugurta guardara a maior parte dos seus tesouros.

Foi para aqui, em Junho, que os homens de Jugurta trouxeram Nabdalsa, apanhado a fugir da Cirta ocupada pelos romanos depois de os espiões de Jugurta às ordens dos romanos terem finalmente obtido provas da traição de Nabdalsa que justificassem informar o rei. Apesar276

de ter sido sempre conhecido como o homem de Gauda, Nabdalsa não fora impedido de movimentar-se livremente por toda a Numídia; como ainda era primo afastado e tinha nas veias sangue de Masinissa, era tolerado e considerado inofensivo.

- Mas agora, tenho a prova - disse Jugurta - de que tens colaborado activamente com os romanos. Se a notícia me desilude, é principalmente por teres sido suficientemente tolo para lidar com Metelo, em vez de Caio Mário. - Estudou Nabdalsa, preso com correntes de ferro ao ser capturado, e com marcas visíveis dos maus tratos dos homens de Jugurta. - É claro que não estás metido nisto sozinho - disse, pensativamente. - Quem dos meus barões conspirou contigo?

Nabdalsa recusou-se a responder.

- Torturem-no - disse Jugurta com indiferença,

A tortura na Numídia não era sofisticada, embora, tal como todos os déspotas à moda do Oriente, Jugurta tivesse masmorras e prisões a longo prazo. Nabdalsa foi atirado para uma das masmorras de Jugurta, afundada na base da colina rochosa onde se elevava Capsa, e onde se entrava apenas através de múltiplos túneis vindos do palácio dentro das muralhas da cidadela. Aí, os soldados sub-humanos que sempre herdavam esses lugares aplicaram-lhe a tortura.

Pouco depois, tornou-se óbvio o motivo por que Nabdalsa optara por servir o homem inferior, Gauda: era fraco, falava. Bastara a remoção dos dentes e das unhas de uma das mãos. Chamado a ouvir a confissão, o confiante Jugurta levou Bomílcar consigo.

Sabendo que nunca deixaria o mundo subterrâneo onde ia entrar, Bomílcar olhou para o horizonte ilimitado do céu de um azul magnífico, respirou o ar doce do deserto, encostou as costas da mão contra as folhas sedosas de um arbusto florido. E caminhou a custo, para levar consigo as memórias para a escuridão.

A câmara mal arejada exalava um cheiro fétido: excrementos, vomitado, suor, sangue, águas estagnadas e tecido morto misturados, formando um miasma de Tártaro, uma atmosfera que nenhum homem podia aspirar sem sentir medo. O próprio Jugurta entrou no compartimento com

um arrepio.

A inquirição procedeu com enormes dificuldades, pois as gengivas de Nabdalsa continuavam a sangrar profusamente, e o nariz partido impedia as tentativas de estancar a hemorragia tapando a boca. Que estupidez, pensou Jugurta, dilacerado por uma mistura de **horror** à visão de

Nabdalsa e fúria pela inconsciência dos seus brutos, que haviam principiado pelo lugar que deviam ter deixado livre e a coberto das suas intenções.

Não era que importasse muito. Nabdalsa pronunciou a única palavra vital à terceira pergunta de Jugurta, e não foi muito difícil de perceber, murmurada por entre o sangue.

Bomílcar.

- Deixem-nos disse o rei para os seus brutos, mas teve a prudência de mandar-lhes retirar o punhal de Bomílcar.

A sós com o rei e o semiconsciente Nabdalsa, Bomílcar suspirou.

A única coisa que lamento disse é isto ir matar a nossa mãe.

Era a coisa mais inteligente que podia ter dito, dadas as circunstâncias, pois valeu-lhe um golpe único do machado do carrasco, em vez da morte lenta que o meio-irmão tencionava infligir-lhe.

- *Porquê? perguntou* Jugurta. Bomílcar encolheu os ombros.

- Quando cresci o bastante para os anos começarem a pesar-me, irmão, descobri como me tinhas enganado. Trataste-me com o mesmo desprezo com que tratarias um macaco de estimação.

O que querias? perguntou Jugurta.

Ouvir-te chamar-me irmão à frente de todos. Jugurta olhou-o com genuíno espanto.

E elevar-te acima da tua posição? Meu caro Bomílcar, é o pai que conta e não a mãe! A nossa mãe é uma mulher berbere dos Getulos

e nem sequer é filha de um chefe. Não tem distinção social a transmitir. Se eu te chamasse irmão à frente de todos, quem me ouvisse, deduziria que eu estava a adoptar-te na linhagem de Masinissa. E isso, como tenho dois filhos que são os herdeiros legais, seria imprudente, para não dizer mais.

- Devias ter-me indigitado para seu guardião e regente - disse Bomílcar.

- E elevar-te acima da tua posição? Meu caro Bomílcar, o sangue da nossa mãe impede-o! O teu pai era um barão menor, um homem relativamente insignificante. Ao passo que o meu pai era filho legítimo de Masinissa. Foi do meu pai que herdei a realeza.

Mas tu não és filho legítimo, pois não?

Não sou. Porém o sangue está lá. E o sangue é que conta. Bomílcar virou as costas.278

- Acaba com isso - disse. - Fui eu que falhei - não foste tu, mas eu. É razão suficiente para morrer. No entanto, tem cuidado, jugurta.

- Cuidado? Com quê? Tentativas de assassínio? Mais traições, outros traidores?

- Com os Romanos. Eles são como o sol e o vento e a chuva. Acabam por reduzir tudo a pó.

jugurta chamou os brutos, que se precipitaram prontos para o que fosse preciso, não encontrando nenhuma rebeldia, e ficaram à espera de ordens.

- Matem os dois - disse jugurta, avançando em direcção à porta. Mas façam-no depressa e mandem-me as duas cabeças.

As cabeças de *Bomílcar* e Nabdalsa foram expostas nas ameias de Capsa, para que todos as vissem. Uma cabeça era mais que um

simples talismã da vingança real sobre um traidor; devia ser afixada em qualquer local público, para mostrar as pessoas que tinha morrido o homem certo e para impedir o aparecimento de algum impostor.

jugurta disse para consigo mesmo que não sentia qualquer mágoa, apenas se sentiu mais solitário do que antes. Fora uma lição necessária: um rei não podia confiar em ninguém, nem mesmo no seu irmão.

Contudo, a morte de Bomílcar teve duas consequências imediatas. Uma foi jugurta tornar-se totalmente esquivo, nunca ficando mais de dois dias no mesmo sítio, nunca informando a sua guarda para onde ia a seguir, nunca permitindo que o exército conhecesse os seus planos; a autoridade era exercida pelo rei e mais ninguém. A outra consequência dizia respeito ao seu sogro, o rei Boco da Mauritânia, que não auxiliara Roma activamente contra o marido da sua filha, mas também não auxiliara jugurta contra Roma; jugurta enviou imediatamente batedores à *corte* de Boco, e pressionou mais o sogro para que se aliasse à Numídia, com o fim de expulsar Roma de África.

No fim do Verão, a posição de Quinto Cecílio Metelo em Roma fora completamente minada. Ninguém conseguia descortinar uma palavra de apreço acerca dele ou do modo como conduzira a guerra. E no entanto, as cartas continuavam a chegar, regulares, implacáveis, extremamente influentes.

Depois da captura de Tala e da rendição de Cirta, a facção de Cecílio Metelo conseguira ganhar algum terreno entre os *lobbies* dos cavaleiros, mas então chegaram notícias de África que tornaram claro que nem Tala279

nem Cirta poriam termo à guerra; e a seguir, chegaram relatórios de recontros inúteis, infindáveis, de avanços no Oeste da Numídia sem qualquer efeito, de fundos desperdiçados e seis legiões mantidas em

campo, com enormes custos para o Tesouro e sem um fim para as despesas em vista. Graças a Metelo, a guerra contra Jugurta arrastar-se-ia certamente pelo menos por mais um ano.

As eleições proconsulares foram marcadas para meados de Outubro, e o nome de Mário agora na boca de todos era constantemente divulgado como candidato. Mas o tempo passava e ele não aparecia em Roma. Metelo mantinha-se inflexível.

Insisto que devo ir disse Mário a Metelo talvez pela quinquagésima vez.

- Insiste quantas vezes quiseres respondeu Metelo. Não irás.

No próximo ano *serei* cônsul disse Mário.

Um novo-rico como tu ser cônsul? Impossível!

- Tens receio de que os eleitores me elejam, não tens? perguntou Mário, com ar enfatuado. Não me deixas ir porque sabes que serei eleito.

Não posso acreditar que qualquer verdadeiro Romano votasse em ti, Caio Mário. No entanto, és um homem extremamente rico, o que significa que podes comprar votos. Se alguma vez no futuro fores eleito cônsul... e não será no próximo ano!... podes ter a certeza de que dispenderei todas as minhas energias para provar em tribunal que compraste o cargo!

Não preciso de comprar o cargo, Quinto Cecílio, nunca comprei cargos. Por isso, podes experimentar disse Mário, ainda irritantemente enfatuado.

Metelo enveredou por uma conduta diferente.

Não te autorizo a ir, resigna-te. Como um Romano puro, trairia a minha classe se te autorizasse a ir. O consulado, Caio Mário, é um

cargo muito alto para as tuas origens italianas. O homem que se senta na cadeira de marfim deve ser de nascimento adequado, pelos feitos dos seus antepassados, bem como pelos seus. Preferia cair em desgraça e estar morto a ver um italiano dos povos limítrofes Samnitas, um campónio semi-iletrado que nunca devia ter chegado a pretor!, sentado na cadeira de marfim dos cônsules! Faz o pior que possas, ou o melhor! Não tem qualquer importância para mim. Preferia estar em desgraça e bem morto a dar-te autorização para ires a Roma.

Se necessário, Quinto Cecílio, ficarás as duas coisas disse Mário, e abandonou o gabinete.

Públio Rutílio Rufo tentou trazer os dois homens à razão, preocupado com Roma e com Mário.

- Ponham de lado a política - disse-lhes. - Nós os três estamos aqui em África para vencer Jugurta, mas nenhum de vocês está interessado em concentrar as energias para esse objectivo. Preocupa-vos mais o levar a melhor um sobre o outro do que vencer Jugurta, e eu, de uma vez por todas, já estou farto desta situação!

- Estás a acusar-me de negligenciar as minhas obrigações, Públio Rutílio? - perguntou Mário, perigosamente calmo.

- Não, claro que não! Estou a acusar-te de negares o génio que sei que possuis em assuntos de guerra. Igualo-te tacticamente. Igualo-te logisticamente. Mas quando se chega à estratégia, Caio Mário, o aspecto da guerra a longo prazo, ninguém te iguala. No entanto, dedicaste algum tempo ou meditação a uma estratégia *para ganharmos esta guerra? Não!*

- E qual é o meu lugar neste hino de louvor a Caio Mário? - perguntou Metelo, de lábios apertados. - Nesta questão, qual é o meu lugar no hino de louvor a Caio Mário? Ou não sou importante?

- És importante, seu snobe rematado, porque és o comandante titular nesta guerra! - vociferou Rutílio Rufo. - E se pensas que és melhor em táctica e logística do que eu, ou melhor em táctica, logística e estratégia do que Caio Mário, não deixes de dizê-lo, peço-te! Não é que te sentisses mal. Mas se são louvores que queres, estou pronto para te conceder este: não és tão venal como Espúrio Postúmio Albino, nem tão pouco eficiente como Marco Júnio, Silano. O teu maior problema é não seres tão bom como pensas que és. Quando mostraste inteligência suficiente para me alistares a mim e a Caio Mário como teus legados séniores, pensei que os anos já deviam ter-te melhorado. Mas afinal estava enganado. Desperdiçaste

os nossos talentos e o dinheiro do Estado. Não estamos a ganhar esta guerra, estamos num impasse extremamente caro. Por isso, segue o meu conselho, Quinto Cecílio! Deixa Caio Mário ir para Roma, deixa Caio Mário candidatar-se a cônsul... *e* deixa-me organizar os nossos recursos e planear as nossas manobras militares. Quanto a ti, dedica as tuas energias a minar o domínio de Jugurta sobre o seu povo. Pela minha parte, concedo-te toda a glória pública, desde que dentro destas paredes admitas a verdade do que estou a dizer.

- Não admito nada - disse Metelo.

E as coisas continuaram assim até aos fins do Verão e inícios do Outono. Era impossível detectar Jugurta, que parecia ter desaparecido281

da face da terra. Quando até para o soldado mais baixo passou a ser óbvio que já não iria haver nenhum confronto entre o exército romano e o exército númida, Metelo afastou-se da longínqua Numídia Ocidental e partiu de Cirta em campanha.

Soube-se que o rei Boco da Mauritânia cedera finalmente às tácticas de pressão de Jugurta, formara o seu exército e se juntara ao genro algures no Sul; diziam os boatos que planeavam avançar juntos sobre Cirta. Esperando entrar finalmente em combate, Metelo tomou as suas disposições e escutou Caio Mário e Rutílio Rufo com mais interesse do que habitualmente. Mas o previsto não chegou a acontecer. Os dois exércitos ficaram a algumas milhas de distância, com Jugurta recusando-se a ser atraído. Voltou a estabelecer-se o impasse, a posição romana estava demasiado defendida para Jugurta a atacar, e a posição númida era demasiado efémera para tentar Metelo a deixar o seu campo.

E então, doze dias antes das eleições consulares em Roma, Quinto Cecílio Metelo Suíno libertou formalmente Caio Mário das suas funções como legado sénior na campanha contra Jugurta.

Parte! disse Metelo, com um sorriso amável. Descansa, Caio Mário, que farei Roma saber que te ”libertei” antes das eleições.

- Pensas que não chegarei lá a tempo disse Mário.

- Não penso nada, Caio Mário. Mário sorriu.

Não deixa de ser verdade disse, e estalou os dedos. E onde está o papel que diz que fico formalmente livre? Dá-mo.

Metelo entregou a ordem de marcha a Mário, com um sorriso parado, e quando Mário alcançou a porta, disse, sem levantar a voz:

A propósito, Caio Mário, tenho notícias maravilhosas de Roma. O Senado prolongou o meu mandato como governador da Província Africana e o meu comando da guerra contra a Numídia até ao próximo ano.

É simpático da parte do Senado respondeu Mário, e desapareceu.

Estou-me nas tintas para ele! disse Mário a Rutílio Rufo, momentos mais tarde. Ele pensava que me tinha feito ficar mal, salvando a sua pele. Mas enganou-se. Vou vencê-lo, Públio Rutílio, espera e verás! Estarei em Roma a tempo de me candidatar a cônsul, e então farei com que lhe retirem a prorrogação. E ma concedam a mim.

Rutílio Rufo olhou pensativamente para ele.*282*

- Tenho muito respeito pela tua habilidade, Caio Mário - disse -, mas neste caso, o tempo tornará o Suíno vencedor. Nunca chegarás a Roma a tempo das eleições.

- Chegarei - disse Mário, com um ar extremamente confiante. Foi a cavalo de Cirta até útica em dois dias, fazendo uma pausa de umas horas de sono pelo caminho e cavalgando implacavelmente um novo cavalo sempre que possível. Antes da noite do segundo dia, alugou um barco pequeno e rápido que encontrou no porto de útica. E na

madrugada do terceiro dia, embarcou para Itália, tendo oferecido um sacrifício dispendioso aos Lares Permarim na praia, mal as luzes começavam a passar para a orla oriental do mundo.

- Navegas em direcção a um destino inimaginavelmente grande, Caio Mário - disse o sacerdote que fizera a oferenda aos deuses que protegem os que viajam por mar. - Nunca vi tão bons presságios como hoje.

As suas palavras não constituíam qualquer surpresa para Mário. Desde que Marta, a profetisa síria, lhe dissera o que o futuro lhe reservava, permanecera inabalável na sua crença de que as coisas aconteceriam tal como ela previra. Por isso, enquanto o barco se afastava do porto de Utica, reclinou-se tranquilamente à amurada e esperou pelo vento. Este veio de sudoeste a umas vinte milhas regulares e levou o barco de útica para óstia em apenas três dias, um vento perfeito num mar perfeito, sem haver necessidade de navegar ao longo da costa, nem parar em busca de abrigo ou provisões. Todos os deuses estavam do lado dele, como Marta previra.

As notícias da sua viagem miraculosa chegaram a Roma antes dele, embora se tivesse demorado em óstia apenas o tempo necessário para pagar o barco e dar uma recompensa generosa ao seu capitão; e quando se dirigiu a cavalo para o Fórum Romano e desmontou em frente da mesa eleitoral do cônsul Aurélio, havía-se reunido grande multidão. Uma multidão que se regozijava e o aplaudia com vigor, e lhe dava a entender que era ele o herói do momento. Rodeado por pessoas que lhe davam palmadas nas costas, radiantes com o seu mágico aparecimento, Mário dirigiu-se ao *cônsul suffectus* que ocupara o lugar de Sérvio Sulpício Galba, condenado pela Comissão Mamiliana, e colocou a carta de Metelo sobre a mesa.

- *Se me* perdoares o facto de não ter vestido a toga branca, Marco Aurélio - disse -, estou aqui para inscrever o meu nome como candidato à eleição consular.283

- Desde que possas provar que Quinto Cecílio te libertou da tua **obrigação** para com ele, Caio Mário, de bom grado aceitarei o teu nome disse o cônsul substituto, agitado pelas boas-vindas da multidão e consciente de que os cavaleiros mais influentes da cidade se haviam precipitado através de todas as *basílicas e porticus* mal tinham surgido as notícias da chegada inesperada de Mário.

Como Mário crescera! Como tinha um ar maravilhosamente importante, meia cabeça mais alto do que os que o rodeavam, com o seu sorriso intenso! Como eram largos os seus ombros, para tomarem sobre eles o peso do consulado! Pela primeira vez na sua longa carreira, o provinciano italiano que não sabia grego sentiu a adulação política genuína; não era a estima salutar e fiel dos soldados, mas a adoração instável das massas do Fórum, ao seu próprio serviço. E Caio Mário adorava-o, não por necessitar disso a imagem que fazia de si mesmo, mas por ser tão estranho, tão corrupto, tão inexplicável.

Mário mergulhou nos cinco dias mais febris da sua vida, sem tempo nem energias para dar a júlia mais do que um abraço rápido, e nunca chegando a casa a horas a que pudessem mostrar-lhe o filho. Porque aquela recepção histérica quando ele anunciou a sua candidatura não era ainda a indicação de que poderia ganhar; o clã imensamente influente dos Cecílios Metelos uniu-se a todas as outras facções aristocráticas, patrícias e plebeias, numa última tentativa para manter o provinciano italiano que não sabia grego fora da cadeira curul de marfim dos cônsules. A sua força encontrava-se entre os cavaleiros, graças aos seus contactos espanhóis e às promessas do príncipe Gauda das concessões futuras numa Numídia de Gauda, mas havia muitos cavaleiros ligados às diversas facções que se lhe opunham.

E as pessoas falavam, discutiam, questionavam, debatiam: seria mesmo bom para Roma eleger o Homem Novo Caio Mário para cônsul? Os Homens Novos constituíam um risco. Os Homens Novos não conheciam a vida da nobreza. Os Homens Novos cometiam

erros que os nobres não cometiam. Os Homens Novos eram Homens Novos, eram Homens Novos... Sim, a mulher era **uma júlia dos júlios.** Sim, a **sua folha de serviços** militar era um adorno para Roma. Sim, era tão rico que se manteria com certeza acima da corrupção. Mas quem alguma vez o vira nos tribunais? Quem alguma vez o ouvira falar de leis e de legislação? Não era verdade que ele fora um elemento de perturbação no Colégio de Tribunos da Plebe há muitos anos, com o seu desafio àqueles que conheciam Roma284

e as necessidades de Roma melhor do que ele, e aquela lei odiosa que estreitara as ligações eleitorais na *saepta?* E vejam a sua idade! Teria cinquenta anos feitos ao chegar a cônsul, e os homens velhos davam maus cônsules.

E acima de todas essas especulações e objecções, a facção de Cecílio Metelo obtinha um capital substancial do aspecto mais repelente de Caio Mário como cônsul. Não era um romano dos Romanos. Ele era italiano. Estaria Roma tão desprovida de nobres romanos adequados que o consulado tivesse de caber a um Homem Novo italiano? Certamente que entre os candidatos havia uma dúzia de homens mais valorosos do que Caio Mário! Todos romanos! Todos homens de bem.

É claro que Caio Mário falou, para grupos pequenos e grandes, no Fórum Romano, no Circo Flamínio, dos pódios dos vários templos, no Porticus Metelli, em todas as *basilicae.* E era um bom orador, bem treinado *em* retórica, embora não tivesse usado os seus dotes desde que entrara para o Senado. Cipião Emiliano ocupara-se da elegância retórica. Ele agarrava o seu público; ninguém virava costas ou o considerava um mau orador, embora não rivalizasse com Lúcio Cássio ou Catulo César. Muitas eram as questões que lhe eram colocadas, algumas por pessoas que apenas queriam saber, outras pelos que ele próprio indicava, outras ainda pelos que os seus inimigos haviam mandado questioná-lo, e algumas por aqueles que estavam interessados em ouvir as diferenças entre as suas respostas e os relatórios de Metelo para o Senado.

A eleição em si foi calma e ordenada, ocorreu na zona de voto no Campo de Marte, no local denominado a *saepta.* As eleições nas trinta e cinco tribos podiam decorrer no local dos comícios no Fórum Romano, pois era fácil organizar os eleitores tribais num espaço relativamente reduzido; mas as eleições da Assembleia Centurial deslocavam gente em massa, dado que exigiam o desdobramento das Centúrias nas Cinco Classes.

À medida que os eleitores das centúrias eram chamados, iniciando-se pela Primeira Centúria da Primeira Classe, os resultados começaram logo a delinear-se: Lúcio Cássio Longino ia ser a escolha das Centúrias, mas as suas escolhas em relação ao segundo cônsul eram abundantes e variadas. A Primeira e a Segunda Classe votaram tão massivamente em Lúcio Cássio Longino que ele ficou em primeiro lugar, não talhando uma centúria, pelo que foi designado para cônsul sénior, o que portaria *ofasces* durante o mês de janeiro. Mas o nome do cônsul júnior apenas foi conhecido no final da votação da Terceira Classe, de tão renhida que estava a **disputa entre Caio Mário e Quinto Lutácio Catulo** César.285

E foi então que aconteceu. O candidato escolhido para cônsul júnior era Caio Mário. Os Cecílios Metelos ainda conseguiam influenciar os votos das Centúrias - mas não o suficiente para afastar Caio Mário. E isso podia ser classificado como um enorme triunfo de Caio Mário, o provinciano italiano que não sabia grego. Era um Homem Novo genuino, o primeiro da sua família a ocupar um lugar no Senado, o primeiro da sua família a viver na cidade de Roma, o primeiro da sua família a deixar a sua marca no exército.

Ao fim do dia das eleições, Caio Júlio César deu um jantar de celebração: um festejo familiar. O seu contacto com Caio Mário limitara-se a um rápido aperto de mão no Fórum e outro aperto de mão igualmente rápido no Campo de Marte, quando as Centúrias se haviam reunido, tão árdua tinha sido a campanha eleitoral de cinco dias de Caio Mário.

- Tiveste uma sorte inacreditável - disse César, acompanhando o convidado de honra à sala de jantar enquanto a sua filha Júlia ia procurar a mãe e a irmã mais nova.

- Eu sei - disse Mário.

- Há poucos homens hoje - prosseguiu César -, com os meus dois filhos ainda em África, mas posso oferecer-te o apoio de outro homem, e assim estaremos em número igual às mulheres.

- Tenho cartas de Sexto e Caio Júlio, e muitas notícias acerca das suas explorações - disse Mário, quando se acomodavam confortavelmente nos leitos.

- Mais tarde.

O terceiro homem prometido entrou na sala de jantar e Mário ficou surpreendido, pois reconheceu o homem jovem mas maduro que estivera entre os cavaleiros quase três anos antes, enquanto o touro sacrificial do novo cônsul Minúcio Rufo se debatia tanto contra a sua morte. Como se podia esquecer aquele rosto, aquele cabelo?

- Caio Mário - disse César, um pouco constrangido -, gostaria de **apresentar-te Lúcio Cornélio Sila, não apenas o meu vizinho** do lado, mas também meu companheiro no Senado, e, em breve, meu genro.

- Muito bem! - exclamou Mário, estendendo a mão e apertando a de Sila com grande calor.
- És um homem muito afortunado, Lúcio Cornélio.

- Tenho consciência disso - disse Sila, com sentimento.

César escolhera ser um pouco heterodoxo na disposição da sala de jantar, reservando o leito superior para si mesmo e para Mário, e relegando286

Sila para o segundo leito; não pretendendo ser ofensivo, como teve o cuidado de explicar, mas para fazer o grupo parecer um pouco maior, e dar a todos espaço suficiente.

- Que interessante! - pensou Mário, franzindo mentalmente as sobrancelhas: nunca vira Caio Júlio César em desvantagem. Mas este sujeito estranhamente belo perturba-o de certo modo, fá-lo perder o equilíbrio...

Então as mulheres entraram, sentaram-se em cadeiras de espaldar direito à frente dos seus pares e iniciou-se o jantar.

Embora tentasse não dar a imagem de um marido demasiado carinhoso e avançado nos anos, os olhos de Mário estavam permanentemente a virar-se para Júlia, que se tornara na sua ausência uma matrona jovem e encantadora, graciosa, não receosa das suas responsabilidades, uma excelente mãe e *chatelaine* - e a mais ideal das esposas. Ao passo que - como Mário notou Julilla não crescera de modo satisfatório. Claro que não a vira nos estertores da sua doença desgastante, que cessara de atormentá-la há algum tempo, mas deixara-a com o que ele apenas podia chamar uma atitude escassa em relação à vida - escassa de corpo, escassa de intelecto, escassa de experiência, escassa de satisfação. Febril na sua conversa, agitada no seu comportamento, tinha tendência para estremecer de medo, e não conseguia ficar sossegada no lugar; nem conseguia impedir-se de dominar a atenção do noivo, pelo que muitas vezes este se via excluído da conversa entre Caio Mário e César.

Ele suportava bem o facto, notou Mário, e parecia genuinamente dedicado a Julilla, sem dúvida fascinado pelo modo como a rapariga focava as suas emoções sobre ele. Mas isso, decidiu o prático Mário, não duraria além de seis meses de casamento com um Lúcio Cornélio Sila por noivo! Nada sugeria nele uma preferência natural pela companhia feminina, ou uma inclinação excessiva pela mulher.

No final da refeição, César anunciou que levaria Caio Mário até ao seu gabinete para uma conversa privada.

- Fiquem aqui, se quiserem, ou então sigam os vossos destinos - proferiu calmamente. - Há muito tempo que Caio Mário e eu não nos vemos.

- Houve mudanças na tua casa, Caio Júlio - disse Mário, enquanto se instalavam confortavelmente no *tablinum.*

- De facto houve, e aí reside a minha maior razão para querer ver-te independente sem demora.

- Bem, serei cônsul no próximo dia de Ano Novo, e então, a minha vida ficará em ordem - disse Mário, sorrindo. - Devo-te tudo... e ainda287

te devo a felicidade de *ter* uma mulher perfeita, uma parceira ideal nos meus empreendimentos. Tive pouco tempo para lhe dedicar desde o meu regresso, mas agora que fui eleito, tenciono rectificá-lo. Vou levar júlia e o meu filho para Baias, e vamos esquecer o mundo inteiro por um mês.

- Agrada-me mais do que imaginas ouvir falar da minha filha com tanto afecto e respeito.

Mário encostou-se um pouco mais confortavelmente na cadeira.

- Muito bem. Passemos agora a Lúcio Cornélio Sila. Lembro-me de algumas palavras que disseste acerca de um aristocrata sem dinheiro para alcançar a vida a que o nascimento lhe dava direito, e que tinha o nome do teu futuro genro. O que aconteceu para as coisas mudarem?

- Segundo o que ele diz, sorte. Afirma que se as coisas continuarem como desde que conheceu julilla, adicionará um cognome, Félix, ao nome que recebeu do pai. Que era um bêbedo e um esbanjador, mas casou com a rica Clitumna há quinze anos ou mais, e morreu há pouco tempo. Lúcio Cornélio encontrou julilla no dia de Ano Novo há quase três anos, e ela deu-lhe uma coroa de ervas sem saber o significado do que tinha feito. Ele insiste que, a partir desse momento, a sua sorte mudou. Primeiro, morreu o sobrinho de Clitumna, que era o seu herdeiro. Depois, uma mulher chamada Nicópole morreu e deixou a Lúcio Cornélio uma pequena fortuna: suponho que era sua amante. E não muitas luas depois, Clitumna suicidou-se. Como ela não tinha herdeiros, deixou a Lúcio Cornélio toda a sua fortuna: a casa do lado, uma *villa* em Circeios e cerca de dez milhões de denários.

- Deuses! Merece mesmo acrescentar Félix ao nome - disse Mário com bastante secura. - Estarás a ser ingénuo neste assunto, Caio Júlio, ou tiveste provas suficientes de que Lúcio Cornélio Sila não ajudou a levar nenhum destes mortos até à barca de Caronte para atravessarem a Estige? César acolheu o dardo com uma mão levantada, mas sorriu.

- Não, Caio Júlio, asseguro-te que não fui ingénuo. Não posso implicar Lúcio Cornélio em nenhuma das três mortes. O sobrinho pereceu após uma doença prolongada dos intestinos e do estômago, ao passo que a mulher liberta grega, Nicópole, *morreu* de uma insuficiência

renal que durou... não sei, um dia, dois dias, não mais. Ambos foram autopsiados, e não se encontrou nada de suspeito. Clitumna estava morbidamente deprimida antes de se suicidar. Foi em Circeios, numa altura em que Lúcio Cornélio estava indubitavelmente em Roma. Sujeitei todos os escravos da casa de Clitumna, tanto aqui como em Circeios, a um questionário288

exaustivo, e é minha opinião que não há nada mais para saber acerca de Lúcio Cornélio Sila - fez uma careta. - Sempre fui contra torturar escravos para se encontrar provas de um crime, pois não penso que as provas obtidas sob tortura valham alguma coisa. Mas não acredito que os escravos de Clitumna tivessem algo a contar, mesmo que fossem torturados. Por isso, decidi não ligar mais ao assunto.

Mário abanou a cabeça.

- Estou de acordo contigo, Caio Júlio. O testemunho dos escravos apenas tem valor se for dado de boa vontade... e se for tão lógico como verdadeiro.

- E o desfecho de tudo isto foi que Lúcio Cornélio passou da pobreza abjecta para a riqueza no decorrer de dois meses - continuou César. - De Nicópole herdou o suficiente para ser admitido ao censo dos cavaleiros, e de Clitumna o bastante para ser admitido no Senado. Graças à aflição de Escauro devido à ausência de censores, foi eleito um novo par em Maio último. De outro modo, Lúcio Cornélio teria de esperar vários anos pela admissão ao Senado.

Mário riu.

- Sim, isso aconteceu mesmo? Ninguém queria os lugares dos censores? Em certa medida, Fábio Máximo Eburno é lógico, mas Licínio ”Getha”? Foi expulso do Senado pelos censores há oito anos por comportamento imoral, e só regressou ao Senado conseguindo ser eleito tribuno da plebe!

- Eu sei - disse César melancolicamente. - Não. Penso que o que aconteceu foi que todos tinham relutância em candidatar-se, receando ofender Escauro. Querer ser censor era como que um desejo de respeito e lealdade em relação a Escauro, pelo que só os que se candidatavam eram capazes desse tipo de sensibilidade. Não te esqueças que é bastante fácil lidar com Getha: está lá apenas pelo estatuto e alguns apertos de *mão* eloquentes de companhias propondo-se a contratos com o Estado... Bem, todos sabemos que ele não está bom da cabeça, não é verdade, Caio Mário?

- Sim - pensou Caio Mário -, sabemo-lo muito bem! - Imensamente rico e pertencente a uma aristocracia apenas ultrapassada pelo clã de Júlio, a família de Fábio Máximo desaparecera, e só se mantinha por uma série de adopções. O Quinto Fábio Máximo Eburno que fora eleito para censor era um Fábio Máximo adoptado; gerara apenas um filho, e cinco anos antes executara esse único filho por falta de castidade. Embora não houvesse qualquer lei que impedisse **Eburno** de executar o filho como *pater*289

famillias, a execução de mulheres e crianças sob o escudo protector da lei familiar caíra há muito em desuso. Por isso, a acção de Eburno horrorizara Roma inteira.

- Não te esqueças que pouco importa a Roma que Getha tenha um Eburno como colega - disse Mário pensativamente. - Duvido que tenha um grande êxito, com Eburno lá.

- Estou certo de que tens razão, mas coitado do filho dele! Lembra-te que Eburno é de facto um Servílio Cepião, e os Servílios Cepiões são todos muito estranhos no que diz respeito à moralidade sexual. São mais castos do que Artémis da Floresta e gabam-se disso. O que realmente é motivo de espanto.

- Então, qual dos censores é que convenceu o outro a deixar Lúcio Cornélio Sila entrar para o Senado? - perguntou Mário. - Diz-se que

ele não tem sido exactamente um pilar de moralidade no que diz respeito ao sexo, agora que posso associar-lhe o nome à cara.

- Oh, penso que o desleixo moral era principalmente devido ao tédio e à frustração - disse César com simplicidade. - No entanto, Eburno olhou com certo desagrado para o seu pequeno Servílio Cepião e resmungou um pouco, é verdade. Ao passo que Getha aceitaria um macaco da Matiritânia Tingitana se o preço lhe conviesse. Por isso, afinal de contas, acabaram por aceitar que Lúcio Cornélio se inscrevesse, mas apenas sob condições.

- Sim?

- Sim. Lúcio Cornélio é condicionalmente membro do Senado: tem de concorrer às eleições como questor e entrar à primeira. Se não conseguir, deixará de pertencer ao Senado.

- E entrará?

- O que te parece, Caio Mário?

- Com um nome como o dele? Oh, entrará!

- Espero que sim - mas César parecia duvidoso. Hesitante. Um pouco atrapalhado? Respirou e elevou o seu olhar directo e azul ao genro, com um sorriso magoado. - Caio Mário, prometi que, após a tua generosidade ao casares com a júlia, nunca mais te pediria nenhum favor. Contudo, é um tipo de promessa bem tola. Como pode alguém saber as necessidades do futuro? Necessidade. Eu tenho necessidade. Necessito de outro favor teu.

- O que quiseres, Caio Júlio - disse Mário, afectuosamente.

-já estiveste com a tua mulher o tempo suficiente para descobrires o motivo porque julilla quase se matou à fome? - perguntou César.

- Não - o rosto austero e vigoroso de águia acendeu-se por um momento com alegria pura. - O pouco tempo que estivemos juntos desde que regressei a casa não foi desperdiçado em conversas, Caio Júlio! César riu, suspirou.

- Quem me dera que a minha filha mais nova fosse feita da mesma massa que a mais velha! Mas não é. A culpa deve ser minha e de Márcia. Estragámo-la com mimos e perdoámos-lhe muitas coisas que não perdoámos aos outros filhos. Por outro lado, sou da opinião de que há em Julilla uma falha inata. Mesmo antes de Clitumna morrer, descobrimos que a tola da rapariga se tinha apaixonado por Lúcio Cornélio, e estava a tentar forçá-lo, ou a nós... ou a ele e a nós, é muito difícil dizer o que ela pretendia, se é que ela mesma o sabia. De qualquer modo, pretendia Lúcio Cornélio, e sabia que eu nunca consentiria em tal união.

Mário fez um ar de incredulidade.

- E sabendo que eles tinham uma relação clandestina, permitiste que o casamento se efectuasse?

- Não, não, Caio Mário, Lúcio Cornélio nunca esteve de modo nenhum implicado nisso! - exclamou César. - Asseguro-te que não teve qualquer influência no que ela fez.

- Mas disseste que ela lhe deu uma coroa de ervas há dois Anos Novos

- objectou Mário.

- Acredita que o encontro foi inocente, pelo menos da parte dele. Não a encorajou: de facto, tentou até desencorajá-la. Ela desonrou-se a si e a nós, porque procurou obrigá-lo a declarar sentimentos por ela, sabendo que eu não aprovaria. Pede à Júlia que te conte a história toda, e então irás compreender-me - disse César.

- Nesse caso, como vão casar agora?

- Bem, ele herdou uma fortuna e pôde tomar a posição que lhe era devida, e pediu-me a mão de Julilla. Apesar do modo como ela o *tratara.*

- A coroa de ervas - disse Mário pensativamente. - Sim, posso entender como se deve ter sentido ligado a ela, especialmente quando a sua oferta mudou tanto a sorte dele.

- Eu também o entendo, e foi por isso que dei o meu consentimento

- César voltou a suspirar, mais profundamente. - O problema, Caio Mário, é que não gosto tanto de Lúcio Cornélio como gosto de ti. É um homem muito estranho: há nele coisas que me fazem arrepiar, e no entanto, não faço ideia de que coisas são. E devemos tentar sempre ser justos, ser imparciais nos nossos julgamentos.291

- Anima-te, Caiojúlio, tudo acabará em bem - disse Mário. - O que posso fazer para te ajudar?

- Ajuda Lúcio Cornélio a ser eleito questor - disse César, cujo discurso se tornava mais duro agora que tinha o problema de um homem a resolver. - O mal é que ninguém o conhece. É claro que todos conhecem *o nome* dele! Todos sabem que é um patrício Cornélio genuíno. Mas o *cognomen* Sila não se ouve nos dias de hoje, e ele nunca teve a oportunidade de se mostrar no Fórum e nos tribunais quando era novo, nem fez o serviço militar. Com efeito, se qualquer nobre malicioso quisesse fazer barulho, o próprio facto de ele nunca ter cumprido o serviço militar podia afastá-lo dos cargos públicos e do Senado. O que esperamos é que ninguém coloque muitas questões, e nesse aspecto este par de censores é ideal. Não ocorreu a nenhum deles que Lúcio Cornélio não podia fazer os treinos no Campo de Marte nem entrar nas legiões como tribuno militar júnior. E felizmente, foram Escauro e Druso que inscreveram Lúcio Cornélio como cavaleiro, pelo que os nossos novos censores presumiram que os antigos tinham inspeccionado tudo com muito mais cuidado do que de facto fizeram. Escauro e Druso eram homens compreensivos, sentiram que Lúcio Cornélio merecia uma hipótese. Além do mais, nessa altura não estava em questão o Senado.

- Queres que suborne alguém para que Lúcio Cornélio seja admitido em cargos públicos? - perguntou Mário.

César era suficientemente antiquado para ficar chocado.

- De modo nenhum! O suborno ainda seria desculpável se o prémio fosse o consulado, mas um cargo como *questor?* Nunca! Além de que seria muito arriscado. Eburno está de olho em Lúcio Cornélio, estará atento a qualquer oportunidade para desclassificá-lo e até processá-lo. Não, o favor que quero é muito diferente e muito menos confortável para ti, se ele se revelar incapaz. Quero que proponhas Lúcio Cornélio para teu questor pessoal - que lhe concedas a honra de uma indigitação pessoal. Como sabes, quando o eleitorado se apercebe de que o candidato a questor foi pretendido por um cônsul-eleito, é certo que obterá a votação.

Mário não respondeu logo; estava ocupado a digerir as implicações. Tanto fazia que Sila estivesse ou não implicado nas mortes da amante e da madrasta, sua beneficiária testamentária. Mais tarde dir-se-ia que tinha assassinado as duas, se tivesse bastante êxito político para poder candidatar-se a cônsul; alguém

desenterraria a história, e a campanha de murmúrios segundo os quais, ele matara para ter o dinheiro de que precisava*292*

para obter a carreira pública que a pobreza do pai lhe negara seria uma bênção dos deuses nas mãos dos seus rivais Políticos. Ter por esposa uma filha de Caio Júlio César ajudaria, mas nada anularia completamente a calúnia. E por fim haveria muitos que acreditariam nela, tal como havia muitos que acreditavam que Caio Mário não sabia grego. Essa era a primeira objecção. A segunda residia no facto de Caio Júlio César não gostar de Sila, embora não tivesse razões concretas para justificar os seus sentimentos. Seria mais uma questão de Instinto do que de Pensamento? Instintos Animais? E a terceira objecção era a personalidade de Julilla. A sua Júlia, sabia-o agora, nunca casaria com um homem que não considerasse merecedor, por mais desesperada que fosse a situação financeira de Júlio. Ao passo que Julilla mostrara ser inconstante, irreflectida, egoísta

- o género de rapariga que não escolheria um parceiro merecedor, nem que a sua vida dependesse disso. No entanto, escolhera Lúcio Cornélio Sila.

Depois, deixou a sua mente afastar-se dos Césares e fê-la recuar até àquela manhã de chuva miudinha no Capitólio, quando vira secretamente Sila observar os touros sangrar até à morte. E então soube o que havia a fazer, o que iria responder. Lúcio Cornélio *era importante.* Em circunstâncias nenhumas deveria tornar a cair na obscuridade. Teria de herdar o seu direito de primogenitura.

- Muito bem, Caio Júlio - disse sem a menor hesitação na voz -, amanhã pedirei ao Senado que me conceda Lúcio Cornélio Sila para meu questor. César regozijou-se.

- Obrigado, Caio Mário! Obrigado!

- Podes casá-los antes de se reunir a **Assembleia do Povo para votar os questores?** - perguntou.

- É o que será feito - disse César.

E assim, em menos de oito dias, Lúcio Cornélio Sila e Júlia Menor, filha mais nova de Caio Júlio César, casaram no antigo tipo de cerimónia *confarreatio,* dois patrícios unidos para o resto da vida. A carreira de Sila teve um ressalto; pessoalmente requerido pelo cônsul-eleito Caio Mário para seu questor e unido pelo matrimónio a uma família cuja *dignitas* e integridade eram acima de qualquer suspeita, parecia que ele não podia *perder.*

Foi nesse estado de espírito jubilante que chegou à noite de casamento, ele, que nunca imaginara ficar ligado a uma mulher e a responsabilidades293

familiares. Despedira-se de Metróbio antes de se apresentar aos censores para se alistar como membro do Senado, e apesar de a despedida ter sido mais plena de emoção do que aquela com que conseguia facilmente lidar - dado que o rapaz o amava muito e estava destroçado

- Sila foi firme na sua resolução de abandonar para sempre todas as actividades desse tipo. Nada iria pôr em risco a sua ascensão à fama.

Além disso, conhecia bem o seu estado emocional para compreender até que ponto julilla lhe era preciosa, e não apenas por ela simbolizar a sua sorte, embora nos seus pensamentos classificasse os seus sentimentos por ela muito próximos dessa sorte. Simplesmente, Sila era incapaz de definir os seus sentimentos por qualquer ser humano como amor. O amor para Sila era uma coisa diferente, que as pessoas inferiores sentiam. Tal como o definiam essas pessoas diferentes e inferiores, parecia ser muito estranho, recheado de ilusões e desilusões, algumas vezes nobre ao ponto da imbecilidade e outras vezes básico ao ponto da amoralidade. Que Sila não conseguisse reconhecê-lo em si, devia-se à sua convicção de que o amor negava o senso comum, a autopreservação, o

esclarecimento da mente. Nos anos vindouros, nunca viu que a sua paciência e indulgência em relação à sua mulher irreflectida e inconstante constituíssem a prova de amor de que de facto precisava. Em vez disso, considerou a paciência e indulgência virtudes intrínsecas ao seu carácter, e não conseguiu compreender-se nem amar, e por isso não conseguiu crescer.

Foi um casamento típico de Júlio César, mais digno que devasso, embora os casamentos a que Sila costumava assistir fossem muito mais devassos que dignos, e por isso, suportou-o mais do que o gozou. Contudo, quando chegou a hora, não havia convidados bêbedos fora da porta do seu quarto, pelo que não teve de perder tempo a expulsá-los de casa. Quando a curta viagem de uma porta à outra terminou, e ele pegou ao colo em julilla - como era leve, como era efémera! - para atravessar com ela a entrada, os convidados que os tinham acompanhado sumiram-se.

Como as virgens imaturas nunca haviam feito parte da sua vida, Sila não tinha dúvidas acerca dos acontecimentos que se seguiriam, e poupou, por isso, muitas preocupações desnecessárias. Pois fosse qual fosse o estado clínico do seu himen, julilla estava tão madura e tão fácil de descascar como um pêssego caindo da árvore de sua livre vontade. Ela viu-o despir a túnica de casamento e retirar a coroa de flores da cabeça, tão fascinada como excitada. E foi ela mesma que tirou as suas peças de roupa umas por cima das outras sem ninguém lhe pedir, vestes de noiva294

bege, cor de fogo e cor de açafrão, tirou a tiara de sete camadas de lã da sua cabeça, todos os laços especiais e faixas em volta da cintura. Olharam um para o outro, então, plenamente satisfeitos, Sila bem constituído, Julilla demasiado magra mas mantendo uma graciosidade que em muito contribuía para suavizar linhas que noutra pessoa seriam angulares e feias. E foi ela que se dirigiu para o marido, pondo-lhe as mãos nos ombros, e com uma volúpia estranhamente natural e espontânea moveu o seu corpo contra o dele, suspirando deliciada, quando os braços do homem a

envolveram e começaram a responder às carícias dela com movimentos amplos e vigorosos de ambas as mãos.

Sila adorou a sua leveza, a flexibilidade acrobática com que ela respondeu mal a elevou acima da sua cabeça e se deixou enroscar nele. Nada do que ele fez a alarmou ou ofendeu, e tudo o que lhe fazia e que ela lhe *podia fazer reciprocamente, fazia-o. Ensiná-la a beijar demorou segundos;* e no entanto, ao longo de todos os anos que passaram juntos, ela nunca parou de aprender a beijar. Era uma mulher maravilhosa, bela, ardente, ansiosa por agradar-lhe, mas ávida de que ele lhe agradasse. Toda dele. Apenas dele. E qual dos dois poderia imaginar nessa noite que as coisas podiam mudar, ser menos perfeitas, menos desejadas, menos bem-vindas?

- Se alguma vez olhares para outro, mato-te - disse o marido, quando estavam deitados na cama dele, repousando entre os acessos de actividade.

- Acredito em ti - disse ela, lembrando-se da lição amarga do pai acerca dos direitos do *paterfamilias;* pois agora saíra da autoridade do pai para a autoridade de Sila. Patrícia como era, não era nem poderia alguma vez vir a ser senhora de si. As pessoas como Nicópole ou Clitumna acabavam por viver infinitamente melhor.

Havia pouca diferença nas estaturas dos dois, pois Julilla era bastante alta para mulher e Sila tinha exactamente a estatura média para um homem. Por isso, as pernas dela eram mais compridas do que as dele, e a rapariga conseguira enroscá-las à volta dos joelhos dele, maravilhando-se com a brancura da sua pele comparada com o tom de ouro da pele dela.

- Fazes-me parecer uma síria - disse, alongando o seu braço ao lado do dele, ambos no ar, para que o marido pudesse ver o contraste, aumentado pela lamparina.

- Eu não sou normal - disse ele subitamente.

- **Ainda bem - disse ela, rindo** e **debruçando-se para o beijar.**295

Após o que foi a vez de Sila examiná-la, o contraste e a magreza dela, quase como um rapaz. Com uma mão, fê-la cair rapidamente, empurrou-lhe a cara para a almofada e estudou as linhas das costas e do rabo e das coxas. Encantadora.

- És tão bela como um rapaz - disse ele.

Ela tentou levantar-se indignada, mas o marido manteve-a onde estava.

- Que bonito! Não digas isso como se ”preferisses” os rapazes as raparigas, Lúcio Cornélio! - E isto foi dito em toda a inocência, entre risadas abafadas pela almofada leve debaixo da sua boca.

- Até te conhecer, acho que preferia - respondeu o homem.

- Tonto! - disse ela a rir, tomando o comentário por uma piada, libertando-se e subindo para cima dele, escarranchando-se- lhe no peito, de joelhos sobre os seus braços. - Por teres dito isso, podes dar uma vista de olhos bem de perto ao meu montinho e diz-me se tem alguma coisa a ver com uma haste dura.

- Só uma vista de olhos? - perguntou o marido, puxando-a para o seu pescoço.

- Um rapaz! - A ideia continuava a diverti-la. - És doido, Lúcio Cornélio! - E a seguir esqueceu-se de tudo, na descoberta delirante de novos prazeres.

A Assembleia da **Plebe elegeu Sila para questor** na altura devida, e apesar de não estar previsto o início do seu ano em funções antes do quinto dia de Dezembro (embora, tal como todos os questores pessoais, ele não fosse necessário até ao Ano Novo, quando o seu superior entrasse em serviço), Sila apresentou-se no dia a seguir às eleições na casa de Mário.

Novembro ia avançado, e por isso o dia despontava mais tarde, facto pelo qual Sila estava profundamente agradecido; os seus excessos nocturnos com Julilla tornavam o acordar cedo mais difícil do que dantes. Mas sabia que tinha de apresentar-se antes do nascer do sol, pois o facto de Mário o ter solicitado para seu questor pessoal mudara subtilmente o estatuto de Sila.

Embora não fosse uma clientela tradicional para toda a vida, Sila era agora tecnicamente cliente de Mário durante o seu tempo como questor, o que duraria o tempo que Mário mantivesse o seu *imperium,* em vez do

ano normal. E um cliente não ficava na *cama* com a sua nova esposa até296

ser dia claro; um cliente apresentava-se na casa do seu patrono mal a primeira luz surgisse no céu, e aí oferecia os seus préstimos, para o que quer que o patrono desejasse. Podiam delicadamente mandá-lo embora; podiam pedir-lhe que o acompanhasse ao Fórum Romano ou a uma das *basilicae* para orientar os assuntos públicos ou privados do dia; podia receber ordens para executar qualquer tarefa por ele.

Embora não tivesse chegado suficientemente tarde para merecer censuras, o vasto *átrium* da casa de Mário estava apinhado de clientes mais pontuais que Sila; alguns, pensou Sila, deviam ter mesmo dormido na rua à porta de Mário, pois normalmente eram recebidos pela ordem de chegada. Suspirando, Sila dirigiu-se a um canto pouco notado e preparou-se para uma longa espera.

Alguns homens importantes empregavam secretários e *nomenclatores* para distribuir o pescado dos clientes da manhã, rejeitando as petingas, apenas necessárias para fazer número, e mandando só os peixes graúdos ou interessantes para falar com o homem importante. Mas Caio Mário, como Sila notou, concordando, fazia a sua própria escolha. Este homem importante, cônsul eleito, e por isso de enorme valor para muitas pessoas em Roma, fazia as suas tarefas sujas com uma prontidão serena, separando os indispensáveis dos obedientes com maior eficácia do que qualquer secretário que Sila conhecesse. Em trinta minutos, os quatrocentos homens agrupados no *átrium* e espalhados pela colunata do peristilo já haviam sido escolhidos e arrumados; mais de metade ia-se embora alegremente, os clientes de homens libertos ou livres de baixo estatuto amarrotando na mão um donativo enfiado na sua mão por um Mário todo sorrisos e gestos de humildade.

”Bem”, pensou Sila, ”ele será um Homem Novo, e será mais italiano do que romano, mas sabe comportar-se. ”Nenhum Fábio ou Emílio podia ter desempenhado melhor o papel de patrono. Não era preciso demonstrar generosidade para com os clientes, a menos que eles o pedissem especificamente, e mesmo assim, cabia à discrição do patrono recusar; mas Sila sabia pela atitude dos que esperavam a sua vez à medida que Mário se dirigia de homem para homem, que Mário fazia da generosidade uma regra, enquanto dava subtilmente a entender que mal estariam os que fossem gananciosos.

- Lúcio Cornélio, não necessitas de esperar aí - disse Mário ao chegar ao canto de Sila. - Vai para o meu gabinete. Irei ter contigo daqui a pouco e poderemos falar.297

- De modo nenhum, Caio Mário - disse Sila, e sorriu de lábios fechados. - Estou aqui para te oferecer os meus préstimos como teu novo questor e terei o maior prazer em esperar pela minha vez.

- Então, podes esperar pela tua vez sentado no meu gabinete. Para funcionares bem como meu questor, é melhor veres como oriento os meus assuntos - respondeu Mário, pondo-lhe uma mão no ombro e acompanhando-o até ao *tablinum.*

Em três horas, a turba de clientes fora despachada, pacientemente mas com rapidez; as suas petições iam de qualquer tipo de auxílio até pedidos a ser considerados entre os primeiros quando a Numídia fosse reaberta aos homens de negócios romanos e italianos. Nada lhes era pedido em troca, mas a implicação não deixava de ser patente: Prepara-te para fazer o que quer que o teu patrono te peça, a qualquer momento, seja amanhã ou de amanhã a vinte anos.

- Caio Mário - disse Sila, quando saiu o último cliente -, visto que Quinto Cecílio Metelo já teve o seu comando em África prorrogado até ao próximo ano, como podes esperar ajudar os teus clientes em negócios quando a Numídia voltar a ser aberta?

Mário olhou-o pensativamente.

- Isso é verdade, Quinto Cecílio fica **com a África no próximo ano, não** é? Como era claramente uma pergunta retórica, Sila não tentou respondê-la, limitou-se a ficar fascinado com a forma como a mente de Mário funcionava. Não admirava que tivesse chegado a cônsul!

- Bem, Lúcio Cornélio, tenho pensado no problema de Quinto Cecílio em África, e não é insolúvel.

- Mas o Senado nunca substituirá Quinto Cecílio por ti - arriscou Sila.
- Ainda não estou profundamente a par das *nuances* políticas dentro do Senado, mas já senti a tua impopularidade entre os membros

que lideram o Senado, e parece-me uma corrente demasiado forte para poderes nadar contra ela.

- É bem verdade - disse Mário, sorrindo amavelmente. - Sou um provinciano italiano que não sabe grego... para citar Metelo, a quem, devo informar-te, chamo sempre Suíno... e indigno do cargo de cônsul. já para não dizer que tenho cinquenta anos, o que é idade excessiva para o cargo, uma idade avançada para cargos militares importantes. Os dados estão viciados contra mim no Senado. Mas sempre estiveram, como sabes. E no entanto, aqui estou, cônsul aos cinquenta anos! Um pouco misterioso, não é, Lúcio Cornélio?298 Sila sorriu mostrando os dentes, o que significava que ficou com um ar feroz; Mário não pareceu perturbar-se.

- É sim, Caio Mário.

Mário inclinou-se para a frente na cadeira e juntou as suas belas mãos em cima do magnífico tampo de pedra da mesa de trabalho.

- Lúcio Cornélio, há muitos anos descobri que há muitos modos diferentes de esfolar um gato. Enquanto muitos subiram o *cursus honorum* sem um soluço, eu marquei passo. Mas não foi tempo perdido. Passei-o a catalogar todos os outros modos de esfolar esse gato. Entre outras coisas igualmente compensadoras. É que quando alguém espera para além da sua vez, pode observar, avaliar, juntar as peças. Nunca fui um grande defensor, nunca fui perito na nossa Constituição que se encontra por escrever. Enquanto o Metelo Suíno se arrastava pelos tribunais *atrás de* Cássio Ravilla e *aprendia como* conseguir condenações de Vestais... Bem, digo isto só num sentido apócrifo, a estrutura do tempo está errada... eu estava no exército. E continuei no exército. É o que sei fazer melhor. Sim, não me enganaria ao gabar-me de saber mais sobre a lei e a Constituição do que meia centena de Metelos Suínos. Eu vejo as coisas do exterior, o meu cérebro não foi condicionado à rotina pelo exercício. Por isso, digo-te agora, vou derrubar Quinto Cecílio Metelo Suíno do cavalo imponente do seu comando africano, e serei eu próprio a substituí-lo.

- Acredito em ti - disse Sila. - Mas como?

- Quanto à legislação, eles são todos uns simplórios - disse Mário ironicamente -, é por isso. Como por hábito o Senado sempre racionou os cargos governamentais, nunca ninguém se

lembra que os decretos senatoriais não têm rigorosamente nenhum peso legal. É claro que todos sabem isso, se os instigares a responder, mas nunca aprendem, nem mesmo depois das lições que os irmãos Gracos tentaram dar-lhes. Os decretos senatoriais apenas possuem a força do hábito, da tradição. E não a da lei! É a Assembleia da Plebe que hoje em dia faz as leis, Lúcio Cornélio. E eu exerço muito mais poder na Assembleia da Plebe do que qualquer Cecílio Metelo.

Sila estava sentado, imóvel, receoso e com um certo medo, com duas sensações estranhas. Por mais temível que fosse o poder cerebral de Mário, não era este que lhe provocava receio; não, o que provocava receio a Sila era a experiência nova de ser acolhido à confiança total dum homem vulnerável. Como sabia ele, Mário, que Sila era de confiança? A confiança

nunca fizera parte da sua reputação e Mário teria inspeccionado por completo a reputação de Sila. No entanto, aqui estava Mário, expondo as suas intenções e acções futuras à observação de Sila! E colocando toda a sua confiança naquele questor desconhecido, como se essa confiança sempre tivesse sido merecida.

- Caio Mário - disse ele, incapaz de calá-lo -, o que me impede de ir a casa de qualquer Cecílio Metelo depois de sair daqui esta manhã e contar-lhe tudo o que estás a dizer-me?

- Nada, Lúcio Cornélio - disse Mário, impávido com a pergunta.

- Então, porque me pões a par de tudo isso?

- É simples - disse Mário. - Porque, Lúcio Cornélio, me pareces um homem muitíssimo capaz e inteligente. E qualquer homem assim também é muitíssimo capaz de usar a sua inteligência para descobrir por si que não é de modo nenhum inteligente compartilhar a sorte de um Cecílio Metelo, quando um Caio Mário lhe oferece o estímulo e a excitação de alguns anos de trabalho interessante e compensador. - Respirou fundo

- Isso! Saiu-me muito bem.

Sila começou a rir.

- Os teus segredos comigo estarão a salvo, Caio Mário.

- Eu sei.

- Apesar disso, gostava que soubesses que aprecio a confiança que depões em mim.

- Nós somos cunhados, Lúcio Cornélio. Estamos ligados, e por algo mais do que os Júlios Césares. Temos outra coisa em comum. A sorte.

- Ah! A sorte.

- A sorte é um sinal, Lúcio Cornélio. Ter sorte é ser amado pelos deuses. Ter sorte significa ter sido escolhido - e Caio Mário olhou para o seu novo questor com plena satisfação. - Eu fui escolhido. E optei por ti porque penso que também foste escolhido. Nós somos importantes para Roma, Lúcio Cornélio. Deixaremos a nossa marca em Roma.

- Também o creio - disse Sila.

- Sim, bem... dentro de um mês entrará em funções um novo Colégio de Tribunos da Plebe. Mal esse Colégio seja **empossado, farei a minha** jogada em relação a África.

- Não vais usar a Assembleia da Plebe para aprovar uma lei que derrube o decreto senatorial que concede a Cecílio Metelo outro ano em África - disse Sila, determinado.

- Com efeito, vou - disse Mário.300

- Mas isso é mesmo legal? Poderá ser aprovada uma lei dessas? - perguntou Sila; e começou a apreciar como um Homem Novo

inteligente, emancipado da tradição, podia virar o sistema inteiro do avesso.

- Não há nada escrito que diga que não é legal, e por isso nada diz que não pode ser feito. Tenho um desejo ardente de castrar o Senado, e a forma mais eficaz de fazê-lo é minar a sua autoridade tradicional. Como? Elaborando leis que anulem essa autoridade. Criando um precedente.

- Por que é assim tão importante ficares com o comando de África?

- disse Sila. - Os Germanos chegaram até Tolosa, e os Germanos são muito mais importantes do que Jugurta. Alguém terá de ir para a Gália e tratar deles no próximo ano, e preferia que fosses tu, a Lúcio Cássio.

- Não terei essa hipótese - disse Mário afirmativamente. - O teu estimado colega Lúcio Cássio é o cônsul sénior, e quer o comando da Gália contra os Germanos. De qualquer modo, o comando contra Jugurta é vital para a minha sobrevivência política. Assumi a representação dos interesses dos cavaleiros, tanto na Província de África como na Numídia. O que implica que tenho de estar em África quando a guerra acabar, para assegurar que os meus clientes obtenham todas as concessões que lhes prometi. Não só haverá uma vasta área de terras excelentes para o cultivo de cereais para repartir na Numídia, mas houve ainda descobertas recentes de um mármore raro de primeira qualidade, bem como de grandes depósitos de cobre. A acrescentar a isso, a Numídia possui dois tipos de pedras preciosas invulgares e muito ouro. E desde que Jugurta subiu ao trono, Roma nunca mais recebeu qualquer comparticipação.

- Então será a África - disse Sila. - O que posso fazer para ajudar?

- Aprender, Lúcio Cornélio, *aprender!* Vou precisar de um corpo de oficiais que sejam mais do que meramente leais. Quero homens que possam agir de sua iniciativa sem arruinar o meu grande plano:

homens que se aliem à minha capacidade e eficiência, em vez de *me ajudarem* a tombar. Não me importo de partilhar os créditos, há créditos e glória de sobra para repartir quando as coisas são bem geridas e as legiões têm uma hipótese de mostrar o que podem fazer.

- Mas eu estou tão verde como a erva, Caio Mário.

- Bem sei - disse Mário. - Mas, como já te disse, penso que tens um grande potencial. Junta-te a mim, dá-me lealdade e trabalho árduo, e eu dar-te-ei todas as oportunidades para desenvolveres esse potencial. Tal como eu, começas tarde. Mas nunca é *tarde demais.* Finalmente, sou cÔnsul, com mais oito anos que a idade certa. Tu estás finalmente no Senado,[301]

com mais três anos que a idade certa. Tal como eu, terás de te concentrar no exército como uma via para o topo. Ajudar-te-ei de todos os modos possíveis. Em troca, espero que também me ajudes.

- Parece-me justo, Caio Mário - Sila aclarou a garganta. - Estou-te muito agradecido.

- Não devias estar. Se eu não pensasse que ia ganhar com a troca, Lúcio Cornélio, não estarias agora aqui sentado - e Mário estendeu a mão.

- Vá, vamos combinar que não haverá gratidão entre nós! Apenas a lealdade e a camaradagem das legiões.

Caio Mário comprara um tribuno da plebe e escolheu um homem bom para isso. Porque Tiro Mânho Mancino não vendia os seus favores de tribuno apenas por dinheiro. Mancino queria causar sensação como *tribuno* da plebe e precisava de causa *melhor* do que a única que lhe interessava - lançar todos os impedimentos que pudesse imaginar no caminho da família do patrício Mânho, à qual não pertencia. O seu ódio aos Mânhos, como ele descobriu, alastrava até envolver todas as grandes famílias aristocráticas e nobres, incluindo os Cecílios Metelos. Por isso, pôde aceitar o dinheiro de Mário de consciência limpa e unir-se aos planos de Mário com uma alegria premonitória.

Os dez novos tribunos da plebe entraram em funções no terceiro dia antes dos Idos de Dezembro, e Tiro Mânho Mancino não perdeu tempo. Nesse mesmo dia, introduziu uma proposta de lei na Assembleia da Plebe com o objectivo de retirar o comando da África a Quinto Cecílio Metelo, dando-o, a Caio Mário.

- O Povo é soberano! - gritou Mancino à multidão. - O Senado é o servo do Povo, e não o seu senhor! Se o Senado desempenhar as suas funções respeitando o Povo de Roma, deve ser autorizado a continuar a fazê-lo. Mas quando o Senado desempenha as suas funções para proteger os seus membros dirigentes à custa do Povo, tem de ser detido. Quinto Cecílio Metelo provou que havia incúria no seu comando, *não fez* absolutamente *nada!* Então, por que motivo prolongou o Senado o seu comando de África uma segunda vez, até este próximo ano? Porque, Povo de Roma, o Senado, como de costume, está a proteger as suas luzes dirigentes à custa do Povo. Em Caio Mário, eleito cônsul para este ano, o Povo de Roma tem um chefe que merece esse nome. Mas de acordo com os homens que mandam no Senado, o nome de Caio Mário não é suficientemente bom! Caio Mário, Povo de Roma, é um simples Homem Novo: um novo-rico... um insignificante, e não um nobre!302

A multidão estava presa; Mancino era um bom orador e sentia apaixonadamente a exclusão senatorial. Passara algum tempo desde que a Plebe torcera o nariz do Senado, e muitos dos dirigentes não eleitos mas influentes da Plebe estavam preocupados porque a sua ala do governo de Roma estava a perder terreno. Por isso, naquele dia e naquele momento, tudo corria a favor de Mário - os sentimentos públicos, o descontentamento dos cavaleiros, e dez tribunos da plebe com vontade de torcer o nariz do Senado, ninguém estava do lado do Senado.

O Senado respondeu ao combate, incumbindo os seus melhores oradores de estatuto plebeu de falar na Assembleia, incluindo Lúcio Cecílio Metelo Dalmático Pontifex Maximus - ardente na defesa do seu irmão mais novo Suíno - e o cônsul sénior eleito Lúcio Cássio Longino. Mas Marco Emílio Escauro, que deve ter feito desequilibrar a balança a favor do Senado, era um patrício, e por isso não podia falar na Assembleia da Plebe. Obrigado a ficar nas escadas do Senado, olhando para baixo, para o recinto circular apinhado de gente dos Comícios, Escauro apenas podia escutar impotentemente.

- Vão derrotar-nos - disse para o censor Fábio Máximo Eburno, outro patrício. - Maldito Caio Mário!

Maldito ou não, Caio Mário ganhou. A impiedosa campanha das cartas tivera um êxito brilhante, virando os cavaleiros e as classes

médias contra Metelo, manchando-lhe o nome, destruindo-o politicamente. Era evidente que com o tempo ele recuperaria; a sua família e os seus contactos eram demasiado poderosos. Mas na altura em que a Assembleia da Plebe, habilmente conduzida por Mancino, lhe retirou o comando de África, o seu nome estava mais enlameado do que aquele chiqueiro da Numância. E o Povo retirou-lhe o comando de África, aprovando uma lei que abria um precedente e o substituia por Caio Mário. E uma vez que a lei - rigorosamente, um plebiscito - estava inscrita nas tabuinhas, ficou num arquivo sob um templo, como exemplo para que outros no futuro tentassem o mesmo - outros que talvez não tivessem nem a habilidade de Caio Mário, nem as suas excelentes razões.

- Contudo - disse Mário a Sila mal a lei foi aprovada -, Metelo nunca me deixará os seus soldados.

Oh, quantas coisas haveria para aprender, coisas que ele, um patrício Cornélio, devia saber mas não sabia? Por vezes, Sila desesperava de aprender o suficiente, mas então pensava na sorte de ter Caio Mário como comandante e ficava mais descansado. Pois Mário nunca estava ocupado303

demais para lhe explicar coisas e não pensava pior dele pela sua ignorância. Por isso, Sila aumentava agora os seus conhecimentos perguntando:

- Mas os soldados não são da guerra contra o rei Jugurta? Não deviam ficar em África até a guerra ser vencida?

- Podiam ficar em África, mas só se Metelo quisesse que eles ficassem. Ele teria de anunciar ao exército que se obrigara a cumprir a campanha, pelo que a sua substituição do cargo não alterava o destino deste. Mas nada o impede de assumir que foi *ele* que os recrutou e que o contrato termina ao mesmo tempo que acaba o dele. Conhecendo Metelo, é essa a posição que tomará. Por isso, vai dar-lhes licença e embarcá-los de volta para Itália.

- O que significa que terás de recrutar um novo exército - disse Sila.

- Estou a entender - e a seguir perguntou: - Mas não podes esperar que ele traga o exército de volta e voltar a alistá-lo em teu nome?

- Podia - disse Mário. - Infelizmente, não terei hipóteses de fazê-lo. Lúcio Cássio vai para a Gália, combater os Germanos em Tolosa. É uma coisa que tem de ser feita: não queremos ter meio milhão de Germanos a cerca de cem milhas da estrada para Espanha e mesmo nos limites da nossa própria província. Pelo que imagino que Cássio já deve ter escrito a Metelo a pedir-lhe que volte a alistar o seu exército para a campanha gaulesa antes que este parta de África.

- Então, é assim que as coisas funcionam - disse Sila.

- É assim que as coisas funcionam. Lúcio Cássio é o cônsul sénior, tem precedência sobre mim. Por isso, tem a primeira escolha das tropas disponíveis. Metelo trará consigo para Itália seis legiões altamente treinadas e experientes. E serão as tropas que Cássio vai levar para a Gália Transalpina, disso não há dúvida. E quer dizer que terei de começar a partir do zero - recrutar matéria bruta, treiná-la, equipá-la, enchê-la de entusiasmo para a guerra contra Jugurta - Mário fez uma careta. - Quer dizer que no meu ano como cônsul, não terei tempo suficiente para montar o tipo de ofensiva contra Jugurta que poderia montar se Metelo me deixasse as tropas. Seguidamente, terei de assegurar que o meu comando em África seja prolongado até ao próximo ano, ou cairei de rabo no chão e acabarei pior do que o Suíno.

- E agora existe uma lei escrita que cria um precedente para alguém te retirar o comando tal como tu o retiraste a Metelo - Sila suspirou. Não é fácil, pois não? Nunca imaginei as dificuldades que um homem304

poderia ter de enfrentar para garantir a sua sobrevivência, para não falar da promoção da majestade de Roma.

Isso divertiu Mário; riu, deliciado, e deu uma palmada nas costas de Sila.

- Não, Lúcio Cornélio, nunca é fácil. Mas é isso o que lhe confere tanto valor! Qual é o homem de verdadeira excelência e valor que quer um caminho fácil? Quanto mais difícil for o caminho, quanto mais obstáculos se encontrar pelo caminho, mais satisfação se colhe.

Isto constituía talvez uma resposta num plano pessoal, mas não resolvia o problema principal de Sila.

- Disseste-me ontem que a Itália estava completamente esgotada disse. - Morreram tantos homens que o recrutamento de soldados já não pode ser feito com cidadãos de Roma, e a resistência italiana ao recrutamento tem-se tornado cada vez mais firme. Onde poderás encontrar matéria bruta suficiente para transformar em quatro boas legiões? Porque, tal como tu mesmo o disseste, não poderás derrotar Jugurta com menos de quatro legiões.

- Espera até eu ser cônsul, Lúcio Cornélio, e verás - foi tudo o que Sila conseguiu obter dele.

Foram as Saturnais que invalidaram as resoluções de Sila. Nos dias em que Clitumna e Nicópole partilhavam a casa com ele, esta altura de festa e alegria era um final maravilhoso para o ano velho. Os escravos ficavam deitados a estalar os dedos, enquanto as duas mulheres corriam a rir, obedecendo a todos os seus desejos, todos bebiam demasiado e Sila cedia o seu lugar na cama comunal aos escravos que agradassem a Clitumna e Nicópole - com a condição de gozar dos mesmos privilégios noutra parte da casa. E depois de terminarem as Saturnais, as coisas voltavam ao normal, como se não tivesse acontecido nada de anormal.

Mas neste primeiro ano do seu casamento com Julilla, Sila teve umas Saturnais muito diferentes: tinha de passar as horas de vigília na casa ao lado, com a família de Caio Júlio César. Também aí, durante os três dias que duravam as festas, tudo era ao contrário - os escravos eram servidos pelos seus senhores, pequenas prendas trocavam de mãos e fazia-se um esforço especial para que a comida e o vinho fossem tão agradáveis como abundantes. Mas nada mudava *realmente.* Os desgraçados dos servos ficaram deitados nos leitos, rígidos como estátuas, e sorriam timidamente para Márcia e César, enquanto eles andavam para lá e para cá entre o *tridinium*

e a cozinha, ninguém sonhava sequer embebedar-se e certamente ninguém sonharia fazer ou dizer algo que desse origem a embaraços quando a casa voltasse ao normal.

Caio Mário e Júlia também serviam, e pareciam achar tudo aquilo perfeitamente satisfatório; mas Sila pensou, ressentido, que Caio Mário estava demasiado ansioso para se **atrever a pôr** um pé em falso.

- Que bom que foi - disse Sila, quando ele e Julilla se despediram à porta na última noite, e já se tornara tão cuidadoso que ninguém, nem mesmo Julilla, percebeu que estava a ser altamente sarcástico.

- Não foi nada mau - disse Julilla, ao acompanhar Sila até à casa deles, onde, em vez da presença dos donos da casa, os escravos haviam simplesmente recebido um repouso de três dias.

- Alegra-me que penses assim - disse Sila, abrindo a cancela. Julilla suspirou e espreguiçou-se.

- E amanhã é o jantar em honra de Crasso Orador. Estou ansiosa por ir. Sila parou a meio do *átrium e* virou-se para olhar para ela.

- Tu não vais - disse ele.

- O que queres dizer com isso?

- O que disse.

- Mas... mas... pensava que as mulheres também tinham sido convidadas! - exclamou Julilla, de rosto contraído.

- ”Algumas” mulheres - emendou o marido. - Tu, não.

- Eu quero ir! Toda a gente fala nisso, todas as minhas amigas têm tanta inveja... E eu *disse-lhes* que ia!

- É pena. Tu não vais, Julilla.

Um dos escravos da casa encontrou-os à porta do gabinete, um pouco bêbedo.

- Ainda bem que estás em casa! - disse, cambaleando - Traz-me vinho, e depressa!

- As Saturnais já acabaram - disse Sila muito suavemente. - Vai-te embora, tonto.

O escravo foi, subitamente sóbrio.

- Por que estás com um estado de espírito tão desagradável? - perguntou Julilla quando entraram no quarto de dormir dele.

- Não estou num estado de espírito desagradável - disse o marido, e foi pôr-se atrás dela, passando-lhe os braços à volta do corpo.

Ela repeliu-o.

- Deixa-me em paz!306

- Qual é o problema *agora?*

- Quero ir ao jantar de Crasso Orador!

- Não podes.

- Porquê?

- Porque, Julilla - disse ele pacientemente -, não é o tipo de festa que o teu pai aprovaria, e as poucas mulheres que vão não são mulheres que o teu pai aprove.

- já não estou nas mãos do meu pai, posso fazer o que quiser - disse a mulher.

- Não é verdade, e tu sabe-lo muito bem. Passaste das mãos do teu pai para as minhas. E *eu* digo que não vais.

Sem uma palavra, Julilla apanhou a sua roupa do chão e enfiou um manto por cima do corpo franzino. Depois, virou costas e saiu do quarto.

- Diverte-te! - exclamou Sila.

De manhã, estava fria com ele, uma táctica que Sila lhe ignorava, e quando saiu para o jantar de Crasso Orador, não a encontrou em lado nenhum.

- Miúda mimada - disse para consigo mesmo.

O arrufo podia ter sido divertido; o facto de não o ter sido não tinha nada a *ver* com o arrufo, mas provinha de uma parte mais profunda em Sila do que o espaço ocupado por Julilla. Não estava minimamente excitado com a perspectiva de jantar na mansão opulenta do leiloeiro Quinto Grânio, que oferecia o banquete. Logo que recebera o convite, ficara absurdamente contente, interpretando-o como uma oferta de amizade de um jovem e importante círculo senatorial; depois, ouviu rumores sobre a festa, e percebeu que havia sido convidado porque, como tinha um passado obscuro, daria um sabor exótico para animar a lista aristocrática de convidados masculinos.

Agora, ao caminhar lentamente, estava em melhores condições de detectar que tipo de armadilha se fechara à sua volta ao casar *com Julilla* e entrar nas fileiras dos seus iguais. Porque era uma armadilha. E não existia alívio das suas mandíbulas, enquanto fosse obrigado a viver em Roma. Tudo muito bem para Crasso Orador, tão entrincheirado que podia participar numa festa deliberadamente planeada para se opor ao edicto sumptuário do seu próprio pai, tão confiante no Senado e como novo tribuno da plebe que até podia dar-se ao luxo de fingir ser grosseiro e mal-educado, e aceitar a adulação ruidosa do cogumelo do Quinto Grânio, o leiloeiro.[307]

Quando entrou na ampla sala de jantar de Quinto Grânio, viu **Colubra** sorrir-lhe por cima duma taça de ouro cravejada de pedras preciosas, viu-a bater com a

mão no leito ao lado dela, convidativa.

- Tinha razão, convidaram-me para ser a atracção - disse Sila em silêncio, devolveu a Colubra um sorriso vivo e entregou-se às atenções de uma multidão de escravos obsequiosos. Não era nada de íntimo! A sala de jantar estava cheia de leitos: sessenta convidados reclinar-se-iam para festejar a entrada de Crasso Orador na tribuna da plebe. ”Mas”, pensou Sila ao subir para o leito de Colubra, ”Quinto Grânio não faz a mais pequena ideia de como se dá uma festa *a sério.”*

Quando saiu, seis horas mais tarde - o que indicava que saíra muito antes de qualquer outro convidado -, estava bêbedo e a sua **disposição** descera da aceitação da sua sorte até ao tipo de depressão que pensara nunca mais tornar a experimentar, uma vez que entrasse no círculo a que pertencia por direito. Estava frustrado, impotente - e, como compreendeu subitamente, intoleravelmente só. Doía-lhe tudo do coração à cabeça, aos dedos das mãos e dos pés, por falta de uma companhia semelhante e afectuosa, alguém com quem rir, alguém livre de pensamentos reservados, alguém inteiramente ”dele”. Alguém de olhos e caracóis negros e o traseiro mais encantador do mundo.

E caminhou, com asas nos pés, em direcção ao apartamento de Cílax, o actor, sem se permitir pensar uma só vez como este acto era perigoso, tão imprudente, tão disparatado, tão... não importava!, porque Cílax estaria lá; tudo o que poderia fazer seria sentar-se e beber uma taça de vinho aguado, e trocar frivolidades com Cílax, e deixar os olhos disfrutarem do seu rapaz. Ninguém estaria em posição de dizer nada. Uma visita inocente, nada mais.

Mas a Fortuna continuava a sorrir-lhe. Metróbio estava sozinho, de castigo, enquanto Cílax fora visitar uns amigos em Ancio. ”Metróbio estava sozinho”. Que alegria vê-lo! Tão cheio de amor, de desejo ardente, de paixão, de mágoa. E Sila, saciada a paixão e o desejo, pôs o rapaz no colo e abraçou-o, e quase chorou.

- Passei demasiado tempo neste mundo - disse ele. - Deuses, como senti a falta disto!

- Como sinto a tua falta! - disse o rapaz, aconchegando-se. Tombou o silêncio; Metróbio sentia os soluços convulsivos de Sila contra a sua bochecha e ansiava por sentir as lágrimas de Sila. Mas essas, sabia que não as sentiria.308

- O que se passa, Lúcio Cornélio? - perguntou-lhe.

- Estou entediado - disse a voz de Sila, muito distante. - Esta gente do topo é tão hipócrita, tão *terrivelmente* desinteressante! Boa conduta e boas maneiras sempre que estão em público, e prazeres obscenos furtivos sempre que pensam que ninguém está a ver... Esta noite tenho dificuldade em disfarçar a minha repulsa.

- Pensei que ias ser feliz - disse Metróbio, nem por isso, com desagrado.

- Também eu - disse Sila de modo estranho, e retomou o silêncio,

- Por que vieste hoje?

- Oli, fui a uma festa.

- Não prestou?

- Na tua ou na minha perspectiva, não, jovem encantador. Na deles, foi um êxito magnífico. Eu só tinha vontade de rir. E então, a caminho de casa, percebi que não tinha com quem partilhar a piada. Ninguém!

- A não ser *eu* - disse Metróbio, e sentou-se direito. - Então, não vais contar-ma?

- Sabes quem são os Licínios Crassos, não sabes? Metróbio olhou para as unhas.

- Sou apenas um adolescente do teatro de comédia - disse. - O que sei eu das Famílias Importantes?

- A família dos Licínios Crassos fornece a Roma cônsules e um ou outro Pontifex Maximus há séculos! É uma família fabulosamente rica, e tem homens de dois tipos: o tipo frugal e o tipo sibarita. O pai deste Crasso Orador era do tipo frugal, e pôs aquela lei sumptuária nas tabuinhas... sabes qual é. - disse Sila.

- Nada de pratos de ouro, nada de roupas púrpura, nada de ostras, nada de vinho importado: é essa?

- É. Mas Crasso Orador, que parece que não se daria nada bem com o pai, adora ver-se rodeado de todo o luxo imaginável. O leiloeiro Quinto Grânio precisa de um favor político de Crasso Orador, agora que este é tribuno da plebe, e por isso Quinto Grânio deu esta noite

uma festa em honra de Crasso Orador. O *tema* - disse Sila, com um pouco mais de expressão na voz - era: Ignoremos a *lex Licinia sumptuaria!*

- Foi por isso que foste convidado? - perguntou Metróbio.

- Eu fui convidado porque parece que nos altos círculos... *Nos círculos* de Crasso Orador, isto é, se não nos de Quinto Grânio, o leiloeiro... sou considerado um sujeito fascinante: de vida tão baixa como o meu

nascimento foi elevado. Acho que pensavam que eu ia despir as **minhas** vestes e cantar umas canções porcas enquanto me punha em cima de Colubra.

- Colubra?

- Colubra. Metróbio assobiou.

- Estás a entrar em círculos muito elevados! Tenho ouvido dizer que ela cobrava um talento de prata por *irrumatio.*

- Talvez, mas ofereceu-mo de graça - disse Sila, mostrando os dentes. - Recusei.

Metróbio estremeceu.

- Oh, Lúcio Cornélio, não comeces a arranjar inimigos, agora que estás no teu mundo! As mulheres como Colubra detêm um enorme poder. Uma expressão de desagrado surgiu no rosto de Sila.

- Bah! Mijo para eles!

- Eram capazes de gostar - disse Metróbio pensativamente. Resultou; Sila riu e começou a contar a história com mais alegria.

- Havia lá algumas mulheres... do género mais aventureiro, com maridos quase mortos à bicada. Duas Cláudias, e uma senhora de máscara que insistia em que lhe chamassem Aspásia, mas que sei perfeitamente que é Licínia, a prima de Crasso Orador... Lembras-te, costumava dormir com ela de vez em quando.

- Lembro-me - disse Metróbio um pouco triste.

- Aquilo estava completamente afundado em ouro e púrpura de Tiro

- Prosseguiu Sila. - Até os guardanapos eram de púrpura de Tiro com imenso ouro! Devias ter visto o criado de mesa à espera que o amo não estivesse a olhar, sacando dum guardanapo normal para limpar o vinho de Chios que alguém derramara ... É evidente que os guardanapos de ouro-e-púrpura eram inúteis.

- Detestaste - disse Metróbio.

- Detestei - confirmou Sila; depois suspirou e concluiu a história. Os leitos eram incrustrados de pérolas. A sério! E os convidados não descansaram enquanto não conseguiram tirar as pérolas e as puseram num canto dos guardanapos de ouro-e-púrpura, atando-os cuidadosamente... E não havia um entre eles que não pudesse ter comprado sem custo o que roubou.

- Excepto tu - disse Metróbio ternamente, e acariciou a sobrancelha branca de Sila. - *Tu* não roubaste pérolas.310

- Antes morrer - disse Sila. Encolheu os ombros. - *Eram* só calhaus de rio, de qualquer modo.

Metróbio soltou um riso abafado.

- Não estragues tudo! Gosto de ti quando és insuportavelmente orgulhoso e nobre.

Sorrindo, Sila beijou-o.

- Sou assim tão mau?

- Assim mesmo. Como era a comida?

- De fora. Nem as cozinhas dos Grânios podiam ter feito comida para sessenta... Bem, cinquenta e nove... dos piores glutões que alguma vez conheci. Os ovos de galinha eram todos décimos ovos, muitos

deles de gema dupla. Havia ovos de cisne, de ganso, de pato, de aves marinhas, e até alguns de cascas douradas. úberes recheados de porcas no período de aleitação, aves de capoeira engordadas a bolos de mel ensopados em vinho de Falerno de colheita especial, caracóis especialmente importados da Ligúria, ostras trazidas de Balas num carro rápido... O ar estava tão carregado de aromas das mais caras pimentas que tive até um acesso de espirros.

Metróbio percebeu que ele tinha muita necessidade de falar; em que estranho mundo Sila devia viver agora... Não era nada como ele o imaginara, mas exactamente como ele o imaginara antes era coisa que Metróbio desconhecia. Porque Sila não era falador, nunca fora falador. Até à noite de hoje. Subitamente! A visão daquele rosto amado era uma visão que Metróbio se tinha resignado a não voltar a ver, excepto à distância. No entanto, ali aparecera ele à entrada, com um aspecto pavoroso. E carente de amor. Precisava de falar, Sila! Como ele devia sentir-se sozinho.

- O que mais lá havia? - instigou Metróbio, ansioso por fazê-lo continuar a falar.

A sobrancelha ruiva e dourada franziu-se; o *stibium* que a escurecia havia há muito desaparecido.

- O melhor ainda estava para vir, como depois aconteceu. Trouxeram-no aos ombros num leito em púrpura de Tiro, num prato de ouro cravejado de pedras preciosas, um enorme siluro do Tibre parecido com um mastim a quem tivessem açoitado. Exibiram-no à volta da sala *com* mais cerimónia do que os doze deuses recebem num *lectisternium. UM peixe!*

Metróbio carregou o **sobrolho.**

- Que espécie de **peixe era?**311

Sila inclinou a cabeça para trás, para olhar Metróbio no rosto.

- Tu conheces! Um siluro.

- Se conheço, não me lembro. Sila considerou, tranquilo.

- Acho que não podias conhecer. Os siluros não vão parar à mesa de um comediante. Deixa que te diga, jovem Metróbio, que todos os loucos gastronómicos do estrato superior de Roma entram em êxtase só ao pensarem num siluro do Tibre. No entanto, nadam entre a Ponte de Madeira e a Ponte de Emílio, banhando os seus lados escamosos na bombagem dos esgotos, e tão cheios da merda de Roma que nem se dão ao trabalho de comer um isco. Cheiram a merda e sabem a merda. Ao comê-los, na minha opinião, está-se a comer merda. Mas Quinto Grânio e Cássio Orador deliraram e babaram-se, como se um siluro do Tibre fosse uma mistura de *néctar e ambrósia, em* vez de uma perca *de água* doce que come merda!

Metróbio não conseguia deixar de representar.

- Bem dito! - gritou Sila, e desatou a rir. - Oh! Se os tivesses visto, àqueles parvos pomposos! Considerarem-se os melhores e mais requintados de Roma, com a merda de Roma a escorrer-lhes pelo queixo abaixo

- parou, respirou com um silvo. - Eu não aguentava nem mais um dia, nem mais uma hora - voltou a parar. - Estou bêbedo. Foram aquelas horríveis Saturnais.

- *Horríveis* Saturnais?

- Entediantes, horríveis, não interessa. Uma camada superior diferente da multidão na festa de Crasso Orador, Metróbio, mas igualmente maçadora e entediante. Extremamente entediante! - E encolheu os ombros.

- Mas não ligues importância. No próximo ano estarei na Numídia e hei-de desforrar-me. já não posso esperar mais! Roma sem ti... sem os meus velhos amigos... é insuportável - foi percorrido por um tremor. Estou bêbedo, Metróbio. Não devia estar aqui. Mas oh, se soubesses como é bom estar aqui!

- Apenas sei como é bom ter-te aqui - exclamou Metróbio em voz alta.

- A tua voz está a mudar - disse Síla, surpreendido.

- E não é cedo para isso. Tenho dezassete anos, Lúcio Cornélio. Felizmente, sou pequeno para a minha idade, e Cílax habituou-me a manter a voz aguda. Mas ultimamente tenho-me esquecido. É difícil de controlar. Em breve *começarei a fazer* a barba.312

- Dezassete!...

Metróbio saiu do colo de Sila e ficou a olhá-lo com gravidade; depois esticou uma mão.

- Vem! Fica um pouco mais comigo. Podes ir para casa antes de ser dia.

Relutantemente, Sila levantou-se.

- Fico - disse - desta vez. Mas não voltarei mais.

- Eu sei - disse Metróbio, e levantou o braço do visitante, pondo-o sobre os seus ombros. - No próximo ano estarás na Numídia e estarás feliz.(O Quarto ano)

DURANTE O CONSULADO DE LÚCIO CÁSSIO LONGINO E CAIO MÁRIO Nenhum

consulado fora alguma vez tão importante para o seu detentor como o de Caio Mário. Tomou posse no dia de Ano Novo, confiante por saber que a sua vigília nocturna à espera de presságios era irrepreensível, e que o seu touro branco se havia abarrotado de ração envenenada. Solene e isolado, Mário tinha todo o ar de um cônsul, esplendidamente alto, muito mais distinto do que qualquer dos que o rodeavam no ar fresco da manhã; o cônsul sénior, Lúcio Cássio Longino, era baixo e entroncado, de toga, não ficava com ar imponente e era totalmente eclipsado pelo seu colega júnior.

E por fim, Lúcio Cornélio Sila apareceu como membro do Senado, com a faixa larga púrpura no ombro direito da túnica, auxiliando o cônsul, Mário, como seu questor.

Embora não tivesse *ofasces* durante o mês de janeiro por as varas atadas de cor carmesim estarem na posse do cônsul sénior, Cássio, até às calendas de Fevereiro, Mário convocou o Senado para uma reunião no dia seguinte.

- De momento - disse à assembleia dos Pais Conscritos, cuja maioria resolveu comparecer, dado que não confiava em Mário -, Roma será chamada a combater guerras em pelo menos três frentes, e excluindo a Espanha. Necessitamos de tropas para combater o rei jugurta, os Escordiscos na Macedónia e os Germanos na Gália. No entanto, durante os quinze anos que decorreram desde a morte de Caio Graco, perdemos *seis mil* soldados romanos, mortos em vários campos de batalha, enquanto outros milhares ficaram incapacitados para o serviço militar. Repito a duração do período, Pais Conscritos: quinze anos. Nem chega a perfazer meia geração,

A Assembleia estava em **completo silêncio; entre os que aí se encontravam** via-se Marco **júnio Silano, que perdera mais de um terço desse**316

total dois anos antes e continuava a defender-se de acusações de traição. Ninguém até então ousara contabilizar esses números na Assembleia, mas todos os presentes sabiam muito bem que os de Mário pecavam por moderação. Paralisados pelo som dos números pronunciados no latim do interior que Mário falava, os Pais Conscritos escutavam.

- Não conseguimos recrutar tropas - prosseguiu Mário - por um motivo de peso, Deixámos de ter homens suficientes. A falta de cidadãos romanos e de Direitos Latinos é assustadora, mas a falta de homens italianos ainda é pior. Mesmo recrutando em todos os distritos a Sul do Arno, não teremos hipóteses de alistar as tropas de que precisamos para a campanha deste ano. Presumo que o exército africano, seis legiões vigorosas, treinadas e equipadas, regressarão a Itália com Quinto Cecílio Metelo, e ficarão às ordens do meu estimado colega Lúcio Cássio na distante Gália de Tolosa. As legiões

macedónias estão também devidamente equipadas e têm estatuto de veteranas, e tenho a certeza de que continuarão a ter êxito sob o comando de Marco Minúcio e do seu irmão mais novo.

Mário fez uma pausa para respirar; a Assembleia continuou atenta.

- Mas subsiste o problema de um novo exército africano. Quinto Cecílio Metelo teve à disposição seis legiões em todo o seu vigor. Eu antecipo que conseguirei reduzir esse total para quatro legiões, se for necessário Contudo, Roma não *tem* quatro legiões de reserva! Roma nem tem *uma* legião de reserva! Para vos refrescar a memória, passarei a expor os números precisos de um exército de quatro legiões,

Mário não tinha necessidade de recorrer a apontamentos; limitou-se a permanecer no estrado dos cônsules, quase em frente à sua cadeira curul, e disse os números de memória:

- No total: 5120 soldados de infantaria por legião, mais 1280 homens livres não-combatentes e 1000 escravos não-combatentes por legião. Depois, temos a cavalaria: uma unidade de 2000 tropas a cavalo, com

2000 homens livres e escravos não-combatentes para apoio. Defronto-me, assim, com a tarefa de arranjar 20 480 soldados de infantaria, 5120 homens livres não-combatentes, 4000 escravos não combatentes, 2000 soldados de cavalaria e 2000 homens não-combatentes para apoio à cavalaria

Os seus olhos percorreram a Assembleia.

- As forças não-combatentes nunca foram difíceis de recrutar, e continuarão a não sê-lo, **segundo prevejo - não há qualificação** de posse para317

o não-combatente, que pode ser tão pobre como um agricultor que faça a sua plantação a meias com outro. Nem a cavalaria será difícil,

pois há muitas gerações que Roma alista soldados de cavalaria de origem romana ou italiana. Iremos encontrar sempre os homens de que necessitamos em lugares como a Macedónia, Trácia, Ligúria e a Gália Transalpina, que trazem consigo não só os seus próprios não-combatentes, como também os cavalos.

Fez uma pausa mais longa, reparando em alguns homens: Escauro e o candidato consular mal sucedido Catulo César, Metelo Dalmático Pontifex Maximus, Caio Mémio, Lúcio Calpurnio Pisão Cesónio, Cipião Nasica, Crieu Domício Aenobarbo. Para onde quer que estes homens saltassem, o rebanho senatorial segui-los-ia.

- O nosso Estado é frugal, Pais Conscritos. Quando depusemos os nossos reis, revogámos o conceito de recrutar um exército pago em grande parte pelo Estado. Por esse motivo, limitámos o serviço armado aos que tenham posses suficientes para pagar as suas armas, armaduras e outro tipo de equipamento, e essa exigência aplicava-se a todos os soldados: romanos, latinos, italianos, sem distinção. Um homem de posses tem bens a defender. A sobrevivência do Estado e do seu património é importante para ele. Está disposto a dedicar-se à luta com todas as suas forças. Por isso, temos tido relutância em assumir um império ultramarino e temos tentado vezes sem conta evitar possuir províncias.

”Mas depois da derrota de Perseu, falhámos no nosso esforço louvável de introduzir o governo autónomo na Macedónia porque os Macedónios não entendiam outro sistema sem ser a autocracia. Por isso, tivemos de transformar a Macedónia numa província de Roma, pois não podíamos ter tribos bárbaras a invadir a sua costa oeste, tão perto da nossa costa leste da Itália. A derrota de Cartago obrigou-nos a administrar o império cartaginês em Espanha, ou arriscar-nos a que outra nação se **apoderasse** dela. Demos a maior parte da Cartago africana aos reis da Numídia, e mantivemos apenas uma pequena província à volta da própria Cartago em nome de Roma, para prevenir qualquer revivalismo púnico. E no entanto, vejam o que aconteceu por termos cedido tanto aos reis da Numídia!

Agora, vemo-nos forçados a tomar a África para podermos defender a nossa pequena província e esmagar as estratégias expansionistas de um homem, Jugurta. Afinal de contas, Pais Conscritos, basta um homem e estamos perdidos! O rei Átalo, ao morrer, legou-nos a Ásia, e ainda estamos a tentar evitar as responsabilidades provinciais que lá318

temos! Cneu Domício Aenobarbo abriu toda a costa da Gália entre a Ligúria e a Espanha Citerior, para que tivéssemos um corredor seguro e propriamente romano entre a Itália e a Espanha para os nossos exércitos. Mas por isso, vimo-nos obrigados a criar mais uma província."

Aclarou a garganta; que silêncio!

- Os nossos soldados lutam agora em campanhas fora de Itália. Estão afastados por longos períodos de tempo, as suas quintas e lares ficam negligenciados, não geram as suas crianças. Com o resultado de vermos cada vez menos voluntários, temos de recrutar cada vez mais homens, Nenhum homem que cultive terra ou dirija um negócio quer estar longe por cinco ou seis ou mesmo sete anos! E quando é dispensado, pode voltar a ser recrutado quando não houver mais voluntários.

A voz grave ficou mais sombria.

- Mas o que *é mais importante, muitos desses homens morreram nos* últimos quinze anos! E não se reproduziram. Em toda a Itália faltam homens com as qualificações de bens necessárias para formar um exército romano nos moldes tradicionais.

A voz tornou a alterar-se, elevando-se de forma a ecoar pelas traves lisas da antiga sala, construída no tempo do rei Tulo Hostílio.

- Desde a segunda guerra contra o Cartago que os oficiais têm de tolerar as qualificações de posse. E após a perda do exército do jovem Carbo, há seis anos, até admitimos nas nossas fileiras homens

que não podiam comprar a sua própria armadura, quanto mais outro tipo de equipamento. Mas este facto tem sido dissimulado, desaprovado, e aplicado sempre em último recurso.

”Esses dias acabaram, Pais Conscritos. Eu, Caio Mário, cônsul do Senado e Povo de Roma, dou aqui a conhecer aos membros desta Assembleia que tenciono *alistar* os meus soldados, e não recrutá-los: quero soldados voluntários e não homens que preferiam estar em casa. Aonde irei arranjar unç vinte mil voluntários?’, perguntarão. A resposta é simples! Procurá-los-ei entre os *capite censi, o* mais baixo estrato social, demasiado pobres para serem admitidos a qualquer das Cinco Classes. Vou procurar os meus voluntários entre os que não têm dinheiro, bens, e muitas vezes, emprego fixo. Vou procurar os meus voluntários entre aqueles a quem nunca foi dada a oportunidade de lutar pela sua nação, de lutar por Roma!”

Surgiu um burburinho que foi aumentando, aumentando, até toda a Assembleia vociferar:

- Não! Não![319]

Sem dar mostras de qualquer irritação, Mário esperou pacientemente, mesmo quando a irritação dos outros rebentou à sua volta em punhos agitados, rostos corados, no arrastar de mais de duzentos bancos à medida que as togas dos homens que se levantavam, os empurravam contra o velho chão de pedra, polido pela passagem de pés durante séculos.

Finalmente, o barulho cessou; embora houvessem sido levados à cólera, sabiam que ainda não tinham ouvido tudo, e a curiosidade era uma força poderosa, mesmo para os irados.

- Podem gritar, vociferar e berrar até o vinagre passar a vinho! - gritou Mário quando se pôde fazer ouvir. - Mas comunico-vos aqui e agora que é isto o que vou fazer! E não preciso da vossa autorização! Não há nenhuma lei escrita que diga que não posso fazê-lo... Mas dentro de dias haverá uma lei escrita a dizer *queposso* fazê-lo! Uma lei dizendo que qualquer magistrado sénior eleito que necessite de um exército poderá ir buscá-lo aos *capte censi - os proletarÚ.* Porque eu, Pais Conscritos, vou apresentar o meu caso ao Povo!

- Nunca! - gritou Dalmático.

- Só por cima do meu cadáver! - gritou Cipião Nasica.

- Não! Não! Não! - gritou toda a Assembleia, vociferando.

- Espera! - gritou a voz solitária de Escauro. - Esperem! Esperem! Deixem-me refutá-lo!

Mas ninguém ouviu. A Cúria Hostília, edifício do Senado desde a fundação da República, estremecia até aos alicerces, com o barulho dos senadores enfurecidos.

- Vem! - disse Mário, e abandonou a Assembleia, seguido pelo seu questor, Sila, e o seu tribuno da plebe, Tiro Mânho Mancino.

As multidões do Fórum tinham-se reunido aos primeiros trovões da tempestade, e já encontraram o local dos Comícios apinhado de apoiantes de Mário. O cônsul Mário e o tribuno da plebe Mancino desceram os degraus da Cúria e passaram os rostros, atrás dos Comícios; o questor Sila, um patrício, permaneceu nos degraus da Assembleia do Senado.

- Ouçam! Ouçam! - rugiu Mancino. - Convoca-se a Assembleia da Plebe para uma sessão! Convoco um *contio,* uma discussão preliminar! **Caio Mário avançou** em frente, para a plataforma dos oradores à frente dos rostros, e colocou-se de tal modo que encarava em parte os Comícios e em parte o espaço aberto do baixo Fórum; os que estavam nas escadas viam-no quase de costas, e quando todos os senadores à excepção dos poucos patrícios começaram a mudar-se para as bancadas dos Comícios de320

onde podiam olhar directamente para Caio Mário e incomodá-lo, as fileiras dos seus clientes e apoiantes, que haviam sido convocados aos Comícios a tempo, bloquearam-lhes subitamente a passagem. Houve brigas e murros, dentes à mostra e ânimos exaltados, mas as linhas de Mário aguentaram-se. Apenas os outros nove tribunos da plebe foram autorizados a seguir para os rostros, onde permaneceram, ao fundo, de expressões firmes, discutindo em voz baixa se seria possível interpor um veto.

- Povo de Roma, dizem que não posso fazer o que é necessário para garantir a sobrevivência de Roma! - gritou Mário. - Roma precisa desesperadamente de soldados! Estamos rodeados de inimigos em todas as frentes, mas os nobres Pais Conscritos, como de costume,

estão mais preocupados com a preservação do seu direito adquirido de governar do que com o garantir a sobrevivência de Roma! Foram eles, Povo de Roma, que sugaram o sangue dos Romanos e Latinos e Italianos pela sua exploração indiferente das classes de homens que têm sido os soldados tradicionais de Roma! Pois eu digo-vos que já não há mais homens desses! Dos que não morreram em campos de batalha graças à avidez, à arrogância e à estupidez de qualquer comandante consular ou estão demasiado mutilados para poderem continuar em serviço como soldados, ou estão ao serviço das legiões!

”Mas existe um recurso alternativo aonde poderemos ir buscar soldados prontos e com vontade de estar ao serviço de Roma! Refiro-me aos homens dos *capite censi,* os cidadãos de Roma ou de Itália que são demasiado pobres para terem um voto nas Centúrias, demasiado pobres para possuírem terras ou negócios, demasiado pobres para poderem comprar equipamentos de soldados! Mas é tempo, Povo de Roma, que estes milhares e milhares de homens sejam chamados a fazer mais por Roma do que alinharem-se sempre que aparece cereal barato, empurrarem-se e abrir caminho para o Circo nos dias feriados em busca de gratificação, e gerarem filhos que não podem alimentar! O facto de não terem valores não devia retirar-lhes o valor! Nem acredito que amem menos Roma do que qualquer homem rico! Com efeito, creio que o seu amor por Roma é muito mais puro do que o amor demonstrado pela maioria dos honrados Pais Conscritos!”

Mário ergueu-se, numa indignação crescente, abriu muito os braços como que para abraçar Roma inteira.

- Estou aqui com o Colégio de Tribunos atrás de mim para vos solicitar, ao Povo, um mandado que o Senado não me concede! Peço-vos o321

direito de invocar o potencial militar dos *capite censi!* Quero fazer com que os homens dos *capite censi* passem de seres insignificantes

e inúteis a soldados das legiões de Roma! Quero dar aos homens dos *cappite censi* emprego remunerador - uma profissão em vez de um ofício! Um futuro para eles e para as suas famílias com honra e prestígio e uma oportunidade de progredir! Quero dar-lhes uma consciência da dignidade e do valor, uma hipótese de terem um papel nada desprezível no progresso da Grande Roma!

Fez uma pausa; os Comícios olhavam-no em profundo silêncio, todos de olhos fixos no seu rosto grave, nos seus olhos brilhantes, nas arremetidas indómitas do queixo e do peito.

- Os Pais Conscritos estão a negar uma oportunidade a milhares de homens! Negando-me a oportunidade de convocar os seus serviços, a sua lealdade, o seu amor por Roma! E porquê? Porque os Pais Conscritos amam Roma mais do que eu? Não! Porque se amam mais a si mesmos e à sua classe do que amam Roma ou qualquer outra coisa! Por isso, recorro a vós, ao Povo, pedindo-vos que me dêem a mim, e a Roma, o que o Senado recusa! Dêem-me os *capite censi,* Povo de Roma! Dêem-me os mais humildes, os mais baixos de todos! Dêem-me uma oportunidade de transformá-los num corpo de cidadãos de que Roma possa orgulhar-se, um corpo de cidadãos que Roma possa usar em vez de se limitar a suportar, um corpo de cidadãos equipados e treinados e pagos pelo Estado para servir o Estado de corpo e alma como soldados! Dão-me o que vos peço? Dão-me aquilo de que Roma necessita?

E a gritaria começou, a *algazarra,* o bater de pés, a quebra audível de uma tradição de dez séculos. Nove tribunos da plebe olharam de viés uns para os outros, e concordaram em silêncio que não interporiam o veto; porque todos eles gostavam de viver.

- Caio Mário - disse Marco Emílio Escauro na Assembleia, depois de ter sido aprovada a *lex Manlia,* dando poder aos cônsules actuais para convocarem voluntários entre os *capite censi* - é um lobo babado com sede de sangue! Caio Mário é uma úlcera nefasta no organismo desta Assembleia! Caio Mário constitui a razão mais óbvia

por que nós, Pais Conscritos, devemos fechar as portas a Homens Novos, e não lhes permitir nem um lugar na última bancada deste estabelecimento! Perguntar-me-ão: ”o que percebe Caio Mário da natureza de Roma, dos ideais imperecíveis do seu governo tradicional?” Eu sou o Princeps Senatus,322

o presidente da Assembleia, e em todos os anos que passei neste organismo de homens que amo como a manifestação do espírito de Roma, nunca vi antes dele um indivíduo tão insidioso, tão perigoso, tão prático como Caio Mário! Por duas vezes em três meses pegou nas prerrogativas consagradas do Senado e esmagou-as no altar grosseiro do Povo! Primeiro, anulou o nosso édito que concedia a Quinto Cecílio o prolongamento *do comando de África. E agora, para gratificar a sua* ambição, explora a ignorância do povo pedindo-lhe poderes de recrutamento de soldados que não são nem naturais, nem conscientes, nem razoáveis, nem aceitáveis!

A reunião tinha uma grande assistência; dos 300 Pais Conscritos, mais de 280 haviam comparecido a esta sessão da Assembleia, arrancados das suas casas e até mesmo dos leitos de doentes por Escauro e outros chefes. E encontravam-se sentados nos seus tamboretes nas três fileiras ascendentes ao longo de ambos os lados da Cúria Hostília como um enorme rebanho de alvas galinhas empoleiradas, em que apenas as togas debruadas a púrpura dos que haviam sido magistrados séniores aliviavam aquela massa branca que cegava. Os dez tribunos da plebe estavam sentados no seu banco comprido na Assembleia, de um dos lados dos outros únicos magistrados a quem fora conferida a distinção do corpo principal - dois edis curuis, seis pretores e dois cônsules - todos sentados nas suas belas cadeiras *de marfim* trabalhadas, elevadas num estrado no extremo da sala, em frente das duas enormes portas de bronze que davam acesso à câmara.

Nesse estrado estava Caio Mário, a seguir e ligeiramente atrás do cônsul sénior, Cássio, e o seu isolamento era apenas espiritual; Mário parecia calmo, satisfeito, quase felino, e escutava Escauro sem

consternação, sem fúria. Estava concluído. Tinha o seu mandato. Podia dar-se ao luxo de ser magnânimo.

- Esta Assembleia deve fazer tudo o que puder para limitar o poder que Caio Mário acabou de dar aos *capite censi.* Porque os *capite censi devem* permanecer o que sempre foram: um grupo inútil de bocas esfomeadas de quem nós, mais privilegiados, devemos tomar conta, alimentar e tolerar, e sem nunca pedir serviço algum em troca. Porque enquanto não nos fizer nenhum serviço e não tiver utilidade, não passa de um simples dependente, a esposa de Roma que não labora, e que não tem poder nem voz activa. Não nos pode reclamar nada que não estejamos dispostos a dar-lhe, pois não faz nada. Limita-se a *existir.*323

”Mas graças a Caio Mário, encontramo-nos agora perante todos os problemas e o grotesco daquilo a que devo chamar um exército de soldados profissionais: homens que não têm outra fonte de lucro, nenhum outro modo de ganhar a vida... homens que quererão permanecer no exército campanha atrás de campanha... homens que custarão ao Estado enormes quantias de dinheiro. E, Pais Conscritos, homens que reclamarão que agora têm direito a opinião em Roma, visto que prestam um serviço a Roma, que trabalham para Roma. Ouviram o Povo. Nós, Pais Conscritos, que administramos o Tesouro e distribuímos os fundos públicos de Roma, temos de descobrir nos cofres de Roma o dinheiro suficiente para equipar o exército de Caio Mário com armas, armaduras e demais equipamento de guerra. O Povo indica-nos ainda que devemos pagar esses soldados numa base regular, em vez de ser no final da campanha, quando os saques ajudam a liquidar os gastos. O preço de recrutar exércitos de homens falidos arruinará financeiramente o Estado, disso não há a menor dúvida.”

- Absurdo, Marco Emílio! - interrompeu Mário. - Roma tem tanto dinheiro nos cofres do Tesouro que não sabe como usá-lo... Porque, vocês, Pais Conscritos, nunca o gastam! Tudo o que fazem é armazená-lo.

Começou o tumulto, os rostos enrubesceram, mas Escauro levantou o braço direito, pedindo silêncio, e obteve-o.

- Sim, os cofres do Tesouro estão cheios - disse, - É assim que deve estar um tesouro público! Mesmo com o custo das obras públicas que eu constituí como censor, os cofres do Tesouro continuam cheios. Mas no passado, houve alturas em que estiveram totalmente vazios. As três guerras que travámos contra Cartago deixaram-nos à beira de um desastre fiscal. E então, pergunto-vos, que mal tem garantir que isso não volte a acontecer? Enquanto os cofres do Tesouro estiverem cheios, Roma será próspera.

- Roma será mais próspera quando os homens dos *capite censi tiverem* nas bolsas dinheiro para gastar - contrapôs Mário.

- Não é verdade, Caio Mário! - gritou Escauro. - Os homens dos *capite censi* dissiparão o dinheiro: desaparecerá de circulação e nunca aumentará. E avançou do seu lugar na primeira fila de bancadas, e colocou-se perto das grandes portas de bronze, onde ambos os lados da Assembleia podiam vê-lo e ouvi-lo.

- Digo-vos, Pais Conscritos, que no futuro devemos resistir com toda a energia sempre que um cônsul se servir da *lex Manlia e* recrutar homens324

dos capite censi. O Povo mandou-nos pagar especificamente o exército de Caio Mário, mas não há nada na lei que nos obrigue a pagar o equipamento de qualquer outro exército de pobres! E é assim que devemos proceder. Que o próximo cônsul escolha todos os pobres que quiser para as suaslegiões... Mas pelo que nos diz respeito a nós, guardiões dos dinheiros de Roma, teremos de recusar os fundos para pagar e equipar as suas legiões.

”O Estado não pode recrutar um exército de pobres, é tão simples como isso. Os *capite censi* são débeis, irresponsáveis, não têm respeito pela propriedade ou pelo material. Um homem cuja cota de malha lhe foi dada sem encargos pelo Estado irá tratá-la com

cuidado? Não! Claro que não! Deixá-la-á enferrujar ao ar do mar ou à chuva, levantará as estacas de um acampamento e esquecer-se-á dela, abandoná-la-á aos pés da cama de qualquer prostituta estrangeira e pensará depois por que razão ela a terá roubado de noite para equipar o seu amigo escordisco! E quando esses pobres já não estiverem capazes de servir as legiões? Os nossos soldados tradicionais possuem bens, têm um lar para onde regressar, dinheiro investido, um pequeno valor sólido e tangível! Ao passo que os veteranos pobres constituirão uma ameaça, pois quantos deles pouparão o dinheiro que o Estado lhes dá? Quantos deles depositarão a sua parte das pilhagens? Não, acabarão os seus anos de serviço remunerado sem um lar ao qual possam voltar, sem sustento. Ouço-vos dizer: 'Ah, sim! Mas isso não é estranho para eles! Vivem sempre sem pensar no futuro.' Mas, Pais Conscritos, esses pobres militares habituar-se-ão a que o Estado os sustente, os vista e aloje. E quando isso lhes for retirado, resmungarão, tal como uma mulher que foi mimada resmunga quando o dinheiro acaba. Teremos então de criar uma pensão para esses veteranos pobres?

"Não podemos permitir que tal aconteça! Repito, colegas membros do Senado que chefio, que as nossas tácticas futuras devem orientar-se para alertar os que forem inconscientes ao ponto de recrutar homens dos *capite censi,* recusando-nos terminantemente a contribuir com um sestércio que seja para custear os seus exércitos!"

Mário levantou-se para responder.

- Seria difícil encontrar atitude mais limitada e ridícula no harém de algum sátrapa pártio, Marco Emílio! Por que não compreendes? Se Roma quiser manter o que ainda lhe pertence, tem de investir em *todas* as pessoas, incluindo as que não têm direito a votar nas Centúrias! Estarnos a desperdiçar os nossos agricultores e pequenos negociantes mandando-os325

para o combate, especialmente com incompetentes insensatos como Carbo e Silano... Ah, estás aí, Marco júnio Silano? *Desculpa-me!*

<Que mal há em usarmos os ser-viços de uma grande camada da nossa sociedade que até ao momento tem sido tão útil para Roma como seriam as *tetas a um* touro? Se *a* única verdadeira objecção que encontramos é sermos um pouco mais liberais com o conteúdo em ruínas do Tesouro, então, somos tão estúpidos como limitados! Tu, Marco Emílio, estás convencido de que os homens dos *capite censi* serão maus soldados. Bem, eu penso que darão excelentes soldados! Vamos continuar a lamentar o seu custo? Vamos negar-lhes uma oferta ao retirarem-se, no final da campanha? É isso que pretendes, Marco Emílio?

”Mas eu gostaria de ver o Estado desfazer-se de alguns terrenos públicos de Roma, para que quando se retirar, um soldado dos *capite censi* possa receber um pequeno pedaço de terra para cultivar ou vender. Uma pensão de alimentos. E uma infusão de sangue novo muito necessitado nas fileiras mais que dizimadas dos nossos pequenos agricultores. Como pode derivar daí qualquer coisa que não seja boa para Roma? Meus senhores, por que não conseguem entender que Roma apenas pode enriquecer se estiver disposta a partilhar a sua prosperidade tanto com as petingas que nadam no seu mar como com as baleias?”

Mas a Assembleia levantou-se num clamor, e Lúcio Cássio Longino, o cônsul sénior, achou que a prudência estava na ordem do dia. Motivo pelo qual encerrou a sessão e despediu-se dos Pais Conscritos.

Mário e Sila partiram em busca de 20 480 soldados de infantaria, 5 120 homens livres não-combatentes, 4000 escravos não-combatentes, 2000 soldados de cavalaria e 2000 não-combatentes para apoiar a cavalaria.

- Eu trato de Roma; tu podes ocupar-te do Lácio - disse Mário, *em* voz surda. - Duvido muito que qualquer de nós tenha de ir até Itália.

Vamos a caminho, Lúcio Cornélio! Apesar de ter sido o pior que podiam fazer, vamos a caminho. Pedi a Caio Júlio, nosso sogro, para contactar as fábricas e os fornecedores de armas e armaduras, e já mandei vir de África os seus filhos: podem ser-nos úteis. Parece-me que nem Sexto nem Caio júnior são feitos da massa dos verdadeiros chefes, mas são excelentes subordinados, leais e diligentes.

Mário seguiu à frente até ao seu gabinete, onde o esperavam dois homens. Um era um senador de cerca de trinta e cinco anos cujo rosto Sila conhecia vagamente, e o outro era um rapaz que andaria pelos dezoito.326

Mário apresentou-os ao seu questor.

- Lúcio Cornélio, apresento-te Aulo Mânho, a quem convidei para ser meu legado sénior. - É o senador. Um dos Mânhos patrícios, pensou Sila. Mário tinha de facto amigos e clientes de todas as classes.

- E este jovem é Quinto Sertório, filho de minha prima, Maria de Nérsia, a quem sempre chamam Ria. Destaquei-o para o meu pessoal particular. - Um Sabino, pensou Sila. Pelo que ouvira, tinham um enorme valor num exército - um pouco heterodoxos, de imensa coragem, de espírito indómito.

- Muito bem, está na altura de começarmos - disse o homem de acção que passara mais de vinte anos a aperfeiçoar as suas ideias sobre o que deveria ser o exército romano.

- Dividiremos as nossas tarefas. Aulo Mânho, ficas encarregado de reunir as mulas, carros, equipamentos, não-combatentes, e todos os abastecimentos, desde a comida até à artilharia. Os meus cunhados, os dois Júlios Césares, deverão chegar a qualquer momento e irão auxiliar-te. Quero-te pronto para embarcar para África nos fins de Março. Terás todo o auxílio de que necessitares, mas posso sugerir-te que comeces por arranjar os não-combatentes, e escolhas os melhores? Assim, pouparás dinheiro e começarás já a treiná-los.

O jovem Sertório observava Mário, aparentemente fascinado, enquanto Sila o achou mais fascinante que Mário, talvez por já estar muito habituado a este. Não era que Sertório fosse sexualmente atraente, porque não o era; mas tinha em si um poder que era estranho num homem tão novo. Fisicamente, prometia ser imensamente forte quando chegasse à maturidade, o que talvez contribuísse para a impressão de Sila, pois embora fosse alto, já tinha os músculos tão sólidos que dava a impressão de ser baixo; possuía uma cabeça quadrada, de pescoço largo, e uns olhos dignos de nota, castanho-claros, cravados nas órbitas e magnéticos.

- Eu próprio tenciono embarcar em fins de Abril com o primeiro grupo de soldados - continuou Mário, olhando para Sila. - Cabe-te a ti, Lúcio Cornélio, continuar a organizar o resto das legiões e encontrar uma cavalaria decente. Se conseguires despachar tudo e partires no fim de Quinctilis, ficarei contente - virou a cabeça, sorrindo para o jovem Sertório. - Quanto a ti, Quinto Sertório, hei-de manter-te muito atarefado, descansa! Não posso permitir que digam que mantenho familiares meus por aí sem qualquer ocupação.[327]

O rapaz sorriu, devagar e ponderadamente.

- Gosto de andar atarefado, Caio Mário - respondeu.

Os capite cens fizeram bicha para se alistar; Roma nunca tinha visto nada assim, nem ninguém no Senado esperava tal resposta por uma parte da comunidade com que nunca se preocupara, exceptuando os tempos de falta de cereais, em que era prudente abastecer os *capte cens; com* cereal barato para evitar rixas perturbadoras.

Em poucos dias o número de recrutas voluntários de total cidadania romana eram 20 480 - mas Mário recusou-se a encerrar o recrutamento.

- Se eles querem ir, nós levamo-los - explicou a Sila. - Metelo tem

seis legiões, não vejo motivo para não ter seis legiões. Especialmente com o Estado a financiar os custos! Isto não volta a repetir-se, se acreditarmos no nosso querido Escauro, e Roma talvez precise dessas duas legiões extra, como me sugere a intuição. De qualquer

modo, não vamos ter este ano uma campanha decentemente preparada, e por isso é melhor começarmos a concentrar-nos *no treino* e no equipamento. O que me *agrada é* que estas seis legiões serão todas de cidadãos romanos e não de auxiliares italianos. Significa que ainda iremos ter muitos *proletarÚ* italianos para o futuro, bem como mais romanos dos *capite censi.*

Tudo correu de acordo com os planos, o que não era de espantar com Caio Mário no comando, como Sila descobriu. Em finais de Março, Aulo Mânho vinha a caminho, de Nápoles para útica, trazendo nos seus transportes mulas, balistas, catapultas, armas, mantimentos e os mil e um artigos que constituíam o equipamento dum exército. No momento em que Mânho aportou em útica, os transportes regressaram a Nápoles para trazer Caio Mário, que navegou apenas com duas das suas legiões. Sila ficou em Itália para preparar e equipar as outras quatro legiões e arranjar a cavalaria. No fim, dirigiu-se para norte para as regiões da Gália italiana no extremo do rio Pó, onde recrutou os magníficos soldados de cavalaria de origens celtas.

Houve outras mudanças no exército de Mário, para além da sua composição com homens dos *capte cens.* Porque não tinham qualquer tradição de serviço militar e por isso ignoravam completamente o que implicava. E assim, não estavam em condições de resistir à mudança, ou de se lhe opor. Durante muitos anos, a antiga unidade táctica denominada manípulo provara ser demasiado pequena para combater os exércitos massivos e indisciplinados com que as legiões habitualmente se defrontavam;328

a coorte - três vezes maior do que o **manípulo - tinha** vindo gradualmente a substituí-lo na prática. Porém, ninguém reagrupara oficialmente as legiões em coortes em vez dos manípulos, nem reestruturara a sua hierarquia de centuriões para dirigir as coortes. Mas Caio Mário fê-lo, na Primavera e Verão do seu primeiro consulado. O manípulo deixava agora de existir, excepto como unidade de parada; tornava-se soberana a coorte.

No entanto, havia desvantagens imprevistas em recrutar um exército *de proletários.* Os soldados de Roma com posses na sua maioria sabiam ler e escrever, pelo que não tinham dificuldade em reconhecer bandeiras, números, letras e símbolos. O exército de Mário era maioritariamente analfabeto e mal conhecia os números.

Sila criou um programa em que cada unidade de oitenta homens que compartilhavam a tenda e o rancho teria pelo menos um homem que soubesse ler e escrever, e que como recompensa da superioridade sobre os seus colegas, teria de ensinar aos companheiros tudo acerca dos números, letras e símbolos, e estandartes, e se possível, a ler e a escrever. Mas os avanços eram lentos; a alfabetização total ainda teria de esperar até que as chuvas de Inverno em África impossibilitassem a campanha.

O próprio Mário criou um motivo de unidade simples e de grande valor emotivo, e garantiu que todas as fileiras fossem doutrinadas com receio supersticioso e reverência dentro deste novo motivo unificador. Deu a cada legião uma bela águia de prata, de asas abertas, sobre um poste prateado muito alto; a águia seria transportada pelo *aquilifer, o* homem que fosse considerado o melhor exemplar da sua região, exclusivamente vestido com uma pele de leão e uma armadura de prata. A águia, como dizia Mário, era o símbolo de Roma para a legião, e todos os soldados eram obrigados a fazer a jura terrível de que prefeririam morrer a permitir que a águia da legião caísse nas mãos do inimigo.

Era evidente que ele sabia bem o que estava a fazer. Depois de passar metade da vida no exército - e sendo o homem que era - criara opiniões firmes e sabia muito mais sobre os soldados recrutas do que qualquer aristocrata. As suas origens ignóbeis haviam-no colocado numa posição ideal para observar, tal como a sua inteligência superior o colocara numa posição ideal para fazer deduções a partir das suas observações. Os seus feitos haviam sido subestimados e as suas inegáveis capacidades haviam sido usadas quase sempre para o progresso dos seus superiores: Caio Mário tivera muito que esperar até ao primeiro consulado - com tempo mais que suficiente para pensar, pensar, pensar...329

A reacção de Quinto Cecílio Metelo à enorme perturbação que Mário provocara em Roma surpreendeu o seu filho, visto que Metelo sempre fora considerado homem racional e controlado. No entanto,

quando recebeu a notícia de que tinham dado o seu comando em *África* a Mário, enfureceu-se em público, chorando e gritando dilacerado, tudo isto no mercado de útica e não na privacidade do seu gabinete, e para grande gáudio da população de útica. Mesmo depois de ter passado o primeiro choque da sua dor e ele ter recolhido a casa, bastava a mera alusão ao *nome de Mário para* provocar outro acesso de ruidosas lágrimas - *bem* como um não mais acabar de referências ininteligíveis à Numância, a *um* trio qualquer e a uns porcos.

A carta que recebeu de Lúcio Cássio Longino, cônsul-eleito sénior, apesar de tudo veio animá-lo muito, e passou dias e dias a organizar a desmobilização das suas seis legiões, tendo obtido o consentimento delas para o realistamento ao serviço de Lúcio Cássio mal chegassem a Itália. Porque, como Cássio lhe dizia na carta, estava decidido a ter muito mais sucessos contra os Germanos e os seus aliados, os Volcos Téctósagos, na Gália Transalpina, do que Mário, o Provinciano, poderia fazer em África,

sem tropas.

Desconhecedor da solução de Mário para o problema (de facto, só viria a conhecê-la ao chegar a Roma), Metelo deixou útica em fins de Março, levando consigo as suas seis legiões. Escolheu ir pelo porto de Adrumetum, mais de cem milhas a sueste de útica, e ficou de mau humor ao saber que Mário chegara à província para assumir o seu comando. Em útica, deixou Públio Rutílio Rufo para receber Mário.

E quando Mário chegou, foi Rutílio que foi esperá-lo ao molhe e lhe entregou formalmente a província.

- Onde está o Suíno? - perguntou Mário, quando seguiam para o palácio do governador.

- Vai a caminho de Adrumetum com as suas legiões e uma terrível disposição - disse Rutílio, suspirando. - Fez uma jura a Júpiter Stator

de não te ver nem falar.

- Grande parvo - disse Mário sorrindo. - Recebeste as minhas cartas acerca dos *capite censi e* das novas legiões?

- Claro. Mas não deixo de desconfiar dos enormes louvores que Aulo Mânho te tem tecido. É um esquema brilhante, Caio Mário - mas quando olhou para Mário, Rutílio não sorriu. - Hão-de fazer-te pagar pela tua temeridade, meu velho amigo. E de que maneira!...330

- Não o farão. Eu tenho-os na mão... E pelos deuses, juro-te que é assim que os manterei até morrer! Vou transformar o Senado em pó, Públio Rutílio.

- Não terás êxito. Há-de ser o Senado que acabará por transformar-te em pó.

- Nunca!

E dessa opinião, Rutílio Rufo não podia demovê-lo.

útica estava muito bonita, com os seus edifícios de estuque todos brancos, lavados pelas chuvas de Inverno, uma cidade reluzente e limpa de edifícios baixos e modestos, árvores floridas, um Calor langoroso, um povo de vestes garridas. Os pequenos largos e praças estavam apinhados de estabelecimentos e tabernas; nos centros cresciam árvores frondosas; as pedras da calçada estavam limpas e varridas. Tal como a maior parte das cidades romanas, jónicas e *gregas, e mesmo* púnicas, tinha um bom sistema de canalizações e esgotos, com banhos públicos para a populaça e bom abastecimento de água, vinda por aqueduto desde as montanhas em declive que a rodeavam no horizonte azul.

- Públio Rutílio, o que vais fazer? - perguntou Mário quando chegaram ao gabinete do governador e se instalaram, divertidos com a forma como os antigos servos de Metelo agora faziam vénias,

embaraçados. Gostarias de ficar aqui, como meu legado? Não, ofereci a Aulo Mânho o lugar superior.

Rutílio abanou a cabeça enfaticamente.

- Não, Caio Mário, torno a casa. Como o Suíno se vai embora, o meu mandato acabou, e já tive a minha conta de África. Muito sinceramente, não me apetece ver o desgraçado do Jugurta acorrentado... E agora que estás no comando, é como ele vai acabar. Vou para Roma descansar um pouco, e terei oportunidade de escrever e cultivar amizades.

- E se um dia não muito distante no futuro eu te pedisse para te candidatares ao consulado, como meu colega?

Rutílio lançou-lhe um olhar admirado mas pleno de vivacidade.

- O que andas tu a tramar *desta vez?*

- Há uma profecia, Rutílio Rufo, segundo a qual serei cônsul de Roma pelo menos sete vezes.

Qualquer outro homem podia ter rido ou troçado, ou apenas ter-se recusado a acreditar. Mas Rutílio Rufo, não: conhecia bem o seu Mário.

- É um grande destino: eleva-te acima dos teus pares, que é coisa que sou demasiado romano para aprovar. Mas se for esse o teu destino,331

nem tu nem eu podemos contrariá-lo. Se eu gostaria de ser cônsul? Sim, claro que gostaria! Considero *ser meu* dever enobrecer a minha família. Mas guarda-me para um ano em que precisares realmente de mim, Caio Mário.

- E o que farei - disse Mário, satisfeito.

Quando a notícia da ascensão de Mário ao comando da guerra chegou aos dois reis africanos, Boco assustou-se e seguiu imediatamente para a Mauritânia, deixando Jugurta sem apoio para enfrentar Mário. Na verdade, Jugurta não se sentia mais intimidado com a deserção do sogro do que com a nova posição de Mário; recrutou soldados entre os Getulos e esperou a sua hora, deixando a iniciativa a cargo de Mário.

No final de junho, quatro das suas seis legiões estavam na província romana em África e Mário já se sentia suficientemente satisfeito com os seus progressos para as levar para a Numídia. Concentrando-se em saquear cidades e pilhar herdades e em pequenas batalhas, deu o baptismo de fogo ao seus humildes recrutas e transformou-os num pequeno exército formidável. No entanto, quando Jugurta viu as dimensões da unidade de Roma e se apercebeu das implicações da sua composição com elementos dos *capite censi,* decidiu arriscar-se a combater e tornar a capturar Cirta.

Mas Mário chegou antes da queda da cidade, não deixando a Jugurta outra hipótese que não fosse a batalha, e por fim os soldados dos *capite censi* tiveram a oportunidade de confundir os seus críticos romanos. Um Mário radiante pôde escrever a seguir ao Senado, contando que as suas tropas de pobretanas se haviam portado na perfeição, e que lá por não terem bens em Roma, nem por isso haviam lutado com menos coragem ou entusiasmo. Com efeito, o exército de *capite censi* de Caio Mário derrotou Jugurta tão decisivamente que o próprio Jugurta se viu obrigado a largar o escudo e a lança para conseguir fugir.

No momento *em* que o rei Boco soube a notícia, enviou uma embaixada a **Mário, pedindo autorização para voltar a entrar para** a lista de clientes de Roma; e como Mário não respondeu, enviou mais embaixadas. Por fim, Mário consentiu em receber uma deputação, que se apressou a regressar, dizendo ao rei que Mário não estava a nenhum **nível interessado** em negociar com ele. E

Boco ficou a roer as unhas e a meditar por que razão tinha cedido às lisonjas de Jugurta.332

Mário estava muito ocupado a retirar a Jugurta todas as milhas quadradas de território númida povoado que pudesse, para que o rei não conseguisse arranjar recrutas ou abastecimentos nos ricos vales dos rios e áreas litorais do reino. E impossibilitou o rei de adquirir proveitos adicionais. Agora, só entre os Getulos e os Garamantes, as tribos berberes do interior, Jugurta podia ter a certeza de encontrar abrigo e soldados, bem como a segurança de que os seus armamentos e tesouros estariam a salvo dos cofres de Roma.

Em junho, Julilla deu à luz uma menina enfermiça de sete meses, e no fim de Quintilis, Júlia gerou um rapaz grande e saudável, nascido após o tempo normal de parto, um irmãozinho para o jovem Mário. Contudo, foi a criança doente de Julilla que sobreviveu e o robusto segundo filho de Júlia que morreu, quando a humidade fétida de Sextilis cravou os seus tentáculos malignos nas colinas de Roma e as febres entéricas se tornaram endémicas.

- Acho bem que seja uma rapariga - disse Sila à mulher -, mas antes de eu partir para África vais voltar a engravidar e desta vez terás um rapaz.

Infeliz por ter dado a **Sila uma rapariga choramingas** e enjoada, Julilla dedicou-se a fazer um rapaz com todo o entusiasmo. Estranhamente, resistira à sua primeira gravidez e ao parto muito melhor do que a irmã Júlia, embora estivesse magra, doente e constantemente mal disposta. Ao passo que Júlia, mais bem constituída e com melhores defesas emocionais contra as tormentas do casamento e da maternidade, sofreu muito dessa segunda vez.

- Ao menos, temos uma rapariga para casarmos com alguém de quem precisemos, na altura devida - disse Julilla para Júlia no Outono, depois da morte do segundo filho de Júlia, quando Julilla já sabia que esperava outra criança. - Espero que desta vez seja um

rapaz - o nariz começou a pingar-lhe; fungou e procurou o lenço de linho.

Ainda entristecida, Júlia não sentia tanta paciência e simpatia pela irmã como antes, e finalmente compreendeu a razão por que a mãe, Márcia, dissera - sombriamente - que **Julilla** ficara afectada para sempre.

Era engraçado, pensava ela agora, poder-se crescer com uma pessoa sem realmente compreender o que se passava com ela. Julilla estava a envelhecer rapidamente - não fisicamente, nem mesmo mentalmente era mais um processo do espírito, intensamente autodestrutivo. A inanição

minara-a de algum modo, deixara-a incapaz de ter uma vida feliz. Ou talvez esta Julilla actual sempre tivesse estado lá, por baixo das risadas e da tolice, dos truques encantadores de menina, que tanto haviam encantado o resto da família.

Preferimos pensar que foi a doença a causadora desta mudança, pensou Júlia com tristeza. *Precisamos* de encontrar uma causa exterior, porque a única alternativa será admitir que sempre foi fraca.

Ela nunca seria **mais do que bonita,** a Julilla, com aquela *cor mágica* de âmbar e mel, os gestos graciosos e as feições perfeitas. Mas agora tinha olheiras sob os olhos enormes, duas rugas já atravessavam o seu rosto entre as bochechas e o nariz, e os cantos da boca já se encontravam virados para baixo. Sim, tinha um ar esgotado, infeliz e inquieto. Aparecera-lhe na voz um débil tom de lamúria e ainda dava enormes suspiros, hábito inconsciente mas muitíssimo irritante. Tal como a sua tendência para fungar.

- Tens vinho? - perguntou Julilla subitamente.

Júlia pestanejou surpreendida, consciente de que estava vagamente escandalizada e descontente consigo *mesma por* ter uma reacção tão *pretensiosa.* Afinal, as mulheres agora bebiam vinho! E isso já não era visto como um sinal de decadência moral, excepto nos meios que a própria Júlia achava detestavelmente intolerantes e hipócritas. Mas uma irmã mais nova que nem tem vinte anos de idade e fora criada na casa de Caio Júlio César pedir

vinho a meio da manhã sem uma refeição nem a presença de um homem - isso é que era um choque!

- Claro que tenho vinho - respondeu.

- Apetece-me mesmo uma taça - disse Julilla, que se debatera consigo mesma antes de fazer o pedido; Júlia poderia comentar, e era desagradável expor-se à desaprovação da irmã mais velha, mais forte e mais bem sucedida. No entanto, não fora capaz de deixar de pedir. A entrevista era difícil, tanto mais que estava atrasada.

Ultimamente, Julilla estava sem paciência para a família, desinteressada em relação a eles, aborreciam-na. Em especial a tão estimadajúlia, mulher do cônsul, **tornando-se em pouco tempo na mais considerada das jovens** matronas. Nunca punha um pé em falso, a Júlia. Feliz com o destino que lhe coubera, apaixonada pelo seu horrível Caio Mário, esposa e mulher exemplar. Como era aborrecida.

- Costumas beber vinho de manhã? - perguntou Júlia com o ar mais natural possível.334

Um encolher de ombros, uma agitação e tremura nas mãos, um olhar ardente com uma vivacidade que acusava o toque mas se recusava a tomá-lo a sério.

- Sila bebe e gosta de ter companhia.

- *Sila?* Tráta-lo pelo *cognome?* Julilla riu.

- Oh, Júlia, és tão antiquada! Claro que o trato pelo *cognome! Nós* não vivemos dentro do Senado! Hoje em dia toda a gente dos nossos conhecimentos usa o *cognome, é* chique. Além disso, Sila gosta que eu o trate por Sila: diz que chamarem-lhe Lúcio Cornélio o faz sentir centenário.

- Então devo ser antiquada - disse Júlia, fazendo um esforço para falar com naturalidade. Um sorriso súbito iluminou-lhe o rosto; talvez fosse da luz, mas parecia mais nova do que a irmã, e mais bonita. - Eu tenho uma desculpa! Caio Mário não tem *cognome.*

Trouxeram o vinho. Julilla encheu uma taça, mas ignorou a garrafa de alabastro que continha água.

-já pensei nisso muitas vezes - disse, e deu um grande gole. Certamente depois de vencer Jugurta arranjará um *cognome* bastante impressionante. Aquele presumido irritante do Metelo a convencer o Senado a deixá-lo festejar o triunfo e assumir o *cognome* de Numídico! Numídico devia ter sido guardado para Caio Mário!

- Metelo Numídico - disse Júlia com um respeito meticuloso pelos factos - habilitou-se ao seu triunfo, Julilla. Matou bastantes númidas e trouxe o produto de muitas pilhagens. E quis adoptar o cognome de Numídico e o Senado autorizou-o, foi isso. Além de que Caio Mário diz sempre que o nome do pai lhe basta. Há apenas um Caio Mário, ao passo que há dezenas de Cecílios Metelos. Espera e verás: o meu marido não precisará de se distinguir do rebanho por uma coisa tão artificial como um *cognome. O* meu marido vai ser o Primeiro Homem de Roma, e só pelas suas capacidades superiores.

Júlia a elogiar pessoas como Caio Mário era bastante enjoativa; os sentimentos de Julilla pelo seu cunhado eram uma mistura de gratidão natural pela sua generosidade e um desprezo adquirido dos seus novos amigos, que o detestavam todos por ele ser um novo-rico, e por isso lhe desprezavam a mulher. Por isso, Julilla voltou a encher a taça e mudou de assunto.

- O vinho não é mau, irmã. Mário tem dinheiro para se tratar bem

- bebeu, mas em sorvos mais pequenos do que a primeira taça. - Estás335

apaixonada por Mário? - perguntou, percebendo logo que sinceramente não sabia.

Que rubor! Incomodada por sentir que se traíra, Júlia deu uma resposta defensiva.

- *É claro* que estou apaixonada por ele! E de facto sinto imenso a sua falta. Não deve haver mal nenhum nisso, nem nos teus meios. Não amas Lúcio Cornélio?

- Sim! - disse Julilla, que agora se colocou na defensiva. - Mas não lhe sinto a *falta,* agora que está ausente, garanto-to! Porque se ele estiver longe por dois ou três anos, não voltarei a engravidar mal este nasça

- fungou. - Andar por aí com um talento a mais em relação ao peso que devia ter não é a minha ideia de felicidade. Gosto de flutuar como uma *pena, detesto* sentir-me ”pesada”! E desde que casei, ou tenho estado grávida ou a restabelecer-me da gravidez. Bah!...

Júlia, dominou-se.

- É teu dever ficares grávida - disse com frieza.

- Porque será que as mulheres nunca podem escolher os seus deveres? - perguntou Julilla, começando a sentir-se piegas.

- Oh, não sejas ridícula! - exclamou Júlia asperamente.

- É um modo terrível de passar a vida - disse Julilla, revoltada, sentindo finalmente o efeito do vinho. E sentiu-se mais animada; fez um esforço e sorriu. - Não vamos discutir, Júlia! já é suficientemente mau a mamã não conseguir ser delicada comigo.

E era verdade, reconheceu Júlia; Márcia nunca perdoara a Julilla a sua conduta com Sila, embora a razão disso continuasse a ser um mistério. A rispidez do pai durara apenas alguns dias, após o que tratou Julilla com todo o afecto e alegrando-se *com* o início da sua recuperação. Mas a rispidez da mãe persistira sempre. Pobre Julilla! Sila gostaria mesmo que ela bebesse vinho com ele de manhã, ou seria uma desculpa? Sila... Que falta de respeito!

Sila chegou a África no fim da primeira semana de *Setembro* com as duas últimas legiões e os dois mil magníficos soldados de cavalaria celtas da Gália Italiana. Encontrou Mário a preparar uma expedição à Numídia, e foi recebido com alegria e posto a trabalhar imediatamente.

- Pus Jugurta a fugir - disse Mário, radiante -, mesmo sem ter o meu exército completo. Agora que estás aqui, é que vamos ter acção a sério, Lúcio Cornélio.336

Sila entregou-lhe cartas de Júlia e de Caio Júlio César, e a seguir arranjou coragem para lhe apresentar condolências pela morte do segundo filho, que Mário nem sequer tinha visto.

- Peço-te que aceites os meus pêsames pelo falecimento do teu pequeno Marco Mário - disse ele, sentindo-se mal por saber que a sua filha Cornélia Sila, parecida com um rato, sobrevivia teimosamente.

Uma sombra perpassou o rosto de Mário e foi absolutamente afastada.

- Agradeço-te, Lúcio Cornélio. Há tempo para fazer mais filhos e tenho o jovem Mário. Quando partiste, a minha mulher e o meu filho estavam bem?

- Muito bem. Tal como todos os júlios Césares.

- Ainda bem! - As considerações privadas foram arquivadas; Mário pôs o seu correio numa consola e foi para a mesa de trabalho, sobre a qual se encontrava um enorme mapa pintado sobre um couro de vitela especialmente tratado. - Chegaste mesmo a tempo de ter uma amostra da Numídia em primeira mão. Partimos para Capsa dentro de oito dias os seus vivos olhos castanhos observaram o rosto de Sila, de pele manchada e a descamar-se. - Sugiro, Lúcio Cornélio, que explores os mercados de útica até encontrares um chapéu forte com uma aba o mais larga que possas. É óbvio que andaste por Itália todo o Verão. Mas o sol da Numídia é ainda mais quente e duro. Vais abrasar-te que nem uma mecha, por estes lados.

Era verdade; a compleição de um branco imaculado, até aí defendida por uma vida passada quase sempre dentro de casa, sofrera durante os meses de viagens por Itália exercitando as tropas e aprendendo o mais sub-repticiamente possível. O orgulho não lhe permitira abrigar-se à sombra enquanto os outros encaravam a luz, e o orgulho ditara-lhe, que usasse o elmo ático do seu alto cargo, que não contribuia em nada para lhe proteger a pele. O pior da

queimadura já tinha passado mas ele possuía tão pouca pigmentação que a cor da pele não escurecia, e depois de estar curado essas áreas ficavam tão brancas como antes. Os braços tinham tido melhor sorte do que o rosto; era possível que ao fim de bastante exposição, braços e pernas conseguissem resistir ao ataque do sol. Mas a cara? Essa nunca.

Mário pressentiu um pouco disso quando sugeriu a Sila o uso do chapéu; sentou-se e apontou para uma bandeja com vinho.

- Lúcio Cornélio, por um motivo ou por outro, tenho sido ridicularizado desde que me alistei nas legiões, aos dezassete anos. Ao princípio,337

era demasiado magro e baixo, depois por ser demasiado alto e desajeitado. Não sabia grego. Era um italiano e não romano. Por isso, entendo a humilhação que sentes devido à tua pele sensível e branca. Mas é mais *importante para mim, teu* comandante, que mantenhas a boa saúde e o bem-estar físico, do que apresentares o que consideras uma boa imagem aos teus semelhantes. Arranja esse chapéu! Amarra-o com um lenço de mulher, ou com fitas, ou um fio de ouro e púrpura, se for a única coisa que encontrares. E ri-te *deles!* Cultiva isso como uma excentricidade. E em breve descobrirás que já ninguem repara em ti. Também te aconselho a arranjares qualquer tipo de unguento ou creme bastante espesso para diminuir a quantidade de sol que a tua *pele recebe* e espalha-o. E se o creme ideal cheirar a perfume, que mal tem?

Sila fez um sinal afirmativo e sorriu.

- Tens razão, é um conselho excelente. Farei o que me disseste, Caio Mário.

- Muito bem!

O silêncio tombou; Mário estava irritável, irrequieto, mas não tinha nada a ver com Sila, como compreendeu o seu questor. E de

repente, Sila entendeu a razão - não sentira ele o mesmo? Roma inteira não sentia o mesmo?

- Os Germanos - disse Sila.

- Os Germanos - disse Mário, e estendeu a mão até à sua taça de vinho com muita água. - **De onde vêm eles, Lúcio Cornélio, e para** onde se dirigem?

Sila estremeceu.

- Dirigem-se para Roma, Caio Mário. É isso que todos sentimos nos ossos. Donde vêm, não sabemos. Uma manifestação de Nemésis, talvez. Tudo o que sabemos é que não têm pátria. O que tememos é que tencionem tornar sua, a nossa.

- Seriam loucos se não o desejassem - disse Mário com tristeza. Estas incursões à Gália são tentativas, Lúcio Cornélio: estão a ganhar tempo, a arranjar coragem. Podem ser bárbaros, mas até o bárbaro mais insignificante sabe que se quiser fixar-se perto do mar Central, primeiro tem de *tratar* com Roma. **Os Germanos vão atacar.**

- Estou de acordo. Mas tu e eu não estamos sós. É esse o sentimento geral duma ponta a outra de Roma. Uma preocupação, pavorosa e um medo pior ainda em relação ao inevitável. E as nossas derrotas não ajudam nada - disse Sila. - Tudo conspira para ajudar os Germanos. Há338

quem, mesmo no Senado, ande a falar da nossa destruição, como se ela já tivesse acontecido, E há os que falam dos Germanos como um julgamento divino.

Mário suspirou.

- Não é um julgamento mas sim um teste - pousou a taça e cruzou os braços. - Diz-me o que sabes de Lúcio Cássio. Os despachos

oficiais não me dão motivo para pensar, são tão vagos.

Sila fez uma *careta.*

- Foi ele que levou as seis legiões que regressaram de África com Metelo... A propósito, que tal o Numídico?... E fê-las marchar pela Via Domícia até Narbona, que parece ter alcançado cerca do início de Quintilis, ao fim de oito semanas na estrada. Eram tropas capazes e podiam ter avançado mais rapidamente, mas ninguém culpa Lúcio Cássio por ter sido benévolo para elas no início do que promete ser uma campanha árdua. Graças à determinação de Metelo Numídico em não deixar um só homem em África, todas as legiões de Cássio tinham duas coortes a mais, o que significa que ele tinha perto de quarenta mil soldados de infantaria e uma grande unidade de cavalaria, que aumentou com gauleses dóceis recolhidos pelo caminho: ao todo, cerca de três mil. Um grande exército. Mário resmungou.

- Eram bons homens.

- Eu sei. Com efeito, vi-os quando marchavam através do vale do Pó até ao desfiladeiro do *monte Genebra.* Nessa altura, estava eu a *recrutar* a cavalaria. E embora talvez te custe a acreditar, Caio Mário, nunca vi antes um exército romano a marchar, fileira após fileira, todos devidamente armados e equipados e com um carregamento decente. Nunca mais hei-de esquecer do espectáculo! - suspirou. - De qualquer modo... parece que os Germanos tinham chegado a um entendimento com os Volcos Tectósagos, que dizem ser seus parentes e lhes haviam dado terras a norte e a leste de Tolosa.

- Admito que os Gauleses são quase tão misteriosos como os Germanos

- disse Mário, inclinando-se para a frente -, mas de acordo com os relatórios, os Gauleses e os Germanos não pertencem à mesma raça. Como poderiam os Volcos Tectósagos chamar parentes aos Germanos? Afinal, nem sequer são Gauleses de Longos Cabelos:

vivem à volta de Tolosa desde que tomámos a Espanha, e falam grego e negoceiam connosco. Então, *porquê?*

- Não sei. Ninguém sabe, julgo eu - disse Sila.339

- Desculpa, Lúcio Cornélio, interrompi-te. Continua.

- Lúcio Cássio seguiu a partir de Narbona, na costa, ao longo da nossa estrada decente construída por Cneu Domicio, e pos as suas tropas em posição de combate perto de Tolosa. Os Volcos Tectósagos tinham-se aliado aos Germanos e por isso enfrentávamos um exército poderoso. Contudo, Lúcio Cássio levou-os a combate no local certo e derrotou-os. Como bárbaros típicos que são, não se demoraram na zona após a derrota. Germanos e Gauleses fugiram de Tolosa e das nossas vidas.

Fez uma pausa, franzindo as sobrancelhas, bebeu mais vinho, pousou a taça.

- Soube isto pelo próprio Popílio Lenate. Levaram-no de Narbona de barco antes de eu partir.

- Desgraçado, vai ser o bode expiatório do Senado! - exclamou Mário.

- Claro - disse Sila, elevando as sobrancelhas cor de gengibre.

- Os despachos dizem que Cássio perseguiu os bárbaros fugitivos retorquiu Mário.

Sila fez um sinal afirmativo.

- Foi o que ele fez. Eles tinham descido ambos os bancos do Garona em direcção ao oceano... Quando Cássio os viu deixar Tolosa, estavam numa desordem total, como era de esperar. Acho que ele os desprezou, os tratou como bárbaros imbecis pois nem se incomodou a mandar formar o exército para a perseguição.

- E não deu às legiões ordem de marcha defensiva? - perguntou Mário, incrédulo.

- Não. Tratou a perseguição como uma vulgar marcha de exercício, e levou tudo consigo, incluindo o produto das pilhagens quando os Germanos partiram, deixando para trás os carros. Como sabes, a nossa *estrada* romana termina em Tolosa, pelo que foi muito lento o avanço para sul do Garona em território estrangeiro, e o que preocupava Cássio acima de tudo era a protecção da coluna de carga.

- Por que não a deixou em Tolosa? Sila encolheu os ombros.

- Aparentemente, não acreditou que os Volcos Tectósagos ficassem para trás, em Tolosa. De qualquer modo, quando já tinha penetrado a sul do Garona até Burdígala, os Germanos e Gauleses haviam tido quinze dias para recuperar da tareia. Entraram em Burdígala, que parece que é muito maior que o *oppidium* habitual da Gália e extremamente fortificado, para não dizer recheado de armamentos. As tribos locais não queriam340

um exército romano nas suas terras, e por isso ajudavam os Germanos e os Gauleses de todas as formas possíveis, desde contribuir com tropas até oferecer-lhes Burdígala. E então, montaram uma emboscada muito inteligente a Lúcio Cássio.

- Que parvo! - disse Mário.

- O nosso exército tinha acampado perto, a leste de Burdígala, e quando Cássio decidiu avançar para atacar o próprio *oppidium,* deixou a coluna de carga para trás, no acampamento, à guarda de cerca de metade de uma legião... perdão, quero dizer cinco coortes... Um dia destes, heide acertar com os termos!

Mário conseguiu sorrir.

- Hás-de acertar, Lúcio Cornélio, garanto-to. Mas prossegue.

- Parece que Cássio confiava plenamente que não encontraria resistência organizada, por isso mandou marchar o nosso exército em direcção a Burdígala sem sequer cerrar fileiras ou fazer os homens marchar em quadrado, ou mesmo enviar batedores. Todo o nosso exército caiu numa armadilha perfeita, e os Germanos e os Gauleses aniquilaram-nos literalmente. O próprio Cássio tombou no campo de batalha, tal como o seu legado sénior. Popílio Lenate estima que morreram ao todo trinta e cinco mil soldados romanos em Burdígala - disse Sila.

- Popílio Lenate tinha sido deixado no comando, guardando a *carga* e o acampamento? - perguntou Mário.

- Exacto. Ele ouviu o barulho vindo do campo de batalha, claro, ouvia-se a milhas de distância. Mas só teve as primeiras notícias da catástrofe quando apareceu um punhado dos nossos homens buscando abrigo no acampamento. E apesar de ter esperado imenso tempo, não apareceram mais nenhuns. Em vez deles, vieram os Germanos e os Gauleses. Ele disse que eram milhares e milhares e milhares, cercando o acampamento, tão compactos como uma praga de ratos na eira, Era uma massa de bárbaros num frenesi de vitória, fora de si, brandindo cabeças romanas nas lanças e berrando cânticos de guerra, todos eles gigantes, de cabelos hirsutos com barro, ou pendendo dos ombros em grandes tranças louras. Um espectáculo aterrador, segundo disse Lenate.

- E que iremos ver muitas vezes mais, no futuro, Lúcio Cornélio disse Mário, sombriamente. - Continua.

- É verdade que Lenate podia ter-lhes resistido. Mas para *quê? Pareceu-lhe* mais sensato salvar o miserável resto do nosso exército, para nosso uso futuro, se possível. Hasteou a bandeira branca e foi ter com os chefes342

deles, de lança invertida e de bainha vazia. E eles pouparam-no e pouparam todos os nossos sobreviventes. Então, para nos mostrar

como nos achavam ambiciosos, até nos deixaram o carregamento! Tudo o que levaram foram as suas riquezas, que Cássio tinha pilhado - respirou. - No entanto, fizeram Popilio Lenate e os outros submeter-se ao jugo. Após o que os levaram até Tolosa, para terem a certeza de que eles seguiam para Narbo.

- Submetemo-nos demasiadas vezes ao jugo nos últimos anos - disse Mário, cerrando os punhos.

- Bem, foi certamente essa a razão principal da fúria geral de indignação em Roma contra PoPílio Lenate - disse Sila. - Vai *ter de* responder a acusações de traição, mas pelo que me disse, desconfio que fique para o julgamento. Penso que planeou juntar todos os seus valores transportáveis e entrar logo em exílio voluntário.

- É a atitude adequada, pelo menos assim salvaguardará qualquer coisa da ruína. *Se esperar* pelo julgamento, o Estado confiscar-lhe-á tudo

- Mário deu uma palmada no mapa. - Mas o destino de Lúcio Cássio não será o nosso, Lúcio Cornélio! Por meios lícitos ou ilícitos, havemos de arrastar a cara de Jugurta na lama... E então, tornaremos a Roma e pediremos um mandato do Povo para combater os Germanos!

- A isso, Caio Mário, quero eu, brindar! - disse Sila, levantando a taça.

A expedição contra Capsa teve um sucesso para além de todas as expectativas, mas - como todos admitiram - apenas graças ao modo brilhante como Mário conduziu a campanha. O seu delegado Aulo Mânho, em cuja cavalaria Mário não confiava por ter nas suas fileiras alguns númidas que diziam ser homens de Roma e de Gauda, convenceu a cavalaria de que Mário ia numa expedição de pilhagem. Por isso, a notícia que Jugurta recebeu era completamente enganosa.

E quando Mário apareceu com o seu exército em frente a Capsa, o rei ainda o imaginava a milhas de distância; ninguém comunicara ajugurta que os romanos se haviam mantido a água e cereais, para atravessar os baldios áridos entre o rio Bágradas e Capsa. Quando a fortaleza ostensivamente inexpugnável se viu rodeada por um mar de elmos romanos, Os seus habitantes renderam-se sem luta. Mas mais uma vez, Jugurta conseguiu escapar.

Caio **Mário decidiu que era tempo de dar** à Numídia - e especialmente **aos Getulos - uma lição. E embora Capsa** não lhe tivesse *oferecido*343

resistência, autorizou os seus soldados a saqueá-la, violentá-la e queimá-la; todos os adultos, homens e mulheres, foram passados à espada. As suas riquezas, e o enorme tesouro de Jugurta, foram carregados em carros; depois, Mário conduziu o seu exército a salvo para fora da Numídia até ao quartel de Inverno perto de útica, muito antes de começarem as chuvas.

As suas tropas de *capite censi* haviam merecido o repouso. E deu-lhe um enorme prazer escrever uma carta branda ao Senado (para ser lida por Caio Júlio César) louvando o espírito, a **coragem e a moral do seu** exército *de capite censi;* não resistiu a *acrescentar* que depois da *estratégia* espantosamente má de Lúcio Cássio Longino, seu colega sénior no consulado, era certo que Roma precisaria de mais exércitos com membros *dos capite censi.*

Dizia Rutílio Rufo numa carta que escreveu a Caio Mário, nos fins do ano:

Oh! Quantos rostos ruborizados! O teu sogro bradou a tua missiva num tom estentóreo, de tal forma que mesmo os que tapavam os ouvidos eram obrigados a ouvir. O Metelo Suíno - também agora conhecido por Metelo Numídico - estava com um ar homicida, E teria razões para isso - com o seu antigo exército morto ao longo do Garona e os teus heróis esfarrapados bem vivos.

- Não há justiça! - ouviram-no dizer a seguir, ao que eu me virei e respondi, muito gentilmente: - É verdade, Quinto Cecílio. Porque se houvesse justiça, não te chamarias Numídico!

- Ficou furioso, mas Escauro desatou a rir, claro está. Digas o que disseres acerca do Escauro, de todos os homens que conheço, é o que tem o mais vivo sentido de humor, para não falar do sentido do ridículo. Como é coisa que já não posso afirmar de nenhum dos seus amigos íntimos, por vezes chego a pensar se não escolherá os amigos de maneira que se possa rir em segredo das atitudes que tomam.

*O que me espanta, Caio Mário, é o vigor da tua estrela da fortuna. Bem sei que não estavas preocupado, mas posso dizer-te agora que não pensava que tivesses hipótese de ver o teu comando de África prorrogado até ao próximo ano. E o que acontece? Lúcio Cássio é morto com o exército maior e mais experiente de Roma, deixando o Senado e a sua facção de controlo sem poder opor-se a ti. O teu tribuno da plebe, Mancino, foi à Assembleia da Plebe e obteve um plebiscito a teu favor, alargando o teu governo da Província de África sem qualquer dificuldade. O Senado ficou em silêncio, sendo demasiado evidente, até mesmo para eles, que vais ser necessário. Porque é um lugar que nos últimos tempos se tornou muito desagradável. Paira sobre ela a ameaça dos Germanos como um pano mortuário*344

e há muitos que dizem que ninguém será capaz de evitar essa destruição. - Onde estão os Cipiões Africanos, os Emílios Paulos, os Cipiões Emilianos? - perguntam eles. Mas tu tens um grupo leal de seguidores dedicados, Caio Mário, e desde a morte de Cássio dizem cada vez mais alto que és o homem que chegará e virará maré dos Germanos. Entre eles, encontra-se o delegado acusado de Burdígala, Caio Popilio Lenate.

Visto que és um provinciano atrasado italiano que não sabe grego, vou contar-te uma pequena história.

Era uma vez um rei muito mau eperverso da Síria chamado Antíoco. Como ele não era o primeiro rei da Síria a chamar-se Antíoco, nem o mais importante (seu pai arrogava-se a distinção de chamar-se Antíoco, o Grande), tinha um número a seguir ao nome, Era Antíoco IV, o quarto rei Antíoco da Síria. Embora a Síria fosse um reino abastado, o rei Antíoco IV cobiçava o reino vizinho do Egipto, onde os seus primos Ptolomeu Filómetor, Ptolomeu Evérgeta da Grande Barriga e Cleópatra (sendo a segunda Cleópatra, tinha também um número após o nome, e era conhecida como Cleópatra II) reinavam

em conjunto. Gostaria de poder dizer que reinavam em harmonia, mas tal não acontecia. Irmãos e irmã, marido e mulher (sim, nos reinos orientais o incesto é permitido), lutavam entre si há anos e quase haviam conseguido arruinar o país belo e fértil do grande rio Nilo. Por isso, quando o rei Antíoco IV da Síria decidiu conquistar o Egipto, pensou que seria fácil, devido às querelas dos seus primos, os dois Ptolomeus e Cleópatra II.

Mas no momento em que virou as costas à Síria, alguns incidentes desagradavelmente sediciosos obrigaram-no a voltar à pátria para cortar meia dúzia de cabeças, desmembrar alguns corpos, tirar uns dentes e provavelmente abrir alguma barriga. E passaram quatro anos até as cabeças, braços, pernas, dentes e barrigas terem sido arrancados aos seus donos e o rei Antíoco poderpartir uma segunda vez para conquistar o Egipto. Dessa vez, a Síria ficou muito quieta e obediente durante a sua ausência, e o rei Antíoco invadiu o Egipto, capturou Pelúsio, marchou ao longo do Delta até Mênfis, conquistou-a, e a seguir começou a marchar para norte, para o outro lado do Delta, em direcção a Alexandria.

Como tinham arruinado o país e o exército, os irmãos Ptolomeus e a sua mulher-irmã, Cleópatra II, não *tiveram outro remédio* senãopedir *auxílio a Roma contra o rei Antíoco IV, pois Roma era a nação melhor e mais importante de todas, e a heroína de todos. Em auxílio do Egipto, o Senado e o Povo de Roma (mais de acordo então do que agora imaginaríamos possível - pelo que dizem os livros de* ***história) enviaram*** *o seu nobre e corajoso Caio Popílio Lenate. Qualquer outro país* ***teria fornecido*** *ao seu herói um exército completo, mas o Senado e o Povo de*345

Roma apenas deram a Caio Popílio Lenate doze lictores e dois clérigos. No entanto, como era uma missão ao estrangeiro, os lictores foram autorizados a vestiras túnicas vermelhas e a pôr os machados nos seus feixes de varas, pelo que Caio Popílio Lenate não estava totalmente desprotegido. Partiram para Alexandria num pequeno barco, e chegaram a Alexandria enquanto o rei Antíoco IV

marchava para norte do afluente canópico do Nilo em direcção à grande cidade onde se recolhiam os Egípcios.

De toga debruada a púrpura e precedido pelos seus doze lictores de vestes carmim, todos transportando os machados e os seus feixes de varas, Caio Popílio Lenate saiu de Alexandria pela Porta do Sol, e seguiu para leste, já não era novo e caminhava apoiado na sua vara alta, num passo tão plácido como o seu destino. Como só os valentes e heróicos e nobres Romanos construíam estradas decentes, em breve ele caminhava pela areia, Mas isso deteve Caio Popílio Lenate? Não! Continuou a caminhar até perto do enorme hipódromo no qual os A lexandrinos gostavam de assistir a corridas de cavalos, deparou com um muro de soldados sírios e teve de parar.

O rei Antíoco IV da Síria avançou ao encontro de Caio Popílio Lenate.

- Roma não tem nada a ver com o Egipto! - disse o rei, de rosto horrivelmente franzido.

- A Síria também não tem nada a ver com o Egipto - contrapôs Caio Popílio Lenate, sorrindo amável e serenamente.

- Regressa a Roma - exclamou o rei.

- Regressa à Síria - replicou Caio Popílio Lenate. E nenhum deles çe moveu uma polegada.

- Estás a ofender o Senado e o Povo de Roma - disse Caio Popílio Lenate depois de olhar o rosto feroz do rei. - Mandaram-me fazer-te voltar à Síria. O rei riu imenso.

- E como vais fazer-me voltar? - perguntou, - Onde está o teu exército?

- Não preciso de nenhum exército, rei A ntíoco IV - respondeu Caio Popilio Lenate. - Tudo o que Roma é, foi e será, encontra-se aqui

diante de ti neste momento. Eu represento tanto Roma como o seu maior exército. E é em nome de Roma que te repito: regressa a casa!

- Não! - disse o rei Antíoco IV.

Então, Caio Popílio Lenate deu um passo em frente, e tranquilamente, descreveu com a vara um círculo à volta da pessoa do rei A ntíoco IV, que se viu dentro do círculo de Caio Popílio Lenate.

- Antes de saíres deste círculo, rei Antíoco IV, aconselho-te a repensar - disse Caio Popílio Lenate.

- E quando saíres, vai para leste e volta para a Síria.346

O rei não *disse nada: nem se mexeu. Caio Popílio Lenate* não *disse nada, nem se mexeu. Como Caio Popílio Lenate era um romano e* não *tinha necessidade de esconder o rosto, a sua contenção suave e serena era cheia de aparato. Mas o rei Antíoco IV ocultava o rosto atrás de uma barba postiça encaracolada e armada, e nem assim conseguiu esconder a sua ira. O tempo passou. E então, sempre dentro do círculo, o poderoso rei da Síria virou-se para leste e saiu do círculo em direcção ao Oriente, e marchou para a Síria com todos os seus soldados.*

Mas a caminho do Egipto, o rei Antíoco invadira e conquistara a ilha de Chipre, que pertencia ao Egipto. O Egipto precisava de Chipre, porque daí retirava madeira para os seus barcos e edifícios, e cereais e cobre. Por isso, depois de deixar os rejubilantes Egípcios em Alexandria, Caio ***Popílio Lenate*** *navegou para Chipre, onde encontrou um exército sírio de ocupação.*

- Regressem a casa. E ele regressou.

O próprio Caio Popilio Lenate tornou a Roma, onde comunicou, muito suave, serena e simplesmente que mandara o rei Antíoco IV

voltar à Síria e salvara o Egipto e a Síria dum destino cruel. Gostaria de acabar a minha pequena história dizendo-te que os Ptolomeus e a sua irmã, Cleópatra II, viveram - e governaram - felizes para todo o sempre, mas tal não *aconteceu. Continuaram lutando entre si, e matando alguns parentes próximos, e a arruinar o país*

Ouço-te perguntar por todos os deuses, por que motivo estou a contar-te histórias para crianças. É simples, meu caro Caio Mário, Quantas vezes ouviste, sentado ao colo da tua mãe, a história de Caio Popílio Lenate e do círculo à volta do rei da Síria? Bem, talvez no Arpino as mães não *contem essa. Mas em Roma é clássica. Todas as crianças romanas, e de todas as classes, ouvem a história de Caio Popílio Lenate e do círculo à volta dos pés do rei da Síria.*

Então, pergunto-te, como podia o bisneto do herói de A lexandria ir para o exílio sem se arriscar a um julgamento? Ir para o exílio voluntário é admitir a culpa - e parece-me que o nosso Caio Popílio Lenate fez o que era sensato em Burdígala. O desfecho disto foi que o nosso Popilio Lenate ficou e submeteu-se a julgamento.

O tribuno da plebe Caio Célio Cáldio (agindo a mando de um conluio que ficará incógnito - mas podes adivinhar um conluio decidido a transferira culPa de Burdígala para outros ombros que não *os de Lúcio Cássio, naturalmente) jurou que havia de ver Lenate condenado. No entanto, como o único tribunal especial de traições que temos se limita àqueles que tratam de Jugurta, o julgamento deve de ter lugar na Assembleia Centurial. Manifestamente público, com todos os porta-vozes das centúrias a gritar o veredicto da centúria para toda a gente ouvir*347

"CONDEMNO!" "ABSOLVO!" *Quem, depois de ter ouvido a história de Caio Popílio Lenate e do círculo à volta do rei da Síria em criança, ousaria gritar* "CONDEMNO!"

Mas isso deteve Cáldio? Com certeza que não. Propôs a seguir um decreto na Assembleia da Plebe, que alargava a votação secreta das

eleições à votação dos julgamentos de traição. Desse modo, as Centúrias chamadas a votar podiam ter a certeza de que as opiniões não eram conhecidas. O decreto foi aprovado: tudo parecia correr bem.

E no início do mês de Dezembro, Caio Popílio Lenate foi julgado por traição na Assembleia Centurial. A votação foi secreta, tal como Cáldio queria. Mas tudo o que alguns de nós fizemos foi segredar aos ouvidos do júri gigantesco: Era uma vez um ex-cônsul nobre e corajoso chamado Caio Popílio Lenate... *E foi tudo.*

*Quando finalmente contaram os votos, todos disseram: "*ABSOLVO!*" Por isso poderís dizer que se se fez justiça foi graças à história de crianças.*

DURANTE O CONSULADO DE QUINTO SERVÍLIO CEPIãO

E CAIO ATÍLIO SERRANOQuinto

PÚBLIUS RUTÍLIUS **Quando Quinto Servílio** Cepião recebeu o mandato para marchar contra os Volcos Tectósagos da Gália e os seus convidados germanos agora alegremente estabelecidos perto de Tolosa - estava plenamente convencido de que iria recebê-lo. Isso aconteceu no primeiro dia do Ano Novo, durante a sessão do Senado no templo de júpiter Optimus Maximus, após a cerimónia de posse. E Quinto Servílio Cepião, fazendo o seu primeiro discurso, anunciou à Assembleia apinhada que não usaria o novo tipo de exército romano.

- Vou usar os soldados tradicionais de Roma e não os pobres dos *capite censi* - exclamou, no meio de risos e aplausos.

Era evidente que havia senadores presentes que não se alegraram; Caio Mário não estava sozinho num Senado totalmente inimigo. Um bom número de membros de segunda linha eram suficientemente esclarecidos para ver a lógica por detrás da posição contra a opinião entrincheirada, e mesmo entre as Famílias Importantes havia homens de pensamento independente. Mas era o conluio de conservadores que se sentava na fila da frente da Assembleia rodeando a pessoa de Escauro Princeps Senatus que ditava a orientação senatorial; quando eles aplaudiam, a Assembleia aplaudia, e quando votavam numa certa direcção, a Assembleia votava na mesma direcção.

Era a este conluio que pertencia Quinto Servílio Cepião e foi a actividade deste conluio como *lobby* que incitou os Pais Conscritos a autorizar um exército de oito legiões completas para Quinto Servílio Cepião ensinar aos Germanos que não eram bem-vindos às terras do mar Central, e aos Volcos Tectósagos de Tolosa que não compensava acolher Germanos.

Cerca de quatro mil dos soldados de Lúcio Cássio haviam regressado em condições de servir, mas quase todos, excepto alguns não-combatentes, tinham

perecido com as tropas, e a cavalaria que sobrevivera regressara352

à sua terra natal, levando consigo os cavalos e os não-com batentes, Por isso, Quinto Servílio Cepião enfrentava a tarefa de encontrar 41000 soldados de infantaria, mais 12 000 não-combatentes livres, mais 8000 escravos não-combatentes, mais 5000 soldados de cavalaria e 5000 auxiliares de cavalaria não-combatentes. Tudo isto numa Itália desnudada de homens que preenchessem as qualificações de posse, fossem eles de origem romana, latina ou italiana.

As técnicas de recrutamento de Cepião eram surpreendentes. Na verdade, ele próprio não participava nelas, nem sequer se incomodava em saber como arranjar os homens; pagava a um grupo e deixava tudo a cargo do seu questor, enquanto se dedicava a outras coisas mais dignas de um cônsul. As tropas eram cruelmente forçadas. Os homens eram alistados não só contra o seu consentimento, mas como vítimas de rapto, e os veteranos eram arrastados à força dos seus lares. Era levado o filho de catorze anos e aspecto maduro de um pequeno agricultor, tal como o seu avô jovial de sessenta anos. E se essa família não possuísse dinheiro para armar e equipar os seus membros compelidos a alistarem-se, havia alguém por perto que escrevia o preço do equipamento e tomava posse da pequena propriedade como pagamento; Quinto Servílio Cepião e os seus apoiantes adquiriram uma grande extensão de terras. Quando, mesmo assim, nem os cidadãos romanos nem os latinos conseguiram fornecer homens suficientes, os Aliados Italianos passaram a ser implacavelmente perseguidos.

Mas no fim, Cepião lá arranjou os seus quarenta e um mil soldados de infantaria e doze mil homens livres não-combatentes do modo tradicional, pelo que o Estado não teve de pagar as suas armas, armaduras ou equipamento; e a preponderância de legiões de auxiliares dos Aliados Italianos colocou o peso financeiro da manutenção às costas dos Aliados Italianos em vez de Roma. Consequentemente, o Senado concedeu a Cepião um voto de agradecimento e teve todo o prazer em abrir a bolsa para pagar soldados de cavalaria da Trácia e das duas Gálias. Enquanto Cepião adquiria um ar cada vez mais importante, os elementos conservadores de Roma falavam dele em termos laudatórios sempre e onde quer que pudessem.

As outras coisas de que Cepião tratou pessoalmente enquanto os seus grupos de pressão percorriam a península de Itália tinham a ver com a recuperação do poder do Senado; de

uma forma ou doutra, o Senado estava a sofrer desde o tempo de Tibério Graco, quase trinta anos antes. Primeiro353

Tibério Graco, depois Fúlvio Flaco, a seguir Caio Graco, e depois deles, uma mistura de Homens Novos e nobres reformadores tinham reduzido a participação senatorial aos tribunais principais e à elaboração de leis.

Se não fossem os recentes ataques de Caio Mário aos privilégios senatoriais, era possível que Cepião tivesse sido menos zeloso e determinado a pôr as coisas no seu lugar. Mas Mário provocara uma grande irritação, e *o resultado durante* as primeiras semanas do consulado de Cepião *era um* revés desanimador para a Plebe e os cavaleiros que controlavam a Plebe.

Sendo patrício, Cepião reuniu a Assembleia do Povo, na qual podia entrar, e forçou a aprovação de um decreto que retirava o tribunal de extorsão aos cavaleiros, que o haviam recebido de Caio Graco; uma vez mais, os júris do tribunal de extorsão seriam preenchidos apenas com Pais Conscritos, do qual se podia esperar que protegesse os seus. Foi uma batalha amarga na Assembleia do Povo, com o belo Caio Mémio na chefia de um grupo forte de senadores que se opunham ao decreto de Cepião. Mas Cepião acabou por vencer.

E depois de ter vencido, em finais de Março, o cônsul sénior comandou oito legiões e uma grande unidade de cavalaria em direcção a Tolosa, cheio de sonhos não tanto de glória como de um tipo de gratificação mais pessoal. Porque Quinto Servílio Cepião era um verdadeiro Servílio Cepião, o que significava que a oportunidade de aumentar a sua *fortuna* durante um mandato de governador era muito mais aliciante do que a fortuna meramente militar. Havia sido pretor-governador na Espanha Ulterior, quando Cipião Nasica recusara o lugar alegando que não era de confiança, e saíra-se muito bem. Agora que era cônsul-governador, esperava sair-se ainda melhor.

Se fosse possível em termos de rotina enviar tropas de Itália para Espanha por mar, Cneu Domício não teria precisado de abrir uma via terrestre ao longo da costa da Gália Transalpina; os ventos predominantes e as correntes marítimas tornavam o transporte por mar demasiado arriscado. Por isso, as legiões de Cepião, tal como as de Lúcio Cássio no ano anterior, foram obrigadas a percorrer a pé os milhares de milhas da Campânia até Narbona. Na verdade, as legiões não se importavam de caminhar; todos eles detestavam e temiam o mar, e receavam mais a ideia de cem milhas por *mar* do que a realidade de mil milhas de caminhada. Porque os seus músculos haviam sido preparados desde a infância para caminhadas rápidas e infindáveis, e caminhar era a forma de locomoção mais confortável.354

As legiões de Cepião demoraram pouco mais de setenta dias a fazer a viagem desde a Campânia até Narbona, o que significa que haviam feito uma média de quinze milhas diárias, embaraçados como iam não só por uma enorme coluna de carga mas também pelos muitos animais e viaturas e escravos que o soldado tradicional romano sabia que poderia transportar consigo, para lhe assegurar o conforto.

Em Narbona, um pequeno porto de mar que Cneu Domício Aenobarbo tinha reconstruído para servir as necessidades de Roma, o exército descansou apenas o tempo de recuperar da marcha, mas não o suficiente para voltar a amolecer. No início do Verão, Narbona era um lugar encantador, com as suas águas cristalinas cheias de camarões, lagostins, caranguejos grandes e peixes de todas as espécies. E no lodo das piscinas de água salgada que rodeavam a foz do Átax e do Ruscinão havia não apenas ostras mas também salmonetes. De todos os peixes que as legiões de Roma haviam catalogado por todo o mundo, os salmonetes eram considerados os mais deliciosos. Redondos e espalmados, com os dois olhos do mesmo lado das suas tolas cabeças estreitas, escondiam-se no lodo e tinham de ser procurados, e eram espetados quando tentavam voltar a esconder-se no lodo.

O legionário não ficava com os pés cansados. Estava habituado a andar, e as suas sandálias de solas espessas e protectores nos tornozelos tinham tachas para o elevar acima do nível do chão, absorver um pouco o choque e proteger os pés das pedras. Contudo, era maravilhoso nadar no mar perto de Narbona, relaxando os músculos doridos, e os poucos soldados que até ao momento tinham conseguido escapar-se a aprender a nadar eram descobertos e a omissão era rectificada. As raparigas locais não eram diferentes das que havia por toda a parte - doidas por homens fardados - e durante sessenta dias em Narbona, havia zunidos de pais furiosos, irmãos vingadores, raparigas às risadas, legionários libertinos e rixas de taberna a dar trabalho aos chefes e a indispor os tribunos militares.

Então, Cepião reuniu os seus homens e levou-os pela excelente estrada que Cneu Domício Aenobarbo construíra entre a costa e a cidade de Tolosa. No sítio onde o rio Átax fazia um ângulo recto ao virar para o sul, vindo dos Pirenéus, lá no alto com um ar ameaçador vigiava a fortaleza sombria de Carcassona; a partir daí, as legiões marcharam pelos montes que dividiam as águas do enorme rio Garona nos pequenos riachos que fluíam para o mar Central e chegaram finalmente às exuberantes planícies aluviais de Tolosa.355

A sorte de Cepião era espantosa, como de costume; os Germanos haviam discutido duramente com os seus anfitriões, os Volcos Tectósagos, tendo sido obrigados pelo rei Copillus a abandonar a região. Assim, Cepião descobriu que os únicos inimigos com quem as suas oito legiões tinham de entender-se eram os infelizes Volcos Tectósagos, que miraram as fileiras vestidas de aço que desciam os montes como uma cobra infindável e decidiram que a discrição era de longe a melhor virtude. O rei Copillus e os seus guerreiros partiram para a foz do Garona de modo a avisarem as tribos vizinhas e esperarem para ver se Cepião sempre seria um general tão parvo como Lúcio Cássio fora no ano anterior. Deixada ao cargo de homens idosos, Tolosa rendeu-se logo. **Cepião ronronou de** contentamento.

Por que ronronara ele? Porque ouvira falar do ouro de Tolosa. E agora, ia encontrá-lo sem ter de travar um combate. Afortunado Quinto Servílio cepião!

Cento e setenta anos antes, os Volcos Téctósagos tinham-se juntado a uma migração de Gauleses conduzida pelo segundo dos dois famosos reis celtas chamados Brenus. Este segundo Brenus devastara a Macedónia, precipitara-se em Tessália, vencera a defesa grega no desfiladeiro de Termópilas e penetrara no centro da Grécia e no Epiro. Saqueara e pilhara os três templos mais ricos do mundo - de Dodona no Epiro, de Zeus em Olímpia e o grande santuário de Apolo e da Pitonisa em Delfos.

Depois, os Gregos responderam, os Gauleses fugiram para norte com o produto das suas pilhagens, Brenus morreu em consequência de um ferimento e desmoronou-se o seu plano condutor. Na Macedónia, a sua tribo sem chefe decidiu atravessar o Helesponto em direcção à Ásia Menor; aí, fundaram o posto avançado gaulês denominado Galácia. Mas cerca de metade dos Volcos Tectósagos quis voltar para Tolosa em vez de atravessar o Helesponto; num grande Conselho, todas as tribos concordaram que os Volcos Tectósagos que quisessem regressar deveriam receber as riquezas de meia centena de templos pilhados, incluindo os de Dodona, Olímpia e de Delfos. Era apenas um fundo de crédito. Os Volcos Tectósagos que regressassem guardariam a riqueza da migração em Tolosa até ao dia em que todas as tribos tornassem à Gália e as reclamassem.

Fundiram tudo, para tornar a viagem mais fácil: estátuas volumosas de ouro maciço, urnas de prata de cinco pés de altura, cálices e pratos e taças, tripés de ouro, grinaldas de ouro e de prata - foram para dentro356

do cadinho, uma peça de cada vez, e depois um milhar de carros carregados rolaram para oeste através dos sossegados vales alpinos

do rio Danúbio, e chegaram por fim, alguns anos mais tarde, ao Garona e a Tolosa.

Cepião ouvira contar a história quando era governador da Espanha Ulterior, três anos antes, e desde então sonhava encontrar o ouro de Tolosa, apesar de o seu informador espanhol lhe ter garantido que o tesouro era geralmente considerado um mito. Não havia ouro em Tolosa, como juravam todos os visitantes da cidade dos Volcos Tectósagos; os Volcos Tectósagos não tinham nenhuma riqueza para além do seu belo rio e do solo magnífico. Mas Cepião conhecia a sua sorte. *Sabia* que havia ouro em Tolosa. Senão, por que outro motivo tinha ouvido a história na Espanha e tinha sido incumbido da missão de seguir os passos de Lúcio Cássio até Tolosa - e não encontrara os Germanos ao lá chegar, tendo conquistado a cidade sem qualquer combate? Finalmente, a Fortuna começava a realizar a sua vontade; estava tudo a correr a seu favor.

Desfez-se do equipamento militar, vestiu a toga debruada a púrpura e caminhou pelas áleas rústicas da cidade, espreitou por todos os cantos e recantos da cidadela, vagueou pelas pastagens e campos que avançavam pelos arrabaldes de um modo mais espanhol que gaulês. De facto, Tolosa tinha bem pouco de gaulês - não havia Druidas nem a aversão típica dos Gauleses pelo ambiente urbano. Os templos e precintos de templos eram construídos à maneira das cidades espanholas, um parque pitoresco de lagos artificiais e regatos, alimentados pelo Garona e desaguando nele. Um encanto!

Não tendo achado nada nas suas caminhadas, Cepião pôs o exército na busca do ouro, uma caça ao tesouro num ambiente festivo, levado a cabo por tropas livres da ansiedade de enfrentar um inimigo, e que farejavam uma fatia do que seria um saque fabuloso.

Mas o ouro não aparecia. Oh, os templos continham alguns artefactos inestimáveis, mas apenas alguns, e nada de barras de prata ou de ouro. E a cidadela foi uma desilusão completa, como Cepião já tinha visto por si; apenas armas e deuses de madeira,

vasilhas de chifre e pratos de barro refractário. O rei Copillus vivera uma vida de grande simplicidade e não havia caves secretas sob as lajes lisas das suas muralhas.

Então, Cepião teve uma ideia brilhante e pôs os soldados a procurar nos parques que rodeavam os templos. Em vão. Nem um fosso, mesmo[357]

os mais fundos, revelava qualquer sinal de uma só barra de ouro. Os homens que procuravam o ouro brandiam os seus vimes bifurcados sem descobrir o mais pequeno vestígio que fizesse vibrar as palmas das suas mãos ou os vimes pender como arcos. Depois dos precintos dos templos, a busca estendeu-se aos campos e ruas da cidade, e nada. À medida que a paisagem se ia assemelhando cada vez mais à cova desarrumada de uma toupeira gigante, Cepião andava e pensava, pensava e andava.

O Garona estava cheio de peixes, incluindo salmões de água doce e várias espécies de carpas, e como o rio alimentava os lagos dos templos, estes também pululavam de peixes. Era mais confortável para os legionários de Cepião apanhar peixes nos lagos do que no rio largo e profundo e de suave torrente, e à medida que ele ia avançando, encontrava imensos soldados atando iscos e fazendo canas com juncos. Caminhou até ao último lago, mergulhado nos seus pensamentos. Aí, observou alheado o brilho nas escamas dos peixes, fulgores e cintilações reluzindo por entre e por cima das algas, indo e vindo em constante mudança. Os reflexos na sua maioria eram prateados, mas aqui e ali aparecia uma carpa exótica, e ele vislumbrava um brilho dourado.

A ideia foi pouco a pouco invadindo a sua mente. E então atingiu-o, explodiu-lhe dentro do cérebro. Mandou chamar o seu grupo de engenheiros e disse-lhes que drenassem os lagos - não era tarefa difícil e seria certamente compensadora. Porque o ouro devia encontrar-se no fundo daqueles tanques sagrados, escondido por entre o lodo, algas e detritos naturais de muitas décadas.

Quando ficou seca e empilhada a última barra, Cepião veio ver o tesouro e ficou boquiaberto; o facto de não ter vindo vê-lo enquanto estava a ser retirado era uma subtileza sua, precisamente porque queria ser surpreendido. *E ficou surpreendido!* Com efeito, ficou mesmo perplexo. Havia aproximadamente 50 000 barras de ouro, pesando cada uma *cerca de* 15 libras; 15 000 talentos, ao todo. E 10 000 barras de prata, pesando 20 libras cada uma; 3500 talentos de prata no total. A seguir, os mergulhadores continuaram a encontrar mais prata nos outros lagos, pois parecia até que O único uso que os Volcos Téctósagos tinham dado às suas riquezas fora o de transformá-las em mós de prata; uma vez por mês, retiravam as mós de prata do fundo do rio e usavam-nas para moer o abastecimento de farinha para o mês.

- Muito bem - disse Cepião bruscamente -, quantos carros podemos usar para transportar o tesouro para Narbona? - Dirigiu a pergunta

a Marco Fúrio, seu *praefectus fabrum,* o homem que organizava as linhas de abastecimentos, carregamentos, equipamento, aprestos, rações e todas as outras necessidades relacionadas com a manutenção de um exército em campanha.

- Bem, Quinto Servílio, há mil carros de carga, dos quais cerca de um terço estão agora vazios. Digamos trezentos e cinquenta, se fizer umas arrumações. Se cada carro levar uns trinta e cinco talentos, o que é uma carga boa mas não excessiva, precisaremos mais ou menos de trezentos e cinquenta carros para a prata e quatrocentos carros para o ouro - respondeu Marco Fúrio, que pertencia agora a uma das antigas Famílias Importantes, mas era bisneto de um escravo Fúrio e era cliente de Cepião, além de banqueiro.

- Então sugiro que carreguemos primeiro a prata em trezentos e cinquenta carros, que a descarreguemos em Narbona e enviemos os carros de volta para Tolosa, para transportar o ouro - decidiu Cepião. - Entretanto, vou mandar as tropas descarregar outros cem carros, de modo que bastem para enviar o ouro numa coluna.

Em fins de Quintilis, a prata seguira para a costa e fora descarregada, e os carros vazios haviam sido enviados para Tolosa para recolher o ouro; Cepião, fiel à sua palavra, arranjara os cem carros extra durante esse tempo.

Enquanto o ouro era carregado, Cepião andava delirante, correndo de uma pilha de barras para outra, incapaz de resistir a passar a mão por uma ou outra à passagem. Mordeu um lado da mão, pensativo, e por fim suspirou.

- É melhor seguires com o ouro, Marco Fúrio - disse então. - Tem de ficar com ele em Narbona alguém detentor de qualquer cargo elevado até a última barra ter sido carregada a salvo para o último

barco - virou-se para o liberto grego Bias. - A prata já foi embarcada para Roma?

- Não, Quinto Servílio - disse Bias amavelmente. - Os transportes que trouxeram mercadorias pesadas para cá sofrendo os ventos fortes de Inverno desapareceram todos. Apenas consegui localizar uma dúzia de embarcações em bom estado, e achei melhor guardá-las para o ouro. A prata está bem guardada num armazém e em segurança. Penso que quanto mais depressa embarcarmos o ouro para Roma, melhor. À medida que forem aparecendo barcos melhores, alugá-los-ei para a prata.

- Devemos poder enviar a prata para Roma por terra - disse Cepião simplesmente.O PRIMEIRO HOMEM DE ROMA 359

Mesmo correndo o risco de se afundar, Quinto Servílio, eu confiaria ao mar as barras de ouro e de prata - disse Marco Fúrio. - Há demasiados perigos por terra, vindos das tribos alpinas.

- Sim, tens razão - concordou Cepião.

- Oh, é quase demasiado bom para ser verdade, não é? Vamos enviar mais ouro e prata para Roma do que a que existe nos cofres do Tesouro!

- Com efeito, Quinto Servílio - disse Marco Fúrio -, é admirável.

O ouro partiu de Tolosa nos seus 450 carros em meados de Sextilis. Foi acompanhado por uma única coorte de legionários, porque a estrada romana passava por um território civilizado que não levantava um dedo há muito tempo, e os agentes de Cepião haviam comunicado que o rei Copillus e os seus guerreiros ainda estavam em Burdígala, à espera de ver Cepião arriscar-se a seguir pela mesma estrada que levara Lúcio Cássio à morte.

Mal chegaram a Carcassona, a estrada descia literalmente em direcção ao mar e o passo da coluna de carroças aumentou. Todos

estavam alegres, ninguém se sentia preocupado; a coorte de soldados começava a sentir o cheiro do sal do mar. Ao cair da noite, sabiam que entrariam ruidosamente em Narbona; pensavam em ostras, salmonetes e raparigas narbonenses.

O grupo de assalto, cerca de mil homens, surgiu aos gritos, vindo do sul, do meio de uma grande floresta que ladeava a estrada de ambos os lados, colocando-se à frente do primeiro carro e atrás do último a cerca de duas milhas de distância, pelas quais se distribuíam as duas metades da coorte. Daí a pouquíssimo tempo, não estava vivo nem um único soldado romano, e os condutores dos carros amontoavam-se em grandes pilhas de braços e de pés.

A lua estava cheia e a noite amena; durante as horas em que a coluna de carroças esperara no escuro ninguém aparecera na estrada romana vindo de qualquer direcção, pois as estradas romanas de província serviam para o movimento dos exércitos, e o comércio nesta parte da província romana entre a costa e o interior era escasso, especialmente desde que os Germanos se haviam fixado perto de Tolosa.

Mal a lua ia bem alta, as mulas foram de novo presas aos carros e alguns dos salteadores foram conduzi-los, enquanto outros caminhavam ao lado deles como guias. Quando a floresta deixou de acompanhar a estrada, a coluna de carroças abandonou-a e entrou numa faixa de terreno360

no litoral onde apenas pastavam ovelhas. De madrugada, Ruscinão e o seu rio ficavam a norte; a coluna de carroças retomou a Via Domícia e cruzou o desfiladeiro dos Pirenéus em Plena luz do dia.

A sul dos Pirenéus, o percurso era sinuoso e não havia nenhuma via romana até a coluna atravessar o rio Sucrão, a oeste da cidade de Sétabe; daí, percorreu toda a planície do junco, uma faixa de terra desolada e árida que se afundava entre duas das maiores cordilheiras de montanhas espanholas, mas não era usada como

atalho por não ter água. Depois, o carreiro extinguiu-se e o destino que teve o ouro de Tolosa nunca foi conhecido pelos investigadores de Cepião.

Foi um correio que levava uma mensagem de Narbona que teve o infortúnio de encontrar as pilhas de corpos saqueados ao longo da estrada que atravessava a floresta a leste de Carcassona. E quando o correio informou Quinto Servílio Cepião em Tolosa, este desatou a chorar. Chorava ruidosamente o destino de Marco Fúrio, o destino daquela coorte de soldados romanos e chorava pelas mulheres e famílias órfãs em Itália; mas acima de tudo, chorava ruidosamente por aqueles montes resplandecentes de barras rubras, pela perda do ouro de Tolosa. Não era justo! O que teria acontecido à sua sorte? Gritava. E chorava cada vez mais ruidosamente.

De toga escura de luto, com a túnica escura e sem qualquer faixa no ombro direito, Cepião voltou a chorar quando chamou o seu exército a reunir e lhes contou a notícia que já todos sabiam pelo rumor que corria no acampamento.

- Mas ao menos, ainda temos a prata - disse ele, esfregando os olhos.

- Vai garantir um lucro respeitável para todos no final da campanha.

- Cá por mim, agradeço a caridade - comentou um soldado veterano

para o seu companheiro de tenda e de refeições; tinham sido ambos obrigados a largar as suas quintas na úmbria, embora cada um deles já tivesse efectuado dez campanhas num período de quinze anos.

- Agradeces? - perguntou o companheiro, um pouco mais lento no processo de raciocínio devido a um antigo ferimento na cabeça, provocado por um chefe escordisco.

- Pois agradeço! Alguma vez soubeste de algum general que partilhasse *ouro* com a escumalha dos seus soldados? Arranjam

sempre maneira de serem os únicos a ficar com ele. Ah, e o Tesouro fica com algum, é assim que eles conseguem ficar com a maior parte: subornando o Tesouro.361

Mas pelo menos vamos ficar com uma parte da prata, e havia prata suficiente *para erguer* uma montanha. Com o burburinho causado pelo desaparecimento do ouro, o cônsul não tem outro remédio senão ser justo e distribuir a prata,

- Entendo o que queres dizer - disse o companheiro. - Vamos pescar um salmão graúdo para a nossa ceia?

Com efeito, o ano estava a terminar e o exército de Cepião, exceptuando aquela coorte desafortunada, enviada para guardar o ouro de Tolosa, não tivera de combater. Cepião escreveu para Roma, contando toda a história, desde os Germanos fugidos até ao ouro perdido, pedindo instruções.

Em Outubro recebeu a resposta, que era a esperada: permaneceria nas imediações de Narbona durante todo o Inverno e tornaria a receber instruções na Primavera. O que significava que o seu comando fora prolongado por mais um ano: ainda era governador da Gália Romana.

Mas já não era a mesma coisa sem o ouro. Cepião arreliava-se e ficava abatido, e chorava frequentemente, e os seus oficiais séniores comentavam que lhe era difícil ficar parado, pois estava sempre a andar de um lado para o outro. A maioria achava que isso era típico em Quinto Servílio Cepião; ninguém acreditava realmente que as lágrimas que vertia fossem por Marco Fúrio ou pelos soldados mortos. Cepião chorava o seu ouro perdido.

Uma das características principais de uma campanha longa em território estrangeiro é a forma como o exército e a sua cadeia de comando estabelecem um modo de vida que toma em consideração esse território como uma pátria semi-permanente. Apesar dos movimentos constantes, das campanhas, das pilhagens, das

expedições, o acampamento- base assume todos os aspectos de uma cidade: a maior parte dos soldados arranja mulheres, muitas delas geram crianças, as lojas e tabernas e os mercadores multiplicam-se fora das muralhas fortificadas, e as casas de lama e tijolo para as mulheres e crianças reproduzem-se num sistema fortuito de ruas estreitas.

Tal era a situação no acampamento-base romano fora de útica, e em mais pequena escala, o mesmo acontecia no acampamento-base fora de Cirta. Como Mário escolhera os seus centuriões e tribunos militares com muito cuidado, o período de chuvas de Inverno - em que não havia combates362

era usado não só para instrução e exercícios, mas também para dividir as tropas em octetos de soldados congéneres que partilhariam a mesma tenda e o rancho, e para tratar dos mil e um problemas militares que surgiam no meio de tantos homens mantidos juntos por um período de tempo tão comprido.

Mas com a chegada da Primavera africana - quente, exuberante, fecunda e seca - havia sempre uma grande agitação no acampamento, um pouco como o arrepio que percorre o dorso de um cavalo de uma ponta à outra. Escolhia-se o equipamento para a campanha futura, faziam-se testamentos que ficavam à guarda dos auxiliares das legiões, as cotas de malha eram oleadas e polidas, as espadas afiadas, os punhais amolados, os elmos acolchoados com feltro para proteger do Calor e da fricção, as sandálias eram cuidadosamente inspeccionadas e recolocadas as tachas que faltavam, as túnicas remendadas, o equipamento deficiente ou gasto era mostrado ao centurião e devolvido aos armazéns de armamento para substituição.

O Inverno trouxe a chegada de um questor do tesouro de Roma com o pagamento dos soldados, e uma enchente de actividade entre os auxiliares ao compilarem as contas e pagarem aos homens. Como os seus soldados eram insolventes, Mário instituiu dois fundos

obrigatórios para os quais era canalizado o pagamento dos soldados - um para enterros em condições respeitáveis para os legionários que morressem longe da pátria mas não em combate (quando morriam em combate, o Estado pagava o enterro), e um banco de poupança que não libertaria o dinheiro dos legionários enquanto estes não tivessem licença.

O exército de África sabia que havia grandes planos para ele na Primavera do ano do consulado de Cepião, embora apenas os níveis mais altos do comando soubessem em que consistiam esses planos. Davam-se ordens de marcha ligeira, pelo que não haveria carregamentos de milhas de comprimento, mas apenas carros puxados por mulas com mantimentos que permitiam fazer um acampamento de uma noite. Cada soldado era agora obrigado a transportar o equipamento, o que fazia com muita inteligência, pendurando-o ao ombro numa cana forte em forma de Y lâminas para a barba, túnicas limpas, meias, calções para o frio e lenços grossos para evitar as feridas provocadas pelo atrito da cota de malha no pescoço, tudo enrolado no lençol e embrulhado numa coberta de camuflado; o *sagum* - a capa circular para o tempo húmido - dentro de uma saca de couro; o conjunto para o rancho e a panela, o odre de água. Um364

mínimo de rações para três dias; uma estaca já cortada com entalhes para a paliçada do acampamento, a ferramenta de entrincheiramento que lhe fosse atribuída, balde de couro, cesto de vime, serra e foice; e produtos para limpeza das armas e da armadura. O escudo encastoado numa capa de protecção de pelica era colocado contra as costas, sob o equipamento, e o elmo com o penacho de crina de cavalo retirado e arrumado cuidadosamente ia no meio de tudo ou então era levado ao peito a tiracolo ou posto na cabeça, se marchassem na expectativa de um ataque. Vestia-se sempre a cota de malha para a marcha, retirando dos ombros a carga de vinte libras e franzindo-a apertada no peito com um cinto, distribuindo assim o peso pelas ancas. Do lado direito do cinto

levava-se a espada embainhada, e do lado esquerdo o punhal na bainha, usando-se ambos em estrada. Não se levava as duas lanças.

A cada oito homens era fornecida uma mula, onde apinhavam a tenda de couro, as estacas e as lanças, bem como rações extra, para o caso de não terem alimentos frescos durante três dias. Oitenta legionários e vinte não-combatentes constituíam uma centúria, comandada pelo centurião. Cada centúria tinha a seu cargo um carro de mulas, onde ia todo o equipamento extra - roupas, ferramentas, armas suplentes, secções de vime para as fortificações dos acampamentos, rações para longos períodos, etc. Se todo o exército partisse sem intenções de regressar no fim da campanha, então todos os seus haveres, desde o produto das pilhagens até à artilharia, eram levados em carros de bois que seguiam a passo lento várias milhas atrás, sob forte vigilância.

Quando Mário seguiu para a Numídia Ocidental na Primavera, deixou evidentemente em útica a sua pesada carga; apesar de tudo, era uma parada grandiosa que se estendia sem se ver os limites, pois cada legião e os seus carros e artilharia ocupavam uma milha de estrada, e Mário levou seis legiões para oeste, além da cavalaria. No entanto, dispôs a cavalaria de cada lado da infantaria, o que fazia com que a sua coluna tivesse o comprimento total de seis milhas.

Em campo aberto não havia possibilidade de fazer emboscadas, um inimigo não podia dispersar-se o suficiente para atacar todas as partes da coluna ao mesmo tempo sem ser visto, e qualquer ataque a uma parte da coluna resultaria imediatamente na resposta do resto, cercando os atacantes; a mudança de rumo levá-los-ia logo às fileiras de combate.

E no entanto, todas as noites era dada a mesma ordem - montar um acampamento. O que significava medir e demarcar uma área bastante365

grande para abrigar todos os homens e animais do exército, cavar valas fundas, fixar as estacas aguçadas denominadas *stimuli, erguer fortificações* e paliçadas; mas no final, todos os homens excepto as sentinelas podiam dormir profundamente, seguros por saberem que nenhum inimigo podia entrar com suficiente rapidez para tomar o acampamento de surpresa.

Foram os homens deste exército, o primeiro totalmente constituído por elementos dos *capite censi,* que se baptizaram de *mulas de Mário,* por Mário os ter carregado como mulas. Num exército à antiga, constituído por homens com posses, até os soldados marchavam com os seus bens transportados por uma mula, um burro ou um escravo; os que não tinham posses, alugavam espaço nos transportes dos outros. Consequentemente, havia pouco controlo sobre o número de carros e carroças, pois muitos eram particulares. E por isso, o exército à antiga marchava mais devagar e menos eficientemente do que o exército africano de *capite censi* comandado por Mário - e os numerosos exércitos semelhantes que se lhe seguiram nos seiscentos anos seguintes.

Mário deu trabalho útil aos *capite censi* e um salário correspondente. Mas para além disso, fez-lhes poucos favores, excepto podar o topo e o fundo curvos do velho escudo de infantaria de cinco pés de altura, pois um homem não podia transportá-lo às costas atrás da sua carga; com o novo tamanho reduzido de três pés, já não embatia no fardo nem cortava a parte traseira dos tornozelos durante a marcha.

E assim marchavam para a Numídia Ocidental, de seis milhas de comprimento, cantando as suas canções de marcha o mais alto possível, para manterem o passo acertado e sentirem o conforto da camaradagem militar, seguindo juntos, cantando juntos, uma única e poderosa máquina humana avançando irresistivelmente. A meio da coluna marchava o general Mário com todo o seu pessoal e os carros de mulas com o equipamento, cantando com os outros; ninguém dos postos de comando ia a cavalo, porque era desconfortável, e

conspícuo, embora os cavalos estivessem por perto para o caso de haver algum ataque, em que o general precisaria da altura adicional do lombo do cavalo para tomar as suas disposições e dar ordens aos homens.

- Saquearemos todas as cidades e aldeias que encontrarmos - disse Mário a Sila.

E esse programa foi cumprido escrupulosamente, com alguns acrescentos: alguns celeiros e fumeiros foram pilhados para aumentar o abastecimento366

de alimentos, as mulheres locais foram violadas porque os soldados sentiam a falta das suas e a homossexualidade era punida com a morte. Acima de tudo, todos tinham os olhos bem abertos para os saques, que embora não pudessem ser transformados em bens pessoais, contribuíam para as aquisições do exército.

De oito em oito dias, o exército repousava, e sempre que chegava a um ponto em que a costa intersectasse a marcha, Mário concedia a todos três dias de descanso para nadarem, pescarem, comerem bem. Nos fins de Março, estavam a oeste de Cirta, e no fim de Quintilis tinham chegado ao rio Mulucha, seiscentas milhas novamente a oeste.

Fora uma campanha fácil; o exército de Jugurta nunca aparecera, as colónias não conseguiam resistir ao avanço dos romanos, e em pouco tempo haviam ficado sem comida ou sem água. O regime inevitável de pão duro, sopa de legumes, *bacon* salgado e queijo salgado tinha sido diversificado com bastante carne de cabra, peixe, veado, carneiro, fruta e legumes para manter todos de boa disposição, e o vinho azedo que era ocasionalmente distribuído ao exército fora acrescido com cerveja berbere de cevada e bom vinho.

O rio Mulucha marcava a fronteira entre a Numídia ocidental e a Mauritânia oriental; formava uma torrente ribombante no fim do Inverno, no meio do Verão a grande corrente reduzia-se a um fio de

poças de água, e nos fins do Outono secava completamente. Na sua planície, que não distava do mar, havia um nivelamento íngreme de mil pés de altura, e no cume deste, Jugurta construíra uma fortaleza. Dentro dela, assim o tinham informado os espiões de Mário, havia um grande tesouro armazenado, pois funcionava como quartel-general ocidental de Jugurta.

O exército romano desceu à planície, marchou até às altas margens que o próprio rio talhara e construiu um acampamento permanente O mais próximo possível da fortaleza da montanha. Então, Mário, Sila, Sertório, Aulo Mânho e os outros detentores de cargos de comando ocuparam-se a estudar a cidadela de aspecto inexpugnável.

- Podemos pôr de lado a ideia de um assalto frontal - disse Mário e não vejo forma de cercá-la.

- E porque não há forma de cercá-la - disse o jovem Sertório decididamente; fizera várias inspecções completas do cume a partir de todos os lados.

Sila **levantou a cabeça de modo a poder** ver o cume por baixo da aba do chapéu.367

- Penso que vamos ficar aqui sem sequer chegar lá acima - disse, e sorriu, mostrando os dentes. - Mesmo que construíssemos um gigantesco cavalo de madeira, nunca conseguiríamos levá-lo até às portas.

- Tal como não poderíamos levar até lá uma torre de cerco - disse Aulo Mânho.

- Bem, falta cerca de um mês para termos de voltar para leste - disse Mário por fim. - Sugiro que passemos esse mês acampados aqui. Tornaremos a nossa vida o mais agradável possível. Lúcio Cornélio, decide aonde queres ir buscar a nossa água potável e localiza os fossos mais profundos do rio *para* nadarmos. Aulo Mânho,

Podes organizar grupos de pesca que irão até ao mar: fica a cerca de dez milhas, segundo os batedores. Tu e eu iremos a cavalo até à costa amanhã, para observarmos o terreno. Eles não vão correr o risco de sair daquela cidadela para nos atacarem, por isso podemos deixar os homens à vontade. Quinto Sertório, podes pilhar frutos e legumes.

- Sabes - disse Sila mais tarde, quando ele e Mário estavam sozinhos na tenda de comando - que esta campanha tem sido um descanso. Quando terei o meu baptismo de sangue?

- Devias tê-lo tido em Capsa, mas eles renderam-se - disse Mário, e lançou ao seu questor um olhar perscrutador. - Estás a ficar aborrecido, Lúcio Cornélio?

- Com efeito, não - disse Sila, franzindo o sobrolho. - Eu não imaginava como esta vida é interessante... Há sempre coisas interessantes para fazer, problemas interessantes para resolver. Nem me importo com o baptismo de sangue! A questão é que preciso dele. Olha para ti. Na minha idade, já tinhas estado em meia centena de batalhas. E olha para mim: sou um inexperiente.

- Terás o teu baptismo de sangue, Lúcio Cornélio, e espero que seja em breve.

- Sim?

- Com certeza. **Por que pensas** que estamos aqui, tão longe de qualquer lugar importante?

- Não, não mo digas, deixa-me responder! - disse Sila rapidamente.

- Estás aqui porque... porque esperas pregar ao rei Boco um susto tão grande que o impeça de se aliar a Jugurta... porque se Boco se aliar a Jugurta, Jugurta se sentirá com força para atacar.

- Muito bem! - disse Mário a sorrir. - Este território é tão vasto que podíamos passar os próximos dez anos a *percorrê-lo* de alto a baixo sem nunca chegarmos a sentir o cheiro de Jugurta. Se não tivesse os Getulos,368

arrasar as áreas povoadas destruiria a sua capacidade de resistir, mas ele tem os Getulos. No entanto, é demasiado orgulhoso para lhe agradar a ideia de um exército romano à solta por entre as suas cidades e vilas, e não há dúvida de que deve estar a sentir os nossos ataques, particularmente nos seus abastecimentos de cereais. Mas é demasiado astucioso para se *arriscar* a uma grande batalha comigo no comando. A menos que consiga trazer Boco em seu auxílio. Os Mouros no mínimo têm uns vinte mil bons soldados e cinco mil excelentes cavaleiros. E se Boco se unir a ele, é mais que certo que Jugurta avançará contra nós.

- Não receias que com Boco ele nos exceda em número?

- Não! Seis legiões romanas bem treinadas e comandadas podem lutar contra qualquer força inimiga seja de que dimensões for.

- Mas Jugurta aprendeu a combater com Cipião Emiliano na Numância

- disse Sila. - Deve combater à maneira romana.

- Existem outros reis estrangeiros que lutam à maneira dos romanos - disse Mário -, mas as suas tropas não são romanas. Os nossos métodos foram desenvolvidos de modo adequado à mente e ao temperamento do nosso povo, e não faço qualquer distinção neste aspecto entre Romanos, Latinos e Italianos.

- Disciplina - disse Sila.

- E organização - disse Mário.

- Mas nenhuma delas nos levará até ao cume daquela **montanha disse** Sila.

Mário riu.

- É verdade! Mas há sempre um imponderável, Lúcio Cornélio.

- Qual é?

- A sorte - disse Mário. - Nunca te esqueças da sorte.

Haviam-se tornado bons amigos, Sila e Mário, dado que apesar das diferenças existentes entre eles, havia também semelhanças básicas: nenhum deles pensava de forma ortodoxa, ambos eram invulgares, a adversidade havia-lhes desferido bastantes golpes e eram capazes tanto de um grande afastamento como de uma grande paixão. A semelhança mais importante era que os dois gostavam da sua profissão e gostavam de ser perfeitos nela. Os aspectos das suas naturezas que podiam tê-los separado estavam adormecidos durante esses primeiros anos *em que* o mais novo não podia de modo nenhum esperar rivalizar com o mais velho, e o veio de sangue-frio do mais novo não precisava de ser exercitado, tal como o veio de iconoclastía do mais velho.369

Há quem sustente - disse Sila, esticando os braços atrás da cabeça

- que um homem traça a sua própria sorte.

Mário abriu muito os olhos, acto que punha em pé as suas sobrancelhas.

- É evidente! Mas não é bom sabermos que a possuímos?

Públio Vagiennius, que era da distante Ligúria e pertencia a um esquadrão auxiliar de cavalaria, viu-se com bastante mais que fazer do que lhe agradaria quando Caio Mário mandou montar o acampamento ao longo das margens do rio Mulucha. Felizmente, a

planície estava coberta com uma erva alta e densa que o sol de Verão tornara prateada, pelo que o alimento dos vários milhares de mulas do exército não constituía problema. Contudo, os cavalos eram mais difíceis de contentar do que as mulas, e empurravam-se, indiferentes a esta cobertura do solo duro

- e os cavalos tiveram de ser levados para o norte da montanha da cidadela no meio da planície, para um lugar onde os lençóis de água subterrâneos haviam originado o crescimento de erva mais tenra.

”Se o comandante fosse outro que não Caio Mário”, pensou Públio Vagiennius, ”a cavalaria poderia ter acampado separada, perto de lugares decentes para alimentar os cavalos.” Mas não. Caio Mário não queria provocar tentações aos habitantes da cidadela do Mulucha e dera ordens para que todos os homens acampassem dentro da composição principal. E todos os dias, primeiro, os batedores tinham de ver se nenhum inimigo se imiscuíra na vizinhança; depois, os soldados de cavalaria eram autorizados a levar os seus cavalos a pastar, e todas as noites tinham que trazer os cavalos de volta para o acampamento. Isto implicava que os cavalos tinham de ser atados para pastar, senão seria impossível apanhá-los.

Por isso, todas as manhãs, Públio Vagiennius tinha de montar um dos seus cavalos e levar o outro pela planície, do acampamento até ao prado, amarrá-los para um bom dia de pasto e voltar a percorrer as cinco milhas até ao acampamento, onde (na sua opinião) as horas de prazer mal haviam começado quando chegava a hora de partir para voltar a recolher as montadas. Além de que nenhum cavaleiro que se prezasse gostava de andar.

No entanto, não havia nada que dissesse que um homem tinha de ir a pé para o acampamento depois de ter trazido os animais; por isso, Públio Vagiennius fez algumas adaptações. Como montava em pêlo e sem freio

- só um louco deixaria a sua preciosa sela e freio ao ar livre um dia inteiro370

- apanhou o hábito de pôr ao ombro um odre de água e uma bolsa com o almoço ao deixar o acampamento. Depois de libertar os dois animais perto da base da montanha da cidadela, retirava-se para um lugar à sombra para passar o dia.

Na sua quarta viagem, pousou o odre de água e a saca do almoço num pequeno vale florido e aromático rodeado por escarpas íngremes, sentou-se encostado a uma saliência com ervas, fechou os olhos e dormitou. Então, soprou uma aragem húmida de vento vindo das chaminés e sulcos da montanha, trazendo consigo um cheiro muito forte e característico. Um cheiro que fez Públio Vagiennius sentar-se repentinamente, de olhos a brilhar de emoção. Porque era um cheiro que ele conhecia. Caracóis. Caracóis grandes, gordos, suculentos, doces e ambrosíacos!

Nos Alpes costeiros da Ligúria e nos Alpes mais altos no interior donde provinha Públio Vagiennius - havia caracóis. Ele crescera a alimentar-se de caracóis. Ficara viciado em pôr alho em tudo o que comia graças aos caracóis. Tornara-se um dos maiores conhecedores de caracóis do mundo. Sonhava um dia criar caracóis para vender no mercado, ou mesmo criar uma espécie nova de caracóis. Alguns narizes voltavam-se para o vinho, outros para os perfumes, mas o nariz de Públio Vagiennius estava virado para os caracóis. E o perfume que provinha da cidadela, transportado pelo vento, dizia-lhe que algures lá para cima havia caracóis de incomparável delícia.

Com a diligência de um porco seguindo o rasto de trufas, lançou-se ao trabalho seguindo as indicações do seu aparelho olfactiVo, percorrendo os rebordos de rocha em busca de um caminho até à colónia de caracóis. Desde a sua vinda para África com Lúcio Cornélio Sila, em Setembro do ano anterior, que não provava um caracol que fosse. Os caracóis africanos eram considerados os melhores do mundo, mas Públio Vagiennius ainda não descobrira

onde viviam, e os que chegavam aos mercados de útica e Cirta iam direitos para as mesas dos tribunos militares e dos legados - isto é, se não fossem direitos para Roma.

Qualquer outra pessoa menos motivada não teria encontrado a antiga fumarola cujos vapores vulcânicos se haviam extinguido há muito, visto que se encontrava atrás de uma parede aparentemente ininterrupta de basalto formada por longos cristais colunares; de nariz no chão, Públio Vagiennius farejou o caminho através de uma ilusão óptica e descobriu uma enorme chaminé. Durante a passagem de milhões de anos de inactividade, o pó arrastado pelos ventos enchera a abertura ao nível do chão371

e acumulava-se na parede a sotavento que se elevava até muito acima, mas era possível ter-se acesso ao interior da sua cavidade natural. Tinha cerca de vinte pés de largura e talvez duzentos pés acima brilhava um fragmento de céu. As paredes eram verticais e para quase todos os observadores pareceria impossível de escalar. Mas Públio Vagiennius era um homem alpino; era também um apreciador de caracóis no encalço de uma experiência superlativa para o paladar. Por isso, escalou a fumarola - não *sem* dificuldade, mas sem nunca ficar em perigo de cair.

E no topo, foi dar a uma saliência coberta de ervas com cerca de cem pés de comprimento e cinquenta pés no seu ponto mais largo, que era onde a chaminé terminava. Como tudo isto se passava na face norte do nivelamento - que constituía o resto do tampão de **lava, pois a montanha** em si desaparecera há uma eternidade - a saliência estava permanentemente seca de infiltrações, algumas das quais tombavam pela borda da chaminé, mas a maioria das quais caíam pelas rochas do lado de fora, no ponto onde a saliência era inclinada e formava uma fissura. Uma enorme escarpa, cerca de cem pés mais acima, dominava a maior parte da saliência, e o rochedo entre a saliência e o ressalto abria-se numa gruta húmida devido à água que escorria do topo, uma parede maravilhosa de fetos, musgo, hepáticas e carriços; num lugar, era tanta a água expelida

para fora da rocha pela enorme pressão da montanha que um pequeno riacho brilhava e tombava em grandes salpicos, correndo pela orla da saliência com a *água* das outras infiltrações. *Era* certamente esta a razão, por que a erva da planície da base norte era mais doce.

No sítio onde a gruta agora se escancarava, existira outrora um depósito aglomerado de lama que penetrara muito mais fundo no tampão de lava, acumulara água e emergira à superfície apenas para ser avidamente absorvido pelo vento e as geadas. Um dia - Públio Vagiennius, o conhecedor homem da montanha sabia-o -, a escarpa de basalto que oscilava tão ameaçadoramente suspensa estaria minada o bastante para ceder; tanto a saliência como a gruta ficariam enterradas, bem como a antiga chaminé vulcânica.

A espaçosa gruta era o terreno ideal para os caracóis, permanentemente abafado, uma bolsa de ar húmido numa terra notoriamente seca, cheio de toda a matéria vegetal apodrecida e minúsculos insectos mortos que os caracóis adoravam, sempre sombrio, protegido do embate dos ventos por uma escarpa que se estendia até muito acima da saliência por um terço do seu comprimento e curvava para fora, reflectindo assim o vento.372

Todo o lugar ressumava a caracóis, mas não caracóis de qualquer espécie que Públio Vagiennius conhecesse, informou-o o seu nariz. Quando final mente viu um, ficou pasmado. A casca era do tamanho da palma da sua mão! Depois de ter visto um, em breve reparou em dezenas, centenas, nenhum dos quais era menor do que o seu indicador, e alguns maiores até do que a sua mão esticada. Mal acreditando no que os olhos viam, entrou na gruta, explorou-a com um espanto cada vez maior, e finalmente chegou ao fundo, onde encontrou um caminho que ia dar mais acima, mais e mais acima; não era um carreiro de serpentes, pensou divertido, mas um carreiro de caracóis!

O carreiro mergulhava numa fenda que se abria numa gruta menor, mais fechada. Os caracóis continuavam a aumentar em número. E então, encontrou-se do outro lado do ressalto, descobriu que este tinha mais de cem pés de largura, continuou a subir até passar, com um arremesso, do Paraíso dos Caracóis para o Tártaro dos Caracóis, o tampão de lava seca e varrida pelo vento. Sobressaltou-se, entrou em pânico, escondeu-se rapidamente atrás de uma rocha: a fortaleza ficava a menos de quinhentos pés acima. A rampa era tão fácil de escalar que podia tê-la subido sem apoio, e a muralha da cidadela era tão baixa que podia tê-la saltado sem precisar de ser empurrado por trás.

Públio Vagiennius voltou ao carreiro de caracóis, chegou à parte mais baixa da gruta e parou aí para apanhar meia dúzia dos maiores, que colocou na parte da frente da túnica, bem embrulhados em folhas húmidas. A seguir, iniciou a difícil descida, dificultada pela sua carga preciosa mas inspirado por ela aos feitos sobre-humanos da escalada. E por fim chegou ao seu pequeno vale florido.

Depois de beber bastante água, sentiu-se melhor; os caracóis estavam quentes, viscosos, a salvo. Sem intenções de partilhá-los com quem quer que fosse, transferiu-os da túnica para a bolsa do almoço, com folhas húmidas e pedaços de húmus ainda mais húmidos recolhidos no vale, molhados com a água do odre. Atou muito bem a bolsa para impedir a fuga dos caracóis, e pô-la à sombra.

No dia seguinte, jantou magnificamente; trouxera consigo uma chaleira para cozinhar duas das presas e um molho delicioso de alho e óleo. Oh, que caracóis! Nos caracóis, o tamanho não significava de modo nenhum rijeza: o tamanho significava simplesmente cambiantes adicionais de sabor e mais matéria comestível com menos esforço.

jantou dois caracóis por dia durante seis dias, fazendo outra viagem à fumarola para ir buscar mais meia dúzia. Mas no sétimo dia, a consciência373

começou a atOrmentá-lo; se fosse um sujeito mais introspectivo, teria chegado à conclusão de que as dores de consciência aumentavam em proporção directa das dores de indigestão de caracóis. No princípio, pensou que era um *mentula* egoísta, para devorar os caracóis sozinho quando tinha bons amigos entre os membros do seu esquadrão. Depois, começou a pensar que tinha descoberto uma forma de escalar a montanha.

Durante mais três dias, lutou com a consciência, e acabou por sofrer um ataque de gastrite que lhe reduziu bastante o apetite por caracóis e lhe fez desejar nunca ter ouvido falar neles. E isso fez com que se decidisse.

Não se deu ao trabalho de informar o seu comandante de esquadrão; foi direito ao topo.

Aproximadamente no centro do acampamento, onde a *via pretoria* que ligava as portas principal e traseira se intersectava com a *via principalis,* que ligava as duas portas laterais, ficava a tenda de comando do general e o mastro da bandeira, com um espaço aberto de cada um dos lados, para reuniões. Era aqui, numa estrutura de couro adaptada a uma armação sólida de madeira, que Caio Mário tinha o seu quartel-general de comando e os seus aposentos; à sombra de um toldo comprido que partia da entrada principal havia uma cadeira e uma mesa, ocupada pelo tribuno militar de dia. Era seu dever escolher os que queriam falar com o general, ou expedir **inquéritos sobre os mais diversos temas** até ao seu destino. Havia duas sentinelas, uma de cada lado da entrada, à-vontade mas vigilantes, cuja monótona actividade era aligeirada pelo facto de poderem ouvir as conversas entre o tribuno de serviço e quem aparecia.

Quinto Sertório estava de serviço e divertia-se à grande. Agradava-lhe resolver as questões intrincadas que lhe colocavam os abastecimentos, a disciplina, a moral e os homens, e adorava as tarefas de complexidade e responsabilidade crescente que Caio Mário lhe dava. **Se havia** algum caso de adoração de um herói, esse caso era Quinto Sertório, tendo por objecto de adoração Caio Mário; era o soldado excelente em embrião reconhecendo a forma amadurecida. Nada do que Caio Mário lhe pudesse pedir parecia tarefa desagradável a Quinto Sertório, pelo que enquanto outros tribunos militares júniores detestavam estar de serviço fora da tenda do general, Quinto Sertório acolhia sempre a tarefa de bom grado.

Quando o soldado de cavalaria ligure surgiu, no passo peculiar dos homens que montam a cavalo de pernas pendentes a vida inteira, Quinto Sertório olhou-o com interesse. Não era um sujeito atraente; tinha uma374

cara que só a sua mãe teria achado bela, mas a cota de malha estava bem polida, os sapatos de montar ligures de sola macia tinham esporas, e os calções de couro pelo joelho estavam respeitavelmente limpos. Era de esperar que cheirasse um pouco a cavalo; todos os cavaleiros cheiravam a cavalo, o cheiro estava impregnado e não tinha nada a ver com os banhos que tomavam nem mesmo com a frequência com que lavavam a roupa.

Um par de olhos vivos olhou para outros dois, sentindo mútuo agrado pelo que viam.

Quinto Sertório pensou que ainda não tinha condecorações, mas a cavalaria também não tinha ainda entrado em acção.

”É novo para o lugar”, pensou Públio Vagiennius, ”mas é o soldado com melhor aspecto que já vi: é o típico peão romano; não gosta de cavalos.”

- Públio Vagiennius, esquadrão de cavalaria da Ligúria - disse Públio Vagiennius. - Gostava de falar com Caio Mário.

- Posto?

- Soldado - respondeu Públio Vagiennius.

- O assunto?

- É privado.

- O general - disse Quinto Sertório amavelmente - não recebe soldados auxiliares de cavalaria, especialmente sem escolta. Onde está o teu tribuno, soldado?

- Ele não sabe que vim cá - disse Públio Vagiennius, com um ar obstinado. - O meu assunto é particular,

- Caio Mário é um homem muito ocupado - contrapôs Quinto Sertório.

Públio Vagiennius pousou as mãos na mesa e aproximou a cabeça, quase asfixiando Quinto Sertório com o cheiro a alho.

- Ouve, jovem senhor, diz a Caio Mário que tenho uma proposta muito vantajosa a fazer-lhe... Mas não vou revelá-la a mais ninguém, e não mudarei de opinião.

Mantendo os olhos e o rosto inexpressivo tentando não desatar a *rir,* Quinto Sertório levantou-se.

- Espera aqui, soldado - disse.

O interior da tenda estava dividido em duas áreas por uma parede de couro cortada no centro, formando uma aba. Na sala do fundo eram os aposentos de Mário, e na sala da frente o seu gabinete. Esta sala da frente era de longe a maior das duas, e tinha cadeiras dobráveis e mesas, cavaletes de mapas, modelos de artilharia de cerco com que os engenheiros 375

tinham brincado tendo em vista a montanha do Mulucha, e conjuntos portáteis de arquivos onde Mário colocara vários documentos, rolos, porta-livros e papéis dispersos.

Caio Mário estava sentado na sua cadeira curul de marfim, de um dos lados da grande mesa desdobrável a que chamava a mesa de trabalho, com Aulo Mânlio do outro lado e Lúcio Cornélio Sila, o seu questor, entre os dois. Estavam nitidamente embrenhados na actividade que mais detestavam, mas que era cara aos corações dos burocratas que governavam o Tesouro passar revista às contas e fazer a escrita. Para um Quinto Sertório era fácil de perceber que estavam na conferência preliminar; se fosse importante, estariam também presentes vários funcionários e escribas.

Caio Mário, perdoa a interrupção disse Sertório com muitas hesitações.

Havia qualquer coisa no seu tom de voz que fez os três homens levantar as cabeças e olhar atentamente para ele.

- Estás perdoado, Quinto Sertório. O que há? perguntou Mário, sorrindo.

- Bem, deve ser uma perfeita perda de tempo, mas tenho lá fora um soldado da cavalaria lígure que insiste em falar contigo, Caio Mário, mas não me diz porquê.

Um soldado da cavalaria lígure disse Mário devagar. E que diz o seu tribuno?

Não consultou o tribuno.

Ah, é segredo! Mário inspeccionou Sertório com argúcia. Por que motivo devo receber este homem, Quinto Sertório?

Quinto Sertório sorriu, mostrando os dentes.

Se pudesse dizer-to, sentir-me-ia muito melhor no meu posto respondeu. Não sei porquê, e a minha resposta é sincera. Não sei, posso estar enganado... Mas penso que devias recebê-lo, Caio Mário. Tenho esse pressentimento.

Mário pousou o papel que tinha na mão.

Manda-o entrar.

O espectáculo do Comando Superior em peso não abalou a confiança de Públio Vagiennius; ficou a piscar os olhos na luz difusa, sem qualquer vestígio de medo no rosto.

Eis Públio Vagiennius disse Sertório, preparando-se para voltar a sair.376

- Fica, Quinto Sertório - disse Mário. - Então, Públio Vagiennius, que tens a dizer-me?

- Bastante - respondeu Públio Vagiennius.

- Então desembucha, homem!

- já vai, já vai! - disse Vagiennius sem se intimidar. - A questão é escolher a ordem das coisas. Começo por apresentar a informação ou a proposta de negócio?

- Uma coisa depende da outra? - perguntou Aulo Mânho.

- Certamente que sim, Aulo Mânho.

- Nesse caso, vejamos primeiro a proposta de negócio - disse Mário, de rosto impenetrável. - Gosto de apresentações com rodeios.

- Caracóis - disse Públio Vagiennius.

Os quatro romanos olharam para ele, mas nenhum falou.

- A minha proposta de negócio - disse Públio Vagiennius - são caracóis. Os maiores e mais suculentos caracóis que há!

- Então é por isso que tresandas a alho! - comentou Sila.

- Não consigo comer caracóis sem alho - respondeu Vagiennius.

- Em que podemos auxiliar-te com os teus caracóis? - perguntou Mário.

- Quero uma concessão - disse Vagiennius -, e quero ser apresentado às pessoas certas em Roma para negociá-los.

- Entendo - Mário olhou para Mânho, Sila, Sertório. Nenhum deles sorria. - Muito bem, tens a tua concessão, e penso que entre nós conseguiremos a estranha apresentação. Qual é a informação que tens para expor?

- Descobri uma via para subir a montanha.

Sila e Aulo Mânho endireitaram-se nas cadeiras.

- Descobriste uma via para subir a montanha? - repetiu Mário pausadamente.

- Sim.

Mário saiu do seu lado da mesa.

- Mostra-ma - disse ele.

Mas Públio Vagiennius recuou.

- Mostrá-la-ei, Caio Mário, mostrá-la-ei! Mas só depois de retirarmos os meus caracóis.

- Eles não podem esperar? - perguntou Sila com ar ameaçador.

- Não, Lúcio Cornélio, não podem! - disse Públio Vagiennius, frostrando assim que conhecia todos os *membros* do Comando Superior pelos377

nomes. - A via até ao topo da montanha passa mesmo pelo meu viveiro de caracóis. E *é meu* o viveiro de caracóis! E são os melhores caracóis do mundo! Vejam - tirou a saca de almoço do seu poiso absurdo, atravessada na longa espada de cavalaria, abriu-a e retirou com cuidado uma *casca de caracol de* oito polegadas, que colocou na *mesa de* trabalho de Mário.

Todos ficaram de olhos fixos nele, em perfeito silêncio. Como a superfície da mesa era fria e polida, após uns momentos o caracol aventurou-se a sair, pois tinha fome e já estava fechado há algum tempo na saca de Vagiennius, sem tranquilidade. Espreitou para fora da casca, como os caracóis fazem, não como uma tartaruga mas elevando a casca no ar e expandindo-se **por debaixo dela em Protuberâncias informes,** viscosas e amorfas. Uma dessas protuberâncias deu origem a uma cauda ponteaguda, e a protuberância do outro lado formou uma cabeça atarracada de onde cresceram umas hastes remelentas nascidas do nada. Quando a metamorfose ficou completa, começou a mascar sonoramente as folhas em que Públio Vagiennius o enrolara.

- A isto - disse Caio Mário - é que eu chamo um *caracol.*

- É mesmo! - pronunciou Quinto Sertório suavemente.

- Davam para alimentar um exército - disse Sila, que era conservador na alimentação e gostava tanto de caracóis como de cogumelos.

- É isso! - exclamou Públio Vagiennius. - É mesmo isso! Eu não quero esses *mentulae* cobiçosos - a audiência estremeceu - a roubar os meus caracóis! Há muitos caracóis, mas quinhentos soldados acabariam com eles! Quero levá-los para um lugar próximo de Roma e criá-los, e também não quero que o meu viveiro seja **destruído.**

Quero a concessão, e quero o viveiro a salvo de todos os *cunni* deste exército!

- É mesmo um exército de *cunni* - disse Mário em tom grave.

- Acontece - disse Aulo Mânho em tom arrastado, no seu sotaque das classes altas - que eu posso ajudar-te, Públio Vagiennius. Tenho um cliente de Tarquínio, na Etrúria, que está a montar um negócio muito especial e lucrativo nos mercados do Cuppedenis, em Roma, vendendo caracóis. O nome dele é Marco Fúlvio... Não é um Fúlvio nobre... E avancei-lhe algum dinheiro para se estabelecer, há alguns anos. Está a sair-se bem. Imagino que teria todo o gosto em entrar em qualquer tipo de acordo contigo, considerando este magnífico, realmente magnífico caracol!

- Negócio fechado, Aulo Mânho - disse o soldado.378 - Agora mostras-nos a via? - perguntou Sila, ainda impaciente.

- Um momento, um momento - disse Vagiennius, voltado para Mário, que apertava as botas. - Primeiro, quero ouvir o general dizer que o meu viveiro ficará a salvo.

Mário acabou de apertar as botas e endireitou-se para olhar Públio Vagiennius no rosto.

- Públio Vagiennius - disse -, és um homem digno do meu afecto! Combinas uma forte cabeça para negócios com um espírito patriótico firme. Não *temas,* dou-te a minha palavra de que o teu viveiro de caracóis ficará a salvo, Agora, peço-te que nos leves até à montanha.

Quando o grupo de exploração partiu, pouco tempo depois, havia sido acrescentado pelo chefe dos engenheiros. Foram a cavalo, para poupar tempo, Vagiennius no seu melhor cavalo, Caio Mário no corcel de certa idade mas elegante que guardava para as paradas, Sila mantendo a sua preferência pelas mulas e Aulo Mânho, Quinto Sertório e o engenheiro em póneis do exército.

A fumarola não apresentou a menor dificuldade para o engenheiro.

- É fácil - disse, olhando pela chaminé. - Vou construir uma bela escada larga até ao cimo. Há espaço.

- Quanto tempo demorarás? - perguntou Mário.

- Tenho comigo apenas alguns carregamentos de pranchas e vigas, por isso... dois dias, se trabalhar de dia e de noite - respondeu o engenheiro.

- Então, começa já - disse Mário, olhando para Vagiennius, com respeito rebobrado. - Deves ter alma de bode, para conseguir escalar isto comentou.

- Nasci e cresci na montanha - disse Vagiennius, contente consigo mesmo.

- O teu viveiro será preservado até a escada ser construída - disse Mário ao conduzir o grupo de volta aos cavalos. - Se os teus caracóis forem ameaçados, eu próprio resolverei a questão.

Cinco dias depois, a cidadela do Mulucha pertencia a Caio Mário, bem como uma quantidade fabulosa de moedas de ouro, barras de prata e mil talentos em ouro; havia ainda duas pequenas cestas, uma cheia do melhor e mais vermelho *carbunculus* que já se vira, e o outro cheio de pedras que ninguém conhecia, longos cristais facetados naturalmente cuidadosamente polidos revelando serem rosados numa das extremidades e escurecendo até ficarem verde-escuros na outra.379

- Uma fortuna! - disse Sila pegando numa das pedras parcialmente coloridas a que os locais chamavam *lychnites.*

- É mesmo, é mesmo! - disse Mário com uma satisfação maldosa. Quanto a Públio Vagiennius, foi condecorado numa assembleia do exército, recebendo um conjunto completo de nove *phalerae* de prata sólida, que eram grandes medalhões redondos esculpidos em alto relevo e unidos em filas de três por meio de correias de prata embutida, para poderem ser usados ao peito sobre a couraça ou a cota de malha. A distinção agradou-lhe bastante, mas agradava-lhe ainda mais o facto de Mário ter cumprido a sua palavra e ter protegido o viveiro dos predadores vedando o percurso dos soldados até ao topo da montanha. Mário ocultou depois a passagem com

peles, para que os soldados nunca soubessem que delícias suculentas atravessavam remelosamente a gruta de fetos. E quando a montanha foi conquistada, Mário ordenou a demolição imediata da escada. E não se limitou a isso; Aulo Mânho escrevera ao seu cliente, o ignóbil Marco Fúlvio, estabelecendo uma sociedade para que logo que a campanha africana chegasse ao seu termo, Públio Vagiennius recebesse o seu pagamento.

- Não te esqueças, Públio Vagiennius; - disse Mário ao firmar as nove *phalerae* de prata -, que nós os quatro esperamos uma recompensa decente nos próximos anos: caracóis gratuitos para as nossas mesas, com um quinhão extra para Aulo Mânho.

- Combinado - disse Públio Vagiennius, que descobrira para seu pesar que o apetite por caracóis lhe desaparecera para sempre desde a doença. No entanto, via agora os caracóis mais com os olhos ciumentos do conservador do que com os do destruidor.

No fim de Sextilis, o exército regressava da fronteira, alimentando-se muito bem com o produto dos campos, pois era a altura das colheitas. A visita ao extremo do reino do rei Boco teve o efeito desejado; convencido de que após ter conquistado a Numídia Mário não ia parar, Boco decidiu compartilhar a sorte do seu genro, Jugurta. Por isso, despachou o exército mouro para o rio Mulucha e encontrou aí Jugurta, que esperou a partida de Mário e a seguir reocupou a cidadela vazia da montanha.

Os dois reis seguiram no encalço dos romanos em direcção ao leste, sem pressa de atacar e mantendo-se a uma distância suficiente para não serem detectados. E então, quando Mário estava a cem milhas de Cirta, os reis atacaram.380

Foi ao entardecer, e o exército romano estava ocupado a montar o acampamento. Mesmo assim, o ataque não apanhou os homens completamente desprevenidos, pois Mário montava o acampamento com uma atenção escrupulosa quanto à segurança. Os batedores aproximavam-se e calculavam os quatro cantos, que eram marcados, e o exército inteiro

mudava-se com uma precisão escrupulosa para o interior do futuro acampamento, sabendo exactamente onde ficava cada legião, cada coorte de cada legião, cada centúria de cada coorte. Ninguém ocupava o espaço dos outros; ninguém ia para o lugar errado; ninguém se enganava quanto à extensão do terreno a ocupar. A coluna de carga transportada pelas mulas também foi levada para o interior; os não-combatentes ocuparam-se de cada octeto de mulas e do carro da centúria, e os responsáveis pela carga trataram de acomodar os animais e arrumar os carros. Com as ferramentas e estacas que traziam nos sacos, os soldados, ainda completamente armados, dirigiram-se para as secções limítrofes que lhes eram sempre atribuídas. Trabalhavam de cotas de malha e punhais; de lanças espetadas no chão, com os escudos encostados a estas e os elmos pendurados pelas correias à volta das lanças e sobre os escudos, para que o vento não fizesse voar a construção. Desse modo, todos os elmos, escudos e lanças ficavam ao alcance dos homens enquanto os trabalhos prosseguiam.

Os batedores não encontraram o inimigo; comunicaram que o campo estava livre e foram ajudar a montar o acampamento. Tinha-se posto o sol. E ao lusco-fusco, antes do escurecer, os exércitos númida e mauritano surgiram por detrás de uma ponte nas vizinhanças e precipitaram-se sobre o acampamento meio montado.

Todo o combate decorreu na escuridão, uma empresa desesperada que se processou contra os romanos durante algumas horas. Mas Quinto Sertório mandou os não-combatentes acender archotes, até que por fim o acampamento tinha luz suficiente para Mário ver o que estava a passar-se, e a partir daí as coisas começaram a melhorar para *os romanos.* Sila distinguiu-se enormemente, reunindo tropas que começavam a desanimar ou a entrar em pânico, aparecendo em todos os lugares em que era necessário - como que *por magia,* mas de facto porque tinha aquela intuição militar inata para discernir previamente onde surgiria o seguinte ponto fraco. De espada ensanguentada, agressivo, começou a combater como um veterano - corajoso no ataque, cuidadoso na defesa, brilhante nas dificuldades.381

E pela oitava hora de escuridão, a vitória foi romana. Os exércitos númida e mauritano retiraram-se em bastante boa ordem, mas deixando atrás muitos milhares dos seus soldados, ao passo que Mário perdera pouquíssimos.

De manhã, o exército romano partiu, tendo Mário decidido que o repouso estava fora de questão. Os mortos foram cremados, e os

mortos do inimigo abandonados aos abutres. Desta vez, as legiões marcharam em quadrado, com a cavalaria disposta à frente e no fim de cada coluna comprimida, e as mulas e as de carga no meio. Se ocorresse um segundo ataque durante a marcha, os soldados apenas teriam de virar-se para fora nos quadrados, e a cavalaria estava já disposta de modo a formar alas. Os homens levavam agora os elmos postos, com o penacho colorido de crina de cavalo no topo; levavam os escudos sem a capa protectora e as duas lanças. A vigilância só abrandaria à chegada a Cirta.

No quarto dia, quando Cirta era o destino da noite seguinte, os reis voltaram a atacar. Desta vez, Mário estava preparado. As legiões formaram em quadrado, sendo cada um parte de um quadrado mais vasto que tinha a carga no centro, e cada um dos quadrados pequenos estava dividido em colunas e filas para redobrar a sua densidade face ao inimigo. Como sempre, Jugurta contava com a sua cavalaria númida de muitos milhares para desfazer a frente romana; como excelentes cavaleiros que eram, não usavam sela nem freio, e não tinham armadura, confiando na sua energia e poder de velocidade, na bravura e na exactidão com que manejavam dardos e espadas. Mas nem Boco nem a sua cavalaria conseguiram penetrar no interior do quadrado romano, e as forças de infantaria foram embater numa parede sólida de legionários que não temiam cavalo nem peão.

Sila lutou na linha da frente com a coorte principal, pois Mário detinha o controlo da táctica e o elemento surpresa era desprezível; quando as linhas de infantaria de Jugurta abriram por fim, foi Sila que liderou o ataque contra elas, e Sertório não vinha muito atrás.

O puro desespero de se ver livre de Roma de uma vez por todas manteve Jugurta em combate durante demasiado tempo. Quando resolveu bater em retirada, já era tarde, e não teve outra hipótese senão continuar a combater contra um exército romano que pressentia a vitória. Por isso a vitória romana, quando chegou, foi completa, perfeita, total. Os exércitos númida e mauritano foram

destruídos, a maioria dos seus homens morreu no campo de batalha. Jugurta e Boco fugiram.382

Mário entrou em Cirta à frente de uma coluna exausta, e todos os seus homens estavam radiantes; não haveria mais nenhuma guerra de *grande* escala em África - até o soldado mais baixo o sabia. Desta vez, Mário aquartelou o exército dentro das muralhas de Cirta, para não se arriscar a ficar exposto no exterior. As suas tropas ficaram aboletadas em casas de infortunados civis númidas, e estes constituíram os grupos de trabalho que ele enviou no dia seguinte para limpar o campo de batalha, queimar as pilhas de africanos mortos e trazer os muito menos numerosos romanos para as **obséquias devidas.**

Quinto Sertório viu-se encarregado das condecorações a atribuir *numa* reunião especial do exército, à qual se seguiria a cremação dos mortos; também lhe foi atribuído o cargo de organizar a cerimónia. Como era a primeira cerímónia destas a que assistia, não fazia ideia de como desempenhar a sua tarefa, mas era *inteligente* e desembaraçado. Pelo que foi perguntar a um centurião veterano *primus pilus.*

- O que tens de fazer, jovem Sertório - disse-lhe esse homem experiente -, é retirar todas as condecorações de Caio Mário e expô-las no estrado do general, para que os homens possam ver que tipo de soldado foi. Os nossos rapazes são bons, quer sejam dos *capite censi* quer não, mas desconhecem tudo o que se relaciona com a vida militar, e não provêm de famílias de tradições militares. Por isso, como podem saber que tipo de soldado era Caio Mário? Eu sei! Porque estive com Caio Mário em todas as suas campanhas desde... a Numância.

- Mas não me parece que ele tenha consigo as suas condecorações disse Sertório, desanimado.

- Claro que tem, jovem Sertório! - disse o veterano de uma centena de batalhas e escaramuças. - Elas dão-lhe sorte.

Com efeito, quando questionado, Caio Mário admitiu que tinha consigo as condecorações. Um pouco embaraçado, até Sertório lhe contar o comentário do centurião acerca da sorte.

Cirta em peso apareceu para assistir, visto que era realmente uma cerimónia impressionante, o exército em todo o esplendor das paradas, as águias de prata das legiões agrinaldadas com os louros da vitória, os estandartes tendo os punhos de prata dos manípulos ornamentados com os louros da vitória, a bandeira *vexillum* das centúrías agrinaldada com os louros da vitória. Todos os homens puseram as suas condecorações, mas como era um exército novo de homens novos, apenas alguns centuriões e meia dúzia de soldados exibiam faixas nos braços, bandas no383

pescoço, medalhões. Claro que **Públio Vagiennius** pôs o seu grupo de *phalerae* de prata.

Ali, mas o próprio Mário estava imponente! Foi o que achou o surpreendido Quinto Sertório, que esperava a sua vez de receber a Coroa de Ouro por um combate singular em campanha; também Sila esperava a vez de receber a Coroa de Ouro.

Lá estavam, alinhadas atrás dele no alto estrado, as condecorações de Mário. Seis lanças de prata por ter morto um homem em combate em seis ocasiões diferentes; uma bandeira *vexillum* escarlate bordada a ouro e com uma franja de ouro, por ter morto vários homens em combate singular na mesma ocasião; dois escudos de padrão oval encrustrados a ouro, por ter mantido um território muito concorrido contra todas as previsões. E havia ainda as condecorações que usava. A sua couraça era de couro duro, em vez do bronze prateado de oficial sénior, pois por cima dela tinha todas *as phalerae* nas suas correias incrustradas a ouro - nada menos que três conjuntos *completos* de nove em ouro, dois na *parte*

da frente da couraça e um na parte de trás; seis colares de ouro e prata pendiam de pequenas tiras de couro nos ombros e no pescoço; os seus braços e punhos reluziam com braceletes *armillae* de ouro e prata. E havia ainda as coroas. Na cabeça usava uma *Corona Civica,* a coroa de folhas de nogueira apenas atribuída a um homem que salvasse a vida dos seus companheiros e se mantivesse firme no terreno onde cometera esse feito até ao fim da batalha. Outras duas coroas de folhas de nogueira pendiam de duas lanças de prata, indicando que ele ganhara a *Corona Civica* três vezes; de outras duas lanças de prata pendiam duas Coroas de Ouro pela demonstração de uma coragem notável, coroas feitas de ouro marteladas em forma de folhas de louro; da quinta lança pendia uma *Corona Muralis,* uma coroa de ouro com ameias, por ter sido o primeiro a escalar as muralhas de uma cidade inimiga; e da sexta lança pendia uma *Corona Vallaris,* uma coroa de ouro recebida por ter sido o primeiro a penetrar num acampamento inimigo.

”Que homem!”, pensou Quinto Sertório, catalogando mentalmente aqueles talismãs. Sim, os únicos prémios que não recebera eram a coroa naval, por valor numa batalha no mar - Mário nunca lutara no mar, pelo que a omissão era lógica - e *a Corona Graminea,* a grinalda simples de ervas atribuída a um homem que, pelo seu valor e valentia, salvasse uma legião inteira ou mesmo um exército inteiro. A coroa de ervas apenas fora concedida meia dúzia de vezes durante toda a história da República, a primeira vez ao lendário Lúcio Síccio Dentato, que recebera nada menos384

que vinte e seis coroas diferentes - mas apenas uma *Coroa Graminea.* A Cipião Africano, durante a segunda guerra contra Cartago. Sertório encolheu os ombros, desfiando o resto dos vencedores. Ah, Públio Décio Mus recebera-a durante a primeira guerra samnita! E Quinto Fábio Máximo Verrucosis Cunctator, por ter perseguido Aníbal por toda a Itália, impedindo-o assim de ganhar a confiança suficiente que lhe permitisse atacar Roma.

Então, Sila foi chamado para receber a Coroa de Ouro, bem como um conjunto completo de *novephalerae* de ouro, pelo seu mérito durante a primeira das duas batalhas contra os reis. Como tinha um ar satisfeito, tão confiante. Quinto Sertório ouvira dizer que era um sujeito frio e com tendências cruéis; mas nunca durante o tempo que haviam passado juntos em África vira provas que consubstanciassem essas acusações, e se elas fossem verdadeiras, Caio Mário não teria gostado de Sila *como era* nítido que gostava. Porque era óbvio que Quinto Sertório não *compreendia* que quando a vida corria bem *e era* agradável e continha bastantes desafios mentais e físicos, a frieza e crueldade podiam ser enterradas temporariamente; e também não compreendia que Sila era suficientemente perspicaz para saber que Caio Mário não era o homem a quem se devia mostrar o lado mais vil e obscuro. De facto, Lúcio Cornélio Sila portava-se da melhor maneira desde que Mário o convidara para ser seu questor - e nem tivera qualquer dificuldade em portar-se assim.

- Oh! - Quinto Sertório estremeceu. Estava tão imbuído nos seus pensamentos que nem ouvira chamar o seu nome, e recebeu um soco nos rins dado pelo seu servo, quase tão orgulhoso de Quinto Sertório como o próprio. Subiu ao estrado desajeitadamente e aí ficou enquanto Mário lhe colocava na cabeça a Coroa de Ouro, depois recebeu os aplausos do exército e a sua mão foi apertada por Caio Mário e Aulo Mânho.

E depois de todos os colares e braceletes e medalhões terem sido distribuídos e algumas das coortes terem recebido prêmios colectivos de grinaldas de ouro e prata para os seus estandartes, Caio Mário discursou.

- Muito bem, homens dos *capite censi!* - gritou, rodeado dos maravilhados agraciados com as condecorações. - Provaram ser mais bravos que os bravos, mais voluntariosos que os voluntários, mais trabalhadores que os mais diligentes, mais inteligentes que os inteligentes! Há muitos estandartes nus que podem agora ser

ornamentados com as condecorações ganhas pelos seus donos! Quando atravessarmos Roma em triunfo, daremos a todos muitas coisas para ver! E no futuro, que nenhum Romano385

diga que os Homens dos *capite censi* não amam Roma o suficiente para ganharem batalhas por ela!

Novembro começava a prometer chuva quando chegou a Cirta uma delegação do rei Boco da Mauritânia. Mário deixou os seus membros enervarem-se durante vários dias, ignorando os pedidos de urgência.

- Ficarão moles como almofadas - explicou a Sila, quando finalmente acederam a recebê-los.

- Não perdoarei ao rei Boco - disse, no *seu gambito* inicial -, *por* isso, vão-se embora! Estão a fazer-me perder tempo.

O porta-voz era um irmão mais novo do rei, um tal Bogud, e o prínciPe Bogud avançou rapidamente, antes que Mário pudesse acenar aos seus lictores para expulsarem a delegação.

- Caio Mário, Caio Mário, o rei meu irmão tem plena consciência da extensão das suas transgressões! - disse o príncipe. - Ele não pede clemência, nem pede que o recomendes ao Senado e Povo de Roma para ser reintegrado como Amigo e Aliado do Povo de Roma. O que pede é que na Primavera envies dois dos teus legados superiores à sua corte de Tíngis, para lá dos Pilares de Hércules. Aí, explicar-lhes-á muito em pormenor os motivos que o levaram a aliar-se ao rei jugurta; e apenas pede que o ouçam. Eles não devem dizer-lhe uma palavra em resposta: devem comunicar-te o que ele lhes disser, para que possas responder. Peço-te, concede este favor ao rei meu irmão!

- O quê? Enviar dois dos meus homens mais importantes até Tíngis no início da estação de campanha? - perguntou Mário com incredulidade bem fingida. - Não! O melhor que farei será enviá-los até Saldae era um porto pequeno, não muito longe a oeste do porto marítimo de Cirta, Rusicade.

Toda a delegação lançou as mãos à cabeça, aterrorizada.

- É impossível! - gritou Bogud. - O rei meu irmão quer a todo o custo evitar o rei jugurta!

- Icosium - disse Mário, nomeando outro porto marítimo a cerca de duzentas *milhas* a oeste de Rusicade. - Enviarei o meu legado sénior, Aulo Mânho, e o meu questor, Lúcio Cornélio Sila, apenas até Icosium: *mas agora,* príncipe Bogud, e não na Primavera.

- É impossível! - gritou Bogud. - O rei está em Tíngis!

- Que disparate! - disse Mário com ironia. - O rei vai a caminho da Mauritânia de rabo entre as pernas. Se mandares um cavaleiro rápido386

atrás dele, garanto-te que não terá dificuldade em chegar a Icosium na mesma altura em que os meus legados desembarcarem - lançou a Bogud um olhar sinistro. - É a minha melhor oferta... e única! Ou a aceitas ou não.

Bogud aceitou. Quando a delegação embarcou dois dias mais tarde, navegou com Aulo Mânho e Sila numa barca rumo a Icosium, depois de enviar um cavaleiro rápido ao encontro dos restos esfrangalhados do exército mouro.

- Estava à nossa espera quando atracámos, tal como disseste - comunicou Sila um mês depois, no regresso.

- Onde está Aulo Mânho? - perguntou Mário. Os olhos de Sila brilharam.

- Aulo Mânho não se sente bem, e por isso resolveu regressar por terra.

- É uma doença grave?

- Nunca vi pior marinheiro - disse Sila, recordando-se.

- Desconhecia esse aspecto dele! - disse Mário, espantado. - Suponho então que foste tu que estiveste mais atento, e não Aulo Mânho.

- Sim - disse Sila, e sorriu com os dentes à mostra. - Boco é um homenzinho engraçado. Redondo como uma bola devido às doçarias que come. Aparentemente é muito pomposo, mas acaba por revelar-se muito tímido.

- É uma conjugação normal - disse Mário.

- É nítido que tem medo de Jugurta; não me parece que minta quanto a isso. E se lhe dermos garantias seguras de que não temos qualquer intenção de tirá-lo do poder na Mauritânia, penso que teria todo o gosto em servir os interesses de Roma. Mas Jugurta manobra-o, como sabes.

- Jugurta manobra toda a gente. Seguiste a regra de Boco acerca de não dizer nada, ou falaste?

- Deixei-o dizer tudo o que queria primeiro - disse Sila -, *mas depois* falei. Ele tentou ser muito leal e pedir-me que partisse, e por isso disse-lhe que estávamos a fazer um acordo apenas de um dos lados, e que não comprometia os teus representantes em relação a ti.

- O que lhe disseste? - perguntou Mário.

- Que se ele fosse um rei inteligente, ignoraria **Jugurta no futuro e aliar-se-ia a Roma.**

- Como reagiu ele?

- Bastante bem. **Deixei-o num estado deplorável.**[387]

- Então, esperaremos para ver o que acontece a seguir - disse Mário.

- Uma coisa que descobri - acrescentou Sila - foi que Jugurta não consegue recrutar soldados. Até os Getulos se recusam a dar-lhe mais homens. A Numídia está muito cansada da guerra, e já quase ninguém no reino, seja habitante das regiões povoadas ou um nómada do interior, *acredita agora* que tenham muitas hipóteses de ganhar.

- Mas irão entregar Jugurta? Sila abanou a cabeça.

- Não, claro que não!

- Não faz mal - disse Mário, mostrando os dentes. - No próximo ano, Lúcio Cornélio! No próximo ano, apanhá-lo-emos.

Pouco depois do final do ano velho, Caio Mário recebeu uma carta de Públio Rutílio Rufo, muito atrasada no trajecto por uma série de tempestades violentas.

Sei que querias que me candidatasse a cônsul ao mesmo tempo que tu, Caio Mário, mas surgiu uma oportunidade que só um louco ignoraria. Sim, tenciono candidatar-me ao consulado no ano que vem, e vou inscrever o meu nome como candidato amanhã. É que o poço parece estar temporariamente seco. O quê? Não é de novo Quinto Lutácio Catulo César?, *ouço-te perguntar. Não, ele está muito por baixo ultimamente, pois éóbvio quepertence à facção que defendeu todos os nossos cônsules responsáveis pela perda de tantos soldados. Até aqui, o melhor candidato designado éum Homem Novo - Cneu Málio Máximo, nem mais. Não é mau sujeito; não me importaria de colaborar com ele - mas se for ele o melhor candidato em campo, então serei eleito com certeza. O teu comando foi prorrogado até ao ano que vem, como já deves ter conhecimento.*

Roma é realmente um local muito aborrecido neste momento; quase não tenho notícias para te dar, e muitíssimo poucas em termos de escândalos. Todos os teus estão bem, o jovem Mário é uma alegria e um encanto, muito dominador e avançado para a idade, prega todo o tipo de partidas e põe a mãe doida, exactamente como deve ser um rapaz novo. No entanto o teu sogro, César, não está bem, apesar de - como era de esperar, sendo César - nunca se queixar. Há qualquer coisa errada na voz dele, e não há doçura que resolva isso.

E esta é a última notícia. Que terrível! De que poderei falar mais? Ainda mal enchi uma página, e mal é o termo exacto, Bem, há a história da minha sobrinha Aurélia. E quem é essa Aurélia?, *perguntarás tu. Nem isso te interessa minimamente, garanto-te. Não faz mal. Podes escutar; serei breve. Decerto*

conheces a história de Helena de Tróia, apesar de seres um Provinciano italiano que não *sabe grego. Era tão bela que todos os reis e príncipes queriam desposá-la. Umpouco como a minha sobrinha. Tão bela que todos os homens notáveis de Roma querem casar com ela.*

Todos os filhos da minha irmã Rutília são bonitos, mas Aurélia é mais do que simplesmente bonita. Quando era criança, todos lamentavam o seu rosto - era demasiado ossudo, demasiado duro, demasiado tudo. Mas agora que vai fazer dezoito anos, todos louvam exactamente o mesmo rosto.

Eu gosto muito dela, com efeito. E porquê?, *perguntarás. Sinceramente,* não *costumo interessar-me pelos rebentos femininos dos meus numerosos parentes próximos, nem pela minha própria filha e pelas minhas duas netas. Mas sei por que motivo aprecio Aurélia. Por causa da sua serva. Quando ela fez treze anos, a minha irmã e o marido, Marco Aurélio Cota, decidiram que deveria ter uma serva permanente que também funcionaria como companhia e vigilante. Por isso, compraram uma rapariga muito boa, e deram-na a Aurélia. A qual, pouco tempo depois, anunciou que* não *queria aquela rapariga.*

Porquê?, *perguntou a minha irmã Rutília.* Porque é preguiçosa, *disse a rapariga.*

Lá voltaram os pais ao vendedor, e depois de uma selecção mais apurada escolheram outra rapariga. Que Aurélia igualmente recusou.

Porquê?, *perguntou a minha irmã Rutília.*

Porque pensa que pode dominar-me, *respondeu Aurélia.*

E lá *voltaram ospais uma terceira vez, e examinaram minuciosamente os livros de Espúrio Postúmio Glício em busca de outra rapariga. Tenho de acrescentar que todas tinham uma formação esmerada, eram gregas e muito inteligentes.*

Mas Aurélia também não *quis a terceira rapariga.* Porquê?, *perguntou a minha irmã Rutília.*

Porque quer tirar partido das coisas em seu favor; já anda a fazer olhinhos ao mordomo, *disse Aurélia.*

Então, vai tu escolher a tua serva!, *disse a minha irmã Rutília, desligando-se de vez do assunto.*

*Quando Aurélia chegou a casa com a sua escolha, afamíliaficou completamente espantada, Porque se depararam com uma rapariga de dezasseis anos dos Arvemos gauleses, uma criatura muito alta e magra com uma horrível cara redonda de nariz redondo e achatado, os olhos de um azul desmaiado, cabelo cruelmente cortado (fora vendido para fazer uma peruca quando o seu dono anterior precisou de dinheiro), e as mãos e pés maiores que já alguma vez vi, em homem ou mulher. O seu nome, segundo anunciou Aurélia, era Cardixa.*389

Como sabes, Caio Mário, fico sempre intrigado com as origens daqueles que trazemos para os nossos lares como escravos. Porque sempre me parece que dedicamos consideravelmente menos tempo a decidir a ementa de um banquete do que às pessoas em quem confiamos para tratarem das nossas roupas, das nossas pessoas, dos nossos filhos e até mesmo das nossas reputações. Ora eu percebi imediatamente que a minha sobrinha Aurélia de treze anos tinha escolhido aquela horrível Cardixa precisamente pelas razões certas. Queria uma pessoa leal, trabalhadora. submissa e bem intencionada e não uma pessoa com bom aspecto, que falasse grego como uma nativa (não falam todas?) e que soubesse manter uma conversa.

E tomei a meu cargo informar-me acerca de Cardixa, o quefoi muito simples, Limitei-me a perguntar a Aurélia, que conhecia toda a histÓria da rapariga. Fora vendida como cativa juntamente com a mãe, quando tinha quatro anos, depois de Cneu Domício Aenobarbo

ter submetido os Arvemos e ter criado nossa província da Gália Transalpina. Pouco depois de terem chegado a Roma, a mãe morreu, ao que consta por sentir a falta do lar Por isso, a rapariga tornou-se numa espécie de moça de recados, andando para cá e para lá com vasos de noite, almofadas e pufes. Foi vendida várias vezes depois de ter perdido a beleza infantil e começou a transformar-se na magrizelas desajeitada que vi quando Aurélia a trouxe para casa. Um dos seus donos molestou-a sexualmente quando ela tinha seis anos; outro chicoteava-a sempre que a mulher se queixava; e um terceiro dono ensinou-a a ler e escrever ao mesmo tempo que a sua filha, que era uma aluna recalcitrante.

- Então, tiveste piedade e resolveste trazer a pobre criatura para um lar amigo - disse eu a A urélia.

E agora, Caio Mário, vem a razão porque amo mais esta rapariga do que a minha filha.

Porque o meu comentário não lhe agradou nada. Elevou-se um pouco como uma serpente e disse: De modo nenhum! A piedade merece a nossa admiração, Tio Públio, pois todos os livros nos dizem isso. Mas seria um fraco motivo para escolher uma serva! Se a vida de Cardixa não tem sido ideal, não tenho a culpa. Por isso, não me sinto obrigada a rectificar o seu desfortúnio. Escolhi a Cardixa porque estou certa de que será leal, trabalhadora, submissa e bem intencionada. Um invólucro bonito não é garantia de que vale a pena ser lido o livro que contém.

*Oh! Não a estimas também, Caio Mário, por pouco que seja? Treze anos era a idade dela nessa altura! E o mais estranho em tudo isto é que embora na minha escrita atroz o que ela disse possa agora parecer pretensioso ou mesmo cruel, eu sabia que não era presumida nem insensível. Bom senso, Caio Mário! A minha*390

sobrinha tem bom senso. E quantas mulheres conheces que tenham um dom tão precioso como esse? Todos esses sujeitos querem casar

com ela pelo seu rosto e pela sua figura e pela fortuna, ao passo que eu preferia conceder a sua mão a alguén que lhe apreciasse o bom senso. Mas como pode alguém decidir quem deve ser favorecido? É essa a pergunta fulcral que todos nós colocamos uns aos outros.

Quando pousou a carta, Caio Mário pegou na pena e aproximou de si uma folha de papel. Mergulhou o estilete no tinteiro, e escreveu sem hesitação.

É evidente que compreendo. Avança, Públio Rutílio! Cneu Málio Máximo necessitará de todo o auxílio possível, e tu serás um excelente cônsul. Quanto à tua sobrinha, por que não *a deixas escolher o marido? Parece terfeito uma boa escolha em relação à serva. Embora eu* não *consiga compreender qual é a tua preocupação. Lúcio Cornélio comunicou-me que é pai de um rapaz, mas recebeu a notícia de Caio Júlio e* não *de Julilla. Fazias-me o favor de estar atento àquela rapariga?* não *me parece que Julilla seja como a tua sobrinha no que diz respeito ao bom senso, e não sei a quem mais posso pedi-lo, já que* não *posso pedir ao seu tara que a mantenha debaixo de olho. Agradeço-te que me tenhas avisado de que Caio Júlio* não *se encontra bem de saúde. Espero que quando receberes esta missiva, já sejas um dos novos cônsules.*DURANTE O CONSULADO DE PÚBLIO RUTÍLIO RUFO

E CNEU MALio MÁXIMOAURÉLIAEmbora jugurta ainda não estivesse em fuga dentro do seu próprio país, as regiões mais povoadas e orientais tinham-se resignado à dominação romana. No entanto Cirta, a capital, estava situada no centro, e por isso Mário decidiu que seria prudente passar aí o Inverno e não em útica. Os habitantes de útica nunca haviam mostrado grande simpatia pelo rei, mas Mário conhecia Jugurta o suficiente para saber que ele atingia o auge da sua perigosidade - e do seu charme - quando pressionado; não seria sensato deixar Cirta aberta à sedução do rei. Sila permaneceu em útica a governar a província romana e Aulo

Mânho ficou livre de serviço e foi autorizado a tornar a casa. Mânho levou consigo para Roma os dois filhos de Caio Júlio César, embora nenhum deles quisesse deixar a África. Mas a carta de Rutílio perturbara Mário: teve o pressentimento de que seria sensato devolver os filhos a César.

Em Janeiro do Ano Novo, o rei Boco da Mauritânia tomou por fim uma resolução; apesar dos laços conjugais e de sangue que o uniam a Jugurta, aliar-se-ia formalmente a Roma - *se* Roma se dignasse aceitá-lo. Por isso, mudou-se de Iol para Icosium, o lugar onde se encontrara com Sila e o enjoado Mânho dois meses antes, e enviou de Icosium uma pequena embaixada para negociar com Mário. Infelizmente, não lhe ocorreu que Mário passasse o Inverno noutro lugar que em vez de útica; por consequência, a pequena embaixada dirigiu-se a útica, bem a norte de Cirta e de Caio Mário.

Havia cinco embaixadores mouros, incluindo também desta vez o irmão mais novo do rei, bem como um dos seus filhos, mas o grupo viajava com pouquíssimo aparato e sem escolta militar; Boco não queria dificuldades com Mário nem sugerir intenções marciais. Também queria desviar as atenções de Jugurta.394

Por isso, o grupo a cavalo parecia um conjunto de prósperos mercadores tornando a casa com o produto de uma boa época comercial, e era irresistivelmente tentador para os bandos de salteadores armados que se haviam aproveitado da fragmentação da Numídia e da impotência do seu rei para se apropriarem dos bens dos outros. Quando o grupo atravessava o rio Ubo, um pouco a sul de Hipona, foi assaltado por foragidos e despojado de tudo menos das roupas que vestiam; até os escravos e servos foram levados para voltarem a ser vendidos em qualquer mercado distante.

Quinto Sertório e o seu aparelho cerebral extremamente apurado estavam de serviço junto de Mário, o que significava que Sila tinha sob as suas ordens oficiais menos atentos. No entanto, sabendo-o muito bem, Sila tornara prática corrente ficar de olho alerta ao que

se passava nos portões do palácio em útica; e, por sorte, viu o grupo esfarrapado dos pobres itinerantes que faziam tentativas inúteis para entrar.

- Mas temos de encontrar-nos com Caio Mário! - insistia o príncipe Bogud. - Somos embaixadores do rei Boco da Mauritânia, garanto! Sila reconheceu pelo menos três membros do grupo e aproximou-se.

- Manda-os entrar, idiota - disse ao tribuno de serviço, e depois pegou no braço de Bogud para o auxiliar, pois era nítido que tinha os pés em muito mau estado. - Não, as explicações podem esperar, Príncipe - disse com firmeza. - Precisas de um banho, roupas limpas e repouso.

Horas depois, ouviu a história de Bogud.

- Demorámos muito mais tempo a chegar aqui do que esperávamos

- disse Bogud ao concluir -, e receio que o rei meu irmão esteja desesperado. Posso falar com Caio Mário?

- Caio Mário está em Cirta - respondeu Sila. - Aconselho-te que me digas o que deseja o teu rei, e que deixes a meu cargo a sua transmissão a Cirta. Senão haverá ainda mais atrasos.

- Somos todos parentes directos do rei, que pede a Caio Mário que nos envie para Roma, onde deveremos requerer pessoalmente ao Senado que reintegre o rei ao serviço de Roma - afirmou Bogud.

- Estou a compreender - Sila levantou-se. - Príncipe Bogud, peço-te que te instales confortavelmente e esperes. Vou já mandar um enviado a Caio Mário, mas só teremos notícias dentro de alguns dias.395

Dizia o seguinte a carta de Caio Mário, que chegou a útica quatro dias *mais tarde:*

Muito bem! Isto pode ser bastante útil, Lúcio Cornélio. No entanto, tenho de ser extremamente cauteloso. O novo cônsul sénior, Públio Rutílio Rufo, disse-me que o nosso querido amigo Metelo Numídico Suíno tem dito a toda a gente que me acusa de extorsão e corrupção na administração da província. Por isso, não posso fazer nada que lhe dê pretextos. Felizmente, ele terá de fabricar as suas próprias provas, pois nunca foi prática minha extorquir ou corromper - bem, suponho que o saibas melhor do que ninguém. Assim, eis o que quero que faças.

Concederei audiência ao príncipe Bogud em Cirta, pelo que terás de enviar para cá a delegação. Contudo, antes de começares, quero que reúnas todos os senadores romanos, tribunos do Tesouro e cidadãos romanos importantes de toda a África e província romana em África. Trá-los todos até Cirta. Porque vou entrevistar Bogud com todos os notáveis romanos que encontrar a ouvir todas as minhas palavras, e a aprovar por carta o que eu decidir fazer.

Com gargalhadas estrondosas, Sila pousou a carta.

- Oh, extremamente bem feito, Caio Mário! - comentou para as quatro paredes do seu gabinete, e foi causar estragos entre os tribunos e funcionários administrativos, mandando-os esquadrinhar toda a província em busca de notáveis romanos.

Devido à sua importância para Roma como abastecedora de cereais, a Província de África era o lugar que os Pais Conscritos mais viajados gostavam de visitar. Era também exótica e bonita, e nesta altura do início do ano, como os ventos dominantes vinham do quadrante norte, era a rota mais segura do que a passagem através do mar Adriático - para os que tinham tempo suficiente. E apesar de se estar na estação das chuvas, não implicava que chovesse todos os dias; no meio das chuvas, o clima era deliciosamente reparador, quando comparado com a Europa assolada pelos ventos, e curava logo as frieiras dos viajantes.

Assim, Sila pôde reunir dois senadores ambulantes e dois proprietários de terras absentistas (Incluindo o maior de todos, Marco Célio Rufo), *além de* um funcionário sénior do Tesouro em férias de Verão e um plutocrata de Roma, de momento em útica, que tinha um enorme negócio de compra de cereais e para quem o comércio do trigo era um passatempo com intenções futuras.396

- Mas o *grande* golpe - disse a Caio Mário mal chegou a Cirta quinze dias mais tarde - era nem mais nem menos Caio Billienus, que quis dar *uma* vista de olhos a *África a caminho* da Província da Ásia, que ia governar. Deste modo, posso conceder-te um pretor com imperium proconsular, nada menos! Também temos um questor do Tesouro, Cneu Octávio Ruso, que felizmente chegou ao porto de útica mesmo antes de eu partir, transportando os soldos do exército. Por isso, forcei-o também.

- Lúcio Cornélio, és um homem que me agrada! - disse Mário com um sorriso largo. - Oh, compreendes as coisas rapidamente!

E antes de ver a delegação moura, Mário reuniu um conselho dos seus notáveis romanos.

- Quero explicar-vos a situação a todos vós, augustos cavalheiros, tal como ela *é,* e depois de falar com o príncipe Bogud e os seus colegas embaixadores na vossa presença, quero que cheguemos a uma decisão conjunta quanto ao que devo fazer em relação ao rei Boco. Será necessário que cada um de vós exponha a sua opinião por escrito, para que, quando Roma for informada, todos possam ver que não excedi os limites da minha autoridade - disse Mário aos senadores, proprietários, um tribuno do Tesouro, um questor e um governador de província.

O resultado do encontro foi exactamente o que Mário desejava; expusera cuidadosamente o seu caso aos notáveis romanos e fora apoiado com a maior veemência pelo seu questor, Sila. Um acordo de paz com Boco era muito desejável, como concluíram os notáveis, e poderia realizar-se com muito maior facilidade se fossem enviados antecipadamente para Roma três dos enviados mouros, escoltados pelo questor do Tesouro, Cneu, Octávio Ruso, e os outros dois foram enviados de volta para *Boco como* prova da boa fé de Roma.

Assim, Cneu Octávio Ruso levou Bogud e dois dos seus primos para Roma, onde chegaram nos princípios de Março, e foram logo ouvidos pelo Senado numa reunião especialmente convocada para o efeito. Esta ocorreu no Templo de Belona, porque o assunto envolvia uma

guerra exterior com um soberano estrangeiro; e como Belona era a deusa romana da guerra, e por isso muito mais velha que Marte, o seu templo era O local escolhido para as reuniões de guerra do Senado.

O cônsul Públio Rutílio Rufo enviou o veredicto do Senado com as portas do templo bem abertas, para permitir que o ouvissem todos Os que se apinhavam no exterior.397

- Digam ao rei Boco - exclamou Rutílio Rufo na sua voz aguda e clara - que o Senado e Povo de Roma recordam tanto uma ofensa como um favor. É claro para nós que o rei Boco está sinceramente arrependido da sua ofensa, pelo que seria extremamente grosseiro da nossa parte, o Senado e Povo de Roma, recusar-lhe o perdão. É por esse motivo que será perdoado. Contudo, o Senado e Povo de Roma requerem agora que o rei Boco nos faça um favor de grandeza equivalente, pois até à data não temos lembrança de nenhum favor concedido a par com a ofensa. Não estipulamos nada quanto a esse favor; fica inteiramente a cargo do rei Boco. E quando o favor nos for mostrado tão inequivocamente como o foi a ofensa, o Senado e Povo de Roma terão a alegria de firmar com o rei Boco da Mauritânia um tratado de amizade e aliança.

Boco recebeu esta resposta nos fins de Março, enviada pessoalmente por Bogud e os outros dois embaixadores. O terror de represálias de Roma havia exagerado os receios do rei em relação à sua pessoa, e em vez de se retirar para a distante Tíngis, Boco preferira ficar em Icosium. Caio Mário, pensou, negociaria com ele até esta distância, não mais. E para se proteger de Jugurta, levou um **novo exército mouro para** Icosium e fortificou a pequena residência do porto o melhor que pôde.

Bogud partiu para ir ter com Mário a Cirta.

- O rei meu irmão roga e implora a Caio Mário que lhe diga que favor de grandeza equivalente à sua ofensa poderá fazer a Roma - perguntou Bogud, de joelhos.

- Levanta-te, homem, levanta-te! - disse Mário de mau humor. - Eu não sou rei! Sou apenas um procônsul do Senado e Povo de Roma! Ninguém me adula, porque isso me rebaixa tanto como ao adulador!

Bogud pôs-se de pé com esforço, espantado.

- Caio Mário, ajuda-nos! - exclamou. - Que favor pode o Senado querer?

- Ajudar-te-ia se pudesse, príncipe Bogud - disse Mário, observando as suas unhas.

- Então, envia um dos teus oficiais superiores para falar com o rei! Talvez em conversa particular se possa encontrar uma solução.

- Está bem - disse Mário subitamente -, Lúcio Cornélio Sila pode ir falar com o teu rei. Desde que o ponto de encontro não seja mais longe de Cirta do que Icosium.

- É evidente que é Jugurta que, queremos como favor - disse Mário a Sila quando o questor se preparava para partir. - Ah, dava os meus dentes398

caninos para ir em teu lugar, Lúcio Cornélio! Mas como não posso, fico muito contente por enviar um homem com um bom par de caninos. Sila riu mostrando os dentes.

- Quando ferram, tenho dificuldade em largar - respondeu.

- Então, ferra-os bem por mim! E se puderes, traz-me Jugurta! E foi com coragem e determinação férrea que Sila embarcou para Rusicade; tinha consigo uma coorte de legionários romanos, uma coorte de tropas italianas de armamento ligeiro da tribo dos Pelingi do Sâmnio, uma escolta pessoal de atiradores das ilhas Baleares e um esquadrão de cavalaria, a unidade de Públi o Vagiennius da Ligúria. Estava-se em meados de Maio.

Durante todo o caminho até Icosium seguiu enervado, apesar de ser um bom marinheiro e ter descoberto em si mesmo um grande gosto pelo mar e pelos barcos. A expedição foi afortunada. E foi significativa para ele. Sabia-o com tanta certeza como se também tivesse

recebido uma profecia. Estranhamente, nunca tinha tentado obter uma entrevista com Marta, a Síria, embora Mário o incitasse frequentemente a fazê-lo; a sua recusa não tinha nada a ver com a descrença ou a falta da superstição necessária. Como romano que era, Sila estava crivado de superstições. A verdade era que tinha demasiado receio. Por mais que ansiasse que outro ser humano confirmasse as suas próprias suspeitas acerca do seu destino, conhecia demasiado bem as suas fraquezas e aspectos obscuros para se expor aos prognósticos com a **serenidade de Mário.**

Mas agora, a caminho da baía de Icosium, desejava ter ido falar com Marta. Porque o seu futuro parecia comprimi-lo como o peso de um cobertor, e ele não sabia, não conseguia sentir o que lhe reservava o destino. Grandes coisas. Mas também coisas más. Quase sozinho entre os seus pares, Sila entendia a presença palpável e em fermentação do mal. Os gregos haviam debatido a sua natureza interminavelmente e muitos **afirmavam que o mal** não existia. Mas Sila sabia que existia. E desconfiava que existia nele.

A baía de Icosium exigia uma cidade majestosa, mas em vez disso possuía apenas uma pequena povoação amontoada nos seus limites, onde uma cordilheira escarpada de montanhas costeiras se estendia até à praia, tornando-a ao mesmo tempo abrigada e distante. Durante as chuvas de Inverno, muitos riachos iam dar ao mar e mais de uma dúzia de ilhas flutuavam como pequenos barcos com os altos ciprestes locais à semelhança dos mastros e velas. Era um belo lugar, **Icosium, pensou Sila.**399

Na praia contígua à cidade esperavam cerca de mil soldados de cavalaria mouros berberes, equipados como os númidas - sem selas nem freios nem armaduras -, apenas com um feixe de lanças numa mão e espadas longas e escudos.

- Ah! - exclamou Bogud, assim que aportou com Sila no primeiro batelão. - O rei enviou o seu filho preferido esperar-te, Lúcio Cornélio.

- Como se chama? - perguntou Sila.

- Volux.

O jovem vinha a cavalo, armado como os seus homens, mas sobre um cavalo ataviado com sela e freio. Sila gostou da maneira como

lhe apertou a mão e dos modos do príncipe Volux; mas onde estava o rei? Os seus olhos experientes não conseguiam divisar a confusão ruidosa e agitada que rodeava *um rei* residente.

- O rei retirou-se para as montanhas, cerca de cem milhas a sul, Lúcio Cornélio - explicou o príncipe enquanto se dirigiam para um local onde Sila pudesse superintender a descarga das suas tropas e equipamento. Sila sentiu-se mal.

- Mas isso não estava no acordo que o rei fez com Caio Mário - asseverou.

- Eu sei - disse Volux, pouco à vontade. - É que Jugurta está por estes lados.

Sila ficou paralisado.

- Isto é uma armadilha, príncipe Volux?

- Não, não! - gritou o jovem, descontrolado. -juro-te por todos os deuses, Lúcio Cornélio, que não é uma armadilha! Mas Jugurta anda desconfiado, porque o Rei, meu pai, deu a entender que iria voltar a Tíngis, enquanto continua aqui em Icosium. Por isso, Jugurta mudou-se para os montes com um pequeno exército de Getulos: não é o número de homens suficientes para nos atacarem, mas são demasiados para os atacarmos. O Rei, meu pai, decidiu afastar-se do mar para fazer Jugurta supor que se esperava alguém vindo de Roma e que o seu visitante viria por terra. Então, Jugurta seguiu-o. Jugurta não sabe da tua chegada, estamos certos. Foste sensato *em* vir por mar.

- Jugurta em breve descobrirá que estou aqui - disse Sila com tristeza, pensando na sua escolta inadequada de mil e quinhentos homens.

- Esperemos que não; pelo menos por agora - afirmou Volux. -

Trouxe mil dos meus soldados do acampamento do Rei, meu pai, há três meses, como se viesse fazer manobras, e dirigi-me para a costa. Não estamos400

oficialmente em guerra com a Numídia, por isso, Jugurta terá poucos pretextos para nos atacar, mas também sabe bem o que o Rei, meu pai, tenciona fazer, e não se arrisca a defrontar-nos já, antes de estar mais informado. Asseguro-te que optou por ficar de vigia ao nosso acampamento a sul, e os seus batedores não chegarão perto de Icosium enquanto os meus soldados patrulharem a área.

Sila lançou ao jovem um olhar céptico, mas não disse nada, não eram muito práticos estes membros da realeza moura. Irritado com a dolorosa lentidão do desembarque - pois Icosium não possuía mais de vinte barcaças ao todo e ele via que o processo se completaria no dia seguinte pela mesma hora - suspirou, encolheu os ombros. Não valia a pena preocupar-se; Jugurta poderia ficar a par ou não.

- Onde está Jugurta? - perguntou.

- A cerca de trinta milhas do mar, numa pequena planície no meio das montanhas, a sul daqui. Na única via directa entre Icosium e o acampamento do Rei, meu pai - disse Volux.

- Oh, isso é maravilhoso! E como posso chegar até ao Rei, teu pai, sem combater Jugurta primeiro?

- Posso levar-te por um caminho circundante e ele nunca desconfiará - disse Volux ansiosamente. - É verdade que posso, Lúcio Cornélio! O Rei, meu pai, confia em mim! - pensou um momento e acrescentou No entanto, penso que seria melhor deixares aqui os teus homens. Teremos muito mais hipóteses se formos num grupo muito pequeno.

- Por que hei-de confiar em ti, príncipe Volux? - perguntou Sila. Não te conheço. Por falar nisso, nem conheço bem o príncipe Bogud, nem o Rei, teu pai! Podes ter decidido voltar com a palavra atrás e

entregar-me a Jugurta... Eu sou um bom prémio! A minha captura causaria sérios problemas a Caio Mário, como sabes.

Bogud não disse nada. Ficou apenas com um *ar* cada vez mais sombrio, mas o jovem Volux não ia desistir.

- Então, dá-me uma tarefa que prove a minha lealdade e a do Rei, meu pai! - exclamou.

Sila meditou no assunto com um sorriso feroz.

- Muito bem - disse, com uma decisão súbita. - Tens-me *na mãO,* por isso, o que tenho a perder? - e olhou para o mouro com os seus estranhos olhos claros a dançar como duas jóias claras sob a aba do *largo chapéu* de palha: uma cobertura bizarra para a cabeça de um soldado romano, mas um soldado que era então famoso de Tíngis à Cirenaica, onde quer

que os feitos dos Romanos fossem contados à roda de fogueiras e lareiras: o albino herói romano com o seu chapéu.

Tenho de acreditar na minha sorte, pensava para consigo, pois não sinto em mim qualquer aviso de que a minha sorte não se mantenha. Isto é um teste, uma prova da minha auto confiança, um modo de mostrar a todos, desde o rei Boco e o seu filho até ao homem de Cirta, que estou à altura - e não acima! - de tudo o que a Fortuna lançar no meu caminho. Um homem não pode saber de que matéria é feito se fugir. Não, eu avanço. Eu tenho sorte. Pois forjei a minha sorte, e forjei-a bem.

- Esta noite, logo que escureça - disse a Volux -, nós os dois com uma pequena escolta de cavalaria iremos ao acampamento do Rei, teu pai, Os meus homens ficarão aqui, o que implica que se Jugurta descobrir a presença de romanos, pensará que ela se limita a Icosium, e que o Rei, teu pai, virá aqui encontrar-se connosco.

- Mas não há lua esta noite! - alegou Volux, desanimado.

- Eu sei - disse Sila, sorrindo do seu modo mais desagradável. - É esse o teste, príncipe Volux. Teremos a luz das estrelas e nada mais. E vais conduzir-me mesmo pelo meio do acampamento de Jugurta.

Os olhos de Bogud saíram das órbitas.

- É uma loucura! - exclamou ele, ofegante. Os olhos de Volux agitaram-se.

- É um verdadeiro desafio - afirmou, sorrindo com prazer genuíno.

- Estás pronto? - perguntou Sila. - Mesmo pelo meio do acampamento de Jugurta: entrar por um lado sem que a sentinela nos veja ou oiça... pelo meio da *via praetoria* sem incomodar um só

homem ou cavalo adormecido, e sair pelo outro lado sem que a sentinela nos veja ou oiça. Faz isso, príncipe Volux, e eu *saberei* que posso confiar em ti! E em troca, confiarei no Rei, teu pai.

- Estou pronto - disse Volux.

- São ambos loucos - **comentou Bogud.**

Sila decidiu deixar Bogud em Icosium, pois não estava certo de que esse membro da família real moura era de confiança. A sua detenção foi bastante cortês, mas fora deixado a cargo de dois tribunos militares que tinham ordens para nunca o perderem de vista.

Volux: arranjou os quatro cavalos melhores e de andar mais seguro em Icosium, e Sila preparou a sua mula, achando sempre que uma mula era uma montada muito melhor do que qualquer cavalo. Arrumou ainda402

o seu chapéu. O grupo era constituído por Sila, Volux e três nobres mouros, pelo que todos excepto Sila montavam sem selas nem freios,

- Nada de metal que possa tilintar e denunciar-nos - disse Volux, No entanto, Sila decidiu aparelhar a sua mula e colocou um cabresto entre o focinho e as orelhas.

- Pode ranger, mas se eu cair, farei muito mais barulho - comentou. E quando escureceu totalmente, os cinco avançaram no negrume assombroso de uma noite sem lua. Mas o céu brilhava, pois o vento não viera agitar o pó africano pelo ar; o que à primeira vista pareciam ser nuvens dispersas eram afinal vastas conglomerações de estrelas e os cavaleiros não tinham dificuldades de visão. Todos os animais foram desferrados e caminhavam sem fazer barulho através do caminho empedrado que atravessava por uma série de ravinas a cordilheira à volta da baía de Icosium.

- Teremos de deixar ao cuidado da sorte que nenhuma das montadas fique estropiada - disse Volux: depois de o seu cavalo ter tropeçado e se ter endireitado.

- Podes confiar na minha sorte, pelo menos - respondeu Sila.

- Não falem - disse um dos três acompanhantes. - Em noites sem vento como esta, as vozes podem ser ouvidas a milhas de distância. A partir daí, seguiram em silêncio, com os seus notáveis aparelhos ópticos ajustados de forma a captar a mais pequena partícula de luz; as milhas sucediam-se. Assim, quando o brilho alaranjado das fogueiras quase extintas da pequena bacia onde Jugurta se encontrava começaram a surgir acima da crista à frente deles, souberam onde estavam, E quando olharam para a bacia, pareceu-lhes tão reluzente como uma cidade.

Os cinco desmontaram; Volux afastou Sila e lançou mãos à obra. Esperando pacientemente, Sila viu os mouros adaptarem capas protectoras nos cascos dos cavalos; geralmente estes tinham solas de *madeira,* usadas em solo irregular para proteger das pedras a parte inferior macia dos cascos à volta da amilha, mas as capas de Volux tinham solas *de feltro* espesso. Eram presas por duas fitas macias de couro fixas à frente depois, cruzavam, passavam por baixo de um gancho de metal atrás e vinham de novo para a frente, onde eram apertadas.

Todos fizeram as montadas cavalgar um pouco para as habituarem,, às capas protectoras; a seguir, Volux seguiu à frente durante a última meia milha que os separava do acampamento de Jugurta. Era provável403

que houvesse sentinelas e uma patrulha a cavalo, mas os cinco cavaleiros não viram ninguém acordado, ninguém mexendo. Treinado por Roma, era natural que jugurta tivesse baseado a construção do seu acampamento no padrão romano, mas - um aspecto dos estrangeiros que, Sila sabia-o, fascinava Caio Mário -

não fora capaz de ter a paciência e vontade suficientes para reproduzir o original convenientemente. jugurta, sabendo que Mário e o seu exército estavam em Cirta e Boco não tinha a força necessária para tentar uma ofensiva, não se incomodara a entrincheirar-se; limitou-se a *erguer* um muro baixo de *terra* tão fácil de saltar a cavalo que Sila suspeitou que seria mais para manter os animais do lado de dentro do que os seres humanos do lado de fora. Mas sejugurta fosse romano em vez de ter treino romano, o seu acampamento teria todas as suas valas, estacas, paliçadas e muros, por mais seguro que ele se sentisse.

Os cinco cavaleiros chegaram ao muro de terra a cerca de duzentos passos a leste da porta principal, que era apenas uma abertura larga, e fizeram as montadas passá-lo facilmente. Do lado de dentro, cada cavaleiro voltou o seu corcel abruptamente, de forma a seguirem paralelamente e cingidos ao muro; no solo recentemente revolvido, não fizeram qualquer ruído até chegarem à porta principal. Aí, viram guardas, mas os homens estavam virados para fora e a distância suficiente face *à* abertura para não ouvirem os cinco cavaleiros deslocar-se pela avenida larga que seguia pelo meio do acampamento, da porta da frente até à das traseiras. Sila e Volux e os três nobres mouros seguiram a passo a *via praetoria* de meia milha de comprimento, saíram dela para se cingirem ao muro quando chegaram ao fim, e atravessaram a abertura saindo para fora do acampamento e para a liberdade mal se sentiram a uma distância razoável do guarda da porta das traseiras.

Uma milha à frente, retiraram as capas dos cascos.

- Conseguimos! - **sussurrou Volux: ferozmente,** de dentes a brilhar para Sila num sorriso triunfante. - Confias agora em mim, Lúcio Cornélio?

- Confio em ti, príncipe Volux - disse Sila retribuindo o sorriso. Seguiram entre passo e **trote, com** o cuidado de não estropiar as suas montadas *sem ferraduras,* e pouco depois da madrugada

encontraram um acampamento berbere. Os quatro cavalos exaustos que Volux trocou por outros repousados eram superiores a quaisquer dos cavalos dos berberes, e a mula era um pouco uma novidade, pelo que cinco cavalos apareceram em breve e a cavalgada prosseguiu dia fora. Como havia trazido o chapéu, Sila escondia-se sob a sua aba e suava.404

Logo após o anoitecer, *chegaram* ao acampamento do rei Boco, não diferente do de Jugurta na construção, mas maior. E aí, Sila hesitou, refreando o seu cabresto grosseiro a uma distância razoável da sentinela.

- Não é falta de confiança, príncipe Volux - afirmou -, é mais um pressentimento. Tu és o filho do rei. Podes entrar e sair a qualquer hora da noite ou do dia sem problemas. Ao passo que eu sou um estrangeiro, uma incógnita. Por isso, vou deitar-me aqui com o máximo de conforto possível e esperar que fales com o teu pai, te assegures de que está tudo bem e voltes para me vires buscar.

- Eu não me deitaria - disse Volux.

- Porquê?

- Escorpiões.

Os cabelos de Sila eriçaram-se e teve de dominar-se para não dar um salto; como a Itália estava livre de todo o tipo de insectos venenosos, todos os romanos ou italianos abominavam aranhas e escorpiões. Respirou em silêncio, ignorando as gotas de suor que lhe escorriam pela testa e virou para Volux um rosto de ar indiferente.

- Bem, não vou passar de pé as horas que faltam até à tua chegada e não volto a montar nesse animal - disse ele -, por isso arrisco a minha sorte com os escorpiões.

- Como queiras - foi a resposta de Volux, que já admirava Sila ao ponto da veneração que se tem por um herói e agora transbordava

de respeito. Sila deitou-se num pedaço de terra macia e arenosa, fez uma cova

para as ancas, um monte para a nuca, rezou para si mesmo uma oração e prometeu uma oferenda a Fortuna para afastar os escorpiões, fechou os olhos e adormeceu instantaneamente. Quando Volux chegou, *quatro* horas mais tarde, encontrou Sila a dormir e podia tê-lo morto. Mas Fortuna estava com Sila naquele tempo; Volux era um verdadeiro amigo.

A noite estava fria; Sila sentia dores por todo o lado.

- Oh, andar a rastejar por aí *como um* espião é profissão de homem mais novo! - afirmou, estendendo uma mão a Volux, para este o auxiliar a levantar-se. Depois, entreviu uma sombra atrás de Volux, e endureceu.

- Não te preocupes, Lúcio Cornélio, é um amigo do Rei, meu pai. *O* seu nome é Dábar - apressou-se Volux a dizer.

- Outro primo do Rei, teu pai, suponho?

- Na realidade, não. Dábar é primo de Jugurta, e tal como Jugurta, é filho bastardo de uma mulher berbere. Foi por isso que se juntou a nós: Jugurta prefere ser o único bastardo real da corte.405

Passaram de uns para os outros uma garrafa de vinho doce sem água; Sila bebeu sem parar para respirar e sentiu as dores diminuirem e o frio desaparecer num enorme ardor. Seguiram-se bolos de mel, um naco de carne de cabrito muito condimentada, e outra garrafa do mesmo vinho, que pareceu a Sila o melhor que bebera em toda a sua vida.

- Oh, sinto-me melhor! - exclamou, relaxando os músculos e espreguiçando-se. - Quais são as novidades?

- O teu pressentimento afinal tinha razão de ser, Lúcio Cornélio respondeu Volux. - Jugurta foi ter primeiro com o meu pai.

- Fui denunciado?

- Não, não! Mas a situação mudou. Deixarei a explicação a cargo de Dábar; ele estava lá.

Dábar acocorou-se para se colocar ao nível de Sila.

- Parece que Jugurta ouviu falar de uma delegação de Caio Mário para o meu rei - disse em voz baixa. - É claro que pensou logo que era esse o motivo que levara o meu rei a não regressar a Tíngis e por isso decidiu ficar por perto, interpondo-se entre o meu rei e qualquer delegação de Caio Mário por terra ou por mar. E enviou um dos seus barões mais importantes, Aspar, para ficar à direita do rei a escutar todas as conferências entre o meu rei e os romanos esperados.

- Estou a entender - disse Síla. - O que há então a fazer?

- Amanhã, o príncipe Volux levar-te-á à presença do meu rei como se tivessem vindo juntos de Icosium. Felizmente, Áspar não viu o príncipe chegar ontem à noite. Falarás com o meu rei como se tivesses vindo a mando de Caio Mário e não a pedido do meu rei. Pedirás ao meu rei para abandonar Jugurta, e o meu rei recusará, mas de modo evasivo. Ele mandar-te-á montar um acampamento onde ficarás durante dez dias, enquanto pensa acerca do que tu disseste. No entanto, o meu rei virá ver-te em privado amanhã à noite, num local diferente, e então falarão sem receio - Dábar olhou para Sila com entusiasmo. - Achas que é satisfatório, Lúcio Cornélio?

- Inteiramente - disse Sila, com um grande bocejo. - O único problema é: onde poderei ficar esta noite e onde poderei tomar um banho? Tresando a cavalo e sinto comichão entre as pernas.

- Volux mandou montar um acampamento confortável para ti não muito longe daqui - disse Dábar.

- Então, leva-me até lá - disse Sila, pondo-se de pé.406

No dia seguinte, Sila teve o seu encontro burlesco com Boco. Não foi difícil descobrir qual dos nobres presentes era o espião de Jugurta, Áspar; sentava-se à esquerda da majestosa cadeira de Boco - muito mais majestosa do que o seu ocupante - e ninguém se atrevia a aproximar-se nem a olhar para ele com a familiaridade dos conhecidos de longa data

- O que devo fazer, Lúcio Cornélio - gemeu Boco nessa noite depois do escurecer, num encontro secreto com Sila a grande distância dos dois acampamentos,

- Um favor por Roma - disse Sila.

- Diz-me que favor quer Roma e será feito! Ouro... jóias... terra... soldados... cavalos... trigo... diz-me o quê, Lúcio Cornélio! Tu és romano; deves saber o que significa a mensagem críptica do Senado! Eu juro-te que não entendo! - Boco tremia de medo.

- Roma pode arranjar todas as mercadorias que nomeaste sem precisar de ser críptica, rei Boco - afirmou Sila ironicamente.

- Então, *o quê?* Diz-me: o quê? - suplicou Boco.

- Penso que já o deves ter descoberto por ti, rei Boco. Mas recusas-te a admiti-lo - disse Sila. - E percebo *porquê. Jugurta!* Roma quer que lhe entregues Jugurta pacificamente, sem derramamento de sangue. já foi derramado demasiado sangue em África, já houve demasiados terrenos destruidos, demasiadas cidades e vilas queimadas, demasiados bens dissipados. Mas enquanto Jugurta permanecer à solta, este desperdício terrível continuará. Mutilando a Numídia, causando incómodos a Roma

- e mutilando também a Mauritânia. Por isso, dá-me Jugurta, rei Boco!

- Pedes-me para trair o meu genro, o pai dos meus netos, meu parente através do sangue de Masinissa?

- É o que te peço - afirmou Sila. Boco começou a chorar.

- Não posso! Lúcio Cornélio, não posso! Nós somos tanto Berberes como Púnicos; une-nos a lei do povo nómada, *Pede-me* o que quiseres, Lúcio Cornélio, farei *tudo* para ganhar esse acordo! Tudo, excepto trair o marido da minha filha.

- Tudo o mais é inaceitável - disse Sila com frieza

- O meu povo nunca me perdoaria!

- Roma nunca te perdoará. E isso é pior.

- Não posso! - Boco chorava, lágrimas genuínas banhavam-lhe O rosto, brilhando por entre os fios da sua barba elaboradamente encaracolada. - Por favor, Lúcio Cornélio, peço-te! Não posso!407

Sila virou-lhe as costas com desprezo.

- Nesse caso, nunca haverá acordo - proferiu.

E durante os oito dias seguintes, continuou a farsa, com Áspar e Dábar cavalgando para trás e para a frente entre o pequeno acampamento agradável de Sila e o pavilhão do rei, trazendo mensagens que não tinham qualquer relação com a questão verdadeira. Essa permanecia um segredo entre Sila e Boco, e era discutida apenas de noite. Contudo, era óbvio que Volux: conhecia a questão, decidiu Sila, porque agora o evitava sempre que possível, e de todas as vezes que o via mostrava um ar furioso, magoado, desconcertado.

Sila dívertía-se ao descobrir que gostava da sensação de poder e majestade que lhe proporcionava a posição de enviado de Roma; e mais do que isso, gostava de ser a implacável gota de água que furava aquela pedra real. Ele, que não era rei, no entanto tinha domínio sobre reis. Ele, um romano, tinha o verdadeiro poder. E subia-lhe à cabeça, dando-lhe uma satisfação enorme.

Na oitava noite, Boco convocou Sila ao local secreto de reunião.

- Está bem, Lúcio Cornélio, concordo - disse o rei com os olhos vermelhos de chorar.

- Excelente! - exclamou Sila bruscamente.

- Mas como se pode fazer isso?

- É simples - respondeu Sila. - Enviarás Aspar a **Jugurta, propondo-lhe** entregares-me.

- Não acreditará em mim - disse Boco, desolado.

- É claro que vai acreditar! Confia em mim, vai acreditar. Se as circunstâncias fossem diferentes, seria isso mesmo que farias, rei.

- Mas tu és apenas um questor! Sila riu.

- O quê? Estás a tentar dizer que não achas um questor romano tão valioso como um rei númída?

- Não! Não, claro que não!

- Deixa-me explicar-te, rei Boco - disse Sila gentilmente. - Eu sou um questor romano, e é verdade que em Roma o título é o mais baixo da escada senatorial. Porém, sou também um Cornélio patrício: a minha família é a família de Cipião Africano e de Cipião Emiliano, e a minha ascendência é bastante mais antiga, bastante mais nobre do que a tua ou a de Jugurta. Se Roma fosse governada por reis, esses reis pertenceriam provavelmente à família Cornélia. E os últimos são os primeiros: acontece408

que sou cunhado de Caio Mário. Os nossos filhos são primos direitos. já explica melhor as coisas?

- Jugurta. Jugurta sabe de tudo isso? - murmurou o rei da Mauritânia,

- Há muito pouca coisa que escape a Jugurta - afirmou Sila, e encostou-se à espera.

- Muito bem, Lúcio Cornélio, será como disseste. Enviarei Áspar a Jugurta propondo-lhe entregar-te - o rei esticou-se, com a sua dignidade um pouco abalada. - No entanto, tens de dizer-me exactamente como devo *proceder.*

Sila inclinou-se para a frente e falou rispidamente.

- Pedirás a Jugurta para vir até aqui na noite a seguir à próxima e prometer-lhe-ás *entregar-lhe* o questor romano Lúcio Cornélio Sila. Informá-lo-ás de que esse questor está sozinho no teu acampamento, tentando persuadir-te a aliares-te a Caio Mário. Ele sabe que é verdade, pois Aspar tem-no mantido informado. Também sabe que - não há soldados romanos numa área de cem milhas, pelo que não se incomodará a trazer consigo o seu exército. E ele pensa que te conhece, rei Boco. Por isso, não sonha que o entregues a ele em vez de mim - Sila Cingiu não ver Boco estremecer. - Não é a ti ou ao teu exército que Jugurta teme. Ele apenas teme Caio Mário. Fica descansado, que há-de vir, e virá acreditando em tudo o que Áspar lhe disser.

- Mas quando Jugurta não regressar ao acampamento, o que hei-de fazer? - perguntou Boco, tremendo de novo.

Sila sorriu com maldade.

- Recomendo-te vivamente, rei Boco, que assim que me entregares Jugurta abandones o acampamento e marches para Tíngis o mais *depressa* possível.

- Mas não precisarás do meu exército para manter Jugurta prisioneiro? - *O* rei olhou para Sila, agitado; nunca homem *nenhum* tivera um ar de terror tão óbvio. - Tu não tens homens para te ajudarem a levá-lo para Icosium! E o acampamento dele fica no caminho.

- Tudo o que quero é um *bom par* de grilhetas e correntes, e seis dos teus cavalos mais rápidos - disse Sila.

Sila deu por si ansioso pela confrontação, e não sentiu a mínima dúvida ou hesitação. Sim, o seu nome ficaria ligado à captura de jugurta para sempre! Pouco importava que agisse às ordens de Caio *Mário; era* o seu valor e inteligência que executavam a proeza, e essa não lhe podia409

ser retirada. Não era por pensar que Caio Mário iria tentar ficar com o crédito. Caio Mário não era ávido por glória; ele sabia que tinha mais do que a sua quota-parte. E não se oporia à divulgação da história da captura de Jugurta. Para um patrício, o tipo de fama necessária para assegurar a eleição como cônsul era dificultado pelo facto de não poder *ser* tribuno da plebe. Por esse motivo, um patrício tinha que encontrar outras formas de ganhar aprovação, garantindo que o eleitorado soubesse que ele era um descendente digno da sua família. Jugurta custara muito a Roma. E Roma inteira saberia que fora Lúcio Cornélio Sila, questor incansável, que conseguira sozinho a captura de Jugurta.

Assim, quando se encontrou com Boco no lugar indicado, estava confiante, entusiasmado, ansioso por levar a obra a cabo.

- Jugurta não espera ver-te acorrentado - disse Boco. - Crê que pediste para vê-lo com a intenção de persuadi-lo a render-se. E deu-me indicações para trazer homens em número suficiente para te capturar, Lúcio Cornélio.

- óptimo - foi o que Sila se limitou a dizer.

Quando Boco apareceu com Sila e uma companhia de cavalaria moura atrás de si, Jugurta estava à espera, escoltado apenas por meia dúzia dos seus barões, incluindo Áspar.

Espicaçando a sua montada, Sila passou à frente de Boco e trotou direito a Jugurta, e a seguir deslizou para o chão e estendeu a mão

no gesto universal de paz e amizade.

- Rei Jugurta - disse, e ficou à espera.

Jugurta olhou para a mão e desmontou para lha apertar.

- Lúcio Cornélio.

Enquanto isto se processava, a cavalaria moura formara silenciosamente um círculo à volta dos participantes centrais, e enquanto Sila e Jugurta permaneciam de mãos unidas, a captura de Jugurta foi efectuada tão habilidosa e **suavemente** como Caio Mário teria desejado. Os barões númidas foram vencidos sem se desembainhar uma só espada; Jugurta foi preso com firmeza demais para se debater e foi levado ao chão. Quando voltou a ser erguido, tinha grilhetas pesadas nos pulsos e tornozelos, todas ligadas por correntes cujo comprimento mal lhe permitia andar curvado e arrastando os pés.

Os seus olhos, como Sila reparou à luz do archote, eram muito claros num homem tão escuro; também era de grande porte e estava bem conservado. Mas os anos pesavam-lhe no rosto esguio e por isso parecia410

muito mais velho do que Caio Mário. Sila sabia que podia levá-lo aonde quisesse sem escolta.

- Coloquem-no no baio grande - ordenou aos homens de Boco ficou a observá-los prender as correntes a presilhas especiais na sela adaptada. Depois, verificou a cilha e as presilhas. A seguir, aceitou ajuda para montar noutro baio e segurou as rédeas do cavalo de Jugurta prendendo-as na sua sela; se Jugurta se lembrasse de espevitar a sua montada, não poderia fugir, nem as rédeas podiam ser arrancadas a Sila. As quatro restantes montadas foram presas uma às outras e amarradas por uma corda bastante curta à sela de Jugurta. Este estava agora duplamente incapacitado. E finalmente, para ficar absolutamente descansado, Sila passou mais uma corrente pela grilheta do pulso direito dejugurta, com a outra extremidade presa ao seu próprio pulso esquerdo.

Sila não dissera uma palavra aos mouros desde que Jugurta fora aprisionado; agora, e continuando em silêncio, esporeou o cavalo e partiu, obrigando o cavalo dejugurta a seguilo docilmente, retesadas as rédeas e correntes que os uniam. Atrás deles iam os quatro cavalos de reserva. E dentro de pouco tempo, todas as montadas haviam desaparecido nas sombras por entre as árvores.

Boco chorava. Volux e Dãbar olhavam-no sem saberem o que *fazer.*

- Pai, deixa-me apanhá-lo! - pediu Volux subitamente. - Ele não pode ir longe tão tolhido: ainda posso apanhá-lo!

- É demasiado tarde - aceitando o lenço fino que o servo lhe deu, o rei Boco enxugou os olhos e assoou o nariz. - Aquele nunca se deixará apanhar. Somos bebés indefesos comparados com Lúcio Cornélio Sila, que é um Romano. Não, meu filho, o destino do pobre Jugurta não está nas nossas mãos. Temos de pensar na Mauritânia. É tempo de regressarmos à nossa amada Tíngis. Talvez não pertençamos ao mundo do *mar* Central.

Durante cerca de uma milha, Sila seguiu sem falar ou abrandar O passo. Dominava perfeitamente tanto o regozijo como o seu prisioneiro, Jugurta. Sim, se ele a propagasse convenientemente e sem

detrair os *feitos* de Caio Mário, a história da captura de Jugurta iria juntar-se às histórias que as mães contavam aos filhos: o salto de Marco Cúrcio no vazio, no Fórum Romano, o heroísmo de Horácio Cocles ao *defender a* Ponte de Madeira contra Lars Porsena de CIúsio, o círculo feito à volta do rei da Síria por Caio Popílio Lenate, o assassínio dos filhos traiçoeiros de411

Lúcio Júnio Bruto por este, o assassínio de Espúrio Mélio, que queria ser *rei, por* Caio Servílio Ahala - sim, a captura de Jugurta por Lúcio Cornélio Sila iria juntar-se a todos esses e muitos mais contos de embalar, pois tinha todos os elementos necessários, incluindo a passagem a cavalo pelo meio do acampamento de Jugurta.

Mas Sila não *era* por natureza um autor de romances, um sonhador, um construtor de fantasias, *e por* isso foi-lhe fácil abandonar estes pensamentos quando chegou a altura de parar e desmontar. Mantendo-se bastante afastado de Jugurta, dirigiu-se até à trela que

amarrava os quatro cavalos de reserva, cortou-a e lançou os animais em todas as direcções com uma saraivada de pedras bem atiradas,

- Estou a ver - disse Jugurta, observando Sila escarranchando-se no seu baio agarrado à crina - que teremos de *fazer cem* milhas nos mesmos cavalos. Estava a pensar como conseguirias mudar-me de montada - escarneceu. - A minha cavalaria há-de apanhar-te, Lúcio Cornélio!

- Espero que não - disse Sila, e fez avançar a montada do seu prisioneiro.

Em vez de seguir para norte, para o mar, dirigiu-se para leste através de uma pequena planície e cavalgou durante dez milhas na noite sem vento dos inícios do Verão, tendo por iluminação só uma lasca de lua a oeste. Então, a grande distância, surgiu uma fila negra e maciça de árvores; em frente desta e muito mais perto, havia um amontoado de gigantescas rochas redondas distinguindo-se acima das árvores esparsas e atrofiadas.

- Exactamente no local certo! - exclamou Sila alegremente, e soltou um assobio agudo.

O seu esquadrão de cavalaria lígure saiu do esconderijo de pedregulhos, cada homem acompanhado por duas montadas; em silêncio, os homens foram ter com Sila e o prisioneiro, e fizeram surgir dois cavalos extra. E duas mulas.

- Mandei-os vir aqui ter comigo há seis dias, rei Jugurta - disse Sila.

- O rei Boco pensou que eu viera até ao seu acampamento sozinho, mas como vês, não vim. Mandei Públio Vagiennius seguir-me de perto, e mandei-o ir buscar a sua companhia e esperar por mim aqui.

Liberto dos seus embaraços, Sila dirigiu o transbordo de Jugurta, que foi desta vez acorrentado a Públio Vagiennius. E em breve

estavam de novo a caminho virando a noroeste para se afastarem muitas milhas do acampamento de Jugurta.412

- Não saberás dizer-me, Majestade real - disse Públio Vagiennius tímida e delicadamente -, onde poderei encontrar caracóis em Cirta Ou em qualquer outro lugar na Numídia?

Em finais de Junho, a guerra em África estava terminada. Por pouco tempo enquantojugurta foi alojado confortavelmente em útica e Mário e Sila tratavam das arrumações. E os dois filhos de Jugurta, lampsas e Oxyntas vieram fazer-lhe companhia enquanto a sua corte se desintegrava e começava a disputa de lugares de influência sob o novo regime.

O rei Boco recebeu do Senado o seu acordo de amizade e aliança, e o príncipe Gauda, o inválido, tornou-se o rei Gauda de uma Numídia consideravelmente reduzida. Foi Boco que furtou o território extra a uma Roma demasiado ocupada noutras localidades para expandir a sua província africana de muitas centenas de milhas.

E mal uma pequena frota de boas naus e o tempo estável asseguraram uma viagem suave, Mário embarcou o rei Jugurta e os seus filhos a bordo de um dos barcos alugados e enviou-os em segurança para Roma. A ameaça númida desapareceu no horizonte, com a partida de Jugurta.

Com eles navegava Quinto Sertório, determinado como estava a ver a acção contra os Germanos na Gália Transalpina. Tinha pedido ao primo Mário autorização para partir.

- Sou um guerreiro, Caio Mário - disse o jovem e sério *contubernalis*

e a luta por estes lados terminou. Recomenda-me ao teu amigo Públio Rutílio Rufo e deixa-o dar-me serviço na Gália distante.

- Vai com o meu agradecimento e a minha bênção, Quinto Sertório

- disse Mário com um afecto raro. - E transmite os meus cumprimentos à tua mãe.

O rosto de Sertório iluminou-se.

- Transmiti-los-ei, Caio Mário!

- Lembra-te, Quinto Sertório - disse Mário no dia em que Quinto Sertório e Jugurta partiram para Itália -, que voltarei a precisar de ti no futuro. Por isso, poupa-te em combate, se tiveres a sorte de participar num. Roma honrou a tua bravura e habilidade com a Coroa de *Ouro, com phalerae e* colares de metal e braceletes, todos de ouro. Uma distinção rara para alguém tão novo. Mas não sejas imprudente. Roma precisará de ti vivo, e não se morreres.

- Manter-me-ei vivo, Caio Mário - prometeu Quinto Sertório.413

- E não partas para a tua guerra no momento em que chegares a Itália

- aconselhou Mário. - Passa primeiro algum tempo com a tua querida mãe.

- É o que farei, Caio Mário - prometeu Quinto Sertório.

Quando o jovem partiu, Sila olhou para o seu superior com ironia.

- Ele faz-te parecer uma galinha a cacarejar, chocando um simples OVO.

Mário resmungou.

- Que disparate! *É meu* primo por parte da mãe e eu gosto dela.

- Com certeza - disse Sila, sorrindo com os dentes de fora.

Mário riu.

- Vamos, Lúcio Cornélio, admite que gostas tanto de Quinto Sertório como eu!

- Admito-o sem escrúpulos. No entanto, Caio Mário, *não* me faz cacarejar!

-

Mentulam caco! - comentou Mário. E assim pôs termo à discussão.

Rutília, que era a única *irmã* de Públio Rutilio Rufo, gostava da distinção pouco habitual de ter casado com dois irmãos. O seu primeiro marido fora Lúcio Aurélio Cota, colega no consulado de Metelo Dalmático Pontifex Maximus cerca de catorze anos antes; foi no mesmo ano em que Caio Mário fora tribuno da plebe e desafiara Metelo Dalmático Pontifex Maximus.

Rutília havia sido destinada a Lúcio Aurélio Cota em rapariga, ao passo que ele já fora casado e tinha um filho de nove anos chamado Lúcio, como ele. Casaram no ano a seguir a terem sido arrasadas as Fregelas por se terem revoltado contra Roma, e no ano do primeiro mandato de Caio Graco como tribuno da plebe tiveram uma filha chamada Aurélia. O filho de Lúcio Cota tinha dez anos de idade e alegrara-se muito por ter ganho uma meia-irmãzinha, pois gostava muito da madrasta, Rutília.

Quando Aurélia fez cinco anos, o pai, Lúcio Aurélio Cota, morreu subitamente, apenas alguns dias após o fim do seu consulado. A viúva Rutília, de vinte e quatro anos, uniu-se ao irmão mais novo de Lúcio Cota, Marco, que ainda não encontrara esposa. O amor cresceu entre eles, e com a autorização do pai e do irmão, Rutília casou com o cunhado, Marco Aurélio Cota, onze meses após a morte de Lúcio Cota. Rutília414

levou consigo, ficando ao **cuidado de Marco,** o seu enteado e sobrinho de Marco, Lúciojúnior, e a sua filha e sobrinha *de Marco,* Aurélia. A família não tardou a aumentar; em pouco mais de um ano, Rutília deu a Marco, um filho, Caio, e depois outro, Marco júnior, no ano seguinte, e por fim um terceiro, Lúcio, sete anos mais tarde.

Aurélia foi a *única rapariga* que a sua mãe deu à luz e encontrava-se numa situação fascinante: do pai tinha um meio-irmão mais velho do que ela, e da mãe tinha três meios-irmãos mais novos e que também eram seus primos direitos, pois o pai dela era tio deles, e o pai deles tio dela. Podia ser extremamente desconcertante para

quem não estivesse a par, especialmente se fossem as crianças a explicar.

- Ela é minha prima - dizia Caio Cota, apontando para Aurélia.

- Ele é meu irmão - ripostava Aurélia, apontando para Caio Cota.

- Ele é meu irmão - dizia então Caio Cota, apontando para Marco Cota.

- Ela é minha irmã - dizia Marco Cota por seu lado, apontando para Aurélia.

- Ele é meu primo - dizia Aurélia por fim, apontando para Marco Cota.

Podiam ficar horas nisto; não era de admirar que as pessoas nunca percebessem. Não porque os complexos laços de sangue preocupassem alguma daquelas crianças decididas e voluntariosas que gostavam tanto umas das outras como de si próprias, e todas mantinham uma relação Caiorosa com Rutília e o seu segundo marido Aurélio Cota, que também se adoravam.

A família Aurélia era uma das Famílias Importantes, e o seu ramo Aurélio Cota era respeitavelmente idoso no Senado, embora fosse novo Pela nobreza concedida pelo consulado. Ricos devido a investimentos bem aplicados, enormes heranças de terrenos e muitos casamentos inteligentes, OS Aurélio Cota podiam ter muitos filhos sem se preocuparem com a adopção de alguns deles, e conceder às suas filhas dotes mais do que adequados.

A descendência que vivia sob o tecto de Marco Aurélio Cota e sua mulher Rutília, era por isso não só financeiramente bastante elegível e," termos de casamento, mas também de óptima aparência. E Aurélia, a única rapariga, era a que tinha melhor aspecto.

- Impecável! - era a opinião de Lúcio Licínio Crasso Orador, amante do luxo mas inquietamente brilhante, que era um dos mais ardentes - *e* importantes - pretendentes à sua mão.415

- Gloriosa! - era como a classificava Quinto Múcio Cévola, o melhor amigo e primo direito de Crasso Orador, que também inscrevera o seu nome na lista dos pretendentes.

- Desencorajadora! - foi o comentário de Marco Lívio Druso; era primo de Aurélia, e estava ansioso por desposá-la.

- Helena de Tróia! - era como Cneu Domício Aenobarbo a descrevia, pedindo a sua mão.

Com efeito, a situação era exactamente como Páblio Rutílio Rufo a descrevera na carta a Caio Mário: todos os homens de Roma queriam casar com a sua sobrinha Aurélia. O facto de bastantes pretendentes já terem mulheres não os desqualificava nem desonrava: o divórcio era fácil, e o dote de Aurélia era tão grande que um homem não tinha de preocupar-se por perder o dote da mulher anterior.

- Sinto-me exactamente como o rei Tíndaro quando todos os príncipes e reis importantes vinham pedir a mão de Helena - disse Marco Aurélio Cota para Rutília.

- Esse tinha Odisseu para lhe resolver o dilema - comentou Rutília.

- Quem me dera tê-lo! Seja a quem for que dê a sua mão, ofenderei todos os que não a conseguirem.

- Tal como Tíndaro - disse Rutília, assentindo.

E então, o Odisseu de Marco Cota veio jantar, embora fosse mais Ulisses, pois era um verdadeiro Romano: Públio Rutílio Rufo. Depois das crianças - e Aurélia - terem ido para a cama, a conversa recaiu, como sempre, no assunto do casamento de Aurélia. Rutílio Rufo

ouviu com interesse, e quando chegou o momento, deu a sua resposta; o que não disse à irmã e ao cunhado foi que o verdadeiro decifrador do enigma havia sido Caio Mário, cuja carta lapidar acabara de receber de África.

- É simples, Marco Aurélio - disse ele.

- Se é, estou demasiado envolvido para ver - disse Marco Cota. Esclarece-me, Odisseu!

Rutílio Rufo sorriu.

- Não, não vejo motivo para fazer uma canção e dançar, como fez Odisseu - contrapôs. - Estamos na Roma moderna e não na Grécia antiga. Não podemos matar um cavalo, dividi-lo em quatro e forçar todos os pretendentes de Aurélia a fazer-te uma jura de fidelidade, Marco Aurélio.

- Especialmente *antes* de saberem quem é o afortunado vencedor! disse Cota rindo. - Que românticos eram os antigos Gregos! Não, Públio416

Rutílio, receio que tenhamos de lidar aqui com romanos de temperamento litigioso e chicaneiros.

- *Precisamente* - afirmou Rutílio Rufo.

- Anda, irmão, tira-nos da nossa desgraça e diz-nos - incitou Rutília.

- Como eu disse, minha cara Rutília, é simples. Deixa a rapariga escolher o marido.

Cota e a mulher olharam-no espantados.

- Pensas mesmo que é sensato? - perguntou Cota.

- Nesta situação, a sensatez falha, e assim o que têm a *perder?* - *perguntou* Rutílio Rufo. - Não precisam que ela case com um homem

rico, e não há muitos caçadores de fortunas conhecidos na vossa lista de pretendentes, por isso limitem a escolha dela à vossa lista. Os Aurélios, os Júlios e os Cornélios também não costumam atrair pessoas que queiram subir na escala social. Além do mais, Aurélia tem muito bom-senso, não é de modo nenhum sentimental e ainda menos romântica. Não há-de decepcionar-vos!

- Tens razão - assentiu Cota. - Não deve haver nenhum homem que consiga transtornar Aurélia.

E no dia seguinte, Cota e Rutília chamaram Aurélia à salinha da mãe, com a intenção de lhe dizerem o que fora decidido acerca do seu futuro.

Ela entrou; sem se desviar, balançar, dar passadas grandes ou pequenas demais. Aurélia caminhava dum modo simples, movia-se com vigor e à-vontade, de ancas e rabo disciplinados para uma economia de movimentos, mantinha os ombros direitos, o queixo baixo e a cabeça erguida. Talvez a sua figura errasse por defeito, pois era alta e de peito liso mas vestia roupas extremamente simples, não usava sapatos de saltos altos de cortiça e desdenhava as jóias. Espesso e liso, o seu cabelo castanho-claro era apanhado atrás num rolo apertado colocado exactamente onde não podia ser visto de frente, o que não lhe efeminava o rosto. Nunca os cosméticos haviam manchado a sua pele densa e leitosa, sem qualquer *defeito,* levemente rosada nos incríveis malares e tornando-se num rosa suave na depressão abaixo. Tão liso e arqueado como se tivesse sido talhado Por Praxíteles, o seu *nariz* era demasiado longo para provocar suspeitas de sangue Celta, e por ser desculpado pela falta de carácter - dito por outras palavras,,, a falta de bossas e corcovas romanas. De carmisim, exuberante e de deliciosamente enrugados nos cantos, os seus lábios eram dos que fazem os homens ficar doidos por beijá-los com ardor. E *neste*417

belo rosto em forma de coração com o seu queixo com mossas e a testa alta e o cabelo em bico no meio da fronte, surgia um enorme

par de olhos que todos insistiam não serem azuis escuros mas sim *púrpura,* rodeados por longas e espessas pestanas negras e coroados por sobrancelhas negras arqueadas e finas como plumas.

Muitas eram as discussões nos banquetes dos homens (pois podia-se certamente prever que entre os convidados estariam dois ou três dos pretendentes inscritos na lista) sobre aquilo em que consistia exactamente o encanto de Aurélia. Alguns diziam que residia nesses pensativos olhos púrpura afastados; outros insistiam que era a notável pureza da pele; outros ainda escolhiam a rigidez encovada das faces; uns poucos falavam apaixonadamente em segredo da sua boca ou do queixo com covinhas, ou das mãos e pés delicados.

- Não é nenhuma dessas coisas e no entanto são todas elas - rosnou Lúcio Licínio Crasso Orador. - Tontos! Ela é uma Vestal à solta - *é Diana* e não Vénus! Inatingível. E aí reside o seu fascínio.

- Não, são aqueles olhos púrpura - disse o jovem filho de Escauro Princeps Senatus, outro Marco, tal como o pai. - Púrpura é *a* cor! Nobre! Ela é um presságio vivo.

Mas quando o presságio vivo entrou na salinha da mãe com um ar tão ponderado e imaculado como sempre, não trouxe consigo nenhum ambiente dramático; com efeito, o carácter de Aurélia não encorajava o drama.

- Senta-te, filha - disse Rutília sorrindo. Aurélia sentou-se e entrelaçou as mãos no colo.

- Queremos falar contigo acerca do teu casamento - disse Cota, e aclarou a garganta, esperando que ela dissesse algo para o ajudar a explicar melhor.

Mas não recebeu nenhum auxílio; Aurélia limitou-se a fitá-lo com uma espécie de interesse distante, nada mais.

- O que pensas tu?

Aurélia encolheu os ombros.

- Acho que apenas espero que escolham alguém que me agrade.

- Sim, também o esperamos - disse Cota.

- De quem é que *não* gostas? - perguntou Rutília.

- De Cneu Domício Aenobarbo Júnior - afirmou Aurélia sem qualquer hesitação, identificando-o pelo nome completo.

Cota considerou a justiça da afirmação.418

- Alguém mais? - perguntou.

- Marco Emílio Escauro júnior.

- Oh, é pena! - exclamou Rutília. - Acho-o muito simpático. É verdade!

- Concordo que é muito simpático - disse Aurélia -, mas é tímido, Cota nem tentou disfarçar o sorriso.

- Não te agradava ter um marido tímido, Aurélia? Poderias mandar em casa!

- Uma boa esposa romana não manda em casa.

- Tanto pior para Escauro. Falou a nossa Aurélia - Cota agitou a cabeça e ombros para trás e para a frente. - Mais alguém de quem não *gostes?*

- Lúcio Licínio.

- Que mal tem?

- É gordo - os lábios enrugados apertaram-se.

- Sem graça nenhuma, queres dizer?

- Isso indica falta de disciplina, pai - havia alturas em que Aurélia a Cota chamava pai, outras vezes em que era tio, mas a escolha nunca era ilógica; quando o discurso revelava que ele estava a agir num papel paternal, era pai, e quando estava a actuar num papel avuricular, era tio.

- Tens razão - disse Cota.

- Existe alguém com quem preferisses casar, mais do que todos os outros? - perguntou Rutília, tentando o caminho oposto.

Os lábios enrugados descontraíram-se.

- Não, mãe. Fico contente por deixar a decisão a teu *cargo e do* pai.

- Que esperas do casamento? - perguntou Cota.

- Um marido da minha posição social que adore os seus... saudáveis e numerosos filhos.

- Uma resposta de compêndio! - disse Cota. - De primeira categoria, Aurélia.

Rutília olhou o marido de relance, com uma ligeira sombra de divertimento nos olhos.

- Diz-lhe, Marco Aurélio, diz! Cota aclarou de novo a garganta.

- Bem, Aurélia, colocas-nos um pequeno problema - disse. - Ao todo, tenho trinta e seis pedidos de casamento. Nenhum desses pretendentes esperançosos pode ser recusado como inaceitável. Alguns são *de*419

posição social muito mais elevada que nós, outros de fortuna muito maior que a nossa - e alguns ainda têm posição e fortuna em excesso em relação a nós! O que nos conduz a um dilema. Se *nós*

escolhermos o teu marido, *criaremos* imensos inimigos, o que pode não nos preocupar demasiado mas dificultará a vida aos teus irmãos mais para a frente. Estou certo de que entendes isso.

- Entendo, pai - respondeu Aurélia com ar sério.

- De qualquer modo, o teu tio Públio propôs a única resposta possível: serás *tu* a escolher o teu marido, filha.

E pela primeira vez, ela perdeu a compostura; ficou pasmada.

- Eu?

- TU.

As mãos da rapariga cobriram as suas bochechas ruborizadas e olhou para Cota horrorizada.

- Mas não posso fazê-lo! - gritou. - Não é... não é próprio de uma *romana!*

- Estou de acordo - disse Cota. - Não é próprio de uma romana, mas é-o de uma Rutília.

- Precisávamos *de um* Odisseu para nos indicar o caminho e felizmente temos um na família - disse Rutília.

- Oh! - Aurélia agitou-se, torceu-se. - Oh, oh!

- Que é, Aurélia? Não tens facilidade em resolver? - perguntou Rutília.

- Não, não é isso - disse Aurélia, cuja cor voltara ao normal, passando depois a um tom mais claro, até ficar lívida. - É que... bem... encolheu os ombros e levantou-se. - Posso sair?

- Podes.

A porta, virou-se para olhar para Cota e Rutília, muito séria.

- De quanto tempo disponho para me decidir? - perguntou.

- Oh, não há pressa - disse Cota simplesmente. - Farás dezoito anos no fim de Janeiro mas nada diz que tenhas de casar assim que chegares à idade adequada. Dispõe do tempo de que precisares.

- Obrigada - disse ela, e saiu da sala.

O seu pequeno quarto era um dos cubículos que davam para o *átrium,* e por isso era tão fechado e escuro; num seio familiar tão cuidadoso e carinhoso, a única filha não poderia dormir em nenhum outro lugar que fosse menos protegido. No entanto, sendo a única filha entre tantos rapazes, era muito acarinhada e podia ter-se transformado numa rapariga mimada420

se tivesse em si o germe de tal defeito. Felizmente não tinha. A opinião consensual na família era de que Aurélia era impossível de estragar com mimos, pois não tinha um átomo de avareza ou inveja. O que não lhe dava uma natureza doce, nem mesmo adorável; de facto, era muito mais fácil admirar e respeitar Aurélia do que amá-la, pois ela não se dava. Em criança, se ouvia o irmão mais velho ou mesmo um dos mais novos vangloriar-se, ficava impassível, e quando se cansava dava-lhe um soco forte no ouvido e afastava-se sem uma palavra.

Por ser a única rapariga, os seus pais sentiam que ela precisava de um domínio para si própria bem demarcado do dos rapazes, e por isso recebera um quarto relativamente grande e soalheiro que dava para o jardim do peristilo, assim como uma serva particular, a gaulesa Cardixa, que era uma jóia de rapariga. Quando Aurélia casasse, Cardixa iria com ela para a casa do marido.

Um olhar rápido para o rosto de Aurélia quando esta entrou na sua salinha informou Cardixa de que ocorrera qualquer coisa muito importante, mas não disse nada, nem esperava ser informada, pois

a relação meiga e agradável entre ama e serva não implicava confidências femininas. Era evidente que Aurélia precisava de estar só, e por isso Cardixa saiu.

O gosto de Aurélia era patente no quarto, onde a maioria das paredes estava cheia de prateleiras com muitos rolos de livros; sobre a mesa de trabalho encontravam-se pilhas de papel, canetas feitas de cana, tabuinhas de cera, um estilete para escrever na cera, blocos de tinta sépia comprimida para ser dissolvida em água, um tinteiro coberto, um frasco de areia para absorver a tinta e um ábaco.

A um canto havia um tear inteiro de Patávio, e as paredes atrás dele tinham cavilhas para pendurar dezenas de meadas de lã numa miríade de espessuras e cores - vermelhos e púrpuras, azuis e verdes, rosas e Cremes, amarelos e laranjas - porque Aurélia fazia o tecido para todas as suas roupas e adorava tons brilhantes. No tear estava um grande tecido *dum* tom impreciso cor de fogo, feito com um fio de lã da espessura de um cabelo; o véu de casamento de Aurélia, um verdadeiro desafio. O *tecido* cor de açafrão para o vestido de casamento já estava pronto e permanecia dobrado sobre uma prateleira até chegar a hora de fazer o vestido; dava azar começar a cortar e coser o vestido antes que o noivo estivesse oficialmente comprometido.421

Talentosa neste tipo de trabalhos, Cardixa ia a meio na confecção de um biombo com embutidos feito de uma formidável madeira africana; os pedaços de sardônica, jaspe, cornalina e ônix com que tencionava entalhá-lo num padrão de folhas e flores estavam todos cuidadosamente embrulhados dentro de uma caixa de madeira, exemplo anterior da sua habilidade.

Aurélia foi até ao lado exposto do quarto, fechando as persianas, cujas grades deixou abertas para deixar entrar o ar fresco e uma luz velada; o facto de as persianas estarem fechadas era sinal de que ela não queria ser perturbada por ninguém, quer se tratasse de

algum irmãozinho ou da serva. Então, sentou-se à mesa de trabalho, imensamente transtornada e espantada, cruzou as mãos sobre o tampo da mesa e pensou.

O que faria Cornélia, a mãe dos Gracos?

Era esse o critério que Aurélia adoptava para tudo: o que faria Cornélia, a mãe dos Gracos? O que pensaria Cornélia, a mãe dos Gracos? O que sentiria Cornélia, a mãe dos Gracos? Porque Cornélia, a mãe dos Gracos, era a heroína de Aurélia, o seu exemplo, o seu critério de avaliação de conduta em palavras e actos.

Entre os livros que enchiam as paredes da sua salinha de trabalho, estavam todas as cartas e ensaios publicados por Cornélia, a mãe dos Gracos.

E quem era ela, essa Cornélia, a mãe dos Gracos? Tudo o que uma nobre romana deve ser, desde o momento do nascimento até ao momento da morte: era exactamente isso.

Era a filha mais nova de Cipião Africano - que enganou Aníbal e conquistou Cartago - e casara com o importante nobre Tibério Semprónio o no seu décimo nono ano, que era o quadragésimo quinto dele; a mãe, Emília Paula, era irmã do grande Emílio Paulo, o que fazia com que Cornélia pertencesse aos Gracos patrícios tanto pelo lado do pai como da mãe.

A sua conduta enquanto mulher de Tibério Semprónio Graco foi impecável, e, pacientemente, durante os quase vinte anos do seu casamento, deu-lhe doze filhos. Caio Júlio César teria provavelmente afirmado que eram os cruzamentos incessantes de duas famílias muito antigas - os Cornélios e os Emílios - que tornavam os seus filhos enfermiços, pois todos o eram. Mas, infatigável, ela persistiu, e tratou de cada filho com uma atenção escrupulosa e muito amor; e conseguiu criar três deles. Semprónia foi a primeira que sobreviveu até à idade adulta; o segundo422

foi um **rapaz, que herdou** o nome do pai, Tibério; e o terceiro foi outro rapaz, Caio Semprónio Graco.

Ela tinha uma educação esmerada e valia bem o pai que teve, que considerava tudo o que era grego como o pináculo da cultura mundial, e foi ela mesma que educou os seus três filhos (e, de entre os nove que morreram, os que chegaram à idade de receber instrução) e orientou todos os aspectos da sua educação. Quando o marido morreu, ela ficou com Semprónia de quinze anos, Tibério Graco de doze anos e Caio Graco de dois anos de idade, e ainda alguns dos que haviam sobrevivido.

Todos queriam casar com a viúva, pois provara ser fértil com uma regularidade surpreendente, e ainda o era; além disso, era filha do Africano, sobrinha de Paulo e viúva de Tibério Semprónio Graco; e era fabulosamente rica.

Entre os seus pretendentes encontrava-se nada menos que o rei Ptolomeu Euergetes da Grande Barriga - nessa altura último rei do Egipto, actual rei da Cirenaica - que visitara Roma regularmente durante os anos decorridos entre a sua deposição no Egipto e a reintegração como seu único governante, nove anos após a morte de Tibério Semprónio Graco. Aparecia a balir aos ouvidos enfastiados do Senado e agitava e subornava, numa tentativa para o deixarem voltar a ocupar o trono do Egipto.

Quando Tibério Semprónio Graco morreu, o rei Ptolomeu Euergetes da Grande Barriga era oito anos mais novo que Cornélia, de trinta e seis anos - e bastante mais magro na região da cintura do que viria a ser mais tarde, quando o primo direito e genro da mãe dos Gracos, Cipião Emiliano, se gabaria de ter corrido com aquele rei do Egipto, indecentemente vestido e horrivelmente gordo! Ele pediu a sua mão com tanta persistência e constância como reclamava o trono do Egipto, mas com o mesmo êxito. A mãe dos Gracos nunca pertenceria a um mero rei estrangeiro, por mais rico e poderoso que fosse.

De facto, Cornélia decidira que uma verdadeira mulher da nobreza romana casada com um importante nobre romano durante quase vinte anos não tinha nada que voltar a casar-se. Por isso, pretendente atrás de pretendente era recusado com uma delicada cortesia; a viúva prosseguiu sozinha os esforços para criar os filhos.

Quando Tibério Graco foi assassinado durante o seu tribunato da plebe, ela continuou a viver de cabeça erguida, mantendo-se firmemente indiferente a todas as insinuações sobre a implicação do seu primo direito423

Cipião Emiliano no assassínio; e manteve-se igualmente indiferente ao *horror* da situação marital existente entre Cipião Emiliano *e a mulher, a* sua própria filha, Semprónia. Depois, quando encontraram Cipião Emiliano morto em circunstâncias misteriosas e se ouviram boatos de que também fora assassinado - pela mulher, a própria filha de Cornélia - ela manteve-se igualmente indiferente. Por fim, acabou por ficar com um único filho vivo para alimentar e encorajar na sua florescente carreira pública, o seu querido Caio Graco.

Caio Graco morreu com grande violência pela altura em que ela fez setenta anos, e todos julgaram que finalmente ocorrera o golpe com a força suficiente para abater Cornélia, a mãe dos Gracos. Mas não. De cabeça erguida, continuou a viver, viúva, sem os seus esplêndidos filhos, tendo por única filha a amarga e estéril Semprónia.

- Tenho a minha querida Semprónia pequena para criar - dizia, referindo-se à filha de Caio Graco, uma bebé pequena.

Mas abandonou Roma, embora nunca tenha abandonado a vida ou a busca de tudo o que se relacionasse com a cidade. Mudou-se permanentemente para a sua enorme *villa* de Miseno, que não era mais do que o seu monumento a tudo o que Roma podia oferecer ao mundo em termos de gosto e requinte e esplendor. Foi aí que reuniu as suas cartas e ensaios e autorizou o velho Sósio do Argileto a

publicá-los graciosamente, depois de os seus amigos lhe terem implorado que não os deixasse desconhecidos para a posteridade. Tal como a sua autora, eram joviais, cheios de graça, encanto e espírito, mas muito intensos e profundos; em Miseno, foram aumentados, pois a mãe dos Gracos, mesmo com o passar dos anos, nunca perdeu as suas faculdades mentais ou a erudição ou o interesse.

Quando Aurélia tinha dezasseis anos e Cornélia, a mãe dos Gracos, oitenta e três, Marco Aurélio Cota e a mulher Rutília, fizeram uma visita de cerimónia - que de facto era uma visita ansiosamente esperada - à mãe dos Gracos, quando iam de passagem pelo Miseno. Traziam consigo a sua tribo inteira de filhos, incluindo o soberbo Lúcio Aurélio Cota, que, como era natural aos vinte e seis anos, não se considerava um verdadeiro membro da tribo. **Todos receberam ordens** *para permanecerem* calados como ratos, recatados como Vestais, sossegados como os gatos antes de atacarem - nada de dar pontapés nas pernas das cadeiras, nervosismos, agitação - sob pena de morrerem na agonia de torturas indescritíveis.

Mas Cota e Rutília não precisavam de se ter preocupado com o *proferir* ameaças que eram estranhas às suas naturezas. Cornélia, a mãe dos424

Gracos, sabia praticamente tudo o que se devia saber sobre miúdos pequenos e grandes, e a sua neta, SemPrónia, tinha um ano a menos que Aurélia. Deliciada por se ver rodeada por crianças tão interessantes e vivas, divertiu-se imenso, e por muito mais tempo do que os seus escravos dedicados considerariam sensato, pois desta vez ela estava frágil, e tinha os lábios e os lóbulos das orelhas permanentemente roxos.

E Aurélia saiu de lá cativada, inspirada - jurou que quando fosse mais velha, a sua vida se regeria pelos mesmos padrões de vigor romano, resistência romana, integridade romana e paciência romana

que Cornélia, a mãe dos Gracos. Foi a partir de então que a sua biblioteca se enriqueceu com os escritos da velha senhora e se estabeleceu o padrão de uma vida igualmente notável.

A visita nunca se repetiu, pois no Inverno seguinte Cornélia, a mãe dos Gracos, morreu, sentada muito direita numa cadeira, de cabeça erguida, segurando a mão da neta. Acabara de informar a rapariga dos seus esponsais com Marco Fúlvio Flaco Bambalião, único 'sobrevivente da família dos Fúlvios Flacos que morrera por apoiar Caio Graco; era adequado, disse ela à jovem Semprónia, que, como única herdeira da enorme fortuna Semprónia, levasse essa fortuna em oferenda a uma família que se vira privada da sua fortuna em defesa da causa de Caio Graco. Cornélia, a mãe dos Gracos, também estava contente por poder dizer à neta que ainda detinha suficiente influência no Senado para fazer aprovar um decreto que renunciasse às provisões da *lex Voconia de mulierum heredtatibus,* para o caso de aparecer algum parente afastado do sexo masculino, afirmando-se com direito à enorme fortuna Semprónia de acordo com esta lei contrária às mulheres. A renúncia, acrescentou ela, estendia-Se até à geração seguinte, para o caso de haver outra mulher que provasse ser a única herdeira directa.

A morte de Cornélia ocorreu tão repentina e misericordiosamente, que Roma inteira rejubilou; os deuses haviam verdadeiramente amado

- e posto cruelmente à prova - a mãe dos Gracos! Como era uma Cornélia, foi inumada em vez de ser cremada; de todas as famílias de Roma, os membros da *gens* Cornélia eram os únicos que mantinham os seus corpos intactos após a morte. A sua sepultura era um monumento imponente na Via Latina, e nunca lhe faltavam oferendas de flores a toda a volta. E com o passar do tempo, a sepultura tornou-se um sacrário e altar, embora o culto nunca tivesse sido reconhecido oficialmente. Uma mulher romana que carecesse das qualidades associadas a Cornélia, a mãe dos Gracos,425

dirigia-lhe orações e oferecia-lhe flores. Tornara-se uma deusa de tipo novo em qualquer panteão; uma figura de espírito invencível perante o sofrimento.

O que faria Cornélia, a mãe dos Gracos? Desta vez, Aurélia não tinha resposta para a pergunta; nem a lógica nem o instinto podiam enxertar a situação difícil de Aurélia noutra pessoa a quem os pais nunca, mas nunca, teriam concedido a liberdade de escolher o próprio marido. Era evidente que Aurélia podia apreciar as razões que haviam levado o astuto tio Públio a sugeri-lo; a sua formação clássica era mais do que ampla para estabelecer o paralelo com Helena de Tróia, embora Aurélia não se achasse tão fatalmente bela - mas antes alguém irresistivelmente elegível.

Por fim, chegou à única conclusão que Cornélia, a mãe dos Gracos, teria aprovado; teria de examinar meticulosamente os seus pretendentes e escolher o melhor. O melhor não era o que a atraísse mais. O melhor seria o que se mostrasse à altura do ideal romano. Tinha de ser bem nascido, de uma família senatorial, no mínimo - e de uma família cuja *dignitas,* cujo valor público e posição social em Roma remontasse às gerações desde a fundação da República sem qualquer mácula, nódoa ou cicatriz; tinha de ser corajoso, não se deixar tentar pela ambição monetária, ser superior a subornos ou a prostituição ética e, se necessário, estar pronto a dar a vida por Roma ou pela sua honra.

Bem difícil! O problema era: como podia uma rapariga de um meio tão protegido ter a certeza de fazer um julgamento acertado? Então, decidiu falar com os três membros adultos da sua família mais chegada Marco Cota, Rutília e o seu meio-irmão mais velho, Lúcio Aurélio Cota

- e pedir-lhes opiniões sinceras sobre cada um dos seus pretendentes. Os três ficaram surpreendidos mas tentaram ajudar tanto quanto possível; infelizmente, todos eles tiveram de admitir

que tinham preconceitos pessoais que deformavam a sua avaliação, e isso acabou por não adiantar muito para Aurélia.

- Não há nenhum que ela realmente prefira - disse Cota com tristeza à mulher.

- Nem um só! - afirmou Rutília, suspirando.

- É inacreditável, Rutília! Uma rapariga de dezoito anos que não tem desejo por *ninguém? O* que se passará com ela?

- Como hei-de saber? - perguntou Rutília, sentindo-se injustamente obrigada a pôr-se na defensiva. - Ela não herdou isso do *meu lado!*426

- Com certeza que não o herdou do meu! - disse Cota com secura, e a seguir tentou afastar a exasperação, beijou a mulher para recompor as coisas e voltou a cair na depressão. - Era capaz de apostar que acabará por decidir que nenhum presta!

- Estou de acordo - disse Rutília.

- O que vamos fazer, então? Se não tivermos cuidado acabaremos por ter a primeira solteirona voluntária em toda a história de Roma!

- É melhor mandá-la ir ter com o meu irmão - disse Rutília. - Poderá discutir o assunto com ele.

Cota animou-se.

- Que excelente ideia! - concordou.

No dia seguinte, Aurélia foi a pé desde a mansão de Cota, no Palatino, até à casa de Públio Rutílio, nas Carinas, acompanhada pela serva particular, Cardixa, e dois enormes escravos gauleses cujas obrigações eram numerosas e variadas mas exigiam todas muita força física; Cota e Rutília não tinham querido estragar a

reunião entre Aurélia e o tio com a presença de pais. Marcara-se hora, pois sendo um cônsul encarregado da administração de Roma - libertando assim Cneu Málio Máximo, ocupado a recrutar o enorme exército que tencionava levar para a Gália Transalpina no fim da Primavera - Rutílio Rufo era um homem ocupado. Mas nunca demasiado para tratar dos assuntos familiares que vinham ao seu encontro.

Marco Cota procurara o cunhado pouco antes do amanhecer e explicara-lhe a situação - que parecera diverti-lo enormemente.

- A pequena! - exclamou, sacudindo os ombros. - Completamente virgem. Bem, teremos de ver se ela não toma a decisão errada e não permanece virgem o resto da vida, por mais maridos e filhos que tenha.

- Espero que tenhas uma solução, Públio Rutílio - disse Cota. - Eu nem vislumbro o menor raio de luz.

- Eu sei o que fazer - disse Rutílio Rufo com presunção. - Manda-ma cá antes da décima hora. Poderá jantar comigo. Não tenhas receio, porque a mandarei para casa numa liteira sob forte protecção.

Quando Aurélia chegou, Rutílio Rufo mandou Cardixa e os dois servos gauleses jantar e ficar à espera o tempo necessário nos alojamentos dos escravos; conduziu Aurélia até à sala de jantar e fê-la sentar-se confortavelmente numa cadeira de espaldar direito onde poderia conversar tão bem com o tio como com alguém que se sentasse à sua esquerda.427

- Espero apenas um convidado - informou ele, enquanto se instalava no seu leito. - Brrr! Isto está gelado, não achas? Que me dizes a umas meias quentes de lã, sobrinha?

Outra rapariga de dezoito anos teria preferido morrer a usar uma coisa tão feia como um confortável par de meias de lã, mas o

mesmo não pensava Aurélia, que comparou a temperatura ambiente da sala com o seu estado e assentiu.

- Obrigada, tio Públio.

Chamaram Cardixa e pediram-lhe que fosse pedir ao mordomo o par de meias, o que ela fez com prontidão.

- Como és sensata! - afirmou Rutílio Rufo, que adorava o bom senso de Aurélia tal como outro homem podia adorar uma pérola perfeita encontrada nos baixios de óstia. Como não era grande apreciador de mulheres, nunca parava para pensar que o bom senso era uma qualidade tão rara nos homens como nas mulheres; simplesmente, como só procurava essa falha nas mulheres, acabava muitas vezes por encontrá-la. Era assim que via Aurélia: era a sua pérola miraculosa, encontrada nos baixios do sexo feminino, e ele estimava-a muito.

- Obrigada, tio Públio - disse Aurélia, dando depois atenção a Cardixa, que estava a retirar as meias, ajoelhada.

As duas raparigas estavam absortas a calçar as meias quando entrou o único convidado; nenhuma delas se deu ao trabalho de olhar ao ouvirem os cumprimentos, à sua esquerda.

Quando Aurélia se endireitou, olhou Cardixa nos olhos e agradeceu, dirigindo-lhe um dos seus raros sorrisos.

E quando se endireitou totalmente e olhou o tio e o convidado do outro lado da mesa, o sorriso ainda se mantinha, tal como o rubor por ter estado inclinada; era de deixar a respiração suspensa.

A do convidado também ficou suspensa, tal como a de Aurélia.

- Caio Júlio, apresento-te Aurélia, a filha da minha irmã - disse Públio Rutílio suavemente. - Aurélia, gostava que conhecesses o filho do

meu velho amigo Caio Júlio César: chama-se Caio, tal como o pai, mas não é o mais velho.

Com os olhos púrpura ainda maiores do que de costume, Aurélia observou a forma do seu destino, e nem por uma vez pensou no ideal romano nem em Cornélia, a mãe dos Gracos. Ou talvez tenha pensado a um nível mais profundo; porque ele estava à altura, embora apenas o tempo pudesse provar-lho. Neste momento do encontro, tudo o que via428

Aurélia era o seu longo rosto romano com o seu longo nariz romano, olhos mais azuis que há, o cabelo louro levemente ondulado, a boca bonita, E, depois de todo aquele debate interno, de todas as deliberações vãs, resolveu o seu dilema da forma mais natural e satisfatória. Apaixonou-se.

Claro que eles falaram. De facto, foi um jantar muito agradável, Rutílio Rufo reclinou-se apoiado no cotovelo esquerdo e deu-lhes a palavra, divertido com a sua inteligência a escolher entre as centenas de jovens que conhecia o que iria agradar à sua pérola preciosa. Escusado será dizer que gostava imenso de Caio Júlio César e tinha expectativas em relação aos anos que se seguiam; o rapaz pertencia ao melhor tipo de família romana. E como era um verdadeiro romano, Públio Rutílio Rufo gostava particularmente - se a atracção entre Caio Júlio César e a sobrinha chegasse a florescer, como ele secretamente esperava que acontecesse que se criasse uma ligação quase familiar entre ele e o seu velho amigo Caio Mário. Os filhos do jovem Caio Júlio César e da sua sobrinha Aurélia seriam primos direitos dos Filhos de Caio Mário.

De um modo geral demasiado acanhada para fazer perguntas, Aurélia esqueceu-se totalmente das boas maneiras e perguntou tudo o que lhe apeteceu ao jovem Caio Júlio César. Descobriu que ele estivera em África com o cunhado Caio Mário no cargo de tribuno militar júnior e fora condecorado em diversas ocasiões: uma *Corona Muralis* pela batalha na cidadela do Mulucha, um estandarte após a

primeira batalha fora de Cirta, e *nove phalerae* de prata depois da segunda. Sofrera um ferimento grave na anteperna durante o segundo combate e fora mandado para casa, honrosamente desmobilizado. A nada disto ele atribuiu grande valor, pois estava mais interessado em contar-lhe as façanhas do seu irmão mais velho, Sexto, nas mesmas campanhas.

Ela descobriu ainda que nesse ano o rapaz tinha sido escolhido para moedeiro, um dos três jovens encarregados da cunhagem das moedas romanas durante os anos pré-senatoriais, o que lhes dava a oportunidade de aprender como funcionava a economia romana.

- O dinheiro desaparece da circulação - afirmou ele, que nunca tinha tido um público tão interessante como interessado. - A nossa tarefa *é* fazer mais dinheiro, mas não à nossa vontade! É o Tesouro que determina a quantidade de moedas novas a ser cunhadas por ano; nós *limitamo-nos* a cunhá-las.

- Mas como podem as moedas desaparecer? - perguntou Aurélia, franzindo o sobrolho.429

- Oh, podem cair numa sargeta ou arder num incêndio - respondeu o jovem César. - Algumas moedas ficam gastas. Mas a maior parte das vezes as moedas desaparecem porque são amealhadas. E quando o dinheiro é amealhado, não pode cumprir a sua função.

- Qual é a sua função? - perguntou Aurélia, que nunca ligara muito ao dinheiro, pois tinha necessidades simples e os seus pais eram sensíveis a elas.

- Mudar de mãos constantemente - explicou o jovem Caio César. -

Chama-se a isso circulação. E quando o dinheiro circula, cada mão por onde passou foi abençoada por ele. O dinheiro serve para comprar bens ou trabalho. Mas tem de ser mantido em circulação.

- Então, tens de fazer dinheiro novo para substituir as moedas que alguém anda a amealhar - disse **Aurélia com ar** pensativo. - No entanto, se as moedas foram amealhadas, ainda existem, não é? O que acontecerá, por exemplo, se de repente uma grande quantidade de moedas que foram amealhadas for... *desamealhada?*

- O dinheiro passa a valer menos.

Depois da sua primeira lição de economia básica, Aurélia passou ao processo da cunhagem da moeda.

- Somos nós que decidimos o que vem nas moedas - disse o jovem Caio César ansiosamente, cativado pela sua ouvinte atenta.

- Referes-te à Vitória na sua *biga?*

- Bem, é mais fácil pôr um carro de dois cavalos numa moeda do que um de quatro, e é por isso que a Vitória conduz uma *biga* e não uma *quadriga* - respondeu ele. - Mas os que têm alguma imaginação gostam de fazer algo mais original do que a Vitória ou Roma. Quando há três edições de moedas num ano, e geralmente há-as, cada um de nós pode escolher o que aparecerá numa das edições.

- E vais escolher alguma coisa? - perguntou Aurélia.

- Sim. Tirámos à sorte e eu fiquei com o denário de prata. Por isso, o denário deste ano terá a cabeça de lúlo, filho de Eneias, de um dos lados e a Aqua Marcia do outro, em honra de Marcius Rex, meu avô - revelou o jovem César.

Depois, Aurélia descobriu que ele iria candidatar-se à eleição para tribuno dos soldados no Outono; o seu irmão, Sexto, fora eleito tribuno dos soldados este ano e ia para a Gália com Cneu Málio Máximo.

Depois de terminarem o último prato, o tio Públio mandou a sobrínha para casa na liteira bem protegida que prometera. Mas

convenceu o seu convidado masculino a ficar mais um pouco.430

- Toma uma ou duas taças de vinho puro comigo - disse-lhe. - Estou tão cheio de água que vou ter de ir lá fora encher um balde inteiro.

- **Eu acompanho-te** - disse o convidado a rir.

- E que tal achaste a minha sobrinha? - perguntou Rutílio Rufo depois de lhes terem servido uma excelente colheita da Toscânia.

- Isso é o mesmo que perguntar se gosto de viver! Há alguma alternativa?

- Gostaste assim tanto dela?

- Se gostei dela? Sim, gostei. Até estou apaixonado! - afirmou o jovem César.

- Queres casar com ela?

- É evidente que quero! E segundo penso, tal como metade de Roma.

- É verdade, Caio Júlio, Isso faz-te desistir?

- Não. Irei ter com o seu pai... quero dizer, o seu tio Marco. E tentarei voltar a vê-la, fazer com que pense em mim com simpatia. Vale a pena tentar, porque sei que gostou de mim.

Rutílio Rufo sorriu.

- Sim, também penso que gostou - deslizou do leito. - Vai para casa, jovem Caio Júlio, conta os teus planos ao teu pai, e depois vai ter com Marco Aurélio amanhã. Quanto a mim, estou cansado e vou para a cama.

Apesar de se ter mostrado muito confiante a Rutílio Rufo, o jovem Caio César foi para casa num estado de espírito bem menos

confiante. A fama de Aurélia era conhecida. Muitos dos seus amigos tinham pedido a sua mão; Marco Cota havia-se recusado a acrescentar alguns deles à lista, enquanto outros tinham sido admitidos. Entre os candidatos bem sucedidos havia nomes mais augustos que o dele, quanto mais não fosse por estarem associados a grandes fortunas. Ser um Júlio César significava pouco mais que uma distinção social, mas tão segura que nem *a pobreza* destruía a sua aura. Porém, como poderia ele competir com jovens como Marco Lívio Druso ou Escauro ou Licínio Orador ou múcio Cévola ou *O* mais velho dos irmãos Aenobarbos? Como não sabia que Aurélia tivera a oportunidade de escolher o marido, o jovem César via as suas hipóteses muito reduzidas.

Quando passou a porta principal e entrou no *átrium,* viu as luzes acesas no gabinete do pai e afastou algumas lágrimas repentinas antes de *se* dirigir em silêncio à porta meio-aberta e bater.

- Entra - disse uma voz cansada.431

Caio Júlio César estava a morrer. Todos na casa o sabiam, incluindo ele próprio, apesar de não se **ter dito nenhuma palavra** sobre o assunto. A doença começara por uma dificuldade em engolir, uma coisa insidiosa que ia avançando, tão lentamente no início que era difícil dizer se havia piorado. Então, a voz começou a enrouquecer-lhe, e depois vieram as dores; de início não eram insuportáveis. Agora, tinham-se tornado constantes, e Caio Júlio César já não conseguia engolir alimentos sólidos. Até aí, recusara-se a ser visto por um médico, apesar de Márcia insistir com ele todos os dias.

- Pai?

- Vem fazer-me companhia, jovem Caio - disse César, que fazia sessenta anos este ano mas à luz da lamparina parecia ter oitenta. Perdera tanto peso que a pele lhe pendia, parecia um esqueleto e o sofrimento constante retirara a vida dos seus olhos, outrora de um azul intenso. Estendeu a mão na direcção do filho; sorriu.

- Oh, pai! - O jovem César tentou corajosamente afastar a emoção da voz, mas não conseguiu; atravessou a sala, dirigindo-se a César, pegou-lhe na mão e beijou-a, depois aproximou-se mais e apertou o pai contra si, com os braços em torno dos seus ombros descarnados, as bochechas encostadas ao cabelo prateado-dourado agora baço.

- Não chores, meu filho - disse César, com voz rouca. - Em breve tudo estará acabado. Atenodoro Sículo vem cá amanhã.

Um romano não chorava. Ou não devia chorar. Embora para o jovem César isso parecesse um padrão de comportamento errado, dominou as lágrimas, afastou-se e sentou-se a uma distância suficiente para manter o aperto daquela mão parecida com uma garra.

- Talvez Atenodoro saiba o que *fazer - sugeriu.*

- Atenodoro saberá o que todos sabemos, que tenho uma excrescência incurável na garganta - respondeu César. - Contudo, a tua mãe está a espera de um milagre e já **estou num ponto** em que Atenodoro nem poderá pensar em conceder-lhe um. Continuei a viver por um motivo: para me assegurar de que todos os membros da minha família têm o necessário e estão bem casados - César fez uma pausa, e com a mão livre procurou a taça de vinho puro que era agora o seu único consolo físico. Deu um ou dois goles minúsculos e depois continuou.

- Tu és o último, jovem Caio - murmurou. - O que poderei esperar para ti? Há muitos anos, concedi-te um luxo, de que ainda não te serviste: o de escolheres a tua própria esposa. Agora, penso que chegou a432

hora de fazeres a tua escolha. Ficarei mais descansado se souber que estás bem casado.

O jovem Caio César levantou a mão do pai e levou-a até à sua bochecha, inclinando-se para a frente e suportando-lhe o peso do braço.

- Encontrei uma, pai - disse-lhe. - Conheci-a esta noite... Não é estranho?

- Em casa de Públio Rutílio? - perguntou César com incredulidade, O jovem fez um sorriso largo.

- Penso que ele esteve a fazer de alcoviteiro!

- Que estranho papel para um cônsul.

- Sim. - O jovem César respirou. - Ouviste falar da sobrinha dele, a enteada de Marco Cota, Aurélia?

- A beldade do dia? Acho que já todos devem ter ouvido *falar,*

- É ela.

César ficou com um ar perturbado.

- A tua mãe disse-me que há uma lista enorme de pretendentes, incluindo os homens solteiros mais ricos e nobres de Roma... e até mesmo alguns que não são solteiros, segundo ouvi dizer.

- Tudo isso é verdade - afirmou o jovem Caio. - Mas serei *eu* a casar com ela, não duvides!

- Se os teus instintos não te enganam, vais arranjar lenha para te queimares - disse o pai muito sério. - As beldades do calibre dela não dão boas esposas, Caio. São mimadas, caprichosas, teimosas e petulantes. Deixa-a casar com outro homem e escolhe uma rapariga mais humilde

- ficou mais sossegado ao lembrar-se de um facto reconfortante. Felizmente, não és ninguém, comparado com Lúcio Licínio Orador ou Cneu Domício Júnior, apesar de seres um patrício. Estou certo que Marco Aurélio nem se dará ao trabalho de considerar a tua proposta.

Por **IssO,** não vires o teu coração para ela excluindo todas as outras.

- Ela casará comigo, *tata,* espera e verás!

E desse ponto, Caio Júlio César não tinha força para demover o seu filho, pelo que deixou que este o ajudasse a ir até à cama onde se habituara a dormir sozinho, tão curtos e inquietos eram os seus períodos de sono.

Aurélia estava deitada de barriga para baixo, dentro da liteira fechada que abanava e saltitava, subindo e descendo as colinas entre a casa *do tio* Públio e a do tio Marco. Caio Júlio César Júnior! Como era maravilhoso'433

perfeito! Mas quereria casar com ela? O que pensaria Cornélia, a mãe dos Gracos?

Partilhando a liteira com a ama, Cardixa observava-a com grande curiosidade; esta era uma Aurélia que ela nunca tinha visto antes. Direita como um fuso, a um canto *e segurando* uma vela protegida por alabastro fino para que o interior da liteira não estivesse totalmente às escuras, notou sintomas de mudança. O corpo tenso de Aurélia estava completamente repousado, os lábios estavam menos apertados e as pestanas creme cobriam o que se lhe ocultava nos olhos. Extremamente inteligente como era, Cardixa conhecia a razão da mudança; o jovem incrivelmente belo que Rutílio Rufo apresentara quase como se fosse o prato principal. Oh, como era *matreiro!* E no entanto, o jovem Caio Júlio César *era* uma pessoa muito especial; a pessoa certa para Aurélia. Cardixa pressentia-o.

O que quer que Cornélia, a mãe dos Gracos, tivesse feito numa situação semelhante, quando Aurélia acordou na manhã seguinte sabia o que ia fazer. A primeira coisa que fez foi enviar Cardixa até à casa de César com uma mensagem para o seu jovem.

- Pede-me em casamento - dizia muito simplesmente a mensagem. A seguir, não fez exactamente nada, escondeu-se na sua salinha de trabalho e apareceu o menos possível às refeições, pois tinha a consciência de que estava a mudar e não queria que os seus pais atentos dessem por isso antes de ela actuar.

No dia seguinte, esperou que Marco Cota despachasse os seus clientes, sem pressa, pois o secretário tinha-a informado de que ele não teria de assistir a nenhumas sessões do Senado ou do Povo; certamente ficaria em casa uma hora ou duas depois de ter saído o último cliente.

- Pai?

Cota levantou os olhos dos papéis que tinha na mesa de trabalho.

- Ah, então hoje tratas-me por pai? Entra, filha, entra - e dirigiu-lhe um sorriso carinhoso. - Também queres que a tua mãe esteja presente?

- Sim, por favor.

- Então vai buscá-la.

Ela saiu, voltando a aparecer pouco depois, com Rutília.

- Sentem-se, damas - disse Cota.

Elas instalaram-se ao lado uma da outra num leito.

- Então, Aurélia?

- Há mais alguns pretendentes? - perguntou abruptamente a rapariga.434

- Com efeito, há. O jovem Caio Júlio César veio ter comigo ontem, e como não tenho nada contra ele, acrescentei-o à lista. O que totaliza os trinta e oito.

Aurélia corou. Cota olhou para ela fascinado, pois nunca a tinha visto transtornada desde que a conhecia. Uma pontinha de língua rosada surgiu, humedeceu os lábios. Ele reparou que Rutília se virara no leito para observar a filha e estava igualmente intrigada com o rubor e o ar transtornado.

- Tomei a minha decisão - revelou Aurélia.

- Excelente! Diz-nos! - incitou Cota.

- Caio Júlio César Júnior.

- O quê? - foi a única pergunta de Cota.

- Quem? - foi a única pergunta de Rutília.

- Caio Júlio César Júnior - repetiu Aurélia pacientemente.

- O último cavalo inscrito na corrida - disse Cota, divertido.

- A entrada tardia do meu *irmão* - disse Rutília. - Deuses, como é esperto! Como é que ele soube?

- É um homem notável - comentou Cota para a mulher, e depois disse para a enteada: - Conheceste Caio Júlio Júnior em casa do teu tio anteontem... Foi a primeira vez que o viste?

- Sim.

- Mas é com ele que queres casar.

- sim.

- Minha querida, é um homem relativamente pobre - disse a mãe.

- Não terás uma vida de luxo se fores mulher do jovem Caio Júlio.

- As pessoas não se casam para viver luxuosamente.

- Alegra-me que tenhas o bom senso de saber isso, minha filha. Contudo, não é o homem que eu escolheria para ti - disse Cota, não muito contente.

- Gostaria de saber porquê, pai - inquiriu Aurélia.

- A família dele é estranha. Muito, muito pouco ortodoxa. E eles estão ligados ideologicamente e pelo casamento a Caio Mário, um homem que eu detesto absolutamente - afirmou Cota.

- O tio Públio gosta de Caio Mário - disse **Aurélia.**

- O teu tio Públio por vezes é pouco sensato - respondeu Cota com um ar severo. - Apesar disso, não é tão embrutecido que fosse votar contra a sua própria classe por causa de Caio Mário, ao passo que não posso dizer o mesmo dos Júlios da família de Caio Mário! O teu tio Públio435

esteve na tropa com Caio Mário durante muitos anos e isso cria um laço compreensível. Mas o velho Caio Júlio César recebeu Caio Mário de braços abertos e ensinou toda a sua família a estimá-lo.

- O Sexto Júlio não casou com uma das Cláudias mais novas há pouco tempo? - perguntou Rutília.

- Creio que sim.

- Isso é uma união irrepreensível. Talvez os filhos não estejam tão ligados a Caio Mário como tu julgas.

- São cunhados, Rutília. Aurélia interrompeu-o.

- O pai e a mãe deixaram-me decidir - afirmou duramente. - Vou casar com Caio Júlio César e acabou-se - isto foi dito com uma grande *firmeza* mas sem insolência.

Cota e Rutília olharam para ela consternados, compreendendo por fim; a Aurélia friamente sensata estava apaixonada.

- É verdade que deixámos - disse Cota prontamente, decidindo que não havia outra alternativa senão tirar o melhor partido possível da situação. - Bem, vão-se daqui! - disse, fazendo sinal à mulher e à sobrinha para que se fossem embora. - Tenho de mandar os escribas escrever trinta e sete cartas. E depois, é melhor ir ter com Caio Júlio... com o pai e com o filho.

A carta geral que Marco Aurélio Cota enviou dizia:

Após ter considerado cuidadosamente, decidi permitir à minha sobrinha e pupila escolher o seu marido. A minha mulher, sua mãe, concordou. Venho por este meio comunicar que Aurélia tomou a sua decisão. O seu marido será Caio Júlio César Júnior filho mais novo do Pai Conscrito Caio Júlio César. Creio que todos me acompanharão desejando ao casal as maiores felicidades no seu próximo casamento.

O secretário olhou para Cota de olhos arregalados.

- Não fiques aí sentado, começa com isso! - exclamou Cota com demasiada brusquidão para um homem de temperamento sempre tão igual. - Quero trinta e sete cópias desta carta daqui a uma hora, cada uma dirigida a um homem desta lista - colocou a lista sobre a mesa. Eu mesmo as assinarei e serão entregues logo de seguida.

O secretário começou o trabalho; e assim os boatos cresceram, aumentando em muito o conteúdo das cartas. Muitos foram os corações ofendidos436

e novas invejas quando a notícia correu, pois era óbvio que Aurélia tomara uma decisão com base nas suas emoções e não na conveniência. De certo modo isso tornava a decisão menos desculpável; nenhum dos concorrentes da lista de pretendentes de Aurélia gostava de ser vencido pelo filho mais novo de um mero senador de segunda linha, por mais

augusta que fosse a sua ascendência. Além do mais, o sortudo era muito bonito e isso costumava ser visto como uma vantagem injusta.

Depois de ter recuperado do choque inicial, Rutília sentiu-se inclinada a aprovar a decisão da filha.

- Oh, pensa nos filhos que ela terá! - sussurrou para Cota, enquanto lhe vestiam a toga debruada a púrpura para ir a casa dejúlio César, situada numa parte menos elegante do Palatino. - Se não considerares o dinheiro, é um partido esplêndido para uma Aurélia, para já não falar numa Rutília. Os Júlios são o topo da escala social.

- A antiguidade de uma família não dá pão a ninguém - resmungou Cota.

- Vamos, Marco Aurélio, as coisas não são assim tão más! A ligação com Mário aumentou enormemente a fortuna dos Júlios, e sem dúvida continuará a fazê-lo. Não vejo qualquer motivo para que o jovem Júlio não venha a ser cônsul. Ouvi dizer que é muito inteligente e capaz.

- O hábito não faz o monje - disse Cota, céptico.

No entanto, ele mesmo partiu com um aspecto magnífico, na sua toga, sendo *também um* belo homem, apesar da pele corada que todos os Aurélios Cota possuíam; era uma família cujos membros não chegavam à velhice, visto que tinham uma acentuada tendência para apoplexias.

Como o informaram de que o jovem Caio Júlio César não estava em casa, perguntou pelo homem mais velho, e ficou surpreendido com o ar sério do mordomo.

- Peço licença, Marco Aurélio, mas terei de indagar - disse o mordomo. - Caio Júlio não está bem.

Era a primeira vez que Cota ouvia falar de uma doença, mas após reflectir um pouco, reparou que o velho homem não aparecia no Senado há algum tempo.

- Esperarei - disse.

O mordomo regressou rapidamente.

- Caio Júlio vai receber-te - informou o mordomo, conduzindo Cota até ao gabinete. - Devo avisar-te que o seu aspecto te chocará.437

Satisfeito por ter sido avisado, Cota escondeu o choque quando os dedos ossudos conseguiram desempenhar a enorme tarefa de avançar precipitadamente para dar um aperto de mão.

- Marco Aurélio, é um prazer - disse César. - Senta-te! Peço desculpa por não poder levantar-me, mas o meu mordomo deve ter-te dito que não me encontro bem - um sorriso ténue aflorou os lábios finos. Um eufemismo. Estou a morrer.

- Oh, certamente que não - afirmou Cota pouco à vontade, sentando-se na ponta da cadeira com as narinas comprimidas; havia naquela sala um cheiro especial a algo de desagradável.

- Com certeza que sim. Tenho uma excrescência na garganta. Foi confirmado esta manhã por Atenodoro Sículo.

- Causa-me mágoa ouvir-te, Caio Júlio. Todos sentiremos a tua falta na Assembleia, em especial o meu cunhado Públio Rutílio.

- É um bom amigo - os olhos congestionados de César pestanejaram, fatigados. - Imagino o que te trouxe aqui, Marco Aurélio, mas peço-te que mo digas.

- Quando a lista dos pretendentes da minha sobrinha e pupila Aurélia se tornou tão longa, e cheia de nomes poderosos, que receei que a escolha do seu marido traria aos meus filhos mais inimigos do que amigos, autorizei-a a escolher esposo - contou Cota. - Há dois dias, ela *conheceu* o teu filho mais novo em casa do seu tio, **Públio Rutílio,** e hoje disse-me que o tinha escolhido.

- E isso desagrada-te tanto como a *mim* - afirmou César.

- Desagrada - Cota suspirou, encolheu os ombros. - Contudo, dei a minha palavra de honra, por isso mantê-la-ei.

- Eu fiz a mesma concessão ao meu filho mais novo há muitos anos

- revelou César, e sorriu. - Concordaremos então em tirar o melhor partido disso, Marco Aurélio, e esperemos que os nossos filhos tenham mais bom senso do que nós.

- Deveras, Caio Júlio.

- Deves querer conhecer a situação do meu filho. -já ma expôs quando pediu a mão dela.

- Pode não ter sido explícito. Há terras mais do que suficientes para lhe garantir um lugar no Senado, mas de momento, nada mais - disse César. - Infelizmente, não estou em posição de comprar uma segunda casa em Roma, e isso é uma dificuldade. Esta casa irá para o meu filho mais velho, Sexto, que casou recentemente e vive aqui com a mulher, que438

está nos primeiros meses da primeira gravidez. A minha morte está iminente, Marco Aurélio. Depois, será Sexto o *pater familias,* e ao casar, o meu filho mais novo terá de encontrar outro lugar para viver.

- Certamente saberás que Aurélia possui um grande dote - disse Cota. - Talvez a coisa mais sensata fosse investir o dote numa casa - aclarou a garganta. - Ela herdou uma enorme quantia do pai, meu irmão, **que foi investida** há alguns anos. Apesar dos altos e baixos do mercado, de momento o valor encontra-se por volta dos cem talentos. Quarenta talentos darão para uma casa no Palatino ou nas Carinas. Naturalmente a casa ficaria em nome do teu filho, mas se em qualquer altura ocorresse um divórcio, ele teria de repor a quantia que a casa custasse. Mas exceptuando o caso de um divórcio, Aurélia teria ainda uma quantia suficiente em seu nome para garantir que não optaria por essa solução.

César franziu as sobrancelhas.

- Desagrada-me a ideia do meu filho ir viver numa casa paga pela mulher - retorquiu, em voz rouca. - Seria uma presunção da sua parte. Não, Marco Aurélio, parece-me que as circunstâncias exigem algo que salvaguarde melhor o dinheiro de Aurélia do que uma casa que não lhe pertencerá. Cem talentos comprarão uma ínsula excelente aqui no Esquilino. E deve ser comprada para ela, em *seu* nome. O casal pode viver sem pagar renda num dos apartamentos do rés-do-chão e a tua sobrinha pode dispor de um rendimento, alugando os outros apartamentos, um rendimento maior do que o que poderá obter de outro tipo de investimentos. O meu filho terá de esforçar-se para poder comprar uma casa particular, e isso manterá a sua coragem e ambição num nível alto.

- Não posso permitir que Aurélia viva numa ínsula! - exclamou Cota, horrorizado. - Não, porei de parte quarenta talentos para comprar uma casa, e deixarei os restantes sessenta talentos seguramente investidos.

- Uma ínsula em nome dela - disse César com teimosia. E arfou, engasgou-se, inclinou-se para a frente, tentando respirar.

Cota encheu uma taça de vinho e colocou-a na mão crispada de César, ajudando-o a levá-la aos lábios.

- Estou melhor - disse César daí a a pouco.

- Talvez seja preferível tornar noutra altura - sugeriu Cota.

- Não, vamos pôr um **ponto final** na questão, Marco Aurélio. Ambos concordamos que este casamento não é o que teríamos escolhido para eles. Então, não lhes vamos facilitar as coisas. Ensinemos-lhes o preço do amor. Se estiverem bem um para o outro, algumas dificuldades apenas439

irão fortalecer a sua ligação. Se não estiverem, as dificuldades irão acelerar a separação. Faremos com que Aurélia mantenha o dote por inteiro, e não afectaremos mais do que o necessário o orgulho do

meu filho. Uma ínsula, Marco Aurélio! Terá de ser da melhor construção, por isso *encarrega-te de* mandar homens honestos inspeccioná-la. E - *prosseguiu* a voz murmurante - não te preocupes demasiado com a sua localização. Roma está a crescer rapidamente mas o mercado de alojamento barato é muito mais constante do que o do alojamento que encarece. Quando os tempos estão difíceis, o alojamento de tendência ascendente baixa de preço, por isso há sempre inquilinos à procura de rendas mais baratas.

- Deuses, a minha sobrinha seria uma vulgar senhoria! - exclamou Cota, revoltado com a ideia.

- E porque não? -perguntou César sorrindo, extenuado. - Ouvi dizer que é uma beldade colossal. As duas coisas não ligam? Se não, talvez deva pensar duas vezes antes de casar com o meu filho.

- É verdade que é uma beldade colossal - afirmou Cota, sorrindo duma piada secreta. - Hei-de trazê-la para te conhecer, Caio Júlio, e farás o que entenderes - levantou-se, inclinou-se para tocar ao de leve no ombro magro. - É esta a minha última palavra: será Aurélia a decidir o uso a dar ao seu dote. Faz-lhe a proposta da ínsula e eu faço a minha sugestão da casa. De acordo?

- De acordo - disse César. - Mas manda-a cá depressa, Marco Aurélio! Amanhã, ao meio-dia.

- Dirás isso ao teu filho?

- Sim, poderá trazer-ma cá amanhã.

Em circunstâncias normais, Aurélia não estremeceria ao pensar no que ia vestir; adorava cores fortes e gostava de misturá-las, mas a decisão era tão rápida e lógica como nela era tudo o mais. No entanto, ao ser informada de que o noivo viria buscá-la para conhecer os futuros sogros, estremeceu. Por fim, escolheu uma veste inferior em lã cor de cereja e cobriu-a com uma roupagem de lã rosa, suficientemente fina para deixar ver a cor mais escura, e

cobriu-a com uma segunda roupagem num tom rosa pálido, tão fina como um véu de casamento. Tomou banho e perfumou-se com essência de rosas mas manteve o cabelo preso atrás num rolo, como de costume, e recusou a oferta da mãe de um pouco de carmim e *stibium.*440

- Estás demasiado pálida hoje - protestou Rutília. - É da tensão. Tenta ficar com o melhor aspecto possível, por favor! Só *um* toque de carmim nos lábios *e uma* linha a contornar os olhos.

- Não - disse Aurélia.

A palidez acabou por não ter qualquer importância, pois quando Caio Júlio César Júnior foi buscá-la, Aurélia adquiriu o tom que a *mãe* desejaria.

- Caio Júlio - disse a rapariga, estendendo a *mão.*

- Aurélia - respondeu-lhe ele, apertando-a. Depois, ficaram sem saber o que fazer.

- Vão-se embora; adeus! - disse Rutília sentindo-se irritada; era tão estranho ver a primeira filha ir para este rapaz tão atraente quando ela própria se sentia com dezoito anos apenas.

Puseram-se a caminho, seguidos por Cardixa e pelos gauleses.

- Devo avisar-te que o meu pai não está de saúde - disse o jovem César controlando-se. - Tem uma excrescência maligna na garganta e tememos que não fique na nossa presença durante muito mais tempo.

- Oh! - exclamou Aurélia.

Viraram uma esquina.

- Recebi a tua mensagem - disse o rapaz - e apressei-me a vir ter com Marco Aurélio. Mal posso acreditar que me tenhas escolhido!

- Mal posso acreditar que te encontrei - ecoou Aurélia.

- Pensas que Públio Rutílio agiu de propósito? A pergunta provocou nela um sorriso.

- Com toda a certeza.

Continuaram a andar até ao fim do quarteirão e viraram numa esquina.

- Vejo que não és faladora - comentou o jovem César.

- Não - respondeu Aurélia.

E foi tudo o que disseram até chegarem à casa de César.

Mal viu a noiva escolhida pelo filho, César mudou de ideias. Não era nenhuma beldade mimada e caprichosa! Era tudo o que ja ouvira dizer dela - colossalmente bela - mas não de algum modo reconhecido. Então, **ocorreu-lhe** que era por isso que era a única pessoa a quem aplicavam a hipérbole ”colossal.” Que filhos maravilhosos haveriam de ter! Filhos que ele já não poderia ver.

- Senta-te, Aurélia - a sua voz mal se ouvia, e por isso apontou para uma cadeira ao lado da sua mas bastante de frente para poder vê-la. Instalou o filho do outro lado.441

- O que te contou Marco Aurélio acerca da conversa que tivemos? perguntou então.

- Nada - respondeu Aurélia.

César entrou directamente na discussão que tivera com Marco Aurélio acerca do dote, não hesitando em falar dos seus sentimentos ou dos de Cota.

- O teu tio, teu tutor, diz que a escolha é tua. Preferes uma casa ou uma ínsula? - perguntou olhando-a no rosto.

O que faria Cornélia, a mãe dos Gracos? Desta vez, ela sabia a resposta: Cornélia, a mãe dos Gracos, faria o que fosse mais honroso, por mais duro que fosse. Só que agora, ela tinha duas honras a ter em consideração: a do seu amado e a sua. Escolher a casa seria mais confortável e habitual mas ofenderia o orgulho do seu amado saber que a casa fora paga com o dinheiro da mulher.

Deixou de olhar César fixamente e lançou um olhar muito sério ao filho deste.

- Qual delas preferirias? - perguntou.

- A decisão é tua, Aurélia - afirmou o rapaz.

- Não, Caio Júlio, a decisão é nossa. Eu vou ser tua mulher. Tenciono ser uma mulher digna, e sei qual é o meu lugar. Tu serás o chefe da nossa casa. Tudo o que peço em troca por te ceder o primeiro lugar é que lides sempre comigo honesta e honradamente. A escolha do lugar onde viveremos cabe-te a ti. Eu reger-me-ei por ela, tanto em factos como em palavras.

- Então, pediremos a Marco Aurélio que te arranje uma ínsula e registe a escritura em teu nome - disse o jovem César sem hesitar. - Deve ser a propriedade mais rentável e bem construída que encontrarmos e concordo com o meu pai... A sua localização não interessa de momento. O rendimento das rendas será teu. Viveremos num dos apartamentos do rés-do-chão até eu estar em posição de comprar uma habitação **particular.** Sustentar-te-ei a ti e aos nossos filhos com os rendimentos dos meus terrenos. Isto implica que serás responsável pela tua ínsula: eu não tomarei parte nisso.

Notou-se logo que ela estava contente, embora não dizendo nada.

- Não és faladora! - exclamou César, admirado.

- Não - respondeu Aurélia.

Cota deitou mãos à obra com vontade, embora a sua intenção fosse encontrar um prédio agradável numa das melhores zonas de Roma. Mas442

isso não viria a acontecer; por mais que procurasse, o investimento mais sensato era uma ínsula bastante grande no coração da Subura.

Não era um prédio de apartamentos (fora construído pelo seu dono cerca de trinta anos antes, e como o dono vivera no maior dos dois apartamentos do rés-do-chão, fizera uma construção para durar), tinha socos e fundações de pedra e argamassa com quinze pés de profundidade e cinco de largura; as paredes *exteriores* e as paredes de apoio tinham dois pés de espessura e levavam de cada lado uma camada irregular de tijolo e argamassa denominada *opus incertum* e **estavam cheias de uma mistura firme** de argamassa e cascalho; as janelas eram todas abobadadas em relevo e feitas de tijolo; o edifício era reforçado com vigas de madeira de pelo menos um pé quadrado de espessura e até cinquenta pés de comprimento; as vigas de madeira suportavam o chão de argamassa dos andares inferiores e o chão dos andares superiores era suportado por traves de madeira; o vão amplo servia de apoio mas a clarabóia era sustentada por um sistema de pilares de dois pés de espessura a cada cinco pés, unidos em cada andar por traves de madeira maciça.

Era uma ínsula bastante modesta com nove andares de nove pés de altura cada um, incluindo o chão de um pé de espessura - a maioria das ínsulas da vizinhança tinham entre dois e quatro andares mais - mas ocupava toda a área de um pequeno prédio triangular situado no local onde a Subura se cruzava com o Vicus Patricil. O seu vértice embotado dava para o cruzamento; *de um* dos lados tinha a Subura Menor e do outro o Vicus Patricii, e a base do triângulo era formada por uma ruela que ligava essas duas ruas.

Encontraram-na ao fim de uma longa lista de outros prédios; por isso, Cota, Aurélia e o jovem César estavam habituados à gíria de um pequeno vendedor fluente de irrepreensível ascendência romana - não havia gregos libertados a trabalhar na empresa de venda de imóveis de Tório Póstumo!

- Reparem no estuque das paredes, tanto no interior como no exterior - prosseguia monotonamente o agente. - Não se vê uma racha; as fundações são firmes como as garras de um sovina presas à sua última barra de ouro... oito lojas, todas de aluguer longo, não

há problemas com inquilinos ou com rendas... dois apartamentos do rés-do-chão com salas de visita com a altura de dois andares... dois apartamentos apenas no andar seguinte... oito apartamentos por andar até ao sexto andar... doze apartamentos no sétimo, outros doze no oitavo... todas as lojas têm um444

andar superior para habitação... há um espaço adicional para arrumações acima dos tectos falsos nos quartos dos apartamentos do rés-do-chão...

E lá continuou ele a expor as virtudes do prédio; ao fim de algum tempo, Aurélia deixou de ouvi-lo e concentrou-se nos seus pensamentos. O tio Marco e Caio Júlio podiam escutá-lo e dar-lhe atenção. Era um mundo que ela não conhecia mas estava decidida a conhecer a fundo, e se isso implicasse um modo de vida muito diferente daquele a que estava habituada, tanto melhor.

Era óbvio que tinha os seus receios, não estava ansiosa por iniciar duas mudanças de uma só vez: a vida de casada e passar a viver numa ínsula. E no entanto, descobria em si ao mesmo tempo uma certa intrepidez nascida de um sentido de liberdade demasiado recente para ser assimilado de imediato. A ignorância de qualquer outro tipo de vida excluíra a hipótese de ela sentir tédio ou frustração durante a infância, que fora bastante atarefada, pois envolvera muitos processos de aprendizagem. Mas assim que o casamento surgiu, começou a interrogar-se acerca do que faria com o tempo se não pudesse preenchê-lo com tantas crianças como Cornélia, a mãe dos Gracos - e era raro haver um nobre que quisesse ter mais de dois filhos. Por natureza, Aurélia era uma pessoa activa, trabalhadora; o seu nascimento reduzira muito o seu campo de acção. Agora, ia ser senhoria e esposa, e tinha a perspicácia de perceber que pelo menos a primeira tarefa lhe oferecia raras oportunidades de trabalho. Não apenas trabalho, mas trabalho interessante e estimulante.

Por isso, olhava à sua volta com os olhos a brilhar e fazia planos e esquemas, tentando imaginar como as coisas seriam.

Havia uma diferença de tamanho entre os dois apartamentos do rés-do-chão, pois o construtor fizera o maior para si, com grande orgulho. Comparado com a mansão de Cota no Palatino, era muito pequeno; com efeito, a superfície da mansão de Cota era maior do que toda a superfície do rés-do-chão desta ínsula, incluindo as lojas, a taberna do cruzamento e os dois apartamentos.

Embora a sala de jantar mal desse para os três leitos habituais e O gabinete fosse mais pequeno do que qualquer gabinete duma casa particular, estas divisões eram amplas; a parede entre elas era mais uma divisória e não ia até ao tecto, deixando entrar o ar e a luz do saguão através da sala de jantar e passar para o gabinete atrás. A sala de recepção (hoje em dia chamar-lhe-íamos átrio) tinha um bom chão de tijoleira e *paredes* de estuque, e as duas colunas ao centro eram de madeira sólida pintada445

a imitar mármore; o ar e a luz vinham da rua através de um enorme gradeamento de ferro bastante elevado na parede exterior entre o fim de uma loja e o vão de escadas que dava para os andares superiores. Três pequenos quartos de dormir sem janelas davam para a sala de recepção e outros dois, um deles mais largo, davam para o gabinete. Havia *uma salinha* que ela podia usar como sala de estar, e entre esta e o vão das escadas havia um pequeno quarto que podia ficar para a Cardixa. Mas o maior alívio foi descobrir que o apartamento tinha casa de banho e sanita - pois, como o agente explicou jovialmente, a ínsula ficava na transversal de um dos mais importantes esgotos de Roma, e estava ligada à tubagem de abastecimento de água.

- Há uma latrina pública mesmo em frente da Subura Menor, e os Banhos da Subura são mesmo ao lado - explicou o agente. - O abastecimento de água não tem qualquer problema. A altitude é a ideal, suficientemente baixa para terem um bom abastecimento dos

depósitos do Agger mas a uma altura suficiente para não sofrer com as inundações do Tibre, e o tubo que liga às canalizações é mais largo do que os que as companhias de água estão a fornecer... *Se* os novos prédios puderem ser ligados às canalizações! Naturalmente o antigo dono era o único que utilizava a água e os esgotos... Mas os inquilinos estão bem servidos, devido ao cruzamento com a latrina e os banhos mesmo em frente.

Aurélia ouviu isto com fervor, porque lhe haviam dito que o seu estilo de vida não incluiria o luxo de ter água canalizada e sanita; se havia aspecto que lhe desagradava em relação à vida numa ínsula, era a ideia de ter de passar sem o seu banho privado e as suas excreções privadas. Nenhuma das outras ínsulas que viram antes tinha água nem esgotos, apesar de a maioria delas se localizar em bairros melhores. Se Aurélia ainda não tivesse decidido que esta ínsula era a que lhe interessava, decidira-se agora.

- De quanto é a renda? - perguntou o jovem César.

- Dez talentos por ano: um quarto de milhão de sestércios.

- Excelente, excelente! - disse Cota, acenando.

- A manutenção do edifício é insignificante, pois foi construído de acordo com os melhores padrões de qualidade - afirmou o agente. - Isso só por si significa que nunca deixa de estar cheio de inquilinos... Há muitas ínsulas que desabam ou ardem como a casca seca das árvores. Esta não! E tem uma fachada em dois dos seus três lados e uma ruela um pouco *mais larga* do que de costume, o que a torna *menos* atreita a incêndios446

se um prédio da vizinhança arder. Sim, este prédio é tão sólido como um barco de Grânio. Punha as minhas mãos no fogo por ele.

Como era insensato fazer a travessia da Subura de liteira ou numa cadeirinha, Cota e o jovem César haviam trazido os dois gauleses como protecção extra, e escoltaram Aurélia a pé. Não por correrem

grandes riscos, pois era dia claro, e as pessoas nas ruas apinhadas estavam mais interessadas nos seus negócios do que em molestar a bela Aurélia.

- O que te parece? - perguntou-lhe Cota quando chegaram à rampa pouco inclinada que ia da Fauces Suburae até ao Argileto e se preparavam para atravessar o extremo mais baixo do Fórum Romano.

- Oh, tio, acho que é ideal! - exclamou ela, virando-se depois para fitar o jovem César. - Concordas, Caio **Júlio?**

- Penso que nos **servirá muito bem - respondeu** o rapaz.

- Nesse caso, fecharei o negócio esta tarde. Por noventa e cinco talentos é um bom negócio, ou mesmo uma bagatela. E ficarão com cinco talentos para **comprar mobília.**

- Não - replicou o jovem César com firmeza -, a mobília é da minha responsabilidade, e não sou pobre, como sabes! A minha terra nas Bovilas dá-me um bom rendimento.

- Eu sei, Caio Júlio - disse Cota pacientemente. - Contaste-mo, *recordas-te?*

Não se recordava. Nos últimos tempos, o jovem César só pensava em **Aurélia.**

Casaram em Abril, num dia perfeito de Primavera, com todos os presságios auspiciosos; até Caio Júlio César estava com melhor aspecto. Rutília chorou, por um lado, porque era a primeira vez que um filho seu casava, e por outro porque era a sua última filha a fazê-lo. Júlia e Julilla assistiram ao casamento, bem como a mulher de Sexto, Cláudia, mas os seus maridos não; Mário e Sila ainda estavam em África e Sexto César fora recrutado para ir para Itália e não conseguira obter licença do cônsul Cneu Málio Máximo.

Cota queria alugar uma casa no Palatino para passarem o primeiro **mês juntos.**

- Primeiro, tens de habituar-te a estar casada, e depois habitua-te a viver na Subura - disse, muito preocupado com a sua única filha.

Mas o jovem casal recusou firmemente, pelo que o cortejo de casamento foi longo, e a noiva foi muito aclamada - ao que parecia - por447

toda a Subura. O jovem César estava imensamente contente por o véu esconder o rosto da noiva, mas recebeu a sua quota-parte de gracejos obscenos sem se ofender, sorrindo e fazendo vénias ao passar.

- É a nossa nova vizinhança; é melhor aprendermos a lidar com eles

- alegou. - Limita-te a não dar ouvidos.

- Eu preferiria que os evitasses - resmungou Cota, que quisera contratar gladiadores para escoltar o cortejo; perturbavam-no imenso as massas e a taxa de criminalidade, bem como a linguagem baixa.

Quando chegaram à ínsula de Aurélia, seguia-os uma enorme multidão, provavelmente à espera de encontrar bastante vinho no fim da caminhada, e decidida a invadir a festa. Contudo, o jovem César abriu a grande porta e pegou na mulher ao colo para a levar através da entrada; Cota, Lúcio Cota e os dois gauleses conseguiram manter a populaça o tempo suficiente para o jovem César entrar e bater com a porta. Por entre gritos de protesto, Cota desceu o Vicus Patricii de cabeça erguida.

Cardixa era a única pessoa que se encontrava no apartamento; Aurélia decidira usar o dinheiro que sobrara do seu dote para comprar servos para a casa, mas adiara a tarefa até depois do casamento, pois queria tratar de tudo sozinha, sem a presença da

mãe ou da sogra. O jovem César também precisava de comprar servos - o mordomo, o servo encarregado do vinho, o seu secretário, um escrivão e um criado de quarto - mas Aurélia tinha mais: duas raparigas permanentes para limpezas, uma lavadeira, um cozinheiro e um ajudante de cozinha, dois servos para todo o serviço e um homem forte. Não era uma criadagem numerosa mas no número conveniente.

Lá fora ia escurecendo mas o apartamento estava muito mais escuro, algo que a visita no pino do dia não permitira ver. A luz filtrada através dos nove andares do saguão central extinguia-se cedo, tal como a luz que vinha da rua, uma garganta de ínsulas altas. Cardixa acendera todas as lamparinas que havia, mas eram poucas para acabar com os cantos escuros; ela retirara-se para o seu quarto para deixar os recém-casados à vontade.

O que espantava Aurélia era o barulho. Vinha de todos os lados - da rua, do vão das escadas **que davam para os andares superiores, do saguão central** - até o chão parecia ressoar. Gritos, imprecações, embates, conversas aos berros, discussões e insultos, bebés aos gritos, choros de crianças, homens e mulheres escarrando e cuspindo, uma banda de músicos tocando ruidosamente tambores e címbalos, partes de canções, vacas a mugir, cabras a balir, mulas e jumentos a arfar, as rodas das carroças sempre a girar, risadas estrondosas.448

- Oh, não conseguiremos ouvir os nossos pensamentos! - disse ela, afastando as lágrimas inesperadas. - Caio Júlio, desculpa! Não me lembrei do barulho.

O jovem César tinha a sensatez e sensibilidade necessárias para entender que esta explosão pouco comum não era devida ao barulho mas a um nervosismo não reconhecido trazido pela agitação dos últimos dias, pela pura e simples tensão provocada pelo casamento. Ele próprio a sentira; e devia ser muito maior para a sua mulherzinha.

Por isso, riu-se e disse:

- Havemos de habituar-nos a ele, não tenhas receio. Garanto-te que dentro de um mês já nem daremos por ele. Além disso, no nosso quarto nem se deve ouvir - e levou-a pela mão, que sentia tremer.

O quarto de dormir do senhor, onde se chegava atravessando o gabinete, estava silencioso. E ficava totalmente escuro e sem ar a menos que a porta do gabinete ficasse aberta, pois haviam construído no quarto um tecto-falso para arrumações.

Deixando Aurélia no gabinete, o jovem César foi buscar uma lamparina à sala de recepção. De mãos dadas, entraram no quartinho e ficaram encantados. Cardixa enfeitara-o com flores, cobrira o leito duplo com flores cheirosas, dispusera vasos de todos os tamanhos encostados às paredes e enchera-os de rosas, goivos e violetas; sobre uma mesa estava um jarro de vinho, outro de água, duas taças de ouro e um grande prato de bolos de mel.

Nenhum deles era tímido. Como Romanos que eram, estavam devidamente informados em relação a questões sexuais mas eram recatados. Os Romanos preferiam que as suas actividades íntimas decorressem em privacidade, se possível, especialmente se envolvessem a nudez; no entanto, não eram inibidos. Evidentemente o jovem César tivera a sua quota-parte de aventuras, embora o rosto lhe desmentisse a natureza; o primeiro era espantosamente notável, a segunda sobriamente apagada. Porque apesar de todos os seus dotes inegáveis, o jovem César era basicamente um homem reservado, sem o dinamismo e a determinação de uma personalidade agressiva e política; um homem em quem os outros podiam confiar mas que mais **provavelmente promoveria as carreiras** deles do que a sua própria.

O instinto de Públio Rutílio não se enganara. O jovem César e Aurélia adaptavam-se maravilhosamente um ao outro. Ele era meigo,

atencioso, respeitador, amava com mais ternura que ardor; se ardesse449

de paixão, talvez Aurélia se tivesse abrasado no seu fogo, mas isso nunca viriam a saber. O modo como faziam amor era cheio de toques delicados, beijos suaves, decorria lentamente. E satisfazia-os; inspirava-os mesmo. E Aurélia pôde dizer a si mesma que recebera a aprovação incondicional de Cornélia, pois tudo correra como teria corrido com a mãe dos Gracos, com um prazer e contentamento que garantiam que o acto em si nunca dominaria a sua vida nem ditaria a sua conduta fora do leito matrimonial - mas também assegurava que este nunca viria a desagradar-lhe.

Durante o Inverno que Quinto Servílio Cepião passou em Narbona, lamentando o ouro perdido, recebeu uma carta do brilhante jovem defensor Marco Lívio Druso, um dos mais ardentes - e mais desiludidos - pretendentes de Aurélia.

Tinha eu apenas dezoito anos quando meu pai, o Censor, morreu e me deixou em herança não só, todos os bens como também a posição de pater familias. *Talvez por sorte, o meu único encargo oneroso era a minha irmã de treze anos, privada de pai e mãe. Nessa altura, minha mãe, Cornélia, pediu-me que levasse minha irmã para sua casa, mas obviamente recusei. Embora nunca se tivessem divorciado, sei que tinhas consciência da frieza das relações entre meus pais, que atingiu o auge quando meu pai concordou com a adopção do meu irmão. Minha mãe sempre gostou mais dele do que de mim, e por isso quando o meu irmão passou a ser Mamerco Emílio Lépido Liviano, a minha mãe apresentou como desculpa a sua tenra idade, e mudou-se com ele para a sua nova casa, onde de facto foi encontrar um tipo de vida muito mais livre e licencioso do que alguma vez poderia ter vivido sob o tecto de meu pai. Deixa-me refrescar-te a memória sobre estes assuntos como ponto de honra, visto que sinto que a minha honra ficou manchada pelo comportamento desprezível e egoísta de minha mãe.*

Posso gabar-me de ter educado a minha irmã, Lívia Drusa, como o exigia a sua posição. Tem agora dezoito anos, e está pronta para casar. Tal como eu, Quinto Servílio, apesar de ter só vinte e três anos. Sei que é mais habitual esperar até aos vinte e cinco para casar, e sei que muitos preferem esperar até entrarem para o Senado. Mas eu não posso fazê-lo, Sou o pater familias, *e o único Livio Druso da minha geração. O meu irmão, Mamerco Emílio Lépido Liviano, deixou de ter direito ao nosso nome e à herança familiar. Por esse motivo, compete-me casar e procriar, embora tenha decidido na altura da morte do meu pai que esperaria até minha irmã chegar à idade de casar.*450

A carta era tão altiva e formal como o jovem que a escrevera, mas isso para Quinto Servílio Cepião não era defeito; ele e o pai do rapaz tinham sido bons amigos, tal como o eram agora os filhos.

Por isso, Quinto Servílio, como chefe da família, desejo propor-te a ti, chefe da tua família, uma aliança conjugal. não *me pareceu sensato discutir O assunto com o meu tio, Públio Rutífio Rufo. Embora não tenha nada a criticar-lhe como marido de minha tia Lívia, nem como pai dos seus filhos,* não *considero que o seu sangue e o temperamento tenham o peso suficiente para tornarem válido o seu conselho. Só recentemente, por exemplo, fiquei a saber quefoi ele quepersuadiu Marco Aurélio Cota a autorizar a enteada, Aurélia, a escolher o próprio marido, É difícil de conceber um acto menos romano. E obviamente, ela deixou-se seduzir pela beleza de um júlio César, um sujeito frívolo e superficial que nunca virá a ser ninguém,*

Aí estava uma coisa que punha Públio Rutílio Rufo à margem. E Marco Lívio Druso continuou a perorar, ferido não só no coração mas também na *dignitas.*

Ao escolher o rumo de minha irmã, tive em mente aliviar a minha esposa da responsabilidade de lhe dar abrigo e responder pela sua conduta. não *vejo a menor virtude em passarmos as nossas*

obrigações para cima de outros que não *terão o mesmo grau de preocupação.*

O que agora proponho, Quinto Servílio, é que me autorizes a desposar a tua filha, Servília de Cepião, e autorizes o teu filho, Quinto Servílio Júnior, a desposar a minha irmã, Lívia Drusa. Será a solução ideal para todos. Os nossos laços conjugais remontam a muitas gerações, e tanto minha irmã como tua filha tém dotes iguais, pelo que não haveria necessidade de o dinheiro trocar de mãos. uma vantagem nestes tempos, em que há tanta falta de liquidez.

Peço-te que me comuniques a tua decisão.

Não havia nada a decidir; era o casamento com que Quinto Servílio sempre sonhara, dado que era bem elevada a fortuna de Lívio DrusO, assim como a sua nobreza. A resposta seguiu imediatamente:

Meu caro Marco Lívio, estou encantado. Tens a minha permissão para efectuar todos os preparativos.451

E depois, Druso abordou o assunto com o seu amigo Cepião Júnior, ansioso por preparar o terreno para a carta de Quinto Servílio Cepião ao filho, que ele já sabia que estava prestes a chegar; era melhor que Cepião Júnior encarasse o seu futuro casamento como uma coisa desejável em vez de o considerar uma ordem a cumprir.

- Gostaria de desposar a tua irmã comunicou Druso a Cepião Júnior, de modo um pouco mais abrupto do que tencionara.

Cepião Júnior pestanejou mas não deu qualquer resposta.

- Também gostaria que desposasses a minha irmã prosseguiu Lívio Druso.

Cepião Júnior pestanejou várias vezes, mas não deu qualquer resposta.

- Então, o que dizes? perguntou-lhe o amigo.

Por fim, Cepião Júnior pôs em ordem as ideias (que não tinham comparação em termos de grandeza com a sua fortuna ou mesmo com a nobreza), e disse:

- Terei de pedir autorização ao meu pai.

- Eu já pedi informou Druso. Ficou encantado.

- Oh! Então, parece-me que não há problema disse Cepião Júnior.

- Quinto Servílio, Quinto Servílio, quero saber a *tua* opinião! exclamou o outro exasperado.

- Bem, como a minha irmã gosta de ti, parece-me que está tudo bem... E eu gosto da tua irmã, mas... e não disse mais nada.

- Mas o quê? perguntou Druso.

- Não me parece que ela goste de mim. Foi a vez de Druso pestanejar.

- Que disparate! Como podia ela não gostar de ti? És o meu melhor amigo! É claro que gosta de ti! É a combinação ideal; ficaremos todos juntos.

- Nesse caso, agradar-me-ia muito disse Cepião Júnior.

- Óptimo! exclamou Druso animadamente. Tratei de todas as questões na carta que escrevi ao teu pai... Dotes e tudo o mais. Não há motivo para preocupações.

- Óptimo disse Cepião Júnior.

Estavam sentados num banco sob um magnífico carvalho no lago Cúrcio, no baixo Fórum Romano, pois tinham acabado de comer um delicioso almoço que consistira em pães ázimos recheados com uma mistura de lentilhas e carne de porco picada.452

Levantando-se, Druso entregou o seu grande guardanapo ao seu servo particular e manteve-se de pé enquanto este verificava se a sua toga alva não ficara conspurcada pela comida.

- Onde vais com tanta pressa? - indagou Cepião Júnior.

- Vou para casa contar a notícia à minha irmã - disse Druso, e levantou uma sobrancelha negra e fina. - Não te parece que devias ir contar a notícia à tua?

- Penso que sim - disse Cepião Júnior de um modo dúbio. - Não preferias transmiti-la tu mesmo? Ela gosta de ti.

- Não, tu é que deves informá-la, tonto! Neste momento actuas in *loco parentis,* por isso, cabe-te essa tarefa... Tal como me compete a mim informar Lívia Drusa - e Druso subiu o Fórum em direcção às escadas de Vesta.

A irmã estava em casa - onde havia de estar? Desde que Druso era o chefe da família e a mãe deles, Cornélia, fora proibida de entrar, que Lívia Drusa não saía por um momento que fosse sem autorização do irmão. Nem ela se atreveria a escapar-se, pois estava potencialmente marcada pela vergonha da mãe aos olhos do seu irmão, que a considerava uma criatura fraca e passível de corrupção que não poderia ter o mínimo de liberdade; acreditaria nas piores coisas acerca dela, mesmo sem provas.

- Pede à minha irmã que venha ter ao meu gabinete - disse Druso ao mordomo, mal chegou a casa.

A casa era considerada a mais bela de Roma e fora acabada quando Druso, o Censor, morreu. A vista da varanda da *loggia* na parte da

frente do piso superior era magnífica, pois a casa ficava no ponto mais alto da escarpa do Palatino, acima do Fórum Romano. Ao lado, ficava a *área Flacciana,* o lote vazio onde outrora estivera a casa de Marco Fúlvio Flaco, e do outro lado, ficava a casa de Quinto Lutácio Catulo César.

Era uma casa construída no verdadeiro estilo romano; mesmo do lado do bloco vazio não tinha janelas, visto que quando construíssem aí outra casa as suas paredes exteriores ficariam ligadas às de Druso. Uma parede alta com uma porta forte de madeira e uma porta de serviço davam para o Clivus **Victoriae, nas traseiras; a parte** da frente da habitação abrangia toda a vista, tinha três pisos e fora construída sobre pilares firmes assentes no declive da rocha. O piso superior, ao nível do Clivus Victoriae, alojava a nobre família; as despensas, cozinhas e alojamentos dos servos ficavam no piso de baixo e não ocupavam todo o bloco devido à sua inclinação abrupta.453

As portas de ser-viço davam directamente para o jardim do peristilo, tão grande que nele haviam seis maravilhosas árvores de lótus desenvolvidas, trazidas de África em rebentos noventa anos antes por Cipião Africano, então o dono do local. Todos os Verões, davam uma cascata de flores - duas verdes, duas laranja e duas amarelo-escuras - que duravam mais de um mês e enchiam a casa com o seu perfume; mais tarde, adquiriam uma camada fina de folhas compostas parecidas com as do feto; e no **Inverno ficavam despidas, permitindo que** o sol alongasse a sua permanência no pátio. Havia um tanque comprido e estreito revestido de mármore branco, com quatro fontes de *bronze* harmoniosas feitas por Mirão e Lisipo, uma em cada canto, e outras estátuas em grande escala alinhadas de cada lado do tanque: sátiros e ninfas, Artemisa e Actéon, Dioniso, e Orfeu. Todas estas estátuas de bronze haviam sido pintadas com uma verosimilhança surpreendente, e à primeira vista o pátio sugeria uma reunião de imortais.

O jardim do peristilo era ladeado por uma colunata dórica, apoiada por colunas de madeira pintadas de amarelo, com bases e capitéis de cores vivas, ao longo da parede que dava para a rua. O chão da colunata era de tijoleira polida, a parede posterior estava pintada em tons verdes, azuis e amarelos, e entre os espaços das pilastras vermelho-acastanhadas estavam penduradas algumas das maiores pinturas do mundo - uma com crianças com uvas, de Zêuxis, uma ”Loucura. de Ájax”, de Parrásio, alguns nus masculinos de Timantes, um dos retratos de Alexandre, o Grande, de Apeles e um cavalo pintado por Apeles, tão semelhante ao natural que, visto do outro extremo da colunata, parecia mesmo preso à parede.

O gabinete dava para a parte de trás da colunata, de um dos lados das portas de bronze; a sala de jantar dava para o outro lado. E mais à frente havia um magnífico *átrium* do tamanho da casa de César, iluminado por uma abertura rectangular no tecto suportada por colunas nos quatro cantos e nas extremidades do tanque abaixo dela. As paredes estavam pintadas em *trompe Poeil,* imitando pilastras, rodapés, entablamentos, e no meio havia painéis de cubos brancos e pretos quase reais e painéis com turbilhões de flores; as cores eram vivas, na sua maioria vermelhos com azuis, verdes e amarelos.

Os armários ancestrais com as máscaras de cera dos antepassados de Lívio Druso estavam todos em perfeito estado de conservação; pedestais pintados denominados hermes por serem enfeitados com órgãos genitais masculinos erectos serviam de suporte aos bustos dos antepassados ou454

reis ou mulheres míticas ou filósofos gregos, todos requintadamente pintados de forma a parecerem reais. Estátuas em grande escala, pintadas a imitar o real, ladeavam o tanque de *impluvium e* as paredes, uns sobre bases de mármore e outros no chão. Havia enormes candelabros de prata suspensos do tecto de estuque ornamentado a grande altura (pintado de forma a simular o céu estrelado por entre filas de flores de estuque), ou com sete ou oito

pés de altura, pousados no chão de mosaico colorido descrevendo as orgias de Baco e as suas Bacantes dançando e bebendo, alimentando veados, ensinando leões a beber vinho.

Druso não reparava na magnificência, pois estava habituado a ela e era-lhe insensível; haviam sido o pai e o avô a escolher estas belas obras de arte. Lívia Drusa estava sempre solitária. A casa era tão grande que ela nem podia alegar a necessidade de exercício para ir passear pelas ruas, e quando lhe apetecia ir às compras o irmão muito simplesmente mandava lá a casa lojas e vendas inteiras e pedia aos comerciantes que estendessem os seus produtos nos aposentos ao longo da colunata, e dava ordens ao mordomo que pagasse tudo o que Lívia escolhesse. Enquanto ambas as Júlias haviam percorrido as zonas mais respeitáveis de Roma sob a vigilância da mãe ou dos servos e Aurélia fazia visitas constantes a parentes e colegas de escola e as Clitumnas e Nicópoles de Roma viviam em tamanha liberdade que até jantavam reclinadas em leitos, Lívia Drusa estava perfeitamente enclausurada, prisioneira de uma riqueza e exclusividade tais que proibíam às mulheres o direito de sair; ela fora também a vítima da fuga da mãe, da liberdade actual da mãe para fazer o que lhe apetecesse.

Lívia Drusa tinha dez anos de idade quando a mãe - uma Cornélia dos Cipiões - deixara a casa onde vivia a família de Lívio Druso; ela deixara-os entregues à indiferença do pai - que preferia passear pelas suas colunatas olhando para as obras de arte - e a algumas servas e tutores que temiam demasiado o poder de Lívio Druso para serem amigos *dela.* Raramente via o irmão mais velho, que tinha então quinze anos. E três anos após a partida da mãe com o irmão mais novo, Mamerco EmíliO Lépido Liviano - o seu nome actual - tinham-se mudado da casa *antiga* para este mausoléu enorme; e ela sentira-se perdida, como um átomo minúsculo vagueando em vão numa eternidade de espaço vazio, privada de amor, conversa, companhia, atenção. Quando o pai morreu quase imediatamente após a mudança, a sua morte não trouxe a menor diferença.456

Estava tão pouco habituada ao riso que quando às vezes se ouviam risadas vindas das celas dos servos, se interrogava sobre o que seria e por que motivo o fariam. O único mundo que ela amara encontrava-se entre os cilindros de livros, pois ninguém a impedia de ler e escrever. E dedicava-se diariamente por muito tempo a ambas as actividades, estremecia com as façanhas da cólera de Aquiles e com os feitos de Gregos e Troianos, animava-se com as lendas dos heróis, monstros e com as raparigas mortais por quem eles pareciam suspirar mais do que por qualquer imortal. E quando conseguira lidar com o terrível choque das manifestações físicas da puberdade - pois não havia ninguém que lhe explicasse o que se passava e o que havia a fazer - a sua natureza sedenta e apaixonada descobriu a riqueza da poesia escrita acerca do amor. Igualmente fluente em grego e em latim, descobriu Álcman - que, segundo se dizia, fora o inventor do poema de amor - e passou para as canções das donzelas de Píndaro, Safo e Asclepíades. O velho Sósio do Argileto, que de tempos a tempos juntava um monte de livros e os enviava para casa de Druso, não fazia ideia de quem os lia; limitava-se a supor que o leitor era Druso. E pouco depois de Lívia Drusa fazer dezassete anos, ele começou a enviar-lhe os poemas do novo poeta Meléagro, de grande vivacidade e atraidíssimo pela **luxúria,** bem como pelo amor. Mais fascinada do que chocada, Lívia Drusa conheceu a literatura erótica, e graças a Meléagro, finalmente despertou a sua sexualidade.

Mas isso não lhe servia de muito: não ia a lado nenhum, não via ninguém. Naquela casa, teria sido impensável fazer propostas a um escravo, ou um escravo fazer propostas a Lívia Drusa. Por vezes, encontrava os amigos do irmão Druso, mas apenas de passagem. Excepto o seu melhor amigo, Cepião Júnior. E Cepião Júnior - de pernas curtas, rosto borbulhento, desajeitado - fazia-lhe lembrar os bobos das peças de Menandro, ou o repelente Tersita que Aquiles fez andar à roda com uma pancada depois de Tersita ter acusado o grande herói de ter feito amor com o cadáver de **Pentesileia, rainha das Amazonas.**

Não por Cepião Júnior alguma vez ter feito qualquer coisa que lhe recordasse os bobos ou Tersita; mas na sua imaginação carente dotara esses homens com o rosto de Cepião Júnior. O seu herói antigo preferido era o rei Odisseu (como pensava nele em grego, adoptava a versão grega do nome), pois gostava do seu modo brilhante de resolver todos os dilemas dos outros, e o modo como ele cortejara a mulher e o duelo com os pretendentes dela, que durara vinte anos, enquanto Penélope esperava457

em casa a sua vinda, pareciam-lhe a mais romântica e satisfatória das histórias de amor. E a Odisseu dera o rosto do jovem que vira apenas uma vez ou duas na *loggia* da casa abaixo da de Druso. Essa casa pertencia a Cneu Domício Aenobarbo, que tinha dois filhos; mas nenhum deles era o rapaz da *loggia,* pois a esses vira-os de passagem, de visita ao irmão.

Odisseu tinha cabelo ruivo e era canhoto (embora se tivesse lido com mais atenção e descoberto que ele tinha as pernas demasiado curtas para o tronco, talvez acabasse Por perder o entusiasmo, pois as pernas curtas eram a coisa que Lívia Drusa mais detestava); e era assim o estranho jovem que ela vira na *loggia* de Domício Aenobarbo. Era muito alto, tinha ombros largos e a sua toga tombava de um modo que sugeria que o resto do corpo devia ser bastante esbelto. Ao sol, o seu cabelo ruivo faiscava, e a cabeça, sobre o pescoço comprido, era muito altiva: era a cabeça de um rei como Odisseu. Mesmo à distância a que o vira, o nariz aquilino do jovem era evidente, mas ela não conseguia distinguir mais nada no seu rosto - mesmo assim, sabia intuitivamente que os seus olhos deviam ser grandes, luminosos e cinzentos como os do rei Odisseu de ítaca.

Por isso, quando lia os ardentes poemas de amor de Meléagro, assumia o papel da rapariga ou rapaz que era acometido pelo poeta, e o poeta era sempre o jovem na varanda de Aenobarbo. Se alguma vez pensava em Cepião Júnior, fazia-o sempre com uma careta de repulsa.

- Lívia Drusa, Marco Lívio Druso quer que te dirijas imediatamente ao seu gabinete - disse o mordomo, interrompendo o seu sonho, que era permanecer na *loggia* o tempo suficiente para ver o estranho de cabelo ruivo aparecer trinta pés mais abaixo.

Mas obviamente o chamamento apoderou-se do seu desejo; virou-se e acompanhou o mordomo.

Druso estava a analisar um papel que tinha à sua frente, mas mal a sua irmã entrou no gabinete levantou os olhos, tendo no rosto uma vaga expressão de interesse, calmo e indulgente.

- Senta-te - disse-lhe, indicando a cadeira reservada aos clientes. Ela sentou-se e olhou para o irmão com a *mesma calma e falta de* humor; nunca vira Druso rir e raramente o vira sorrir. Ele poderia dizer o mesmo acerca dela.

Um pouco alarmada, Lívia Drusa percebeu que ele a estudava com mais atenção do que de costume. O seu interesse era por procuração, se458

a analisava era por conta de Cepião Júnior, facto que a rapariga não Podia saber.

Sim, era bonita, pensou ele, e embora a sua estatura fosse baixa, ao menos escapara ao defeito familiar - não pernas curtas. A sua figura era agradável, de peito cheio e cintura fina, de ancas esbeltas; os seus pés e mãos eram delicados e esguios - um sinal de beleza - e não roía as unhas mas mantinha-as bem tratadas. Tinha o queixo pontiagudo, testa larga, um nariz razoavelmente longo e ligeiramente aquilino. A boca e os olhos preenchiam todos os critérios da verdadeira beleza, pois os olhos eram muito grandes e abertos e os lábios pequenos como um botão de rosa. Vestia-se com elegância e tinha os cabelos negros, tal como os olhos, sobrancelhas e pestanas.

Sim, de facto, Lívia Drusa era bela. Embora não se comparasse com Aurélia. O coração do rapaz contraíu-se de dor; acontecia sempre que pensava em Aurélia. Com que rapidez escrevera a Quinto Servílio mal soubera do casamento iminente de Aurélia! Tanto melhor; não tinha nada *a criticar* aos Aurélios, mas não se comparavam aos patrícios Servílios quer em riqueza quer em posição social. Além do mais, sempre gostara da jovem Servília de Cepião, e não hesitava em desposá-la.

- Minha querida, arranjei-te um marido - informou sem preâmbulos, e mostrando-se muito satisfeito consigo mesmo.

Obviamente, a irmã ficou chocada, embora o seu rosto se mantivesse impassível. Humedeceu os lábios e depois conseguiu perguntar:

- Quem, Marco Lívio Ele ficou entusiasmado.

- O melhor dos sujeitos, um amigo maravilhoso! Quinto ServíliO Júnior.

O rosto da rapariga gelou-se-lhe numa expressão de absoluto terror; abriu os lábios secos para falar mas não conseguiu.

- Qual é o problema? - perguntou o irmão, verdadeiramente cOnfuso.

- Não posso casar com ele - murmurou Lívia Drusa.

- Porquê?

- É repugnante... repelente!

- Não sejas ridícula!

Ela começou a abanar a cabeça, e continuou a abaná-la cada vez com mais veemência.

- Não casarei com ele!459

Um pensamento horrível passou pela mente de Druso, sem deixar de pensar na mãe; levantou-se, deu a volta à mesa e parou ao pé da irmã.

- Tens-te encontrado com alguém?

O movimento da cabeça parou e Drusa levantou-a e fitou-o, ultrajada.

- Eu? Como podia encontrar-me com alguém, enterrada nesta casa todos os dias da minha vida? Os únicos homens que vejo são os que vêm visitar-te, e nem tenho oportunidade de conversar com eles! Quando os convidas para jantar, não me convidas a mim... E a única altura em que posso aparecer ao jantar é quando convidas esse imbecil horroroso do Quinto Servílio Júnior!

-Que atrevimento! - exclamou o irmão, cada vez mais zangado; nunca lhe ocorrera que ela tivesse uma opinião diferente da sua acerca do seu melhor amigo.

- Não casarei com ele! - gritou a rapariga. - Antes morrer!

- Vai para o teu quarto - disse o irmão, com dureza.

Drusa levantou-se logo e dirigiu-se para a porta que dava para a colunata.

- Eu não disse para a salinha, Lívia Drusa. Para o quarto. E ficas lá até voltares a ser razoável.

A única resposta dela foi um olhar fulminante, mas virou-se e saiu pela porta para o *átrium.*

Druso permaneceu perto da cadeira vazia e tentou dominar a fúria. Era absurdo! Como se atrevia ela a desafiá-lo?

Ao fim de algum tempo, as suas emoções acalmaram; conseguira agarrar o touro pelos cornos, embora não soubesse o que fazer com ele. Em toda a sua vida, ninguém o desafiara; ninguém o colocara numa posição donde não pudesse ver qualquer saída lógica. Habituado a que lhe obedecessem e o tratassem com um grau de respeito e deferência geralmente não concedido a uma pessoa tão nova, não fazia ideia do que fazer. Se conhecesse melhor a irmã... E agora tinha de admitir que não, a conhecia absolutamente nada... E o pai estivesse vivo - e se a mãe... Oh, que sarilho! O que havia de fazer?

Amaciá-la um pouco, foi a resposta; chamou logo o mordomo.

- A senhora Lívia Drusa ofendeu-me - afirmou, com uma calma admirável e sem qualquer expressão de ira -, e mandei-a para o quarto. Até arranjares um ferrolho, manterás alguém de guarda à porta dia e noite. Põe à sua disposição uma mulher que ela não conheça para atender460

às suas necessidades. Não tem autorização para deixar o quarto, Seja por que razão for, entendeste?

- Perfeitamente, Marco Lívio - respondeu o mordomo inexpressivamente.

E assim se iniciou o duelo. Lívia Drusa foi posta numa prisão mais pequena do que aquela a que se habituara, não tão escura ou abafada como a maioria dos pequenos quartos de dormir, pois ficava ao lado da *loggia* e tinha uma grade na parede. Mas não deixava de ser uma prisão sombria. Quando pediu livros e papel para escrever, descobriu como era triste a sua reclusão, visto que o pedido foi recusado. Entre quatro paredes de oito por oito pés, com um vaso de noite e refeições insípidas num tabuleiro trazido por uma mulher que nunca tinha visto antes, era agora a sorte de Lívia Drusa.

Entretanto, Druso estava confrontado com a tarefa de esconder do seu melhor amigo a relutância da irmã, e não perdeu tempo. Mal

deu as suas ordens em relação a Lívia Drusa, voltou a vestir a toga e foi visitar Cepião Júnior,

- Oh, óptimo! - exclamou Cepião Júnior a sorrir.

- Pareceu-me melhor falar um pouco mais contigo - disse Druso, não mostrando qualquer interesse em sentar-se e sem fazer ideia do que iria dizer a seguir.

- Bem, antes disso, Marco Lívio, importas-te de ir falar com a minha irmã? Ela está muito inquieta.

Isso, ao menos, era um bom sinal; ela devia ter recebido a notícia dos seus esponsais, se não com alegria, pelo menos com serenidade, pensou o decepcionado Druso.

Foi encontrá-la na sua salinha e não teve qualquer dúvida de que o seu pedido era desejado, porque a rapariga se pôs de pé logo que ele apareceu à porta, pendurando-se-lhe ao pescoço de um modo muito desconfortável.

- Oh, Marco Lívio! - exclamou, lançando-lhe um olhar de adoração comovida.

Por que seria que Aurélia nunca o tinha olhado assim? Mas afastou esse pensamento firmemente e sorriu para a palpitante Servília de Cepião. Não era nenhuma beldade e tinha as pernas curtas da família, mas felizmente escapara à tendência familiar para ter acne - tal como a sua irmã - e tinha uns olhos particularmente belos, com uma expressão suave461

e terna, bastante grandes de um tom escuro e transparente. Embora não estivesse apaixonado, pensava que com o tempo viria a amá-la, e sempre gostara dela.

Por isso, beijou-lhe os lábios macios, ficou surpreendido e contente com a resposta e permaneceu o tempo suficiente para conversar um pouco.

- E a tua irmã, Lívia Drusa, está satisfeita? - perguntou Servília de Cepião quando ele se levantou para partir.

Druso ficou em silêncio.

- Muito satisfeita - respondeu, acrescentando depois palavras que lhe surgiram sem ele saber donde. - Infelizmente, agora não se encontra muito bem.

- Oh, que pena! Não faz mal, diz-lhe que assim que lhe apeteça receber visitas, irei vê-la. Vamos ser duplamente cunhadas, mas *preferia* que fôssemos amigas.

Isso fez com que ele sorrisse.

- Obrigado - disse-lhe.

Cepião Júnior esperava impacientemente no gabinete do pai, que ocupava na ausência dele.

- Estou encantado - disse Druso, sentando-se. - A tua irmã está satisfeita com o casamento.

-já te tinha dito que ela gostava de ti - afirmou Cepião Júnior. Mas como recebeu Lívia Drusa as notícias?

Agora, estava bem preparado.

- Ficou encantada - mentiu maliciosamente - Infelizmente, encontrei-a de cama com febre. O médico estava lá, um pouco preocupado. Parece que há complicações e ele receia que seja contagioso.

- Deuses! - exclamou Cepião Júnior, empalidecendo.

- Aguardemos - disse Druso suavemente. - Gostas muito dela, Quinto Servílio, não é verdade?

- O meu pai diz que não encontro melhor que Lívia Drusa. Diz que tenho muito bom gosto. Contaste-lhe que eu gostava dela?

- Contei - Druso sorriu ligeiramente. - Há vários anos que isso se nota.

- Recebi hoje a carta do meu pai; estava cá quando cheguei a casa. Diz que Lívia Drusa é tão rica como nobre. E também gosta dela - afirmou Cepião Júnior.

- Quando se sentir melhor, jantaremos juntos e falaremos sobre o casamento. No início de Maio? Antes da data agoirenta - Druso levantou-se.462

- Não posso demorar-me, Quinto Servílio, tenho *de ir* ver como está a minha irmã.

Tanto Cepião Júnior como Druso haviam sido eleitos tribunos dos soldados e Iam para a distante Gália com Cneu Málio Máximo. Mas a posição social, a riqueza e a conformidade política tinham importância; enquanto o relativamente obscuro Sexto César *nem* conseguia obter Uma licença das suas tarefas de recrutamento para assistir ao casamento do irmão, Druso e Cepião ainda não tinham sido chamados. Era certo que Druso não via qualquer obstáculo em planear um duplo casamento para o início de Maio, embora nessa altura os noivos estivessem de serviço; mesmo que o exército se encontrasse já a caminho da Gália, podiam sempre ir depois ao encontro das tropas.

Druso deu ordens a toda a criadagem para o caso de Cepião Júnior ou a sua irmã virem saber da saúde de Lívia Drusa, e ordenou que a sua dieta passasse a ser pão ázimo e água, Durante cinco dias, deixou-a completamente sozinha, e depois mandou-a ir ao seu gabinete.

Ela apareceu a piscar os olhos por causa da luz, cambaleando um pouco e com o cabelo mal penteado. Pelos olhos, notava-se que não estivera a dormir, mas o irmão não detectou marcas de choro prolongado. As mãos tremiam-lhe, tinha dificuldade em controlar os lábios e o lábio inferior estava mordido.

- Senta-te - disse Druso secamente, Ela sentou-se.

- Qual é a tua posição acerca do casamento com Quinto Servílio? Todo o corpo dela começou a tremer; as poucas cores que tinha desapareceram por completo.

- Não quero - respondeu.

O irmão inclinou-se para a frente, com as duas mãos de dedos entrelaçados.

- Lívia Drusa, eu sou o chefe da casa. Tenho domínio absoluto sobre a tua vida. Até tenho domínio absoluto sobre a tua morte. Acontece que gosto muito de ti. Isso significa que me desagrada magoar-te e *me causa* aflição ver-te sofrer. Neste momento estás a sofrer. Estou desolado. mas somos ambos romanos. Esse facto é da maior importância; é mais importante para mim do que para ti, ou do que para *quem quer que seja! Lamento* muito que não gostes do meu amigo Quinto Servílio. No entanto, vais casar com ele! Como mulher romana que és, é teu dever obedecer-me como sabes. Quinto Servílio é o marido que o teu pai te destinou, tal463

como destinou Servília de Cepião para minha mulher. Por momentos, considerei a hipótese de escolher uma mulher, mas os acontecimentos apenas provaram aquilo que o meu pai, que repouse em paz!, era mais sensato do que eu. Além disso, temos o problema de uma mãe que provou que não era uma mulher romana ideal. Graças a ela, a responsabilidade que pesa sobre ti é muito maior. Nada do que faças ou digas pode dar às pessoas razões para pensarem que os defeitos dela também existem em ti.

Lívia Drusa inspirou fundo com dificuldade e repetiu, desta vez com a voz a tremer ainda mais.

- *Não quero!*

- Isto não tem nada a ver com querer - disse Druso com firmeza. Quem pensas que és, Lívia Drusa, para pôres a tua vontade pessoal acima da honra e posição social da tua família? Habitua-te à ideia de

que casarás com Quinto Servílio e ninguém mais. Se persistires neste desafio, não casarás com ninguém. Nunca mais deixarás o teu quarto, enquanto viveres. Ficarás lá, sem companhia nem diversões, todos os dias, para sempre - os olhos dele fixaram-na com menos emoção do que duas pedras negras. - Estou a falar a sério, irmã. Nada de livros nem papel nem comida além de pão e água, nada de banhos, espelhos, servas, roupa limpa, braseiro durante a noite, lençóis, sapatos ou chinelos, nada de cintos ou grinaldas ou fitas, tesoura para cortar as unhas ou o cabelo, nada de facas com que te possas apunhalar... E se tentares morrer à fome, ordenarei que te empurrem a comida pela boca abaixo.

Druso estalou os dedos e o mordomo apareceu com um ar suspeito que sugeria que tinha estado a escutar à porta.

- Leva a minha irmã de volta para o quarto. E traz-ma amanhã de madrugada, antes de mandares entrar os clientes.

O mordomo teve de ajudá-la a pôr-se de pé e conduzi-la até ao quarto.

- Espero a tua resposta amanhã - afirmou Druso.

O mordomo não lhe dirigiu palavra ao conduzi-la através do *átrium;* firmemente mas com delicadeza, introduziu-a no quarto, afastou-se, fechou a porta e trancou o ferrolho que Druso mandara colocar do lado de fora.

Escurecia; Lívia Drusa sabia que não lhe restavam mais de duas horas antes de cair o manto negro e vazio a envolvê-la durante a longa noite de Inverno. Até agora, não tinha chorado. A consciência de que tinha razão e uma indignação inflamada haviam-na mantido durante os três primeiros dias e noites, e depois disso consolara-se pensando nas dificuldades464

por que haviam passado todas as heroínas que descobrira através da leitura. A espera de vinte anos de Penélope vinha no topo da lista

claro, mas Dária fora fechada no seu quarto pelo pai, e Ariadne abandonada por Teseu na praia de Naxos... Em todos os casos, as coisas haviam *mudado para melhor. Odisseu voltara para casa, Perseu nascera* e Ariadne fora salva por um deus...

Mas com as palavras do irmão ainda a ecoar-lhe na mente, Lívia Drusa começou a compreender a diferença entre a grande literatura e a vida real. A literatura nunca fora escrita com a intenção de ser um fac-símile ou um eco da vida real; fora escrita para afastar a vida real por alguns momentos, libertar a mente atormentada das considerações mundanas para que ela pudesse tirar umas férias no meio da linguagem gloriosa e de imagens visuais e ideias inspiradoras ou encantadoras. Ao menos Penélope gozara da liberdade dos átrios do seu próprio palácio e da companhia do filho; e Dáriae pudera deslumbrar-se com a chuva de ouro; e a rejeição de Teseu para Ariadne não foi mais que uma pequena contrariedade até a desposar alguém muito maior que Teseu. Mas na vida real, Penélope teria sido violada e obrigada a casar e ter-lhe-iam morto o filho, e Odisseu nunca teria voltado para casa; e Dáriae e o seu filho teriam flutuado dentro da cesta até que o mar os afogasse; e Ariadne teria ficado grávida de Teseu e morrido num parto solitário...

Viria Zeus aparecer numa chuva de ouro para alegrar a longa prisão de Lívia Drusa na Roma moderna? Ou viria Dionísio penetrar na sua pequena alcova fria conduzindo um carro puxado por leopardos? Ou iria Odisseu retesar aquele enorme arco, matando o seu irmão e CepiãoJúnior com a mesma seta que atirara por entre os machados? Não! Claro que não! Todos eles tinham vivido há mais de mil anos - se é que *alguma* vez tinham possuído existência, salvo nas linhas indeléveis de um poeta. Seria isso a imortalidade, viver através das linhas de um poeta e não em carne e osso?

De certo modo, ela convencera-se que o seu herói ruivo da varanda de Aenobarbo, uns cinquenta pés abaixo, tomaria conhecimento da sua situação e entraria através da grade de ferro do quarto e levá-la-ia como que por encanto para uma ilha encantada no mar cor-de-

vinho. E *durante* aquelas horas terríveis, sonhara com ele, tão alto e parecido *com Odisseu,* brilhante, de uma coragem fantástica. A casa de Marco Lívio Druso não passaria de um obstáculo insignificante se o herói soubesse que ela estava ali cativa!465

Ah, mas esta noite era diferente. Esta noite começava realmente uma prisão que não teria um final feliz, nenhum salvamento miraculoso. Quem sabia que ela estava cativa excepto o irmão e os servos? E qual dos servos se atreveria a escarnecer das ordens do seu senhor, ou a sobrepor a piedade ao temor que sentiam por ele? Druso não era um homem cruel; ela sabia-o bem. Mas estava habituado a que lhe obedecessem, e a irmã mais nova pertencia-lhe, tal como os escravos ou os cães que tinha no seu pavilhão de caça na úmbria. A sua palavra ditava a vida dela. Os seus desejos para ela tinham de ser ordens. O que ela queria não tinha a menor importância, e por isso não podia ter existência fora da sua mente.

Sentiu comichão debaixo do olho esquerdo, e depois um rasto quente e que provocava comichão, descendo-lhe pela bochecha esquerda. Sentiu um salpico nas costas da mão. Tinha um prurido no olho direito, sentia uma ardência na bochecha direita; os salpicos tornaram-se mais frequentes, semelhantes ao início das chuvas de Verão, com as gotas a *cair* cada vez com mais intensidade. Lívia Drusa estava a chorar, porque tinha o coração destroçado. Inclinou-se para trás e para a frente; limpou o rosto, a torrente dos olhos e o nariz; e chorou de novo, pois o seu *coração* estava verdadeiramente magoado. Chorou durante muitas horas, sozinha num oceano de trevas da Estige, prisioneira da vontade do irmão e da sua própria relutância em cumprir a vontade dele.

Mas quando o mordomo veio desaferrolhar-lhe a porta, fazendo o brilho ofuscante da lamparina penetrar na frieza bafienta do quarto, ela estava sentada na borda da cama, de olhos já completamente secos e tranquila. E levantou-se e saiu do quarto à frente do homem, atravessando o vasto *átrium* em direcção ao gabinete do irmão.

- Então? - perguntou Druso.

- Desposarei Quinto Servílio - respondeu ela.

- óptimo. Mas exijo algo mais de ti, Lívia Drusa.

- Esforçar-me-ei por agradar-te em tudo, Marco Lívio - afirmou prontamente Drusa.

- óptimo - o irmão estalou os dedos, o mordomo apareceu imediatamente. - Manda levar vinho quente com mel e bolos de mel para a salinha da senhora Lívia, e diz à sua serva que lhe prepare um banho.

- Obrigada - disse Drusa, inexpressivamente.

- Tenho todo o gosto em fazer-te feliz, Lívia Drusa: desde que te comportes como uma verdadeira Romana e faças o que se espera de ti. Espero que te comportes com Quinto Servílio como qualquer mulher466

cujo casamento tivesse sido desejado. Dir-lhe-ás que estás satisfeita e tratá-lo-ás com deferência, respeito, interesse e preocupação inabaláveis, Nunca... Nem na privacidade do vosso quarto após o casamento... Nunca darás a Quinto Servílio a mais ténue indicação de que não é o marido do teu agrado. Compreendeste? - perguntou-lhe com firmeza.

- Compreendi, *Marco* Lívio.

- Acompanha-me.

E conduziu-a através do *átrium,* onde o enorme rectângulo do tecto começava a empalidecer, e por onde entrava uma luz cor de pérola, mais pura que a das lamparinas, mais fraca mas mais luminosa. Na parede havia um pequeno sacrário dedicado aos deuses da casa, os Lares e os Penares, ladeados pelas miniaturas de templos

requintadamente pintadas que abrigavam as *imagens* dos homens famosos da família de Lívio Druso, desde o pai, o Censor, até ao primeiro antepassado. E aí, Marco Lívio Druso obrigou-a a fazer uma jura terrível aos terríveis deuses romanos que não possuíam estátuas nem mitologia nem humanidade, que eram personificações de qualidades da mente e não homens e mulheres divinos; sob pena de lhes desagradar, Drusa jurou ser uma esposa terna e carinhosa para Quinto Servílio Cepião Júnior.

Depois de concluído o juramento, o irmão mandou-a para o quarto, onde a esperavam o vinho quente com mel e os bolos de mel. Drusa bebeu algum vinho e sentiu logo o seu efeito, mas ficou com um nó na garganta ao pensar em engolir os bolos, e por isso, pô-los de lado sorrindo para a serva, e levantou-se.

- Quero tomar banho - disse.

E nessa tarde, Quinto Servílio Cepião Júnior e a irmã, Servília de Cepião, foram jantar com Marco Lívio Druso e a irmã, Lívia Drusa, um quarteto simpático com casamentos a planear. Lívia Drusa cumpriu o juramento, agradecendo a todos os deuses por a sua família não ser sorridente; ninguém achou estranho que estivesse absolutamente séria, pois era assim que todos estavam. Conversou com Cepião Júnior em voz baixa e mostrando interesse, enquanto o irmão se concentrava em Servília de Cepião e pouco a pouco foram desaparecendo os temores de CepiãoJúnior. Por que chegara a pensar que Lívia Drusa não gostava dele? Podia estar abatida pela doença mas não havia dúvidas quanto ao brando entusiasmo com que acolhera os autoritários planos do irmão em relação a *um casamento* duplo no início de Maio, antes de Cneu Málio Máximo começar a sua marcha através dos Alpes.O PRIMEIRO HOMEM DE ROMA

Antes da data agoirenta. Mas todas as datas são agoirentas para mim, pensou Lívia Drusa. Contudo, não o disse.

Escreveu Públio Rutílio Rufo a Caio Mário, em junho, antes que as notícias da captura de Jugurta e do fim da guerra em África tivessem chegado a Roma:

*Tivemos um **Inverno difícil** e uma Primavera de pinico. Os Germanos puseram-se a caminho para o Sul, em direcção à nossa província ao longo do rio Ródano. Vínhamos recebendo cartas urgentes dos Éduos, nossos aliados gauleses, desde antes dofinal do anopassado, comunicando-nos que os Germanos, seus hóspedes indesejáveis, iam avançar. E em Abril chegou a primeira delegação dos Éduos, dizendo que os Germanos haviam limpo os celeiros dos Éduos e dos Ambarros e estavam a carregar as carroças. Contudo, tinham dito que o seu destino seria a Espanha, e os membros do Senado que acharam mais sensato não ligar à ameaça dos Germanos apressaram-se a espalhar a notícia.*

Felizmente, Escauro não Pertence a esse grupo, nem Cneu Domício Aenobarbo. Por isso, pouco depois de Cneu Málio e eu termos iniciado o nosso consulado, formou-se uma facção forte exigindo que fosse recrutado um novo exército para qualquer emergência, e Cneu Málio recebeu ordens para reunir seis novas legiões.

Rutílio Rufo endureceu a sua posição como se tivesse de evitar uma tirada habitual de Mário e sorriu pesarosamente.

*Sim, bem sei! Domina o teu mau gênio, Caio Mário, e deixa-me expor o meu caso antes de começares aos pulos sobre a minha pobre cabeça - e refiro-me ao pedaço de ossos e carne que trago assente no pescoço! Por direito, devia ser eu a recrutar e comandar este novo exército; tenho consciência disso. Sou eu o cônsul sénior, tenho uma carreira militar longa e muito bem sucedida e gozo neste momento de alguma fama, agora que o meu manual **de prática***

militar foi finalmente publicado. *Ao passo que o meu colega, Cneu Málio, é quase inexperiente,*

*Tudo por tua culpa! Todos sabem da minha ligação a ti, e suponho que os teus inimigos na Assembleia preferiam que Roma perecesse sob uma inundação de Germanos a gratificar-te a ti e aos teus. Por conseguinte, Metelo Numídico Suíno levantou-se efez um magnífico discurso dizendo que eu era demasiado velho para comandar um exército e que os meus talentos inegáveis seriam mais úteis se eu permanecesse em Roma. Todos seguiram como carneiros aquele chefe que os condenou à chacina e aprovaram todos os decretos necessários. Por que motivo não os combati?,*468

oiço-te perguntar. Oh, Caio Mário, eu não sou como tu! Não nutro por eles o mesmo ódio destrutivo que tu lhes tens. nem tenho a tua energia fenomenal. Por isso, contentei-me com insistir que Cneu Málio recebesse alguns legados séniores experientes. E ao menos isso fez-se. Ele tem o.apoio de Marco Aurélio Escauro

- sim, eu disse Aurélio e não Emílio. A única coisa que tem de comum com o nosso estimado Chefe da Assembleia é um cognomen. Apesar disso, desconfio que as suas capacidades militares são consideravelmente superiores às dofamoso Escauro. Para bem de Roma e de Cneu Málio, assim o espero!

E, no fim de tudo, Cneu Málio saiu-se bastante bem. Optou por recrutar homens dos capite censi, *epodia apontar o nosso exército africano como exemplo da sua eficácia. Nos fins de Abril, quando chegou a notícia de que os Germanos se dirigiriam para Sul, a caminho da nossa província romana, Cneu Málio tinha seis legiões alistadas, inteiramente constituídas por homens dos* capite censi, *quer romanos, quer latinos. Mas então, chegou a delegação de Éduos, e pela primeira vez a Assembleia possuía estimativas definidas sobre o número de Germanos envolvidos na migração. Descobrimos, por exemplo, que os Germanos que mataram Lúcio*

Cássio na Aquitânia - pensávamos que eram cerca de um quarto de milhão

- eram apenas um terço desse número, se tanto. De acordo com os Éduos, são uns oitocentos mil guerreiros germanos, mulheres e crianças, que se dirigem neste momento para a costa gaulesa do mar Central. É de espantar, não achas?

A Assembleia deu a Cneu Málio toda a autoridade para recrutar mais quatro legiões, passando o seu exército a totalizar as dez legiões e cinco mil soldados de cavalaria. E nesta altura, a notícia dos Germanos corria por toda a Itália, por mais que a Assembleia tentasse sossegar toda a gente. Estamos muito, mas muito preocupados, especialmente porque até agora não ganhámos nenhum combate contra os Germanos. Desde o tempo de Carbio que temos tido uma história de derrotas. E há pessoas, em particular entre a gente comum, que dizem agora que a nossa máxima famosa de que seis boas legiões romanas podem vencer um quarto de milhão de bárbaros indisciplinados não passa de merda. Digo-te, Caio Mário, toda a Itália está com medo! E desta vez não posso culpá-la.

*Imagino que devido ao pânico geral, vários dos nossos Aliados Italianos inverteram a sua política das últimas guerras e contribuíram com tropas voluntárias para o exército de Cneu Málio. Os Samnitas mandaram uma legião de infantaria ligeira e os Marsos mandaram uma estupenda legião de infantaria ao estilo romano. Há ainda uma legião auxiliar composta da úmbria, Etrúria e Piceno. Por isso, como deves imaginar, os outros Pais Conscritos estão como um gato que acabou de comer um peixe - muito satisfeitos e enfatuados. Mas das quatro legiões extra, há três que estão a ser pagas e mantidas pelos Aliados Italianos.*469

Tudo isto é positivo. Mas existe um lado oposto, é evidente. Temos uma terrível falta de centuriões, pelo que nenhumas das tropas recém-alistadas dos capite *censi receberam treino, e a única legião*

de homens de capite censi *das últimas quatro legiões não tem quase nenhuma experiência. O legado de Cneu Málio, Aurélio, sugeriu-lhe que repartisse igualmente os centuriões experientes pelas suas sete legiões de* capite censi, *e isso significa que apenas uns quarenta por cento dos centuriões de qualquer das legiões já estiveram em combate. Os tribunos militares são bons, mas não preciso de dizer-te que são os centuriões que mantêm as centúrias e coortes unidas.*

Com toda a franqueza, temo pelos resultados. Cneu Málio não é mau tipo, mas não o considero capaz defazer a guerra contra os Germanos. O próprio Cneu Málio reforçou esta opinião nos fins de Maio, quando se levantou na Assembleia e disse que não podia garantir que todos os homens do seu exército soubessem o que deveriam fazer no campo de batalha! Há sempre homens que não sabem o que fazer no campo de batalha, mas ninguém se levanta na Assembleia para o dizer!

E o quefez a Assembleia? Ordenou que Quinto Cepião, em Narbona, atravessasse o Ródano com o seu exército e se juntasse ao de Cneu Málio. Desta vez a Assembleia não se demorou - a mensagem foi levada por um correio a cavalo e nem levou duas semanas a chegar de Roma a Narbona. Nem Quinto Servílio tardou a responder! Recebemos ontem a resposta. E que resposta!

Como era de esperar, as ordens senatoriais mandavam Quinto Cepião subordinar-se com as suas tropas ao i mperium *do cônsul do ano. Tudo perfeitamente normal e explícito. O cônsul do ano passado talvez tenha imPerium proconsular, mas em qualquer empresa conjunta, o cônsul desse ano assume o comando sénior.*

Oh, Caio Mário, isto não caiu nada bem a Quinto Cepião! A Assembleia até pensaria que ele - um Servílio patrício descendente directo de Caio Servilio Ahala, o salvador de Roma - aceitaria ser subordinado de um Homem Novo arrogante sem uma única imagem nos armários ancestrais, um homem que apenas alcançara o consulado por não se ter candidatado ninguém de melhores ürigens?

*Havia cônsules e cônsules, disse Quinto Cepião. Sim, juro-te que o disse mesmo! No ano dele, os candidatos eram respeitáveis, mas este ano, o melhor que Roma conseguiu arranjar foi um nobre arruinado (eu) e um novo-rico presunçoso com mais dinheiro do que gosto (Cneu Málio). Por isso, dizia Quinto Cepião no final da sua carta que marcharia de imediato para o Ródano - mas quando lá chegou esperava encontrar um correio senatorial à sua espera, informando-o de que seria o comandante supremo nesta empresa mista. Com Cneu Málio como seu subordinado, disse Quinto Cepião, estava certo de que tudo correria na perfeição.*470

Começava a ter cãibras na mão; Rutílio Rufo pousou a caneta de junco com um suspiro e massajou os dedos, olhando o vazio. Pouco depois, as pálpebras começaram a descer, a cabeça pendeu-lhe e dormitou; quando acordou com *um estremeção,* ao menos tinha a mão em melhor estado pelo que concluiu a carta.

Oh, que carta tão longa! Mas ninguém mais te fará um relato honesto dos acontecimentos e tens de saber como se passaram as coisas. A carta de Quinto Cepião vinha dirigida a Escauro Princeps Senatus e não *a mim, e obviamente conheces o nosso amado Marco Emílio Escauro! Leu a carta terrível na Assembleia dando mostras de um prazer vampiresco. Foi um disparate. E provocou uma grande zaragata. Havia rostos afogueados, punhos levantados e surgiu uma rixa entre Cneu Málio e Metelo Suíno, que detive chamando os lictores que estavam no vestíbulo da Cúria - gesto que Escauro não apreciou. Oh, que dia para Marte! Foi pena que* não *pudéssemos embalar todo aquele ar quente e despachar os Germanos com a arma mais venenosa que Roma possui.*

A conclusão de tudo isto foi que estará efectivamente um correio à espera de Quinto Cepião nas margens do Ródano - mas as novas ordens serão exactamente

iguais às anteriores. Terá de subordinar-se ao cônsul eleito do ano, Cneu Málio Máximo, Que pena aquele tolo ter atribuído a si mesmo

um cognomen como Máximo, não *achas? É um pouco como se tivesses atribuído a ti mesmo uma Coroa de Ervas após os teus homens te terem salvo, ao contrário do que devia ser. Não se trata apenas da estupidez de alguém dar a si mesmo uma palmadinha nas costas, mas se* não *se é um Fábio, o* cognomen *Máximo é duma Presunção enorme, É claro que ele insiste que a avó era uma Fábia Máxima, e que o avô usava esse nome, mas tudo o que sei é que o pai nunca o usou. E duvido muito da história de Fábia Máxima.*

De qualquer modo, sinto-me como um cavalo de guerra que foi posto a Pastar, ansioso por estar no lugar de Cneu Málio e em vez disso vejo-me ocupado con, decisões importantíssimas, tais como pensar se poderemos cobrir de pez os celeiros do Estado, depois depagarmos o equipamento de sete novas legiões de capite censi. *Acreditas que a Assembleia só discutiu esse assunto durante oito dias. com Roma inteira preocupada com os Germanos ? É de endoidecer um homem!*

Apesar de tudo, tenho uma ideia e vou desenvolvê-la. Quer seJamos vencedores ou derrotados na Gália, vou levá-la para afrente. Como não *há um só homem em Roma que chegue aos calcanhares de um centurião, vou recrutar instrutOres treinados e outros das escolas de gladiadores. Cápua está cheia de escolas de gladiadores - e são dos melhores - e por isso, o que é que poderia convir-nos mais?*471

considerando que Cápua é também o acampamento de base de todas as novas tropas? Se Lúcio Tidlipus não puder contratar gladiadores em número suficiente para um bom espectáculo no funeral do pai, tanto pior para ele! As necessidades de Roma são maiores do que as de Lúcio Tidlipus! Por este plano, também poderás perceber que continuo a recrutar entre os homens dos capite censi.

Manter-te-ei informado, claro está. Como correm as coisas no país dos lotófagos, sereias e ilhas encantadas? Ainda não conseguistepôr as grilhetas nos pés dejugurta? Aposto que não deve faltar muito. O

Metelo Numídico Suíno ultimamente tem andado um tanto nervoso. Não consegue decidir se há-de concentrar o seu ódio em ti ou em Cneu Málio. É evidente que fez um discurso magnífico apoiando a promoção de Quinto Servílio, a comandante-chefe. Isso proporcionou-me o enorme prazer de destruir a sua argumentação com meia dúzia de dardos bem lançados.

Deuses, Caio Mário, como me fazem ficar esgotado! Fartam-se de gabar os feitos dos seus malditos antepassados, quando aquilo de que Roma precisa neste momento é de um gênio militar bem vivo! Apressa-te a regressar, sim? Nós precisamos de ti, pois eu sozinho não chego para o Senado inteiro.

Havia um post-scriptum:

A propósito, tem havido alguns incidentes peculiares na Campânia. Não me agradam mas também não consigo entender por que motivo aconteceram. Nosprincípios de Maio, houve uma revolta de escravos em Nucéria - foi facilmente reprimida e resultou apenas na execução de trinta criaturas vindas de todas as partes do mundo. Mas há três dias, rebentou outra revolta, desta vez num grande acampamento fora de Cápua para escravos à espera de compradores que necessitassem de cem trabalhadores das docas ou nas pedreiras e carreiras. Desta vez, havia quase 250 escravos envolvidos. Foi logo reprimida, porque havia várias coortes de recrutas acampados perto de Cápua, Cerca de cinquenta insurrectos pereceram na luta e os outros foram logo executados. Mas isto não me agrada, Caio Mário. É um augúrio, Os deuses estão contra nós neste momento; pressinto-o.

E um segundo post-scriptum:

Chegou neste momento uma triste notícia para ti. Como já combinei com Marco Grânio de Putéolos o envio da minha carta na sua encomenda rápidapara útica, no fim da semana, ofereci-me Para te

contar o que aconteceu. O teu muito querido sogro, Caiojúlio, César, morreu esta tarde. Como sabes, sofria há tempos[472]

de uma excrescência na garganta. E esta tarde, tombou sobre a sua espada. Escolheu a melhor alternativa, como estou certo que concordarás. Homem nenhum deveria ser um fardo para os outros, especialmente quando isso diminui a sua dignidade e integridade como homem. Há algum de nós que prefira a vida à morte quando a vida significa jazer sobre os próprios excrementos ou ver esses excrementos serem limpos por um escravo? Não, quando um homem não consegue comandar os inteçtinos ou a garganta, é tempo de morrer. Parece-me que Caiojúlio teria escolhido morrer antes, mas preocupava-se com o filho mais novo, que, como deves saber, casou recentemente. Fui ver Caiojúlio há dois dias, e ele conseguiu murmurar através da coisa que o sufoca que as suas dúvidas acerca do casamento do jovem Caio Júlio estavam agora acalmadas, pois a bela Aurélia - a querida do meu coração, admito-o - era a mulher certa para o seu rapaz. Por isso, ave arque *vale, Caiojúlio César.*

No fim de Junho, o cônsul Cneu Málio Máximo partiu para a longa marcha rumo ao Norte e ao Oeste, com os seus dois filhos e os vinte e quatro tribunos eleitos dos soldados desse ano distribuídos por sete das suas dez legiões. Sexto Júlio César, Marco Lívio Druso e Quinto Servílio Cepião Júnior marcharam com ele, bem como Quinto Sertório, como tribuno militar júnior. Das três legiões de Aliados Italianos, a dos Marsos era a melhor treinada e experiente das dez; era comandada pelo filho de um nobre dos Marsos, de vinte e quatro anos de idade chamado Quinto Popédio Silo - sob a chefia de um legado romano, evidentemente.

Como Málio Máximo insistia em carregar bastantes cereais comprados ao Estado para alimentar todo o exército durante dois meses, a sua coluna de carga era enorme e o avanço processava-se com lentidão; ao *fim* dos primeiros dezasseis dias, nem havia chegado ao Adriático, a Fano. Falando com muita dificuldade e ardor, o legado Aurélio conseguiu então convencê-lo a deixar a coluna de carga ao cuidado de uma das legiões *e* avançar com as outras nove, levando apenas um carregamento leve. Foi muito difícil convencer Málio Máximo de que as suas tropas não iam morrer à fome antes de chegarem ao Ródano e que, mais tarde *ou mais* cedo, a *pesada bagagem chegaria* em segurança.

Ao fim de uma caminhada muito mais curta ao nível do solo, Quinto Servílio Cepião alcançou o enorme rio Ródano antes de Málio Máximo. Só levou consigo sete das suas oito

legiões - a oitava seguiu de barco para a Espanha Citerior - e não levou cavalaria, pois dera-lhes licença *no ano* anterior, por a ter considerado uma despesa desnecessária. Apesar *das*473

ordens que recebera e da insistência dos legados, Cepião recusou-se a sair de Narbona até chegar uma comunicação vinda de Esmirna. E estava sempre mal disposto; quando não estava a queixar-se do atraso do contacto entre Esmirna e Narbona, queixava-se da falta de sensibilidade do Senado ao pensar que ele cederia o supremo comando do Grande Exército a um novo-rico como Málio Máximo. Mas afinal de contas, foi obrigado a avançar sem a carta, deixando indicações explícitas em Narbona para que esta lhe fosse enviada assim que chegasse.

Mesmo assim, Cepião ainda chegou ao destino comum com grande vantagem sobre Málio Máximo. Em Nemauso, uma pequena cidade de comércio nos arrabaldes a ocidente da vasta zona pantanosa que rodeava o delta do Ródano, o correio do Senado alcançou-o e transmitiu-lhe as novas ordens do Senado.

Nunca ocorrera a Cepião que a sua carta não conseguisse demover os Pais Conscritos, especialmente tendo sido lida à Assembleia por Escauro. Por isso, ao abrir o cilindro e ler por alto a breve resposta do Senado, sentiu-se ultrajado. Impossível! Intolerável! Ele, um patrício Servílio, cedendo aos caprichos de Málio Máximo, um Homem Novo? Nunca!

Roma foi informada pelos seus espiões de que os Germanos iam agora a caminho do sul, atravessando as terras dos Alóbroges, uma tribo celta que odiava Roma e se encontrava agora em situação difícil; Roma era inimigo que eles conheciam e os Germanos o inimigo que desconheciam. E esta confraternidade druídica dizia há dois anos a todas as tribos da Gália que os Germanos aí não tinham lugar. Certamente os Alóbroges não iriam ceder o seu território para abrigar um povo muito mais numeroso do que eles. E estavam bastante perto dos Éduos e dos Ambarros para ter conhecimento da

carnificina feita pelos Germanos nas terras dessas tribos intimidadas. Por isso, os Alóbroges retiraram-se para os montes dos seus amados Alpes e limitaram-se a saquear os Germanos o mais que puderam.

Os Germanos atravessaram a província romana da Gália Transalpina a norte do posto comercial de Viena em finais de junho, e não tiveram qualquer oposição. A multidão de três quartos de milhão desceu a margem **oriental do enorme rio, pois as suas** planícies eram mais vastas e seguras, e menos expostas às ferozes tribos das terras altas da Gália Central e da Cebenna.

Ao ser informado disto, Cepião abandonou a Via Domícia em Nemauso, e em vez de atravessar os pântanos do delta pelo longo caminho construído474

por Aenobarbo, marchou com o seu exército para norte da margem ocidental, deixando assim o rio entre ele e os Germanos. Estava-se em meados do mês de Sextilis.

Mandou de Nemauso um correio rápido para Roma com outra carta para Escauro, na qual declarava que não receberia ordens de Málio Máximo, e isso era terminante. Depois de tomar esta posição, a única rota que podia seguir mantendo a sua honra seria para o lado oeste do rio.

Na margem oriental do Ródano, cerca de quarenta milhas a norte do ponto em que a Via Domícia se cruzava com o rio num longo caminho que terminava em Arelas, havia uma cidade comercial de certa importância; chamava-se Arausio. E na margem ocidental, a dez milhas de Arausio, Cepião mandou montar um acampamento para os quarenta mil soldados e *mil* e quinhentos não-combatentes. E ficou à espera que Málio Máximo aparecesse na outra margem - e que o Senado respondesse à sua última carta.

Málio Máximo chegou antes da resposta do Senado, no fim de Sextilis. Mandou os seus cinquenta e cinco mil soldados de infantaria e os trinta mil não-combatentes montar um forte acampamento à

beira do rio, a cinco milhas de Arausio, usando o rio na sua defesa e no abastecimento de água.

O terreno a norte do acampamento era ideal para uma batalha, pensou Málio Máximo, considerando o rio como a sua maior protecção. Foi este o seu primeiro erro, O segundo foi separar os seus cinco mil soldados de cavalaria do acampamento, mandando-os servir de guarda avançada trinta milhas a norte. E o terceiro foi escolher o seu melhor legado, Aurélio, para os comandar, privando-se assim do seu conselho. Todos estes erros faziam parte da estratégia de Málio Máximo; tencionava usar Aurélio e a cavalaria como um travão ao avanço dos Germanos - não dando combate *mas* concedendo aos Germanos uma *primeira visão da* resistência romana. Porque Málio Máximo queria negociar e *não lutar,* na esperança de que os Germanos voltassem pacificamente para o centro da Gália, bem longe do avanço para sul da província romana. Todas as anteriores batalhas entre os Germanos e Roma tinham sido impostas Por Roma, e só depois de os Germanos se terem mostrado dispostos a *retirar* pacificamente do território romano. Por isso, Málio Máximo Pôs bastantes esperanças - não sem fundamento - na sua esplêndida estratégia.

Contudo, a sua primeira tarefa era levar Cepião da margem oriental do rio para a ocidental. Ainda magoado com a carta insultuosa e insensível **475**

de Cepião que Escauro lera na Assembleia, Málio Máximo deu uma ordem concisa e não dissimulada a Cepião: "Atravessa *imediatamente* o rio com o teu exército e instala-te no meu acampamento." A mensagem foi transmitida por uma equipa de remadores que seguiram de barco, assegurando a rapidez da entrega.

Cepião usou o mesmo barco para enviar a resposta a Málio Máximo. Com igual concisão, informava-o de que ele, um Servílio patrício, não aceitaria ordens de um negociante

arrogante e pretensioso, e permaneceria onde estava, na margem ocidental.

A directiva seguinte de Málio Máximo dizia:

Como teu comandante supremo, torno a ordenar-te que atravesses** já o **rio com o teu exército, Peço-te que consideres esta minha segunda ordem como a última. Caso persistas em desafiar-me, instaurarei processos legais contra ti em Roma, Serás acusado de alta traição e as tuas atitudes pomposas condenar-te-ão.

A resposta de Cepião era igualmente litigiosa:

Não te aceito como comandante supremo. Podes instaurar umprocesso de traição contra mim. Eu também te instaurarei um processo de traição. Como ambos sabemos quem ganhará, exijo que me passes** já o **comando supremo.

Málio Máximo respondeu com ainda mais sobranceria. E as coisas continuaram assim até meados de Setembro, altura em que chegaram de Roma seis membros do Senado, completamente exaustos pela rapidez e desconforto da viagem. Rutílio Rufo, o cônsul em Roma, havia tentado com êxito enviar a sua comitiva, mas Escauro e Metelo Numídico conseguiram desprestigiá-la, recusando-se a permitir que esta incluísse qualquer membro de estatuto senatorial ou com peso político. O membro mais importante da comitiva era um simples pretor de origens nobres, o cunhado de Rutílio Rufo, Marco Aurélio Cota. Poucas horas após a comitiva ter chegado ao acampamento de Málio Máximo, Cota compreendeu a gravidade da situação.

E meteu mãos à obra com grande energia e um ardor que lhe eram estranhos, concentrando os seus esforços em Cepião. Este manteve-se obstinado. Uma visita ao acampamento trinta milhas a norte fê-lo voltar à carga com

determinação redobrada, porque o legado Aurélio o levara às escondidas até um monte alto, donde pôde ver o avanço dos Germanos.476

Cota olhou e empalideceu.

- Devias estar no acampamento de Cneu Málio - disse.

- Se quiséssemos um combate, sim - afirmou Aurélio, inabalável na sua calma, pois havia dias que observava o avanço dos Germanos e já se habituara ao espectáculo. - Cneu Málio pensa que podemos repetir êxitos anteriores, que têm sido sempre diplomáticos. As vezes em que os Germanos lutaram foi porque nós os levámos a isso. Não tenho qualquer intenção de começar o ataque... E isso significará, estou certo, que eles também não o começarão. Tenho comigo uma equipa de intérpretes competentes e passei dias a doutriná-los em relação ao que devem dizer quando os Germanos enviarem os seus chefes para conferenciar, e tenho a certeza de que o farão assim que compreenderem que os espera um exército romano de enormes dimensões.

- Mas eles já o sabem! - exclamou Cota.

- Duvido - comentou Aurélio, imperturbável. - Eles não se deslocam à maneira militar. Se é que conhecem a existência de batedores, até agora não se *deram* ao trabalho de usá-los. Limitam-se a avançar! Aceitando o que vier da minha parte e de Cneu Málio.

Cota virou o cavalo na direcção oposta.

- Tenho de ir ter com Cneu Málio quanto antes, primo. Dê por onde *der, tenho* de convencer o imbecil emproado do Cepião a atravessar o rio, senão de nada serve termos o seu exército por perto.

- Estou de acordo - disse Aurélio. - Contudo, Marco Aurélio dos Cotas, se for exequível, gostaria que viesses ter comigo aqui logo que eu mande avisar que chegou uma delegação germana. Com os

teus cinco colegas! Os Germanos ficarão impressionados por o Senado ter enviado seis representantes de Roma *para negociar* com eles - Aurélio sorriu de esguelha. - É evidente que não vamos dizer-lhes que o Senado tinha enviado esses seis representantes para conferenciar com os nossos generais imbecis!

O imbecil emproado do Quinto Servílio Cepião estava - inexplicavelmente - com muito melhor disposição e mais disposto a ouvir cota no dia seguinte, quando atravessou o Ródano de barco.

- A que se deve essa boa disposição tão repentina, Quinto ServíliO?

- perguntou Cota, confuso,

- Acabei de receber uma carta de Esmirna - disse Cepião, - Uma carta que devia ter recebido há vários meses. - Mas em vez de explicar O477

que podia conter qualquer carta de Esmirna para ele ficar assim tão contente, Cepião concentrou-se nas negociações: Está bem, disse ele, vou atravessar amanhã o rio, e apontou para o mapa com uma vara de marfim coroada por uma águia de ouro que indicava o alto grau do seu *imperium;* ainda não tinha consentido ver Málio Máximo em pessoa. E indicou: Atravessá-lo-ei neste ponto.

- Não seria mais prudente atravessar a sul de Arausio? - perguntou Cota hesitante.

- De modo nenhum! - afirmou Cepião. - Se atravessar a norte, ficarei mais perto dos Germanos.

Fiel à sua palavra, Cepião levantou o acampamento na madrugada do dia seguinte e marchou para norte até um vau vinte milhas acima da fortaleza de Málio Máximo, e apenas dez milhas a sul do lugar onde Aurélio estava acampado com a sua cavalaria.

Cota e os seus companheiros do Senado também cavalgaram para norte, com a intenção de estarem no acampamento de Aurélio quando os chefes dos Germanos chegassem para conferenciar. Pelo caminho encontraram Cepião na margem oriental, com a maioria do seu exército do outro lado do rio. Mas o que viram voltou a trazer o desânimo aos seus corações, pois era óbvio que Cepião se preparava para montar um acampamento bem defendido no preciso lugar em que se encontrava.

- Oh, Quinto Servílio, *não podes* permanecer aqui! - exclamou Cota logo que deixaram os cavalos num cume acima do novo acampamento, onde figuras apressadas cavavam valas e formavam *muralhas* com a terra empilhada.

- Porquê? - perguntou Cepião, levantando as sobrancelhas.

- Porque vinte milhas a sul daqui há um acampamento já montado, e suficientemente grande para instalar as tuas legiões além das dez que já lá se encontram! É **lá o teu lugar, Quinto Servílio, e não aqui, demasiado** longe de Aurélio, que está a norte, e de Cneu Málio, a sul, para seres útil a algum deles... ou até para ti mesmo! Por favor, Quinto Servílio, peço-te! Monta aqui um acampamento de marcha hoje e vai ter com Cneu. Málio amanhã de manhã - implorou Cota com a maior veemência.

- *Eu disse* que atravessaria o rio - informou Cepião -, mas não dei qualquer indicação quanto ao que faria depois de atravessá-lo! Tenho sete legiões, todas excelentemente treinadas e de soldados experientes. E não só; eles são homens possuidores de bens, verdadeiros soldados romanos! Pensas que eu consentiria partilhar um acampamento com a ralé de Roma478

e de italianos... homens sem terra e trabalhadores, homens que não sabem *ler nem escrever?* Marco Cota, *antes morrer!*

- Pode ser que morras - disse Cota secamente.

- Nem eu, nem o meu exército - afirmou Cepião, intransigente, Estou vinte milhas a norte de Cneu Málio e da sua ralé repugnante. Por isso serei o *primeiro* a encontrar-me com os Germanos. E vencê-los-ei, Marco Cota! Um milhão de bárbaros não podem vencer sete legiões de *verdadeiros* soldados romanos! Deixar esse... *esse negociante* do Málio ficar com o mínimo de crédito? Não! Quinto Servílio Cepião festejará o seu segundo triunfo pelas ruas de Roma em vitória singular! Málio terá de ficar a assistir.

Inclinando-se na sela, Cota estendeu a mão e agarrou o braço de Cepião.

- Quinto Servílio - disse, mais seriamente do que alguma vez falara em toda a sua vida -, imploro-te, *junta-te a Cneu Málio!* O que é mais importante para ti, a vitória de Roma ou a vitória da nobreza romana O que interessa saber quem ganha, se for Roma a ganhar? Não se trata de uma pequena guerra de fronteira contra meia dúzia de Escordiscos, nem de uma campanha insignificante contra os Lusitanos! Vamos necessitar do exército melhor e maior que alguma vez tivemos, e a tua contribuição para esse exército é vital! Os homens de Cneu Málio não tiveram o tempo de serviço nem o treino dos teus homens. A tua presença no meio deles irá equilibrá-los, dar-lhes um exemplo a seguir, Porque devo dizer-te com toda a firmeza que *vai haver* uma batalha! Pressinto-o. Qualquer que tenha sido o comportamento dos Germanos no passado, desta vez vai ser diferente. Eles provaram o nosso sangue e gostaram, sentiram a nossa coragem *e acharam-na fraca. É Roma* que está em perigo, Quinto Servílio, e não apenas a nobreza de Roma! Mas se insistires em ficar isolado do outro exército, digo-te sem rodeios que o futuro da nobreza romana também estará em perigo. Tens nas mãos o futuro de Roma e da tua classe. Procede acertadamente para o bem de ambos, por favor! Vai amanhã para o acampamento de Málio e alia-te a ele.

Cepião deu uma palmada no cavalo e afastou-se, libertando-se do aperto de Cota.

- Não! - exclamou. - Fico aqui.

Então, Cota e os seus cinco companheiros cavalgaram para o norte, enquanto Cepião construía à beira do rio uma cópia idêntica mas mais pequena do acampamento de Málio.479

Os membros do Senado chegaram mesmo a tempo, pois o grupo germano de negociações entrou no acampamento de Aurélio mal terminava a madrugada do dia seguinte. Eram cinquenta, com idades compreendidas entre os quarenta e os sessenta, pensou Cota apavorado, pois nunca tinha visto homens tão grandes - nenhum deles parecia ter menos de seis pés de altura e a maioria tinha mesmo mais umas seis polegadas. Montavam enormes cavalos hirsutos e despenteados aos olhos dos romanos, com grandes jubas e crinas caídas sobre os olhos suaves; não tinham de suportar o estorvo das selas mas tinham freios.

- Estes cavalos parecem elefantes de guerra - comentou Cota.

- Só alguns - retorquiu Aurélio, despreocupado. - A maior parte deles monta vulgares cavalos gauleses; julgo que **estes homens têm direito** a escolha.

- Olha para aquele jovem! - exclamou Cota, ao ver um sujeito que deveria ter uns trinta anos desmontar e ficar parado com um ar extremamente confiante, olhando à sua volta como se não achasse nada do que via digno de nota,

- Um verdadeiro Aquiles - disse Aurélio, impávido.

- Pensei que os Germanos só traziam uma capa vestida sobre o corpo nu - disse Cota ao ver uns calções de couro.

- Eles andam assim na Germânia, segundo dizem, mas pelo que temos visto destes Germanos, vestem calças como os Gauleses. Vestiam calças mas nenhum deles usava camisa, apesar do tempo frio. Muitos usavam ao peito ornamentos quadrados de ouro que iam

de um mamilo ao outro e todos traziam vazias as bainhas de espadas longas nos talabartes. Tinham muitos ornamentos em ouro - nos peitorais, ornamentos dos elmos, bainhas das espadas, cintos, talabartes, fivelas, braceletes e colares - embora nenhum usasse o colar de metal torcido dos Celtas. Cota achava os elmos fascinantes: não tinham rebordo e eram redondos; alguns tinham adornos simétricos acima das orelhas, tais como cornos magníficos ou tubos ocos com punhados de plumas, enquanto outros mais pareciam cabeças de serpentes ou dragões, pássaros terríveis ou leopardos de mandíbulas escancaradas.

Todos usavam a barba rapada e o longo cabelo cor de linho em tranças ou solto e tinham poucos pêlos no peito. A pele não era tão rosada como a dos Celtas, reparou Cota - era mais de um tom dourado. Não tinham sardas nem cabelos ruivos. Os seus olhos eram azuis claros e não se viam tons verdes nem cinzentos, Mesmo os mais velhos conservavam-se em

excelente forma, sem barriga e com ar guerreiro, sem apresentarem marcas de comodismo; embora os Romanos não o soubessem, os Germanos matavam os homens que se desleixavam.

A negociação decorreu sob a mediação dos intérpretes de Aurélio, na sua maioria éduos e ambarros, embora dois ou três fossem germanos capturados na Nórica por Carbão antes da sua derrota. O que eles queriam, explicaram os guerreiros germanos, era obter o direito de passagem que fica através da Gália Transalpina, pois dirigiam-se para a Espanha. Foi Aurélio que conduziu a primeira fase das conversas, vestido em traje de gala militar - de couraça de prata ajustada ao tronco, elmo ático de prata com plumas escarlate e o saiote duplo de tiras duras de couro chamadas *pleryges* sobre uma tânica carmesim. Como era consular, usava uma capa *púrpura atada aos* ombros da *couraça e um cinturão carmesim atado igualmente preso* por uma presilha à volta da couraça mesmo acima da cintura trazia o distintivo de general.

Cota assistia encantado, agora com mais receio do que alguma vez sonhara ter, mesmo no limite do desespero. Sabia que estava a assistir à condenação de Roma. Nos meses que se seguiriam, aqueles guerreiros germanos assombraram o seu sono tão desapiedadamente que ele passava os dias a cambalear, absorto e de olhos congestionados, e mesmo quando a força do hábito reduziu a sua capacidade de manter-se acordado, dava consigo sentado na cama, boquiaberto, porque eles haviam *entrado* com os seus cavalos gigantescos num pesadelo menos *importante.* Segundo o parecer dos espiões, deviam ultrapassar os três quartos de milhão, no mínimo trezentos mil guerreiros gigantescos. Tal como a maioria dos homens da sua posição, Cota vira a sua quota-parte de guerreiros bárbaros, Escordiscos e lapudos, Salassos e Carpetanos; mas nunca vira outros como os Germanos. Todos consideravam os Gauleses

gigantes mas não passavam de homens vulgares em comparação com os Germanos.

E o pior terror é que condenavam Roma à destruição por Roma nãO os ter levado a sério e não ter resolvido a discórdia entre as Ordens; *como podia Roma esperar derrotá-los quando dois generais romanos se* recusavam a cooperar e trocavam entre si os epítetos de snobe e novo-rico e amaldiçoavam os soldados um do outro? Se Cepião e MálIo Máximo trabalhassem em equipa, Roma teria perto de cem mil homens e isso seria uma proporção razoável se o moral fosse elevado, o treino fosse completo e a chefia competente.481

”Oh”, pensou Cota, de entranhas revolvidas, ”entrevi o destino de Roma! Não poderemos sobreviver a esta horda loura, se nem já conseguimos sobreviver a nós mesmos.”

Por fim, Aurélio cessou o debate e cada um dos lados se afastou para conferenciar.

- Aprendemos uma coisa - disse Aurélio a Cota e aos outros cinco senadores. - Eles não se denominam a si mesmos Germanos. Com efeito, dizem pertencer a três povos **diferentes aos quais chamam Cimbros,** Teutões e um terceiro grupo poliglota formado por vários povos mais pequenos que se juntaram aos Cimbros e aos Teutões durante as suas deambulações - os Marcomanos, Queruscos e Tigurinos - que, de acordo com o meu intérprete germano, são de origem mais céltica do que germana.

- Deambulações? - perguntou Cota. - Há quanto tempo andam a deambular?

- Nem eles sabem, mas há muitos anos. Talvez há uma geração. O fedelho novo *com ar* de Aquiles bárbaro era uma criança quando a sua tribo, os Cimbros, deixaram a sua pátria.

- Têm algum rei? - perguntou Cota.

- Não, têm um conselho de chefes, a maioria dos quais se encontram à tua frente. No entanto, aquele fedelho novo com ar de Aquiles bárbaro está a subir muito depressa no conselho e os seus adeptos já começam a chamar-lhe rei. O nome dele é Boiorix e é de longe o mais truculento de todos. Não está interessado em suplicar-nos que os autorizemos a ir para o sul: acredita que a razão está do lado da força e defende que devem acabar com as conversações e avançar para o sul, dê por onde der.

- É demasiado novo para ser rei e constitui um perigo - disse Cota.

- E quem é aquele homem ali? - perguntou, indicando discretamente um homem de cerca de quarenta anos que tinha como adornos um peitoral de ouro e várias libras de ouro.

- É Teutobod, o chefe supremo dos Teutões. Também começa a querer que lhe chamem rei, ao que parece. Tal como Bóiorix, acredita na razão do mais forte e que muito simplesmente deveriam seguir para o sul, quer os Romanos concordem ou não. Isto não me agrada, primo. Ambos os meus intérpretes germanos dos tempos de Carbão me dizem que a disposição deles é muito diferente do que era dantes: ganharam confiança em si mesmos e desprezo por nós - Aurélio mordeu o lábio.

- Vivem no meio dos Éduos e dos Ambarros há tempo suficiente para482

estarem informadíssimos sobre Roma. E o que ouviram acalmou-lhes os temores. E não é só isso: se excluíres o primeiro combate de Lúcio Cássio... E quem terá problemas em excluí-lo, dadas as consequências?... Até este momento têm vencido todas as lutas contra nós. Agora, Bóiorix e Teutobod dizem-lhes que não têm qualquer razão para nos temerem só por estarmos mais bem armados e treinados. Somos como espantalhos de crianças, só metemos medo a fingir. Bóiorix e Teutobod *querem* a guerra. Com

Roma ultrapassada, podem andar por onde muito bem quiserem e fixar-se onde escolherem.

As negociações recomeçaram, mas desta vez Aurélio fez avançar os seus seis convidados, todos *de toga* e escoltados por doze lictores com as túnicas carmesim e cinturões de ouro trabalhado para uso em serviço fora de Roma, e transportando *fasces* com machados. Era óbvio que todos os germanos haviam reparado neles, mas agora que decorriam as apresentações, olhavam espantadíssimos para as túnicas brancas ondulantes: eram tão pouco marciais! Os Romanos eram todos *assim?* Cota era o único que usava a *toga praetexta* debruada a púrpura do magistrado curul, e era *para* ele que dirigiam todas as arengas *de* sons estranhos *e incompreensíveis.*

Ele aguentou-se bem sob a pressão: altivo, sereno, falando sem erguer a voz. Os germanos não viam mal nenhum em ficar vermelhos de cólera, soltar perdigotos a pontuar as palavras e bater com um punho na palma da outra mão mas não havia dúvidas de que haviam ficado confusos e pouco à vontade com a tranquilidade inabalável dos romanos.

Desde o início da sua participação nas negociações, a resposta de Cota fora sempre a mesma: não. Não, a migração não podia seguir para o sul; não, o povo germano não tinha o direito de atravessar qualquer território ou província romana; não, a Espanha não era um destino exequível, a menos que eles pretendessem limitar-se à Lusitânia e à Cantábria, pois o resto de Espanha pertencia a Roma. Cota exortava-os constantemente a voltarem para o norte; de preferência para o seu território, onde quer que se encontrasse, ou então, que atravessassem o Reno e se fixassem na Germânia, no meio dos seus.

Foi só ao cair da noite que os cinquenta guerreiros germanos *se sentaram* nos cavalos e partiram. Os últimos a sair foram Bóiorix e Teutobod, e o mais novo afastou-se fitando os romanos até onde pôde fazê-lo. A sua expressão não era de simpatia ou de admiração.

Aurélio tem razão: é um verdadeiro Aquiles, pensou Cota, embora de início a justeza da *comparação*483

tivesse sido um mistério. Depois, entendeu que era porque no belo rosto do jovem Germano se encontrava toda a teimosia cruel e vingativa de Aquiles. Aqui estava um homem que deixaria os seus homens morrerem como moscas à menor ofensa à sua honra. E o coração de Cota batia, desesperado; e não se poderia dizer o mesmo de Cepião Júnior?

Duas horas depois do cair da noite, a lua cheia brilhava; libertos do estorvo das togas, Cota e os seus cinco companheiros jantaram em silêncio à mesa de Aurélio e prepararam-se para seguir para o sul.

- Esperem que amanheça - suplicou Aurélio. - Não estamos em Itália, não há estradas romanas de confiança e vocês não conhecem o estado do terreno. Meia dúzia de horas não farão grande diferença.

- Não, penso chegar ao acampamento de Quinto Servílio de madrugada - disse Cota - e tentar mais uma vez convencê-lo a juntar-se a Cneu Málio. Vou dar-lhe a saber o que aconteceu aqui hoje. Mas faça Quinto Servílio o que fizer, irei ter com Cneu Málio amanhã e não tenciono dormir enquanto não o encontrar.

Apertaram as mãos. O vulto de Aurélio permaneceu claramente delineado contra a luz da fogueira e do luar, de braço erguido em sinal de despedida, enquanto Cota e os senadores se afastaram com a sua escolta de lictores e servos.

Não voltarei a vê-lo, pensou Cota; é um homem corajoso, dos melhores em Roma.

Cepião nem chegou a ouvir o que Cota tinha para lhe dizer, quanto mais escutar a voz da razão.

- Ficarei aqui - foi tudo o que disse.

E Cota seguiu sem parar para matar a sede no acampamento meio-terminado de Cepião, decidido a alcançar Cneu Málio o mais tardar ao meio-dia.

De madrugada, enquanto Cota e Cepião se desentendiam, os Germanos atacaram. Era o segundo dia de Outubro e o frio ainda não chegara. Quando as primeiras filas da turba germana avançaram contra o acampamento de Aurélio, nunca mais pararam. Aurélio não tinha compreendido bem o que se estava a passar; pensara que os seus esquadrões de cavalaria teriam tempo de montar - que a muralha do acampamento, extremamente bem fortificada, impediria os Germanos de entrar até as suas tropas saírem pela cancela traseira do acampamento e tentarem atacar o inimigo de flanco. Mas isso não chegaria a acontecer. Os Germanos484

foram tão rápidos que em pouco tempo surgiram aos milhares, vindos de todos os lados do acampamento. Os soldados de cavalaria de Aurélio fizeram o melhor que podiam, embora não estivessem habituados a lutar a pé, mas o combate em breve se transformou numa derrota. Em meia hora, quase não havia um romano ou um auxiliar vivo e Marco Aurélio Escauro foi feito prisioneiro antes de ter tempo de cair sobre a sua espada.

Levado à presença de Bóiorix, Teutobod e dos restantes que haviam tomado parte nas negociações, Aurélio teve uma conduta extraordinária: de porte imponente, modos insuportavelmente arrogantes; nenhuma indignidade ou dor que lhe fosse infligida o faria vergar a cabeça ou vacilar. Por isso, puseram-no numa jaula de verga à medida dele e obrigaram-no a assistir, enquanto faziam uma pira de madeira, lhe pegaram fogo e a deixaram arder. Aurélio assistiu, direito, sem medo no rosto nem tremores nas mãos, sem mesmo se agarrar às grades da sua pequena prisão. Como não estava nos planos deles que Aurélio morresse asfixiado com o fumo - ou demasiado rapidamente, devorado pelas chamas - esperaram que a pira ardesse, a seguir colocaram-lhe em cima a jaula de verga e assaram Aurélio vivo. Mas ele ganhou, embora a sua vitória fosse

solitária. Porque não se contorceu de dores nem gritou, nem deixou as pernas dobrarem-se. Morreu como um nobre romano, decidido a mostrar-lhes pela sua conduta a verdadeira medida de Roma, o que podia ser um lugar que via nascer homens como ele, um verdadeiro Romano.

Os Germanos demoraram-se mais dois dias junto das ruínas do *acampamento* da cavalaria romana e depois iniciaram de novo a sua marcha para o sul, igualmente de improviso. Quando chegaram perto do acampamento de Cepião continuaram o seu caminho, *milhares e* milhares e milhares, até os aterrorizados soldados de Cepião desistirem de contá-los e alguns decidirem mesmo livrar-se das armaduras e nadar até à margen, ocidental do rio, pondo-se a salvo. Mas isso era um último recurso que Cepião tencionava manter apenas para si; queimou todos os barcos da sua pequena frota excepto um, montou forte vigilância na *margem do rio* e mandou executar qualquer homem que tentasse fugir. À deriva nun vasto mar de Germanos, os cinquenta e cinco mil soldados e não-combatentes do exército de Cepião não podiam fazer mais nada senão esperar para ver se a inundação passava por eles sem atacar.

Pelo sexto dia de Setembro, as primeiras filas dos Germanos havia," chegado ao acampamento de Málio Máximo, que preferiu não *manter o* exército encurralado dentro de muros. Por isso, mandou formar as suas485

dez legiões e fê-las marchar em direcção ao norte, antes que os Germanos, que já se avistavam, pudessem cercar o acampamento. Dispôs as tropas ao longo do terreno plano entre a margem do rio e a primeira elevação do terreno que anunciava as extremidades dos tentáculos dos Alpes, apesar de estes se **encontrarem** a quase cem milhas para leste. As legiões ficaram voltadas para norte, lado a lado ao longo de quatro milhas, o que constituiu o quarto erro de Málio Máximo; podia ser atacado pelos flancos - porque não tinha a cavalaria a proteger-lhe a ala direita exposta e os seus homens estavam demasiado longe para poderem acudir.

Málio Máximo não havia tido conhecimento do que acontecera no norte a Aurélio ou a Cepião e não tinha ninguém que pudesse fazer penetrar nas hordas de Germanos, pois todos os intérpretes e batedores disponíveis tinham seguido com Aurélio. Por isso, a única coisa que poderia fazer era esperar pela chegada dos Germanos.

A sua posição de comando era no topo da torre mais alta do acampamento fortificado, e foi aí que se colocou, com o seu estado-maior a cavalo e pronto para seguir a galope a transmitir as suas ordens às legiões; desse estado-maior faziam Parte os seus dois filhos e o vigoroso filho de Metelo Numídico Suíno, o Bacorinho. Talvez por Málio Máximo considerar a legião de Marsos de Quinto Popédio Silo como estando melhor treinada e equipada - ou talvez por achar que as suas vidas valiam menos do que as dos romanos, mesmo a escumalha - esta ficou no extremo leste da fila, à direita dos romanos e sem a protecção da cavalaria. A seguir, estava uma legião recrutada no início do ano, comandada por Marco Lívio Druso, cujo adjunto era Quinto Sertório. Seguiam-se os auxiliares samnitas e outra legião romana de recrutas recentes; quanto mais a fila se aproximava do rio, pior treinadas e inexperientes eram as legiões e mais tribunos dos soldados as apoiavam. A legião de CepiãoJúnior, de tropas completamente novatas, estava estacionada ao longo da margem do rio, e encontrava-se logo a seguir Sexto **Júlio César, comandando** tropas de preparação equivalente.

Parecia haver um plano ténue no ataque quase simultâneo dos Germanos ao acampamento de Cepião e à linha de combate de Málio Máximo duas horas após o amanhecer do sexto dia de Outubro.

Nenhum dos cinquenta e cinco mil homens de Cepião sobreviveu quando os Germanos que os cercavam avançaram para o interior do acampamento e se lançaram sobre eles até a pilha de homens ser tão grande que os feridos ficavam esmagados debaixo dos mortos. Cepião não esperou.486

Mal viu que os seus soldados não conseguiam deter o avanço dos Germanos, atirou-se à água, entrou no seu barco e mandou os remadores *alcançarem* a margem direita do Ródano o mais depressa possível. Alguns dos seus homens tentaram *por-se* a salvo lançando-se ao rio, mas os Germanos *eram* tantos que nenhum romano teve tempo de tirar a cota de malha de vinte libras ou desapertar o elmo, e *acabaram por* morrer todos os que tentaram essa via. Cepião e a tripulação do barco foram os únicos sobreviventes.

Málio Máximo não teve melhor sorte. Os Marsos pereceram até ao último homem no combate aos deuses gigantescos, e o mesmo aconteceu à legião de Druso, que combatia ao lado dos Marsos. Silo tombou, com um ferimento de lado e Druso perdeu os sentidos devido a um golpe de espada germana pouco depois de ter entrado em combate a sua legião; Quinto Sertório tentou reagrupar os seus cavaleiros mas era totalmente impossível deter o ataque dos Germanos. Assim que um era derrubado, apareciam novos germanos a substituí-lo, incessantemente. Sertório também tombou com um ferimento na anca, no local onde os nervos principais da perna eram mais vulneráveis; o facto de a lança ter trespassado os nervos e parado pouco antes da artéria femoral apenas se ficou a dever à sorte.

As legiões que estavam mais perto do rio recuaram e lançaram-se à água - a maior parte deles conseguiu desembaraçar-se do equipamento antes de mergulhar - e escaparam, atravessando o Ródano a nado. Cepião júnior foi o primeiro a ceder à tentação, mas Sexto César foi ferido por um dos seus soldados quando tentava impedir a retirada e desapareceu no meio da confusão com uma anca retalhada.

Apesar dos protestos de Cota, os seis senadores haviam sido levados de barco para o lado ocidental do rio antes de começar a batalha; Málio Máximo insistira que, como observadores civis que eram, deveriam abandonar o campo de batalha e permanecer num local absolutamente seguro.

- Se tombarmos, vocês devem ficar vivos para levar a notícia ao Senado e ao povo de Roma - explicou.

Era habitual os Romanos pouparem a vida de todos os que eram *derrotados,* pois os guerreiros ilesos eram vendidos aos melhores preços *como* escravos para trabalhar nas minas, docas, pedreiras e nas obras. Mas *nem* os Celtas nem *os* Germanos poupavam as vidas dos homens *contra* quem combatiam; preferiam tornar escravos os que falavam *a* sua língua e apenas na quantidade que a sua vida não estruturada exigisse.487

E quando, ao fim de uma breve hora inglória de combate, a hoste germana saiu vitoriosa, os seus membros percorreram o campo e mataram todos os romanos que encontraram vivos por entre os milhares de cadáveres. Felizmente, não o fizeram de um modo disciplinado ou concertado; se assim tivesse sido, nem um dos vinte e quatro tribunos dos soldados teria sobrevivido na batalha de Arausio. Druso estava tão inconsciente que parecia morto a qualquer germano que passasse por ele, e o corpo de Quinto Popédio Silo, debaixo de um monte de cadáveres de Marsos, estava tão coberto de sangue que ninguém o descobriu. Incapaz de se mexer por ter a perna completamente paralisada, Quinto Sertório parecia morto. E Sexto César, totalmente exposto, fazia tanto esforço a respirar e estava com o rosto tão azul que nenhum Germano que reparasse nele se daria ao trabalho de acabar com uma vida tão perto do fim.

Os dois filhos de Málio Máximo morreram na missão de transmitir as ordens do pai, mas o filho de Metelo Numídico Suíno, o jovem Bacorinho, era de outra cepa; ao ver que a derrota era inevitável, levou o impávido Málio Máximo e meia dúzia dos seus adjuntos através dos taludes do acampamento até ao rio e pô-los num barco. As atitudes de Metelo Bacorinho não eram inteiramente ditadas pela necessidade de autopreservação, visto que coragem não lhe faltava; simplesmente, preferia usar essa coragem para salvar a vida do seu comandante.

Estava tudo terminado à quinta hora do dia. E então, os Germanos voltaram a seguir para o norte, para o acampamento de Aurélio - agora morto - a trinta milhas daí, onde tinham deixado os seus milhares de carroças. No acampamento de Málio Máximo - e no de Cepião - fizeram uma descoberta maravilhosa: enormes armazéns de trigo e outros alimentos, e veículos, mulas e bois para transportar tudo. O ouro, dinheiro, roupas e mesmo as armas e armaduras não tinham exercido a menor atracção sobre eles. Mas os alimentos de Málio Máximo e de Cepião eram irresistíveis, e por isso pilharam tudo até à última fatia de toucínho e ao último pote de mel. Sem contar com centenas de *amphorae* de vinho.

Um dos intérpretes germanos, capturado quando o acampamento de Aurélio fora destruído e devolvido ao povo Cimbro, ao fim de permanecer *entre* os seus, meia dúzia de horas, percebeu logo que vivera entre os Romanos demasiado tempo para que lhe restasse algum amor pela vida que levavam os bárbaros. Por isso, quando ninguém estava a ver, roubou um cavalo e galopou para a cidade de Arausio, ao sul. Passou488

bem a leste do rio, pois não tinha vontade nenhuma de ver os resultados da terrível derrota romana, nem de sentir o cheiro dos cadáveres Por enterrar.

No nono dia de Outubro, três dias depois do combate, fez o seu corcel extenuado percorrer o empedrado da rua principal daquela cidade próspera, à procura de alguém a quem pudesse contar as notícias, mas não encontrou vivalma. Toda a população parecia ter desaparecido antes do avanço dos Germanos. Mais à frente, no extremo da rua principal, espreitou a *villa* da figura mais importante de Arausio - um cidadão romano, claro está - e viu que havia movimento.

A figura mais importante de Arausio era um gaulês local chamado Marco Antônio Memínio, pois recebera de um Marco Antônio a ambicionada cidadania, por serviços prestados no exército de Cneu

Domício Aenobarbo dezassete anos atrás. Exaltado pela distinção e ajudado pelo patrocínio da família de António a ganhar concessões comerciais entre a Gália Transalpina e a Itália romana, Marco Antônio Memínio, foi extremamente próspero. Era agora o primeiro magistrado da cidade e tentara convencer toda a gente a ficar em casa, pelo menos o tempo suficiente para ver se o resultado da batalha que estava a ser travada ao norte era contra ou a favor de Roma. Não teve qualquer êxito mas decidiu *ficar,* limitando-se à precaução de deixar os filhos ao cuidado do pedagogo, enterrar o ouro e esconder o alçapão da adega com uma laje de pedra. A mulher informou-o de que preferia ficar com ele a ir com as crianças, e os dois, acompanhados por alguns servos fiéis, haviam escutado a breve cacofonia de aflição vinda do acampamento de Málio Máximo.

Ao verem que não aparecia ninguém - nem germanos nem Romanos

- Memínio mandou um escravo saber o que se passava, e ainda estava a recompor-se das notícias quando o primeiro dos oficiais séniores romanos a salvar a pele chegou à cidade. Eram Cneu Málio Máximo e os seus adjuntos, comportando-se mais como animais drogados a caminho da matança ritual do que como altos militares romanos; esta impressão de Memínio foi reforçada pelo comportamento do filho de Numídico, que tomava conta deles com uma ferocidade de cão pastor. Memínio e a mulher vieram buscar o grupo, levando-o para a sua *villa,* deram-lhe de comer *e* de beber e tentaram obter um relato coerente dos acontecimentos. Mas todas as tentativas falharam: o único que mantinha um discurso *coerente,* o jovem Metelo Bacorinho, não dizia duas palavras seguidas, e *Memínio* e a mulher não falavam grego, mas apenas o latim básico.489

Outros vieram a arrastar-se nos dois dias que se seguiram, mas eram em **número muito reduzido** e não havia entre eles soldados rasos, embora um centurião dissesse que havia milhares de sobreviventes na margem oeste do rio, vagueando desorientados.

Cepião foi o último a chegar, acompanhado pelo filho, Cepião Júnior, que ele encontrara na margem oeste do rio quando se dirigia para Arausio. Quando Cepião soube que Málio Máximo estava alojado na casa de Memínio, recusou-se a ficar, preferindo seguir para Roma, levando consigo o filho. Memínio deu-lhe dois carros, cada um atrelado a quatro mulas, e forneceu-lhe comida e condutores para a viagem.

Vergado de sofrimento pela morte dos filhos, só no terceiro dia é que Málio Máximo conseguiu perguntar pelos seis senadores; até lá, Memínio nem sabia da existência deles, mas quando Málio Máximo insistiu para que partisse um grupo à sua procura, Memínio levantou objecções, com receio de que os Germanos ainda estivessem na posse do campo de batalha e mais preocupado em preparar-se ele, a mulher e todos os seus convidados, para uma fuga rápida.

Era esta a situação quando o intérprete germano chegou a Arausio e localizou Memínio. Este percebeu logo que o homem vinha cheio de notícias importantes, mas infelizmente ninguém entendia o latim do outro, e Memínio não se lembrou de pedir a Málio Máximo para falar com o homem. Em vez disso, deu-lhe abrigo e mandou-o esperar até chegar alguém que tivesse conhecimento da língua e falasse com ele.

Sob a chefia de Cota, a delegação senatorial aventurou-se a atravessar o rio de barco assim que os Germanos viraram costas e seguiram para Norte, e começou à procura de sobreviventes no meio daquela terrível carnificina. Eram vinte e nove ao todo, incluindo os lictores, e executavam a sua tarefa sem precauções de segurança. Durante todo o tempo, nunca apareceu alguém que os ajudasse.

Druso recuperou os sentidos ao cair da noite, passou a noite meio inconsciente, e com a madrugada recuperou o suficiente para rastejar em busca de água, a única coisa em que pensava; o rio ficava a três milhas de distância e o acampamento quase à mesma distância, pelo que seguiu para leste esperando encontrar um ribeiro

no local onde o terreno subia. A poucos pés dali, encontrou Quinto Sertório, que lhe acenou quando o VIU.490

- Não consigo mexer-me - disse Sertório, humedecendo os lábios rebentados. - Tenho a perna sem vida. Esperava que viesse alguém. Pensei que fosse um germano.

- Tenho sede - disse Druso com voz rouca. - Vou buscar água e já volto, Havia mortos por todos os *lados, acres e acres deles, mas* encontravam-se principalmente no caminho que Druso seguiu com passo incerto em busca de água, pois era a linha da frente onde havia começado a batalha, e os Romanos não tinham avançado nem *uma* polegada, apenas haviam tombado em massa. Tal como ele, Sertório permanecera na linha da frente; se tivesse ficado entre as pilhas de romanos mortos na sua retaguarda, Druso nunca o teria visto.

Druso perdera o pesado elmo ático; um pequeno sopro de vento fez voar uma madeixa até à enorme protuberância acima do olho direito, que estava tão inchada, com a pele e o tecido tão retesados e o osso frontal tão ensanguentado, que o toque dessa única madeixa fez Druso tombar de joelhos com as dores.

Mas a vontade de viver é muito forte. Druso pôs-se de pé, soluçando, e continuou a caminhar para leste, e lembrou-se que não tinha onde transportar a água, e que Sertório não seria o único a necessitar de água. Gemendo de dores ao dobrar-se, Druso tirou os elmos a dois soldados marsos mortos e prosseguiu, pegando nos elmos pelas correias.

E no meio do campo dos Marsos havia um burrinho com um carregamento de água, com os seus olhos de longas pestanas a brilhar perante aquela carnificina mas sem poder mexer-se, pois tinha o cabresto bem enrolado à volta do braço de um homem afundado sob vários cadáveres. O burro tentara soltar-se mas só conseguiu esticar mais a corda, ao ponto de ficar com a pele negra

nos vincos. Com o punhal, Druso cortou a corda no sítio onde ela se enrolava no braço e atou-a à cintura, para que se desmaiasse o burro não pudesse fugir. Mas o burro estava muito contente por encontrar um homem vivo, pelo que esperou pacientemente até Druso matar a sede, e depois seguiu-o sem refilar.

Na orla daquela confusão de corpos à volta do burro havia duas pernas a mexer; por entre gemidos que o burro repetia com tristeza, DrusO conseguiu afastar os mortos até descobrir um oficial marso que ainda se encontrava bem vivo. A sua couraça de bronze estava cortada do lado direito, mesmo abaixo e à frente do braço direito do homem, e *de um* buraco no meio da amolgadela saía um líquido rosado que não parecia ser sangue.491

Com a maior delicadeza possível, Druso tirou o oficial do meio dos cadáveres, colocou-o numa extensão de erva e começou a desapertar a couraça dos lados. O oficial tinha os olhos fechados, mas sentiam-se bater com força as pulsações no pescoço e quando Druso retirou a parte da couraça que devia proteger o peito e o abdómen, ele deu um grito.

- Continua com cuidado! - disse uma voz irritada no mais puro latim. Druso parou por um momento e depois acabou de desapertar a protecção de couro.

- Fica parado, idiota! - disse. - Só estou a tentar ajudar. Queres água *primeiro?*

- Agua - repetiu o oficial dos Marsos.

Druso deu-lhe água de um elmo e teve a recompensa de dois olhos verde-amarelados abertos, uma visão que lhe fazia lembrar cobras; os Marsos eram encantadores de serpentes, adoravam-nas e dançavam com elas e chegavam mesmo ao ponto de beijá-las na boca. Era fácil acreditar nisso, ao ver aqueles olhos.

- Quinto Popédio Silo - disse o oficial dos Marsos. - *Um irramumator* qualquer de oito pés de altura apanhou-me em flagrante - fechou os olhos; duas lágrimas rolaram pelas bochechas ensanguentadas. - Os meus homens... Estão todos mortos, não estão?

- Receio bem que sim - disse Druso com suavidade. - Tal como os meus - e todos os outros. Eu chamo-me Marco Lívio Druso. Espera aí, vou tirar-te o justilho I.

A ferida estancara, graças à túnica de lã que fora empurrada pela espada do germano contra ela; Druso sentia pedaços de costelas partidas, mas a couraça, o justilho e as costelas haviam impedido a lâmina de penetrar no peito e no estômago.

- Vais sobreviver - afirmou Druso. - Consegues levantar-te com a minha ajuda? Deixei para trás um camarada que precisa de mim. Por isso, ou ficas aqui e vens ter comigo logo que possas ou vens agora pelo teu próprio pé - outra madeixa de cabelos bateu-lhe na têmpora direita, e ele deu um grito de dor.

Quinto Popédio Silo considerou a situação.

- Nunca conseguirás tratar de mim, no estado em que estás - disse.

- Vê se me passas o punhal, que eu corto um pouco da minha túnica para atar a ferida. Não posso voltar a sangrar no meio deste tártaro.

Nota: Justilho: espécie de corpete de couro justo ao corpo. *(N. da T.)*492

Druso deu-lhe o punhal e seguiu caminho com o burro.

- Onde posso encontrar-te? - perguntou Silo.

- Mais além, na próxima legião - respondeu Druso.

Sertório ainda estava consciente. Depois de beber, agradecido, conseguiu sentar-se. Dos três era o que tinha a pior ferida e não podia ser retirado dali antes de Druso ter a ajuda de Silo. Por isso, Druso deitou-se perto de Sertório e repousou, levantando-se apenas uma hora mais tarde, quando Silo apareceu. O sol estava a subir e cada vez estava mais *calor.*

- Nós os dois teremos de levar Sertório até longe dos mortos para que a perna corra menos riscos de ficar infectada - disse Silo. - Depois, sugiro que lhe façamos um abrigo e procuremos outros sobreviventes.

Tudo isto decorreu com uma lentidão frustrante e sob grande sofrimento, mas por fim Sertório ficou o melhor instalado possível e Druso e Silo partiram em sua busca. Não tinham avançado muito quando Druso ficou enjoado e tombou no chão poeirento por entre convulsões e gritos *de agonia. Em pouco* melhores condições, Silo caiu perto *dele, e* o burro, ainda atado ao cinto de Druso, esperou pacientemente.

Então, Silo rolou e observou a cabeça de Druso; deu um grunhido:

- Se conseguires suportar, penso que terias muito menos dores se eu te abrisse esse inchaço com a minha faca e deixasse sair sangue. Estás de acordo?

- Era capaz de desafiar a hidra de sete cabeças, se isso me curasse! disse Druso, ofegante.

Antes de abrir a intumescência com a ponta do punhal, Silo pronunciou qualquer feitiço ou encantamento numa língua antiga que Druso não conseguiu identificar; não era oscano, pois essa entendia ele ben). Um encantamento de serpentes, é o que ele está a murmurar, pensou Druso, sentindo-se estranhamente reconfortado. Druso desmaiou. E enquanto estava inconsciente, Silo espremeu tanto sangue e líquidos malditos quanto pôde, limpando

tudo com um pedaço de pano que rasgou da túnica de Druso; quando Druso veio a si, estava a arrancar-lhe outro pedaço.

- Sentes-te melhor? - perguntou Silo.

- Muito melhor - respondeu Druso.

- Se o atar, dói-te mais, por isso usa isto para ires limpando quando não conseguires ver. Mais tarde ou mais cedo, vai parar de correr - SilO levantou os olhos para o sol impiedoso. - Temos de encontrar *uma sombra,*493

senão não iremos longe... e o jovem Sertório também não - disse ele, pondo-se de pé.

À medida que se aproximavam do rio, cambaleantes, descobriam mais sinais de homens vivos; gritos débeis de socorro, movimentos, gemidos.

- Isto é uma ofensa aos deuses - disse Silo com ar sombrio. - Nenhuma batalha foi pior planeada do que esta. Foi uma carnificina! Maldito seja Cneu Málio Máximo! Que a grande Serpente luminosa lhe atormente os sonhos!

- Concordo que foi um fiasco, e não fomos melhor comandados do que os homens de Cássio em Burdígala. Mas tem de se atribuir a culpa com justiça, Quinto Popédio. Se Cneu Málio é culpado, não o é menos Quinto Servílio Cepião. - Como lhe custava dizê-lo! Tratava-se do pai da sua mulher.

- *Cepião? O* que teve ele a ver com isto? - perguntou Silo.

A ferida da cabeça estava muito melhor; Druso descobriu que podia facilmente virar-se e olhar para Silo.

- Não sabes? - perguntou.

- O que sabe um italiano das decisões do comando romano? - Silo cuspiu no chão. - Nós, Italianos, só estamos aqui para lutar; não temos direito a opinião quanto ao modo *como* lutamos, Marco Lívio.

- Desde que chegámos aqui, vindos de Narbona, Quinto Sertório recusou-se a colaborar com Cneu Málio - disse Druso, a *tremer.* - Não quis aceitar ordens de um Homem Novo.

Silo olhou para Druso: um par de olhos verdes-amarelados fixo num par de olhos negros.

- Então, Cneu Málio *queria* Quinto Servílio no seu acampamento?

- É evidente que queria! Tal como os seis senadores vindos de Roma. Mas Quinto Servílio recusou-se a submeter-se a um Homem Novo.

- Estás a dizer que foi Quinto Servílio que impediu os dois exércitos de se juntarem? - Silo parecia não acreditar no que estava a ouvir.

- Sim, foi Quinto Servílio - Druso não conseguiu deixar de dizê-lo.

- É meu sogro; sou casado com a única filha dele. Como posso aguentar isto? O filho dele é o meu melhor amigo, casado com a minha irmã... E combateu aqui hoje, ao lado de Málio Máximo. Deve estar morto - o líquido que Druso limpava da cara era na sua maioria constituído por lágrimas. - Orgulho, Quinto Popédio! Um orgulho estúpido e inútil! Silo parara de caminhar.[494]

- Morreram aqui ontem seis mil soldados dos Marsos e dois mil escravos marsos... e vens dizer-me que foi porque um idiota romano de raça superior teve uma implicação com um idiota romano de raça inferior? Silo silvava e tremia de raiva. - Que a grande Serpente luminosa os apanhe aos dois!

- Alguns dos teus homens podem ainda estar vivos - disse Druso, não para desculpar os seus superiores mas num esforço para reconfortar este homem, de quem gostava muito. E que estava submerso na dor, uma dor que não tinha nada a ver com qualquer ferida física,

uma dor que apenas assentava numa mágoa terrível. Ele, Marco Lívio Druso, que só agora começava a conhecer as realidades da vida, chorava de vergonha ao pensar numa Roma conduzida por um homem que podia causar tanta dor apenas por uma querela entre classes.

- Não, estão mortos - disse Silo. - Porque julgas que levei tanto tempo a vir ter com Quinto Sertório e contigo? Andei pelo meio deles. Mortos. Todos mortos!

- E os *meus também* - disse Druso ainda a chorar. - Nós aguentámos o peso do combate e não se vê nem um soldado de cavalaria. Pouco depois, viram o grupo senatorial à distância e pediram auxílio,

Marco Aurélio Cota levou os tribunos dos soldados Para Arausio,

percorrendo penosamente as cinco milhas de carroça, porque o passo e o tipo de transporte tornavam a viagem mais fácil; deixou os colegas a *tentar* pôr alguma ordem naquele caos. Marco Antônio Memínio havia conseguido convencer algumas das tribos celtas locais que viviam em quintas na região de Arausio a prestar auxílio.

- Mas estamos na noite do terceiro dia - disse Cota a Memínio quando este chegou *à villa* do primeiro magistrado local -, e teremos de *tratar* dos mortos.

- Os habitantes da cidade partiram e os camponeses estão convencidos de que os Germanos voltarão... Não fazes ideia de como tive de ser duro para mandar alguém ir lá ajudar-vos - disse Memínio.

- Não sei onde estão os Germanos - disse Cota - *e não imagino Por* que motivo terão ido para o norte. Mas até agora não vi vestígios deles. Infelizmente, não tenho ninguém para ir em reconhecimento; o can'PO de batalha é mais importante.

- Oh! - Memínio bateu com a mão na testa. - Apareceu aqui um sujeito há umas horas, e ao que suponho, deve ser um dos intérpretes495

germanos que estavam ligados ao acampamento de cavalaria. Fala latim, mas o seu sotaque é demasiado forte para mim. Importas-te de falar com ele? Talvez esteja disposto a fazer o reconhecimento.

E Cora foi chamar o germano, e a novidade que recebeu alterou tudo.

- Houve um conflito muito grave, o conselho de guerreiros dividiu-se e os três povos foram cada um por seu caminho - informou o homem.

- Um conflito entre os guerreiros, dizes tu? - perguntou Cota.

- Pelo menos entre Teutobod, dos Teutões, e Bóiorix, dos Cimbros disse o intérprete. - Os guerreiros regressaram às carroças e o conselho *reuniu-se para* dividir os despojos. Havia muito vinho roubado dos três acampamentos dos romanos e os guerreiros beberam-no. Depois, Teutobod contou que tivera um sonho durante a viagem até às carroças do seu povo: fora visitado pelo grande deus Ziu, e Ziu dissera-lhe que se o seu povo continuasse a marchar para o sul, entrando nas terras dos Romanos, estes infligir-lhes-iam uma derrota na qual todos os guerreiros, mulheres e crianças seriam mortos ou vendidos como escravos. Por isso, Teutobod disse que levaria os Teutões até à Espanha atravessando as terras dos Gauleses e não as dos Romanos. Mas Bóiorix protestou, acusou Teutobod de cobardia e anunciou que os Cimbros seguiriam para sul através das terras dos Romanos, fosse qual fosse a decisão dos Teutões.

- Tens a certeza disso tudo? - perguntou Cota, com dificuldade em acreditar. - Como sabes? Ouviste contar? Ou estavas lá?

- Estava *lá, dominus.*

- Como estavas lá? Porquê?

- Estava à espera que me levassem às carroças dos Cimbros, o meu povo. E estavam todos muito bêbados, por isso ninguém reparou em mim. Resolvi que não queria continuar a ser germano e decidi descobrir o que pudesse e fugir.

- Continua, homem! - exclamou Cota, impaciente.

- Bem, os outros guerreiros entraram no conflito, e a seguir Getorix, que comanda os Marcomanos, os Queruscos e os Tigurinos, propôs que resolvessem a questão permanecendo entre os Éduos e os Ambarros. Mas só o seu povo foi a favor dessa decisão. Os guerreiros teutões colocaram-se ao lado de Teutobod e os guerreiros cimbros alinharam com Bóiorix. O conselho terminou ontem com os três povos querendo cada um a sua coisa. Teutobod mandou os Teutões seguir para a Gália distante, e atravessar as terras dos Cardúrcios e dos Petrocórios no caminho para a Espanha. Getorix e o seu povo vão ficar entre os Éduos e os Ambarros. E Bóiorix496

vai levar os Cimbros para o outro lado do rio Ródano e viajar para a Espanha pelos limites dos territórios romanos e não pelo meio deles,

- Então, é por isso que não os temos visto! - exclamou Cota.

- *Sim, dominus. Eles* não virão para o Sul passando por território romano - afirmou o Germano.

Cota voltou a ir ter com Antônio Memínio e contou-lhe as notícias, com um sorriso largo.

- Espalha as notícias, Marco Memínio, e o mais depressa possível! Tens de queimar todos esses corpos, senão o solo e a água ficarão contaminados e a doença será muito mais prejudicial ao povo de Arausio do que os Germanos - avisou Cota; depois, franziu o sobrolho e mordeu o lábio. - Onde está Quinto Servílio Cepião?

- Já se encontra a caminho de Roma, Marco Aurélio.

- *O quÊ??*

- Partiu com o filho para levar a Roma as notícias o mais rapidamente possível - disse Memínio, confuso.

- Oh, aposto que sim! - disse Cota com aspereza. - Seguiu por estrada?

- Evidentemente, Marco Aurélio. Dei-lhe carros de quatro mulas dos meus próprios estábulos.

Cota levantou-se, revigorado, apesar do cansaço.

- Serei *eu* a levar as notícias a Roma - proferiu. - Nem que tenha de arranjar asas, baterei Quinto Servílio, juro-o! Marco Memínio, dá-me o melhor cavalo que tiveres. Partirei para Massília ao romper da aurora.

Partiu a galope para Massília, sem escolta, trocou de cavalo em Glanum e de novo em Aquac Sextiae, e chegou a esta cidade sete horas depois de ter deixado Arausio. O grande porto de mar fundado pelos gregos séculos antes não tivera conhecimento da enorme batalha; Cota encontrou a cidade

- tão bela e tão grega, tão branca e reluzente - febril com o temor da vinda dos Germanos.

Cota entrou na casa do

etnarca com a arrogância e pressa de *um magistrado* curul romano numa questão urgente. Como Massília queria manter laços de amizade com Roma sem ter de submeter-se a um curul romano, Cota poderia ter sido amavelmente acompanhado até à porta. Mas é óbvio que isso não aconteceu. Especialmente depois de tanto O *etnarca* como alguns dos seus conselheiros, que viviam na vizinhança, terem ouvido o que Cota tinha a dizer.

- Quero o barco mais rápido que tenhas e os melhores marinheiros e remadores de Massília - disse. - Não há carregamentos para atrasar a497

viagem, por isso levarei duas equipas suplentes de remadores, para o caso de termos que remar contra o vento ou o mar estar picado. E juro-te, *etnarca* Aristides, que chegarei a Roma em três dias, nem que tenha de remar todo o caminho! Não vamos rente à costa: navegaremos para óstia o mais a direito que for possível ao melhor remador de Massília. Quando é a próxima maré?

- Terás o teu barco e a tripulação de madrugada, Marco Aurélio, e coincide com a *maré* - disse o *emarca* lentamente. E depois tossiu com grande delicadeza. - Mas quem vai pagar tudo?

É um típico grego de Massília, disse Cota para consigo.

- Passa-me uma factura - disse. - O Senado e Povo de Roma pagarão. A factura foi logo passada; Cota olhou para o preço ultrajante e resmungou:

- É uma tragédia - disse ao *emarca* Aristides - que as más notícias custem o mesmo que outra guerra contra os Germanos. Não poderias tirar uns dracmas?

- Estou de acordo, é uma tragédia - afirmou o *emarca* com suavidade. - Mas negócio é negócio. É este o preço, Marco Aurélio. Ou o aceitas ou não.

- Aceito - disse Cota.

Cepião e o filho não se deram ao trabalho de fazer um desvio por Massília. Ninguém sabia melhor do que Cepião - veterano de um ano em Narbona e um ano em Espanha quando fora pretor - que o vento sopra *sempre* ao contrário no Sínus Gallicus. Tomaria a Via Domícia até ao vale do rio Druência, atravessaria a Gália Italiana pelo desfiladeiro do monte Geneva e passaria o mais depressa possível pela Via Aemilia e pela Via Flamínia. Com sorte, faria uma média de setenta milhas por dia, se conseguisse arranjar montadas decentes regularmente, e ele esperava que o seu *imperium* proconsular lho proporcionasse. E proporcionou mesmo: à medida que as milhas

passavam, Cepião começou a sentir-se confiante de que chegaria até a bater o correio de Roma. A sua passagem dos Alpes fora tão rápida que os Vocôncios, sempre à espreita de viajantes romanos vulneráveis que passassem pela Via Domícia, não conseguiram organizar um ataque aos dois carros que seguiam a galope.

Quando chegou a Arímino, no fim da Via Aemilia, Cepião sabia que poderia chegar de Arausio a Roma em sete dias, com o auxílio de boas estradas e trocando as mulas muitas vezes. E começou a descansar. Podia498

estar exausto, ter uma dor de cabeça de proporções fenomenais, Mas a sua versão do que acontecera em Arausio seria a primeira a ser ouvida em Roma, e isso significava nove décimos da batalha. Quando surgiu Fano e os carros viraram *para* a Via Flamínia para a passagem dos Apeninos e a descida do vale do Tibre, Cepião soube que vencera. Seria sua a versão de Arausio em que Roma acreditaria.

Mas a Fortuna tinha um preferido; Marco Aurélio percorreu de barco o Sinus Gallicus de Massília até óstia com ventos ora favoráveis ora não existentes, numa travessia muito melhor do que o previsto. Quando o vento diminuía, os remadores tomavam os seus lugares nas guigas, o hortator começava a marcar a batida no seu tambor e trinta costas musculadas inclinavam-se ao mesmo tempo. Era um barco pequeno, mais para viagens rápidas do que para transporte de carga e, para Cota, tinha o ar suspeito de um barco de guerra massiliota, embora os massiliotas não devessem entrar em guerra sem a aprovação de Roma. Os seus remos, quinze de cada lado, estavam alojados em guigas encimadas por cobertas que podiam ser defendidas por uma fila de escudos e transformadas em plataformas de combate, e a grua montada na coberta da popa parecia ser de construção bastante casual; talvez seja habitual, pensou Cota, haver uma *catapulta forte* em vez da *grua.* A pirataria *era uma* indústria rentável, e espalhava-se de uma ponta à outra do mar Central.

Mas Cota não era homem para recusar uma dádiva da Fortuna, e por isso concordou quando o capitão lhe explicou que fazia habitualmente viagens de passageiros, e que as guigas eram um *bom* lugar para os passageiros estenderem as pernas, porque o camarote era um tanto primitivo. Antes de partirem, o capitão convencera Cota de que eram excessivas duas equipas de remadores suplentes, pois os seus homens eram os melhores no ramo e manteriam um ritmo excelente apenas com uma equipa extra. Agora, Cota estava contente por ter anuído, pois seguiam mais leves por levarem menos homens, e o vento era suficiente para ambas as equipas de remadores poderem repousar assim que davam mostras de exaustão.

O barco partira do magnífico porto de Massília na madrugada do décimo primeiro dia de Outubro e ancorara no lúgubre porto de óstla na madrugada do dia antes dos Idos, exactamente três dias depois. E daí a três horas, Cota entrou na casa do cônsul Públio Rutílio Rufo, e os clientes afastavam-se à sua passagem como galinhas perseguidas *por uma* raposa.499

- Fora! ordenou ao cliente que estava sentado à frente de Rutílio Rufo e caiu em peso sobre a cadeira, enquanto o cliente surpreendido se dirigia para a porta.

Por alturas do meio-dia, o Senado foi convocado para uma sessão de urgência na Cúria Hostília; Cepião e o seu filho percorriam nesse momento a toda a brida o último pedaço da Via Aemilia.

- Deixa as portas abertas disse Públio Rutílio Rufo ao chefe dos escribas. - O Povo deve assistir a esta sessão. E quero que seja transcrita textualmente para os registos.

Apesar da brevidade da notícia, a Assembleia estava quase cheia; no modo insondável com que as notícias antecedem a sua divulgação oficial, corria já pela cidade o boato de que tinha havido um grande revés contra os Germanos na Gália. O vão dos Comícios perto da

base das escadas da Cúria Hostília enchia-se rapidamente de gente, tal como os degraus e todos os lugares vazios.

Os Pais Conscritos estavam irritados; tinham conhecimento das cartas de Cepião protestando contra Málio Máximo e pedindo a autoridade suprema e temiam o renovar das discussões. O valente Marco Emílio Escauro, que não recebia notícias de Cepião há semanas, estava em desvantagem, e sabia-o muito bem. Por isso, quando o cônsul Rutílio Rufo ordenou que as portas da Assembleia ficassem abertas, Escauro não insistiu para que as fechassem. Nem Metelo Numídico. Todos os olhos estavam fixos em Cota, sentado numa cadeira na fila da frente, perto do estrado onde se encontrava a cadeira de marfim do cunhado Rutílio Rufo.

Marco Aurélio Cota chegou a Óstia esta manhã contou Rutílio Rufo. Há três dias, encontrava-se em Massília, e no dia antes estava em Arausio, perto do local onde as nossas tropas estavam estacionadas. Invoco Marco Aurélio Cota para que fale e informo a Assembleia de que esta sessão está a ser transcrita textualmente para os registos.

Cota tinha-se lavado e mudado de roupa, mas era patente o cansaço no seu rosto geralmente com belas cores, e ao levantar-se, todo o seu corpo evidenciava a imensidade dessa fadiga.

Pais Conscritos, no dia antes das Nonas de Outubro, travou-se uma batalha em Arausio disse Cota sem necessitar de projectar a voz, porque a Assembleia se encontrava em silêncio total. Os Germanos aniquilaram-nos. Morreram *oitenta mil* dos nossos soldados.500

Ninguém protestou, ninguém se mexeu; toda a Assembleia estava mergulhada num silêncio tão profundo como o da gruta da Sibila de Cumas.

- Quando digo oitenta mil soldados, só me refiro a eles, porque os não-combatentes mortos são vinte e quatro mil. E ainda falta a cavalaria. A sua voz inexpressiva elevou-se. Cota continuou a contar aos senadores exactamente o que acontecera a partir do momento

em que ele e os seus homens haviam chegado a Arausio: as tentativas vãs de demover Cepião; a atmosfera de confusão e intranquilidade que o desprezo patente nas ordens de Cepião causara na cadeia de comando de Málio Máximo, que alinhara em parte com Cepião, tal como o filho de Cepião; o desamparo do consular Aurélio, demasiado longe para poder agir integrado na máquina militar:

- Pereceram cinco mil soldados de cavalaria, todos os seus não-combatentes e todos os animais do acampamento de Aurélio. O legado Marco Aurélio Escauro foi feito prisioneiro pelos Germanos e usado como exemplo. Queimaram-no vivo, Pais Conscritos. Morreu, segundo me contou uma testemunha, com uma coragem e valentia extremas.

Viam-se agora entre os senadores rostos pálidos, pois a maioria tinha filhos, irmãos ou sobrinhos num ou noutro dos exércitos; alguns choravam em silêncio, com a cabeça oculta pela toga, ou inclinados para a frente, de mãos no rosto. Escauro Princeps Senatus foi o único a permanecer direito, com duas marcas no rosto e os lábios apertados.

- Todos os que estão aqui hoje devem aceitar uma quota-parte de responsabilidade - afirmou Cota. - A vossa delegação não continha nem um consular, e eu, um mero ex-pretor!, era o único magistrado curul. Daí resultou que Quinto Servílio se recusasse a falar connosco como seus iguais em nascimento ou senioridade. Ou mesmo em experiência. Em vez disso, entendeu a nossa insignificância, a nossa falta de influência, como uma mensagem do Senado de que a delegação estava abaixo dele na sua posição contra Cneu Málio Máximo. E tinha *razão* para isso, Pais Conscritos! Se quisessem realmente que Quinto Servílio obedecesse à lei subordinando-se ao cônsul do ano, teriam *enchido* a delegação de consulares! Mas não o fizeram. Enviaram deliberadamente *cinco Pedarii e um ex-pretor para tratar* com um dos membros mais elitistas e séniores da Assembleia!

Nem uma cabeça se levantou; cada vez se afundavam mais nas pregas das togas. Mas Escauro Princeps Senatus permanecia na sua pose altiva, de olhos flamejantes fixos no rosto de Cota.[501]

- O conflito entre Quinto Servílio Cepião e Cneu Málio Máximo impediu a junção das suas forças. Em vez de um exército uno de dezassete legiões e mais de cinco mil soldados de cavalaria, Roma possuía dois exércitos a vinte milhas de distância; o menor deles estava mais perto dos Germanos e separado da unidade de cavalaria. Quinto Servílio Cepião disse-me pessoalmente que não compartilharia o seu triunfo com Cneu Málio Máximo, por isso, colocara o seu exército a norte, longe de Cneu Málio, para impedir a participação dele na *sua* batalha.

Cota inspirou com uma aspereza tal no meio do silêncio que Rutílio Rufo saltou; Escauro não. Ao lado de Escauro, Metelo Numídico retirou lentamente a cabeça da prega da sua toga, revelando um rosto empedernido.

- Mesmo que ponhamos de lado o conflito desastroso entre eles, Pais Conscritos, a verdade *é* que nem Quinto Servílio nem Cneu Málio tinham suficiente talento militar para vencer os Germanos! No entanto, dos dois comandantes é Quinto Servílio que tem maiores culpas. Pois além de ser tão mau general como Cneu Málio, desprezou a lei. *Colocou-se acima da lei,* considerou a lei um instrumento ao serviço de mortais inferiores a si mesmo! Um verdadeiro Romano, Marco Emílio Escauro Princeps Senatus

- isto foi dito directamente para o Presidente da Assembleia, que não se mexeu, põe a lei acima de tudo, sabendo que à face da lei não existem distinções sociais mas apenas um sistema de controlo e equilíbrio criado para assegurar que *nenhum homem* se considere acima dos seus semelhantes. Quinto Servílio Cepião comportou-se como se fosse o Primeiro Homem de Roma. Mas à face da lei, não pode *haver* nenhum Primeiro Homem em Roma! Por isso vos digo

que Quinto Servílio agiu contra a lei, ao passo que Cneu Málio apenas teve uma conduta inadequada como general.

O sossego e o silêncio mantinham-se; Cota suspirou.

Arausio é uma calamidade pior do que Canas, membros do Senado. A fina flor dos nossos homens pereceu. Eu sei, porque estive lá. Cerca de treze mil soldados sobreviveram, as tropas mais inexperientes, porque fugiram desordenadamente e deixaram as armas e armaduras atrás, atravessando o Ródano a nado. Todos eles vagueiam ainda pela margem oeste do rio, e, pelos relatos que tenho recebido, tal é o seu receio dos Germanos que preferem esconder-se a correrem o risco de ser encontrados e reintegrados num exército romano. Ao tentar detê-los, o tribuno Sexto Júlio César foi ferido pelos seus próprios soldados. Tenho o prazer de informá-los de502

que está vivo, pois eu mesmo o encontrei no campo de batalha, visto que os Germanos o deram por morto. Eu e os meus companheiros, vinte e nove ao todo, éramos os únicos disponíveis para socorrer os feridos, e durante cerca de três dias ninguém mais apareceu em nosso auxílio. Embora a maioria dos homens em campo estivesse morta, não há dúvida de que alguns poderiam não ter morrido se tivessem sido socorridos após o combate.

Apesar do seu férreo autodomínio, Metelo Numídico elevou a Mão como que para fazer uma pergunta incómoda. Cota surpreendeu o gesto e olhou para o inimigo de Caio Mário, que era seu amigo; Cota não morria de amores por Caio Mário.

- O teu filho, Quinto Cecílio Metelo Numídico, escapou ileso mas sem qualquer cobardia. Salvou o cônsul Cneu Málio e algum do seu estado-maior. No entanto, os dois filhos de Cneu Málio foram mortos. Dos vinte e quatro tribunos eleitos dos soldados, apenas três sobreviveram: Marco Lívio Druso, Sexto Júlio César e Quinto Servílio Cepião júnior. Marco Lívio e Sexto Júlio foram gravemente

feridos. Quinto Servílio júnior, que comandava a legião mais inexperiente, a que estava mais perto do rio, escapou ileso atravessando o rio a nado, mas desconheço as condições em que o fez.

Cota fez uma pausa para aclarar a garganta, pensando se o grande alívio que detectava nos olhos de Metelo Numídico se devia à sobrevivência do filho ou à notícia de que não tinha agido de modo cobarde.

- Contudo, os números de baixas perdem o relevo quando comparados com o facto de não estar vivo *nenhum centurião experiente de nenhum dos dois exércitos.* Roma não tem oficiais, Pais Conscritos! E o grande exército da Gália Transalpina deixou de existir - parou por um momento, e a seguir, acrescentou. - Aliás, nem chegou a existir, graças a Quinto Servílio Cepião.

Para lá das grandes portas de bronze da Cúria Hostília, os que conseguiam ouvir as notícias iam-nas comunicando aos que se encontravam demasiado longe, num público cada vez maior que continuava a reunir-se, espalhado agora pelo Argileto e pelo Clivus Argentarius, pelo baixo Fórum Romano e atrás do vão dos Comícios. Era *uma multidão* enorme mas que se encontrava em silêncio. Os únicos sons que podiam ouvir-se eram de lágrimas. Roma perdera a batalha crucial- E a Itália estava aberta aos GermanosAntes que Cota se sentasse, Escauro falou:

- E onde se encontram agora os Germanos, Marco Aurélio? Onde estavam eles quando partiste de Arausio para nos trazeres as notícias? E onde poderão estar neste momento? - perguntou.503

- Honestamente, não sei, Princeps Senatus. Porque quando a batalha terminou... e apenas durou uma hora... os Germanos dirigiram-se para norte, aparentemente para irem buscar as carroças e as mulheres e crianças. Mas quando parti, ainda não tinham voltado. E falei com um germano que Marco Aurélio Escauro tinha

contratado para intérprete das negociações com os chefes germanos. Este homem foi capturado, e como foi reconhecido como germano, não lhe fizeram mal. Segundo ele disse, os Germanos desentenderam-se e, pelo menos por agora, separaram-se em três grupos. Parece que nenhum dos três grupos tem confiança suficiente para entrar pelo nosso território em direcção ao sul. Por isso, vão seguir para Espanha por várias rotas através da Gália-de-Longos-Cabelos. Mas a discórdia foi provocada pelo vinho romano que roubaram. Não é possível prever quanto tempo durará a separação. Nem posso *ter* a certeza de que o homem com quem falei disse a verdade. Nem sequer parcialmente. Ele *disse* que tinha fugido porque não queria continuar a viver como germano. Mas é possível que tenha sido enviado pelos Germanos para acalmar os nossos temores e tornar-nos uma presa ainda mais fácil. Tudo o que posso afirmar com certeza é que quando parti não havia sinais de qualquer movimentação dos Germanos rumo ao sul - comunicou Cota, sentando-se a seguir.

Rutílio Rufo levantou-se.

- Esta não é a altura certa para um debate, Pais Conscritos. Nem para recriminações nem mais discórdias. A altura é para a *acção.*

- Ouçam, ouçam! - disse uma voz no fundo da sala.

- Amanhã são os Idos de Outubro - prosseguiu Rutílio Rufo. Significa que a estação de campanha está quase a acabar. Mas resta-nos pouquíssimo tempo para impedir os Germanos de invadir a Itália quando quiserem. Formulei um plano de acção que tenciono apresentar agora, mas primeiro quero fazer-vos um aviso solene: ao menor sinal de discussão, desentendimento ou qualquer outra forma de polarização desta Assembleia, exporei o meu plano ao Povo e aprová-lo-ei na Assembleia da Plebe, privando-vos assim, Pais Conscritos, da vossa prerrogativa de tomar a dianteira em todos os assuntos relacionados com a defesa de Roma. A conduta de Quinto Servílio Cepião mostra a maior fraqueza da nossa ordem senatorial...

Nomeadamente, a sua falta de vontade de admitir que o Acaso, a Fortuna e a Sorte por vezes se unem para dotar os homens mais humildes com mais capacidades do que aqueles de nós que se acham no direito de governar o Povo de Roma, e comandar os seus504

exércitos, só porque o nascimento e a tradição lhes concederam esse direito. Virara-se e elevara a voz em direcção às portas abertas, e o som alto flutuava no ar acima dos Comícios.

- Vamos precisar de todos os homens válidos de Itália, isso é certo. *De todos* os homens válidos: desde os *capite censi,* passando pelas ordens e classes até ao Senado! Por isso, exijo um decreto vosso exigindo que a Plebe vote de imediato uma lei que proíba qualquer homem entre as idades de dezassete e trinta e cinco anos... *qualquer* homem, seja ele Romano ou Latino ou Italiano... de partir por mar ou atravessar o Arno ou o Rubicão em direcção à Gália Italiana. Amanhã quero que partam correios para todos os portos da nossa península com ordens para que nenhum barco aceite qualquer homem válido como parte da tripulação ou como passageiro. A infracção será punida com a pena de morte, tanto para o homem que tente escapar ao serviço militar como para aquele que o aceitar.

Ninguém disse nada; nem Escauro Princeps Senatus, nem Metelo Numídico, nem Metelo Dalmático Pontifex Maximus, nem Aenobarbo Sénior, nem Catulo César, nem Cipião Nasica. óptimo, pensou Rutílio Rufo. Não se oporão a esta lei.

- Todos os que estiverem disponíveis ocupar-se-ão do recrutamento de soldados de todas as classes, dos *capite censi* até ao Senado. E isso implica, Pais Conscritos, que aqueles de vós que tiverem menos de trinta e cinco anos serão automaticamente integrados nas legiões, independentemente das campanhas que tenham feito anteriormente. Se esta lei for cumprida, teremos soldados. Contudo, receio bem que não consigamos reunir O número suficiente. Quinto Servílio acabou com os últimos homens de toda a Itália que

possuíam bens, e Cneu Málio Máximo integrou quase setenta mil homens dos *capite censi,* entre soldados e não-combatentes.

”Por isso, temos de contar com outros exércitos disponíveis. Na Macedónia: apenas duas legiões, ambas de auxiliares, que não podem ser usadas. Em Espanha: duas legiões na província mais distante e uma na mais próxima: duas destas legiões são Romanas e a outra é auxiliar... que não só têm de permanecer em Espanha como terão de ser reforçadas, pois os Germanos tencionam invadir a Espanha - fez uma pausa.

E Escauro Princeps Senatus deu finalmente sinais de vida.

- Continua, Públio Rutílio! - disse, irritado. - Fala-nos de África... e de Caio Mário!

Públio Rutílio pestanejou, fingindo-se surpreso.505

- Obrigado, Princeps Senatus, obrigado! Se não o tivesses referido, ter-me-ia esquecido! Oh, mereces bem ser chamado o cão de guarda do Senado! *O quefaríamos* sem ti?

- Poupa-me o sarcasmo, Públio Rutílio! - disse Escauro com rispidez. - Limita-te a continuar!

- Com certeza! Há três aspectos em África que devem ser considerados. Em primeiro lugar, foi uma guerra bem sucedida: um inimigo foi completamente aniquilado, um rei inimigo e a sua família esperam neste momento o seu castigo aqui em Roma, como hóspedes do nosso nobre Quinto Cecílio Metelo Suíno... perdão, Quinto Cecílio! - quero dizer Numídico!...

”O segundo aspecto - prosseguiu - é o facto de ser um exército de seis legiões, composto por membros dos *capite* censi!... Mas excelentemente treinadas, valentes e comandadas, desde o centurião até ao legado, passando pelo cadete-tribuno. A par delas

há ainda dois mil soldados de cavalaria igualmente experientes e valorosos."

Rutílio Rufo parou, girou nos calcanhares e fez um sorriso cruel à sua volta.

- O terceiro aspecto, Pais Conscritos, é um homem. Um único homem. É evidente que me refiro ao procônsul Caio Mário, comandante supremo do exército africano e único planeador de uma vitória tão completa que iguala as de Cipião Emiliano. A Numídia não mais se levantará. A ameaça aos cidadãos, aos bens, à província e à produção agrícola romana em África deixou de existir. Com efeito, Caio Mário lega-nos uma África tão subjugada e pacificada que nem é necessário deixar lá nenhuma legião como guarnição.

Rutílio Rufo deixou o estrado onde estavam as cadeiras curuis, desceu para o chão antigo de lajes brancas e pretas e dirigiu-se para as portas, colocando-se num lugar de onde a voz chegava até ao Fórum,

- Roma precisa ainda mais de um general do que de soldados ou centuriões. Tal como Caio Mário disse uma vez nesta mesma Assembleia, milhares e milhares de soldados romanos *pereceram durante* os poucos anos que nos separam da morte de Caio Graco... E deve-se *unicamente à* incompetência dos homens que os comandaram a eles e aos seus centuriões! E na altura em que Caio Mário disse isto a Itália tinha ainda mais cem mil soldados do que tem neste momento. Mas quantos soldados, centuriões e não-combatentes perdeu o próprio Caio Mário? Absolutamente nenhum, Pais Conscritos! Há três anos, levou consigo seis legiões para África, e ainda as tem. Seis legiões de *veteranos,* seis legiões com *centuriões!*506

Fez uma pausa, e a seguir, gritou:

- Caio Mário é a resposta à **necessidade que Roma tem** de um exército - *e* é um general competente!

A sua figura pequena surgiu por um momento contra a multidão de ouvintes fora do pórtico, quando se **virou ao tornar para** o estrado da Assembleia.

- Ouviram Marco Aurélio Cota dizer que houve uma discórdia entre os Germanos, e que neste momento parecem ter abandonado a sua intenção de atravessar a nossa província da Gália Transalpina. Mas não podemos ficar sossegados por causa deste relato. Temos de ser cépticos e não nos deixarmos animar por ele, continuando a incorrer na estupidez. Contudo, um facto é certo: temos o próximo Inverno para nos prepararmos. E a primeira fase de preparação deverá ser indigitar Caio Mário para procônsul na Gália, com um *imperium* que não possa ser rescindido até os Germanos serem derrotados.

Houve um burburinho geral, prenúncio de futuros protestos. Depois, ouviu-se a voz de Metelo Numídico.

- Conceder a Caio Mário o comando da Gália Transalpina com *imperium* proconsular por vários *anos?* - perguntou, incrédulo. - Só por cima do meu cadáver!

Rutílio, Rufo bateu com o pé no chão e brandiu o pulso.

- Oh, deuses, lá estás tu! - gritou. - Quinto Cecílio, Quinto Cecílio, *ainda* não compreendeste a enormidade da situação? O que nós precisamos é de um general do calibre de Caio Mário!

- Nós precisamos das tropas dele - disse Escauro Princeps Senatus em voz alta. - Não precisamos de Caio Mário! Há outros tão bons como ele.

- Referes-te ao teu amigo Quinto Cecílio Suíno, Marco Emílio?

- Rutílio Rufo fez um ruído grosseiro. - Que disparate! Durante dois anos, Quinto Cecílio andou a perder tempo em África: eu sei, porque estive lá! Trabalhei com Quinto Cecílio e Suíno é um bom nome para *esse* senhor, pois é tão previsível como qualquer bácoro! E também trabalhei com Caio Mário. E talvez não seja esperar demasiado que alguns homens desta Assembleia se lembrem que eu próprio não sou mau militar! Devia ter sido eu a *receber* o comando da Gália

Transalpina e não Cneu Máximo! Mas o que passou, já passou, e não tenho tempo para recriminações.

”Deixem que vos diga, Pais Conscritos, que a desgraça de *Roma é* demasiado grande e urgente para favorecermos meia dúzia de pessoas da nobreza! Deixem que vos diga, Pais Conscritos, todos os que se encontram507

nas bancadas desta Assembleia!, que há apenas *um homem* capaz de nos libertar do perigo! E esse homem é Caio Mário! Que mal tem que não seja um verdadeiro Romano? Quinto Servílio Cepião é um verdadeiro Romano, e vejam a posição em que nos colocou! Sabem qual é? *Mesmo no meio da merda!”*

Rutílio Rufo rosnava de fúria e de medo, certo de que eles não iam ver a razão da sua proposta.

- Ilustres membros desta Assembleia... homens de bem... membros do Senado! Peço-vos que ponham de parte os preconceitos nem que seja só por esta vez! *Temos de* conceder a Caio Mário o *imperium* proconsular na Gália Transalpina durante o tempo que for necessário para conseguir empurrar os Germanos de volta para a Germânia!

E este último pedido apaixonado surtiu efeito. Tinha-os conquistado. Escauro sabia-o e Metelo Numídico também.

O pretor Mânio Aquílio pôs-se de pé; era um homem nobre mas de uma família cuja história fora mais marcada pela cupidez do que por feitos gloriosos; fora o seu pai que, nas guerras que se seguiram ao momento em que o rei Átalo do Pérgamo legou o seu reino a Roma, vendera toda a Frígia ao quinto rei Mitríades do Ponto por uma quantia enorme de dinheiro, dando assim o impenetrável Oriente à Ásia Menor.

- Públio Rutílio, peço a palavra - disse ele.

- Fala, então - disse Públio Rutílio, sentando-se depois, extenuado.

- *Eu* é que peço a palavra! - disse Escauro Princeps Senatus furioso.

- A seguir a Mânio Aquílio, - disse Rutílio Rufo suavemente.

- Públio Rutílio, Marco Emílio, Pais Conscritos - começou Aquílio

com correcção -, concordo com o cônsul quando diz que existe apenas um homem com o gênio capaz de libertar-nos desta calamidade, e concordo que esse homem é Caio Mário. Mas a proposta do nosso estimado cônsul não está correcta. Não podemos dar a Caio Mário um *imperium* proconsular limitado à Gália Transalpina. Em primeiro lugar, o que acontecerá se a guerra se expandir para fora dessa província? Se ela mudar para a Gália Italiana, ou para a Espanha, ou mesmo para a Itália? O comando mudará automaticamente para o governador dessa província ou para o cônsul do ano! Caio Mário tem muitos inimigos nesta Assembleia. E não tenho a certeza de que esses inimigos irão pôr Roma acima dos seus ressentimentos. A recusa de Quinto Servílio Cepião em colaborar com Cneu Málio Máximo é um exemplo perfeito do que acontece quando um membro da antiga nobreza coloca a sua *dignitas* acima da *dignitas de* Roma.508

- Estás enganado, Mânio Aquílio - interrompeu Escauro. - Quinto Servílio colocou a sua *dignitas* ao nível da *dignitas* de Roma!

- Agradeço-te a rectificação, Princeps Senatus - disse Aquílio calmamente, fazendo uma vénia que ninguém podia honestamente considerar irónica. - Tens toda a razão em corrigir-me. A *dignitas* de Roma e de Quinto Servílio Cepião *são* idênticas! Mas por que razão consideras *dignitas* de Caio Mário inferior à de Quinto Servílio Cepião? A sua participação *pessoal é* tão elevada como a de Cepião, senão mais elevada, apesar de os seus antepassados não terem nada! A carreira de Caio Mário tem sido brilhante! E algum membro desta Assembleia acredita honestamente que Caio Mário será capaz de pôr o Arpino acima de Roma Algum membro desta Assembleia acredita que Caio Mário não considera o Arpino apenas como uma

parte de Roma? Todos nós temos entre os nossos antepassados alguns Homens Novos! O próprio Encias... que veio para o Lácio vindo do distante ílio... era um Homem Novo! Caio Mário foi pretor e cônsul, por isso, enobreceu-se a si e aos seus descendentes.

Os olhos de Aquílio percorreram as fileiras de homens vestidos de branco.

- Vejo aqui vários Pais Conscritos com o nome de Pórcio Catão. O avô deles era um Homem Novo. Mas não vemos hoje estes Pórcios Catões como os pilares desta Assembleia, descendentes nobres de um homem que, na sua época, teve o mesmo efeito em homens com o nome de Cornélio Cipião como Caio Mário tem hoje em homens *com* o nome de Cecílio Metelo?

Aquílio encolheu os ombros, desceu do estrado e imitou RutíliO Rufo, dirigindo-se para um lugar perto das portas abertas.

- É Caio Mário e nenhum outro que deve deter o comando supremo contra os Germanos. *Onde* quer que seja o teatro da guerra! Por isso, não chega investir Caio Mário de um *imperium* proconsular limitado à Gália Transalpina.

Aquílio virou-se para a Assembleia e vociferou:

- Como é evidente, Caio Mário não está aqui para dar a sua opinião, e o tempo corre como um cavalo a galope. Caio Mário tem de ser cônsul. É a única forma de lhe concedermos o poder de que irá precisar. Tem de ser proposto como candidato as próximas eleições consulares, um *candidato in absentia!*

Toda a Assembleia resmungava e murmurava mas Mânio Aquíli' prosseguiu e captou as atenções.509

- Alguém pode negar que os homens das Centúrias são a fina flor do Povo? Deixem os homens das Centúrias decidir eleger Caio Mário para cônsul *in abçentia* ou não o eleger! Pois a escolha de quem terá

o comando supremo constitui uma decisão demasiado importante para esta Assembleia, para a Assembleia da Plebe ou mesmo para todo o Povo. Deixem que vos diga, Pais Conscritos, que a decisão de quem deterá o comando supremo contra os Germanos deve ser entregue à secção do Povo Romano que tem mais importância: os homens da Primeira e Segunda Classe de cidadãos, que votam na sua própria assembleia das centúrias, a Comitia Centuriata!

Aqui temos um Ulisses!, pensou Rutílio Rufo. Eu nunca teria pensado nisto! Nem aprovo. Mas, mesmo assim, ele tem a facção de Escauro na mão. Não, nunca teria tido efeito levar a difícil questão do *imperium* de Caio Mário até ao Povo, para ser discutida por tribunos da plebe no meio de gritos, berros e rixas! Para homens como Escauro, a Assembleia da Plebe serve apenas como desculpa para a ralé governar Roma. Mas os homens da Primeira e Segunda Classes? Oh, esses são um tipo diferente de Romanos! Que esperteza, Mânio Aquílio!

Primeiro, faz-se uma coisa inédita ao propor que um homem seja eleito cônsul quando nem sequer aqui está para se candidatar ao cargo, e a seguir informa-se a facção de Escauro que se está disposto a colocar a decisão nas mãos dos melhores de Roma! Se os melhores de Roma não quiserem Caio Mário, só terão de escolher outros dois homens para a votação da Primeira e Segunda Classes das Centúrias. Se quiserem Caio Mário, apenas terão de votar nele e noutro homem. E aposto que a Terceira Classe nem terá a hipótese de votar. A exclusividade será satisfeita.

O verdadeiro subterfúgio legal é a cláusula *in absentia.* Mas Mânio Aquílio terá de dirigir-se à Assembleia da Plebe, Pois ela não lhe será concedida pelo Senado. Que contentamento mostram os tribunos da plebe! Não surgirá nenhum veto entre eles: levarão a dispensa *in absentia à* Plebe, e esta, espantada com a visão de dez tribunos da plebe de acordo, aprovará uma lei especial autorizando Caio Mário a ser eleito cônsul *in absentia. É* evidente que Escauro, Metelo Numídico e os outros discutirão o poder restritivo da *lex Vilha*

annalis, que diz que nenhum homem pode candidatar-se segunda vez ao consulado antes do prazo de dez anos. E Escauro e Metelo Numídico e os outros perderão.

É preciso ter este Mânio Aquílio debaixo de olho, pensou Rutílio Rufo, virando-se na cadeira para observar. Incrível!, pensou. Eles podem ficar sentados anos seguidos, tão sossegados e recatados como Vestais,510

e de repente, apresenta-se a oportunidade e despem a pele de carneiros, revelando a sua verdadeira pele de lobos. Tu, Mânio Aquílio, és um lobo.

Governar África foi um prazer não só para Caio Mário mas também para Lúcio Cornélio. Os deveres militares foram trocados por tarefas administrativas mas a nenhum dos dois desagradava o desafio de organizar de cima a baixo a Província Africana e os dois reinos à sua volta.

Gauda era agora rei da Numídia; não era muito notável mas tinha no príncipe Hiêmpsal um bom filho - que não tardaria a ser rei, pensou logo Mário. Oficialmente reintegrado como Amigo e Aliado do Povo de Roma, Boco da Mauritânia recebeu a maior parte da Numídia ocidental, o que aumentou enormemente o seu reino. A antiga fronteira orental era antigamente o rio Mulucha, mas esta era agora a apenas cinquenta milhas a oeste de Cirta e de Rusicade. A maior parte da Numídia oriental passou a pertencer a uma Província Africana muito maior, governada por Roma, por isso, Caio Mário podia dar a todos os cavaleiros e proprietários da sua clientela as ricas terras costeiras da Sirte Menor, incluindo a antiga e ainda poderosa cidade púnica de Leptis Magna, bem como o lago Tritão e o porto de Tacape. Para si, Mário guardou as férteis ilhas da Sirte Menor; tinha planos para elas, em particular para Meninge e Cercina.

- Quando desmobilizarmos as tropas - disse Mário a Sila -, temos o problema de saber o que fazer com elas. Como os soldados

pertencem todos aos *capite censi,* não possuem quintas ou negócios que possam retomar. Poderão alistar-se noutros exércitos, e desconfio que alguns *quererão* fazê-lo, mas outros não. No entanto, o seu equipamento pertence ao Estado e não poderão ficar com ele, e isso implica que os únicos exércitos que poderão ser recrutados sejam exércitos dos *capite censi.* Com Escauro e Suíno opondo-se na Assembleia ao financiamento dos exércitos *de capite censi,* existe a possibilidade de os futuros exércitos de *capite censi* virem a ser uma espécie de aves raras, pelo menos depois do problema dos Germanos ser resolvido... Oh, Lúcio Cornélio, não seria excelente participar naquela campanha? Mas eles nunca concordarão com isso.

- Eu dava os olhos da cara - afirmou Sila.

- Podias bem poupá-los - disse Mário.

- Prossegue o que estavas a dizer sobre os homens que quererão ser desmobilizados - incitou Sila.511

- Parece-me que o Estado deve aos soldados dos *capite censi* um Pouco mais do que a comparticipação das pilhagens no final da campanha. Penso que o Estado deveria dar a cada homem um lote de terreno para ele se estabelecer quando entendesse. Por outras Palavras, torná-los em cidadãos de posses modestas mas decentes.

- Uma versão militar das doações de terras que os irmãos Gracos tentaram introduzir? - perguntou Sila, franzindo um pouco as sobrancelhas.

- Exactamente. Não aprovas?

- Estava a pensar na oposição que haverá na Assembleia.

- Eu tenho pensado que a oposição seria muito menor se os terrenos envolvidos não fossem *agerpublicus,* na posse de Roma. Assim que se falar em ceder o *agerpublicus* vai haver sarilho; há demasiados homens poderosos a alugá-lo. Não, os meus planos são: assegurar a

autorização da Assembleia... ou do Povo, se a Assembleia não ma conceder, mas espero que não chegue a esse ponto... para estabelecer os soldados dos *capite censi* em bons lotes de terreno em Cercina e em Meninge, aqui em África, na Sirte Menor. Dar a cada um deles, digamos, cem *iugera,* e ele terá duas funções para Roma. Em primeiro lugar, com os seus companheiros formarão o núcleo de um corpo de homens treinados que podem ser chamados no caso de haver qualquer futura guerra em África. E em segundo lugar, levarão Roma até às províncias - as ideias, hábitos, língua e modo de vida de Roma.

Mas Sila franziu o sobrolho.

- Não sei, Caio Mário. Parece-me errado pretender fazer a segunda coisa. As ideias, hábitos, a língua e o modo de vida de Roma pertencem a Roma. Enxertá-los na África Púnica, com os seus Berberes e Mouros, parece-me uma traição a Roma.

Mário elevou os olhos até ao tecto.

- Não há dúvida, Lúcio Cornélio, de que és um aristocrata! Por mais baixa que tenha sido a tua vida até aqui, as tuas ideias não o são - e retomou as suas tarefas. - Tens as listas pormenorizadas dos saques? Que os deuses nos ajudem se nos esquecermos de anotar seja o que for... e em quadruplicado!

- Os funcionários do Tesouro, Caio Mário, são as fezes da taça de vinho de Roma - comentou Sila, procurando papéis.

- De qualquer taça de vinho, Lúcio Cornélio.

Nos Idos de Novembro, chegou a útica uma carta do cônsul Públio Rutílio Rufo. Mário tomara o hábito de compartilhar estas cartas com512

Sila, que gostava do estilo Incisivo de Rutilio Rufo ainda mais do que o próprio Mário, pois lidava melhor com as palavras. Contudo, Mário

estava sozinho quando a *carta* lhe foi entregue no seu gabinete, facto que lhe agradou; porque gostava de ter a oportunidade de lê-la primeiro Para se familiarizar com o texto, pois, sempre que Sila o ouvia murmurar entredentes aqueles infindáveis floreados, tentando percebê-los, tinha tendência para desistir.

Mas assim que começou a lê-la em voz alta para si mesmo, deu um pulo, estremeceu e levantou-se. A seguir gritou: - *Júpiter!* - e precipitou-se para o gabinete de Sila.

Entrou a correr, pálido e acenando com o rolo de papel.

- Lúcio Cornélio! Uma carta de Públio Rutílio!

- O quê? O que aconteceu?

- Cem mil romanos mortos - começou Mário, lendo as partes importantes do que já tinha lido -, oitenta mil dos quais são soldados... Os Germanos aniquilaram-nos... O imbecil do Cepião recusou-se a unir os seus soldados aos de Málio Máximo... insistiu em ficar vinte milhas a norte... O jovem Sexto Júlio César foi gravemente ferido, bem como o jovem Sertório... Sobreviveram apenas três dos vinte e quatro tribunos dos soldados... Pereceram todos os centuriões... Os soldados que sobreviveram eram os mais inexperientes e desertaram... Uma legião inteira de proprietários marsos, e os Marsos já levaram um protesto ao Senado... alegam enormes danos e irão a tribunal, se necessário. Os Samnitas também estão furiosos...

- Júpiter! - bramiu Sila, enfiando-se na cadeira.

Mário continuou a ler, num murmúrio baixo demais para Sila ouvir; e a seguir, lançou-se numa gritaria peculiar. Pensando que Mário ia ter uma apoplexia, Sila levantou-se, mas não teve tempo de dar a volta à mesa antes de surgir o motivo.

- Eu... sou... cônsul! - disse Mário, arquejante. Sila deteve-se.

- Júpiter! - exclamou de novo, sem conseguir lembrar-se de *mais* nada.

Mário começou a ler para Sila a carta de Públio Rutílio, desta vez sem se preocupar com o modo como lia os floreados.

Ainda o dia não terminara quando o Povo levou a melhor. Mânio Aquílio teve tempo de retomar o seu lugar,

*já os dez tribunos da plebe se levantavam*513

e saíam porta fora em direcção aos rostros, com o que parecia ser metade de Roma apinhada no vão dos Comícios e a outra metade enchendo por completo o baixo FÓrum. É evidente que toda a Assembleia seguiu os tribunos da plebe, deixando Escauro e o nosso amigo Suíno aos berros para os bancos, entretanto virados.

Os tribunos da plebe convocaram a Assembleia da Plebe e em pouco tempo foram aprovados dois plebiscitos. Fico sempre surpreendido por conseguirmos alinhar melhor as coisas num abrir e fechar de olhos do que ao fim de vários meses de tentativas de toda a gente e mais alguma. Isto apenas demonstra que toda essa gente faz pouco mais do que transformar a boa legislação em más leis.

Cota tinha-me dito que Cepião ia a caminho de Roma a toda a pressa, para dar a sua versão em primeiro lugar, mas tencionava manter o seu imperium *ficando para lá* do pomerium *e enviando o filho e os seus agentes para o substituir dentro da cidade. Desse modo, pensava ficar a salvo, protegido pelo seu imperium, até a sua versão dos acontecimentos ser a oficial. Penso que disse - correctamente - que conseguiria obter a prorrogação do seu mandato, mantendo o* imperium *e o comando da Gália Transalpina durante o tempo necessário para deixar o fedor dissipar-se.*

Mas a Plebe apanhou-o! Votou em peso para que o irnperium *de Cepião lhe fosse imediatamente retirado. E quando ele chegarperto de Roma, achar-se-á tão despido como Ulisses na praia de Scheria.*

O segundo plebiscito, Caio Mário, ordenava que o funcionário eleitoral - eu - inscrevesse o teu nome como candidato ao consulado, apesar de não poderes estar em Roma para as eleições.

- Isto é obra de Marte e Belona, Caio Mário! - exclamou Sila. - Uma dádiva dos deuses da guerra.

- Marte? Belona? Não! Isto é obra da Fortuna, Lúcio Cornélio. A tua e minha amiga, Lúcio Cornélio. *Fortuna!*

E Mário Prosseguiu a leitura:

Como o Povo me ordenou queprosseguísse com as eleições, não tive outra opção senão obedecer

Por acaso, depois da aprovação dos plebiscitos, Cneu A enobarbo - sentindo um interesse de proprietário, pois deve considerar-se o fundador da Gália Transalpina

- tentou falar dos rostros contra o plebiscito que te autorizava a candidatura a cônsul in absentia. *Sabes bem como aquela família é colérica - são todos uns arrogantes! E Cneu Aenobarbo espumava de raiva, Quando a multidão se fartou dele e o vaiou, ainda tentou calá-la! E sendo um Cneu Domicio, penso que até tinha boas hipóteses de fazê-lo. Mas algo bateu dentro da sua cabeça ou do*514

seu coração, pois caiu nos rostros como morto. Isso arrefeceu as coisas, e a sessão terminou e a multidão dispersou. O mais importante, porém, estava feito,

Os plebiscitos foram aprovados na manhã seguinte, sem a discordância de nenhuma tribo. O que me deixou caminho aberto para organizar as eleições. E eu não *perco tempo com coisas inúteis. Um pedido delicado ao Colégio de Tribunos da Plebe pôs tudo a correr. O novo colégio será votado dentro de dias. É um grupo bastante semelhante ao anterior e superior, talvez devido a questões como a dos antagonismos entre generais. Temos o filho mais velho*

do falecido Cneu Domício Aenobarbo e ofilho mais velho do falecido Lúcio Cássio Longino. Penso que Cássio vai querer *provar que nem todos os membros da família matam irresponsavelmente soldados romanos e por isso deve ser-te útil, Caio Mário. E Lúcio Márcio Felipe também entra, bem como um Clódio da grande brigada de Cláudios-Clódios, Deuses, como eles se reproduzem,'*

A Assembleia Centurial votou ontem e - como escrevi há alguns parágrafos atrás - Caio Mário foi reeleito cônsul sénior por todas as centúrias da Primeira Classe e todos os votos da Segunda Classe que faltavam. Alguns senadores séniores teriam adorado acabar com todas as tuas hipóteses, mas és demasiado conhecido como patrono honrado e apoiante honesto do grande negócio (em especial depois de teres cumprido as tuas promessas em África). Os cavaleiros que votaram não *tinham problemas de consciência quanto a pormenores tais como o facto de alguém se candidatar a cônsul pela segunda vez no espaço de três anos ou* in absentia.

Mário ergueu os olhos, exultante.

- Que tal um mandato do Povo, Lúcio Cornélio? Cônsul pela segunda vez e sem saber que era candidato! - Esticou os braços acima da cabeça como se quisesse alcançar as estrelas. - Levarei Marta, a profetisa, connosco para Roma. Ela verá com os seus próprios olhos o meu triunfo e a cerimónia de posse no mesmo dia, Lúcio Cornélio! Porque já tomei a decisão: o triunfo será celebrado no Dia de Ano Novo.

- E depois, partiremos para a Gália - disse Sila, muito mais interessado neste aspecto. - Isto é, Caio Mário, caso me queiras.

- Meu caro, eu já não poderia passar sem ti ou sem Quinto Sertório!

- Acaba de ler a carta - disse Sila, achando que precisava de mais tempo para assimilar todas aquelas notícias incríveis antes de discuti-las profundamente com Mário.

*Por isso, quando te vir, Caio Mário, será para te passar o cargo. Quem me dera poder dizer que estou totalmente satisfeito comigo mesmo. Por Roma, era*515

vital que recebesses o comando germano, mas gostava que tivesse sido feito de modo mais ortodoxo! Quando penso nos inimigos que irás acrescentar aos que já fizeste, todo o meu corpo estremece. Tu causaste muitas mudanças na forma como funciona a nossa máquina legislativa. Sei bem que todas essas mudanças eram necessárias para a tua sobrevivência. Mas, como os Gregos disseram a propósito de Ulisses, o fio da sua vida era tão importante que afectava todos os outros fios com que se cruzava até rebentarem. Penso que Marco Emílio Escauro Princeps Senatus tem uma certa razão do seu lado na presente situação, pois não compartilha da miopia de homens como o Numídico Suíno. Escauro vê a transformação que Roma está a sofrer, tal como eu. E parece-me que Roma está ocupada a construir a sua pira fúnebre; se o Senado te tivesse deixado tratar dos Germanos como entendesses e no tempo de que necessitasses, nenhuma destas medidas surpreendentes, extraordinárias e pouco ortodoxas teriam sido necessárias. Mas nem por isso me aflijo.

A voz de Mário não vacilara, tal como não vacilara a sua decisão de ler a carta a Sila, embora a conclusão fosse menos satisfatória e lhe retirasse todo o prazer

- Ainda há mais - disse - Vou ler.

A tua candidatura, devo acrescentar em conclusão, afastou todos os homens de honra e reputação. Alguns sujeitos decentes tinham chegado a candidatar-se a cônsules, mas todos se retiraram. Foi o que fez Quinto Lutácio ***Catulo César,*** *declarando recusar-se a ser teu colega, tal como se recusaria se fosse eleito o seu cão. Consequentemente, o teu colega de consulado é um homem sem importância quase nenhuma. Isso pode desmoralizar-te bastante, porque não irá proporcionar-te nenhum confronto. Sei que estás*

morto por saber quem é, mas apenas direi que é venal, embora ache que já o saiba. O nome dele é Caio Flávio Fímbria.

Sila afirmou, desdenhoso:

- Oh, conheço-o. Um amador de sensações fortes, que ia procurar nos prostíbulos de Roma, que eu frequentava. É um homem muito desonesto - mostrou os dentes brancos, que seriam bem mais estranhos se o seu rosto fosse um pouco mais escuro. - Quero dizer com isto, Caio Mário: não te deixes enrolar por ele.

- Esquivar-me-ei a tempo - disse Mário com um ar sério. Depois, estendeu a mão a Sila, que logo lha apertou. - Isto é um juramento, Lúcio Cornélio, de que tu e eu derrotaremos os Germanos.516

O exército de África e o seu comandante navegaram de útica para Putéolos em finais de Novembro, com boa disposição. O mar estava calmo para essa época do ano, e nem o Vento Norte, o Septentrio, nem o Vento Noroeste, Corus, perturbaram a travessia. Era exactamente o que Mário esperava; a sua carreira estava em via ascendente, a Fortuna estava ao seu comando, tal como os seus soldados. Além do mais, Marta, a profetisa síria previra uma viagem bastante suave. Ela seguia com Mário no seu navio almirante, um saco de ossos cacarejante para os marinheiros - supersticiosos -, que a olhavam de soslaio e a evitavam. O rei Gauda não gostou que ela partisse; e ela cuspiu no chão de mármore em frente do trono dele e ameaçou *lançar um* mau olhado sobre ele e sobre a sua casa. Depois disso, o rei não podia deixar de querer ver-se livre dela.

Em Putéolos, Mário e Sila foram recebidos por um dos novos questores do Tesouro, muito brusco e ansioso por saber o montante das pilhagens, mas cheio de deferência. Mário e Sila tiveram gosto em ser-lhe úteis, e como os seus livros de contas estavam em ordem, todos ficaram contentes. O exército montou um acampamento fora de Cápua, rodeado pelos novos recrutas que estavam a ser treinados pelos gladiadores alistados por Rutílio Rufo.

Os centuriões de Mário ficaram a ajudar os gladiadores. O pior, no entanto, era o baixo número de novos recrutas, A Itália era um poço seco, e continuaria a sê-lo até o número suficiente de jovens da nova geração terem dezassete anos, para voltarem a aumentar as fileiras. Os próprios *capte censi* estavam depauperados, pelo menos entre os cidadãos romanos.

- E duvido muito que o Senado aprove que eu recrute entre os Italianos *dos capite censi* - afirmou Mário.

- O Senado não tem grande escolha - disse Sila.

- É *verdade. Se* eu os *forçar* a isso. Mas neste momento *não me* convêm a mim... nem a Roma... forçá-los.

Mário e Sila iam ficar separados até ao Dia de Ano Novo. Sila podia entrar na cidade, mas Mário, ainda na posse do seu *imperium proconsular,* perdia-o ao atravessar o limite sagrado da cidade. Sila dirigiu-se a casa, ao passo que Mário se dirigiu para a sua *villa* de Cumas.

O cabo Miseo formava a formidável *parte norte* do que *era conhecido* pela baía da Cratera, um enorme e seguro ancoradouro com portos de mar - Putéolos, Nápoles, Herculano, Estábias e Surrento. Rezava uma lenda mais antiga que a memória que a baía da Cratera fora um vulcão517

gigantesco que explodira e deixara o mar entrar. Não faltavam marcas dessa actividade vulcânica. Os Campos de Fogo incendiavam os céus nocturnos para lá de Putéolos, as chamas surgiam saídas do chão, as poças de lama ferviam e por todo o lado se viam incrustraçoes sulfúricas de um amarelo vivo e atroadoras colunas de fumo. Estas, tanto se desvaneciam como aumentavam; e ainda havia o Vesúvio - um simples pináculo de rocha com milhares de pés de altura, do qual se dizia ter sido um vulcão activo - embora ninguém soubesse quando isso acontecera, pois o Vesúvio dormira pacificamente durante toda a História registada.

Havia duas pequenas cidades, uma de cada lado da garganta estreita do cabo Miseno, perto de vários lagos misteriosos. Do lado do mar estava Cumas, e do lado da baía da Cratera Baias, e os lagos eram de dois tipos diferentes - a água de um deles era tão pura e tépida que era o local ideal para introduzir viveiros, o outro era quente e deitava um fumo de cor sulfúrica. De todas as estâncias marítimas, Cumas era a mais cara, ao passo que Baias *era relativamente* pouco desenvolvida. De facto, Baias parecia estar a tornar-se um lugar de viveiros e comércio de ostras, pois meia dúzia de entusiastas estavam a tentar encontrar uma forma de criar ostras, chefiados pelo aristocrata patrício empobrecido Lúcio Sérgio, que esperava renovar a fortuna da família produzindo e embarcando ostras de viveiro para os Epicuros e gastrónomos mais ricos de Roma.

A villa de Mário ficava no topo de um grande rochedo em Cumas; de lá viam-se as ilhas de Enária, Pandatária e Pôncia, três picos com declives e planícies a grande distância, como topos de montanha emergindo de um lençol de nevoeiro azul-claro. E aí, na *villa* de Mário, Júlia esperava o marido.

Haviam passado mais de dois anos e meio desde que eles se tinham visto; Júlia tinha agora quase vinte e quatro anos e Mário cinquenta e dois. Caio Mário sabia que ela ansiava ardentemente por vê-lo dado que viera de Roma até Cumas numa época do ano em que a praia era tempestuosa e fria, e o melhor lugar onde se podia *estar era* em Roma. A tradição impedia-a de viajar com o marido, especialmente se ele estivesse encarregado de qualquer assunto público; não **podia ir juntar-se-lhe** à província que ele governava, nem em qualquer das suas viagens por Itália, a menos que o marido a convidasse formalmente, e era considerado pouco educado fazer tais convites. No Verão, quando a mulher de um nobre romano ia para a praia, este ia ter com ela sempre que possível, mas faziam as viagens separadamente; e se ele quisesse passar uns dias na sua quinta518

ou *numa* das suas várias *villas* fora de Roma, raramente levava consigo a mulher.

Júlia não estava exactamente apreensiva; escrevera a Mário uma vez por semana durante a sua ausência e o marido respondera-lhe com a mesma regularidade, Nenhum deles se dedicava a mexericos, pelo que a sua correspondência era breve e apenas ocupada por assuntos familiares, mas era inabalavelmente afectuosa e meiga. Era evidente que não tinha nada a ver com a possibilidade de ele ter tido outras mulheres durante a ausência, e Júlia era demasiado bem educada e formada para pensar sequer em perguntar nem esperava que o marido lho comunicasse de livre vontade. Tais coisas faziam parte do reino dos homens e não tinham nada a *ver com* as mulheres. A esse respeito, tal como a mãe, Márcia, tivera o cuidado de lhe dizer, tivera a sorte de casar com um homem trinta anos mais velho do que ela; porque o seu desejo sexual - dissera Márcia - seria mais contido do que o de um homem mais novo, tal como o prazer em rever a mulher seria maior do que o de um homem mais novo.

Mas Júlia sentira terrivelmente a falta dele, não apenas porque o amava, mas também porque o marido lhe agradava. Com efeito, *gostava* dele, e isso tornava as separações mais difíceis, porque sentia tanto a falta do amigo como do marido e do amante.

Quando ele entrou na salinha dela sem avisar, a mulher levantou-se desajeitadamente, apercebeu-se de que não se aguentava nas pernas e voltou a tombar na cadeira. Como ele era alto! Como estava moreno, em forma e cheio de vivacidade! Não parecia ter envelhecido um dia - parecia mesmo mais novo do que ela se lembrava. Havia um sorriso largo e branco à sua espera - os dentes de Mário estavam tão bons como sempre - e as fabulosas sobrancelhas luxuriantes brilhavam com dois *pontos* de luz por trás, e as suas mãos grandes e bem feitas estavam estendidas à frente de Júlia. E ela era incapaz de se mexer! O que pensaria o marido?

Os pensamentos dele eram ternos, porque avançou para a mulher e a levantou com meiguice, sem fazer qualquer gesto para abraçá-la, limitando-se apenas a ficar parado a olhá-la com aquele sorriso largo. Depois, envolveu o rosto dela *com* as mãos e beijou-lhe ternamente as pestanas, as bochechas, os lábios. Os braços da mulher enrolaram-se à volta dele; inclinou-se para Mário e enterrou o rosto no seu ombro.

- Oh, Caio Mário, estou tão contente por te ver! - disse.

- Não estás mais contente do que eu por te ver - as suas mãos *acariciaram* as costas de Júlia, que as sentiu tremer,519

A mulher levantou o rosto.

- Beija-me, Caio Mário! Dá-me um beijo decente!

E o encontro foi exactamente como tinham desejado, terno, repleto de amor e de paixão. E não apenas isso; havia o encanto do jovem Mário e a mágoa escondida pela morte do seu segundo filho.

Para grande surpresa do pai, o jovem Mário era magnífico: alto, bem constituído, de tez bastante clara e com um par de grandes olhos cinzentos que encontraram os do pai sem temor. Fora sujeito a pouca disciplina, desconfiou Mário, mas tudo isso iria mudar. O mariola em breve aprenderia que um pai não podia ser dominado e manipulado; um pai era alguém que se devia reverenciar e respeitar, tal como ele, Caio Mário, reverenciava e respeitava o seu querido pai.

Havia outras mágoas além da morte do segundo filho; Mário sabia que júlia perdera o pai, mas recebeu a notícia, dita com sensibilidade. Morrera na altura certa e só depois das eleições em que o seu filho mais velho se tornara cônsul pela segunda vez em circunstâncias tão *surpreendentes.* A sua morte fora rápida e clemente, quando estava ocupado a falar com uns amigos acerca das boas-vindas que o Arpino iria dar ao seu melhor cidadão.

Mário pousou o rosto no peito de Júlia e chorou; e ficou reconfortado. Mais tarde, foi capaz de ver que tudo ocorrera no momento certo. A sua mãe, Fulcínia, morrera sete anos antes, e o pai sentira-se muito sozinho; já que a Fortuna não lhe havia permitido tornar a ver o filho, a deusa permitira-lhe ao menos saber que o filho se distinguira extraordinariamente.

- Por isso, não há motivo para eu ir ao Arpino - disse Mário mais *tarde* a Júlia. - Ficaremos aqui, meu amor.

- Públio Rutílio deve estar a chegar. Disse que vinha depois de se estabelecerem os novos tribunos da plebe. Penso que receia que eles sejam problemáticos - alguns são muito inteligentes.

- Então, até que chegue Públio Rutílio, minha querida, terna e bela esposa, não vamos pensar em coisas exasperantes como a política,

A chegada de Sila foi muito diferente. As suas expectativas não contemplavam o prazer simples, manifesto e ardente de Mário. Ele não queria saber a razão disso, porque, tal como Mário, se abstivera de qualquer relação sexual durante os dois anos que passara na província de África por outros motivos que não o amor da esposa, mas abstivera-se igualmente.520

A página totalmente nova que virara sobre a sua vida antiga nunca deveria ser maculada; haviam acabado as desonestidades, a deslealdade para com os seus superiores, as intrigas ou estratagemas para conquistar poder ou as fraquezas carnais, o que quer que pudesse diminuir a sua honra ou *dignitas corneliana.*

Como actor nato que era, dedicara-se em exclusivo ao novo papel que o mandato como questor de Mário lhe atribuíra, vivera-o interiormente e em todos os seus actos, olhares, palavras. Até aqui, não se cansara, porque o papel lhe oferecia um divertimento constante, enormes desafios e uma grande satisfação. Embora não pudesse mandar fazer a sua *imagem de* cera antes de se tornar cônsul ou ser suficientemente famoso ou distinto, poderia

encomendar a Mágio do Velabro uma instalação dos seus troféus de guerra, a sua Coroa de Ouro e *as phalerae* e colares de metal; e podia vigiar a instalação do testemunho da sua valentia no *átrium* da casa. Os anos em África haviam sido uma vingança; apesar de nunca poder vir a tornar-se um dos grandes cavaleiros do mundo, *tornara-se* um dos seus soldados, e o troféu de Mágio, no *átrium* da casa, mostrá-lo-ia a Roma.

E no entanto... a sua vida passada não mudara e ele sabia-o. A ânsia de visitar Metróbio, o amor do grotesco - dos anões e *travestis e* velhas prostitutas e personagens escandalosas -, a aversão indomável pelas mulheres que usassem os seus poderes para dominá-lo, a capacidade de acabar com uma vida em caso de grande ameaça, a falta de vontade de aturar parvos, a ambição devoradora e desgastante... A temporada africana *do actor* terminara, mas ele não considerava a hipótese de um repouso prolongado; o futuro reservava-lhe muitos papéis. E contudo... Roma era o palco onde actuara o seu antigo eu; Roma significara tudo, desde a ruína à frustração e à descoberta. Por isso, voltava a Roma com prudência, consciente das profundas mudanças ocorridas em si mesmo mas sabendo ainda que muito pouco mudara. Um actor entre cenas não podia sentir-se muito à vontade.

E Julilla esperara por ele de um modo diferente do modo como *Júlia* esperara por Mário, certa de amar Sila muito mais do que júlia *amava* Mário. Para julilla, qualquer mostra de disciplina ou autocontrolo era a prova de um tipo de amor inferior; o verdadeiro amor devia dominar por completo, invadir, fazer estremecer o interior, afastar qualquer vestígio de pensamento racional, bramir tempestuosamente, arrastar tudo à sua frente, tal como um enorme elefante. Por isso, esperava-o com *grande* ardor, incapaz de se preocupar com outra coisa para além da garrafa de521

vinho, da roupa mudada várias vezes no mesmo dia, do cabelo *com* todos os tipos de **penteados e que punha** os servos doidos.

E lançou tudo isto a Sila, como um manto feito de telas de aranha tentaculares. Mal ele entrou no *átrium,* correu para o marido de braços estendidos e rosto transfigurado; antes que ele pudesse olhá-la ou sentir o que quer que fosse, já havia colado a sua boca à de Sila como uma sanguessuga, devoradora, contorcida, húmida, toda sangue e negrume. As suas mãos procuravam-lhe os órgãos genitais, fazia ruídos do prazer mais lascivo e começou mesmo a enroscar as pernas à roda dele naquele local tão público, sob os olhares de uma dúzia de escravos, a maioria dos quais o marido nem sequer conhecia.

Sila não conseguiu conter-se; as suas mãos afastaram os braços de Julilla, a cabeça tombou-lhe para trás, soltando os lábios dos dela.

- RecomPõe-te! - ordenou-lhe. - Não estamos sós!

Julilla ficou boquiaberta, como se ele lhe tivesse cuspido na cara mas comportou-se mais ponderadamente; tomou-lhe o braço muito desajeitadamente e caminhou com Sila para o peristilo, seguindo depois para a sua salinha, nos antigos aposentos de Nicópole.

- Aqui já é suficientemente privado? - perguntou, com uma pontinha de ironia.

Mas a disposição dele já estava arruinada antes deste acesso de escárnio; não queria que a boca ou as mãos dela penetrassem atabalhoadamente nos recantos mais escondidos do seu corpo.

- Mais tarde, mais tarde! - disse-lhe, enquanto se sentava numa cadeira.

Ela ficou imóvel, assustada e espantada, como se o seu mundo tivesse acabado. Mais bela do que nunca, mas de uma beleza frágil, desde os braços magros emergindo de um tecido da moda - um homem com as origens de Sila nunca perdia o gosto pela linha ou pelo estilo - até aos enormes olhos enfiados nas órbitas no meio de sombras azuladas.

- Não... não compreendo! - exclamou Julilla sem ousar mexer-se do lugar onde estava, olhando-o com menos avidez, como um rato olha o sorriso no focinho do gato, avaliando: és amigo ou inimigo?

-Julilla - começou ele com o máximo de paciência -, estou cansado. Ainda não tive tempo de pôr os pés no chão. Mal conheço o pessoal desta casa. E como não estou nada bêbedo, tenho todas as inibições de um homem sóbrio quanto ao *grau* de licenciosidade que um casal deve permitir-se em público.522

- Mas eu *amo-te!* - protestou a mulher.

- Espero bem que sim. Tal como eu te amo a ti. Mesmo assim, há limites - respondeu o marido com dureza, querendo que tudo na sua esfera romana estivesse em ordem, desde a esposa até à casa ou à sua carreira no Fórum.

Quando pensara em Julilla durante os dois anos de ausência, não se lembrara de como era a mulher - mas apenas do que ela parecia e como era freneticamente e excitantemente apaixonada no leito. De facto, pensara nela tal como um homem pensa na amante e não na mulher. Agora, ao olhar para a rapariga com quem casara, decidiu que ela daria uma excelente amante - alguém que fosse visitar quando quisesse e com quem não tivesse de partilhar a casa nem de apresentar os amigos e associados.

Nunca devia ter casado com ela, pensou. Vi o meu futuro através dos olhos dela - foi a única coisa que me fez: serviu para transportar uma visão da Fortuna ao seu eleito. Eu não parei para pensar que haveria dezenas de mulheres nobres romanas disponíveis mais adequadas do que uma pobre criatura que tentou matar-se à fome pelo seu amor por mim. Isto, só por si, é um excesso. Não por me incomodarem os excessos - o que me incomoda são os excessos de que sou eu o objecto. Só me interessam aqueles de que sou o autor! *Porque* passei a vida metido com mulheres que querem sufocar-me?

O rosto de Julilla alterou-se. Os seus olhos afastaram-se das duas esferas que a observavam com um interesse cínico que não continham qualquer chama de amor, nem de prazer. Era isso! O que seria dela sem ele? Esse ao menos era fiel... Sem se preocupar com o que pensaria o marido, dirigiu-se a uma mesinha, encheu uma taça de vinho puro e bebeu-o de um único trago e só depois se lembrou dele e lhe perguntou:

- Queres vinho, Sila?

Ele estava de sobrolho carregado:

- Pousa isso imediatamente! Costumas beber vinho desse modo?

- Precisei de beber! - disse ela, irritada. - Estás a ser frio e deprimente.

Ele suspirou.

Concordo. Deixa estar, Julilla. Hei-de melhorar. Ou talvez tu é que devas melhorar... Sim, quero vinho! - Quase lhe arrancou das mãos a taça que ela lhe estendia em silêncio há algum tempo e bebeu, mas não de523

seguida. - Da última vez que tive notícias tuas... Não gostas muito de escrever, pois não?

As lágrimas corriam pelo rosto de Julilla, mas não soluçou; chorou silenciosamente.

- Detesto escrever cartas!

- Isso é bom de ver - disse ele, com secura.

- E depois? - perguntou a mulher, enchendo uma segunda taça e bebendo-a tão depressa como a primeira.

- Eu ia dizer que da última vez que tive notícias tuas pensei que tínhamos dois filhos, uma rapariga e um rapaz, não foi? Não por te teres dado ao trabalho de me falar do rapaz; soube-o pelo teu pai.

- Eu estava doente - disse ela, ainda a chorar.

- E não posso ver os meus filhos?

- Estão ali! - exclamou ela, apontando precipitadamente para o fundo do peristilo.

Sila deixou-a a limpar o rosto com um lenço; depois, voltou a encher a taça.

Viu-os através da janela aberta do quarto das crianças e eles não o viram. Ouvia-se uma voz de mulher em ruído de fundo, mas não a viu. Apenas viu as duas crianças que gerara. Uma rapariga, que devia ter agora dois anos e meio, debruçada sobre um rapaz de um ano e meio.

Ela era encantadora, era a boneca mais perfeita que Sila já vira. Uma cabeça coroada *por* caracóis de **um louro arruivado, uma** pele cor de leite e rosas com sardas nas bochechas rosadas e rechonchudas, e, sob umas sobrancelhas suaves de um louro arruivado, grandes olhos azuis, felizes e a sorrir, cheios de ternura pelo irmãozinho.

Ele era ainda mais encantador, este filho que nunca vira. já andava, o que era bom sinal, e estava totalmente nu - razão por que a irmã estava a arreliá-lo, e por isso devia ser habitual - e falava - respondia-lhe à altura, o patife. E estava a rir. Tinha o ar de um César - o **rosto longo** e atraente, o cabelo louro e espesso, os olhos azuis com a mesma vivacidade dos do falecido sogro de Sila.

E o coração adormecido de Lúcio Cornélio Sila não se limitou a acordar espreguiçando-se, deu um salto até ao mundo do sentimento tal como Arena deve ter saltado do penhasco de Zeus,

totalmente desenvolvida e armada, tocando o clarim. À entrada da porta, ajoelhou-se e estendeu os braços para as crianças, de olhos a brilhar.

- Está aqui o *tata* - disse. - *O tata* já voltou.524

Nem hesitaram; correram ao encontro do seu abraço e cobriram-lhe o rosto de beijos.

Públio Rutílio não foi o único magistrado a visitar Mário em Cumas; o herói ainda mal se instalara quando o mordomo lhe veio perguntar se desejaria receber o nobre Lúcio Marco Filipe. Curioso em relação ao que Filipe quereria - pois nunca o conhecera e conhecera a sua família da forma mais curiosa - Mário deu ordens para o visitante ser conduzido ao seu gabinete.

Filipe não prevaricou; foi direito ao motivo da sua visita. Era um sujeito de ar bastante mole - com demasiada gordura à volta da cintura, duplo-queixo - mas com toda a arrogância e autoconfiança do clã de Márcio, que dizia descender de Anco Márcio, o quarto rei de Roma e construtor da Ponte de Madeira.

- Não me conheces, Caio Mário - disse, com os seus olhos castanhos escuros fixando os de Mário -, por isso quis aproveitar a primeira oportunidade para rectificar a omissão... dado que *és* o cônsul sénior do próximo ano e eu sou um tribuno da plebe recentemente eleito.

- É simpático da tua parte vires rectificar essa omissão - disse **Mário, sorrindo sem ironia.**

- Penso que sim - disse Filipe suavemente; depois, encostou-se na cadeira e cruzou as pernas, afectação que Mário nunca tivera por achá-la pouco masculina.

- Que posso fazer por ti, Lúcio Márcio?

- Bastante - Filipe avançou com a cabeça para a frente e a sua expressão tornou-se de súbito menos suave, selvagem. - Encontro-me em dificuldades financeiras, Caio Mário, e pensei que me competia... digamos... oferecer-te os meus serviços como tribuno da plebe. Pensei, por exemplo, que poderás querer aprovar uma lei. Ou talvez queiras apenas saber que tens em Roma um apoiante leal entre os tribunos da plebe, enquanto estiveres fora, a manter o lobo germano à distância. Que tolos são os Germanos! Ainda não entenderam que Roma é um lobo, pois não? Mas estou certo de que hão-de compreendê-lo. Se existe alguém capaz de mostrar-lhes a natureza de Roma, esse alguém és tu.

A mente de Mário seguira este preâmbulo com uma rapidez singular. Também se encontrava encostado, mas sem as pernas cruzadas.

- Com efeito, meu caro Lúcio Márcio, *há* uma pequena lei que eu gostaria de ver aprovada na Assembleia da Plebe com o máximo de525

discrição. Teria todo o gosto em ajudar-te a libertares-te das tuas dificuldades financeiras, se me puderes evitar dificuldades legislativas.

- Quanto mais generoso for o teu donativo para a minha causa, Caio Mário, maior discrição receberá a minha lei - disse Filipe com um sorriso largo.

- Esplêndido! Diz o teu preço - disse Mário.

- *Céus! Tantafranqueza!*

- Diz o teu preço - repetiu Mário.

- Meio milhão - afirmou Filipe.

- Sestércios - disse Mário.

- Denários - retorquiu Filipe.

- Oh, hei-de querer muito mais do que uma lei por meio milhão de denários - disse Mário.

- Por meio milhão de denários, Caio Mário, terás muito mais. Não apenas os meus serviços durante o meu tribunato, mas também depois. juro-to.

- Então, negócio fechado.

- Que fácil! - exclamou Filipe, descontraindo-se. - O que posso fazer por ti?

- Preciso de uma lei agrária - respondeu Mário.

- *Não é* nada fácil! - Filipe endireitou-se, espantado. - Mas para que diabo queres uma lei agrária? Eu preciso de dinheiro, Caio Mário, mas só se sobreviver para gastar o que restar das minhas dívidas! Não faz parte das minhas ambições ser apunhalado no Capitólio, porque não sou nenhum Tibério Graco!

- Esta lei é de natureza agrária mas não é contenciosa - disse Mário, apaziguador. - Garanto-te, Lúcio Márcio, que não sou nenhum reformador ou revolucionário, e não tenciono dar o precioso *agerpublicus aos* pobres de Roma! Vou alistá-los nas legiões... e fazê-los trabalhar pela terra que lhes der! Nenhum homem deve receber nada de graça, porque um homem não é um bicho.

-Mas que outra terra existe para distribuir, além do *ager publicus?* A menos que queiras que o Estado compre mais terras. Mas isso implica arranjar mais dinheiro - disse Filipe, ainda pouco à vontade.

- Não há motivo para inquietações - asseverou Mário. - A terra a que me refiro já se encontra na posse de Roma. Enquanto eu tiver o *imperium* proconsular sobre a África, cabe à minha província nomear

a utilidade das terras conquistadas ao inimigo. Posso arrendá-la aos meus clientes ou526

vendê-las pela melhor oferta, ou dá-las a qualquer rei estrangeiro, Tudo o que necessito é que o Senado confirme as minhas disposições.

Mário mudou de posição, inclinou-se para a frente e prosseguiu: ”Mas não tenciono tornar-me vulnerável aos intentos de Metelo Numídico: prosseguirei a minha conduta como sempre, seguindo rigorosamente a lei tanto como a prática e a precedência gerais. Por isso, no Dia de Ano Novo, tenciono entregar o meu imperium proconsular da África sem dar a Metelo Numídico qualquer hipótese de morder.

- Todas as disposições principais do território que adquiri em nome do Senado e Povo de Roma já receberam a sanção senatorial. Mas há um assunto que não me interessa abordar. É um assunto tão delicado, que deverei cumprir o meu propósito em duas fases separadas. Uma no próximo ano e a outra no seguinte.

A tua tarefa, Lúcio Márcio, será dar seguimento à primeira fase, Resumindo, acredito que se Roma continuar a recrutar exércitos decentes, as legiões têm de tornar-se uma *carreira atraente* para um homem dos *capite censi e* não uma alternativa para a qual é só empurrado por zelo patriótico nas emergências, ou pelo tédio nas outras alturas. Se tiver os estímulos habituais: um soldo reduzido e uma pequena parte de qualquer pilhagem que render uma campanha, não será atraído. Mas se lhe *garantirem um* bom lote de *terreno para* se instalar ou vender no final da campanha, sentir-se-á muito mais tentado. No entanto, não podem ser terras na Itália; nem vejo por que razão haveriam de ser em Itália.”

- Parece-me que começo a entender o que queres, Caio Mário - disse Filipe, mordendo o lábio inferior. - É interessante.

- Também me parece. Reservei as ilhas da Sirte Menor de África *para* fixar os meus soldados dos *capite censi* no fim da campanha... o que, graças aos Germanos, não acontecerá de imediato. Desta vez, aproveitarei para garantir a aprovação do Povo da atribuição de terras na Meninge e em Cercina aos meus soldados. Mas tenho muitos inimigos que tentarão deter-me, nem que seja por as suas carreiras serem feitas à custa desse propósito - afirmou Mário.

Filipe assentiu com a cabeça, como um sábio.

- É bem verdade que tens inimigos, Caio Mário.

Sem ter a certeza se este comentário continha ou não algum sarcasmo, Mário lançou a Filipe um olhar fulminante e depois continuou:

- A *tua tarefa,* Lúcio Márcio, é apresentar na Assembleia da Plebe uma lei que reserve as ilhas da Sirte Menor Africana no *agerpublicus* sem possibilidade527

de aluguer ou subdivisão a não ser através de plebiscitos posteriores. Não mencionarás os soldados nem os *capite censi.* Tudo o que tens de fazer é... e de um modo muito fortuito e sereno... garantir que essas ilhas sejam postas de parte, bem guardadas de quaisquer mãos ambiciosas. É vital que os meus inimigos não suspeitem que estou por detrás da tua pequena lei.

- Penso que o conseguirei - disse Filipe, mais animado.

- Óptimo. No dia em que a lei entrar em efeito, mandarei os meus banqueiros depositar meio milhão de denários em teu nome, de tal forma que a alteração da tua fortuna não possa ser relacionada com a minha, disse Mário.

Filipe levantou-se.

- Acabaste de comprar um tribuno da plebe, Caio Mário - afirmou, estendendo a mão. - E continuarei a *ser* o teu homem ao longo da tua carreira política.

- Alegra-me ouvi-lo - disse Mário, apertando-lhe a mão. Mas assim que Filipe saiu, mandou vir água quente e lavou as mãos.

- Lá por fazer uso do suborno, não quer dizer que goste dos homens que compro - disse **Caio Mário a Públio Rutílio Rufo quando** este chegou a Cumas, cinco dias depois.

Rutílio Rufo fez uma careta de resignação.

- Ele cumpriu a palavra - disse Rutílio. - Apresentou a tua modesta lei agrária como se tivesse sido ideia dele, e fê-lo de uma forma tão lógica que ninguém se deu ao trabalho de discuti-la. É um tipo sagaz, aquele Filipe. Ficou com os louros pelo patriotismo de ter dito na Assembleia que uma parte insignificante das terras da grande África tinha de ser salva... ”depositada”, foi o termo que usou!... para o futuro do povo de Roma. Havia mesmo alguns dos teus inimigos a dizer que ele só estava a fazer isso para te irritar. A lei foi aprovada sem qualquer oposição.

- óptimo! - disse Mário, com um suspiro de alívio. - Durante algum tempo, poderei ter a certeza de que essas terras ficarão à minha espera, intactas. Preciso de mais algum tempo para provar o valor dos legionários dos *capite censi,* antes de me atrever a dar-lhes esses terrenos. Não te parece? O antigo soldado romano não precisava de ser subornado com terras; por que há-de o soldado moderno *receber um* tratamento preferencial? - Encolheu os ombros. - De qualquer modo, basta de falar neste assunto. O que mais se passou?528

- Fiz aprovar uma lei que autoriza os cônsules a indigitar tribunos suplementares sem que haja eleição, sempre que o Estado se encontrar numa situação de emergência - informou Rutílio.

- Tens sempre em vista o futuro! E escolheste alguns tribunos dos soldados a coberto dessa lei?

-Vinte e um. O mesmo número dos que morreram em Arausio.

- Incluindo...

- O jovem Caio Júlio César.

- Isso é que é uma boa notícia! Na maioria dos casos, os familiares não as proporcionam. Lembras-te do Caio Lúsio, casado com GraÈídia, a irmã do meu cunhado?

- Vagamente. O da Numância?

- Esse mesmo. Um crápula dos piores, mas muito rico. Ele e Gratídia tiveram um filho herdeiro, que tem agora vinte e cinco anos. Pedem-me que o leve comigo para combater os Germanos. Nunca o vi mas tive de concordar, senão o meu irmão Marco nunca mais deixava de ouvi-los falar nisso.

- Por falar na tua numerosa família, ficarás contente por saber que o jovem Quinto Sertório está em Nérsia, em casa da *mãe,* e em forma para ir contigo para a Gália.

- Excelente! Cota também foi para a Gália *este* ano. Rutílio Rufo explodiu.

- Por favor, Caio Mário! Um ex-pretor e cinco membros de segunda linha para formar uma delegação encarregada de lidar com tipos como o Cepião? Mas eu conhecia o meu Cota, ao passo que o Escauro Dalmático e o Suíno não o conheciam. Não duvidei que o que houvesse a salvar, seria salvo por ele.

- E Cepião, agora que voltou?

- Oh, está quase a afundar-se, mas tem tentado tudo para conseguir aguentar-se. Com o tempo, é provável que se canse até só se lhe verem as narinas. Há muita oposição pública contra ele, e por isso os seus *amigos* do Senado não podem ajudá-lo tanto como gostariam.

- Ainda bem! Devia ser *lançado para* o Tuliano e *ficar lá até morrer* à fome - disse Mário, num tom ameaçador,

- Só depois de ter cortado lenha para oitenta mil piras fúnebres comentou Rutílio, de dentes à mostra.

- E os Marsos, já acalmaram.,

- Referes-te ao processo pelos danos causados? A Assembleia retirou-O dos tribunais, como se esperava, mas Roma não ganhou mais amigos por 529

isso. O comandante da legião dos Marsos, Quinto Popédio Silo, veio a Roma depor, e aposto que não sabes quem depôs a favor dele - disse Rutílio Rufo. Mário sorriu.

- Tens razão; não sei. Quem?

- Nada mais nada menos que o meu sobrinho, o jovem Marco Lívio Druso. Parece que se conheceram depois do combate... parece que a legião de Druso estava ao lado da de Silo. Mas Cepião ficou chocado quando o meu sobrinho, que por sinal é genro dele, se ofereceu para depor num caso que dependia directamente da conduta de Cepião.

- É um cachorro de dentes aguçados - disse Mário, lembrando-se do jovem Druso no tribunal.

- Ele mudou desde Arausio - disse Rutílio Rufo. - Diria mesmo que cresceu.

- Então, talvez Roma tenha um bom homem para o futuro - afirmou Mário.

- Parece que sim. Mas noto uma mudança evidente em todos os sobreviventes de Arausio - comentou Rutílio Rufo com tristeza. - Ainda não foi possível encontrar todos os soldados que fugiram atravessando o Ródano a nado. Duvido que alguma vez o façam.

- Hei-de encontrá-los - ameaçou Mário. - Eles pertencem aos *capite censi,* o que significa que estão à minha responsabilidade.

- É essa a ideia de Cepião - disse Rutílio Rufo. - Está a tentar pôr as culpas em Cneu Málio e na ralé dos *capite censi,* como chama a esse exército. Os Marsos e os Samnitas não estão contentes por serem considerados dos *capite censí,* e o meu jovem sobrinho Marco Lívio veio a público e jurou que os *capite censi* nada têm a ver com isso. Ele é bom orador e ainda melhor como homem de espectáculo.

- E como pode o genro de Cepião criticar o sogro? - perguntou Mário, cheio de curiosidade. - Parece-me que mesmo os piores opositores de Cepião se horrorizariam com essa falta de lealdade familiar.

- Não tece críticas a Cepião... pelo menos directamente. É muito simples. Não diz nada contra Cepião; limita-se a refutar a acusação de Cepião, segundo a qual a derrota se ficou a dever ao exército de *capite censi* de Cneu Málio. Mas reparo que o jovem Marco Lívio e o jovem Cepião não estão tão íntimos como dantes, o que é bastante difícil, porque Cepião Júnior é casado com a minha sobrinha, irmã de Druso - disse Rutílio Rufo.

- O que esperavas, se todos vocês, malditos nobres, insistem em casar com os primos uns dos outros em vez de deixarem renovar o vosso sangue?530

- perguntou Mário, encolhendo os ombros. - Mas acabemos com este assunto! Há mais novidades?

- Só acerca dos Marsos, ou antes, dos Aliados Italianos. A oposição contra nós tem alimentado, Caio Mário, como sabes, há meses que ando a tentar recrutar soldados. Mas os Aliados Italianos recusaram-se a colaborar. Quando lhes pedi homens dos *capte censi* italianos, já que eles insistem que não têm proprietários em idade para se alistarem, disseram que também não tinham homens dos *capite censi!*

- Eles são povos rurais; é possível que assim seja - disse Mário,

- Absurdo! Entre homens sem terra, pastores e trabalhadores migrantes, qual é a comunidade rural em que não existam em grande número Mas os Aliados Italianos *insistem* que não há homens dos *caPite censi italianos!* Porquê? Perguntei-lhes por carta. Porque, como me disseram, quaisquer homens italianos que *pudessem* ter preenchido essa categoria foram todos feitos escravos pelos Romanos, na sua maioria sujeitos a pagar a sua liberdade. Oh, é muito duro! - disse Rutílio Rufo gravemente. Todos os povos italianos escreveram ao Senado em protesto contra o modo como Roma os trata... E não só Roma como também os seus cidadãos que ocupam cargos de poder. Os Marsos, os Peligni, os Picentinos, os úmbrios, os Samnitas, os Ápulos, os Lucanos, os Etrúrios, os Marrucinos e os Vestinos, Caio Mário!

- Já sabíamos que esses problemas estavam a fermentar há algum tempo - disse Mário. - A minha esperança é que a ameaça comum dos Germanos sirva para reunir a nossa península tão dispersa.

- Não me parece que venha a fazê-lo - disse Rutílio Rufo. - Todos esses povos dizem que Roma se habituou a manter os seus proprietários tanto tempo longe de casa que as suas quintas e negócios faliram, e todos os homens que tiveram a sorte de sobreviver encontraram no regresso dívidas aos senhorios romanos ou comerciantes locais com a cidadania romana. Assim, segundo dizem, Roma já tem na sua posse os seus homens *dos capite censi,* pois os escravos multiplicam-se duma ponta à outra do mar Central!

Em particular, segundo eles, nos lugares onde Roma precisa de escravos com conhecimentos de agricultura: em África, na Sardenha e na Sicília.

Mário também começou a ficar pouco à vontade.

- Não fazia ideia de que as coisas tivessem chegado a esse ponto, disse. - Eu próprio possuo bastantes terras na Etrúria, incluindo muitas quintas confiscadas por causa de dívidas. Mas o que mais se pode fazer?532

Se eu não tivesse comprado as quintas, fá-lo-iam o Suíno ou o irmão, Dalmático! Tenho propriedades na Etrúria que eram da família da minha mãe, Fulcínia, razão pela qual estou a concentrar-me lá. Mas não posso negar que sou um grande proprietário.

- E aposto que nem sabes o que os teus agentes fizeram aos homens cujas terras confiscaste - afirmou Rutílio.

- Tens *razão,* não sei - disse Mário, sentindo-se desconfortável. - Eu não fazia ideia que tínhamos assim tantos escravos italianos. É como escravizar romanos!

- Nós fazemos isso quando os romanos se endividam.

- Cada vez menos, Públio Rutílio!

- É verdade.

- Tratarei da queixa dos Italianos logo que tomar posse - asseverou Caio Mário, decidido.

A insatisfação dos Italianos pairou no ar obscuramente durante esse Dezembro, tendo por núcleo as tribos das terras altas centrais por detrás dos vales Tibre e do Liris, comandadas pelos Samnitas. Mas também havia outros burburinhos, relacionados com os privilégios da nobreza romana e gerados por outros nobres romanos.

Os novos tribunos da plebe estiveram em grande actividade. Sofrendo por o seu pai ser um dos generais incompetentes e odiados naquela altura, Lúcio Cássio Longino elaborou uma lei surpreendente para discussão numa reunião *contio* da Assembleia da Plebe. Todos os homens a quem a Assembleia havia retirado o *imperium,* deviam perder também as suas posições no Senado. Isso era declarar guerra contra Cepião com uma vingança! Porque toda a gente achava que Cepião seria absolvido, se e quando fosse julgado por traição, no sistema vigente. Graças ao seu poder e riqueza, tinha na mão demasiados cavaleiros na Primeira e Segunda Classes, pelo que seria ilibado. Mas a lei da Assembleia da Plebe, que **lhe retirava o lugar no Senado, era diferente.** E por mais que Metelo Numídico e os seus colegas tentassem contrariá-lo, o decreto acabou por vir a ser lei. Lúcio Cássio não partilharia o ódio do seu pai.

E então, rebentou a tempestade religiosa, enterrando com a sua fúria todas as outras questões; como ela tinha o seu lado cómico, era inevitável - os Romanos adoravam o ridículo. Ao tombar morto nos rostros durante o motim relacionado com a candidatura de Caio Mário *in absentia,* Cneu Domício Aenobarbo deixara atrás de si uma coisa por resolver.533

Ele era um *pontifex,* um sacerdote de Roma, e a sua morte deixara um vazio no Colégio de Pontífices. Nessa altura, o Pontifex Maximus era o envelhecido Lúcio Cecílio Metelo Dalmático, e entre os sacerdotes encontravam-se Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, Públio Licínio Crasso e Cipião Nasica.

Os novos sacerdotes eram cooptados pelos restantes membros do colégio; um plebeu era substituído por outro plebeu e um patrício era substituído por outro patrício; os colégios de sacerdotes *e de* átigures eram geralmente constituídos por igual número de plebeus e patrícios. De acordo com a tradição, o novo sacerdote devia pertencer à mesma família do falecido, para que estes cargos passassem de pai para filho, ou de tio para sobrinho, ou de primo

para primo. Tinha de ser preservada a honra *e dignitas* da família. E Cneu Domíci o Aenobarbo Júnior, o actual chefe da família, esperava agora ser chamado a aceitar o lugar do pai.

No entanto, havia um problema chamado Escauro. Quando o Colégio de Pontífices reuniu para cooptar o seu novo membro, Escauro anunciou que não era a favor de conceder ao filho do falecido Aenobarbo o *lugar* do pai. Mas não disse em voz alta uma das razões, apesar de estar subjacente a tudo o que ele dizia e aparecia de forma igualmente evidente para os treze sacerdotes que o ouviam; nomeadamente, que Cneu Domicio Aenobarbo fora um homem casmurro, crítico, irascível e desagradável, e criara um filho que era ainda pior. Nenhum nobre romano se importava com as idiossincrasias dos seus semelhantes e todos estavam prontos para lhes suportar as bizarrias, desde que pudessem escapar-lhes quando quisessem. Mas os sacerdotes eram muito unidos e reuniam-se no espaço reduzido da Regia, o pequeno gabinete do Pontifex Maximus - e o jovem Aenobarbo tinha apenas trinta e três anos. Para aqueles que, como Escauro, haviam suportado o seu pai durante muitos anos, a ideia de ter de suportar o filho não era de modo nenhum atraente. E, por sorte, Escauro tinha duas razões válidas para apresentar aos colegas em relação à recusa do lugar ao jovem Aenobarbo.

A primeira era que quando Marco Lívio Druso, o Censor, morrera, o cargo não passara para o filho, com dezanove anos na altura, pois tinha sido considerado demasiado novo. A segunda era que o jovem Marco Lívio Druso mostrava tendências alarmantes de abandono da sua herança de conservadorismo; Escauro sentia que o facto de receber o cargo do pai iria levá-lo ao encontro dos seus antepassados. O seu pai fora um inimigo acerrado de Caio Graco, mas o comportamento do jovem Druso no Fórum534

Romano aproximava-se mais do de Caio Graco! Escauro defendeu que havia circunstâncias atenuantes, em particular o choque de

Arausio. Por isso, que solução melhor havia senão cooptar o jovem Druso para o colégio sacerdotal do seu pai?

Os outros treze sacerdotes, incluindo Dalmático Pontifex Maximus, acharam que esta era a melhor solução para o dilema de Aenobarbo, en) especial porque o velho Aenobarbo assegurara um lugar de augure para o filho mais novo, Lúcio, pouco antes de morrer. Assim, a família não podia argumentar que se vira privada de todas as suas prerrogativas religiosas.

Mas quando Cneu Domício Aenobarbo ouviu dizer que o seu lugar tão esperado ia para Marco Lívio Druso, não ficou contente. Ficou Mesmo ultrajado. Na reunião do Senado que se seguiu, anunciou que ia processar Marco Emílio Escauro Princeps Senatus por sacrilégio. O pretexto era a adopção de um patrício por um plebeu, e este assunto complicado requeria a punição do Colégio de Pontífices, bem como dos Lictores das Trinta Cürias; o jovem Aenobarbo alegou que Escauro não havia cumprido as formalidades como devia. Consciente do verdadeiro motivo que se ocultava por detrás deste ataque súbito de minúcia sacerdotal, a Assembleia não ficou impressionada. Nem o próprio Escauro, que apenas se levantou e olhou com arrogância para Aenobarbo, vermelho de raiva.

- Cneu Domício, tu, que nem és *um pontifex* acusas-me a mim, *Marco Emílio, pontifex* e Chefe da Assembleia, de *sacrilégio?* - perguntou Escauro num tom cortante. - Vai para a Assembleia da Plebe brincar com os teus novos brinquedos e aparece quando cresceres!

E o assunto parecia arrumado. Aenobarbo abandonou a sessão no meio de gargalhadas e as pessoas gritavam:

- Não sabes perder!

Mas Aenobarbo ainda não estava vencido. Escauro dissera-lhe que fosse para a Assembleia da Plebe brincar com os seus novos brinquedos, e era mesmo isso o que iria fazer! Dois dias depois, já

havia elaborado uma nova lei, e antes do fim do ano, submetera-a à aprovação e votação: segundo a *lex Domitia de sacerdotiis, no* futuro, os novos sacerdotes e augures não seriam cooptados pelos outros membros; passavam a ser eleitos por uma assembleia tribal especial e qualquer um poderia candidatar-se.

- Que querido! - disse Metelo Dalmático Pontifex Maximus a Escauro.

- É mesmo querido!

Mas Escauro só se ria.535

- Lúcio Cecílio, admite que ele nos enrolou muito bem! - afirmou, enxugando os olhos. - Devo dizer que gosto mais dele por isso.

- Quando morrer o próximo, ele candidata-se às eleições - disse Dalmático Pontifex Maximus com tristeza.

- E por que não? Mereceu-o - retorquiu Escauro.

- E se for eu? Ele viria a ser Pontifex Maximus!

- Que maravilhosa elevação isso não nos traria! - comentou Escauro, obstinado.

- Ouvi dizer que agora anda atrás do Marco Júnio Silano - disse Metelo Numídico.

- Sim, acusa-o de ter iniciado ilegalmente uma guerra contra os Germanos na Gália Transalpina - confirmou Dalmático Pontifex Maximus.

- Pode fazer com que Silano seja julgado pela Assembleia da Plebe,

onde uma acusação de traição significa ir para as centúrias - afirmou Escauro, e depois assobiou. - Ele é bom, sabes? Começo a lamentar não o termos cooptado para ocupar o lugar do pai.

- Que disparate! Não lamentas nada! - exclamou Metelo Numídico.

- Estás a divertir-te imenso com este enorme fiasco.

- E por que não havia de divertir-me? - perguntou Escauro, fingindo-se surpreendido. - Estamos em *Roma,* Pais Conscritos! E Roma é como é! Todos os nobres estão empenhados numa competição saudável!

- Só disparates! - gritou Metelo Numídico, ainda irritado por o consulado de Caio Mário estar próximo. - A Roma tal como a conhecemos está a morrer! Há homens a serem eleitos cônsules pela segunda vez em três anos e que nem se apresentaram em Roma de *toga cândida, os capite censi* entraram nas legiões, os sacerdotes e augures são eleitos, as decisões do **Senado sobre quem irá governar** o quê, são anuladas pelo Povo, o Estado paga fortunas pelos exércitos de Roma, há Homens Novos e recém-

chegados a governar!DURANTE O CONSULADO DE CAIO MÁRIO E

CAIO FLÁVIO FIMBRIA

O OITAVO ANO

DURANTE O CONSULADO DE CAIO MÁRIO

E

LÚCIO AURÉLIO ORESTES

DURANTE O CONSULADO DE CAIO MÁRIO (IV)

E QUINTO LUTÁCIO CATULO CÉSARGjLIN'IU, LUTATjuS, CAluLUS CAESARSila fora encarregado de organizar o desfile triunfal de Mário; e seguia escrupulosamente as ordens que recebia, apesar das apreensões que tinha quanto ao resultado das ordens de Mário.

- Quero que tudo fique concluído o mais breve possível - dissera-lhe Mário em Putéolos, logo que haviam chegado de África. - Estaremos no Capitólio o mais tardar à sexta hora do dia e iniciaremos depois a cerimónia de posse e a sessão do Senado. Apressa-te, pois decidi que o *banquete* terá de ser memorável. Afinal de contas, é o meu segundo banquete; sou um general triunfante e o novo cônsul sénior. Por isso, só quero coisas de primeira, Lúcio Cornélio! Nada de ovos demasiado cozidos nem queijos de má qualidade, ouviste? Quero comida, bailarinas, cantores e músicos dos melhores e mais caros, baixelas de ouro e leitos de púrpura.

Sila ouvira tudo isto desmoralizado. Mário nunca deixaria de ser um provinciano com ambições sociais; o desfile e as cerimônias

consulares feitas à pressa, seguidas de um banquete de reis: que mau gosto! Especialmente aquele banquete ostentatório e banal!

No entanto, Sila cumpriu à letra as indicações. Havia carroças transportando tanques impermeáveis de barro - encerados por dentro - para transportar as travessas de ostras de Baias, caranguejos da Campânia e camarões da baía da Cratera, e outras carroças semelhantes, cheias de enguias, lúcios e percas do Tibre; uma equipa de pescadores experientes de siluros encontravam-se perto das saídas principais dos esgotos de Roma; engordados com uma dieta de bolos de mel ensopados em vinho, os capões e patos, leitões e cabritos, faisões e crias de veados eram enviados para os fornecedores os assarem e estufarem, arranjarem e entremearem; Mário e Sila trouxeram de África uma grande remessa de caracóis gigantes com os cumprimentos de Públio Vagiennius, que pedia um relato sobre as reacções dos gastrónomos romanos.540

O desfile triunfal de Mário decorreu com eficácia e rapidez; Sila pensou que quando fizesse os festejos do *seu* triunfo, ele seria tão grande que duraria três dias a percorrer a antiga via, tal como Emílio Paulo. A duração e o esplendor de um triunfo eram a *marca* do aristocrata, desejoso de fazer o povo participar da festa; ao passo que a duração e o esplendor do banquete no templo de Júpiter Optimus Maximus que se lhe seguia constituíam a marca do provinciano, desejoso de impressionar meia dúzia de privilegiados.

Apesar disso, Sila conseguiu tornar memorável a parada triunfal. Havia carros alegóricos exibindo todos os feitos importantes das campanhas de África, desde os caracóis do Mulucha à espantosa Marta, a profetisa; ela era a estrela dos quadros alegóricos, reclinada num leito de ouro e púrpura montado num estrado alto construido como a sala do trono do príncipe Gauda, na Velha Cartago, com um actor no papel de Caio Mário e outro no de Gauda, de sapatos de ponta revirada. Sila fez transportar todas as condecorações de Mário numa carroça coberta sumptuosamente ornamentada. Havia carroças cheias do produto das pilhagens, de

troféus que consistiam em armaduras do inimigo e de mostras importantes - dispostas de forma a que o público pudesse admirá-las individualmente - e carroças de leões, macacos e símios estranhos enjaulados e duas dúzias de elefantes desfilavam abanando as suas enormes orelhas. As seis legiões do exército africano marchavam sem lanças, punhais ou espadas, transportando em vez deles bordões de madeira adornados com os louros da vitória.

- Vamos a marchar, seus *cunni!* - gritou Mário aos soldados na extensão de relva coçada da Villa Pública quando a parada estava pronta para avançar. - Tenho que estar no Capitólio à sexta hora, Pelo que não poderei estar de olho em vocês. Mas não terão desculpa se me desonrarem, ouviram, *seus fellatores?*

Todos os soldados adoravam que o general lhes dirigisse obscenidades; mas era um facto que adoravam que ele lhes falasse, de toda e qualquer maneira.

Jugurta também marchava, nas suas vestes reais de púrpura, trazendo pela última vez na cabeça a fita branca enfeitada com borlas conhecida por diadema, todos os seus colares de ouro e anéis e braceletes reluzindo ao sol da manhã, pois aquele era um belo dia de Inverno, sem muito frio nem vento. Acompanhavam-no os dois filhos, também vestidos de púrpura.541

Quando Mário trouxe Jugurta a Roma, o númida nem podia acreditar, pois quando ele e Bomílcar haviam deixado a cidade, tivera a certeza de que nunca mais voltaria a vê-la. A cidade de terracota de cores vivas - colunas pintadas, paredes fulgurantes, estátuas dispersas por toda *a parte,* tão vivas que quem as visse esperava que começassem a discursar, a lutar, a galopar ou a chorar. A branca África não tinha qualquer semelhança com Roma, onde já não se construíam muitas casas de terra, e as suas paredes já não eram caiadas mas pintadas. As colinas e penhascos, os jardins, os ciprestes em forma de lápis e os pinheiros em forma de sombrinhas, os altos templos sobre os seus pódios com vitórias aladas

conduzindo *quadrigas* no topo dos frontões, a cicatriz do grande incêndio do Viminal e do Esquilino, que começava a ganhar erva. Roma, a cidade que estava à venda. E que tragédia fora o não ter podido arranjar dinheiro para comprá-la! Como as coisas seriam diferentes se o tivesse feito.

Quinto Cecílio Metelo Numídico alojara-o, hóspede de honra que no entanto não podia pôr os pés fora de casa. Estava escuro quando o levaram para lá, e aí ficou durante meses, expulso da *loggia* que dava para o Fórum Romano e para o Capitólio, limitado ao jardim do peristilo, como um leão numa jaula. O seu orgulho não o deixava desanimar; todos os dias, corria no mesmo lugar, tocava com os dedos das mãos nos pés, elevava-se até o queixo tocar no ramo que lhe servia de barra. Queria que aqueles romanos vulgares o admirassem quando desfilasse na parada triunfal de Caio Mário - que o tomassem por um opositor formidável e não por qualquer potentado oriental barrigudo.

Com Metelo Numídico, mostrara-se bastante distante, recusando-se a alimentar o ego de Roma - facto que sentiu ter desiludido muito o seu anfitrião. Numídico esperara recolher provas de que Mário abusara do seu *lugar* de procônsul. Jugurta sentiu um prazer secreto em desiludi-lo, pois sabia qual fora o romano que temera e pelo qual se alegrava de ter sido vencido. Numídico era um nobre importante, mas como homem e como soldado nem chegava aos calcanhares de Caio Mário. Era evidente para Metelo Numídico, Caio Mário era pouco mais do que um bastardo; por isso, Jugurta, que sabia tudo acerca da bastardia, permanecia ligado a Caio Mário numa singular e implacável camaradagem.

Uma noite antes de Caio Mário entrar em Roma em triunfo como cônsul pela segunda vez, Metelo Numídico e o silencioso filho deram um jantar em honra de Jugurta e dos seus dois filhos. Só havia mais um542

convidado, Públio Rutílio Rufo, por quem Jugurta perguntara. Só faltava Caio Mário, do grupo que havia lutado na Numância ao comando de Cipião Emiliano.

Foi uma noite muito estranha. Metelo Numídico deu um banquete sumptuoso - pois, como ele dizia, não tinha intenção de comer à custa de Caio Mário após a sessão da cerimónia inaugural do Senado no templo de Júpiter Optimus Maximus.

- Mas quase não há caranguejos ou ostras à venda, nem caracóis nem nada de especial - disse Numídico quando se preparavam para jantar. Mário limpou completamente os mercados.

- Atribuis-lhe as culpas disso? - perguntou Jugurta, já que Rutílio Rufo não dissera nada.

- Atribuo a Caio Mário todas as culpas - disse Numídico.

- Não devias. Se ele tivesse surgido das fileiras da alta nobreza, Quinto Cecílio, teria sido muito bom. Mas isso não aconteceu. Foi *Roma* que fez surgir Caio Mário. Não me refiro à cidade nem à nação mas a Roma, a deusa imortal, o génio da cidade, o seu espírito motor. Quando é necessário que surja um homem, ele *aparece* - disse Jugurta da Numídia.

- Há alguns de nós, de boas origens, que poderiam ter feito o que Caio Mário fez - disse Numídico teimosamente. - Com efeito, devia ter sido eu. Caio Mário roubou-me o meu *imperium* e amanhã, *roubar-me-á* os meus galardões - o ténue olhar de incredulidade no rosto de Jugurta incomodou-o, e ele acrescentou com uma certa maldade. - Por exemplo, não foi exactamente Caio Mário que *te capturou, rei.* O teu captor, Lúcio Cornélio Sila, é de boas origens. Pode dizer-se... e é um silogismo válido!... que foi Lúcio Cornélio Sila e não Caio Mário que pôs termo à guerra Numídico inspirou ao ter de sacrificar as suas prerrogativas de proeminência no altar aristocrático de Lúcio Cornélio Sila. - De facto, Lúcio Cornélio é como se fosse um Caio Mário Romano.

- Nem pensar! - exclamou Jugurta com ar de troça, sabendo que Rutílio Rufo o observava fixamente. - Ele é muito diferente, Caio Mário é mais *directo, se* é que me entendes.

- Entendo-te perfeitamente - disse Rutílio Rufo, e sorriu deliciado. Jugurta sorriu para Rutílio Rufo com o sorriso da Numância.

- Caio Mário é uma aberração - disse ele -, um fruto perfeito de *Uma* árvore abandonada e vulgar nascida fora do pomar. Homens como ele não podem ser detidos ou desviados, meu caro Quinto Cecílio. Têm o *coração,* a coragem, os miolos e o laivo de imortalidade necessários para saltarem543

todos os obstáculos que encontrarem no caminho. Os deuses *amam-nos!* É neles que os deuses depositam todos os dons da Fortuna. Por isso, Caio Mário segue a direito, e mesmo quando se vê obrigado a caminhar de través, segue um caminho direito.

- Tens toda a razão! - concordou Rutílio Rufo.

- Lú-Lú-Lúcio Cor-Cor-Cornélio é me-me-me-melhor! - exclamou o jovem Metelo Bacorinho, furioso.

- Não! - disse Jugurta, abanando a cabeça enfaticamente. - O nosso amigo Lúcio Cornélio tem miolos ... e coragem ... e talvez coração ... mas não me parece que possua o laivo de imortalidade. Os caminhos tortos parecem-lhe os mais direitos. Um homem que é mais feliz montado numa mula não merece um elefante de guerra. Ele é corajoso como um touro! Numa batalha, não há ninguém mais rápido na condução do ataque, ou a formar uma coluna de auxílio, ou a incitar ao combate uma centúria em fuga. Mas Lúcio Cornélio Sila não liga a Marte. Ao passo que Caio Mário não ouve senão Marte. A propósito, ”Mário” é uma distorção latina de ”Marte”? Do filho de Marte? Não sabem? Nem me parece que te interesse saber, Quinto Cecílio! É pena. O latim é uma língua com um som extremamente poderoso. Muito viva mas ressoante.

- Conta-me mais coisas acerca de Lúcio Cornélio Sila - disse Rutílio Rufo, escolhendo um pedaço de pão claro e o ovo de aspecto mais simples. Jugurta devorava caracóis; não os comia desde o início do seu exílio.

- O que há a contar? É um Produto da sua classe. Tudo o que faz,

fá-lo bem. Pelo menos suficientemente bem para nove pessoas em dez não saberem se é genuíno naquilo que faz ou apenas um homem afectado mas muito inteligente e bem treinado. Mas durante o tempo que passei com ele, nunca fiz qualquer ideia do que seria a sua tendência natural ou a sua esfera. É claro que há-de ganhar guerras e chefiar governos, disso não duvido, mas nunca com o lado espiritual da sua mente. - O molho de alho e azeite escorria pelo queixo do convidado de honra; cessou de falar enquanto um servo lhe limpava a cara, incluindo a barba; depois, vomitou e prosseguiu. - Há-de sempre preferir as conveniências, porque lhe falta o **poder que só possuem os que têm** em si esse laivo de imortalidade. Se Lúcio Cornélio for confrontado com duas alternativas, escolhe aquela que lhe parecer levá-lo mais facilmente aonde ele quiser. Não é tão completo como Caio Mário; nem tão clarividente, julgo eu.

- Co-co-co-como é que sa-sa-sabes tan-tan-tanto acerca de Lú-LúLú-Lúcio Cornélio? - perguntou Metelo Bacorinho.544

- Uma vez, fiz com ele um notável trajecto a cavalo - disse Jugurta, com ar pensativo, usando um palito. - E fizemos Juntos uma viagem ao longo da costa africana, de Icosium a útica. **Vimo-nos muito** - e o modo como disse isto fez os outros pensar nos múltiplos sentidos inerentes, mas ninguém perguntou nada.

Então, vieram as saladas, e a seguir os assados. Metelo Numídico e os convidados prosseguiram com prazer, exceptuando os dois príncipes lampsas e Oxyntas.

- Eles *querem morrer* comigo - explicou *Jugurta a* Rutílio Rufo, em voz baixa.

- Ninguém aprovará tal coisa - disse Rutílio Rufo.

- Foi o que eu lhes disse.

- Eles sabem para onde vão?

- Oxyntas vai para a cidade de Venúsia, onde quer que seja, e lampsas vai para Ásculo, outra cidade misteriosa.

- Venúsia fica a sul da Campânia, na estrada para Brindísio e Ásculo fica a noroeste de Roma, do outro lado dos Apeninos. São bastante confortáveis.

- Quando durará a detenção deles? - perguntou Jugurta. Rutílio Rufo reflectiu e depois encolheu os ombros.

- É difícil dizer-to, Certamente durará alguns anos. Até os magistrados locais escreverem um relatório ao Senado dizendo que estão completamente romanizados e não será um perigo para Roma enviá-los para casa.

- Então, parece-me que ficarão cá toda a vida. Será melhor que morram comigo, Públio Rutílio!

- Não, Jugurta, não podes ter a certeza. Quem sabe o *que o futuro* lhes reserva?

- É verdade.

A refeição prosseguiu com mais assados e saladas e terminou com carnes doces, pastéis, doces com mel, queijos, as poucas frutas da *época* e frutos secos. lampsas e Oxyntas foram os únicos que não fizeram justiça à refeição.

- Diz-me Quinto Cecílio - perguntou Jugurta a Metelo Numídico quando os restos da comida foram levados e trouxeram vinho puro da melhor colheita -, o que farás se um dia aparecer outro Caio

Mário, com todo o vigor e visão e o tal laivo de imortalidade, na pele de um romano patrício?545

Numídico pestanejou.

- Não sei aonde queres chegar, rei disse. Caio Mário é Caio Mário.

- Não é necessariamente único disse Jugurta. O que farias com um Caio Mário vindo de uma família patrícia?

- É impossível - afirmou Numídico.

- Absurdo! Claro que é possível disse Jugurta, saboreando o excelente vinho de Quios.

Parece-me que Quinto Cecílio está a tentar dizer que Caio Mário é um produto da sua classe disse Rutílio Rufo com delicadeza.

- Um Caio Mário pode pertencer a qualquer classe insistiu Jugurta. Todas as cabeças romanas se abanaram num não simultâneo.

Não, disse Rutílio Rufo, falando pelo grupo. O que estás a dizer pode servir para a Numídia ou para qualquer outro lugar. Mas não serve para Roma! *Nenhum* romano patrício poderia pensar ou agir como Caio Mário.

E o assunto estava arrumado. Depois de mais algumas bebidas, o banquete terminou, Rutílio Rufo foi-se deitar e os habitantes da casa de Metelo Numídico dirigiram-se para as suas camas. Jugurta da Numídia dormiu um sono profundo e tranquilo, depois de tão excelente comida, vinho e companhia.

Quando o escravo que fazia de seu criado de quarto foi acordá-lo, duas horas antes da aurora, Jugurta levantou-se fresco e revigorado. Deixaram-no tomar um banho quente e ele arranjou-se e vestiu-se com muito esmero; o seu cabelo foi disposto em rolos largos com a ajuda de ferros quentes e a sua barba foi penteada e atada com fios

de ouro e prata. As zonas barbeadas das bochechas e do queixo foram escanhoadas. Perfumado com fragrâncias caras, de diadema e com todas as suas jóias (que já haviam sido catalogadas pelos funcionários do Tesouro e seriam divididas juntamente com o produto das pilhagens no Campo de Marte, no dia seguinte ao do triunfo), o rei Jugurta deixou os seus aposentos como um soberano helenizado; um rei da cabeça aos pés.

Hoje disse aos filhos enquanto seguiam para o Campo de Marte em cadeirinhas, irei ver Roma pela primeira vez em toda a minha vida.

Foi Sila que os recebeu no meio do que parecia uma confusão caótica, onde apenas havia a luz de archotes; mas a madrugada rompia sobre a crista do Esquilino e Jugurta suspeitou que a agitação era devida ao número de pessoas reunidas na Villa Pública e que afinal havia ali uma ordem aerodinâmica.546

As grilhetas eram a fingir; em toda a Itália, para onde podia um rei-guerreiro púnico fugir?

Ontem à noite falámos de ti disse Jugurta a Sila em tom de conversa.

Sim? perguntou Sila, de couraça de prata reluzente *epteryges,* grevas de prata protegendo as canelas das pernas, elmo ático com um penacho de plumas escarlate e uma capa militar escarlate. Para Jugurta, que o conhecia de chapéu de aba larga, estava ali um estranho. Atrás dele, o seu servo particular trazia uma moldura onde estavam penduradas as suas condecorações de mérito, uma colecção bastante imponente.

Sim respondeu Jugurta ainda em tom de conversa. Houve um debate acerca de quem venceu a guerra contra mim: se Caio Mário ou tu.

Os olhos esbranquiçados elevaram-se, pousando no rosto de Jugurta.

Um debate interessante, rei. Qual dos lados defendeste?

O lado da razão. Disse que Caio Mário tinha ganho a guerra. Foram suas as decisões de comando, e seus os homens que tomaram parte nela, incluindo tu. E foi dele a ordem que te levou até ao meu sogro, Boco Jugurta fez uma pausa, e sorriu. No entanto, o meu único aliado foi o meu velho amigo Públio Rutílio. Tanto Quinto Cecílio como o seu filho insistiram que tinhas sido tu a ganhar a guerra, por me teres capturado.

Defendeste o lado da razão disse Sila.

O lado da razão é relativo.

Neste caso, não afirmou Sila, de plumas apontadas na direcção dos soldados de Mário. Nunca terei o seu dom para lidar com *eles.* Não tenho qualquer sentimento de camaradagem.

Disfarças bem comentou Jugurta.

Eles sabem-no disse Sila. Foi Mário que ganhou a guerra, com eles. A minha contribuição podia ter sido dada por qualquer outro legado Sila respirou fundo. Deves ter passado uma noite agradável, rei.

Muito agradável! Jugurta agitou as correntes e achou-as muito leves, fáceis de transportar. Quinto Cecílio e o seu filho gago deram um banquete real em minha honra. Se se perguntasse a um númida o que ele gostaria de comer na noite antes da morte, a resposta seria invariavelmente: caracóis. E ontem à noite, comi caracóis.

Então, estás de barriga cheia, rei. Jugurta fez um sorriso largo.547

- Estou! Eu diria que é assim que se deve ir para o nó do estrangulador.

- Não, isso decido *eu disse* Sila, sorrindo, de dentes agora aparentemente mais escuros no rosto branco.

O sorriso de Jugurta desvaneceu-se.

- O que dizes?

- Sou eu que trato da organização do desfile triunfal, rei Jugurta. Por isso, sou eu que decido como morrerás. É verdade que devias ser estrangulado, mas isso não é obrigatório; existe um método alternativo: atirar-te para o Tuliano e deixar-te apodrecer o sorriso de Sila aumentou. - Após um tal repasto, e especialmente, após teres tentado lançar a discórdia entre mim e o meu comandante, seria pena que não te deixássemos acabar de digerir os teus caracóis. Por isso, não terás o nó do estrangulador, rei! Vais poder morrer a pouco e pouco.

Felizmente, os seus filhos estavam demasiado longe para ouvirem; o rei ficou a olhar enquanto Sila lhe acenava, afastando-se, e depois viu-o dirigir-se aos seus filhos e verificar-lhes as correntes. Olhou em volta, viu o pânico dos que o rodeavam: as multidões agitadas de escravos distribuíam coroas e grinaldas de folhas de louro da vitória, os músicos tocavam cornetins e as estranhas trompetas com cabeças de cavalos que Aenobarbo trouxera da Gália-de-Longos-Cabelos, as bailarinas ensaiavam os últimos rodopios, os cavalos fungavam e resfolegavam, batendo com os cascos no chão, impacientes, os bois estavam presos a carroças às dúzias, de chifres enfeitados e papos engrinaldados, havia um burrinho de um chapéu de palha com uma coroa de louros, com as orelhas de fora, uma velha desdentada e de seios descaídos a abanar, vestida de púrpura e ouro dos pés à cabeça vinha num carro alegórico, deitada num leito de púrpura como se fosse a maior cortesã do mundo, e olhou-o fixamente com uns olhos parecidos com os do Cão do Hades, ela devia ter três cabeças...

Mal se pôs em marcha, o desfile avançou depressa. Geralmente, o Senado e todos os magistrados exceptuando os cônsules iam à frente, seguidos de alguns músicos, de bailarinas e bobos que imitavam os poderosos; a seguir vinha o produto das pilhagens e os

carros alegóricos, e mais bailarinas, músicos e bobos a acompanhar os animais sacrificiais e os sacerdotes auxiliares; atrás, vinham os prisioneiros importantes e o general triunfante conduzindo a sua antiga quadriga; e, no fim, vinham as legiões do general. Mas Caio Mário mudou um pouco a sequência, precedendo as pilhagens e os carros alegóricos, de modo a chegar ao Capitólio548

e estar no sacrifício dos animais a tempo de tomar posse, assistir à sessão no Senado e presidir ao seu banquete no templo de Júpiter Optimus Maximus.

Jugurta foi capaz de gozar o seu primeiro e último passeio a pé pelas ruas de Roma. Que importava o modo como ia morrer? Um homem tinha que morrer mais cedo ou mais tarde e a sua vida fora muito satisfatória, embora tivesse acabado em derrota. Dera grande saída ao dinheiro dos Romanos. O seu irmão, Bomílcar... também morrera numa masmorra. Talvez o fratricídio desagradasse aos deuses, por mais válido que fosse o motivo. Apenas os deuses sabiam o número dos familiares que ele mandara matar, nos casos em que não haviam morrido às suas mãos. A não participação faria as suas mãos ficarem mais limpas?

Oh, como os edifícios eram altos! O desfile entrou lentamente no Vicus Tuscus do Velabro, uma parte da cidade que estava cheia de ínsulas inclinadas como se quisessem abraçar-se. Havia caras em todas as janelas, rostos que davam vivas, e Jugurta surpreendeu-se por também o aplaudirem a ele, por o exortarem a morrer, com palavras de encorajamento e felicitações.

Então, o desfile aproximou-se do Mercado da Carne, o Fórum Boarium, onde a estátua nua de Hércules Triumphalis estava enfeitada para o dia do triunfo do general de *toga picta* em púrpura e ouro, *túnica palmata* bordada com palmas, o ramo de loureiro numa das mãos e na outra o ceptro de marfim com a águia no topo, de rosto pintado de *minim* vermelho vivo. O comércio estava suspenso, pois não havia tendas nem barracas nos templos

magníficos nos limites do enorme mercado. Lá estava o templo de Ceres, considerado o mais belo da cidade e era vistoso, com tons vermelhos, azuis, verdes e amarelos, sobre um pódio como todos os templos romanos; Jugurta sabia que era lá a sede da Ordem Plebeia, onde se encontravam os seus registos e edis.

O desfile penetrou no Circo Máximo, a maior construção que alguma vez vira; estendia-se pelo Palatino e tinha lugar para cerca de cento e cinquenta mil pessoas. As bancadas de madeira estavam apinhadas de gente que aplaudia o desfile triunfal de Caio Mário; de onde estava, Jugurta conseguia ouvir os gritos de adulação dirigidos ao general. Ninguém se incomodava com o ritmo apressado da marcha, pois Mário mandara os seus clientes e agentes espalhar à multidão que se apressava porque se preocupava com Roma e queria ir ter com os Germanos à Gália Transalpina logo que fosse possível.549

Os espaços verdes e as imponentes mansões do Palatino também estavam cheias de gente, acima do nível da multidão, protegidos de assaltos e roubos: eram mulheres, amas, raparigas e rapazes de boas famílias, como Jugurta tinha ouvido dizer. Depois, o desfile deixou o Circo Máximo e entrou na Via Triunfal, que limitava o extremo do Palatino e era encimado por rochedos e jardins à esquerda e tinha à sua direita, abaixo do monte Célio, outro bairro de edifícios de apartamentos. A seguir, entraram no Palus Ceroliae o pântano abaixo das Cari nas e do Fagutal e por fim, viraram para a Vélia e desceram até ao Fórum Romano através do antigo caminho sagrado, a Via Sacra.

Finalmente, Jugurta ia ver o centro do mundo, tal como em tempos idos o fora a Acrópole. E quando viu o Fórum Romano, a desilusão foi grande. Os edifícios eram pequenos e velhos e não estavam dispostos de modo lógico, pois eram todos orientados para norte, ao passo que o Fórum era virado para noroeste ou para sueste; o efeito geral era de desleixo e o local tinha um ar decrépito. Mesmo os edifícios mais novos

- que, ao menos, estavam dispostos num ângulo certo em relação ao Fórum não estavam em bom estado de conservação. Com efeito, os prédios ao longo do trajecto eram muito mais imponentes e os templos maiores, mais ricos, mais grandiosos. Os alojamentos dos sacerdotes haviam sido pintados recentemente e o pequeno templo circular de Vesta era bonito, mas só o sublime templo de Castor e Pólux e a austeridade dórica do templo de Saturno eram dignos de admiração. Era um lugar desinteressante e sombrio, afundado num vale desagradável, húmido e feio.

Jugurta e os seus filhos e todos os outros cativos foram afastados do desfile em frente ao templo de Saturno de cujo pódio os funcionários séniores do Tesouro assistiam ao desfile; viram passar os lictores do general, as bailarinas, os músicos e os homens que transportavam os turíbulos, os tocadores de tambores e trompetes, os legados e, a seguir, a quadriga do general, distante e irreconhecível e de rosto pintado de vermelho com *minim.* Todos eles subiram a colina até ao lado do grande templo de Júpiter Optimus Maximus que dava para o Fórum. A sua fachada dava para o sul. O sul, em cuja direcção ficava a Numídia.

Jugurta olhou para os filhos.

Tenham uma vida longa e boa disse-lhes; ambos iam ficar presos em distantes cidades romanas mas os seus barões e as mulheres regressariam à Numídia.550

Os lictores que rodeavam o rei levaram-no através dos pavilhões apinhados do baixo Fórum, passaram pelo Poço de Cúrcio e pela estátua do sátiro Mársias tocando oboé, pelo grande anfiteatro onde se reuniam as Tribos e foram até ao início do Clivus Argentarius. Acima deles elevava-se o Arx do Capitólio e o templo de Juno Moneta, onde se encontrava guardado o dinheiro. E lá estava o velho edifício do Senado, no extremo dos Comícios, e atrás dele a pequena e miserável Basílica Porcia, construída por Catão, o Censor.

Mas o passeio de Jugurta por Roma não foi mais longe. O Tultano ficava situado no sopé do Arx, atrás das Escadas de Gemónia; era um edifício muito pequeno, feito com enormes pedras ditas ciclópicas, não ligadas por argamassa. O templo tinha apenas um piso e uma entrada, uma abertura *rectangular,* sem porta. Jugurta baixou a cabeça ao *entrar,* mas passou sem dificuldade, pois a abertura servia de passagem a qualquer mortal.

Os lictores retiraram-lhe as roupas, jóias e o diadema e entregaram-no aos funcionários do Tesouro, que o esperavam; um documento trocou de mãos, como prova de que a propriedade do estado estava a ser tratada convenientemente. Jugurta manteve apenas um pano a cingir-lhe os rins, como o aconselhara Metelo Numídico, pois conhecia o rito: depois de cobrir a origem do seu ser, um homem podia morrer decentemente.

A única luz vinha da entrada atrás dele mas esta permitia a Jugurta ver o buraco redondo no alçapão. Era ali que iam pô-lo. Se fosse estrangulado, o estrangulador acompanhá-lo-ia até lá abaixo com ajudantes a segurá-lo, e quando terminasse, lançariam o seu corpo por uma das aberturas do esgoto e regressariam todos de novo a Roma e ao seu mundo.

Mas Sila tivera tempo de dar a contra-ordem, pois não estava presente nenhum estrangulador. Alguém trouxe uma escada, mas jugurta recusou-a; foi até à beira do fosso e saltou no vazio sem uma palavra. O que havia a dizer - numa altura destas? O ruído da queda foi quase imediato, pois a cela não era funda. Ao ouvi-lo, os acompanhantes retiraram-se em silêncio. Ninguém tapou o buraco nem fechou a entrada. NãO havia retorno do terrível fosso do Tuliano.

Dois bois brancos e um touro branco eram a contribuição de Mário para os sacrifícios desse dia, mas só os bois diziam respeito ao *triunfo. Mário* desceu da sua quadriga na base das escadas do

templo de júpiter Optimus Maximus e subiu-as sozinho. Dentro da sala principal do templo,551

colocou o ramo de loureiro e a coroa de louros na base da estátua de Júpiter Optimus Maximus, após o que os seus lictores se alinharam para oferecerem ao deus as coroas de louros.

Era meio-dia. Nunca houvera um desfile triunfal tão rápido; mas o que restava - o essencial - prosseguia num local mais aprazível, onde as pessoas tivessem espaço suficiente para ver os carros alegóricos, o produto das pilhagens, os *troféus e* os soldados. Começava agora a parte mais importante do dia para Mário, que desceu os degraus, juntando-se aos senadores reunidos; vinha de rosto pintado de vermelho, de toga em púrpura e ouro, túnica bordada com ramos de palmeira e o ceptro de marfim na mão direita. Caminhava apressado, decidido a dar início à cerimónia da posse e considerando as suas vestes um pequeno inconveniente que tinha de suportar.

- Vamos a isto! - disse, impaciente.

A resposta foi o silêncio total. Ninguém se mexeu, ninguém traiu o que pensava por qualquer expressão. O próprio Caio Flávio Fímbria, colega de Mário, e o cônsul demissionário Públio Rutílio Rufo (Cneu Málio Máximo mandara dizer que estava doente) ficaram onde estavam.

- O que se passa convosco? - perguntou Mário, de mau humor. Do meio da multidão surgiu Sila, de toga, após ter tirado a armadura *de* prata. Exibia um sorriso largo e vinha de *mão* estendida, no papel do questor prestável e atencioso.

- Caio Mário, Caio Mário, esqueceste-te! - exclamou em voz alta ao chegar perto de Mário fazendo-o girar com uma força inesperada. - *Vai a casa mudar de roupa!* - murmurou.

Mário abriu a boca para discutir mas captou um olhar de gozo no rosto de Metelo Numídico, e levou a mão à cara, observando depois a palma vermelha.

- Deuses! - exclamou, com uma expressão cómica. - Peço perdão, Pais Conscritos - disse Mário, de novo virado para eles. - Bem sei que tenho pressa de ir ter com os Germanos, mas isto é ridículo! Peço que me desculpem. Estarei de volta o mais depressa possível. As insígnias do general... mesmo as do general triunfal!... não podem ser usadas numa sessão

do Senado *dentro dopomerium* - e enquanto avançava pelo Asylum em direcção ao Arx, exclamou por cima do ombro. - Agradeço-te, Lúcio Cornélio!

Sila afastou-se dos espectadores silenciosos e correu atrás dele, coisa que nem todos os homens conseguiam fazer de toga; mas ele corria bem, com um ar natural.552

- Agradeço-te - disse Mário quando Sila o alcançou. - Mas que importância tem isto? Agora terão de ficar todos ao frio durante uma hora, enquanto eu lavo esta tinta e visto a *toga praetexta!*

- Tem importância para eles - afirmou Sila -, e também tem importância para mim - as suas pernas curtas moviam-se mais rapidamente do que as de Mário. - Irás precisar dos membros do Senado, Caio Mário, por isso, *peço-te* que não os hostilizes mais hoje! Para começar, já não gostaram muito de ter de partilhar a sua cerimónia inaugural com o teu triunfo: não lhes lembres mais esse facto!

- Está bem, está bem! - disse Mário, resignado; a seguir, subiu a três e três os degraus que iam do Arx até à porta das traseiras da sua casa e empurrou a porta com tal violência, que o servo que foi abri-la caiu no chão e desatou a gritar, aterrorizado. - Cala-te, homem; eu não sou gaulês e já não estamos há trezentos anos! - exclamou, e chamou o criado de quarto, a mulher e o servo encarregado do banho.

- já está tudo pronto - disse Júlia, aquela rainha entre as mulheres, com um sorriso sereno. - Pensei que chegarias com a pressa habitual. O banho está quente e todos estão a postos, por isso desanda, Caio Mário

- e voltando-se para Sila, disse-lhe sorrindo. - Bem-vindo, irmão. O tempo arrefeceu. Vem aquecer-te à braseira na minha salinha enquanto te trago vinho quente.

- Tens razão, está um gelo - comentou Sila, aceitando a taça da cunhada quando ela a trouxe. - Habituei-me a África. Enquanto seguia o Grande Homem, pensei que estava calor, mas agora tenho frio.

Júlia sentou-se à sua frente, de cabeça erguida, com um ar inquiridor.

- O que é que correu mal? - perguntou.

- Oh, tu és uma *esposa* - disse ele, traindo um certo azedume.

- Deixaremos esse assunto para mais tarde - respondeu Júlia. - Conta-me primeiro o que correu mal.

Ele sorriu secamente, abanando a cabeça.

- Sabes que gosto tanto dele quanto posso gostar de qualquer homem

- disse -, mas às vezes era capaz de mandá-lo para o estrangulador do Tuliano como a mesma facilidade com que mandaria um inimigo. Júlia soltou um riso abafado.

- Também eu - revelou, tranquilizadora. - É normal. É um Grande Homem e é muito difícil viver com eles. O que fez hoje?

- Ia participar na cerimônia de posse com o trajo próprio do triunfo

- disse Sila.553

- Oh, meu caro irmão! E discutiu acerca da perda de tempo e hostilizou toda a gente? - perguntou a mulher fiel mas lúcida do Grande Homem.

- Felizmente, reparei no que ele ia fazer, apesar de toda aquela tinta vermelha no rosto. - **Sila sorriu.** - São as sobrancelhas. Ao fim de três anos com Caio Mário, só um tolo não consegue ler o que lhe vai na mente através das sobrancelhas, que se mexem e saltam segundo um código... Tu bem o sabes, pois não és tola nenhuma!

- Sei, sim - disse ela, com um sorriso.

- Então, fui ter com ele e gritei qualquer coisa sugerindo que houvera um esquecimento. Mas fiquei de respiração suspensa, porque pouco faltou para que mandasse atirar-me ao Tibre. Até que viu Quinto Cecílio Metelo e mudou de ideias. Que actor! Públio Rutílio deve ter sido o único que não acreditou que ele esquecera mesmo o que tinha vestido.

- Obrigada, Lúcio Cornélio! - exclamou Júlia.

- O prazer foi todo meu - disse ele, sem fingir.

- Mais vinho quente?

- Sim, agradeço-te.

Quando ela voltou, trazia um tabuleiro de pãezinhos fumegantes.

- Acabaram de sair do forno; são levedados e têm chouriço dentro. São excelentes! O nosso cozinheiro está sempre a fazê-los para o jovem Mário, que está na fase terrível em que não comem nada do que devem.

- Os meus dois comem tudo o que se lhes põe à frente - disse Sila, radiante. - Oh, Júlia, são amorosos! Nunca tinha pensado que pudesse haver coisa tão *perfeita!*

- Eu também gosto muito deles - disse a tia.

- Quem me dera que Julilla também gostasse... - disse ele, de ar sombrio.

- Eu sei - disse suavemente a irmã de Julilla.

- O que se *passa* com ela? Sabes?

- Penso que a amimámos demasiado. O pai e a mãe não queriam ter *um* quarto filho; tinham tido dois rapazes e quando eu apareci, *não* se importaram que houvesse uma rapariga na família. Mas com a Julilla, tiveram um choque. E éramos demasiado pobres. Por isso, quando ela cresceu, todos sentiram pena dela. Especialmente o pai e a mãe, por não a terem querido. Arranjávamos uma desculpa para tudo o que fazia. Se havia um ou dois sestércios a mais, eram para ela desbaratar, e nunca ninguém lhe ralhava por isso. Penso que já nasceu com esse defeito, mas nós

não a ajudámos a lidar com ele: não lhe ensinámos a ser paciente e indulgente, como devíamos. A Julilla cresceu imaginando que era a pessoa melhor do mundo, e por isso ficou egoísta. Em grande parte, a culpa é nossa, mas é ela quem mais *sofre com* isso.

- Ela bebe demais - disse Sila.

- Eu sei.

- E quase não quer saber das crianças.

Os olhos de Júlia encheram-se de lágrimas.

- Eu sei.

- O que posso fazer?

- *Podes* divorciar-te - disse Júlia, de lágrimas a correr pelo rosto. Sila levou as mãos à cabeça.

- Como posso fazer isso, se vou deixar Roma durante o tempo que for necessário para vencer os Germanos? E é a mãe dos meus filhos. *Amei-a* tanto quanto posso amar alguém.

- Estás sempre a dizer isso, Lúcio Cornélio. Se tu amas, amas! Porque hás-de amar menos do que os outros homens?

O comentário atingia-o no âmago, e por isso, ele fechou-se.

- Eu cresci sem amor e nunca aprendi a amar - disse, apresentando a sua desculpa habitual. - Já não a amo. De facto, penso que a odeio. Mas é a mãe dos meus filhos, e até os Germanos serem vencidos eles têm de contar com a Julilla. Se eu me divorciasse, ela iria ter qualquer acto teatral: enlouquecer ou suicidar-se, ou triplicar a dose de vinho ou qualquer outra alternativa igualmente desesperada e irreflectida.

- Sim, tens razão, o divórcio não ia resolver nada. Iria prejudicar ainda mais as crianças - Júlia suspirou, enxugou os olhos. - Neste momento há duas mulheres perturbadas na nossa família. Posso sugerir outra solução?

- Faz o favor! - exclamou Sila.

- A minha mãe é a segunda mulher perturbada. Não é feliz a viver com o meu irmão Sexto, a mulher e o filho. A maioria dos problemas entre ela e a minha cunhada Cláudia resulta de a minha mãe ainda se considerar dona da casa. Os Cláudios são teimosos e dominadores, e todas as mulheres dessa família são ensinadas a desprezar as antigas virtudes femininas, ao passo que a minha mãe é exactamente o oposto - explicou Júlia, abanando a cabeça com tristeza.

Sila tentou mostrar-se entendido e à vontade em relação a esta lógica feminina mas não disse nada.

Júlia continuou.555

- A mamã mudou **depois da morte do meu pai. Nenhum** de nós pode imaginar como *era forte* a ligação deles, ou *como* ela contava com a sabedoria e orientação dele. Por isso, tornou-se irritável e implicativa e vê defeitos em tudo. Por vezes, é insuportavelmente crítica! Caio Mário tomou conhecimento da situação e ofereceu-se para comprar à mamã uma *villa* na costa, para que o pobre Sexto pudesse ter sossego. Mas ela virou-se contra ele como um gato assanhado e disse que sabia bem quando não era desejada e que nunca deixaria a *sua casa.*

- Suponho que sugeres que a convide para viver com ajulilla e comigo

- disse Sila -, mas por que lhe agradará esta sugestão, se a ideia da *villa* na costa não resultou?

- Porque sabia que a ideia de Caio Mário era apenas um subterfúgio para se ver livre dela, e está demasiado embirrenta para ser amável para a mulher de Sexto - expôs Júlia honestamente. - Convidá-la para viver contigo e com Julila é totalmente diferente. Por um lado, ficaria a viver na casa ao lado; por outro lado sentir-se-ia desejada. útil. E podia tomar conta da julilla.

- Ela ia querer? - perguntou Sila, coçando a cabeça. - Pelo que a julilla disse, nunca vai vê-la, apesar de viver mesmo ao lado.

- Ela e a Julilla também discutem - disse Júlia, começando a sorrir, à medida que a preocupação se dissipava. - Se discutem! Mal a julilla a vê entrar, manda-a voltar para casa. Mas se *tu* a convidares a ir viver convosco, a Julilla não pode fazer nada.

Sila também sorria.

- Parece que estás decidida a transformar a minha casa num Tártaro

- disse.

Júlia franziu uma sobrancelha.

- Isso afligia-te, Lúcio Cornélio? Tu vais estar longe.

Sila também franziu o sobrolho enquanto mergulhava as mãos na taça de água que um **servo lhe trouxera.**

- Agradeço-te, cunhada - levantou-se, inclinou-se e beijou Júlia no rosto. - Visitarei Márcia amanhã e convidá-la-ei a vir viver connosco. E serei totalmente franco quanto ao motivo do convite. Só suporto estar longe dos meus filhos se souber que eles são amados.

- Os teus escravos não tratam bem deles? - perguntou Júlia, levantando-se ao mesmo tempo que ele.

- Os escravos estragam-nos com mimos! - queixou-se o pai. - Devo dizer que Julilla arranjou umas óptimas amas; mas isso vai transformá-los556

em escravos, Júlia! Como os Trácios ou os Celtas, ou qualquer outra nacionalidade a que as amas pertençam. Elas têm imensas superstições e hábitos estrangeiros, pensam primeiro noutras línguas e não em latim, consideram os seus pais e familiares figuras distantes representantes da autoridade. Eu quero que os meus filhos sejam educados *decentemente, à* romana, *e* por uma *mulher*

romana. Deveria ser a *mãe; mas* como duvido que isso aconteça, não vejo melhor alternativa do que a intrépida avó Márcia.

- Excelente - disse Júlia.

Os dois dirigiram-se para a porta.

- A Julilla é-me infiel? - perguntou ele subitamente. Júlia não fingiu horror nem se enfureceu.

- Duvido muito, Lúcio Cornélio. O seu vício é o vinho e não os homens. Como és homem, consideras os homens um vício muito pior do que o vinho. Não estou de acordo. Penso que o vinho pode prejudicar muito mais os teus filhos do que a infidelidade. Uma mulher infiel não deixa de dar atenção aos filhos nem pega fogo à casa, como pode fazer uma mulher bêbeda. O que interessa é pormos a mamã a trabalhar!

Caio Mário entrou na salinha vestido a preceito, com a toga debruada *a púrpura* dos cônsules.

- Vamos, Lúcio Cornélio! Vamos terminar a cerimónia antes que o Sol se ponha e a Lua nasça!

Júlia e o cunhado trocaram sorrisos pesarosos e os dois homens seguiram para a cerimónia de posse.

Mário fez todos os possíveis para apaziguar os Aliados Italianos. - Eles não são romanos - disse à Assembleia na sua primeira sessão ordinária, nos Idos de janeiro -, mas são os nossos aliados mais próximos em todas as nossas empresas, e compartilham connosco a *península* da Itália, bem como o fardo de fornecerem tropas para defender a Itália; e não têm sido recompensados, tal como Roma não o tem sido. Como sabem, Pais Conscritos, está neste momento a decorrer um facto lamentável na Assembleia da Plebe, onde o consular Marco Júnio Silário está a defender-se de uma acusação feita pelo tribuno da plebe Cneu Domício. Embora a palavra ”traição”

não tenha sido utilizada, a *implicação* é nítida: Marco Júnio é um dos comandantes consulares *recentes* que perderam um exército inteiro, incluindo legiões de homens dos Aliados Italianos.O PRIMEIRO HOMEM DE ROMA

557

Mário voltou-se para olhar de frente para Silano, presente na Assembleia porque os Nonos *eram fasti* - dias feriados ou de negócios - e a Assembleia da Plebe não podia reunir.

- Não me cabe hoje fazer qualquer acusação contra Marco Júnio. Limito-me a relatar um facto. Há outros organismos e outros homens que se ocuparão do processo de Marco Júnio; estou apenas a relatar um facto. Marco Júnio não tem necessidade de proceder aqui hoje à sua defesa por minha causa; limito-me a relatar um facto.

Mário fez uma pausa deliberada para aclarar a garganta, dando a Silano uma oportunidade para dizer qualquer coisa; mas Silano permaneceu no silêncio total, fingindo que Mário não existia.

- Limito-me a relatar um facto, Pais Conscritos. Nada mais, nada menos. Um facto é um facto.

- Expõe-no! - disse Numídico, aborrecido. Mário fez uma grande vénia, um sorriso largo.

- Obrigado, Quinto Cecílio! Como podia deixar de expô-lo depois *de* ter sido incitado por um consular tão augusto e tão distinto como tu?

- ”Augusto” e ”distinto” significam o mesmo, Caio Mário - informou Metelo Dalmático Pontifex Maximus com um tédio semelhante ao do irmão mais novo. - Pouparias um tempo considerável a esta Assembleia se falasses um latim menos tautológico.

- Peço perdão ao augusto e distinto consular Lúcio Cecílio - disse Mário com outra vénia -, mas numa sociedade tão democrática como a nossa, a Assembleia está aberta a todos os Romanos, mesmo àqueles que, como eu, não podem gabar-se *de serem* augustos e distintos

- e fingiu perscrutar a mente, de sobrancelhas juntas acima do nariz.

- Onde é que eu ia? Ah! O fardo que os Aliados Italianos partilham connosco, fornecendo-nos tropas para defender a Itália. Uma das objecções levantadas contra o fornecimento de tropas pelos magistrados dos Samnitas, dos Apúlios, dos Marsos e outros nas suas cartas - e dizendo isto, mostrou à Assembleia uma pilha de pequenos rolos - diz respeito à legalidade do nosso pedido para que os Aliados forneçam *tropas para* as campanhas fora *das fronteiras* da Itália e da Gália Italiana. Os Aliados Italianos, augustos e distintos Pais Conscritos, insistem que têm fornecido tropas... que tem perdido aos milhares de homens!... para, e cito as cartas, ”as guerras de Roma com o estrangeiro”!

Ouviu-se murmurar e segredar na Assembleia.[558]

- Essa alegação não tem qualquer fundamento! - alegou Escauro com secura. - Os inimigos de Roma são também inimigos de Itália!

- Eu limito-me a citar cartas, Marco Emílio Princeps Senatus - proferiu Mário, apaziguador. - Devemos tomar conhecimento delas, pela simples razão de que esta Assembleia terá em breve de receber delegações de todos os povos italianos que exprimiram o seu descontentamento. A sua voz mudou; perdeu o tom levemente irónico.

- Mas basta de discussões! Nós vivemos numa península, lado a lado com os nossos amigos italianos que não são e nunca poderão vir a ser Romanos. O facto de terem alcançado esta importância no mundo deve-se em parte aos grandes feitos de Roma e dos Romanos. O facto de haver um grande número de italianos espalhados pelas províncias e esferas de influência de Roma deve-se unicamente aos grandes feitos de Roma e dos Romanos. O pão que eles comem, as suas fogueiras, a sua riqueza e o número de filhos que têm devem-nos a Roma e aos Romanos. Antes de Roma, era o caos. A desunião completa. Antes de Roma,

havia os *cruéis* reis etruscos no Norte da península, e os ambiciosos Gregos ao Sul. Para não falar dos Celtas da Gália.

A Assembleia acalmara. Quando Mário falava a sério, todos escutavam, mesmo os seus inimigos mais inflexíveis. Porque o Homem Militar

- por mais obstinado e directo que fosse - *era um* poderoso orador, *e* desde que os seus sentimentos estivessem contidos, o seu latim *não diferia* muito do latim de Escauro.

- Pais Conscritos, vós e o Povo de Roma concederam-me um mandato para nos livrar - *e* livrar a Itália! - dos Germanos. Logo que seja possível, levarei comigo o propretor Mânio Aquílio e o valoroso Lúcio Cornélio Sila como meus legados para a Gália Transalpina. Livrar-vos-emos dos Germanos, nem que isso nos custe a vida, e daremos a Roma e a Itália a segurança para sempre. Prometo-o em meu nome e no de todos os meus soldados. O dever para nós é sagrado; não nos pouparemos a esforços e seguiremos as águias prateadas das legiões de Roma e sairemos vitoriosos!

As multidões anónimas de membros do Senado ao fundo da Assembleia começaram a aplaudir e patear, e ao fim de alguns momentos, as filas da frente começaram a aplaudir, incluindo o próprio Escauro, mas não Metelo Numídico.

Mário aguardou que se fizesse silêncio.

- No entanto, antes de partir, tenho de pedir a esta Assembleia que faça todos os possíveis para aliviar o fardo dos nossos Aliados Italianos.559

Não podemos dar crédito a essas alegações de que as tropas italianas estão a ser usadas para lutar em campanhas que não lhes dizem respeito. Nem podemos *cessar de* recrutar os soldados que os Aliados Italianos nos concederam por tratado. Os Germanos constituem uma ameaça para toda a península, incluindo a Gália Italiana. Mas a terrível escassez de homens adequados para servir as legiões afecta tanto os Aliados Italianos como afecta Roma. O poço secou, caros membros do Senado, e levará algum tempo a encher de novo. Gostaria de dar aos Aliados a minha garantia pessoal de que enquanto respirar este corpo não-augusto e não-distinto, as tropas italianas ou romanas nunca mais desperdiçarão as

suas vidas num campo de batalha. Tratarei as vidas dos homens que levar comigo para defender a minha pátria com mais respeito e reverência do que a minha própria vida! Juro-o.

Nos aplausos e pateadas as filas da frente foram mais rápidas, mas Metelo Numídico e Catulo César não aplaudiram.

Mais uma vez, Mário aguardou que se fizesse silêncio.

- Chamaram-me a atenção para uma situação lamentável: nós, o Senado e Povo de Roma, escravizámos muitos milhares de Aliados Italianos e enviámo-los como escravos para as terras que controlamos à volta do *mar* Central. Como a maioria deles tem origens rurais, as suas dívidas estão a ser resgatadas pelo trabalho nos nossos campos da Sicília, Sardenha, Córsega e África. **Isto, Pais Conscritos,** é uma injustiça! Se deixámos de reduzir à escravatura os nossos devedores romanos, não devíamos fazê-lo aos nossos Aliados Italianos? Não, eles nunca poderão ser Romanos mas são os nossos irmãos mais novos da Península Italiana. E nenhum Romano reduz à escravatura o seu irmão mais novo.

Mário não deu aos proprietários de terras tempo para protestarem e avançou para a peroração.

- Até eu poder retribuir aos nossos agricultores a sua mão-de-obra sob a forma de escravos germanos, eles deverão procurar outros trabalhadores que não os escravos italianos. Porque nós, Pais Conscritos, teremos de fazer votar hoje mesmo um decreto - e a Assembleia do Povo deverá ratificar esse decreto - libertando todos os escravos dos Aliados Italianos. Nós *não Podemos* fazer aos nossos aliados mais antigos e leais aquilo que não fazemos a nós mesmos. Esses escravos terão de ser libertados! Terão de regressar à Itália e cumprir o seu dever natural para com Roma, que é o de servir nas legiões auxiliares de Roma.562

Mas Sila, pensativo, ao contrário do costume, disse:

- Não sabemos quase nada acerca deles.

- Acabei de fazer notar isso! - disse Mário, bruscamente.

- Não, eu estava a seguir uma linha diferente de raciocínio. Mas deu uma palmada nos joelhos - meditarei um pouco mais no assunto antes de me pronunciar. Afinal de contas, não sabemos bem o que encontraremos quando atravessarmos os Alpes.

- Temos de decidi-lo - disse Mário.

- O quê? - perguntou Aquílio.

- Atravessar ou não os Alpes. Agora que estamos certos de que os Germanos não constituirão ameaça antes de Maio ou junho, no mínimo, não aprovo de modo nenhum que atravessemos os Alpes. Pelo menos, pela via habitual. Partiremos no fim dejaneiro, com uma enorme coluna de carga, por isso, seguiremos devagar. A única coisa que direi a favor de Metelo Dalmático como Pontifex Maximus é que ele é fanático em relação às datas, pelo que as estações e meses coincidem. Tiveste frio este Inverno? - perguntou a Sila.

- De facto, tive, Caio Mário.

- Também eu. Temos o sangue fraco, Lúcio Cornélio. Foi todo aquele tempo em África onde o frio é breve e só há neve nas montanhas mais altas. Por que haverá *de ser* diferente para as tropas? Ser-lhes-á *muito duro* atravessar o desfiladeiro do monte Geneva no Inverno.

- Após a licença na Campânia, precisarão de endurecer um pouco comentou Sila, desagradavelmente.

- Sim! Mas não é a ficar com frieiras e a perder dedos gelados que endurecem. Eles têm equipamento de Inverno, mas aqueles incómodos *cunni,* usá-lo-ão?

- Usarão se forem obrigados a isso.

- Estás decidido a ser arrevesado - disse Mário. - Está bem, não tentarei ser razoável; limitar-me-ei a dar ordens. Não vamos levar as tropas para a Gália Transalpina pela via habitual. Marcharemos para lá ao longo da costa.

- Deuses, levaremos uma eternidade! - gritou Aquílio.

- Há quanto tempo houve algum exército que tivesse marchado para a Espanha ou para a Gália pela costa? - perguntou Mário a Aquílio.

- Não me lembro de nenhum que o tenha feito!

- Aí tens! - disse Mário, num tom triunfante. - É por isso que vamos fazê-lo. Quero saber se é difícil, quanto tempo leva, como estão as estradas,563

o terreno, tudo. Levarei quatro legiões em ordem de marcha ligeira e tu, Mânio Aquílio, levarás as outras duas legiões e as coortes extras que conseguimos reunir, e escoltarás a coluna de carga. Se os Germanos se dirigirem para a Itália e não para Espanha quando virarem para sul, como sabemos se passarão o desfiladeiro do monte Geneva a caminho da Gália Italiana ou se irão direitos a Roma, seguindo pela costa? Eles parecem ter muito pouco interesse em descobrir como as nossas mentes funcionam, e por isso como irão descobrir que o caminho mais rápido e mais curto para Roma não é ao longo da costa mas sim pelos Alpes, através da Gália Italiana?

Os legados olharam para ele espantados.

- Estou a entender - disse Sila -, mas para quê levar o exército inteiro? Bastaria irmos nós os dois e um pequeno esquadrão.

Mário abanou a cabeça vigorosamente.

- Não! Não quero ter o meu exército a várias centenas de milhas de distância para lá das montanhas. Onde quer que eu for, irá todo o

meu exército.

E no fim de janeiro, Caio Mário levou todo o exército para norte, pela Via Aurélia, ao longo da costa; pelo caminho, ia tirando notas e enviava breves cartas ao Senado pedindo-lhe que mandasse reparar um ou outro lance de estrada, construir ou reforçar pontes, fazer ou renovar viadutos.

Uma dessas missivas dizia o seguinte:

Estamos em Itália, e todas as vias a norte da península, a Gália Italiana e a Ligúria devem ser mantidas em perfeito estado de conservação, senão, talvez nos arrependamos um dia.

Em Pisa, onde o rio Arno *corre* para o *mar,* entraram na Gália Italiana, que era uma área muito especial, pois nem era oficialmente uma província nem era governada como a Itália. Era uma espécie de limbo. De Pisa até Vada Sabatia, a estrada era nova, embora estivesse por concluir; fora a contribuição de Escauro como censor. Mário escreveu a Marco Emílio Escauro Princeps Senatus:

*Louvo a tua capacidade de previsão, pois a Via Aemilia Scauri parece-me ser uma das obras mais essenciais para a defesa de Roma e de Itália desde a abertura do desfiladeiro do monte Geneva e desde então já passou muito tempo, considerando*564

que este foi usado por A níbal. O teu ramal para Dertona é de uma importância vital em termos estratégicos, pois é a única via que atravessa os Apeninos ligúricos do Pó até à costa tirrena - a costa romana.

Existem graves problemas. Falei com os nossos engenheiros, que me pareceram dos mais capazes, e alegro-me por poder comunicar-te o seu pedido de fundos adicionais, de forma a aumentarem a mão-de-obra neste troço de estrada. A via necessita de alguns dos viadutos mais altos - e mais longos - que já vi, mais relacionados com a construção de aquedutos do que de estradas. Felizmente, há

pedreiras locais, de onde se pode extrair pedra mas o facto de o pessoal ser reduzido está a atrasar o ritmo a que, na minha opinião, o trabalho deve prosseguir. Com o devido respeito, posso pedir-te que uses a tua enorme influência para obter o dinheiro necessário da Assembleia e do Tesouro para apressar este projecto? Se puder estar pronto no fim do próximo Verão, Roma poderá ficar mais descansada ao pensar que apenas cinquenta milhas de estrada podem salvar várias centenas de soldados de um exército.

- Isto deve manter o rapaz ocupado e feliz! - disse Mário a Sila.

- Concordo contigo - disse Sila, sorrindo de dentes à mostra.

A Via Aemilia acabava na Vada Sabatia; a partir daí, não existia estrada no sentido romano do termo mas apenas um carreiro, seguindo a linha de menor resistência através de uma área de montanhas muito altas e escarpadas.

- Vais arrepender-te de teres escolhido este caminho - disse Sila.

- Pelo contrário, estou contente. Posso ver mil lugares possíveis para uma emboscada, compreendo o motivo por que ninguém no seu perfeito juízo vai para a Gália Transalpina por aqui, porque Públio Vagiennius, que é destes lados, conseguiu trepar por uma parede íngreme para encontrar o seu viveiro de caracóis e também porque não temos de recear que os Germanos escolham esta via. Podem começar por vir pela costa, mas uns dias de caminhada e um batedor indo à frente para explorar o resto do percurso fá-los-ão regressar. Se é difícil para nós, para eles será impossível. Excelente!

Mário virou-se para Quinto Cecílio, que, apesar do seu estatuto subalterno, gozava de uma posição privilegiada alcançada unicamente pelo mérito.

- Quinto Sertório, meu rapaz, onde pensas que está a coluna de carga?

- perguntou-lhe.

- Algures entre a Populónia e Pisa, dado o estado lastimável da Via Aurélia - respondeu Sertório.565

- Como está a tua perna?

- Não está a postos para tal caminhada - Sertório parecia sempre adivinhar as ideias de Mário.

- Então, arranja-me três homens que possam fazê-la e manda-os seguir com isto - disse Mário, entregando-lhe tábuas de *cera.*

- Vais enviar a coluna de carga pela Via Cássia para Florência e pela Via Ânia para a Bonónia, seguindo depois pelo desfiladeiro do monte Geneva - disse Sila, suspirando de satisfação.

- Ainda podemos precisar de todas aquelas vigas, peças e gruas disse Mário; depois, carregou os dedos na cera para produzir uma impressão perfeita do seu anel de sinete e cobriu a tabuinha. - Toma - disse, estendendo-a a *Sertório.* - E verifica se volta bem atada e selada; não quero que ninguém a leia. Deves entregá-la a Mânio Aquílio em pessoa, entendeste?

Sertório assentiu e deixou a tenda de comando.

- Quanto a este exército, vai ter trabalho - disse Mário a Sila. Manda avançar os batedores; faremos um caminho razoável ja que não existe estrada.

Na Ligúria, tal como noutras regiões onde as montanhas eram *escarpadas* e havia pouca terra arável, os habitantes tinham uma vida campestre, a viver do banditismo e da pirataria ou, como Públio Vagiennius, entravam para as legiões e cavalaria auxiliares de Roma. Sempre que visse barcos e uma aldeia aninhada num ancoradouro, com barcos mais apropriados para abordagens do que para a pesca, Mário queimava tanto os barcos como a aldeia, deixava mulheres,

velhos e crianças para trás e levava consigo os homens para os trabalhos de melhoramento da estrada. Entretanto, à medida que o tempo passava, os relatórios de Arausio, Valência, Viena e mesmo Lugduno tornavam cada vez mais claro que os confrontos com os Germanos não seriam para esse ano.

No início de junho, ao fim de quatro meses de caminhada, Mário conduziu as suas quatro legiões para as vastas planícies costeiras da Gália Transalpina e fez uma pausa na região bem povoada entre Arelas e Aquae Sextiae, nas proximidades da cidade de Glanum, a sul do rio Druência. A carga tinha chegado antes dele, levando apenas três meses e meio por estrada.

Mário escolheu o local do acampamento com muito cuidado, para não ocupar terreno arável; era um grande monte de encostas rochosas e com uma encosta ideal para os movimentos das tropas em relação ao acampamento, que seria no topo, onde havia várias nascentes.566

- É aqui que passaremos as muitas luas que se *seguirão* - disse Mário abanando a cabeça de satisfação. - Agora, vamos para Carcassona. Nem Sila nem Mânio Aquílio fizeram qualquer comentário, mas Sertório não conseguiu dominar-se.

- É mesmo necessário? - perguntou. - Se pensas que vamos permanecer neste distrito durante muitas luas, não seria muito mais fácil acomodar as tropas em Arelas ou Glanum? Que motivo temos para ficar aqui? Porque não vamos procurar os Germanos e lutamos com eles antes que cheguem cá?

- jovem Sertório - explicou Mário -, tudo indica que os Germanos se dispersaram muito. Os Cimbros, que pareciam dispostos a atravessar para oeste do Ródano, mudaram de ideias e dirigiram-se para Espanha, suponho, pelo extremo de Cebenna, através das terras dos Arvernos. Os Teutões e os Tigurinos deixaram as terras dos Éduos e fixaram-se nas terras dos Belgas. Pelo menos, é o que dizem as minhas fontes; e é o que todos pensam que terá acontecido.

- Não podemos ter a certeza? - perguntou Sertório.

- Como? - perguntou Mário. - Os Gauleses não têm motivos para gostarem de nós e *é com* eles que temos de contar para recebermos informações. E só nos têm dado estas informações porque também não querem os Germanos por perto. Mas com uma coisa podes contar: quando os Germanos chegarem aos Pirenéus, voltarão para trás. E duvido muito que os Belgas os recebam melhor que os Celtiberos dos Pirenéus. Quando tento ver um possível alvo do ponto de vista dos Germanos, penso sempre na Itália. Por isso, ficaremos aqui até os Germanos chegarem, Quinto Sertório. Mesmo que levem anos a chegar.

- Mas se levarem anos a chegar, Caio Mário, o exército amolecerá e tu serás destituído do comando supremo - salientou Mânio Aquílio.

- O nosso exército não vai amolecer, porque vou pô-lo a trabalhar -

explicou Mário. - Temos cerca de quarenta mil homens dos *capite censi.* São pagos pelo Estado; as armas e armaduras pertencem ao Estado e é ele que os alimenta. Quando se reformarem, tentarei que o Estado os ampare na velhice, Mas enquanto estiverem ao serviço no exército do Estado, nãO passam de seus empregados. Como cônsul, quem representa o Estado sou eu. Por isso, são meus empregados. E estão a custar-me muito dinheiro. Se apenas lhes pedirmos em troca que fiquem parados à espera do *combate,* calcula a enormidade dos custos desse combate, quando acabar Por verificar-se - as sobrancelhas de Mário agitaram-se velozmente.

- Não

assinaram um contrato para ficarem sentados à espera da batalha; alistaram-se no exército do Estado para *fazerem* o que ele lhes exigir. Como é o Estado que lhes paga, devem-lhe o esforço do seu trabalho. E é o que vão fazer. *Trabalhar!* Este ano, vão reparar a Via Domícia, de Nemauso a ócelo. E no próximo ano, cavarão um canal que irá do mar até ao Ródano, em Arelas.

Todos o olhavam fascinados, mas passou um longo momento antes que alguém soubesse o que dizer.

Então, Sila silvou:

- Um soldado é pago para combater!

- Se comprar o equipamento com *o* seu próprio dinheiro e não receber nada do Estado além da comida que come, pode fazer o que entender. Mas isso não se aplica aos meus homens - disse Caio Mário. - Quando não estiverem a lutar, farão os trabalhos públicos necessários, nem que seja para os fazer compreender que estão ao serviço do Estado, tal como poderiam estar ao serviço de qualquer homem. E isso mantê-los-á em forma!

- E nós? - perguntou Sila. - Pretendes transformar-nos em engenheiros?

- **Por que** não? - perguntou Mário.

- Eu não sou empregado do Estado. Por um motivo - explicou Sila, bem-disposto. - O meu tempo é cedido como uma dádiva, bem como o de todos os legados e tribunos.

Mário lançou-lhe uma olhadela perspicaz.

- Acredita, Lúcio Cornélio, é uma dádiva que muito prezo - disse-lhe, deixando as coisas nestes termos.

Mas Sila partiu descontente. Empregados do Estado! Os homens dos *capte censi* sê-lo-iam, mas não os tribunos e legados, como fizera notar. Mário expusera o seu ponto de vista e retirara-se. As recompensas monetárias dos tribunos seriam a sua quota-parte das pilhagens. E ninguém fazia ideia de quanto renderiam os Germanos em pilhagens. O produto da venda dos prisioneiros como escravos pertencia ao general, que não o compartilhava com os seus legados, tribunos, centuriões ou com as tropas. E Síla pressentia que no fim daquela campanha, que duraria vários anos, os ganhos seriam escassos, excepto no que dizia respeito a escravos.

Sila não gostara da longa e tediosa viagem até ao Ródano. Quinto Sertório farejara o caminho como um cão preso à trela, de cauda a

palpitando à mera sugestão de qualquer tipo de tarefa. Habituara-se a usar o *groma,* o instrumento de trabalho do agrimensor; pusera-se a observar como os grupos de engenheiros procediam no caso dos rios a transbordar ou quando havia pontes caídas ou aluimentos de terras; até fora antecipadamente ao local para analisar o terreno; chegara mesmo ao ponto de tratar e amestrar uma águia jovem que tinha uma asa partida, que vinha visitá-lo de vez em quando. Sim, tudo ser-via a Quinto Sertório, nem que fosse para se notar que se encontrava ligado a Caio Mário.

Mas Sila precisava de *drama;* tinha adquirido suficiente conhecimento de si mesmo para compreender que agora, que era senador, isso era um defeito no seu carácter. No entanto, sabia que não era aos trinta e seis anos que iria conseguir eliminar uma faceta pessoal tão inata. Até àquela desoladora e interminável viagem através da Via Aemilia Scailr e dos Alpes Marítimos, havia gostado absolutamente da sua carreira militar, porque a achava plena *de* acção e desafios, quer em combate, quer no delinear de uma nova África. Mas construir estradas e cavar canais? Não fora para isso que viera até à Gália Transalpina! Nem iria fazê-lo!

E no fim do Outono eram as eleições consulares, Mário seria substituído por alguém de uma facção inimiga, e tudo o que tinha para apresentar do seu tão gabado segundo consulado era uma estrada magnificamente mal conservada e que já possuía o nome de outro. Como podia o homem permanecer tão tranquilo, tão despreocupado? Nem sequer se incomodara a responder à meia afirmação de Aquílio, segundo o qual lhe seria retirado o comando. O que estava a preparar a raposa do Arpino? *A que motivo* se devia tal despreocupação?

Subitamente, Sila esqueceu aquelas questões tão difíceis de responder, porque vislumbrara uma coisa que prometia ser deliciosamente picante; os seus olhos agitavam-se, de interesse e contentamento.

Do lado de fora da tenda de rancho dos tribunos, dois homens conversavam. Ou pelo menos era o que parecia a um observador casual. Para Sila, aquela era a cena de abertura de uma farsa maravilhosa. O mais alto era Caio Júlio César. O mais baixo era Caio Lúsio, sobrinho (apenas por afinidade, apressara-se Mário a informar) do Grande Homem.

Sila aproximou-se dos dois homens.

- Oh, Lúcio Cornélio! - disse Caio Lúsio com voz aguda. - Estava a perguntar a Caio Júlio se sabia que tipo de vida nocturna há em Arelas, e a convidá-lo para vir comigo experimentá-la.569

O rosto longo e belo de César era uma máscara inexpressiva de delicadeza, mas a sua ansiedade em ver-se livre da companhia era nítida, pensou Sila: eram os olhos que tentavam permanecer focados na cara de Lúsio mas se desviavam, os movimentos mínimos que os seus pés faziam dentro das botas militares, os gestos súbitos dos dedos---

- Talvez Lúcio Cornélio conheça a vida nocturna melhor do que eu - disse César, iniciando a retirada apoiando todo o seu peso num dos pés e avançando um pouco o outro.

- Não vás, Caio Júlio! - protestou Lúsio. - Quantos mais, melhor!

- e deu uma risadinha.

- Lamento, Caio Lúsio, mas chama-me o dever - disse César, e partiu. Sila, cuja altura se aproximava muito da altura de Lúsio, apoiou-lhe a mão no ombro e afastou-o da tenda. Depois, retirou a mão.

Caio Lúsio era muito atraente. Os seus olhos eram verdes e com grandes pestanas; o cabelo, um emaranhado de caracóis de um ruivo escuro; as sobrancelhas eram arqueadas e escuras; o nariz era aquilino. ”Parece um pequeno Apolo”, pensou Sila, impassível.

Sila duvidava que Mário tivesse sequer pousado os olhos no jovem; não seria habitual em Mário. Pressionado pela sua família a aceitar Caio Lúsio na sua família militar - escolhera Caio Lúsio para tribuno não-eleito dos soldados porque este estava na idade -, Mário teria preferido esquecer-se de que o jovem existia. Até que a sua presença se fizesse notar, oxalá por meio de qualquer feito valoroso ou por demonstrar capacidades extraordinárias.

- Caio Lúsio, vou dar-te um conselho - disse Sila secamente. As longas pestanas de Lúsio abanaram e baixaram-se.

- *Agradeço qualquer* conselho vindo de ti, Lúcio Cornélio.

- Só te juntaste a nós ontem, vindo de Roma - começou Sila. Lúsio interrompeu-o.

- De Roma, não, Lúcio Cornélio. De Ferentino. O meu tio Caio Mário concedeu-me uma licença especial para permanecer em Ferentino, porque a minha mãe estava doente.

”Ah!” pensou Sila. ”Isso explica o modo duro e sem cerimónias com que Mário se referia a este sobrinho por afinidade! Como Mário odiaria ter de avançar essa desculpa para a chegada tardia do sobrinho, quando nunca a teria usado para si próprio!”

- O meu tio ainda não me chamou - queixava-se agora Lúsio. Quando poderei vê-lo?570

- Só quando te chamar, e duvido que venha a fazê-lo. Até provares o teu valor, és um embaraço para ele, nem que seja por teres exigido um privilégio extra antes de ter sequer começado a campanha, visto que chegaste tarde.

- Mas a minha mãe estava doente! - disse Lúsio indignado.

- Todos nós temos mães, Caio Lúsio; ou todos as tivemos. Muitos de nós tivemos de partir em serviço militar quando as nossas mães estavam doentes. Muitos de nós soubemos da morte das nossas mães quando nos encontrávamos em serviço, muito longe delas. Muitos de nós estamos profundamente ligados às nossas mães, ainda vivas. Mas a doença de uma mãe não costuma considerar-se uma boa desculpa para se aparecer tarde no serviço. Suponho que já deves ter informado todos os teus companheiros de tenda do motivo do atraso.

- Sim - afirmou Lúsio, cada vez mais espantado.

- É lamentável. Terias feito muito melhor se os tivesses deixado na dúvida. Não *será* por isso que irão pensar melhor de ti, e o teu tio sabe que não terão melhor opinião dele por isso. Mas os laços de sangue são o que são, e muitas vezes, originam injustiças - Sila encolheu os ombros. - No entanto, não era isto o que tinha para te dizer. Este é o exército de Caio Mário e não o de Cipião Africano. Sabes a que é que me refiro?

- Não - disse Lúsio, que estava completamente fora do seu elemento.

- Catão, o Censor, acusou Africano e os seus oficiais séniores de comandarem um exército crivado de relaxamento moral. Acontece que o modo de pensar de Caio Mário está mais próximo do de Catão, o Censor, do que do de Cipião Africano. Faço-me entender?

- Não - repetiu Caio Lúsio, empalidecendo.

- Creio que me expliquei muito bem - afirmou Sila, *com* um sorriso que lhe punha à mostra os dentes enormes. - Sentes-te *atraído por* rapazes novos e não por raparigas. Não posso acusar-te de efeminamentO às claras, mas se continuares a fazer olhinhos a Caio Júlio, que *por sinal* é cunhado do teu tio, tal como eu, ver-te-ás metido num grande sarilho. A preferência pelo seu próprio sexo não é uma virtude romana. Antes pelo contrário, é considerada - e especialmente nas legiões! - *um* vício indesejável. Senão, talvez as mulheres das cidades próximas do acampamento não fizessem tanto dinheiro, nem as mulheres dos inimigos que capturamos seriam as primeiras a tomar contacto com as espadas *romanas.* Mas tens de ficar *um pouco* a par disto, pelo menos![571]

Lúsio estremeceu, dilacerado entre um sentimento de inferioridade inexplicável e um sentido de injustiça que o despedaçava.

- Os tempos estão a mudar - protestou. - Isso já não é visto como uma tara social!

- Tu não entendes os tempos, Caio Lúsio, provavelmente por quereres que eles mudem, e por estares ligado a um grupo de gente que sente o mesmo que tu. Por isso, juntam-se e comparam as vossas opiniões, aproveitando qualquer comentário para apoiar a vossa contenda. Garanto-te - disse Sila, muito sério - que quanto mais andares pelo mundo onde nasceste, mais descobrirás que andas a iludir-te. E *emparte nenhuma* encontrarás menor perdão pela tua preferência do que no exército de Caio Mário. E ninguém te cairá em cima com mais dureza do que Caio Mário, se descobrir o teu segredo.

Quase a chorar, Lúsio torceu as mãos numa vã angústia.

- Vou enlouquecer! - gritou.

- Não vais, não. Vais disciplinar-te, ser extremamente cuidadoso em quaisquer propostas que faças, e, logo que possas, aprenderás os sinais que vigoram aqui entre homens do teu género - disse Sila. - Não posso ensinar-te esses sinais, pois não me entrego a esse vício. Se ambicionas ter êxito numa carreira pública, Caio Lúsio, aconselho-te vivamente a não cederes ao vício. Mas como, afinal de contas, és novo, se descobrires que não consegues controlar os teus apetites, trata de escolher o homem certo - e com um sorriso mais simpático, Sila virou-lhe as costas e desapareceu.

Por momentos, Sila limitou-se a vaguear sem destino, de mãos atrás das costas, observando a actividade ordenada à sua volta. As legiões haviam recebido ordens para construir um acampamento temporário, apesar de não haver nenhuma força inimiga dentro da província; simplesmente, o exército romano não dormia desabrigado. Os agrimensores e engenheiros já estavam a tratar da construção do acampamento no topo do monte, e as companhias de cavalaria que não haviam sido destacadas para essa tarefa, ocupavam-se dos primeiros estádios da fortificação do monte. Para esse efeito, tinham de arranjar madeira para as vigas, postes e edifícios. E o baixo vale do Ródano tinha poucas florestas, pois era densamente povoado há vários séculos, desde que os Gregos haviam fundado Massília e a influência grega - e a seguir romana - se expandira para o interior.

O exército ficava acampado para o Norte das vastas marinhas que formavam o delta do Ródano e se expandiam tanto para oeste como para572

leste; era típico de Mário escolher terrenos não cultivados para a construção dos acampamentos, quer os temporários, quer os permanentes.

- Não há razão para hostilizar os nossos aliados potenciais - explicou. - Além de que, com cinquenta mil bocas extra para alimentar na região, necessitarão de toda a terra arável que tiverem.

Os encarregados dos cereais e alimentos de Mário já haviam ido fechar os contratos com os agricultores, e alguns dos soldados construíam celeiros no topo do monte com cereais que chegavam para alimentar cinquenta mil homens durante os doze meses entre uma colheita e a outra. A pesada carga continha todo o tipo de artigos que as fontes de informação de Mário tinham dito serem impossíveis de obter ou simplesmente escassas na Gália Transalpina - pez, vigas maciças, roldanas, moinhos, *cal* e uma quantidade enorme de parafusos e *pregos de ferro.* Em Populónia e Pisa, os dois portos que recebiam os lingotes de ferro maleável da ilha de *Elba, o praefectus fabrum havia* comprado todos os lingotes disponíveis e trouxera-os, para o caso de os engenheiros terem de fazer aço; no pesado carregamento encontravam-se bigornas, cadinhos, martelos, tijolos refractários e todas as ferramentas necessárias. Um grupo de soldados já havia partido em busca de madeira para fazer um grande armazenamento de carvão, pois sem carvão era impossível obter uma fornalha com o Calor necessário para fundir o ferro, e muito menos para transformá-lo em aço.

E quando Sila se dirigiu para a tenda de comando do general, tinha decidido que chegara a sua altura; havia delineado uma resposta para o tédio, uma resposta que lhe daria todo o drama por que ansiava. A ideia germinara enquanto ainda estava em Roma, crescera durante o percurso ao longo da costa, e *agora* podia *dar flor.* Sim, era *altura de ir ter* com Caio Mário.

O general estava só, escrevendo industriosamente.

- Caio Mário, acaso terás uma hora livre? Gostava que me acompanhasses num passeio - disse Sila, segurando a tira que separava a *tenda* do abrigo onde se encontrava o oficial de dia. Um raio de luz indiscreto imiscuira-se por detrás dele, rodeando-o de uma aura de ouro líquido, A sua nuca descoberta e os ombros brilhavam com o fogo dos cabelos aos caracóis.

Mário olhou-o com desagrado.

- Precisas de um corte de cabelo - disse-lhe secamente. - Mais umas polegadas e pareces uma bailarina!

- Que extraordinário! - disse Sila sem se mexer.573

- Eu chamar-lhe-ia antes desmazelo.

- Não, o que é extraordinário é que não tenhas reparado nisso há meses e repares exactamente neste momento, em que isso me ocupa a mente. Talvez não leias as mentes das pessoas, Caio Mário, mas penso que estás sintonizado com a mente daqueles com quem trabalhas.

- Também pareces uma bailarina a falar - comentou Mário. - Por que queres que te acompanhe no passeio?

- Porque preciso de falar-te em particular, Caio Mário, em qualquer lugar onde possa estar certo de que nem as paredes nem as janelas tenham ouvidos. Um passeio deve servir.

Mário pousou a pena, enrolou o rolo de papel e levantou-se de imediato.

- Prefiro muito mais passear do que escrever, Lúcio Cornélio, por isso, vamos - disse.

Os dois atravessaram o acampamento rapidamente, sem falar nem reparar nos olhares curiosos que lhes lançavam os grupos de centuriões, cadetes e outros soldados; ao fim de três anos de campanha com Caio Mário e Lúcio Cornélio Sila, os homens destas legiões tinham desenvolvido um sentido de segurança acerca dos seus comandantes que os alertava sempre que estava para acontecer alguma coisa importante. E hoje era um desses dias: todos o pressentiam.

Era demasiado tarde para subir o monte, e Mário e Sila pararam num lugar onde o vento lhes levava as palavras.

- O que se passa? - perguntou Mário.

- Comecei a deixar crescer o cabelo em Roma - disse Sila.

- Não me tinha apercebido até agora. Suponho que o cabelo deve ter a ver com o assunto de que me queres falar.

- Vou transformar-me em gaulês - anunciou Sila. Mário ficou de sobreaviso.

- Continua, Lúcio Cornélio.

- O aspecto mais frustrante desta campanha contra os Germanos é a nossa abismal falta de informações credíveis acerca deles - explicou Sila. - Desde o início, quando os Tauriscos nos mandaram o pedido de auxílio e soubemos que os Germanos estavam em migração, temos estado incapacitados pelo facto de não sabermos absolutamente nada sobre eles. Não sabemos quem são, **donde vêm,** que deuses adoram, por que motivo migraram da sua terra natal, que tipo de organização social ou de governo têm. Acima de tudo, não sabemos por que razão continuam a *derrotar-nos*574

e a desaparecer de Itália, quando não terias detido Aníbal ou Pirro **com uma barricada** de um milhão de elefantes de guerra.

Os olhos de Sila observavam Mário a noventa graus, e os últimos raios de sol brilhavam neles, enchendo Mário de um receio incómodo; em raras ocasiões, era surpreendido por uma faceta de Sila normalmente escondida, a faceta que considerava a *desumanidade* de Sila, e não aplicava esse termo a nenhuma das suas conotações mais aceites, Simplesmente, Sila tinha a capacidade de deixar subitamente cair um véu que o revelava como não humano - mas também não divino - uma invenção diferente dos deuses. Essa qualidade neste momento encontrava-se reforçada, com o sol preso nos seus olhos como se fosse aí a sua morada.

- Continua - disse Mário. Sila continuou.

- Antes de partirmos de Roma, comprei dois novos escravos. Viajaram comigo, e ainda os tenho. Um deles é um gaulês dos Carnutos, a tribo que controla toda a religião céltica. É um tipo de adoração estranho: acreditam que as árvores são animadas, que têm espíritos ou sombras, ou qualquer coisa do gênero. O outro é um germano dos Cimbros, capturado na Nórica quando Carbona foi derrotada. Mantenho-os isolados um do outro. Nenhum deles sabe da existência do outro.

- Não conseguiste obter informações sobre os Germanos do teu escravo germano? - perguntou Mário.

- Nada. Finge que não sabe quem são nem donde vêm. Os meus questionários levam-me a crer que esta ignorância é uma característica *geral* dos poucos Germanos que conseguimos capturar e escravizar, embora eu duvide muito que qualquer outro dono de escravos

romano tenha feito tentativas para obter informações. Isso é irrelevante. A minha intenção ao comprar este germano era obter informações, mas como se mostrou recalcitrante... e não faz sentido torturar uma pessoa que se mantém firme como um touro gigantesco... tive uma ideia melhor. As informações, Caio Mário, surgem geralmente em segunda mão. E para os nossos intentos, isso não serve.

- É verdade - afirmou Mário, que sabia agora aonde Sila queria chegar mas não fazia tenção de apressá-lo.

- Por isso, comecei a pensar que se a guerra com os Germanos não estava iminente, isso permitia-nos tentar obter informações acerca deles em primeira mão - disse Sila. - Os meus dois escravos estão ao serviço dos Romanos há tempo suficiente para terem aprendido latim, embora575

no caso do germano seja um **latim muito rudimentar.** Soube através do meu gaulês dos Carnutos que para lá do mar Central, na Gália-de-Longos-Cabelos, a segunda língua falada pelos Gauleses é o latim e não o grego! Não quero com isto dizer que os Gauleses troquem entre si ditos espirituosos em latim, mas apenas que graças aos contactos entre as tribos enraizadas como os Éduos e nós mesmos, seja pela via dos soldados ou dos negociantes, há um ou outro gaulês que fala um pouco de latim e aprendeu a ler e a escrever. Como as línguas deles não são escritas, quando lêem e escrevem fazem-no em latim. E não em grego. Não é fascinante? Estamos tão habituados a pensar no grego como a língua franca do mundo que é quase hilariante encontrar uma parte do mundo que prefere o latim!

- Não sendo nenhum erudito nem filósofo, Lúcio Cornélio, devo confessar que isso não me excita particularmente. No entanto - disse Mário, com um sorriso ténue -, estou extremamente interessado em saber mais acerca dos Germanos!

Sila elevou as mãos, rendendo-se com uma certa ironia.

- Fizeste valer a tua opinião, Caio Mário! Muito bem. Há cerca de *cinco* meses que ando a *aprender* a língua dos Carnutos do centro

da Gália-de-Longos-Cabelos e a dos Cimbros Germanos. O meu professor de Carnuto está muito mais entusiasmado com o projecto do que o meu professor de germano; mas ele também é um sujeito mais inteligente Sila fez uma pausa para meditar na sua afirmação e mostrou-se descontente com ela. - A minha impressão de que o germano é mais desinteressante talvez não esteja correcta, Como o choque da separação dos seus é muito maior para ele do que para o gaulês, talvez esteja a sofrer com o afastamento mental. Ou então, dada a sorte de apanhá-lo e o facto de ser suficientemente tolo para se ter deixado capturar numa guerra ganha pelo seu povo, talvez seja apenas um germano pouco inteligente.

- Lúcio Cornélio, a minha paciência não é infinita - disse Mário, resignado e sem qualquer sinal de irritação. - Tens todos os sintomas de um Peripatético extremamente peripatético!

- As minhas desculpas - disse Sila com um esgar, virando-se depois para **olhar Mário de frente.** A luz apagara-se-lhe nos olhos e voltara a assumir um ar humano.

- Com o meu cabelo, pele e olhos - disse Sila, decidido -, passo bem por gaulês. Tenciono transformar-me num gaulês e viajar até áreas onde nenhum romano ousaria ir. Em especial, tenciono vigiar de perto os Gauleses no seu caminho para a Espanha, o que, segundo penso, incluirá576

o povo dos Cimbros e também outros povos. Sei o suficiente de germano cimbro para entender minimamente o que eles dizem, pelo que me concentrarei nos Cimbros - e prosseguiu, rindo. - O meu cabelo devia estar mais comprido do que o de uma bailarina, mas de momento bastará que fique assim. Se me interrogarem acerca do tamanho, direi que tive uma doença no escalpe que me obrigou a rapá-lo. Felizmente, cresce muito depressa.

Sila ficou em silêncio. Durante alguns momentos, Mário não disse nada, limitando-se a pôr o pé sobre um tronco, apoiar o cotovelo no

joelho e o queixo no punho. A verdade é que não sabia o que dizer. Há meses que receava que Lúcio Cornélio preferisse a abundância de Roma à *campanha,* por esta poder ser demasiado aborrecida, e durante todo esse tempo Lúcio Cornélio tinha estado a elaborar um plano que prometia não vir a ser aborrecido. Que plano! E que homem! Ulisses fora o primeiro espião de que havia notícia, disfarçando-se de vulgar troiano e penetrando nas muralhas do Ilio para recolher todas as informações possíveis. E um dos temas favoritos dos alunos de um *grammaticu* era debater se Calcante fora ou não derrotado pelos Aqueus por estar farto dos Troianos ou por estar a fazer espionagem ao serviço do rei Príamo, ou ainda por querer semear a discórdia entre os reis da Grécia.

Também Ulisses tinha cabelos ruivos; e provinha de uma família de origens nobres. E no entanto, Mário não conseguia ver Sila como um Ulisses actual. Ele era o seu homem, completo e perfeito, tal como o seu plano. Era nítido que não conhecia o medo; encarava esta missão de modo bem ligeiro e... e até *invulnerável,* Por outras palavras, encarava-a como o aristocrata romano que era. Não tinha dúvidas de que iria ter êxito, pois sabia **que era melhor do que os outros homens.**

Mário endireitou-se, inspirou e perguntou-lhe:

- Pensas mesmo que conseguirás fazer isso, Lúcio Cornélio? És tão Romano! Estou cheio de admiração por ti, e é um plano verdadeiramente brilhante. Mas terás de apagar em ti toda e qualquer marca que te identifique como romano, e não sei se algum romano poderá fazer tal coisa. A nossa cultura é de uma força incrível; deixa em nós marcas indeléveis. Terás de viver uma mentira.

Sila ergueu uma sobrancelha ruivo-dourada; os cantos dos seus belos lábios desceram.

- Oh, Caio Mário, toda a minha vida tem sido uma mentira, de uma forma ou de outra!577

- Mesmo agora?

- Mesmo agora.

E os dois viraram-se, para regressar.

- Tencionas ir sozinho, Lúcio Cornélio? - perguntou Mário. - Não seria boa ideia levares companhia? E se por acaso precisares de enviar-me uma mensagem urgente e não puderes sair? Não seria uma boa ajuda teres contigo um camarada que te servisse de espelho, e tu a ele?

- Pensei em tudo isso, - disse Sila - e gostaria de levar comigo Quinto Sertório.

De início, Mário pareceu encantado, mas depois encolheu os ombros.

- Ele é demasiado escuro; nunca passaria por gaulês e muito menos por germano.

- É verdade. Mas poderia ser um grego com sangue celtibero - Sila aclarou a garganta. - Dei-lhe um escravo quando partimos de Roma: um celtibero, da tribo dos Ilergetes. Não contei a Quinto Sertório o que andava no ar mas disse-lhe que devia aprender a falar celtibero.

Mário ficou espantado.

- Estás bem preparado; aprovo.

- Posso então levar Quinto Sertório?

- Sim; embora ele me pareça demasiado escuro e me interrogue se esse facto não te arruinará.

- Não, vai correr tudo bem. Quinto Sertório é-me extremamente valioso, e a sua tez redundará numa vantagem. É que Quinto Sertório tem uma certa magia animal, e os homens com essa qualidade são muito respeitados por todos os povos bárbaros. A tez contribuirá para o seu poder de xamane.

- Magia animal? O que queres dizer com isso?

- Quinto Sertório sabe chamar a si animais selvagens. Reparei nisso em África, quando chamou um leopardo e lhe fez festas. Mas só comecei a pensar no papel dele para esta missão quando domesticou a águia bebé que nós tratámos sem aniquilar o seu desejo natural de ser livre e selvagem. E agora, a águia vive como as outras da sua espécie mas permanece amiga dele e vem visitá-lo, pousa no seu braço e beija-o. Os soldados veneram-no; é um augúrio poderoso.

- Eu sei - disse Mário. - A águia é o símbolo das legiões e Quinto Sertório reflorçou-o.

Ficaram os dois a olhar para o local onde estavam a colocar seis *argenteas* águias sobre postes de prata ornamentados com coroas *e phalerae: à* sua frente ardia uma fogueira sobre um tripé, as sentinelas estavam em578

sentido e um sacerdote de toga cujas pregas se encontravam subidas de forma a cobrir-lhe a cabeça atirava incenso para as achas enquanto dizia as orações do pôr do sol.

- Qual é exactamente a importância da magia animal? - perguntou Mário.

- Os Gauleses são altamente supersticiosos quanto aos espíritos que habitam a natureza selvagem, tal como os Germanos cimbros, suponho eu. Quinto Sertório disfarçar-se-á de xamane de uma tribo espanhola tão distante que nem as tribos dos Pirenéus podem saber muito deles - disse Sila.

- Quando tencionas partir?

- Muito em breve. Mas preferia que fosses tu a informar Quinto Sertório - respondeu Sila. - Ele vai querer vir, mas a sua lealdade em relação a ti é total, por isso é melhor que sejas tu a dizer-lhe - Sila soprou pelas narinas. - Mais ninguém deve saber de nada. *Ninguém!*

- Não posso estar mais de acordo - disse Mário. - No entanto, há três escravos que sabem qualquer coisa, pois têm-te dado lições de línguas. Queres que sejam vendidos e enviados de barco para qualquer lado?

- Para quê tanto trabalho? - perguntou Sila, surpreendido, - Tenciono matá-los.

- É uma excelente ideia, mas perderás dinheiro.

- Não perderei nenhuma fortuna. Considera esse dinheiro a minha contribuição para o êxito da campanha contra os Germanos - disse Sila.

- Mandá-los-ei matar logo que partas.

Mas Sila abanou a cabeça.

- Não, eu mesmo me ocuparei das tarefas sujas. Ensinaram-me a mim e a Quinto Sertório tudo o que sabiam. Amanhã mandá-los-ei fazer-me um recado a Massília - Sila espreguiçou-se, bocejou voluptuosamente. - Sou bom no arco, Caio Mário. E as marinhas são desertas. Todos pensarão que fugiram. Incluindo o próprio Quinto Sertório.

”Sou demasiado terra-a-terra”, pensou Mário. ”Não é que me importe de mandar matar homens, mesmo a sangue-frio. Isso faz parte da vida, como todos sabemos, e não ofende os deuses. Mas ele é mesmo um Romano patrício; demasiado acima da terra. Um verdadeiro semi-deus.” E *Mário viu-se* a rever na sua mente as

palavras da profetisa síria, Marta, agora luxuosamente instalada como convidada de honra na sua casa *de Roma. Um* Romano muito mais importante, um Caio Júlio e não Mário... seria isso o que faltava? Essa gota semi-divina de sangue patrício?579

Dizia Públio Rutílio numa carta para Caio Mário, datada de fins de Setembro:

Públio Licínio Nerva encheu-se por fim da coragem necessária para escrever ao Senado com uma franqueza total acerca da situação na Sicília. Como cônsul sénior, enviar-te-ão os despachos oficiais, mas primeiro vais ouvir a minha versão, porque sei muito bem que preferes ler a minha carta antes dos entediantes despachos, e consegui arranjar lugar para ela no saco do correio oficial.

Mas antes de te contar as notícias acerca da Sicília, é necessário remontarmos ao início do ano, quando - como sabes - a Assembleia recomendou ao Povo nas suas tribos que devia ser aprovada uma lei que libertasse todos os escravos dos povos Aliados Italianos do mundo inteiro. Mas não deves saber que isso teve uma repercussão inédita - nomeadamente, que os escravos dos outros povos, em especial os daqueles oficialmente designados por Amigos e Aliados do Povo Romano, ou assumiram que a lei também lhes dizia respeito, ou ficaram enormemente descontentes por ela não lhes ser dirigida. Foi o que aconteceu com os escravos gregos, que constituem a maioria dos escravos que trabalham nos campos de cereais da Sícília, e estão em maioria entre os escravos da Campânia.

Em Fevereiro, o filho de um cavaleiro da Campânia, o cidadão romano Tito Vétio, de apenas vinte anos de idade, parecia ter enlouquecido. A causa da sua loucura foi uma dívida; comprometera-se apagar sete talentos deprata por uma rapariga escrava da Cítia. Mas como o velho Tito Vétio é um avarento de primeira e demasiado idoso para ser pai de um rapaz de vinte anos, o jovem Tito Vétio pediu o dinheiro emprestado com juros

altíssimos, alegando como garantia adicional toda a sua herança. É evidente que ficou tão indefeso como uma galinha depenada nas mãos dos que lhe emprestaram o dinheiro e que insistiram para que ele o pagasse ao fim de trinta dias. Ora ele não conseguiupagá-lo, e obteve um adiamento do prazo por mais trinta dias. Mas como voltou a não poder pagar-lhes, eles dirigiram-se ao pai dele, pedindo-lhe o dinheiro do empréstimo - a juros exorbitantes, O pai recusou, e desonrou o filho. E este enlouqueceu.

A seguir, o jovem Tito Vétio pôs um diadema e uma túnica púrpura, declarou-se rei da Campâna e levou à insurreição todos os escravos da zona. O pai, apresso-me a acrescentar, é um daqueles criadores de gado à antiga - trata bem os seus escravos e não tem italianos entre eles. Mas pelo caminho havia um dos novos criadores de gado, daqueles homens odiosos que compram escravos ao preço da chuva, os acorrentam para trabalhar, não querem saber as suas origens e os fazem dormir em barracas de ergastulum. O *nome do sujeito desprezível era*580

Marco Macrino Matador, que por sinal foi um grande amigo do nosso colega júnior no consulado, o nosso Caio Flávio Fímbria, maravilhosamente empertigado e honesto,

No dia em que Tito Vétio enlouqueceu, comprou quinhentos grupos de armas antigas que uma escola gladiatorial tinha para leiloar e armou os seus escravos. Lá marchou o pequeno exército pela estrada fora em direcção ao poço de escravidão de Marco Macrino Matador. E matou Matador e a família e libertou uma grande quantidade de escravos, muitos dos quais pertenciam aos povos Aliados Italianos, pelo que foram detidos ilegalmente.

Muito em breve, o jovem Tito Vétio, o rei da Campânia, tinha um exército de escravos de mais de quatro mil homens, e fizera uma barricada num acampamento muito bem fortificado, no topo de uma colina. E os servos recrutas continuavam a juntar-se! Cápua fechou

as portas, alinhou todas as suas escolas de gladiadores e pediu auxílio ao senado.

Fímbria foi muito enfático em relação ao assunto e carpiu a morte do seu amigo Matador Carniceiro até os Pais Conscritos estarem tão fartos de ouvi-lo que encarregaram o praetor peregrinus, *Lúcio Licínio Lúculo, de reunir um exército e esmagar o levantamento dos servos. Sabes bem que tipo de aristocrata é Lúcio Licínio Lúculo! Não viu com bons olhos o facto de receber ordens para ir limpar a Campânia, vindas de uma barata como o Fímbria.*

E agora, uma ligeira divagação. Suponho que sabes que Lúculo é casado com a irmã do Metelo Suíno, Metela Calva. Têm doisfilhos de mais ou menos catorze e doze anos de idade, dos quais se diz que são extremamente promissores; e como o filho do Suíno, o Bacorinho, não consegue dizer duas palavras seguidas, a família inteira assenta todas as suas esperanças no jovem Lúcio e no jovem Marco Lúculo. Agora para, Caio Mário! já ouço aqui os teus murmúrios de dúvida! Tudo isto é importante, tens de acreditar. Como podes movimentar-te incólumepelo labirinto da vida pública de Roma se não te deres ao trabalho de conhecer as ramificações familiares e as intrigas? A mulher de Lúculo - que é irmã do Suíno

*- é conhecida pela sua imoralidade. Em primeiro lugar, trata dos assuntos do coração em público, com cenas de histeria em frente de lojas de joalheiros populares e uma ou outra tentativa de suicídio, na qual despe todas as suas roupas e tenta atirar-se da muralha para o Tibre. Mas, em segundo lugar, a pobre Metela Calva não namorisca com homens da sua classe, e é isso o que magoa o nosso pomposo Suíno. Para não falar do arrogante Lúculo. Não; Metela Calva gosta de escravos bonitos, ou trabalhadores pesadões que apanha nas docas do porto de Roma. Isso transforma-a num pesado fardo tanto para o Suíno como para Lúculo, apesar de eu crer que é uma excelente mãe para os seus filhos.*581

Acabou a divagação. Referi isto para dar à história um pouco de sabor, tão necessário, Isto para te dar a entender a razão que levou Lúculo a partir para a Campânia sofrendo por ter de obedecer às ordens do homem que teria agradado a Metela Calva se fosse mais pobre - pois não poderia ser mais grosseiro! Passa-se qualquer coisa muito estranha com Fímbria. Tornou-se amigo de Caio Mémio, e ambos estão cheios de dinheiro, que passa de mãos sem que se saiba com que propósito.

De qualquer modo, Lúculo partiu pouco depois para a Campânia. O jovem Tito Vétio foi executado, bem como os seus oficiais e os membros do seu exército de escravos. Lúculo foi elogiado pelo seu trabalho e voltou a fazer interrogatórios jurídicos em lugares como Areate.

Mas não te contei que há algum tempo tive o pressentimento das pequenas sublevações do ano passado na Campânia? Estava certo. Primeiro, tivemos Tito Vétio. E agora, temos uma guerra de escravos na Sicília!

Sempre pensei que Públio Licínio Nerva parecia um rato e agia como tal, mas quem iria sonhar que seria perigoso enviá-lo para a Sicília como pretor-governador? Ele é tão meticuloso que o cargo lhe assentava na Perfeição. Corrida para aqui, corrida para ali, passar o Inverno nos celeiros, escrever relatórios cheios de pormenores com a ponta da pena afogada em tinta, de suíças a tremer.

Evidentemente, tudo teria corrido bem se não fosse a maldita lei acerca da libertação dos escravos dos Aliados Italianos. O nosso pretor-governador Nerva apressou-se a ir para a Sicília e começou a alforriar os italianos, que são aproximadamente um quarto do total dos escravos que trabalham nos campos de cereais. E ele começou em Siracusa, ao passo que o seu questor partiu do Lilibeu, no outro extremo da ilha. Sendo Nerva como é, tudo correu na maior das lentidões e das precisões - a propósito, ele desenvolveu um sistema excelente para apanhar os escravos que se afirmavam italianos sem

o serem, fazendo-lhes um interrogatório sobre a geografia oscana e local da nossa península. Mas publicou o seu decreto apenas em latim, pensando que isso também iria excluir os potenciais impostores. O resultado foi que aqueles que liam grego necessitaram de auxílio na tradução e a confusão não parou de aumentar.

*Nas últimas duas semanas de Maio, Nerva libertou cerca de oitocentos escravos italianos em Siracusa, enquanto o seu questor no Lilibeu marcava passo, à espera de ordens. Então, chegou a Siracusa uma delegação muito zangada de agricultores, com ameaças que iam da castração aos processos judiciais, se Nerva continuasse a libertar escravos. Nerva entrou em pânico à vista deste gato raivoso e apressou-se a fechar o tribunal. Não seriam libertados mais escravos. Esta directiva chegou ao seu questor no Lilibeu um pouco tarde demais, infelizmente, pois*582

este cansara-se de esperar e montara o tribunal no mercado. Agora, que mal tinha começado, também teve de encerrá-lo. Os escravos alinhados no mercado estavam literalmente doidos de raiva e foram-se embora furiosos.

A consequência disto foi uma revolta no extremo ocidental da ilha. Tudo começou com o assassínio de dois irmãos ricos que tinham uma grande propriedade perto de Halteias, e a partir daífoi sempre alastrando. Por toda a Sicília, escravos às centenas, e mais tarde aos milhares, abandonaram as quintas, alguns deles depois de terem assassinado os capatazes e até mesmo os donos, e convergiram para a Mata dos Palicos, que fica, julgo eu, a quarenta milhas a sudoeste do monte Etna. Nerva chamou a sua milícia e pensava ter esmagado a revolta quando tomou de assalto uma antiga cidadela cheia de escravos refugiados. Então, desfez a milícia e mandou os homens para casa.

Mas a revolta estava apenas no início e voltou a atear-se perto de Heracleia Minoa, e quando Nerva tentou voltar a reunir a milícia,

todos fizeram orelhas moucas. Então viu-se forçado a recorrer a uma coorte de auxiliares estacionados no Ema, bastante longe de Heracleia Minoa, pois constituíam a única força disponível. Desta vez, Nerva não *venceu, A coorte inteira foi abatida e os escravos adquiriram armas.*

Enquanto isto decorria, os escravos escolheram um chefe, como era de prever, um italiano que não *fora liberto antes de Nerva ter mandado fechar os tribunais. Chama-se Sálvio e pertence aos Marsos. Quando era um homem livre, parece que era encantador de serpentes, e foi escravizado por ter sido apanhado a tocar flauta para mulheres envolvidas nos ritos dionisíacos que tanto preocuparam o Senado há uns anos. Agora, Sálvio intitula-se rei, mas, sendo italiano, o seu conceito de rei é romano e não helénico. Prefere usar a* **toga praetexta** *em vez de um diadema, e é precedido por lictores portando os* ***fasces*** *com os machados.*

Na extremidade da Sicília, algures perto do Lilibeu, surgiu depois um segundo rei-escravo, desta vez um grego chamado Athenion, e que também sublevou um exército. Tanto Sálvio como Athenion convergiram para a Mata dos Palicos, onde fizeram uma reunião. O resultado foi que Sálvio (que se intitula agora rei Trifão passou a ser o governante de todos, e escolheu para residência um lugar inexpugnável chamado Tridcala, situado nasfaldas das montanhas acima da costa oPosta a África, a meio caminho entre Agrigento e Lilibeu.

Nestepreciso momento, a Sicília éuma verdadeira Ilíada de temores. A colheita encontra-se pisada no solo, além do que os escravos colheram para encherem a barriga, e Roma não *receberá cereais da Sicília este ano. As cidades da Sicília estão a rebentar pelas costuras, devido ao número de refugiados que vieram procurar abrigo dentro das suas muralhas, e a fome e as doenças já andam à espreita pelas*583

ruas. Um exército de mais de sessenta mil escravos bem armados - e cinco mil escravos a cavalo - lança-se de modo selvagem por todo o lado, de uma ponta à outra da ilha, e quando é ameaçado retira-se para a sua fortaleza inexpugnável de Tridcala. já atacaram e tomaram Murgância, e só não conseguiram conquistar Lilibeu, que felizmente foi salvo por alguns veteranos vindos de África de barco em nosso auxílio quando souberam da desordem.

E eis que surge a última indignidade. Não só Roma terá de enfrentar uma escassez drástica de cereais, como parece que alguém tentou manipular os acontecimentos na Sicília de forma a criar essa mesma escassez! A sublevação dos escravos transformou o que teria sido umafalta simulada numafalta verdadeira, mas o nosso estimado Princeps Senatus está a farejar uma pista que o conduzirá, ou pelo menos espera-o, ao maior culpado de todos. Imagino que suspeita do nosso desprezível cônsul Fímbria e de Caio Mémio, Por que haveria um homem decente e íntegro como Mémio de se aliar com tipos como o Fímbria? Penso que posso responder. Ele devia ter sido pretor há vários anos mas apenas ascendeu ao cargo agora, e não tem dinheiro para concorrer para cônsul E quando afalta de dinheiro mantém um homem afastado de uma cadeira na qual se acha no direito de se sentar, pode fazer muitas coisas imprudentes."

Caio Mário pousou a carta com um suspiro, puxou os despachos do Senado para perto dele e leu-os também, confortavelmente só, podendo assim deslindar em voz alta a confusão de palavras, se o desejasse. Não havia mal nisso; todos liam em voz alta; mas em princípio, todos os outros sabiam grego.

Públio Rutílio tinha razão, como sempre. A sua carta extremamente longa informava muito mais do que os despachos, embora nestes estivesse incluída a carta de Nerva e imensas estatísticas. Mas não eram tão apelativas nem recheadas de novidades. Nem colocavam um homem em primeiro plano, como Rutílio fazia.

Mário conseguia facilmente imaginar a consternação em Roma. Uma falta drástica de cereais punha em risco as futuras medidas políticas, e um Tesouro resmungão, a competição dos edis para arranjarem fontes alternativas de cereais. A Sicília era o celeiro, e quando a sua colheita não era boa, Roma ficava com a fome estampada no rosto. Nem África nem a Sardenha enviavam tanta produção de cereais como a Sicília. Nem *as duas juntas!* A crise actual faria o Povo culpar o Senado por ter enviado um governador incompetente para a Sicília, e os *capite censi* atribuiriam ao Povo e ao Senado as culpas pelas suas barrigas vazias.584

Os capite censi não eram um organismo político; tanto lhes fazia governarem como serem governados. A totalidade da sua participação na vida pública resumia-se aos lugares nos jogos e às distribuições gratuitas durante as festas. Até ao momento de terem a barriga vazia, altura em que passavam a ser uma força a ter em conta.

Não era que os *capite censi* não pagassem os cereais que comiam; mas o Senado, através dos seus edis e questores, *garantia* que pagassem os cereais a um preço razoável e, mesmo em períodos de escassez, isso implicava comprar cereais caros para vendê-los aos mesmos preços acessíveis, para grande contrariedade do Tesouro. Qualquer cidadão romano residente em Roma podia comprar uma ração de cereais a preços fixos, por mais rico que fosse, desde que estivesse disposto a juntar-se à enorme fila que se amontoava em frente da mesa do edil curul, no Pórtico de Minúcio, para obter as suas notas de despesa; estas, quando apresentadas num dos celeiros do Estado ao longo das escarpas do Aventino, acima do porto de Roma, permitiam comprar cinco *modii* de cereais baratos. Poucas pessoas ricas se davam a esse trabalho por pura conveniência; era muito mais fácil fazer as compras no mercado de cereais do Velabro e deixar a cargo dos comerciantes o transporte dos celeiros particulares na base do Palatino, no Vicus Tuscus.

Vendo-se apanhado no que podia ser uma posição política precária, Caio Mário franziu as suas magníficas sobrancelhas. Assim que o Senado pedisse ao Tesouro para abrir as suas caixas-fortes cheias de telas de aranha para comprar cereais caros para os *capite censi,* começaria o barulho. Os chefes dos *tribuni aerarii* - os burocratas - protestariam que não podiam pagar enormes quantias pelos cereais quando estava um exército de *capite censi* de seis legiões na Gália Transalpina ocupada com obras públicas! Isso por sua vez faria passar o encargo para o Senado, que teria de travar uma batalha feroz com o Tesouro para obter os cereais extra; e então, o Senado queixar-se-ia ao Povo de que, como de costume, os *capite censi* constituíam um incómodo altamente dispendioso.

- Que maravilha! Como conseguiria Mário ser eleito cônsul *in absentia,* se comandava um exército de *capite censi* e Roma estava à mercê de uma massa esfomeada de *capite censi?* Que Públio Licínio Nerva apodrecesse, bem como todos os especuladores de cereais!

Marco Emílio Escauro foi o único a pressentir qualquer coisa antes da crise. Em alturas normais, o preço dos cereais em Roma baixava um585

pouco no fim do Verão, antes da colheita. Mas este ano subira a um ritmo constante. A razão parecia óbvia: a libertação dos escravos italianos ia limitar a colheita, mas previra-se que ela fosse normal, porque os escravos que trabalhavam nos campos não tinham sido libertados. Nessa altura, os preços deveriam ter baixado drasticamente. Mas não baixaram: pelo contrário, continuaram a subir.

Para Escauro, tudo indicava que havia uma manipulação com origem no Senado, e as suas observações apontavam para o cônsul Fímbria *e para* o pretor urbano Caio Mémio, que tinham passado a Primavera e o Verão a juntar dinheiro desesperadamente. Para comprar cereais baratos e os venderem com enormes lucros, conforme concluiu Escauro.

Então, chegou a notícia da sublevação de escravos na Sicília. E Fímbria e Mémio desataram a vender tudo o que tinham excepto as suas casas no Palatino e as terras suficientes para

garantirem a permanência no censo senatorial. Visto isto, Escauro concluiu que, fosse qual fosse a natureza do negócio, este não podia deixar de estar relacionado com o abastecimento de cereais.

O seu raciocínio foi enganoso, mas era desculpável; se o cônsul e o pretor urbano tivessem tido alguma coisa a ver com a escalada dos preços dos cereais, estariam agora sentados de papo para o ar em vez de andarem a estafar-se para pagar empréstimos. Não, não eram Fímbria e Mémio! Teria de ir procurar a explicação noutro lado.

Depois da carta de Públio Licínio Nerva confessando que a crise da Sicília atingira Roma, Escauro começou a ouvir um nome senatorial entre os mercadores de cereais; o seu faro apurado detectou caça mais tenra e maior - que a enganadora pista de Fímbria e Mémio: Lúcio Apuleio Saturnino, o questor do porto de óstia. Era jovem e novo no Senado mas detinha a posição mais sensível que poderia ter um jovem membro do Senado se estivesse interessado nos preços dos cereais. É que o questor de óstia supervisionava o embarque e armazenamento de cereais, conhecia e falava com toda a gente envolvida no seu abastecimento, tinha acesso a todo o tipo de informações muito antes do resto do Senado.

Depois de fazer mais algumas investigações, Escauro convenceu-se de que descobrira o réu, e traçou a sua desgraça para bem do Senado numa sessão deste organismo em princípios de Outubro. Lúcio Apuleio Saturnino era o principal responsável pela subida prematura do preço dos cereais que impedira o Tesouro de adquirir os fornecimentos adicionais para os celeiros do Estado a um preço razoável: foi o que Escauro Princeps Senatus586

afirmou perante uma Assembleia silenciosa. E a Assembleia encontrara o seu bode expiatório; com grande indignação, os senadores votaram em massa a demissão de Lúcio Apuleio Saturnino do seu posto de questor, privando-o assim do cargo na Assembleia e deixando-o sujeito a processos judiciais maciços por extorsão.

Chamado a comparecer na Assembleia, vindo de óstia, Saturnino pouco mais podia fazer além de negar as acusações de Escauro. Provas factuais não as havia - quer contra, quer a favor - e por isso a questão resumiu-se a decidir qual dos dois homens era mais digno de crédito.

- Apresenta-me provas de que estou implicado! - gritou Saturnino.

- Apresenta-me provas de que não estás! - troçou Escauro.

E como era natural, a Assembleia acreditou no Princeps Senatus, pois Escauro encontrava-se acima de qualquer suspeita na pista da infracção como todos sabiam. Saturnino foi privado de tudo.

Mas Lúcio Apuleio Saturnino era um lutador. Estava na idade exacta para ser questor e ocupara o cargo no Senado há pouco tempo, pois tinha trinta anos. Por isso ninguém sabia muito sobre ele, que nunca se salientara pelos dotes de oratória ou pelos feitos militares e provinha de uma família de Piceno. Saturnino não teve outra opção que não fosse *perder* o cargo de questor e o lugar no Senado; nem pôde protestar quando a Assembleia se virou e concedeu o seu amado emprego em óstia a Escauro Princeps Senatus até ao fim do ano! Mas ele era um lutador.

Ninguém em Roma acreditou na sua inocência. Onde quer que fosse, cuspiam-lhe em cima, insultavam-no, chegavam a apedrejá-lo e *a parede* exterior da sua casa estava coberta de *grafiti:* **PORCO, PEDERASTA,** PUSTULA, **AMBICIOSO, MONSTRO,** *IRRUMATOR e* outras calúnias disputavam a proeminência na superfície de estuque. A mulher e a filha foram votadas ao ostracismo e passavam a maior parte dos dias num vale de lágrimas. Até os servos o olhavam de viés e eram lentos *a responder* aos seus pedidos, ou - quando a sua paciência era posta à prova

- aos seus gritos.

O melhor amigo de Saturnino era relativamente desconhecido: Caio Servílio Gláucia. Alguns anos mais velho do que Saturnino, Gláucia tinha alguma fama como defensor nos tribunais e como brilhante autor *de PrOjectos* de lei; mas não gozava da distinção de ser um Servílio patrício, nem mesmo de ser um importante Servílio plebeu. Exceptuando a sua reputação como advogado, Gláucia estava em

igualdade de *condições* com outro Caio Servílio que fizera dinheiro e conseguira entrar para *O*587

Senado a coberto da toga do seu patrono Aenobarbo; no entanto, este outro Servílio plebeu ainda não adquirira um *cognomen,* ao passo que "Gláucia" era um *cognomen* muito respeitável, visto que se referia aos belos olhos verdes-acinzentados da família.

Faziam um belo par, Saturnino e Gláucia, um muito moreno e o outro muito louro, cada qual na melhor das formas. A sua amizade baseava-se numa igual agudeza de espírito e profundidade de intelecto, bem como no propósito confessado de alcançar o consulado e enobrecer para sempre as suas famílias. A política e a legislação fascinavam-nos, pelo que se adequavam perfeitamente ao tipo de trabalho a que o seu nascimento obrigava.

- Ainda não estou vencido - disse Saturnino a Gláucia, de lábios apertados. - Há outra via *para regressar* ao Senado e vou usá-la.

- Não é por intermédio dos censores - disse Gláucia.

- De modo nenhum! Não, vou candidatar-me às eleições como tribuno da plebe - informou Saturnino.

- Nunca conseguirás entrar - Gláucia não estava a ser pessimista mas sim realista.

- Entrarei se arranjar um aliado poderoso.

- Caio Mário.

- Quem mais poderia ser? Ele não aprecia Escauro nem Numídico ou qualquer dos políticos - disse Saturnino. - Navegarei até Massília amanhã de manhã, para ir explicar o meu caso ao único homem que pode ouvir-me e oferecer-lhe os meus préstimos.

Gláucia acenou com a cabeça.

- Sim, é uma boa táctica, Lúcio Apuleio. Afinal de contas, não tens nada a perder - ocorreu-lhe um pensamento e Gláucia sorriu. - Imagina como podes divertir-te a fazer a vida negra ao velho Escauro quando fores tribuno da plebe!

- Não. Não é ele que eu quero - disse Saturnino com ironia. - Ele agiu como achou que devia e não posso queixar-me. Houve alguém que me transformou em isco, e é essa pessoa que eu quero. E como tribuno da

plebe, poderei *fazer-lhe* a vida negra. Isto é, se conseguir saber quem é.

- Vai a Massília falar com Caio Mário - disse Gláucia. - Entretanto, começarei a tentar descobrir o culpado.

No Outono era possível navegar para o Oeste e Lúcio Apuleio Saturnino fez uma boa travessia para Massília. Daí, seguiu a cavalo até ao acampamento romano fora de Glanum e pediu para ser recebido por Caio Mário.588

Não fora um grande exagero da parte de Caio Mário informar os seus oficiais de que planeava construir uma segunda Carcassona, embora esta fosse uma versão em madeira e terra, em vez de pedra. O monte onde o acampamento romano fora construído estava cheio de fortificações; Saturnino pensou logo que um povo pouco hábil para cercos como os Germanos nunca iria conseguir tomá-lo, nem com todos os seus homens.

- Só que a finalidade desta fortificação - explicou Mário enquanto levava o seu hóspede inesperado a ver as construções - não é proteger o meu exército mas sim fazer os Germanos acreditarem nisso.

”E ainda dizem que este homem não é subtil! - pensou Saturnino, apreciando subitamente o intelecto de Caio Mário. Se há alguém que me possa ajudar, é ele.”

Os dois homens simpatizaram logo um com o outro, pressentindo uma crueldade e determinação comuns, e talvez uma certa iconoclastia pouco romana. Saturnino estava profundamente feliz por descobrir que

- como esperara - fora ele o primeiro a trazer a Glanum a notícia da sua desgraça em Roma. No entanto, era difícil dizer quanto tempo teria de esperar até revelar a sua triste história, pois Caio Mário era o Comandante-em-chefe de uma empresa poderosa e tanto a sua vida como o seu discutível ócio não lhe pertenciam de modo nenhum.

Esperando deparar-se com uma sala de jantar cheia de gente, Saturnino ficou surpreendido ao descobrir que ele e Mânio Aquílio seriam os únicos a partilhar a refeição com Caio Mário.

- Lúcio Cornélio está em Roma? - perguntou. Imperturbável, Mário serviu-se de um ovo recheado.

- Não, está fora numa missão especial - limitou-se Mário a dizer. Entendendo que não havia motivo para esconder a sua situação difícil a Mânio Aquílio, que provara ser o homem de mão de Mário no ano anterior - e que traria de Roma as cartas com todos os mexericos -, Saturnino começou a contar a sua história mal terminaram a refeição. Os dois homens escutaram-no em silêncio até ao fim, não interrompendo para fazer uma única pergunta, o que fez Saturnino pensar que expusera os acontecimentos com clareza e lógica.

A seguir, Mário suspirou.

- Estou muito contente por teres vindo falar comigo - disse. - Isso dá uma força considerável ao teu caso, Lúcio Apuleio. Um homen, culpado teria recorrido a muitos estratagemas mas nunca viria ter comigo. Não sou um homem crédulo. Nem Marco Emílio o é. Mas, cai *como tO,*589

parece-me que quem investigou esta situação tortuosa foi levado até ti por uma série de ilusões. Como questor em óstia, eras um isco perfeito.

- Se o processo contra mim falha em algum aspecto, Caio Mário, é no facto de eu não ter dinheiro para comprar cereais em grandes quantidades - comentou Saturnino.

- É verdade, mas isso também não te exclui automaticamente - lembrou Mário. - Podias tê-lo feito por um suborno muito grande, ou ter pedido um empréstimo.

- Pensas que o fiz?

- Não. Penso que és a vítima e não o criminoso.

- Também eu - concordou Mânio Aquílio. - É demasiado simples.

- Então ajudas-me a candidatar-me às eleições para tribuno da plebe?

- perguntou Saturnino.

- Oh, com certeza - disse Mário sem hesitações.

- Retribuir-te-ei da forma que puder.

- Excelente! - disse Mário.

A partir daí, tudo se passou muito rapidamente. Saturnino não tinha tempo a perder, pois as eleições tribunícias estavam marcadas para o início de Novembro, e tinha de voltar a Roma a tempo de se candidatar e receber o apoio que Mário lhe prometera. E, com um enorme maço de cartas de Mário para várias pessoas de Roma, Saturnino partiu em direcção aos Alpes num carro puxado por quatro mulas e com o dinheiro suficiente para poder substituir as montadas por outras tão boas como as quatro com que iniciara a viagem.

Quando estava de partida, surgiu um trio extraordinário às portas do acampamento. Três gauleses. Gauleses *bárbaros!* Saturnino, que nunca tinha visto um bárbaro na vida, ficou boquiaberto. Um deles parecia ser um prisioneiro, porque estava acorrentado. Estranhamente, esse parecia menos bárbaro do que os outros dois! Era um sujeito de estatura média, de **tez clara mas não demasiado,** cabelos longos mas cortados como os de um grego, escanhoado, com calças de gaulês e um casaco de lã felpuda num complexo padrão axadrezado de tom claro. O segundo sujeito era muito moreno mas tinha a cabeça coberta de plumas negras e um **fio de ouro, o que** o identificava como celtibero; e pouco mais roupa vestia, apresentando em vez delas um corpo musculado. Era evidente que o terceiro homem era o chefe: um verdadeiro bárbaro gaulês com a pele lisa do peito descoberto branca como o leite mas com pêlos, de calças presas com tiras de couro como um germano ou um dos belgas míticos; os cabelos de um590

ruivo-dourado tombavam-lhe sobre as costas, tinha longos bigodes do mesmo tom e usava à volta do pescoço um colar de metal torcido com uma enorme cabeça de dragão, aparentemente de ouro verdadeiro.

O carro começou a andar; ao passar mais perto pelo pequeno grupo, o olhar de Saturnino cruzou-se com os frios olhos claros do chefe, fazendo-o estremecer. *Aquele* era um verdadeiro bárbaro!

Os três gauleses continuaram a subir a encosta, passando as portas principais do acampamento, sem que ninguém os desafiasse até chegarem à mesa do oficial de dia, debaixo do toldo da casa de madeira do general.

- Caio Mário, por favor - disse o chefe num latim fluente. O oficial de dia nem pestanejou.

- Vou ver se Mário tem visitas - disse, levantando-se. Daí a pouco, estava de volta. - O general diz que podes entrar, Lúcio Cornélio - anunciou, com um enorme sorriso.

- Muito bem - disse Sertório ao passar pelo oficial de dia com a cobertura serpenteante. - Nada de conversas acerca disto, ouviste?

Ao ver os seus dois tenentes, Mário olhou-os de um modo tão intenso como Saturnino, mas com menos espanto.

- já era tempo de regressares - disse a Sila, apertando-lhe a mão afectuosamente e estendendo-a de seguida a Sertório.

- Não nos demoramos muito - informou Sila, empurrando o cativo que trouxera. - Só viemos trazer-te uma prenda para o teu desfile triunfal. Apresento-te o rei Copillus dos Volcos Tectósagos, que foi conivente na aniquilação do exército de Lúcio Cássio, em Burdígala.

- Ah! - Mário observou o prisioneiro. - Não parece gaulês, pois não? Tu e Quinto Sertório parecem muito mais impressionantes.

Sertório sorriu; Sila respondeu:

- Como a sua capital é Tolosa, há muito que está exposto à civilização; fala bem grego e apenas deve ser meio-gaulês no modo de pensar. Apanhámo-lo fora de Burdígala.

- Valerá o esforço? - perguntou Mário.

- Verás que sim - respondeu Sila, sorrindo do seu modo mais feroz.

- E que ele tem uma história curiosa a contar... *e* pode contá-la na língua que Roma compreende.

Alertado pela expressão no rosto de Sila, Mário olhou mais atentamente para o rei Copillus.591

- Que história?

- Uma história acerca de dois tanques outrora cheios de ouro. Ouro esse que foi carregado em carroças romanas e enviado pela estrada de Tolosa até Narbona no tempo em que um certo Quinto Servílio Cepião era procônsul. Ouro esse que desapareceu misteriosamente não muito longe de Carcassona, deixando uma coorte de soldados romanos mortos ao longo da estrada, sem armas nem armaduras. Copillus estava perto de Carcassona quando o ouro desapareceu. Afinal de contas, o ouro foi posto à sua guarda por direito, de acordo com o seu modo de pensar. Mas o grupo de homens que o levou para o sul era demasiado grande e bem armado para ter de atacar, pois Copillus apenas tinha consigo alguns homens. O que é interessante é *que houve* um sobrevivente romano: Fúrio, *o praefectusfabrum.* E um sobrevivente *grego,* um escravo liberto: Quinto Servílio Bias. Mas Copillus não estava perto de Málaga. Vários meses mais tarde, quando as carroças cheias de ouro foram parar a uma fábrica de peixe pertencente a um dos clientes de Quinto Servílio Cepião, nem estava perto de Málaga quando o ouro foi embarcado para Esmirna com o rótulo de ”Garum de Málaga à Consignação de Quinto Servílio Cepião”. Mas Copillus tem um amigo

que tem **outro amigo que tem outro amigo que conhece** bem um **bandido turdetano** chamado Brigantius, e segundo diz este Brigantius, foi contratado para roubar o ouro e levá-lo para Málaga pelos agentes de Quinto Servílio Cepião, nomeadamente Fúrio e o homem libertado Bias. O pagamento de Brigantius foram as carroças, as mulas e seiscentos conjuntos de boas armas e armaduras romanas, tiradas aos homens mortos por Brigantius. Quando o ouro foi para oeste, Fúrio e Bias partiram com ele.

”Nunca vi Mário assim estupefacto”, pensou Sila. ”Mesmo quando foi eleito cônsul *in absentia,* apenas perdeu o fôlego, ao passo que isto põe à prova a sua credulidade.”

- Deuses! - murmurou Mário - Ele não ousaria tal coisa!

- Pois ousou - contrapôs Sila com desprezo. - O que interessava que o preço fossem as vidas de seiscentos bons soldados romanos? Afinal de contas, havia mil e quinhentos talentos de ouro naquelas carroças! Acontece que os Volcos Tectósagos não se consideram os donos do ouro mas os seus guardiões. Era a riqueza de Delfos, Olímpia, Doclona e de uma dúzia de outros santuários mais pequenos, que o segundo Breno levou como propriedade de todas as tribos gaulesas. E agora, os Volcos Tectósagos foram amaldiçoados, e o rei Copillus, duplamente amaldiçoado. A riqueza da Gália desapareceu.592

Refazendo-se do choque, Mário olhava agora mais para Sila do que para Copilus. Parecia ser uma historieta contada em tons expressivos, mas era mais do que isso: era contada por um bardo gaulês e não por um membro do Senado Romano.

- És um grande actor, Lúcio Cornélio - disse Mário. Sila fez um ar absurdamente feliz.

- Os meus agradecimentos, Caio Mário.

- Mas não ficam? E o Inverno? Aqui estarão mais confortáveis Mário sorriu -, especialmente o jovem Sertório, se não tiver outra roupa além dessa coroa de penas.

- Não, partimos amanhã. Os Cimbros estão na base dos Pirenéus, com as tribos locais a fazerem-lhes emboscadas sempre que podem. os Germanos parecem *ter um* fascínio por montes! Mas eu e Quinto Sertório demorámos todos estes meses a aproximar-nos dos Cimbros. Tivemos de estabelecer contacto com metade da Gália e da Espanha - disse Sila.

Mário encheu duas taças de vinho, olhou para Copillus e encheu uma terceira taça, que estendeu ao prisioneiro. Ao dar a bebida a Sertório, observou o seu parente sabino de alto a baixo com ar sério.

- Pareces o frango de Plutão - disse-lhe.

Sertório bebeu um golo de vinho e suspirou, deliciado.

- Tusculano! - disse ele, empertigando-se. - Antes ser o frango de Plutão que o corvo de Proserpina.

- Que notícias tens dos Germanos? - perguntou Mário.

- Resumindo, contar-te-ei mais ao jantar... muito poucas. Ainda é cedo para poder informar-te de onde eles vêm ou quais são os seus objectivos. Fica para a próxima. Mas não receies, pois voltarei lá muito antes de qualquer movimentação deles em direcção à Itália. No entanto, posso dizer-te onde estão todos neste preciso momento. Os Teutões e Tigurinos, Marcomanos e Queruscos estão a tentar atravessar o Reno, a caminho da Germânia, e os Cimbros estão a tentar atravessar os Pirenéus a caminho de Espanha. Não penso que qualquer dos grupos venha a ser bem sucedido - comentou Sila, pousando a taça. - Oh, o vinho era óptimo!

Mário chamou o oficial de dia.

- Podes mandar-me três homens de confiança? - pediu. - E se consegues arranjar alojamento confortável para o rei Copilius- Terá de ficar fechado, infelizmente, mas só até podermos levá-lo para Roma.593

- Eu não o levaria para Roma - disse Sila pensativamente, depois de o oficial de dia ter saído. - Ficaria até muito calado acerca do lugar onde o pusesse.

- Cepião? Ele não ousaria! - disse Mário.

- Foi ele que roubou o ouro - lembrou Sila.

- Está bem, levaremos o rei para Nérsia - disse Mário com vivacidade. - Quinto Sertório, a tua mãe tem amigos que não se importassem de alojar o rei por um ou dois dias? O pagamento será compensador.

- Há-de arranjar alguém - respondeu Sertório, confiante.

- Que sorte! - exclamou Mário. - Nunca pensei que viéssemos a obter provas que nos permitissem mandar Cepião para um exílio bem merecido, mas o rei Copillus; *constitui* uma boa prova. Vamos manter tudo *em segredo* até regressarmos a Roma após os Germanos serem derrotados e depois acusaremos Cepião de extorsão e traição!

- Traição? - perguntou Sila, pestanejando. - Isso não nos vai ser possível, com os amigos que ele tem nas Centúrias!

- Ah! - exclamou Mário maliciosamente. - Mas os amigos das Centúrias não podem ajudá-lo se ele for julgado num tribunal especial para casos de traição composto apenas por cavaleiros.

- O que andas a tramar, Caio Mário? - perguntou Sila.

- Comprei *dois* tribunos da plebe para o próximo ano! - disse Mário num tom triunfante.

- Talvez eles não entrem - afirmou Sertório, prosaicamente.

- Hão-de entrar! - disseram Mário e Síla em coro.

Os três desataram a rir, e o prisioneiro continuou em pé com grande dignidade, fingindo que entendia o latim deles e aguardando o que se seguiria. Foi então que Mário se lembrou de ter bons modos e mudou a conversa do latim para o grego, acolhendo Copillus; calorosamente no grupo e prometendo que as grilhetas lhe seriam em breve retiradas.

- Quinto Cecílio - disse Marco Emílio Escauro Princeps Senatus a Metelo Numídico -, sabes que me agrada imensamente ser questor em óstia? Aqui estou, com cinquenta e cinco anos de idade, calvo como um ovo, com rugas tão profundas no rosto que o meu barbeiro já não consegue fazer-me bem a barba... e sinto-me como se tivesse voltado a ser um rapaz! Oh, *e a facilidade* com que se resolvem os problemas! Aos trinta, pareciam montanhas inultrapassáveis; lembro-me bem. Aos cinquenta e cinco, são totalmente insignificantes.594

Escauro veio a Roma a fim de participar numa sessão especial do Senado convocada pelo *praetor urbanus* Caio Mémio para discutir UM assunto com certa gravidade respeitante à Sardenha; o cônsul júnior, Caio Flávio Fímbria, estava indisposto, coisa que parecia ser muito comum nesses tempos.

- Ouviste o boato que corre? - perguntou Metelo Numídico, à medida que os dois subiam os degraus da Cúria Hostília e entravam no Senado; o arauto ainda não convocara a Assembleia, mas os Senadores que tinham chegado cedo na sua grande maioria não se deram ao trabalho de esperar lá fora: entraram e continuaram a conversa até o início da sessão, quando o magistrado que convocara a sessão iria oferecer um sacrifício e fazer as orações.

- Que boato? - perguntou Escauro um pouco desatento; ultimamente, tinha a mente absorvida pelo abastecimento de cereais.

- Lúcio Cássio e Lúcio Márcio juntaram-se e tencionam pedir a Assembleia da Plebe que Mário seja autorizado a candidatar-se mais uma vez a cônsul, e ainda por cima *in absentia!*

Escauro parou a poucos passos do lugar onde o criado particular lhe colocara o banco na habitual posição na fila da frente, com Metelo Dalmático Pontifex Maximus ao lado. Os seus olhos muito abertos fixaram-se no rosto de Numídico.

- Não ousariam fazer tal coisa! - exclamou.

- Ousariam sim! Estás a imaginar? Um terceiro mandato como cônsul é coisa sem precedentes; é tornar o homem um ditador a longo prazo! Por que outro motivo nas raras ocasiões em que Roma precisou de um ditador o seu mandato era limitado a seis meses, senão para garantir que o detentor do cargo não exagerasse a ideia da sua supremacia? E *agora,* aqui vem este... *este campónio* fazer as suas próprias leis! - Metelo Numídico espumava de raiva.

Escauro tombou na cadeira como um velho.

- A culpa é nossa - disse calmamente. - Não tivemos a coragem dos nossos antecessores para nos livrarmos deste cogumelo nocivo! Porque será que Tibério Graco e Marco Fúlvio e Caio Graco foram eliminados, ao passo que Caio Mário está vivo? Devia ter sido liquidado a anos. Metelo Numídico encolheu os ombros.

- Mário é um camponês. Os Gracos e Fúlvio Flaco eram nobres. ”Cogumelo nocivo” é um bom termo para descrevê-lo: nasce em qualquer parte de um dia para o outro, mas quando se vai apanhá-lo já esta noutro lugar.595

- Isto tem de acabar! *Ninguém* pode ser eleito cônsul *in absentia,* quanto mais duas vezes! Esse homem adulterou mais as tradições de Roma do que qualquer outro homem ao longo da história da República. Começo a crer que quer ser rei e não O Primeiro Homem de Roma.

- Concordo contigo - disse Metelo Numídico, sentando-se. - Mas como poderemos ver-nos livres dele? Nunca fica por cá o tempo suficiente para poder ser assassinado!

- Lúcio Cássio e Lúcio Márcio - disse Escauro estupefacto. - Não entendo! São dois nobres vindos das melhores e mais antigas famílias plebeias! Ninguém poderá apelar ao seu sentido de decoro, de decência?

- Todos conhecemos Lúcio Márcio - afirmou Metelo Numídico. Mário pagou-lhe todas as dívidas; pela primeira vez, ao longo de uma vida repugnante, a sua situação é solvente. Mas Lúcio Cássio é diferente. Foi morbidamente sensível à opinião do Povo acerca dos generais incompetentes como o seu falecido pai, e tomou uma consciência doentia da reputação de Mário entre o Povo. Pensa que poderá reabilitar a reputação da família se o virem ajudar Mário a livrar-se dos Germanos.

Escauro limitou-se a soltar uma interjeição de desagrado como resposta às teorias expostas.

Não lhes foi possível continuar a discutir a questão; a sessão começou e Caio Mémio, cujo ar esgazeado adquirido nos últimos tempos lhe conferia uma beleza ainda maior, levantou-se para falar.

- Pais Conscritos - proferiu com um pequeno documento na mão recebi uma carta de Cneu Pompeu Estrabão, que está na Sardenha. A carta foi-me dirigida a mim e não ao nosso estimado cônsul Caio Flávio porque, como pretor urbano, é meu dever supervisionar os tribunais de Roma.

Caio Mémio fez uma pausa para lançar um intenso olhar de ódio às filas posteriores do Senado; esses senadores captaram a mensagem e mostraram-se muito atentos.

- Para refrescar a memória aos membros das filas lá de trás, que raramente honram esta Assembleia com a sua presença, Cneu Pompeu Estrabão é questor do governador da Sardenha, que, como faço questão de recordar, é este ano Tiro Ânio Albúcio. Agora compreendemos todos estas relações complicadas, Pais Conscritos? - perguntou num tom quase sarcástico.

Ouviu-se um burburinho, que Mémio tomou por assentimento.

- Óptimo! - disse. - Então, vou ler a carta que Cneu Pompeu me escreveu. Estamos todos a ouvir?596

Mais barulho.

- Muito bem! - Mémio desenrolou o Papel que tinha na mão e estendeu-o à sua frente, começando depois a ler com uma dicção clara e viva a que ninguém apontaria a menor falha.

Escrevo, Caio Mémio, com o intuito de pedir autorização para processar Tito Ânio Albúcio, governador propraetore da nossa província da Sardenha, imediatamente após o nosso regresso a Roma nofim do ano. Como a Assembleia sabe, há um mês, Tito Ânio informou que conseguira acabar com os assaltos na sua província, e pedia uma ovação pelo seu trabalho. O pedido foi-lhe recusado, o que me parece justo. Embora alguns ninhos desses indivíduos nefastos tenham sido erradicados, a província não se encontra de modo nenhum livre de ladrões. Mas o motivo por que quero processar o governador reside na sua conduta não-romana após ter sabido que o seu pedido de ovação tinha sido negado. Não só se referiu aos membros do Senado como um grupo de irrumatores insensíveis como também procedeu - com grande despesa - à celebração de uma paródia de triunfo pelas ruas de Caralis! Considero que estas atitudes são ameaças ao Senado e Povo de

Roma, e vejo o seu triunfo como uma traição. Com efeito, o meu repúdio é tal que faço questão de ser eu mesmo a conduzir o processo. Peço que me respondam com brevidade.

Mémio pousou a carta no meio de um profundo silêncio.

- Gostava de ouvir a opinião do sábio Chefe da Assembleia, Marco Emílio Escauro - disse, sentando-se de seguida.

Com uma expressão carregada no rosto sulcado de rugas, Escauro avançou para o meio da sala.

- É estranho - começou -, pois mesmo antes da sessão, falava eu de assuntos semelhantes. Assuntos que indicam a erosão dos nossos sistemas de governação e conduta pessoal no governo, honrados através dos tempos. Em anos recentes este augusto organismo composto pelos maiores de Roma sofreu a perda **não somente do seu poder como também** da sua dignidade como braço sénior no governo de Roma. Nós, os maiores de Roma!, já não podemos dirigir os seus passos. Nós, os maiores de Roma!, habituámo-nos ao Povo: inconstante, inexperiente, ambicioso e desprovido de pensamento, políticos amadores; habituámo-nos a que o Povo nos arraste o rosto pela lama! Nós, os maiores de Roma!, não somos tidos em consideração! Ninguém tem em conta a nossa sabedoria, a nossa experiência, a distinção das nossas famílias ao longo das muitas gerações597

que nos separam da fundação da República. Apenas o Povo importa. E digo-vos, Pais Conscritos, que o Povo *não tem competência* para governar Roma!

Marco Emílio Escauro virou-se para as portas abertas e lançou a sua voz na direcção do local dos Comícios.

- Que segmento do Povo dirige a Assembleia da Plebe? - gritou. Os homens da Segunda, Terceira e mesmo Quarta Classes, pequenos cavaleiros desejosos de governar Roma como se fosse um dos seus

negócios, donos de lojas e pequenos agricultores, e mesmo *artesãos!* E homens que se autodenominam defensores, mas têm de angariar clientes entre os camponeses e os imbecis; e homens que se autodenominam representantes, mas nunca sabem dizer bem o que representam! As suas actividades privadas aborrecem-nos e por isso frequentam os Comícios, gabando-se de governarem melhor Roma nas suas tribos do que nós na nossa exclusividade das Cúrias! O calão político solta-se-lhes das línguas como um vómito, e tagarelam, dizem ter entretido este ou aquele tribuno da plebe e aplaudem quando as suas prerrogativas são entregues aos cavaleiros! Estes sujeitos são homens medianos! Nem são suficientemente importantes para pertencerem à Primeira Classe das Centúrias, nem suficientemente insignificantes para se meterem na sua vida, tal como a Quinta Classe e os *capite censi!* Repito, Pais Conscritos, que o Povo *não tem competência* para governar Roma! já lhe foi dado demasiado Poder e agora, na sua enorme arrogância, e com o auxílio e apoio de variados membros desta Assembleia quando tribunos da plebe!, pretende ignorar os nossos conselhos, directivas, e até mesmo a nós próprios!

Como todos reconheceram, este seria um dos discursos mais famosos de Escauro; o seu próprio secretário e vários outros escribas transcreviam literalmente as suas palavras, e ele falava com a lentidão necessária para assegurar uma transcrição correcta.

-já é tempo - prosseguiu em tom grandiloquente - de o Senado inverter este processo. já é tempo de mostrar ao Povo que é júnior na nossa associação governativa! - Escauro parou para respirar e prosseguiu em tom de conversa. - É evidente que são fáceis de apontar as origens desta erosão do poder senatorial. O nosso augusto organismo admitiu demasiados novos-ricos, demasiados cogumelos nocivos, demasiados Homens Novos nas suas magistraturas séniores. O que significa o Senado de Roma para um homem que teve de limpar a trampa de porco que lhe cobria o rosto antes de vir a Roma tentar a sorte na política? O que598

significa o Senado de Roma para um homem que é, na melhor das hipóteses, um meio-latino dos territórios limítrofes dos Samnitas; que chegou pela primeira vez ao consulado agarrado às saias de uma mulher *patrícia comprada?* E o que significa o Senado de Roma para um estrábico híbrido dos montes do norte do Piceno, infestados de Celtas

Escauro ia atacar Mário; isso já se esperava. Mas a tangência da abordagem bastava para proporcionar um repouso e a Assembleia sentiu que a reprimenda lhe era dirigida. E continuou a escutar com interesse, mas também com o sentido do dever.

- Pais Conscritos - prosseguiu Escauro com tristeza -, os nossos filhos são criaturas tímidas; crescem num ambiente político sufocante para o Senado, que insufla vida no Povo de Roma. Como podemos esperar que os nossos filhos governem Roma quando chegar a sua vez, se o Povo romano os intimida? Digo-vos: se ainda não começaram a fazê-lo, a partir de hoje, *deveis* ensinar os vossos filhos a serem fortes na defesa do Senado e inclementes para o Povo! Façai-os compreender a superioridade natural do Senado! E preparai-os para que possam lutar na defesa dessa superioridade!

Escauro não saíra de perto das portas e dirigia-se agora à bancada dos tribunos, que estava cheia.

- Alguém poderá explicar-me por que motivo um membro desta augusta Assembleia se disporia deliberadamente a destruí-la? Alguém *poderá* explicar-me? Porque isso está sempre a acontecer! Ali estão eles. Intitulam-se a si mesmos senadores, membros desta augusta Assembleia; mas também se intitulam tribunos da plebe! Encontram-se ao serviço de dois amos, nos dias que correm! Que se lembrem que são primeiro senadores, e apenas em segundo lugar tribunos da plebe. O seu *verdadeiro* dever em relação à plebe é ensiná-la a ocupar um papel secundário. Mas fazem-no? Não! É claro que não fazem! Alguns destes tribunos permanecem fiéis à sua ordem, reconheço-o, e muito os louvo por isso. Outros, como

sempre aconteceu em todos os tempos, não fazem nada para o Senado nem para o Povo, com receio de que, ao ocuparem os extremos do banco, todos os outros se levantem, transformando-os em motivo de risota *geral.* Mas outros ainda, Pais Conscritos, destroem deliberadamente este organismo, o Senado de Roma. Porquê? O que poderá levá-los a *destruir a* sua própria ordem?

Os dez tribunos estavam sentados no banco assumindo diversas POsições que reflectiam as suas atitudes políticas: os que eram leais ao Senado599

estavam radiantes, direitos, enfatuados; os homens sentados a meio do banco agitavam-se um pouco e tinham os olhos no chão; e os tribunos activos mantinham o rosto e o olhar firmes, provocadores e impenitentes.

- Eu sei a resposta, membros do Senado - afirmou Escauro com desprezo. - Alguns deixam-se comprar como bugigangas de quinquilharia numa tenda barata de mercado; todos os compreendemos bem! Mas há outros com razões mais subtis, e desses homens, o primeiro foi Tibério Semprónio Graco. Refiro-me ao tipo de tribuno da plebe que vê na plebe um meio para servir as suas ambições, o tipo de homem que quer ter o estatuto de Primeiro Homem de Roma sem o ter merecido, tal como Cipião Emiliano, e Cipião Africano, e Emilio Paulo, e, peço o vosso perdão pela minha presunção, Marco Emílio Escauro Princeps Senatus! Herdámos dos Gregos um termo que classifica os tribunos da plebe do estilo de Tibério e Caio Graco: chamamo-lhes demagogos. No entanto, não damos a esse termo o mesmo sentido que os Gregos. Os nossos demagogos não levam a cidade inteira até ao Fórum clamando por sangue, nem derrubam senadores dos degraus da Cúria, nem impõem a sua vontade pela violência. Os nossos demagogos contentam-se com inflamar os frequentadores habituais dos Comícios e impor a sua vontade pela lei. Oh, também há violência de tempos a tempos, mas mais frequentemente somos nós, o Senado, que temos de *recorrer* a ela para restabelecer o *status quo.*

Porque os nossos demagogos são legisladores e autores de projectos de lei, mais subtis, mais vingativos, muito mais perigosos que os meros incitadores de motins! Porque eles corrompem o Povo para promover as suas próprias ambições. E isso, Pais Conscritos, nem merece o nosso desprezo. E no entanto, é o que acontece todos os dias, e cada vez com maior frequência. O atalho para o Poder, o caminho fácil para a proeminência.

Escauro fez uma pausa, virou-se, prendeu o amontoado de pregas da toga debruada a púrpura que lhe tombavam sobre o braço esquerdo e se encostavam ao pescoço, e dobrou o braço direito de forma a poder continuar a sublinhar as palavras com gestos.

- O atalho para o Poder, o caminho fácil para a proeminência - repetiu sonoramente. - Todos conhecemos esses homens, não é verdade? O primeiro é Caio Mário, o nosso estimado cônsul sénior que, segundo ouvi dizer, quer voltar a ser eleito cônsul uma vez mais, e outra vez ainda, in *absentia! Por nossa* vontade? Não! Pela acção do Povo, é claro! De que outro modo poderia Caio Mário ter chegado onde está hoje, senão pela600

acção do Povo? Alguns de nós combatêmo-lo com unhas e dentes até à exaustão, e combatêmo-lo com todas as armas legais do nosso arsenal constitucional! Em vão. Caio Mário *tem* o apoio do Povo, a atenção do Povo, e despeja dinheiro para as bolsas de alguns tribunos da plebe. Nesta altura e idade, esses bastam-lhe. Rico como Creso, consegue comprar o que não pode obter por outras vias. Eis o que é Caio Mário. Mas não me levantei *para falar de* Caio Mário. Perdoar-me-ão, Pais Conscritos, por ter deixado as minhas emoções afastarem-me do alvo principal do meu discurso.

Escauro retomou a posição inicial e virou-se para o estrado onde se encontravam sentados os magistrados curuis, dirigindo os seus comentários a Caio Mémio.

- Levantei-me para falar de outro novo-rico de uma espécie diferente de Caio Mário. O tipo de novo-rico que afirma ter antepassados no Senado, fala bem grego e recebeu instrução e cujos olhos nunca viram uma pocilga; se é que chegam a ver seja o que for! não é um verdadeiro Romano, por mais que o diga. Falo-vos do questor Cneu Pompeu Estrabão, nomeado por esta augusta Assembleia para servir o governador da Sardenha, Tito Ânio Albúcio.

”E quem é este Cneu Pompeu Estrabão? Um Pompeu que afirma ter laços de sangue com os Pompeus que pertencem a esta Assembleia há várias gerações, embora fosse interessante descobrir a proximidade desses laços. Rico como Creso, com metade da Itália do Norte na sua clientela, é um rei dentro dos limites das suas terras. Eis o que é este Cneu Pompeu Estrabão.”

A voz de Escauro ergueu-se num bramido.

- Membros do Senado, aonde chegará este organismo augusto, quando um senador recente disfarçado de questor tem a ousadia e a... *a grosseria* de processar o seu superior? Teremos falta de jovens romanos para não conseguirmos encher com romanos os meros trezentos bancos desta Assembleia? *Estou escandalizado!* Este Pompeu terá assim tão pouca educação e desconhecerá as normas de comportamento que se esperam de um membro do Senado para chegar ao ponto de *sonhar processar* o seu superior? O que se passará connosco para deixarmos homens como este Pompeu Estrábico sentar o seu rabo grosseiro nos bancos do Senado? E que terá ele para fazer uma coisa destas? Ignorância e falta de educaÇãO, é o seu problema! Há coisas, Pais Conscritos, que muito simplesmente não se fazem! Coisas como processar um nosso superior ou um familiar[601]

próximo, incluindo um parente por afinidade. *Não se fazem! É* grosseiro, estúpido, mal-educado, presunçoso... a língua latina não possui suficientes epítetos mordazes para classificar as deficiências

de um cogumelo nocivo como este Cneu Pompeu Estrabão, este Pompeu Estrábico!

Uma voz surgiu do banco dos tribunos.

Queres dizer com isso, Marco Emílio, que Tito Anio Albúcio deve ser louvado pelo seu comportamento? perguntou Lúcio Cássio.

O Princeps Senatus empertigou-se como uma cobra e silvou, venenoso:

- Oh, vê se cresces, Lúcio Cássio! O assunto em causa não é Tito Ânio. Naturalmente, trataremos dele da forma apropriada, que neste caso é o processo legal. Se for considerado culpado, terá o castigo adequado previsto pela lei. O assunto em causa é o protocolo, a delicadeza, a etiqueta; mais concretamente, Lúcio Cássio, a *educação.* O nosso cogumelo nocivo, Pompeu Estrábico, é culpado de uma flagrante falta de educação!

Escauro percorreu com os olhos a Assembleia.

- Pais Conscritos, sugiro que Tito Ânio seja acusado de traição; mas que o *praetor urbanus* escreva simultaneamente uma carta muito dura ao questor Cneu Pompeu Estrabão, informando-o de que, em primeiro lugar, em caso algum poderá processar o seu superior, e em segundo lugar, tem a educação de um campónio.

A Assembleia votou com uma entusiástica salva de palmas, tornando desnecessária uma Divisão.

- Parece-me, Caio Mémio disse Lúcio Márcio Filipe num tom arrastado e nasal de superioridade aristocrática (estava ressentido com a ilação de que Mário comprara os seus serviços), que a Assembleia devia agora escolher um demandante para tratar do caso de Tito Ânio Albúcio.

- Há alguma objecção? perguntou Mémio, olhando em volta. Ninguém se opôs.

Muito bem, nesse caso, a Assembleia escolherá um demandante para o processo movido pelo Estado contra Tito Ânio Albúcio. Alguém quer sugerir nomes? perguntou Mémio.

Oh, meu caro *praetor urbanus,* só há um nome possível! exclamou Filipe, ainda a voz arrastada.

Então, nomeia-o, Lúcio Márcio.

O teu experiente jovem dos tribunais, César *Estrabão disse* Filipe.

- Não privemos Tito Ânio por completo da sensação de estar a ser perseguido por uma voz do passado! Penso que o demandante *tem* de ser estrábico!602

A Assembleia desatou a rir, Escauro mais que ninguém; e quando a hilariedade cessou, a votação foi unânime: o estrábico jovem Caio Júlio César Estrabão, irmão mais novo de Catulo César e Lúcio César, foi escolhido para demandante de Tiro Ânio Albúcio. E deste modo, a Assembleia vingou-se notavelmente em Pompeu Estrabão. Quando Pompeu Estrabão recebeu a seca carta do Senado (com uma cópia do discurso de Escauro, aí colocada por Caio Mémio, para lançar sal na ferida), compreendeu tudo. E jurou que um dia havia de vingar-se daqueles aristocratas altivos, fazê-los precisar mais dele do que ele necessitava deles.

Por mais que lutassem, quer Escauro, quer Metelo Numídico não conseguiram obter os votos suficientes na Assembleia da Plebe para impedir a nomeação de Caio Mário como candidato ao consulado *in absentia.* Nem conseguiram influenciar a Assembleia Centurial, pois a Segunda Classe de votantes ainda estava ressentida com a alusão de Escauro no seu discurso memorável, segundo a qual eram homens medianos e tão repreensíveis como a Terceira e Quarta Classes. A Assembleia Centurial concedeu a Mário um mandato

contínuo para deter os Germanos, e não quis ouvir falar de outro homem para ocupar o seu lugar. Eleito cônsul sénior pela segunda vez consecutiva, Caio Mário era o homem do momento, e podia, sem receio de ser desmentido, afirmar-se como o Primeiro Homem de Roma.

- Mas não *primus inter pares,* o primeiro entre iguais - comentou Metelo Numídico para o jovem Marco Lívio Druso, de regresso aos tribunais após a breve carreira militar do ano anterior. Tinham-se encontrado em frente do tribunal do pretor urbano, onde Druso fora com o seu amigo e cunhado Cepião Júnior.

- Receio bem, Quinto Cecílio - disse Druso, sem qualquer tom de desculpa na voz -, que desta vez não tenha subscrito a opinião dos *meus* semelhantes. Eu votei *em* Caio Mário. Sim, isso impede-vos de avançar, não é? Mas eu não só votei nele como também consegui convencer a maioria dos meus amigos e todos os meus clientes a votarem nele.

- Traíste a tua classe! - vociferou Numídico.

- De modo nenhum, Quinto Cecílio. É que eu estive em Arausio explicou Druso, calmamente. - E vi com os meus próprios olhos o que pode acontecer quando a exclusividade senatorial se sobrepõe ao bom senso romano. E digo-te terminantemente: *mesmo* que Caio Mário fosse tão estrábico como Pompeu Estrabão, de nascimento tão baixo como

trabalhador do porto de Roma, tão grosseiro como o cavaleiro Sexto Perquitienus, teria votado nele! Não creio que tenhamos outro militar do seu calibre, e não admito que se coloque acima dele um cônsul que possa tratá-lo como Quinto Servílio Cepião tratou Cneu Málio Máximo! E Druso afastou-se com grande dignidade, deixando Metelo Numídico boquiaberto a olhar para ele.

- Está mudado disse Cepião Júnior, que ainda seguia Druso, embora com menos entusiasmo, desde o seu regresso da Gália Transalpina.

O meu pai diz que se Marco Lívio não tiver cuidado tornar-se-á um demagogo da pior espécie.

- *Não pode fazer isso! exclamou* Metelo Numídico. O pai dele era o inimigo mais obstinado de Caio Graco; o jovem Marco Lívio foi criado da maneira mais conservadora!

Foi Arausio que o transformou insistiu Cepião Júnior. Talvez tenha sido esse o ponto de viragem; de qualquer modo, é a opinião do meu pai. Desde que regressou, tem sido inseparável de Silo, o sujeito marso que conheceu após a batalha. Cepião Júnior bufou de raiva. Silo é de Alba Fucentia e anda pela casa de Marco Lívio como se ela fosse sua, passam horas seguidas a conversar e nunca me convidam para me juntar a eles.

Um assunto muito lamentável, Arausio pronunciou Metelo Numídico com um certo esforço, pois estava a transmitir estes comentários ao filho do homem a quem se atribuía a maior parte da responsabilidade.

Cepião Júnior escapou-se logo que possível e foi para casa com a noção de uma vaga insatisfação que o envolvera desde... não sabia bem, mas por volta da altura em que casara com a irmã de Druso, e Druso casara com a sua irmã. Embora não houvesse nenhum motivo, era assim que se sentia. E as coisas haviam mudado desde Arausio! O seu pai também não era o mesmo homem; podia num momento desatar a rir sem que Cepião Júnior entendesse o motivo, e no momento seguinte estar nas profundezas do desespero devido à vaga crescente de ressentimento público em relação a Arausio, e pouco depois gritar de raiva pela injustiça de tudo aquilo. Mas Cepião Júnior ainda não descortinara o que era o ”tudo aquilo”.

E os sentimentos de Cepião Júnior em relação a Arausio nunca poderiam ser isentos de culpa: enquanto Druso, Sertório e Sexto César e até esse Silo tinham ficado estendidos no campo de batalha, dados como mortos,[604]

ele fugira a nado pelo rio como um cachorro escorraçado, tão ansioso por sobreviver como o último recruta dos *capite censi* da sua legião. Claro que não falara disto a quem quer que fosse, nem mesmo ao pai; era o terrível segredo de CepiãoJúnior. No entanto, todas as vezes que encontrava Druso, preocupava-se com o que este pensaria.

A sua mulher, Lívia Drusa, estava na sua sala de estar com a filha no colo, pois tinha acabado de lhe dar a mamada. Como sempre, este acontecimento provocou um sorriso e isso devia tê-lo animado. Mas nunca acontecia. Os olhos dela não ligavam com o resto da cara, pois nunca provinha deles um sorriso, ou a menor chama de interesse. Sempre que falava com ele ou o escutava, CepiãoJúnior reparava que os olhos da *mulher nunca* fixavam os seus, nem mesmo por um momento. Porém, nenhum outro homem recebera a bênção de *ter por* esposa alguém mais doce e flexível. Nunca estava demasiado cansada ou mal disposta para acolher os seus avanços sexuais, nem punha objecções a qualquer pedido sexual que ele lhe fizesse. Era evidente que nessas ocasiões não podia ver os olhos dela; então, como poderia estar tão certo de que não havia neles o menor vislumbre de prazer?

Um homem mais sensível e inteligente teria interrogado Lívia Drusa gentilmente quanto a estas questões, mas Cepião Júnior tendia a atribuir tudo isso à sua imaginação; tinha tão pouca imaginação que não se apercebia da sua falta. Possuidor de uma agudeza mental que lhe permitia detectar qualquer coisa de radicalmente errado, não tinha no entanto a agudeza necessária para fazer as deduções acertadas. Nunca lhe devia ter ocorrido que ela não o amava, embora antes do casamento tivesse acreditado cegamente que não gostava dele. Mas fora imaginação sua. Ela não podia deixar de gostar dele, visto que provara ser uma esposa romana modelo. Por isso, tinha de gostar dele.

A filha, Servília, era mais um objecto que uma criatura humana para Cepião Júnior, que ficara desiludido por não ter tido um rapaz. Cepião Júnior sentou-se, enquanto Lívia Drusa dava algumas palmadas nas costas da bebé, entregando-a depois à ama macedónia.

- Sabias que o teu irmão votou mesmo em Caio Mário nas eleições consulares? - Perguntou Cepião Júnior.

Lívia Drusa abriu muito os olhos.

- Não. Tens a certeza?

- Contou-o hoje a Quinto Cecílio Metelo Numídico. E eu estava por perto. Continuou a referir-se a Arausio. Oh, quem me dera que Os inimigos do meu pai esquecessem o assunto!605

- Dá tempo ao tempo, Quinto Servílio.

- Está a piorar - disse Cepião Júnior, desanimado. -jantas em casa?

- Não, vou voltar a sair. Vou jantar a casa de Lúcio Licínio Orador. Marco Lívio também estará lá.

- Oh - limitou-se Lívia Drusa a dizer.

- Desculpa, devia ter-te avisado esta manhã. Esqueci-me - informou o marido, levantando-se. - Não te importas, pois não?

- Não, claro que não - respondeu Lívia Drusa de modo inexpressivo. Era evidente que se importava; não por sentir *a* falta do marido mas porque uma pequena previsão da parte dele teria poupado dinheiro e o trabalho na cozinha. Viviam os dois com o pai Cepião, que estava sempre a queixar-se das contas e a culpar Lívia Drusa por não ser uma dona de casa cuidadosa. Nunca lhe ocorrera, tal como não ocorria ao filho, que nenhum deles se dava ao trabalho de lhe comunicar o que faziam, e todos os dias ela tinha de mandar fazer um jantar decente, mesmo que não aparecesse ninguém para comê-lo e voltasse para trás intacto, para as gargantas dos estáticos escravos do pai Cepião.

- *Domina,* levo o bebé para a sala das crianças? - perguntou a rapariga macedónia.

Lívia Drusa abandonou os seus devaneios e assentiu.

- Sim - disse-lhe, sem mesmo lançar um olhar à criança, quando a serva a levou. O facto de estar a amamentar a filha não se devia a qualquer consideração pelo bem-estar de Servília; fazia-o por saber que enquanto desse o seu leite à criança, não voltaria a engravidar.

Lívia Drusa não se importava muito com Servília; cada vez que olhava para a fedelhazita, via uma cópia do pai em miniatura: pernas curtas, uma cor tão escura que era assustadora, um denso manto de pêlos negros ao longo da espinha, braços e pernas, e os chocantes pêlos negros e curtos na testa e na base da nuca, como a pelugem de um animal. Para Lívia Drusa, a pequena Servília não tinha quaisquer virtudes. Nem tentara inumerar as qualidades da bebé, que não eram de modo nenhum desprezíveis, pois tinha um par de olhos negros tão grandes e escuros que eram uma promessa de beleza, uma boca que parecia um botão de rosa, e era silenciosa e reservada, outro prenúncio de beleza.

Os dezoito meses do seu casamento não haviam reconciliado Livia Drusa com o destino, apesar de nunca ter desobedecido às ordens do irmão; a sua cortesia e procedimento eram perfeitos. Até nos seus frequentes606

encontros sexuais com Cepião Júnior se portava impecavelmente. Felizmente, o seu estatuto impedia-a de responder com ardor; CepIão Júnior teria ficado surpreendido se ela gemesse no êxtase ou exprimisse o gozo como uma amante. Tudo o que era obrigada a fazer, fazia-o como uma boa esposa: deitada de barriga para cima, sem movimentos de ancas nem uma recompensa adequada de Calor, numa modéstia irrepreensível. Oh, mas era difícil! Mais difícil do que qualquer outro aspecto da sua vida, pois quando o marido a tocava, ela sentia vontade de gritar espavorida e vomitar-lhe na cara.

Não havia nela lugar para lamentar CepiãoJúnior, que de facto nunca fizera nada para merecer a repulsa apaixonada que lhe provocava. Neste momento, ele e o irmão Druso estavam fundidos numa presença vasta e ameaçadora, capaz de reduzi-la a circunstâncias muito piores; con um terrível medo deles, Lívia Drusa caminhava cada dia em direcção à moriconsciente de que nunca saberia o que era viver.

O pior de tudo era o seu exílio geográfico. A casa de Servílio Cepião situava-se no lado do Palatino onde ficava o Circo Máximo, dava para o Aventino e não tinha outras casas abaixo dela mas apenas uma escarpa íngreme e rochosa. Não havia mais hipóteses de ficar na *loggia* de Druso a observar a varanda da casa de baixo, à espera de vislumbrar o seu Odisseu de cabelos ruivos.

O pai de Cepião era um homem singularmente desagradável, que com o tempo vinha a tornar-se cada vez pior; *e* nem tinha uma mulher para aliviar o fardo de Lívia Drusa, embora tanto ele como a sua relação *com o* filho fossem tão distantes que ela nunca tivera a coragem de perguntar a nenhum se a sua mulher/mãe estava viva ou morta. Claro que a maneira de ser dele *sofrera uma dura* prova com a sua participação no desastre de Arausio. Primeiro, fora-lhe retirado o *imperium,* depois, o tribuno da plebe. Lúcio Cássio Longino conseguira fazer *aprovar uma lei* que lhe retirava o lugar no Senado, e agora, mal passava um mês sem que qualquer homem com ambições a demagogo tentasse mover-lhe *um prOcesso* por traição. Virtualmente confinado à sua casa pelo ódio virulento do Povo e pelo seu vivo sentido de autopreservação, Cepião-pai passava grande parte do tempo a observar Lívia Drusa: e a criticá-la impiedosamente.

No entanto, Lívia Drusa não fazia tolices que lhe dessem motivo para tal. Um dia, a mania de observação do sogro fê-la ficar tão *furiosa* que foi para o meio do jardim do peristilo, onde ninguém podia ouvi-la, e607

começou a falar sozinha em voz alta. Mal os escravos começaram a agrupar-se sob a colunata, discutindo o que estaria ela a fazer, Cepião-pai saiu do seu gabinete com ar decidido.

O sogro avançou para o caminho e vigiou-a com um ar feroz.

- O que estás a fazer, rapariga? - perguntou.

Os seus grandes olhos negros abriram-se muito.

- Estou a recitar o poema do rei Odisseu - respondeu.

- Pois não o recites - rosnou o sogro. - Estás a dar espectáculo! Os servos dizem que enlouqueceste! Se quiseres mesmo recitar Homero, recita-o onde alguém *saiba que* é Homero! Embora estranhe o motivo por que o fazes.

- Ajuda a passar o tempo - informou a nora.

- Há maneiras melhores de passar o tempo, rapariga, Monta o teu tear ou canta para a bebé, ou faz o mesmo, que as outras mulheres. Va, anda, põe-te a mexer!

- Não sei o que fazem as mulheres, pai - disse ela, levantando-se. O que fazem as mulheres?

- Põem os homens doidos! - respondeu o sogro, e dirigiu-se para o gabinete, batendo com a porta.

Depois disso, ela foi ainda mais longe, pois seguiu o conselho do sogro e montou o tear. O único problema foi ter começado a tecer uma série de vestidos fúnebres; e à medida que trabalhava, falava com um rei Odisseu imaginário, fingindo que ele se encontrava fora há vários anos e ela tecia vestidos fúnebres para adiar o dia em que teria de escolher um novo marido. Frequentemente, fazia uma pausa no seu monólogo e sentava-se com a cabeça de lado, como se estivesse a ouvir alguém falar. Desta vez, Cepião-pai mandou o filho ver o que se passava.

- Estou a tecer o meu vestido fúnebre - disse ela calmamente - e a tentar saber quando o rei Odisseu voltará para me salvar. Ele virá salvarme um dia.

Cepião Júnior ficou estupefacto.

- Salvar-te? O que estás a **dizer, Lívia Drusa?**

- **Nunca ponho os pés fora** desta casa - respondeu a mulher. Cepião Júnior ergueu as mãos aos céus, exasperado.

- Por Juno, o que te impede de fazer o que quiseres?

Ela fixou-o boquiaberta; não conseguiu pensar em mais nada senão em dizer:

- Não **tenho dinheiro.**608

- Queres dinheiro? *Eu* dou-te dinheiro, Lívia Drusa! Mas pára de preocupar o meu pai! - exclamou Cepião Júnior, picado dos dois lados.

- Vai aonde quiseres! Compra o que quiseres!

De rosto sorridente, ela atravessou o quarto e beijou o esposo no rosto.

- *Obrigada* - disse-lhe, com tanta sinceridade que chegou a abraçá-lo. Fora tão simples! Todos aqueles anos de solidão forçada tinham acabado. Lívia Drusa não se lembrara de que, ao passar da autoridade do irmão para a do marido e do seu pai as regras poderiam mudar um pouco.

Quando Lúcio Apuleio Saturnino foi eleito tribuno da plebe, a sua gratidão para com Caio Mário não tinha limites. Agora poderia vingar-se! E não estava completamente desprovido de aliados, como não tardou a descobrir; um dos outros tribunos da plebe era um cliente de Mário, da Etrúria, um tal Caio Norbano, que possuía uma riqueza considerável mas não tinha influência no Senado, ao qual a sua família nunca pertencera. E havia um Marco Bébio, do clã dos tribunos Bébios que eram famosos por aceitarem subornos; poderia ser comprado, se fosse necessário.

Infelizmente, o extremo oposto do banco dos tribunos era ocupado por três opositores extremamente conservadores. Mesmo no

extremo do banco estava Lúcio Aurélio Cota, filho do falecido cônsul Cota, sobrinho do ex-pretor Marco Cota e meio-irmão de Aurélia, a mulher do jovem Caio Júlio César. Ao lado dele, sentava-se Lúcio Antístio Regino, de famílias respeitáveis mas não famosas, e que se dizia ser cliente do consular Quinto Servílio Cepião, pelo que partilhava vagamente o ódio de Cepião. O terceiro homem era Tiro Dídio, um homem muito eficiente e sereno cuja família era da Campânia e que criara uma reputação considerável como soldado.

No centro do banco encontravam-se meros tribunos da plebe que pareciam considerar como seu papel principal ao longo do ano *vindouro* impedir os ocupantes dos extremos opostos do banco de apertarem as gargantas uns aos outros. Com efeito, não havia grandes amores entre os homens que Escauro teria designado por demagogos e aqueles que Escauro recomendava por nunca se esquecerem que eram membros *do Senado* antes de serem tribunos da plebe,

Isso não preocupava Saturnino. Entrara para o cargo numa posiÇão superior, seguido de perto por Caio Norbano, o que indicava que Os conservadores não tinham perdido o seu afecto por Caio Mário; e *que Mário*609

não achara que valesse a pena gastar muito do seu dinheiro a comprar votos para Saturnino e Norbano. Era preciso que Saturnino e Norbano atacassem depressa, pois o interesse na Assembleia da Plebe diminuira drasticamente ao fim de três meses; isto devia-se em parte ao tédio por parte do Povo e também por nenhum tribuno da plebe conseguir manter o ritmo por mais de três meses. O tribuno da plebe esgotava-se depressa tal como a lebre de Esopo, ao passo que a tartaruga senatorial mantinha o mesmo passo.

- Não verão senão o pó que se levantar à minha passagem - disse Saturnino a Gláucia quando se aproximava o décimo dia do mês de Dezembro, dia em que o novo colégio entraria em funções.

- O que temos em primeiro lugar? - perguntou Gláucia indolentemente, um pouco incomodado por ele, mais velho do que Saturnino, ainda não ter tido a oportunidade de concorrer às eleições para tribuno da plebe.

Saturnino sorriu ferozmente.

- Uma pequena lei agrária - disse -, para ajudar o *meu amigo* e benfeitor Caio Mário.

Com muito cuidado na sua exposição e através de um discurso magnífico, Saturnino apresentou à discussão uma lei defendendo a atribuição do *ager africanus,* reservado ao domínio público por Lúcio Márcio Filipe um ano antes; iria agora ser dividido pelos *capite censi* de Mário no final do seu serviço nas legiões: uma *iugera* por homem. Oh, como ele adorava aquilo! Os gritos de aprovação do Povo, as injúrias do Senado, o punho levantado por Lúcio Cota, o discurso cândido e enérgico de Caio Norbano em apoio desta medida.

- Nunca imaginei como o tribunato da plebe podia ser interessante

- disse depois de terminado o *contio,* ao jantar, na casa de Gláucia.

- Os políticos deviam estar na defensiva - afirmou Gláucia, sorrindo,

- Pensei que Metelo Numídico ia ter uma apoplexia!

- Foi pena não a ter - Saturnino encostou-se com um suspiro de contentamento, observando os desenhos que o fumo das lamparinas e o braseiro formavam no tecto, que estava a precisar de pintura. - É estranho o modo de pensar deles, não achas? Basta referir-se o termo ”lei agrária”, e desatam logo aos berros acerca dos irmãos Gracos, horrorizados com a ideia de dar qualquer coisa de graça a homens que não têm a perspicácia para adquirir o que quer que seja. Os próprios *capite censi* não aprovam a ideia de se oferecer qualquer coisa de graça!610

- É uma bela história para todos os romanos bem-pensantes - disse Gláucia.

- E depois de terem discutido esse assunto, começaram a berrar acerca do tamanho desmesurado dos lotes: que eram dez vezes maiores do que uma pequena herdade na Campânia, como resmungaram os políticos. Deviam saber que uma ilha na Sirte *Menor africana* é dez vezes menos fértil do que a pior das herdades da Campânia, e as chuvas são um décimo menos *seguras* - disse Saturnino.

- Sim, mas a questão era mais acerca dos novos milhares de clientes de Caio Mário, não era? - perguntou Gláucia. - É aí que lhes dói. os veteranos de um exército de *capite censi* são potenciais clientes do seu general, especialmente se este se tiver dado ao trabalho de lhes garantir terrenos para a reforma. É a ele que ficam *reconhecidos!* E não vêem que o verdadeiro benfeitor é o Estado, pois é quem providencia os terrenos. É ao general que agradecem: a Caio Mário. E é isso que faz os políticos exaltarem-se.

- De acordo. Mas discutir não é a solução, Caio Servílio. A solução é aprovar uma lei geral que cubra todos os exércitos de *capte censi para* sempre: dez *iugera* de boa terra para todos os homens que completem o serviço nas legiões; digamos quinze anos? Vinte? Atribuídos sem ter em conta ao serviço de quantos generais esses soldados estão, ou em quantas campanhas diferentes participam.

Gláucia riu-se, genuinamente divertido.

- Parece-me ser uma mostra de bom senso, Lúcio Apuleio! E pensa nos cavaleiros que uma lei dessas afastaria. Menos terras para eles *arrendarem;* para já não falar nos nossos estimados senadores pastoris!

- Se os terrenos fossem na Itália, ainda entendia - comentou Saturnino.

- Mas as ilhas da costa de África? Diz-me, Caio Servílio, que utilidade podem ter para esses cães que guardam os seus velhos ossos? *Em comparação* com os milhões de *iugera* de terra ao longo do Ubus e do Chelif e do lago Tritão que Caio Mário deu em nome de Roma; e ainda por cima aos mesmos homens que agora se opõem! É um desperdício!

Gláucia girou os olhos verdes-acinzentados de longas pestanas, recOstou-se, bateu as palmas como uma tartaruga virada ao contrário a bater as barbatanas e desatou de novo a rir.

- No entanto, o discurso de que mais gostei foi o de Escauro. É intiligente. Os outros não têm muita importância para além da sua influência - Gláucia levantou a cabeça e olhou para Saturnino. - Estás preparado para a sessão de amanhã no Senado? - perguntou.611

- Penso que sim - retorquiu Saturnino, contente. - Lúcio Apuleio está de volta! E desta vez não podem afastar-me antes do fim do meu *mandato!* Para isso, seriam necessárias as trinta e cinco tribos e elas não irão fazer tal coisa. Quer os políticos gostem quer não, voltei a entrar pelas suas portas sagradas, tão furioso e incómodo como uma vespa.

Gláucia entrou no Senado como se este lhe pertencesse, fazendo uma grande vénia a Escauro Princeps Senatus e acenando com a mão direita a ambos os lados da Assembleia, que estava quase cheia: prenúncio seguro de que se aproximava uma batalha. O resultado não lhe interessava muito, pois a arena em que o verdadeiro combate se decidiria era fora das portas da Cúria Hostília, no local dos Comícios. O descaramento estava na ordem do dia, e o desgraçado questor dos cereais metamorfoseado em tribuno da plebe constituía uma surpresa amarga para os políticos.

E Gláucia ia levar aos Pais Conscritos do Senado uma nova orientação, que apresentaria mais tarde na Assembleia da Plebe; agora, estava *ainda* na viagem experimental.

- Não há muito tempo que a esfera de influência de Roma se limita à Itália - disse. - Todos sabemos os problemas que Jugurta nos causou. Todos estamos eternamente agradecidos ao nosso estimado cônsul sénior Caio Mário por ter resolvido a guerra em África de um modo tão brilhante e *tão conclusivo.* Mas como podemos nós, Romanos, garantir às gerações vindouras que as nossas províncias permanecerão em Paz e a sua produção continuará a ser nossa? Temos uma tradição relativa aos costumes dos povos que não são romanos apesar de viverem nas nossas províncias: são livres de seguirem as suas práticas religiosas, comerciais e políticas. *Desde* que essas práticas não prejudiquem nem constituam uma ameaça

para Roma. Mas um dos efeitos secundários da nossa tradição de não interferência é a ignorância. Nenhuma das nossas províncias para lá da Gália Italiana e da Sicília conhece o suficiente acerca de Roma e dos Romanos para valorizar a cooperação em desfavor da resistência. Se o povo da Numídia nos conhecesse **melhor, Jugurta não** teria conseguido convencer o rei Boco a segui-lo.

Gláucia aclarou a garganta; até ao momento, a Assembleia estava a receber bem as suas palavras, mas ele ainda não concluíra a sua exposição. Nem a concluiu.

- Isto leva-me a falar do *ager Africanus insularum.* Estrategicamente, essas ilhas não têm grande importância. Nenhum de nós aqui na Assembleia612

sentirá a sua falta: não têm ouro, prata, ferro nem especiarias. Não são particularmente férteis quando comparadas às fabulosas terras de cultivo do rio Bágradas, onde muitos membros desta Assembleia possuem propriedades, bem como muitos membros da Primeira Classe. Então, por que não havemos de dá-las aos soldados dos *capite censi* de Caio Mário quando forem desmobilizados? Quereremos ter cerca de quarenta mil veteranos dos *capite censi* pelas tabernas e vielas de Roma? Sem ocupação, objectivos ou dinheiro depois de terem gasto a sua mísera parte das pilhagens do exército? Não será melhor para eles, e para Roma!, estabelecê-los *no ager Africanus insularum?* Porque, Pais Conscritos, há uma ocupação possível para eles depois da desmobilização: podem levar Roma até à Província de África! A nossa língua, os nossos costumes, os nossos deuses, o nosso próprio modo de vida! Através desses valentes e joviais soldados romanos expatriados, os povos da Província de África podem vir a compreender melhor Roma, pois esses valentes e joviais soldados romanos expatriados são *vulgares;* não são melhores, nem mais inteligentes, nem mais privilegiados do que muitos outros homens dos povos nativos com que irão misturar-se na sua vida quotidiana. Alguns, desposarão raparigas locais.

Todos confraternizarão. E o resultado disso será menos guerra e uma paz mais duradoura.

Gláucia disse isto de modo persuasivo, razoável, sem os grandes períodos e gestos da retórica asiática. E, à medida que Gláucia se entusiasmava com a sua peroração, Saturnino começou a acreditar que ele iria conseguir fazer os teimosos membros daquela elite ver aonde a visão de homens como Mário - e ele próprio! - conduziriam Roma.

E, ao dirigir-se para o seu extremo do banco dos tribunos, Gláucia não pressentiu qualquer oposição no silêncio que se seguiu. Esperavam que um dos políticos apontasse o caminho. Carneiros! Malditos carneiros sem miolos.

- Dás-me licença? - perguntou Lúcio Cecílio Metelo Dalmático Pontifex Maximus ao cônsul Júnior, Caio Flávio Fímbria.

- Tens a palavra, Lúcio Cecílio - disse Fímbria.

Lúcio Cecílio tomou a palavra e a sua fúria, bem disfarçada até então, rebentou subitamente.

- Roma é exclusiva! - berrou tão alto que alguns dos seus ouvintes se sobressaltaram. - Como pode algum romano honrado pela participação nesta Assembleia propor um programa destinado a transformar o resto do mundo em imitações dos **Romanos?**613

A habitual pose distante e superior de Dalmático desaparecera; estava inchado, ruborizado, as veias abaixo das bochechas rosadas e rechonchudas tinham o mesmo tom, Com a ira, todo ele vibrava à velocidade das asas de uma borboleta. Fascinados, receosos, todos os homens da Assembleia se inclinavam para ouvir um Dalmático Pontifex Maximus com cuja existência nunca haviam sonhado.

- Pais Conscritos, todos conhecemos este romano, não é verdade? bramiu. - Lúcio Apuleio Saturnino é um ladrão, um especulador, um

efeminado grosseiro, um desencaminhador de rapazinhos que nutre paixões repugnantes pela irmã e pela filha, um fantoche manipulado pelo bonecreiro do Arpino na Gália Transalpina, uma barata dos piores antros de Roma, um proxeneta, um maricas, um homem pornográfico, a pior criatura de qualquer *verpa* da cidade! O que sabe ele de Roma, o que sabe o seu bonecreiro do Arpino acerca de Roma? Roma é exclusiva! Roma não pode ser lançada ao mundo como a merda ou o cuspo que se lançam nos esgotos! Iremos suportar a diluição da nossa raça através de uniões híbridas com as mulheres esfarrapadas de cinquenta povos? E no futuro, viajaremos até lugares distantes de Roma para ouvirmos o ultraje de um calão latino abastardado? Eles que *falem grego!* Que adorem Serápis do *Scrotum* ou Astarte do Anus! O que nos interessa? Mas *vamos dar-lhes Quirino?* Quem são os Quirites, os filhos de Quirino? Somos *nós!* Pois quem é Quiríno? Só um romano o sabe! Quirino é o espírito da cidadania romana; Quirino é o deus da assembleia de homens romanos; Quirino é o deus invicto, porque Roma nunca foi conquistada; *e nunca será conquistada,* caro Quirites!

A Assembleia rompeu em aplausos; enquanto Dalmático Pontifex Maximus cambaleava até ao seu banco, quase se abatendo sobre ele, os homens choravam, batiam os pés, batiam palmas até as mãos lhes doerem, viravam-se uns para os outros e abraçavam-se, de lágrimas a escorrerem-lhes pelo rosto.

Mas a emoção incontida escoou-se como a espuma do mar se esvai sobre as rochas, e quando as lágrimas secaram e os corpos se acalmaram, os homens do Senado de Roma ficaram extenuados e arrastaram-se até às suas casas para voltarem a rever em sonhos o momento mágico em que lhes aparecera a visão do Quirino sem rosto, lançando a sua toga sobre eles como um pai faria aos filhos honestos e leais.

A Assembleia estava quase vazia quando Cássio Orador, Quinto Múcio Cévola, Metelo Numídico, Catulo César e Escauro PrincePs Senatus conseguiram[614]

pôr termo à sua conversa eufórica e pensar seguir os passos dos outros. Lúcio Cecílio Metelo Dalmático Pontifex Maximus permaneceu sentado no seu banco, de mãos cruzadas sobre o colo como uma menina bem comportada. Mas a cabeça tombara-lhe para a frente, tinha o queixo apoiado no peito, os tufos de cabelos esbranquiçados esvoaçavam, agitados pela brisa que entrava pelas portas abertas.

- Irmão meu, foi o melhor discurso que ouvi até hoje! - exclamou Metelo Numídico, pousando a mão no ombro de Dalmático. Dalmático continuou sentado, sem falar nem mover-se; só então descobriram que estava morto.

- Morreria feliz se fizesse o meu melhor discurso no dia da minha morte.

Mas nem o discurso nem a morte de Metelo Dalmático Pontifex Maximus, nem toda a cólera e força do Senado impediram a Assembleia da Plebe de passar a lei o decreto de Saturnino. E a carreira tribunícia de Lúcio Apuleio Saturnino teve um início fulgurante, uma mistura curiosa de infâmia e adulação.

- Adoro isto! - disse Saturnino a Gláucia ao jantar, no fim do dia em que a *lex Apuleia* agrária foi aprovada. Era frequente jantarem juntos, geralmente em casa de Gláucia; a mulher de Saturnino nunca chegara a recuperar dos acontecimentos terríveis que se tinham seguido à denúncia de Escauro quando Saturnino era questor em óstia. - Sim, adoro isto! Pensa, Caio Servílio, que a minha carreira poderia ter sido diferente, se não fosse aquele velho *mentula* intrometido do Escauro.

- Os rostros estão bem para ti - disse Gláucia, comendo uvas. Afinal de contas, talvez exista algo a definir as nossas vidas.

Saturnino resmungou.

- Oh, referes-te a Quirino?

- Podes fazer troça, se quiseres. Mas eu defendo que a vida é uma **coisa muito** estranha - afirmou Gláucia. - Há mais formas e menos hipóteses do que num jogo de *cottabus.*

- E nenhum elemento de Estóico ou de Epicuro, Caio Servílio? Nem fatalismo ou hedonismo? Aconselho-te a teres cautela, senão confundes todos os antigos desmancha-

prazeres gregos que afirmam que nós, Romanos, nunca criaremos uma filosofia que não lhes tenha sido tomada de empréstimo.

- Os Gregos *são.* Os Romanos fazem. Escolhe! Nunca conheci homem nenhum que conseguisse combinar esses dois estados. Gregos e Romanos,615

somos os extremos opostos do tubo digestivo. Os Romanos são a boca: absorvemos. Os Gregos são o ânus: expelem. Sem qualquer desrespeito pelos Gregos, é apenas uma figura de estilo - explicou Gláucia, pontuando a sua afirmação enfiando uvas na extremidade romana do tubo digestivo.

- Como nenhuma das extremidades pode fazer alguma coisa sem a contribuição da outra, é melhor juntarmo-nos - disse Saturnino. Gláucia sorriu.

- Isso é que é um romano a falar! - exclamou.

- Dos pés à cabeça, embora Metelo Dalmático diga que não sou. Não foi inesperado o *velho fellator* morrer em tão boa altura? Se os políticos fossem mais activos, podiam ter feito dele um exemplo imperecível. Metelo Dalmático: o novo Quirino! - Saturnino agitou as borras do vinho na sua taça e atirou-as com perícia para um prato vazio; os salpicos eram contados de acordo com o número de braços que irradiavam do corpo central. - Três - disse, e estremeceu. - É o número da morte.

- E onde está agora o nosso Céptico? - disse Gláucia em tom trocista.

- É pouco habitual serem apenas três.

Gláucia cuspiu habilmente e destruiu a forma dos salpicos com três pevides de uva.

- Três! Três mortos por outros três!

- Morreremos ambos daqui a três anos - disse Saturnino.

- Lúcio Apuleio, és uma contradição pegada! Estás tão pálido como um Lúcio Cornélio Sila, e com muito menos desculpa. Isto não passa de um jogo de *cottabus!* - afirmou Gláucia, mudando de assunto. - Concordo que a vida nos rostros é muito mais excitante do que a vida do favorito dos políticos. É um grande desafio manipular politicamente o Estado. Um general tem as suas legiões. Um demagogo não tem nada mais afiado que a língua. - Gláucia riu-se entredentes. - E não foi **uma maravilha ver a multidão afugentar Marco Bébio do Fórum** esta manhã, quando ele tentou interpor o veto?

- Foi um espectáculo rejuvenescedor! - **respondeu Saturnino** a *rir,* enquanto afastava da *memória* o espectro dos números três ou trinta e três.

-A propósito - comentou Gláucia, voltando a mudar subitamente de assunto -, já ouviste o último boato que corre no Fórum?

- Que foi o próprio Quinto Servílio Cepião quem roubou o ouro de Tolosa? - perguntou Saturnino.616

Gláucia ficou com ar desiludido.

- Que Dis te leve! Pensei que tinha sabido a notícia antes de ti!

- Soube-a por uma carta de Mânio Aquílio - informou Saturnino. Quando Caio Mário está demasiado ocupado, é Aquílio que me escreve em vez dele. E confesso que não me queixo, pois escreve muito melhor do que o Grande Homem.

- Da Gália Transalpina? Como o sabem eles?

- Foi a partir de lá que se espalhou o boato. Caio Mário fez um prisioneiro: nada menos que o rei de Tolosa. E *ele* alega que Cepião roubou os quinze mil talentos de ouro.

Gláucia assobiou.

- Quinze mil talentos! Incrível, não é? Mas é demasiado; todos sabem que um governador tem o direito aos seus lucros, mas mais ouro do que há no Tesouro? É um pouco excessivo!

- Concordo. Mas o boato favorecerá bastante Caio Norbano quando levantar o processo a Cepião, não é? A história do ouro circulará pela cidade em menos tempo do que a Metela Calva leva a levantar a túnica para acolher um grupo de marinheiros.

- Gosto da tua metáfora! - disse Gláucia. E de repente disse com brusquidão: - Chega de conversas! Temos de trabalhar nos projectos de lei e coisas parecidas. Não podemos deixar passar nada despercebido.

O trabalho de Saturnino e Gláucia quanto aos projectos de lei e outros foi planeado e coordenado com o cuidado que se coloca em qualquer grande estratégia militar. A intenção deles era retirar às Centúrias os julgamentos por traição na província, o que levava a uma insuportável sequência de entraves e becos sem saída. A seguir, tencionavam retirar ao Senado os julgamentos por extorsão e suborno, substituindo os júris senatoriais por júris compostos unicamente por cavaleiros.

- Em primeiro lugar, Norbano tem de condenar Cepião na Assembleia da Plebe por qualquer acusação aceitável: desde que a acusação não se refira a traição, podemos tratar já disso, enquanto os ânimos populares estão contra Cepião devido ao ouro roubado - expôs Saturnino.

- Isso nunca resultou na Assembleia da Plebe - disse Gláucia, pouco convencido. - Foi isso mesmo que o nosso exaltado amigo Aenobarbo tentou fazer ao acusar Silano de ter dado origem a uma guerra ilegal contra os Germanos, e não havia aí qualquer menção a traição! Mas a Assembleia da Plebe rejeitou o processo. O problema é que ninguém *gosta* de julgamentos por traição.617

- Bem, continuaremos a trabalhar nisto - disse Saturnino. - Para obtermos uma condenação das Centúrias, o réu tem de confessar ter sido conivente na ruína do seu país. E ninguém é assim tão tolo que o confesse. Caio Mário tem razão; temos de prender as asas dos políticos mostrando-lhes que não estão acima da censura moral ou da lei. E só podemos fazê-lo num organismo de homens que não sejam membros do Senado.

-E por que não fazemos aprovar já a nova lei referente à traição, e levamos depois Cepião a julgamento num tribunal especial? - perguntou Gláucia. - Sim, bem sei que os membros do Senado vão guinchar como porcos, mas afinal não é o que fazem sempre?

Saturnino fez uma careta.

- Queremos viver, não queremos? Mesmo que tenhamos apenas mais três anos, sempre é melhor que morrermos depois de amanhã.

- Tu e os teus três anos!

- Escuta - insistiu Saturnino -, se conseguirmos que Cepião seja condenado na Assembleia da Plebe, o Senado aceitará a nossa sugestão: de que o Povo está farto de membros do Senado a encobrir os outros. De que não há uma lei para os senadores e outra para todos os outros homens. Está na altura de o Povo acordar! E vou ser eu quem vai acordá-lo! Desde o início desta República, o Senado tem feito crer ao Povo que os senadores são superiores e podem fazer e dizer o que quiserem. ”Votem em Lúcio Tidlipus: foi a sua família que deu a Roma o primeiro cônsul!” E alguém se importa que Lúcio Tidlipus seja um incompetente egoísta e ambicioso? Não! Lúcio Tidlipus tem o nome de família e a tradição familiar do serviço na esfera pública de Roma. Os irmãos Gracos tinham razão: devemos retirar os tribunais da coorte de Lúcio Tidlipus e dá-los aos cavaleiros!

Gláucia estava meditativo.

- Acaba de ocorrer-me uma coisa, Lúcio Apuleio. Ao menos, o Povo é responsável e bem-educado. Pilares da tradição romana. Mas... e se um dia alguém começar a falar dos *capite censi* no tom em que agora te referes ao Povo?

Saturnino riu.

- *Os capite censi* ficam contentes se tiverem a barriga cheia e os edis organizarem bons jogos. Para os tornares politicamente conscientes, terias de transformar o Fórum Romano no Circo Máximo!

- Este Inverno não têm a barriga tão cheia como deviam - comentou Gláucia.618

Estão cheias quanto baste, graças ao nosso venerado Presidente da Assembleia, Marco Emílio Escauro. Não lamento que nunca consigamos convencer Numídico ou Catulo César a ver as coisas à nossa maneira, mas não deixo de pensar que é pena que nunca venhamos a persuadir Escauro disse Saturnino.

Gláucia olhou-o com curiosidade.

Nunca atribuíste a Escauro as culpas por teres sido expulso da Assembleia, pois não?

Não. Ele fez o que achava certo. Mas um dia, Caio Servílio, descobrirei os verdadeiros culpados, e então... hão-de desejar não terem nascido! ameaçou Saturnino com um ar feroz.

Em princípios de Janeiro, o tribuno da plebe Caio Norbano acusou Quinto Servílio Cepião na Assembleia da Plebe daquilo a que chamava a ”perda do seu exército”.

Os ânimos exaltaram-se logo no início, pois o Povo era unânime na oposição à exclusividade senatorial, e todos os membros da plebe que pertenciam ao Senado compareceram para combater Cepião.

Muito antes das tribos serem chamadas a votar, deflagrou a violência e correu sangue. O tribuno da plebe Tito Dídio e Lúcio Aurélio Cota avançaram para vetar o processo e foram afastados dos rostros por uma multidão furiosa. Caíam pedras, batiam paus em ancas e pernas; Dídio e Lúcio Cota foram expulsos do local dos Comícios e literalmente empurrados pela multidão até ao Argileto, onde os mantiveram sequestrados. Embora estivessem feridos e chocados, ainda tentaram gritar os seus vetos através de um mar de rostos furiosos, mas por repetidas vezes foram impedidos de falar.

Não havia dúvidas de que o boato acerca do ouro de Tolosa pesara muito na balança contra Cepião e contra o Senado; desde os *capite censi* à Primeira Classe, toda a cidade lançava imprecações contra Cepião, o ladrão, Cepião, o traidor, Cepião, o egoísta. As pessoas incluindo as mulheres, que nunca haviam mostrado qualquer tipo de interesse pelo que se passava no Fórum ou na Assembleia vinham ver este Cepião, um criminoso a uma escala até então inimaginável; discutia-se a altura das pilhas de ouro, o seu peso e quantidade. E fazia-se sentir o ódio, porque ninguém gosta de ver um indivíduo apoderar-se de dinheiro considerado pertença de todos. Em especial tanto dinheiro.

Decidido a que o julgamento prosseguisse, Norbano ignorou o tumulto, os berros, o caos quando o público habitual da Assembleia619

penetrou por entre a multidão que viera apenas ver e caluniar Cepião, que permanecia nos rostros, guardado por lictores destacados para protegê-lo e não para o deter. Os membros patrícios do Senado que não podiam participar na Assembleia da Plebe, reunidos nos degraus da Cúria Hostília, intimidaram Norbano, até que um grupo começou a apedrejá-los. Escauro caiu inamimado, sangrando de um ferimento na cabeça. Isso não deteve Norbano, que prosseguiu o julgamento sem mesmo parar para saber se o Princeps Senatus estava morto ou apenas inconsciente.

Quando chegou à altura da votação, esta decorreu com grande rapidez; as primeiras dezoito das trinta e cinco tribos condenaram Quinto Servilio Cepião, pelo que as outras tribos não foram convocadas. Encorajado por esta indicação sem precedentes do grau de ódio contra Cepião, Norbano pediu então à Assembleia da Plebe para impor uma sentença específica por voto: uma sentença tão dura que todos os senadores presentes vociferaram protestos vãos. Mais uma vez, as primeiras dezoito tribos escolhidas *por sorteio* votaram no *mesmo sentido, infligindo um castigo terrível* a Cepião. Foi-lhe retirada a cidadania, proibidos fogo e água a menos de oitocentas milhas de Roma, multaram-no em mil e quinhentos talentos de ouro e preso nas celas **das Lautúmias sob guarda e sem poder falar** com ninguém, nem mesmo com os membros da sua própria família, até iniciar a sua viagem para o exílio.

Por entre apertos de mãos e gritos triunfantes de que ele já não teria hipóteses de ver os seus corretores e banqueiros depositar a fortuna, Quinto Servílio Cepião, ex-cidadão de Roma, foi escoltado pelos seus lictores na pequena distância que separava o local dos Comícios das celas em ruínas das Lautúmias.

Completamente satisfeita com os acontecimentos de um dia deliciosamente excitante e pouco comum, a multidão seguiu para os seus lares, deixando no Fórum Romano meia dúzia de membros do Senado.

Os dez tribunos da plebe distribuíam-se por grupos segundo as suas reacções: Lúcio Cota, Tiro Dídio, Marco Bébio e Lúcio Antístio Regino tinham a tristeza estampada no rosto; os quatro intermediários mostravam um ar desesperado; e um exaltado Caio Norbano e Lúcio Apuleio Saturnino falavam com grande animação e muitos risos a Caio Servílio Gláucia, que viera dar-lhes os parabéns. já nenhum dos dez tribunos da plebe vestia a toga, rasgada no meio da confusão.

Marco Emílio Escauro estava sentado de costas apoiadas à base da estátua de Cipião Emiliano Africano, enquanto Metelo Numídico

tentava620

estancar o sangue que corria livremente de um corte numa têmpora; Cássio Orador e o seu companheiro inseparável (e primo direito) QuInto Múcio Cévola rondavam em torno de Escauro com ar abatido; chocados, Druso e Cepião Júnior estavam nos degraus do Senado guardados Por Marco Aurélio Cota e pelo tio de Druso, Públio Rutílio Rufo; e o cônsul júnior, Lúcio Aurélio Orestes, que não estava no melhor dos estados, visto que jazia no vestíbulo, onde um pretor preocupado o tratava.

Rutílio Rufo e Cota acorreram para amparar Cepião Júnior quando este tombou subitamente sobre o pálido e surpreso Druso que passara *um* braço à volta dos seus ombros.

- Que podemos fazer? - perguntou Cota.

Druso abanou a cabeça, demasiado emocionado para falar, e Cepião Júnior parecia não ouvir nada.

- Alguém se lembrou de mandar chamar alguns lictores para protegerem a casa de Quinto Servílio da multidão? - perguntou Rutílio Rufo, Druso conseguiu responder:

- Eu mandei chamá-los.

- E a mulher do rapaz? - perguntou Cota, indicando CepiãoJúnior.

- Ordenei que a levassem para minha casa com o bebé - disse Druso, levando a mão que tinha livre à bochecha, como se quisesse verificar se tudo aquilo estava realmente a acontecer.

Cepião Júnior estremeceu, olhou surpreendido para os três homens que o rodeavam, e disse:

- Só se interessaram pelo ouro! Nem pensaram em Arausto. Não *o* condenaram por Arausio. Só se interessaram pelo ouro!

- Faz parte da natureza humana - afirmou Rutílio Rufo com suavIdade - preocupar-se mais com o ouro do que com as vidas humanas. Druso olhou de *relance para* o tio, mas mesmo que as palavras de Rutílio Rufo fossem ditas num tom irónico, Cepião Júnior nunca teria reparado.

- Quem tem a culpa é Caio Mário - afirmou Cepião Júnior. Rutílio Rufo pôs a mão no cotovelo de Cepião Júnior.

- Vem, jovem Quinto Servílio; Marco Aurélio e eu vamos levar-te a casa do jovem Marco Lívio.

Quando avançavam em direcção às escadas do Senado, Lúcio Antístio Regino separou-se de Lúcio Cota, Dídio e Bébio e afastou-se a passos *largos* para defrontar Norbano, que recuou e tomou uma atitude *de defesa* agressiva.621

- Oh, não te preocupes! vociferou Antístio. Não iria conspurcar as minhas mãos com rafeiros como tu! Antístio empertigou-se; era um homem grande, e era evidente que tinha sangue celta. Vou às Lautúmias libertar Quinto Servílio. Nenhum homem na história da nossa República foi preso enquanto aguardava a partida para o exílio e não deixarei que Quinto Servílio seja o primeiro! Podes tentar impedir-me, se quiseres, mas mandei irem buscar a minha espada a casa, e por Júpiter, Caio Norbano, se tentares impedir-me, mato-te!

Norbano riu-se.

- Oh, leva-o! disse. Leva Quinto Servílio para tua casa e limpa-lhe as lágrimas... para já não falar do rabo! Se fosse a ti, não me aproximava da casa *dele.*

- Vê se lhe cobras bastante dinheiro! exclamou Saturnino quando a figura de Antístio quase não se via. Olha que ele pode pagar em ouro!

Antístio voltou-se e fez um gesto inconfundível com os dedos da mão direita.

Ora, nem penses que possa fazê-lo! gritou Gláucia rindo. Lá por seres uma rainha, não quer dizer que os outros também o sejam!

Caio Norbano desinteressou-se.

- Vem disse a Gláucia e Saturnino. Vamos jantar.

Embora se sentisse muito enjoado, Escauro teria preferido morrer a sofrer a desonra de vomitar em público, e por isso obrigou a sua mente agitada a concentrar-se nos três homens que se afastavam a rir, animados, vitoriosos.

- São lobisomens comentou Metelo para Numídico, cuja toga estava manchada com o sangue de Escauro. Olha para eles! Não passam de meros instrumentos de Caio Mário!

-Já podes levantar-te, Marco Emílio? perguntou Numídico.

Só quando me sentir melhor do estômago.

Parece que Públio Rutílio e Marco Aurélio levaram os dois jovens de Quinto Servílio para casa disse Numídico.

- Óptimo. Vão precisar que alguém tome conta deles. Nunca vi uma multidão tão sedenta de sangue patrício; nem nos piores dias de Caio Graco afirmou Escauro, respirando fundo. Agora, teremos de andar calmamente, Quinto Cecílio. Se nos apressarmos, os lobisomens correrão ainda mais.

Maldito sejam Quinto Servílio e mais o seu ouro! vociferou Numídico.622

Como se sentia melhor, Escauro permitiu que o ajudassem a levantar-se.

- Então, pensas que foi ele que ficou com o ouro’

Metelo Numídico fez um ar irónico.

- Vamos, não tentes ludibriar-me, Marco Emílio! - disse. - Sabe-lo tão bem como eu. É claro que foi ele quem o roubou! E nunca lhe perdoarei por isso. O ouro pertencia ao Tesouro.

- O problema - comentou Escauro quando começou a caminhar sobre o que parecia ser uma série de nuvens desiguais - e o de não termos nenhum sistema interno que permita a homens como tu ou eu punir aqueles de *entre* nós que *nos traírem.*

Metelo Numídico encolheu os ombros.

- Deves estar consciente de que não pode existir um sistema desses. Instituí-lo seria admitir que os nossos homens por vezes ficam aquém do que deviam. E se mostrarmos ao mundo as nossas fraquezas, estamos acabados.

- Antes morto que acabado - disse Escauro.

- Também acho - disse Metelo Numídico com um suspiro. - Só espero que os nossos filhos sintam o mesmo que nós.

- Isso - disse Escauro com secura - não foi delicado da tua parte.

- Marco Emílio, Marco Emílio! O teu rapaz é muito novo! Sinceramente, não vejo nele nada de errado.

- Então, queres trocar de filho?

- Não - respondeu Metelo Numídico -, nem que fosse *porque* esse gesto mataria o teu filho. O seu pior defeito é saber perfeitamente que o desaprovas.

- É um fraco - disse Escauro, o forte.

- Talvez uma boa mulher ajude - sugeriu Numídico. Escauro parou e virou-se para encarar o amigo.

- É uma ideia! Ainda não o destinei a ninguém; é tão... grosseiramente imaturo! Tens alguém em mente?

- A minha sobrinha. A filha de Dalmático, Metela Dalmática. Daquí a dois anos terá dezoito. Agora que o caro Dalmático morreu, sou o tutor dela. O que dizes, Marco Emílio?

- Negócio fechado, Quinto Cecílio!

Mal percebeu que Cepião-pai ia ser condenado, Druso *mandou O* mordomo Cratipo e todos os escravos fisicamente aptos irem até *à casa* de Servílio Cepião.623

Transtornada pelo julgamento e pelo pouco que conseguira escutar da conversa entre Cepião Júnior e Cepião-pai, Lívia Drusa pusera-se a trabalhar no tear, pois não tinha mais nada que fazer; nenhum livro a cativava, nem mesmo a poesia picante de Meléagro. Como não esperava a invasão dos servos do irmão, alarmou-se com a expressão de pânico dominado patente no rosto de Cratipo.

- Depressa, *dominilla,* junta as coisas que quiseres levar contigo! disse, observando a salinha dela. - Mandei a tua criada empacotar as tuas roupas e a ama tomar conta do bebé, e por isso só tens de apontar-me o que queres levar contigo: livros, papéis, tecidos...

Lívia Drusa olhou para o mordomo de olhos esbugalhados.

- O que foi? O que aconteceu?

- Foi o teu sogro, *dominilla.* Marco Lívio diz que o tribunal vai condená-lo - explicou Cratipo.

- Mas por que tenho de partir? - perguntou ela, aterrorizada com a ideia de voltar a ficar prisioneira na casa do irmão, agora que descobrira *a* liberdade.

- A cidade quer o sangue dele, *dominilla.* O rosto de Lívia empalideceu.

- *O sangue dele?* Vão matá-lo?

- Não. Não é assim tão grave - asseverou Cratipo, num tom consolador. - Vão confiscar os seus bens. Mas a multidão está tão furiosa que o teu irmão acha que quando acabar o julgamento muitos dos mais vingativos podem vir direitos até cá, para roubar.

Daí a uma hora, a casa de Quinto Servílio Cepião estava vazia de servos e familiares, com os portões fechados e trancados; quando Cratipo levou Lívia Drusa ao longo do ClivuN Palatinus, chegou um grande grupo de lictores, apenas de túnicas vestidas e com paus em vez *de fasces. Iam* ficar de serviço à porta da casa e manter a turba irada à distância, porque o Estado queria os bens de Cepião intactos até poderem ser catalogados e leiloados.

Servília de Cepião, estava à porta da casa de Druso para recebê-la, tão pálida como ela.

- Anda ver - disse, seguindo com Lívia Drusa em passo rápido através do jardim do peristilo e da casa, orientando-a para fora da *loggia, que* dava para o Fórum Romano.

E aproximava-se o fim do julgamento de Quinto Servílio Cepião. A turba violenta dividia-se em tribos para votar a sentença de exílio distante624

e severas perdas, uma curiosa série de linhas ondulantes que ainda se encontravam ordenadas no local dos Comícios mas que se tornaram caóticas quando se lhes reuniu a enorme multidão de espectadores. Os punhos indicavam as lutas que estavam a decorrer; os turbilhões revelavam onde estas haviam começado, *tornando-se algo* semelhante ao núcleo de um motim; nas escadas do Senado, havia muitos homens agrupados; e nos rostros, no canto do local dos Comícios, estavam os tribunos da plebe e uma pequena figura cercada pela multidão que Lívia presumiu *ser o sogro, o* seu.

Servília de Cepião começou a chorar; ainda demasiado entorpecida para conseguir chorar, Lívia Drusa aproximou-se dela.

- Cratipo disse que o povo podia ir saquear a casa do pai - afirmou ela. - Eu não sabia! Ninguém me contou nada!

Tirando o lenço, Servília de Cepião enxugou-lhe as lágrimas.

- Marco Lívio temia isto - disse. - É aquela maldita história do ouro de Tolosa! Se não a pusessem a circular, as coisas teriam sido bem diferentes. Mas a maioria das pessoas de Roma parece ter julgado o pai antes do julgamento; e por algo de que ele nem é acusado!

Lívia Drusa virou costas.

-- Tenho de ir ver onde Cratipo pôs o meu bebé.

Esse comentário provocou uma nova onda de lágrimas a Servília de Cepião, que não conseguira engravidar até ao momento, embora desejasse desesperadamente um bebé.

- Por que não terei concebido? - perguntou Servília a Lívia Drusa.

- Tens tanta sorte! Marco Lívio diz que vais ter outro bebé e eu ainda nem consegui ter o primeiro!

- Há tempo de sobra - disse Lívia Drusa, reconfortando-a. - Não te esqueças de que esperámos meses por ele depois de termos casado, e Marco Lívio Druso está muito mais ocupado do que o meu Quinto ServílIO. Dizem que quanto mais ocupado está o marido, mais dificuldade tem *a* mulher em conceber.

- Não, sou estéril -- murmurou Servília de Cepião. - Sei que sou estéril; pressinto-o! E Marco Lívio é tão meigo e compreensivo! - e desatou de novo a chorar.

- Vamos, não te arrelies tanto por causa disso - disse Lívia Drusa, que conseguira levar a cunhada até ao *átrium* onde olhou em volta e"' busca de auxílio. - Não vais tornar as coisas mais fáceis se te enfureceres. Os bebés *gostam de* barrigas calmas.625

Cratipo apareceu.

- Oh, dou graças aos deuses! - exclamou Lívia Drusa. - Cratipo, podes chamar a criada da minha irmã? E podes mostrar-me onde vou dormir e onde dormirá a pequena Servília?

Numa casa tão grande, o alojamento de várias pessoas a mais não constituía problema; Cratipo cedeu a Cepião Júnior e à mulher um dos apartamentos que davam para o jardim do peristilo e outro a Cepião-pai; a bebé Servília ficou no quarto de crianças ao longo da distante colunata.

- Que ordens devo dar para o jantar? - perguntou o mordomo a Lívia Drusa quando esta dirigia o desempacotamento das bagagens.

- Isso é com a minha irmã, Cratipo! Não quero sobrepor-me à sua autoridade.

- Ela está deitada em estado de grande perturbação, *dominilla.*

- É melhor ordenar que o jantar esteja pronto dentro de uma hora; os homens podem ter vontade de *comer.* Mas prepara-te para adiá-lo.

Houve uma agitação no jardim; Lívia Drusa saiu para ver e encontrou o seu irmão Druso amparando Cepião Júnior ao longo da colunata.

- O que aconteceu? - perguntou ela. - Posso ajudar? - Lívia Drusa olhou para Druso. - O que aconteceu? - repetiu.

- Quinto Servílio, o nosso sogro, foi condenado a um exílio a não menos de oitocentas milhas de Roma, uma multa de mil e quinhentos talentos de ouro, o que implica a confiscação de todo e qualquer bem da sua família, e a prisão nas Lautúmias até ser deportado - informou Druso.

- Mas todo o dinheiro do pai não dá cem talentos de ouro! - exclamou Drusa horrorizada.

- Claro. Por isso, nunca mais poderá regressar.

Servília de Cepião veio a correr e Lívia Drusa pensou que ela parecia Cassandra voando a fugir dos conquistadores gregos, de cabelos revoltos, olhos enormes marejados de lágrimas, boquiaberta.

- O que foi? O que foi? - gritou.

Druso acolheu-a ternamente mas com firmeza, enxugou-lhe as lágrimas e proibiu-a de lançar-se nos braços do irmão. Com este tratamento, a mulher acalmou-se subitamente, como que por magia.

- Venham, vamos todos para o teu gabinete, Marco Lívio - disse ela, seguindo à frente.

Lívia Drusa ficou para trás, aterrorizada.

- O que se passa contigo? - perguntou Servília de Cepião.

- Não podemos entrar no gabinete com os homens!626

- Claro que podemos! - disse Servília impaciente. - Não é altura para manter as mulheres da família na ignorância e Marco Lívio sabe-o. Se não ficarmos juntos, caímos juntos. Um homem forte deve ter mulheres fortes à sua volta.

Com a cabeça a andar à roda, Lívia Drusa tentou assimilar todas as viragens súbitas dos últimos momentos e acabou por entender que fora uma tola durante toda a vida. Druso contava ter à sua espera uma mulher vivamente perturbada, mas depois esperava que ela se acalmasse, e fosse extremamente prática e lhe desse apoio. E **Servília de** Cepião agira exactamente como ele esperava.

Por isso, Lívia Drusa seguiu Servília de Cepião e os homens até ao gabinete e tentou não se mostrar horrorizada quando Servília de Cepião serviu vinho puro para todos. Lívia escondeu o turbilhão dos seus pensamentos - e a sua fúria - enquanto saboreava a primeira bebida alcoólica que alguma vez provara.

Ao fim da décima hora, Lúcio Antístio Regino trouxe Quinto Servílio Cepião para casa de Druso. Cepião tinha um ar exausto mas mais irritado do que deprimido.

- Fui buscá-lo às Lautúmias - explicou Antístio, de lábios apertados. - Nenhum consular *romano será encarcerado* enquanto eu *for tribuno* da plebe! É uma afronta a Rómulo e a Quirino, e ajúpiter Optimus Maximus. Como ousaram eles?

- Ousaram porque o Povo os encorajou, tal como todos os refugiados dos jogos - disse Cepião, bebendo o vinho de uma só vez. - Além do mais estou farto de Roma - disse então, e lançou um olhar fulminante a Druso, fitando a seguir o filho. - A partir de agora, cabe-vos defender o direito da minha família a gozar dos seus antigos privilégios e da sua proeminência natural. Com as próprias vidas, se necessário. Os Mários, os Saturninos e os Norbanos têm de ser exterminados: nem que seja à faca, se for o único modo, entendem!

Cepião Júnior assentiu obedientemente, mas Druso ficou sentado com a taça de vinho na mão e de ar bastante inexpressivo.

- Pai, juro-te que a nossa família nunca virá a perder a sua *dignitas* enquanto o *paterfamilias* for eu - **proferiu Cepião Júnior solenemente;** parecia agora mais tranquilo.

”Está cada vez mais parecido com o pai”, pensou Lívia Drusa odiando-o. ”Por que o odiarei tanto? Por que me obrigou o meu irmão a casar com ele?”627

Então, a sua situação aligeirou-se, pois vira no rosto de Druso uma expressão que a fascinou, intrigou. Não parecia exactamente discordar das palavras do sogro, mas era como se estivesse a classificá-las, a arquivá-las dentro da sua mente como muitas outras coisas, das quais grande parte nem fazia sentido. E Lívia Drusa pensou subitamente que o irmão sentia uma profunda aversão pelo sogro. Oh, como Druso mudara! Enquanto Cepião Júnior nunca mudaria, limitar-se-ia a ser cada vez mais o que sempre fora.

- O que tencionas fazer, pai? - perguntou Druso.

Um sorriso de curiosidade aflorou o rosto de Cepião; a irritação desapareceu-lhe dos olhos e foi substituída por um sentimento mais complexo, *uma* mistura de triunfo, astúcia, dor e ódio.

- Meu caro rapaz, irei para o exílio, cumprindo a decisão da Assembleia da Plebe - respondeu o sogro.

- Mas para onde, pai? - perguntou Cepião Júnior.

- Esmirna.

- Como arranjaremos dinheiro? - **perguntou Cepião Júnior.** - Não é tanto por mim... Marco Lívio auxiliar-me-á... mas por ti. Como conseguirás viver confortavelmente no exílio?

- Tenho dinheiro depositado em Esmirna, mais do que o suficiente para as minhas necessidades. Quanto a ti, filho, não há razão para preocupações. A tua mãe deixou uma grande fortuna, que deixei a teu cargo. Esse dinheiro será mais do que suficiente para vos sustentar - disse Cepião.

- Mas não será confiscado?

- Não. Por dois motivos: em primeiro lugar, já se encontra em teu nome e não no *meu; e* em segundo lugar, não está depositado em

Roma. Encontra-se em **Esmirna, junto com o meu dinheiro** - o sorriso cresceu.

- Terás de viver nesta casa com Marco Lívio, durante vários anos, findos os quais começarei a enviar a fortuna para cá. E se me acontecer alguma coisa, os meus banqueiros darão seguimento a isso. Entretanto, genro, toma nota de todos os dinheiros que gastares com o meu filho. A seu tempo ele to restituirá até ao último sestércio.

Abateu-se sobre o grupo um silêncio cheio de tanta energia e emoção que era quase visível, enquanto cada um dos seus membros imaginava o que Cepião não estava a dizer; que fora ele quem *tinha* roubado o ouro de Tolosa, que o ouro de Tolosa estava agora em Esmirna e que pertencia agora a Quinto Servílio Cepião, livre, seguro e a salvo. Que Quinto Cepião era quase tão rico como a própria Roma. 628

Cepião virou-se para Antístio, silencioso como **os outros.**

- Pensaste no que te pedi no caminho para cá?

Antístio aclarou a garganta ruidosamente.

- Pensei, Quinto Servílio. E gostaria de aceitar.

- Excelente! - Cepião olhou para o filho e para o genro. - O meu caro amigo Lúcio Antístio concordou em escoltar-me até Esmirna, para me oferecer a companhia e a protecção de um tribuno da plebe. Quando chegarmos a Esmirna, tratarei de convencer Lúcio Antístio a permanecer lá comigo.

- Ainda não o decidi - disse Antístio.

- Não há pressa - afirmou Cepião calmamente; depois, esfregou as mãos como se quisesse aquecê-las. - Declaro que estou esfomeado! Há jantar?

- É evidente, pai - disse Servília de Cepião. - Se forem para a sala de jantar, eu e Lívia Drusa tratamos das coisas na cozinha.

Claro que não era bem assim que as coisas se passavam; era Cratipo que se ocupava das coisas na cozinha. Mas as duas mulheres procuraram-no, e acabaram por encontrá-lo na *loggia* que dava para o Fórum Romano, onde as sombras cresciam.

- Vejam aquilo! já tinham visto tamanha confusão? - perguntou o mordomo indignado, apontando. - Lixo por todo o lado! Sapatos, trapos, paus, restos de alimentos, garrafas de vinho, uma desgraça!

E ali estava ele, *o* seu Odisseu de cabelos ruivos, com Cneu Domício Aenobarbo na varanda da casa abaixo; tal como Cratipo, os dois homens pareciam irritados com o lixo.

Lívia Drusa estremeceu, humedeceu os lábios, olhou angustiada para o jovem tão perto dela... e no entanto tão longe. O mordomo dirigiu-se às escadas da cozinha; surgira a sua hipótese, agora que a conversa teria o *ar* de um inquérito banal.

- Irmã - perguntou -, quem é aquele homem ruivo que está *na* varanda com Cneu Domício? Vísita-o há anos, mas não sei quem é; *não* estou a localizá-lo. Sabes? Podes dizer-me?

Servília de Cepião troçou dele.

- Aquele! É Marco Pórcio Catão - disse com desdém.

- Catão? Como Catão, o Censor?

- O mesmo nome. Novos-ricos! É neto de Catão, o Censor.

- Mas a avó não era Licínia e a mãe Emília Paula? isso torna-o aceitável! - objectou Lívia Drusa, de olhos a brilhar.629

Servília de Cepião voltou a indignar-se,

- Pertence ao ramo errado, minha querida. Ele *não* é filho de Emília Paula; se o fosse, teria de ser muito mais velho do que é. Não! Não é um Catão Liciano! É um Catão Saloniano, e é bisneto de um escravo.

O mundo imaginário de Lívia Drusa alterou-se: estilhaçou-se em pequenos cacos.

- Não compreendo - disse, desorientada.

- Então não conheces a história? É filho do *segundo* casamento do filho de Catão, o Censor.

- Com a filha de *um escravo?* - inquiriu Lívia Drusa, sobressaltada.

- A filha do seu escravo, para ser mais exacta. Ela chamava-se Salónia. Considero uma desonra absoluta poderem misturar-se connosco como descendentes da primeira mulher de Catão, o Censor, Licínia! E até conseguiram entrar para o Senado. É claro - informou Servília de Cepião que os Pórcios Catões Licianos não lhes falam. Nem nós.

- Então, porque é que Cneu Domício o atura?

Servília de Cepião riu-se com um riso muito semelhante ao do seu insuportável pai.

- Os Domícios Aenobarbos não são assim tão ilustres, pois não? Têm mais dinheiro do que antepassados, apesar de tudo o que contam sobre terem herdado de Castor e Pólux o tom ruivo das suas barbas! Não sei ao certo por que motivo o aceitam. Mas posso imaginar. O meu pai tem uma versão.

- Que versão? - perguntou Lívia Drusa, de coração aos pés.

- A segunda família de Catão, o Censor, é ruiva. O próprio Catão era ruivo. Mas Licínia e Emília Paula nasceram morenas, por isso os seus filhos têm cabelos e olhos castanhos. Ao passo que Salónio, o escravo de Catão, o Censor, era um celtibero de Salo, na Espanha Citerior, e era louro. A sua filha Salónia tinha o cabelo muito claro. E foi por isso que os Catões Salonianos mantiveram o cabelo ruivo e os olhos cinzentos - Servília de Cepião encolheu os ombros. - Os

Domícios Aenobarbos tiveram de perpetuar o mito que criaram acerca das barbas ruivas herdadas do antepassado tocado por Castor e Pólux. Por isso casavam sempre com mulheres ruivas, que são raras. E se não houvesse nenhuma mulher ruiva de melhores famílias, penso que Domício Aenobarbo casaria com uma da família de Catão Salónio. São tão presunçosos que pensam que o seu sangue pode absorver qualquer coisa sem valor.

- Então, o amigo de Domício deve ter uma irmã.630

- *Tem uma irmã* - Servília de Cepião agitou-se. - Tenho de ir para dentro. Oh, que dia! Anda; o jantar deve estar pronto.

- Vai à frente - disse Lívia Drusa. - Tenho de alimentar a minha filha antes de me alimentar a mim.

A simples menção do bebé bastou para apressar a pobre Servília de Cepião, tão desejosa de ter um filho. Lívia voltou para a balaustrada e olhou para fora. Sim, Cneu Domício Aenobarbo e o seu visitante ainda lá estavam. A visita cujo bisavô era um escravo. Talvez a melancolia fosse responsável pelo escurecimento do seu cabelo, pela diminuição da estatura, da largura dos ombros. O pescoço dele parecia-lhe agora levemente ridículo, demasiado longo e magro para pertencer a um romano. Quatro lágrimas caíram, salpicando a balaustrada pintada de amarelo, mas não se lhe seguiram mais nenhumas.

”Fui uma tola, como de costume”, pensou Lívia Drusa. ”Sonhei e divaguei durante quatro anos a respeito de um homem que é afinal descendente de um escravo; um escravo real e não do mundo da fantasia. Imaginei-o como um rei tão nobre e valente como Odisseu. Vi-me como Penélope, à sua espera. E agora, descubro que não é nobre. Nem sequer *é de boasfamílias!* Afinal, quem era Catão senão um camponês de Túsculo, protegido por um patrício chamado Valério Flaco? Um verdadeiro precursor de Caio Mário. O homem da

varanda abaixo é o descendente actual de um escravo espanhol e de uma camponesa de Túsculo. Que parva! Que estúpida e idiota!”

Quando chegou ao quarto das crianças, encontrou a pequena Servília esfomeada, e sentou-se durante quinze minutos, a alimentar a pequena, cuja rotina regular tinha sido abalada pelos acontecimentos dos últimos dias.

- É melhor arranjares-lhe uma ama de leite - disse à macedónia, quando se preparava para sair. - Gostava de ter uns meses de repouso antes de voltar a conceber. E quando este bebé vier, podes arranjar amas de leite desde o início. Amamentar não impede a gravidez; senão, nãO estaria grávida.

Lívia Drusa entrou na sala de jantar quando os pratos principais estavam a ser servidos e sentou-se com a maior modéstia possível numa cadeira direita *à frente de* Cepião Júnior. Todos pareciam apreciar *a refeição;* Lívia Drusa descobriu que também tinha fome.

- Sentes-te bem, Lívia Drusa? - perguntou Cepião Júnior, um PO’Co ansioso. - *Pareces* estar adoentada.631

Surpreendida, Lívia olhou para ele, e pela primeira vez em todos os anos desde que o conhecera, não sentiu repulsa. Não, ele não tinha cabelo ruivo, nem olhos cinzentos; não era alto e elegante, nem tinha ombros largos; nunca se transformaria no rei Odisseu. Mas era o seu marido; amara-a com lealdade; era o pai dos seus filhos; e era um Romano patrício *tanto* da parte do pai como do da mãe.

Por isso dirigiu-lhe um sorriso total.

- Penso que deve ser do dia, Quinto Servílio - respondeu a mulher, com suavidade. - Há anos que não me sentia tão bem.

Encorajado pelo resultado do julgamento de Cepião, Saturnino começou a agir com uma arrogância arbitrária que agitou o Senado até aos alicerces. Logo a *seguir* ao julgamento de Cepião, Saturnino

processou Cneu Málio Máximo na Assembleia da Plebe por este ter ”perdido o seu exército”. O resultado foi semelhante: Málio Máximo, que já perdera os filhos na batalha de Arausio, perdia agora a cidadania romana e todos os bens, indo para o exílio em situação muito pior do que fora o ambicioso Cepião.

Então, no fim de Fevereiro, surgiu a lei relativa às traições, a *lex Apuleia de maiestate,* que retirava os julgamentos por traição às incómodas Centúrias e os atribuía a um tribunal especial integralmente composto por cavaleiros. O Senado não teria qualquer papel nesse tribunal. Apesar disso, os senadores poucas críticas fizeram ao decreto durante o debate obrigatório e não tentaram opôr-se à aprovação da lei.

Por maiores que fossem estas mudanças e apesar da sua inimaginável importância para o futuro governo de Roma, não atraíram o interesse do Senado ou do Povo do mesmo modo que as eleições pontificais, que decorriam ao mesmo tempo. A morte de Lúcio Cecílio Metelo Dalmático Pontifex Maximus deixara não apenas uma mas duas vagas no Colégio de Pontífices; e no entanto, como ambas tinham sido preenchidas pelo mesmo homem, havia quem argumentasse que bastava uma só eleição. Mas como Escauro Princeps Senatus fez notar, de voz perigosamente trémula e lábios a tremer, tal coisa apenas seria possível se o homem que fosse eleito *pontifex* também se candidatasse ao cargo superior. Por fim, ficou acordado que o Pontifex Maximus seria eleito em primeiro lugar.

- Então se verá - disse Escauro, respirando fundo e dando apenas uma risada.632

Escauro Princeps Senatus e Metelo Numídico tinham-se candidatado ao cargo de Pontifex Maximus, tal como Catulo César. E Cneu Domício Aenobarbo.

- Se eu for eleito, Quinto Lutácio também será; e terá de haver uma segunda eleição para o *pontifex,* pois ambos nos encontramos já no

colégio - afirmou Escauro, controlando a voz heroicamente.

Entre eles encontrava-se um tal Servílio Vata, um Élio Tuberão e Metelo Numídico. E Cneu Domício Aenobarbo.

A nova lei estipulava que dezassete das trinta e cinco tribos seriam escolhidas por sorteio, e que só essas votariam. Fez-se o sorteio e determinaram-se as dezassete tribos que iriam votar. Tudo isto foi feito num espírito de bom humor e grande tolerância; nada de violências no Fórum Romano naquele dia! Porque Escauro Princeps Senatus não era o único que ria entredentes. Nada agradava mais ao sentido de humor dos Romanos do que uma questiúncula envolvendo os nomes mais augustos das listas dos censores, em especial quando a parte ofendida conseguia virar tão habilidosamente as coisas contra os ofensores.

Cneu Domício Aenobarbo era o herói do momento. Por isso, ninguém se surpreendeu muito quando o elegeram Pontifex Maximus, tornando desnecessária uma segunda eleição. Por entre palmas e fiadas de flores atiradas ao ar, Cneu Domício Aenobarbo obteve a vingança perfeita sobre aqueles que haviam passado o cargo sacerdotal do seu falecido pai ao jovem Marco Lívio Druso.

Escauro desatou a rir às gargalhadas no momento da leitura do resultado, para grande desgosto de Metelo Numídico, que não conseguia ver piada nenhuma em tudo aquilo.

- Marco Emílio, és o *máximo!* É vergonhoso! - lamentou-se. - Esse *pipinna* mal-humorado e libertino para Pontifex Maximus? Depois dO meu irmão, Dalmático E em alternativa a ti? Ou a mim - Metelo Numídico bateu com o punho num dos beques dos barcos volscos que haviam dado o nome aos rostros. - Se há alturas em que *detesto* os Romanos é quando o seu sentido pervertido do ridículo ultrapassa o sentido normal da justeza! Consigo perdoar mais facilmente a aprovação da lei *de* Saturnino do que esta! Ao menos, numa lei de Saturnino, as opiniões fundadas do povo estão

presentes. Mas isto... esta farsa? É uma *irresponsabilidade* total! Apetece-me ir para o exílio com Quinto ServíliO, de tanta vergonha que sinto.633

Mas quanto maior era a fúria de Metelo Numídico, mais Escauro se ria. Por fim, controlando-se e olhando para Metelo Numídico através de uma cortina de lágrimas, conseguiu dizer a custo:

- Pára de te comportares como uma Vestal velha ao deparar com um par de bolas peludas e um pénis erecto! É hilariante! E merecemos tudo o que ele nos cozinhou! - E Escauro teve um novo acesso de riso, emitindo o som de um gatinho que tivesse sido pisado. Metelo Numídico afastou-se.

Numa das suas raras cartas para Rutílio Rufo, que o destinatário recebeu em Setembro, Mário escrevia o seguinte:

Bem sei que devia escrever com mais frequência, velho amigo, mas o problema é que não sou um bom correspondente. Agora, as tuas cartas são como um pedaço de cortiça atirado a um náufrago, cheias como estão de ti; sem floreados nem formalismos. Isso mesmo! Consegui fazer estilo, mas não calculas com que esforço.

É verdade que tens ido ao Senado aturar os grunhidos do nosso Suíno contra os custos que o Estado tem de suportar para manter um exército de capite censi *mais um ano parado no extremo dos Alpes? E como conseguirei obter o meu quarto mandato como cônsul pela terceira vez consecutiva? Evidentemente, é o que tenho de fazer Senão, perco tudo. Porque o próximo ano, Públio Rutílio, será o ano dos Germanos. Pressinto-o. Sim, admito que ainda não tenho bases para dizê-lo, mas quando Lúcio Cornélio, e Quinto Sertório regressarem, estou certo de que será isso o que dirão. Não recebo notícias deles desde o ano passado, quando vieram trazer-me o rei Copillus. E embora me alegre por os meus dois tribunos da plebe terem conseguido condenar Quinto Servílio Cepião, ainda me sinto triste por não ter podido fazê-lo eu mesmo, tendo Copillus por*

testemunha, Mas não faz mal. Quinto Servílio teve a recompensa que merecia. É pena que Roma nunca mais ponha a vista em cima do ouro de Tolosa; teria de ser usado para pagar muitos exércitos de capite censi.

*Por aqui, a vida corre como de costume. A Via Domícia está agora como nova desde Nemauso até Ocelum, o que irá, de futuro, facilitar a marcha às legiões. Estava em ruínas. Algumas partes não eram reparadas desde que o tata do nosso Pontifex Maximus por aqui passou, hádois anos. As inundações, geadas e o escoamento de cargas de água súbitas tornaram o trabalho árduo. Claro que não é o mesmo que construir uma estrada nova, Uma vez colocadas as pedras, a base permanece lá para sempre. Mas os homens, carroças e montadas não Podem passar em segurança pelos altos e baixos das pedras salientes. A superfície superior de*634

areia e pó de pedra têm de ficar lisas como cascas de ovo e ser regadas até formarem um bloco parecido com argamassa. Acredita no que te digo: neste momento, a Via Domícia é um crédito para os meus homens.

A propósito, também construímos uma passagem através dos pântanos do Ródano, de Nemauso a Arelas. E estamos a acabar um novo canal desde o mar até Arelas, através dos lodaçais, pântanos e bancos de areia. Todos os gregos importantes de Massília me agradecem profundamente, como hipócritas que são. Mas faço notar que essa gratidão não fez baixar os preços do que quer que vendam ao meu exército!

Caso venhas a ouvir falar nisso e a história chegue até ti distorcida - como sempre acontece nas histórias que se contam acerca de mim e dos meus - vou contar-te o que aconteceu a Caio Lúsio. Se bem te recordas, é o filho da irmã da minha cunhada. Caio Lúsio veio ter comigo como tribuno dos soldados. Só que não era esse opapel que ele queriajunto dos soldados. O meu chefe dapolícia militar veio ter comigo há duas semanas com o que pensou ser uma notícia

péssima. Caio Lúsio fora encontrado morto nas barracas dos soldados, rasgado da garganta ao estômago com o mais perfeito golpe de espada que qualquer comandante podia exigir de um soldado. O culpado entregou-se; também é bom rapaz, dos melhores, segundo me disse o seu centurião. Acontece que Lúsio era maricas e tinha um fraco por este soldado. E estava sempre a importuná-lo, nunca o largava, Então passou a ser motivo de troça nas centúrias, e todos faziam gestos efeminados e agitavam as pestanas. O desgraçado do jovem soldado não podia sobrepor-se-lhe. Resultado: o assassínio. Seja comofor, tive de julgá-lo em tribunal militar, e devo dizer-te que tive grande prazer em absolvê-lo com um louvor, uma promoção e uma bolsa cheia de dinheiro. Lá voltei afazer um pouco de estilo literário.

O assunto também teve efeitos positivos para mim. Em primeiro lugar, consegui provar que Lúsio não era meu parente em linha directa. E em segundo lugar, foi uma hipótese de mostrar aos soldados que o seu general faz cumprir a justiça como deve ser, sem favoritismo pelos membros da suafamília. Devem existir ocupações possíveis para um maricas, mas está provado que as legiões não são o melhor lugar, não ***concordas, Públio Rutílio?*** *Imaginas o que teríamos feito a Lúsio na Numância? Não teria escapado com uma morte decente; teria ficado a cantar em tom de soprano. Embora se acabe sempre por crescer. Nunca me esquecerei do choque que tive ao ouvir algumas das coisas que se disseram de Cipião Emiliano no seu funeral! Não sei se serão histórias verdadeiras, pelo que conheci dele, Era um sujeito estranho, mas penso que surgem sempre histórias destas acerca dos homens que não procriam.*635

E estou achegar aofim. Ah, introduzi este ano algumas mudanças no pilum e espero que a nova versão se torne modelo padrão. Se tiveres algum dinheiro de parte, compra algumas acções numa das novas fábricas dedicadas ao seu fabrico. Ou então, cria tu mesmo uma fábrica - desde que o edifício te pertença, os censores não podem acusar-te de práticas não-senatoriais, não é verdade?

De qualquer modo, o quefizfoi mudar o desenho da junção da haste deferro com a de madeira. O pilum *é uma peça muito eficaz em comparação com a lança do tipo hasta, mas não há dúvida de que é muito mais dispendiosa. Tem uma pequena ponta com barbela em vez da grande ponta em forma defolha; uma longa haste de ferro e uma haste de madeira talhada de forma a adequar-se ao arremesso em vez da pega da antiga haste. Ao longo dos anos, tenho vindo a reparar que o inimigo adora apanhar exemplares do* pilum, *e por isso provoca propositadamente as nossas tropas inexperientes, atacando quando elas não conseguem atingir os escudos inimigos. A seguir, ou guardam o pilum para usar noutra altura ou no-lo lançam de volta.*

Ora eu descobri um modo de unir a haste de ferro à de *madeira com um prego fraco. Mal o pilum sofre qualquer embate, parte-se pela junta e o inimigo não pode voltar a lançá-lo contra nós ou partir com ele. Além do mais, nas batalhas que ganharmos, os armeiros podem apanhar os pedaços partidos e voltar a uni-los. Isso poupa-nos dinheiro e vidas, pois o inimigo não pode voltar a arremessar os bocados. E não tenho mais notícias. Escreve em breve.*

Rutílio Rufo pousou a carta com um sorriso. Não era demasiado elaborada nem graciosa, nem escrita com grande estilo. Mas era esse o estilo de Caio Mário. Ele era como as suas cartas. No entanto, a sua obsessão com o consulado era preocupante. Por um lado, entendia o que levava Caio Mário a permanecer no cargo de cônsul até os Germanos serem derrotados: Mário sabia que mais ninguém os venceria. Por outro lado, Rutilio Rufo era um romano que pertencia demasiado à sua classe para aprovar sequer que se desse a menor importância aos Germanos. Estaria Roma tão modificada pelas inovações políticas de Mário que a Roma de Rómulo já não fazia sentido? Rutílio Rufo desejava conhecer a resposta a essa questão. Era muito difícil gostar de um homem como ele gostava de Mário e viver com o rasto de tradições arruinadas que esse homem deixava atrás de si. *O pilum,* por Juno! Não poderia ele deixar *nada* como estava?

Públio Rufo sentou-se e respondeu à carta. Porque gostava de Caio Mário.636

O Verão tem sido bastante calmo, pelo que receio não ter muitas novidades, querido Caio Mário. Nada de importante, pelo menos. O teu estimado colega Lúcio Aurélio Orestes, o cônsuljúnior, não se encontra de boa saúde; mas a saúde dele já não era boa quando foi eleito. Não entendo por que motivo ficou, excepto talvez por sentir que merecia o cargo. Ainda se está para ver se o merecia realmente ou não. De certo modo, duvido da primeira hipótese.

As notícias quase se resumem a um ou dois escândalos, mas sei que os apreciarás tanto como eu. Tem interesse notar que ambos têm a ver com o teu tribuno daplebe, Lúcio Apuleio Saturnino. Como sabes, éum sujeito extraordinário. Uma contradição pegada. Costumo pensar que é pena Escauro tê-lo excluído. Estou certo de que Saturnino entrou para o Senado com a intenção clara de ser o primeiro Apuleio a ocupar a cadeira curul. Agora, está morto por deitar abaixo o Senado atéos senadoresficarem reduzidos a máscaras de cera. Sim, ouço-te dizer que estou a ser demasiado pessimísta e que exagero, e que a minha visão das coisas se encontra deformada pelo meu amor à tradição Mas ainda assim, tenho razão! Desculpar-me-ás, espero, por nomear as pessoas apenas pelo cognomen. A *carta vai ser longa e assim pouparei palavras.*

Saturnino foi vingado. O quepensas disto? É um facto, espantoso que muito honra o nosso venerado Princeps Senatus, Escauro. Tens de admitir que é um homem muito melhor que o seu fiel companheiro Suíno. Mas é essa a diferença entre um Emílio e um Cecílio.

Sabes - sei que o sabes pois fui eu que to contei - que Escauro permaneceu no cargo de procurador do aprovisionamento de cereais e passa o tempo entre óstia e Roma, a fazer a vida negra aos comerciantes, que não têm lucros nenhuns. A incrível estabilidade

dos preços dos cereais durante as duas últimas colheitas apesar da escassez apenas se deve a um único homem: Escauro!

Sim, vou terminar o panegírico e continuara história. Parece que quando Escauro estava em óstia há dois meses, encontrou um agente comprador de cereais que trabalha habitualmente na Sicília. Não há necessidade de te pôr a par da revolta dos escravos aí ocorrida, porque lês regularmente os despachos oficiais do Senado. Só quero dizer-te que me parece que este ano enviámos o homem certo para governar a Sicília. Lúcio Licíno Lúculo poderá ser um aristocrata demasiado altivo, mas é tão minucioso nos relatórios que envia para a Assembleia como no campo de batalha,

*Acreditas que um pretor idiota - um dos Servílios de ascendência mais dúbia (não achas uma boa expressão?) que conseguiu comprar o cargo de augure com o dinheiro do seu patrono Aenobarbo e agora se intitula Caio Servilio Augure! teve a ousadia de acusar Lúculo de ter prolongado deliberadamente a guerra na Sicília para assegurar a prorrogação do seu comando até ao próximo ano?*637

E em que se baseava para fazer essa acusação espantosa?, ouço-te perguntar. É que depois de Lúculo ter derrotado o exército escravo de um modo tão decisivo, não se apressou a tomar Triócala e deixou mortos no campo de batalha trinta e cinco mil escravos, aumentando assim a oposição a Roma dos grupos de escravos resistentes da área de Heracleia Minoa! Lúculo fez o que devia: depois de ter derrotado os escravos em combate, levou uma semana a ocupar-se dos mortos e a acabar com os grupos de resistentes antes de ir para Triócala, onde os escravos sobreviventes se tinham rendido. Mas Servílio, o Augure, diz que Lúculo devia ter ido até Triócala o mais depressa possível logo a seguir ao combate, pois - alega ele opânico era tal entre os escravos, que estes se teriam rendido imediatamente! Mas acontece que quando Lúculo chegou a Triócala os escravos tinham dominado o pânico e decidido continuar a lutar. E como recebeu Servílio, o Augure, esta informação?, perguntarás. Pelos seus augúrios, naturalmente! De que outra forma

podia saber em que estado de espírito se encontrava uma multidão de escravos rebeldes fechados numa fortaleza impenetrável? E alguma vez te pareceu que Lúculo possuía a desonestidade suficiente para travar uma batalha, e a seguir delinear um plano que lhe garantisse a prorrogação do mandato como governador? Que sórdido! Lúculo procedeu de acordo com a sua natureza: arrumou alfa antes de passar a beta.

Fiquei chocado com o discurso de Servílio, o Augure, e mais chocado ainda quando Aenobarbo Pontifex Maximus começou a vociferar o seu apoio à série disparatada das suas alegações! É evidente que todos os generais de segunda linha que não percebem nada de batalhas acharam que Lúculo era infame! A seu tempo se verá, mas não te surpreendas se ouvires dizer que a Assembleia decidiu em primeiro lugar, não prorrogar o comando de Lúculo, e em segundo lugar, dar o cargo de governador da Sicília a Servílio, o Augure. Que apenas iniciou esta caça ao traidor para se tornar governador da Sicília no próximo ano! É um posto fácil para alguém tão inexperiente como ele, já que Lúculo fez todo o trabalho que era preciso fazer. A derrota em Heracleia Minoa fez com que os escravos sobreviventes se fechassem numa fortaleza de onde não podem sair, porque Lúculo os cercou. Lúculo conseguiu levar os agricultores suficientes de volta às suas terras, de forma a assegurar a colheita deste ano, e os campos da Sicília já não estão a ser devastados pelo exército de escravos. O novo governador, Servílio Augure, só precisará de entrar no cenário já montado, fazendo vénias à direita e à esquerda e recolhendo os louros. Caio Mário, a ambição aliada à falta de talento é das piores coisas do mundo.

Edepol, edepol, *já divaguei demasiado! Fui tomado de indignação pela desgraça de Lúculo. Lamento-o profundamente. Mas voltemos à história de Escauro*[638]

em Óstia e à hipótese de ele se encontrar com o comerciante de cereais da Sicília. Quando se pensou que um quarto dos escravos dos campos da Sicília seriam libertados antes da colheita do ano passado, os mercadores calcularam que um quarto dessa colheita ficaria

abandonada nos campos devido à falta de mão-de-obra para apanhar o trigo. Por isso ninguém teve o cuidado de comprar essa última parte. Até ao período de duas semanas durante o qual Nerva libertou oitocentos escravos italianos. E o agente de Escauro pertencia ao grupo que percorreu a Sicília durante as tais duas semanas, comprando freneticamente o último quarto da colheita a um preço ridículo. A seguir, os plantadores intimidaram Nerva a fechar os tribunais de libertação, e de súbito, a Sicília voltou a ter mão-de-obra suficiente par a garantir a recolha da totalidade da safra. E assim, o último quarto, vendido por uma ninharia, pertencia agora a uma ou a várias pessoas desconhecidas, e vislumbrava-se o motivo do aluguer de todo e qualquer silo vazio existente entre Putéolos e Roma. O último quarto iria ser armazenado nesses silos até ao ano seguinte, quando era provável que a insistência de Roma para que os escravos italianos fossem libertados tivesse dado origem a uma produção menor do que a colheita da Sicília. E o preço dos cereais fosse alto.

Só que aquelas pessoas desconhecidas não contavam com a revolta dos escravos. A colheita não se fez. Por isso, o grande esquema para ter um lucro enorme a partir do último quarto da colheita não resultou e os silos continuaram vazios.

No entanto, voltemos às duas semanas frenéticas em que Nerva libertou alguns escravos italianos e ao grupo de compradores que se dispersaram para comprar o resto dos cereais: mal isto sucedeu e os tribunais foram fechados, o nosso grupo de compradores foi atacado por bandidos e foram todos mortos. Ou foi o que os bandidos pensaram. Um deles o que falara com Escauro em Óstia fingiu que estava morto e sobreviveu.

Escauro pressentiu qualquer coisa. Que intuição! E que cabeça! Percebeu logo tudo, embora o comprador de cereais não tenha compreendido. E como gosto dele, apesar do seu conservadorismo encapotado! A farejar como um terrier, *descobriu que essas pessoas desconhecidas não eram senão o teu colega consular do ano passado, Caio Elávio Fímbria e o governador deste ano da Macedónia, Caio Mémio! No ano passado haviam lançado uma pista falsa ao nosso* terrier *Escauro que o levava directamente ao questor de Óstia: nada menos que o nosso turbulento tribuno da plebe Lúcio Apuleio Saturnino.*

Mal recolheu todas as provas, Escauro levantou-se e pediu duas vezes perdão a Saturnino; uma vez na Assembleia e outra nos Comícios. Estava envergonhado mas não perdeu a dignitas, *como é evidente. Toda a gente adora uma pessoa que saiba fazer um pedido de desculpas sincero e elegante. E devo dizer-te que Saturnino*639

nunca atacou Escauro quando regressou à Assembleia como tribuno da plebe. Saturnino também se levantou, uma vez na Assembleia e outra nos Comícios, dizendo a Escauro que nunca tivera ressentimentos, que percebera a astúcia dos verdadeiros patifes, e estava agora extremamente grato por ter recuperado a sua reputação. E assim, Saturnino também não perdeu a dignitas. *Todos adoram uma pessoa que saiba receber com modéstia uma desculpa gentil.*

Escauro também atribuiu a Saturnino a tarefa de acusar Fímbria e Mémio no seu novo tribunal de traição, e, como era de esperar, Saturnino aceitou. E agora estamos ansiosos por ver muita lenha e pouco fumo quando Fímbria e Mémio forem julgados. Imagino que serão condenados num tribunal composto por cavaleiros, pois muitos dos cavaleiros que se dedicavam ao negócio dos cereais perderam dinheiro, e Fímbria e Mémio são considerados culpados por tudo o que aconteceu na Sicília. E o resultado é que por vezes os verdadeiros patifes apanham o que merecem. A outra história de Saturnino é muito mais engraçada e intrigante. Ainda não consegui entender o que nos anda a preparar o nosso tribuno da plebe.

Há cerca de duas semanas apareceu no Fórum um sujeito que subiu aos rostros então livres, pois não havia reunião dos Comícios e os oradores amadores tinham decidido tirar uma folga e anunciou a todos que o seu verdadeiro nome era Lúcio Equício, que era um homem liberto e cidadão romano de Firmum Picenum, e agora ouve, Caio Mário, pois isto é magnífico! que era filho ilegítimo de Tibério Semprónio Graco!

O homem trazia a história na ponta da língua. Resumindo, é a seguinte: a sua mãe era uma mulher romana liberta de condição humilde que se apaixonou por Tibério Graco, o qual também se apaixonou por ela. Mas é óbvio que a sua ascendência não era de molde a permitir-lhes casar, pelo que ela se tornou sua amante e passou a viver numa casa pequena mas confortável numa das herdades de Tibério Graco. A seu devido tempo, nasceu Lúcio Equício a mãe chamava-se Equícia.

Depois, Tibério Graco foi assassinado e Equícia morreu logo a seguir, deixando o filho pequeno a cargo de Cornélia. Mas a mãe dos Gracos não gostava da ideia de ter sido escolhida para tutora do bastardo do seu próprio filho, e entregou-o aos cuidados de um casal de escravos da sua herdade de Miseno. A seguir, ordenou que o vendessem como escravo a pessoas de Firmum Picenum.

Lúcio Equício, segundo diz, não sabia quem era. Mas se fez as coisas que diz ter feito, não era criança nenhuma quando morreu o pai, Tibério Graco, e nesse caso está a mentir. De qualquer modo, depois de ter sido vendido, trabalhou tão diligentemente e tornou-se tão amado pelos donos, que na altura da morte do seu pater famílias, *não só foi alforriado como herdou afortuna da família, pois*640

não havia herdeiros de sangue, por assim dizer. A sua educação fora excelente e o rapaz meteu-se em negócios com o dinheiro que herdara. Ao longo dos muitos anos que se seguiram, serviu nas nossas legiões e pela história que conta, deveria ter cerca de cinquenta anos, quando na verdade parece ter trinta.

Então, encontrou um sujeito que fez um grande alarido acerca da sua parecença com Tibério Graco. Sempre soubera que era italiano e não estrangeiro, e segundo diz, sempre se interrogara sobre a sua paternidade. Encorajado pela descoberta de que era parecido com Tibério Graco, localizou o casal de escravos em cuja casa o alojara Cornélia, a mãe dos Gracos, e soube da história do seu nascimento. Não é magnífico? Ainda não decidi se isto é uma tragédia grega ou uma farsa romana.

É evidente que os nossos crédulos frequentadores do Fórum ficaram furiosos, e daí a um ou dois dias Lúcio Equício era considerado em todo o lado como filho de Tibério Graco. É pena que os seus filhos legítimos já estejam mortos, não achas? Lúcio Equício tem, com efeito, uma semelhança notável com Tibério Graco - e bem inquietante, por sinal: fala como ele, anda como ele, faz os mesmos gestos e até coça o nariz do mesmo modo. O que me espanta é o facto de a parecença ser demasiado perfeita. Assemelha-se mais a um gémeo do que a um filho. Os filhos não se assemelham aos pais em todos os pormenores, como tenho reparado, e muitas mulheres a quem alguém faz um filho ficam profundamente agradecidas por isso, e passam grande parte da sua energia pós-parto garantindo ao pai do seu rebento que este é o retrato vivo do tio-avô Tidlipus. Caramba!

A seguir, o Senado inteiro vê Saturnino levar o seu Lúcio Equício e subir com ele aos rostros, e encorajar Equício a reunir apoiantes. Não passara ainda uma semana e já Equício era o herói de Roma, tanto dos tribunos da plebe como dos homens dos capite censi; *negociantes, empregados de loja, artesãos, pequenos proprietários rurais a nata da Quarta e Quinta Classes. Sabes a quem me refiro, Todos eles adoravam o chão que os irmãos Gracos pisavam; todos esses homens diligentes que nem sempre têm direito ao voto mas votam nas suas tribos com a frequência suficiente para se sentirem superiores aos homens libertos e aos* capite censi. *São daqueles homens demasiado orgulhosos para aceitarem a caridade mas que não têm dinheiro que chegue para pagar os preços astronómicos dos cereais.*

Os Pais Conscritos do Senado, em especial os que usam togas debruadas a púrpura, começaram a ficar um pouco preocupados com esta adulação e também um pouco aborrecidos, graças à *participação de Saturnino, que é o verdadeiro mistério. No entanto, o que poderiam fazer? Por fim, o nosso novo Pontifex Maximus, Aenobarbo (tem uma nova alcunha que se lhe adapta na perfeição:* pipinna, *propôs que a irmã dos Gracos (e viúva de Cipião Emiliano, como se alguma vez*641

pudéssemos esquecer as rixas que aquele casal tinha!) fosse levada aos rostros, para se confrontar com o alegado impostor.

Isso aconteceu há três dias. Saturnino ficou de lado, a sorrir com ar de tolo - só que não é tolo, e por isso, o que andará a tramar? e Lúcio Equício fitava aquela mulher encarquilhada com um olhar ausente. Aenobarbo Pipinna fez uma pose pontifical, pegou em Semprónia pelos ombros o que não lhe agradou muito, porque o sacudiu como a uma aranha peluda e perguntou com voz de trovão: Filha de Tibério Senprónio Graco Sénior e de Camélia Africana, reconheces este homem?

Como se esperava, ela respondeu secamente que nunca o vira na vida, e que o seu muito querido e amado irmão Tibério nunca romperia os laços sagrados do matrimónio, pelo que tudo aquilo era um completo disparate. A seguir, começou a espancar Equício com a sua bengala de marfim e ébano, e a cena transformou-se na mímica mais vergonhosa que alguma vez se viu. Não deixo de pensar que Lúcio Camélia Sila deveria ter lá estado. Teria delirado com aquilo!

No final, Aenobarbo Pipinna (adoro aquela alcunha! Imagina que lhe foi dada por Metelo Numídico!) teve de arrastá-la dos rostros, com toda a audiência às gargalhadas e Escauro a rir até às lágrimas, que aumentaram ainda mais quando Pipinna e o Bacorinho o acusaram de leviandade pouco própria de um membro do Senado.

Mal Lúcio Equício voltou a ficar sozinho nos rostros, Escauro foi ter com ele e perguntou-lhe se conhecia aquele velho horror. Equício respondeu que não, o que provava que, ou não dera ouvidos à apresentação de Aenobarbo, ou estava a mentir. Mas Saturnino explicou-lhe com simpatia e em breves palavras que era a tiazinha Semprónia, irmã dos irmãos Gracos. Equício pareceu surpreendido, disse que nunca vira a sua Tia Semprónia e que muito o espantaria que Tibério Graco nunca tivesse falado à irmã da sua amante e do filho, que viviam numa das herdades de Semprónio Graco.

A multidão gostou do bom senso patente na resposta dele, e continua a acreditar implicitamente que Lúcio Equício é filho bastardo de Tibério Graco. E o Senado para já não falar de Aenobarbo está indignado. Todos compartilham dessa disposição, à excepção de Saturnino, que se desfaz em sorrisos, de Escauro, que se limita a rir, e de mim. Vejamos o que vai acontecer!

Públio Rutílio deu um suspiro e esticou a mão dorida, desejando conseguir ter a dificuldade de Caio Mário a escrever cartas; talvez fosse levado a incluir todos os pormenores deliciosos que constituíam a diferença entre uma missiva de cinco parágrafos e outra de cinquenta e cinco.642

E isto, Caio Mário, é tudo o que tenho a dizer-te. Se ficar aqui sentado mais um momento que seja, pensarei em histórias mais divertidas e ainda adormeço com o nariz dentro do tinteiro. Gostava que houvesse um modo de salvaguardares o teu comando que fosse melhor e mais de acordo com a tradição romana do que voltares a concorrer ao consulado. Nem vejo bem como poderás resolver isso. Mas devo dizer que o farás. Mantém-te de boa saúde. Lembra-te de que já não és nenhum franganote, és um galo velho, e por isso tem cuidado para não caíres e partires algum osso. Voltarei a escrever-te quando acontecer alguma coisa de interessante.

Caio Mário recebeu a carta no início de Novembro e preparou-se para lê-la com grande animação quando Sila chegasse. Sila

regressara de vez, visto que cortara o enorme bigode pendente e os cabelos. E enquanto Sila tomava banho na maior das felicidades, Mário leu-lhe a carta, ridiculamente feliz por Sila estar de volta para partilhar prazeres daquele género.

Instalaram-se os dois no gabinete privado do general e Mário deu instruções para não ser incomodado, nem mesmo por Mânlio Aquílio.

- Tira esse maldito colar! pediu Mário quando Sila, vestido de toga, à romana, se inclinou, pondo à vista aquele enorme ornamento de ouro.

Mas Sila abanou a cabeça, sorrindo e tocando nas magníficas cabeças de dragões que formavam os extremos do círculo quase completo do colar.

- Não me parece que alguma vez venha a tirá-lo, Caio Mário. É bárbaro, não achas?

- Não é próprio de um romano resmungou Mário.

- O problema é que se tornou o meu talismã da sorte, por isso não posso tirá-lo, pois arrisco-me a que a minha sorte se vá com ele - Sila instalou-se num leito com um suspiro de volúpia. Oh, a felicidade de voltar a reclinar-me como um homem civilizado! Há tanto tempo que sento o rabo em bancos duros de madeira, que já começava a pensar que teria sonhado que existiam raças que se reclinavam para comer. E como é bom regressar à *contenção.* Tanto os Gauleses como os Germanos fazem tudo até ao excesso: comem e bebem até vomitarem por todo o lado, ou então quase morrem à fome quando fazem incursões ou travam combates sem se lembrarem de levar provisões. Ah, mas são ferozes, Caio Mário! *Corajosos!* Digo-te, se tivessem um décimo da nossa organização e autodisciplina, não poderíamos vencê-los.643

- Felizmente para nós, não têm nem um centésimo de cada uma dessas qualidades, e por isso podemos derrotá-los. Pelo menos,

parece-me que é o que estás a sugerir. Bebe este vinho; é de Falerno.

Sila bebeu em goles grandes mas com lentidão.

- Vinho! Néctar dos deuses, bálsamo para um coração desolado, remédio para o espírito! Como terei conseguido viver sem ele? - Sila riu-se.

- Tanto me faz se não voltar a ver *um chifre* de cerveja ou uma caneca de hidromel até ao fim da vida! O vinho *é civilizado.* Não provoca vómitos, nem peidos, nem estômagos dilatados; a cerveja transforma um homem numa cisterna ambulante.

- Onde está Quinto Sertório? Espero que esteja bem.

- Vem a caminho mas viajámos separados, e queria falar-te *em* particular, Caio Mário - respondeu Sila.

- Como queiras, Lúcio Cornélio, desde que me ponhas a par dos acontecimentos - explicou Mário, olhando-o afectuosamente.

- Nem sei por onde começar.

- Então, começa pelo princípio. Quem são eles? De onde vêm? Há quanto tempo andam em viagem?

Sila fechou os olhos, enquanto saboreava o vinho.

- Eles não se intitulam Germanos e também não se consideram um único povo. Compõem-se de vários povos: os Cimbros, os Teutões, os Marcomanos, os Queruscos e os Tígurínos. A pátria dos Címbros e dos Teutões é uma longa e vasta península a norte da Germânia, vagamente descrita por alguns dos geógrafos gregos, que lhe chamaram o Quersoneso Cimbro. Parece que a metade mais distante a norte era a pátria dos Cimbros e a metade que se ligava ao continente da Germânia seria a pátria dos Teutões. Embora se

considerem povos separados, é muito difícil detectar as características físicas específicas de cada um desses povos, apesar de as suas línguas terem algumas diferenças, o que não os impede de se entenderem.

”Não eram nómadas mas também não cultivavam cereais nem se dedicavam à **agricultura tal como nós a entendemos. Parece que** estavam mais habituados à humidade no Inverno do que à neve, e o solo dava-lhes uma erva magnífica durante todo o ano. Por isso viviam inteiramente da criação de gado bovino e do cultivo de aveia e centeio. Alimentam-se de carne de vaca e bebem leite, comem alguns legumes, pão preto e papas de aveia.

”E na altura da morte de Caio Graco, há cerca de vinte anos, tiveram um ano de inundações. Havia demasiada neve nas montanhas para644

alimentar os seus grandes rios, caiu demasiada chuva dos céus, houve ventanias ferozes e ondas muito altas. O oceano Atlântico cobriu toda a península. E quando o mar recuou, o solo estava demasiado salgado para que a erva pudesse nascer, e os poços ficaram salobros. Então, construíram carroças, reuniram o gado e os cavalos sobreviventes e partiram em busca de uma nova pátria.”

Mário escutava atento, cheio de interesse e entusiasmo, sentado muito direito na cadeira, esquecido do vinho.

- Todos eles? Quantos eram? - perguntou.

- Não foram todos. Os idosos e os mais fracos levaram uma paulada na cabeça e foram enterrados em enormes elevações tumulares. Apenas os guerreiros, as mulheres jovens e as crianças migraram. Segundo a minha estimativa, foram cerca de seiscentos mil os que atravessaram o vale do enorme rio que conhecemos por Elba, rumo ao sudoeste.

- Mas creio que essa parte do mundo é pouquíssimo povoada - comentou Mário, franzindo as sobrancelhas. - Porque é que não se fixaram ao longo do Elba?

Sila encolheu os ombros.

- Quem sabe, se eles mesmos desconhecem o motivo? Devem ter-se colocado na mão dos seus deuses, à espera de um sinal divino que lhes mostrasse terem encontrado uma nova pátria. Certamente não se depararam com grande oposição à medida que iam avançando, pelo menos ao longo do Elba. Por fim, chegaram à nascente do rio e viram montanhas altas pela primeira vez na vida. O Quersoneso Cimbro era liso e baixo.

- É evidente que podia ser inundado pelo oceano - afirmou Mário, e levantou logo uma mão, dizendo: - Não. Não tinha a intenção de ser sarcástico, Lúcio Cornélio! Não tenho jeito para falar, nem tenho muito tacto - Mário levantou-se para voltar a encher a taça de Sila. - Suponho que as montanhas os afectaram imenso.

- Com efeito. Os seus deuses eram deuses celestes, mas quando viram aquelas enormes torres cujas pontas tocavam nas nuvens, começaram a adorar os deuses que, segundo acreditavam, viveriam por baixo dessas torres, afastando-os do solo. Desde então, nunca mais se afastaram das montanhas. No quarto ano, atravessaram uma vertente alpina e passaram das águas do Elba para as do Danúbio, um rio que conhecemos melhor. E depois, viraram rumo ao leste, seguindo o Danúbio em direcção às planícies dos Getas e dos Sármatas.645

- Então, era para aí que se dirigiam? - perguntou Mário. - Para o mar Euxino?

- Assim parece - respondeu Sila. - No entanto, os Bóios impediram-nos de penetrar na bacia do Norte da Dácia e viram-se obrigados a seguir o curso do Danúbio no ponto em que este descreve uma curva apertada para o sul, ao entrar na Panónia.

- Os Bóios são Celtas - lembrou Mário, meditativo. - Os Celtas e os **Germanos não se misturaram,** suponho,

- Não, de modo nenhum. Mas o que me parece interessante é os Germanos não terem decidido fixar-se em parte alguma e lutar pela posse da terra. Mudavam de terra ao menor sinal de resistência das tribos locais. E retiraram-se das terras dos Bóios. Até que, algures perto da confluência do Danúbio com o Tísia e o Savão, depararam com uma nova muralha de Celtas, desta vez Escordiscos.

- Os nossos inimigos! - exclamou Mário, com um sorriso. - Não é reconfortante descobrir que temos um inimigo em comum com os Escordiscos?

Sila levantou uma sobrancelha ruiva.

- Considerando que isso aconteceu há cerca de quinze anos e não soubemos de nada, é pouco reconfortante - disse, secamente.

- Hoje não digo coisa com coisa, pois não? Perdoa-me, Lúcio Cornélio. Tu tens estado a viver tudo isso, e eu estou para aqui sentado, entusiasmado com as minhas descobertas - desculpou-se Mário.

- Não faz mal, Caio Mário, eu entendo - disse Sila, sorrindo.

- Continua, continua!

- Talvez um dos seus maiores problemas tenha sido o facto de não terem nenhum chefe à altura. Nem nada que se parecesse com um... um plano principal, já que não encontro melhor palavra para descrevê-lo. Penso que se limitaram a esperar pelo dia em que algum rei poderoso lhes desse autorização para se fixarem numa parte das suas terras que estivesse livre.

- E é evidente que os reis poderosos não costumam fazer isso - comentou Mário.

- Não. De qualquer modo, voltaram para trás e começaram a dirigir-se para o oeste - prosseguiu Sila -, só que abandonaram o Danúbio. Primeiro, seguiram o curso do Savão, depois, viraram um pouco para o norte e apanharam o curso do Dravus, que acompanharam até chegarem à nascente. Nessa altura, já vinham a caminhar há mais de seis anos permanecendo só alguns dias no mesmo local.646

- Não viajam em carroças? - perguntou Mário.

- Raramente. Como as carroças são atreladas ao gado, não são conduzidas mas guiadas. Só em caso de doença ou de parto é que as usam como veículos de transporte - explicou Sila, suspirando no fim. - É claro que todos sabemos o que aconteceu a seguir: entraram na Nórica, nas terras dos Tauriscos.

- Pediram auxílio a Roma, Roma enviou Carbão para tratar da saúde aos invasores e Carbão perdeu o seu exército - respondeu Mário.

- E, como sempre, os Germanos evitaram os sarilhos - comentou Sila. - Em vez de invadirem a Gália Italiana, dirigiram-se para as montanhas altas e voltaram a seguir o curso do Danúbio, um pouco a leste do seu ponto de confluência com o Aenus. Os Bóios não iam deixá-los seguir para o leste, por isso avançaram para oeste ao longo do Danúbio, atravessando as terras dos Marcomanos. Por motivos que não pude aprofundar, um grande grupo de Marcomanos reuniu-se aos Cimbros e aos Teutões nesse sétimo ano da migração.

- E a tempestade? - perguntou Mário. - Aquela que interrompeu a batalha entre os Germanos e Carbão e salvou alguns homens de Carbão. Houve quem acreditasse que os Germanos tinham considerado o temporal como um sinal da ira divina, e foi isso que nos salvou da invasão.

- Duvido - disse Sila tranquilamente. - Estou certo de que quando o temporal rebentou, os Cimbros, que combateram Carbão, e se encontravam mais perto dele, fugiram aterrados, mas não acredito que isso os tenha desviado da Gália Italiana. A resposta certa parece

ser simplesmente eles nunca terem gostado de travar guerras para conquistar território.

- É fascinante! E nós que os consideramos hordas de bárbaros ansiosas por chegarem à Itália! - Mário olhou para Sila intensamente. - E a seguir o que aconteceu?

- Desta vez, seguiram o curso do Danúbio até à nascente. No oitavo **ano, juntou-se-lhes um grupo** de verdadeiros Germanos, os Queruscos, que vieram das suas terras à volta do rio Visurge, e no nono ano, reuniu-se-lhes um povo da Helvécia, os Tigurinos, que parecem ter vivido a leste do lago Lemano e são mesmo Celtas. Tal como o são, segundo creio, os Marcomanos. No entanto, tanto os Marcomanos como os Tigurinos são Celtas muito germânicos.

- Então não detestam os Germanos?

- Detestam-nos muito menos do que aos Celtas! - comentou Sila, a sorrir de dentes à mostra. - Há séculos que os Marcomanos estavam em648

guerra com os Bóios, e os Tigurinos com os Helvécios. Por isso, penso que quando as carroças dos Germanos passaram, julgaram que seria uma mudança agradável avançar para lugares desconhecidos. Quando a migração atravessou o jura, entrando na Gália Comata, era constituída por muito mais de oitocentos mil homens.

- E caíram todos em cima dos pobres Éduos e Ambarros - disse Mário. - E permaneceram no local.

- Durante mais de três anos - assentiu Sila. - Os Éduos e os Ambarros eram povos mais brandos; é que foram *romanizados,* Caio Mário! Foram postos no lugar por Cneu Domício para que a nossa província da Gália Transalpina ficasse mais segura. E os Germanos estavam a começar a gostar do nosso pão branco, em que se pode

espalhar manteiga! E ensopavam-no no seu suculento molho de carne. E misturavam-no nos seus terríveis pudins de sangue.

- Falas com sentimento, Lúcio Cornélio.

- Pois falo! - com o sorriso a esmorecer, Sila observou a superfície do vinho com um ar meditativo, e depois olhou para Mário, de olhos a brilhar. - Elegeram um rei - contou Sila subitamente.

- Oh, oh! - retorquiu Mário, com suavidade.

- Chama-se Bóiorix, e é Cimbro; os Cimbros são o povo mais numeroso.

- Mas Bóiorix é um nome Celta - contrapôs Mário. - Bóiorix; Bóios. São um povo formidável. Há colónias de Bóios por todo o lado: na Dácia, na Trácia, na Gália-de-Longos-Cabelos, na Gália Italiana, na Helvécia... Quem sabe? Talvez tenham há muito estabelecido uma colónia entre os Cimbros. Afinal de contas, se esse Bóiorix diz que é Cimbro, é porque é. Não podem ser tão primitivos que não possuam conhecimentos genealógicos.

- Com efeito, os seus conhecimentos genealógicos são muito reduzidos - afirmou Sila, apoiando-se no cotovelo. - Isso não se deve ao facto de serem particularmente primitivos, mas sim porque toda a sua estrutura é diferente da nossa. E diferente da estrutura de qualquer outro povo que viva na orla do mar Central. Não são agricultores, e quando os homens não possuem terra que cultivem ao longo de várias gerações, não desenvolvem o sentido do *lugar.* Isso leva a que também não desenvolvam o sentido da família. A vida tribal... a vida grupal, se preferires... é mais importante. Comem em comunidade, o que para eles é mais sensato. Quando se tem por casa uma cabana e não existe cozinha, ou se a casa é649

sobre rodas e sem cozinha, é mais fácil matar animais grandes e assá-los inteiros para alimentar toda a tribo.

”Os seus conhecimentos genealógicos relacionam-se com a tribo, ou com o grupo de tribos individuais que compõem a tribo como um todo. Têm canções acerca dos seus heróis, mas exageram os seus feitos de um modo desproporcionado em relação aos factos: um chefe de tribo de há apenas duas gerações porta-se como Perseu ou Hércules, de modo que se torna demasiado vago como homem. O seu conceito de *lugar também* é vago. E o seu cargo, seja ele chefe, guerreiro, sacerdote ou xamane, tem precedente sobre a identidade deles como indivíduos. O homem individual *transforma-se* no seu cargo! Afasta-se da sua família, que não se eleva com ele. E quando morre, o cargo passa para alguém que a tribo escolhe, sem qualquer respeito por aquilo a que chamaríamos direitos familiares. As suas ideias acerca da família são muito diferentes das nossas, Caio Mário.” Sila levantou-se para se servir de mais vinho.

- Tens estado mesmo a viver com eles! - disse Mário, sobressaltado.

- Teve de ser! - Sila deu um golo que diminuiu o nível do vinho na taça e juntou-lhe água. - Não estou habituado - afirmou com ar surpreendido. - Não faz mal, hei-de retomar as minhas capacidades. - Sila encolheu os ombros. - Consegui infiltrar-me entre os Cimbros enquanto ainda tentavam atravessar a custo os Pirenéus. Isso teria ocorrido em Novembro do ano passado, quando regressei da visita que te fiz.

- Como? - perguntou Mário, fascinado.

- Estavam a começar a sofrer os custos de uma guerra prolongada, tal como nós os sofremos, em especial após Arausio. Como a nação inteira, excepto os idosos e os enfermos, se move como um todo, um guerreiro que morra deixa atrás de si uma viúva e órfãos. Essas viúvas tornam-se *um* encargo, a menos que os seus filhos homens tenham idade para se fazerem guerreiros num curto espaço de tempo. **Por isso, as viúvas têm** de disputar novos **maridos entre** os guerreiros que não tenham idade para já terem mulheres. Se uma mulher consegue ligar-se a si e ao filho a outro guerreiro, pode

continuar como antes. A sua carroça serve de dote. Embora nem todas as viúvas possuam carroças. E também nem todas as viúvas encontram novos parceiros. Possuir uma carroça é uma grande ajuda. Dispõem de um certo período de tempo para as novas disposições: três meses, isto é, uma estação. Ao fim desse período de tempo, são mortas, bem como os seus filhos, e os membros da tribo que não têm carroças tiram à sorte as carroças vazias. Matam os que são considerados demasiado650

velhos para **contribuir produtivamente para o bem-estar** da tribo e as crianças excedentes do sexo feminino.

Mário fez *uma careta.*

- E eu a pensar que nós é que éramos duros! Mas Sila abanou a cabeça.

- O que é ser-se duro, Caio Mário? Os Germanos e os Gauleses são como quaisquer outros povos. Estruturam a sua sociedade de forma a poderem sobreviver como povo. Os que passam a ser um sorvedoiro que a comunidade não pode sustentar têm de partir. E o que é melhor: deixá-los à deriva sem ninguém que olhe por eles, ou dar-lhes um golpe na cabeça? Morrer lentamente de fome e de frio, ou morrer rapidamente, sem dor? É assim que eles *têm* de ver as coisas.

- Suponho que sim - concordou Mário, relutante. - Pessoalment delicio-me muito com os nossos idosos. Escutá-los vale a comida e o abrigo que lhes damos.

- Mas isso é *porque podemos* sustentar os nossos idosos, Caio Mário! Roma é muito rica. Por isso, Roma pode sustentar pelo menos parte daqueles que não contribuem com nada de produtivo para a vida da comunidade. Mas não condenamos o abandono de crianças indesejadas, pois não? - perguntou Sila.

- Claro que não!

- Então, onde está a diferença? Quando os Germanos encontrarem uma pátria, passarão a ser mais parecidos com os Gauleses. E os Gauleses expostos aos Gregos e Romanos parecer-se-ão mais com os Gregos ou os Romanos. O facto de terem uma pátria permitirá aos Germanos abrandarem as suas normas; adquirirão suficiente riqueza para alimentar os seus idosos e as suas viúvas carregadas de filhos. Eles não são habitantes de cidades, são gente do campo. As cidades têm regras diferentes, nãO reparaste? As cidades geram a doença para afastar os idosos e os enfermos, e diminuem o sentido que o agricultor tem do lugar e *da família.* Quanto maior Roma se tornar, mais se aproximará dos Germanos. Mário coçou a cabeça.

- Perdi-me, Lúcio Cornélio. Retoma o assunto, peço-te! O que te aconteceu? Arranjaste uma viúva e juntaste-te a uma tribo como um guerreiro?

Sila assentiu.

- Exactamente. Sertório fez o mesmo numa tribo diferente, motivo pelo qual não nos temos visto muito, a não ser ocasionalmente, para comparar651

apontamentos. Tanto um como o outro, encontrámos uma mulher com uma carroça que não conseguira encontrar um novo parceiro. Isso aconteceu depois de nos termos estabelecido nas nossas tribos como guerreiros, claro, e antes de partirmos para vir visitar-te no ano passado; e encontrámos as nossas mulheres logo que chegámos.

- Eles não vos rejeitaram? - perguntou Mário. - Afinal de contas, vocês faziam o papel de Gauleses e não de Germanos.

- É verdade. Mas Quinto Sertório e eu lutamos bem. Nenhum chefe tribal desdenha bons guerreiros - gabou-se Sila, sorrindo.

- Pelo menos, não tiveste de matar romanos! Embora não duvide que o fizessem, se tivesse sido necessário.

Certamente - disse Sila. - Não farias o mesmo?

É evidente que faria. O amor é para muitos e o sentimento para poucos - comentou Mário. - Um homem tem de combater para salvar os primeiros, nunca os segundos - Mário animou-se. - A menos que tenha a oportunidade de fazer as duas coisas.

- Eu era um gaulês dos Carnutos, servindo como guerreiro cimbro

- contou Sila, achando o filosofar de Caio Mário tão confuso como este achara o seu. - Mesmo no início da Primavera houve um grande conselho composto por todos os chefes de todas as tribos. Nessa altura, os Cimbros tinham-se afastado o mais possível para o Oeste, esperando penetrar na Espanha pela zona mais baixa dos Pirenéus. O conselho decorreu nas margens do rio a que os Aquitanos chamam Aturro. Tinham surgido notícias de que todas as tribos dos Cantabros, Asturos, Vetões, Lusitanos do Oeste e Vascões se haviam juntado no lado espanhol das montanhas para combater uma eventual passagem dos Germanos para as suas terras. E neste conselho, de repente, de modo **completamente inesperado,** surgiu Bóiorix!

- Lembro-me do relato de Marco Cota depois de Arausio - recordou Mário. - Foi um dos dois chefes que tombaram, e o outro era Teutobod, dos Teutões.

- É muito novo - afirmou Sila -, deve ter cerca de trinta anos, não mais. Monstruosamente alto e de constituição hercúlea. Com pés que pareciam ser do tamanho de um siluro. Mas o mais interessante é que a sua mente é semelhante à nossa. Tanto os Gauleses como os Germanos têm padrões de pensamento tão diferentes de quaisquer povos do mar Central que nos parecem bárbaros! Ao passo que **durante os últimos** nove meses, Bóiorix mostrou ser *um* tipo de bárbaro *muito diferente.* Por uma razão:652

aprendeu a ler e a escrever em latim e não em grego. Penso que já te disse que quando um gaulês sabe ler e escrever, fá-lo geralmente

em latim e não em grego.

- Bóiorix, Lúcio Cornélio! - disse Mário. - *Bóiorix!* Sorrindo, Sila retomou o tema.

- Voltando a Bóiorix: ocupa uma posição forte nos conselhos há cerca de quatro anos, mas esta Primavera suplantou toda a oposição e foi escolhido para chefe supremo. Chamar-lhe-íamos rei, certamente, pois reservou para si a decisão final em todas as situações, e não receia discordar do conselho.

- Como é que o escolheram para rei? - perguntou Mário.

- À antiga - explicou Sila. - Nem os Germanos nem os Gauleses fazem eleições, embora por vezes votem em conselho. Mas é mais provável que as decisões do conselho sejam tomadas por quem permanece sóbrio durante mais tempo, ou tenha a voz mais alta. Quanto a Bóiorix, tornou-se rei por prerrogativa de combate. Aceitou todos os que o desafiaram e matou-os. Não o fez num recontro singular: enfrentou um por dia, até não haver mais ninguém que o desafiasse. Eram ao todo onze os guerreiros que disputavam o seu direito. E ficaram a morder o pó, à boa maneira de Homero.

- Ser rei por matar os rivais... - comentou Mário, pensativamente.

- Que satisfação há nisso? É verdadeiramente bárbaro! Se se matar um rival numa discussão ou no tribunal, ele sobreviverá para voltar a lutar. Nenhum homem devia deixar de ter rivais. Vivo, sobressai à vista deles, porque é melhor do que eles. Morto, não tem ninguém à vista de quem sobressair.

- Estou de acordo - disse Sila. - Mas no mundo bárbaro, tal como no mundo ocidental, a ideia é matar todos os rivais; é mais seguro.

- O que aconteceu a Bóiorix depois de se ter tornado rei?

- Disse aos Cimbros que não iriam para Espanha. Que existiam lugares muito mais fáceis, tais como a Itália. Mas disse-lhes que primeiro se juntariam aos Teutões, aos Tigurinos, aos Marcomanos e aos Queruscos. E então, passaria a ser rei tanto dos Germanos como dos Cimbros. Sila voltou a encher a taça, com **muita** água.

- Passámos a Primavera e o Verão a caminho do Norte, através da Gália-de-Longos-Cabelos. Atravessámos o Garona, o Líger e o Sena, e entrámos depois nas terras dos Belgas.

- Os Belgas? - murmurou Mário. - Viste-os?653

- Evidentemente - respondeu Sila com naturalidade.

- Deve ter havido *guerra* da grande.

- De modo nenhum. É que o rei Bóiorix dedicou-se àquilo a que chamaríamos abrir negociações. Até à nossa viagem no Verão através da Gália-de-Longos-Cabelos, os Germanos não tinham revelado qualquer interesse em negociar. Por exemplo, sempre que deparavam com um dos nossos exércitos no caminho, enviavam-nos uma embaixada pedindo autorização para atravessarem o nosso território. Como era de esperar, sempre lha negámos. Então, afastavam-se e nunca mais voltavam para uma segunda tentativa. Nunca regatearam, nem pediram para *se* sentar à mesa das negociações, nem tentaram descobrir se estaríamos prontos a aceitar deles qualquer coisa que desse origem a nova ronda de propostas. Ao passo que Bóiorix se portou de modo muito *diferente: negociou* uma passagem para os Cimbros através da Gália-de-Longos-Cabelos,

- Ah, sim? E negociou com quê?

- Comprou os Gauleses e os Belgas com carne, leite, manteiga... e trabalho nos campos. Trocou o gado pela melhor cerveja deles e pelo seu trigo, e ofereceu-lhes guerreiros para ajudarem a arar o

solo extra necessário para produzir o suficiente para todos - explicou Sila.

As sobrancelhas de Mário agitavam-se furiosamente. É um bárbaro esperto!

Com efeito é-o, Caio Mário. E *em* perfeita paz e amizade, seguimos o curso do rio ísara para o norte, a partir do Sena, e chegámos por *fim* às terras de uma tribo de Belgas denominada Aduátucos. Basicamente, os Aduátucos são Germanos que vivem ao longo do rio Mosa, espalhados pela corrente do Sabe e na orla de uma vasta floresta a que chamam das Arderias. Esta espalha-se para leste do Mosa até ao Mosela, e, a menos que sejas Germano, é impenetrável. Os Germanos da Germânia propriamente dita vivem nas florestas e usam-nas de modo semelhante ao que damos às fortificações.

Mário pensava intensamente, pois as suas pestanas continuavam a serpentear como se possuíssem vida própria.

- Prossegue, Lúcio Cornélio. Estou a achar o inimigo germano cada vez mais interessante.

Sila inclinou a cabeça.

- Imaginei que acharias. Os Queruscos são originários de uma parte da Germânia não muito distante das terras dos Aduátucos, e afirmam654

que estes são seus parentes. Por isso convenceram os Teutões, os Tigurinos e os Marcomanos a irem com eles para as terras dos Aduátucos, enquanto os Cimbros se encontravam a sul observando os Pirenéus. Mas quando nós, dos Cimbros, aparecemos em cena *em* fins de Sextilis, a acção não foi de modo nenhum feliz. Os Teutões haviam hostilizado os Aduátucos *e* os Queruscos, ao ponto de haverem muitas escaramuças, bastantes mortes e um sentimento desfavorável que nós, Cimbros, quase podíamos ver crescer.

- Mas o rei Bóiorix resolveu tudo isso? - perguntou Mário.

- O rei Bóiorix resolveu tudo! - disse Sila, com um sorriso, Estabeleceu uma colónia de Aduátucos e a seguir, convocou um enorme conselho dos Germanos migrantes: Cimbros, Teutões, Tigurinos, Queruscos e Marcomanos. Nesse conselho, anunciou que não era apenas rei dos Cimbros mas o rei de todos os Germanos. Teve de travar alguns duelos, mas não com os seus verdadeiros rivais, Teutobod, dos Teutões, e Getorix, dos Tigurinos. Eles próprios pensavam um pouco como os Romanos, pois ambos decidiram que gostavam de viver, e eram muito mais incómodos ao rei Bóiorix vivos do que mortos.

- E como descobriste tudo isso? - perguntou Mário. - Já eras chefe nesta altura? Assististe ao conselho

Sila tentou fazer um ar recatado, já que a humildade não fazia parte do seu carácter.

- Com efeito, já era guerreiro. Não um guerreiro muito importante; tinha apenas a importância que me permitia ser convidado para os conselhos. A minha mulher Hermana, que pertence aos Queruscos e *não aos* Cimbros, deu à luz dois rapazes gémeos mal chegámos ao Mosa, e isso foi considerado tão bom augúrio que o meu estatuto de chefe tribal foi elevado ao de guerreiro, mesmo a tempo de participar no grande conselho de todos os Germanos.

Mário desatou a rir.

- Queres dizer com isso que nos anos que se seguem, algum pobre romano se irá voltar contra meia dúzia de pequenos germanos parecidos contigo?

- É possível - disse Sila, sorrindo.

- E contra alguns pequenos Quintos Sertórios?

- Um, pelo menos.

Mário abrandou o tom.

- Continua, Lúcio Cornélio.655

- É muitíssimo esperto, o nosso Bóiorix. Faça o que fizer, não podemos menosprezá-lo, pois é um bárbaro. Porque surgiu com uma

grande estratégia de cuja concepção terias orgulho. Acredita que não exagero. Mário ficou tenso.

- Acredito em ti! Qual é a sua grande estratégia?

- No próximo ano, o mais tardar em Março, mal o tempo o permita, os Germanos tencionam invadir a Itália em três frentes - informou Sila.

- Quando digo Março, refiro-me à altura em que os oitocentos mil homens deixarão as terras dos Aduátucos. Bóiorix deu a todos seis meses para terminarem a viagem do rio Mosa até à Gália Italiana.

Mário e **Sila inclinaram-se** para a frente.

- Bóiorix dividiu-os em três unidades separadas. Os Teutões devem invadir a Itália pelo oeste. Representam cerca de um quarto de milhão do número total; serão comandados pelo seu rei, Teutobod, e, nesta fase, planeiam descer o rio Rôdano e seguir ao longo da costa da Ligúria em direcção a Gênova e Pisa. Suponho, no entanto, que com Bóiorix a cargo da invasão, antes de começarem, terão mudado a sua rota para a Via Domícia e o desfiladeiro do monte Geneva. O que os levará ao longo do Pó, até à Taurásia.

- Ele anda a aprender Geografia e Latim, não anda? - perguntou Mário, com um sorriso.

- Eu disse-te que Bóiorix sabia ler. Também expôs prisioneiros romanos à tortura; nem todos os que perdemos em Arausio morreram. Quando iam parar às mãos dos Cimbros, Bóiorix mantinha-os vivos até descobrir o que queria. Não podemos culpar os nossos homens por terem colaborado - Sila fez uma careta. - Os Germanos recorrem regularmente à tortura.

- Isso significa que os Teutões seguirão a rota que a hoste inteira tomou antes de Arausio - afirmou Mário. - Como planeiam os outros entrar na Gália Italiana?

- Os Cimbros são o mais numeroso dos três grandes grupos germanos - expôs Sila. - Ao todo, são no mínimo quatrocentos mil homens. Enquanto os Teutões vão descer em linha recta do Mosa até ao Arar e ao Ródano, os Cimbros descerão o Reno

até ao lago Brigantino, seguirão para norte do lago, atravessando a linha divisória das suas águas até à nascente do Danúbio. Seguirão para leste ao longo do Danúbio até chegarem ao Aenus e entrarão na Gália Italiana pelo desfiladeiro de Breno. O que os levará até ao Ádige, perto de Verona.656

- Comandados pelo próprio rei Bóiorix - acrescentou Mário, e encolheu a cabeça entre os ombros. - Isto cada vez me agrada menos.

- O terceiro grupo é o mais pequeno e menos coeso - prosseguiu Sila. - Os Tigurinos, Marcomanos e Queruscos. Cerca de duzentos mil. Serão comandados por Getorix, dos Tigurinos. No início, Bóiorix ia enviálos em linha recta através das grandes florestas germanas: a Floresta Hercínia, a Floresta Gabreta, etc., e mandá-los para o sul, até à Nórica, através da Panónia. Depois deve ter duvidado que cumprissem as ordens e decidiu que viajariam com ele do Danúbio até ao Aenus. A partir daí, prosseguirão a sua caminhada ao longo do Danúbio até chegarem à Nórica, e virarão para o sul. Entrarão na Gália pelos Alpes Cárnicos, o que os levará a Tergeste, não muito longe de Aquileia.

- E cada grupo tem seis meses para fazer a viagem, dizes tu? - perguntou Mário. - Imagino que os Teutões cumprirão o prazo, mas os Cimbros têm uma viagem muito mais longa, e os híbridos a mais longa de todas.

- É aí que te enganas, Caio Mário - contrapôs Sila. - Com efeito, desde o ponto de partida, no Mosa, a distância que cada um dos grupos tem a percorrer é bastante idêntica. Os três percursos envolvem a travessia dos Alpes, mas apenas os Teutões atravessarão

um campo nunca percorrido. Os Germanos vaguearam *por todo o lado* nos Alpes durante os últimos dezoito anos! Foram desde a nascente do Danúbio até à Dácia; percorreram o Reno da nascente até ao Helella; foram da nascente do Ródano até Arausio. São veteranos dos Alpes.

Mário assobiou por entre os dentes.

- Júpiter, Lúcio Cornélio, é brilhante! Mas irão realmente conseguir? Bóiorix conta que cada um dos grupos chegue à Gália Italiana em... Outubro?

- Penso que os Teutões e os Cimbros chegarão lá; são bem chefiados e fortemente motivados. Quanto aos outros, não posso ter a certeza. Nem poderá tê-la Bóiorix, pelo que suspeito.

Sila levantou-se do leito e começou a andar pelo gabinete.

- Há mais uma coisa, Caio Mário, e é muito grave. Ao fim de dezoito anos de errância sem casa, os Germanos estão fatigados. E estão desesperados por se fixarem. Imensos rapazes atingiram a idade de se tornarem guerreiros sem nunca terem conhecido uma pátria. Até se ouviu falar num regresso ao Quersoneso Cimbro. O mar recuou há muito tempo e o terreno voltou ao seu estado inicial.657

- Quem me dera que regressassem! - disse Mário.

- É demasiado tarde para isso - afirmou Mário irrequieto, andando dum lado para o outro. - Habituaram-se a apreciar pão branco com crosta, onde podem espalhar manteiga, e a ensopá-lo no molho da carne, e a usá-lo nos seus horríveis pudins de sangue. Agrada-lhes o calor do sol do Sul e a proximidade das grandes montanhas brancas. Primeiro a Panónia e a Nórica, a seguir, a Gália. O nosso mundo é mais rico. E agora que têm Bóiorix, tomaram a decisão de conquistá-lo.

- Enquanto eu estiver neste cargo, não o farão - disse Sila, e descaiu na cadeira. - É tudo? - perguntou.

- É tudo, e no entanto não é nada - retorquiu Sila, um pouco triste.

- Podia ficar dias inteiros a falar deles, mas isto é o que precisas de saber como introdução.

- E a tua mulher, os teus filhos? Deixaste que fossem abatidos por não terem um guerreiro que os sustentasse?

- Não é engraçado? - perguntou Sila. - Não consegui fazê-lo! Quando chegou a hora de partir, descobri que não era capaz. Por isso, levei Hermana e os rapazes para os Queruscos da Germânia. **Eles vivem a norte do Chatti,** ao longo do rio Visurge. A tribo dela pertence aos Queruscos, embora se chamem Marsos. Estranho, não te parece? Nós temos os nossos Marsos e os Germanos *têm* os seus. O nome pronuncia-se exactamente da mesma maneira. E isto faz pensar... Como chegámos até aqui? Estará na natureza dos homens vaguear em busca de novas pátrias? E nós, Romanos, fartar-nos-emos algum dia da Itália e migraremos para outro local? Tenho pensado muito sobre o mundo desde que me juntei aos Germanos, Caio Mário.

Por um motivo que Sila não conseguiu compreender, a última parte do seu discurso quase emocionou Mário até às lágrimas; por isso, disse num tom mais suave do que o habitual:

- Alegra-me que não a tenhas deixado morrer.

- Também eu, embora não tenha tido tempo para isso. Receava não te encontrar antes das eleições consulares, pois achei que as minhas informações constituiriam um enorme auxílio - Sila aclarou a garganta. Com efeito, encarreguei-me, em teu nome, claro, de concluir um tratado de paz e aliança amigável com os Marsos da Germânia. Pensei que, de certo modo, **os meus filhos germanos**

viriam a ter uma vaga ideia do que é Roma. A Hermana prometeu ensiná-los a pensar bem de Roma.

- Não voltarás a vê-la? - perguntou Mário.658

- Claro que não! - respondeu Sila vivamente. - Nem aos gêmeos. Caio Mário, não tenciono voltar a deixar crescer o cabelo ou o bigode, nem viajar para as terras à volta do mar Central. Uma dieta de carne de vaca e leite e manteiga e papas de aveia não se adequa ao meu estômago romano, nem gosto de passar sem tomar banho, nem gosto de *cerveja. Fiz* o que podia por Hermana e pelos miúdos, colocando-os num lugar onde facto de não terem um guerreiro não implicará que tenham de morrer. Mas disse a Hermana que tinha de tentar encontrar outro homem. É sensato e decente. Se tudo correr bem, sobreviverão os três. E os meus rapazes crescerão bons Germanos. Guerreiros valentes, espero! E muito maiores do que eu, também espero! Mas se a Fortuna não desejar que eles sobrevivam, não terei conhecimento disso, pois não?

- *É bem assim,* Lúcio Cornélio - Mário olhou *para* as mãos, que envolviam a sua taça, e pareceu surpreendido por os seus nós estarem brancos.

- A única altura em que dou crédito às alegações do Metelo Suíno acerca das tuas origens rústicas - afirmou Sila, com ar meramente divertido - é quando algum incidente desperta a tua sentimentalidade adormecida de camponês.

Mário olhou para ele.

- O pior, *Sila, é* que nunca saberei o que te move! O que faz as tuas pernas subirem e baixarem, o que faz girar os teus braços, o motivo porque ris como um lobo. E o que realmente pensas. Isso, nunca o saberei.

- Se te servir de consolação, cunhado, nunca ninguém o saberá. Nem eu - disse Sila.

Nesse Novembro, parecia que Caio Mário nunca viria a ser cônsul no ano seguinte. Uma carta de Lúcio Apuleio Saturnino afastou todas as esperanças num plebiscito que o autorizasse a concorrer *in absentia pela* terceira vez.

O Senado não voltará a ficar de braços cruzados, pois a grande maioria de Roma está convencida de que os Germanos não virão. Nunca. Defacto, os Germanos transformaram-se numa nova Lâmia, um monstro usado tão frequentemente e durante tanto tempo para espalhar o terror por todos os corações que acabou por perder o efeito.

*Naturalmente, os nossos inimigos construíram uma grande história à volta do facto de estarmos há dois anos a consertar as estradas e a escavar canais na*660

Gália Transalpina, e por a nossa presença aí, com um grande exército custar ao Estado mais do que ele pode suportar, especialmente com o trigo ao preço actual.

Testei o eleitorado em relação ao assunto da tua candidatura in absentia *pela terceira vez, e o resultado foi muito desanimador. As tuas hipóteses seriam um pouco melhores se viesses a Roma apresentar-te. Mas se o fizeres, é evidente que os teus inimigos alegarão que a dita emergência na Gália Transalpina afinal não existe.*

Contudo, fiz o que podia por ti, principalmente no que diz respeito à recolha de apoios no Senado, para que possas ao menos prorrogar o teu estatuto com comando proconsular. Isto significa que os cônsules do próximo ano serão teus superiores. E para terminar, uma nota alegre: o consular preferido para o próximo ano é Quinto Lutado Catulo César. Os eleitores estão tão cansados de vê-lo candidatar-se todos os anos, que decidiram livrar-se dele votando-o. Espero que esta te encontre de boa saúde.

Quando Mário acabou de ler a breve missiva de Saturnino, ficou muito tempo sentado, com um olhar carregado. Ainda que as notícias fossem desanimadoras, havia um tom confiante na carta; como se também Saturnino estivesse a decidir se Caio Mário era um homem do passado e se ocupasse a realinhar as suas prioridades. Caio Mário não atraía os eleitores. Tinha perdido o poder dos

cavaleiros. Porque os Germanos eram uma ameaça muito menor do que a guerra dos escravos da Sicília e o abastecimento de cereais; Lâmia, o monstro, morrera.

Lâmia, o monstro, não tinha morrido, e Lúcio Cornélio Sila estava vivo para prová-lo. Mas de que servia enviar Sila a Roma para testemunhar este facto quando ele, Caio Mário, não tinha desculpa para acompanhá-lo? Sem apoio nem poder, Sila não prevaleceria; teria de contar a sua história a demasiados homens separados do seu comandante, homens que achariam tão perturbante a ideia de um aristocrata romano se mascarar de gaulês durante quase dois anos, que acabariam por mandar Roma rejeitar a história de Sila por a acharem pouco firme, duvidosa, inaceitável. Não: ou seguiriam os dois para Roma, ou não seguia nenhum.

Caio Mário pegou em papel branco, pena e tinta e escreveu a Lúcio Apuleio Saturnino.

*Poderás considerar-te vingado, Lúcio Apuleio, mas lembra-te que fui eu que te permiti sobreviver até isso acontecer. Ainda estás em dívida para comigo e espero de ti a lealdade de um cliente.*661

Não deduzas que não posso ir a Roma. Ainda pode surgir uma oportunidade. Ou pelo menos, espero que ajas como se eu fosse aparecer em Roma. Passarei a expor o que pretendo. É *da necessidade mais premente adiar as eleições consulares, tarefa que tu e Caio Norbano, como tribunos da plebe, são bem capazes de executar Fá-lo-ão. Com todo o coração. Dedicando à tarefa toda a vossa energia Depois, espero que uses a tua inteligência inata para escolher a oportunidade que te permita fazer pressão sobre o Senado e o Povo para que me chamem a Roma.*

Hei-de ir a Roma, não duvides. Por isso, se quiseres subir muito mais alto do que o tribunato da plebe, compete-te permanecer o homem de Caio Mário.

E, no fim de Novembro, um vento vindo do leste soprou a Caio Mário um beijo da deusa Fortuna na forma de uma segunda carta de Saturnino, que chegou por via marítima dois dias antes do correio do

Senado e os seus despachos chegarem a Glanum Muito humildemente, Saturnino dizia o seguinte:

Não duvido que venhas a Roma. Nem havia passado um dia após ter recebido a tua nota severa quando o teu estimado colega Lúcio Aurélio Orestes, o cônsul júnior, morreu subitamente. E, ainda sentindo o flagelo da tua desaprovação, aproveitei esta oportunidade de obrigar o Senado a chamar-te. Não fora esse o plano dos políticos, os quais, através do Presidente da Assembleia, recomendaram aos Pais Conscritos que escolhessem um cônsul suffectus *para a cadeira curul deixada vazia por Orestes. Mas sorte espantosa! no dia anterior, Escauro fizera um longo discurso na Assembleia, dizendo que a tua presença na Gália Transalpina era uma afronta à credulidade de todos os Homens de Bem, que tinhas sido tu a criar o pânico dos Germanos para seres eleito ditador. É evidente que mal Orestes morreu, Escauro mudou completamente de tom: como a Assembleia não se atrevia a chamar-te para exerceres as funções eleitorais de cônsul com os Germanos a ameaçar a Itália, devia-se escolher um cônsul sufecto para levar a cabo as eleições.*

Como não tive tempo de começar a usar o meu tribunato para adiar quaisquer eleições, parece-me agora desnecessário fazê-lo. Em vez disso, fiz um belo discurso na Assembleia, dizendo que o nosso estimado Escauro Princeps Senatus não podia querer duas coisas ao mesmo tempo Ou havia uma ameaça dos Germanos ou não. E escolhi tomar o seu discurso do dia anterior como a expressão da sua opinião honesta, a ameaça germana não existia, pelo que não havia necessidade de preencher a cadeira curul do falecido cônsul júnior com um suffectus. *Não, disse eu, Caio Mário tem de ser chamado, Caio Mário deve por fim realizar a*662

tarefa para que foi eleito: desempenhar os deveres de um cônsul. Não foi preciso acusar Escauro de ter alterado o seu ponto de vista para se adaptar às novas circunstâncias do segundo discurso; todos entenderam.

Espero que esta chegue antes do correio oficial. A época do ano favorece mais o mar do que a terra. Não é que não sejas perfeitamente capaz de descobrir a sequência dos acontecimentos ao leres a comunicação do Senado! Soque se esta chegar antes, ainda tens algum tempo extra para planeares a tua campanha em Roma. Estou a começar a pôr as coisas a mexer entre os eleitores, e quando chegares a Roma, deverás ter a mais respeitável delegação dos mais proeminentes do Povo a pedir-te que te candidates ao consulado.

- Vamos partir! exclamou Mário rejubilante para Sila, estendendo-lhe a carta de Saturnino. Prepara as tuas bagagens; não há tempo a perder. Dirás à Assembleia que os Germanos vão invadir a Itália em três frentes separadas no Outono do próximo ano, e eu direi aos eleitores que sou o único homem que pode detê-los.

- Até onde devo chegar? disse Sila, espantado.

- Apenas até onde tiver de ser. Eu apresentarei o assunto e exporei o que descobrimos. Tu testemunharás que são verdadeiros, mas não de modo que a Assembleia entenda que te transformaste num bárbaro, Mário adquiriu uma expressão magoada. Há coisas, Lúcio Cornélio, que é melhor deixar por dizer. Eles ainda não te conhecem o suficiente para compreenderem que tipo de homem és. Não lhes dês informações que possam usar mais tarde contra ti. Tu és um patrício Romano. Por isso, deixa que eles pensem que os teus feitos audaciosos foram executados na pele de um patrício Romano.

Sila assentiu.

- É manifestamente impossível andar por entre os Germanos como um patrício Romano!

- Mas eles não o sabem afirmou Mário com um sorriso.

- Lembras-te do que Públio Rutílio dizia na sua carta? Os generais de cadeirão, chamou-lhes ele. E são também espiões de cadeirão, tanto os de primeira linha como os de segunda. Não percebem nada das normas de espionagem! e Sila começou a rir.

- Com efeito, gostava de poder pedir-te para manteres o bigode e o cabelo compridos por uns tempos. Podia vestir-te de germano e exibir-te no Fórum. E sabes o que aconteceria, não sabes?

Sila suspirou.

- Sim. Ninguém ia reconhecer-me.

- Exacto. Por isso, não vamos fatigar excessivamente a sua imaginação *romana.* Eu falo primeiro e tu pegas na minha deixa - explicou Mário.

Para Sila, Roma não tinha nada do calor político ou doméstico que tinha *para Mário.* Apesar da sua execução brilhante como questor - às ordens de Mário - e da sua carreira brilhante como espião - também às ordens de Mário - era apenas mais um daqueles jovens senadores de futuro *promissor* que caminhavam na sombra do Primeiro Homem de Roma. A sua carreira política também não progredia com a rapidez necessária, especialmente tendo em consideração a sua entrada tardia para o Senado. Era um patrício, o que o impedia de tornar-se um tribuno da plebe; não tinha dinheiro suficiente para se candidatar à edilidade curul e não estava no Senado há tempo suficiente para concorrer como pretor. Era esse o aspecto político da questão. Em casa, Sila encontrou um ambiente azedo e enervante, poluído por uma mulher que bebia demasiado e era desmazelada com os filhos, e por uma sogra que o detestava tanto a ele como à sua própria situação. Era esse o aspecto doméstico da questão.

O ambiente político havia de melhorar para ele - Sila não estava tão deprimido que não o visse. Mas o ambiente em casa não podia senão deteriorar-se. E o que dificultava ainda mais a sua vinda a Roma era o facto de passar agora da sua mulher germana para a mulher romana. Durante cerca de um ano vivera com Hermana, numa atmosfera mais alheia ao seu mundo aristocrático do que o fora o mundo dos antros da Subura. E Hermana era a sua consolação, o seu único ponto de referência naquela bizarra sociedade bárbara.

Não lhe fora difícil juntar-se à cauda do cometa cimbro; pois Sila era mais do que um simples guerreiro corajoso e robusto: era um guerreiro que pensava. Muitos germanos ultrapassavam-no em valentia e força física. Mas enquanto eram feitos de um metal puro, Sila era o carácter definitivo temperado: tão hábil como corajoso, tão

astuto como forte. Sila era o pequeno homem face ao gigante, o homem que, para vencer o combate, não tinha outra opção senão *pensar.* Por isso, chamou logo a atenção na batalha contra as tribos espanholas nos Pirenéus, e foi aceite na confraternidade guerreira.

Depois, ele e Sertório concordaram que, para se unirem àquele estranho mundo *de forma* a poderem subir o suficiente *para terem* acesso aos planos de acção dos Germanos, teriam de ser mais do que meros soldados úteis. Teriam de participar plenamente na vida tribal. Então, separaram-se,664

escolheram tribos diferentes e escolheram as suas mulheres do grupo de mulheres que haviam enviuvado recentemente.

Sila reparara em Hermana porque ela também era um ser a parte e não tinha filhos. O seu homem fora o chefe dessa tribo dos Cimbros; senão, as outras mulheres da tribo nunca teriam tolerado a sua Presença. Com efeito, ela usurpara um lugar que devia ter sido ocupado por uma mulher dos Cimbros. E as mulheres furiosas já estavam a aniquilá-la em pensamento quando Sila - *um* meteoro entre os guerreiros - subiu para a sua carroça, estabelecendo assim os seus direitos sobre ela. Os dois estrangeiros ficariam juntos. Não houve qualquer tipo de sentimento ou atracção na base da escolha de Hermana; simplesmente, ela precisava mais dele do que uma mulher dos Cimbros dentro do enclave da tribo, e também devia à tribo muito menos do que qualquer mulher dos Cimbros na mesma situação. Assim, se Hermana descobrisse a origem romana de Sila, era muito menos provável que o denunciasse do que se pertencesse aos Cimbros.

Em relação às mulheres romanas, ela era muito vulgar. Na sua maioria, eram altas, robustas mas elegantes, com pernas altas e seios fartos, louras, de olhos azuis - e de rostos esbeltos, se se pudesse perdoar a fealdade das suas bocas enormes e os seus narizes pequenos e direitos. Hermana era bastante mais baixa do que Sila (que, em relação aos Romanos tinha uma altura respeitável:

seis pés menos três polegadas), e mais cheia do que a maioria das outras mulheres. Embora o cabelo fosse extremamente espesso e longo e daquela cor indeterminável universalmente conhecida por cinzento cor de rato, e os seus olhos de um cinzento fulvo, que condizia com a cor dos cabelos. Quanto ao resto, era bastante germana: ossuda, *com* o nariz semelhante a uma lâmina direita e curta. Hermana tinha trinta anos e nunca tivera filhos; se o seu homem não fosse o chefe, e *ainda* para mais autoritário ao ponto de recusar-se a abandoná-la, Hermana teria morrido.

O que a distinguia e motivara a escolha de dois homens de qualidade superior um a seguir ao outro não era óbvio visto do exterior. O seu primeiro homem considerava-a diferente e interessante, mas *não* conseguia ser mais específico. Sila via-a como uma aristocrata *natural, uma* senhora miudinha e reservada, mas que irradiava um poderoso magnetismo sexual.

Ajustavam-se muito bem em todos os aspectos, pois ela era suficientimente inteligente para ser pouco exigente, sensata o bastante para nãO665

o estorvar, suficientemente apaixonada para fazer do leito um prazer, articulava bem as palavras, o que fazia com que fosse interessante comunicar com ela, e era suficientemente empreendedora para não lhe dar trabalho. Os animais de Hermana estavam sempre devidamente reunidos, atados, mugidos, emparelhados e tratados. A sua carroça estava sempre em óptimas condições, com a coberta esticada *e remendada,* o tabuleiro de madeira sempre oleado, as grandes rodas oleadas **com uma** mistura de manteiga e gordura de assado na junção dos eixos e cavilhas de segurança, e nunca faltavam raios ou segmentos aos aros. As panelas, canecas e vasilhas de Hermana estavam sempre limpas; as provisões eram arrumadas cuidadosamente, protegidas da humidade e dos ladrões; a roupa e tapetes eram arejados e cerzidos; as facas de cozinha estavam sempre magnificamente afiadas; nunca punha as suas bugigangas num local de que fosse esquecer-se. Hermana era, de

facto, tudo o que a Julilla não era; exceptuando o facto de Julilla ser uma romana de boas famílias.

Quando descobriu que estava grávida - o que sentiu logo - ambos ficaram encantados; Hermana tinha uma razão que Sila não tinha. Estava agora vingada aos olhos da tribo à qual não pertencia, e a culpa da sua esterilidade anterior era agora atribuída inteiramente ao chefe morto. Facto esse que não agradou nada às mulheres da tribo, que há muito a odiavam. Não era que pudessem fazer muito contra isso, pois quando os Cimbros, partiram para o norte no seu percurso para as terras dos Aduátucos, Sila era o novo chefe. Podemos inferir que Hermana teve muita sorte.

E em Sextilis, ao fim de uma gestação cansativa mas sem queixas, Hermana deu à luz dois rapazes gémeos, grandes, saudáveis e ruivos; Sila chamou a **um deles Herman** e ao outro Cornel. Esgotara o cérebro a pensar num nome que de algum modo perpetuasse a sua *gens,* Cornélia, mas não soasse demasiado estranho na língua germana. ”Cornel” fora a solução.

Os bebés eram exactamente como dois gémeos devem ser: tão parecidos, que os pais tinham dificuldade em distingui-los; gostavam de estar juntos; estavam mais interessados em prosperar do que em chorar. Era raro nascerem gémeos, e o seu nascimento neste casal estrangeiro era visto como um augúrio com a importância suficiente para assegurar a Sila a chefia de um grupo inteiro de pequenas tribos. Consequentemente, Sila foi ao grande conselho para o qual Bóiorix convocou os germanos dos três povos, depois de o rei dos Cimbros ter acalmado a fricção entre Aduátucos e Teutões, sem derramamento de sangue.*666*

Durante algum tempo, Sila soube que em breve teria de partir, mas adiou a partida até depois do grande conselho, consciente de que estava preocupado com o que devia ser para ele um assunto menor: o que aconteceria a Hermana e aos seus filhos quando ele se fosse embora? Nos homens da tribo devia poder confiar, mas as mulheres

não eram de confiança, e em qualquer situação doméstica tribal, as mulheres prevaleceriam. Mal Sila desaparecesse, Hermana morreria espancada, mesmo que os seus filhos fossem autorizados a sobreviver.

Era Setembro e o tempo era essencial. No entanto, Sila tomou uma decisão que ia tanto contra os seus interesses como contra os de Roma, Embora mal tivesse tempo para isso, antes de voltar a ir ter com Mário, levaria Hermana de volta ao seu povo da Germânia. Isso implicava ter de contar-lhe quem era. Ela ficou mais fascinada do que surpreendida; Sila viu os olhos dela voltarem-se para os seus filhos numa interrogação, como se agora entendesse a importância daqueles filhos de um semideus. No rosto dela não havia mágoa mas gratidão quando ele lhe explicou que partia para sempre, quando lhe disse que a entregaria aos Marsos da Germânia, na esperança de que o seu povo a protegesse e lhe permitisse viver.

No princípio de Outubro, às primeiras horas da noite, deixaram o enclave gigantesco de carroças germanas. Escolheram para as carroças e animais um local de onde a partida não fosse tão notada. Quando o dia rompeu ainda deambulavam por entre as carroças dos Germanos, mas ninguém lhes prestou atenção, e dois dias depois chegaram por fim perto do acampamento.

O acampamento dos Aduátucos não distava mais de cem milhas do acampamento dos Marsos através de terreno plano. Mas *entre a* Gália-de-Longos-Cabelos dos Belgas e a Germânia corria o maior rio de toda a Europa Ocidental: o Reno. Sila tinha de fazer passar a carroça da sua mulher para o outro lado do rio. E tinha de proteger a sua família dos salteadores. Fez tudo isso à sua maneira, muito simplesmente e com raPidez, confiando na sua ligação com a deusa Fortuna, que não o abandonou.

Quando chegaram ao Reno, encontraram as margens cheias de gente, e ninguém tinha interesse em atacar uma carroça solitária com apenas *um germano* e dois gémeos ruivos nos braços da mãe.

Uma barca suficientemente grande para levar a carroça atravessava o rio regularmente pelo) preço de um pote de trigo precioso; como o Verão fora relativamente seco, a água estava muito calma, e Sila conseguiu passar todos os animais e a carroça de Hermana até ao outro lado do rio por três potes de trigo.667

Uma vez na Germânia, fizeram francos progressos, pois não havia aqui grandes florestas e faziam-se pequenas culturas simples, que serviam mais para forragem de Inverno para o gado do que para o consumo humano. Na terceira semana de Outubro, Sila encontrou a tribo de Hermana, os Marsos, e deixou-a ao seu cuidado. E concluiu o seu tratado de paz e amizade entre os Marsos germanos e o Povo de Roma.

No momento da partida choraram lágrimas de grande pesar, sofrendo mais com a separação do que tinham imaginado. Com os gémeos ao colo, Hermana seguiu Sila a pé até o seu cavalo se cansar, e aí ficou, gritando, até muito depois de ele ter desaparecido de vista para todo o sempre. A caminho do sudoeste, a cavalo, os olhos de Sila estavam tão ofuscados pelas lágrimas que teve de confiar no instinto de orientação do animal durante muitas milhas.

O povo de Hermana havia-lhe dado uma boa montada e Sila pôde trocá-la por outra excelente ao fim do dia, e assim sucessivamente, durante os doze dias que levou a percorrer o espaço que o separava da nascente do rio Amísia, onde se encontravam os Marsos, até ao acampamento de Mário, e Glanum. Sila fez corta-mato durante todo o percurso, evitando as montanhas altas e as florestas mais cerradas, seguindo o curso dos grandes rios: do Reno até ao Mosela, do Mosela ao Arar, do Arar até ao Ródano.

Tinha o coração tão pesado, que teve de forçar-se a reparar no terreno e nos povos por que passava, embora uma vez tenha dado consigo a falar no gaulês dos Druidas, reparando que era fluente em germano de diversos dialectos e em gaulês dos Carnutos... ”Eu, Lúcio Cornélio, senador de Roma!”

Mas o que nem ele nem Quinto Sertório descobriram dos planos através dos Aduátucos acerca dos Germanos apenas foi descoberto na Primavera seguinte, muito depois de Sila e Sertório terem abandonado as suas vidas e as suas mulheres germanas. Quando os muitos milhares de carroças começaram a rolar e as três grandes hostes se dividiram para invadir a Itália, os Cimbros, Teutões, Tigurinos, Queruscos e Marcomanos deixaram uma coisa bem importante para trás, à guarda dos Aduátucos, até ao seu regresso: um exército de seis mil dos seus melhores homens para proteger os Aduátucos das incursões de outras tribos. E todas as suas riquezas tribais: estatuetas, carros e arreios de ouro, objectos votivos de ouro, moedas e barras de ouro, várias toneladas do melhor âmbar e vários outros tesouros recolhidos ao longo da sua migração, para acrescentar ao que lhes pertencia há várias gerações. O único ouro que os Germanos668

levaram no início do seu percurso era o que usavam. Todo o restante ficou escondido, entregue aos cuidados dos Aduátucos, tal como os Volcos Tectósagos de Tolosa haviam procedido em relação ao ouro dos povos gauleses.

Por isso, quando Sila voltou a ver Julilla comparou-a com Hermana, e achou-a desleixada, descuidada, ignorante, desordenada e pouco metódica, e... *detestável.* Pelo menos, tinha aprendido desde o último encontro a não se atirar a ele à vista dos servos. Contudo, pensou Sila penosamente durante o primeiro jantar que fazia em casa, o facto de ter sido poupado a essa prova física devia-se certamente à presença de Márcia, e não ao esforço de Julilla para lhe agradar. É que Márcia impunha a sua presença: rígida, empertigada, carrancuda, pouco afectuosa, intransigente. Não envelhecera com graciosidade, e ao fim de tantos anos de felicidade como esposa de Caio Júlio César, a viuvez para ela constituía um grande fardo. Além de que Sila suspeitava que ela deveria odiar ser mãe de uma filha com tantos defeitos como Julilla.

Não era de admirar, já que ele próprio detestava ser casado com uma mulher com tantos defeitos. No entanto, não era prudente abandoná-la, pois Julilla não era nenhuma Metela Calva, que dormia indiscriminadamente com todos, humildes e nobres. A fidelidade talvez fosse agora a sua única virtude. Infelizmente, a bebida não piorara ao ponto de ser publicamente conhecida como bêbeda. Márcia fazia um enorme esforço para esconder esse aspecto. O que implicava que estava fora de questão um divórcio *diffarreatio* (mesmo que ele estivesse disposto a sofrer essa coisa terrível).

Porém, era impossível viver com ela. As suas exigências físicas eram tantas e tão irregulares que Sila não sentia qualquer emoção para além de uma sensação de incómodo horrível e total. Mal via Julilla, todo o seu corpo se encolhia como um dos caracóis de Públio Vagiennius. Não tinha vontade de tocar-lhe, nem queria que ela o fizesse.

Era fácil para uma mulher romana dissimular o desejo e o prazer sexuais, mas um homem não podia fingir. Se os homens eram por natureza mais sinceros do que as mulheres, pensou Sila, isso devia-se certamente ao órgão que tinham entre as pernas e os impedia de mentir nos encontros sexuais; o que marcava muito a vida sexual masculina. E se houvesse algum motivo para a atracção dos homens pelas mulheres, isso devia-se ao facto de o fazer amor não exigir nenhum acto de fé.669

Nenhuma destas cogitações trazia bons augúrios a Julilla, que não fazia ideia do que o seu marido pensava, mas ficava destruída pela prova do pouco que ele sentia. Em duas noites consecutivas fora rejeitada, enquanto Sila dominava a paciência e dava desculpas cada vez menos convincentes. E na terceira manhã, Julilla levantou-se ainda mais cedo do que Sila, para poder beber vinho à vontade ao pequeno-almoço, sendo apanhada em flagrante pela mãe.

Daí resultou uma discussão tão azeda e rabugenta entre as duas mulheres que as crianças desataram a chorar, os servos eclipsaram-

se e Sila fechou-se no seu *tablinum,* lançando pragas às duas mulheres. Pelos pequenos fragmentos da discussão que conseguiu apanhar, Sila deduziu que o assunto não era novo, nem era o primeiro confronto entre as duas. Num tom de voz tão alto que podia ser ouvido no templo da Magna Mater, Márcia alegou que as crianças estavam a ser completamente ignoradas pela mãe. Num grito que chegava até ao Circo Máximo, Julilla retorquiu que isso acontecera por Márcia lhe ter roubado o afecto dos filhos. O recontro durou mais do que devia: mais uma indicação, pensou Sila, de que tanto o assunto como os argumentos tinham sido amplamente explorados em ocasiões anteriores. Discutiam quase por hábito. A discussão acabou no *átrium,* mesmo à porta do gabinete de Sila, onde Márcia informou Julilla de que ia levar as crianças e a ama a dar um grande passeio e não sabia quando estaria de volta mas, para seu bem, Julilla devia estar sóbria quando ela regressasse.

Tapando os ouvidos para não ouvir os soluços patéticos e as súplicas que os pequenos dirigiam à mãe e à avó, Sila tentou pensar como os seus filhos eram belos. Ainda estava deliciado por vê-los ao fim de tanto tempo; Cornélia Sila tinha agora mais de cinco anos, e o pequeno Lúcio Sila, quatro. Estavam no seu direito e já tinham idade suficiente para sofrerem, como Sila bem se lembrava, pelas suas recordações de infância, enterradas mas nunca esquecidas. Se havia piedade no seu abandono dos gémeos germanos, residia no facto de aqueles serem ainda dois bebés. Teria sido muito mais duro separar-se dos seus filhos romanos, dado que já eram pessoas. Sila lamentava-os profundamente. E também os amava profundamente, com um tipo de amor que nunca sentira por qualquer homem ou mulher. Eram desinteressados e puros, perfeitos e sem sombra de corrupção. A porta abriu-se: Julilla precipitou-se no gabinete enrolada em panos, com os punhos cerrados e o rosto vermelho de raiva. E do vinho.

- Ouviste? perguntou ela.670

Sila pousou a *pena.*

- Como podia deixar de ouvir? - perguntou, num tom cansado. Todo o Palatino ouviu.

- Aquela velha! Aquela provocadora encarquilhada! Como se atreve a acusar-me de deixar os meus filhos ao abandono?

”Digo, ou não?” interrogou-se Sila. ”Por que motivo a suportarei? Por que não vou buscar a minha caixinha de pó branco da fundição de Pisa e não o despejo no vinho dela até lhe caírem os dentes e a língua se lhe enrolar toda e as mamas lhe incharem e explodirem como bolas de sabão? Por que não vou colher uns cogumelos sem mancha à beira de um carvalho e não lhos dou a comer até que se desfaça em sangue por todos os orifícios? Por que não lhe dou o beijo por que anseia e não lhe agarro o pescoço escanzelado como fiz a Clitumna? Quantos homens matei com espada, punhal, seta, veneno, pedra, machado, pau, com uma correia de couro ou mesmo com as mãos? O que tem ela a mais que todos os outros?” Sila descobriu logo a resposta. Julilla realizara o seu sonho. Julilla dera-lhe sorte. E era uma Romana Patrícia, sangue do seu sangue. Mais depressa mataria Hermana.

Mesmo assim, as palavras não podiam matar esta senhora romana dura e enérgica, pelo que Sila poderia servir-se à vontade das palavras.

- É verdade que deixas os teus filhos ao abandono - disse-lhe. - Foi essa a primeira razão por que trouxe para cá a tua mãe.

Julilla arfou de um modo teatral, como se sufocasse; pôs as mãos à volta do pescoço.

- Oh! Como te atreves? Nunca abandonei os meus filhos, nunca!

- Que disparate. Nunca te importaste nada com eles - afirmou Sila no mesmo tom fatigado e paciente que tinha adoptado assim que entrara naquela casa maldita. - A única coisa que te importa, Julilla, é a garrafa de vinho.

- E **quem pode culpar-me por** isso? - perguntou a rapariga, deixando tombar as mãos ao longo do corpo. - Quem pode honestamente culpar-me por isso? Estou casada com um homem que não me quer, que ja nem consegue endireitá-lo quando estamos na mesma cama e o tenho na boca e o chupo até me doerem os maxilares?

- Se vamos ser explícitos, importas-te de fechar a porta? - pediu ele.

- Porquê? Para os nossos queridos servos não ouvirem? Que grande hipócrita és, Sila! E de quem é a culpa, tua ou minha? Porque será que nunca tens a culpa? A tua fama como amante é demasiado conhecida671

nesta cidade para poder acusar-te de impotência! Sou logo *eu* a única que tu não queres! *Eu!* A tua própria mulher! Nunca olhei para outro homem, e o que ganho eu com isso? Ao fim de quase dois anos fora, nem consegues levantá-lo quando me torno *irrumator!* - os seus enormes olhos amarelados encheram-se de lágrimas. - O que te fiz eu? Oh, Sila, olha para mim com um olhar de amor, toca-me como se tocam aqueles a quem se ama, e nunca mais beberei uma gota de vinho até ao fim da vida! Como *posso* amar-te como te amo sem receber nada em troca?

- Talvez isso seja uma parte do problema - disse Sila, cinicamente indiferente. - Não gosto de ser amado em excesso. Não está certo. Com efeito, até é pouco saudável.

- Então, diz-me *como* posso deixar de te amar! - Julilla chorava. Não sei como fazê-lo! Achas que se soubesse não o faria? Era em três tempos! *Rezo* para deixar de te amar! Anseio por isso! Mas não consigo. Amo-te mais do que à vida.

Sila suspirou.

- Talvez a solução seja cresceres um pouco. Mais pareces uma adolescente. De corpo e de mente, ainda não passaste dos dezasseis

anos. Só que já não tens essa idade, Julilla. Tens vinte e quatro. Tens uma filha de cinco anos e um filho que vai fazer quatro.

- Talvez os meus dezasseis anos tenham sido a última altura em que fui feliz - disse Julilla, esfregando as palmas das mãos nas bochechas cheias de lágrimas.

- Se não és feliz desde os dezasseis anos, não podes atribuir-me a culpa - disse Sila.

- *Tu nunca* tens a culpa de nada, pois não?

- Com efeito - afirmou ele, com ar superior.

- E as outras mulheres?

- O que têm elas?

- É possível que uma das razões para a tua falta de interesse por mim desde que voltaste se deva ao facto de teres uma mulher na Gália.

- Não é uma mulher - corrigiu ele gentilmente -, é uma esposa. E não é na Gália mas na Germânia.

Julilla ficou boquiaberta.

- Uma esposa?

- À maneira dos germanos. E dois gémeos com uns quatro meses de idade - Sila fechou os olhos, para não deixar transparecer a dor. - Sinto muito a falta dela. Não é estranho?672

Julilla conseguiu fechar a boca e dissimular a dor,

- É bonita? - perguntou, num murmúrio.

Sila abriu os seus olhos claros, surpreendido.

-A Hermana? Não, de modo nenhum! É atarracada e já passa dos trinta. Não tem um centésimo da tua beleza. Nem é tão loura como tu. Nem é a filha de um chefe ou de um rei. É apenas uma bárbara.

- Porquê?

Sila abanou a cabeça.

- Não sei. Só sei que gostei muito dela.

- O que tem ela que eu não tenha

- Um bom *par* de seios - respondeu Sila, encolhendo os ombros mas como não sou grande apreciador de seios, não deve ser por isso. Hermana trabalhou arduamente; nunca se queixou, nunca esperou nada de mim... Não, não é isso. É antes o facto de ela nunca ter esperado que eu fosse o que não sou. - Sila assentiu, sorriu com ternura. - Sim, deve ser isso. Ela pertencia a si mesma e por isso não me sobrecarregou. Tu és uma corrente de chumbo presa ao meu pescoço. Hermana era um par de asas atadas aos meus pés.

Sem uma palavra, Julilla saiu do gabinete. Sila levantou-se, segui u-a até à porta e fechou-a.

Mas Sila mal tinha tido tempo de retomar os seus rascunhos - pois não pudera escrever nada de jeito nessa manhã - quando a porta voltou a abrir-se. O mordomo ficou parado à porta como um tronco de madeira i nanimado.

- Sim?

- Uma visita, Lúcio Cornélio. Podes receber?

- Quem é?

- Dir-te-ia o nome, *dominus,* se o soubesse - explicou o *mordomo* com firmeza. - O visitante preferiu dar-me um recado para te transmitir - ”Cílax envia Cumprimentos.”

O rosto de Sila ficou resplandecente como a superfície polida de um espelho; nasceu-lhe um sorriso de encanto. Um dos da velha truPe! Um dos tantos mimos, comediantes e

actores outrora conhecidos! Oh, magnífico! O simplório do mordomo quejulílla comprara não sabia *de* ***nada.*** Os escravos de Clitumna não serviam para Julilla.

- Manda-o entrar!

Sila tê-lo-ia reconhecido em qualquer lugar, em qualquer altura. Porém, como mudara! Transformara-se num homem.673

- Metróbio! - exclamou Sila, pondo-se se de pé e olhando automaticamente para a porta, para ver se estava fechada. Estava. As janelas não estavam fechadas, mas não fazia mal, pois existia uma regra rígida em casa de Sila: ninguém podia ficar *num* lugar de onde pudesse ver para dentro do seu gabinete através das janelas da colunata.

Metróbio devia ter agora vinte e dois anos, pensou Sila. Era bastante alto para um grego. A longa trunfa de caracóis fora cortada rente e transformada num corte masculino, e a pele do queixo e das bochechas, antigamente branca, apresentava agora a sombra azulada de uma barba rija e bem barbeada. Mantinha o perfil de um Apolo Praxíteles e algo da serenidade epicena; era como um mármore de Nícias tão verosímil que podia sair da base e começar a andar, mas guardara o segredo do seu mistério, a sua origem.

O controlo marmóreo da beleza perfeita quebrou-se então; Metróbio olhou para Sila com verdadeiro amor, e, sorrindo, estendeu-lhe os braços. Os olhos de Sila encheram-se de lágrimas; os lábios tremiam-lhe. Ao contornar a mesa de trabalho, Sila embateu num dos cantos, mas nem reparou. Dirigiu-se a Metróbio e este abraçou-o, e pousou o queixo no ombro dele e os braços enrolados à sua volta. Sila sentiu-se como se tivesse finalmente chegado a casa. E quando se beijaram, o seu beijo foi delicado: o entendimento desenvolvera-se e o acto de fé foi feito sem conhecimento ou dor de qualquer espécie.

- Meu rapaz! Meu belo rapaz! - exclamou Sila, e chorou de gratidão por algumas coisas não terem mudado.

No exterior das janelas abertas do gabinete de Sila, Julilla viu o marido acolher-se nos braços do belo jovem, viu-os beijarem-se, escutou as palavras de amor que trocaram, viu-os precipitarem-se no leito e iniciar as intimidades iniciais de uma relação tão antiga e tão gratificante para ambos que aquilo era apenas um regresso. Julilla não precisou que ninguém lhe dissesse que era esta a razão por que o seu marido a rejeitara, e a que a levava a beber e a vingar-se não dando atenção aos filhos. Os filhos do marido.

Antes que se libertassem das roupas, Julílla virou costas e dírigíu-se de cabeça erguida e olhos secos para o quarto que partilhava com Lúcio Cornélio Sila. O seu marido. Ao lado do quarto havia um cubículo onde guardavam as roupas, mais cheio, agora que Sila regressara a casa, pois a armadura estava pendurada numa estrutura em forma de T, o elmo tinha674

um suporte especial e a espada com o punho de cabeça de águia estava encostada à parede, com a bainha e o cinto.

Julilla não teve dificuldade em retirar a espada, mas foi-lhe mais difícil desembainhá-la. Por fim, conseguiu tirá-la da bainha e arfou quando a lâmina lhe trespassou a mão até ao osso. Ficou surpreendida por conseguir sentir dor física, e a seguir afastou a surpresa e a dor, pois eram-lhe irrelevantes. Sem hesitar, pegou na espada pela águia de marfim, virou-a para si e foi de encontro à parede.

O golpe não fora bem executado. Julilla tombou num charco de sangue com a espada cravada na barriga e o coração num ritmo galopante; o barulho da sua respiração ressoava-lhe nos ouvidos como alguém que se aproximasse às escondidas para lhe roubar a vida e a virtude. Como já não possuía nenhuma delas, o que lhe importava? Então, sentiu a terrível agonia e o Calor do seu próprio sangue a abandoná-la. Mas ela pertencia à linhagem dos Júlios Césares; não pediria auxílio, nem se arrependeria da sua decisão durante o tempo que lhe restasse. Nem por um momento pensou

nos seus dois filhos; a única coisa em que pensava era na sua estupidez, ao amar durante tantos anos um homem que gostava de homens.

Era motivo suficiente para morrer. Não se exporia à risota dos outros, às troças das outras mulheres de sorte, casadas com homens que gostavam de mulheres. À medida que o sangue lhe vertia do corpo levando consigo a vida, a sua mente febril começou a acalmar, até que ficou petrificada. Oh, que maravilha poder enfim deixar de amá-lo! Tinham-se acabado os tormentos, a angústia, a humilhação, o vinho. Pedira ao marido que lhe ensinasse o modo de deixar de gostar dele e ele mostrara-lho. Acabara por ser tão amável para ela, o seu querido Sila. Os últimos *momentos* lúcidos foram para os filhos; ao menos neles deixava algo de si. E *Julilla* mergulhou nas doces águas do Oceano da Morte, desejando aos filhos uma vida longa e muita felicidade.

Sila voltou a sentar-se à mesa de trabalho.

- Está aí vinho; enche-me a taça - disse para Metróbio.

O homem era tão semelhante ao rapaz, quando o rosto se lhe *animava!* Assim, era mais fácil recordar que o rapaz se propusera abandonar todos os luxos pela hipótese de viver na penúria com Sila.

Com um sorriso brando Metróbio trouxe o vinho e sentou-se na cadeira dos clientes.675

- Sei o que vais dizer, Lúcio Cornélio: ”Não podemos fazer disto um hábito.”

- Sim. Entre outras coisas - Síla bebeu um gole de vinho e fitou Metróbio com um olhar severo. - *Não* é possível, querido rapaz. Só uma vez por outra, quando a necessidade ou a dor ou o que quer que seja se tornar insuportável. Estou a um palmo de tudo o que desejo, pelo que não posso ficar contigo agora. Se estivéssemos na

Grécia, sim. Mas não estamos. Estamos em Roma. Se eu fosse o Primeiro Homem de Roma, sim. Mas não sou eu, mas sim Caio Mário.

Metróbio ficou desanimado.

- Compreendo.

- Continuas no teatro?

- Claro. É a única coisa que sei fazer. Além de que Cílax foi um bom professor, verdade seja dita. Por isso, nunca me faltam papéis, e não tenho muito tempo para descansar - Metróbio aclarou a garganta e pareceu um pouco constrangido. - A única diferença é que me tornei um actor sério.

- Sério?

- Exactamente. Acontece que não tinha jeito para a comédia. Quando *era criança,* sim, mas quando me cansei das asas de Cupido e da irrequietude, descobri que o meu verdadeiro talento era para a tragédia e não para a comédia. Por isso, agora entro em peças de Ésquilo e de Átio em vez das de Aristófanes ou Plauto. Não estou arrependido.

Sila encolheu os ombros.

- Ao menos poderei ir ao teatro sem me trair por estares a fazer o papel de ingénua desafortunada. Possuis a cidadania?

-Não, ai de mim!

- Verei o que posso fazer - com um suspiro, Sila pousou a taça e juntou as mãos como um banqueiro. - Vamos encontrar-nos, mas não muito frequentemente, e nunca mais aqui. Tenho uma mulher bastante doida em quem não posso confiar.

- Era maravilhoso se pudéssemos encontrar-nos de vez em quando.

- Tens uma casa razoável, ou continuas a viver com Cílax? Metróbio pareceu espantado.

- Pensei que sabias! Mas como podias saber, se não vives em Roma há anos? Cílax morreu há seis meses. E deixou-me tudo o que possuía, incluindo o apartamento.

- Então, serão aí os nossos encontros - Sila levantou-se. - Vem, vou acompanhar-te à porta. E incluir-te-ei na lista dos meus clientes, para676

que, se precisares de vir cá, tenhas uma razão válida para isso. Enviarei uma mensagem para tua casa antes de aparecer.

Um beijo desprendeu-se dos belos olhos escuros à despedida, mas não houve palavras nem nada que desse a entender ao mordomo ou ao porteiro que aquele homem extremamente belo era algo mais que um antigo cliente.

- Dá saudações minhas a todos, Metróbio.

- Não estarás em Roma para os jogos teatrais?

- Receio bem que não - lamentou Sila, sorrindo com naturalidade.

- São os Germanos.

E assim se despediram, na mesma altura em que Márcia descia a rua à frente das crianças e da ama. Sila esperou por ela e acolheu-a à porta.

- Márcia, peço-te que venhas ao meu gabinete.

Com um olhar desconfiado, Márcia entrou de esguelha no gabinete à frente dele e sentou-se no leito, onde, reparou Sila apavorado, havia uma mancha molhada mesmo à vista.

- Se não te importas, senta-te na cadeira - disse.

Ela sentou-se, olhando-o com ar carrancudo, de queixo erguido e lábios apertados.

- Sogra, sei bem que não gostas de mim e não pretendo de modo nenhum tentar mudar os teus sentimentos - começou Sila, fazendo por parecer à vontade, despreocupado. - Também não foi por gostar de ti que te pedi que viesses viver para minha casa. Estava preocupado com os meus filhos. E ainda estou. E devo agradecer-te de todo o coração os teus cuidados. Tens tratado deles muito bem. Voltaram a ser pequenos Romanos. Márcia perdeu um pouco da frieza.

- Alegra-me que penses isso.

- Consequentemente, as crianças já não constituem a minha preocupação principal. A questão agora é ajulilla. Ouvi a tua discussão com ela esta manhã.

- Toda a gente ouviu! - afirmou Márcia com dureza.

- Sim, é verdade... - Sila deu um suspiro profundo. - Depois de teres levado as crianças, teve uma discussão comigo que também toda a gente ouviu, ou pelo menos muita gente. Queria perguntar-te se fazes alguma ideia do que devemos fazer.

- Infelizmente, pouca gente sabe que ela bebe para poderes divorciar-te por esse motivo, que é a tua única razão de queixa - expôs Márcia, sabendo **bem que tinha sido** ela a ocultá-la. - Penso que tens de ser paciente.677

Ela bebe cada vez mais; não poderei ocultá-lo por muito mais tempo. Mal seja do conhecimento de todos, podes rejeitá-la sem seres condenado - explicou a mãe de Julilla.

- E se isso acontecer enquanto eu estiver fora?

- Eu sou a mãe dela; posso afastá-la. Se isso ocorrer na tua ausência, mandá-la-ei para a tua *villa* de Circeios. E quando regressares, podes divorciar-te e fechá-la noutro lugar qualquer. A seu tempo, acabará por beber até à morte - Márcia levantou-se, ansiosa por sair dali, sem dar mostras do grau de sofrimento que sentia. - Não gosto de ti, Lúcio Cornélio, mas não te culpo pela situação penosa de Julilla.

- Gostas de algum dos teus genros ou noras? - perguntou Sila. Márcia resmungou.

- Só de Aurélia.

Sila acompanhou-a até ao *átrium.*

- Onde estará Julilla? - perguntou, lembrando-se de que não a vira desde a chegada de Metróbio. Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

- Deve estar deitada à espera de um de nós - disse Márcia. - Sempre que começa o dia com uma discussão, costuma continuá-lo até ficar bêbeda e desmaiar.

O desagrado fez baixar os lábios de Sila.

- Não a vejo desde que saiu do meu gabinete a correr. Tive a visita de um velho amigo logo a seguir, e estava a acompanhá-lo à porta quando apareceste com as crianças.

- Ela não costuma atrasar-se tanto - disse Márcia, e olhou para o mordomo. - Viste a tua ama? - perguntou.

- A última vez que a vi, ia para o quarto de dormir - respondeu. Devo chamar a criada?

- Não. Não te incomodes - Márcia olhou para Sila de esguelha. Parece-me que devíamos ir imediatamente vê-la os dois, Lúcio

Cornélio. Talvez seja razoável se lhe dissermos o que lhe acontecerá se não sair daquele chiqueiro.

E então, encontraram Julilla, torcida e imóvel. As suas belas roupas de lã tinham absorvido a maior parte do sangue, pelo que estava agora vestida de *um* tom escarlate ferrugento, como uma Nercide saída de um vulcão.

Márcia apertou o braço de Sila, cambaleante; ele pôs-lhe um braço à volta dos ombros, mantendo-a direita.

Mas a filha de Quinto Márcio Rex fez um esforço e dominou-se.678

- Era uma solução com que não estava a contar - disse suavemente.

- Nem eu - disse Sila, habituado ao assassínio.

- O que *lhe fizeste?* Sila abanou a cabeça.

- Tanto quanto me lembro, nada que pudesse provocar isto. Podemos perguntar aos servos; eles ouviram pelo menos metade da discussão.

- Não me parece aconselhável interrogá-los - afirmou Márcia, e virou-se subitamente para Sila, buscando abrigo no seu corpo. - Em muitos aspectos, Lúcio Cornélio, é esta a melhor solução. Prefiro que as crianças sofram o choque da sua morte à desilusão lenta que traria a sua bebedeira. Agora, têm idade para esquecer. Mas mais tarde, recordar-se-iam - Márcia encostou o rosto ao peito de Sila. - Sim, é a melhor solução - uma lágrima escapou-se-lhe por debaixo da pálpebra fechada.

- Vem, vou levar-te ao teu quarto - disse ele, conduzindo-a para fora do cubículo cheio de sangue. - Nem me lembrei da espada. Que parvo!

- Por que havias de lembrar-te?

- Intuição - respondeu Sila, que sabia exactamente o que levarajulilla a ir buscar a espada e usá-la; assistira ao encontro com Metróbio pela janela do gabinete. **Márcia tinha** razão. Era a melhor solução. E *ele* nem tinha precisado de mexer um dedo.

A magia não falhara; quando decorreram as eleições consulares após os novos tribunos da plebe terem entrado em funções, no décimo dia de Dezembro, Caio Mário voltou a ser eleito cônsul. Ninguém podia desacreditar o testemunho de Lúcio Cornélio Sila nem a afirmação de Saturnino de que ainda havia um homem capaz de derrotar os Germanos. O antigo receio dos Germanos voltou a inundar Roma como uma enchente do Tibre, e, uma vez mais, a Sicília deixou de ocupar o primeiro lugar na lista de crises que nunca, mas nunca pareciam diminuir.

- Porque mal eliminamos uma, surge logo outra, vinda não se sabe donde - disse Marco Emílio Escauro a Quinto Cecílio Metelo Numídico Suíno.

- Incluindo a Sicília - acrescentou o cunhado de Lúculo, em tom venenoso. - Como *pôde* Caio **Mário dar o seu apoio** àquele *pipinna do* Aenobarbo, quando insistiu para que Lúcio Lúculo fosse substituído como governador da Sicília? E ainda por cima, por *Servílio, o augure!* Não passa de um Homem Novo sob o disfarce de um nome antigo!679

- Estava a puxar-te o rabo, Quinto Cecílio - afirmou Escauro. Caio Mário está-se nas tintas para quem governa a Sicília, agora que os Germanos vêm mesmo a caminho. Se querias que Lúcio Lúculo ficasse, teria sido melhor que tivesses estado calado; então, Caio Mário não se teria lembrado que tu e Lúcio Lúculo são importantes um para o outro.

- Os cargos senatoriais têm de ser bem inspeccionados - disse Numídico. - Vou candidatar-me ao lugar de censor!

- Bem pensado! Com quem?

- Com o meu primo Caprário.

- Oh! Ainda melhor, por Vénus! Fará tudo o que lhe mandares.

- Está na altura de purgarmos o Senado, para já não falar dos cavaleiros. Não tenhas medo que serei um censor rigoroso, Marco Emílio! afirmou Numídico. - Saturnino sai, bem como Gláucia. São homens perigosos.

- Não faças isso! - exclamou Escauro, hesitando. - Se não o tivesse acusado enganadamente de desvio dos dinheiros dos cereais, poderia ter-se tornado um político diferente. Nunca me libertarei das culpas no caso de Lúcio Apuleio.

Numídico ergueu as sobrancelhas.

- Meu caro Marco Emílio, estás a precisar muito de um tónico! As razões que levam esse homem ganancioso a agir assim não têm a menor importância. O que interessa neste momento é ele ser o que é. E tem de sair - Numídico soprou ar pelas narinas, furioso. - Ainda não estamos arrumados! - disse. - E pelo menos no próximo ano, Caio Mário tem um homem a sério como colega, em vez daqueles bonecos de palha, Fímbria e Orestes. Tentaremos conseguir que Quinto Lutácio entre em algum combate, e anunciaremos por Roma inteira o mais pequeno êxito do seu exército ao som de trombetas.

O eleitorado também votara em Quinto Lutácio Catulo César para cônsul; um cônsul subalterno em relação a Mário, mas como Mário dissera, é ”um espinho no meu flanco”.

- O teu irmão mais novo foi eleito pretor - informou Sila.

- E vai para a Espanha Ulterior, lindamente afastado do caminho. Encontraram Marco Emílio Escauro, que se separara de Numídico no fim das escadas do Senado.

- Devo agradecer pessoalmente o teu trabalho na questão do fornecimento de cereais - disse Mário, em tom cortês.680

- Desde que haja trigo à venda em qualquer parte do mundo, Caio Mário, não é muito difícil - afirmou Escauro com igual cortesia. - O que me preocupa é o dia em que não se vender trigo em lado nenhum.

- Não é provável que aconteça para já! Suponho que a Sicília voltará ao normal na próxima colheita.

Escauro atacou logo.

- Desde que não se perca tudo o que foi ganho quando aquele tolo tagarela do Servílio Áugure assumir as funções de governador! - exclamou Escauro causticamente.

- A guerra na Sicília já acabou - disse Mário.

- Esperemos que sim, cônsul. Não estou assim tão certo disso.

- E aonde tens ido buscar o trigo nos últimos dois anos? - perguntou Sila rapidamente, para evitar o desacordo expresso de Escauro.

- À Província da Ásia - respondeu Escauro, deixando-se afastar do assunto, pois gostava mesmo de ser *curator annonae,* o encarregado do abastecimento de cereais.

- Mas com certeza não há um grande excesso de produção - sugeriu Sila.

- Quase um *modius,* com efeito - disse Escauro, satisfeito consigo mesmo. - Não, devemos agradecer ao rei Mitríades do Ponto. É muito novo mas imensamente empreendedor. Depois de ter conquistado todas as terras a norte do mar Euxino e conseguido o controlo das terras produtoras de cereais do Tânais, do Borístenes, do Hípanis e do Danastro, está agora a criar um lucro extra para o

Ponto, embarcando o excesso dos Cimérios para a Província da Ásia e vendendo-o a Roma. Além do mais, vou seguir a minha intuição e voltar a comprar cereais na Província da Ásia no próximo ano. O jovem Marco Lívio Druso irá como questor para a Ásia e encarreguei-o de me representar neste assunto.

Mário resmungou:

- De certeza que vai visitar o **sogro, Quinto Servílio Cepião,** em Esmirna, enquanto se encontra lá.

- Sem dúvida - disse Escauro maliciosamente.

- Nesse caso, manda o jovem Marco Lívio Druso enviar as contas dos cereais a Quinto Servílio Cepião - sugeriu Mário. - Ele tem mais dinheiro para pagá-las do que o Tesouro!

- Isso é uma afirmação infundada.

- De acordo com o rei Copillus, não.681

Um silêncio incómodo pairou por um momento, antes de Sila perguntar:

- Que quantidade desses cereais asiáticos chega até nós, Marco Emílio? Ouvi dizer que o problema da pirataria piora de ano para ano.

- Cerca de metade, não mais - respondeu Escauro, com um ar triste. -Todas as enseadas e portos escondidos das costas da Panfília e da Cilícia abrigam piratas. É evidente que são principalmente negreiros, mas se puderem roubar cereais para alimentar os escravos que roubam, asseguram grandes lucros, não é? E os cereais que restam são-nos vendidos ao dobro do preço por que os pagámos inicialmente, nem que seja por nos garantirem que chegará até nós sem ser roubado... pela segunda vez.

- É espantoso - concluiu Mário - que mesmo entre os piratas existam intermediários. Porque é isso que eles são! Roubam, e depois voltam a vender-nos o produto do roubo. Lucro limpo. Está na altura de fazermos qualquer coisa, Princeps Senatus, não concordas?

- *É bem* verdade - concordou Escauro com vivacidade.

- O que sugeres?

- Uma comissão especial para um dos pretores: um governo errante, se é que isso existe. Esse pretor receberia barcos e forças navais, e teria a função de limpar todos os ninhos de piratas ao longo das costas da Panfília e da Cilícia - indicou Escauro.

- Podíamos nomeá-lo governador da Cilícia - sugeriu Mário.

- Que excelente ideia!

- Muito bem, Princeps Senatus, convoquemos os Pais Conscritos quanto antes e façamo-lo.

- De acordo - disse Escauro, transbordando de bondade. - Sabes, Caio Mário, poderei odiar tudo o que defendes, mas adoro a tua capacidade de agir sem transformar tudo num novo jogo de circo.

- O Tesouro vai berrar como uma Vestal convidada a jantar num bordel - disse Mário, sorrindo.

- Que berre! Se não acabarmos com os piratas, o comércio entre o Leste e o Oeste cessará. Barcos e forças navais - repetiu Escauro, pensativamente. - Quantos?

- Oito ou dez frotas completas, e digamos... dez mil homens bem treinados. Se tivermos assim tantos - disse Mário.

- Podemos arranjá-los - garantiu Escauro, confiante. - Se for necessário, podemos contratar alguns de Rodes, de Halicarnasso, de

Cnido, de Atenas, de Éfeso... Não te preocupes que havemos de encontrá-los.682

- Devíamos confiá-los a Marco Antônio - afirmou Mário.

- Porque não ao teu irmão? - perguntou Escauro, surpreendido. Mas Mário sorriu, imperturbável.

- Tal como eu, Marco Emílio, o meu irmão é um campónio. Ao passo que todos os Antónios gostam do mar.

Escauro riu-se.

- Quando não estão à deriva!

- É verdade. Mas ele é bom, o nosso pretor Marco António; Penso que saberá cumprir a missão.

- Concordo contigo.

- E entretanto - disse Sila, a sorrir -, o Tesouro terá tanto com que se entreter a choramingar e a queixar-se do dinheiro gasto na compra de cereais e na perseguição dos piratas, que nem reparará no montante que vai pagar aos exércitos de *capite censi.* Porque Quinto Lutácio também terá de recrutar soldados dos *capite censi* para formar o exército.

- Oh, Lúcio Cornélio, estás há demasiado tempo ao serviço de Caio Mário! - exclamou Escauro.

- Estava a pensar o mesmo - respondeu Mário inesperadamente. Mas não disse mais nada.

Sila e Mário partiram para a Gália Transalpina em fins de Fevereiro, depois das exéquias de Julilla; Márcia concordara em ficar *em* casa de Sila para cuidar das crianças durante algum tempo.

- Mas - disse em tom ameaçador - não podes esperar que fique aqui para sempre, Lúcio Cornélio. Agora que estou a chegar aos cinquenta, apetece-me mudar para a costa da Campânia. Os meus ossos não gostam do clima húmido da cidade. É melhor voltares a casar, dar a estas *crianças* uma mãe decente e alguns meios-irmãos e irmãs para brincarem.

- Isso terá de esperar que a questão dos Germanos esteja resolvida explicou Sila, tentando manter um tom cortês.

- Muito bem; depois dos Germanos - disse Márcia.

- Daqui a dois anos - avisou ele.

- *Dois?* Um, com certeza!

- Talvez, *embora* eu duvide. Conta *com* dois anos, sogra,

- Nem mais um dia, Lúcio Cornélio.

Sila olhou *para* ela, com uma sobrancelha erguida em ar de troÇa. É melhor começares a procurar uma esposa para mim.

Estás a brincar?683

- Não. Não estou a brincar! exclamou Sila, cuja paciência andava um pouco esgotada ultimamente. Como pensas que posso partir para ir combater os Germanos e ao mesmo tempo procurar uma esposa em Roma? Se queres mudar-te logo que eu regressar, é melhor escolheres-me uma esposa que queira ser escolhida.

- Que tipo de esposa?

Tanto me faz! Só quero que seja meiga para os meus pequenos disse Sila.

Por esta e outras razões, Sila estava muito contente por deixar Roma. Quanto mais tempo aí permanecesse, mais desejo teria de

ver Metróbio; e quanto mais visse Metróbio, mais quereria vê-lo. E não podia exercer sobre o Metróbio adulto a mesma influência e domínio que tivera sobre ele em rapaz. Metróbio estava agora numa idade em que também tinha a sua palavra a dizer quanto à evolução da relação. Sim, era melhor estar longe de Roma! Só sentiria a falta dos seus filhos tão queridos. Encantadores. Completa e totalmente adoráveis. Sila podia passar fora muitas luas, mas mal reaparecia, recebiam-no de braços abertos e com milhões de beijos. Por que não seria assim o amor adulto? Mas a resposta, pensou, era bem simples. No amor adulto, as pessoas estavam demasiado preocupadas consigo mesmas e pensavam demasiado.

Sila e Mário tinham deixado o cônsul júnior, Quinto Lutácio Catulo César, na angústia do recrutamento de um novo exército e a queixar-se em voz alta por este ter de ser composto por homens dos *capite censi.*

Claro que tem de ser composto por *capite censi* - disse Mário. Não venhas chorar e queixar-te no meu ombro por causa disso. Não fui eu que perdi oitenta mil soldados em Arausio nem todos os outros que perdemos em combate!

Este argumento fez calar Catulo César, que adquiriu um ar aristocrático, apertando os lábios.

Gostava que não lhe atirasses à cara crimes deste género disse Sila.

Então, ele que deixe de atirar-me à cara os *capite censi* - *rosnou* Mário.

Sila desistiu.

Felizmente, as coisas na Gália correram como deviam; Mânio Aquílio mantivera o exército em boa forma com a construção de mais pontes e aquedutos e um número enorme de canais. Quinto Sertório regressara, mas tornou a ir ao encontro dos Germanos, porque, como disse, era onde684

podia ser mais útil; acompanharia o trajecto dos Cimbros e informaria Mário sempre que pudesse. E as tropas estavam a começar a tremer, na expectativa da acção que iriam ter este ano.

Naquele ano deveria ter havido um Fevereiro extra intercalado - inserido - no calendário, mas a diferença entre o antigo Pontifex Maximus e Aenobarbo, o novo, era agora evidente: Aenobarbo não via qualquer mérito em manter o calendário a par das estações. Por isso, quando era Março no calendário, ainda era Inverno, visto que agora o calendário começava a avançar à *frente* das estações. Num ano de apenas 355 dias, tinha de ser intercalado um mês extra de vinte dias, tradicionalmente no fim de Fevereiro. Mas essa decisão cabia ao Colégio de Pontífices, e se os membros não fossem mantidos à altura por um Pontifex Maximus consciente, o calendário acabaria por descambar, como agora sucedera.

Felizmente, chegou uma carta de Públio Rutílio Rufo pouco depois de Sila e Mário terem retomado a rotina da vida num acampamento militar no extremo dos Alpes.

Este ano promete ser recheado de acontecimentos, pelo que o meu maior problema é saber por onde começar. É evidente que todos estavam à espera que saísses do caminho, e juro que mal havias chegado a ócelo quando as ratazanas começaram afazer cabriolas pelo baixo Fórum Romano, Como se divertem!

Começarei pelo nosso precioso par de censores, Suíno e o seu inofensivo primo, o Bode. O Suíno tem vindo a anunciar - desde quefoi eleito, mas teve o cuidado de não *falar nisso perto de ti - que tenciona "purgar o Senado", como ele diz,*

Há uma coisa que se pode dizer a seu favor: não serão censores venais, e todos os contratos do Estado serão tratados de forma adequada e consentidos de acordo com o preço e o mérito. No entanto, já hostilizaram o Tesouro pedindo uma enorme quantia para consertar e remodelar alguns dos templos que não *tinham*

verbas suficientes, para já não *falar das pinturas e bancos de mármore das latrinas das três moradas estatais dos flamines maiores, e das casas do Rex Sacrom e do Pontifex Maximus. Pessoalmente, gosto dos bancos de madeira das* latrinas. *O mármore é tão frio e duro! Houve umapequena briga animada quando o Suíno mencionou o Domus Publicus do Pontifex Maximus, sendo o Tesouro da opinião que o nosso novo Pontifex é suficientemente rico para poder oferecer a tinta e Os bancos de mármore das latrinas.*

Depois, começaram a tratar dos contratos vulgares - e fizeram-no bem. As propostas eram abundantes, havia muita oferta, e duvido que venha a haver muita chicana. 685

Haviam-se movido rápida e silenciosamente até este ponto, pois o que lhes interessava verdadeiramente era rever a lista de senadores e de cavaleiros. Não tinham passado dois dias depois de os contratos estarem acabados juro que fizeram o trabalho de dezoito meses em menos de um! - quando o Suíno convocou um concio *da Assembleia do Povo para ler as descobertas dos censores acerca da plenitude ou baixeza moral dos Pais Conscritos do Senado. No entanto, alguém deve ter dito antecipadamente a Saturnino e a Gláucia que os seus nomes iam ser eliminados, pois quando a Assembleia reuniu estava cheia de gladiadores e outros rufias que não costumam assistir às sessões dos Comícios.*

E mal o Suíno anunciou que ele e o Bode iam excluir Lúcio Apuleio Saturnino e Caio Servílio Gláucia da lista de senadores, a assistência entrou em ebulição. Os gladiadores atacaram os rostros e arrastaram-no de lá; depois, passaram-no de uns para os outros, dando-lhe bofetadas com as mãos enormes e calejadas. Era uma nova técnica: nada de paus ou troncos de madeira mas mãos abertas. Teoricamente, suponho que as mãos não matam senão de punhos fechados. O mínimo de violência, segundo ouvi dizer. Que patético! Tudo aconteceu tão depressa e estava tão bem organizado que o Suíno foi assim até ao início do Clivus Argentarias antes de Escauro, Aenobarbo e outros Homens de Bem terem conseguido apanhá-lo e abrigá-lo no templo de Júpiter Optimus Maximus. Aí, viram que tinha o rosto do dobro do tamanho, os olhos fechados, os lábios rachados em diversos pontos, o nariz jorrava como uma fonte, tinha as orelhas retalhadas e as sobrancelhas cortadas. Aos olhos de todos, parecia umpugilista grego nos Jogos Olímpicos.

A propósito, o que achas do termo que tem sido aplicado à facção ultra-conservadora, os Boni, *os Homens de Bem? Escauro diz que foi ele que o inventou, depois de Saturnino ter começado a chamar-lhes políticos. Mas devia lembrar-se que há muitos de nós com idade para sabermos que Caio Graco* e *Lúcio Opímio chamavam* boni *aos homens das suas facções. Voltemos à minha história!*

Depois de ter sabido que o primo Numídico estava a salvo, o primo Caprário conseguiu restabelecer a ordem nos Comícios. Mandou os seus mensageiros fazer soar os trompetes e gritou que não concordava com as descobertas do seu colega sénior, pelo que Saturnino e Gláucia permaneceriam nos seus postos senatoriais. Dir-se-ia que o Suíno perdeu esta batalha, mas não me agradam os métodos de combate de Saturnino. Limita-se a dizer que não teve nada a ver com a violência mas se sente grato por o Povo o apoiar com tanta veemência.

Talvez penses que as coisas ficaram por aqui, mas não! Os censores procederam então à avaliação financeira dos cavaleiros, depois de terem mandado construir um novo tribunal perto do Poço de Cúrcio. É *uma estrutura de madeira feita especificamente para esse fim, com um lanço de escadas de cada lado, para*686

que haja uma certa ordem entre os entrevistados; sobem por um dos lados, passam à frente da mesa dos censores e descem pelo outro lado. Bem feito. Sabes que os cavaleiros ou os que querem ser cavaleiros têm de entregar documentos respeitantes à sua tribo, local de nascimento, cidadania, serviço militar. bens, capital e rendimentos.

Embora demorem algumas semanas a descobrir se os candidatos têm realmente rendimentos mínimos de 400 000 sestércios anuais, nos primeiros dias, o espectáculo atrai sempre uma multidão. E foi o que aconteceu quando o Suíno e o Bode começaram a inspeccionar as listas de cavaleiros. O desgraçado do Suíno estava cá um espectáculo! As suas nódoas negras estavam mais amarelas que negras e os golpes tinham-se tornado uma rede de linhas escuras congestionadas, Porém, os olhos haviam-se aberto o suficiente para lhe permitir ver. Deve ter desejado que não se lhe abrissem quando viu o que viu na tarde daquele primeiro dia no novo tribunal!

Nada menos que Lúcio Equício, o autoproclamado filho bastardo de Tibério Graco! O sujeito entrou a passos largos quando chegou a sua vez, e ficou parado à frente de Numídico e não de Caprário. O Suíno ficou paralisado ao ver Equício escoltado por um pequeno grupo de escribas e funcionários, carregados de livros de contas e documentos. Depois virou-se para o secretário e disse que o tribunal encerrara, de modo que lhepedia que mandasse embora a criatura que estava à suafrente.

- Tens tempo para me receber - disse Equício.

- Muito bem; o que pretendes? - perguntou, ameaçador.

- Quero inscrever-me na lista dos cavaleiros - disse Equício.

- Nunca o serás durante o lustrum destes censores! - rosnou o nosso Homem de Bem, o Suíno.

Devo dizer que Equício era paciente, Olhando para a multidão que rodeava o tribunal (e parecia que os gladiadores e rufias estavam de volta. Disse:

- não *podes recusar-me, Quinto Cecílio, pois preencho todos os requisitos,*

- Todos, não! - afirmou Numídico. - Estás desclassificado no requisito mais básico de todos; não és um cidadão romano.

- Sou sim, estimado censor - retorquiu Equício em voz alta. - Tornei-me cidadão de Roma pela morte do meu dono, que ma concedeu por testamento bem como o nome e todos os seus bens. O facto de ter voltado a adoptar o nome da minha mãe não *tem qualquer importância. Possuo a prova da minha alforria e adopção. Além disso, estive ao serviço das legiões durante dez anos; como cidadão romano e não como auxiliar.*

- não *vou inscrever-te na lista dos cavaleiros, e quando começar o censo também* não *te inscreverei como cidadão romano disse Numídico.* 687

Mas cabe-me esse direito explicou Equício, muito claramente. Sou um cidadão romano; a minha tribo é a Suburana; servi durante dez anos nas legiões; sou um homem respeitável; possuo quatro ínsulas, dez tabernas, cem iugera *de terra em Lanúvio, mil* iugera *de terra e um pórtico de mercado em Firmum Picenum e um rendimento anual de mais de quatro milhões de sestércios, o que também me permite concorrer ao Senado dito isto, fez um estalido com os dedos para chamar o secretário, que estalou os dedos para chamar os escravos, que avançaram carregados com montes de papéis. Tenho provas, Quinto Cecílio.*

- *Não me interessam os teus papéis. És um reles novo-rico e tanto me faz que tenhas testemunhas ou não. És um ambicioso! - gritou o Suíno. Não te inscreverei como cidadão romano e muito menos como membro do* Ordo Equester. *Estou-me nas tintas para ti. proxeneta! Agora, rua!*

Equício virou-se para a multidão, abriu os braços estava de toga e falou.

Ouviram? perguntou. Eu, Lúcio Equício, filho de Tibério Semprónio Graco, vejo serem-me negados a cidadania e o estatuto de cavaleiro!

O Suíno levantou-se e avançou tão depressa que Equício mal deu por ele; a seguir, o nosso valente censor deu um murro em cheio no maxilar de Equício, que caiu de rabo com a cabeça a andar à roda. Depois do murro, Suíno deu a Equício um pontapé que o fez tombar no meio da multidão.

Mijo para todos vós! rugiu, brandindo os punhos aos espectadores e gladiadores. Vão-se embora daqui e levem convosco esse monte de trampa!

Então, voltou a repetir-se tudo de novo, simplesmente desta vez os gladiadores não tocaram na cara do Suíno. Arrastaram-no para fora do tribunal e bateram-lhe com os punhos, unhas, dentes e botas. Por fim, foram Saturnino e Gláucia esqueci-me de dizer-te que eles estavam por lá, escondidos que avançaram e tiraram Numídico das mãos dos atacantes. Imagino que não estava nos seus planos matar Numídico. Então, Saturnino subiu ao tribunal e mandou fazer silêncio para que Gaprário falasse.

Não estou de acordo com o meu colega e assumirei a admissão de Equício nas fileiras do Ordo Equester gritou *com ar desgraçado e pálido. Penso que nunca devia ter visto tanta violência em nenhuma das suas campanhas militares.*

Inscreve o nome de Equício! bramiu Saturnino. E Caprário inscreveu o nome nas listas.

Ide todos para casa! exclamou Saturnino.

E todos se dirigiram prontamente para os lares, transportando Lúcio Equício aos ombros.

*O Suíno ficou num estado deplorável. Teve sorte por não ter morrido, na minha opinião. Oh, como estava furioso! E fartou-se de criticar o primo Bode por este ter*688

voltado a ceder. O pobre primo Bode estava quase em lágrimas, incapaz de defender os seus actos.

Larvas! São todos umas larvas! repetia o Suíno vezes sem conta, enquanto tentávamos envolver-lhe as costelas (tinha várias partidas) e descobrir os outros ferimentos que se escondiam debaixo da toga. Sim, tudo aquilo dava vontade de rir. Mas deuses, Caio Mário! Não se pode deixar de admirar a coragem do Suíno!

Mário levantou os olhos da carta, franzindo as sobrancelhas.

- O que andará a tramar o Saturnino? perguntou.

Mas a mente de Sila estava ocupada com um assunto muito menos importante.

- Flauto! exclamou Sila subitamente.

- O quê?

- Os *boni,* os Homens de Bem! Caio Graco, Lúcio Opímio e o nosso próprio Escauro dizem que inventaram o termo *boni* para nomear as suas facções, mas *Flauto* chamava *boni* aos plutocratas e outros patronos há cem anos! Lembro-me de ter ouvido esse termo numa exibição dos *Captivi,* de Flauto: a peça foi posta em cena quando Escauro era edil curul, por Téspis! Eu tinha a idade exacta para poder começar a assistir a peças de teatro.

Mário fitou-o, espantado.

Lúcio Cornélio, não te preocupes com quem inventou palavras sem interesse e dá atenção às coisas importantes! Basta falarem-te em teatro e esqueces tudo o resto.

Desculpa! disse Sila, com ar impenitente. Mário retomou a leitura.

Passamos agora do Fórum Romano para a Sicília, onde têm acontecido as coisas mais desagradáveis, algumas divertidas e outras verdadeiramente incríveis.

O que passo a contar é já do teu conhecimento, mas vou refrescar-te a memória, pois detesto histórias esfarrapadas. No fim da última campanha, Lúcio Licínio Lúculo colocou-se à frente da fortaleza dos escravos, para que os rebeldes se rendessem. Lançou o pânico entre eles, mandando um mensageiro contar-lhes a história da fortaleza do inimigo que avisou os romanos de que tinha comida suficiente para resistir durante dez anos, ao que os romanos responderam que não importava, pois tomariam o forte no décimo-primeiro ano.

De facto, Licínio Lúculo fez um óptimo trabalho. Cercou Triócala com rampas, torres de cerco, abrigos, estacas, catapultas e barricadas, preenchendo o enorme

vazio em frente às muralhas. Depois, construiu um acampamento igualmente magnífico para os seus homens, tão fortificado que, mesmo que os escravos quisessem sair de Triócala, não conseguiriam entrar no acampamento de Lúculo. E aí passou todo o Inverno, à espera. Os seus homens estavam bem instalados e tinha a certeza de que o seu comando seria prorrogado.

Em Janeiro, chegou a notícia de que Caio Servílio Augure era o novo governador, e com o despacho oficial vinha uma carta do nosso querido Metelo Numídico Suíno, que comunicava os pormenores escabrosos, o modo escandaloso como Aenobarbo tinha agido com a cumplicidade do seu rapaz, o Augure.

Tu não conheces muito bem o Lúculo, Caio Mário. Mas eu conheço-o. Como muitos dos seus semelhantes, Lúculo apresenta sempre um ar calmo, indiferente e insuportavelmente altivo. Do género "eu sou Lúcio Licínio Lúculo, pertencente à família mais antiga e prestigiosa da nobreza romana, e têm muita sorte por me dignar a prestar-vos atenção de tempos a tempos". Mas sob essa fachada há um homem muito diferente: sensível, fanaticamente consciente das desconsiderações, apaixonado, terrível na sua fúria. E quando Lúculo recebeu a notícia, reagiu com a mesma calma e resignação que se esperaria dele. Depois, começou a destruir todas as peças de artilharia, a rampa e a torre de cerco, a tartaruga, os abrigos, o desfiladeiro de cascalho, os degraus, tudo. E queimou tudo o que podia, e levou baldes e baldes de cascalho e de terra para longe de Triócala, em mil direcções diferentes. Depois, destruiu o próprio acampamento e todos os materiais aí existentes.

Pensas que lhe bastou? Não; aquilo era apenas o início! Destruiu todos os documentos relativos à sua administração de Siracusa e do Lilibeu e mandou os seus dezassete mil homens marchar até ao porto de Agrigento.

O seu questor deu provas de grande lealdade e foi cúmplice em tudo o que Lúculo quis fazer. O pagamento do exército chegara, e havia dinheiro em Siracusa proveniente das pilhagens após a batalha de Heracleia Minoa. Lúculo começou então a multar todos os cidadãos não-romanos da Sicília pelos prejuízos causados ao anterior governador, Públio Licínio Nerva, e acrescentou esse dinheiro ao que já tinha. A seguir, usou algum do dinheiro

que viera para uso de Servílio, o Augure, no aluguer de barcos para o transporte dos seus soldados.

Lúculo embarcou os seus homens a partir da praia de Agrigento e deu-lhes os últimos sestércios que conseguira arranjar. Os homens formavam um grupo heterogéneo, o que prova que os capite censi *da Itália estão hoje tão esgotados como as outras classes, no que diz respeito ao fornecimento de tropas. Para além dos veteranos italianos e romanos que reunimos na Campânia, tinha uma legião e algumas coortes extra da Bitínia, da Grécia e da Tessália macedónica: foi ao*690

pedir estes homens ao rei Nicomedes da Bitínia que lhe respondeu não ter homens para ceder, visto que os agricultores romanos os tinham feito escravos. Foi uma referência bastante impertinente ao facto de termos libertado os escravos dos Aliados Italianos: Nicomedes pensou que o seu tratado de amizade e aliança connosco devia levar à emancipação dos escravos da Eitínia! Lúculo alistou-o, evidentemente, bem como os seus soldados bitínios.

Agora esses soldados regressaram à Bitínia, e os soldados romanos e italianos foram mandados para a Itália e para Roma com as cartas de desmobilização. E, após ter apagado todas as marcas do seu governo dos anais da Sicília, Lúculo partiu.

A seguir à sua partida, o rei Trifão e o seu conselheiro Atenião saíram de Triócala e voltaram a pilhar e saquear a Sicília. Estão agora perfeitamente convencidos de que ganharão a guerra e apregoam a lengalenga seguinte: "Em vez de seres um escravo, sê dono *de um escravo!" Não houve sementeira de cereais e as cidades estão a ser invadidas por refugiados vindos das zonas rurais. A Sicília voltou a ser uma verdadeira* Ilíada *de calamidade.*

Foi com esta situação maravilhosa que deparou Servílio, o Augure. É claro que não podia acreditar no que via, e começou a enviar cartas atrás de cartas. lamentando-se ao seu patrono, Aenobarbo Pipinna.

Entretanto, Lúculo regressou a Roma e iniciou os preparativos para o que era inevitável. Quando Aenobarbo o acusou na Assembleia de ter destruído deliberadamente bens de Roma - em particular os instrumentos de cerco e acampamentos, Lúculo limitou-se a dizer com um ar altivo que pensava que o novo governador devia querer começar as coisas à sua maneira. E que ele, Lúculo, gostava de deixar as coisas como as encontrara, e fora

precisamente o que fizera no fim do seu mandato: deixara a Sicília tal como a encontrara. O pior desgosto de Servílio, o Augure, era a falta de um exército: deduzira que Lúculo deixaria ficar as suas legiões. Porém, não enviara a Lúculo nenhum pedido formal. Por isso, Lúculo insistia que na ausência de um pedido de Servílio, o Augure, tinha o direito de fazer o que entendesse com os seus soldados. E entendera que os soldados seriam desmobilizados.

Deixei a Servílio, o Augure, uma nova mesa, limpa de todas as minhas acções explicou Lúculo na Assembleia. Caio Servílio Augure é um Homem Novo, e os Homens Novos têm a sua maneira própria de fazer as coisas. Por isso, considerei que estava a fazer-lhe um favor.

Sem um exército, Servílio, o Augure, pouco pode fazer na Sicília. E com Catulo César a passar pelo crivo os poucos recrutas que a Itália possa lançar na sua rede, é pouco provável que a Sicília tenha um novo exército este ano. Os veteranos 691

de Lúculo estão dispersos por todo o lado, a maioria deles de bolsas bem recheadas, e não têm grande vontade que os encontrem.

Lúculo bem sabe que se arrisca a ser processado, mas não me parece que isso o preocupe. Teve a satisfação de destruir por completo qualquer hipótese de ajudar Servílio, o Augure, a ganhar os louros à sua custa. E Lúculo está mais interessado nisto do que em evitar ser processado. Por isso, tem feito tudo o que pode fazer para proteger os seus filhos, pois obviamente imagina que Aenobarbo e o Augure usarão o novo tribunal de traição composto por cavaleiros para mover um processo contra ele, garantindo a condenação. Lúculo transferiu todos os bens que pôde para o filho mais velho, Lúcio Lúculo, e deu o mais novo, agora com treze anos de idade, a adoptar aos Terêncios Varrões. Não há nenhum Marco Terêncio Varrão nesta geração e a família é extremamente próspera.

Escauro disse-me que o Suíno que anda muito perturbado com tudo isto e tem razão, pois se Lúculo for condenado, terá de acolher em sua casa a sua escandalosa irmã Metela Calva, diz que os dois rapazes juraram vingar-se de Servílio, o Augure, logo que tenham idade para o fazer. Parece que o rapaz mais velho, Lúcio Lúculo Júnior, está muito amargurado, o que não é de espantar. Se é exteriormente parecido com o pai, por que motivo não há-de igualmente parecer-se com ele no interior? E execrável ser votado à desgraça pela ambição presunçosa de Augure, um nocivo Homem Novo.

E é tudo, de momento. Manter-te-ei informado. Gostava de poder estar aí para te auxiliar com os Germanos, não porque precises da minha ajuda mas porque me sinto excluído

quanto a esse problema.

Mário e Sila só souberam que os Germanos estavam a preparar-se para se mudarem para as terras dos Aduátucos quando o mês de Abril do calendário já ia avançado, e passou mais um mês até Sertório chegar com a notícia de que Bóiorix reunira o número suficiente de povos germanos para concretizar o seu plano. Os Cimbros e o grupo heterogéneo liderado pelos Tigurinos seguiu o curso do Reno, e os Teutões partiram para o sudoeste, descendo o Mosa.

Temos de partir do princípio de que os Germanos chegarão aos limites da Gália Italiana no Outono divididos em três grupos diferentes afirmou Mário, ofegante. Gostaria de estar lá para saudar Bóiorix pessoalmente quando ele descer o Ádige, mas não seria sensato. Primeiro terei de atacar e enfraquecer os Teutões. Espero que sejam o primeiro grupo a chegar, pelo menos até ao rio Druência, pois só a partir daí terão de atravessar território alpino. Se conseguirmos obter uma derrota completa sobre os 692

Teutões, devemos ter tempo para atravessar o desfiladeiro do monte Gen.,, e interceptar Bóiorix e os Cimbros antes de entrarem na Gália Italiana.

- Não te parece que Catulo César pode acabar com ele sozinhw perguntou Mânio Aquílio.

- Não - respondeu Mário, muito simplesmente.

Mais tarde, a sós com Sila, Mário discorreu sobre as hipóteses que o seu colega júnior tinha contra Bóiorix. Porque Quinto Lutácio Catulo César comandaria o seu exército para norte do rio Ádige mal este estivesse treinado e equipado.

- Teremos cerca de seis legiões, e ele tem toda a Primavera e o Verão para prepará-las. Mas Catulo César não é um general. Esperemos que Teutobod chegue em primeiro lugar, esperemos

conseguir derrotá-lo, atravessar os Alpes muito depressa e reunirmo-nos a Catulo César antes *que BóIorix chegue ao lago* Benaco.

Sila ergueu uma sobrancelha.

- As coisas não irão ser assim - disse, convencido de que tinha razão. Mário suspirou.

- Sabia que ias dizer isso!

- E eu sabia que sabias que ia dizê-lo - afirmou Sila, a sorrir. - Não é provável que qualquer das duas divisões que viajam sem Bóiorix consigam um tempo melhor do que os Cimbros. O problema é que não terás tempo para estar em cada um dos lugares no momento exacto.

- Então, ficarei aqui à espera de Teutobod - informou Mário, que acabara de tomar essa decisão. - Este exército conhece bem toda a *região* entre Massília e Arausio, e os homens precisam de uma vitória ao *fim de* dois anos de inacção. Aqui, têm muito boas hipóteses de vencer, Por isso, é aqui que eu devo ficar.

- Faço questão de salientar esse ”eu”, Caio Mário - comentou Sila, gentilmente. - Também tens algum plano para mim?

- Tenho. Desculpa, Lúcio Cornélio, por te ter tirado uma hipótese bem merecida de limpar o sebo a meia dúzia de Teutões, mas tenho de enviar-te como legado sénior ao serviço de Catulo César. Aceitar-te-á, pois és um patrício - explicou Mário.

Amargamente desiludido, Sila olhou para as suas mãos.

- Que utilidade posso ter ao serviço do exército errado?

- Não me preocuparia tanto se não visse todos os sintomas de Silano, Cássio, Cepião e Málio Máximo no meu cônsul júnior. Mas

vejo, LúciO Cornélio! Catulo César não tem qualquer noção de estratégia ou *de tácticas,*693

pensa que, por ser de boas origens, os deuses lhas enfiaram no cérebro a nascença e que surgirão na altura certa. Mas como sabes, as coisas não são assim!

- Sei - assentiu Sila.

- Se Bóiorix e Catulo César se encontrarem antes de eu chegar à Gália Italiana, Catulo César cometerá *qualquer terrível erro* militar e *perderá* o exército. E se alguém o deixar fazer isso, não vejo como iremos ganhar. Dos três grupos, são os Cimbros os mais numerosos e os que tem o melhor comando. Além de que não conheço a configuração do terreno na Gália Italiana, no extremo do rio Pó. Só conseguirei vencer os Teutões com menos de quarenta mil homens se conhecer a região.

Sila tentou manter o ar de domínio superior, mas aquelas sobrancelhas derrotaram-no.

- Mas o que esperas que eu faça? - perguntou. - É Catulo César que comanda o exército e não Cornélio Sila! O *que esperas* que eu faça? Mário estendeu a mão e apertou o braço de Sila acima do pulso.

- Se o soubesse, poderia controlar Catulo César daqui - disse. - Lúcio Cornélio, conseguiste sobreviver mais de um ano entre os inimigos bárbaros como se fosses um deles. Tens uma inteligência tão penetrante como a tua espada e usas extremamente bem as duas. Não duvido que farás tudo o que for necessário para salvar Catulo César de si próprio.

Sila reteve a respiração.

- Então, as minhas ordens são salvar o seu exército a qualquer preço?

- *A qualquer preço.*

- Incluindo o próprio Catulo César?

- Incluindo o próprio Catulo César.

A Primavera encheu-se de flores e o Verão chegou, triunfante como um general no seu desfile triunfal. Depois, expandiu-se, quente e seco. Teutobod e os Teutões vieram em marcha constante através das terras dos Éduos e entraram nas terras dos Alóbrogos, que ocupavam toda a área entre o alto Ródano e o rio ísara, muitas milhas ao sul. Os Alóbrogos eram guerreiros e tinham um ódio secular a Roma e aos Romanos; mas esta hoste germana havia percorrido aquelas terras três anos antes e não queria os Germanos como seus suseranos. A luta foi feroz e o avanço teutónico abrandou. Mário começou a impacientar-se e a pensar como correriam as coisas a Sila, agora que uma parte do exército de Catulo César na Gália Italiana estava acampado perto do Pó.694

Catulo César marchara pela Via Flamínia ao comando de seis novas legiões incompletas nos fins de Junho. A falta de homens era tão grave que não conseguira recrutar mais. Quando chegou à Bonónia Pela Via Aemilia, seguiu pela Via Annia até à grande cidade fabril de Patávio; ficava bastante para o leste do lago Benaco, mas era uma rota melhor para um exército em marcha do que as estradas laterais que predominavam na Gália Italiana. De Patávio, Catulo César percorreu uma dessas estradas mal conservadas que iam dar a Verona e montou aí o seu acampamento de base.

Até aqui, Catulo César não fizera nada que Sila pudesse apontar, no entanto compreendia agora o que levara Mário a transferi-lo para a Gália Italiana e ele considerara na altura uma tarefa menor. Militarmente, poderia sê-lo, mas Mário não se enganara na sua avaliação de Catulo César, pensou Sila. Soberbamente aristocrata, arrogante, extremamente autoconfiante, fazia-lhe lembrar Metelo Numídico. O problema era que o teatro de guerra e o inimigo que

Catulo César defrontava eram muito mais perigosos do que aqueles com que se confrontava Metelo Numídico. E Metelo Numídico tivera Caio Mário e Públio Rutílio Rufo como legados, além da recordação de uma experiência salutar num chiqueiro da Numância. Ao passo que Catulo César nunca se encontrara com Caio Mário *durante* a sua ascensão militar; cumprira o serviço obrigatório como cadete e fora tribuno dos soldados com homens menores, ao comando de guerras menores: Macedónia, Espanha... A guerra em grande escala sempre fugira dele.

A recepção de Catulo César a Sila não foi prometedora, pois embora tivesse escolhido os seus legados antes de partir de Roma, quando chegou à Bonónia encontrou Sila à sua espera com uma directiva do comandante supremo Caio Mário, dizendo que Lúcio Cornélio Sila fora designado seu legado sénior e segundo comandante. Era uma atitude arbitrária e despótica, mas Caio Mário não tivera outra alternativa. Os modos de Catulo César para com Sila eram glaciais e a sua conduta era obstrucionista. Apenas as origens de Sila lhe valiam, mas mesmo isso era *enfraquecido* pelo seu passado obscuro. Além do mais, Catulo César invejava Sila, pois via nele um homem que não só tinha vivido acções em teatros de guerra importantes, mas também fora brilhante na *sua Missão* de espionagem entre os Germanos. Se tivesse sabido do verdadeiro papel de Sila nessa missão, ainda veria Sila com maior suspeita do que antes.695

Com efeito, Mário mostrara a sua genialidade habitual ao enviar Sila em vez de Mânio Aquílio, que também poderia ter provado o seu *mérito* de cão-de-guarda; é que Sila enervava Catulo César: era como se este sentisse permanentemente que havia uma sombra a persegui-lo - mas quando se virava, não via nada. Não havia legado sénior mais útil, mais disposto a tirar dos ombros de um general muito ocupado o fardo da administração diária e da inspecção do seu exército. E no entanto, Catulo César *sabia* que havia qualquer coisa errada. Por que motivo lhe enviara Mário este sujeito, senão por qualquer razão tortuosa?

Sila não tencionava acalmar os receios e suspeitas de Catulo César; pelo contrário, queria mantê-lo desconfiado e receoso, de forma a ganhar sobre ele um ascendente que poderia usar quando e *se* fosse necessário. Entretanto, encarregara-se de travar conhecimento com

todos os tribunos militares e centuriões do exército e com muitos dos soldados. Entregue aos seus planos, ao longo dos treinos e exercícios que efectuava mal o acampamento foi montado perto de Verona, Sila foi-se tornando o legado sénior que todos os subordinados conheciam, respeitavam, e em quem confiavam. Sila precisava que as coisas se passassem assim, para o caso de ter de eliminar Catulo César.

Não era sua intenção mutilar ou matar Catulo César; o seu estatuto de patrício levava-o a *proteger* os outros nobres, nem que fosse de si próprios. Não sentia qualquer afecto por Catulo César mas sentia-o pela sua classe.

Os Cimbros tinham-se saído bem sob o comando de Bóiorix, que conduzira a sua divisão e a de Getorix até à confluência do Danúbio com o Aenus. Aí, deixou Getorix com uma viagem relativamente pequena para percorrer sozinho, e os Cimbros desceram o Aenus, em direcção ao sul. Em breve, atravessavam as terras alpinas dos Brenos, uma tribo de Celtas que recebera o nome do primeiro Breno. Esta tribo controlava o desfiladeiro de Breno, o mais baixo de todos os desfiladeiros que davam para a Gália Italiana, mas não podia impedir Bóiorix e os Cimbros de o transporem.

No fim do mês de Quinctilis do calendário, os Cimbros chegaram ao local em que o rio Ádige se unia ao Isarcus, que haviam seguido desde o desfiladeiro de Breno. Aí, no meio de prados verdejantes, os Cimbros espalharam-se um pouco para admirar a altura das montanhas contra o céu limpo. E foi aí que os descobriram os batedores de Sila.696

Embora se presumisse preparado para todas as eventualidades, Sila não imaginara aquela com que tinha agora de se confrontar; não conhecia Catulo César o suficiente para prever a sua reacção à notícia de que os Cimbros se encontravam no vale do Ádige, prontos para invadir a Gália Italiana.

- Enquanto eu for vivo, nenhum germano porá um pé em solo italiano! - exclamou Catulo César em alta voz quando o assunto foi discutido em conselho. - Nenhum germano porá um pé em solo italiano! repetiu, erguendo-se imponentemente da sua cadeira e observando para os seus oficiais superiores um a um. - Vou dar ordem de marcha.

Sila olhou espantado.

- Ordem de marcha? - perguntou. - Ordem de marcha para onde?

- Para o Ádige, evidentemente - respondeu Catulo César, com uma expressão onde estava patente que considerava Sila um imbecil. - Farei os Germanos recuar para lá dos Alpes antes que algum nevão antecipado o torne impossível.

- Até que parte do Ádige subiremos? - perguntou Sila.

- Até os encontrarmos.

- Num vale estreito como o Ádige?

- Com certeza - respondeu Catulo César. - Ficaremos em grande vantagem em relação aos Germanos. O nosso exército é disciplinado, ao passo que o deles é uma enorme populaça desorganizada. É a melhor alternativa.

- A melhor alternativa é aquela onde as legiões *tiverem espaço para* desdobrarem em linha - sugeriu Sila.

- Há espaço mais do que suficiente no Ádige para o desdobramento de que necessitamos - e Catulo César recusou-se a ouvir mais argumentos. Sila deixou o conselho com a cabeça a fervilhar, pois os planos que fizera para os Cimbros tinham-se tornado inúteis; ensaiara o modo de apresentar a sua melhor alternativa para que Catulo César pensasse que tinha sido o autor do plano. E agora, era o próprio Sila que se via não só sem planos como também sem capacidade de formular nenhum. A menos que conseguisse convencer Catulo César a mudar de ideias.

Mas Catulo César não mudaria de ideias: deu ordens ao exército para marchar ao longo do Ádige até ao ponto em que este corria algumas milhas para o leste do lago Benaco, o maior dos delicados lagos alpinos que enchiam as vertentes dos Alpes Italianos. E o pequeno exército de vinte e dois mil soldados, dois mil cavaleiros e cerca de oito mil não-697

-combatentes marchou para o norte, onde o vale do Ádige se tornava mais estreito e ameaçador.

Por fim, Catulo César chegou ao posto comercial de Tridentum. Aí, elevavam-se três enormes picos denteados que haviam dado ao local o nome de ”Três Dentes”. O Ádige corria agora veloz, em águas fundas, pois a sua nascente vinha de montanhas onde as neves

nunca derretiam por completo, e alimentavam o rio durante o ano inteiro. Para lá de Tridentum, o vale era ainda mais estreito; a estrada que ia dar à aldeia terminava no local onde o rio rugia sob uma longa ponte de **madeira** assente em pilares de pedra.

A cavalo à frente dos seus oficiais séniores, Catulo César olhou em volta, e meneou a cabeça, satisfeito.

- Isto faz-me lembrar Termópilas - disse. - É o lugar ideal para deter os Germanos até eles desistirem e recuarem em direcção ao norte.

- Todos os espartanos de Terinópilas morreram - comentou Sila. Catulo César ergueu as sobrancelhas com arrogância.

- E que importância tem, se repelirmos os Germanos?

- Mas eles não irão recuar, Quinto Lutácio! Se recuarem nesta altura do ano, só encontrarão neve mais para o norte; as suas provisões são reduzidas, e as plantas e cereais da Gália Italiana não se encontram a muitas milhas de distância - Sila abanou a cabeça com veemência. - Não os deteremos aqui - disse.

Os outros oficiais estremeceram, impacientes; todos tinham reparado no nervosismo de Sila desde o início da marcha até ao Ádige, e o bom senso avisava-os de que os actos de Catulo César eram disparatados. Sila não escondera o nervosismo; para impedir Catulo César de perder o exército, precisava do apoio dos seus oficiais.

- Lutaremos aqui - anunciou Catulo César, inamovível. Tinha a *mente cheia* de visões do imortal Leónidas *e* do seu pequeno grupo *de* Espartanos. Que importância tinha a morte prematura do corpo se a recompensa fosse a fama duradoura?

Os Cimbros estavam muito próximos. Mesmo que Catulo César quisesse, teria sido impossível avançar mais para norte de Tridentum. Apesar disso, Catulo César insistiu em atravessar a ponte

com todo o seu exército e montar um acampamento no lado errado do rio, num lugar tão estreito que o acampamento se alongava por várias milhas de norte a sul, visto que as legiões se seguiam umas atrás das outras, ficando a última acampada perto da ponte.[698]

- Tenho sido muito bem tratado - disse Sila ao *centuriãoprimuspilus* da legião mais próxima da ponte, um samnita encorpado de Atina chamado Cneu Petreio; a sua legião também era Samnita e era composta por auxiliares dos *capite censi* samnitas.

- Por que dizes que tens sido bem tratado? - perguntou Cneu Petreio, que observava a água da beira da ponte; esta não tinha balaustrada mas um parapeito baixo feito de barrotes.

- Tenho estado ao serviço de Caio Mário - respondeu Sila.

- Sorte a tua - comentou Cneu Petreio. - Esperava vir a ter essa hipótese - resmungou o homem com uma voz ridícula. - Mas não me parece que *algum de* nós venha a tê-la, Lúcio Cornélio.

Estava com eles outro homem, o comandante da legião, que era um tribuno eleito dos soldados, nada menos que Marco Emílio Escaurojúnior, filho do Presidente da Assembleia (e uma grande desilusão para o seu valente pai). Escauro Júnior abandonou a contemplação do rio para fitar o centurião.

- O que queres dizer com isso? - perguntou. Cneu Petreio voltou a resmungar:

- Iremos todos morrer aqui, *tribunus.*

- Morrer? Todos nós? Porquê?

- O que Cneu Petreio quer dizer, jovem Marco Emílio - explicou Sila pesarosamente -, é que fomos conduzidos para uma situação militar impossível por mais um incompetente de altas famílias.

- Não, estás completamente enganado - concordou o jovem Escauro ansiosamente. - Lúcio Cornélio, reparei que não compreendeste a estratégia de Quinto Lutácio quando ele a explicou.

Sila piscou o olho ao centurião.

- Explica-a *tu então, tribunum militum!* Sou todo ouvidos.

- Bem, os Germanos são em número de quatrocentos mil, e nós somos apenas vinte e quatro mil. Por isso, não podemos enfrentá-los num campo de batalha aberto - expôs o jovem Escauro, encorajado pelos olhares fixos dos dois militares. - A única forma que temos de derrotá-los é apertá-los numa frente que não seja mais vasta do que aquela que o nosso exército puder abranger, e atacar essa frente com as nossas capacidades superiores. Quando se aperceberem de que não se podem mexer, retirar-se-ão, que é a atitude habitual dos Germanos.

- É então assim que vês a situação - disse Cneu Petreio.

- É esta a situação! - retorquiu o jovem Escauro, impaciente.699

- *É esta* a Situação! - repetiu Sila, desatando a rir.

- É esta a situação - repetiu Cneu Petreio, também a rir.

O jovem Escauro ficou espantado a observá-los, começando a temer tanta animação.

- Por favor, digam-me: qual é a *graça?* Sila enxugou os olhos.

- Tem graça, porque é irremediavelmente ingénuo - Sila ergueu a mão e varreu com ela as montanhas como se usasse um pincel, - *Olha* para ali! O que vês?

- Montanhas - respondeu o jovem Escauro, cada vez mais espantado.

- Carreiros, caminhos, atalhos, é o que *nós* vemos! - emendou Sila.

- Não reparaste naqueles pequenos socalcos que fazem as montanhas parecer saias de Minoa? Basta os Cimbros chegarem até ao topo pelos socalcos e cercam-nos em três dias. E então, jovem

Marco Emílio, ficaremos entre o martelo e a bigorna. Seremos esmagados como escaravelhos.

O jovem Escauro ficou tão pálido que Sila e Petreio se dirigiram automaticamente na sua direcção, segurando-o para que não caísse à água, já que nada do que caísse naquele rio sobreviveria.

- O nosso general fez um mau plano - afirmou Sila duramente. Devíamos ter esperado pelos Cimbros entre Verona e o lago Benaco, onde teríamos mil alternativas e terreno suficiente para apanhá-los decentemente.

- Então, porque é que ninguém o *diz* a Quinto Lutácio? - sussurrou o jovem Escauro.

- Porque ele é mais um desses cônsules empertigados - disse Sila. Só ouve a algaraviada que tem dentro da cabeça. Se fosse um Caio Mário, ouvia. Mas isto é um *non sequitur;* Caio Mário não precisaria que lho dissessem! Não, jovem Marco Emílio, o nosso general Quinto Lutácio Catulo César pensa que é melhor lutar como em Termópilas. E, se te recordas da História, saberás que aquele pequeno caminho à volta da montanha foi o bastante para dar cabo de Leónidas.

O jovem Escauro pôs a mão na boca, pediu desculpa e dirigiu-se sobressaltado para a sua tenda.

Sila e Petreio ficaram a vê-lo afastar-se de mão na garganta.

- Isto não é um exército, mas sim um fiasco - comentou Petreio.

- Não. O exército é pequeno mas bom - contestou Sila. - O fiasco são os seus chefes.

- Exceptuando tu, Lúcio Cornélio - disse Petreio.

- Exceptuando eu.700

- Tens alguma ideia em mente? - disse Petreio.

- Com efeito, tenho - e Sila sorriu, mostrando os seus grandes dentes.

- Posso perguntar qual?

- Penso que podes, Cneu Petreio. Mas prefiro responder-te--- ao lusco-fusco, sim? No local de reunião do teu acampamento - disse Sila. Passaremos o resto da tarde a convocar todos os *primus pilus e* centuriões principais das coortes para uma reunião ao lusco-fusco - Sila fez cálculos rápidos. - São ao todo setenta homens. Mas são setenta que contam. Agora, vai-te, Cneu Petreio! Leva as três legiões deste lado do vale, que eu montarei a minha mula fiel e levarei as três do outro'extremo.

Os Cimbros tinham chegado nesse mesmo dia a um local a norte das seis legiões de Catulo César; entraram no vale muito antes das suas carroças e depararam com as defesas do acampamento romano. E aí permaneceram, fervilhando, enquanto a notícia se espalhava pelas legiões e os Romanos iam espreitar a norte, pelos fracos peitoris, o espectáculo aterrador de uma enorme multidão de homens gigantescos.

A reunião de Sila no acampamento das legiões samnitas demorou pouco tempo. Quando acabou, havia ainda suficiente *luz no céu para* os participantes poderem seguir Sila através da ponte, até à aldeia de Tridentum, onde Catulo César estabelecera o seu estado-maior em casa do magistrado local. Catulo César também convocara uma reunião para discutir a chegada dos Cimbros, e estava ocupado a queixar-se da ausência do segundo-comandante quando Sila entrou na sala apinhada.

- Aprecio a pontualidade, Lúcio Cornélio - disse, friamente. - Senta-te, por favor, para podermos começar a planear o ataque de amanhã.

- Lamento, mas não tenho tempo para me sentar - replicou Sila, que

não trazia vestida a couraça mas sim a protecção de cabedal *e pteryges, e* vinha com a espada e o punhal embainhados.

- Se tens coisas mais Importantes a fazer, vai! - afirmou Catulo César, de rosto vermelho.

- Não tenciono ir a lado nenhum - explicou Sila a sorrir. - As coisas importantes que tenho a fazer estão exactamente nesta sala, e a mais importante de todas é que não haverá batalha amanhã, Quinto Lutácio. Catulo César levantou-se.

- Não haverá batalha? Porquê?

- Porque terás de enfrentar um motim e sou eu o seu instigador! Sila sacou da espada. - *Venham, centuriões! -chamou.* - Ficaremos apertados mas cabemos todos.701

Nenhum dos homens que se encontravam na sala disse uma palavra que fosse: quer devido à fúria quer por terem ficado aliviados - Catulo César e os outros (nem todos os oficiais concordavam com a batalha do dia seguinte) - quer ainda por terem ficado desconcertados. Setenta centuriões entraram na sala e rodearam Sila, deixando livre um espaço de cerca de três pés entre eles e os oficiais de Catulo César, agora todos de pé, literalmente encostados à parede.

- Serás lançado da Rocha Tarpela por isto! - **exclamou Catulo César.**

- Se tiver *de ser,* aceito-o - disse Sila, embainhando a espada. - Mas quando é que um motim é apenas isso? Até onde deve um soldado obedecer à cegas? Será patriótico ir de livre vontade ao encontro da morte quando o general que deu as ordens é um imbecil?

Era evidente que Catulo César não sabia o que dizer; não conseguia encontrar a resposta adequada para uma honestidade tão brutal. Por outro lado, *era* demasiado orgulhoso para pronunciar queixas inarticuladas e sentia-se demasiado seguro para não dar resposta. Por fim, exclamou, com uma dignidade glacial:

- Isto é insustentável, Lúcio Cornélio! Sila assentiu.

- Estou de acordo; é insustentável. De facto, a nossa presença aqui em Tridentum é insustentável. Amanhã, os Cimbros encontrarão as centenas de carreiros e gado, cabras, cavalos e lobos, que atravessam as montanhas. Não há *uma* Anopaea, mas centenas delas! Tu não és Espartano, Quinto Lutácio. És Romano, e surpreende-me que vejas Termópilas como Espartano e não como Romano! Não aprendeste como Catão, o Censor, usou o caminho da Anopaea para cercar o rei Antíoco? Ou o teu tutor achava que Catão, o Censor, era de origens demasiado humildes para servir de exemplo a alguém além-hubris? No caso de Termópilas, é Catão, o Censor, que merece a *mínha* admiração e não Leónidas e a sua guarda real, totalmente liquidada! Os Espartanos estavam dispostos a morrer com o único intuito de atrasar os Persas o suficiente para que a frota grega tivesse tempo de se preparar em Artemísio. Só que não resultou, Quinto Lutácio. *Não resultou!* A frota grega pereceu e Leónidas acabou por morrer em vão. E terá Termópilas influenciado o curso da guerra contra os Persas? É evidente que não! Quando a seguinte frota grega obteve a vitória em Salamis, nada teve a ver com Termópilas. Podes dizer honestamente que preferes a elegância suicida de Leónidas à argúcia estratégica de Ternistócles? 702

- Estás a ver mal a situação - disse Catulo César, furioso por ver o seu orgulho em farrapos graças àquele Ulisses impostor; a verdade era que o que mais o preocupava não era o destino do seu exército ou o dos Cimbros, mas sim sair dali com a *dignitas e auctoritas intactas.*

- Não, Quinto Lutácio, *tu é* que estás a ver mal a situação - afirmou Sila. - O teu exército é agora meu por direito de insubordinação. Quando Caio Mário me enviou aqui - Sila pronunciou o nome com suavidade, no meio do silêncio total - deu-me apenas uma ordem: conseguir que este exército sobreviva intacto até ele poder vir assumir o seu comando, E isso só poderá acontecer quando Caio Mário tiver derrotado os Teutões. Caio Mário é o nosso comandante supremo, Quinto Lutácio, e neste momento estou a agir de acordo com as suas ordens. Quando as ordens de Mário colidem com as tuas, obedeço às dele e não às tuas. Se permitir que esta imbecil brincadeira militar continue, este exército morrerá no campo de batalha em Tridentum. Mas não vai haver batalha nenhuma em Tridentum. O exército vai bater em retirada esta noite. Em bloco. E sobreviverá para poder combater noutra altura, quando as hipóteses de vitória forem infinitamente maiores.

- Jurei que nem um germano poria um pé em solo italiano - disse Catulo César -, e não renunciarei à minha promessa.

- Como a decisão não é tua, Quinto Lutácio, não estás a renunciar à promessa - comentou Sila.

Quinto Lutácio Catulo César era um daqueles senadores da velha-guarda que se recusavam a usar o anel de ouro como sinal do seu cargo; em vez dele, usava o anel de ferro dos antigos senadores, e quando elevou a mão num gesto autoritário para os homens que enchiam a sala, o dedo indicador não deixou escapar um raio dourado; descreveu uma mancha cinzenta pelo ar. Totalmente silenciosos até vislumbrarem aquela mancha, os homens agitavam-se agora, mexiam-se, suspiravam.

- Saiam - ordenou Catulo César. - Esperem lá fora. Quero *falar com* Lúcio Cornélio a sós.

Os centuriões viraram costas e saíram, seguidos dos tribunos dos soldados, do estado-maior e dos legados séniores. Quando Catulo

César ficou sozinho com Sila, dirigiu-se para a sua cadeira e sentou-se com lassidão.

Catulo César estava numa situação difícil e sabia-o. Fora o orgulho que o levara até ao Ádige; não o orgulho por Roma ou pelo seu exército mas o orgulho pessoal que o levara a anunciar que nenhum *germano Pisaria* o solo italiano. E a seguir recusara retratar-se, mesmo que fosse 703

à custa de Roma ou do seu exército. À medida que penetrava no vale, fora-se apercebendo do seu erro; mas o orgulho não lhe permitia admitir que errara. Quanto mais subia o rio Ádige, mais desanimado se sentia. E quando chegara a Tridentum e pensara na sua semelhança com Termópilas apesar da ausência de semelhanças geográficas imaginara uma morte *digna* para todos eles, salvando assim a sua honra, o seu orgulho fatal. Tal como Termópilas ficara na História, o mesmo aconteceria em Tridentum. A queda de meia dúzia de homens corajosos seria esquecida face a um inimigo imensamente superior em número. *Forasteiro, vai dizer aos Romanos que aqui jazemos, por obediência às suas ordens!* Com um monumento magnífico, e peregrinações, e poemas épicos imortais.

Ver os Cimbros avançar até ao extremo norte do vale trouxera Catulo César à *razão, e* a seguir Sila completara o processo. Era evidente que ele tinha bons olhos, atrás dos quais *existia* um cérebro, mesmo que este se enevoasse facilmente com a grandeza da *suadignitas;* os seus olhos tinham reparado nos numerosos socalcos que formavam degraus gigantescos nos declives verdejantes do topo das montanhas, e o seu cérebro apercebera-se da rapidez com que os Cimbros podiam contorná-los. Aquela região não era um desfiladeiro escarpado mas sim um vale alpino disposto num ângulo tal que as tropas não podiam desdobrar-se em fila e muito menos ter espaço para manobras militares.

Catulo César não conseguira sair-se bem deste dilema sem perder a face, e no início, o facto de Sila ter invadido a sua reunião parecera

fornecer-lhe a solução: podia acusá-lo no Senado de ter amotinado as tropas, e levar a julgamento por traição todos os oficiais envolvidos, tanto Sila como todos os centuriões. Mas essa solução em breve deixara de fazer sentido. A rebelião era o mais grave dos crimes militares, mas uma rebelião que o deixava sozinho contra todos os oficiais e todo o seu exército (Catulo César percebeu logo que nenhum dos homens presentes na sala se recusaria a participar na rebelião) fez com que o bom senso se sobrepusesse àquela enorme estupidez. Se a batalha de Arausio nunca tivesse acontecido se Cepião e Málio Máximo não tivessem conspurcado para sempre o conceito de *imperium* do general romano aos olhos do Povo Romano, e mesmo de algumas facções do Senado as coisas passar-se-iam doutro modo. Mas Catulo César compreendeu muito rapidamente, após o aparecimento de Sila, que se insistisse que houvera um motim, seria ele o único culpado aos olhos do mundo romano, e seria ele o réu no tribunal especial criado por Saturnino.

Por isso, Catulo César respirou fundo e tentou a reconciliação.

Não quero voltar a ouvir falar em motim, Lúcio Cornélio afirmou. Não tinhas necessidade de tornar tão públicos os teus sentimentos. Devias ter vindo falar comigo em particular. Se tivesses procedido desse modo, poderíamos ter resolvido o assunto a sós.

Não estou de acordo, Quinto Lutácio disse Sila com gentileza. Se tivesse vindo falar contigo em privado, ter-me-ias mandado passear. Precisavas de uma boa lição.

Catulo César apertou os lábios; olhou do alto do seu comprido nariz romano; era um belo membro de um belo clã, louro e de olhos azuis, altivo.

Estiveste demasiado tempo ao serviço de Caio Mário comentou.

Este tipo de conduta não é digno de um patrício como tu.

Sila bateu com a mão na saia de tiras de couro, fazendo agitar as franjas e ornamentos de metal.

Oh, por todos os deuses, pára com essa verborreia, Quinto Lutácio! Estou enjoado com tanto exclusivismo! E antes de começares com as tuas tiradas acerca do nosso superior comum, Caio Mário, deixa-me recordar-te que tanto na carreira das armas *como* no comando militar, ele está para todos nós como o farol de Alexandria está para uma vela insignificante! Nem tu nem eu somos militares inatos! Mas a minha vantagem sobre ti é ter aprendido com o farol de Alexandria, pelo que a minha vela brilha mais do que a tua!

Esse homem é exagerado! disse Catulo César entredentes.

Não é, não! Podes balir e bramir à vontade, Quinto Lutácio, Caio Mário é o Primeiro Homem de Roma! O homem do Arpino derrotou-vos a todos e com vantagem.

Surpreende-me o teu apoio, mas prometo-te, Lúcio Cornélio, que não o esquecerei.

Aposto que não disse Sila, com severidade.

Lúcio Cornélio, aconselho-te a mudar de rumo nos próximos anos

sugeriu Catulo César. Senão, nunca chegarás a pretor, e muito menos a cônsul!

- Oh, adoro ameaças! - disse Sila em tom casual. - Quem estás a tentar enganar? As minhas origens permitem-no, e se chegar uma altura em que tenhas vantagem em agradar-me, é o que farás! Sila olhou para Catulo César manhosamente. Um dia, serei o Primeiro Homem de Roma. A árvore mais alta do mundo, tal como Caio Mário. E ninguém705

pode cortar árvores assim tão altas. Quando tombam, é porque apodreceram por dentro.

Catulo César não respondeu, e Sila sentou-se numa cadeira e inclinou-se, servindo-se de vinho.

- Falemos do nosso motim, Quinto Lutácio. Desengana-te se pensas que não tenciono levá-lo até ao fim.

- Admito que não te conheço, Lúcio Cornélio, mas estes meses chegaram para perceber que haverá muito pouca coisa a que não estejas disposto para fazeres a tua vontade - disse Catulo César. Depois olhou para o seu anel *de ferro de* senador, como se pudesse retirar daí inspiração. já o disse antes e repito-o: não quero voltar a ouvir falar em motim engoliu em seco sonoramente. - Seguirei a decisão do exército de bater em retirada. Sob uma condição: que a palavra ”motim” não volte a ser pronunciada.

- Concordo, em nome do meu exército - disse Sila.

- Gostaria de ser eu mesmo a dar a ordem de retirada. Depois disso, suponho que já deves ter planeado a tua estratégia.

- É absolutamente necessário que sejas tu a *dar* a ordem *de retirada,* Quinto Lutácio. Tal como a ordem que irás dar aos homens que ficarem a aguardar a nossa saída - afirmou Sila. - E, com efeito, tenho uma estratégia planeada. É muito simples: ao romper da aurora, o exército levantará o acampamento e retirar-se-á o mais depressa possível. Todos devem estar do outro lado da ponte, ao sul de Tridentum, antes de escurecer. Os auxiliares samnitas são os que se encontram mais perto da ponte, pelo que poderão guardá-la até todos a terem atravessado e seguirão em último *lugar.* Preciso imediatamente *de uma unidade* de engenheiros, pois mal o último sanita tiver passado a ponte, teremos de destruí-la. É pena ser feita de pilares de pedra que não poderemos desmantelar, permitindo aos Germanos poder reconstruí-la. No entanto, não são engenheiros, e por isso levarão muito mais tempo do que nós a destruí-la, e a sua estrutura poderá cair quando Bóiorix mandar passar os homens. Se quiser dirigirse para o sul, terá de atravessar o rio aqui, em Tridentum. Por isso, temos de fazer que se atrase.

Catulo César levantou-se.

- Então acabemos com esta farsa de uma vez por todas. - Depois de pronunciar estas palavras, Catulo César saiu da sala, calmo e com um controlo total sobre si: começara já a processar a reparação da sua *dignitas e auctoritas.* - A nossa posição aqui é indefensável, pelo que ordeno706

uma retirada total - disse em tom seco e claro. - Dei a Lúcio Cornélio instruções quanto ao modo como deve proceder, por conseguinte acatarão as suas ordens. No entanto, quero que fique bem claro que a palavra ”motim”nunca foi pronunciada. Entendido?

Os oficiais assentiram num murmúrio, contentes porpoderem esquecer a palavra.

Catulo César virou-se ao voltar a entrar.

- Podem ir-se embora - disse, por cima do ombro.

Quando o grupo se dispersou, Cneu Petreio juntou-se a Sila e dirigiram-se à ponte.

- *Correu tudo* muito bem, Lúcio Cornélio. Ele portou-se melhor do que eu esperava. Melhor que alguns da sua laia.

- Ele tem inteligência por detrás de toda aquela arrogância - disse Sila muito simplesmente. - Mas tem razão, ninguém pronunciou alguma vez a palavra ”motim”.

- Não a ouvirás saída dos meus lábios! - disse Petreio com fervor. Era noite escura mas a ponte estava iluminada por archotes, e atravessaram os barrotes separados sem grande dificuldade. No fim da ponte, Sila passou à frente dos centuriões e dos tribunos que os seguiam e falou-lhes:

- Preparem-se todos para partirmos ao primeiro raio de sol. As unidades de engenheiros e todos os centuriões devem apresentar-se uma hora antes. Tribunos dos soldados, acompanhem-me.

- Estou muito contente por ele estar connosco! - disse Cneu Petreio ao segundo centurião.

- Também eu. Mas não estou nada contente por *aquele* estar entre nós - comentou o segundo-centurião, apontando para Marco Emílio Escauro Júnior, que seguia Sila e os outros tribunos.

Petreio resmungou:

- Concordo contigo; causa-nos preocupações. Mas ficarei de olho nele amanhã. Podemos não ter ouvido falar de nenhum ”motim” mas os nossos homens do Sâmnio não hão-de ser enganados por um idiota romano, seja ele filho de quem for.

Ao romper do dia, as legiões começaram a mover-se. Tal como todas as manobras de tropas romanas bem treinadas, a retirada iniciou-se num silêncio notável e sem qualquer confusão. A legião mais

distante da ponte foi a primeira a atravessá-la, seguida pela segunda legião mais afastada 707

de modo que o movimento do exército se efectuou como o enrolar de um tapete. Felizmente a coluna de carga e todos os animais, excepto alguns cavalos reservados para os oficiais superiores, haviam sido deixados ao sul da aldeia e da ponte. Sila despachara-os pela estrada ao primeiro raio de sol, muito antes de partirem as legiões, e dera ordens para que metade do exército passasse à frente da coluna de carga e a outra metade a seguisse até Verona. Porque quando se afastassem de Tridentum, Sila sabia que os Cimbros não avançariam à velocidade necessária para os alcançarem.

De facto, os Cimbros estavam tão ocupados a investigar os carreiros pelos socalcos das montanhas, que só uma hora depois do nascer do Sol perceberam que os Romanos tinham batido em retirada. A confusão reinou até Bóiorix chegar, impondo a ordem na sua enorme hoste. Entretanto, a coluna romana movera-se com bastante rapidez; quando os Cimbros finalmente se formaram para atacar, a legião mais afastada da ponte já a atravessava a grande velocidade.

As unidades de engenheiros trabalhavam febrilmente por entre as vigas e contrafortes da ponte desde muito antes do nascer do Sol.

- É sempre a mesma coisa! - queixou-se o engenheiro-chefe a Sila, quando este veio ver como corriam as obras, - Sempre que há pressa em deitar uma ponte abaixo, aparece-me uma ponte romana perfeitamente construída.

- Achas que vais conseguir? - perguntou Sila.

- Assim o espero, *legatus!* No entanto, a ponte não tem nem uma amarra ou uma cavilha. As bases e os machos estão todos encaixados. E não posso deitar *a* ponte abaixo depressa sem uma grua maior do que a nossa, mesmo que tivesse tempo de montá-la. Receio que terá de ser à força, e ficará um pouco oscilante quando os últimos homens a atravessarem - avisou o engenheiro-chefe.

Sila franziu o sobrolho.

- Como é "à força"?

- Vamos serrar os contrafortes e vigas principais.

- Continua, homem! Mandei vir cem cabeças *de gado* para te ajudarem. Chegam?

- Terão de chegar - respondeu o engenheiro-chefe, afastando-se para ver as obras de um ângulo diferente.

A cavalaria dos Cimbros avançou aos berros pelo vale, levando à frente as armações abandonadas de cinco acampamentos romanos, pois após a constrUção das muralhas e valas de rotina não houvera tempo de construir708

mais nada. Apenas a legião samnita se econtrava ainda no extremo da ponte e saía do acampamento quando os Cimbros se introduziram entre eles e a ponte, barrando-lhes o caminho. Os Samnitas dispuseram-se em fileiras e prepararam-se para enfrentar o ataque, de lanças em riste.

Do outro lado da ponte, Sila esperou pela primeira investida da cavalaria, ansioso por ver a atitude do comandante da legião samnita. O comandante era o jovem Escauro, e Sila lamentou não ter substituído aquele rapaz tímido - em comparação com o seu destemido pai - no comando. Mas agora era tarde; Sila não podia voltar a atravessar a ponte, visto que não tinha suficientes homens consigo e não confiava em Catulo César, pelo que não podia dar-lhe o comando da retirada. Ele também tinha de sobreviver. Sila não queria chamar a atenção dos Cimbros para a existência da ponte, pois se os bárbaros a vissem, veriam também cinco legiões romanas e uma coluna de carga em marcha para o sul, e não resistiriam a persegui-los. Se necessário, poria os animais a puxar as correntes que os ligavam à ponte minada; mas mal o fizesse, deixaria de haver qualquer esperança para a legião samnita.

Sila deu consigo a berrar:

- Faz uma investida, jovem Escauro, uma investida a norte! Fá-los recuar e leva os teus homens para a ponte!

Levadas pelo impulso da investida, as primeiras colunas de cavalaria dos Cimbros tinham passado o acampamento samnita, e as colunas da retaguarda recuavam para dar espaço para as colunas da frente se virarem, avançando depois a galope. Atacariam então o acampamento samnita a cavalo e esmagariam tudo, de modo que as hordas de guerreiros sem montada pudessem arrasar o que restasse. A partir daí, a cavalaria transformar-se- ia numa enorme pá que levaria os Samnitas para o norte, ao encontro da infantaria dos Cimbros.

A única hipótese dos Samnitas era atravessar a frente de colunas de cavaleiros da retaguarda, impedir as colunas da frente de voltar à carga e abater as montadas de ambas as colunas com as suas lanças, enquanto os que não estivessem envolvidos no combate se dirigiam rapidamente para a ponte. Mas onde estava o jovem Escauro? Por que motivo não fazia nada? Dentro em pouco, seria demasiado tarde!

Os aplausos das três centurias que se encontravam com Sila precederam a visão da investida dos Samnitas, pois Sila procurava um tribuno dos soldados montado a cavalo e foi um homem sem montada que condUZiu a ofensiva, Era Cneu Petrei o, o centurião *primus pilus.*709

juntando-se à gritaria dos seus homens, Sila deu saltos de alegria quando os Samnitas que não estavam a combater desataram a correr em bloco pela ponte, impedindo a interferência dos Cimbros. As colunas da frente de cavalos dos Cimbros caíam às centenas face à chuva de lanças dos Samnitas; os guerreiros tentavam libertar-se das montadas abatidas emaranhando-se numa confusão crescente à medida que as lanças penetravam nos flancos e pescoços dos cavalos. Encurraladas pelos Samnitas, as colunas da retaguarda da cavalaria dos Cimbros não tiveram melhor sorte. Por fim, era a cavalaria destroçada dos Cimbros que impedia o avanço dos seus próprios guerreiros sem montada. E Cneu Petreio atravessou a ponte atrás do último dos seus homens sem que nenhum germano o perseguisse.

Muito antes de tudo isto já os bois tinham começado a sua tarefa, pois o esforço das várias centenas de animais atados aos pares não era imediatamente visível: depois dos animais da frente, puxaram os seguintes, e assim por diante até as correntes se retesarem e a ponte começar a ceder. Como a ponte era sólida, à semelhança de todas as pontes romanas, aguentou-se muito mais tempo do que o previsto pelo engenheiro-chefe, um sujeito pessimista, tal como todos os seus colegas. Mas por fim um dos contrafortes separou-se, e por entre rugidos, palmadas, estalidos e berros, a ponte de Tridentum sobre o Ádige cedeu. As vigas de madeira desceram pela

correnteza e afastaram-se rapidamente como palhas a balançar numa fonte de jardim,

Cneu Petreio tinha um ferimento, mas não era grave; Sila encontrou-o sentado enquanto os cirurgiões da legião lhe retiravam a cota de malha; tinha no rosto uma mistura de lama, suor e excrementos de cavalo, mas parecia estar em boa forma e na posse de todos os sentidos.

- Não toquem nessa ferida antes de a limparem, *mentulae!* - rosnou Sila. - Comecem por lavar bem todos os excrementos! Não vai esvair-se em sangue, pois não, Cneu Petreio?

- Cneu Petreio, não! - garantiu o centurião com um sorriso amplo.

- Conseguimos, Lúcio Cornélio! Fizemo-los passar todos, e só ficou uma meia dúzia de mortos do outro lado!

Sila baixou-se e aproximou a cabeça da do centurião para que ninguém mais o ouvisse.

- O que aconteceu ao jovem Escauro? Petreio fez uma **expressão triste.**

- Cagou-se todo em vez de pensar, e quando lhe perguntei o que devia fazer entregou-me o comando. Teve um colapso. Está bem, o desgraçado;710

alguns dos rapazes levaram-no até ao outro lado da ponte. É pena, mas lá está! Não tem nada da coragem do pai: nem um bocadinho. Devia ter ido para bibliotecário.

- Não consigo exprimir o meu contentamento por teres sido tu que lá estavas e não qualquer outro *primus pilus.* Não pensei! E quando comecei a pensar, arrependi-me por não tê-lo substituído - afirmou Sila.

- Não faz mal, Lúcio Cornélio, tudo acabou em bem. Ao menos, apercebeu-se das suas limitações.

Os cirurgiões estavam de volta com água e esponjas que chegavam para lavar uma dúzia de homens; Sila levantou-se para deixá-los trabalhar, e estendeu o braço direito. Cneu Petreio também estendeu o seu, e os dois homens exprimiram tudo o que sentiam naquele aperto de mão.

- Mereces a coroa de ervas - disse Sila.

- Não! - afirmou Petreio, embaraçado.

- Sim. Salvaste a vida a uma legião inteira, Cneu Petreio, e quando um homem sozinho salva uma legião da morte, recebe a coroa de ervas. Eu próprio tratarei disso - disse Sila.

Seria essa a coroa de ervas que julilla vira no seu futuro há tantos anos?, pensou Sila, enquanto descia a encosta para mandar preparar uma carroça para transportar Cneu Petreio, o herói de Tridentum. Pobre Julilla! Pobre Julilla... Nunca conseguira fazer nada bem, e talvez o mesmo acontecesse nos seus atritos contra as estranhas manifestações da deusa Fortuna. Julilla fora a única Júlia que não nascera com o dom de fazer os homens felizes. Então, a mente de Sila dedicou-se a coisas mais importantes; não era agora que Lúcio Cornélio Sila ia começar a culpar-se pelo destino de Julilla. O seu destino não tinha nada a ver com ele; fora ela própria que o traçara.

Catulo César levou o seu exército de volta ao acampamento perto de Verona antes de Bóiorix conseguir fazer passar a última carroça pela última das diversas pontes vacilantes e iniciar a descida até às planícies luxuriantes do rio Pó. No início, Catulo César insistira para que combatessem os Cimbros perto do lago Benaco; mas Sila, agora firme no seu posto, não o permitira. Em vez disso, dissera a Catulo César que avisasse todas as cidades e aldeias desde a Aquileia, no Leste, até Como e Mediolano, no Oeste: a Gália Transalpina Italiana

ia ser evacuada de todos os cidadãos romanos detentores dos Direitos Latinos e Gauleses que não estivessem dispostos a confraternizar com os Germanos. Os refugiados deviam dirigir-se para o sul do Pó e abandonar a Gália Transalpina aos Cimbros.711

- Comportar-se-ão como porcos em cama de bolota - comentou Sila confiante, veterano de um ano de permanência entre os Cimbros. - Quando virem as pastagens e a paz que se sente entre o lago Benaco e a margem norte do Pó, Bóiorix não terá *mão* no seu povo. Vais ver que se dispersarão em todas as direcções.

- Vão saquear, devastar, queimar tudo - disse Catulo César.

- Sim, e esquecer-se do que deviam estar a fazer, nomeadamente de invadir a Itália. Anima-te, Quinto Lutácio! Ao menos esta parte da Itália *é na* sua maioria terra dos Gauleses da vertente italiana dos Alpes, e esses não vão vasculhar o Pó até o verem tão limpo como um homem esfomeado deixa uma carcaça de frango. **O nosso povo** terá partido muito antes de chegarem os Germanos, levando consigo todos os seus bens. A terra ficará para nós; voltaremos quando Caio Mário chegar.

Catulo César estremeceu, mas ficou calado; sabia como Sila podia ser mordaz. Mas acima de tudo, sabia como podia ser cruel: frio, inflexível, determinado. Era estranho que fosse amigo íntimo de Caio Mário, embora fossem cunhados. ”Será que Sila também se tinha visto livre da sua Júlia?”, pensou Catulo César, que durante as muitas horas de pensamento dedicadas a Sila se *lembrara* de um boato que correra entre os irmãos do clã de Júlio César e as suas famílias na altura em que Síla surgira da obscuridade para a vida pública e casara com a Júlia-Julilla. Dizia-se que Sila arranjara o dinheiro para a sua carreira matando a... mãe?... a madrasta?... a amante?... o sobrinho? Catulo César pensou que quando regressasse a Roma faria questão de averiguar a verdade desse boato. Não iria usá-lo banal e ruidosamente, nem de imediato; só queria deixá-lo de lado para usá-lo no futuro, quando Lúcio Cornélio quisesse concorrer ao

cargo de pretor. Não quando fosse edil: iria dar-lhe esse prazer, assim como o levaria ao escoamento ruinoso da sua bolsa. Quando fosse pretor.

Depois de as legiões se terem instalado no acampamento, perto de Verona, Catulo César sabia que a primeira coisa a fazer era avisar Roma o mais depressa possível da catástrofe do Ádige; se não o fizesse, suspeitava que Sila o faria através de Caio Mário, por isso era importante que a sua versão fosse a primeira. Como os dois cônsules estavam em campanha, os despachos eram enviados ao Presidente da Assembleia, Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, e foi a este que Catulo César enviou o relatório, bem como *uma carta* particular que contava os acontecimentos em mais pormenor. Catulo César confiou-os ao jovem Escauro, filho do Princeps Senatus, ordenando-lhe que fosse a galope entregar a encomenda a Roma.

- É o nosso melhor cavaleiro - disse Catulo César a Sila com malícia. Sila fitou-o com o mesmo desprezo irónico e superior que mostrara durante a conversa acerca do motim.

- Sabes, Quinto Lutácio, possuis o tipo de crueldade mais requintada que já conheci - disse Sila.

- Pretendes dar uma contra-ordem? Tens poder para fazê-lo Mas Sila encolheu os ombros e virou costas.

- O exército é teu, Quinto Lutácio, por isso faz o que quiseres. E Catulo César fez o que queria: mandou a Roma o jovem Emílio Escauro a toda a velocidade, com a notícia da sua própria desgraça.

- Marco Emílio Júnior, se te dei esta tarefa foi porque não conheço pior castigo para um cobarde com as tuas origens familiares do que levar ao próprio pai a notícia do seu fracasso tanto militar como pessoal - explicou Catulo César, num tom comedido, pontifical.

O jovem Escauro, pálido, cabisbaixo, com muitas libras a menos em relação ao que tinha duas semanas antes, pôs-se em sentido e tentou não olhar para o general. Mas quando Catulo César lhe indicou a sua missão, os olhos do jovem Escauro - uma versão mais clara e menos bonita dos olhos verdes do pai - fixaram-se com relutância no rosto altivo de Catulo César.

- Por favor, Quinto Lutácio! - disse, aflito. - Por favor, peço-te que mandes outro mensageiro! Deixa-me encarar o meu pai quando sentir que estou preparado para isso!

- Estarás preparado, Marco Emílio Júnior, quando Roma estiver afirmou Catulo César num tom glacial, cheio de desprezo. - Partirás para Roma a galope e entregarás o **despacho ao Princeps Senatus.** Poderás ser cobarde em combate, mas és um dos

melhores cavaleiros e o teu nome é suficientemente ilustre para te permitir obter boas montadas durante todo o trajecto. Não tens razões para temer! Os Germanos estão muito para o Norte e por isso não depararás com nenhuma ameaça no Sul.

O jovem Escauro galopou em direcção a Roma pela Via Ápia e pela Via Cássia; era um trajecto curto mas penoso. A cabeça elevava-se e descia ao ritmo do galope, e os dentes entrechocavam-lhe como o bater do coração, num som curiosamente reconfortante. De vez em quando, falava sozinho.

- Se pudesse encher-me de coragem, não acham que o faria? - perguntou ao vento, à estrada e ao céu, seus ouvintes fantasma. - O que713

posso fazer se não sou corajoso, pai? Donde vem a coragem? Porque não terei recebido a minha quota-parte? Como poderei explicar-te a dor e o medo, o *terror* que senti quando aqueles terríveis selvagens avançaram aos berros e gritos como as Fúrias? Não consegui mexer-me! Nem pude controlar os intestinos, quanto mais o coração! Senti-o inchar cada vez mais até rebentar, até cair inanimado, feliz por ter morrido! E depois, ao acordar, descobri que ainda estava vivo e cheio de terror, sem poder conter os intestinos. Os soldados que me salvaram lavavam no rio a minha merda, à minha vista, com um tal desprezo, um tal ódio! Oh, pai, o que é a coragem? Onde ficou a minha? Pai, *ouve-me,* deixa-me tentar explicar-te! Como podes culpar-me por algo que não possuo? Pai, *ouve-me!*

Mas Marco Emílio Escauro Princeps Senatus não quis ouvir. Encontrava-se no Senado quando o filho veio com a encomenda de Catulo César, e quando chegou a casa, o filho fechara-se no quarto, tendo deixado ao mordomo um recado dizendo ao pai que trouxera uma missiva do cônsul e esperaria que a lesse e mandasse chamá-lo ao quarto.

Escauro decidiu ler logo o despacho, com *um* ar severo mas agradecido por as legiões estarem a salvo. A seguir, leu a carta de Catulo César, soletrou as terríveis palavras uma a uma, afundando-se cada vez mais na cadeira até ficar a meia altura, e os olhos encheram-se de lágrimas que formaram enormes borrões no papel. Era óbvio que Escauro conhecia

bem Catulo; não se surpreendeu e ficou profundamente agradecido por um legado tão forte e destemido como Sila ter estado por perto para proteger aquelas tropas tão valiosas.

Mas Escauro imaginara que, na agonia, o filho iria descobrir a coragem, a valentia que Escauro cria existir em todos os homens, ou pelo menos em todos os da sua família. Aquele rapaz fora o único filho que tivera. E agora, a sua linhagem ia terminar na vergonha e na ignomínia! Mas o destino estava certo, se era essa a maneira de ser do seu único filho.

Escauro inspirou e tomou uma decisão. Não haveria dissimulação, reabilitação ou desculpas: isso era para Catulo César. O seu filho era um cobarde comprovado; abandonara as tropas na hora de maior necessidade, de um modo mais humilhante do que se tivesse fugido: o rapaz borrara-se todo e desmaiara. Tinham sido os soldados a salvá-lo, quando devia ter acontecido o contrário. Escauro resolveu suportar aquela vergonha com a coragem de sempre. Que o filho sentisse a troça de toda a cidade!714

já sem lágrimas, de rosto composto, Escauro chamou o mordomo e quando este apareceu, encontrou o amo muito direito, sentado na cadeira, de mãos entrelaçadas sobre a mesa.

- Marco Emílio, o teu filho está ansioso por ver-te - informou o mordomo, consciente de que algo de grave se passava, pois o JOvem estava a agir de modo muito estranho.

- Diz a Marco Emílio Escaurojúnior - transmitiu-lhe Escauro que embora o deserde não lhe retirarei o nome de família. O meu filho um cobarde, um cão rafeiro poltrão, mas Roma inteira o associará ao nosso nome. Diz-lhe que não mais o verei até morrer. E ainda que não é bem-vindo nesta casa, nem que venha pedir à porta. Diz-lhe isto! Diz-lhe que enquanto for vivo, nunca mais o admitirei à minha presença! Vai, diz-lhe isto! Diz-lhe!

Estremecendo com o choque e chorando pelo desafortunado jovem, de quem gostava - e censurando-se porque nos últimos vinte anos poderia ter avisado o pai de que o filho não tinha coragem, força física ou recursos internos - o mordomo foi dizer ao jovem Escauro o que o pai mandara.

- Obrigado - disse o jovem, fechando de seguida a porta, sem no entanto a trancar.

Quando o mordomo se arriscou a entrar no quarto do jovem algumas horas mais tarde, pois Escauro perguntara se aquele que deixara de ser seu filho já saíra de casa, encontrou

o jovem Escauro morto no chão. Acabara por ser a única vítima que a sua espada considerara indigna, fazendo-a imergir afinal no próprio sangue.

Mas Marco Emílio Escauro Princeps Senatus manteve a palavra. Recusou-se a ver o filho, apesar de morto. E expôs no Senado a litania dos desastres ocorridos na Gália Italiana com a habitual energia e sentido de humor, incluindo o relato franco e fiel da cobardia e do suicídio do filho. Não se poupara nem mostrara mágoa.

Depois da sessão, quando Escauro esperava Metelo Numídico nas escadas do Senado, interrogou-se se os deuses lhe teriam concedido tanta bravura que não tivesse restado nenhuma para o filho, tal era a coragem necessária para esperar ali *por* Metelo Numídico enquanto os senadores passavam por ele a correr, compadecidos, ansiosos, tímidos, sem vontade de parar.

- Oh, meu caro Marco! - exclamou Metelo Numídico *mal ficaram sós.* - Caríssimo Marco, o que poderei dizer?

- Acerca do meu filho, nada - respondeu Escauro, com *um raio de* calor a furar os restos de gelo no seu peito; como era bom ter amigos! Em *relação* aos Germanos, como conseguiremos evitar o pânico em Roma?

- Oh, não te preocupes com Roma - tranquilizou-o Metelo Numídico, calmamente. - Roma sobreviverá. O pânico durará um dia, o dia seguinte e o outro ainda, e no próximo dia de mercado tudo terá voltado ao normal! Alguma vez ouviste falar de gente que se mudasse por no lugar que habitam não haver tendência para terramotos, ou por terem um vulcão *fumegante* ao pé da porta?

- É verdade; ninguém o faz. Pelo menos, até uma viga cair e *esmagar* a avozinha, ou a velhota cair num poço de lava - disse Escauro, profundamente contente por descobrir que conseguia ter uma conversa normal e até rir um pouco.

- Não tenhas medo que havemos de sobreviver, Marco - Metelo Numídico engoliu e mostrou a sua coragem, dizendo: - Caio Mário continua à espera dos Germanos que tem à sua conta. Se *ele for vencido, então,* teremos razões para nos preocuparmos. Porque se Caio Mário não conseguir derrotá-los, ninguém conseguirá.

Escauro pestanejou, interpretando o gesto de Metelo Numídico como algo de tão heróico que era melhor não fazer comentários; além do mais, convinha-lhe ordenar ao cérebro que se esquecesse para sempre do facto de **Metelo Numídico alguma** vez ter admitido que Caio Mário era a melhor alternativa para Roma... e o seu melhor general.

- Quinto, tenho apenas uma coisa a *referir* acerca do meu filho, e depois podemos fechar esse livro - disse Escauro.

- O que é?

- A tua sobrinha, a tua protegida, Metela Dalmática. Este maldito episódio incomodou-te muito e também a ela. Mas diz-lhe que teve *uma* saída de sorte. Não teria sido nenhuma alegria para uma Cecília Metela descobrir que casara com um cobarde - afirmou Escauro bruscamente.

De súbito deu consigo a caminhar, e ao virar-se viu Metelo Numídico parado, pasmado a olhar para ele.

- Quinto? Quinto? Há algum problema? -perguntou Escauro, voltando para junto do amigo.

- Problema? - perguntou Metelo Numídico, voltando a si. - **Por amor,** não, não há nenhum *problema!* Oh, meu caríssimo Marco! Acabei de ter uma ideia esplêndida!

- Sim?

- Porque não casas *tu* **com a minha sobrinha Dalmática?** Escauro gaguejou.

- Eu?

- Sim, tu! És viúvo há vários anos e agora não tens nenhum filho para herdar o teu nome ou a tua fortuna. Isso, Marco, é que é uma tragédia - comentou Metelo Numídico com grande afecto e insistência. É uma rapariguinha gentil e tão bonita! Vamos, Marco, enterra o passado, começa tudo de novo! Além do mais, é *muito rica.*

- Eu não seria *melhor* do que aquele bode inquieto, Catão, o Censor

- alegou Escauro num tom que continha a hesitação suficiente para mostrar a Metelo Numídico que estava disposto a aceitar se a oferta fosse a sério. - Quinto, eu tenho cinquenta e cinco anos!

- Estás pronto para outros cinquenta e cinco.

- Olha para mim! Vá, olha para mim! Careca, com barriga, mais encarquilhado que o *elefante* de Aníbal, a começar a curvar, atacado de reumático e de hemorróidas... não, Quinto, não!

- A Dalmática é suficientemente nova para achar num avô o tipo de marido certo - asseverou Metelo Numídico. - Oh, Marco, dar-me-ia tanto prazer! Vamos, o que dizes?

Escauro pôs a mão na careca, arfando mas sentindo ao mesmo tempo um novo alento dentro de si.

- Acreditas sinceramente que *poderia* resultar? Achas que eu poderia ter uma nova família? Estaria morto antes de eles crescerem!

- Por que hás-de morrer novo? Pareces-me uma daquelas coisas egípcias: preservado para durar mais mil anos. Quando morreres, Marco Emílio, Roma abalará até aos alicerces.

Começaram a caminhar ao longo do Fórum em direcção às Escadas de Vesta, embrenhados na discussão à qual davam ênfase levantando a mão direita.

- Já viste aqueles dois? - perguntou Saturnino a Gláucia. - Aposto que estão a planear a queda de todos os demagogos.

- Aquele Escauro é *uma* trampa de velho sem coração - criticou Gláucia. - Como pôde falar daquele modo acerca do filho?

Saturnino fez um trejeito com a boca.

- Porque a família interessa mais do que os indivíduos que compõem. Mas foi uma táctica brilhante. Mostrou ao mundo que não falta coragem *na família dele! O* filho ia perdendo uma *legião*

romana, mas ninguém culpará Marco Emílio nem se virara contra a sua família.

Em meados de Setembro, os Teutões haviam atravessado Arausio e aproximavam-se da confluência do Ródano e do Druência; na fortaleza romana perto de Glanum os ânimos estavam cada vez mais exaltados.

- É bom comentou Caio Mário para Quinto Sertório enquanto faziam a inspecção.

- Há anos que esperávamos por isto afirmou Sertório.

Não têm medo, pois não?

Acreditam que os chefiarás bem, Caio Mário.

A notícia do fiasco em Tridentum fora trazida por Quinto Sertório, que de momento abandonara o disfarce de Cimbro; vira Sila em segredo e recebera uma carta para Mário com a descrição dos acontecimentos, e esta terminava informando-o de que o exército de Catulo César se dirigira para um acampamento de Inverno perto de Placência. Depois chegou uma carta de Rutílio Rufo, dando o ponto de vista da situação em Roma.

Suponho que terá sido tua a decisão de enviar Lúcio Cornélio para ficar de olho no nosso arrogante amigo Quinto Lutácio, e aplaudo-a calorosamente. Circulam todo o tipo de boatos, mas ninguém parece ser capaz de destrinçar a verdade, nem mesmo os boni. *Certamente já sabes através dos ofícios de Lúcio Cornélio que mais tarde, quando o assunto germano estiver acabado, invocarei a minha amizade para contigo para que me dês a explicação verdadeira. Até agora, ouvi falar de motim, cobardia, confusões e crimes militares. O mais fascinante é a brevidade e*

- ousarei dizê-lo? a honestidade do relatório de Quinto Lutácio para a Assembleia. Mas será *mesmo honesto? Uma mera admissão de que, ao deparar com os Cimbros, percebeu que Tridentum não era o local adequado para um combate e bateu em retirada para salvar o seu exército, destruindo primeiro uma ponte e atrasando o avanço dos Germanos. Tem de haver mais! Posso ver o teu sorriso enquanto lês.*

Este lugar fica muito morto sem os cônsules. Lamentei muito Marco Emílio, claro, e imagino que também o lamentas. O que pode um homem fazer ao perceber que criou um filho indigno de usar o seu nome? Mas o escândalo morreu depressa, por duas razões. Primeiro, porque todos respeitam muito Escauro (esta carta vai ser longa, pelo que perdoarás o modo cognomenj, *quer gostem dele quer não, e quer concordem ou não com as suas medidas.* A *segunda razão é muito mais sensacional. O velho* culibonia *astucioso (que tal o trocadilho?) deu a toda a gente um novo tema de conversa: casou com a amada do seu filho, Cecília Metela*718

Dalmática, agora à guarda de Metelo Numídico Suíno. A rapariga tem dezassete *anos! Se não fosse tão cómico, choraria. Embora não a conheça, ouvi dizer que é um amor, muito amável e bonita um pouco difícil de crer que tenha vindo daquele estábulo, mas acredito! Devias ver o Escauro como ririas! Anda positivamente emproado. Estou a pensar seriamente em dar um passeio pelas melhores salas de aula de Roma à procura de uma menina núbil para ser a nova senhora de Rutílio Rufo!*

Vamos ter uma séria falta de cereais este Inverno, ó cônsul sénior, para te recordar os deveres ligados ao teu cargo que os Germanos te impossibilitaram de resolver. No entanto, disseram-me que em breve Catulo César deixará Sila ao comando em Placência, regressando a Roma para o Inverno. Estou certo de que não há novidades em relação a ti. A questão de Tridentum fortaleceu a tua candidatura in absentia *para outro consulado, mas Catulo César não irá concorrer a nenhumas eleições até depois de te encontrares com os teus Germanos! Isso deverá ser muito difícil para ele, pois para bem de Roma espera que tenhas uma vitória grandiosa, mas para seu bem está ansioso por que caias redondo sobre o teu* podex *de camponês. Se venceres, Caio Mário, serás certamente cônsul no próximo ano. A propósito, foi uma manobra inteligente libertar Mânio Aquíliopara concorrer ao consulado. O eleitorado ficou terrivelmente impressionado quando ele chegou, declarou a sua candidatura e a seguir disse muito firmemente que ia voltar par a combater contigo os Germanos, mesmo que isso implicasse não poder estar em Roma para as eleições e acabar*

por falhar a candidatura. Se derrotares os Germanos, Caio Mário e enviares Mânio Aquílio de volta imediatamente terás um colega júnior com quem poderás trabalhar, para variar.

*Caio Servílio Gláucia, companheiro do teu quase-cliente Saturnino sei bem que é um comentário desagradável! anunciou que vai candidatar-se a tribuno da plebe. Será como um gatarrão entre os pombos! Por falar nos Servílios e voltando à escassez de cereais, Servílio, o Augure, prossegue a sua desgraça na Sicília. Como te disse numa missiva anterior, estava mesmo à espera que Lúculo lhe entregasse de mão beijada tudo o que estabelecera a tanto custo. Agora, todos os dias em que há mercado e com a regularidade dos movimentos intestinais de quem come ameixas, a Assembleia recebe uma carta onde Servílio, o Augure, se lamenta da sua sorte e reitera que processará Lúculo assim que regressar a Roma. O rei-escravo está morto Sálvio ou Trifão, era como se intitulava e foi eleito o grego asiático chamado Atenião. Este é mais esperto do que Sálvio Trifão. Se Mânio Aquílio for eleito teu cônsul júnior, talvez seja boa ideia enviá-lo para a Sicília e arrumar a questão de uma vez por todas. Neste momento, é o rei Atenião que governa a Sicília e não Servílio, o Augure. Porém, a minha queixa acerca da confusão da Sicília é puramente***719***

semântica. Sabes o que aquele culibonia *velho e desprezível teve a lata de dizer na Assembleia no outro dia? Refiro-me a Escauro, que lhe caia o aparelho promativo pelo uso excessivo! "A Sicília", rugiu, "tornou-se uma* Ilíada *de calamidade!", e todos correram para ele no fim da sessão e o cobriram de elogios xaroposos por ter inventado um epigrama tão bem feito! Como soubeste pela* minha *missiva anterior, esse epigrama pertence-me! Deve ter-me ouvido dizê-lo, o maldito!*

Agora, volto ao assunto dos tribunos da plebe deste ano. Têm sido muito desinteressantes razão pela qual, embora estremeça ao dizê-lo, estou bastante contente por Gláucia se ir candidatar no ano que vem. Roma é um lugar muito chato sem uma ou duas rixas decentes a decorrer nos Comícios. Mas tivemos há pouco um dos mais estranhos incidentes tribúnicws, e os boatos circulam a grande velocidade.

Há cerca de um mês, chegaram à cidade doze ou treze sujeitos com trajos notáveis" casacos de cores brilhantes entretecidos com ouro puro que lhes chegavam aos pés, jóias tombando-lhes das barbas, caracóis e lóbulos das orelhas; cabeças de onde pendiam belos lenços bordados. Senti-me como se estivesse no meio de um cortejo. Apresentaram-se como sendo uma embaixada e pediram para ser recebidos pelo Senado numa sessão especial. Mas depois de o nosso venerado e rejuvenescido ladrão de expressões, Escauro

Princeps Senatus, ter examinado as suas credenciais de um modo brincalhão, negou-se a conceder-lhes audiência alegando que não tinham estatuto oficial. Diziam vir do santuário da Grande Deusa em Pessino, na Anatóha Frigia, e ter sido mandados pela Grande Deusa a desejar felicidades a Roma na sua luta contra os Germanos! Ouço-te perguntar: Mas por que motivo havia a Grande Deusa de ligar aos Germanos? Andamos todos intrigadíssimos com este assunto e estou certo de que foi por isso que Escauro recusou qualquer contacto com estes sujeitos garridos.

Porém, ninguém entende o que pretendem. Os orientais são tão vigaristas que um Romano que valha o pão que come fecha a sua bolsa e amarra-a debaixo do sovaco logo que os vê. Mas estes não são vigaristas! Andam por Roma a espalhar dinheiro como se as suas bolsas não tivessem fundo. O chefe deles é um espécime extremamente pomposo chamado Battaces. Salta bem à vista, pois tem vestes de ouro genuíno por todo o corpo e na cabeça uma enorme coroa de ouro maciço. Já tinha ouvido falar em vestes de ouro mas nunca pensei chegar a vê-las, a menos que fosse ver o rei Ptolomeu ou o rei dos Partos.

*As mulheres desta nossa imbecil cidade ficaram doidas com Battaces e a sua escolta, ofuscadas com tanto ouro, e deitando as mãozinhas gananciosas a quaisquer pérolas ou carbúnculos que caíssem duma barba ou... Não digas mais, Públio Rutílio' Limito-me a acrescentar com delicadeza refinada que eles não são, e repito-o: não são eunucos.***720**

De qualquer modo, seja por a mulher ser uma dessas damas romanas, seja por motivos mais altruístas, o tribuno da plebe Aulo Pompeio levantou-se nos rostros e acusou Battaces e os seus sacerdotes de serem charlatães e impostores, e pediu a sua expulsão; de preferência montados em burros e cobertos de alcatrão e penas. Battaces não aceitou a diatribe de Aulo Pompeio e foi queixar-se ao Senado. Algumas mulheres daquele digno organismo devem ter ficado infectadas, ou então foram injectadas de entusiasmo pelos embaixadores, porque a Assembleia mandou logo Aulo Pompeio calar-se e desistir de atormentar aquelas personagens importantes. Os Pais Conscritos mais puristas alinharam com Aulo Pompeio, pois não cabe ao Senado disciplinar um tribuno da plebe pela sua conduta nos Comícios. Seguiu-se então uma discussão sobre se Battaces e o seu grupo constituíam ou não uma embaixada, apesar da decisão anterior de Escauro. Como ninguém conseguia encontrar Escauro presumo que devia estar a procurar mais epigramas nos meus discursos, ou mais epiderme nas saias da mulher a questão ficou por resolver.

Então Aulo Pompeio continuou a rugir dos rostros como um leão, e a acusar as damas de Roma não só de cupidez mas também de luxúria. A seguir, Battaces foi até aos rostros seguido de belos sacerdotes e belas damas romanas como um peixeiro com uma fila de gatos vadios atrás de si. Felizmente, eu estava lá sabes como as coisas se passam em Roma! Avisaram-me, claro, tal como a toda a cidade, e assisti a uma farsa extraordinária, muito melhor do que Sila poderia esperar ver num teatro: Aulo Pompeio e Battaces atacavam-se apenas verbalmente mais velozes que Flauto, com o nosso nobre tribuno da plebe a insistir que o opositor era um charlatão, e Battaces insistindo que Aulo Pompeio estava a brincar com a ira, pois a Grande Deusa não gostava que insultassem os seus sacerdotes. A cena acabou com Battaces a proferir uma terrível maldição de morte a Aulo Pompeio em grego, pelo que todos perceberam. Eu achava que ela gostaria de ser cumprimentada em frigia.

*E agora vem aparte melhor, Caio Mário! Assim que foi proferida a maldição, Aulo Pompeio começou a sufocar e a tossir. Saiu a cambalear dos rostros e tiveram de ajudá-lo a ir para casa, onde ficou de cama nos três dias que se seguiram, cada vez mais doente. E ao fim de três dias... morreu! Revirou os dedos dos pés e deixou de respirar. Podes imaginar o efeito que isso teve em toda a gente, desde os que se encontravam no Senado às damas de Roma. Battaces pode ir aonde quiser, fazer o que quiser. As pessoas abrem-lhe alas como se sofresse de um tipo de lepra dourada. Recebe jantares gratuitos', a Assembleia mudou de ideias e recebeu formalmente a embaixada (ainda não há vestígios de Escauro!), as mulheres andam sempre à sua volta, e ele sorri e acena, concede bênçãos, e age como se fosse Zeus.*721

Estou espantado, enjoado, adoentado e cerca de mil outras coisas desagradáveis. A grande questão é: como terá Battaces feito aquilo? Terá sido inspiração divina ou algum veneno desconhecido? Aposto na última hipótese, mas eu sou um Céptico, se não um completo Cínico.

Caio Mário riu até ficar com dores, e depois foi tratar da questão dos Germanos.

Um quarto de milhão de Teutões atravessaram o rio Druência mesmo a leste do local em que este desaguava no Ródano, e começaram a avançar para a fortaleza romana. A coluna dispersa espalhava-se por várias milhas, com os seus cento e trinta mil

guerreiros a ocupar os flancos e a vanguarda; a sua cauda sinuosa era composta por um enorme aglomerado de carroças, gado e cavalos conduzidos pelas mulheres e crianças. Havia poucos homens idosos e ainda menos mulheres idosas. À frente dos guerreiros vinha a tribo dos Ambrões, ferozes, orgulhosos, valentes. O último grupo de carroças e animais vinha na retaguarda a vinte e cinco milhas de distância.

Os batedores germanos tinham encontrado a cidadela romana, mas Teutobod, o rei, estava confiante. Marchariam para Massília não obstante a oposição de Roma, pois em Massília a maior cidade de que já tinham ouvido falar, exceptuando Roma encontrariam mulheres, escravos, comida, luxo. Depois da satisfação de saqueá-la e queimá-la, virariam para o leste ao longo da costa, a caminho de Itália, porque embora Teutobod tivesse descoberto que a Via Domícia sobre o desfiladeiro do monte Geneva estava em perfeitas condições, acreditava que a rota costeira o levaria mais depressa até Itália.

A colheita estava ainda nos campos e foi esmagada pela hoste; nenhum deles, nem mesmo Teutobod, se preocupava que algum cuidado pudesse preservar os cereais para a colheita e o armazenamento no Inverno seguinte. Os Germanos tinham as carroças cheias de provisões pilhadas por todo o lado por onde haviam passado; quanto aos cereais no campo, o que fora pisado pelo homem podia ainda servir de alimento ao gado bovino e equino. Os cereais por colher seriam usados apenas para forragem.

Quando os Ambrões chegaram ao sopé da colina onde se elevava a fortaleza romana, nada aconteceu. Mário não se mexeu, nem os Germanos se deram ao trabalho de atacá-lo. Mas como Mário não representava uma722

barreira mental, os Ambrões pararam e os outros guerreiros agruparam-se atrás dele, até formarem um carreiro de germanos espalhados pela colina como formigas para verem chegar Teutobod.

Primeiro tentaram experimentar o exército romano com assobios, apupos, insultos e um desfile dos cativos que tinham sido torturados. Nenhum romano respondeu; nenhum se arriscou a sair. Depois a hoste atacou em massa, num assalto frontal singular que avançou e se abateu em vão contra as fortificações magníficas do acampamento de Mário; os romanos lançaram algumas lanças contra alvos fáceis, mas não fizeram mais nada.

Teutobod encolheu os ombros. Os seus guerreiros encolheram os ombros. Os romanos que ficassem! Não era muito importante. E a hoste germana contornou a base da colina como um mar que rodeasse uma *grande rocha* e desapareceu *em* direcção ao Sul, com os vários milhares de carroças a chiar na sua retaguarda durante sete dias e todas as mulheres e crianças germanas a olhar a cidadela aparentemente desabitada enquanto a lenta cavalgada prosseguia em direcção a Massília.

Mas logo que a última carroça desapareceu no horizonte, Mário partiu a toda a brida com as suas seis poderosas legiões. Calma, disciplinada, rejubilante por ter enfim chegado a altura da batalha, a coluna romana seguiu os Germanos às escondidas, enquanto estes se acotovelavam ao longo da estrada de Arelas para Aquae Sextiae, ponto a partir do qual Teutobod tencionava conduzir os guerreiros até ao mar. Depois de atravessar o rio Ars, Mário ocupou uma posição perfeita na margem sul, no topo de uma crista íngreme rodeada de colinas suaves, e entrincheirou-se aí, numa vertente que dava para o rio.

Mantendo-se à cabeça, trinta mil guerreiros Ambrões chegaram ao vau e depararam com um acampamento romano cheio de elmos emplumados e lanças. Mas era um acampamento normal, presa fácil; sem esPerar por reforços, os Ambrões atravessaram o ribeiro de águas pouco *fundas* e atacaram monte acima.

Os legionários romanos passaram a *muralha frontal* a toda *a largura* e desceram o monte, ao encontro de uma horda de bárbaros

indisciplinados e aos berros. Primeiro lançaram as suas pila com um efeito devastador, a seguir desembainharam as espadas e giraram os escudos em volta, e avançaram para o combate como se fizessem parte de uma gigantesca máquina. Poucos Ambrões conseguiram voltar a atravessar o vau; ficaram para trás trinta mil mortos dispersos ao longo do declive. As baixas de Mário foram quase nulas.723

A acção terminou em menos de meia hora; daí a uma hora, os Ambrões tinham sido empilhados, formando um talude de corpos nus as espadas, colares, escudos, braceletes, peitorais, punhais e elmos haviam sido lançados para dentro do acampamento romano ao longo do vau; o primeiro obstáculo a ultrapassar pela leva seguinte de Germanos seria esta muralha feita com os seus próprios mortos.

A outra margem do Ars estava agora cheia de uma massa irritada de Teutões, que olhavam confusos e irados para a enorme muralha de Ambrões mortos e para o acampamento romano no topo da crista, onde os milhares de soldados assobiavam e cantavam, os insultavam, apupavam e vaiavam, eufóricos com a vitória. Porque era a primeira vez que um exército romano matava um grande número de homens do inimigo germano.

Era evidente que se tratava unicamente de um combate preliminar. A acção principal ainda estava para vir. Ninguém duvidava que ainda estava para vir. Para completar o plano, Mário escolheu três mil dos seus melhores soldados de cavalaria e mandou-os atravessar o rio nessa noite sob o comando de Mânio Aquílio; deviam esperar que o combate geral começasse, e atacar os Germanos pela retaguarda quando a batalha estivesse no auge.

Quase nenhum legionário dormiu nessa noite, tal era a exaltação; mas no dia seguinte, ao ver que não havia qualquer movimentação por parte dos Germanos, ninguém se ralou com o cansaço. A inactividade dos bárbaros constituía uma preocupação para Mário,

que não queria ver o seu objectivo atrasar-se só por os Germanos terem decidido não atacar. Mário precisava de uma vitória decisiva e estava decidido a obtê-la. Mas na outra margem do rio os Teutões tinham acampado aos milhares, sem nenhuma defesa além do enorme número de homens, enquanto Teutobod tão alto no seu cavalo gaulês que os pés quase varriam o chão percorria o vau acompanhado de uma dúzia de guerreiros. Passeou a montada miseravelmente sobrecarregada para cima e para baixo, para a frente e para trás durante todo o dia, com duas enormes tranças loiras como o trigo sobre a couraça de ouro e as asas de ouro do elmo a brilhar ao sol sobre as orelhas. Mesmo à distância se podia ver a ansiedade e indecisão patentes no seu rosto barbeado.

O dia seguinte rompeu sem nuvens como os dias anteriores, prometendo um grau de calor que em breve transformaria a área numa massa de putrefacção fervente; Mário não tencionava permanecer onde estava até a doença se tornar uma ameaça maior do que o inimigo.724

Está bem disse a Quinto Sertório, vamos arriscar. Já que não atacam, serei eu a dar início à batalha, avançando contra eles. Perderemos a vantagem que teríamos se fossem eles a atacar subindo o monte, mas mesmo assim as nossas hipóteses são melhores aqui do que em qualquer outro lugar, e Mânio Aquílio está em posição. Faz soar as cornetas, dispõe as tropas, enquanto vou dirigir-lhes um discurso.

Era essa a prática habitual; nenhum exército romano iniciava uma acção militar importante sem uma alocução pública. Em primeiro lugar, porque assim todos podiam ver o general bem vestido para a guerra, em segundo, porque essa alocução servia para levantar o moral, e por último, porque era a única oportunidade de o general informar mesmo o mais insignificante dos legionários do modo como tencionava vencer. A batalha nunca decorria exactamente de acordo com o seu plano todos o sabiam mas a alocução do general dava aos soldados uma ideia daquilo que o general queria que fizessem; e se reinasse uma confusão maior que o normal, permitia aos soldados pensarem por si. Muitos exércitos romanos tinham vencido batalhas por os seus soldados saberem o que o

general pretendia deles e por o terem feito quando não havia nenhum tribuno por perto.

A derrota dos Ambrões actuara como um tónico. As legiões iam vencer, todos os homens estavam em perfeitas condições físicas, tinham as armas e armaduras polidas e o equipamento sem uma mancha. Apertadas no espaço aberto a que chamavam o seu fórum de reunião, as tropas formaram filas para ouvir Caio Mário. Segui-lo-iam até ao Tártaro, se necessário, visto que o adoravam.

Muito bem, *cunni,* chegou o dia! gritou Mário dos rostros improvisados. Fomos demasiado bons, é esse o nosso problema! Agora, eles não querem combater! Por isso, vamos enraivecê-los a tal ponto que pudessem vir combater-nos dentro da boca de um dragão! Vamos atravessar a nossa muralha, descer o declive e começar a empurrar os corpos mortos! Vamos dar pontapés nos seus mortos, cuspir-lhes em cima, mijar-lhes em cima se for preciso! E não se enganem: serão muitos mais milhares deles do que vocês poderão contar, seus *mentulae* ignorantes! E não teremos a vantagem de ficar aqui empoleirados como galos; teremos de combatê-los frente a frente; e isso significa ter de olhar para *cima!* Porque eles são mais altos que nós! São *gigantes.* Isso preocupa-nos?

Não! responderam em uníssono Não, não, não!

- Não! - repetiu Mário. - E porquê? Porque somos legiões de Roma! Seguiremos as águias de prata até à morte ou à glória! Os Romanos são725

os melhores soldados do mundo! E vocês, os soldados dos *capite censi* de Caio Mário, são os melhores soldados de *Roma.*

Os soldados aplaudiram-no durante o que pareceu uma eternidade, histéricos de orgulho, de lágrimas a correr pelos rostos e um grau de prontidão insuportável em todas as fibras do seu ser.

Muito bem! Vamos saltar a muralha e dar-lhes uma tareia! Não há outra forma de vencer esta guerra se não pusermos de joelhos estes selvagens furiosos! É a luta! E continuar até não haver mais nenhum selvagem furioso de pé! Mário virou-se para o lugar onde seis homens envolvidos em peles de leão com açaimos sobre os elmos e

patas de animais atravessadas nas cotas de malha seguravam as varas de prata polida dos estandartes que suportavam as seis águias de prata de asas abertas. Ali estão elas, as vossas águias de prata! Emblemas de coragem! Emblemas de Roma! Emblemas das minhas legiões! Sigam as águias para a glória de Roma!

Mesmo no meio de tal exaltação não havia perda de disciplina; ordenadas e sem pressas, as seis legiões de Mário saíram do acampamento e desceram a encosta, virando-se para protegerem os flancos, pois o local não era adequado para a cavalaria. Apresentaram as fileiras em forma de foice aos Germanos, que tomaram o partido do rei Teutobod à primeira demonstração de desprezo pelos mortos dos Ambrões. Atravessaram o vau e avançaram para a frente romana, que nem sequer vacilou. Os primeiros germanos tombaram à rajada *de pila* atiradas com extrema exactidão; há mais de dois anos que os soldados de Mário andavam a praticar.

A batalha foi longa e esgotante, mas nem as linhas romanas foram quebradas, nem as águias de prata foram arrancadas aos seis *aquiliferi.* Os mortos dos germanos eram cada vez mais, juntando-se aos Ambrões, e mais germanos continuavam a atravessar o vau em substituição dos que tombavam. Até Mânio Aquílio e os seus três mil soldados atacarem a retaguarda germana, aniquilando-a.

A meio da tarde, os Teutões já não existiam. Animados pela tradição militar e pela glória de Roma e comandados por um general extraordinário, trinta e sete mil legionários romanos excelentemente treinados e bem equipados escreveram uma parte da história militar em Aquae Sextiae ao derrotarem mais de cem mil guerreiros germanos em dois combates. Oitenta mil cadáveres foram acrescentados aos trinta mil Ambrões ao longo do rio Ars; pouquíssimos Teutões escolheram viver, preferindo morrer com a honra e o orgulho intactos. Por entre os mortos, encontrava-se726

Teutobod. E os vencedores ficaram com o produto das pilhagens, muitos milhares de mulheres e crianças e dezassete mil guerreiros. Quando surgiram os enxames de negreiros vindos de Massília para comprar os despojos, Mário deu o produto da venda aos seus soldados, embora por tradição o dinheiro da venda de prisioneiros-escravos revertesse unicamente para o general.

- Eu não preciso do dinheiro, e eles ganharam-no - disse Mário, e sorriu, lembrando-se da quantia colossal que os massiliotas tinham cobrado a Marco Aurélio Cota para fazer a travessia de barco até Roma, levando a notícia dos acontecimentos de Arausio. - Vejo que os magistrados de Massília nos enviaram um voto de agradecimento por termos salvo a sua bela cidade. Acho que vou enviar-lhes a conta por a terem salvo.

Mário deu a Mânio Aquílio o seu relatório para o Senado, e mandou-o partir para Roma a galope.

- Podes levar as notícias e concorrer ao consulado - disse. - Mas não te atrases!

Mânio Aquílio não se atrasou e chegou a Roma por estrada *em sete* dias. A carta foi entregue ao cônsul júnior, Quinto Lutácio Catulo César, para ser lida na Assembleia; Mânio Aquílio, inamovível, recusou-se a fazer comentários.

Eu, Caio Mário, cônsul sénior, tenho por dever comunicar ao Senado e Povo de Roma que hoje, no campo de Aquae Sextiae, na província romana da Gália Transalpina, as legiões sob o meu comando derrotaram por completo o povo dos Teutões Germanos. O número de Germanos mortos é de cento e treze mil, os Germanos cativos são dezassete mil homens e cento e trinta mil mulheres e crianças. Há trinta e duas mil carroças, quarenta e um mil cavalos e duzentas mil cabeças de gado. Decretei que o produto dos saques, incluindo os homens vendidos como escravos, deverão ser divididos proporcionalmente entre os meus homens. Viva Roma

Roma inteira exultou de alegria, as ruas encheram-se de multidões

- dos escravos aos membros mais ilustres - a chorar, a dançar, *a aplaudir,* a beijarem-se. E Caio Mário foi eleito cônsul sénior *in absentia para* o ano seguinte, tendo Mânio Aquílio por seu colega júnior. o *senado* decidiu por voto uma festa de acção de graças em sua honra com a duração de três dias, e o Povo outros dois.

- Sita falou nisso - salientou Catulo César para Metelo Numídico, depois de a confusão ter esmorecido.727

- Ah! Não gostas do nosso Lúcio Cornélio! O Sila! De que falou ele?

Disse qualquer coisa acerca da árvore mais alta da floresta não poder ser cortada por ninguém. Caio Mário tem imensa sorte Eu nem consegui convencer o meu exército a lutar, e ele derrota um povo inteiro quase sem perder um homem lamentou-se Catulo César, melancólico.

- Qual sorte, qual quê! disse vigorosamente Públio Rutílio Rufo, que estava a ouvir a conversa. A cada um o reconhecimento que merece!

O *que os deixou com pouco mais que dizer* (escreveu Rutílio Rufo a Caio Mário) *Como sabes, não posso aprovar todos estes consulados sucessivos nem as atitudes de alguns dos teus amigos mais ambiciosos. Mas confesso que fico exasperado quando deparo com inveja e malevolência vindos da parte de homens que deviam ser suficientemente grandes para serem magnânimos. Esopo descreveu-os bem: são uvas azedas, Caio Mário. Alguma vez ouviste coisa mais absurda do que atribuir à sorte o êxito que tu tens e que lhes falta? A verdade é que é um homem que cria a sua própria sorte. Apetece-me cuspir quando os ouço depreciar a tua maravilhosa vitória.*

Mas deixemos este assunto, senão tenho uma apoplexia. Por falar dos teus amigos mais ambiciosos, Caio Servílio Gláucia que iniciou o tribunato da plebe há oito dias já começou a fazer uma bela tempestade nos Comícios. Convocou o primeiro contiopara discutir uma nova lei que se propõe promulgar para desfazer o trabalho daquele herói de Tolosa, Quinto Servílio Cepião que o seu exílio em Esmirna dure para sempre! Não gosto dele; nunca

gostei! Gláucia vai devolver aos cavaleiros o tribunal de casos de extorsão, com todo o tipo de floreados. A partir daqui se a lei for votada, o que me parece que vai acontecer o Estado poderá exigir a reparação de danos sofridos, bens que foram alvo de apropriação indevida ou fundos desviados dos seus receptores, bem como dos primeiros culpados. Por isso, enquanto antigamente um governador ganancioso podia pôr os seus ganhos desonestos em nome da tia Lícia, do tatá *da mulher, Lúcio Tidlipus, ou mesmo de alguém tão óbvio como o filho, sob a nova lei de Gláucia, a tiazinha Lícia e Lúcio Tidlipus e o filho passarão a estar envolvidos.*

Suponho que haverá nisto alguma justiça, mas aonde nos levam leis destas, Caio Mário? É uma lei que confere demasiado poder ao Estado, para já não falar do dinheiro! Serve para criar demagogos e burocratas, é o que é! Há algo de terrivelmente tranquilizante em estar-se na política para enriquecer. É *normal.* É *humano.* É *perdoável. É compreensível. Devemos ter cuidado é com os que estão na política para mudar o mundo. São eles que provocam os maiores danos, os homens de poder e os altruístas. Não é saudável pensar nos outros antes de nós***728**

próprios. Os outros não merecem tanto como nós. Alguma vez te disse que era um Céptico? Pois sou-o. Embora às vezes só às vezes! me interrogue se não estarei também, em certa medida, a tornar-me um Cínico.

Diz-se que em breve voltarás a Roma. Mal posso esperar! Quero ver a cara do Suíno quando te puser a vista em cima. Catulo César foi nomeado procônsul da Gália Italiana, como devias prever, e já foi reunir-se ao seu exército em Placência. Toma cuidado com ele: se puder tentará retirar-te os créditos da tua próxima vitória. Espero que Lúcio Cornélio Sila seja tão leal como dantes, agora quejulilla está morta.

Na frente diplomática, Battaces e os seus sacerdotes preferiram finalmente regressar, e os lamentos das várias damas bem-nascidas podem ouvir-se no mínimo até Brindíúo. Neste momento temos entre nós uma embaixada muito menos temível e infinitamente mais agoirenta. Vem da parte daquele homem perigosíssimo que conseguiu conquistar a maior parte do território à volta do mar Euxino - o rei Mitríades do Ponto. O rei pede um tratado de amizade e aliança. Escauro não lhe é favorável. Interrogo-me porquê. A sua posição poderá ter alguma coisa a ver com as intrigas ferozes dos agentes do rei Nicomedes, da nossa aliada amigável, a Bitínia? Edepol, edepol, *lá estão de novo as minhas terríveis*

tendências cépticas! Não, Caio Mário, não são tendências cépticas! Pelo menos, ainda não o são.

Em conclusão, alguns mexericos e notícias particulares. O Pai Conscrito Marco Calpúrnio Bíbulo teve um filho e herdeiro, dando origem a grandes expressões de alegria da parte de vários Domícios Aenobarbos e Servílios Cepiões, embora faça notar que os Calpurnos Pisões conseguiram manter um ar indiferente. E conquanto talvez seja o destino de alguns idosos veneráveis casar com raparigas da escola, é um destino mais comum ceder ao abraço da Morte. Caio Licínio, o nosso grande escritor, morreu. Lamento muito o seu falecimento. Era um chato de morte, mas oh, como a sua escrita era espirituosa! Também lamento e desta vez com profunda sinceridade que a tua velha profetisa síria, Marta, tenha morrido. Não é novidade para ti, sei que Júlia te escreveu, mas sentirei a falta daquela velha bruxa. O Suíno espumava pela boca sempre que a via ser transportada por Roma na sua sinistra liteira de púrpura. A tua querida e maravilhosa Júlia jura que também sentirá a falta de Marta. A propósito, espero que saibas apreciar o tesouro com que casaste. Não conheço muitas mulheres que sentissem mágoa pela morte de uma convidada que viesse passar um mês e fosse ficando, em especial uma convidada que achava fino cuspir no chão e urinar no tanque dos peixes.

*Termino com um eco do teu comentário. Como pudeste dizer aquilo, Caio Mário? Viva ”Roma! ”Que presunção!*DURANTE O CONSULADO DE CAIO MáRIO (V)

E MANLO AQUILIO

DURANTE O CONSULADO DE CAIO MÁRIO

E LÚCIO VALÉRIO FLACOSila tinha razão: os Cimbros nem sequer estavam interessados em atravessar o Pó. Tal como vacas deixadas à solta numa enorme pastagem, ficaram satisfeitos na margem leste da Gália Italiana-Transpadana a olhar para a outra margem, rodeados de tanta riqueza agrícola e pastoral que não ligaram às exortações do seu rei. Bóiorix era o único que se preocupava; Bóiorix foi o único que ficou profundamente deprimido ao receber a notícia da derrota dos Teutões em Aquae Sextiae.

Quando a esta se acrescentou a notícia de que os Tigurinos-Marcomanos-Queruscos tinham ficado desencorajados e regressado às suas pátrias, Bóiorix desesperou. A sua estratégia grandiosa fora arruinada por uma combinação de factores: a superioridade das armas romanas e a frouxidão germana, e agora começava mesmo a duvidar da sua capacidade de dominar o seu povo, os Cimbros.

Bóiorix sentia ainda que eles, a mais numerosa das três divisões, podiam conquistar a Itália sozinhos mas só se conseguisse ensinar-lhes as lições inestimáveis da unidade colectiva e da autodisciplina individual.

Ao longo do Inverno que se seguira a Aquae Sextiae, Bóiorix guardou os pensamentos para si, entendendo que não podia fazer nada até o seu povo estar farto daquele lugar ou comer todos os seus alimentos. Como não eram agricultores, a segunda possibilidade era mais provável, mas nunca nas viagens anteriores Bóiorix vira tanta fertilidade; uma tal capacidade de alimentar e continuar a alimentar. Se a Gália Italiana-Transpadana era um feudo dos Romanos, não admirava que Roma fosse tão importante. Ao contrário da Gália-de-Longos-Cabelos, não havia aqui vastas florestas intactas; em vez disso, os carvalhos seleccionados em vários estados davam uma colheita generosa de bolotas para muitos milhares de porcos durante o Inverno. O resto da região era cultivada: trigo-miúdo732

nos locais onde o Pó tornava o solo demasiado pantanoso, trigo onde O solo era suficientemente seco; grãos-de-bico e lentilhas, tremoços e feijões em todos os tipos de solo. Mesmo na Primavera - quando os agricultores migravam ou receavam fazer a sementeira - os cereais cresciam, tantas eram as sementes que tinham ficado inactivas no solo.

O que Bóiorix não conseguia era vislumbrar a estrutura física da Itália; se tal tivesse acontecido, teria podido anunciar que a Gália-Transpadana seria a nova pátria dos Cimbros; e se o tivesse feito,

talvez Roma o tivesse deixado ficar, já que os Romanos não consideravam a Gália Italiana-Transpadana uma *região* de importância vital, e a sua população era Celta na sua maioria. Porque a estrutura física da Itália impedia que as incríveis riquezas do vale do rio Pó tivessem qualquer utilidade para a península italiana. Todos os rios corriam *entre* o Leste e o Oeste, e a imponente cordilheira dos Apeninos dividia a Itália peninsular da Gália Italiana, da margem do Adriático à costa da Ligúria. Com efeito, a Gália Italiana-Transpadana era um país muito particular, que podia dividir-se em dois países: um ao Norte e o outro ao Sul do grande rio.

Assim, Bóiorix retomou os seus propósitos quando a Primavera deu lugar ao Verão e começaram a surgir os primeiros pequenos rebentos de uma terra já totalmente gasta. Os cereais tinham-se mesmo semeado por si, mas eram escassos e não pareciam estar a formar espigas, vagens ou tufos; extremamente astuciosos, como criaturas inteligentes que eram, os porcos existiam cada vez em menor número; e o meio milhão de animais que tinham sido trazidos pelos Cimbros tinham pisado tudo o que não haviam comido e transformado em pó árido.

Era a altura certa de partirem; quando Bóiorix foi ter com os seus guerreiros, instigando-os, estes incitaram o povo. E no início de junho o gado foi recolhido, os cavalos reunidos e as carroças aparelhadas. Os Cimbros voltaram a juntar-se num enorme grupo e dirigiram-se para Leste subindo o rio ao longo da margem norte do Pó em *direcção a regiões* mais romanizadas que rodeavam a *grande* cidade de Placência.

Em Placência estava o exército romano de cinquenta e quatro mil homens. Mário concedera duas das suas legiões a Mânio Aquílio, que fora para a Sicília no princípio do ano para negociar com o rei-escravo Atenão; a derrota dos Teutões tinha sido tão definitiva que nem era necessário deixar quaisquer soldados a guarnecer a Gália Transalpina.733

A situação tinha certas semelhanças com a do comando em Arausio: mais uma vez, o comandante sénior era um Homem Novo, e o comandante júnior pertencia à alta aristocracia. Mas a diferença entre Caio Mário e Cneu Málio Máximo era enorme; Mário, o Homem Novo, não era pessoa para aceitar os disparates de Catulo César, o aristocrata. Catulo César recebeu ordens bruscas acerca do que deveria fazer e para onde ir, e explicaram-lhe bem os motivos dessas ordens e a direcção a tomar. Só lhe exigiam que obedecesse, e Catulo César sabia bem o que aconteceria se não o fizesse, pois Caio Mário perdera algum tempo a explicar-lhe. Com a máxima franqueza.

- Pode dizer-se que estiquei uma linha para tu pisares, Quinto Lutácio. Se puseres um dedo fora dela, mandar-te-ei para Roma tão depressa que nem saberás como lá chegaste - avisou Mário. - Não aceitarei que me preguem partidas à moda de Cepião! Preferia muito mais ver Lúcio Cornélio no teu lugar, e é ele que te substituirá se pensares sequer em desviar-te dessa linha. Entendido?

- Não sou um subalterno, Caio Mário, e não me agrada ser tratado como se o fosse - disse Catulo César, muito corado.

- **Olha, Quinto Lutácio, não me *interessa*** o que sentes! - disse Mário com uma paciência exagerada. - Só me interessa o que fazes. E vais fazer simplesmente o que te digo, e mais nada.

- Não prevejo qualquer dificuldade em seguir as tuas ordens, Caio Mário. São ordens tão específicas como pormenorizadas - disse Catulo César, de melhor humor. - Mas repito que não tens necessidade de falar comigo como se eu fosse um oficial subalterno! Sou o teu segundo-comandante.

Mário fez um sorriso desagradável.

- Também não gosto de ti, Quinto Lutácio - disse. - Não passas de mais um daqueles medíocres da classe alta que pensam possuir um tipo qualquer de **direito divino para governar Roma.** Na minha

opinião és um indivíduo que não conseguiria gerir um bar que estivesse situado entre um bordel e um clube masculino! E a nossa colaboração processar-se-á do seguinte modo: eu dou as ordens e tu executa-las à **letra.**

- Sob protesto - afirmou Catulo César.

- Sob protesto, mas executando-as - disse Caio Mário.

- Não podias ter tido um pouco mais de tacto? - perguntou Sila a Mário mais tarde, nesse mesmo dia, depois de ter suportado as passadas de Catulo César na sua tenda, a perorar contra Mário durante uma hora.734

Para quê. - perguntou Mário, genuinamente surpreendido.

Porque em Roma ele é *importante! E* também é importante aqui, na Gália Italiana! disse Sila abruptamente. O acesso de fúria cessou; Sila olhou para Caio Mário, que não se arrependera, e abanou a cabeça. Oh, és impossível! E juro-te que estás cada vez pior.

Sou um homem velho, Lúcio Cornélio. Cinquenta e seis anos. Tenho a idade do nosso Princeps Senatus, que todos consideram um velho.

Isso é porque o nosso Princeps Senatus já faz parte da mobília do Fórum, e é careca e está cheio de rugas comentou Sila. Tu ainda és o vigoroso comandante em campo, e por isso ninguém te considera um velho.

Sou velho demais para aturar alegremente sujeitos tolos como o Quinto Lutácio disse Mário. Não tenho tempo para passar horas a alisar as penas aos galos estropiados só para eles manterem uma boa impressão de si mesmos.

Não digas que não te avisei! lembrou Sila.

Na segunda metade de Quinctilis, os Cimbros agruparam-se no sopé dos Alpes ocidentais, dispersos por uma planície denominada Campli Raudi, perto da pequena cidade de Vercelas.

Porquê aqui? perguntou Mário a Quinto Sertório, que acompanhara os Cimbros no seu trajecto para o leste.

Bem gostava de saber, Caio Mário, mas nunca consegui aproximar-me de Bóiorix lamentou-se Sertório. Os Cimbros parecem pensar que vão regressar à Germânia, mas alguns dos guerreiros que conheço julgam que Bóiorix continua decidido a dirigir-se para o sul.

Está demasiado a oeste disse Sila.

Os guerreiros pensam que Bóiorix está a tentar apaziguar os povos levando-os a acreditar que muito em breve atravessarão os Alpes de volta para a Gália-de-Longos-Cabelos, e no próximo ano estarão de novo no Quersoneso Cimbro. Porém, vai mantê-los na Gália Italiana o tempo suficiente para atravessar os desfiladeiros alpinos e apresentar-lhes depois uma alternativa bastante fraca: permanecerem na Gália Italiana e morrerem de fome durante o Inverno, ou invadirem a Itália.

É uma manobra demasiado complicada para um bárbaro disse Mário com cepticismo.

A lança de peixe com três dentes na Gália Italiana também não fazia parte da tua estratégia bárbara lembrou-lhe Sila.735

- São como abutres - disse Sertório subitamente.

- Como? - perguntou Mário, encolhendo os ombros.

- Apanham os ossos de tudo o que lhes aparece à frente, Caio Mário. Deve ser por isso que continuam a andar. Ou talvez uma praga de gafanhotos seja uma comparação melhor: comem tudo o que encontram à vista e seguem viagem. Os Éduos e os Ambarros levarão vinte anos a eliminar os estragos de quatro anos de

hospitalidade concedida aos Germanos. E digo-te, os Aduátucos pareciam muito desanimados quando parti.

- Então como conseguiram permanecer na sua terra natal durante tanto tempo? - perguntou Mário.

- Eram menos. Os Cimbros tinham a sua enorme península, os Teutões possuíam toda a terra para sul, os Tigurinos estavam na Helvécia, os Queruscos estavam ao longo do Visurge, na Germânia, e os Marcomanos viviam na Terra dos Bóios.

- O clima destas regiões é **muito diferente** - disse Sila quando Sertório se calou. - A norte do Reno chove o ano inteiro. Por isso a erva cresce muito depressa e é suculenta, doce e macia. E os Invernos também não são tão duros, ao que parece - pelo menos perto do oceano Atlântico como estavam os Cimbros, os Teutões e os Queruscos. Mesmo no *fim* do Inverno cai mais chuva que neve ou gelo. E podem apascentar o gado em vez de cultivar os campos. Não acho que os Germanos vivam deste modo por isso fazer parte da sua natureza. Acho que os Germanos vivem da forma que lhes foi ditada pela sua terra natal.

Mário olhou para cima, por debaixo das sobrancelhas.

- Então parece-te, por exemplo, que aprenderiam a cultivar os campos se ficassem na Itália o tempo suficiente ?

- Sem dúvida - respondeu Sila.

- Nesse caso, é melhor obrigá-los a travar um combate decisivo este Verão e acabarmos com isto... e com eles. Durante cerca de quinze anos Roma tem vivido à sombra deles. Não consigo dormir descansado na minha cama se na noite anterior antes de fechar os olhos tiver pensado em meio milhão de Germanos a vaguear pela Europa à procura de um Elísio que deixaram para trás, algures ao norte do Reno. A migração germana tem de parar. E o único modo certo de travá-la é com espadas romanas.

- Estou de acordo - disse Sila.

- Também eu - afirmou Sertório.

- Não tens nenhum rebento entre os Cimbros? - perguntou Mário a Sertório.736

- Tenho,

- Sabes onde?

- Sei.

- Óptimo. Quando isto acabar, podes mandar a criança e a mãe para onde quiseres; mesmo para Roma.

- Obrigado, Caio Mário. Vou mandá-los para a Espanha Citerior disse Sertório, a sorrir.

Mário ficou admirado.

- Para a Espanha? Porquê a Espanha?

- Gostei de lá estar, quando estava a aprender a ser celtibero. A tribo onde fiquei tomará conta da minha família germana.

- ÓptiMo! Agora, bons amigos, vejamos como podemos travar a batalha com os Cimbros.

Mário travou a sua batalha no último dia de Quinctilis do calendário, tendo a data sido formalmente fixada numa conversa entre Mário e Bóiorix. Mário não era o único que estava cansado de anos de indecisão. Também Bóiorix ansiava por acabar com aquilo.

- O vencedor ficará com a Itália - disse Bóiorix.

- O vencedor ficará com o *mundo* - retorquiu Mário.

Tal como em Aquae Sextiae, Mário travou um combate de infantaria, com a escassa cavalaria disposta de forma a proteger duas enormes alas de infantaria compostas pelos soldados da Gália Transalpina divididos em dois grupos de quinze mil. Entre esses grupos, Mário colocou Catulo César e os seus vinte e quatro mil homens menos experientes, formando o centro; os soldados veteranos nas duas alas mantê-los-iam firmes e contidos. Mário comandava a ala esquerda e Sila a da direita; Catuo César, a do centro.

Quinze mil soldados de cavalaria dos Cimbros começaram o combate, magnificamente vestidos e equipados, e montados nos *enormes* cavalos do Norte em vez dos pequenos póneis gauleses. os soldados germanos usavam elmos com a forma da cabeça de um monstro *mítico de* boca aberta, plumas rígidas de cada lado para conferir ao cavaleiro uma estatura ainda maior; usavam uma protecção peitoral *de ferro* e uma espada longa, e transportavam um escudo redondo e branco, bem *como* duas lanças pesadas.

Os cavaleiros formavam uma linha de cerca de quatro milhas com *largura* de quatro homens. Mesmo atrás deles estava a infantaria dos737

Cimbros, mas quando eles atacaram, viraram para a direita, arrastando os Romanos; era uma táctica destinada a afastar a linha romana o suficiente para a direita, de modo a permitir à infantaria dos Cimbros flanquear a direita de Sila e atacar os Romanos pela retaguarda.

As legiões estavam tão ansiosas por lutar que o plano germano ia quase resultando; depois Mário conseguiu travar as suas tropas e acolheu o embate da carga de cavalaria, deixando para Sila a primeira arremetida dos soldados de infantaria dos Cimbros, enquanto Catulo César, ao centro, combatia tanto a cavalaria como a infantaria.

Foram a boa forma romana e o seu treino e astúcia que venceram no campo de Vercelas, visto que Mário esperava que a batalha fosse travada antes do meio-dia, e por isso já se perfilara com as suas linhas voltadas para o Oeste. Foram os Cimbros que tiveram o sol da manhã a bater-lhes nos olhos, e foram eles igualmente que não conseguiram aguentar o ritmo. Habituados a um clima mais fresco e ameno e cheios de carne que tinham comido ao pequeno-almoço os Cimbros combateram os Romanos dois dias antes do solstício de Verão, sob um céu sem nuvens e uma sufocante camada de pó. Enquanto para os legionários isso apenas constituía uma pequena contrariedade, para os Germanos era uma fornalha cruel. Sucumbiram aos milhares, de línguas ressequidas, com as armaduras tão escaldantes como a protecção formada pelos pêlos de Hércules; os elmos eram um fardo ardente, as espadas pareciam de chumbo.

Por volta do meio-dia já não existiam combatentes dos Cimbros. Oitenta mil homens, incluindo Bóiorix, tombaram no campo de batalha; o resto fugiu para ir às carroças avisar as mulheres e crianças e atravessar os Alpes com o que pudessem levar. Mas não era possível conduzir as cinquenta mil carroças a galope, nem levar o meio milhão de gado reunido em uma ou duas horas. Os que estavam mais perto dos desfiladeiros alpinos do vale dos Salasos fugiram; os outros não. Muitas das mulheres recusaram-se a ser cativas e mataram-se com as suas crianças; outras mataram também os guerreiros fugitivos. Mesmo assim, sessenta mil mulheres e crianças dos Cimbros foram vendidas como escravas, tal como vinte mil guerreiros.

Dos que fugiram até ao vale dos Salassos e passaram para a Gália Transalpina pelo desfiladeiro de Lugdunum, poucos foram os que chegaram a passar pelo castigo dos Celtas. Os Alóbrogos assaltaram-nos com um prazer feroz, tal como os Sequanos. Cerca de dois mil cimbros acabaram por reunir-se aos seis mil guerreiros que tinham ficado com os738

Aduátucos; e foi aí, no local onde o Mosa acolhia o Sabe, que os últimos sobreviventes da grande migração se estabeleceram de vez, vindo mais tarde a denominar-se Aduátucos. Apenas a enorme acumulação de riquezas lhes recordava que haviam sido em tempos uma hoste germana com mais de três quartos de milhão de homens; mas as riquezas não eram para gastar: estavam só à sua guarda para o caso de chegarem mais romanos.

Preparado para uma guerra de outro tipo, Catulo César compareceu ao conselho que Mário convocou depois de Vercelas e encontrou um Mário delicado, afável, desejoso de aceder a todos os seus pedidos.

- Meu caro, é evidente que terás um triunfo! - disse Mário, dando-lhe uma palmada nas costas. - Leva *dois terços* das pilhagens! Afinal de contas, os meus homens também ficaram com os despojos de Aquae Sextiae, e eu dei-lhes o produto da venda dos escravos, e por isso eles sairão da campanha favorecidos em relação aos teus homens, ao que julgo; a menos que tenciones dar o dinheiro dos escravos. Não? *É perfeitamente* compreensível, meu caro Quinto Lutácio! - afirmou Mário, enquanto lhe punha nas mãos um prato de comida.

- Meu caro, eu nunca *sonharia* ficar com todos os créditos! Por que iria fazê-lo se os teus soldados lutaram com igual perícia e entusiasmo?

- perguntou Mário, retirando-lhe o prato de comida e substituindo-o por uma taça de vinho a transbordar. - Senta-te, senta-te! É um grande dia! Hoje poderei dormir em paz.

- Bóiorix está morto - disse Sila, sorrindo de contentamento. - Está tudo acabado, Caio Mário. Definitivamente acabado.

- E a tua mulher e filho, Quinto Sertório? - perguntou Mário.

- Salvos.

- Excelente. Excelente! - Mário observou as pessoas que se encontravam na tenda do general, demasiado pequena para tanta gente, e até as suas sobrancelhas pareciam reluzir. - E quem quer levar a Roma a notícia de Vercelas? - perguntou.

Duas dúzias de vozes responderam; muitas dúzias mais não disseram nada mas os seus rostos adquiriram uma expressão de ansiedade. Mário olhou-os um por um, e finalmente pousou o olhar no homem que fora objecto da sua decisão.

- Caio Júlio - disse Mário -, és o escolhido. És meu questor, mas não é essa a razão principal. Pelo facto de deteres um posto de comando superior representas-nos a todos. Nós temos de permanecer na Gália Italiana até estar tudo arrumado. Mas também és meu cunhado e de Lúcio Cornélio; corre nas veias dos nossos filhos sangue da tua família.739

E o Quinto Lutácio é um Júlio César. Por isso, está certo que seja um Júlio César a levar a notícia da vitória a Roma - Mário virou-se e olhou para todos os presentes. - É justo? - perguntou.

- É justo - responderam todos, em coro.

- Que belo dia para entrar para o Senado - disse Aurélia sem poder tirar os olhos do rosto de César; como estava moreno e tão viril! - Agora fico contente por os censores não te terem admitido antes de teres partido ao serviço de Caio Mário.

Caio Júlio ainda estava exaltado, ainda vivia os momentos gloriosos em que, depois de entregar a carta de Mário ao Presidente da Assembleia, vira com os seus próprios olhos o Senado de Roma receber a notícia do fim da ameaça dos Germanos. Os aplausos; as exclamações; os senadores que dançavam e os que choravam; o espectáculo de Caio Servílio Gláucia, chefe do colégio de Tribunos da Plebe, a correr de toga cingida ao corpo desde a Cúria até aos Comícios para *ir gritar* a notícia dos rostros; as presenças augustas de homens como Metelo Numídico e Aenobarbo Pontifex Maximus

apertando as mãos solenemente e tentando mostrar mais dignidade que exaltação.

- É um presságio - disse para a sua mulher, olhando-a com admiração. Como era bela, sem quaisquer marcas dos mais de quatro anos de vida na Subura como senhoria de uma ínsula.

- *Um* dia, serás cônsul - disse Aurélia, confiante. - Sempre que pensarem na nossa vitória em Vercelas, lembrar-se-ão que foste tu que trouxeste a notícia para Roma.

- Não - disse ele com suavidade -, pensarão em Caio Mário.

- *E em* ti - insistiu a esposa extremosa. - Foi a tua cara que eles viram; eras o seu questor.

Caio Júlio suspirou, aconchegou-se no leito da sala de jantar e bateu com a mão no espaço livre ao lado dele.

- Vem cá - disse.

Sentada correctamente na sua cadeira de espaldar direito, Aurélia **olhou para a porta** do *triclinium.*

- Caio Júlio! - exclamou.

- Estamos sós, minha querida esposa, e não sou assim tão rigoroso que me agrade estar separado de ti por uma mesa na primeira noite que estou em casa - e voltou a bater no leito. - Vem para aqui, mulher! Imediatamente!740

Quando o jovem casal fora viver para a Subura, a sua chegada tinha sido suficientemente notável para torná-los objecto da curiosidade de todos os que viviam a várias ruas da ínsula de Aurélia. Era bastante habitual os senhorios pertencerem à aristocracia, mas já não era costume serem residentes; Caio Júlio César e a mulher eram aves raras, e como tal eram alvo de uma atenção maior do que a

habitual. Apesar de ser enorme, a Subura era uma aldeia cheia de gente e de mexericos, e que gostava acima de tudo de sensações novas.

Todas as previsões iam no sentido de o jovem casal não aguentar; a Subura, grande niveladora das pretensões e do orgulho, em breve lhes mostraria que o seu lugar era no Palatino. Que acessos de histeria a senhora iria ter! Que acessos de mau humor e desdém o senhor teria! Ah! Ah! Era o que diziam os casos difíceis da Subura. E esperavam alegremente.

Nada disso aconteceu. A senhora, como mais tarde descobriram, não se escusava a ir fazer as suas compras nem a ser explicitamente desagradável para qualquer sujeito mal-intencionado que tentasse fazer-lhe propostas imorais nem tinha medo se um grupo de mulheres da zona a rodeava quando ela atravessava o Vicus Patricii, tentando dizer-lhe que voltasse para o Palatino, que era lá o seu lugar. Quanto ao senhor, era - e não havia outra palavra que se lhe aplicasse um verdadeiro cavalheiro: imperturbável, delicado, interessado em tudo o que lhe dizia qualquer elemento da comunidade, útil em relação aos testamentos, alugueres e contratos.

Dentro de pouco tempo, já eram respeitados. Por fim, eram amados. Muitas das suas qualidades eram novidades, como por exemplo a tendência para se meterem na sua vida e não indagarem acerca da dos outros; nunca se queixavam nem criticavam, nem se achavam mais importantes do que as outras pessoas. Quem falava com eles sabia que podia contar receber sempre deles um sorriso genuíno, interesse verdadeiro, cortesia e sensibilidade. Embora no início isso fosse considerado artificial, os habitantes daquela parte da Subura acabaram por perceber que César e Aurélia eram exactamente o que pareciam ser.

Para Aurélia, a aceitação local era muito mais importante que para César; era ela que se ocupava dos negócios da Subura, e a senhoria de um edifício de apartamentos muito populoso. No princípio não

fora fácil, embora Aurélia só tenha entendido a razão disso depois da partida de César. Aurélia começara por pensar que as suas dificuldades resultavam da falta de hábito e de experiência. Os agentes que lhes tinham vendido741

a ínsula haviam-se oferecido para tratar da cobrança das rendas e das negociações com os inquilinos, e César concordara com a ideia, e por isso a esposa obediente assentira. César nem captou a mensagem inconsciente que ela lhe transmitira ao contar-lhe tudo acerca dos inquilinos.

- Aquilo em que me custa mais *acreditar é* a variedade - contou ela com uma expressão viva no rosto e sem a compostura habitual.

Ele fez-lhe a vontade, perguntando:

- Variedade?

- Bem, os dois pisos superiores são constituídos principalmente por homens livres; gregos, na sua maioria; que parecem ganhar a vida correndo atrás dos seus ex-donos, e têm horríveis rugas na cara, e mais namorados do que esposas. Nos pisos principais há todos os tipos de gente: um pisoeiro e a família, Romano; um oleiro e a família, Romano; um pastor e a família... Sabias que havia pastores em *Roma? O* homem guarda as cabras no Campus Lanatarius até serem ser vendidas para o matadouro. Não é fascinante? Perguntei-lhe por que motivo não vivia mais perto do local onde trabalha, mas respondeu-me que tanto ele como a mulher são da Subura, e não podia imaginar viver em qualquer outro lugar, e ainda que não se incomoda nada com o passeio - explicou Aurélia, ainda mais animada. Mas César franziu o sobrolho.

- Não sou um snobe, Aurélia, mas não sei se será bom entrares em conversas com os teus inquilinos. És esposa de um Júlio e tens certos padrões de conduta. Nunca se deve ser peremptório ou indelicado com esta gente, nem ser superior a eles, mas partirei em breve e não quero que a minha esposa tome os conhecidos por

amigos. Tens de manter-te um pouco afastada das pessoas que te alugam os apartamentos. É por isso que gosto que sejam os agentes a fazer a cobrança das rendas e sejam teus consultores de negócios.

O rosto dela entristeceu-se, a rapariga olhou-o desanimada e gaguejou.

- La... lamento, Caio Júlio, nã... não pensei. Não fiz qualquer proPosta; só pensei que era interessante saber o que cada um deles fazia.

- Claro que é interessante - disse o marido, reconfortante e também consciente que de certo modo a maçara. - Conta-me mais coisas.

- Há um retor grego que vive com a família e um professor romano que vive com a família; quer alugar os dois quartos do apartamento ao lado do seu quando vagarem, de modo a poder ter aqui a sua escola.

- Aurélia lançou um olhar rápido a César, e acrescentou, contando ao marido a **primeira mentira.** - Foram os agentes que me contaram.742

- Parece-me satisfatório - comentou. - Quem mais temos, meu amor?

- O andar acima do nosso é muito estranho. Há um mercador de especiarias que tem uma mulher tremendamente arrogante, e um *inventor!* É bacharel e tem o apartamento completamente atafulhado de modelos de gruas, bombas e moinhos incríveis - explicou a esposa, voltando a soltar demasiado a língua.

- Queres dizer com isso que estiveste no apartamento de um bacharel? - perguntou César.

Aurélia contou a segunda mentira, com o coração a bater de modo incómodo.

- Não, Caio Júlio, a sério! O agente pensou que seria bom se eu o acompanhasse nas suas voltas, e fosse conhecer os inquilinos e ver como eles vivem.

César descontraiu-se.

- Ah, está bem! Claro. E o que inventa esse teu inventor?

- Travões e roldanas de retorno, suponho. Mostrou-me como funcionam num modelo de uma grua, mas disse que eu não tinha jeito para a técnica, e por isso acho que aquilo para mim não fez sentido nenhum.

- Os inventos devem render-lhe bastante, se pode viver naquele piso

- disse César, com a sensação desconfortável de que a mulher perdera muito da animação inicial, mas sem a intuição suficiente para perceber de quem era a culpa.

- Para as roldanas tem um acordo com uma fundição que faz muitos trabalhos para grandes empreiteiros, mas é ele que fabrica os seus próprios travões num alojamento pequeno que possui ao fim da rua - Aurélia inspirou de modo irregular e passou aos inquilinos menos vulgares. - E **temos um piso inteiro** de judeus, Caio Júlio! Disseram-me que gostam de viver perto de outros judeus, porque têm muitas leis e interditos que, por acaso, parecem ter sido eles a infligir a si mesmos. É um povo muito *religioso!* Compreendo a xenofobia: à vista deles, todas as outras pessoas parecem de uma grande miséria moral. Trabalham todos por conta própria, principalmente porque repousam ao sétimo dia. Não é um sistema estranho? Com um feriado do mercado em Roma ao oitavo dia da semana e as festas **e festividades, não se adaptam aos padrões não-judeus.** Por isso fazem contratos entre si, em vez de terem empregos normais.

- Que extraordinário! - exclamou César.

- São todos artesãos e eruditos - disse Aurélia, tendo o cuidado de manter um tom desinteressado. - Um dos homens, suponho que Shimon,[743]

é um escriba excelente. Belo trabalho, Caio Júlio; verdadeiramente belo! Trabalha apenas em grego. Nenhum deles tem muito boas noções de latim. Sempre que um editor ou um autor tem uma edição especial de uma obra para pôr a um preço mais alto do que o habitual, vai ter com Shimon, que tem quatro filhos também a aprender o ofício de escribas. Frequentam a escola do nosso professor romano e ainda a sua escola religiosa, pois Shimon quer que os filhos sejam tão fluentes em latim como em grego e aramaico e... hebreu, segundo julgo. Mais tarde, terão sempre trabalho de sobra em Roma.

- Todos os judeus são escribas?

- Não, só Shimon. Há um que trabalha com ouro e faz contratos com algumas lojas no Porticus Margaritaria. E temos um escultor de retratos; um alfaiate; um armeiro; um artesão de têxteis; um pedreiro; e por fim, um comerciante de bálsamos.

- Espero que não trabalhem todos lá em cima! - exclamou César, alarmado.

- Só o escriba e o ourives, Caio Júlio. O armeiro tem uma oficina no cimo da Alta Semita, o escultor aluga espaço a uma grande empresa no Velabro, e o pedreiro tem um pátio perto das docas de mármore do porto de Roma - sem querer, os olhos cor de púrpura de Aurélia começaram a brilhar. - Eles cantam muito. Devem ser músicas religiosas. É um tipo de cânticos muito *estranho: oriental* e sem melodia. Mas é bom para variar dos choros de bebés.

César estendeu uma mão para pôr no devido lugar um fio de cabelos que tombara no rosto dela; a esposa era mesmo uma rapariguinha de dezoito anos.

- Suponho que os nossos judeus devem gostar de viver aqui - disse ele.

- Com efeito, todos parecem gostar de viver aqui - assentiu a mulher. Nessa noite, depois de César ter adormecido, Aurélia ficou deitada a seu lado e verteu algumas lágrimas. Não lhe ocorrera que numa ínsula da Subura, César esperasse da sua parte o mesmo tipo de conduta que esperaria de uma esposa que vivesse no Palatino. Não compreenderia que aqueles alojamentos apertados não proporcionavam as diversões ou passatempos de que

podia disfrutar uma mulher do Palatíno? Era evidente que não entendia. Tinha o tempo todo tomado pela sua carreira florescente, e por isso passava os dias nos tribunais, a falar com senadores importantes como Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, a proceder à cunhagem,744

e nas diversas arcadas e colunatas onde os senadores incipientes iam aprender a profissão. Não havia marido mais gentil, bem-humorado e respeitoso; mas Caio Júlio César ainda via a esposa como um caso muito especial.

A verdade era que nascera em Aurélia o desejo de governar sozinha a ínsula e dispensar os agentes. Fora isso que a levara a *ir falar* com os inquilinos de todos os pisos e descobrir que tipo de pessoas eram. Aurélia gostara deles, não via qualquer razão para não poder lidar pessoalmente com eles. Até falar com o marido, e entender que a pessoa preciosa da esposa era uma mulher muito especial, uma mulher que se elevava do *alto dadignitasJuliana;* nunca teria autorização para fazer nada que pudesse ser depreciativo para a família do marido. As origens de Aurélia eram suficientemente parecidas com as dele para poder apreciar e entender isso; mas como poderia *preencher* os seus dias? Não ousava pensar que contara duas mentiras ao marido. Em vez disso, ficou a fungar até adormecer.

Felizmente, o seu dilema foi temporariamente resolvido por uma gravidez. Em certa medida isso acalmou-a, embora não sofresse de nenhum dos incómodos habituais. Rosada, cheia de saúde e juventude, recebera suficiente sangue novo dos seus pais para não vir a possuir a fragilidade das raparigas da antiga-nobreza; além do mais, habituara-se a caminhar várias milhas por dia para não enlouquecer de tédio, tendo por protecção mais do que adequada nas ruas a sua gigantesca serva particular, Cardixa.

César foi transferido para o serviço de Caio Mário na Gália Transalpina antes do nascimento do primeiro filho, e lamentou deixar uma mulher tão difícil, tão vulnerável.

- Não te preocupes, ficarei perfeitamente bem - garantiu-lhe ela.

- Vai para casa da tua mãe bastante antes de o tempo chegar - ordenou o marido.

- Deixa isso comigo, hei-de arranjar-me - foi tudo o que conseguiu prometer.

É claro que Aurélia não foi para casa da mãe; teve a criança no seu apartamento, auxiliada não por quaisquer físicos do Palatino, mas apenas *pela* parteira local e por Cardixa. Após um trabalho de parto rápido e fácil, deu à luz uma menina, mais umajúlia, tão loura, de olhos muito azuis e tão bela como deveria ser qualquer Júlia.

- Vamos chamar-lhe ”Lia”, para abreviar - comunicou à mãe 745

- Oh, não! - exclamou Rutília, que achava ”Lia” um nome *demasiado* vulgar e pouco imponente. - Que tal Julilla?

Aurélia abanou a cabeça com firmeza.

- Não, isso é um diminutivo - disse a rapariga. - A nossa menina será ”Lia”.

Mas Lia não crescia; chorou seis semanas a fio, até que a mulher de Shimon, Rute, veio ter com Aurélia ao seu apartamento e ironizou em relação às histórias que Aurélia lhe contou acerca dos médicos, dos avós Cota preocupados, das cólicas e constipações.

- O que aí tens é um bebé com fome - disse Rute com o seu forte sotaque *grego.* - Não tens leite, rapariga!

- Oh, onde *vou* arranjar uma ama-de-leite? - perguntou Aurélia, profundamente aliviada por aquilo que reconheceu imediatamente como a verdade, mas sem saber o que fazer para convencer o pessoal de que era preciso partilhar os alojamentos dos servos com mais uma pessoa.

- Não precisas de nenhuma ama-de-leite, rapariga - comentou Rute.

- O prédio está cheio de mães a amamentar. Não te preocupes, todas daremos leite à pequenina.

- Posso pagar-vos - ofereceu Aurélia hesitante, cuja sensibilidade lhe permitia perceber que não devia parecer condescendente.

- O quê, criatura? Deixa isso comigo, rapariga. E zelarei para que todas lavem primeiro as tetas! A pequenina tem de recuperar; não queremos que adoeça.

E a pequena Lia ganhou uma ínsula inteira de amas-de-leite, e a espantosa quantidade de mamilos que lhe eram metidos na boca parecia incomodá-la tanto como a mistura de leite grego, romano, judeu, espanhol e sírio perturbavam a sua digestão. Lia começou a *recuperar.*

O mesmo aconteceu à mãe, mal recobrou do parto e dos cuidados de um bebé em choro permanente. Porque com a partida de César, o carácter de Aurélia começou a afirmar-se. Em primeiro lugar, despachou-se dos familiares do sexo masculino, que César tinha encarregado de ficarem de olho nela.

- Se precisar de ti, pai - disse a rapariga a Cota, com firmeza -, mandar-te-ei chamar.

- Tio Públio, deixa-me em paz! - exclamou para Rutílio Rufo.

- Sexto Júlio, parte para a Gália! - pediu ao irmão mais velho do marido.

Depois olhou para Cardixa e esfregou as mãos de contentamento.746

- Sou enfim dona da minha vida! - disse. - Oh, vão ocorrer grandes mudanças!

Começou pelas paredes do apartamento, onde os escravos que ela e César tinham comprado logo após o casamento dominavam o jovem casal, em vez de acontecer o contrário. Liderados pelo mordomo, um grego chamado Eutychus, sabiam bem que Aurélia não tinha motivos suficientes para denunciá-los a César; pois a rapariga soubera que César não via as coisas da mesma maneira que ela, e era distraído demais para reparar em algumas coisas, especialmente nos assuntos domésticos. Mas em apenas um dia, Aurélia pusera os servos a dançar à sua maneira e a fazer a sua vontade apenas com um discurso e um horário. Caio Mário teria aprovado totalmente o discurso, dado que era curto e de uma franqueza de tirar o fôlego, proferido no tom e nos modos de um general.

- Uuuuhhh! - exclamou o cozinheiro Murgus para Eutychus, o mordomo. - E eu a pensar que ela era meiga!

O mordomo rolou os sedutores olhos de longas pestanas.

- *E eu?* Pensei que podia esgueirar-me para o seu quarto e consolá-la um pouco durante a ausência de Caio Júlio... Que engano! Antes *ir para* a cama com um leão!

- Pensas que ela teria a coragem de provocar uma terrível perda financeira ao vender-nos a todos com más referências? - perguntou o Murgus, cozinheiro, estremecendo *com* a ideia.

- Tinha coragem suficiente para nos mandar crucificar - criticou o mordomo.

- Uuuuhhh! - gemeu o cozinheiro.

Depois deste encontro, Aurélia foi directamente falar com o inquilino do outro apartamento do rés-do-chão. A conversa inicial com César acerca dos inquilinos pusera termo à sua decisão de se livrar imediatamente desse inquilino; nem chegara a mencioná-lo ao marido, percebendo que não veria a situação do mesmo modo que ela. Mas agora podia agir, e foi o que fez.

O outro apartamento do rés-do-chão tinha acesso pelo interior da ínsula; Aurélia só tinha que atravessar o pátio ao fim do saguão. Porém isso daria à sua visita uma formalidade que não queria dar. Por isso, entrou pela porta da frente do apartamento do inquilino. Para tal, teve *de sair* pela porta principal da sua casa, indo dar ao Vicus Patricii, virou à direita e caminhou ao longo da fila de lojas por ela alugadas até ao *cume* do edifício onde ficava a taberna da encruzilhada. Daí, virou à direita,747

na Subura Minor e percorreu a outra fila de lojas também alugadas por ela, acabando por chegar à porta da frente do segundo apartamento do rés-do-chão.

O inquilino era um actor famoso chamado Epafrodito, e de acordo com os registos vivia ali há bastante mais de três anos.

- Diz a Epafrodito que a senhoria deseja falar-lhe - disse ao porteiro. Enquanto esperava na sala de recepção - que era do tamanho da sua

- verificou as condições, experiente como se tornara em rachas, lascas, tinta a escamar e problemas semelhantes, e suspirou; a sala era melhor que a dela, e tinha sido pintada com frescos *recentes em que* havia faixas de frutos e flores suspensos por Cupidos com covinhas, que pairavam por entre cortinas pintadas com um ar **convincente.**

- Não posso acreditar! - exclamou uma bela voz, em grego. Aurélia voltou-se para enfrentar o inquilino. Era mais velho do que sugeriam a voz, a fama no palco ou a visão do outro lado do pátio: um homem de cerca de cinquenta anos, com uma peruca de um amarelo-dourado na cabeça e um rosto cuidadosamente maquilhado, vestindo uma túnica flutuante de púrpura de Tiro, com grupos de estrelas bordados. Embora muitos homens usassem imitações de púrpura de Tiro, a sua era genuína; era mais negra do que púrpura, e o seu brilho mudava de tonalidade com a luz,

cobrindo-a de reflexos cor de ameixa e carmesim profundo. Estes tons viam-se habitualmente em tapeçarias, mas **Aurélia** só vira **trajos de púrpura de Tiro** genuína uma vez na vida, na sua visita *à villa* de Cornélia, a *mãe* dos Gracos, que exibia com orgulho uma túnica roubada por Emílio Paulo ao rei Perseu da Macedónia.

- Em que é que não podes acreditar? - perguntou Aurélia, também em grego.

- Em ti, querida! Tinha ouvido dizer que a nossa senhoria era linda e tinha olhos cor de púrpura, mas a realidade ofusca o que eu tinha imaginado à distância, deste lado do pátio! - disse ele, trauteando; tinha uma voz mais melodiosa que ridícula, apesar do tom efeminado. - Senta-te, senta-te! - convidou.

- Prefiro ficar de pé.

Epafrodito parou e virou-se para ela, erguendo as negras sobrancelhas arranjadas.

- Vieste tratar de negócios!

- Com certeza.

- Nesse caso, como poderei ser-te útil? - perguntou.748

- Podes mudar de casa - respondeu Aurélia.

Ele sobressaltou-se; **ficou boquiaberto; elevou as mãos até ao pescoço;** uma expressão de terror estampou-se-lhe no **rosto.**

- *O quê?*

- Concedo-te um prazo de oito dias - informou a senhoria.

- Mas não podes! A minha renda está paga, como sempre! Trato do apartamento como se me pertencesse! Explica-me os teus motivos, *domina*

- disse Epafrodito, agora num tom muito duro e com um olhar cuja masculinidade desmentia por completo o ar do seu rosto pintado.

- Não me agrada o teu modo de vida - disse Aurélia.

- O meu modo de vida é da minha conta - disse Epafrodito.

- Não é contigo quando tenho de educar a minha família num pátio onde se passam cenas impróprias para os meus olhos, quanto mais para os de uma criança - explicou a rapariga. - Não é contigo quando meretrizes e prostitutos se escapam para o pátio para prosseguirem as suas actividades.

- Pendura cortinas - sugeriu Epafrodito.

- Não farei tal coisa. Pôr cortinas não me satisfaz. Os habitantes da minha casa têm olhos e ouvidos.

- Lamento muito que penses assim, mas essa questão não é relevante

- disse ele bruscamente. - Recuso-me a partir.

- Nesse caso, contratarei beleguins para te expulsar.

Usando a sua arte para crescer em estatura até parecer estar em posição superior, Epafrodito aproximou-se dela e conseguiu fazer a destemida Aurélia recordar-se de Aquiles escondido no harém do rei Licomedes de Ciros.

- Escuta - disse ele -, gastei uma fortuna a transformar este lugar a meu gosto, e não tenciono sair daqui. Se tentares fazer truques como mandar cá beleguins, processar-te-ei. Logo que saias dos *meus aposentos* irei directamente ao tribunal do pretor urbano, apresentar queixa contra ti.

A cor púrpura dos olhos de Aurélia envergonhava as imitações da púrpura de Tiro, assim como o seu olhar.

- Podes fazê-lo à vontade! - disse Aurélia gentilmente. - Ele chama-se Caio Mémio e é meu primo. No entanto, estamos em má altura para processos, pelo que terás de falar primeiro com o seu ajudante. É um senador novo, mas conheço-o bem. Pergunta por ele; chama-se Sexto Júlio César. É meu cunhado - a rapariga afastou-se e inspeccionou as749

paredes pintadas há pouco tempo, o dispendioso chão de mosaicos que não havia em mais nenhum apartamento alugado. - Sim, tudo isto é muito bonito! Ainda bem que tens mais gosto na decoração de interiores que nas companhias. Mas deves saber que os melhoramentos feitos em alojamentos alugados pertencem ao senhorio, e que, à face da lei, o senhorio não é obrigado a pagar qualquer compensação.

Passados oito dias, Epafrodito partira, lançando pragas às mulheres, e sem conseguir fazer o que decidira: **mutilar** os frescos e escavar o chão de mosaicos; Aurélia mandara para o apartamento um par de gladiadores contratados.

- Excelente! - exclamou, esfregando as mãos. - Agora, Cardixa, posso procurar um inquilino decente.

O processo de aluguer de um apartamento tinha várias fases; o senhorio pendurava um aviso à porta da sua casa e outros nas paredes das suas lojas, fazia o mesmo no lado de fora dos banhos e latrinas públicas e em qualquer parede das casas dos seus amigos, fazendo depois divulgar oralmente a notícia. Como a ínsula de Aurélia era conhecida por ser particularmente segura, não havia falta de pretendentes a inquilinos, que ela própria entrevistou. Alguns agradaram-lhe; outros pareceram-lhe dignos de confiança; a outros, não teria alugado o apartamento, nem que fossem os únicos

interessados. Mas como nenhum mostrou ser o que ela esperava, prosseguiu a procura e as entrevistas.

Passaram sete semanas até encontrar o inquilino ideal: um cavaleiro e filho de cavaleiro, de nome Caio Mário; era da idade de César e a mulher da idade de Aurélia; eram cultos e educados; tinham casado na mesma altura que César e Aurélia; tinham uma bebé da idade de Lia; e uma confortável situação financeira. A esposa chamava-se Priscila, nome que devia ter derivado do *cognomen* do pai e não da sua *gens, mas* durante os largos anos que a família Mário viveu na ínsula, Aurélia nunca descobriu o nome próprio de Priscila. Os membros da família Mário eram corretores e mediadores de contratos, e o pai de Caio Mário vivia com a segunda esposa numa casa espaçosa no Quirinal. Aurélia teve o cuidado de verificar tudo isto, e quando os inquéritos o confirmaram, alugou a Caio Mário o apartamento do rés-do-chão pela bela quantia de dez mil *denários* por ano; os murais e mosaicos dispendiosos de Epafrodito ajudaram a firmar o contrato, assim como a promessa de Aurélia de que os futuros contratos passariam a ser negociados pela firma Caio Mário e Caio Mário.750

Não existiam mais agentes a recolher rendas; a partir daí, Aurélia tencionava ser ela própria a gerir a ínsula. Todos os apartamentos seriam alugados de acordo com um contrato escrito que podia ser renovado de dois em dois anos. Os contratos incluíam cláusulas de penalização por danos, e cláusulas para proteger os inquilinos do risco de extorsão por *parte* do senhorio.

A sala de estar de Aurélia transformou-se num escritório cheio de livros de contas; o tear foi a única coisa que ficou dos antigos passatempos. E Aurélia lançou mãos à obra na descoberta de como era complicado ser senhoria. Depois de ter recolhido os documentos dos primeiros agentes, a rapariga descobriu que havia arquivos para todo o tipo de coisas: pedreiros, pintores, estucadores, vendedores diversos, taxas de água, títulos de propriedade de terrenos, contas e recibos. Como em breve descobriu, *uma grande* parte dos

rendimentos *teria de* ser gasta imediatamente. A par com a água e os esgotos, o Estado recebia uma pequena contribuição por cada uma das janelas da ínsula, por cada porta que desse para a rua e cada escada de acesso às portas. E embora a ínsula fosse inegavelmente bem construída, havia sempre reparações a fazer. Entre os comerciantes inscritos na lista, encontravam-se alguns carpinteiros; estudando as datas, Aurélia encontrou um homem que parecia ter feito muito trabalho e estado bastante tempo ao serviço. Por isso mandou chamá-lo e ordenou-lhe que mudasse as telas de madeira que dividiam o saguão.

Aurélia acalentava este projecto desde que se mudara para a ínsula com César; descobrira em si o desejo de fazer um jardim, e sonhara transformar o descuidado pátio interior num oásis que fosse um prazer para todos os que viviam no prédio. Mas tudo conspirara contra ela, começando pelo problema com Epafrodito, que também *tinha autorização* para usar o pátio. César nunca vira o que se passava em casa de EpafrodÍto; o actor tinha a perspicácia de assegurar-se de que a devassidão só ocorria quando César não estava em casa. E, como Aurélia veio mais tarde a descobrir, César achava que todas as mulheres tinham tendência para exagerar.

Fixaram-se telas de madeira incomodamente densas a partir do Piso superior entre as colunas das varandas que davam para o pátio. Isso impedia os moradores do piso de *cima de disfrutar* da vista. Era evidente que as telas mantinham a privacidade do pátio - e ajudavam a conter o barulho constante que vinha dos apartamentos - mas também convertia o saguão numa lúgubre chaminé castanha de nove pisos de altura, e o pátio751

na sua igualmente desolada lareira, não permitindo a entrada de luz para os inquilinos que moravam nos pisos superiores, impedindo-os também de apanhar ar fresco.

Por isso, assim que lhe foi possível a seguir à partida de César, Aurélia mandou chamar o carpinteiro para arrancar as telas todas.

Ele olhou-a como se ela tivesse enlouquecido.

- Qual é o problema? - perguntou a rapariga, espantada.

- *Domina,* ficarás com merda e urina pelos joelhos dentro de três dias avisou ele -, para não falar do que quer que lhes apeteça mandar cá para fora, desde o cão à avozinha morta ou às bebés.

Aurélia sentiu uma onda rubra cobrir-lhe a cara até as orelhas ficarem a *arder.* O que a aterrorizou não foi a verdade *franca* da afirmação do carpinteiro mas a sua própria ingenuidade. ”Tola, tola, tola! Por que não pensara naquilo? - Porque”, respondeu para si mesma, ”uma vida inteira a passar pelas portas e escadas de prédios e apartamentos não podia dar a alguém que sempre vivera numa grande habitação privada a mais pequena ideia do que se passava no seu interior.” O tio Cota não teria sido mais rápido a adivinhar a finalidade daquela tela de madeira.

Aurélia apertou as mãos contra as suas bochechas coradas e lançou ao carpinteiro um olhar tão adorável entre o divertido e o confuso, que ele sonhou com ela durante quase um ano, aparecia regularmente para ver como as coisas estavam e melhorou o nível de trabalho pelo menos em cem por cento.

- Obrigada - disse-lhe ela fervorosamente.

No entanto, a partida do revoltante Epafrodito dava-lhe a grande oportunidade de começar a fazer um jardim no pátio, e foi então que Caio Mário, o novo inquilino, revelou a sua paixão pela jardinagem.

- Posso ajudar-te? - pediu ele.

Era difícil dizer ”não” depois de ter passado tanto tempo à procura dos inquilinos ideais.

- Claro que podes ajudar.

Este facto deu origem a mais uma lição. Através de Caio Mário, Aurélia aprendeu que uma coisa era sonhar fazer um jardim magnífico; outra coisa era fazê-lo. A rapariga não tinha nem jeito nem arte para tal coisa, ao contrário de Caio Mário. Com efeito, ele era genial na jardinagem. Antigamente, a água da casa de César gorgolejara nos esgotos, mas agora era canalizada para uma pequena cisterna no pátio e alimentava as plantas que Caio Mário produzia com uma rapidez espantosa - na sua752

maioria roubadas, segundo contara a Aurélia, da mansão do seu pai no Quirinal, e ainda a quem quer que possuisse um arbusto ou uma videira, uma árvore ou mesmo mato prometedor. O inquilino sabia como enxertar uma planta fraca num rizoma forte da mesma espécie; sabia que plantas precisavam de um pouco de visco e quais precisavam da terra ácida de Roma; conhecia as alturas certas do ano para semear, transplantar ou podar. Em doze meses, o pátio - nos seus trinta por trinta pés - era um local frondoso e as trepadeiras subiam por grades dispostas nas colunas em direcção ao pedaço de céu mais acima.

Um dia Shimon, o escriba judeu, veio visitá-la, muito estranho aos seus olhos de romana, com os longos anéis de cabelo enrolados à volta do pequeno crânio.

- *Domina* Aurélia, o quarto piso tem um favor muito especial a pedir-te - disse-lhe.

- Se puder concedê-lo, Shimon, podes ter a certeza que o farei - disse ela com um ar sério.

- Compreenderemos se recusares, pois o que te pedimos é uma invasão da tua privacidade - explicou Shimon escolhendo as expressões com a mesma delicadeza que geralmente dedicava ao seu trabalho. - Mas, se te dermos a nossa palavra de honra de que nunca abusaremos do nosso privilégio lançando fora detritos,

podemos retirar as telas de madeira da varanda do nosso saguão? Poderíamos respirar um ar melhor e ver o teu belo jardim.

Aurélia ficou radiante.

- Terei muito prazer em conceder-vos este favor - concordou ela. Porém, também não posso aprovar o uso das janelas que dão para a rua *para a descarga* do lixo. Tens de prometer-me que todos os vossos desperdícios serão transportados até à latrina pública do outro lado da rua e despejados no esgoto.

Encantado, Shimon prometeu.

E as telas que rodeavam a varanda do saguão foram retiradas do quarto piso, apesar de Caio Mário pedir que fossem mantidas no lugar onde cobriam as colunas, para que as suas trepadeiras pudessem continuar **a crescer. O piso judeu iniciou** uma moda: a seguir foram o inventor e o mercador de especiarias do piso acima a pedir para as tirar, seguidos pelos do terceiro piso, do sexto, do segundo e do quinto, até que por fim, só o amontoado de homens livres do último Piso mantinham as telas.753

Na Primavera antes da batalha de Aquae Sextiae, César fez uma viagem apressada através dos Alpes, trazendo despachos para Roma, e da sua breve visita resultou uma segunda gravidez para Aurélia, que deu à luz outra menina em Fevereiro do ano seguinte. Mais uma vez, o parto decorreu em casa, assistido apenas pela parteira local e Cardixa. Desta vez, Aurélia estava alertada para a falta de leite, e a segunda pequena Júlia - que sofreria a vida inteira o diminutivo de ”Ju-Ju” - foi logo colocada à frente dos peitos de uma dúzia de mães lactentes, dispersas pelos vários pisos da ínsula.

”Ainda bem”, dizia César em resposta à carta em que Aurélia lhe anunciava o nascimento de Ju-ju, ”que já temos as duas Júlias tradicionais. No próximo grupo de despachos que eu traga para o Senado, começaremos com os Júlios.”

As palavras do marido assemelhavam-se muito ao que Rutília, a mãe dela, lhe havia dito para a consolar por só ter dado à luz meninas.

- Devias saber que estavas a falar em vão - comentou Cota, **divertido.**

- Sim... bom! - exclamou Rutília com irritação. - Francamente, Marco Aurélio, aquela minha filha desnorteia-me! Quando tentei animá-la, limitou-se a elevar as sobrancelhas e dizer que o sexo dos seus filhos lhe era completamente indiferente, desde que fossem saudáveis.

- Mas isso é uma atitude maravilhosa! - protestou Cota. - Como os casais da nossa família que têm posses para alimentar os filhos desistiram de mostrar as filhas à nascença há mais de quatrocentos ou quinhentos anos, é bom que uma mãe acolha bem as suas filhas.

- É evidente! É a única atitude! - exclamou Rutília asperamente. Não. Não é da compostura dela que me queixo, é da forma exasperante que tem de fazer os outros sentir-se tolos por dizerem aquilo que é óbvio!

- Eu amo-a - disse Rutílio Rufo por entre risadas, tomando partido pela sobrinha.

- Pois! - exclamou Rutília.

- A menina é bonita? - perguntou Rutílio.

- É delicada, que outra coisa podias esperar? Aqueles dois não podiam ter um filho feio, nem que o tivessem concebido a *fazer* o pino - comentou Rutília, sentindo-se picada.

- Vamos lá, isto é que é uma nobre e decente senhora romana? ralhou Cota, piscando o olho a Rutílio Rufo.

- Espero que te caiam os dentes! - vociferou Rutília, e atirou-lhes com almofadas.754

Pouco depois do nascimento de Ju-ju, Aurélia viu-se obrigada a resolver a situação da taberna do cruzamento. Era uma tarefa que sempre evitara, pois embora a taberna estivesse alojada na sua ínsula, não Pagava renda, visto que era o local de reunião de uma irmandade religiosa; apesar de não ter estatuto de templo ou *aedes,* era ”oficial”, e estava registada nos livros do pretor urbano.

Mas era um incómodo. Parecia que as actividades que se desenrolavam à sua volta e dentro dela nunca terminavam, mesmo durante a noite, e alguns dos seus frequentadores eram muito rápidos a empurrar gente para o passeio mas muito lentos a limpar a constante acumulação de lixo na mesma secção do passeio.

Cardixa foi a primeira a conhecer um aspecto mais obscuro da irmandade religiosa da taberna do cruzamento. Fora enviada à pequena loja ao *lado da* porta principal de *Aurélia para comprar unguento* para o rabo de Ju-ju, e encontrou a proprietária - uma velha mulher da Galácia que era especialista em remédios, tónicos e panaceias - encostada à parede, enquanto dois homens com mau aspecto discutiam qual dos grupos de jarros e garrafas iriam destroçar primeiro. Graças a Cardixa, não destroçaram nada. Cardixa é que os destroçou. Depois de os homens terem partido gritando imprecações, Aurélia ouviu a história da velha mulher aterrorizada que não pudera pagar a cota de protecção.

- Todas as lojas têm de pagar uma cota à irmandade do cruzamento para permanecerem abertas - disse Cardixa a Aurélia. - *Dizem que têm* um serviço para proteger os empregados das lojas dos roubos e da violência, mas os únicos roubos e violência que estes sofrem é às suas mãos, quando a cota de protecção não foi paga. Como sabes, *dominila,* a desgraçada da velha Galácia enterrou o marido há pouco tempo, e *como lhe* fez um enterro muito caro, agora não tem dinheiro.

- Está decidido! - exclamou Aurélia em tom marcial. - Anda, Cardixa, vamos resolver isto.

E saiu pela porta da frente, passou pelas suas lojas do Vicus *Patricii,* parando em cada uma delas para obrigar o dono a falar-lhe das cotas de protecção. Por alguns deles descobriu que o negócio da irmandade se estendia muito para lá das lojas da sua ínsula, e acabou por percorrer a vizinhança, deslindando uma incrível história de extorsão. Até as duas mulheres que geriam a latrina pública do outro lado da Subura Millor

- por negócio com a firma que detinha o contrato com o Estado - tinham sido obrigadas a pagar à irmandade uma percentagem do dinheiro *que*755

lhes davam os patronos que tinham o suficiente para poderem pagar uma esponja com que se limpavam depois de defecarem; quando a irmandade descobriu que as duas mulheres também tinham um serviço de recolha e limpeza de penicos de vários apartamentos que não haviam revelado, partiram todos os penicos e as mulheres tiveram *de comprar* outros. Os banhos ao lado da latrina pública eram privados - tal como todos os banhos em Roma - mas constituíam um negócio lucrativo. Também aqui a irmandade cobrava cotas que asseguravam os clientes de que não ficariam dentro de água quase até se afogarem.

Quando Aurélia terminou a investigação estava tão zangada que achou sensato ir para casa e acalmar-se antes do confronto com a irmandade no seu antro.

- Do lado de fora da minha casa! - disse Aurélia a Cardixa. - Da *minha* casa!

- Não te preocupes, Aurélia, dar-lhes-emos o que merecem - afirmou Cardixa para a tranquilizar.

- Onde está a Ju-ju? - perguntou Aurélia, respirando fundo.

- Lá em cima, no quarto piso. Esta manhã é a vez de Rebeca lhe dar a mamada.

Aurélia apertou as mãos.

- Por que não terei leite? Estou tão seca como uma velha! Cardixa encolheu os ombros.

- Algumas mulheres produzem leite; outras não. Ninguém sabe porquê. Não fiques triste: é este assunto da irmandade que te arrelia. Bem sabes que ninguém se importa de dar uma mamada à Ju-ju. Vou mandar um dos servos lá acima para pedir à Rebeca que fique com a menina por algum tempo, e a seguir vamos desalojar aqueles desgraçados.

Aurélia pôs-se em pé.

- Anda, vamos acabar com isto.

O interior da taberna estava muito escuro; Aurélia ficou à porta na contraluz, no auge de *uma* beleza que a acompanhou durante toda a vida. O barulho lá dentro parou imediatamente, mas recomeçou logo em toda a sua ira quando Cardixa surgiu atrás da ama.

- É o paquiderme que nos bateu esta manhã! - exclamou uma voz no meio das trevas.

Os bancos arrastaram-se. Aurélia entrou e olhou em volta; **Cardixa** seguia atrás dela, muito atenta.756

- *Quem* é responsável por vocês, seus campónios? - inquiriu Aurélia. De uma mesa num canto do fundo levantou-se um homem baixo e magro com cerca de quarenta anos e um ar indesmentivelmente romano.

- Sou eu - disse, avançando. - Lúcio Decúmio, às tuas ordens.

- Sabes quem sou eu? - perguntou Aurélia.

Lúcio Decúmio assentiu.

- Estás a usufruir... sem renda!... dos meus alojamentos - disse ela.

- Estes alojamentos não te pertencem a ti, senhora - disse Lúcio Decúmio -, mas sim ao Estado.

- Não pertencem ao Estado - disse Aurélia, e olhou em volta, agora que os seus olhos se tinham habituado à luz fraca. - Este lugar é uma perfeita desgraça. Vocês não tomam conta dele. Ordeno que o evacuem.

Ouviu-se um suspiro colectivo. Lúcio Decúmio apertou os olhos e fez um ar atento.

- Não podes desalojar-nos - disse.

- Repara só!

- Vou fazer queixa ao pretor urbano.

- Vai; podes ir! Ele é meu primo.

- Então, recorrerei ao Pontifex Maximus.

- Lá está; também é meu primo.

Lúcio Decúmio bufou, com um som que tanto podia significar desprezo como riso.

- Não podem ser *todos* teus primos!

- Podem e são - o magnífico maxilar de Aurélia avançou. - Não confundas as coisas, Lúcio Decúmio, tu e os teus rufias nojentos vão sair daqui.

O homem ficou a olhar pensativamente Para ela, *com uma mão a* coçar o queixo, e o que podia ser um sorriso oculto no fundo dos olhos cinzento-claros; depois, afastou-se e indicou delicadamente a mesa onde estivera sentado.

- E se discutíssemos o nosso pequeno problema? - perguntou, cOM uma suavidade semelhante à de Escauro.

- Não há nada para discutir - contrariou Aurélia. - vocês vão sair.

- Há sempre espaço para a discussão. Vamos sentar-nos, senhora disse Lúcio Decúmio, lisonjeiro.

E Aurélia reparou que algo de terrível lhe estava a acontecer; começava a *gostar* de Lúcio Decúmio! O que era manifestamente ridículo; *mas* não deixava de *ser um facto.*757

- Muito bem - disse. - Cardixa, fica de pé atrás da minha cadeira. Lúcio Decúmio arranjou uma cadeira e sentou-se num banco.

- Uma gota de vinho, minha senhora?

- De modo nenhum.

- Oh!

- Então?

- Então o quê? - perguntou Lúcio Decúmio.

- Foste tu que quiseste discutir o assunto - salientou ela.

- Exacto, fui eu - Lúcio Decúmio aclarou a garganta. - Qual era mais precisamente a tua objecção, senhora?

- A tua presença debaixo do meu tecto.

- Isso é muito vago, não é? Podemos chegar a um acordo: diz-me o *que* te desagrada e verei se podemos resolver isso - sugeriu Decúmio.

- A delapidação. A imundície. O barulho. A ideia de que são donos

da rua e destes alojamentos quando nada disso é verdade - começou Aurélia, contando os argumentos pelos dedos. - *E* o teu pequeno negócio da vizinhança! Aterrorizar vendedores indefesos para te pagarem dinheiro que não podem pagar! Que coisa desprezível!

- O mundo, senhora - disse Decúmio, inclinando-se para a frente com um ar muito sério -, está dividido em carneiros e lobos. É natural. Se não fosse natural, não haveria muito mais carneiros do que lobos, ao passo que todos sabemos que por cada lobo há no mínimo mil carneiros. Podes considerar-nos os lobos locais. Não somos tão maus como os lobos. Temos dentes pequenos, damos uma ou duas mordidelas, nada de pescoços partidos.

- Isso é uma metáfora revoltante - disse Aurélia - e não muda a minha posição. Têm de sair.

- Oh, pobre de mim! - exclamou Lúcio Decúmio, recostando-se. - Pobre, pobre de mim! - e lançou-lhe um olhar. - São mesmo *todos* teus primos?

- **O meu pai era o cônsul Aurélio Cota. O** meu tio é o cônsul Públio Rutílio Rufo. O meu outro tio é o pretor Marco Aurélio Cota. O meu marido é o questor Caio Júlio César - Aurélia encostou-se na cadeira, elevou um pouco mais a cabeça, fechou os olhos e disse com um ar enfatuado. - E além do mais, Caio Mário é meu cunhado.

- *O meu* cunhado é o rei do Egipto! - disse Lúcio Decúmio a rir, saturado de nomes.

- Então, sugiro que voltes para o Egipto - replicou Aurélia, nada incomodada com o sarcasmo. - O cônsul Caio Mário é meu cunhado.758

- Sim, e é claro que a cunhada de Caio Mário vai viver numa ínsula no cu da Subura! - afirmou Lúcio Decúmio, duvidoso.

- A ínsula *é minha. É* o meu dote, Lúcio Decúmio. O meu marido é o filho mais novo, por isso de momento vivemos na minha ínsula na Subura. Mais tarde, iremos viver para outro lado.

- Caio Mário é mesmo teu cunhado?

- Até ao último pêlo das suas sobrancelhas. Lúcio Decúmio suspirou.

- Eu gosto de viver aqui - disse -, por isso é melhor fazermos negociações.

- Quero que saiam daqui - insistiu Aurélia.

- Tenho *alguma* razão do meu lado - afirmou Lúcio Decúmio. - Os membros desta loja são os guardas do sacrário do cruzamento. Havemos de ficar bem.

- Isso não é resposta! - exclamou Aurélia. - Qual é a diferença entre aterrorizar a nossa vizinhança e fazer o mesmo em qualquer outro lugar?

- O que os olhos não vêem e os ouvidos não ouvem, o coração não chora - disse o homem, genuinamente surpreendido com a estupidez dela. - Isto é um facto, senhora.

Tinham chegado à porta principal da casa dela. Aurélia parou e olhou-o pesarosamente.

- Farás como entenderes, Lúcio Decúmio. Mas nunca me digas para onde transferiste a tua... operação, como lhe chamas.

- juro que ficarei calado, senhora! Calado, mudo e paralítico! - passou-lhe à frente para bater à porta da casa, que foi aberta pelo mordomo com um entusiasmo suspeito. - Ah, Eutychus, não te vejo na irmandade há alguns dias - lembrou Lúcio Decúmio em tom suave. - Da próxima vez que a senhora te der folga, espero ver-te na loja. Vamos lavar e pintar o sítio para agradar à senhora. Temos de manter satisfeita a *cunhada* de Caio Mário, não é?

Eutychus fez *um* ar acabrunhado.

- Pois é - respondeu.

- Então estavas a guardar segredo? Por que não nos disseste quem era a senhora? - inquiriu Lúcio Decúmio com a maior das delicadezas.

- Como virás a reparar com o passar dos anos, Lúcio Decúmio, não conto nada acerca da minha família - disse Eutychus com altivez.

- Malditos gregos; são todos iguais - comentou Lúcio DecúMIO, sacudindo o cabelo castanho e liso. - Bom dia, senhora. Tive muito prazer em conhecer-te. Se a loja puder ajudar-te em qualquer coisa, diz-me. 759

Quando a porta se fechou atrás dela, Aurélia olhou para o mordomo, impassível.

- O que podes alegar em tua defesa? - perguntou.

- *Domina, eu tenho* de estar inscrito! - queixou-se o homem. - Sou o mordomo dos senhorios: não posso deixar de estar inscrito!

- Saberás, Eutychus, que podia ter-te mandado açoitar por isto disse Aurélia, permanecendo impassível.

- Sei - murmurou ele.

- Um açoite é o castigo estabelecido, não é?

- É - murmurou o mordomo.

- Nesse caso, tens sorte por eu ser mulher do meu marido e filha do meu pai - avisou a patroa. - Penso que Caio Júlio, o meu sogro, explicou melhor a questão. Pouco antes de morrer disse que nunca compreenderia como qualquer família podia viver na mesma casa com aqueles que açoitava, fossem eles seus filhos ou seus escravos. No entanto, há outras formas de lidar com a deslealdade e a

insolência. Nunca julgues que não estou preparada para aceitar a perda financeira que significaria vender-te com más referências. E sabes bem que assim é: *em* vez de dez mil denários receberia um milhar de sestércios. E o teu novo dono seria tão duro que te açoitaria impiedosamente, pois chegarias às suas mãos com fama de seres um mau escravo.

- Compreendo, *domina.*

-Ainda bem! Podes continuar a pertencer à irmandade do cruzamento; compreendo a tua situação. E aconselho-te a seres discreto acerca de nós - Aurélia dirigiu-se para sair mas parou pouco depois. - O Lúcio Decúmio tem emprego?

- É o encarregado da loja - disse Eutychus, menos à vontade do que nunca.

- Estás a esconder qualquer coisa.

- Não, não!

- Vamos, conta-me tudo!

- *Bem, domina,* não passa de um boato - avisou E utychus. - *Ninguém sabe* muito bem. Mas alguém o ouviu dizer, embora pudesse ser mera gabarolice. Ou podia estar a dizer aquilo para nos assustar.

- Dizer *o quê?*

O mordomo empalideceu.

- Ele diz que é um assassino.

- *Ecastor!* E quem assassinou ele? - perguntou Aurélia.760

- Creio que afirma ter morto o sujeito númida que foi apunhalado no Fórum Romano há alguns anos - disse Eutychus.

- Será que as surpresas não param disse Aurélia, e depois foi ver o que estavam a fazer os bebés.

- Devem ter partido o molde depois de a terem feito - comentou Eutychus para Cardixa.

A enorme serva gaulesa estendeu uma mão e colocou-a sobre o ombro do belo mordomo tal como um gato podia ter prendido um rato pousando-lhe uma pata sobre a cauda.

- E partiram mesmo - disse ela, dando a Eutychus um abanão ostensivamente amigável. - É por isso que *todos* temos de tomar conta dela.

Pouco tempo depois Caio Júlio César regressou da Gália Italiana com a mensagem de Mário, de Vercelas. Limitou-se a bater à porta aberta pelo mordomo que o ajudou a carregar para dentro a bagagem enquanto César ia *ter com* a mulher.

Aurélia estava no jardim interior a atar pequenos sacos de gaze à volta das uvas maduras na *arbor* de Caio Mário, e embora tivesse ouvido passos, não se virou.

- Não julgava que a Subura tinha tantos pássaros, e tu? - perguntou a rapariga a quem quer que fosse a passar. - Mas como este ano decidi que havemos de comer uvas, quero ver se isto resulta.

- Aguardá-las-ei com ansiedade - disse César.

A esposa voltou-se, deixando a gaze esvoaçar até ao chão; a alegria estampava-se-lhe no rosto.

- Caio Júlio!

O marido esticou os braços; Aurélia correu para ele. Nunca um beijo fora tão ardente, nem tão rapidamente seguido por uma dúzia *de outros.* O som de palmas trouxe-os de volta à realidade; César olhou para cima, para a clarabóia, viu as balaustradas das varandas cheias de gente rejubilante, e acenou-lhes.

- Uma grande vitória! - exclamou. - Caio Mário aniquilou Os Germanos! Roma não mais terá de temê-los!

Deixando os inquilinos a festejar e espalhar a notícia pela Subura antes que o Senado ou o Povo tivessem sido informados, César pôs un braço à volta dos ombros de Aurélia e caminhou com ela até ao estreito átrio que ficava entre a sala de recepção e a arca da cozinha; virou-Se na direcção do seu gabinete, mostrando-se satisfeito com a arrumação, a limpeza,761

a decoração barata mas de bom gosto. Havia vasos de flores por toda a parte: uma nova faceta de Aurélia, pensou, e interrogou-se com alguma expectativa se ela poderia comprar tantos rebentos.

- Tenho de falar imediatamente com Marco Emílio Escauro - disse mas não queria ir a sua casa antes de visitar a minha. Como é bom estar em casa!

- É maravilhoso - disse Aurélia com a voz a tremer.

- Ainda será mais maravilhoso hoje à noite, esposa, quando estivermos a conceber o nosso primeiro rapaz - disse o marido voltando a beijá-la. - Oh, como senti a tua falta! Comparada contigo, nenhuma mulher tem qualquer atractivo, e é essa a verdade. Poderei tomar um banho?

- Vi a Cardixa entrar há momentos e por isso espero que já esteja pronto - Aurélia encostou-se ao marido com um suspiro de prazer.

- E tens a certeza de que não é demasiado para ti tratar da casa,

tomar conta das nossas filhas e de tudo isto? - perguntou ele. - Sei que me dizes sempre que os agentes receberam mais comissões do que deviam, mas...

- Não dá incómodo nenhum, Caio Júlio. É um prédio muito ordeiro e os teus inquilinos são muito bons - disse ela com firmeza.

- Até resolvi um pequeno problema que tinha com a taberna do cruzamento, por isso agora está tudo calmo - Aurélia riu-se para ele, falando depois em tom casual. - Não calculas como todos passam a

ser colaboradores e bem-comportados mal descobrem que sou cunhada de Caio Mário!

- Tantas flores! - exclamou César.

- Não são lindas? São uma dádiva perpétua que recebo duas vezes por semana.

César estreitou-a nos braços.

- Isso significa que tenho um rival?

- Não me parece que vás ficar preocupado quando o conheceres afirmou Aurélia. - Chama-se Lúcio Decúmio; é um assassino.

- *Um quê?*

- Não, querido, estou a brincar - disse ela para o tranquilizar. Parece-me que diz isso para manter o ascendente sobre os companheiros. É o homem que toma conta da taberna.

- Onde arranja ele as flores? Aurélia riu suavemente.762

- A cavalo dado não se olha o dente - disse. - Na Subura, as coisas são diferentes.

Foi Públio Rutílio que informou Caio Mário dos acontecimentos em Roma depois de César ter entregue a carta da vitória.

Há maus sentimentos no ar, principalmente devido ao facto de teres conseguido fazer aquilo a que te propuseras: eliminar os Germanos. E o Povo está tão agradecido que, se te candidatares ao consulado, voltarás a obtê-lo. A palavra dictator *anda na boca de todos os nobres, e pelo menos a Primeira Classe começa a repetila. Sim, sei que tens como clientes muitos cavaleiros importantes da Primeira Classe, mas tens de compreender que toda a estrutura política e tradicional de Roma está feita de modo a desencorajar as pretensões dos homens que se elevam acima dos seus semelhantes.* O *único "primeiro" que aceitam é o primeiro entre iguais; mas ao fim de cinco consulados, três dos quais* in absentia, *começa a ser extremamente difícil esconder o facto de te elevares acima daqueles que*

consideramos teus iguais. Escauro está desgostoso, mas com ele conseguirias tu lidar se tal fosse necessário. Não, o verdadeiro monte de excrementos no fundo da taça de ponche é o nosso amigo Suíno, competentemente ajudado pelo seu filho gago, o Bacorinho.

A partir do momento em que foste para o leste dos Alpes para te reunires a Catulo César na Gália Italiana, o Suíno e o Bacorinho trataram de aumentar numa escala completamente desproporcionada as contribuições para a campanha de César contra os Cimbros. Por isso, quando chegou a notícia da vitória de Vercelas e a Assembleia reuniu no templo de Belona para debater coisas tais como o triunfo e os votos da acção de graças, havia muita expectativa quando o Suíno se levantou para falar.

Resumindo, ele sugeriu que só fossem festejados dois triunfos: o teu em Aquae Sextiae e o de Catulo César em Vercelas! Ignorando por completo o facto de seres tu e não *Catulo César o comandante de campo em Vercelas! O argumento que alegou é puramente legalista: participaram na batalha dois exércitos, um comandado pelo cônsul, tu, e o outro pelo procônsul, Catulo César. Segundo afirmou o Suíno, a quantidade de despojos era desanimadoramente reduzida e seria totalmente ridículo festejar dois triunfos. Assim, visto que ainda não celebraste o teu triunfo em Aquae Sextiae, esse podia ficar para ti, e Catulo César ficaria com o triunfo a que tem direito, por Vercelas. Seria supérfluo atribuir-te um segundo triunfo por Vercelas.*

Lúcio Apuleio Saturnino levantou-se logo para opor objecções mas foi apupado. Como este ano ele é um privatus, *não detém nenhum cargo que pudesse ter obrigado os Pais Conscritos a prestar- lhe mais atenção. A Assembleia votou doistriunfos, sendo o teu apenas por Aquae Sextiae a batalha do ano passado, e por isso menos significativa e Vercelas a batalha deste ano e a mais importante aos olhos de todos, como prerrogativa de Catulo César. Com efeito, à medida que a notícia do triunfo de Vercelas for correndo a cidade, as pessoas pensarão que não tiveste nada a ver com a derrota dos Cimbros na Gália Italiana e que Catulo César foi o herói. A tua própria estupidez entregando-lhe a maior parte dos despojos e todos os estandartes germanos capturados no campo de batalha fez com que a questão ficasse encerrada. E quando és expansivo e a tua generosidade natural vem ao de cima que cometes os maiores disparates, e é essa a verdade.*

Não sei o que poderás fazer. Está tudo decidido, votado e arquivado. Estou muito zangado, mas os políticos (como Saturnino lhes chama) ou os boni *(como lhes chama Escauro)*

ganharam redundantemente, e nunca terás o prestígio que te era devido pela derrota dos Germanos. Há anos divertiu-nos muito obrigar o Metelo a tomar aquele banho de lama com os seus amigos porcinos, e demos-lhe uma alcunha que por sinal também é o termo infantil para designar os órgãos genitais femininos. Mas agora acho que o homem não é um suíno mas sim um perfeito cunnus. *Quanto ao bacorinho, também não será uma menina a vida inteira: outro perfeito* cunnus.

Basta. Agora é que vou ter a tal apoplexia! Vou terminar esta missiva dizendo-te que a Sicília está bela. Mânio Aquílio tem feito um trabalho excelente, o que apenas diminui a importância de Servílio, o Augure. No entanto, Servílio fez o que prometera: processou Lúculo num tribunal de traição. Lúculo insistiu em proceder à sua própria defesa, e com todos aqueles cavaleiros ranhosos não valeu de nada à sua causa, dado que se mostrou em toda a sua altivez, que o júri interpretou como se lhe fosse dirigida. E era mesmo! O Lúculo é mais um idiota teimoso. Como era de esperar, condenaram-no: penso que todos inscreveram DAMNO *nas tabuinhas. E a sentença foi de uma crueldade inacreditável! Como não pode escolher para o seu exílio um local a menos de mil milhas de Roma, só lhe restam dois lugares possíveis: Antióquia e Alexandria. Lúculo preferiu prestar honras ao rei Ptolomeu Alexandre em detrimento do rei Antíoco Grifo. E o tribunal retirou-lhe todos os seus bens: casas, terras, investimentos e imóveis urbanos.*

*Lúculo não esperou que o expulsassem. Nem se deu ao trabalho de esperar para ver em quanto orçavam os seus bens, mas pôs a pega da mulher ao cuidado do Suíno, que é irmão dela; será uma pequena punição para ele! O filho mais velho, agora de dezasseis anos e um homem aos olhos do Estado, ficou entregue a si mesmo. Não te parece interessante que ele não tenha entregue o seu rapaz tão dotado aos cuidados do Suíno mais novo, que tem agora catorze anos, já tinha sido adoptado. Chama-se Marco Terêncio Varrão Lúculo.*764

Escauro disse-me que ambos os rapazes tencionam processar Servílio, o Augure, mal Varrão Lúculo puder usar a toga de adulto: como deves imaginar, a despedida foi dilacerante. Escauro diz que Lúculo decidiu morrer depois de chegar a Alexandria. E parece que os dois rapazes acreditam que o tatá *vaifazê-lo. O que magoa mais os Licínio Lúculo é o facto de toda esta dor e pobreza lhes ter sido infligida por um Homem Novo insignificante e arrogante como Servílio, o Augure. Vocês, Homens Novos, não fizeram amigos no que diz respeito aos filhos do Lúculo.*

De qualquer forma, quando os filhos dele tiverem idade para um após o outro, processarem Servílio, o Augure, isso acontecerá no novo tribunal de crimes por extorsão criado por outro Servílio de origens obscuras, Caio Servílio Gláucia. Por Pólux, Caio Mário, aquele sujeito sabe mesmo fazer leis! O edifício é blindado e invulgar, mas funciona. Passou de novo para as mãos dos cavaleiros - o que não agrada nada aos governadores mas está bem acabado. A recuperação de bens desviados abrange agora os últimos beneficiários, bem como os primeiros que os roubaram; qualquer pessoa condenada no tribunal não pode falar em reuniões públicas onde quer que seja; os detentores dos Direitos Latinos que tiverem êxito ao processarem um malfeitor serão recompensados com a total cidadania romana; e há agora uma suspensão de actividades no meio dos processos judiciais. O antigo processo passou à história, e o depoimento das testemunhas, como os poucos casos ouvidos o demonstraram, é agora muito menos importante que as intervenções dos próprios defensores. Isto constitui uma enorme vantagem para os grandes defensores.

E assunto não menos importante, embora tenha sido guardado para o fim o Saturnino voltou a ter complicações. Sinceramente, Caio Mário, receio pela sua sanidade mental. Falta-lhe lógica. Tal como creio que falta ao seu amigo Gláucia. São tão brilhantes, e no entanto tão instáveis, tão loucos! Ou talvez não saibam como querem que sejam as suas carreiras. Até o pior demagogo tem um padrão, uma lógica dirigida para a pretura e o consulado. Mas não vislumbro essa lógica em nenhum deles. Odeiam o velho estilo de governo, odeiam o Senado... mas não têm nada a propor em sua substituição. Talvez sejam o que os Gregos denominam por expoentes de anarquia. Não sei ao certo.

*Seja como for, os pratos da balança viraram-se recentemente em desfavor do rei Nicomedes da Bitínia no que diz respeito à embaixada do rei Mitríades do Ponto. O nosso jovem amigo das lonjuras no extremo leste do Euxino enviou embaixadores suficientemente perspicazes para descobrirem a fraqueza secreta de todos os Romanos: o dinheiro! Como não chegaram a lado nenhum com a sua petição de amizade e aliança, começaram a comprar senadores. Pagaram bem, e posso dizer-te que Nicomedes tinha motivos para ficar preocupado.*765

Então Saturnino fez um discurso nos rostros no qual condenava todos os membros do Senado que se preparavam para abandonar Nicomedes e a Bitínia a favor de Mitríades do Ponto. Disse que o nosso tratado com a Bitínia existia há anos, e que o Ponto era o inimigo tradicional da Bitínia. Disse ainda que o dinheiro mudara de mãos, e Roma não ia

abandonar o seu amigo e aliado de cinquenta anos só para encher meia dúzia de bolsas senatoriais.

Há quem alegue eu não estava lá para ouvir que ele disse algo como: "Todos sabemos como pode sair caro aos senadores idosos e decrépitos casar com raparigas joviais acabadas de sair da escola. Os colares de pérolas e braceletes de ouro são muito mais caros que uma garrafa do tónico que Ticino vende na sua barraca do Cuppedenis... E quem diz que uma rapariguinha jovial não faz mais efeito que o tónico de Ticino." Estava também a troçar do Suíno, e perguntou à multidão: "Os nossos rapazes da Gália Italiana?"

O resultado foi que alguns dos embaixadores do Ponto levaram uma tareia e foram queixar-se ao Senaculum. Então o Escauro e o Suíno pregaram um sermão a Saturnino no seu tribunal de traição, acusando-o de semear a discórdia entre Roma e uma embaixada acreditada de um monarca estrangeiro. No dia do julgamento, Gláucia, o nosso tribuno da plebe, convocou uma reunião da Assembleia da Plebe e acusou o Suíno de ter feito mais uma tentativa para se ver livre de Saturnino, já que não conseguira fazê-lo quando era censor. E os gladiadores contratados que Saturnino parece encontrar sempre na altura certa apareceram na sala, e cercaram os jurados com um ar tão ameaçador que o júri desistiu do processo. Os embaixadores do Ponto regressaram logo sem o seu tratado. Estou de acordo com Saturnino: seria muito mesquinho abandonar o nosso amigo e aliado de cinquenta anos em favor do seu inimigo tradicional só por esse inimigo ser agora muito mais rico e poderoso.

Basta, basta, Caio Mário! Só queria informar-te dos triunfos antes de chegarem os despachos oficiais, que o Senado não te enviará tão depressa. Gostava que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer, mas duvido que haja.

Há, pois! exclamou Mário ameaçadoramente, depois de ter lido a carta. Pegou numa folha de papel e demorou bastante tempo a escrever o rascunho da carta. Depois mandou chamar Quinto Lutácio Catulo César.

Catulo César chegou todo entusiasmado, pois no correio alugado que trouxera a missiva de Rutílio Rufo para Mário também vinha uma carta de Metelo Numídico para Catulo César, e outra de Escauro para Catulo César.766

Foi uma decepção descobrir que Mário já sabia do voto dos dois triunfos; Catulo César deliciara-se a imaginar a cara de Mário ao ouvir a notícia. No entanto, isso era uma consideração de menor importância, UM triunfo era um triunfo.

- Por isso, se não te importasses, gostaria de voltar a Roma em Outubro - disse Catulo César indolentemente. - Celebrarei o meu triunfo antes, já que, como cônsul, não podes partir tão cedo.

- Não te autorizo a partir - retorquiu Mário, alegre mas delicadamente. - Regressaremos juntos a Roma no fim de Novembro, tal como foi planeado. Com efeito, acabo de enviar ao Senado uma carta que tem a ver connosco. Queres ouvir o seu conteúdo? Não te incomodarei com a minha escrita: vou lê-la em voz alta.

Mário tirou um papelinho da mesa desarrumada, desdobrou-o e leu-o a Catulo César.

Caio Mário, cônsulpela quinta vez, agradece ao Senado e ao Povo de Roma a sua preocupação e consideração no que diz respeito aos seus triunfos e aos do seu segundo-comandante, o procônsul Quinto Lutácio Catulo. Elogio os Pais Conscritos pela sua admirável parcimónia ao decretarem apenas um triunfo para cada um dos generais de Roma. No entanto, ainda estou mais preocupado que os Pais Conscritos com os custos desta longa guerra. Tal como Quinto Lutácio. Por isso, Caio Mário e Quinto Lutácio partilharão apenas um triunfo entre si. Que Roma inteira seja testemunha da harmonia e amizade existente entre os generais. que irão desfilar juntos. Por conseguinte, tenho o prazer de informá-los que Caio Mário e Quinto ***Lutácio irão festejar o triunfo nas Calendas*** *de Dezembro. juntos, Viva Roma.´*

Catulo César empalideceu.

- Estás a brincar! - disse.

- *Eu?* A brincar? - Os olhos de Mário pestanejaram por baixo das sobrancelhas. - Nunca, Quinto Lutácio!

- Eu... eu não consinto!

- Não tens escolha possível - disse Mário docemente. - Eles pensaram que me tinham vencido, não foi? O caro Metelo Numídico Suíno e os seus amigos... e os teus amigos! Pois nunca nenhum de vocês há-de vencer-me.

- O Senado decretou dois triunfos, e hão-de ser dois triunfos! - *exclamoo* Catulo César a tremer.767

- Oh, bem podes insistir, Quinto Lutácio. Só que não servirá de nada, pois não? Podes escolher: ou celebramos o triunfo juntos no mesmo desfile, ou então farás figura de tolo. Assunto arrumado.

E assim foi. A carta de Mário chegou ao Senado, e o triunfo único foi anunciado para o primeiro dia do mês de Dezembro.

Catulo César não tardou a vingar-se. Escreveu ao Senado queixando-se de que o cônsul Caio Mário usurpara as prerrogativas do Senado e Povo de Roma ao conceder a cidadania total a mil soldados auxiliares de Camerinum, no Piceno, em pleno campo de Vercelas. Catulo César também o acusou de exceder a autoridade consular ao anunciar que ia fundar uma colónia de legionários veteranos de Roma na pequena cidade da Eporédia, na Gália Italiana. A carta dizia o seguinte:

Caio Mário criou esta colónia inconstitucional para deitar a mão ao ouro aluvial que é *recolhido do leito do Dúria Major, na Eporédia. O procônsul Quinto Lutácio Catulo salienta ainda que foi* ele *e não Caio Mário que ganhou a batalha de Vercelas. Como prova, tem em sua posse trinta e cinco estandartes germanos contra dois que se encontram à guarda de Caio Mário. Como vencedor de Vercelas, exijo que todos os cativos sejam vendidos como escravos. Caio Mário insiste em ficar com um terço deles.*

Em resposta, Mário fez circular a carta de Catulo César pelos soldados do seu exército e do de Catulo César; tinha um acrescento lacónico do próprio Mário, dizendo que o produto da venda desse terço dos cativos cimbros capturados depois de Vercelas se destinava ao exército de Catulo César. O seu exército, salientou, já recebera o produto da venda dos escravos teutónicos depois de Aquae Sextiae, e não queria que os soldados do exército de Catulo César se sentissem totalmente abandonados, pois sabia que Quinto Lutácio como era seu direito guardaria para si o produto da venda dos dois terços de escravos cimbros que lhe competiam.

Gláucia leu as duas cartas no Fórum em Roma, e o Povo riu até não poder mais. Todos sabiam bem quem era o verdadeiro vencedor e quem se preocupava mais com as suas tropas do que consigo.

Terás de parar com esta campanha para desacreditar Caio Mário aconselhou Escauro Princeps Senatus a Metelo Numídico, senão voltarás a ser esbofeteado da próxima vez que entrares no Fórum. E aconselho-te a escreveres a Quinto Lutácio dizendo-lhe que faça o mesmo. Gostemos dele ou não, Caio Mário é o Primeiro Homem de Roma. Foi768

ele que ganhou a *guerra contra* os Germanos, e sabe-o Roma inteira. Ele é o herói popular, o semideus popular. Se tentares abatê-lo, a cidade inteira unir-se-á para te abater, Quinto Cecílio.

- Estou-me nas tintas para o Povo! - vociferou Metelo Numídico, que começava a sentir a tensão de ter de alojar a irmã, Metela Calva, qualquer amante de origens humildes convidado por ela.

- Temos outras hipóteses - sugeriu Escauro. - Podes voltar a candidatar-te ao cargo de cônsul. Acredites ou não, faz dez anos que foste cônsul! É mais que certo que Caio Mário voltará a *candidatar-se.* Não seria maravilhoso selar o seu sexto consulado tendo por colega um inimigo como tu

- Oh, quando nos veremos livres desta doença incurável chamada Caio Mário? - gritou Numídico desesperado.

- Espero que não demore muito - afirmou Escauro, que obviamente não estava desesperado. - Um ano; duvido que demore mais.

- Provavelmente, nunca.

- Não, não, Quinto Cecílio, desistes com tanta facilidade! Tal como Quinto Lutácio, deixas que as tuas ideias sejam dominadas pelo ódio que sentes por Caio Mário. *Pensa!* Ao longo dos seus cinco consulados eternos, quanto tempo passou Caio Mário em Roma?

- Alguns dias. Mas o que interessa isso para a questão?

- Interessa *tudo* para a questão, Quinto Cecílio! Caio Mário não é um grande político, embora tenha de admitir que possui um cérebro *formidavelmente* perspicaz. Caio Mário é um brilhante soldado e estratego. Garanto-te que não sobreviverá nos Comícios e na Cúria quando o seu mundo se reduzir a isso. Não havemos de *deixá-lo* sobreviver! Vamos esPicaçá-lo como um touro, cravar os dentes na sua carcaça e não os desferrar. E havemos de deitá-lo abaixo. Espera e verás - Escauro parecia totalmente seguro do que dizia.

Metelo sorriu, surpreendido com as perspectivas anunciadas por Escauro.

- Sim, compreendo, Marco Emílio, Muito bem, candidatar-me-ei a cônsul.

- Excelente. Hás-de ser eleito: por mais que eles adorem Caio MárIO, é impossível que tal não aconteça depois de exercermos toda a nossa influência na Primeira e Segunda Classes.

- Oh, estou ansioso por ser seu colega! - Metelo Numídico esticou os músculos, espreguiçando-se em segredo. - Hei-de fechar-lhe todas as portas! **Vai ter uma vida miserável.**769

- Desconfio que também iremos receber um apoio inesperado - anunciou Escauro com ar felino.

- Que apoio?

- Lúcio Apuleio Saturnino vai candidatar-se a outro mandato como tribuno da plebe.

- É uma notícia terrível! Em que medida pode ajudar-nos? - perguntou Numídico.

- Não, é uma notícia excelente, Quinto Cecílio, acredita em mim. É que quando fores cônsul e cravares os dentes no lombo de Caio Mário, e o mesmo fizer eu e mais meia centena deles, Caio Mário não resistirá a pedir auxílio a Saturnino. Eu conheço-o: Caio Mário domina-se muito, mas quando isso acontecer, escoucinhará em todas as direcções como um touro espicaçado. E não resistirá a usar Saturnino. E acho que Saturnino deve ser o pior instrumento que Caio Mário poderia usar. Espera e verás!

- exclamou Escauro. - Hão-de ser os seus próprios aliados a fazê-lo tombar.

Saturnino ia a caminho da Gália Italiana para visitar Caio Mário, mais ansioso por firmar uma aliança com Caio Mário do que o inverso, naquela fase; porque Saturnino estava a viver na arena política, ao passo que Mário ainda se encontrava no Elísio do comando militar.

Encontraram-se numa pequena cidade da costa de Como, nas praias do lago Lário, onde Caio Mário alugara uma *villa* pertencente ao falecido Lúcio Calpúrnio Pisão, que morrera com Lúcio Cássio em Burdígala. Mário estava mais cansado do que alguma vez admitiria confessar a Catulo César, dez anos mais novo; despachou o cônsul júnior *para* o extremo da província para assistir à sessão do tribunal criminal e civil, e foi muito calmamente gozar umas férias, deixando o comando entregue a Sila.

Como era natural, quando Saturnino apareceu, Mário convidou-o para ficar; os dois homens instalaram-se confortavelmente a conversar num cenário que tinha como pano de fundo um lago muito mais belo que qualquer outro da Itália.

Caio Mário não se atrapalhou; quando chegou a altura de abordar o assunto, atacou logo.

- Não quero Metelo Numídico para meu colega consular do próximo ano - disse abruptamente. - Tenho em mente Lúcio Valério Flaco; é um homem maleável.

- Adaptar-se-ia bem a ti - afirmou Saturnino -, mas receio que não consigas impô-lo. Os políticos já estão a reunir apoios para Metelo770

Numídico - Saturnino fitou Mário com curiosidade. - De qualquer modo, por que te candidatas a um sexto mandato? Com a derrota dos Germanos, podes descansar à sombra dos louros colhidos.

- Quem me dera poder fazer isso, Lúcio Apuleio. Mas a minha missão não está cumprida só por termos vencido os Germanos. Tenho ainda de desmobilizar dois exércitos dos *capite censi,* ou antes, tenho uma de seis enormes legiões, e Quinto Lutácio tem uma de seis legiões muito reduzidas. Mas considero ambos os exércitos da minha responsabilidade, porque Quinto Lutácio acha que pode dar-lhes as gulas de marcha e esquecê-los.

- Continuas decidido a dar-lhes terras? - perguntou Saturníno.

- Continuo. Se não o fizer, Roma ficará mais pobre em vários aspectos. Em primeiro lugar, porque iriam entrar em Roma e em Itália mais de cinquenta mil legionários veteranos com pouquíssimo dinheiro nos bolsos, que gastariam em meia dúzia de dias, tornando-se uma perpétua fonte de trabalhos onde quer que vivam. Se houver uma guerra voltarão a alistar-se, caso contrário, serão um verdadeiro incómodo - disse Mário. Saturnino inclinou a cabeça.

- Estou a entender.

- Tive esta ideia quando estava em África, e foi isso que me levou a querer que as ilhas africanas fossem reservadas para os veteranos se fixarem. Tibério Graco queria alojar os pobres de Roma na Campânia para *tornar* a cidade mais confortável e *segura* e injectar o campo de sangue novo. Mas a Itália era um erro, Lúcio Apuleio - afirmou Mário com ar sonhador. - Precisamos de romanos de origens humildes nas nossas províncias, especialmente se forem soldados veteranos.

A vista era muito bonita, mas Saturnino não reparava.

- Todos ouvimos o discurso acerca de levar o estilo de vida de Roma até às províncias - disse. - E todos ouvimos a resposta de Dalmático. Mas não é esse o nosso assunto, pois não, Caio Mário?

Os olhos de Mário faiscaram debaixo das sobrancelhas.

- Que perspicácia! Claro que não! - Mário inclinou-se para a frente,

- Roma gasta muito dinheiro a enviar exércitos para as províncias para aplacar rebeliões e fazer cumprir as leis. Repara no caso da Macedónia: tem duas legiões em serviço permanente; apesar de não serem legiões romanas, custam ao Estado dinheiro que podia ser melhor aplicado. E se vinte ou trinta mil veteranos romanos se fixassem em três ou quatro colónias na Macedónia? A Grécia e a Macedónia estão desabitadas há um771

século ou mais: toda a gente saiu de lá. Por toda a parte se vêem cidades-fantasmas! E os senhorios romanos ausentes possuem enormes propriedades das quais retiram pouca produção e rendimento, pois são avaros no emprego de homens e mulheres locais. E sempre que os Escordiscos atravessam a fronteira há uma guerra, e os senhorios queixam-se ao Senado, e o Governo tem de acudir a vários fogos para lidar por um lado com os saqueadores Celtas, e por outro com as cartas iradas vindas de Roma. Eu daria

melhor uso às terras na posse dos senhorios romanos ausentes. Povoá-las-ia com colónias de soldados veteranos. Ficariam muito mais populosas e constituiriam uma guarnição em caso de guerra.

- E tiveste esta ideia em *África* - disse Saturnino.

- Enquanto distribuía grandes extensões de terreno a romanos que raramente ou nunca visitarão África. Irão colocar lá capatazes e grupos de escravos para trabalhar os campos, ignorando as condições naturais e o seu povo, impedindo a África de se desenvolver e deixando-a à mercê de qualquer outrojugurta que apareça. Não quero que as terras das províncias deixem de pertencer a Roma; só quero que em algumas parcelas dessas terras exista um grande número de profissionais romanos bem treinados que possamos visitar quando for necessário - Mário viu-se obrigado a encostar-se para não trair a sua expectativa. -já houve um pequeno exemplo de como as colónias de veteranos em países estrangeiros podem ser úteis em tempos de necessidade. O primeiro grupo que instalei na ilha de Meninge ouviu falar da rebelião dos escravos da Sicília, organizou-se em unidades, alugou alguns barcos e chegou a Lilibeu mesmo a tempo de impedir que a cidade fosse tomada por Atenão,

o escravo.

- Compreendo aonde queres chegar, Caio Mário - afirmou Saturnino.

- É um plano formidável.

- Mas irei ter oposição, nem que seja por a ideia partir de mim afirmou **Mário, suspirando.**

Um pequeno arrepio percorreu a espinha de Saturnino, que virou bruscamente a cabeça e fingiu admirar o reflexo das árvores, das montanhas e do céu no espelho perfeito do lago. Mário estava cansado! Mário estava a abrandar o passo! *Mário não tinha a mínima vontade de ser cônsul pela sexta vez!*

- Ouviste os gritos e protestos que choveram em Roma por eu ter concedido a cidadania aos maravilhosos soldados de Camerinum? - inquiriu Mário.772

- Ouvi. Toda a Itália ouviu a algazarra - respondeu Saturnino - e toda a Itália gostou do teu acto. Mas Roma e os políticos não gostaram.

- E por que razão *não haviam* eles de ser cidadãos romanos? - perguntou Mário, furioso. - O facto é que lutaram melhor que quaisquer outros, Lúcio Apuleio. Se pudesse, concedia a cidadania a todos os homens de Itália - Mário inspirou, - Quando digo que quero terras para os veteranos dos *capite censi,* refiro-me apenas a isso. Terras para todos eles: Romanos, Latinos... e Italianos.

Saturnino assobiou.

- Isso é chamar sarilhos! Os políticos nunca aceitarão tal coisa,

- Eu sei. O que não sei é se terás a coragem de o defender.

- Nunca me preocupei muito com a *coragem* - afirmou Saturnino com ar pensativo -, por isso não conheço a coragem que tenho. Mas julgo ter a suficiente para o defender, Caio Mário.

- Não precisas de subornar ninguém para garantir a minha eleição: não hei-de perder - avisou Mário. - Contudo, não há razão para não contratar alguns sujeitos que distribuam subornos para o *cargo* de cônsul júnior. E também para ti, se precisares de ajuda, Lúcio Apuleio. E ainda para Servílio Gláucia; julgo que vai candidatar-se a pretor.

- Vai. Ambos teremos prazer em aceitar auxílio com vista à nossa eleição. Em contrapartida faremos o que for necessário para te ajudar a obter as tuas terras.

Mário retirou da manga um rolo de papel.

-já fiz algum trabalho: esbocei o tipo de decreto que *me parece* necessário. Infelizmente, não sou dos melhores legisladores, enquanto tu és. Porém, e espero que não ponhas objecções ao que vou dizer, Gláucia é um génio na legislatura. Serão os dois capazes de formular leis notáveis a partir dos meus gatafunhos incipientes?

- Ajuda-nos a alcançar os nossos cargos, Caio Mário, e juro-te que te faremos essas leis - garantiu Saturnino.

Não podia haver qualquer dúvida quanto ao alívio que percorreu o corpo robusto do cônsul sénior; Mário inclinou-se.

- Deixa-me consegui-lo, Lúcio Apuleio, e juro-te que não *me preocuparei* se não vier a ser cônsul pela sétima vez - afirmou.

- Pela sétima vez?

- Segundo reza uma profecia, hei-de ser cônsul sete vezes. Saturnino riu.773

- Porquê? Ninguém julgaria possível que um homem viesse a ser cônsul seis vezes. Mas tu hás-de sê-lo.

Estava a decorrer a eleição do novo Colégio dos Tribunos da Plebe quando Caio Mário e Catulo César comandaram os seus exércitos para o sul em direcção a Roma e ao seu triunfo comum; havia muitos candidatos: mais de trinta para os dez lugares, e na sua maioria pessoas a cargo dos políticos, pelo que a campanha foi amarga e violenta.

Gláucia, presidente dos actuais dez tribunos da plebe, foi escolhido para presidir às eleições do futuro colégio; se as eleições Centuriais para cônsules e pretores já tivessem decorrido, não poderia desempenhar esse cargo, porque o seu estatuto de pretor-eleito o teria desqualificado. Assim, nada o impedia de conduzir as eleições tribunícias,

As eleições decorreram no vão dos Comícios, com Gláucia a presidir aos rostros e os outros nove tribunos da plebe a extrair as sortes para saber a ordem de votação das trinta e cinco tribos e ordenar cada uma delas quando chegasse a sua vez de votar.

Muito dinheiro mudara de mãos, algum em proveito de Saturnino, mas muito mais em proveito dos candidatos anónimos apoiados pelos políticos. Todos os homens ricos dos bancos conservadores da frente tinham esgravatado bem nos seus cofres, e compravam-se votos para homens como Quinto Nónio de Piceno, um político insignificante de tendência solidamente conservadora. Embora Sila não tivesse tido influência na sua entrada para o Senado nem na sua candidatura ao tribunato da plebe, Quinto Nónio era irmão do cunhado de Sila; quando Cornélia Sila, sua irmã, casara com um membro da rica família de proprietários rurais de Nónio, do Piceno, o esplendor do seu nome inspirou os homens da família do marido a tentarem a sorte no *cursus honúrum. O* filho dela estava a *ser preparado* para a tentativa mais séria, mas o tio decidiu ver o que podia fazer primeiro.

Foi uma eleição cheia de surpresas. Por exemplo, Quinto Nónio do Piceno conseguiu entrar facilmente, ao contrário de Lúcio Apuleio Saturnino. Havia dez lugares para tribunos da plebe, e Saturnino ficou em décimo primeiro.

- Não... posso... acreditar! - exclamou **Saturnino sobressaltado.** Não posso *acreditar! O* que aconteceu?

Gláucia arqueava as sobrancelhas; de súbito, até *mesmo* as suas hipóteses de ser pretor pareciam reduzidas. Depois encolheu os ombros, deu uma palmada nas costas de Saturnino e desceu dos rostros.774

- Não te preocupes - disse -, ainda é possível que as coisas mudem.

- O que é que pode mudar o resultado de umas eleições? - inquiriu Saturnino. - Não, Caio Servílio. Não tenho qualquer hipótese!

- já venho ter contigo... aqui. Fica aqui, não vás já para casa - Pediu Gláucia, e desapareceu na multidão.

Ao ouvir-se apresentado como tribuno da plebe, Quinto Nónio do Piceno quis logo regressar à sua nova e dispendiosa casa nas Carinas. Aí o esperavam a mulher, a cunhada, Cornélia Sila e o filho, ansiosos por conhecer os resultados e suficientemente provincianos para duvidarem das hipóteses de Quinto Nónio.

No entanto, Quinto Nónio teve maior dificuldade do que imaginara em abandonar a área do Fórum, pois de poucos em poucos metros alguém o detinha para lhe dirigir amistosas felicitações; como a delicadeza natural não lhe permitia despachar quem o felicitava, viu-se forçado a demorar-se, sorrindo e fazendo vénias, apertando uma centena de mãos.

Um por um, os companheiros de Nónio foram-se afastando, e por fim este entrou na primeira rua do trajecto que o levaria a casa; a sua única companhia eram três amigos íntimos que também viviam nas Carinas. Quando foram atacados por uma dúzia de homens armados de paus, um desses amigos conseguiu fugir e voltar ao Fórum para pedir auxílio, mas encontrou-o completamente deserto. Felizmente, Saturnino e Gláucia estavam a conversar com outros homens perto dos rostros; Gláucia estava corado e um pouco desmazelado. Quando ouviram o grito em pedido de auxílio, acudiram todos a correr. Mas era já tarde. Quinto Nónio e os seus dois amigos já estavam mortos.

- *Edepol.'*- exclamou Gláucia levantando-se depois de ter verificado que Quinto Nónio estava realmente morto, - Quinto Nónio acaba de ser eleito tribuno da plebe; sou eu que presido às eleições - encolheu Os ombros. - Lúcio Apuleio, encarregas-te de mandar levar Quinto Nónio a casa? É melhor eu ir ao Fórum tratar do dilema eleitoral.

O choque de encontrar Quinto Nónio e os amigos ensopados em sangue deixou os que tinham vindo em seu socorro sem saber o que fazer, incluindo Saturnino; ninguém reparou na artificialidade de Gláucia. Nem mesmo o próprio. Em pé nos rostros, a gritar para um Fórum Romano deserto, Caio Servílio Gláucia anunciou a morte do recém-eleito tribuno da plebe Quinto Nónio. A seguir comunicou que o candidato que vinha em décimo primeiro lugar substituiria Quinto Nónio no novo colégio: e esse candidato era Lúcio Apuleio Saturnino.775

- Está tudo arranjado - disse Gláucia com complacência mais tarde, em casa de Saturnino. - És agora um tribuno da plebe legalmente

eleito, escolhido para ocupar o lugar de Quinto Nónio.

Gláucia perdera muitos dos seus escrúpulos desde os acontecimentos que o tinham demitido do seu lugar como questor em Ostia, mas Saturnino ficou tão chocado que olhou para Gláucia admirado.

- Não foste tu...

Gláucia colocou a ponta do indicador de um dos lados do nariz e sorriu para Saturnino por debaixo das sobrancelhas.

- Se não me fizeres perguntas, Lúcio Apuleio, não te contarei mentiras - disse.

- É pena, era bom sujeito.

- Pois era. Mas é a sua sorte: ter acabado morto. Era o único que vivia nas Carinas, e por isso foi eleito. Em mais de um sentido. É muito difficil fazer alguma coisa no Palatino; não há gente suficiente nas ruas.

Saturnino suspirou e afastou a depressão com um encolher de ombros.

- Tens razão. E eu entrei. Agradeço-te a tua ajuda, Caio Servílio.

- Não penses nisso - retorquiu Gláucia.

O escândalo foi difícil de abafar, mas era impossível provar que Saturnino estivera implicado num assassínio quando o *próprio* amigo do morto que sobrevivera podia testemunhar que tanto Saturnino como Gláucia estavam no baixo Fórum na altura em que o crime fora praticado. Falava-se, mas era conversa fiada, como Gláucia comentou com desdém. E quando Aenobarbo Pontifex Maximus pediu a repetição das eleições tribunícias, não conseguiu nada;

Gláucia criara um precedente para lidar com uma crise particular que nunca tinha ocorrido.

- Conversa fiada! - repetiu Gláucia, desta vez no Senado. - As alegações de que Lúcio Apuleio e eu estivemos implicados na morte de Quinto Nónio não têm qualquer fundamento. Quanto ao facto de ter substituído um tribuno da plebe morto por outro vivo, penso ter feito o que se esperava de qualquer funcionário que presidisse a umas eleições: agir! É indiscutível que Lúcio Apuleio ficou em décimo primeiro lugar e que as eleições **foram bem** conduzidas. Indigitar imediatamente Lúcio Apuleio como sucessor de Quinto Nónio era tão lógico como conveniente. *O contio* da Assembleia da Plebe que convoquei ontem conferiu aos meus actos o apoio total, como todos podem verificar. Pais Conscritos, este debate é tão inútil como infundado. Considero o assunto arrumado - disse Caio Servílio Gláucia.776

Caio Mário e Quinto Lutácio Catulo César celebraram juntos o triunfo no primeiro dia de Dezembro. O desfile comum foi um golpe de génio, pois não havia a menor dúvida de que Catulo César, cuja quadriga seguia a do outro cônsul, seu superior, era nitidamente o segundo. O nome que se ouvia da boca de todos era o de Caio Mário. Havia mesmo um carro alegórico muito feliz montado por Lúcio Cornélio Sila - que, como de costume, fora encarregado de organizar o desfile - mostrando Caio Mário dando aos homens de Catulo César autorização para recolherem os trinta e cinco estandartes dos Cimbros, visto que ele já tinha capturado muitos na Gália.

A seguir, durante a sessão no templo de Júpiter Optimus Maximus, Mário discursou com paixão acerca dos seus feitos: a atribuição da cidadania aos soldados de Camerinum e a escavação do vale dos Salassos com vista a implantar uma colónia na pequena Eporédia. O anúncio de que se candidataria a um sexto consulado foi recebido com grunhidos, sarcasmos, gritos de protesto... e aplausos. Os aplausos eram muito superiores. Quando o tumulto esmoreceu,

Mário anunciou que a sua parte das pilhagens seria usada para a construção de um novo templo dedicado ao culto da Honra e Virtude militares; aí seriam alojados os troféus do seu exército e o templo ficaria situado no Capitólio. Anunciou ainda que construiria um templo dedicado à Honra e Virtude militares em Olímpia, na Grécia.

Catulo César ouviu o discurso de Mário com um *aperto no coração,* pois sabia que se quisesse manter a reputação, teria de doar a sua parte dos despojos a um monumento público semelhante, em vez de investi-lo para aumentar a sua fortuna particular - que já era enorme, mas não tanto como a de Mário.

Ninguém ficou surpreendido quando a Assembleia Centurial elegeu Caio Mário pela sexta vez, e numa posição superior. Caio Mário não era apenas e incontestavelmente o Primeiro Homem de Roma; muitos começavam também a chamar-lhe o Terceiro Fundador de Roma. O Primeiro fora Rómulo. O Segundo, Marco Fúrio Camilo, responsável pela expulsão dos Gauleses da Itália trezentos anos antes. Por isso, parecia apropriado atribuir a Caio Mário o epíteto de Terceiro Fundador de Roma, visto que também rechaçara uma invasão de bárbaros.

As eleições consulares não *deixaram de ter* surpresas; Quinto Cecílio Metelo Numídico Suíno não conseguiu ser eleito cônsul júnior. Era este o ponto alto de Caio Mário, que ganhou, mesmo em relação ao seu colega[777]

subalterno; Mário declarara o seu firme apoio a Lúcio Valério Flaco, que foi eleito. Flaco detinha um importante cargo sacerdotal perpétuo, o de *flamen Martialis os* sacerdotes especiais de Marte e tornara-se por isso um homem sossegado, obediente e subordinado. A companhia ideal para o autoritário Caio Mário.

Mas ninguém se surpreendeu por Caio Servílio Gláucia ter sido eleito pretor, visto que era o homem de Mário, e Mário subornara generosamente os eleitores. A única surpresa foi o facto de ele ter aparecido em primeiro lugar na votação e ter sido nomeado *praetor urbanus,* o mais importante dos seis pretores eleitos.

Pouco depois das eleições, Quinto Lutácio Catulo César anunciou publicamente que iria doar a sua parte dos despojos dos Germanos a duas causas religiosas; a primeira era a compra do lugar da casa de Flaco no Palatino que ficava ao lado da sua casa com vista a construir aí um *magnífico pórtico para alojar os* trinta e cinco estandartes dos Cimbros que apanhara no campo de batalha em Vercelas; o segundo era a construção, no Campo de Marte, de um templo à deusa Fortuna como Fortuna do Dia de Hoje.

Quando os novos tribunos da plebe entraram em funções no décimo dia de Dezembro, começou a diversão. Eleito pela segunda vez tribuno da plebe, Lúcio Apuleio Saturnino dominou o colégio por completo, e tirou partido do medo provocado pela morte de Quinto Nónio para levar a cabo os seus intentos na área legislativa. Embora continuasse a negar vigorosamente qualquer implicação no assassínio, lançava pequenos comentários em privado aos outros tribunos da plebe que ficavam com razões para pensar se não acabariam como Quinto Nónio caso tentassem contrariá-lo. O resultado era que permitiam a Saturnino fazer exactamente o que muito bem lhe apetecia; nem Metelo Numídico nem Catulo César conseguiam convencer qualquer tribuno da plebe a interpor um único veto.

Oito dias depois de ter entrado em funções, Saturnino apresentou o primeiro de dois projectos de lei que sugeriam a entrega de terras públicas aos veteranos dos dois exércitos germanos; as terras situavam-se todas no estrangeiro, na Sicília, na Grécia, Macedónia e no continente de África. O projecto de lei também incluía uma nova cláusula: o próprio Mário devia ter a autoridade para atribuir pessoalmente a cidadania romana a três colonos italianos em cada colónia.

O Senado opôs-se furiosamente.

- Este homem - exclamou Metelo Numídico - nem vai favorecer os seus soldados romanos! Quer terra para todos indiscriminadamente, sejam eles romanos, latinos ou italianos. Não há nenhuma diferença! Nenhuma distinção para os homens de Roma! Pergunto-vos, caros senadores, o que pensam deste homem? Roma terá alguma importância para ele É evidente que não! *Porque havia de ter?* Ele não é Romano! É Italiano! E favorece a sua gente. Um milhar de homens libertos do campo de batalha, ao passo que os soldados romanos não receberam qualquer agradecimento. O que mais podemos esperar de um homem como Caio Mário?

Quando Mário se levantou para responder, nem conseguiu fazer-se ouvir; por isso, abandonou a Cúria Hostília e ficou nos rostros, dírigindo-se aos frequentadores do Fórum. Alguns estavam indignados; mas como era o seu favorito, escutaram-no.

- Há terra que chegue para todos! - gritou. - Ninguém pode acusar-me de dar tratamento preferencial aos Italianos! Uma centena de *lugera* por soldado! Ah, porquê tanto?, ouço-vos perguntar. Porque, Povo de Roma, estes colonos vão para sítios muito mais duros que a nossa amada Itália. Farão plantações e colheitas em solos áridos e climas agrestes, onde para ter uma vida decente um homem tem que ter mais terra do que na nossa amada Itália.

- Lá está ele! - vociferou Catulo César das escadas do Senado, com voz esganiçada. - Lá está ele! Ouçam o que ele diz! Não é Roma! Itália! A Itália, sempre a Itália! Ele não é romano, nem se importa com Roma!

- A Itália é Roma! - vociferou Mário. - São ambas uma e a mesma coisa! Sem uma, a outra não conta, nem pode existir! Os Romanos e os Italianos não perdem a vida por Roma nos exércitos romanos? E

se isso é assim, e ninguém pode negá-lo, por que há-de ser um dos exércitos diferente do outro?

- A Itália! - gritou Catulo César. - Sempre a Itália!

- Que estupidez! - berrou Mário. - Os primeiros terrenos serão atribuídos a soldados romanos e não italianos! Isto servirá como prova da minha parcialidade pela Itália? E não será melhor que dos milhares de legionários veteranos que irão para estas colónias, três dos italianos que se encontram entre eles se tornem cidadãos romanos? Eu disse três, povo de Roma! E não três mil italianos! Nem trezentos italianos, povo de Roma! *Três.* Uma gota num oceano de homens! Uma gota numa gota num oceano de homens![779]

- Uma gota de veneno num oceano de homens! - gritou Catulo César das escadas do Senado.

- O projecto de lei poderá dizer que os soldados romanos receberão os seus terrenos em primeiro lugar, mas onde se diz que os primeiros terrenos serão os melhores? - berrou Metelo Numídico.

Mas apesar da oposição, foi aprovado na Assembleia da Plebe o primeiro projecto de lei referente a terras que tinham pertencido a Roma durante alguns anos e que esta arrendara a senhorios ausentes.

Quinto Popédio Silão, que era agora o chefe dos Marsos não obstante ser relativamente novo, viera a Roma ouvir os debates acerca dos projectos de lei referentes às terras; fora convidado por Marco Lívio Druso e estava alojado em sua casa.

- Fazem uma barulheira enorme em relação à oposição de Roma e Itália, não achas? - perguntou Silão, que nunca tinha ouvido Roma discutir esse assunto.

- Com efeito discutem - respondeu Druso com ar triste. - É uma atitude que só o tempo há-de mudar. Vivo nessa esperança, Quinto Popédio.

- E no entanto, não gostas de Caio Mário.

- Detesto aquele homem. Mas votei nele - disse Druso.

- Só passaram quatro anos desde que lutámos em Arausio - disse Silão, meditativo. - Sim, acho que tens razão. Isto há-de mudar. Antes de Arausio, duvido muito que Caio Mário tivesse qualquer hipótese de incluir soldados italianos entre os colonos.

- Foi graças a Arausio que os escravos italianos que pagavam dívidas foram libertados - lembrou Druso.

- Alegra-me pensar que não morremos em vão. E no entanto... olha para a Sicília. Aí os escravos italianos não foram libertados. Morreram.

- Sinto uma mágoa profunda pela Sicília - disse Druso, corando. -

Os culpados foram dois senadores romanos séniores egoistas e demasiado corruptos. Dois miseráveis *mentulae!* Poderás não gostar deles, Quinto Popédio, mas admite que um Metelo Numídico ou um Emílio Escauro não sujaria a bainha da toga numa fraude de cereais.

- Sim, admito - disse Silão. - Contudo, Marco Lívio, acreditam que ser Romano é pertencer ao clube mais exclusivo da Terra, e ao qual nenhum Italiano merece pertencer por adopção.

- Adopção?

- Não é isso que significa a concessão da cidadania *romana? A adopção* na família de Roma?780

Druso suspirou.

- Tens razão. A única coisa que muda é o nome. Conceder a cidadania a alguém não transforma um italiano ou um grego em romano. E à medida que o tempo passa, o Senado vai-se opondo cada vez mais duramente à criação de romanos artificiais.

- Então - afirmou Silão -, talvez nos caiba a nós, Italianos, *tornarmo-nos* Romanos artificiais, com a aprovação do Senado ou sem ela. Ao primeiro seguiu-se um segundo projecto de lei, relacionado com todos os novos terrenos públicos que Roma adquirira durante as guerras germanas. Era de longe o projecto mais importante, pois estas terras estavam completamente virgens, não tinham sido exploradas por grandes agricultores ou criadores de gado, e tinham outras riquezas além do gado e dos cereais: minérios, gemas, pedra.

Todas estas terras ficavam situadas no centro da Gália Transalpina, perto de Narbona, Tolosa e Carcassona, além de uma zona na Espanha Citerior que se rebelara quando os Cimbros estavam a dificultar a vida aos romanos no sopé dos Pirenéus.

Havia muitas empresas e cavaleiros ansiosos por se expandirem até à Gália Transalpina; tinham esperado que a derrota dos Germanos fornecesse uma oportunidade, e esperavam que os diversos patronos do Senado lhes garantissem o acesso ao novo *agerpubficus Galiae.* Descobrir que a maior parte de tudo aquilo ia para os soldados dos *capite censi provocou* neles uma fúria só vista nos piores dias dos irmãos Gracos.

E à medida que o Senado ia endurecendo a sua posição, o mesmo acontecia com os cavaleiros da Primeira Classe, outrora os melhores defensores de Mário. Agora, vendo-se privados da hipótese de serem senhorios na Gália distante, tinham-se tornado seus inimigos de morte. Os agentes de Metelo Numídico e Catulo César circulavam por todo o lado,

e sussurravam, sussurravam...

- Mário oferece o que é do Estado como se mandasse tanto nas terras como no Estado - dizia-se, e em breve o que era um murmúrio transformou-se num grito.

- Anda a conspirar para dominar o Estado. Por que outro motivO quereria ser cônsul, agora que acabou a guerra com os Germanos?

- Roma nunca deu terras aos seus soldados!

- Os italianos estão a receber mais do que merecem!

- A terra tirada aos inimigos de Roma pertence exclusivamente aos Romanos, e não aos Latinos e Italianos!781

- Ele começa pelo *agerpublicus* no estrangeiro, mas antes que dêmos por isso, estará a distribuir o *agerpublicus* da Itália. E irá dá-lo aos Italianos!

- Ele intitula-se o Terceiro Fundador de Roma, mas quer é ser rei! E assim por diante. Quanto mais Mário vociferava nos rostros e no Senado que Roma precisava de criar colónias de romanos nas suas províncias, que os veteranos constituiriam guarnições necessárias, que era preferível que as terras romanas no estrangeiro fossem povoadas com muitos homens insignificantes em vez de meia dúzia de grandes homens, mais dura se tornava a oposição. Em vez de diminuir com o tempo, aumentava, ficava cada vez mais forte, mais vigorosa. Até que lentamente, subtílmente, quase sem que se notasse, a atitude pública em relação à segunda lei agrária de Saturnino começou a mudar. Muitos dos políticos do Povo

- e havia políticos entre os frequentadores habituais do Fórum, tal como os havia entre os cavaleiros mais influentes - começaram a duvidar que Mário tivesse razão. Nunca tinham visto tal oposição.

- Não pode haver tanto fumo sem pelo menos algum fogo - começaram a dizer entre si e aos que os escutavam, por serem políticos.

- Não é apenas uma mera escaramuça do Senado como no caso da Sicília: é demasiado implacável para isso.

- Quando um homem como Quinto Cecílio Metelo Numídico, que já foi censor e cônsul, e cuja bravura enquanto censor todos recordamos, vê aumentar cada vez mais o número de apoiantes, alguma razão deve ter do seu lado.

- Ouvi dizer ontem que um cavaleiro de cujo apoio Caio Mário precisa desesperadamente troçou dele em público! A terra de Tolosa que Caio Mário lhe prometeu pessoalmente vai agora ser dada aos veteranos *dos capte censi.*

- Alguém me contou que ouviu Caio Mário dizer que tenciona conceder a cidadania a todos os Italianos.

- Este é o sexto consulado consecutivo de Caio Mário. Alguém o ouviu dizer um dia destes ao jantar que nunca *deixaria* de ser cônsul! Há-de candidatar-se ano após ano até morrer.

- Quer mesmo ser o rei de Roma!

A campanha de boatos de Metelo Numídico e Catulo César começou a dar os seus frutos. E, subitamente, até Gláucia e Saturnino começaram a temer que o segundo projecto de lei das terras fosse votado ao fracasso.*782*

- *Tenho* de ter essas terras! - gritou Mário desesperado para a mulher, que esperara pacientemente durante vários dias, na esperança de que ele acabasse por discutir com ela aquelas questões. Não porque tivesse ideias novas a expor ou coisas positivas a dizer, mas porque sabia que era a única pessoa amiga que Mário tinha perto de si. Sila fora mandado de volta para a Gália Italiana após o triunfo, e Sertório fora de viagem até à Espanha Citerior para ver a mulher e o filho.

- Caio Mário, haverá assim tanta necessidade disso? - perguntou Júlia. - Fará assim tanta diferença que os teus soldados não recebam as terras Os soldados romanos nunca receberam terras; não há qualquer precedente. Não poderão dizer que não tentaste.

- Não estás a compreender - afirmou o marido, impaciente. - isto já não tem nada a ver com os soldados, mas sim com a minha *dignitas, a* minha posição na vida pública. Se o projecto de lei não for aprovado, deixarei de ser o Primeiro Homem de Roma.

- Lúcio Apuleio não poderá dar uma ajuda?

- Tem tentado. Os deuses sabem como tem tentado! Mas em vez de ganhar terreno, está a perdê-lo. Sinto-me como Aquiles no rio,

incapaz de libertar-me da inundação por as margens continuarem a ceder. Os boatos são incríveis, Júlia! E não há modo de combatê-los, porque nunca são ditos às claras. Se eu fosse culpado de um décimo das coisas que dizem de mim, há muito que estaria *a* empurrar uma pedra pelo Tártaro acima.

- É impossível contrariar as campanhas de difamação - comentou Júlia, tranquilizando-o. - Mais cedo ou mais tarde, os boatos tornam-se tão bizarros que toda a gente acorda. É o que também há-de acontecer neste caso. Eles mataram-te mas continuarão a apunhalar-te até Roma inteira ficar farta. As pessoas são horrivelmente ingénuas e crédulas, mas mesmo os mais crédulos atingem um ponto de saturação. O projecto de lei há-de ser aprovado, Caio Mário, tenho a certeza. Mas não apresses demasiado as coisas; espera que a opinião volte a estar do teu *lado.*

- Sim, o projecto de lei pode ser aprovado tal como dizes, Júlia. Mas o que impede a Assembleia de derrubá-lo na ausência de Lúcio Apuleio, sem que eu tenha um tribuno da plebe igualmente capaz para combater a Assembleia? - resmungou Mário.

- Estou a compreender.

- Estás?

- Com certeza. Sou uma Júlia dos Césares, esposo, o que significa que cresci no meio das discussões políticas, embora o meu sexo me impossibilite 783

de seguir uma carreira pública - Júlia mordeu o lábio. - É um problema, não é? As leis agrárias não podem ser feitas da noite para o dia: levam muito tempo... anos e anos. É preciso determinar as terras, dividi-las, encontrar os homens cujos nomes foram escolhidos para ocupá-las, as comissões e comissários, o pessoal adequado... enfim, é um processo interminável.

Mário sorriu.

- Tens falado com Caio Júlio!

- Tenho. Com efeito, considero-me mesmo uma especialista no assunto

- Júlia deu uma palmada no lugar vazio no extremo do leito. - Vem sentar-te, meu amor!

- Não posso, Júlia.

- Não há forma de proteger esta lei?

Mário parou, virou-se e olhou para ela por debaixo das sobrancelhas.

- Há...

- Diz-me qual - sugeriu ela gentilmente.

- Caio Servílio Gláucia pensou nisso, mas Lúcio Apuleio está furioso, e por isso tenho os dois homens às minhas costas a tentar dobrar-me, e não sei bem...

- É uma novidade assim tão recente? - perguntou a esposa, que conhecia a reputação de Gláucia.

- Suficientemente recente.

- Peço-te, Caio Mário, conta-me!

Era um alívio poder contá-la a alguém que não tinha interesses pessoais diferentes dos seus, pensou Mário, fatigado.

- Eu sou um militar, Júlia, e gosto de soluções militares - disse. No exército todos sabem que quando dou uma ordem, é a melhor possível de acordo com as circunstâncias. E todos me obedecem sem questionar, porque me conhecem e confiam em mim. Esta parte de Roma também me conhece, e devia confiar em mim! Mas confia? Não! Estão com tanta vontade de ver as suas ideias concretizadas

que nem escutam as ideias dos outros, mesmo que sejam melhores. Mal entro no Senado, já sei que antes de chegar a esse lugar horrível terei de trabalhar numa atmosfera de ódio e armadilhas que me esgota mesmo antes de começar! Estou demasiado velho e habituado ao meu modo de agir para me incomodar com eles, Júlia! São todos uns idiotas, e vão matar a República se continuarem a fingir que as coisas não mudaram desde a infância de Cipião Africano! As minhas colónias de soldados fazem tanto sentido!784

- Pois fazem - afirmou júlia, escondendo a consternação. Ultimamente o marido parecia extenuado, mais velho do que era, e estava a ganhar peso pela primeira vez na vida (todo aquele tempo sentado em reuniões, em vez de andar ao ar livre!) e o seu cabelo estava subitamente a tornar-se cinzento e mais fino. Era nitidamente mais saudável para o corpo de um homem fazer a guerra do que fazer leis. - Caio Mário, acaba de contar-me! - insistiujúlia.

- Este segundo projecto de lei contém uma cláusula adicional inventada especialmente por Gláucia - explicou Mário, voltando a caminhar, e deixando as palavras sair em catadupa. - Cada senador tem de jurar que aprovará a lei para sempre até cinco dias depois do projecto de lei ser aprovado.

Júlia não conseguiu controlar-se: sobressaltou-se, levou as mãos às bochechas, olhou para Mário consternada e disse a palavra mais forte do seu vocabulário.

- Ecastor!

- Chocante, não é?

- Caio Mário, Caio Mário, nunca te perdoarão se incluires essa cláusula no projecto!

- Pensas que não o sei? - gritou ele, elevando as mãos como garras ao tecto. - Mas o que mais posso fazer? *Tenho* de obter esta terra!

Júlia humedeceu os lábios.

- Estarás na Assembleia durante muitos anos - disse. - Não podes *continuar* a lutar para que a lei seja aprovada?

- Continuar a lutar? Quando é que irei parar? - perguntou Mário.

- Estou farto de lutar, Júlia!

Júlia troçou:

- *Oh! Caio Mário* cansado de lutar? Lutaste a vida inteira!

- Mas não foi uma luta semelhante a esta - tentou explicar. - Esta luta é suja; não há regras. E nem se sabe quem são nem onde estão Os inimigos. Não me importo de ter por arena um campo de batalha. Ao menos, o que aí se passa é rápido e limpo; e o melhor geralmente ganha. Mas o Senado de Roma é um bordel cheio das mais vis formas de vida e de conduta. Passo os dias a *rastejar* em lodo! Digo-te, JúlIa, *preferia banhar-me* no sangue de um campo de batalha! E quem for suficientemente ingénuo para pensar que a intriga política não arruina mais vidas do que qualquer guerra, merece tudo o que a política lhe reservar!785

Júlia levantou-se e aproximou-se dele, obrigou-O *a parar de* andar dum lado para o outro e tomou-lhe as mãos.

- Detesto dizer isto, meu amor, mas o Fórum político não é a arena certa para um homem tão directo como tu.

- Mesmo que ainda não soubesse isso, agora sei-o muito bem - disse o marido, melancólico. -julgo que a cláusula especial de juramento de Gláucia terá de ir avante. Mas como o Públio RLItíliO me está sempre a perguntar, aonde nos levarão todas estas novas leis? Estaremos realmente a substituir as leis más por outras boas? Ou estaremos apenas a substituir as más por piores?

- Só o tempo o dirá - respondeu Júlia calmamente. - Aconteça o que acontecer, Caio Mário, nunca te esqueças que há sempre crises enormes no governo, que as pessoas proclamam sempre aterrorizadas que esta ou aquela lei nova será o fim da República, que Roma deixou de ser Roma. Sei isto porque li que já Cipião Africano o dizia de Catão, o Censor! E é provável que qualquer Júlio César anterior o dissesse acerca de Bruto quando ele matou os filhos na altura em que tudo começou. A República é indestrutível, e todos sabem isso, mesmo quando gritam que vai morrer. Não te esqueças deste facto.

O bom senso da mulher estava por fim a acalmá-lo; Júlia notou com satisfação que os olhos dele estavam menos congestionados, e a sua pele perdia o matiz da cólera. Estava na altura de Mudar de assunto.

- A propósito, o meu irmão Caio Júlio gostaria de ver-te amanhã, por isso aproveitei a oportunidade para o convidar a ele e à Aurélia para o jantar, se achares bem.

Mário resmungou:

- Claro! É isso! Tinha-me esquecido! Ele vai para a Cercina instalar a minha primeira colónia de veteranos, não vai? - Caio Mário pousou a cabeça nas mãos, que afastou das de júlia.

- *Não vai!* Deuses, que memória a minha! O que se passa comigo, Júlia?

- Nada - disse a esposa para o tranquilizar. - Precisas de descansar, de preferência algumas semanas longe de Roma. Mas como isso não é possível, por que não vamos juntos ter com o jovem Mário?

O filho era um homenzinho extremamente belo que ainda não tinha nove anos: alto, robusto, louro, com um nariz suficientemente romano para agradar ao pai. Se as tendências do rapaz eram mais **físicas que intelectuais,** isso também agradava a Mário. O facto de ser ainda filho único entristecia mais Júlia do que Mário, pois ela não tivera êxito em nenhuma786

das outras duas vezes que estivera grávida a seguir à morte do irmão mais novo, e começava agora a recear que fosse incapaz de levar mais uma gravidez até ao termo. No entanto, Mário estava satisfeito com aquela criança, e recusava-se a acreditar que fosse possível ter mais filhos.

O jantar foi um grande êxito; a lista de convidados incluía apenas Caio Júlio César, Aurélia e Públio Rutílio Rufo, tio de Aurélia.

César partia para a Cercina, em África, no fim do intervalo de oito dias de mercado; ficara muito satisfeito com a comissão e só havia uma coisa a contrariá-lo.

- Não estarei em Roma para o nascimento do meu primeiro filho disse, com um sorriso.

- Aurélia, não! *De novo?* - perguntou Rutílio Rufo resmungando. Vai *ser outra* rapariga, verás. E onde vão arranjar outro dote?

- Bah, tio Públio! - retorquiu Aurélia, que não estava arrependida, enfiando na boca um pedaço de galinha. - Em primeiro lugar não precisaremos de dotes para as nossas filhas. O pai de Caio Júlio obrigou-nos a prometer que não iríamos ser como aqueles Césares arrogantes que afastam as filhas da mácula da plutocracia. Por isso, tencionamos casá-las com homens rurais insignificantes mas incrivelmente ricos - outros pedaços de galinha tiveram o mesmo fim que o primeiro. - E já tivemos duas raparigas. Agora, vamos ter rapazes.

- De uma vez? - perguntou Rutílio Rufo, de olhos a brilhar.

- Era bom que fossem gémeos! Os Júlios tiveram alguma vez gémeos?

- perguntou a intrépida mãe à cunhada.

- julgo que sim - respondeu Júlia, encolhendo os ombros. - O nosso tio Sexto teve gémeos, embora um tenha morrido; César Estrabão é gémeo, não é?

- Exacto - respondeu Rutílio Rufo com um sorriso. - O nosso desgraçado amigo estrábico, nada em cognomes, e um deles é ”Vopiscus”, o que significa que é o gémeo sobrevivente. Mas ouvi dizer que tinha recebido uma nova alcunha.

O tom maldoso com que disse isto chamou a atenção de todos; Mário deu voz à interrogação.

- Qual?

- Cresceu-lhe uma fístula nas partes inferiores, por isso um espirituoso disse que ele tinha um ânus e meio e começou a chamar-lhe Sesquiculus - troçou Rutílio Rufo.787

Todos desataram a rir, incluindo as mulheres, a quem era permitido ouvir esta obscenidade suave.

- Também há gémeos na família de Lúcio Cornélio - disse Mário, enxugando os olhos.

- Porque dizes isso? - perguntou Rutílio Rufo, pressentindo outro mexerico.

- Como todos sabem, embora Roma não o saiba, Sila viveu entre os Cimbros durante um ano. Arranjou uma mulher, uma Querusca chamada Hermana. E ela deu à luz dois rapazes gêmeos.

A hilariedade de Júlia desvaneceu-se.

- Foram capturados? Mortos? - perguntou,

- *Edepol,* não! Ele levou-a de volta para o seu povo na Germânia antes de vir ter comigo.

- É um sujeito engraçado, aquele Lúcio Cornélio - afirmou Rutílio Rufo, meditativo. - Não é muito bom da cabeça.

- Aí é que te enganas, Públio Rutílio - disse Mário. - Nenhum homem tem a cabeça tão solidamente implantada nos ombros como Lúcio Cornélio. Diria mesmo que é o homem do futuro no que diz respeito a Roma.

Júlia deu uma risadinha.

- Sila seguiu como uma flecha para a Gália Italiana depois do triunfo

- disse. - Ele e a mãe discutem cada vez mais.

- Bem - afirmou Mário corajosamente -, é compreensível! A tua mãe é a única pessoa que consegue fazer-me ficar deprimido.

- Uma mulher adorável, a Márcia - comentou Rutílio Rufo recordando o passado e acrescentando rapidamente quando todos os olhos se viraram para ele. - Pelo menos para ver. Nos velhos tempos.

- Teve imenso trabalho para encontrar uma nova mulher para Lúcio Cornélio - disse César.

Rutílio Rufo ia sufocando com um caroço de ameixa.

- Eu estava a jantar em casa de Marco Emílio há alguns dias - contou num tom de voz maliciosamente agradável - e se ela não fosse casada *com* outro, até apostava que Lúcio Cornélio tinha encontrado uma esposa.

- Não! - exclamou Aurélia, inclinando-se para a frente na cadeira.

- Oh, tio Públio, conta-nos!

- A pequena Cecília Metela Dalmática - informou Rutílio Rufo.

- A esposa do Princeps Senatus? - guinchou Aurélia.788

- Essa mesmo. Lúcio Cornélio olhou para ela quando foram apresentados, ficou mais vermelho que o seu cabelo e passou todo o Jantar sentado a olhá-la como um pateta.

- Quem diria - comentou Mário.

- Pois é! - exclamou Rutílio Rufo. - Até Marco Emílio reparou. Bem, ele tem reacções absurdas em relação à sua pequenina Dalmática. Por isso, mandou-a para a cama depois do prato principal. A rapariga saiu com um ar muito desiludido. E lançou um olhar tímido a Lúcio Cornélio à saída. Ele até entornou o vinho.

- Desde que não entorne o vinho no colo dela... - afirmou Mário de modo severo.

- Oh, não, outro escândalo, não! - exclamou júlia. - Lúcio Cornélio não pode causar mais nenhum escândalo. Caio Mário, não podes dar-lhe uma achega?

Mário fez o ar de mal-estar que os maridos fazem quando as esposas lhes pedem que façam tarefas não-masculinas,

- Com certeza que não!

- Porquê? - perguntou júlia, para quem o seu pedido era sensato.

- Porque a vida privada de um homem só diz respeito a ele mesmo. Muito havia ele de agradecer-me se eu metesse o nariz na sua vida! júlia e Aurélia pareciam ter ficado desiludidas.

Apaziguador como sempre, César aclarou a garganta e disse:

- Como parece que Marco Emílio Escauro terá de ser morto com um machado daqui a mil anos, não penso que necessitemos de preocupar-nos com Lúcio Cornélio e Dalmática. Creio que a *mãe* já escolheu a noiva; *e ouvi dizer* que Lúcio Cornélio está de acordo, por isso iremos receber convites para o casamento mal ele regresse da Gália Italiana.

- Quem é? - perguntou Rutílio Rufo. - Não soube de nada!

- Élia, a única filha de Quinto Élio Tuberão.

-já tem uma certa idade, não tem? - perguntou Mário.

- Quase quarenta, é da idade de Lúcio Cornélio - disse César confortavelmente. - Ao que parece, ele não quer mais filhos, e a mãe achou que uma viúva sem filhos era a escolha ideal. É uma senhora bastante bela.

- De uma família antiga - acrescentou Rutílio Rufo. - Rica!

- Então, tanto melhor para Lúcio Cornélio! - afirmou Aurélia Calorosamente. - Não posso evitar gostar dele!

- Tal como todos nós - disse Mário, piscando-lhe o olho. - CaiojúliO, esta afirmação de admiração não te causa ciúmes?789

- Oh, tenho rivais mais sérios do que meros legados patrícios disse César a sorrir.

Júlia olhou para ele.

- A sério? Quem?

- Chama-se Lúcio Decúmio e é um homenzinho sujo de cerca de quarenta anos, com pernas magras, cabelo oleoso e a tresandar a alho

- disse César, escolhendo a passa mais gorda do prato dos frutos secos. A minha casa está permanentemente cheia de magníficos vasos de flores: da época, fora de época, isso pouco importa para Lúcio Decúmio, que envia flores novas cada quatro ou cinco dias. E visita a minha mulher, bajulando-a da forma mais enjoativa. E está tão contente com o nascimento do nosso filho que às vezes tenho sérias apreensões.

Pára com isso, Caio Júlio! exclamou Aurélia a rir.

Quem é ele? perguntou Rutílio Rufo.

- O guardião daquilo a que chama o colégio do cruzamento, e que Aurélia tem de alojar sem receber renda explicou César.

- Lúcio Decúmio e eu temos um acordo disse Aurélia, roubando a passa que César tinha na mão e trincando-a.

Que acordo?

Lúcio Decúmio é um assassino respondeu Aurélia.

Quando Saturnino introduziu a segunda lei agrária, a cláusula que estipulava o juramento caiu no Fórum como um trovão; não como um raio joviano, mas antes como o ribombar dos velhos deuses, os verdadeiros deuses, os deuses sem rosto, os *numina.* Não só se exigia um juramento a cada senador, como também, em vez da jura habitual no templo de Saturno, a lei de Saturnino ordenava que o juramento fosse feito em céu aberto, no templo sem telhado de Semo Sancus Dius Fidius no baixo Quirinal, onde o deus sem rosto nem mitologia tinha apenas uma estátua de Caia Cecília mulher do rei Tarquínio Prisco de Roma a humanizar a sua morada. E as divindades em cujo nome o juramento era feito não eram as grandes divindades do Capitólio mas os pequenos *numina* sem rosto que eram verdadeiramente romanos os Di Penates Publici, guardiões da bolsa e despensa públicas os Lares Praestites, guardiões do Estado e Vesta, guardiã do lar. Ninguém conhecia as suas feições, de onde vinham ou mesmo de que sexo eram, se é que tinham sexo; limitavam-se

a *ser.* E eram importantes. Eram Romanos. Eram as imagens públicas dos deuses mais privados, as divindades que governavam a família, a mais sagrada das tradições romanas. Nenhum romano podia fazer um juramento a estas divindades e depois infringi-lo, pois isso traria a desgraça e a desintegração à sua família, ao lar, à própria bolsa.

Mas a mente legalista de Gláucia não se abandonara apenas ao temor sem rosto dos *izumina* sem nome; para convencer os senadores a fazerem o Juramento, a lei de Saturnino considerara até o caso daqueles que se recusassem a fazê-lo: ser-lhes-ia interdito obter fogo e água dentro de Itália, pagariam a multa de vinte sestércios de prata e era-lhes retirada a cidadania.

- O problema é que ainda não fomos suficientemente longe com a rapidez necessária - comentou Metelo Numídico para Catulo César, Aenobarbo Pontifex Maximus, Metelo Suíno, Escauro, Lúcio Cora e o seu tio Marco Cota. - O Povo não está pronto para rejeitar Caio Mário... irá aprovar este *projecto de* lei. E terá *de jurar* - estremeceu. - E se eu jurar, terei de cumprir o juramento.

- Nesse caso, o projecto não pode ser aprovado - disse Aenobarbo.

- Não há nenhum tribuno da plebe com coragem suficiente para o vetar - afirmou Marco Cora.

- Nesse caso, temos de combatê-lo com a religião - disse Escauro, lançando a Aenobarbo um olhar significativo. - A outra parte meteu *a* religião no assunto, por isso, não há motivo para que não façamos o mesmo.

- Acho que já sei o que queres - disse Aenobarbo.

- Pois eu não sei - afirmou Lúcio Cota.

- Quando chegar o dia da votação do projecto de lei e os áugures auscultarem os auspícios para se assegurarem de que não há infracção da lei divina, faremos com que os augúrios não sejam auspiciosos - expÔs Aenobarbo. - E continuaremos a considerar os augúrios pouco auspiciosos até que um dos nossos tribunos da plebe tenha a coragem de opor o veto por motivos religiosos. Isso acabará com a lei, pois o Povo cedo se farta das coisas.

O plano foi posto em prática; os augúrios foram declarados pouco auspiciosos pelos áugures. Infelizmente Lúcio Apuleio Saturnino também era áugure - uma pequena recompensa que lhe fora dada por insistência de Escauro, quando este tinha recuperado a sua reputação - *e não* concordou com a interpretação dos augúrios.791

- É um truque! - gritou para a Plebe que se encontrava no vão dos Comícios. - Olhem para eles, os lacaios dos políticos do Estado! Não há qualquer problema com os augúrios. Isto é uma forma *de abalar* o poder do Povo! Todos sabemos que Escauro Princeps Senatus e Metelo Numídico e Catulo César chegarão aos maiores extremos para privar os nossos soldados da sua justa recompensa - e isto prova que *já chegaram a* extremos! Interferiram deliberadamente com a vontade dos deuses!

O Povo acreditou em Saturnino, que tomara a precaução de colocar gladiadores por entre a multidão. Quando um ou outro tribuno da plebe tentava interpor o veto dizendo que os augúrios eram pouco auspiciosos, que tinha ouvido o trovão, que qualquer lei aprovada naquele dia seria *nefas,* sacrílega, os gladiadores de Saturnino actuavam. Enquanto Saturnino declarava em voz vibrante que não permitiria o veto, os seus rufias contratados tiravam o desgraçado tribuno dos rostros e levavam-no pelo Clivus Agentarius até às celas das Lautúmias, onde o mantinham até o final da sessão. O segundo projecto de lei sobre as terras foi votado, e o Povo e as suas tribos aprovaram-no, pois a sua cláusula de juramento tornava-o suficientemente novo para intrigar os frequentadores habituais da Assembleia da Plebe; o que aconteceria se ele se tornasse lei, quem

resistiria, como iria reagir o Senado? Não se podia perder! O Povo estava na disposição de descobrir o que aconteceria.

No dia a seguir a aprovação do projecto de lei, Metelo Numídico levantou-se no Senado e anunciou com grande dignidade que não faria o juramento.

- A minha consciência, os meus princípios, a minha própria vida dependem desta decisão! - vociferou. - Pagarei a multa e exilar-me-ei em Rodes. Mas não farei o juramento. Ouviram, Pais Conscritos? Não... farei... o... juramento! Não posso jurar apoiar *o que quer* que se oponha totalmente ao mais íntimo do meu ser. Quando é que o perjuro é renegado? Qual é o pior crime: jurar **apoiar uma lei à qual me oponho, ou não jurar? Podem** responder a isto por si mesmos. A minha resposta é que o maior crime é jurar. Por isso, digo-te, Lúcio Apuleio Saturnino, e a ti, Caio Mário: Não... *farei...* o... *juramento!* Prefiro pagar a multa e ir para o exílio.

A sua posição causou uma impressão profunda, pois todos os presentes sabiam que ele estava a falar a sério. As sobrancelhas de Mário pararam, encontraram-se acima do nariz, e Saturnino fez um trejeito com os lábios. Os murmúrios começaram; as dúvidas e descontentamento manifestaram -se, persistiram, aumentaram.792

- Vão dificultar as coisas - sussurrou Gláucia da sua cadeira curul, perto da de Mário.

- Se não encerrarmos a sessão, recusar-se-ão todos a fazer o juramento

- murmurou Mário, levantando-se de seguida e encerrando a sessão. Ide para casa e meditai durante três dias acerca das graves consequências que ocorrerão caso não façam o juramento. É fácil para Quinto Cecílio: *tem* dinheiro *para pagar a multa e para* lhe assegurar um exílio confortável. Mas quantos de vós podem dizer o mesmo? Ide para casa, Pais Conscritos, e meditai durante três dias. Esta Assembleia voltará a reunir daqui a quatro dias, e então, tendes

de decidir-vos, pois não podemos esquecer que a *lex Appideia agraria secunda* tem um prazo.

”Não podes falar-lhes assim”, disse Mário para si mesmo enquanto caminhava sobre o chão da sua enorme e bela casa abaixo do templo de juno Moneta, e a mulher observava sem saber o que fazer e o filho, habitualmente atrevido, se escondia no quarto dos brinquedos.

”Não podes falar-lhes assim, Caio Mário! Eles não são soldados. Nem sequer são oficiais subordinados, *apesar de* eu ser cônsul e eles serem na sua maioria funcionários de segunda linha e os seus rabos gordos nunca venham a saber o que é estar sentado numa cadeira curul de marfim. Todos eles sem excepção se consideram iguais a mim, Caio Mário, seis vezes cônsul desta cidade, deste país, deste império! Tenho de vencê-los, não posso expor-me à ignomínia da derrota. A minha dignitas é imensamente maior do que a deles, por mais que digam o contrário. E não posso vê-la manchada. Sou o Primeiro *Homem de Roma.* Sou o Terceiro Fundador de Roma. E depois de morrer, terão de admitir que eu, Caio Mário, o provinciano italiano que não sabia grego, fui o homem mais importante da história da nossa República, do Senado e Povo de Roma.”

Os seus pensamentos não foram além disto durante a prorrogação de três dias que dera aos senadores; não o abandonava o temor de perder a *sua dignitas* caso fosse vencido. E na madrugada do quarto dia, Mário partiu para a Cúria Hostília decidido a ganhar - e sem pensar nas tácticas que os políticos poderiam usar para derrotá-lo. Tivera um cuidado especial com a aparência, pois não queria que se notasse que andara às voltas há três dias, e desceu a Colina dos Banqueiros seguido dos seus doze lictores, como se mandasse em Roma.

A Assembleia reuniu com um silêncio pouco habitual; pouquíssimos bancos foram arrastados, Pouquíssimos homens tossiram, pouquíssimOs793

participantes arrastaram os pés e murmuraram. O sacrifício foi feito impecavelmente e os augúrios foram declarados auspiciosos para a sessão.

Mário levantou-se com uma majestade terrível, era um homem imponente dominando completamente a situação. Embora não tivesse pensado na possível linha de acção dos políticos, delineara a sua orientação até ao mais pequeno pormenor, e no seu rosto estava patente a confiança que sentia.

- Eu também passei os últimos três dias a meditar, Pais Conscritos

- começou Mário, de olhos fixos num espaço vazio entre os senadores que o escutavam e não em qualquer rosto particular, amigo ou inimigo. Ninguém sabia para onde se dirigiam os olhos de Mário, pois as sobrancelhas só permitiam vê-los de perto. Enfiou a mão esquerda na parte da frente da toga, onde esta tombava em muitas pregas belamente ordenadas desde o ombro esquerdo até aos tornozelos, e desceu do estrado curul para o chão. - Um facto é indubitável - deu alguns passos e parou. -- Se esta lei for válida, todos teremos de jurar cumpri-la - deu mais alguns passos. - Se esta lei for válida, todos temos de fazer o juramento - dirigiu-se para as portas, virou-se de forma a ficar de frente para ambas as alas da Assembleia. - Mas *ela será* válida? - perguntou Mário ruidosamente,

A pergunta tombou num silêncio insondável.

-já está! - sussurrou Escauro Princeps Senatus para Metelo Numídico. Está acabado! Acaba de matar-se!

Mas Mário, de costas para as portas, não ouviu. Por **ISSO,** não parou para meditar; prosseguiu:

- Há entre vós quem insista que nenhuma lei aprovada nas circunstâncias da aprovação da *lex Appuleia agrária secunda* pode ser válida. Ouvi a validade da lei ser contestada por dois motivos diferentes: por um lado, porque tinha sido aprovada desafiando os

augúrios, e por outro, por ter sido aprovada apesar de ter sido cometida violência contra a sacrossanta pessoa de um tribuno da plebe *legalmente* eleito.

Mário Começou a caminhar pela sala e depois parou.

- É evidente que o futuro da lei está em dúvida. A Assembleia do Povo Plebeu terá de reexaminá-la à luz de ambas as objecções quanto à sua validade - Mário deu mais um pequeno passo e estacou. - Mas não é essa a questão com que nos confrontamos hoje, Pais Conscritos. A nossa preocupação é mais imediata - mais um pequeno passo. - A lei em questão ordena-nos que juremos cumpri-la. E é isso que viemos hoje aqui794

debater. Hoje é o último dia em que podemos fazer o juramento de cumprimento da lei, pelo que a questão é urgente. E hoje, a lei em questão é válida. Por isso, temos de jurar cumpri-la.

Mário avançou depressa, chegou perto do estrado, virou-se e caminhou devagar até às portas, de onde se voltou para encarar de novo ambas as alas da Assembleia.

- Pais Conscritos, hoje faremos todos o juramento. Fá-lo-emos por instrução específica do Povo de Roma. São *eles* os legisladores! Nós, do Senado somos apenas os seus servidores. Por isso, faremos o juramento. Isso não fará diferença para nós, Pais Conscritos! Se no futuro a Assembleia do Povo Plebeu decidir reexaminar esta lei e considerá-la nula, também os nossos juramentos serão nulos - a sua voz era triunfal, - *É isso que* temos de compreender! Qualquer juramento que façamos para fazer cumprir uma lei permanece enquanto a lei for válida. Se a Assembleia do Povo decidir anular a lei, anulará também os nossos juramentos.

Escauro Princeps Senatus acenava sapiente e ritmicamente; para Mário, parecia que ele concordava com todas as suas palavras. Mas Escauro estava a acenar sapiente e ritmicamente por um motivo completamente diferente. Os movimentos da sua cabeça

acompanhavam as palavras que ia dizendo a meia-voz para Metelo Numídico:

- Apanhámo-lo, Quinto Cecílio! Finalmente, apanhámo-lo! Ele cedeu; não aguentou a distância. Obrigámo-lo a admitir para toda a Assembleia que há uma dúvida quanto à validade da lei de Saturníno. Vencemos a estratégia da raposa do Arpino!

Exaltado por estar certo de ter a Assembleia do seu lado, Mário voltou para o estrado com um ar muito sério, subiu-o e ficou em frente da sua cadeira curul de marfim trabalhado para fazer a peroração.

- Eu próprio farei primeiro o juramento entre nós - disse ele, a voz da razão. - E se eu, Caio Mário, vosso cônsul sénior há mais de *quatro* anos, estou preparado para jurar, o que poderá esse juramento *custar aos* ocupantes desta sala? Conferenciei com os sacerdotes do Colégio dos *Dois* Dentes, e o templo de Semo Sancus Dius Fidius está pronto para *nos acolher.* Não é assim tão longe! Vinde. Quem me acompanha?

Ouviu-se um suspiro, um leve murmúrio, o som das solas dos sapatos a *raspar* no chão à medida que a imobilidade era quebrada. Os membros das bancadas posteriores começaram a levantar-se.

- Uma pergunta, Caio Mário - disse Escauro.

A Assembleia voltou a ficar em silêncio. Mário assentiu.795

- Queria a tua opinião *pessoal,* Caio Mário. Não é a tua opinião oficial. A tua opinião pessoal.

- Se dás valor à minha opinião pessoal, Marco Emílio, conceder-ta-ei, naturalmente - disse Mário. - Qual é a questão?

- Qual é a tua opinião pessoal - perguntou Escauro, projectando a voz por toda a Círia. - *A lex Appuleia agrária secunda é* válida à luz

do que aconteceu quando foi aprovada?

Silêncio. Silêncio total. Ninguém respirava. Nem Caio Mário, que estava demasiado ocupado a atravessar a zona em que o seu excesso de autoconfiança o colocara para pensar sequer em respirar.

- Queres que repita a pergunta, Caio Mário? - perguntou Escauro com voz doce.

Mário humedeceu os lábios ressequidos. Para onde poderia ir, o que poderia fazer? ”Acabaste por escorregar, Caio Mário. Caíste num poço donde não podes sair. Porque não terei sabido que esta pergunta tinha de ser feita pelo único verdadeiro cérebro existente entre eles? Terei ficado subitamente cego pela minha própria inteligência? A pergunta tinha de ser feita! E eu nem pensei nisso. Nem uma só vez durante estes três longos dias.

”Não tenho opção. O Escauro tem o meu escroto na mão e tenho de dançar ao ritmo dos seus apertos. Ele derrubou-me. Porque não tenho opção. Agora, terei de dizer a esta Assembleia que pessoalmente considero esta lei nula. Senão, ninguém jurará cumpri-la. Fi-los acreditar que havia uma dúvida, fi-los acreditar que a dúvida tornava lícito o juramento. Se recuar, perco-os. Mas se disser que, pessoalmente, considero a lei nula, estou perdido.”

Mário olhou para a bancada dos tribunos, viu Lúcio Apuleio Saturnino inclinado para a frente, de mãos apertadas, com a expressão rígida, os lábios entreabertos.

”Perderei este homem que é tão importante para mim se disser que considero a lei nula. E perderei o maior legislador que Roma conheceu, Gláucia... juntos, poderíamos endireitar a Itália, apesar de tudo o que os políticos pudessem fazer. Mas se disser que considero a sua lei nula, perdê-los-ei para sempre. E no entanto... no entanto, tenho de dizê-lo. Porque se não o fizer, estes *cunni* não farão o juramento e os meus soldados não receberão as terras. É tudo o que

posso salvar desta confusão: as terras para os meus homens. Estou perdido. Perdi.”796

Quando a perna da cadeira de marfim de Gláucia raspou a laje de mármore, metade dos membros do Senado saltaram; Gláucia observou as suas unhas de lábios enrugados e rosto inexpressivo. Mas o silêncio manteve-se.

- Parece-me melhor repetir a pergunta, Caio Mário - disse Escauro.

- Qual é a tua opinião pessoal? Esta lei é válida ou não

- Parece-me... - Mário parou, franzindo o sobrolho com ferocidade,

- Pessoalmente, parece-me *provável* que a lei seja nula - disse.

Escauro bateu com as mãos nas ancas com um estalido.

- Agradeço-te, Caio Mário! - levantou-se e virou-se para sorrir para os membros das bancadas atrás de si, depois voltou-se para sorrir aos da frente. - Pais Conscritos, se um homem como o nosso Caio Mário, herói e conquistador, considera a *lex Appuleia* nula, por mim, tenho o maior prazer em fazer o juramento! - *e* fez uma vénia a Saturnino e a Gláucia.

- Caros membros do Senado, como vosso Princeps Senatus, sugiro que nos dirijamos todos de imediato ao templo de Semo Sancus!

- Alto.´

Todos pararam. Metelo Numídico bateu as palmas. Do fundo da bancada superior surgiu o seu servo, curvado, arrastando ruidosamente duas sacas pesadas pelos degraus de seis pés de largura. Depois de colocar as duas sacas ao pé de Metelo Numídico, o servo voltou para a bancada superior e transportou para baixo outras duas sacas. Vários senadores olharam para o que se empilhava contra a parede e fizeram sinal aos servos para estes

ajudarem. O trabalho correu então mais depressa, até se encontrarem quarenta sacas à volta do banco de Metelo Numídico, que se levantou.

- Não *farei* o juramento - declarou. - Não *farei* o juramento só *por* o cônsul sénior me dar um milhão de certezas de que a *lex Appuleia é* nula! Aqui estão vinte talentos de *prata em pagamento* da minha multa, e declaro que amanhã de madrugada seguirei para o exílio em Rodes. A confusão foi geral.

- Ordem! Ordem! Ordem! - gritava tanto Escauro como MárioQuando a ordem prevaleceu, Metelo Numídico olhou para trás, e falou por cima do ombro para alguém que estava na bancada do *fundo.*

- Questor do Tesouro, peço-te que avances - disse.

Apareceu um homem jovem e com aspecto apresentável, *com olhos* e cabelos castanhos, de toga fulgurante, perfeitamente pregueada; era Quinto Cecílio Metelo, o Bacorinho, filho de Metelo *Numídico Suíno*797

- Questor do Tesouro, coloco à tua guarda estes vinte talentos de prata como pagamento da multa que me foi atribuída por me ter recusado a cumprir a *lex Appuleia agrária secunda* - disse Metelo Numídico. Contudo, enquanto a Assembleia se encontra reunida, exijo que o dinheiro seja contado, para que os Pais Conscritos possam ter a certeza de que não falta um denário sequer.

- Todos confiamos na tua palavra, Quinto Cecílio, - disse Mário, sorrindo sem o mínimo vestígio de diversão.

- Mas eu insisto! - exclamou Metelo Numídico. - Ninguém sairá daqui até ser contada a última moeda - tossiu. - O total, segundo creio, devem ser cento e trinta e cinco denários.

Todos se sentaram com um suspiro. Dois funcionários da Assembleia foram buscar uma mesa e colocaram-na no lugar de Metelo

Numídico; este ficou em pé. A sua mão esquerda apertava a toga e a mão direita estava estendida em repouso, com as pontas dos dedos ligeiramente inclinadas sobre a mesa. Os funcionários abriram uma das sacas e elevaram-na; depois, deixaram o seu conteúdo tombar em cascata, amontoando-se perto da mão de Metelo Numídico. O jovem Metelo fez sinal aos funcionários para que estes segurassem a saca vazia aberta do seu lado direito, e começou a contar as moedas, empurrando-as rapidamente para a sua mão direita, em concha abaixo da borda da mesa. Quando a mão estava cheia, ele despejava o seu conteúdo na mesa.

- Espera! - disse Metelo Numídico. Metelo Bacorinho parou.

- Conta-as em voz alta, questor do Tesouro!

Ouviu-se um suspiro, um horrível murmúrio colectivo.

Metelo Bacorinho voltou a pôr todas as moedas na mesa e recomeçou:

-Uuuuuma... duuuuas... trêêêês... quaaaatro...

Ao pôr do Sol, Caio Mário levantou-se da sua cadeira curul.

- O dia terminou, Pais Conscritos. A nossa questão não terminou, mas nesta Assembleia as sessões formais terminam quando o Sol se põe. Por isso, sugiro que nos dirijamos agora ao templo de Semo Sancus e façamos os nossos juramentos. Têm *de ser* feitos antes da meia-noite, senão violaremos uma ordem do Povo - Mário olhou para o local onde ainda se encontrava Metelo Numídico e o filho continuava a contagem. Estavam longe de acabar, embora a gaguez tivesse melhorado quando lhe passara o nervoso.798

- Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, é teu dever permanecer aqui e fiscalizar o resto desta longa tarefa. Espero que o faças. E concedo-te a devida autorização *para* fazeres o teu juramento amanhã. ou o dia seguinte, se a contagem ainda se estiver a

processar amanhã - um sorriso frouxo franzia os cantos dos lábios de Mário.

Mas Escauro não sorriu. Lançou a cabeça para trás e desatou a rir-se em gargalhadas estrondosas.

No fim da Primavera, Sila regressou da Gália Italiana, e pediu para ser recebido por Caio Mário imediatamente, depois de ter tomado banho e mudado de roupa. Achou Mário com mau aspecto, descoberta essa que não o surpreendeu. Até no extremo mais a Norte do país os acontecimentos relacionados com a aprovação da *lex Appuleia* não tinham sido omitidos. Caio Mário não tinha necessidade de voltar a contar a história; limitaram-se a olhar um para o outro em silêncio e tudo o que tinha de passar-se entre eles a um nível básico processou-se sem palavras.

No entanto, mal a emoção se desvaneceu um pouco ao fim da primeira taça de vinho, Sila abordou os aspectos mais desagradáveis do assunto.

- A tua credibilidade sofreu enormemente - afirmou.

- Eu sei, Lúcio Cornélio.

- É o Saturnino, segundo ouvi dizer. Mário suspirou.

- E podes culpá-lo por odiar-me? Ele fez meia centena de discursos dos rostros, nem sempre para assembleias convenientemente convocadas. Em todos eles, acusou-me de tê-lo traído. Como Saturnino é um orador brilhante, a história da minha traição não perdeu nada no estilo *em* que ele as contou às multidões. E ele arrasta as multidões. Não só os frequentadores habituais do Fórum mas homens da Terceira, Quarta e Quinta Classes que parecem estar fascinados ao ponto de aparecerem no Fórum para ouvi-lo sempre que têm folga.

- Ele fala assim tão frequentemente? - perguntou Sila.

- Fala todos os dias!

Sila assobiou.

- Isso é uma novidade nos anais do Fórum! Todos os dias? Quer chova quer faça sol? Sejam sessões formais ou não?

- Todos os dias. Quando o pretor urbano, o seu companheiro inseparável, Gláucia, obedecendo às ordens do Pontifex Maximus, informoo”799

Saturnino de que não podia discursar em dias de mercado, feriados ou dias não-comiciais, Saturnino ignorou-o por completo. E como é tribuno da plebe, ninguém tentou expulsá-lo - Mário franziu as sobrancelhas, preocupado. - Consequentemente, a sua fama espalha-se cada vez mais, e vemos agora um tipo totalmente novo de frequentadores do Fórum: os que vêm apenas para ouvir as arengas de Saturnino. Ele tem - não sei o que lhe chamarias, mas penso que os Gregos têm uma palavra para isso

- *kharishia.* Eles sentem o seu entusiasmo, ao que julgo, porque, não sendo frequentadores habituais do Fórum, não possuem conhecimentos de retórica, e pouco lhes interessa o modo como agita o dedo mindinho ou varia o estilo ao andar. Não, ficam ali especados a olhar para ele, cada vez mais excitados com o que diz, e acabam aplaudindo-o furiosamente.

- Teremos de tê-lo debaixo de olho, não é? -perguntou Sila; e olhou para Mário com um ar sério. - Por que fizeste isso?

Mário não arranjou pretextos; respondeu imediatamente:

- Não tive outra hipótese, Lúcio Cornélio. A verdade é que não sou... não sei ser... suficientemente *tortuoso* para inspeccionar todos os recantos necessários se quiser manter-me um passo ou dois à frente de homens como o Escauro. Ele apanhou-me em flagrante. Reconheço-o de livre vontade.

- Mas de certo modo, salvaste o esquema - disse Sila, tentando reconfortá-lo. - O segundo projecto de lei das terras continua nas tabuinhas, e não julgo que a Assembleia da Plebe, nem sequer a Assembleia do Povo, vá anulá-la. Ou pelo menos, disseram-me que era assim que estavam as coisas.

- É verdade - confirmou Mário sem parecer reconfortado; encolheu a cabeça entre os ombros, e suspirou. - Foi Saturnino que venceu e não eu, Lúcio Cornélio. É *o seu* sentido do ultraje que mantém a Plebe *firme.* Perdi-os - Mário contorceu-se, lançou as mãos à cabeça. - Como vou sobreviver até ao fim do ano? já é uma provação ter de caminhar através da torrente de vaias e apupos vindos da zona dos rostros sempre que Saturnino está a discursar, mas quanto a entrar na Cúria... *odeio-o! Odeio* o sorriso hipócrita no rosto desagradável de Escauro, abomino o sorriso afectado na cara de camelo do Catulo: não fui feito para a arena política, e essa é uma verdade que só agora comecei a descobrir.

- Mas tu subiste o *curjui honoruin,* Caio Mário! - exclamou Sila. Foste *um* dos grandes tribunos da plebe! Conheceste a arena política e adoraste-a, senão nunca terias sido um grande tribuno da plebe.

Mário encolheu os ombros.

- Oh, nessa altura era novo, Lúcio Cornélio. E tinha um bom cérebro. Mas não sou um animal político.

- E vais ceder o centro do palco a um ganancioso como o Saturnino? Isso não me parece do Caio Mário que conheço - disse Sila.

- Não sou o Caio Mário que conheces - respondeu Mário com um sorriso ténue. - O novo Caio Mário está muito, muito cansado. É tanto um estranho para *ti* como para mim, acredita!

- Então, vai passar fora o Verão, peço-te!

- Tenciono ir - afirmou Mário -, logo que dês o nó *com* a Élia. Sila sobressaltou-se, depois riu.

- Deuses, tinha-me esquecido por completo! - Pôs-se de pé graciosamente; era um homem bem constituído no auge da vida. - É melhor ir para casa e pedir à nossa sogra para me receber, não é? Não há dúvida que ela se tem esforçado - Sila estremeceu - por deixar-me.

Mário não ligou ao arrepio, concentrando-se no comentário.

- Sim, está ansiosa. Comprei-lhe uma pequena *villa* perto da nossa de Cumas.

- Então, vou para casa tão veloz como Mercúrio procurando um contrato para pavimentar a Via Ápia! - Sila estendeu a mão. - Toma conta *de* ti, Caio Mário. Se a Élia ainda quiser, dou o nó imediatamente - *o ocorreu-lhe* uma ideia, e Sila riu. - Tens toda a razão! Catulo César parece um camelo! Que altivez *monumental!*

júlia estava à espera do lado de fora do gabinete para falar com Sila antes de ele sair.

- O que te parece? - perguntou ansiosamente.

- Ele vai ficar bem, irmãzinha. Derrotaram-no e está a sofrer. Leva-o para a Campânia, fá-lo banhar-se no mar e espojar-se nas rosas.

- É o que farei logo que te cases.

- Eu caso-me, eu caso-me! - exclamou Sila, erguendo as mãos em sinal de rendição.

júlia suspirou.

- Há uma coisa a que não podemos escapar, Lúcio Cornélio: meio ano no *Fórum esgotou mais* o Caio Mário do que dez anos no *campo de* batalha com os seus exércitos.

Parecia que todos precisavam de descansar, pois quando Mário partiu para Comas, a vida pública de Roma manteve-se numa inércia tépida.801

Um por um, os notáveis abandonaram a cidade, insuportável durante o pino do Verão, quando todo o tipo de febres entéricas grassavam entre a Subura e o Esquilino, e mesmo o Palatino e o Aventino eram discutivelmente saudáveis.

A vida na Subura não preocupava excessivamente Aurélia: vivia numa caverna fresca, com a protecção das plantas do pátio e das paredes grossíssimas da ínsula. Caio Mário e a mulher, Priscila, estavam nas mesmas condições que ela e César, dado que Priscila também estava no termo da gravidez, e o seu bebé era esperado na mesma altura que o de Aurélia.

As duas mulheres eram muito bem tratadas. Caio Mário era sempre prestável e Lúcio Decúmio aparecia todos os dias para saber se

estava tudo bem. As flores continuavam a chegar regularmente, aumentadas desde a gravidez com pequenas prendas de carnes doces, especiarias raras, tudo o que Lúcio Decúmio pensasse que podia satisfazer o apetite da sua querida Aurélia.

- Como se eu tivesse perdido o apetite! - contava ela, rindo, a Públio Rutílio Rufo, outra visita habitual.

O seu filho, Caio Júlio César, nasceu no décimo terceiro dia de Quinctilis, pelo que o nascimento foi registado no templo de Juno Lucina como tendo ocorrido dois dias antes dos Idos de Quinctilis, de estatuto patrício e categoria senatorial. Era muito comprido, e por isso pesava mais do que parecia; era muito forte; era solene e calado, não tinha tendência para choramingar; tinha o cabelo tão claro que era quase invisível, embora ao perto se notasse que tinha muito cabelo; e o primeiro tom dos seus olhos era de um azul claro acinzentado com uma orla dum azul

tão escuro que parecia negro.

- Este teu filho é qualquer coisa! - disse Lúcio Decúmio, olhando fixamente para a cara do bebé. - Olha-me para aqueles olhos! Devem assustar a tua avó!

- Não digas essas coisas, verruga horrível! - resmungou Cardixa, que estava fascinada por este primeiro filho.

- Dá uma vista de olhos lá por baixo - pediu Lúcio Decúmio, deitando os dedos sujos aos cueiros do bebé. - Oh, oh! - disse alegremente.

- Exactamente como eu pensava! Nariz grande, pés grandes e pila grande!

- LÚcio Decúmio! - repreendeu Aurélia, escandalizada.

- Basta! Fora! - vociferou Cardixa pegando-lhe pelo cachaço e pondo-o fora da porta principal como uma mulher mais pequena a pôr um gato na rua.[802]

Sila fez uma visita a Aurélia quase um mês após o nascimento da criança, explicando que ela era a única pessoa sua conhecida em Roma, e pedindo desculpa caso estivesse a impor-se.

- Claro que não! - exclamou ela, contente por vê-lo. - Espero que possas ficar para o jantar. Ou se não puderes hoje, talvez possas vir amanhã. Tenho tanta falta de companhia!

- Posso ficar - disse ele sem fazer cerimónia. - Só voltei a Roma para ver um velho amigo meu que está com febre.

- Quem é? Alguém que eu conheça? - perguntou ela, mais por delicadeza do que por curiosidade.

Mas por um momento, pareceu-lhe que a pergunta não era bem-vinda, ou talvez fosse dolorosa; a expressão no rosto dele interessou-a muito mais do que a identidade do amigo doente, pois era uma expressão triste, infeliz, zangada. Depois, esbateu-se, e ele sorriu com o à-vontade habitual.

- Duvido que o conheças - disse. - Metróbio.

- O actor?

- Esse mesmo. Conheci muita gente do teatro. Antigamente. Antes de ter casado com a Julilla e de ter entrado para o Senado. Um mundo diferente. - Os seus estranhos olhos claros vaguearam pela sala de recepções. - Mais parecido com este mundo, só que mais imperfeito. Tem graça! Agora, parece-me um sonho!

- Pareces lamentá-lo - disse Aurélia suavemente.

- Não, não o lamento.

- E o teu amigo Metróbio irá melhorar?

- Sim! Só tem febre.

Tombou um silêncio que não era desconfortável e foi quebrado por Sila sem palavras, quando se levantou e atravessou o grande espaço aberto que dava para o pátio como uma janela.

Isto é adorável. É.

E o teu filho? Como é ele? Ela sorriu.

- Vais vê-lo muito em breve.

- Excelente - Sila ficou a olhar para o pátio.

- Lúcio Cornélio, está tudo bem? - perguntou ela.

Ele virou-se então, a sorrir; **Aurélia pensou que** era um homem atraente de um modo pouquíssimo comum. E como os seus olhos eram desconcertantes:803

tão claros, tão rodeados de escuridão. Tal como os olhos do seu próprio filho. E, por qualquer motivo, aquele pensamento causou-lhe um arrepio.

- Sim, Aurélia, está tudo bem - respondeu Sila.

- Gostava de pensar que estás a contar-me a verdade.

Ele abriu a boca para responder, mas nesse momento entrou Cardixa com o pequeno herdeiro do nome de César.

- Vamos para o quarto piso - disse Cardixa.

- Mostra-o primeiro a Lúcio Cornélio, Cardixa.

Mas as únicas crianças por quem Sila se interessava eram os seus dois filhos, e por isso espreitou respeitadoramente para a cara do bebé, e olhou depois para Aurélia, para ver se ficara satisfeita.

- Podes ir, Cardixa - disse, livrando Sila do seu suplício. - Quem é esta manhã?

- A Sara.

Ela voltou-se para Sila com *um* sorriso agradável e natural.

- Não tenho leite! Por isso, o meu filho vai buscar alimento a vários lados. É uma das grandes vantagens de viver numa grande comunidade como uma ínsula. Há sempre pelo menos meia dúzia de mulheres a amamentar, e todas são simpáticas e oferecem-se para alimentar os meus bebés.

- Vai crescer a gostar do mundo inteiro - disse Sila. - Os teus inquilinos são quase o mundo inteiro.

- Pois são. Isso torna a vida interessante. Sila voltou a fixar o olhar no pátio.

- Lúcio Cornélio, só estás parcialmente aqui - acusou ela brandamente. - *Passa-se* alguma coisa! Não podes contar-me? Ou é um daqueles problemas que só podem ser discutidos entre homens?

Sila foi sentar-se no leito oposto ao dela.

- É que nunca tenho sorte com as mulheres - disse abruptamente. Aurélia pestanejou.

- Em que sentido?

-As mulheres que eu... amo. As mulheres com quem me caso. Interessante; era-lhe mais fácil falar do casamento do que do amor.

- De qual se trata?

- Um pouco de cada. Apaixonado por uma; casado com a outra.

- Oh, Lúcio Cornélio! - Aurélia olhou para ele com agrado genuíno mas sem o mínimo desejo. - Não te perguntarei nomes, pois não os quero saber. Faz-me tu as perguntas. Tentarei *dar-te as* respostas.804

Sila encolheu os ombros.

- Não há muito a dizer! Casei com a Élia, que foi escolhida pela nossa sogra. Depois dajulilla, eu queria uma perfeita matrona romana: alguém como *ajúlia, ou* como tu se fosses um pouco mais

velha. Quando a Márcia me apresentou a Élia, julguei que seria o ideal: calma, calada, bem-disposta, atraente, é boa pessoa. E pensei: ”Excelente! Tenho por fim a minha matrona romana. Como não posso amar ninguém, por isso posso casar-me com alguém de quem possa gostar.

- Creio que gostaste da tua mulher germana - afirmou Aurélia.

- Sim, muito. Ainda sinto a falta dela em aspectos particulares. Mas como não é romana, não serve para um senador em Roma. Decidi então que a Élia seria como a Hermana - Sila riu-se sonoramente. - Mas enganei-me! Afinal a Élia é lenta, prosaica e aborrecida. É, de facto, boa pessoa, mas ao fim de algum tempo com ela, começo a bocejar!

- É boa para os teus filhos?

- Muito boa. Aí não há razão de queixa! - ele voltou a rir, - Devia tê-la contratado para ama; teria sido o ideal. Adora as crianças e as crianças adoram-na.

Sila falava agora quase como se ela não existisse, ou como se não fosse importante como ouvinte mas sim como uma presença que lhe dava *uma desculpa para dizer em voz alta* o que *pensava* há muito tempo.

- Logo que regressei da Gália Italiana, convidaram-me para um jantar na casa de Escauro - prosseguiu Sila. - Fiquei um pouco lisonjeado; um pouco apreensivo. Imaginei se iam estar lá todos: o Metelo Suíno e os outros--- e tentei afastar-me de Caio Mário. Lá estava ela, coitada. A mulher de Escauro. Por todos os deuses do mundo, porque tinha de ser ela a estar casada com o Escauro? Ele podia ser seu bisavÔ! Dalmática. É o nome dela. É uma forma de manter na linha os milhares de Cecílias Metelas. Mal a vi, amei-a. Pelo menos, penso que é amor. Também há piedade nisto, mas como nunca deixo de pensar *nela, acho que tem de* ser amor. E está *grávida. Não* é repugnante? Ninguém lhe perguntou O que queria,

claro. O Metelo Suíno deu-a ao Escauro como se dá um favo de mel a uma criança. Toma, o teu filho está morto, aqui tens o prémio de consolação! Faz outro filho! Repugnante. E no entanto, se me conhecessem, seriam eles que ficariam repugnados. Não sei por quê, Aurélia. Eles são mais imorais do que eu! Mas seria impossível fazê-los ver as coisas dessa maneira.[805]

Aurélia aprendera muito desde que se mudara para a Subura; todos falavam com ela, desde Lúcio Decúmio até aos homens livres que se amontoavam nos dois pisos superiores. E as coisas aconteciam; coisas nas quais a senhoria estava envolvida, gostasse ou não; coisas que teriam chocado profundamente o seu marido se as soubesse, Aborto. Feitiçaria. Crime. Roubos com violência. Violação. *Delirum tremens e* outras dependências piores. Loucura. Desespero. Depressão. Suicídio. Tudo isso acontecia *em* todas as ínsulas, e acabava do mesmo modo; não valia a pena levar esses casos ao tribunal *dopraetorurbaniís!* Eram os habitantes que os resolviam e era executada do modo mais sumário uma severa justiça. Olho por olho, dente por dente, vida por vida.

À medida que ouvia, Aurélia compunha uma imagem de Lúcio Cornélio Sila que não estava muito longe da verdade. Entre os aristocratas que o conheciam, ela era a única que compreendia as suas origens, e também entendia as dificuldades que a sua natureza e a educação tinham provocado. Ele reclamara o seu direito de primogenitura mas estava também permanentemente marcado pelos antros de Roma.

E à medida que Sila falava de um assunto, a sua mente vagueava por outros que não ousava dizer à sua ouvinte: como desejara desesperadamente a mulher-criança grávida de Escauro, e não inteiramente pela carne ou pelo espírito. Ela era ideal para os seus propósitos. Mas era casada com Escauro *confarreatio, e* ele estava comprometido com a entediante Élia, desta vez não pelo sistema de *confarreato! O* divórcio era terrível; Dalmática ensinava-lhe uma lição que ele já aprendera a esse respeito. Mulheres. Nunca teria sorte com mulheres; sabia-o no seu íntimo. Seria por causa do seu outro lado? Que relação gloriosa, maravilhosa, com Metróbio! E no entanto, não tivera mais desejo de viver com Metróbio do que com Julilla. Talvez fosse isso: não gostava de partilhar-se. Era demasiado perigoso. Oh, mas sentira desejo por Cecília Metela Dalmática, esposa de Marco Emílio Escauro Princeps Senatus! Repugnante. Não costumava pôr objecções à relação entre homens velhos e noivas muito novas. Neste *caso era pessoal.* Como estava apaixonado por ela, era especial.

- E Dalmática, gostou de ti, Lúcio Cornélio? - perguntou Aurélia, penetrando nos seus pensamentos.

Sila não hesitou.

- Oh, sim! Não tenho dúvidas.

- E o que vais fazer?

Sila estremeceu.806

- Fui longe demais, paguei demasiado! não posso parar *agora,* Aurélia! Mesmo que eu tivesse uma história com a Dalmática, os *boni* tratariam de arruinar-me. Também ainda não tenho muito dinheiro. Só o suficiente para me manter no Senado. Ganhei algum com os Germanos, mas não mais do que a minha parte. E não vou subir facilmente o resto do caminho. Eles sentem em relação a mim o mesmo que em relação a Caio Mário, embora por razões diferentes. Nenhum de nós se conforma com os seus malditos ideais. Mas não conseguem entender por que motivo nós temos capacidades e eles não. Sentem-se usados, abusados. Eu tenho muito mais sorte do que Caio Mário. Pelo menos, tenho sangue patrício. Mas está manchado com a Subura. Actores. Vida grosseira. Não sou um dos Homens de Bem - Sila inspirou. - Apesar disso, vou ultrapassá-los, Aurélia! Porque sou o melhor cavalo da corrida.

- E o que acontecerá se o prêmio não valer o esforço? Sila abriu muito os olhos, espantado com o disparate.

- Nunca vale o esforço! Nunca! Não é por isso que qualquer de nós corre. Quando nos aparelham para as nossas sete voltas da corrida, é contra nós que corremos. Que outro desafio podia existir para Caio Mário? É o melhor cavalo. Por isso, corre contra si próprio. Tal como eu. Eu sou capaz. Vou conseguir! Mas isso só me diz respeito a *mim mesmo.*

E ela corou do seu disparate.

- Claro - levantando-se, Aurélia estendeu a mão. - Vem, Lúcio Cornélio! Está um belo dia apesar do Calor. A Subura está *completamente* entregue a si própria: todos os que podem deixar Roma no Verão partiram. Só ficaram os pobres e os dementes! E eu. Vamos dar um passeio, e quando voltarmos, jantaremos. Enviarei uma mensagem ao tio Públio para que venha ter connosco; penso que ainda está na cidade - Aurélia fez uma careta. - Tenho de ser cuidadosa, entendes, Lúcio CornélIO? O meu marido confia em mim tanto como me ama, o que já é muito. Mas não gostaria que eu desse origem a mexericos, e eu tento ser *uma* esposa tradicional. Ficaria horrorizado ao pensar que eu *não te convidara para* jantar. Mas se o tio Públio puder vir, Caio Júlio elogiar-me-á Sila olhou-a com afecto.

- As ideias absurdas que os homens têm em relação às esposas! Não és de longe a criatura sobre quem Caio Júlio divaga nos jantares militares em campanha.

- Eu sei - disse a rapariga. - Mas ele não sabe.807

O calor do Vicus Patricii envolvia-lhes as cabeças como um cobertor sufocante; *Aurélia arfou* e curvou-se.

- Isto ajuda-me a decidir! Não pensei que estivesse tanto calor! Eutychus pode Ir a *correr* até às Carinas buscar o tio Públio; aguentará o exercício. E nós ficaremos sentados *no jardim* - ela conduziu-o, continuando a falar. - Anima-te, Lúcio Cornélio! Estou certa de que tudo acabará bem. Volta para Circeios e *para* a tua mulher bela e aborrecida. A seu tempo gostarás mais dela. E será melhor para ti não tornares a ver sequer Dalmática. Que idade tens?

O sentimento encurralado começava a soltar-se; o rosto de Sila iluminou-se, o sorriso tornou-se mais natural.

-Este ano é *um marco,* Aurélia. Fiz quarenta anos no dia de Ano Novo.

- Ainda não és nenhum velho!

- Em alguns aspectos, sou. Ainda nem fui pretor e já tenho um ano além da idade habitual.

- Estás outra vez melancólico e não há necessidade disso. Olha para o nosso velho cavalo de batalha, Caio Mário! O seu primeiro consulado foi aos cinquenta, oito anos além da idade certa. Se o visses pronto para participar na corrida de Marte, considerava-lo o melhor cavalo? Apostarias que seria ele o Cavalo de Outubro? No entanto, fez todos os seus grandes feitos depois dos cinquenta.

- É bem verdade - concordou Sila, e sentiu-se mais animado. - Que deus da fortuna me sugeriu que viesse visitar-te hoje? És uma boa amiga, Aurélia. Uma ajuda.

- Talvez um dia me vire para *ti* em busca de auxílio.

- Só terás de pedir - Sila olhou para cima, para as varandas nuas dos pisos superiores. - És corajosa! Não há telas. Eles não abusam do privilégio?

- Nunca.

Sila riu-se com risadas de divertimento genuíno,

- Creio que tens todos os casos difíceis da Subura na palma da tua mãozinha!

Assentindo, sorrindo, Aurélia embalou-se para trás e para a frente no seu banco de jardim.

- Gosto da minha vida, Lúcio Cornélio. Sinceramente, não me importo se Caiojúlio nunca conseguir juntar o dinheiro para comprar aquela casa no Palatino. **Aqui na Subura, estou** ocupada, sou produtiva, estou rodeada de todo o tipo de pessoas interessantes. É a minha corrida.

- Apenas com um ovo na taça e um golfinho em baixo - disse Sila terás muito que correr.

- Tal como tu - afirmou Aurélia.

Era evidente quejúlia sabia que Mário nunca passaria o Verão inteiro em Cumas, embora ele tivesse falado como se não voltasse a Roma antes do início de Setembro; mal o seu equilíbrio começasse a voltar ao normal, ficaria ansioso por voltar à luta. Por isso, ela dava graças por cada dia que passava, pois ao chegar ao campo, Mário deixava atrás tanto a *togapraetexta* dos políticos como a couraça militar e tornava-se por algum tempo um proprietário rural como os seus antepassados. Os dois nadavam na pequena praia abaixo da sua magnífica *villa,* e empanturravam-se de ostras frescas, caranguejos, gambas e atum; passeavam pelos montes pouco povoados por entre uma profusão de rosas que enchiam o ar com o seu perfume; recebiam pouco e fingiam estar fora sempre que aparecia gente. Mário construiu um barco de várias espécies para o jovem Mário, e divertiu-se quase tanto como ele com a sua imitação instantânea de um peixe de profundidade. Júlia pensou que nunca fora tão feliz como durante esse Verão tranquilo em Cumas. Dando graças por cada dia que passava.

Mas Mário não regressou a Roma. Sem dor e subtilmente, a pequena apoplexia ocorreu durante a primeira noite do mês de Sírius, Sextilis; Mário só reparou ao acordar que a sua almofada estava molhada no lugar onde podia ter-se babado a dormir. Quando foi tomar o pequeno-almoço e encontrou Júlia no terraço observando o mar, olhou-a admirado por ela o fitar com uma expressão que nunca lhe tinha visto no rosto.

- O que se passa? - murmurou, com a língua pastosa e desajeitada, uma falta de sensação peculiar.

- A tua cara... - disse ela, empalidecendo.

Mário elevou as mãos para tocar-lhe, com os dedos da mão esquerda tão desajeitados como a língua.

- O que é? - perguntou.

- A tua cara.--- está descaída do lado esquerdo - disse ela, e sufocou mal se fez luz no seu espírito. - Oh, Caio Mário! Tiveste uma apoplexia! Mas como ele não sentia dores nem tinha a consciência directa de qualquer alteração, recusou-se a acreditar até Júlia o levar a um grande espelho de prata polida para se ver. O lado direito do rosto estava firme, elevado, não muito enrugado para um homem da sua idade, ao passo que809

o esquerdo se assemelhava a uma máscara de cera a derreter ao calor de um archote, escorrida, abatida, a cair.

- *Não sinto* nenhuma diferença! - exclamou, espantado, - Não sinto diferença na minha mente, onde se sentem as doenças. A minha língua não me ajuda a pronunciar as palavras de modo adequado, mas a cabeça sabe como dizê-las, e estás a compreender o que eu digo e eu compreendo o que dizes: por Isso, não perdi a faculdade da fala! A minha mão esquerda atrapalha-se mas consigo movê-la. E não sinto nenhuma dor!

Quando ele, furioso e a tremer, se recusou a mandar vir um médico, Júlia desistiu, receando que a resistência o fizesse piorar; durante todo o dia, observou-o e pôde dizer-lhe, ao convencê-lo a ir para a cama pouco antes da meia-noite, que a paralisia parecia não ter variado desde a madrugada.

- Isso é com certeza bom sinal - disse-lhe. - Hás-de melhorar a tempo. Só tens de repousar, ficar aqui mais tempo.

- Não posso! Pensarão que não quero enfrentá-los!

- Se te visitarem, como tenho a certeza que farão!, poderão ver com os seus próprios olhos qual é o problema, Caio Mário. Queiras ou não, vais ficar aqui até melhorares - ordenou Júlia num tom autoritário que era novo na sua voz. - Não. Não discutas comigo! Eu tenho razão, e sei que a tenho! Se regressares a Roma neste estado, o que pensas que podes fazer senão ter outra apoplexia?

- Nada - resmungou o marido, e encostou-se na cama, desesperado. - Júlia, Júlia, como posso recuperar de uma coisa que me faz sentir mais feio do que doente? Tenho de *recuperar! Não posso* deixá-los derrotar-me, **agora que tenho** tanta coisa em jogo!

- Não vão derrotar-te, Caio Mário - afirmou Júlia com firmeza. A única coisa que te há-de derrotar é a morte, e não vais morrer desta pequena apoplexia. A paralisia há-de melhorar.

E se repousares, se te exercitares com sensatez, se comeres com *moderação,* não beberes vinho e não te preocupares com o que está a acontecer em Roma, será muito mais rápido.

As chuvas da Primavera não caíram na Sicília nem na Sardenha, e foram escassas em África. Mais tarde, quando o pouco trigo que crescera começou a formar espigas, caíram chuvas torrenciais; as inundações e os pulgões destruíram completamente os cereais. Só de África veio uma pequena colheita para Putéolos e óstia. O que significava que Roma810

enfrentava o seu quarto ano de preços altos para os cereais e uma escassez que prenunciava a fome.

O cônsul júnior *eflamen Alartialis,* Lúcio Valério Flaco, deparou com os celeiros vazios abaixo dos rochedos do Aventino, ao lado do porto de Roma, e os celeiros particulares ao longo do Vicus Tuscus Poucos cereais tinham. Segundo os mercadores disseram a Flaco e aos seus edis, este pouco que havia poderia ser vendido por mais de cinquenta sestércios *por modius,* o correspondente a apenas treze libras. Eram poucas - se é que as havia - as famílias dos *capite censi* que podiam pagar um quarto desse valor. Havia outros alimentos mais baratos, mas a falta de trigo fazia aumentar todos os géneros alimentícios devido ao consumo excessivo e à produção limitada. E as barrigas habituadas a alimentar-se de bom pão não se satisfaziam com papas de aveia finas e nabos, a base da alimentação em tempos de fome. Os fortes e saudáveis sobreviviam; mas os idosos, os fracos, os muito jovens e os doentes morriam quase sempre.

Em Outubro, os *capte censi* começaram a ficar impacientes; frémitos de medo começavam a percorrer os habitantes comuns da cidade. Porque *os capite censi* de Roma privados de comida era uma perspectiva que ninguém que vivesse perto deles podia encarar sem medo. Muitos dos cidadãos da Terceira e Quarta Classes, que teriam sempre dificuldade em comprar cereais tão caros, começaram a arranjar armas para defenderem as despensas das depredações dos que possuíam menos que eles.

Lúcio Valério Flaco conferenciou com os edis curuis - responsáveis pelas compras de cereais do Estado, tanto para armazenamento como para venda - e pediu ao Estado fundos extraordinários para comprar cereais onde e do tipo que pudessem ser adquiridos - cevada, milho-miúdo, trigo. No entanto, poucos membros do Senado estavam verdadeiramente preocupados; demasiados anos de isolamento das classes inferiores separavam-nos dos motins dos *capite censi.*

Para piorar as coisas, os dois jovens que ocupavam o cargo de quesrores do Tesouro eram do tipo mais exclusivista e impiedoso de senadores, e não tinham os *capite cens* em grande consideração. Ao seren, eleitos questores, ambos tinham pedido para exercer o cargo dentro da cidade de Roma, declarando que tencionavam ”travar os escoamentos injustificados do Tesouro de Roma” - uma forma impressionante de dizer que não tencionavam autorizar a saída de dinheiro para os exércitos de *capite censi* ou para os cereais destes. O questor urbano - superior de ambos - era Cepião Júnior, filho do cônsul que roubara o ouro de811

Tolosa e perdera a batalha de Arausio; o outro era Metelo Bacorinho, o filho do exilado Metelo Numídico. Ambos tinham contas a ajustar com Caio Mário.

Não era habitual os senadores contrariarem as recomendações dos questores do Tesouro. Interrogados na Assembleia quanto ao estado dos assuntos fiscais, tanto Cepião Júnior como Metelo Bacorinho disseram terminantemente que não havia dinheiro para cereais. Graças às enormes quantias que tivera de dispender durante vários anos no equipamento, pagamento e alimentação dos exércitos de *capite censi,* o Estado estava falido. Os dois questores disseram que nem a guerra contra Jugurta nem a guerra contra os Germanos fizera entrar o dinheiro suficiente em pilhagens e tributos para acertar o balanço financeiro negativo do Estado. E os tribunos do Tesouro com os seus livros de contas ajudaram-nos a prová-lo. Roma estava falida. Os que não tinham dinheiro para pagar o preço dos cereais teriam de morrer à fome. Lamentavam-no, mas era essa a realidade.

No início de Novembro, corria por Roma inteira o boato de que não haveriam cereais do Estado a preços acessíveis, pois o Senado recusara-se a votar a atribuição de fundos com essa finalidade. O boato não mencionava más colheitas ou embirrentos questores do Tesouro; afirmava apenas que não haveria cereais baratos.

O Fórum Romano começou imediatamente a encher-se de multidões que lhe eram estranhas, e os frequentadores habituais do Fórum

misturavam-se ou juntavam-se aos recém-chegados. Estas multidões de *capite censi* e da Quinta Classe eram tão desagradáveis como o seu mau-humor. Os senadores e outros homens de toga recebiam assobios de milhares de línguas ao percorrerem aquilo que consideravam como seu território, mas no início não se intimidaram com facilidade. Depois, os assobios transformaram-se em saraivadas de imundícies: fezes, estrume, lama fedorenta do Tibre, lixo apodrecido. Então, o Senado libertou-se de tais complicações suspendendo todas as actividades, deixando infelizes tais como banqueiros, mercadores cavaleiros, defensores e tribunos do Tesouro a sofrer a conspurcação das suas pessoas sem qualquer apoio senatorial.

Como não tinha a força necessária para tomar a iniciativa, o cônsul júnior, Flaco, deixou a questão pairar, enquanto Cepião Júnior e Metelo Bacorinho se congratulavam com um trabalho bem feito. Se morressem alguns milhares de *capite censi* durante o Inverno, ficariam menos bocas para alimentar.

812

Foi então que o tribuno da plebe Lúcio Apuleio Saturnino convocou a Assembleia da Plebe, e propôs uma lei relativa aos cereais. O Estado compraria todas as onças de trigo, cevada e milho-miúdo existentes na Itália e na Gália Italiana, e vendê-las-ia pela quantia ridícula de um sistércio por *modus.* Era evidente que Saturnino não se referiu a números impossíveis quanto ao embarque do que quer que fosse da Gália Italiana para regiões a sul dos Apeninos, nem ao facto de quase não haver trigo a sul dos Apeninos. O que queria era a multidão, e para isso, tinha de se colocar aos olhos dela como seu único salvador.

A resistência foi quase nula na ausência de um Senado reunido, pois a escassez dos cereais afectava toda a gente de Roma que se encontrava a um nível abaixo dos ricos. Toda a cadeia alimentar e os seus participantes estavam do lado de Saturnino. O mesmo acontecia à Terceira e Quarta Classes, e mesmo muitas das centúrias da Segunda Classe. Quando a curva de Novembro resvalava pelo declive que ia dar a Dezembro, Roma inteira estava do lado de Saturnino.

- Se as pessoas não podem comprar trigo, não podemos fazer pão! gritava a Associação dos Moleiros e Padeiros.

- Se as pessoas têm fome, não trabalham bem! - exclamava a Associação dos Construtores.

- Se as pessoas não podem alimentar os seus filhos, o que acontecerá aos seus escravos? - berrava a Associação dos Homens Livres.

- Se as pessoas têm de gastar o seu dinheiro em comida, não podem pagar as rendas! - bramia a Associação dos Senhorios.

- Se as pessoas têm tanta fome que começam a pilhar as lojas e derrubar as bancas dos mercados, o que nos acontecerá? - protestava a Associação dos Mercadores.

- Se as pessoas forem aos nossos lotes à procura de comida, não teremos produção para vender! - queixava-se a Associação dos Hortelãos.

A questão não se resumia a alguns milhares de homens dos *capite censi* morrerem à fome; mal os cidadãos pobres e remediados de Roma deixassem de poder comer, cento e um tipos de negócios e ofícios sofreriam com isso. A fome era uma calamidade económica. Mas o Senado não se reunia, nem mesmo em templos segundo o processo habitual, e Saturnino propôs uma solução. E a sua solução baseava-se numa premissa errada: de que havia cereais que o Estado podia comprar. Saturnino acreditava que existiam, achando que todos os aspectos da crise eram fabricados, e[813]

que a culpa era de uma aliança entre os políticos do Senado e os escalões mais altos dos donos dos cereais.

Os mil rostos no Fórum voltaram-se para ele como girassóis virados para o sol. Entusiasmado pela força do seu discurso, Saturnino começou a acreditar naquilo que gritava; começou a acreditar em cada um dos rostos que os seus olhos encontravam na multidão; começou a crer num novo modo de governar Roma. O que importava afinal o Senado? O que importavam os senadores, quando as multidões como esta os faziam meter o rabo entre as pernas e esgueirar-se para casa? Quando as apostas estavam na mesa e chegava o momento de lançar os dados, eram *eles* que contavam, aqueles rostos na enorme multidão. Eram *eles* que detinham o verdadeiro poder; os que pensavam tê-lo só o possuíam enquanto aqueles rostos no meio da multidão o permitissem.

Por isso, o que importava o consulado? O que importava o Senado? Conversa, fanfarronice, uma insignificância! Não havia exércitos em Roma nem mais perto de Roma que os centros de treino de recruta de Cápua. Os cônsules e o Senado detinham o poder sem o apoio das armas ou dos números. Mas no Fórum o poder era verdadeiro, ali estavam os números que sustentavam esse poder. Para que servia ser-se o Primeiro Homem de Roma? Não era preciso! Caio Graco também teria percebido isso? Ou teria sido obrigado a matar-se antes de o perceber?

”Eu”, pensou Saturnino, saboreando a visão dos rostos na multidão gigantesca, ”hei-de ser o Primeiro Homem de Roma! Mas não como cônsul. Como tribuno da plebe. São os tribunos da plebe e não os cônsules que detêm o poder genuíno. E se Caio Mário conseguiu ser eleito cônsul perpetuamente, o que impedirá Saturnino de ser eleito tribuno da plebe perpetuamente?”

No entanto, Saturnino escolheu um dia tranquilo para aprovar o seu projecto de lei dos cereais, principalmente porque teve a sabedoria de ver que a oposição dos senadores ao fornecimento de cereais baratos tinha de continuar a parecer arbitrária e elitista; por isso, não devia estar uma grande multidão presente no Fórum. Se tal acontecesse, o Senado teria a oportunidade de acusar a Assembleia da Plebe de desordem, motim, violência, e poderia denunciar a lei como nula. Saturnino continuava irritado com o segundo projecto da lei agrária, a traição de Caio Mário e o exílio de Metelo Numídico; o facto de a lei estar ainda gravada nas tabuinhas era obra sua e não de Caio Mário. Isso fazia *dele* o verdadeiro autor das concessões de terras para os veteranos dos *capite* censi.

Novembro tinha poucos feriados, em especial feriados em que Os Comícios pudessem reunir. Mas surgiu a sua oportunidade de encontrar um dia calmo quando morreu um cavaleiro fabulosamente rico, e os seus filhos organizaram jogos fúnebres gladiatoriais em sua honra. O local escolhido para os jogos - habitualmente o Fórum Romano - foi o Circo Flamínio, para evitar as multidões que se reuniam todos os dias no Fórum Romano.

Foi CepiãoJúnior que estragou os planos de Saturnino. A Assembleia da Plebe foi convocada; os augúrios eram auspiciosos; o Fórum tinha a sua frequência habitual, pois a multidão estava no Circo Flamínio; os outros tribunos da plebe estavam ocupados a tirar as sortes para saber a ordem da votação das tribos; e o próprio Saturnino não abandonava os rostros, exortando os grupos de tribos que se formavam no vão dos Comícios a votar segundo a sua orientação.

Na ausência manifesta de sessões senatoriais, Saturnino não pensara que alguns membros do Senado estivessem atentos ao que se passava no Fórum, pondo obstáculos aos outros nove tribunos da plebe, que se limitavam a fazer o que lhes mandavam. Mas havia membros do Senado que sentiam tanto desprezo pela conduta cobarde daquele organismo como Lúcio Apuleio Saturnino, Eram todos novos, questores que haviam entrado em funções esse ano ou há dois anos atrás, e possuíam aliados entre os filhos dos senadores e os cavaleiros da Primeira Classe que ainda não tinham idade para entrar no Senado ou nos lugares superiores das empresas dos pais. Reunindo-se em grupos em casa de uns e outros, eram chefiados por Cepião Júnior e Metelo Bacorinho, e tinham um conselheiro-confidente mais maduro para os orientar e dar finalidade ao que podia ter acabado apenas numa série de discussões iradas, submersas num excesso de vinho.

O seu conselheiro-confidente rapidamente se ia tornando o seu ídolo por ter as qualidades que os jovens tanto admiram: era ousado, intrépido, calculista, sofisticado, gostava de comer bem e de mulheres, era espirituoso, elegante e tinha uma impressionante folha de serviços em *combate.* Chamava-se Lúcio Cornélio Sila.

Com Mário de cama em Cumas por um período de tempo que *parecia* durar há meses, Sila encarregara-se de ver como as coisas corriam em Roma, de um modo que Públio Rutílio, por exemplo, nunca sonharia. O que motivava Sila não era propriamente a lealdade para com Mário; depois daquela conversa com Aurélia, Sila analisara detalhadamente as

suas perspectivas no Senado, e concluíra que Aurélia tinha razão: tal como Caio Mário, seria aquilo a que um jardineiro chamaria um rebento tardio. Nesse caso, não fazia sentido procurar amizade e alianças entre os senadores mais velhos do que ele. Escauro, por exemplo, era um caso perdido. E como aquela decisão lhe dava jeito! Afastava-o da agradável noiva-criança de Escauro, que era agora mãe da bebé Emília Escaura. Quando soube que Escauro tivera uma filha, Sila sentiu um enorme prazer. Vinha mesmo a calhar para aquele velho bode turbulento.

Na mira de salvaguardar o seu futuro político ao mesmo tempo que protegia o de Mário, Sila começou a cortejar a geração senatorial mais nova, escolhendo como alvos aqueles que eram: maleáveis, passíveis de ser influenciados, não muito inteligentes, extremamente ricos, de famílias importantes ou tão arrogantemente seguros de si, que ficavam expostos a uma forma subtil de lisonja, Os seus alvos principais eram Cepião Júnior e Metelo Bacorinho; Cepião Júnior por ser um patrício intelectual com acesso a jovens como Marco Lívio Druso (que Sila nem tentava lisonjear), e Metelo Bacorinho por saber o que se passava entre os mais idosos Homens de Bem. Ninguém sabia lisonjear homens novos melhor do que Sila, mesmo que os seus propósitos não tivessem nada a ver com a sexualidade, e por isso em breve convivia com eles, mostrando-se sempre divertido com as suas atitudes joviais de um modo que lhes sugeria existir a esperança de ele mudar de ideias e levá-los a sério. Não eram adolescentes; os mais velhos só tinham menos sete ou oito anos do que ele, e os mais novos quinze ou dezasseis anos menos. Tinham a idade suficiente para se considerarem completamente formados e a juventude suficiente para um Sila os fazer perder o equilíbrio. E o núcleo de um seguimento senatorial que, a seu tempo, teria uma enorme importância para um homem decidido a ser cônsul.

Mas naquela altura, a preocupação principal de Sila era Saturnino, a quem vinha a observar desde que as multidões tinham começado a reunir-se no Fórum e começara a hostilização aos dignitários de toga. A preocupação de Sila não era que a *lex Appuleia frumentária* fosse aprovada ou não; o que Saturnino precisava era de uma demonstração de que as coisas não correriam como ele queria.

Quando cinquenta ou sessenta dos jovens patrícios se reuniram em casa de Metelo Bacorinho na noite anterior àquela em que Saturnino planeava aprovar a lei dos cereais, Sila encostou-se a escutar a conversa num estado de espírito aparentemente divertido, até que Cepião

Júnior lhe caiu em cima e quis saber a sua opinião acerca do que deviam fazer.

Sila estava belo, com o cabelo ruivo-dourado cortado de forma a salientar as ondas mais atraentes, a pele estava imaculada, as sobrancelhas e pestanas sobressaíam (eles não sabiam, mas realçara-as com um *traço de súbium, senão* teriam *desaparecido* por completo), os olhos tinham a frieza apelativa dos olhos azuis de um gato.

- Acho que vocês são todos uns fanfarrões. - disse.

Metelo Bacorinho fora levado a crer que Sila não passava do cão amestrado de Mário; como qualquer romano, não achava *mal que* um homem se ligasse a uma facção, tal como assumia que esse homem não podia ser imparcial.

- Não somos fanfarrões - resmungou sem gaguejar. - Só que não sabemos qual é a táctica adequada.

- Opõem-se a um pouco de violência? - perguntou Sila.

- Não, quando serve para proteger o direito do Estado de decidir como gastar o dinheiro público de Roma - afirmou Cepião Júnior.

- Aí está - disse Sila. - O Povo nunca teve o direito de gastar os fundos públicos da cidade. Não nos opomos a que o Povo faça as leis. Mas o Senado deve fornecer o dinheiro que as leis do Povo exigirem... e o Senado pode negar-se a atribuir fundos. Se nos for retirado o direito de controlar os cordões à bolsa, não nos resta qualquer poder. O dinheiro é a única forma de tirar a força às leis do Povo quando não concordamos com elas. Foi isso que fizemos com a lei dos cereais de Caio Graco.

- Não impediremos que o Senado vote a atribuição de fundos quando esta lei for aprovada - disse Metelo Bacorinho, ainda sem gaguejar: quando estava com os amigos íntimos, não gaguejava.

- Claro que não! - exclamou Sila. - Nem impediremos que seja aprovada. Mas podemos mostrar a Lúcio Apuleio um pouco da nossa

força. Quando Saturnino exortava os seus votantes a fazer o que era preciso

quanto à *lex Appuleia frumentária,* as multidões dispersavam-se até ao Circo Flamínio e a sessão corria com a ordem que qualquer consular exigiria. Cepião Júnior entrou com duas centenas de seguidores no baixo Fórum Romano. Armados de paus e achas de lenha, eram na sua maioria sujeitos musculados com diafragmas moles, indicando que deviam ter sido gladiadores que agora tinham de alugar os seus serviços em *qualquer* tipo de tarefa que exigisse força ou violência. Contudo, os cinquenta jovens que estavam em casa de Metelo Bacorinho na noite anterior vinham[817]

à frente, liderados por Cepião Júnior. Lúcio Cornélio Sila não se encontrava entre eles.

Saturnino encolheu os ombros e observou impassível o grupo que atravessava o Fórum, depois virou-se para os Comícios e declarou encerrada a sessão.

- Não haverá cabeças partidas por minha culpa! - gritou aos votantes, fazendo dispersar os amontoados das tribos, alarmados. - Vão para casa e voltem amanhã! Então, aprovaremos a nossa lei!

No dia seguinte, os *capite censi* estavam de volta nos Comícios; não apareceu nenhum grupo de valentões do *Senado para* dissolver a sessão, e o projecto de lei dos cereais foi aprovado.

- Meu enormíssimo idiota - disse Saturnino a CepiãoJúnior quando se encontraram no templo de Júpiter Optimus Maximus, onde Valério Flaco achara que os Pais Conscritos estariam a salvo da populaça para discutirem o financiamento *da lex Appuleia frumintária* -, eu só estava a tentar aprovar uma lei válida numa assembleia convocada legalmente. Não havia multidões, o ambiente era tranquilo e os augúrios eram impecáveis. E o que acontece? Tu e os teus amigos idiotas aparecem para partir cabeças! - Saturnino virou-se para os grupos de senadores à sua volta. Não me lancem as culpas por a lei ter tido de ser aprovada no meio de vinte mil homens dos *capite censi!* A culpa é deste parvo!

- Este parvo culpa-se a si mesmo por não ter recorrido à força quando esta devia ter prevalecido! - gritou Cepião Júnior. - Devia ter-te morto, Lúcio Apuleio!

- Agradeço-te por teres dito isso em frente de todas estas testemunhas imparciais - disse Saturnino, a sorrir. - Quinto Servílio Cepião Júnior, acuso-te formalmente de traição menor, visto que tentaste impedir um tribuno

da plebe de cumprir o seu dever e por teres ameaçado a sacrossanta pessoa de um tribuno da plebe.

- Estás a preparar uma bela queda, Lúcio Apuleio - comentou Sila.

- Pára enquanto é tempo, homem!

- Apresentei uma acusação formal contra Quinto Servílio, Pais Conscritos - explicou Saturnino, ignorando Sila como se ele não tivesse qualquer importância -, mas esse assunto pode ser deixado a cargo do tribunal de crimes por traição. Estou hoje aqui para exigir dinheiro,

Havia menos de oitenta senadores presentes, apesar da segurança do local, e nenhum era muito importante; Saturnino olhou para eles com desprezo.818

- Quero dinheiro para comprar cereais para o Povo de Roma - disse,

- Se não o têm no Tesouro, sugiro que o peçam emprestado. *Porque eu quero dinheiro!*

Saturnino recebeu o dinheiro. Corado e a protestar, CepiãoJúnior, o questor urbano, recebeu ordens para fazer uma cunhagem especial de um armazenamento de emergência de barras de prata que se encontravam no templo de Ops, e pagar os cereais sem mais provocações.

- Ver-te-ei no tribunal - disse Saturnino docemente a Cepião Júnior quando a sessão terminou -, pois terei todo o prazer em ser eu mesmo a processar-te.

Mas foi aí que se excedeu; os cavaleiros jurados ficaram com aversão a Saturnino, e estavam a favor de Cepião Júnior quando a Fortuna mostrou também estar a favor dele. No meio do discurso da defesa, chegou uma carta *urgente de* Esmirna, informando o filho de Quinto Servílio Cepião que este morrera em Esmirna, rodeado por nada mais reconfortante do que o seu ouro. CepiãoJúnior chorou amargamente; o júri ficou emocionado e retirou as acusações.

Chegara a altura das eleições mas ninguém queria presidir-lhes, pois a turba continuava a reunir-se todos os dias no Fórum Romano e os celeiros continuavam vazios. O cônsul júnior, Flaco, insistia que as eleições deviam esperar até o tempo provar que Caio Mário não poderia conduzi-las; embora fosse sacerdote de Marte, Lúcio Valério Flaco pouco tinha a ver com Marte e não queria arriscar-se a superintender eleições num clima como aquele.

Marco Antônio Orador tivera uma campanha muito bem sucedida de três anos contra os piratas da Cilícia e da Panfília, que concluiu com um certo estilo a partir do seu quartel-general na Atenas deliciosamente cosmopolita e cultivada. Aí, reunira-se-lhe o seu bom amigo Caio Mémio, que, de regresso a Roma após ter governado a Macedónia, fora acusado no tribunal de extorsão de Gláucia ao mesmo tempo que Caio Flávio Fímbria, seu cúmplice no crime da burla dos cereais. Fímbria tivera uma condenação pesada mas Mémio tivera o azar de ser condenado por um voto. Fímbria escolheu Atenas como lugar de exílio, pois o seu amigo António passava lá muito tempo e ele precisava do apoio de Antônio para recorrer ao Senado e anular a sua condenação. Só por mero acaso conseguira satisfazer os custos daquela actividade dispendiosa. Enquanto era governador da Macedónia, tropeçara literalmente819

num tesouro escondido numa aldeia escordisca que capturara - cerca de cem talentos de ouro. Tal como Cepião em Tolosa, Mémio não vira razão para partilhar o ouro com alguém, pelo que não o fizera. Até ao dia em que deu algum ao necessitado António, em Atenas. E alguns meses mais tarde, voltou a ser chamado para Roma, onde recuperou o seu lugar no Senado.

Como a guerra dos piratas fora um êxito, Caio Mémio esperou em Atenas até que Marco António Orador estivesse pronto para regressar a Roma. A sua amizade desenvolvera-se e fizeram um pacto segundo o qual se candidatariam em conjunto ao consulado.

Estava-se no fim de Novembro quando António se instalou com o seu pequeno exército no Campo de Marte e exigiu um triunfo. O Senado, que não podia reunir em segurança no templo de Belona para tratar deste assunto, teve o maior *prazer* em conceder-lho. No entanto, António foi informado de que o seu triunfo teria de esperar até depois do décimo dia de Dezembro, pois as eleições tribunícias ainda não tinham decorrido e o Fórum Romano permanecia cheio de homens dos *capite censi.* Esperava-se que as eleições decorressem e o novo colégio tomasse posse no décimo dia do mês, mas segundo Antônio foi informado, um desfile triunfal tradicional estava fora de questão.

Antônio começou a achar que não conseguiria candidatar-se ao cargo de cônsul, porque até à celebração do seu triunfo teria de permanecer no *Opomerum,* o limite sagrado da cidade. Ele ainda detinha *imperium,* o que o colocava exactamente na mesma posição que um rei estrangeiro, proibido de entrar em Roma. E se não podia entrar em Roma, não podia apresentar-se como candidato às eleições consulares.

Mas o êxito da sua guerra tornara-o imensamente popular para os mercadores de cereais e outros homens de negócios, pois o tráfego no mar Central era mais seguro e previsível do que há meio século. Se ele pudesse apresentar-se como candidato ao consulado, tinha todas as hipóteses de ganhar a posição superior, mesmo contra Caio Mário. E apesar do seu papel na burla de cereais com Fímbria, as hipóteses de Caio Mémio não eram más, porque fora um adversário intrépido de Jugurta, e opusera-se com firmeza a Cepião, quando este retirara o tribunal de traição ao Senado. Como Catulo César dissera a Escauro Princeps Senatus, formavam um par popular para os *boni* entre os cavaleiros que constituiam a maioria da Primeira e Segunda Classes... E ambos eram infinitamente preferíveis a Caio Mário.820

Todos esperavam que Caio Mário regressasse a Roma no último Instante, pronto para se candidatar ao seu sétimo consulado. A história da apoplexia fora verificada mas não parecia afectar muito Caio Mário, e os que tinham ido vê-lo a Cumas haviam regressado convencidos de que a sua mente não ficara afectada. Ninguém tinha dúvidas: Caio Mário ia candidatar-se.

A ideia de apresentar ao eleitorado dois candidatos que queriam candidatar-se como parceiros não agradava muito aos políticos; António e Mémio tinham hipóteses de quebrar o braço de ferro com que Mário detinha a cadeira curul. Simplesmente, Antônio recusava-se teimosamente a trocar o seu triunfo pelo consulado cedendo o seu *imperium* e atravessando o *pomerum* para se candidatar.

- Posso concorrer ao consulado no próximo ano - disse quando Catulo César e Escauro Princeps Senatus o foram visitar ao *Campo* de Marte. O triunfo é mais importante; é

provável que não tenha outra guerra tão boa até ao fim da vida - e dessa opinião ninguém o demovia.

- Está bem - disse Escauro a Catulo César quando saíram abatidos do acampamento de Antônio -, teremos de modificar um pouco as regras. Se Caio Mário não se preocupa nada em infringi-las, porque havemos de ter tantos escrúpulos quando há tanta coisa em jogo?

Mas foi Catulo César que propôs aquela solução à Assembleia, reunida noutro lugar seguro, o templo de Júpiter Stator, perto do Circo Flamínio, com o número de membros necessário para que houvesse quorum.

- Vivemos tempos difíceis - disse Catulo César. - Habitualmente, todos os candidatos às magistraturas curuis devem apresentar-se ao Senado e Povo de Roma no Fórum Romano, para declararem as suas candidaturas. Infelizmente, a escassez de cereais e as constantes manifestações no Fórum Romano tornaram aquele local insuportável. Poderei pedir humildemente aos Pais Conscritos que mudem o tribunal dos candidatos... só por este ano, extraordinaríamente!... para uma convocação especial *da* Assembleia Centurial na *saepta,* no Campo de Marte? Temos de fazer *qualquer coisa* no que respeita às eleições! E se mudarmos a cerimónia dos candidatos curuis para a *saepta,* já é um começo. Pode decorrer o tempo exigido entre as declarações e as eleições. Também seria justo para Marco Antônio: quer candidatar-se ao consulado e não pode atravessar o *Poplerum* sem perder o seu triunfo, mas também não poderá celebrar o triunfo devido à falta de tranquilidade na nossa cidade assolada pela fome. Assim, já pode apresentar-se como candidato no Campo de Marte. Esperamos821

que as multidões regressem aos lares depois da eleição e tomada de posse dos tribunos da plebe, pelo que Marco Antônio poderá celebrar o seu triunfo assim que o novo colégio tomar posse, ao que se seguirão as eleições curuis.

- Por que estás tão certo de que as multidões irão para casa depois da tomada de posse do novo Colégio de Tribunos da Plebe, Quinto Lutácio?

- perguntou Saturnino.

- Pensei que poderias responder a esta pergunta, Lúcio Apuleio! disse Catulo César agressivamente. - És tu que os levas para o Fórum, e estás lá a discursar para eles todos os dias, fazendo-lhes promessas que nem este augusto organismo pode cumprir! Como podemos comprar cereais inexistentes?

- Continuarei a discursar para a multidão depois do termo do meu mandato - *afirmou* Saturnino.

- Isso é que não continuarás - emendou Catulo César. - Quando voltares a ser um *privatus,* Lúcio Apuleio, nem que precise de cem homens e leve um mês a consegui-lo, hei-de achar alguma lei nas tabuinhas ou qualquer precedente que faça com que seja ilegal discursares nos rostros ou em qualquer outro local do Fórum!

Saturnino riu às gargalhadas; no entanto, ninguém cometeu o erro de pensar que estava divertido.

- Procura, se isso te contenta, Quinto Lutácio! Não fará diferença. Não vou ser um *privatus* depois de ter cessado o corrente ano tribunício, pois voltarei a ser tribuno da plebe! Sim, vou seguir as pisadas de Caio Mário, e sem os vossos impedimentos legais! Não há nada que impeça um homem de se candidatar a tribuno da plebe consecutivamente!

- Há os costumes e a tradição! - disse Escauro. - Isso basta para impedir todos os homens excepto tu e Caio Graco de tentarem um terceiro mandato. E devias aprender com o exemplo de Caio Graco; morreu na Gruta *de Furrina,* tendo *por única* companhia um escravo.

- Tenho melhor companhia do que isso - contradisse Saturnino. Os homens do Piceno não se abandonam uns aos outros. Não é, Tiro Labieno? Não é, Caio Saufeio? Não se livrarão de nós com tanta facilidade!

- Não provoques os deuses - ameaçou Escauro. - Eles gostam dos desafios dos homens, Lúcio Apuleio!

- Não temo os deuses, Marco Emílio! Os deuses estão do meu lado

- afirmou Saturnino, após o que abandonou a sessão.822

- Tentei avisá-lo - disse Sila. - Prepara a sua desgraça.

- Também aquele - disse Catulo César a Escauro quando Sila não estava por perto.

- O mesmo se passa com metade do Senado - comentou Escauro, olhando em volta. - É um belo templo, Quinto Lutácio! Uma honra para Metelo Macedónico. Mas hoje sentiu-se a falta de Metelo Numídico depois encolheu os ombros, animou-se. - Vem, temos que apanhar o nosso estimado cônsul júnior antes que se esconda. Ele tanto pode oferecer o sacrifício a Marte como a Júpiter Optimus Maximus. Se fizermos *uma suovetaurilia* totalmente branca, teremos a aprovação divina para a cerimónia da candidatura curul no Campo de Marte!

- Quem irá pagar uma vaca branca, uma porca branca e uma ovelha branca? - perguntou Catulo César, apontando com a cabeça para o lugar onde Metelo Bacorinho e CepiãoJúnior conversavam. - Os nossos questores do Tesouro berrarão ainda mais alto do que as três vítimas sacrificiais.

- Penso que Lúcio Valério, o coelho branco, pode pagar - afirmou Escauro, sorrindo. - Ele tem acesso a Marte!

No último dia de Novembro, chegou uma mensagem de Caio Mário, convocando uma sessão do Senado para o dia seguinte, na Cúria Hostília. Desta vez, o tumulto do Fórum Romano não chegava para abrir caminho aos Pais Conscritos, tal era a sua ansiedade de ver como estava Caio Mário. A Assembleia estava apinhada, e todos tinham chegado antes do amanhecer nas Calendas de Dezembro para se lhe anteciparem. Enquanto esperavam, iam especulando.

Mário foi o último a entrar, alto, de ombros largos e com o ar orgulhoso de sempre; nada na sua postura sugeria invalidez; a mão esquerda encontrava-se dobrada normalmente à volta das dobras da sua toga debruada a púrpura. Ah, mas lá estava o seu pobre rosto para todos verem: o mesmo ar carregado do lado direito; uma caricatura triste do lado esquerdo.

Marco Emílio Escauro Princeps Senatus juntou as mãos e começou a aplaudir. As primeiras palmas ecoaram nas vigas nuas do velho átrio e ressoaram nas saliências rosadas das telhas de terracota que formavam o tecto e o telhado. Um por um, os Pais Conscritos juntaram-se-lhe, e quando Mário chegou à sua cadeira curul, toda a Assembleia o aplaudia. Mário não sorriu; sorrir seria acentuar a assimetria desajeitada do seu rosto de um modo tão insuportável que cada sorriso fazia quem o via -823

desde Júlia a Sila - ficar com lágrimas nos olhos. Em vez de sorrir, Mário ficou em pé ao lado da sua cadeira curul, acenando com a cabeça e fazendo vénias até a ovação se extinguir.

Escauro levantou-se, com um grande sorriso nos lábios.

- Caio Mário, como é *bom* ver-te! A Assembleia tem estado terrivelmente monótona durante os últimos meses. Como Presidente da Assembleia, tenho o prazer de dar-te as boas-vindas.

-Agradeço-vos, Princeps Senatus, Pais Conscritos, membros do Senado

- disse Mário num tom de voz perfeitamente claro. Apesar do que decidira, um ligeiro sorriso elevou o lado direito da sua boca, embora o lado esquerdo se mantivesse baixo. - Se é um prazer receberem-me, muito mais prazer tenho eu em *estar* aqui! Como vêem, tenho estado doente.

Mário respirou fundo; todos ouviram a sua respiração, tal como ouviram *a tristeza na* sua voz *trémula.*

- E embora a minha doença tenha passado, transporto as suas marcas. Antes de chamar esta Assembleia à ordem e começarmos a sessão, quero fazer uma afirmação. Não voltarei a candidatar-me ao consulado, por dois motivos: em primeiro lugar, a emergência que o Estado teve de enfrentar e resultou na honra sem precedentes que me foi concedida ao permitir-me candidatar-me a tantos consulados consecutivos está agora, enfim, concluída. Em segundo lugar, não penso que a minha saúde me permitisse desempenhar adequadamente os meus deveres. É manifesta a responsabilidade com que tenho de arcar pelo caos actual em Roma. Se eu tivesse estado em Roma, a presença do cônsul sénior teria ajudado.

É por isso que *existe* um cônsul sénior. Não acuso Lúcio Valério Flaco ou Marco Emílio ou qualquer outro funcionário deste organismo. O cônsul sénior tem que governar. Eu não tenho podido fazê-lo. E isso fez-me ver que não posso recandidatar-me. O cargo de cônsul sénior deve passar para um homem que esteja de saúde.

Ninguém pôs objecções. Ninguém se mexeu. Se o seu rosto torcido tivesse indicado que isto ia acontecer, o grau de espanto que todos sentiam naquele momento era uma prova do ascendente que Mário conquistara sobre eles durante os últimos cinco anos. Um Senado sem Caio Mário na cadeira curul? Impossível! Até Escauro Princeps Senatus e Catulo César estavam chocados.

Então, ouviu-se uma voz vinda da última fila, atrás de Escauro.

- A... a... ainda bem! - exclamou Metelo Bacorinho. - Agora, o meu p... p... pai pode re... re... regressar.824

- Agradeço-te o elogio, jovem Metelo - disse Mário, olhando directamente para ele. - Deduzes que sou a única causa do exílio do teu pai. Mas sabes muito bem que não é isso que se passa. É a lei das terras que mantém Quinto Cecílio Metelo Numídico no exílio. E quero que todos os membros deste augusto organismo o recordem!

Não haverá alteração de decretos, plebiscitos ou leis por eu deixar de ser cônsul!

-jovem tolo! - resmungou Escauro para Catulo César. - Se ele não tivesse dito aquilo, podíamos ter trazido Quinto Cecílio de volta no início do próximo ano sem grande alarido. Agora, não poderá regressar. Acho que está na altura do jovem Metelo receber um cognome.

- Qual? - perguntou Catulo César.

- P.. p.. P.. Pio! - vociferou Escauro. - Metelo Pio, o filho cumpridor, em eternas tentativas de trazer o seu *tata* de volta! E es... es... estragando tudo!

Era extraordinário ver a rapidez com que a Assembleia se lançou ao trabalho, agora que Caio Mário estava na cadeira curul; era extraordinária a sensação de bem-estar que espalhava pela Assembleia, como se, subitamente, as multidões no exterior tivessem deixado de importar desde a chegada de Caio Mário.

Informado da mudança em relação à apresentação dos candidatos curuis, Mário assentiu, e ordenou laconicamente a Saturnino que convocasse a Assembleia da Plebe e elegesse alguns magistrados; até isto estar resolvido, não Podiam ser eleitos outros magistrados.

A seguir, Mário virou-se para Caio Servílio Gláucia, sentado na cadeira do pretor urbano, à sua esquerda.

- Ouvi um boato, Caio Servílio - disse Mário a Gláucia -, segundo o qual tencionas candidatar-te ao consulado com base em invalidades que alegaste existirem na *lex Villia.* Peço-te que não o faças. A *lex Villia annalis* diz inequivocamente que um homem tem que esperar dois anos entre o fim da sua pretura e o início de qualquer consulado.

- Olha quem fala! - disse Gláucia com violência, desconcertado por encontrar hostilidade numa zona do Senado onde pensava obter apoio. - Caio Mário, como podes ter o descaramento de me acusar de pensar infringir a *lex Villia,* quando tu próprio a *infringiste consecutivamente* durante os últimos cinco anos? Se a *lex Villia* é válida, isso é uma afirmação *inequívoca* de que nenhum homem que foi cônsul pode candidatar-se pela segunda vez ao consulado antes de terem decorrido dez anos![825]

- Eu não me *candidatei* ao consulado senão da primeira vez, Caio Servílio - afirmou Mário sem elevar a voz. - Ele foi-me atribuído por três vezes, *in absentia,* por causa dos Germanos. Numa situação de emergência, todos os costumes... e até mesmo as leis!... se desmoronam. Mas quando o perigo deixa de existir, as medidas extraordinárias que foram tomadas também devem deixar de existir.

- Ah, ah, ah! - riu-se Metelo Bacorinho da última fila; era uma interjeição que se adequava perfeitamente à sua gaguez.

- A paz chegou, Pais Conscritos - disse Mário, como se ninguém tivesse falado -, por isso, retomemos os trabalhos. Caio Servílio, a lei proibe-te de concorrer ao consulado. E como sou eu que presido às eleições, não autorizarei que te candidates. Peço-te que o tomes como um aviso. Desiste da ideia graciosamente, porque não te fica bem. Roma necessita de legisladores com o teu inegável talento, e não podes fazer leis se as infringires.

- O mesmo te disse eu! - disse Saturnino em voz alta.

- Nem ele nem ninguém pode impedir-me - afirmou Gláucia num tom suficientemente alto para toda a Assembleia o ouvir.

- Ele há-de impedir-te - avisou Saturnino.

- Quanto a ti, Lúcio Apuleio - disse Mário, virando-se agora para o banco dos tribunos -, ouvi um boato segundo o qual tencionas candidatar-te a um terceiro mandato como tribuno da plebe, Isso não vai contra a lei. Por isso, não posso impedir-te. Mas posso pedir-te que desistas da ideia. Não dês uma nova interpretação à nossa noção do termo ”demagogo”. O que tens feito durante os últimos meses não é a prática política habitual de um membro do Senado de Roma. Com o nosso enorme corpo de leis e o nosso formidável talento para fazer a engrenagem do governo funcionar segundo os interesses de Roma, não há necessidade de

explorar a credibilidade política dos mais humildes: são inocentes que não deviam ser corrompidos. É nosso dever olhar por eles e não usá-los para as nossas finalidades políticas.

-já acabaste? - perguntou Saturnino.

- Absolutamente, Lúcio Apuleio - e o modo como Mário Pronunciou a palavra sugeria várias interpretações.

O assunto ficara arrumado, pensava Mário enquanto se dirigia para casa com a sua nova postura astuciosa, usada para disfarçar uma ligeira tendência para arrastar o pé esquerdo, Como tinham sido estranhos e terríveis826

os meses que passara em Cumas, quando se escondera e vira o mínimo de pessoas possível por não aguentar o horror, a piedade, a satisfação maliciosa. O mais insuportável de tudo eram aqueles cujo amor por ele os fazia sofrer, como Públio Rutílio. A doce e suave Júlia transformara-se numa autêntica tirana, e proibira terminantemente todos, incluindo Públio Rutílio, de falar sobre política ou questões públicas. Mário não tivera conhecimento da crise dos cereais, não soubera das manobras sedutoras de Saturnino; a sua vida limitara-se a um regime austero de dieta, exercício e à leitura dos Clássicos. Em vez de um bom bocado de carnes fumadas com pão frito, comia melancia assada, pois Júlia ouvira dizer que impedia a formação de cálculos nos rins, na bexiga e no sangue; em vez *de ir* a pé para a Cúria Hostília, ia *de carro* a Baias e ao Miceno; em vez de ler as minutas senatoriais e os despachos das províncias, estudava laboriosamente Isócrates e Heródoto e Tucídides, e acabava sem acreditar em nenhum deles, pois não lhe pareciam homens de acção mas sim homens que se limitavam a ler.

Estava a resultar. Muito lentamente, Mário foi melhorando. Mas nunca mais tornaria a ser o mesmo, o lado esquerdo da sua boca não se elevaria e ele nunca mais conseguiria disfarçar o seu cansaço. O traidor enjaulado no seu corpo marcara-o aos olhos de todos. Foi o facto de tê-lo compreendido que acabou por motivar a sua rebelião; e Júlia, que se espantara por ele ter permanecido dócil

durante tanto tempo, desistiu de imediato. Mário mandou chamar Públio Rutílio, e regressou a Roma para salvar o que pudesse.

Era evidente que Mário sabia que Saturnino não iria afastar-se do caminho, no entanto sentia a obrigação de avisá-lo; quanto a Gláucia, não constituía motivo de preocupação, pois a sua eleição não seria consentida. Pelo menos, as eleições iam agora prosseguir, com os tribunos da plebe marcados para o dia antes das Nonas e os questores para as Nonas, dia em que deviam entrar em funções. Eram essas as eleições mais perturbantes, pois tinham de decorrer no Fórum Romano, onde a multidão se amontoava todos os dias gritando obscenidades, insultando os homens de toga, brandindo punhos e escutando Saturnino com adoração.

A turba não insultou nem apupou Caio Mário, que passou pelo meio deles ao dirigir-se a casa depois daquela sessão memorável e não sentindo senão o Calor do seu apreço. Abaixo da Segunda Classe, todos viam Caio Mário com bons olhos; tal como os irmãos Gracos, era um herói. Havia quem olhasse para o seu rosto e chorasse por vê-lo afectado; havia quem827

nunca o tivesse visto em carne e osso, e, pensando que o seu rosto sempre fora assim, o admirasse ainda mais; mas ninguém tentava tocar-lhe. Todos abriam alas, e ele passava pelo meio da multidão com imponência mas humildemente, alcançando-os com o seu coração e a mente, Era uma comunhão sem palavras. E Saturnino, observando-o dos rostros, interrogava-se.

- A multidão é um fenómeno terrível, não é? - perguntou Sila a Mário nessa noite, ao jantar, na companhia de Públio Rutílio Rufo e de Júlia.

- É um sinal dos tempos - respondeu Rutílio.

- Um sinal de que não estivemos à altura deles - afirmou Mário, encolhendo os ombros. - Roma precisa de descanso. Desde os Caios Gracos que temos tido graves problemas: Jugurta; os Germanos; os

Escordiscos; o descontentamento dos Italianos; as sublevações dos escravos; os piratas; as faltas de cereais; a lista é interminável. Precisamos de tréguas, de algum tempo para nos ocuparmos de Roma e não de nós mesmos. Esperemos consegui-lo quando melhorar o abastecimento de cereais.

- Tenho uma mensagem de Aurélia - informou Sila.

Mário, Júlia e Rutílio Rufo olharam-no com curiosidade.

- Costumas vê-la, Lúcio Cornélio? - perguntou Rutílio Rufo, o tio atento.

- Não sejas tagarela, Públio Rutílio, pois não há necessidade disso! Sim, vejo-a de tempos a tempos. Temos de dar-nos com a vizinhança; é por isso que lá vou. Está ali enfiada na Subura, que afinal também é o meu mundo - afirmou Sila, imperturbável. - Ainda lá tenho amigos e por isso Aurélia fica-me em caminho.

- Devia tê-la convidado para jantar! - exclamou Júlia, perturbada pelo lapso. - *É* fácil esquecermo-nos dela.

- Ela compreende - asseverou Sila. - Não entendas mal as minhas palavras; ela adora o seu mundo. Mas gosta de manter-se um pouco à parte do que se passa no Fórum e é essa a minha tarefa. Públio Rutílio, és tio dela e tentas evitar contar-lhe os sarilhos. Ao passo que eu conto-lhe tudo. E é de uma inteligência surpreendente.

- Qual é a notícia? - perguntou Mário, sorvendo água.

- Vem do seu amigo Lúcio Decúmio, o estranho sujeito que dirige o colégio da encruzilhada na ínsula dela, e reza assim: se consideras que têm estado no Fórum grandes multidões, então ainda não viste nada. No dia das eleições tribunícias, em vez de um mar haverá um oceano.828

Lúcio Decúmio tinha razão. Ao nascer do Sol, Caio Mário e Lúcio Cornélio Sila dirigiram-se para o Arx do Capitólio e encostaram-se à parede baixa que separa o topo da escarpa das Lautúmias; que dá para o Fórum Romano. Tanto quanto conseguiam ver, havia um oceano de gente, denso, desde o Clivus Capitolinus até à Vélia: ordenado, sombrio, ameaçador, de cortar a respiração.

- *Porquê?* - perguntou Mário.

- De acordo com Lúcio Decúmio, estão aqui para fazer pressão. Os Comícios vão reunir-se para eleger os novos tribunos da plebe, ouviram dizer que Saturnino vai candidatar-se, e pensam que é ele a melhor esperança que têm de encher a barriga. A fome ainda mal começou, Caio Mário. E eles não querem que haja fome - disse Sila sem mudar o tom de voz.

- Mas eles não podem influenciar o resultado de uma eleição tribal, nem das eleições das Centúrias! Quase todos têm de pertencer às quatro tribos citadinas.

- É verdade. E não haverá muitos eleitores das trinta e uma tribos rurais além dos que moram em Roma - acrescentou Sila. - Hoje em dia o ambiente não é de molde a tentar os eleitores rurais. Por isso, só alguns deles irão votar. Eles sabem-no; não estão aqui para votar. Só cá estão para que nos apercebamos da sua presença.

- Foi ideia do Saturnino? - perguntou Mário.

- Não. A multidão de Saturnino foi a que viste nas Calendas e em todos os dias que se lhe seguiram. Insultuosos e blasfemos, é como lhes chamo. Não passam de escumalha. Frequentadores de colégios de encruzilhadas, ex-gladiadores, ladrões e descontentes, crédulos empregados de loja sofrendo com a pobreza, homens livres cansados de curvar-se perante os seus donos, e muitos que pensam que *ganhariam um* ou dois denários ao fazer Lúcio Apuleio tribuno da plebe.

- São mais do que isso - afirmou Mário. - São os partidários dedicados do primeiro homem que se colocar nos rostros e os levar a sério Mário mudou de posição, apoiando-se no pé esquerdo entorpecido. - Mas a gente que se encontra aqui hoje não tem a ver com Lúcio ApuleiO Saturnino. Não têm a ver com ninguém. Deuses, havia mais cimbros no campo de Vercelas do que os romanos que vejo aqui! E eu não tenho exército. Só tenho uma toga debruada a púrpura: o que é uma ideia tranquilizante.

- É, com efeito - concordou Sila.[829]

- Mas não sei... Talvez a minha toga debruada a púrpura seja o exército de que preciso. Subitamente, Lúcio Cornélio, vejo Roma com outros olhos. Eles vieram hoje aqui para se mostrarem; mas estão todos os dias em Roma, nas suas ocupações. Dentro de uma hora, podem estar de novo ali à frente. E julgamos que somos nós que os governamos?

- E governamo-los. Eles não podem governar-se a si mesmos; colocam-se à nossa guarda. Mas Caio Graco deu-lhes pão barato a provar e os edis deram-lhes jogos a ver. Agora, aparece Saturnino e promete-lhes pão barato quando grassa a fome. Mas não pode cumprir a promessa e eles já começam a suspeitar da verdade. Foi por isso que vieram mostrar-se-lhe durante as eleições - comentou Sila.

Mário encontrara a sua metáfora.

- São um touro gigantesco mas amigável. Ao vir ter contigo quando tens um balde na mão, a única coisa que lhe interessa é a comida que sabe que está dentro do balde. Mas quando descobre que o balde está vazio, não se volta irado para marrar em ti; deduz muito simplesmente que escondeste a comida dentro de ti, e esmaga-te até à morte à procura dela sem sequer reparar que te transformou num monte de sangue debaixo dos pés.

- **Saturnino traz** um balde vazio - comentou Sila.

- Precisamente - disse Mário, e afastou-se da parede. - Vem, Lúcio Cornélio, vamos pegar o touro pelos cornos.

- E esperemos que não seja bravo!

Ninguém no meio da enorme multidão dificultou a passagem aos senadores e aos cidadãos com consciência política que lançavam os seus votos nos Comícios. Enquanto Mário subiu aos rostros, Sila ficou nas escadas do Senado com os outros senadores patrícios. Naquele dia, os eleitores da Assembleia da Plebe formavam uma ilha no oceano de espectadores silenciosos: uma ilha afundada, com os rostros semelhantes a uma rocha de superfície plana acima do vão dos Comícios e da linha do oceano. Claro que era esperada a escumalha de milhares de homens de Saturnino, o que levara muitos dos senadores e eleitores habituais a esconder facas e paus sob as togas, especialmente o **pequeno grupo** de jovens boni conservadores de Cepião Júnior. Ali estavam todos os humildes de Roma em protesto. As facas e os paus revelaram-se subitamente um engano.

Um a um, apresentaram-se os vinte candidatos à eleição como tribunos da plebe, enquanto Mário se mantinha alerta. O primeiro a apresentar-se foi o tribuno que presidia às eleições, Lúcio Apuleio Saturnino.830

E a multidão começou a aclamá-lo com um barulho ensurdecedor, recepção que muito o surpreendeu, como Mário pôde reparar, mudando para um local de onde pudesse ver bem o rosto de Saturnino. Saturnino pensava, e os seus pensamentos eram claros: que partidários para um homem! O que não poderia fazer com trezentos mil romanos humildes às costas? Quem teria alguma vez a coragem de afastá-lo do tribunato da plebe quando este monstro o aclamava, mostrando a sua aprovação?

Os que apresentaram as candidaturas a seguir a Saturnino foram recebidos com um silêncio indiferente; Públio Fúrio; Quinto Pompeio Rufo, dos Pompeios de Piceno; Sexto Tício, cujas origens eram samnitas; e Marco Pórcio Catão Saloniano, ruivo de olhos verdes e ar extremamente aristocrático, neto de Catão, o Censor, camponês de Túsculo, e bisneto de um escravo celta.

Por fim apresentou-se Lúcio Equício, o autodesignado filho bastardo de Tibério Graco, a quem Metelo Numídico, quando era censor, tentara excluir das listas do *Ordo Equester.* A turba começou de novo a aclamar com grande entusiasmo; ali estava uma relíquia do amado Tibério Graco. E Mário descobriu a exactidão da sua metáfora do boi gigantesco e meigo, pois a multidão começou a avançar em *direcção* a Lúcio Equício, que se encontrava mais acima, na rocha dos rostros,

sem prestar atenção ao seu poder. A vaga inexorável esmagava os que se encontravam nos Comícios e nas proximidades uns contra os outros. Pequenas ondas de pânico surgiram por entre os eleitores ao experimentarem o sentido sufocante de terror impotente que sentem todos os homens ao encontrarem-se no centro de uma força à qual não conseguem resistir.

Enquanto todos ficaram como que suspensos, o entorpecido Caio Mário avançou rapidamente e elevou os braços com as palmas das mãos voltadas para fora num gesto que ordenava: ALTO, ALTO, ALTO! A turba parou imediatamente, a pressão diminuiu um pouco, e agora as aclamações eram para Caio Mário, o Primeiro Homem de Roma, o Terceiro Fundador de Roma, o Conquistador dos Germanos.

- Depressa, imbecil! - vociferou para Saturnino, que parecia extasiado, fascinado pelo ruído que emanava das gargantas que aclamavam. Diz que ouviste trovejar... É urgente pôr termo à sessão! Se não os tirarmos dos Comícios, a multidão é tão grande que os mata! - Depois, ordenou aos arautos que fizessem soar as trompetas, e no meio do súbito silêncio, elevou de novo as mãos. - Trovoada! - gritou. - A votação far-se-á amanhã! Ide para casa, povo de Roma! Ide para casa, ide para casa!831

E a multidão partiu.

Felizmente, a maioria dos senadores abrigara-se na sua Cúria, aonde Mário foi juntar-se-lhes logo que pôde. Como Mário reparou, Saturnino descera dos rostros e avançava corajosamente para o centro da turba, sorrindo e estendendo os braços como um daqueles místicos da Pisidia que acreditavam na imposição de mãos. E Gláucia, o pretor urbano? Subira aos rostros, e ficara a observar Saturno por entre a multidão, com o rosto iluminado por um *enorme* sorriso.

As caras que se voltaram para Mário quando este entrou na Cúria estavam mais pálidas do que iluminadas e faziam esgares em vez de

sorrisos.

- E que grande salganhada esta! - exclamou Escauro Princeps Senatus, empertigado como de costume, mas visivelmente um pouco assustado. Mário observou os grupos de Pais Conscritos e disse, com grande firmeza:

- Ide para casa, por favor! A multidão não vos maltratará. Mas subi

o Argileto, mesmo que vos dirigeis para o Palatio. Se as vossas razões de queixa se limitarem à enormidade do percurso até casa, estareis bem. Agora ide! Ide!

Mário deu uma palmada no ombro daqueles que queria que ficassem: apenas Sila; Escauro, Metelo Caprário, o Censor; Aenobarbo Pontifex Maximus; Crasso Orador e o primo deste, Cévola, que eram os edis curuis. Como Mário **notou com interesse, Sila foi ter com CepiãoJúnior** e Metelo Bacorinho, sussurrou-lhes qualquer coisa e lançou-lhes o que pareciam palmadas equivocamente afectuosas no ombro quando eles abandonaram o edifício. ”Tenho de descobrir o que se passa”, disse Mário de si para si, ”mas mais logo. Quando tiver tempo. Se chegar a fazê-lo, a avaliar pela confusão.”

- Hoje vimos uma coisa inédita - começou Mário. - Assustador, não acham?

- Não me parece que tenham más intenções - afirmou Sila.

- Nem eu - replicou Mário, - Mas são ainda o touro gigantesco que não sabe a **força que tem - Mário** acenou para o seu escriba-chefe. Arranja alguém para presidir ao Fórum. Quero aqui o presidente do Colégio de Lictores imediatamente.

- O que sugeres que façamos? - **perguntou Escauro.** - Que adiemos as eleições da plebe?

- Não, até podemos terminá-las de uma vez por todas - declarou Mário positivamente. - Neste momento, o nosso touro é dócil, mas quem832

sabe a que ponto poderá chegar a sua fúria à medida que a fome se for agravando? Não vamos esperar até ter de pôr feno à volta dos cornos para avisar que arremeta, pois seremos atingidos no peito se ficarmos à espera. Mandei chamar o lictor principal porque penso que o nosso touro vai ser intrujado amanhã por uma cancela que atravessaria com facilidade. Mandarei os escravos públicos trabalhar toda a noite para montar uma barricada de aspecto inofensivo a toda a volta do vão dos Comícios e o terreno entre os Comícios e as escadas do Senado: o que costumamos montar no Fórum para isolar a área de combate dos espectadores durante os jogos fúnebres, porque o reconhecerão e não o tomarão por uma manifestação de medo da nossa parte. Depois, colocarei todos os lictores de Roma dentro da barricada, de túnicas debruadas em vez da toga, mas tendo por única arma bordões. Seja o que for que façamos, não podemos dar ao touro a ideia de que é maior e mais forte do que nós; os touros pensam, como sabem! E amanhã, levaremos a cabo as eleições tribunícias; pouco me importa que estejam aqui apenas trinta e cinco homens para votar. Hoje, quando se dirigirem para casa, irão de porta em porta aconselhar os senadores das vizinhanças a aparecerem amanhã para votar. Assim, garantiremos a presença de um membro de cada tribo, no mínimo. Pode ser um voto fraco, mas não deixa de ser um voto. Entendido?

- Entendido - respondeu Escauro.

- Onde esteve hoje Quinto Lutácio? - perguntou Sila a Escauro.

- Esteve doente, suponho - replicou Escauro. - Deve ser verdade; coragem não lhe falta.

Mário olhou para Metelo Caprário, o Censor.

- Tu, Caio Cecílio, tens a pior tarefa amanhã - avisou **Mário - porque quando Equício** se apresentar como candidato, terei de **perguntar-te** se lhe permites que se candidate. O que irás responder?

Caprário não hesitou.

- Responderei que não, Caio Mário. Um homem que foi escravo tornar-se tribuno da plebe? É impensável.

- Muito bem, é tudo, obrigado - disse Mário. - Ide, e trazei amanhã os nossos trémulos membros do Senado. Lúcio Cornélio, fica. Como vou pôr os lictores a teu cargo, é conveniente que estejas aqui quando chegar o superior deles.

A multidão voltou ao Fórum ao nascer do dia, encontrando o vão dos Comícios isolado pelas vedações simples de corda e postes que se viam833

sempre que se realizavam no Fórum jogos fúnebres de gladiadores. De poucos em poucos metros havia um lictor de túnica carmesim armado com um bordão comprido e grosso dentro do perímetro da barricada. Não tinha nada de mal. E quando Mário avançou e berrou a sua explicação, que não queria que ninguém fosse esmagado inadvertidamente, foi aclamado com o mesmo furor do dia anterior. O que a multidão não podia ver era o grupo que se encontrava no interior da Cúria Hostília, aí colocado por Sila muito antes do amanhecer: os seus cinquenta jovens membros da Primeira Classe, todos de couraças e elmos, espadas e punhais embainhados e transportando escudos. CepiãoJúnior, excitado, era porém apenas o seu vice-chefe, pois no comando estava o próprio Sila.

- Só avançaremos se eu o ordenar - ordenou Sila -, e não estou a brincar. Se alguém se mexer *sem* a minha ordem, matá-lo-ei.

Nos rostros estava tudo pronto; no vão dos Comícios havia um número de eleitores surpreendentemente grande reunido com cerca

de metade do Senado, enquanto os senadores patrícios permaneciam, como sempre, nas escadas do Senado. Entre eles estava Catulo César, com um ar suficientemente doente para merecer uma cadeira; também se encontrava com eles o censor Caprário, outro homem cujo estatuto plebeu devia implicar a sua presença nos Comícios, mas que queria ficar onde pudesse ser visto por todos.

Quando Saturnino voltou a apresentar a sua candidatura, a turba aclamou-o histericamente; era visível que a sua imposição do dia anterior operara milagres. Tal como antes, os outros candidatos foram recebidos em silêncio. Até que, em último lugar, apareceu Lúcio Equício.

Mário virou-se para encarar as escadas do Senado, e elevou a sua única sobrancelha móvel numa pergunta muda a Metelo Caprário; e Metelo Caprário assentiu enfaticamente. Teria sido impossível fazer a pergunta em voz alta, pois a multidão continuava a aclamar Lúcio Equício como se não tencionasse parar.

Os arautos fizeram soar as trompetas, Mário avançou, fez-se silêncio.

- Este homem, Lúcio Equício, não pode concorrer às eleições para tribuno da plebe! - gritou Mário o mais alto que pôde. - Há uma ambiguidade acerca do seu estatuto de cidadão que o censor deve esclarecer antes de Lúcio Equício poder candidatar-se a qualquer cargo público ligado ao Senado e Povo de Roma!

Saturnino passou apressadamente por Mário e colocou-se no extremo dos rostros.

Lk ---834

- Nego qualquer irregularidade!

- Declaro em nome do censor que existe uma irregularidade - informou Mário, impassível.

Então, Saturnino virou-se para apelar à multidão.

- Lúcio Equício é tão romano como qualquer de vós! - gritou. Olhem bem para ele! Um novo Tibério Graco!

Mas Lúcio Equício estava a observar o vão dos Comícios, um lugar não visível para a multidão, por ficar abaixo do nível desta, mesmo para os que se encontravam na frente. Aí, os filhos de senadores e os próprios senadores tiraram as facas e cacetes que traziam debaixo das vestes e avançaram como se quisessem arrastar Lúcio Equício para o meio deles.

Lúcio Equício, corajoso veterano de dez anos nas legiões - pelo menos de acordo com o que ele próprio contava - encolheu-se, virou-se para Mário e agarrou-se-lhe ao braço direito.

- Ajuda-me! - pediu, num queixume.

- Gostaria de ajudar-te com a ponta do pé, agitador imbecil - resmungou Mário. - No entanto, o assunto do dia é acabar de vez com esta eleição. Podes candidatar-te, mas se ficares nos rostros alguém vai linchar-te. O melhor que posso fazer para salvar-te a pele é pôr-te nas celas das Lautúmias até todos terem ido para casa.

Havia duas dezenas de lictores nos rostros, uma dúzia trazendo os *fasces* por pertencerem ao cônsul Caio Mário; o cônsul Caio Mário fê-los formar à volta de Lúcio Equício e marchar em direcção às Lautúmias, sendo o seu progresso através da multidão marcado por uma espécie de divisão do oceano de gente em resposta à autoridade inerente àqueles simples feixes de varas atados com cordões carmesim.

”Não posso acreditar”, pensou Mário, seguindo com os olhos a divisão do oceano de gente. Ao ouvi-los aclamar, pensar-se-ia que

adoram o homem como não adoram nenhum deus. Deve parecer-lhes que prendi a criatura. Mas o que fazem? O que sempre, mas sempre fazem ao verem uma fila de lictores a marchar com *fasces* aos ombros e qualquer toga debruada a púrpura pavoneando-se atrás deles: afastam-se para dar passagem à majestade de Roma. Nem por um Lúcio Equício destruirão o poder dos feixes e da toga debruada a púrpura. Ali vai Roma. O que é um Lúcio Equício, quando tiver tudo terminado? Uma cópia patética de Tibério Semprónio Graco, a quem amavam muitíssimo. Não aclamam Lúcio Equício: aclamam a memória de Tibério Graco!"835

E um novo tipo de emoção cheia de orgulho crescia em Caio Mário à medida que ia vendo aquela espinha dorsal de lictores limpar o oceano de romanos humildes; orgulho nos modos antigos e tradições de seiscentos e cinquenta e quatro anos, um orgulho ainda tão poderoso que podia virar uma maré maior do que a invasão germana apenas com o simples esforço de empurrar meia dúzia de feixes de varas. "E aqui estou eu", pensou Caio Mário, "de toga debruada a púrpura, sem receio de nada por a ter vestida, e por saber que sou mais importante do que qualquer rei do mundo. Porque não tenho nenhum exército, e dentro desta cidade não há machados atravessados nas varas, nem um guarda-costas de espadas; e no entanto, afastam-se devido aos meros símbolos da minha autoridade, alguns paus e um pedaço de tecido sem forma, orlado com menos púrpura do que eles algum dia verão em qualquer inominável saltatrix *tonsa* que exiba os seus símbolos. Sim, preferia ser cônsul de Roma a ser rei do mundo."

Os lictores regressaram das Lautúmias, e pouco depois voltou Lúcio Equício, a quem a multidão gentilmente salvou das celas e colocou de novo nos rostros com o mínimo de algazarra, quase como que pedindo desculpa, segundo pareceu a Caio Mário. E aí ficou ele, a tremer e num estado lastimável, desejando estar em qualquer outro lugar menos ali. Para Mário, a mensagem da turba era bem explícita: dêem-me de comer, tenho fome, não me escondam a comida.

Entretanto, Saturnino prosseguia com a eleição o mais depressa que podia, ansioso por acabar antes que acontecesse alguma calamidade. Tinha a cabeça cheia de sonhos em relação ao futuro, ao poder e majestade daquela multidão, e à forma como lhe mostrava a sua adoração. Aclamariam Lúcio Equício só por ele ser parecido com Tibério Graco? Aclamariam Caio Mário, aquele velho imbecil, por ter salvo Roma dos bárbaros? Ah, mas não aclamavam Lúcio Equício ou Mário do modo como o aclamavam a *ele!* E que material para um homem trabalhar: esta multidão não tinha nada a ver com a escumalha dos antros da Subura! Compunha-se de gente respeitável com as barrigas vazias mas cujos princípios se mantinham intactos.

Um a um, os candidatos avançaram, e as tribos votaram, enquanto os verificadores escrevinhavam apressados e tanto Mário como Saturnino observavam; até ao momento em que, por fim, chegou a hora de se ocuparem de Lúcio Equício. Mário olhou para Saturnino; Saturnino devolveu-lhe o olhar. Mário lançou um olhar para as escadas do Senado.836

- O que queres que eu diga desta vez, Caio Cecílio Metelo Caprário Censor? - exclamou Mário. - Pretendes que continue a negar a este homem o direito de se candidatar às eleições, ou retiras a tua objecção?

Caprário lançou um olhar de impotência a Escauro, que olhou para Catulo César, de rosto cor de cinza, que por sua vez fitou Aenobarbo Pontifex Maximus, que se recusou a olhar para quem quer que fosse. Seguiu-se uma longa pausa; a multidão observava em silêncio, sem fazer a menor ideia do que se passava.

- Que se candidate! - gritou Metelo Caprário.

- Que se candidate - comunicou Mário a Saturnino.

E quando foram contados os votos, Lúcio Apuleio Saturnino surgiu em primeiro lugar para um terceiro mandato como tribuno da plebe;

Catão Saloniano, Quinto Pompeio Rufo, Públio Fúrio e Sexto foram eleitos; e, em segundo lugar, apenas três ou quatro votos atrás de Saturnino, o ex-escravo Lúcio Equício foi eleito tribuno da plebe.

- Que colégio servil temos este ano! - exclamou Catulo César, com ar de troça. - Não só um Catão Saloniano mas também um homem livre! A República morreu - afirmou Aenobarbo Pontifex Maximus, lançando um olhar de ódio a Metelo Caprário.

- O que mais podia fazer? - baliu, o Metelo Bode.

Apareciam outros senadores, e a guarda armada de Sila, desprovida dos seus aprestos, emergiu do interior da Cúria. As escadas do Senado pareciam ser o lugar mais seguro, embora começasse a ser óbvio que a multidão voltava para casa depois de ter visto eleger os seus heróis. Cepião Júnior cuspiu na direcção da multidão.

- Adeus à escumalha por hoje! - proferiu de rosto contorcido. Olhem para eles! Ladrões, assassinos, violadores das próprias filhas!

- Não são escumalha, Quinto Servílio - emendou Mário severamente.

- São romanos e são pobres, mas não são ladrões e assassinos. E já estão **fartos do milho** miúdo e dos nabos. É melhor desejares que o amigo Lúcio Equício não os provoque. Eles têm-se portado muito bem ao longo destas malditas eleições, mas isso pode mudar à medida que o milho miúdo e os nabos forem ficando cada vez mais caros nos mercados.

- **Oh, não temos** de preocupar-nos com *isso!* - disse Caio Mémio animadamente, contente por os tribunos terem sido eleitos na devida altura e a sua candidatura conjunta com Marco Antônio Orador parecer mais prometedora do que nunca. - As coisas hão-de melhorar daqui a uns dias. Marco Antônio informou-me de que os nossos agentes na Província da837

Ásia conseguiram comprar uma grande quantidade de trigo algures a norte do Euxino. A *primeira frota* que transporta o trigo deve chegar a Putéolos um destes dias.

Todos olharam para ele, boquiabertos.

- Bem - disse Mário, esquecido de que nunca mais poderia fazer um sorriso irónico, do que resultou uma careta medonha -, todos sabemos que tens o dom de prever o futuro do abastecimento de cereais, mas mais exactamente, como é que tomaste contacto com esta informação quando eu, o cônsul sénior, e Marco Emílio, aqui presente, Princeps Senatus e *curator annonae!,* não estamos a *par* dela?

Cerca de vinte pares de olhos estavam fixos no seu rosto; Mémio engoliu em seco.

- Não é segredo, Caio Mário. O assunto surgiu numa conversa, quando Marco Antônio regressou da última viagem a Pérgamo. **Encontrou-se** aí com alguns dos nossos agentes encarregados da compra de cereais e foram eles que lho contaram.

- E porque é que Marco Antônio não achou por bem informar-me, já que sou o curador do abastecimento de cereais? - perguntou Escauro com frieza.

- Porque, segundo suponho, tal como eu, deve ter partido do princípio de que estarias a par. Se os agentes escreveram, por que motivo não havias de estar a *par?*

- As cartas não chegaram - comentou Mário, piscando o olho a Escauro. - Posso agradecer-te, Caio Mémio, por teres trazido esta excelente notícia?

- É-o, de facto - disse Escauro, perdendo o mau humor.

- Para nosso próprio bem, esperemos que não rebente nenhuma tempestade que afunde os cereais no mar Central - afirmou Mário, que não era avesso à ideia de falar com alguns senadores e decidira que a multidão já estava suficientemente dispersa para ele poder ir para casa. - Dignos membros do Senado, encontrar-nos-emos aqui amanhã para as eleições questoriais. E no dia seguinte, iremos até ao Campo de Marte para ver os candidatos a cônsules e pretores apresentarem as suas declarações. Desejo-vos um bom dia.

- És um cretino, Caio Mémio, - disse Catulo César, ameaçador, da sua cadeira curul.

Caio Mémio resolveu que não precisava de discutir com um membro da alta aristocracia, e saiu atrás de Caio Mário, decidido a ir visitar838

Marco Antônio à sua *villa* alugada no Campo de Marte, para informá-lo dos acontecimentos do dia. Ao sair bruscamente, ocorreu-lhe a forma como ele e Marco Antônio poderiam obter mais mérito entre os eleitores. Garantiria que os seus agentes passassem pelas Centúrias quando se reunissem para testemunhar a declaração dos candidatos curuis daí a dois dias: podiam espalhar a notícia da chegada das frotas de cereais como se fossem ele e Marco Antônio os responsáveis por ela. A Primeira e Segunda Classes poderiam deplorar o custo dos cereais baratos ao Estado, mas depois de ver aquela multidão no Fórum, Mémio achou que deveriam considerar-se gratos ao pensar que o pão feito com esses cereais baratos mataria a fome aos Romanos.

Na madrugada do dia da apresentação dos candidatos na *saepta, dirigiu-se* do Palatino para o Campo de Marte, acompanhado por um ajuntamento exaltado de clientes e amigos, todos tendo a certeza de que ele e Antônio seriam admitidos. Alegres e divertidos, atravessaram com vivacidade o Fórum Romano na brisa fresca daquela manhã de fins de Outono, tremendo um pouco quando passaram pela sombra escura da Porta Fontinal, mas tendo a certeza de que a vitória os esperava na planície soalheira que se espalhava abaixo do Arx. Caio Mémio seria cônsul.

Outros homens caminhavam em direcção *à saepta,* em grupos, aos pares e trios, mas poucos seguiam sozinhos; um homem das classes com importância suficiente para votar

nas eleições curuis gostava de estar acompanhado em público, pois isso aumentava a sua *dignitas.*

No ponto em que a estrada que descia o Quirinal se cruzava com a Via Larga, Caio Mémio encontrou cerca de cinquenta homens que escoltavam Caio Servílio Gláucia.

Espantado, Mémio deteve-se.

- Aonde pensas que vais nesse trajo? - perguntou, mirando a *toga candida* de Gláucia. Era especialmente descolorada ao sol durante vários dias, e a seguir perfeitamente branqueada com aplicações copiosas de giz em pó, a *toga candida* que só podia ser usada por quem se candidatasse a eleições para um cargo público.

- Vou candidatar-me ao consulado - informou Gláucia.

- Não vais, não - contrapôs Mémio.

- Ai isso é que vou!

- Caio Mário disse que *não podias* candidatar-te.

- Caio Mário disse que eu não podia candidatar-me - imitou Gláucia em voz piegas; depois virou ostensivamente as costas a Mémio e começou839

a falar com os seus seguidores em voz alta com tons estridentes de homossexual. - Caio Mário *disse* que eu não podia candidatar-me! Bem! Devo dizer que é um critério um pouco *rigoroso* que os verdadeiros homens não possam candidatar-se mas os homossexuais Já possam fazê-lo!

A troca de palavras fizera reunir espectadores, o que não era de estranhar naquelas circunstâncias, pois uma parte do divertimento geral das eleições eram as disputas entre candidatos rivais; o facto de esta contenda ter ocorrido antes de chegarem ao campo aberto da *saepta* pouca diferença fazia para o grupo de espectadores, que aumentava à medida que se lhe juntavam homens vindos da cidade até à Via Larga.

Dolorosamente consciente do seu público, Caio Mémio sofria. Toda a vida sofrera a maldição de ter demasiado bom aspecto, com o escárnio inevitável que implicava: era demasiado belo, não era de confiança, gostava de rapazes, era superficial, etc., etc. Agora Gláucia resolvera troçar dele em frente de todos aqueles homens, daqueles votantes. Oh, não era *preciso* lembrá-los da velha acusação de homossexual, principalmente naquele dia!

E, compreensivelmente, Caio Mémio enfureceu-se. Antes que alguma das pessoas que estavam com ele pudesse prever a sua intenção, avançou, pôs a mão no ombro esquerdo de Gláucia e arrancou a toga antiga. Então, quando Gláucia se virou para ver quem estava a atacá-lo, Mémio deu-lhe um soco valente na orelha esquerda. Gláucia caiu e Mémio lançou-se em *cima dele,* e ambos tinham agora as togas sujas e enegrecidas. Mas os homens de Gláucia tinham escondidos nas vestes paus e mocas que agora saíam à cena. Os homens de Gláucia misturaram-se com as fileiras dos desorientados companheiros de Mémio, lutando impetuosamente com furiosa satisfação. O grupo de Mémio desintegrou-se logo, e todos os seus membros desapareceram em várias direcções em busca de auxílio.

Numa atitude típica de observadores não envolvidos nos acontecimentos, o público não deu um passo para ajudar, limitando-se a ficar a ver com um interesse ávido; para lhes fazer justiça, ninguém ali sonhava que o que estava a ver não fosse uma **mera rixa entre candidatos.** As armas constituíram uma surpresa, mas não era inédito os apoiantes transportarem-nas.

Dois homens fortes levantaram Mémio do chão e seguraram-no a meio dos dois, debatendo-se furiosamente, enquanto Gláucia se levantou e deu um pontapé na sua toga destruída. Gláucia não disse uma palavra sequer. Apanhou um pau de qualquer pessoa que estava ao seu lado,840

e depois fitou Mémio longamente. Levantou o pau, seguro com as duas mãos como um malho; e bateu com ele na cabeça extremamente bela de Caio Mémio. Ninguém tentou interferir quando Gláucia se dobrou para acompanhar a queda de Mémio e continuou a bater repetidas vezes naquela cabeça que deixara de ser bela. Só quando a reduziu a polpa e miolos e salpicos é que Gláucia terminou o ataque.

Um olhar de frustração incrédula e ofendida surgiu então no rosto de Gláucia; deitou fora o pau ensanguentado e olhou para o seu amigo Caio Cláudio, que observava, lívido.

- Escondes-me até que possa *fugir?* - perguntou. Cláudio assentiu, sem conseguir dizer palavra,

A assistência começava a murmurar e avançar para o grupo, enquanto os outros homens corriam da *saepta;* Gláucia virou costas e correu em direção ao Quirinal, seguido pelos seus companheiros.

A notícia chegou a Saturnino quando este percorria a *saepta* de alto a baixo pedindo votos para a candidatura ilegal de Gláucia. Alguns olhares de ira escondida forneciam-lhe uma indicação dos sentimentos em relação à notícia do assassínio de Mémio, e ele estava marcado como *amigo* de Gláucia. Entre os jovens senadores e filhos de senadores começava a ouvir-se um zumbido furioso, enquanto alguns filhos dos cavaleiros mais poderosos se reuniam em torno dos seus colegas do Senado, com o misterioso Sila entre eles.

- Parece-me melhor sairmos daqui - sugeriu Caio Saufeio, eleito questor urbano apenas um dia antes.

- Tens razão, também me parece - concordou Saturnino, cada vez menos à vontade com a raiva que sentia à sua volta.

Acompanhado pelos seus homens de confiança do Piceno, Tiro Labieno e Caio Saufeio, Saturnino abandonou a *saepta* num ápice. Sabia aonde podia ter ido Gláucia: para casa de Caio Cláudio no

Quirinal; mas quando lá chegou, Saturnino encontrou a porta fechada e trancada. Só depois de ter berrado consideravelmente é que Caio Cláudio a abriu e deixou entrar os três amigos.

- Onde está ele? - inquiriu Saturnino.

- No gabinete - respondeu Cláudio, que estivera a chorar.

- Tiro Labieno - pediu Saturnino -, vais chamar Lúcio Equício? Precisamos dele; a multidão acha-o maravilhoso.

- O que estás a tramar? - perguntou Labieno.841

- Contar-te-ei quando me trouxeres Lúcio Equício.

Lívido, Gláucia estava sentado no gabinete de Caio Cláudio; quando Saturnino entrou, Gláucia olhou para ele mas não falou.

- Porquê, Caio Servílio? *Porquê?* Gláucia estremeceu.

- Não queria fazê-lo - afirmou. - Só que perdi o controlo.

- E perdeste a nossa hipótese em Roma - disse Saturnino.

- Perdi o controlo - repetiu Gláucia.

Passara a noite anterior à apresentação da candidatura naquela mesma casa, pois Caio Cláudio dera uma festa em sua honra; mais uma criatura do que homem, Caio Cláudio admirava o arrojo de Gláucia ao desafiar as provisões da *lex Villia, e* achou que a melhor forma de mostrar a sua admiração era usar parte do muito dinheiro que tinha para dar a Gláucia uma festa de despedida antes de ele seguir o caminho eleitoral. Os cinquenta homens que acompanharam Gláucia no trajecto até *à saepta* foram convidados para a festa, mas não havia mulheres entre eles; o resultado fora uma comédia notável apenas pelo exagero do consumo de álcool e pela biliosidade. De madrugada ninguém se sentia muito bem, mas

tinham de ir com Gláucia até *à saepta* para dar-lhe apoio; parecera-lhes boa ideia levarem consigo paus e bordões. Sentindo-se tão mal como os outros, Gláucia fez um vomitório e tomou um banho, envolveu-se na toga branqueada e saiu com os olhos enfiados contra os mil martelinhos de uma grande dor de cabeça.

Encontrar o sorridente e imaculado Mémio, cuja bela nuca adquirira já a pose da vitória, era mais do que os nervos desgastados de Gláucia podiam suportar. Por isso, respondeu à oposição de Mémio com um insulto cruel, e quando Mémio lhe rasgou a toga, Gláucia perdeu todo o controlo. Agora o mal estava feito e não podia voltar atrás. Tudo estava em ruínas à volta da cabeça destruída de Mémio.

A presença silenciosa de Saturnino no gabinete era outro choque; Gláucia começou a compreender a enormidade do que fizera, as suas ramificações e repercussões. Não só destruíra a sua carreira, como era provável que também tivesse destruído a do seu melhor amigo. E isso é que Gláucia não suportava.

- Diz qualquer coisa, Lúcio Apuleio! - gritou.

Piscando os olhos, Saturnino emergiu do estado hipnótico em que se encontrava.

- Penso que só nos resta uma alternativa - disse calmamente. - Temos de trazer a multidão para o nosso lado e usá-la para fazer o Senado dar-nos o que queremos: cargos seguros, circunstâncias atenuantes para ti, a garantia de que nenhum de nós será processado. Mandei Tito Labieno Ir buscar Lúcio Equício, pois é mais fácil manejar as multidões se ele estiver presente - suspirou, cruzou as mãos. - Mal Labieno regresse, sairemos para o Fórum. Não há tempo a perder.

- Tenho de ir? - perguntou Gláucia.

- Não. Ficarás aqui com os teus homens e mandarás Caio Cláudio armar os seus escravos. E não deixes entrar ninguém antes de ouvires a minha voz, ou *a* de Labieno ou Saufeio - Saturnino levantou-se. - Até ao cair da noite, terei de ter Roma na mão. Caso contrário, será também o meu fim.

- Abandona-me! - disse Gláucia subitamente. - Não há necessidade disto! Horroriza-te com o que eu fiz e coloca-te à frente do grupo que exigirá a minha condenação! É a única hipótese. Roma não está preparada para uma nova forma de governo! A multidão está esfomeada, é certo. Está farta do mau governo. E quer justiça, é verdade, Mas não basta para partir cabeças e cortar pescoços. Podem aclamar-te até ficarem roucos. Mas não matarão por ti.

- Enganas-te - emendou Saturnino, que se sentia um pouco como se andasse sobre lã: leve, livre, invulnerável. - Caio Servílio, todos os homens que enchem o Fórum são em maior número e mais poderosos do que um *exército!* Não viste como os políticos caíram de joelhos? Não viste Metelo Caprário recuar face a Lúcio Equício? Não houve derramamento de sangue! Pode levar-se o Fórum ao rubro com os berros de uma centena de homens, e havia centenas de milhares deles! Ninguém irá desafiar aquela multidão, mas não será necessário armá-los ou mandá-los esmagar cabeças ou cortar

pescoços. O seu poder reside no grande número! É uma massa que posso *controlar,* Caio Servílio! Só preciso da minha oratória, uma prova da minha dedicação à causa deles e um ou dois acenos de Lúcio Equício! Quem resiste ao homem que comanda a multidão como um gigantesco mecanismo de cerco? Os homens de palha do Senado?

- Caio Mário - afirmou Gláucia.

- Não, nem mesmo Caio Mário! E de qualquer modo ele está do nosso lado!

- Não está - replicou Gláucia.

- Poderá pensar que não está, Caio Servílio, mas o facto de a multidão o aclamar do mesmo modo que me aclama a mim e a Lúcio Equício fará os políticos e todos os membros do Senado vê-lo à mesma luz com que nos vêem! Não me importo de partilhar o poder com Caio Mário... por algum tempo. Está a ficar velho; teve uma apoplexia. Quem estranharia que morresse de outra apoplexia? - perguntou Saturnino com ansiedade.

Gláucia sentia-se melhor; endireitou-se na cadeira e olhou para Saturnino com uma mistura de dúvida e esperança.

- *Poderá* resultar, Lúcio Apuleio? Achas mesmo que pode resultar? Saturnino esticou os braços em direcção ao tecto, vibrando confiante e com um sorriso de alegria feroz estampado no rosto.

- Há-de resultar, Caio Servílio. Deixa tudo comigo.

Lúcio Apuleio Saturnino seguiu da casa de Caio Cláudio para os rostros no Fórum Romano, acompanhado por Labieno, Saufeio, Lúcio Equício e cerca de dez ou doze apoiantes próximos. Cortou caminho pelo Arx, sentindo que devia entrar na arena por cima, como um semideus que descesse de uma região elevada cheia de templos e divindades; por isso a sua primeira visão do Fórum foi do topo das escadas das Gemonias, que tencionava descer como um rei. O choque fê-lo parar. A multidão! *Onde estava a multidão?* Partira depois da eleição dos questores do dia anterior; e como nada **mais iria** acontecer no Fórum, não vira motivo para regressar. E como todos os acontecimentos do dia decorriam no campo verde *da saepta,* não se via um único membro do Senado.

Porém, o Fórum não estava deserto; talvez dois ou três mil membros da pior escumalha de Saturnino caminhavam de um lado para o outro, gritando e brandindo os punhos, exigindo cereais de graça caídos do céu. A desilusão que tudo aquilo causava por pouco **não**

trouxe as lágrimas à superfície; depois, Saturnino olhou com firmeza para aqueles homens meio-destroçados que importunavam no extremo mais baixo do Fórum, e tomou uma decisão. Aqueles serviriam. Teriam de servir. Iria usá-los como ponta-de-lança; com eles, poderia arrastar a enorme multidão de volta para o Fórum. Porque faziam parte da multidão, enquanto ele não.

Desejando ter arautos que anunciassem a sua chegada, **Saturnino** desceu as Escadas das Gemónias e caminhou, com o pequeno grupo dos seus homens de confiança, a passos largos para os rostros com o objectivo de chamar a turba a reunir para escutar Lúcio Apuleio.844

- Quirites! - foi como Saturnino se lhes dirigiu por entre as aclamações ruidosas, de braços estendidos, pedindo-lhes silêncio. - Quirites, o Senado de Roma está prestes a assinar as nossas sentenças de morte! Eu, Lúcio Apuleio Saturnino, tal como Lúcio Equício e Caio Servílio Gláucia, somos acusados de assassínio de um menino da nobreza, um boneco efeminado que apenas queria candidatar-se ao consulado para garantir que vocês, o Povo, continuassem a morrer de fome!

O grupo compacto que se encontrava nos rostros manteve-se imóvel e em silêncio, à escuta; Saturnino ganhou confiança e energia com os seus ouvintes atentos e alongou-se mais sobre o tema:

- Por que razão não recebestes cereais, mesmo depois de eu ter feito aprovar a minha segunda lei para que vos fossem distribuídos por uma ninharia? Porque a Primeira e Segunda Classes da nossa grandiosa cidade preferiram comprar menos cereais e vendê-los mais caros! Porque a Primeira e Segunda Classes da nossa cidade não querem que as vossas bocas esfomeadas se virem na sua direcção! Vêem-vos como cucos no ninho, uma extravagância de que Roma não precisa! Vós sois os *capite censi* e as classes mais baixas; já não sois importantes, depois de ganhas todas as guerras e de o dinheiro das pilhagens já estar a salvo nos cofres do Tesouro! Para

quê gastar esse dinheiro a encher as vossas barrigas desprezíveis?, pergunta o Senado de Roma, e recusa-se a conceder-me os fundos necessários para comprar cereais para vos matar a fome! Isto porque daria muito, muito jeito ao Senado de Roma e à Primeira e Segunda Classes de Roma que várias centenas de milhares dessas barrigas desprezíveis encolhessem ao ponto de os seus donos morrerem de fome! Imaginem! Poupava-se tanto dinheiro, vagariam tantas daquelas ínsulas fedorentas e superpopuladas; Roma passaria a ser um parque verde e espaçoso! Enquanto vós vos matásseis para viver, eles passear-se-iam por agradáveis jardins, de barriga cheia e as bolsas repletas de dinheiro! Eles não querem saber de vós! Não passais de um impecilho do qual gostariam de se ver livres, e que melhor forma de fazê-lo senão através de uma fome introduzida artificialmente?

Saturnino conquistara-os, claro; resmungavam agora como cães famintos: a populaça enchia o ar de ameaças e de triunfo o coração de Saturnino.

- Mas eu, Lúcio Apuleio Saturnino, lutei durante tanto tempo e com tal ardor para vos encher as barrigas que agora vou ser eliminado por um crime que não cometi! - Aquela era boa; não tinha sido ele a cometer o crime, pelo que podia à sua vontade contar toda a verdade sem que o845

pusessem em causa! - Comigo perecerão todos os meus amigos, que também são vossos amigos. Lúcio Equício, aqui presente, herdeiro do nome e dos objectivos de Tibério Graco! E Caio Servílio Gláucia, que forja tão bem as minhas leis que nem os nobres que governam o Senado conseguem alterá-las! - Fez uma pausa, suspirou, e *ergueu* os braços num gesto de impotência. - E quando estivermos mortos, Quirites, quem ficará para olhar por vós? Quem irá prosseguir a nossa luta? Quem virá combater os privilegiados para vos encher as barrigas? *Ninguém!*

Os resmungos haviam-se transformado em rugidos; a disposição da multidão subiu de tom, em potencial violência. Estavam prontos a fazer o que ele quisesse.

- Quirites, é convosco! Ficais parados enquanto nós, homens inocentes que vos amamos e estimamos, seremos mortos? Ou íreis buscar armas a casa e correr por toda a vizinhança, chamando a multidão?

Começaram a sair dali, mas foram detidos pelos gritos de Saturnino:

- Vinde ter comigo aqui aos milhares! Ponde-vos sob a minha guarda! Antes do cair da noite, Roma pertencer-vos-á, porque também me pertence, e então encher-vos-emos as barrigas! Abriremos o Tesouro e compraremos cereais! Agora ide, trazei-me a cidade inteira, vinde ter comigo ao coração de Roma, e mostrai ao Senado e à Primeira e Segunda Classes quem governa a nossa cidade e o nosso império!

A turba espalhou-se em todas as direcções como uma miríade de pequenas bolas entrechocando-se ao toque de um martelo na borda que os cercava. Corriam gritando palavras incoerentes, enquanto Saturnino se dirigiu para os rostros para se encontrar com os seus homens de confiança.

- Maravilhoso! - exclamou Saufeio, torcendo-se.

- Vamos vencer, Lúcio Apuleio, vamos vencer - gritou Labieno. Rodeado de homens eufóricos que lhe davam palmadas nas costas, Saturnino contemplava a grandeza do seu futuro com uma pose principesca.

Foi então que Lúcio Equício desatou a chorar.

- Mas o que vamos *fazer?* - murmurou, enxugando o rosto com a ponta da toga.

- Fazer? O que te parece, imbecil? É evidente que vou tomar Roma!

- *Com aqueles?*

- Quem irá fazer-lhes frente? Além do mais, vão trazer uma multidão gigantesca. Ninguém poderá resistir-nos!846

- Mas há um exército de marinheiros no Campo de Marte... duas legiões! - berrou Lúcio Equício, ainda a fungar e a tremer.

- Nenhum exército romano se aventurou a entrar em Roma a não ser para os desfiles triunfais. E nenhum homem que se aventurasse a mandar um exército entrar em Roma sobreviveria - disse Saturnino menosprezando o argumento; assim que estivesse bem controlado, Equício teria de ir também à vida, fosse ou não parecido com Tibério Graco.

- Caio Mário fá-lo-ia - alegou Equício, num soluço.

- Meu grande tonto, Caio Mário colocar-se-á do nosso lado! - afirmou Saturnino com desprezo.

- Isto não me agrada, Lúcio Apuleio!

- Não tem de te agradar. Se estás do meu lado, pára com a berraria. Se estás contra mim, serei *eu* a acabar com ela! - E dito isto, Saturnino passou um dedo pela garganta.

Um dos primeiros a responder ao pedido de auxílio dos amigos de Caio Mémio foi Caio Mário. Chegou ao local do confronto pouco depois de Gláucia e os seus amigos terem seguido à pressa para o Quirinal, e encontrou uma centena de membros das Centúrias, de toga, agrupados à volta do que restava de Caio Mémio. Abriram alas para deixar passar o cônsul; com Sila a seu lado, Mário fitou os restos moles da cabeça, e a *seguir* dirigiu o olhar para o lugar onde ainda se encontrava o bordão coberto de fragmentos de cabelos, músculos, pele e crânio.

- Quem fez isto? - perguntou Sila.

Uma dúzia de homens responderam em uníssono:

- Caio Servílio Gláucia.

Sila proferiu em tom nasal:

- O próprio?

Todos assentiram.

- Alguém sabe para onde foi?

Desta vez as respostas não coincidiram, mas Sila acabou por conseguir perceber que Gláucia e o seu grupo tinham passado a correr pela Porta Sanqualis em direcção ao Quirinal. Visto que Caio Cláudio estava entre eles, parecia provável que se dirigissem para a sua casa na Alta Semita.

Mário não se movera, não parara de contemplar Caio Mémio em silêncio. Sila tocou-lhe no braço com suavidade; Mário estremeceu então, limpando as lágrimas com uma prega de toga, pois não queria tirar o lenço, traindo a inépcia da sua mão esquerda.[847]

No campo de guerra, isto é natural. No Campo de Marte abaixo das muralhas de Roma, é abominável! gritou, virando-se para os homens que o rodeavam.

Outros senadores séniores iam chegando, e entre eles encontrava-se Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, que lançou um olhar rápido ao rosto de Mário, marejado de lágrimas; a seguir olhou para o chão e conteve a respiração.

Mémio! *Caio Mémio? perguntou,* incrédulo.

- Sim, Caio Mémio - respondeu Sila. - Assassinado por Gláucia, como afirmaram todas as testemunhas.

Mário recomeçara a chorar, mas não fez qualquer esforço para esconder as lágrimas de Escauro.

Princeps Senatus disse, convoco o Senado a reunir-se de imediato no templo de Belona. Estás de acordo?

- Estou - respondeu Escauro.

Alguns lictores começaram a debandar; a ordem do cônsul sénior deixava-os em respeito a várias centenas de passos, apesar da apoplexia.

Lúcio Cornélio, leva os meus lictores, chama os arautos, cancela a minha apresentação aos candidatos, ordena que *oflamen Martialis* se dirija ao templo da Vénus Libitina para nos levar a Belona os machados sagrados dos *fasces* e convoca o Senado disse Mário. Eu irei à frente com Marco Emílio.

Tem sido um ano terrível afirmou Escauro. Com efeito, apesar de todas as vicissitudes recentes, não me lembro de um ano tão terrível desde o último da vida de Caio Graco.

As lágrimas de Mário tinham secado.

Nesse caso, parece-me que estamos em atraso comentou.

Esperemos ao menos que não aconteça nada mais violento do que o assassínio de Mémio.

Mas provou-se que a esperança de Escauro era vã, embora no início tivesse parecido razoável. O Senado reuniu-se no templo de Belona e discutiu o assassínio de Mémio; havia um número suficiente de testemunhas oculares para provar a culpa de Gláucia.

No entanto disse Mário com firmeza, Caio Servílio tem de ser julgado por este crime. Nenhum cidadão romano pode ser condenado sem

julgamento a menos que declare guerra a Roma, e não é esse o caso que temos entre mãos.

Receio bem que seja, Caio Mário disse Sila, entrando apressado.848

Todos olharam para ele. Ninguém disse nada.

- Lúcio Apuleio, com um grupo de homens entre os quais se encontra o questor Caio Saufeio, tomou o Fórum Romano - anunciou Sila. Mostraram Lúcio Equício à multidão, e Lúcio Apuleio declarou que tenciona suplantar o Senado e a Primeira e Segunda Classes com uma norma do Povo criada por ele. Ainda não o aclamaram rei de Roma, mas já se fala disso pelas ruas e mercados daqui até ao Fórum: o que significa que se fala por toda a cidade.

- Posso usar da palavra, Caio Mário? - perguntou o Presidente da Assembleia.

- Fala, Princeps Senatus.

- A cidade está em crise - disse Escauro em voz baixa mas distinta tal como nos últimos dias de Caio Graco. Nessa altura, quando Marco Fúlvio e Caio Graco usaram da violência como a única forma de alcançarem as suas finalidades desesperadas, discutiu-se uma questão na Assembleia: Roma precisaria de um *dictator* para resolver uma crise tão urgente mas também tão curta? O resto é conhecido. A Assembleia recusou a ideia de escolher um *dictator.* Em vez disso, aprovou aquilo a que podemos chamar o seu decreto de ultimato: o *Senatus de republica defendanda.* Por este decreto, a Assembleia concedeu aos cônsules e magistrados o poder de defender a soberania do Estado da forma que considerassem necessária, e imunizou-os antecipadamente de processos e do veto tribunício.

Parou para olhar em volta com ar muito sério.

- Pais Conscritos, sugiro que resolvamos esta crise do mesmo modo: através de um *Senatus Consultum de republica defendanda.*

- Vamos votar - disse Mário. - Os que estiverem a favor passem para a minha esquerda; os que estiverem contra, para a minha direita - e passou para o lado esquerdo antes de todos.

Ninguém passou para o lado direito; a Assembleia aprovou por unanimidade o segundo *Senatus Consultum de republica defendanda,* o que não acontecera da primeira vez.

- Caio Mário - disse Escauro -, pelo poder que me foi conferido pelos membros desta Assembleia, nomeio-te cônsul sénior de Roma, para defenderes a soberania do Estado de acordo com o que achares próprio ou necessário. Além do mais, aqui declaro em nome desta Assembleia que não estarás sujeito ao veto tribunício, e que nada do que faças ou ordenes será usado contra ti em tribunal. Sob condição de agirem ao teu849

comando, esta missão e a sua imunidade estendem-se ao cônsul júnior, Lúcio Valério Flaco e a todos os pretores. Mas tu, Caio Mário, também terás o poder de escolher delegados entre os membros desta Assembleia que não ocupem o cargo de cônsul ou pretor, e, desde que actuem sob o teu comando, também participarão nesta missão e gozarão da inerente imunidade. - Pensando na cara que Metelo Numídico faria se estivesse presente para ver Caio Mário a ser virtualmente tornado *dictator* pelo próprio Escauro Princeps Senatus, este lançou a Mário um olhar malicioso, mas conseguiu esconder o sorriso. Encheu os pulmões de ar e bramiu: Viva Roma!

- Céus! - exclamou Públio Rutílio Rufo.

Mas Mário não tinha tempo nem paciência a perder com os espirituosos da Assembleia, que, como pensou, ficariam a proferir graças enquanto Roma ardesse à sua volta. Com uma voz firme mas calma, delegou em Sila o cargo de segundo-comandante, ordenou a abertura forçada do armazém de armamentos existente na base do

templo de Belona e a sua distribuição por aqueles que não possuíssem armas nem armaduras próprias, e disse aos que as possuíam que fossem buscá-las a casa enquanto ainda podiam andar livremente pelas ruas.

Síla concentrou-se nos seus jovens auxiliares e deu-lhes ordens para dispersarem rapidamente; Cepião Júnior e Metelo Bacorinho eram os que estavam mais impacientes. A incredulidade ia cedendo lugar a uma afronta que quase excedia a simples fúria; era profundamente reprovável que um senador de Roma tentasse lançar mão das massas para ser eleito rei. As diferenças políticas foram esquecidas, as facções dissolveram-se; os **ultraconservadores** alinharam com os mais progressistas partidários de Mário, e todos se viraram obstinadamente contra o ambicioso do Fórum Romano.

Ao organizar o seu pequeno exército e quando os homens que esperavam para receber armas e armaduras acorriam lançando imprecações, Sila lembrou-se dela; não de Dalmática mas de Aurélia. Enviou à pressa quatro lictores à sua ínsula avisando-a que deveria trancar-se em casa, e com um recado dirigido a Lúcio Decúmio ordenando-lhe que nem ele nem os frequentadores da sua taberna fossem ao **Fórum Romano** nos próximos dias. **Conhecendo Lúcio Decúmio** como conhecia, era certo que não **iriam** ao Fórum de modo nenhum. Enquanto o resto da escumalha de Roma se alvoroçava pelo Fórum, fazendo barulho e batendo em transeuntes inocentes, o território que habitualmente patrulhavam estava deliciosamente aberto para um ou dois assaltos, e não havia dúvida de850

que fora essa a opção de Lúcio Decúmio. Mesmo assim, uma mensagem não fazia mal a ninguém, e Síla preocupava-se com a segurança de Aurélia.

Passadas duas horas, estavam todos a postos. Do lado de fora do templo de Belona ficava o grande pátio aberto que sempre fora conhecido por Território Inimigo. A meio das escadas do templo havia um pilar de pedra quadrado com cerca de quatro pés de altura. Quando se declarava uma guerra justa e legítima a um inimigo estrangeiro - e haveria guerras de outro

tipo? - chamava-se um sacerdote fecial para atirar uma lança desse antigo pilar de pedra para o Território Inimigo. Ninguém sabia como ou por que motivo começara o ritual, mas passara a figurar na tradição e por isso era ainda observado. Mas agora não havia nenhum inimigo estrangeiro contra quem declarar guerra mas apenas um decreto senatorial a cumprir; assim, nenhum sacerdote fecial lançou a lança, e o Território Inimigo encheu-se de Romanos da Primeira e Segunda Classes.

O ajuntamento - de cerca de mil pessoas - estava agora preparado para a guerra, os peitos e costas estavam envoltos em couraças, aqui e ali viam-se grevas nas canelas e nas pernas, e todos tinham elmos de crista. Todos os homens se encontravam armados com a velha espada curta e o punhal romanos, e possuíam escudos ovais da época anterior à de Mário, de cinco pés de altura.

Caio Mário subiu ao pódio do templo de Belona e dirigiu-se ao seu pequeno exército:

- Lembrem-se de que somos Romanos e vamos entrar na cidade de Roma - disse, com gravidade. - Iremos atravessar o *pomerium.* Por isso, não chamarei às armas os marinheiros de Marco Antônio. Nós mesmos podemos resolver a questão; não precisamos de um exército profissional. Oponho-me firmemente a que haja mais violência além da rigorosamente necessária, e aviso-vos com toda a solenidade, em especial os mais novos, de que não quero ver nem uma lâmina levantada contra um homem que não possua outra. Levem paus e toros nos escudos, e usem apenas a parte lisa das vossas espadas. Sempre que possível, arranquem uma arma de madeira a algum dos membros da turba e usem-na em vez da espada, que ficará embainhada. Não irá haver pilhas de mortos e moribundos no coração de Roma! Isso traria azar à República, que cessaria de existir. Precisamos hoje de evitar a violência e não de causá-la.

Vocês são os meus soldados", prosseguiu com firmeza, "mas poucos estiveram ao meu comando até ao dia de hoje. Prestem, pois, atenção ao meu único aviso: os que desobedecerem às minhas ordens ou às851

ordens dos meus legados serão mortos. Não é altura para se formarem facções. Não existem hoje tipos diferentes de romanos. Muitos de vós não gostam dos *capite censi* e dos outros homens humildes de Roma. Mas lembro-vos... e prestem bem atenção!... Um romano dos *capite censi é* um romano e a sua vida é tão sagrada e

protegida pela lei como a minha ou as vossas. *Não vai haver nenhum banho de sangue.* Mal vislumbre o mais pequeno passo nesse sentido, voltar-me-ei contra aqueles que levantarem as espadas; e de acordo com o decreto do Estado, os vossos herdeiros não podem exigir qualquer tipo de compensação se eu vos matar! Só irão receber ordens de dois homens: de mim e de Lúcio Cornélio Sila, aqui presente. Nunca de qualquer outro magistrado curul abrangido por este decreto. Não quero que haja nenhum ataque, a menos que eu ou Lúcio Cornélio dêmos ordens *para* tal. Vamos resolver isto *com* a maior calma possível. Comprenderam?

Catulo César puxou uma madeixa de cabelo com uma delicadeza trocista.

- Ouvimos e obedeceremos, Caio Mário. já estive sob o teu comando; sei que cumprirás o que disseste.

- Excelente! - afirmou Mário com cordialidade, ignorando o sarcasmo. Virou-se para o cônsul júnior: - Lúcio Valério, leva contigo cinquenta homens e vai até ao Quirinal. Se Caio Servílio Gláucia estiver em casa de Caio Cláudio, prende-o. Se ele se recusar a sair, tu e os teus homens deverão ficar de guarda sem *tentar* entrar. E mantém-me informado.

Era de madrugada quando Caio Mário comandou o seu pequeno exército para fora do Território Inimigo e entrou com ele na cidade pela Porta Carmentalis. Vindos do Velabro, apareceram na álca que ligava o templo de Castor e a Basilíca Sempronía, e apanharam completamente desprevenida a multidão que se encontrava no baixo Fórum. Armados com tudo o que tinham à mão - mocas, paus, facas, machados, picaretas, forquilhas - os homens de Saturnino tinham aumentado para cerca de quatro mil; porém formavam um bando miserável em comparação com os mil homens competentes que entraram no Fórum a marchar num grupo compacto e formaram em frente à Basilica Sempronia. Bastava olhar para os corpetes de couro, elmos e espadas dos recém-chegados para fazer metade

deles desatarem a correr pelo Argileto acima e pelo lado ocidental do *Fórum em* direcção ao anonimato do Esquilino e à segurança do lar.852

- Desiste, Lúcio Apuleio! - berrou Mário, o mais alto que podia, com Sila a seu lado.

No topo dos rostros com Saufeio, Labieno, Equício e uns dez outros, Saturnino olhou para Mário boquiaberto; depois, lançou a cabeça para trás e riu; o riso que tencionava mostrar-se confiante e desafiador soou a falso.

- São ordens tuas, Caio Mário? - perguntou Sila.

- Incumbiram-nos dessa missão - afirmou Mário. - É uma missão muito rápida e dura. Não iremos recorrer ao uso de espadas mas apenas de escudos. Nunca pensei que fosse uma multidão tão heterogénea, Lúcio Cornélio! Hão-de ceder depressa.

Sila e Mário fizeram a inspecção e prepararam o seu pequeno exército. Colocaram os escudos à frente dos soldados, alinharam-nos numa fila de duzentos homens de comprimento por cinco de *largura.*

E então Caio Mário gritou:

- Atacar!

A manobra teve êxito imediato. Uma massa sólida de escudos transportados de uma vez só atingiu a multidão como uma onda gigantesca. Tanto os homens como as armas de recurso voaram por todo o lado sem uma retaliação; então, antes que os homens de Saturnino tivessem conseguido organizar-se melhor, a muralha de escudos voltou a esmagá-los vezes seguidas.

Saturnino e os companheiros desceram dos rostros para se juntarem à barafunda, brandindo espadas. Não serviu de nada. Embora tivesse começado ansiosa por derramar sangue, a coorte de Mário

gozava agora a novidade desta aproximação de aríete, e entrara num ritmo que colidia com a turba desordenada, empilhando os seus homens COMO pedras, afastando-se para voltar a formar a parede, entrechocando-se mais uma vez. Alguns dos homens da multidão foram pisados mas não houve batalha.

Passou pouco tempo antes de todos os homens de Saturnino terem abandonado o campo; terminara a grandiosa ocupação do Fórum Romano, e quase sem derramamento de sangue. Saturnino, Labieno, Saufeio, Equício, uma dúzia de romanos e cerca de trinta escravos armados subiram o Clivus Capitolinus para se barricarem dentro do templo de Júpiter Optimus Maximus, rogando ao Grande Deus que os socorresse e enviasse aquela multidão gigantesca de volta para o Fórum.

- Agora é que o sangue vai correr! - gritou Saturnino do pódio do templo no cimo do Capitólio num tom perfeitamente audível para Mário853

e os seus homens. - Far-te-ei matar romanos antes de morrer, Caio Mário! Hei-de ver este templo poluído com o sangue dos romanos!

- Talvez tenha razão - comentou Escauro Princeps Senatus, com ar extremamente satisfeito e feliz não obstante esta nova preocupação. Mário riu com vontade.

- Não! Ele apresenta-se como um daqueles animaizinhos indefesos com olhos ferozes, Marco Emílio. Acredita que existe uma explicação simples para este cerco. Vamos tirá-los de lá **sem derramar uma** só gota de sangue romano - virou-se para Sila. - Lúcio Cornélio, vai procurar os engenheiros da companhia das águas e manda-os cortar de imediato toda a água do Monte Capitolino.

O Presidente da Assembleia abanou a cabeça, espantado.

- Tão simples! Mas ao mesmo t'empo tão óbvio que desta vez nem pensaria em tal coisa. Quanto teremos de esperar até à rendição de

Saturnino?

- **Não muito.** Têm estado sem beber. Amanhã devem render-se. Vou enviar um número suficiente de homens para cercar o templo e mandá-los atormentar cruelmente os nossos fugitivos com a falta de água.

- Saturnino é um sujeito desesperado - comentou Escauro.

Mário não concordou com a ideia e disse:

- É um político, Marco Emílio, e não um soldado. Não entende a força das armas mas sim o poder, e não sabe delinear uma estratégia praticável para si mesmo - o lado retorcido da cara de Mário assustou Escauro; aquele irónico olho murcho e o sorriso que arrepanhava o lado direito eram um espectáculo terrível de ver. - Se fosse *eu* que estivesse no lugar de Saturnino, Marco Emílio, terias motivos para estar preocupado! Porque nesta altura já me teria intitulado rei de Roma, e vocês seriam todos mortos.

Instintivamente, Escauro Princeps Senatus recuou um passo.

- Eu sei, Caio Mário - disse. - Eu sei.

- Seja como for - acrescentou Mário, bem disposto, afastando da vista de Escauro o lado feio do seu rosto -, felizmente não sou o rei Tarquínio, embora a família da minha *mãe seja* da região! Uma noite no quarto do Grande Deus há-de **fazê-lo tornar** a si.

Da multidão, os que tinham sido apanhados e presos logo no início foram cercados e colocados sob vigilância cerrada nas celas das Lautúmias, onde um apressado grupo de funcionários do censor separou os cidadãos dos não-romanos; os que não eram romanos foram logo executados, ao854

passo que os romanos teriam um julgamento sumário no dia seguinte e seriam depois atirados da Rocha Tarpela, no Capitólio.

Sila regressou quando Mário e Escauro começaram a afastar-se do baixo Fórum.

- Tenho uma mensagem de Lúcio Valério, do Quirinal - disse, com ar consideravelmente mais preparado para os acontecimentos do dia. Conta que Gláucia está em casa de Caio Cláudio, mas os seus ocupantes trancaram os portões e recusam-se a sair.

Mário fitou Escauro.

- Bem, Princeps Senatus, o que iremos fazer quanto a este assunto

- Porque não fazemos o mesmo que aqueles que se encontram na companhia de Júpiter Optimus Maximus e não resolvemos o assunto amanhã? Entretanto, deixemos Lúcio Valério guardar a casa. Depois da rendição de Saturnino, poderemos gritar a notícia por cima do muro da casa de Caio Cláudio, e ver depois o que acontece.

- É um bom plano, Marco Emílio. E Escauro desatou a rir.

- Caio Mário, toda esta conversa amigável contigo não irá aumentar a minha reputação entre os Homens de Bem! - disse atabalhoadamente, e agarrou o braço de Mário. - No entanto, Homem de Bem, estou muito contente por estares hoje connosco. O que dizes, Públio Rutílio?

- Digo... que não podias ter dito nada mais certo.

Dos homens que ainda se encontravam no templo de Júpiter Optimus Maximus, Lúcio Apuleio Saturnino foi o primeiro a render-se; Caio Saufeio foi o último. Os romanos que se encontravam com eles, ao todo uns quinze, foram presos nos rostros à vista de toda a gente que se tinha dado ao trabalho de lá ir: não muitos, pois a multidão ficara em casa. Mesmo à frente do seu nariz, os da multidão que possuíam a cidadania romana

- a grande maioria, pois não era uma sublevação de escravos - foram julgados num tribunal especial de traição e condenados a ser atirados da Rocha Tarpeia.

Saliente do lado sudoeste do Capitólio, a Rocha Tarpeia era um ressalto acima de um pequeno precipício que tinha apenas oito pés de altura; a morte dos que eram atirados devia-se à presença de um afloramento de rochas de pontas aguçadas que ficava imediatamente abaixo.

Os traidores foram levados até ao declive do Clivus Capitolinus, passaram as escadas do templo de Júpiter Optimus Maximus e foram até855

um lugar nas Muralhas Sérvias em frente do templo de Ops. A saliência da Rocha Tarpeia projectava-se para fora da muralha e o seu perfil via-se perfeitamente da parte mais baixa do Fórum Romano, onde a multidão surgiu subitamente para ver morrerem os partidários de Lúcio Apuleio Saturnino - multidões de barriga vazia, mas sem qualquer vontade de manifestar o seu descontentamento naquele dia. Só queriam ver alguém ser deitado da Rocha Tarpeia, pois isso não acontecia há muito tempo, e os boatos que corriam referiam já uma centena de mortos. Nenhum dos membros da multidão fitava Saturnino ou Equício com amor ou piedade, embora fossem os mesmos que os tinham aclamado tão vivamente durante as eleições tribunícias. Os boatos diziam que vinham a caminho frotas carregadas de trigo da Ásia, graças a Caio Mário. Por isso, foi Mário que aclamaram desordenadamente. O que queriam realmente ver, já que gozavam o feriado romano da tiragem das sortes, era o lançamento dos corpos da Rocha Tarpeia: a morte a uma certa distância como uma exibição acrobática, uma novidade.

- Não podemos marcar os julgamentos de Saturnino e Equício antes que os ânimos acalmem um pouco - comentou Escauro Princeps Senatus para Mário e Sila quando desciam as Escadas do Senado,

enquanto a parada de homens em miniatura caía do extremo da Rocha Tarpeia no vazio.

Nem Mário nem Sila se enganaram: o que preocupava Escauro não era a multidão do Fórum mas os homens mais impulsivos e furiosos da sua espécie, que estavam cada vez mais agressivos agora que o pior já passara. O rancor passara da turba de Saturnino para o próprio Saturnino, com especial maldade reservada para Lúcio Equício. Os jovens senadores e os que ainda não tinham idade para o serem estavam num grupo no extremo dos Comícios, conduzidos por CepiãoJúnior e Metelo Bacorinho, e olhavam muito zangados para Saturnino e os seus companheiros dos rostros.

- O pior será quando Gláucia se render e vier juntar-se a eles - *afirmou* Mário pensativamente.

- Que miseráveis! - disse Escauro com desprezo. - Era de esperar que ao menos alguns deles fizessem o que deviam, tombando sobre as próprias espadas! Até o meu filho cobarde fez isso!

Mário anuiu:

- Estou de acordo. No entanto, estamos aqui para julgar por traição quinze deles, ou dezasseis, se Gláucia aparecer, e alguns indivíduos muito856

ressentidos lá em baixo fazem-me lembrar uma alcateia de lobos a olhar para uma manada de veados.

- Teremos de mantê-los em algum lugar pelo menos durante vários dias - lembrou Escauro -, mas onde? Por Roma, não devemos permitir que sejam linchados.

- Porquê - inquiriu Sila, dando a primeira contribuição para a discussão,

- Só provoca confusão, Lúcio Cornélio. Conseguimos evitar o derramamento de sangue no Fórum, mas a multidão vai aparecer em força para ver o julgamento por traição deste grupo dos rostros. Hoje podem estar entretidos com as execuções de homens sem interesse. Mas poderemos ter a certeza de que não vão ficar furiosos quando julgarmos Lúcio Equício, por exemplo? - perguntou Mário ponderadamente. - É uma situação muito difícil.

- Por que não terão tombado sobre as próprias espadas? - perguntou Escauro, rabujento. - Pensa no trabalho que nos teriam poupado! O suicídio é a admissão da própria culpa; não há julgamento, nem estrangulador no Carcer Tullianum: e não temos coragem para *atirá-los* da Rocha Tarpeia!

Sila ficou a ouvir, escutando as palavras mas a olhar pensativamente para Cepião Júnior e Metelo Bacorinho. Porém, não disse nada.

- Bem, preocupar-nos-emos com o julgamento na devida altura afirmou Mário. - Entretanto, temos de encontrar alguém que os coloque em lugar seguro.

- As Lautúmias estão fora de questão - disse Sila imediatamente. Se, por qualquer motivo ou por instigação de alguém, uma multidão enorme decidir ir salvá-los, as celas não oferecerão resistência, nem mesmo se pusermos de guarda todos os lictores. Não é Saturnino que me preocupa, mas aquele horrível Equício. Basta uma mulher tola desatar a chorar por o filho de Tibério Graco ir morrer, e podemos ter sarilhos - resmungou. - E como se não os houvesse em quantidade suficiente, olhem para aqueles brutos lá em baixo a babarem-se. Não se importariam nada de linchar Saturnino.

- Nesse caso - afirmou Mário alegremente -, sugiro que os fechemos no interior da Cúria Hostília.

Escauro Princeps Senatus ficou boquiaberto.

- Não podemos fazer isso, Caio Mário!

- Porquê?857

- Aprisionar traidores na *Casa do Senado?* É... é como oferecer aos deuses em sacrifício um pedaço de bosta!

- Eles já conspurcaram o templo de Júpiter Optimus Maximus, tudo o que tem a ver com a religião do Estado terá de ser purificado. A Cúria não tem janelas absolutamente nenhumas e possui as melhores portas de Roma. A alternativa é alguns de nós oferecerem-se como voluntários para guardá-los em nossas casas; queres ficar com o Saturnino? Leva-o e eu levo o Equício. E penso que Quinto Lutácio devia ficar com Gláucia

- disse Mário a sorrir.

- A Cúria Hostília é uma excelente ideia - comentou Sila, que continuava a olhar pensativamente para Cepião Júnior e Metelo Bacorinho.

- Grrr! - rosnou Escauro Princeps Senatus, não para Mário ou para Sila mas para as circunstâncias. A seguir, assentiu de forma decisiva. Tens toda a razão, Caio Mário. Receio bem que tenha de ser a Cúria Hostília.

- Óptimo! - exclamou Mário; deu uma palmada no ombro de Sila indicando-lhe que deviam seguir, e acrescentou com um sorriso torto e assustador: - Enquanto trato dos pormenores, Marco Emílio, terás a missão de explicar aos outros Homens de Bem a razão por que precisamos de usar como prisão a nossa venerável sala de reuniões.

- Obrigado! - exclamou Escauro.

- De nada.

Quando estavam fora do alcance de todos os homens que podiam ter importância, Mário olhou de relance para Sila com curiosidade.

- O que andas a tramar? - perguntou.

- Não sei se deverei contar-te - respondeu Sila.

- Peço-te que sejas cuidadoso. Não quero que te prendam por traição.

- Serei cuidadoso, Caio Mário.

Saturnino e os seus confederados tinham-se rendido no oitavo dia de Dezembro; no nono dia, Caio Mário voltou a convocar a Assembleia das Centúrias e ouviu a declaração dos candidatos às magistraturas curuis.

Lúcio Cornélio Sila não se incomodou a sair da *saepta;* estava ocupado com outras coisas, entre as quais se incluía dar longos passeios com Cepião Júnior e Metelo Bacorinho, e fazer uma ou outra visita a Aurélia, apesar de ter sabido por Públio Rutílio que ela se encontrava bem e que Lúcio Decúmio mantivera longe do Fórum Romano os homens grosseiros da taberna.858

O décimo dia do mês era aquele em que os novos tribunos da plebe entravam em funções; mas dois deles, Saturnino e Equício, estavam encerrados na Casa do Senado. E todos temiam que a multidão voltasse a aparecer, pois parecia interessadíssima nos actos dos tribunos da plebe.

Embora Mário não quisesse autorizar o pequeno exército formado há três dias a ir ao Fórum Romano com espadas e armaduras, mandou fechar a Basílica Porcia aos habituais mercadores e banqueiros, e guardou-a apenas para armazenamento de armas e armaduras; no piso inferior ao fundo da Casa do Senado ficavam os escritórios do Colégio de Tribunos da Plebe, e era aí que deviam reunir-se de madrugada os oito homens que não estavam envolvidos na questão de Saturnino, após o que se daria início à sessão inaugural da Assembleia da Plebe o mais depressa possível e sem a menor referência aos dois homens ausentes.

Mas a madrugada ainda não rompera e o Fórum Romano estava completamente deserto quando Cepião júnior e Metelo Pio Bacorinho conduziram o seu *grupo de* assalto pelo Argileto *em* direcção à Cúria Hostília. Tinham vindo pelo caminho mais longo para não serem detectados pelos guardas, mas quando se espalharam à volta da Cúria, descobriram que tinham toda a área só para si.

Transportavam longas escadas que encostaram dos dois lados do edifício, chegando até ao cimo das antigas telhas das goteiras em forma de leque, frágeis e cobertas de líquenes.

- Lembrem-se - disse Cepião júnior para os seus soldados - de que não devem usar as espadas, como disse Lúcio Cornélio. Temos de seguir as ordens de Caio Mário.

Um a um, subiram as escadas até os cinquenta homens se encontrarem agachados na beira do telhado, que era pouco inclinada e desconfortável. No escuro, esperaram que a pálida luz vinda do leste mudasse de cinzento claro para dourado brilhante, e os primeiros raios de sol saíssem inesperadamente do Monte Esquilino, vindo banhar o telhado da Casa do Senado. Lá em baixo começavam a chegar algumas pessoas, mas as escadas também tinham sido colocadas no telhado da Cúria, e como ninguém se lembrou de olhar para cima, ninguém notou nada de extraordinário.

- Ao ataque! - gritou Cepião júnior.

Tinham de apressar-se, porque Lúcio Cornélio dissera que não teriam muito tempo: o grupo de assalto começou a arrancar telhas das estruturas de carvalho por entre as vigas de cedro maciças. A luz inundou a859

parede abaixo deles, pondo em evidência quinze rostos brancos que olhavam para cima, mais surpreendidos que assustados. E quando cada um dos homens que estavam no telhado tinha uma pilha de telhas a seu lado, começou a lançar-lhas à cara através da fresta que fizera. Saturnino caiu logo, bem como Lúcio Equício. Alguns dos

prisioneiros tentaram esconder-se nos recantos mais distantes da sala, mas os jovens que estavam no telhado cedo aprenderam a atirar perfeitamente as telhas em qualquer direcção. A sala não tinha qualquer tipo de mobiliário, pois os utentes traziam consigo os seus bancos e os funcionários traziam uma mesa ou duas dos gabinetes do Senado, que ficava ao lado, no Argileto. Por isso não havia nada a proteger os prisioneiros da torrente de mísseis, mais eficazes como armas do que Sila suspeitara, O impacto tornava as telhas cortantes e cada uma pesava dez libras.

Quando Mário e os seus legados - incluindo Sila - chegaram, estava tudo acabado; o grupo de assalto desceu até ao chão, onde todos permaneceram em silêncio, sem tentar fugir.

- Devo prendê-los? - perguntou Sila a Mário.

Mário saltou, tão embrenhado estava nos seus pensamentos quando lhe fizeram a pergunta.

- Não! - respondeu. - Não vão para lado nenhum - e olhou para Sila de relance, dirigindo-lhe em silêncio com esse olhar uma pergunta; a resposta surgiu num abrir e fechar de olhos.

- Abram as portas - ordenou Mário aos lictores.

Lá dentro o sol expandia os seus raios sobre um manto de poalha que ia assentando e iluminou os montes de telhas cobertas de líquenes que se amontoavam por todo o lado, de cantos Partidos e escondidas, de um tom vermelho-ferrugem, quase da cor do sangue. Cinquenta corpos encontravam-se esmagados em pequenos amontoados ou abertos com pernas e braços torcidos, meio enterrados por entre as telhas esmigalhadas.

- Tu e eu, Princeps Senatus - afirmou Mário -, ninguém mais. juntos, entraram na sala e passaram de corpo em corpo, em busca de sinais de vida. Saturnino fora atingido tão súbita e eficazmente que nem tentara aninhar-se para se proteger, Tinha o rosto coberto por uma

carapaça de telhas, e quando o destaparam olhava indefeso para o céu, com as pestanas negras cheias de pó das telhas e do estuque. Escauro dobrou-se para lhe fechar os olhos e estremeceu com enfado; havia tanto pó nas órbitas secas que as pestanas se recusavam a descer. Lúcio Equício tivera pior sorte: não havia nem um bocadinho do seu corpo que não tivesse860

sido ferido, cortado ou inchado por uma telha, e Mário e Escauro levaram imenso tempo a afastar o monte que o submergia. Saufeio - que correra para um canto - morrera atingido por um caco que parecia ter batido no chão e subido, indo alojar-se-lhe no canto do pescoço como uma enorme lança; tinha a cabeça quase separada do tronco. E Tiro Labieno fora atingido nas costas com a aresta comprida de uma telha inteira, tombara sentindo apenas a espinha a partir-se.

Mário e Escauro conferiram.

- O que vou fazer com aqueles idiotas? - perguntou Mário.

- O *que podes fazer?*

A metade direita do lábio superior de Sila elevou-se.

- Vá lá, Princeps Senatus! Aguenta uma parte desta carga com a tua velha carcaça descarnada! juro-te que nunca mais poderás livrar-te disto. Ou me apoias, ou então prepara-te para uma luta que dará aos acontecimentos de hoje o ar da festa Bona Dea das mulheres!

- Está bem, está bem! - concordou Escauro irritado. - Não queria dizer que não te apoiava, meu grande campónio sem imaginação! Só queria perguntar: o que *podes fazer?*

- Com os poderes que me foram conferidos pelo *Senatum Consultum,* posso fazer o que quiser, desde prender todos os homens daquele grupo corajoso que está lá fora até mandá-los para casa sem nenhuma punição verbal. Qual destas hipóteses te parece mais conveniente?

- O mais conveniente é mandá-los para casa. O mais adequado é *prendê-los* e acusá-los do assassínio de outros romanos. Como os prisioneiros não tinham sido julgados, eram ainda

cidadãos romanos quando morreram. Mário arregalou a sua única sobrancelha móvel.

- Então, que decisão devo tomar, Princeps Senatus? A mais oportuna... ou a mais conveniente?

Escauro encolheu os ombros.

- A mais oportuna, Caio Mário. Sabe-lo tão bem como eu. Se tomares a decisão adequada abalarás tanto a árvore de Roma que o mundo inteiro poderá tombar com ela.

Saíram os dois do edifício e ficaram juntos no cimo das Escadas do Senado, olhando para os rostos das pessoas que se encontravam perto deles; além dessas escassas centenas, o Fórum Romano estava vazio, limpo, sonhador ao sol matinal.

- Proclamo uma amnistia geral! - gritou Mário o mais alto que podia.

- Vão para casa, jovens - ordenou ao grupo de assalto -, estão todos protegidos.[861]

- Virou-se então para o grupo maior dos seus ouvintes. - Onde estão os tribunos da plebe? Aqui? Ainda bem! Convoquem uma reunião; a multidão já cá não está. Os primeiros assuntos do dia serão a eleição de dois novos tribunos da plebe. Lúcio Apuleio Saturnino e Lúcio Equício estão mortos. Chefe dos lictores, manda chamar alguns colegas teus e os escravos públicos, e limpem a barafunda que está dentro da Cúria Hostília. Entreguem às famílias os corpos para que sejam enterrados honrosamente, pois não tinham sido julgados pelos seus crimes e são ainda cidadãos romanos de prestígio.

Mário desceu as escadas e dirigiu-se para os rostros, pois era o cônsul sénior e presidia às cerimónias de posse dos novos tribunos. Se fosse patrício, o seu colega júnior teria tratado disso, motivo por que pelo menos um dos cônsules tinha de ser plebeu, para ter acesso ao *concilium plebis.*

Então, aconteceu o imprevisto, talvez Por a *rede* de boatos estar na sua melhor forma e a notícia se ter espalhado à velocidade da luz. O Fórum começou a encher-se de gente, milhares e milhares de pessoas acorriam apressadas do Esquilino, Célio, Viminal, Quirinal, Subura, Palatino, Aventino, ópio. Mário reparou logo que era a mesma multidão que se juntara no Fórum durante as eleições dos tribunos da plebe.

E, depois de passada a maior confusão e com um sentimento de paz no coração, Mário olhou para aquele oceano de caras e viu o que Lúcio Apuleio vira: ”uma Fonte de poder ainda por explorar, sem a astúcia que provinha da experiência e da educação, pronta para acreditar no *kharisma* egoísta de algum demagogo

eloquente e mudar de opinião. No entanto, não é coisa para mim: não é nenhuma vitória o facto de se ser o Primeiro Homem de Roma por capricho dos crédulos. Gozei do estatuto de Primeiro Homem de Roma à moda antiga, a mais dura, combatendo os preconceitos e monstruosidades do *cursus honorum."*

Caio Mário terminou os seus pensamentos: "Mas farei um último gesto para mostrar a Escauro Princeps Senatus, Catulo César, Aenobarbo Pontifex Maximus e aos outros *boni* que se *tivesse* escolhido o modo de agir de Saturnino, estariam mortos dentro da Cúria Hostília, todos cobertos de telhas, e eu estaria a governar Roma sozinho. Porque estou para Saturnino como Júpiter está para Cupido."

Avançou para o canto dos rostros que dava para o baixo Fórum e não para o vão dos Comícios, e estendeu os braços num gesto que parecia abraçar a multidão, chamá-la para si como um pai.

- Povo de Roma, regressai aos vossos lares! - gritou, em tom de trovão. - A crise já passou. Roma está salva. E eu, Caio Mário, tenho o grande862

prazer de anunciar que uma frota de navios transportando cereais chegou ontem ao porto de óstia. As barcas subirão o rio durante todo o dia de hoje, e amanhã haverá cereais dos celeiros estatais do Aventino a um sestércio por *modius,* o preço que a lei de cereais de Saturnino fez baixar. No entanto, Lúcio Apuleio está morto, e a sua lei foi anulada. Sou eu, Caio Mário, cônsul de Roma, quem vos dá estes cereais! O seu preço especial irá manter-se até ao termo do meu mandato, daqui a dezanove dias. Caberá aos novos magistrados decidir o preço que vocês irão pagar a seguir. O sestércio que vou cobrar-vos é a minha prenda de despedida, Quirites! Porque eu amo-vos, lutei e ganhei por vós! Nunca vos esqueçais disso! *Viva Roma!*

E desceu dos rostros por entre uma onda de aplausos, de braços acima da cabeça, despedindo-se da forma mais adequada: com o sorriso torcido, os seus lados bom e mau.

Catulo César ficou parado no mesmo lugar.

- Ouviste? - disse secamente a Escauro. - Acaba de oferecer a cobrança de dezanove dias de cereais... *em seu nome!* Isto vai

custar milhares de talentos ao Tesouro! Como pode atrever-se a tanto?

- Vais subir aos rostros e contradizê-lo, Quinto Lutácio? - inquiriu Sila a sorrir. - Com todos os teus leais Homens de Bem ali a escapar-se?

- *Maldito!* - Catulo César por pouco não chorava.

Escauro desatou a rir.

- Pregou-nos mais uma partida, Quinto Lutácio! - disse, quando conseguiu falar. - Oh, aquele homem é um agitador! Passou-nos a conta para nós pagarmos! Odeio-o. Mas, por todos os deuses, também o amo!

- Marco Emílio Escauro, há alturas em que me é muito difícil compreender-te! - afirmou Catulo César, e afastou-se com o seu andar de camelo.

- Ao passo que eu, Marco Emílio Escauro, compreendo-te bem demais

- afirmou Sila, rindo ainda mais do que Escauro.

Quando Gláucia se suicidou trespassando-se com a espada, e Mário englobou na amnistia Caio Cláudio e os seus seguidores, Roma suspirou de alívio; podia-se pensar que a briga do Fórum tinha terminado. Mas não era esse o caso. Os jovens irmãos Lúculos levaram Caio Servílio Áugure a julgamento no tribunal de casos de traição e a violência voltou a rebentar. Os senadores exaltaram-se, porque o caso dividiu os Homens de Bem; Catulo César e Escauro Princeps Senatus e seus seguidores863

estavam firmes do lado de Lúculo, enquanto Aenobarbo Pontifex Maximus e Crasso Orador se encontravam ligados a Servílio, o Áugure, por laços de patronato e amizade.

As multidões que tinham enchido como nunca o Fórum Romano durante os problemas com Saturnino haviam desaparecido, mas os frequentadores habituais do Fórum regressaram em força para ver o julgamento, atraídos pela juventude e veemência dos dois Lúculos: que estavam bem conscientes disso e tinham decidido usá-las da melhor forma possível. Varro Lúculo, o irmão mais novo, vestira a toga **viril apenas** alguns dias antes do julgamento; nem ele nem Lúcio Lúculo, de dezoito anos, precisavam ainda de fazer a barba. Os seus agentes, astuciosamente colocados por entre a populaça, murmuravam que aqueles dois pobres rapazes tinham acabado de *receber* a notícia da morte do pai, que estava no exílio; e que a família Licínio, com longas tradições de nobreza, só os tinha agora a eles para defender a sua *dignitas.*

O júri composto por cavaleiros decidira antecipadamente colocar-se do lado de Servílio, o Áugure, um cavaleiro que tinha sido elevado ao cargo que detinha no Senado pelo seu patrono Aenobarbo Pontifex Maximus. Mesmo quando o júri fora escolhido, houvera violência: os gladiadores contratados por Servílio, o Áugure, tentaram impedir a continuação do julgamento. Mas o pequeno grupo de jovens da aristocracia comandado por CepiãoJúnior e Pio Bacorinho afastara de cena os rufias, matando um **deles. O júri entendeu** o significado daquele gesto, e resignou-se a ouvir os irmãos Lúculos com maior compreensão do que decidira de início.

- Vão condenar o Áugure - disse Mário a Sila quando se afastaram, atentos a observar e a escutar.

- É o que vão fazer - concordou Sila, que estava fascinado por Lúcio Lúculo, o rapaz mais velho. - Brilhante! - exclamou quando o mais novo terminou o discurso - *Gosto* dele, Caio Mário!

Mas Mário não estava impressionado.

- É tão arrogante e altivo como o seu falecido pai.

- Todos sabem que apoias o Áugure - afirmou Sila muito depressa. A seta partiu veloz; Mário limitou-se a sorrir.

- Até apoiaria um macaco da Mauritânia, se isso dificultasse as coisas aos Homens de Bem que rodeiam o nosso amigo Suíno, que está ausente, Lúcio Cornélio.

- Servílio, o Áugure, é um macaco da Mauritânia - disse Sila.

- Estou inclinado a acreditar nisso; vai perder.[864]

Essa previsão surgiu quando o júri (olhando para o grupo de jovens aristocratas de Cepião Júnior) votou um veredicto unânime de *DAMNO,* mesmo depois de ter ficado comovido até às lágrimas pelos impiedosos discursos de defesa de Crasso Orador e Múcio Cévola.

Como era de esperar, o julgamento terminou numa rixa que Mário e Sila observaram a uma distância considerável e com uma enorme satisfação a partir do momento em que Aenobarbo Pontifex Maximus deu um soco na boca de Catulo César, que estava intoleravelmente contente.

- Pólux e Linceu! - exclamou Mário, deliciado quando os dois começaram a lutar mais a sério. - Oh, dá-lhe, Quinto Lutácio Pólux! - berrou.

- A alusão não é má, já que todos os Aenobarbos juram que foi Pólux que tingiu as barbas de ruivo - comentou Sila quando um golpe bem dado encheu de sangue a cara de Aenobarbo.

- E é de esperar - disse Mário, saindo dali mal o combate acabou, com a derrota de Aenobarbo - que fiquem por aqui os acontecimentos deste ano terrível no Fórum.

- Oh, não sei, Caio Mário. Ainda temos de aguentar as eleições consulares.

- Vá lá que não irão decorrer no Fórum.

Dois dias mais tarde, Marco Antônio celebrou o seu triunfo, e outros dois dias depois foi eleito cônsul sénior para o ano seguinte; o seu colega no consulado seria Auto Postúmio Albino, cuja invasão da Numídia, dez anos antes, precipitara a guerra contra Jugurta.

- Os eleitores são *completamente burros!* - disse Mário para Sila relativamente exaltado. - Acabaram de eleger para cônsul sénior um dos melhores exemplos que conheço de ambição a par com a falta de qualquer espécie de talento! Têm memória de galinha!

- Diz-se que a prisão de ventre mental causa estagnação - afirmou Sila a sorrir apesar do surgimento de um novo receio. Esperava candidatar-se ao cargo de pretor nas eleições do ano seguinte, mas pressentia nos eleitores da Assembleia das Centúrias um estado de espírito que constituía um mau presságio para o futuro dos candidatos partidários de Mário. ”Mas como hei-de dissociar-me deste homem que foi tão bom para mim?”, perguntou a si mesmo sentindo-se infeliz.

- Felizmente prevejo que este ano vai ser mentalmente monótono, e Auto Albino não vai ter a oportunidade de estragar as coisas - prosseguiu Mário, que não conhecia os pensamentos de Sila. - Pela primeira865

vez desde há muito tempo, Roma não tem inimigos à altura. Podemos descansar. E Roma também vai poder descansar.

Sila fez um esforço, afastou da mente um cargo de pretor que se revelaria difícil de obter.

- E a tal profecia? - perguntou subitamente. - A Marta disse que ias ser cônsul de Roma por sete vezes.

- *Serei* cônsul de Roma por sete vezes, Lúcio Cornélio.

- Acreditas mesmo nisso.

- Acredito. Sila suspirou.

- Contentar-me-ia se chegasse a ser pretor.

A *paralisia* facial dava origem aos barulhos mais ridículos, e Mário fez um desses ruídos.

- Que disparate! - afirmou vigorosamente. - Vais ser *cônsul, Lúcio* Cornélio. Hás-de mesmo vir a ser o Primeiro Homem de Roma.

- Agradeço-te a fé que depositas em mim, Caio Mário - Sila dirigiu a Mário um sorriso quase tão torto como o dele. - E tendo em consideração a nossa diferença de idades, não serei *teu* rival - disse.

Mário riu.

- Seria uma verdadeira batalha de Titãs! Não corremos esse perigo

- afirmou com toda a certeza.

- Se vais retirar-te da cadeira curul e não tencionas frequentar a Assembleia, já não vais ser o Primeiro Homem de Roma.

- *É* bem verdade, Lúcio Cornélio, mas já possuo uma grande experiência! E assim que me abandonar esta terrível doença, regressarei.

- Entretanto, quem irá ser o Primeiro Homem de Roma? - perguntou Sila. - Escauro? Catulo?

- *Nemo!* - rugiu Caio Mário, e riu-se ruidosamente. - *Ninguém! É* isso o que tem mais piada! Nenhum deles pode ocupar o *meu lugar!* Rindo com Mário, Sila passou-lhe o braço por detrás das costas, apertou-o com afecto e saíram os dois da *saepta,* a caminho de casa. À sua frente erguia-se o Monte Capitolino; o sol frio da manhã incendiou-se, fazendo brilhar a quadriga da Vitória no cimo do frontão do templo de Júpiter Optimus Maximus e inundou a cidade de **Roma de um ouro ofuscante.**

- Faz-me doer os olhos! - exclamou Sila, que sentia realmente dores. Porém, não conseguia afastar a vista.

Fim

866

NOTA DA AUTORA

Este livro é essencialmente obra de uma única pessoa. Fui eu que fiz a pesquisa, executei os mapas e desenhos e redigi o glossário. Todas e quaisquer falhas ou erros que o livro contenha deverão ser-me atribuídos a mim e a mais ninguém. No entanto, há duas pessoas a quem gostaria de dirigir um agradecimento especial. A primeira é a Dra. Alanna Nobbs, da Macquarie University, Sydney, Austrália, que foi minha editora e me prestou um grande auxílio no domínio da história clássica. A *segunda é Miss Sheelah Hidden, que foi incansável na procura de livros de referência, nas conversas que teve com muitas autoridades na matéria, na localização de materiais iconográficos, etc. Às muitas outras que ficarão incógnitas devido à falta de espaço, mas que nem por isso têm menor consideração da minha parte, queria também dirigir um agradecimento caloroso e sincero. E agradeço ao meu marido; ao meu agente literário, FredMason; à minha editora, Carolyn Reidy; a Jean Easthope; a Joe Nobbs: e a toda a equipa.*

Em vez de acrescentar uma longa dissertação académica em defesa das minhas hipóteses, escolhi incorporar o mínimo de indicações desse tipo no Glossário.

Não foi incluída nenhuma bibliografia. Em primeiro lugar, porque não é habitual fazê-lo em caso de romances. Mas acima de tudo, qualquer bibliografia ocuparia demasiadas páginas. Os cento e oitenta volumes da Loeb Classical Library que tenho em meu poder constituiriam apenas uma parte ínfima. Limitar-me-ei a dizer que, nos casos em que foi possível, recorri às fontes antigas e tive a ajuda preciosa das obras modernas de muitos historiadores brilhantes, incluindo Pauly-Wissowa, Broughton, Syme, Mommsen, Munzer e outros. Os meus conhecimentos serão óbvios para os que estiverem habilitados a avaliar, sem que para isso seja necessária uma bibliografia. Contudo, se algum leitor estiver interessado, pode escrever-me ao cuidado do editor, solicitando uma bibliografia.

Peço a indulgência dos leitores versados em Latim, que encontrarão alguns termos latinos no caso nominativo em vez do vocativo, dativo ou outro caso.867

Ager publicus Terrenos na posse de Roma. A maior parte desses terrenos eram adquiridos por direito ou conquista, ou eram tomados aos donos como punição por deslealdade. O último caso acontecia particularmente na península italiana.

Eram alugados pelo Estado (eram os censores que recebiam as taxas), favorecendo as grandes propriedades. A mais famosa e contenciosa das muitas parcelas de *ager publicus* italiano era o *ager campanus,* terreno que pertencera à cidade de Cápua e fora confiscado por Roma após várias insurreições da cidade.

Aliados Muito cedo na história da República Romana, os seus magistrados começaram a aplicar o título de ”Povos Amigos e Aliados do Povo Romano” a povos e/ou nações que tinham auxiliado Roma numa altura de necessidade (geralmente militar). Com o tempo, toda a Península Italiana não liberta com total cidadania romana ou em vias de libertação ao receber os Direitos Latinos passou a fazer parte dos ”Aliados”. Roma assegurava protecção militar e algumas concessões comerciais, em troca de tropas armadas apoiadas pelos Aliados, sempre que os pedisse. No estrangeiro, alguns povos e/ou nações começaram a receber esse título: os Éduos da Gália-de-Longos-Cabelos e o Reino da Bitínia foram considerados Aliados. Quando os elementos estrangeiros entravam no quadro, as nações italianas passavam a ser denominadas simplesmente por Aliados, enquanto as nações ultramarinas tinham o título completo de ”Povos Amigos e Aliados do Povo Romano”.

Aliados Italianos Os povos, tribos ou nações (são descritos como pertencendo às três categorias) que viviam na Península Italiana sem gozarem da total cidadania romana ou mesmo dos Direitos Latinos. Em troca da protecção militar e no interesse da coexistência pacífica, deviam fornecer soldados convenientemente armados aos exércitos de Roma e pagar a manutenção desses soldados. Os Aliados Italianos arcavam ainda868

com a maior parte dos impostos gerais de Itália no tempo de Caio Mário, e em muitos casos haviam sido obrigados a ceder parte das suas terras para aumentar o *agerpublicus* romano. Muitos deles tinham-se sublevado contra Roma (como os Samnitas) ou colocado ao lado de Aníbal e outros, opondo-se a Roma (tal como partes da Campânia). A forma mais bem sucedida de Roma manter os Aliados Italianos no seu lugar foi implantar ”colónias” dentro das suas fronteiras; essas colónias consistiam num núcleo de cidadãos romanos e uma comunidade quer de Direitos Latinos (mais frequentemente), quer da total cidadania, e tinham uma grande

influência nas vidas e orientações políticas dos estados Aliados à sua volta. Naturalmente, tinham a tendência para se colocarem ao lado de Roma em todas as múltiplas disputas e manifestações de descontentamento que perturbavam a existência na Península Italiana. Em certa medida, havia sempre alguma agitação entre os Aliados Italianos para se libertarem do jugo romano ou para pedir a plena cidadania; mas até ao último século da República, Roma teve a sensatez de agir antes que a contestação se tornasse mais grave. A última grande concessão antes dos acontecimentos que levaram à Guerra Civil foi uma lei aprovada por um político desconhecido, por volta de 123 a. C., que permitia aos homens que detinham magistraturas em comunidades de Direitos Latinos assumir a plena cidadania romana perpetuamente para eles e para os seus descendentes.

Alpes Cámicos O nome que adoptei para abranger a parte da cordilheira alpina que rodeia o Norte de Itália na sua extremidade oriental, atrás das cidades costeiras de Tergeste e Aquileia. Estes montes são geralmente chamados os Alpes Julianos, sendo o nome Alpes Cámicos reservado para as montanhas do actual Tirol austríaco. Contudo, não encontro provas de que qualquer membro da família Júlio antes de Caio Júlio César, o Ditador, tivesse mandado pôr o seu nome em qualquer cordilheira, pelo que tenho de assumir que antes de Caio Júlio César, o Ditador, os Alpes Julianos seriam conhecidos por qualquer outro nome. Por falta de provas antigas (o que não quer dizer que não existam, mas apenas que não as encontrei), usei o termo Alpes Cámicos para englobar também os Alpes Julianos.

Assembleia (Comícios) Qualquer reunião do Povo Romano convocada para tratar de assuntos governamentais, legislativos ou eleitorais. Na época de Caio Mário havia três Assembleias - das Centúrias, do Povo e da Plebe. A **Assembleia Centurial** dividia o Povo em classes, que eram definidas por uma prova de posses e eram de natureza económica. Como

era originariamente uma reunião militar, cada classe agrupava-se nas suas centúrias (que na época de Mário eram em número muito superior a cem homens, como fora decidido, para manter o número de centúrias em cada classe num determinado valor). A sua designação latina era Comitia Centuriata e reunia-se para eleger cônsules, pretores e (de cinco em cinco anos) censores; também reunia para julgamentos que envolvessem acusações de traição, As outras duas Assembleias eram de natureza tribal e não económica. A **Assembleia do Povo** permitia a participação total dos patrícios; o seu nome latino era Comi tia Populi Tributa e reunia as trinta e cinco tribos em que se dividiam todos os cidadãos romanos. A Assembleia do Povo (também denominada **Assembleia Popular)** era convocada por um cônsul ou um pretor, podia formular leis e elegia os edis curuis, os questores e os tribunos dos soldados. Podia ainda *realizar* julgamentos. A **Assembleia da Plebe ou Assembleia Plebeia** era conhecida *em latim* como Comitia Plebis Tributa ou Concilium Plebis. Não era permitida a participação dos patrícios e era convocada por um tribuno da plebe, A Assembleia da Plebe tinha o direito de fazer leis (conhecidas como plebiscitos) e conduzir julgamentos. Elegia os edis da plebe e os tribunos da plebe. Em nenhuma Assembleia romana o voto de um indivíduo podia ser creditado directamente às suas vontades; na Assembleia Centurial, o seu voto era creditado à centúria da sua classe, e o voto global da sua centúria era creditado no sentido da vontade da maioria; nas Assembleias tribais do Povo e da Plebe, o seu voto era creditado à tribo, e o voto global da tribo era creditado no sentido do que a maioria dos seus membros decidissem.

auctorítas Uma palavra latina multo difícil de traduzir, pois significa mais que o termo ”autoridade”. Este termo implicava proeminência, influência, chefia, importância pública e privada e - acima de tudo a capacidade de influenciar o curso dos acontecimentos através da mera reputação pública ou pessoal. A *auctoritas* fazia parte da natureza de todas as magistraturas, mas não se limitava aos detentores delas; o Princeps Senatus, Pontifex Maximus, Rex Sacrorum, os consulares e ainda alguns indivíduos podiam acumular *auctoritas.*

aveatquevale ”Salvecadeus.”

basílica, basilicae Um grande edifício para serviços públicos como Julgamentos e também serviços comerciais, desde lojas a escritórios. A *basílica* era iluminada por clerestórios, e durante a República era erigida a expensas de um nobre romano com preocupações cívicas, geralmente

de estatuto consular. A primeira basílica foi construída por Catão, o Censor, ficava no Clivus Argentarius ao lado do Edifício do Senado e era conhecida por Basílica Porcia; além de acomodar casas bancárias, era ainda a sede do Colégio de Tribunos da Plebe. Na época de Caio Mário, juntaram-se-lhe as Basilicae Sempronia, Aemilia e Opimia, todas na orla do baixo Fórum Romano.

cadeira curul Em latim, *sella curnlis.* Era a cadeira de marfim reservada exclusivamente aos homens que ocupavam magistraturas séniores; nela tinha lugar um edil curul, mas não o edil da plebe. O pretor e o cônsul tinham direito a cadeiras curuis, que eram propriedade dos magistrados que detinham *imperium,* tal como os lictores. A cadeira curul era belamente trabalhada, e as suas pernas cruzavam-se num X largo; tinha braços muito baixos mas não tinha costas. Um romano de toga sentava-se nela muito direito, para que nada perturbasse o modo como tombava a complicada massa composta pelas pregas da toga sobre o braço, costas e ombros.

Calábria Que confuso para os que conhecem a Itália dos nossos dias! Actualmente, a Calábria fica na ponta da bota, mas em tempos idos ficava no salto.

capite censi O termo que usei ao longo do livro para designar os mais humildes de todos os cidadãos romanos, os que eram demasiado pobres para pertencerem a uma das cinco classes económicas. Tudo o que os censores faziam era uma ”contagem” deles.

carbunculus O rubi (pedra preciosa); a palavra era ainda aplicada à almadina.

Cavaleiros Os Equites, os membros do *Ordo Equester.* Tudo começou quando os reis de Roma inscreveram os cidadãos mais importantes da cidade numa unidade especial de cavalaria com cavalos pagos pelos fundos públicos. Nessa época, em Itália, os cavalos de boa qualidade eram raros e extremamente caros. Na altura em que os reis de Roma cederam à jovem República, havia mil e oitocentos nessas unidades, agrupados em dezoito centúrias. À medida que a República foi crescendo, também aumentou o número de cavaleiros, mas todos os cavaleiros excedentários pagavam os seus cavalos e a sua manutenção; os mil e oitocentos homens que detinham o ”cavalo público”, como era chamado, formavam agora o ramo sénior do *Ordo Equester.* Contudo, no séc. II a.C., já não era Roma que

abastecia a sua cavalaria; o *Ordo Equester* passara a ser uma entidade social e económica que pouco tinha a ver com questões militares. Os cavaleiros[871]

eram agora definidos pelos censores em termos económicos, e enquanto as dezoito centúrias originais que detinham o cavalo público permaneciam ainda com uma centena de homens cada uma, as outras (cerca de setenta e uma) iam aumentando *em* número, de forma que todos os homens que preenchiam os requisitos no censo dos cavaleiros eram incluídos na Primeira Classe. Até 123 a.C., os senadores ainda faziam parte do *Ordo Equester,* foi Caio Graco que as separou numa ordem isolada de trezentos homens. No entanto, os seus filhos e os homens da sua família que não pertenciam ao Senado eram ainda classificados como cavaleiros.

Para ser classificado como cavaleiro no censo (reunido num tribunal especial no Fórum Romano), um homem tinha de possuir bens ou rendimentos que excedessem 400 000 sestércios. Embora nem sempre ocorresse, alguns censores insistiam numa parada de mil e oitocentos cavaleiros detentores do cavalo público, para garantir que esses homens se mantivessem a si e aos seus cavalos. A parada do cavalo público (quando se verificava) ocorria por volta dos Idos de Julho, com os censores sentados em trajo de gala num tribunal no topo do templo de Castor e Pólux no Fórum Romano, enquanto cada um dos possuidores do cavalo público conduzia a sua montada numa espécie de desfile de tropas diante dos censores.

Desde a época de Caio Mário até ao fim da República, os cavaleiros controlaram ou perderam o controlo dos tribunais que julgavam os senadores por traições menores ou extorsões nas províncias, e estavam com frequência em desacordo com o Senado. Nada impedia um cavaleiro que preenchesse os requisitos de posse senatoriais de candidatar-se ao Senado; o facto de um modo geral, não aspirarem ao Senado devia-se unicamente à paixão dos cavaleiros pelos negócios e pelo comércio, fruto proibido aos senadores. O *Ordo Equester* (este nome formal não existia antes de Caio Graco)

gostava mais da excitação do fórum dos negócios do que da excitação do fórum político.

censor O mais sénior dos magistrados romanos, embora não tivesse *imperium,* e não fosse, por esse motivo, escoltado por lictores. Nenhum homem que não tivesse sido cônsul podia candidatar-se a ser eleito censor, e apenas os consulares que tinham uma imensa *auctoritas* e *dignitas* pessoais eram habitualmente admitidos. Ser eleito cônsul constituía o êxito total da carreira de um homem, pois indicava que era um dos homens mais importantes de Roma. O censor (eram eleitos dois ao mesmo tempo)872

permanecia em funções por um período de cinco anos, embora apenas durante cerca de dezoito meses no início do seu mandato estivesse activo nessas funções. Ele e o colega inspeccionavam e controlavam o número de membros do Senado, o *Ordo Equester* (os cavaleiros), e os detentores do Cavalo Público (os mil e oitocentos cavaleiros mais séniores), e conduziam um censo geral de cidadãos romanos, não apenas em Roma mas através de Itália e das províncias. Era também quem aplicava a prova de posses. Fazia os contratos estatais e dava início a várias obras e edifícios públicos.

Centurião. *Centúria, centuriones.* O oficial de carreira, tanto das legiões de cidadania romana como auxiliares. É um erro compará-lo com o actual oficial subalterno; os centuriões eram profissionais com um estatuto que não fora ainda complicado pelas nossas modernas distinções sociais. Um general romano derrotado dificilmente se preocupava por perder tribunos militares, mas ficava perturbadíssimo se perdesse centuriões. O posto de centurião era graduado; o *centúria* mais sénior comandava um grupo de oitenta soldados e vinte não-combatentes denominado uma centúria. No exército republicano reorganizado por Caio Mário, cada coorte tinha seis centuriões, com o homem mais sénior, o *pilm prior,* ao comando da centúria sénior da sua coorte, bem como toda a coorte. Os dez homens que comandavam as dez coortes que compunham uma legião eram ainda ordenados por antiguidade, e o *primus pilus* apenas prestava contas ao comandante da sua legião (um dos tribunos eleitos dos soldados ou um dos legados do general). A promoção nos tempos da República efectuava-se a partir do posto de soldado.

cidadania Neste livro, a cidadania romana. A posse desta autorizava um homem a votar na sua tribo e classe (se preenchesse os requisitos económicos para pertencer a uma classe) em todas as eleições da cidade de Roma. Não podia ser vergastado, tinha direito a ser julgado em tribunal romano e a interpor recurso. Em diversas ocasiões, ambos os pais tinham de ser cidadãos romanos, enquanto noutras alturas bastava apenas ser o pai (e daí o *cognomen* Hybrida). O cidadão estava sujeito ao serviço militar, embora, antes do tempo de Caio Mário, só se tivesse posses para comprar as suas armas e sustentar-se em campanha sem a quantia diminuta que era paga pelo Estado, geralmente no final da campanha.

cliente Em latim, *chem.* O termo indicava um homem de estatuto livre ou libertado (embora não tivesse de ser cidadão romano) que se comprometia para com um homem a quem chamavam patrono *(patronus).***873**

O cliente tomava a seu cargo do modo mais solene e moralmente obrigatório servir os interesses e obedecer às vontades do seu patrono, em troca de vários favores (habitualmente ofertas de dinheiro ou posições ou auxílio legal). O escravo libertado tornava-se automaticamente cliente do seu dono anterior, até ficar livre dessa obrigação se chegasse a sê-lo. Havia uma espécie de sistema de honra que regia a conduta de um cliente em relação ao seu patrono, e esse sistema era notavelmente cumprido. Ser cliente não implicava necessariamente que um homem não pudesse ser também patrono; significava antes que não podia ser o único patrono, visto que os seus clientes eram também clientes do seu patrono. Havia leis que regulavam a relação entre um cliente estrangeiro e um patrono; no que diz respeito a reinos de clientes ou estados estrangeiros que tinham Roma por patrono, existia uma obrigação legal de pagar o resgate de qualquer cidadão romano raptado, um facto com que os piratas contavam bastante como uma fonte adicional de rendimentos. Assim, não só os indivíduos podiam tornar-se clientes como também podiam sê-lo cidades inteiras e até países.

cognomen, cognomina. O último nome de um romano desejoso de distinguir-se dos seus companheiros por ter o mesmo nome e apelidos. Em algumas famílias tornou-se necessário ter mais do que um *cognomen;* considere-se, por exemplo, o caso de Quinto Cecílio Metelo Pio Cipião Nasica! O *cognomen* geralmente indicava qualquer idiossincrasia física ou de carácter orelhas grandes ou pés chatos ou uma corcunda ou comemoravam um feito importante, como no caso dos Cecílios

Metelos cognominados de Dalmático, Baleárico, Numídico. Muitos *cognomina* eram extremamente sarcásticos ou espirituosos.

confarreatio A mais antiga e rígida das três formas de casamento romano. Na época de Caio Mário, era apenas praticada pelos patrícios, dado que não era obrigatória. A noiva *confarreatio* passava das mãos do pai para as do marido, evitando-se assim que obtivesse qualquer meio de ser independente; esta era uma das razões por que o *confarreatio* não era popular, pois as outras formas de casamento permitiam a uma mulher ter um controlo maior nos seus negócios e dote. A dificuldade do divórcio era a outra causa da sua impopularidade; o divórcio *(difarreatio) era uma questão* lúgubre, religiosa e legalmente difícil e que se considerava dar mais trabalho do que merecia, a menos que as circunstâncias não deixassem outra alternativa.

cônsul O cônsul era o magistrado romano mais sénior detentor de *imperium,* e o consulado (os especialistas modernos não se lhe referem como ”consulado” pois um consulado é uma instituição diplomática moderna) era considerado o topo do *cursus honorum.* Todos os anos eram eleitos dois cônsules pela Assembleia Centurial, para permanecerem em funções durante um ano. O sénior dos dois o que atingia primeiro o número necessário de votos nas centúrias detinha *ofasces* durante o mês de Janeiro, o que significava que entrava em funções, enquanto que o seu colega júnior ficava a observar. O primeiro dia em funções para um cônsul era o dia de Ano Novo, 1 de Janeiro. Cada cônsul era assistido por doze lictores, mas só os lictores do cônsul que desempenhava as funções durante esse mês transportavam *ofasces* aos ombros. Na época de Caio Mário, os cônsules podiam ser patrícios ou plebeus, excepto o caso de dois patrícios não poderem exercer o cargo ao mesmo tempo. A idade própria para um cônsul era quarenta e dois anos, doze anos depois de ter entrado para o Senado, aos trinta. O *imperium* de um cônsul não tinha limites e tinha validade não só em Roma mas por toda a Itália e nas províncias, e ultrapassava o *imperium* de um governador proconsular. O cônsul podia comandar qualquer exército.

coorte A unidade táctica da legião romana, compreendendo seis centúrias de soldados; em circunstâncias normais, uma legião tinha dez coortes. Era mais habitual falar-se das dimensões de um exército romano como tendo três ou quatro legiões em termos de coortes do que falar em legiões.

cursus honorum ”A via da honra”. Se um homem aspirava a ser cônsul, tinha de seguir um determinado número de passos: primeiro, teria de ser admitido no Senado (quer tentando ser eleito questor, quer por cooptação dos censores, embora estes tivessem sempre a palavra final nos tempos de Caio Mário); teria de exercer o cargo de questor, mesmo que fosse já senador; após o que teria de ser eleito

pretor; e finalmente podia candidatar-se ao consulado. Os quatro passos senador, questor, pretor e cônsul constituíam o *cursus honorum.* Nenhuma das edilidades (plebeia ou curul) nem o tribunato da plebe fazia parte do *cursus honorum,* mas a maior parte dos homens que aspiravam a ser cônsules entendiam que para atrair suficiente atenção do eleitorado precisavam de exercer o cargo de tribunos da plebe ou edis. O cargo de censor, a que apenas tinham acesso aqueles que já haviam sido cônsules, era também separado do *cursus honorum* (ver magistrados).875

defensor O termo geralmente usado pelos estudiosos actuais para designar um homem que tinha actividade nos tribunais romanos. ”Advogado” é um considerado demasiado moderno.

dignitas Por ser um conceito peculiarmente romano, *dignitas* não pode ser traduzido pelo termo português ”dignidade”. Era a quota-parte pessoal de prestígio público na comunidade e implicava o seu valor moral e ético, a sua reputação, o seu direito a ser tratado com respeito. De todas as qualidades que o nobre romano possuía, a *dignitas* era provavelmente aquela em relação à qual ele seria mais susceptível; para defendê-la, podia ir para a guerra ou para o exílio, cometer o suicídio ou executar a mulher ou o filho. Escolhi deixá-la por traduzir no texto, simplesmente como *dignitas.*

Direitos Latinos Um estatuto intermédio de cidadão entre o nadir dos Aliados Italianos e o zénite da cidadania romana. Os detentores dos Direitos Latinos tinham muitos privilégios em comum com os cidadãos romanos: o produto das pilhagens era dividido em partes iguais, podiam estabelecer contratos com os plenos cidadãos e procurava-se que houvesse protecção legal para esses contratos; era permitido o casamento com os plenos cidadãos e havia o direito de apelar contra a pena capital. Contudo, não havia *suffragium o* direito a votar em qualquer eleição romana nem o direito de assento em qualquer júri. Depois da revolta das Fregelas, em 125 a.C., os magistrados das cidades de Direitos Latinos passaram a poder

assumir a plena cidadania romana para eles e para os seus descendentes directos.

edil Um dos quatro magistrados romanos com deveres confinados à cidade de Roma. Dois eram edis plebeus; os outros dois eram edis curuis. Os edis plebeus foram criados primeiro (em 493 a.C.), para auxiliar os tribunos da plebe nos seus deveres, mas em particular para defender os direitos da plebe em relação à sua sede, o templo de Ceres. Em breve herdaram a supervisão dos edifícios da cidade e a guarda dos plebiscitos promulgados na Assembleia da Plebe, bem como quaisquer decretos senatoriais que determinassem a aprovação dos plebiscitos. Os edis plebeus eram eleitos pela Assembleia da Plebe. Foram criados dois edis plebeus (em 367 a.C.) para dar aos patrícios uma participação na guarda dos edifícios e arquivos públicos, mas em breve os edis curuis passaram a poder ser tanto plebeus como patrícios. Os edis curuis eram eleitos pela Assembleia do Povo. A partir do séc. III, os quatro na sua totalidade passaram a ser responsáveis por cuidar das ruas de Roma, pelo abastecimento876

de água, pelos esgotos, trânsito, edifícios públicos e serviços, mercados, pesos e medidas, jogos e o abastecimento público de cereais. Tinham o poder de multar os cidadãos por infracções de qualquer lei relacionada com as áreas acima citadas, e depositavam esse dinheiro nas suas arcas para ajudar a financiar os jogos. A edilidade plebeia ou curul não fazia parte do *cunus bonorum,* mas, devido aos jogos, era um meio válido de um pretor adquirir popularidade.

etbnarcb O termo grego para designar um magistrado da cidade.

fasces Eram feixes de varas atados cerimonialmente com fios vermelhos de couro. Sendo na origem um emblema dos reis etruscos, persistiram na vida pública romana através dos tempos da República e do Império. Eram transportados por homens chamados lictores, que precediam o magistrado curul (bem como o procônsul e

o propretor) como símbolo do seu *imperium.* Dentro dos limites *dopomerium,* apenas as varas eram presas em feixes, para mostrar que o magistrado curul só tinha o poder de açoitar; fora *dopomerium,* incluíam-se machados nos feixes, para indicar que o magistrado também tinha o poder de executar. O número *de fasces* indicava o grau de *imperium um* ditador tinha vinte e quatro, um cônsul ou procônsul doze, um pretor ou propretor seis e um edil curul dois.

fasti A palavra latina para ”férias”, que passou a significar o calendário como um todo. O calendário estava dividido em *áies fasti* e *dies nefasti, e* era afixado nas paredes de vários prédios, incluindo a Regia e os rostros. O calendário indicava aos Romanos os dias em que podiam dedicar-se aos negócios, os feriados, os dias de mau augúrio e quando calhavam as festas móveis. Com o ano de 355 dias, o calendário estava raramente de acordo com as estações excepto quando o Colégio de Pontífices levava as suas tarefas a sério e intercalava vinte dias extra de dois em dois anos, após o mês de Fevereiro. Geralmente, o Colégio não se dava a esse trabalho, pois os Romanos não entendiam a utilidade de tal acção. Os dias de cada mês não eram calculados como o fazemos nós, numa contagem simples 1 de Março, 2 de Março, etc. os dias eram contados de trás para a frente a partir de um dos três pontos nodais: as Calendas, as Nonas e os Idos. Assim, em vez de 3 de Março, um Romano diria ”quatro dias antes das Nonas de Março” e em vez de 28 de Março, diria ”quatro dias antes das Calendas de Abril.” Para nós é demasiado confuso! Mas para os Romanos, não o era. 882 MCCULLOUGH

delas suficientemente grandes para ter mais de mil homens, e outras ainda maiores

governador Um termo conveniente para designar o cônsul ou pretor, procônsul ou propretor que - usualmente durante o espaço de um ano

- governava uma província romana em nome do Senado e Povo de Roma O grau de *iniperium* do governador variava, tal como a extensão da sua comissão No entanto, fosse qual fosse o seu *inipeiium,* enquanto estava na sua província era virtualmente o rei desta Era responsável pela sua defesa, administração, pela recolha de impostos e dízimas e muitas outras coisas

grammaticus Não era um professor de gramática mas um professor das artes básicas da retórica ou discurso público

homem libertado Um escravo alforriado Embora fosse tecnicamente livre (e, se o seu dono anterior fosse um cidadão romano, ele mesmo seria um cidadão romano), permanecia sob o patrocínio do dono anterior e tinha poucas hipóteses de usar do voto no tempo de Caio Mário, pois pertencia a uma das duas tribos urbanas - a Suburana e a Esquilina Em alguns casos, homens libertados de capacidades e desumanidade superiores conseguiam obter grande riqueza e poder, pelo que passavam a poder votar nas classes

homem livre Um homem nascido livre e nunca vendido como escravo (excepto como um *nexus* ou escravo sob dívida - o que era raro entre os cidadãos romanos no tempo de Caio Mário, embora ainda predominasse entre os Aliados Italianos, vítimas da ambição romana)

hubris Uma palavra grega ainda hoje usada Significa orgulho presunçoso

imago, imagínes **(p1.)** A máscara quase semelhante à realidade, belamente pintada e com peruca do antepassado consular de uma família romana (ou talvez pretoriana) Era feita de cera de abelha (quem já visitou algum museu de figuras de cera compreenderá como uma máscara *de cera pode parecer real) e era guardada* pelos descendentes directos do antepassado num armário fechado que tinha a forma de um templo em miniatura O armário - embora as

famílias de prestígio tivessem mais de um antepassado tão ilustre, pelo que possuíam vários destes armários - era colocado no *átrium* da casa perto do altar dos deuses Lares e Penares A máscara e o seu armário eram objecto de enorme reverência Quando morria um homem da família, era contratado um actor para pôr *a imago* e representar o antepassado Se fosse cônsul, fazia-se a sua máscara que se juntava à colecção familiar, ocasionalmente, havia máscaraso

de não cônsules que tinham feito obras tão extraordinárias que também eram considerados merecedores de uma máscara

ímperator Literalmente, o ”comandante supremo” de um exército romano Contudo, o termo passou gradualmente a aplicar-se a um general que obtinha uma grande vitória, para requerer ao Senado que se festejasse um triunfo o general tinha de poder provar que após a batalha as suas tropas o haviam saudado formalmente com o título *de imperator* É esta a raíz da palavra ”imperador”

imperium Iniperium era o grau de autoridade investido num magistrado ou promagistrado curul Deter *iniperium* significava que um homem tinha a autoridade do seu cargo e não podia ser refutado (desde que estivesse a actuar dentro dos limites do seu *iniperium* particular e de acordo com as leis que regulavam a sua conduta) *O imperium* era outorgado por uma *lex curiata e* durava apenas um ano, as extensões tinham de ser ratificadas pelo Senado e/ou Povo para os promagistrados que não tivessem completado *a sua* comissão *original* no espaço de um ano Os lictores portadores *defaices* indicavam que um homem possuía *imperium*

insula, ínsulae (p1.) Literalmente, ”ilha” Como esta se encontrava na maior parte das vezes rodeada por ruas ou ruelas e áleas de todos os lados, os edifícios de apartamentos ficaram conhecidos por *insulae As insulae* romanas eram muito altas (tinham até 100 pés - 30 m - de altura), e algumas eram suficientemente grandes para garantir a incorporação de várias fontes de luz, em vez da única habitual Outrora, tal como hoje, a maioria dos moradores de Roma vivia em apartamentos

ísononzía Na sua origem, esta palavra grega significava ” igualdade” No entanto, o estadista ateniense Cleisthenes, que se supõe que terá desenvolvido a forma de governo a que os Gregos chamavam democracia, aplicou a denominação *isonomia* ao conceito de democracia

Itália Este nome era reservado à Península Italiana a sul dos rios Arno e Rubicão, embora seja de duvidar que um romano alguma vez tenha considerado a península como uma nação ao chamar-lhe Itália

íugerum, iugera (p1.) A unidade romana usada na medida de terras Em termos actuais, um *iugerum* era 0,623 (ou cinco oitavos) de um acre ou 0,252 (um quarto) de um hectare Quem usa actualmente as medidas imperiais britânicas ou americanas pode obter um resultado bastante aproximado em acres dividindo o número de *iugera* por dois, quem usa o sistema métrico, obterá um resultado bastante próximo dividindo o número de *iugera* por quatro884 MCCUI LOUGH

julilla Neste livro, a filha mais nova de Caio Júlio César Não há nada que prove que César não teve duas filhas, o facto de uma delas, Júlia, ser mencionada nas fontes antigas é na melhor das hipóteses apenas uma prova negativa Não me canso de fascinar-me com o que as fontes antigas consideravam suficientemente importante para ser relatado e o que ignoravam por considerar pouco importante, e a nossa fonte antiga mais contemporânea, Cícero, escreveu para os homens da sua epoca, e por isso assumia que todos conheciam muitos dos factos, pelo que não tinha a preocupação de mencioná-los Júlia viveu até à velhice e era uma das matronas mais admiradas e ilustres do seu tempo, além disso, era a mulher memorável do grande Caio Mário e a mãe de um homem que também deixou a sua marca em Roma Assim, não é de espantar que o seu nome tenha chegado até nós, ao passo que a outra filha de César e de sua mulher, Márcia, poderá não ter sido tão notável Sabemos por Plutarco que a primeira mulher de Sila era uma Júlia, mas ele teve três mulheres a seguir a esta, embora só as duas últimas tenham sido mencionadas nas fontes antigas E, conhecendo a brecha que se abriu entre Mário e Sila tempos depois, é muito possível que Sila nas suas memórias (usadas posteriormente *como* fonte de consulta por historiadores como Plutarco) tenha pouco a dizer sobre a sua mulher Juliana, Júlia, viúva de Caio Mário estava bem viva quando Sila publicou as suas memórias

Tendo em vista a criação de uma história coerente, poderei ser perdoada *por ter* tomado a *liberdade* de romancista ao transformar *uma irmã* mais nova da mulher de Mário na primeira mulher de Sila Mas a questão não se resume a isso Os factos históricos revelam que o início da carreira política e militar de Sila esteve fortemente ligado a Caio Mário, seja qual for o prisma pelo qual se virem as

coisas, não há nada de concreto durante os anos relatados neste livro que sugira que Si Ia e Mário fossem mais que colegas próximos Todas as inferências de que Sila tentou colher os créditos da vitória da guerra contra Jugurta por ter sido ele a capturá-lo têm origem em dois registos de memórias publicadas muitos anos mais tarde - um, as memórias do próprio Sila, e o outro, as de Quinto Lutácio Catulo César Neste sentido, convinha a ambos diminuir a reputação de Caio Mário No entanto, ao observar as carreiras interligadas de Mário e Sila entre os anos de 107 e 100 a C , é impossível inferir dos acontecimentos reais a existência de qualquer inimizade naquela fase Pelo contrário, os acontecimentos sugerem que os dois homens continuaram a ser colegas próximos e confiavam um no outro Se existia umaO PRIMEIRO HOMEM DE ROMA 885

contenda entre eles devido ao facto de Sila alegar que ganhara a guerra contra Jugurta, por que motivo havia Mário de ter levado Sila com ele para a Gália como seu legado Então, subitamente, Sila aparece na Gália Italiana com Catulo César, na mesma altura em que Mário estava comprometido a combater os Teutões, que avançavam no extremo dos Alpes Mas não, penso eu, devido a qualquer zanga com Mário, Catulo César sobe precipitadamente o Ádige e surge uma misteriosa revolta entre as suas tropas e Catulo César volta a descer o Ádige - e em vez de avisar Roma do motim, fica calmamente em Placência com o que resta do seu exército e espera por Mário Em tudo isto, não há qualquer referência a Sila, e no entanto, era ele o legado sénior de Catulo César Não se pode ter a certeza ao afirmá-lo, mas é logico presumir que Sila foi enviado por Mário para impedir Catulo César de perder um exército que Roma não podia dar-se ao luxo de perder, tal como se pode presumir que Sila e Mário se teriam zangado

Voltando ao ano de 108 a C , quando Mário fugiu para se candidatar ao consulado em Roma, deve ter pedido pessoalmente a Sila os seus serviços como questor, pois quando o seu ano na Numídia chegou ao fim, Sila permaneceu com Mário, acto próprio de alguém pessoalmente comprometido com o seu general Com efeito, Sila

apenas regressou a casa ao mesmo tempo que Mário Mas como podia Mário ter conhecido Sila o suficiente para lhe fazer tal pedido? Não tinham feito quaisquer campanhas juntos, havia um abismo de dezassete anos entre as suas idades, e os seus estilos de vida eram radicalmente diferentes, de acordo com o que diz Plutarco E Plutarco diz também que a primeira mulher de Sila era uma Júlia Se a primeira mulher de Silajúlia, fosse irmã da mulher de Mário, Júlia, isso responderá a muitas questões Ou pode ser que as duas Júlias fossem primas e amigas íntimas Mas *para* a romancista, atormentada pela necessidade de manter a história e as personagens numa estrutura o mais reduzida possível, torná-las irmãs é a solução perfeita Obrigada, Plutarco, pela alusão ao nome da primeira mulher de Silal Dado o facto indiscutível de que para um romano a família estava em primeiro lugar, que solução mais lógica poderia haver senão Mário e Sila estarem proximamente ligados pelo matrimónio, e o mais velho responder às súplicas da família da mulher para dar uma ajuda ao mais novo até ao primeiro degrau do *curjus honoium* Assim nasceujulilla, a filha mais nova de Caiojúlio César e mulher de Lúcio Cornélio Sila886 MCCULLOUGH

Lar, Lares (p1.) Dos mais romanos de todos os deuses, sem forma, sexo, número ou mitologia Havia muitos tipos diferentes de Lares, que podiam funcionar como espíritos protectores ou forças de uma localidade (tal como acontecia nas encruzilhadas e fronteiras), de um grupo social (tal como acontecia com o Lar Familiaris, o Lar privado da família), de uma actividade (como por exemplo, a navegação) ou de uma nação inteira (como acontecia com os Lares públicos de Roma) No fim da República eram representados (sob a forma de pequenas estátuas) como dois rapazes com um cão, mas não se sabe se os Romanos acreditavam mesmo que eram apenas dois ou se tinham esta forma - era mais a complexidade crescente da vida que tornava conveniente ”etiquetá-los”

lectisterníum Uma forma propiciatória de prática religiosa que habitualmente se reservava para as crises mais graves Colocavam-se

imagens dos deuses importantes sobre os leitos, ofereci a-se-lhes alimentos e prestava- se- lhes grandes honras

legado *Legatus* Os membros mais sentores do pessoal militar do general romano eram os seus legados Para ser classificado como um *legatus, tinha* de se possuir o estatuto senatorial, e frequentemente eram de categoria consular (parece que estes estadistas mais idosos ocasionalmente ansiavam por uma temporada de vida militar e ofereciam os seus serviços como voluntários a um general no comando de uma campanha que os interessasse) Os legados só prestavam contas ao general *e* eram superiores a todos os tipos de tribunos militares

legião A mais pequena unidade militar romana capaz de travar uma guerra por si só (embora raramente fosse chamada a fazê-lo), isto é, era completa em termos de efectivos militares, equipamento e funções Na época de Caio Mário, um exército romano empenhado em qualquer campanha importante consistia em menos de quatro legiões - embora raramente tivesse mais de seis legiões As legiões singulares sem perspectivas de reforço ocupavam funções de guarnição em lugares como as Espanhas, onde as rebeliões tribais eram pequenas, apesar de aguerridas Uma legião era composta por cerca de cinco mil soldados divididos em dez coortes com seis centúrias cada, também incluía cerca de mil homens com o estatuto de não-combatentes e geralmente tinha uma modesta arma de cavalaria adjunta Cada legião transportava a sua própria artilharia e material, se fosse a legião de um dos cônsules, podia ter no seu comando até seis tribunos eleitos dos soldados, se pertencia a um general que não fosse

cônsul na altura, era comandada por um legado, ou então pelo próprio general Os seus oficiais de carreira eram os centuriões, que eram em número de cerca de sessenta e seis Embora as tropas de uma legião ficassem no mesmo acampamento, não partilhavam o rancho nem viviam em conjunto, em vez disso, eram divididas em unidades de oito homens (a centúria continha apenas oitenta soldados e os restantes vinte eram não-combatentes)

lictor Um dos funcionários públicos genuínos ao serviço do Senado e Povo de Roma Havia um Colégio de Lictores - o número de membros é incerto, mas certamente seriam em número suficiente para prover a tradicional escolta em fila única para todos os detentores de *iuiperium,* tanto dentro como fora de Roma, e executar outros deveres Não é improvável que fossem duzentos ou trezentos homens Um lictor tinha de ser um pleno cid-clio, romano, mas era certo que pertenca a uma classe humilde, pois pensa-se que o vencimento oficial era muito reduzido, o lictor via-se obrigado a contar em grande medida com as gratificações daqueles que escoltava Dentro do colégio, os lictores dividiam-se em grupos de dez (decúrias), cada um dirigido por um prefeito, e havia vários presidentes do colégio com um estatuto sénior em relação aos prefeitos Dentro de Roma, o lictor usava uma simples toga branca, fora de Roma usava uma túnica de cor carmesim com um cinto negro e largo ornamentado com latão, nos funerais usava uma túnica negra Por conveniência, localizei o Colégio de Lictores atrás do templo dos Lares Praestites, no lado oriental do Fórum Romano, mas não há provas de que assim fosse

lustrum A palavra latina que velo a designar tanto o tempo total em funções dos censores como a cerimónia com a qual os censores concluíam o censo do Povo Romano comum no Campo de Marte

lychnites Um termo usado por Plínio, o Velho, para descrever uma pedra preciosa encontrada na Numídia ocidental Pensa-se hoje que esta pedra seria a turmalina

magistrados Os executivos eleitos do Senado e Povo de Roma Em meados do período da República, todos os homens que detinham magistraturas eram membros do Senado (os questores eleitos eram normalmente aprovados como senadores pelos censores seguintes), isto concedia ao Senado uma vantagem notável em relação ao Povo, até o Povo (na pessoa da Plebe) ter tomado a seu cargo a feitura das leis

Os magistrados representavam o braço executivo do governo Em termos de senioridade, o magistrado mais júnior de todos era o tribuno888 COLLEEN MCCULLOUGH

dos soldados, que não tinha a idade necessária para ser admitido no Senado mas não deixava de ser um magistrado A seguir, vinha o questor, seguiam-se-lhe o tribuno da plebe e o edil da plebe, o edil curul era o mais)únior magistrado detentor de *iniperium,* depois, vinha o pretor, e o cônsul aparecia no topo O censor ocupava uma posição especial, pois apesar de a sua magistratura não possuir *iniperium,* não podia ser ocupada por nenhum homem que não tivesse sido cônsul Em tempos de emergência, o Senado adquiria o poder de criar uma magistratura extraordinária, o ditador, que

exercia o seu cargo apenas durante seis meses e não precisava de responder pelos seus actos ditatoriais após o termo do seu mandato O ditador nomeava um comandante militar e seu lugar-tenente, que era o chefe dos (avaleiros

manumissão, manumitido Manumissão ou alforria era o acto de libertar um escravo O termo significa literalmente ”soltar da mão” Quando o dono de um escravo era um cidadão romano, a manumissão concedia automaticamente ao escravo a cidadania romana e o nome do seu antigo dono era adicionado ao seu nome de escravo como *cognomen* Um escravo podia ser manumitido de várias formas comprando a sua liberdade com o produto dos seus ganhos, como um gesto especial do seu dono numa ocasião importante tal como um aniversário em que se feste)ava a entrada na velhice, após um certo número de anos de serviço, ou por lierana Embora tecnicamente o escravo passasse então a ser igual ao arrio, com efeito era obrigado a permanecer na clientela do seu antigo dono até ser formalmente dispensado Tinha poucas oportunidades de pôr em prática o seu privilégio, pois à face da lei tornava-se membro de uma ou duas das quatro tribos urbanas - Esquilina ou Suburana - e por isso o seu voto era inútil nas eleiões tribais, a sua baixa condição económica significava em quase todos os casos que não era membro de uma das Cinco Classes, pelo que também não podia votar nas Centurias No entanto, a maioria dos escravos considerava a cidadania uma coisa bastante dese)ável, não tanto para si próprios *como* para os seus descendentes Um escravo depois de ser manumitido era considerado um homem libertado e durante o resto da sua vida devia usar um barrete ligeiramente cónico que lhe cobria a nuca, era chamado o Barrete da Liberdade (barrete frígio)

mar Central O nome que adoptei para o mar Mediterrâneo, que na época de Caio Mário ainda não recebera o seu nome latino - ”O Nosso Mar ” Correctamente, era chamado *Mare Internu7n*O PRIMEIRO HOMEM DE ROMA

patrícios A primitiva aristocracia romana Os patrícios eram cidadãos notáveis antes de existirem reis em Roma, e desde então mantiveram esse título, bem como um prestígio inalcançável por qualquer plebeu (por mais cônsules que tivesse havido na sua família) Contudo, à medida que a República evoluía e o poder dos plebeus aumentava a par com a sua riqueza, os direitos e privilégios especiais dos patrícios foram-lhes sendo inexoravelmente retirados, até que, no tempo de Caio Mário, eram relativamente pobres em comparação com as famílias da nobreza plebela Nem todos os clãs patrícios tinham a mesma antiguidade os Júlios e os Fábios possuíam certamente o seu estatuto de patrícios já alguns séculos antes dos Cláudios Os patrícios casavam numa forma especial denominada por *confarreatio,* que era virtualmente para toda a vida, e as mulheres patrícias nunca tiveram a emancipação relativa das plebeias Alguns cargos sacerdotais só podiam ser ocupados por patrícios - Rex Sacrorum *e flamen Dialis* - bem como certos lugares senatoriais - *interrex* e Princeps Senatus Na época de Caio Mário, as seguintes famílias patrícias ainda produziam regularmente senadores (ou mesmo cônsules) Emília, Cláudia, Cornélia, Fábia (mas apenas através de adopções), Júlio, Mânho, Papírio, Postilmio, Sérgio, Servílio, Sulpício e Valério

plebeu, plebe Todos os cidadãos romanos que não eram patrícios eram plebeus - isto é, pertenciam à plebe Nos primórdios da República, nenhum plebeu podia ser sacerdote, magistrado curul ou mesmo senador Esta situação durou pouco tempo, uma a uma, as instituições patrícias foram-se desmoronando antes do assalto da plebe, até que, na época de Caio Mário, já só um pequeno número de lugares políticos importantes estava reservado aos patrícios No entanto, a plebe *criou uma* nova nobreza para *distinguir* as suas figuras *mais* proeminentes, designando por *nobilis* (nobre) um homem que tivesse alcançado o consulado, e estipulando que os seus descendentes também seriam nobres

pomerium *O* limite sagrado da cidade de Roma Era mar(ado por pedras chamadas *cippi* e dizia-se que fora inaugurado pelo rei Sérvio Tulo e permanecera exactamente no mesmo lugar até ao tempo de Sila, o Ditador *O pomerium* não seguia exactamente as Muralhas Sérvias, um bom motivo para se duvidar que as Muralhas Sérvias tenham sido construídas por Sérvio Tulo - que teria certamente feito as muralhas seguir o mesmo curso que o *pomerium* Toda a antiga cidade de Rómulo, noO PRIMEIRO HOMEM DE ROMA

Palatino, era cercada *pelo pomerium,* mas o mesmo não acontecia com o Aventino e o Capitólio Reza a tradição que *opomerium* só podia ser alargado por um homem que aumentasse significativamente o território romano Em termos religiosos, a própria Roma apenas existia dentro do *pomerium,* tudo o que existia fora deste era considerado meramente como território romano

Pontifex Maximus O chefe da religião estatal e o sacerdote mais sénior de todos O cargo parece ter sido criado durante o início da República, num modo tipicamente romano de contornar os obstáculos sem ofender susceptibilidades, porque o Rex Sacrorum (título usado pelos reis de Roma) já havia sido o chefe sacerdotal Em vez de perturbar a populaça abolindo o Rex Sacrorum, os novos governantes de Roma na pessoa do Senado criaram muito simplesmente um novo *pontifex* cujo cargo e estatuto eram superiores aos do Rex Sacrorum - o Pontifex Maximus, que era eleito e não cooptado, para reforçar a sua posição de estadista No início, era provável que tivesse de ser um patrício, mas em meados do período da República era mais provável que pudesse ser também um plebeu Era ele que orientava todos os membros dos colégios sacerdotais - pontífices, áugures, feciais e outros sacerdotes menores e as Vestais Nos tempos da República era ele que ocupava o Domus Publicus (ou casa estatal) mais importante, mas partilhava-o com as Vestais A sua morada oficial (tinha o estatuto de templo) era a pequena Regia antiga, no Fórum Romano

pretor A pretura era o segundo degrau mais sénior do *cursus honorum* para os magistrados (excluindo o cargo de censor, que constituía um caso especial) Nos primeiros tempos da República, as duas magistraturas mais altas eram as dos pretores Mas no fim do séc IV a C , usava-se a palavra ”cônsul” para designar estas magistraturas mais importantes Durante muitas décadas a partir dessa data, houve apenas um pretor, era *opraetor urbanus,* pois as suas funções estavam limitadas à cidade de Roma (libertando assim os cônsules, que podiam dedicar-se à guerra) Em 242 a C , foi criado um segundo pretor, era o *praetor peregrinus* Seguiu-se a aquisição de colónias ultramarinas que necessitavam de ser governadas, e por isso, em 227 a C , foram criados mais dois lugares de pretores para tomar conta da Sicília e da Sardenha Em 197 a C , o seu número aumentou de quatro para seis, para tratar da governação das duas Espanhas Contudo, depois disso não foram criados mais lugares de pretores, na época de Caio Mário, o número de pretores era ainda de seis Devo acres-892 COLLEEN MCCULLOUGH

centar que há um grande debate acadêmico acerca deste assunto Existem duas vertentes, uma das quais defende que foi Sila, o Ditador, que aumentou o número de pretores para oito, e outra segundo a qual esse número foi aumentado de seis para oito durante o tempo dos irmãos Gracos Preferi manter o número de pretores em seis

Princeps Senatus Aquilo a que chamaríamos hoje o Presidente da Assembleia Os censores escolhiam um senador patrício de moral e integridade sem mácula - e alta *dignitas,* bem como alta *auctoritas* - para ocupar o lugar de Princeps Senatus Aparentemente, não era necessariamente um título para toda a vida, mas era revisto de cinco em cinco anos quando entrava em funções um novo par de censores Marco Emílio Escauro foi Princeps Senatus relativamente novo, e adquiriu o título, segundo parece, enquanto ainda exercia o cargo de cônsul, em 115 a C Como não era habitual ser-se eleito Princeps Senatus antes de censor (Escauro só foi eleito censor em 109 a C), o facto de ele ter ganho esse cargo seria uma distinção de honra

num homem extrardinário, ou (como foi sugerido por alguns académicos modernos) ele era em 115 a C o senador pacrício mais sénior disponível para o cargo Em qualquer dos casos, Escauro manteve esse título até à morte - e, tanto quanto sabemos, nunca esteve em risco de perdê-lo

procônsul Alguém que tinha o estatuto de cônsul Este *imperium* era geralmente atribuído a um homem que tivesse acabado o seu mandato como cônsul e continuasse a deter o estatuto de cônsul (isto é, *de* procônsul) para governar uma província ou comandar um exército em nome do Senado e Povo de Roma O mandato de um procônsul durava habitualmente um ano mas costumava ser prorrogado, caso o seu detentor estivesse empenhado numa campanha contra um inimigo que ainda não tinha sido vencido Se um consular não estivesse disponível para governar uma província suficientemente tormentosa para garantir a designação de um procônsul em vez de um propretor, eram os pretores desse ano que iriam governá-la, dotados do *imperium* de um procônsul O *imperium* do procônsul limitava-se à área da sua província ou tarefa, e era-lhe retirado no momento em que atraves,;ava *opomerium,* ao entrar na cidade de Roma

questor O degrau mais baixo do *cursus honorum* Na época de Caio Mário, ser eleito questor não significava passar automaticamente a ser membro do Senado, no entanto, era a prática habitual dos censores admitirem os questores no Senado Desconhece-se o númeroO PRIMEIRO HOMEM DE ROMA 893

exacto de questores eleitos por ano, mas talvez fossem entre doze e dezasseis Era aos trinta anos que um homem se candidatava à eleição para questor, e era essa também a idade em que se entrava para o Senado As obrigações de um questor eram maioritariamente fiscais podia ser destacado para o Tesouro de Roma ou para tesourarias secundárias, ou era encarregado de recolher taxas aduaneiras ou portuárias (devia haver no mínimo três questores com estas funções naquela época, um para óstia, outro para Putéolos e

um para outros postos), ou ainda para gerir as finanças de uma província Um cônsul que ia governar uma província no ano seguinte podia designar o seu quesror, isto era considerado uma grande distinção para o questor e uma maneira segura de ser eleito Em circunstâncias normais, um questor ficava um ano em funções, mas quando era designado era obrigado a *permanecer* na província com o governador até o mandato deste chegar ao fim Os questores terminavam as suas funções no quinto dia de Dezembro

Rei-cliente Um monarca estrangeiro que se comprometia como cliente tendo Roma por patrono, ou por vezes tendo por patrono um cidadão romano O título ”Amigo e Aliado do Povo Romano” era uma declaração de clientela

saepta ”O redil de ovelhas” Nos tempos da República, era simplesmente uma área ao ar livre no Campo de Marte, não muito longe da Via Lata e perto da Via Pública, não havia aí edifícios permanentes mas era o local onde se reunia a Assembleia Centurial ou Comitia Centuriata Como nas Assembleias Centuriais geralmente havia votações, a *saepta era* dividida por vedações temporárias sempre que necessário, para que as cinco classes pudessem votar nas centúrias

Senado Mais precisamente, *Senatus* Os Romanos acreditavam que fora Rómulo quem criara o Senado com uma centena de membros patrícios, mas parece mais provável que a sua fundação tenha ocorrido nos tempos menos obscuros dos reis de Roma Quando a República começou, o Senado era um orgão consultivo com trezentos membros mas ainda inteiramente composto por patrícios No entanto, dentro de poucos anos, os plebeus também passaram a ser aceites para senadores, apesar de ter passado mais tempo até poderem ocupar as magistraturas seniores

Devido à antiguidade do Senado, a definição legal dos seus poderes, direitos e deveres foi gradual e na melhor das hipóteses apenas

parcial Os seus membros eram-no por toda a vida, o que tendia a torná-lo uma

oligarquia, como velo a verificar-se Ao longo da sua história, os seus membros lutaram arduamente para manterem a sua proeminência natural Durante a República, foram admitidos membros (que podiam ser excluídos) pelos censores Na época de Caio Mário, tornara-se habitual exigir uma qualificação de bens no valor mínimo de um milhão de sestércios, embora durante a República isto nunca fosse formalmente legislado, tal como em muitos outros casos, *era* simplesmente assim

Apenas os Senadores tinham o direito de usar túnicas com o *latus clavus* ou faixa larga de púrpura, também usavam sapatos fechados de cabedal castanho-avermelhado e um anel (inicialmente era de ferro mas passou a ser de ouro) As sessões do Senado tinham de decorrer em lugares que tivessem sido devidamente inaugurados, pois o Senado nem sempre reunira no seu edifício, a Cúria Hostília As cerimónias e a reunião do dia de Ano Novo, por exemplo, passavam-se no templo de Júpi ter Optimus Maximus, ao passo que as sessões para discutir a guerra decorriam no templo de Belona, fora do *pomerium*

Havia uma hierarquia rígida entre os que eram autorizados a falar nas sessões senatoriais, com o Princeps Senatus no topo da lista no tempo de Caio Mário, os patrícios precediam sempre os plebeus que tinham o mesmo estatuto Nem todos os senadores podiam discursar Os *senatores pedaru* (usei o termo senadores de segunda linha para designá-los, pois ficavam sentados atrás dos que discursavam) apenas podiam votar Não havia restrições ao tempo ou conteúdo dos discursos, e daí advinha a popularidade da técnica hoje em dia chamada obstrucionismo As sessões podiam decorrer entre o nascer e o pôr do Sol, e não podiam prosseguir se os Comícios se reunissem, embora as reuniões pudessem ser convocadas em dias comiciais se não houvesse Comício Se o assunto não fosse importante ou a resposta fosse completamente unânime, a votação podia ser feita por vozes ou mãos levantadas, mas a votação formal processava-se com a divisão da Assembleia Sendo um organismo consultivo e não legislativo, o Senado emitia os seus *onsulta,* ou decretos, para serem aprovados pelas diversas Assembleias Se o assunto fosse grave, tinha de haver *quorum* antes da votação, embora se desconheça o número necessário para que tal acontecesse no tempo de Caio Mário, talvez um quarto Certamente que a maioria das sessões não teriam uma grande audiência, pois não havia nenhuma lei que obrigasse à presença regular nas sessões

O Senado passara a ter soberania em certas áreas, apesar da sua falta de poder legislativo, isto acontecia em relação ao *fiscus,* porque era oO PRIMEIRO HOMEM DE ROMA

Senado que controlava o Tesouro O mesmo acontecia com os negocios estrangeiros e a guerra Em emergências civis, depois da época de Caio Graco, o Senado conseguiu passar por cima de todos os outros organismos governamentais ao aprovar o *Senatus Consultum de Republica defendenda* - o seu "decreto final

smaragdus *Esmeralda* É discutível que a pedra a que os antigos chamavam esmeralda seja a mesma que a actual, embora isso possa ter acontecido com as pedras vindas da Cítia, sabe-se que as pedras preciosas recolhidas nas ilhas do mar Vermelho e parte das que foram encontradas na posse dos reis ptolomaicos do Egipto eram de berilo

toga candida A toga especialmente embranquecida usada por todos os que pretendiam ocupar um cargo, inscrevendo-se como candidatos (a nossa palavra candidato vem da *toga candida) O* candidato também vestia a *toga candida* ao percorrer Roma durante a sua campanha e no dia da eleição A brancura da toga era obtida com lixívia e pela exposição ao sol durante vários dias, a seguir, era passada por giz em pó

toga praetexta A toga debruada a púrpura do magistrado curul, também era usada por homens que tivessem sido magistrados curuis e por crianças de ambos os sexos

tribo *Tribus* Nos primórdios da República, a *tribus* não era para um romano um grupo pertencente à mesma erma mas sim uma agrupação política útil para o Estado Havia trinta e cinco tribos ao todo, trinta e uma eram rurais, e apenas quatro eram urbanas As dezasseis tribos verdadeiramente antigas possuíam nomes das várias *gens* patrícias, indicando que os cidadãos que pertenciam a estas tribos ou eram membros das famílias patrícias ou tinham inicialmente vivido na terra dessas famílias patrícias Durante o início e meados da República, quando os territórios de Roma na Península Italiana começaram a aumentar, as tribos foram aumentadas para acolher os novos cidadãos no corpo político romano As colónias de plenos cidadãos romanos tornaram-se o núcleo de novas tribos julga-se que as quatro tribos urbanas foram fundadas por Sérvio Tulo, embora a data do seu aparecimento deva ter sido posterior, já nos inícios da República A última data de criação tribal foi 241 a C Todos os membros de uma tribo tinham o direito de votar numa Assembleia tribal, mas os votos eram contados em primeiro lugar em cada tribo, e a seguir a tribo tinha um voto singular Isto significava que os cidadãos inscritos nas quatro tribos urbanas não podiam afectar o resultado de uma votação nas Assembleias tribais, e as trinta e Li-ma tribos rurais podiam

registar os seus votos tribais - mesmo que aparecessem apenas um ou dois membros para a votação Os membros das tribos rurais não

eram impedidos de viver em Roma, quase todos os senadores e cavaleiros pertenciam a tribos rurais

tribuno da plebe Este cargo surgiu pouco depois do estabelecimento da República, quando a Ordem Plebeia estava totalmente em conflito com os patrícios Eleitos pelo Concilium Plebis, ou Assembleia Plebeja, os tribunos da plebe fizeram um juramento de defender as vidas e bens dos membros da Ordem Plebela Em 450 a C , havia dez tribunos da plebe, no tempo de Caio Mário, esses dez dificultavam a vida ao Senado, embora passassem automaticamente a ser membros do Senado pela sua eleição Como não eram eleitos por Todo o Povo, (isto é, por patrícios e por plebeus), não tinham verdadeiro poder face à Constituição Romana, em grande parte por escrever O seu poder residia no juramento que a Ordem Plebeia fez para defender a sacralidade - a inviolabilidade - dos seus representantes eleitos Talvez fosse devido à sua organização tribal da Assembleia Plebela que esses representantes se chamavam tribunos O poder de um tribuno residia no seu direito de exercer o veto contra quase todos os aspectos do governo podia vetar as acções dos outros tribunos da plebe, ou de quaisquer magistrados, uma eleição, a aprovação de uma lei ou plebiscito, e decretos do Senado, mesmo em caso de guerra e negócios estrangeiros Só um ditador (e talvez um *interrex)* estava acima do veto tribunício O tribuno tinha verdadeiramente plenos poderes dentro da Assembleia Plebeia podia convocar a Assembleia, convocar a reunião de debate conhecida por *contio,* promulgar plebiscitos, e mesmo exercer a pena de morte, caso o seu direito de proceder fosse bloqueado

No início e meio do período da República, os tribunos da plebe não eram membros do Senado, mesmo depois de, a meio desse período, poderem convocar sessões do Senado Mais tarde, a *lex Atinia,* de cerca de

149 a C , decretou que quem fosse eleito tribuno da plebe passava automaticamente a ser membro do Senado Isto significava que o tribunato da plebe se tornara uma forma alternativa de entrar no

Senado, até *à lex Atinia,* os censores haviam sido soberanos No entanto, embora na época de Caio Mário o tribunato da plebe fosse reconhecido como uma verdadeira magistratura, não era dotada de *imperium,* e a autoridade do cargo não se estendia para além do primeiro marco miliário

Era hábito não se ter mais de um mandato como tribuno da plebe, entrando em funções no décimo dia de Dezembro e deixando-o no nonoO PRIMEIRO HOMEM DE ROMA 897

dia do seguinte mês de Dezembro Mas o hábito não constituía obrigação legal, tal como Cato Graco provou ao tentar e conseguir obter o seu segundo mandato como tribuno da plebe O verdadeiro poder do cargo era exercido no veto, o que indica que a função tribunícia era mais frequenternente obstructiva do que ino-, adora

tribuno dos soldados Todos os anos eram eleitos pela Assembleia do Povo vinte e quatro jovens de idades compreendidas entre os vinte e cinco e os vinte e nove anos, para fazer a guerra com as legiões do (-ônsul como *tribuni mifitum,* ou tribunos militares Eleitos pelos Comitia Populi Tributa, Todo o Povo, estes tribunos militares eram verdadeiros magistrados Serviam como comandantes gerais das quatro legiões, seis por legião Quando os cônsules tinham mais de quatro legiões em campo, os tribunos dos soldados eram divididos entre as legiões existentes

triunfo Os dias mais gloriosos do general romano Na época de Caio Mário, um general tinha de ser aclamado como *imperator* pelas suas tropas, após o que tinha de fazer uma petição ao Senado para este lhe conceder o triunfo, apenas o Senado podia sancioná-lo, e, por vezes - embora não fosse frequente -, recusá-lo injustificadamente O triunfo em si era uma parada imponente que seguia um percurso fixo desde a Villa Publica, no Campo de Marte, através de uma porta especial nas Muralhas Sérvias, chamada Porta Triunfal, passando pelo Velabro, pelo Fórum Boarium e pelo Circo Máximo, após o que desc ia a Via Triunfal e virava para a Via Sacra do Fórum Romano A

parada terminava no Monte Capitolino, no *fim* das escadas do templo de Júpi ter Optimus Maximus Ogeneraltriunfante e os seus lictores entravam no templo e ofereciam ao deus os seus louros de vitória Depois deste acto, começavam os festejos do triunfo

KEFERÉ”NGA5 GEOGRÁFKAS

Alba Longa Castelgandolfo Rio Aeno Rio Inn

Aquac Sextiae Aix-en-Provence Rio Arar Rio Sâone

Arausio Orange Aretas Arles

Rio B6grada Rio Mejerde Rio B6tis Rio Guadalquivir Lago Benaco Lago de Garda Bonónia Bolonha

Rio Boristenes Rio Dnieper Brindígio Brindes Burdígala Bordéus

Rio Danastro Rio Dniester Dertona Tortona

Desfiladeiro de Breno Desfiladeiro de Brenner

Desfiladeiro de Lugduno Pequeno Desfiladeiro de São Bernardo Desfiladeiro de Mons Genava Desfiladeiro do monte Genebra Dravus Flumen Rio Drava

Rio Duria Major Dora Baltea Duria Minor Dora Riparia Eporédia Ivrea

Mar Euxino Mar Negro Ferentino Ferento Firimo Fermo

Hipona Bona (na Argélia)

Rio Hípanis Rio Bug (na URSS) Icosium Argel900 COLLEEN MCCUUOUGH

ílio Tróia

101 Cherchel, na Argélia Rio !sara Rio lsère

Rio !sara Rio Isar Rio !sara Rio Oise

Lifflia A parte do Norte de Âfrica entre o Egipto e a Cirenaica **Rio Liris Rio Garigliano**

Malaca Málaga **Massília** Marselha **Mauritânia Actual Marrocos Mediolano** Milão

Rio Mulucha Rio Moulouya Mutina Modena Nemausus Nimes

Nórica Tirol oriental e **Alpes jugoslavos Patávio Pádua**

QuersonesoCimbro Dinamarca. Península dajutlândia SabAcia Savona

Rio Sequana Rio Sena Rio Tanais Rio Don Taprobana Actual Sri Lanka **Taurásia** Turim

Terra dos Bóios Boémia. Actual Checoslováquia Tergeste Trieste

Tíbur Tivoli **Tíngis** Tânger **Tridentum** Trento

Vale dos Salassos Val d'Aosta Rio Visurge Rio VéscrPORTAS

CARMENTAL TR UNFAL FONT NAL MUGONA ROMULANA CACANA

NAS MURALHAS SERVIAS

NAS ANT GAS MURALHAS DA CIDADE DE ROMULO NO PALATiNO

CAMPO DE MARTE

TRADUÇÃO DE TERMOS LATINOS

ASYLUM LOCAL SAGRADO OU REFUGIO BASILICA EDIFICIO COM CLARABOIAS PARA

ASSUNTOS ESTATAIS COMERCIO CAMPUS (C-) EXTENSA0 DE TERRENO PLANO CIRCUS (C,,co) RECINTO PARA CORR DAS DE CAVALOS E JOGOS

CI. VUS RUAINGREME

DOMUS CASA DE CIDADE PARA UMA FAM LIA (de o. a quano andares de altura) DOMUS HABiTAÇ O PERTENCENTE AO

PUBLICUS ESTADO ONDE MORAVA UM SUMO PONTIFICE OU UM FLAMIN

FORUM Enuor) ESPAÇO DE REUNIãO Ao AR LIVRE PARA ASSIJUTOS DO ESTADO OU COMERCIO PRIVADO

HORREA ARMAZEM lambam CEIE RO INSULA ED FICIO DE OCUPAÇão MULTIPLA (de Ires a dou andares de altura)

MACELI-UM MERCADO AO AR LIVRE COM BARRACAS E BANCAS MURUS MURALHA DEFENS VA

PODIUM (Pbd,o) PLATAFORMA ALTA E OCA OUIE SERVIA PARA ELEVAR OS *TEMPLOS*

PORTA PORTA0 NUMA MURALHA PORTICUS **(PdIII.)** LUGAR COM COLUNAS RESERVADO A ASSUNTOS ESTATA S COMERC O

SCALAE LANCE DE ESCADAS

VALLIS (Vale) DEPRESSAO NO TERRENO v ARUA OU E TRADA PRINCIPAL US RUA OU RUELA SECUNDARIA

2

ILLA CASA DE CAMPO ESPAÇOSA

NO SENTIDO ABAIXO USADO

TEMPLOS, OUTROS LUGARES

E EDIFíCIOS DE INTERESSE NO CENTRO DE ROMA

CASA DE CAIO MÁRIO (Desconhece se a localização exacta)

2TEMPLO DE JUNO MONETA (Boa conselhe ra)

3T VENUS ERUCINA (Protectora das Prostitutas)

4T MENS (Deusa do Pensa”nio Romano Acertado)

5A PRISAO DAS LAUTUM AS

6TULIANO ou CARCERE

7 TEMPLO DA CONCORDIA (CoKistenc a amigavel das classes) eSENACULUM (Edificio para rewpção de embaixadores)

9 TABULARIUM (Depos,ro da Registos Le a) to

T VEDOVIS (Jovem Julpitar Deus das Das lusões)

PORTICUS DEORUM CONSENTIUM (Os Doze Deuses)

2 T JUPITER FERETRIUS (Tratados Armamentos)

13 TUPITER OPTIMUS MAXIMUS

J

14 T F

ORTUNA PRIMIGENIA (Protectora do ,me,o f lho)

15 T HONOS ET VIRTUS (Culto dos Coman rifes M litares)

16 T OPS (Abund.nc,a) UM FUNDO DE EMERGêNCIA EM

BARRAS DEPRATA ESTAVA ARMAZENADO NO SEU POD O A RIO

17 CHA TARPE A

16 T FIDES (B. Fe)

19 T BELONA (Gosna c.,t,a forças estrangeiras)]o

20 -TERTORI OINIMIGO.

21 T APOLO S S ANUS (Meri e - Colas)

22 T MATER MATUTA (M.os Partos)

23 T FORTUNA (V rgens Raparigas Puberes)

24 T JANO (Entradas Imo os Fins)

25 SACRA RIO oc, GENIO LOCi (Podar p,.c,aat,vo)

26 GRUTA da LUPERCAL (A lobs que amamentou R.mob)

27 CASA DE LUCIO SERGIO CATil-INA Locab,aça. exa,t.

28 CASA DE QUINTO HORTENCIO HORTALO (Localização oonhecida)

a,,

29 A CABANA REDONDA DE ROMULO

30 T

E MAGNA MATER (A Grande Deusa As,atica)

31 CMUNDUS (Um respiradouro de mundo inferof)

32 ASA da 1 MARCO L VIO DRUSO 2 MARCO LIC não CRASSO MARCO TUILIO Ç CERO - A LOCALIZAÇãO EXACTA E APENAS -] POTET CA

33 CASA *CNEU 2 LUCIO DOMICiO* AENO8ARBO - A LOCALIZAÇãO E APENAS IMAGINARIA

34 T JUPITER STATOR (Aca entador das retiradas mil lares)

35 BANHOS (Partou ares) 9 Bainsae Semae

PARTE CENTRAL DE ROMA

T PENATES (Os Penates Publicos) ESTATUA EQUESTRE de CLELIA DOMUS PUBLICUS o. REX SACROPUM ”A CASA DO REI” (Local zação aproximada) HOSPEDARIA

LARES TUTELAES (Os Lares.PuI)licps)

OS,DOMI PUBLICI dos TRES FLAMINES MA ORES FLAMEN DIALIS

j FLAMEN MARTIALIS FILAMEN QUIRJNALIS (A boa ização e imaginara)

BAÉLICA AEM LIA (Esabe ec,menio para Comercio ee ciosalgumas acividades pub cas lojas)

re, da como a Basilica Fuiv a) VENUScLOACINA (Puncação clas aguas) T JANO (Entradas Inicios Fins)

0OCAL DOS COM CIOS Suas clusões (a) LAPIS L

NIGER ROSTROS GABINÉU ANEXOS ao SENADO CURIA HOSTILIA (Senado)

BASILICA PORCIA (Estalbe, ecimento para Comerc o Negocios especialmente bancarios - Sede do Coleg o dos TrIbunos da Plebe)

T SATURN 11perdade mulave do Estado Roman 0111SIOURO (Aerarium) ENCONTRAVA SE POR O BAIXO DESTE DENTRO DO PODIUM ALTAR de VOLCANAL (Volcamo)

BASILICA ORMIA o ci,os Jod9a.e1tos T TRIBUNAL de VARO MAGI TRADOS ARVORES SAGRADAS ESTATUA DO MARTIR MARSIAS

LACUS CURT Noção odi

Le Co,go,.m.,s

BASILICA SEMPR o ocos) SACRARIO de VOLUP A nSTATUA da DiA ANGERONA

TUMULO (SaCrarIV de LARENCIA

TPIBUNAL do PR TOR URBANO - SEDE DOS MAGISTRADOS

T CASTOR POLUX (Pesos Medidas medios rqNuivaddS no Podium lambem uma segunda base a. Tniburios da Plebe)

o (Poço Sa rado j uturna SACRAR O DE CULTO STATUA DE J1JURNA SALAS PARA USO dos PEREGRINOS a JUTURNA T VESTA (Chamado Estado

A REGIA PI do PWIFEX MAXIMIJS *SACRAR DE* ULTO ESTATUA *DE VESTA* átrium VESTAIE do DOMUS PUBLICUS (Lar das Vasta s

DOMU PUBLICUS do PONTIFEX MAX MUS PORTICUSMARGARITARIA(Joelhe,os vs,dadode paro as perfumistas lojas de uxo tendas)

CAMPO DE MARTE

(MERCADO CO PRIMEIRO HOMEM DE ROMA

417

belo rosto em forma de coração *com o* seu queixo com mossas e a testa alta e o cabelo em bico no meio da fronte, surgia um enorme par de olhos que todos insistiam não serem azuis escuros mas sim *púrpura,* rodeados por longas e espessas pestanas negras e coroados por sobrancelhas negras arqueadas e finas como plumas.

Muitas eram as discussões nos banquetes dos homens (pois podia-se certamente prever que entre os convidados estariam dois ou três dos pretendentes inscritos na **lista) sobre** aquilo em **que consistia exactamente** o encanto de Aurélia. Alguns diziam que residia nesses pensativos olhos púrpura afastados; outros insistiam que era a notável pureza da pele; outros ainda escolhiam a rigidez encovada das faces; uns poucos falavam apaixonadamente em segredo da sua boca ou do queixo com covinhas, ou das mãos e pés delicados.

Não é nenhuma dessas coisas e no entanto são todas elas - rosnou Lúcio Licínio Crasso Orador. - Tontos! Ela é uma Vestal à solta - *é Diana* e não Vénus! Inatingível. E aí reside o seu fascínio.

- Não, são aqueles olhos púrpura - disse o jovem filho de Escauro Princeps Senatus, outro Marco, tal como o pai. - Púrpura é *a* cor! Nobre! Ela é um presságio vivo.

Mas quando o presságio vivo entrou na salinha da mãe com um ar tão ponderado e imaculado como sempre, não trouxe consigo nenhum ambiente dramático; com efeito, o carácter de Aurélia não encorajava o drama.

- Senta-te, filha - disse Rutília sorrindo. Aurélia sentou-se e entrelaçou as mãos no colo.

- Queremos falar contigo acerca do teu casamento - disse Cota, e aclarou a garganta, esperando que ela dissesse algo para o ajudar a explicar melhor.

Mas não recebeu nenhum auxílio; Aurélia limitou-se a fitá-lo com uma espécie de interesse distante, nada mais.

- O que pensas tu?

Aurélia encolheu os ombros.

- Acho que apenas espero que escolham alguém que me agrade.

- Sim, também o esperamos - disse Cota.

- De quem é que não gostas? - perguntou Rutília.

- De Cneu Domício Aenobarbo Júnior - afirmou Aurélia sem qualquer hesitação, ídentíficando-o pelo nome completo.

Cota considerou a Justiça da afirmação.[877]

NúMERO DE DATA DAS DATAS

MÊS

DIAS

CALENDAS

NONA

IDOS

janeiro

29

5

13

Fevereiro

28 1

5

13

Março

31 1

7

15

Abril

29 1

5

13

Maio

31 1

7

15

junho

30 1

5

13

Quinctilis (julho)

31 1

7

15

Sextilis (Agosto)

29 1

5

13

Setembro

29 1

5

13

Outubro

31 1

7

15

Novembro

29 1

5

13

Dezembro

29 1

5

13

flamen, flamines. Um sacerdote pertencente a um grupo especial, que servia os deuses mais antigos e mais romanos. Havia quinzeflamines, três maiores e doze menores. *Os flamines* maiores serviam Júpiter, Marte e Quiri no. Exceptuando *oflamen Diafis,* nenhum deles parecia ter deveres muito rigorosos; no entanto os três sacerdotes mais importantes viviam em alojamentos do Estado. Isto devia-se sem dúvida ao facto de *os flamines* serem os sacerdotes mais antigos de Roma.

flamenDíalis O sacerdote especial dejúpiter e o mais sénior dos *quinzeflamines.* A sua vida não era fácil. Tinha de ser um Patrício casado *confarreatio* com uma mulher patrícia; tanto os seus pais como os da Mulher tinham de estar vivos quando ele fosse escolhido para o sacerdócio; e o lugar era para toda a vida. *Oflamen Dialis* era absolutamente submerso em tabus e doutrinas antigas - não podia ver um cadáver, tocar em ferro, prender qualquer coisa com nós, usar objectos de ferro para cortar o cabelo ou a barba, usar couro retirado a um animal morto especialmente para esse efeito, tocar em cavalos, comer feijão ou

qualquer tipo de pão fermentado. A mulher, *a flaminca Dialis,* tinha aproximadamente as mesmas limitações,

flumen O termo latino para designar um rio. É por esse motivo que alguns rios nos meus mapas estãodescritos como ”Singilis E”, ”Asanal”, etc. **Gália** Ver Gália Comata, Gália Transalpina, Gália Italiana.

Gália Comata Gália-de-Longos-Cabelos. Excluindo a província romana da Gália Transalpina, a Gália Comata integrava a moderna França

e a Bélgica, bem como a parte da Holanda a sul do Reno. Era uma terra enorme, de relevo razoavelmente baixo e altamente florestada de uma riqueza agrícola em grande medida não recolhida, irrigada por muitos rios esplêndidos, incluindo o Líger (Loire), o Sena, o Mosa, o Mosela, o Escalda, o Samara (Somme), o Marne, c, Duramo (Dordogne), o Oltis (Lot) e o Garona. Durante o tempo de Caio Mário, a maior parte da Gália Comata era praticamente desconhecida, excepto pelas campanhas de Cneu Domício Aenobarbo em 122 *e* 121 a.C. Os habitantes eram Celtas na sua maioria, excluindo as zonas invadidas pelas tribos germânicas vindas do lado de lá do Reno e que resultavam de uma mistura de raças, como era o caso das tribos colectivamente designadas pelos Belgas. Apesar de todos os Gauleses que usavam cabelos compridos (donde provinha o termo latino para o país) saberem da existência de Roma, evitavam cuidadosamente o contacto, a menos que tivessem o azar de viver nas fronteiras da província romana. O modo de vida dos Gauleses era rural, viviam tanto da agricultura como da pastorícia e desprezavam a civilização, preferindo agrupar-se em quintas e aldeias. Construíram aquilo a que os Romanos chamavam *oppidi,* que eram fortificações para proteger os tesouros tribais, a pessoa do rei e os seus cereais. Em termos de religião, estavam sob a influência dos druidas, excepto os mais germânicos de entre eles. De um modo geral, os Gauleses-de-Longos-Cabelos não eram um povo guerreiro, visto que para eles a guerra não era um fim em si, mas eram bons guerreiros. Preferiam beber cerveja a vinho, comiam mais carne do que pão, bebiam leite e usavam manteiga em vez de azeite. Fisicamente, eram altos e bem constituídos, e tinham tendência para ter cabelos loiros ou ruivos, e olhos azuis ou cinzentos.

Gália-de-Longos-Cabelos Ver Gália Comata.

Gália Italiana Gália Cisalpina - isto é, Gália-do-lado-de-cá-dos-Alpes. Chamei-lhe Gália Italiana com o intuito de simplificar. Incluía todas as terras a norte dos rios Arrio e Rubicão, do lado italiano do formidável círculo de montanhas alpinas que separa a Itália e a Gália Italiana do resto da Europa. A Gália Italiana era dividida em duas de leste a oeste pelo enorme Rio Pó, e havia uma diferença nítida na natureza dos terrenos de cada lado do Pó. A sul deste rio, as pessoas e cidades eram muito romanizadas e muitas eram detentoras dos Direitos Latinos. A norte do rio, as pessoas e cidades eram mais célticas que romanas, e na época de Caio Mário, o número de comunidades de Direitos Latinos era apenas limitado à Aquileia e a Cremona; o latim era a segunda língua melhor879

falada, isto quando era falada. Politicamente, a Gália Italiana vivia mergulhada numa espécie de limbo, pois nem tinha o estatuto de verdadeira província nem os benefícios como tais dos Aliados Italianos. No tempo de Caio Mário, os homens da Gália Italiana não eram recrutados para a infantaria romana, nem mesmo como auxiliares.

Gália Transalpina A Gália Transalpina foi em grande parte conquistada para Roma por Cneu Domício Aenobarbo antes de 120 a.C., para assegurar uma via terrestre para os exércitos de Roma entre a Itália e a Espanha. A província consistia numa faixa costeira que se estendia da Ligúria aos Pirenéus, com duas incursões interiores: uma para Tolosa, na Aquitânia, e a outra para norte do Vale do Ródano (Rhone) até ao posto comercial de Lugduno.

gens, gentes. Uma família ou clã romano com o mesmo nome por exemplo Júlio, Domício, Cornélio, Emílio, Fábio, Servílio e Júnio eram todos nomes gentílicos. Todos os membros da mesma *gens* podiam traçar a sua linhagem até um ascendente comum. O termo era feminino, e por isso em latim havia a *gem* Júlia, a *gens* Cornélia.

gladiador Um soldado da arena, um guerreiro profissional que executava o seu ofício para um público, como forma de entretenimento. Foi uma herança dos Etruscos e floresceu sempre por toda a Itália, incluindo Roma. As suas origens podiam ser diversas: podia ser um desertor das legiões, um criminoso condenado,

um escravo ou um homem libertado que se inscrevia voluntariamente; mas em todos estes casos, tinha de ter dado provas de interesse em ser gladiador, senão não valia a despesa no seu treino. Vivia numa escola (a maioria das escolas da era republicana situava-se na zona de Cápua), não estava preso nem fechado, nem era maltratado; o gladiador era um investimento muito lucrativo e atraente. O seu treino era vigiado por um *médico;* o *lamsta* era o director da escola. Podia lutar de quatro modos diferentes como um Mirmillo, um Samnita, um Retiarius ou um Trácio; a diferença residia na forma como estava armado. Nos tempos da República, servia entre quatro e seis anos, e lutava em média cerca de cinco vezes durante um ano; era raro um gladiador morrer, e o veredicto dos ”polegares-para-baixo, polegares-para-cima” do Império ainda estava longe. Quando se reformava, passava geralmente a ser guarda-costas. As escolas pertenciam a homens de negócios que tinham grandes lucros por alugar pares de gladiadores por toda a Itália, habitualmente para fazerem o número principal dos jogos funerários; muitos senadores e cavaleiros tinham escolas de gladiadores, algumas

delas suficientemente grandes para ter mais de mil homens, e outras ainda maiores.

governador Um termo conveniente para designar o cônsul ou pretor, procônsul ou propretor que usualmente durante o espaço de um ano governava uma província romana em nome do Senado e Povo de Roma. O grau de *imperium* do governador variava, tal como a extensão da sua comissão. No entanto, fosse qual fosse o seu *imperium,* enquanto estava na sua província era virtualmente o rei desta. Era responsável pela sua defesa, administração, pela recolha de impostos e dízimas e muitas outras coisas.

grammaticus Não era um professor de gramática mas um professor das artes básicas da retórica ou discurso público.

homem libertado Um escravo alforriado. Embora fosse tecnicamente livre (e, se o seu dono anterior fosse um cidadão romano, ele mesmo seria um cidadão romano), permanecia sob o patrocínio do dono anterior e tinha poucas hipóteses de usar do voto no tempo de Caio Mário, pois pertencia a uma das duas tribos urbanas a

Suburana e a Esquilina. Em alguns casos, homens libertados de capacidades e desumanidade superiores conseguiam obter grande riqueza e poder, pelo que passavam a poder votar nas classes.

homem livre Um homem nascido livre e nunca vendido como escravo (excepto como um *nexus* ou escravo sob dívida o que era raro entre os cidadãos romanos no tempo de Caio Mário, embora ainda predominasse entre os Aliados Italianos, vítimas da ambição romana).

hubris Uma palavra grega ainda hoje usada. Significa orgulho presunçoso.

imago, imagines. A máscara quase semelhante à realidade, belamente pintada e com peruca do antepassado consular de uma família romana (ou talvez pretoriana). Era feita de cera de abelha (quem já visitou algum museu de figuras de cera compreenderá como uma máscara de cera pode parecer real) e era guardada pelos descendentes directos do antepassado num armário fechado que tinha a forma de um templo em miniatura. O armário embora as famílias de prestígio tivessem mais de um antepassado tão ilustre, pelo que possuíam vários destes armários era colocado no *átrium* da casa perto do altar dos deuses Lares e Penates. A máscara e o seu armário eram objecto de enorme reverência. Quando morria um homem da família, era contratado um actor para pôr a *imago* e representar o antepassado. Se fosse cônsul, fazia-se a sua máscara que se juntava à colecção familiar; ocasionalmente, havia máscaras881

de não cônsules que tinham feito obras tão extraordinárias que também eram considerados merecedores de uma máscara.

imperator Literalmente, o ”comandante supremo” de um exército romano. Contudo, o termo passou gradualmente a aplicar-se a um general que obtinha uma grande vitória; para requerer ao Senado que se festejasse um triunfo o general tinha de poder provar que após a batalha as suas tropas o haviam

saudado formalmente com o título de *imperator.* É esta a raiz da palavra ”imperador”.

Imperium Imperium era o grau de autoridade investido num magistrado ou promagistrado curul. Deter *imperium* significava que um homem tinha a autoridade do seu cargo e não podia ser refutado (desde que estivesse a actuar dentro dos limites do seu *imperium* particular e de acordo com as leis que regulavam a sua conduta). O *imperium* era outorgado por uma *lex curiata* e durava apenas um ano; as extensões tinham de ser ratificadas pelo Senado e/ou Povo para os promagistrados que não tivessem completado a sua comissão original no espaço de um ano. Os lictores portadores *defasces* indicavam que um homem possuía *imperium.*

Ínsula, insulae. Literalmente, ”ilha”. Como esta se encontrava na maior parte das vezes rodeada por ruas ou ruelas e áleas de todos os lados, os edifícios de apartamentos ficaram conhecidos por *insulae.* As *insulae* romanas eram muito altas (tinham até 100 pés 30 m de altura), e algumas eram suficientemente grandes para garantir a incorporação de várias fontes de luz, em vez da única habitual. Outrora, tal como hoje, a maioria dos moradores de Roma vivia em apartamentos.

isonomia Na sua origem, esta palavra grega significava ”igualdade”. No entanto, o estadista ateniense Cleisthenes, que se supõe que terá desenvolvido a forma de governo a que os Gregos chamavam democracia, aplicou a denominação *isonomia* ao conceito de democracia.

Itália Este nome era reservado à Península Italiana a sul dos rios Arno e Rubicão, embora seja de duvidar que um romano alguma vez tenha considerado a península como uma nação ao chamar-lhe Itália.

iugerum, iugera. A unidade romana usada na medida de terras. Em termos actuais, um *iugerum* era 0,623 (ou cinco oitavos) de um acre ou 0,252 (um quarto) de um hectare. Quem usa actualmente as medidas imperiais britânicas ou americanas pode obter um resultado bastante aproximado em acres dividindo o número de *iugera* por dois; quem usa o sistema métrico, obterá um resultado bastante próximo dividindo o número de *iugera* por quatro.

Julilla Neste livro, a filha mais nova de Caio Júlio César. Não há nada que prove que César não teve duas filhas; o facto de uma delas, Júlia, ser mencionada nas fontes antigas é na melhor das hipóteses apenas uma prova negativa. Não me canso de fascinar-me com o que as fontes antigas consideravam suficientemente importante para ser relatado e o que ignoravam por considerar pouco importante; e a nossa fonte antiga mais contemporânea, Cícero, escreveu para os homens da sua época, e por isso assumia que todos conheciam muitos dos factos, pelo que não tinha a preocupação de mencioná-los. Júlia viveu até à velhice e era uma das matronas mais admiradas e ilustres do seu tempo; além disso, era a mulher memorável do grande Caio Mário e a mãe de um homem que também deixou a sua marca em Roma. Assim, não é de espantar que o seu nome tenha chegado até nós, ao passo que a outra filha de César e de sua mulher, Márcia, poderá não ter sido tão notável. Sabemos por Plutarco que a primeira mulher de Sila era uma Júlia, mas ele teve três mulheres a seguir a esta, embora só as duas últimas tenham sido mencionadas nas fontes antigas. E, conhecendo a brecha que se abriu entre Mário e Sila tempos depois, é muito possível que Sila nas suas memórias (usadas posteriormente como fonte de consulta por historiadores como Plutarco) tenha pouco a dizer sobre a sua mulher Juliana; Júlia, viúva de Caio Mário estava bem viva quando Sila publicou as suas memórias.

Tendo em vista a criação de uma história coerente, poderei ser perdoada por ter tomado a liberdade de romancista ao transformar uma irmã mais nova da mulher de Mário na primeira mulher de Sila. Mas a questão não se resume a isso. Os factos históricos revelam que o início da carreira política e militar de Sila esteve fortemente ligado a Caio Mário; seja qual for o prisma pelo qual se virem as coisas, não há nada de concreto durante os anos relatados neste livro que sugira que Sila e Mário fossem mais que colegas próximos. Todas as inferências de que Sila tentou colher os créditos da vitória da guerra contra Jugurta por ter sido ele a capturá-lo têm origem em dois registos de memórias publicadas muitos anos mais tarde um, as memórias do próprio Sila, e o outro, as de Quinto Lutácio Catulo César. Neste sentido, convinha a ambos diminuir a reputação de Caio Mário. No entanto, ao observar as carreiras interligadas de Mário e Sila entre os anos de 107 e 100 a.C., é impossível inferir dos acontecimentos reais a existência de qualquer

inimizade naquela fase. Pelo contrário, os acontecimentos sugerem que os dois homens continuaram a ser colegas próximos e confiavam um no outro. Se existia uma883

contenda entre eles devido ao facto de Sila alegar que ganhara a guerra contra Jugurta, por que motivo havia Mário de ter levado Sila com ele para a Gália como seu legado' Então, subitamente, Sila aparece na Gália Italiana com Catulo César, na mesma altura em que Mário estava comprometido a combater os Teutões, que avançavam no extremo dos Alpes Mas não, penso eu, devido a qualquer zanga com Mário, Catulo César sobe precipitadamente o Adige e surge uma misteriosa revolta entre as suas tropas e Catulo César volta a descer o Adige e em vez de avisar Roma do motim, fica calmamente em Placência com o que resta do seu exército e espera por Mário Em tudo isto, não há qualquer referência a Sila, e no entanto, era ele o legado sénior de Catulo César Não se pode ter a certeza ao afirmá-lo, mas é lógico presumir que Sila foi enviado por Mário para impedir Catulo César de perder um exército que Roma não podia dar-se ao luxo de perder, tal como se pode presumir que Sila e Mário se teriam zangado

Voltando ao ano de 108 a C , quando Mário fugiu para se candidatar ao consulado em Roma, deve ter pedido pessoalmente a Sila os seus serviços como questor, pois quando o seu ano na Numídia chegou ao fim, Sila permaneceu com Mário, acto próprio de alguém pessoalmente comprometido com o seu general Com efeito, Sila apenas regressou a casa ao mesmo tempo que Mário Mas como podia Mário ter conhecido Sila o suficiente para lhe fazer tal pedido > Não tinham feito quaisquer campanhas juntos, havia um abismo de dezassete anos entre as suas idades, e os seus estilos de vida eram radicalmente diferentes, de acordo com o que diz Plutarco E Plutarco diz também que a primeira mulher de Sila era uma Júha Se a primeira mulher de Sila, Júlia, fosse irmã da mulher de Mário, Júha, isso responderá a muitas questões Ou pode ser que as duas Júlias fossem primas e amigas íntimas Mas para a romancista, atormentada pela necessidade de manter a história e as

personagens numa estrutura o mais reduzida possível, torná-las irmãs é a solução perfeita Obrigada, Plutarco, pela alusão ao nome da primeira mulher de Sila1 Dado o facto indiscutível de que para um romano a família estava em primeiro lugar, que solução mais lógica poderia haver senão Mário e Sila estarem proximamente ligados pelo matrimónio, e o mais velho responder as súplicas da família da mulher para dar uma ajuda ao mais novo até ao primeiro degrau do *cursus bonoumi*> Assim nasceu Juhlla, a filha mais nova de Caio Júlio César e mulher de Lúcio Cornélio Sila883

contenda entre eles devido ao facto de Sila alegar que ganhara a guerra contra Jugurta, por que motivo havia Mário de ter levado Sila com ele para a Gália como seu legado? Então, subitamente, Sila aparece na Gália Italiana com Catulo César, na mesma altura em que Mário estava comprometido a combater os Teutões, que avançavam no extremo dos Alpes. Mas não, penso eu, devido a qualquer zanga com Mário; Catulo César sobe precipitadamente o Adige e surge uma misteriosa revolta entre as suas tropas e Catulo César volta a descer o Adige - e em vez de avisar Roma do motim, fica calmamente em Placência com o que resta do seu exército e espera por Mário. Em tudo isto, não há qualquer referência a Sila, e no entanto, era ele o legado sénior de Catulo César. Não se pode ter a certeza ao afirmá-lo, mas é lógico presumir que Sila foi enviado por Mário para impedir Catulo César de perder um exército que Roma não podia dar-se ao luxo de perder, tal como se pode presumir que Sila e Mário se teriam zangado.

Voltando ao ano de 108 a.C., quando Mário fugiu para se candidatar ao consulado em Roma, deve ter pedido pessoalmente a Sila os seus serviços como questor, pois quando o seu ano na Numídia chegou ao fim, Sila permaneceu com Mário, acto próprio de alguém pessoalmente comprometido com o seu general. Com efeito, Sila apenas regressou a casa ao mesmo tempo que Mário. Mas como podia Mário ter conhecido Sila o suficiente para lhe fazer tal pedido.-’ Não tinham feito quaisquer campanhas juntos, havia um abismo de dezassete anos entre as suas idades, e os seus estilos de vida eram

radicalmente diferentes, de acordo com o que diz Plutarco. E Plutarco diz também que a primeira mulher de Sila era uma Júlia. Se a primeira mulher de Sila Júlia, fosse irmã da mulher de Mário, Júlia, isso responderá a muitas questões. Ou pode ser que as duas Júlias fossem primas e amigas íntimas. Mas para a romancista, atormentada pela necessidade de manter a história e as personagens numa estrutura o mais reduzida possível, torná-las irmãs é a solução perfeita. Obrigada, Plutarco, pela alusão ao nome da primeira mulher de Sila! Dado o facto indiscutível de que para um romano a família estava em primeiro lugar, que solução mais lógica poderia haver senão Mário e Sila estarem proximamente ligados pelo matrimónio, e o mais velho responder às súplicas da família da mulher para dar uma ajuda ao mais novo até ao primeiro degrau do *cunus honorumí* Assim nasceu Julilla, a filha mais nova de Caio Júlio César e mulher de Lúcio Cornélio Sila.

Lar, Lares. Dos mais romanos de todos os deuses, sem forma, sexo, número ou mitologia. Havia muitos tipos diferentes de Lares, que podiam funcionar como espíritos protectores ou forças de uma localidade (tal como acontecia nas encruzilhadas e fronteiras), de um grupo social (tal como acontecia com o Lar Familiaris, o Lar privado da família), de uma actividade (como por exemplo, a navegação) ou de uma nação inteira (como acontecia com os Lares públicos de Roma). No fim da República eram representados (sob a forma de pequenas estátuas) como dois rapazes com um cão, mas não se sabe se os Romanos acreditavam mesmo que eram apenas dois ou se tinham esta forma era mais a complexidade crescente da vida que tornava conveniente ”etiquetá-los”.

lectisternium Uma forma propiciatória de prática religiosa que habitualmente se reservava para as crises mais graves. Colocavam-se imagens dos deuses importantes sobre os leitos; oferecia-se-lhes alimentos e prestava-se-lhes grandes honras.

legado *Legatus.* Os membros mais séniores do pessoal militar do general romano eram os seus legados. Para ser classificado como um *legatus,* tinha de se possuir o estatuto senatorial, e frequentemente eram de categoria consular (parece que estes estadistas mais idosos ocasionalmente ansiavam por uma temporada de vida militar e ofereciam os seus serviços como voluntários a um general no comando de uma campanha que os interessasse). Os legados só prestavam contas ao general e eram superiores a todos os tipos de tribunos militares.

legião A mais pequena unidade militar romana capaz de travar uma guerra por si só (embora raramente fosse chamada a fazê-lo); isto é, era completa em termos de efectivos militares, equipamento e funções. Na época de Caio Mário, um exército romano empenhado em qualquer campanha importante consistia em menos de quatro legiões embora raramente tivesse mais de seis legiões. As legiões singulares sem perspectivas de reforço ocupavam funções de guarnição em lugares como as Espanhas, onde as rebeliões tribais eram pequenas, apesar de aguerridas. Uma legião era composta por cerca de cinco mil soldados divididos em dez coortes com seis centúrias cada; também incluía cerca de mil homens com

o estatuto de não-combatentes e geralmente tinha uma modesta arma de cavalaria adjunta. Cada legião transportava a sua própria artilharia e material; se fosse a legião de um dos cônsules, podia ter no seu comando até seis tribunos eleitos dos soldados; se pertencia a um general que não fosse

cônsul na altura, era comandada por um legado, ou então pelo próprio general. Os seus oficiais de carreira eram os centuriões, que eram em número de cerca de sessenta e seis. Embora as tropas de uma legião ficassem no mesmo acampamento, não partilhavam o rancho nem viviam em conjunto; em vez disso, eram divididas em unidades de oito homens (a centúria continha apenas oitenta soldados e os restantes vinte eram não-combatentes).

lictor Um dos funcionários públicos genuínos ao serviço do Senado e Povo de Roma. Havia um Colégio de Lictores o número de membros é incerto, mas certamente seriam em número suficiente para prover a tradicional escolta em fila única para todos os detentores de *imperium,* tanto dentro como fora de Roma, e executar outros deveres. Não é improvável que fossem duzentos ou trezentos homens. Um lictor tinha de ser um pleno cidadão romano, mas era certo que pertencia a uma classe humilde, pois pensa-se que o vencimento oficial era muito reduzido; o lictor via-se obrigado a contar em grande medida com as gratificações daqueles que escoltava. Dentro do colégio, os lictores dividiam-se em grupos de dez (decúrias), cada um dirigido por um prefeito, e havia vários presidentes do colégio com um estatuto sénior em relação aos prefeitos. Dentro de Roma, o lictor usava uma simples toga branca; fora de Roma usava uma túnica de cor carmesim com um cinto negro e largo ornamentado com latão; nos funerais usava uma túnica negra. Por conveniência, localizei o Colégio de Lictores atrás do templo dos Lares Praestites, no lado oriental do Fórum Romano, mas não há provas de que assim fosse.

lustrum A palavra latina que veio a designar tanto o tempo total em funções dos censores como a cerimónia com a qual os censores concluíam o censo do Povo Romano comum no Campo de Marte.

lychnites Um termo usado por Plínio, o Velho, para descrever uma pedra preciosa encontrada na Numídia ocidental. Pensa-se hoje que esta pedra seria a turmalina.

magistrados Os executivos eleitos do Senado e Povo de Roma. Em meados do período da República, todos os homens que detinham magistraturas eram membros do Senado (os questores eleitos eram normalmente aprovados como senadores pelos censores seguintes); isto concedia ao Senado uma vantagem notável em relação ao Povo, até o Povo (na pessoa da Plebe) ter tomado a seu cargo a feitura das leis.

Os magistrados representavam o braço executivo do governo. Em termos de senioridade, o magistrado mais júnior de todos era o tribuno886

dos soldados, que não tinha a idade necessária para ser admitido no Senado mas não deixava de ser um magistrado. A seguir, vinha o questor; seguiam-se-lhe o tribuno da plebe e o edil da plebe; o edil curul era o mais júnior magistrado detentor de *imperium;* depois, vinha o pretor; e o cônsul aparecia no topo. O censor ocupava uma posição especial, pois apesar de a sua magistratura não possuir *imperium,* não podia ser ocupada por nenhum homem que não tivesse sido cônsul. Em tempos de emergência, o Senado adquiria o poder de criar uma magistratura extraordinária, o ditador, que exercia o seu cargo apenas durante seis meses e não precisava de responder pelos seus actos ditatoriais após o termo do seu mandato. O ditador nomeava um comandante militar e seu lugar-tenente, que era o chefe dos cavaleiros.

manumissão, manumitido Manumissão ou alforria era o acto de libertar um escravo. O termo significa literalmente ”soltar da mão”. Quando o dono de um escravo era um cidadão romano, a manumissão concedia automaticamente ao escravo a cidadania romana e o nome do seu antigo dono era adicionado ao seu nome de escravo como *cognomen.* Um escravo podia ser manumitido de várias formas: comprando a sua liberdade com o produto dos seus ganhos, como um gesto especial do seu dono numa ocasião importante tal como um aniversário em que se festejava a entrada na velhice, após um certo número de anos de serviço, ou por herança. Embora tecnicamente o escravo passasse então a ser igual ao amo, com efeito era obrigado a permanecer na clientela do seu

antigo dono até ser formalmente dispensado. Tinha poucas oportunidades de pôr em prática o seu privilégio, pois à face da lei tornava-se membro de uma ou duas das quatro tribos urbanas Esquilina ou Suburana e por isso o seu voto era inútil nas eleições tribais; a sua baixa condição económica significava em quase todos os casos que não era membro de uma das Cinco Classes, pelo que também não podia votar nas Centúrias. No entanto, a maioria dos escravos considerava a cidadania uma coisa bastante desejável, não tanto para si próprios como para os seus descendentes. Um escravo depois de ser manumitido era considerado um homem libertado e durante o resto da sua vida devia usar um barrete ligeiramente cónico que lhe cobria a nuca; era chamado o Barrete da Liberdade (barrete frígio).

mar Central O nome que adoptei para o mar Mediterrâneo, que na época de Caio Mário ainda não recebera o seu nome latino ”O Nosso Mar.” Correctamente, era chamado *Maré Internum.*887

patrícios A primitiva aristocracia romana. Os patrícios eram cidadãos notáveis antes de existirem reis em Roma, e desde então mantiveram esse título, bem como um prestígio inalcançável por qualquer plebeu (por mais cônsules que tivesse havido na sua família). Contudo, à medida que a República evoluía e o poder dos plebeus aumentava a par com a sua riqueza, os direitos *e* privilégios especiais dos patrícios foram-lhes sendo inexoravelmente retirados, até que, no tempo de Caio Mário, eram relativamente pobres em comparação com as famílias da nobreza plebeia. Nem todos os clãs patrícios tinham a mesma antiguidade: os Júlios e os Fábios possuíam certamente o seu estatuto de patrícios já alguns séculos antes dos Cláudios. Os patrícios casavam numa forma especial denominada por *confarreatio,* que era virtualmente para toda a vida, e as mulheres patrícias nunca tiveram a emancipação relativa das plebeias. Alguns cargos sacerdotais só podiam ser ocupados por patrícios Rex Sacrorum *tflamen Dialis bem* como certos lugares senatoriais mterrex e Princeps Senatus. Na época de Caio Mário, as seguintes famílias patrícias ainda produziam regularmente senadores (ou mesmo cônsules): Emília, Cláudia, Cornélia, Fábia (mas apenas através de adopções), Júlio, Mânlio, Papírio, Postúmio, Sérgio, Servílio, Sulpício e Valério.

plebeu, plebe Todos os cidadãos romanos que não eram patrícios eram plebeus isto é, pertenciam à plebe. Nos primórdios da República, nenhum plebeu podia ser sacerdote, magistrado curul ou mesmo senador. Esta situação durou pouco tempo; uma a uma, as instituições patrícias foram-se desmoronando antes do assalto da plebe, até que, na época de Caio Mário, já só um pequeno número de lugares políticos importantes estava reservado aos patrícios. No entanto, a plebe criou uma nova nobreza para distinguir as suas figuras mais proeminentes, designando por *nobilts* (nobre) um homem que tivesse alcançado o consulado, e estipulando que os seus descendentes também seriam nobres.

pomerium O limite sagrado da cidade de Roma. Era marcado por pedras chamadas *cippi* e dizia-se que fora inaugurado pelo rei Sérvio Tulo e permanecera exactamente no mesmo lugar até ao tempo de Sila, o Ditador. O *pomerium* não seguia exactamente as Muralhas Sérvias, um bom motivo para se duvidar que as Muralhas Sérvias tenham sido construídas por Sérvio Tulo que teria certamente feito as muralhas seguir o mesmo curso que o *pomerium.* Toda a antiga cidade de Rómulo, no888

Palatino, era cercada pelo *pomerium,* mas o mesmo não acontecia com o Aventino e o Capitólio. Reza a tradição que *o pomerium* só podia ser alargado por um homem que aumentasse significativamente o território romano. Em termos religiosos, a própria Roma apenas existia dentro do *pomerium;* tudo o que existia fora deste era considerado meramente como território romano.

Pontifex Maximus O chefe da religião estatal e o sacerdote mais sénior de todos. O cargo parece ter sido criado durante o início da República, num modo tipicamente romano de contornar os obstáculos sem ofender susceptibilidades; porque o Rex Sacrorum (título usado pelos reis de Roma) já havia sido o chefe sacerdotal. Em vez de perturbar a populaça abolindo o Rex Sacrorum, os novos governantes de Roma na pessoa do Senado criaram muito simplesmente um novo *pontifex* cujo cargo e estatuto eram superiores aos do Rex Sacrorum o Pontifex Maximus, que era eleito e não cooptado, para reforçar a sua posição de estadista. No início, era provável que tivesse de ser um patrício, mas em meados do período da República era mais provável que pudesse ser também um plebeu. Era ele que orientava todos os membros dos colégios sacerdotais pontífices, augures, feciais e outros sacerdotes menores e as Vestais. Nos tempos da República era ele que ocupava o

Domus Publicus (ou casa estatal) mais importante, mas partilhava-o com as Vestais. A sua morada oficial (tinha o estatuto de templo) era a pequena Regia antiga, no Fórum Romano.

pretor A pretura era o segundo degrau mais sénior do *cursus honorum* para os magistrados (excluindo o cargo de censor, que constituía um caso especial). Nos primeiros tempos da República, as duas magistraturas mais altas eram as dos pretores. Mas no fim do séc. IV a.C., usava-se a palavra "cônsul" para designar estas magistraturas mais importantes. Durante muitas décadas a partir dessa data, houve apenas um pretor; era *opraetor urbanus,* pois as suas funções estavam limitadas à cidade de Roma (libertando assim os cônsules, que podiam dedicar-se à guerra). Em 242 a.C., foi criado um segundo pretor; era *opraetor peregrinas.* Seguiu-se a aquisição de colónias ultramarinas que necessitavam de ser governadas, e por isso, em 227 a.C., foram criados mais dois lugares de pretores para tomar conta da Sicília e da Sardenha. Em 197 a.C., o seu número aumentou de quatro para seis, para tratar da governação das duas Espanhas. Contudo, depois disso não foram criados mais lugares de pretores; na época de Caio Mário, o número de pretores era ainda de seis. Devo acrescentar

que há um grande debate académico acerca deste assunto. Existem duas vertentes, uma das quais defende que foi Sila, o Ditador, que aumentou o número de pretores para oito, e outra segundo a qual esse número foi aumentado de seis para oito durante o tempo dos irmãos Gracos. Preferi manter o número de pretores em seis.

Princeps Senatus Aquilo a que chamaríamos hoje o Presidente da Assembleia. Os censores escolhiam um senador patrício de moral e integridade sem mácula e alta *dignitas,* bem como alta *auctoritas para* ocupar o lugar de Princeps Senatus. Aparentemente, não era necessariamente um título para toda a vida, mas era revisto de cinco em cinco anos quando entrava em funções um novo par de censores. Marco Emílio Escauro foi Princeps Senatus relativamente novo, e adquiriu o título, segundo parece, enquanto ainda exercia o cargo de cônsul, em 115 a.C. Como não era habitual ser-se eleito Princeps Senatus antes de censor (Escauro só foi eleito censor em 109 a.C.), o facto de ele ter ganho esse cargo seria uma distinção de

honra num homem extraordinário, ou (como foi sugerido por alguns académicos modernos) ele era em 115 a.C. o senador patrício mais sénior disponível para o cargo. Em qualquer dos casos, Escauro manteve esse título até à morte e, tanto quanto sabemos, nunca esteve em risco de perdê-lo.

procônsul Alguém que tinha o estatuto de cônsul. Este *imperium* era geralmente atribuído a um homem que tivesse acabado o seu mandato como cônsul e continuasse a deter o estatuto de cônsul (isto é, de procônsul) para governar uma província ou comandar um exército em nome do Senado e Povo de Roma. O mandato de um procônsul durava habitualmente um ano mas costumava ser prorrogado, caso o seu detentor estivesse empenhado numa campanha contra um inimigo que ainda não tinha sido vencido. Se um consular não estivesse disponível para governar uma província suficientemente tormentosa para garantir a designação de um procônsul em vez de um propretor, eram os pretores desse ano que iriam governá-la, dotados do *imperium* de um procônsul. O *imperium* do procônsul limitava-se à área da sua província ou tarefa, e era-lhe retirado no momento em que atravessava *o pomerium,* ao entrar na cidade de Roma.

questor O degrau mais baixo do *cursus honorum.* Na época de Caio Mário, ser eleito questor não significava passar automaticamente a ser membro do Senado; no entanto, era a prática habitual dos censores admitirem os questores no Senado. Desconhece-se o número890

exacto de questores eleitos por ano, mas talvez fossem entre doze e dezasseis. Era aos trinta anos que um homem se candidatava à eleição para questor, e era essa também a idade em que se entrava para o Senado. As obrigações de um questor eram maioritariamente fiscais: podia ser destacado para o Tesouro de Roma ou para tesourarias secundárias, ou era encarregado de recolher taxas aduaneiras ou portuárias (devia haver no mínimo três questores com estas funções naquela época, um para ôstia, outro para Putéolos e

um para outros postos), ou ainda para gerir as finanças de uma província. Um cônsul que ia governar uma província no ano seguinte podia designar o seu questor; isto era considerado uma grande distinção para o questor e uma maneira segura de ser eleito. Em circunstâncias normais, um questor ficava um ano em funções, mas quando era designado era obrigado a permanecer na província com o governador até o mandato deste chegar ao fim. Os questores terminavam as suas funções no quinto dia de Dezembro.

Rei-cliente Um monarca estrangeiro que se comprometia como cliente tendo Roma por patrono, ou por vezes tendo por patrono um cidadão romano. O título ”Amigo e Aliado do Povo Romano” era uma declaração de clientela.

saepta ”O redil de ovelhas”. Nos tempos da República, era simplesmente uma área ao ar livre no Campo de Marte, não muito longe da Via Lata e perto da Via Pública; não havia aí edifícios permanentes mas era o local onde se reunia a Assembleia Centurial ou Comitia Centuriata. Como nas Assembleias Centuriais geralmente havia votações, a *saepta era* dividida por vedações temporárias sempre que necessário, para que as cinco classes pudessem votar nas centúrias.

Senado Mais precisamente, *Senatus.* Os Romanos acreditavam que fora Rómulo quem criara o Senado com uma centena de membros patrícios, mas parece mais provável que a sua fundação tenha ocorrido nos tempos menos obscuros dos reis de Roma. Quando a República começou, o Senado era um órgão consultivo com trezentos membros mas ainda inteiramente composto por patrícios. No entanto, dentro de poucos anos, os plebeus também passaram a ser aceites para senadores, apesar de ter passado mais tempo até poderem ocupar as magistraturas séniores.

Devido à antiguidade do Senado, a definição legal dos seus poderes, direitos e deveres foi gradual e na melhor das hipóteses apenas

parcial. Os seus membros eram-no por toda a vida, o que tendia a torná-lo uma[891]

oligarquia, como veio a verificar-se. Ao longo da sua história, os seus membros lutaram arduamente para manterem a sua proeminência natural. Durante a República, foram admitidos membros (que podiam ser excluídos) pelos censores. Na época de Caio Mário, tornara-se habitual exigir uma qualificação de bens no valor mínimo de um milhão de sestércios, embora durante a República isto nunca fosse formalmente legislado; tal como em muitos outros casos, *era* simplesmente assim.

Apenas os Senadores tinham o direito de usar túnicas com o *latus claVM* ou faixa larga de púrpura; também usavam sapatos fechados de cabedal castanho-avermelhado e um anel (inicialmente era de ferro mas passou a ser de ouro). As sessões do Senado tinham de decorrer em lugares que tivessem sido devidamente inaugurados, pois o Senado nem sempre reunira no seu edifício, a Cúria Hostília. As cerimónias e a reunião do dia de Ano Novo, por exemplo, passavam-se no templo de Júpiter Optimus Maximus, ao passo que as sessões para discutir a guerra decorriam no templo de Belona, fora do *pomerium.*

Havia uma hierarquia rígida entre os que eram autorizados a falar nas sessões senatoriais, com o Princeps Senatus no topo da lista no tempo de Caio Mário; os patrícios precediam sempre os plebeus que tinham o mesmo estatuto. Nem todos os senadores podiam discursar. Os *senatores pedarii* (usei o termo senadores de segunda linha para designá-los, pois ficavam sentados atrás dos que discursavam) apenas podiam votar. Não havia restrições ao tempo ou conteúdo dos discursos; e daí advinha a popularidade da técnica hoje em dia chamada obstrucionismo. As sessões podiam decorrer entre o nascer e o pôr do Sol, e não podiam prosseguir se os Comícios se reunissem, embora as reuniões pudessem ser convocadas em dias comiciais se não houvesse Comício. Se o assunto não fosse importante ou a resposta fosse completamente

unânime, a votação podia ser feita por vozes ou mãos levantadas, mas a votação formal processava-se com a divisão da Assembleia. Sendo um organismo consultivo e não legislativo, o Senado emitia os seus *consulta,* ou decretos, para serem aprovados pelas diversas Assembleias. Se o assunto fosse grave, tinha de haver *quorum* antes da votação, embora se desconheça o número necessário para que tal acontecesse no tempo de Caio Mário; talvez um quarto? Certamente que a maioria das sessões não teriam uma grande audiência, pois não havia nenhuma lei que obrigasse à presença regular nas sessões.

O Senado passara a ter soberania em certas áreas, apesar da sua falta de poder legislativo; isto acontecia em relação ao *fiscus,* porque era o892

Senado que controlava o Tesouro. O mesmo acontecia com os negócios estrangeiros e a guerra. Em emergências civis, depois da época de Caio Graco, o Senado conseguiu passar por cima de todos os outros organismos governamentais ao aprovar o *Senatus Consultum de Republica defendenda* - o seu ”decreto final”.

smaragdus Esmeralda. É discutível que a *pedra* a que os antigos chamavam esmeralda seja a mesma que a actual, embora isso possa ter acontecido com as pedras vindas da Cítia; sabe-se que as pedras preciosas recolhidas nas ilhas do mar Vermelho e parte das que foram encontradas na posse dos reis ptolomaicos do Egipto eram de berilo.

togacandída A toga especialmente embranquecida usada por todos os que pretendiam ocupar um cargo, inscrevendo-se como candidatos (a nossa palavra ”candidato” vem da *toga candida). O* candidato também vestia a *toga candida* ao percorrer Roma durante a sua campanha e no dia da eleição. A brancura da toga era obtida com lixívia e pela exposição ao sol durante vários dias; a seguir, era passada por giz em pó.

toga praetexta A toga debruada a púrpura do magistrado curul; também era usada por homens que tivessem sido magistrados curuis e por crianças de ambos os sexos.

tribo Tribus. Nos primórdios da República, a *tribus* não era para um romano um grupo pertencente à mesma etnia mas sim uma agrupação política útil para o Estado. Havia trinta e cinco tribos ao todo; trinta e uma eram rurais, e apenas quatro eram urbanas. As dezasseis tribos verdadeiramente antigas possuíam nomes das várias *gens* patrícias, indicando que os cidadãos que pertenciam a estas tribos ou eram membros das famílias patrícias ou tinham inicialmente vivido na terra dessas famílias patrícias. Durante o início e meados da República, quando os territórios de Roma na Península Italiana começaram a aumentar, as tribos foram aumentadas para acolher os novos cidadãos no corpo político romano. As colónias de plenos cidadãos romanos tornaram-se o núcleo de novas tribos. julga-se que as quatro tribos urbanas foram fundadas por Sérvio Tulo, embora a data do seu aparecimento deva ter sido posterior, já nos inícios da República. A última data de criação tribal foi **241 a.C. Todos** os membros de uma tribo tinham o direito de votar numa Assembleia tribal, mas os votos eram contados em primeiro lugar em cada tribo, e a seguir a tribo tinha um voto singular. Isto significava que os cidadãos inscritos nas quatro tribos urbanas não podiam afectar o resultado de uma votação nas Assembleias tribais, e as trinta e uma tribos rurais podiam893

registar os seus votos tribais - mesmo que aparecessem apenas um ou dois membros para a votação. Os membros das tribos rurais não eram impedidos de viver em Roma; quase todos os senadores e cavaleiros pertenciam a tribos rurais.

tribuno da plebe Este cargo surgiu pouco depois do estabelecimento da República, quando a Ordem Plebeia estava totalmente em conflito com os patrícios. Eleitos pelo Concilium Plebis, ou Assembleia Plebeia, os tribunos da plebe fizeram um juramento de defender as vidas e bens dos membros da Ordem Plebeia. Em 450 a.C., havia dez tribunos da plebe; no tempo de Caio Mário, esses dez dificultavam a vida ao Senado, embora passassem automaticamente a ser membros do Senado pela sua eleição. Como não eram

eleitos por Todo o Povo, (isto é, por patrícios e por plebeus), não tinham verdadeiro poder face à Constituição Romana, em grande parte por escrever. O seu poder residia no juramento que a Ordem Plebeia fez para defender a sacralidade - a inviolabilidade - dos seus representantes eleitos. Talvez fosse devido à sua organização tribal da Assembleia Plebeia que esses representantes se chamavam tribunos. O poder de um tribuno residia no seu direito de exercer o veto contra quase todos os aspectos do governo: podia vetar as acções dos outros tribunos da plebe, ou de quaisquer magistrados; uma eleição; a aprovação de uma lei ou plebiscito; e decretos do Senado, mesmo em caso de guerra e negócios estrangeiros. Só um ditador (e talvez um interrex) estava acima do veto tribunício. O tribuno tinha verdadeiramente plenos poderes dentro da Assembleia Plebeia: podia convocar a Assembleia; convocar a reunião de debate conhecida por *contio;* promulgar plebiscitos, e mesmo exercer a pena de morte, caso o seu direito de proceder fosse bloqueado.

No início e meio do período da República, os tribunos da plebe não eram membros do Senado, mesmo depois de, a meio desse período, poderem convocar sessões do Senado. Mais tarde, a *lex Atinia,* de cerca de

149 a.C., decretou que quem fosse eleito tribuno da plebe passava automaticamente a ser membro do Senado. Isto significava que o tribunato da plebe se tornara uma forma alternativa de entrar no Senado; até *à lex Atinia,* os censores haviam sido soberanos. No entanto, embora na **época de Caio** Mário o tribunato da plebe fosse reconhecido como uma verdadeira magistratura, não era dotada de *imperium,* e a autoridade do cargo não se estendia para além do primeiro marco miliário.

Era hábito não se ter mais de um mandato como tribuno da plebe, entrando em funções no décimo dia de Dezembro e deixando-o no nono894

dia do seguinte mês de Dezembro Mas o hábito não constituía obrigação legal, tal como Caio Graco provou ao tentar e conseguir obter o seu segundo mandato como tribuno da plebe O verdadeiro poder do cargo era exercido no veto, o que indica que a função tribunícia era mais frequentemente obstrutiva do que inovadora

tribuno dos soldados Todos os anos eram eleitos pela Assembleia do Povo vinte e quatro jovens de idades compreendidas entre os vinte e cinco e os vinte e nove

anos, para fazer a guerra com as legiões do cônsul como *tribuni militum,* ou tribunos militares Eleitos pelos Comina Populi Tributa, Todo o Povo, estes tribunos militares eram verdadeiros magistrados. Serviam como comandantes gerais das quatro legiões, seis por legião Quando os cônsules tinham mais de quatro legiões em campo, os tribunos dos soldados eram divididos entre as legiões existentes

triunfo Os dias mais gloriosos do general romano Na época de Caio Mário, um general tinha de ser aclamado como *imperator* pelas suas tropas, após o que tinha de fazer uma petição ao Senado para este lhe conceder o triunfo, apenas o Senado podia sancioná-lo, e, por vezes embora não fosse frequente, recusá-lo injustificadamente O triunfo em si era uma parada imponente que seguia um percurso fixo desde a Villa Publica, no Campo de Marte, através de uma porta especial nas Muralhas Sérvias, chamada Porta Triunfal, passando pelo Velabro, pelo Fórum Boarium e pelo Circo Máximo, após o que descia a Via Triunfal e virava para a Via Sacra do Fórum Romano. A parada terminava no Monte Capitolino, no fim das escadas do templo de Júpiter Optimus Maximus. O general triunfante e os seus lictores entravam no templo e ofereciam ao deus os seus louros de vitória. Depois deste acto, começavam os festejos do

triunfo